

COMENTÁRIO BÍBLICO
BEACON

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



REIS BOOK DIGITAL

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

GÁLATAS A FILEMOM

9

Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Beacon Bible Commentary 10 Volume Set

Copyright © 1969. Publicado pela Beacon Hill Press of Kansas City, uma divisão da Nazarene Publishing House, Kansas City, Missouri 64109, EUA.

Edição brasileira publicada sob acordo com a Nazarene Publishing House.

Tradução deste volume: Luís Aron de Macedo

Preparação de originais e revisão: Miriam Anna Libório

Capa e projeto gráfico: Rafael Paixão

Editoração: Joede Bezerra

CDD: 220 - Comentário Bíblico

ISBN: 85-263-0693-6

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Impresso no Brasil

1ª edição/2006

BEACON HILL PRESS

COMISSÃO EDITORIAL

A. F. Harper, Ph.D., D.D.
Presidente

W. M. Greathouse, M.A., D.D.
Secretário

W. T. Purkiser, Ph.D., D.D.
Editor do Antigo Testamento

Ralph Earle, B.D., M.A., Th.D.
Editor do Novo Testamento

CORPO CONSULTIVO

G. B. Williamson
Superintendente Geral

E. S. Phillips
Presidente

J. Fred Parker
Secretário

A. F. Harper
Norman R. Oke
M. A. Lunn

EDIÇÃO BRASILEIRA

DIREÇÃO-GERAL

Ronaldo Rodrigues de Souza
Diretor-Executivo da CPAD

SUPERVISÃO EDITORIAL

Claudionor de Andrade
Gerente de Publicações

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Isael de Araujo
*Chefe do Setor de Bíblias
e Obras Especiais*

Prefácio

“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra” (2 Tm 3.16,17).

Creemos na inspiração plenária da Bíblia. Deus fala com os homens pela Palavra. Ele fala conosco pelo Filho. Mas sem a palavra escrita como saberíamos que o Verbo (ou Palavra) se fez carne? Ele fala conosco pelo Espírito, mas o Espírito usa a Palavra escrita como veículo de revelação, pois Ele é o verdadeiro Autor das Santas Escrituras. O que o Espírito revela está de acordo com a Palavra.

A fé cristã deriva da Bíblia. Esta é o fundamento para a fé, para a salvação e para a santificação. É o guia do caráter e conduta cristãos. “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105).

A revelação de Deus e sua vontade para os homens são adequadas e completas na Bíblia. A grande tarefa da igreja é comunicar o conhecimento da Palavra, iluminar os olhos do entendimento e despertar e aclarar a consciência para que os homens aprendam a viver “neste presente século sóbria, justa e piamente”. Este processo conduz à posse da “herança [que é] incorruptível, incontaminável e que se não pode murchar, guardada nos céus” (Tt 2.12; 1 Pe 1.4).

Quando consideramos a tradução e a interpretação da Bíblia, admitimos que somos guiados por homens que não são inspirados. A limitação humana, como também o fato incontestado de que nenhuma escritura é de particular interpretação, ou seja, não tem uma única interpretação, permite variação na exegese e exposição da Bíblia.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) é oferecido em dez volumes com a apropriada modéstia. Não suplanta outros. Nem pretende ser exaustivo ou conclusivo. O empreendimento é colossal. Quarenta dos escritores mais capazes foram incumbidos dessa tarefa. São pessoas treinadas com propósito sério, dedicação sincera e devoção suprema. Os patrocinadores e editores, bem como todos os colaboradores, oram com fervor para que esta nova contribuição entre os comentários da Bíblia seja útil a pregadores, professores e leigos na descoberta do significado mais profundo da Palavra de Deus e na revelação de sua mensagem a todos que a ouvirem.

— G. B. Williamson

Agradecimentos

Somos gratos pela permissão que recebemos para citar material protegido por direitos autorais, cuja relação apresentaremos a seguir:

- Abingdon Press: *Abingdon Bible Commentary*; John Knox, *Chapters in a Life of Paul*.
- Cambridge University Press: C. F. D. Moule, *The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon*.
- William B. Eerdmans Publishing Company: E. K. Simpson, *The Pastoral Epistles*; Donald Guthrie, *The Pastoral Epistles*; Francis Foulkes, *The Epistle of Paul to the Ephesians*.
- Harper & Row: J. N. D. Kelley, *A Commentary on the Pastoral Epistles*; James S. Stewart, *A Man in Christ*.
- Macmillan Company: William Neil, *St. Paul's Epistles to the Thessalonians*.
- Oxford University Press: C. K. Barrett, *The Pastoral Epistles*.
- Charles Scribner's Sons: D. M. Baillie, *God Was in Christ*.
- University of Chicago Press: Edgar Goodspeed, *The Story of the New Testament*; W. F. Arndt e F. W. Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament*.
- Westminster Press: William Barclay, *Flesh and Spirit, Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians*, e *Letters to Timothy, Titus and Philemon*.
- John Knox Press: *The Layman's Bible Commentary*, Volume 23.
- Fleming H. Revell Company: F. F. Bruce, *The Epistle to the Ephesians*.

As citações bíblicas deste volume do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foram extraídas das seguintes versões bíblicas em inglês e em português protegidas por direitos autorais:

Versões bíblicas em inglês

- *The Amplified New Testament*. Copyright 1958, de The Lockman Foundation, La Habra, Califórnia.
- *The Berkeley Version in Modern English*. Copyright 1958, 1959, de Zondervan Publishing House.
- *The Bible: A New Translation*, James Moffatt. Copyright 1950, 1952, 1953, 1954, de James A. R. Moffatt. Usado com permissão de Harper & Row.
- *The Bible: An American Translation*, J. M. Powis Smith, Edgar J. Goodspeed. Copyright 1923, 1927, 1948, de The University of Chicago Press.
- *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953.
- *New American Standard Version*. Copyright 1960, 1962, 1963, de The Lockman Foundation, La Habra, Califórnia.
- *The New English Bible*. Copyright de The Delegates of the Oxford University Press e de Syndics of the Cambridge University Press, 1961.
- *The New Testament in Modern English*. Copyright de J. B. Phillips, 1958. Usado com permissão de The Macmillan Company.

- *Revised Standard Version of the Holy Bible*. Copyrighted 1946 e 1952, de Division of Christian Education of the National Council of Churches.
- *The Weymouth New Testament in Modern Speech*. Copyright de Harper & Row Publishers.
- Charles B. Williams, *The New Testament in the Language of the People*. Copyrighted 1937, de Bruce Humphries, Incorporated, direitos cedidos em 1949 a The Moody Bible Institute of Chicago.
- *The New Testament*, R. A. Knox. Copyright 1951, de Sheed & Ward.
- *Living Letters*, Kenneth N. Taylor. Copyright 1962, Tyndale House Publishers, Wheaton, Illinois.

Versões bíblicas em português

- *A Bíblia de Jerusalém* (BJ), nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002, 3.^a impressão, 2004.
- *A Bíblia Viva* (BV). São Paulo: Mundo Cristão, 1981.
- *Almeida Corrigida e Fiel* (ACF). São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
- *Almeida Edição Contemporânea* (AEC). São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil/Vida, 1990.
- *Almeida Revista e Atualizada* (RA). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- *Almeida Revista e Corrigida, Edição de 1995* (RC). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- *Bíblia Alfalit Brasil* (BAB). Rio de Janeiro: Editoração Alfalit Brasil, 1998.
- *Cartas para Hoje: Uma paráfrase das Cartas do Novo Testamento* (CH), paráfrase de J. B. Phillips. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH). Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.
- *Nova Versão Internacional* (NVI). São Paulo: Vida, 2001.

Sempre que o texto bíblico de versão bíblica em inglês combina adequadamente com uma das versões bíblicas em português, esta foi preferencialmente citada. Caso contrário, as versões bíblicas em inglês foram livremente traduzidas para cumprir os propósitos de cada um dos comentaristas deste volume. As exceções são: *Living Letters*, de Kenneth N. Taylor, que sempre foi substituída por *A Bíblia Viva* (BV); e *The New Testament in Modern English*, de J. B. Phillips, que neste volume sempre foi substituída por *Cartas para Hoje* (CH).

Citações e Referências

O tipo **negrito** na exposição de todo este comentário indica a citação bíblica extraída da versão feita por João Ferreira de Almeida, edição de 1995, Revista e Corrigida (RC). Referências a outras versões bíblicas são colocadas entre aspas seguidas pela indicação da versão.

Nas referências bíblicas, uma letra (a, b, c, etc.) designa parte de frase dentro do versículo. Quando nenhum livro é citado, compreende-se que se refere ao livro sob análise.

Dados bibliográficos sobre uma obra citada por um escritor podem ser encontrados consultando-se a primeira referência que o autor fez à obra ou reportando-se à bibliografia.

As bibliografias não têm a pretensão de ser exaustivas, mas são incluídas para fornecer dados de publicação completos para os volumes citados no texto.

Referências a autores no texto, ou a inclusão de seus livros na bibliografia, não constituem endosso de suas opiniões. Toda leitura no campo da interpretação bíblica deve ter característica crítica e cuidadosa.

Como Usar o Comentário Bíblico Beacon

A Bíblia é um livro para ser lido, entendido, obedecido e compartilhado com as pessoas. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi planejado para auxiliar dois destes quatro itens: o entendimento e o compartilhamento.

Na maioria dos casos, a Bíblia é sua melhor intérprete. Quem a lê com a mente aberta e espírito receptivo se conscientiza de que, por suas páginas, Deus está falando com o indivíduo que a lê. Um comentário serve como valioso recurso quando o significado de uma passagem não está claro sequer para o leitor atento. Mesmo depois de a pessoa ter visto seu particular significado em determinada passagem da Bíblia, é recompensador descobrir que outros estudiosos chegaram a interpretações diferentes no mesmo texto. Por vezes, esta prática corrige possíveis concepções errôneas que o leitor tenha formado.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito para ser usado com a Bíblia em mãos. Muitos comentários importantes imprimem o texto bíblico ao longo das suas páginas. Os editores se posicionaram contra esta prática, acreditando que o usuário comum tem sua compreensão pessoal da Bíblia e, por conseguinte, traz em mente a passagem na qual está interessado. Outrossim, ele tem a Bíblia ao alcance para checar qualquer referência citada nos comentários. Imprimir o texto integral da Bíblia em uma obra deste porte teria ocupado aproximadamente um terço do espaço. Os editores resolveram dedicar este espaço a recursos adicionais para o leitor. Ao mesmo tempo, os escritores enriqueceram seus comentários com tantas citações das passagens em debate que o leitor mantém contato mental fácil e constante com as palavras da Bíblia. Estas palavras citadas estão impressas em tipo negrito para pronta identificação.

ESCLARECIMENTO DE PASSAGENS RELACIONADAS

A Bíblia é a melhor intérprete de si própria quando determinado capítulo ou trecho mais longo é lido para descobrir-se o seu significado. Este livro também é seu melhor intérprete quando o leitor souber o que Ele diz em outros lugares sobre o assunto em consideração. Os escritores e editores do *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) se esforçaram continuamente para proporcionar o máximo de ajuda neste campo. Referências cruzadas, relacionadas e cuidadosamente selecionadas, foram incluídas para que o leitor encontre a Bíblia interpretada e ilustrada pela própria Bíblia.

TRATAMENTO DOS PARÁGRAFOS

A verdade da Bíblia é melhor compreendida quando seguimos o pensamento do escritor em sua seqüência e conexões. As divisões em versículos com que estamos familiarizados foram introduzidas tardiamente na Bíblia (no século XVI, para o Novo Testamento, e no século XVII, para o Antigo Testamento). As divisões foram feitas às pressas e, por vezes, não acompanham o padrão de pensamento dos escritores inspirados. O

mesmo é verdadeiro acerca das divisões em capítulos. A maioria das traduções de hoje organiza as palavras dos escritores bíblicos de acordo com a estrutura de parágrafo conhecida pelos usuários da língua portuguesa.

Os escritores deste comentário consideraram a tarefa de comentar de acordo com este arranjo de parágrafo. Sempre tentaram responder a pergunta: O que o escritor inspirado estava dizendo nesta passagem? Os números dos versículos foram mantidos para facilitar a identificação, mas os significados básicos foram esboçados e interpretados nas formas mais amplas e mais completas de pensamento.

INTRODUÇÃO DOS LIVROS DA BÍBLIA

A Bíblia é um livro aberto para quem a lê refletidamente. Mas é entendida com mais facilidade quando obtemos um maior entendimento de suas origens humanas. Quem escreveu este livro? Onde foi escrito? Quando viveu o escritor? Quais foram as circunstâncias que o levaram a escrever? Respostas a estas perguntas sempre acrescentam mais compreensão às palavras das Escrituras.

Estas respostas são encontradas nas introduções. Nesta parte há um esboço de cada livro. A Introdução foi escrita para dar-lhe uma visão geral do livro em estudo, fornecer-lhe um roteiro seguro antes de você enfronhar-se no texto comentado e proporcionar-lhe um ponto de referência quando você estiver indeciso quanto a que caminho tomar. Não ignore o sinal de advertência: “Ver Introdução”. Ao final do comentário de cada livro há uma bibliografia para aprofundamento do estudo.

MAPAS, DIAGRAMAS E ILUSTRAÇÕES

A Bíblia trata de pessoas que viveram em terras distantes e estranhas para a maioria dos leitores dos dias atuais. Entender melhor a Bíblia depende, muitas vezes, de conhecer melhor a geografia bíblica. Quando aparecer o sinal: “Ver Mapa”, você deve consultar o mapa indicado para entender melhor os locais, as distâncias e a coordenação de tempo relacionados com a época das experiências das pessoas com quem Deus estava lidando.

Este conhecimento da geografia bíblica o ajudará a ser um melhor pregador e professor da Bíblia. Até na apresentação mais formal de um sermão é importante a congregação saber que a fuga para o Egito era “uma viagem a pé, de uns 320 quilômetros, em direção sudoeste”. Nos grupos informais e menores, como classes de escola dominical e estudos bíblicos em reuniões de oração, um grande mapa em sala de aula permite ao grupo ver os lugares tanto quanto ouvi-los ser mencionados. Quando vir estes lugares nos mapas deste comentário, você estará mais bem preparado para compartilhar a informação com os integrantes da sua classe de estudo bíblico.

Diagramas que listam fatos bíblicos em forma de tabela e ilustrações lançam luz sobre as relações históricas da mesma forma que os mapas ajudam com o entendimento geográfico. Ver uma lista ordenada dos reis de Judá ou das aparições pós-ressurreição de Jesus proporciona maior entendimento de um item em particular dentro de uma série. Estes diagramas fazem parte dos recursos oferecidos nesta coleção de comentários.

O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) foi escrito tanto para o recém-chegado ao estudo da Bíblia como para quem, há muito, está familiarizado com a Palavra escrita. Os escritores e editores examinaram cada um dos capítulos, versículos, frases, parágrafos e palavras da Bíblia. O exame foi feito com a pergunta em mente: O que significam estas palavras? Se a resposta não é evidente por si mesma, incumbimo-nos de dar a melhor explicação conhecida por nós. Como nos saímos o leitor julgará, mas o convidamos a ler a explanação dessas palavras ou passagens que podem confundi-lo em sua leitura da Palavra escrita de Deus.

EXEGESE E EXPOSIÇÃO

Os comentaristas bíblicos usam estas palavras para descrever dois modos de elucidar o significado de uma passagem da Bíblia. *Exegese* é o estudo do original hebraico ou grego para entender que significados tinham as palavras quando foram usadas pelos homens e mulheres dos tempos bíblicos. Saber o significado das palavras isoladas, como também a relação gramatical que mantinham umas com as outras, serve para compreender melhor o que o escritor inspirado quis dizer. Você encontrará neste comentário esse tipo de ajuda enriquecedora. Mas só o estudo da palavra nem sempre revela o verdadeiro significado do texto bíblico.

Exposição é o esforço do comentarista em mostrar o significado de uma passagem na medida em que é afetado por qualquer um dos diversos fatos familiares ao escritor, mas, talvez, pouco conhecidos pelo leitor. Estes fatos podem ser: 1) O contexto (os versículos ou capítulos adjacentes), 2) o pano de fundo histórico, 3) o ensino relacionado com outras partes da Bíblia, 4) a significação destas mensagens de Deus conforme se relacionam com os fatos universais da vida humana, 5) a relevância destas verdades para as situações humanas exclusivas à nossa contemporaneidade. O comentarista busca explicar o significado pleno da passagem bíblica sob a luz do que melhor compreende a respeito de Deus, do homem e do mundo atual.

Certos comentários separam a exegese desta base mais ampla de explicação. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) os escritores combinaram a exegese e a exposição. Estudos cuidadosos das palavras são indispensáveis para uma compreensão correta da Bíblia. Mas hoje, tais estudos minuciosos estão tão completamente refletidos em várias traduções atuais que, muitas vezes, não são necessários, exceto para aumentar o entendimento do significado teológico de certa passagem. Os escritores e editores desta obra procuraram espelhar uma exegese verdadeira e precisa em cada ponto, mas discussões exegéticas específicas são introduzidas primariamente para proporcionar maior esclarecimento no significado de determinada passagem, em vez de servir para engajar-se em discussão erudita.

A Bíblia é um livro prático. Cremos que Deus inspirou os homens santos de antigamente a declarar estas verdades, para que os leitores melhor entendessem e fizessem a vontade de Deus. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) tem a incumbência primordial de ajudar as pessoas a serem mais bem-sucedidas em encontrar a vontade de Deus conforme revelada nas Escrituras — descobrir esta vontade e agir de acordo com este conhecimento.

AJUDAS PARA A PREGAÇÃO E O ENSINO DA BÍBLIA

Já dissemos que a Bíblia é um livro para ser compartilhado. Desde o século I, os pregadores e professores cristãos buscam transmitir a mensagem do evangelho lendo e explicando passagens seletas da Bíblia. O *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) procura incentivar este tipo de pregação e ensino expositivos. Esta coleção de comentários contém mais de mil sumários de esboços expositivos que foram usados por excelentes pregadores e mestres da Bíblia. Escritores e editores contribuíram ou selecionaram estas sugestões homiléticas. Esperamos que os esboços indiquem modos nos quais o leitor deseje expor a Palavra de Deus à classe bíblica ou à congregação. Algumas destas análises de passagens para pregação são contribuições de nossos contemporâneos. Quando há esboços em forma impressa, dão-se os autores e referências para que o leitor vá à fonte original em busca de mais ajuda.

Na Bíblia encontramos a verdade absoluta. Ela nos apresenta, por inspiração divina, a vontade de Deus para nossa vida. Oferece-nos orientação segura em todas as coisas necessárias para nossa relação com Deus e, segundo sua orientação, para com nosso semelhante. Pelo fato de estas verdades eternas nos terem chegado em língua humana e por mentes humanas, elas precisam ser colocadas em palavras atuais de acordo com a mudança da língua e segundo a modificação dos padrões de pensamento. No *Comentário Bíblico Beacon* (CBB) nos empenhamos em tornar a Bíblia uma lâmpada mais eficiente para os caminhos das pessoas que vivem no presente século.

A. F. HARPER

Abreviaturas Usadas Neste Comentário

AEC — Almeida Edição Contemporânea
ASV — American Standard Revised Version*
ATA — Antigo Testamento Ampliado*
BA — Bíblia Amplificada*
BBE — The Basic Bible Containing the Old and New Testaments in Basic English*
BV — A Bíblia Viva
CBB — Comentário Bíblico Beacon
CH — Cartas para Hoje
CWB — Commentary on the Whole Bible*
DB — Dictionary of the Bible*
ERV — English Revised Version*
IB — The Interpreter's Bible*
ICC — The International Critical Commentary*
IDB — The Interpreter's Dictionary of the Bible*
KJV — King James Version*
LXX — Septuaginta
NASB — New American Standard Bible*
NBC — The New Bible Commentary*
NBD — The New Bible Dictionary*
NEB — New English Bible*
NTA — Novo Testamento Amplificado*
NTLH — Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI — Nova Versão Internacional
PC — The Pulpit Commentary*
Phillips — John B. Phillips, *Four Prophets**
RA — Almeida, Revista e Atualizada
RSV — Revised Standard Version*
TDNT — Theological Dictionary of the New Testament*
VBB — Versão Bíblica de Berkeley*
Vulgata — Vulgata Latina

* A tradução do teor destas obras citadas aqui foi feita pelo tradutor desde comentário. (N. do T.)

a.C. — antes de Cristo
AT — Antigo Testamento
c. — cerca de
cap. — capítulo
caps. — capítulos
cf. — confira, compare
d.C. — depois de Cristo
e.g. — por exemplo
ed. cit. — edição citada
esp. — especialmente, sobretudo
et al. — e outros
gr. — grego
hb. — hebraico
i.e. — isto é

ib. — na mesma obra, capítulo ou página
lit. — literalmente
N. do E. — Nota do Editor
N. do T. — Nota do Tradutor
NT — Novo Testamento
op. cit. — obra citada
p. — página
pp. — páginas
s. — e o seguinte (versículo ou página)
ss. — e os seguintes (versículos ou páginas)
tb. — também
v. — versículo
vv. — versículos
ver — veja

Sumário

VOLUME 9

GÁLATAS	19
Introdução	21
Comentário	26
Notas	88
Bibliografia	103
EFÉSIOS	105
Introdução	107
Comentário	115
Notas	205
Bibliografia	221
FILIPENSES	225
Introdução	227
Comentário	232
Notas	283
Bibliografia	290
COLOSSENSES	293
Introdução	295
Comentário	298
Notas	344
Bibliografia	351
1 E 2 TESSALONICENSES	353
Introdução	355
Comentário	359
Notas	404 e 433
Bibliografia	435
1 E 2 TIMÓTEO E TITO	437
Introdução	439
Comentário	447, 506 e 542
Notas	502, 539 e 569
Bibliografia	570

FILEMOM	573
Introdução	575
Comentário	578
Notas	584
Bibliografia	586
MAPAS E DIAGRAMAS	587
Autores deste volume	591

A Epístola aos
GÁLATAS

R. E. Howard

Introdução

A. Autoria

Não há fato, dos estudos do Novo Testamento, mais amplamente atestado que a autoria paulina de Gálatas. Os poucos estudiosos que rejeitam sua autenticidade negam a existência de qualquer literatura cristã do século I e, até, de um apóstolo Paulo do século I. Em compensação, esta carta é aceita pelos críticos mais liberais como norma de autenticidade do século I.¹ Portanto, “a carta aos Gálatas foi escrita, como está evidente, por Paulo, o apóstolo cristão que viveu no primeiro século.”²

B. Data

Nenhuma evidência determina com certeza quando e onde Paulo escreveu esta epístola. Há, porém, algumas referências na carta que ajudam a fixar claramente a data dentro de certos limites.³ O relato do Concílio de Jerusalém (2.1-10; cf. At 15) e o conflito subsequente com Pedro em Antioquia (2.11-18) determinam que a data mais recuada possível seja durante a permanência de Paulo em Antioquia, entre sua primeira e segunda viagens missionárias — aproximadamente 48-50 d.C. A sugestão de duas visitas à Galácia antes que a carta fosse escrita⁴ tornaria necessário a Paulo tê-la produzido depois da segunda estada na Galácia, em seu segundo giro missionário⁵ (At 16.1-5). Esta estada teria sido antes de chegar a Corinto, ou, quando ele voltou a Antioquia, antes da terceira viagem (At 18.23). Esta data seria provavelmente 50-51 d.C.

Outra possibilidade é que Paulo escreveu a epístola na terceira viagem missionária, durante esta permanência maior em Éfeso (At 19.1-20), ou até mais tarde, enquanto estava na Macedônia ou em Corinto (At 20.1,2). Isto fixaria a data em cerca de 54 ou 55 d.C.

A semelhança de conteúdo entre Gálatas e Romanos produz a indicação de que foram escritas mais ou menos na mesma época,⁶ o que colocaria a data em torno de 56 d.C.⁷

Um argumento contra data tão avançada é a rapidez da apostasia dos gálatas⁸ e o fato de que, por essa época, a controvérsia com os judaizantes já tivesse cessado — tornando obsoletos os assuntos tratados em Gálatas.

Pelo visto, a Carta aos Gálatas foi escrita pouco depois da visita final de Paulo, provavelmente de Éfeso, em cerca de 54 ou 55 d.C.

C. Destinatário

À primeira vista, o destinatário desta epístola está claramente definido, qual seja, “às igrejas da Galácia” (1.2). Mas, tal conclusão logo cai por terra quando percebemos que o termo “Galácia” era usado de duas maneiras diferentes nos dias de Paulo. No uso comum, referia-se a uma região relativamente pequena no nordeste da Ásia Menor, comparável a Licaônia, Pisídia e Frígia. O uso romano oficial do termo tinha em mira uma província grande (ver Mapa 1) que incluía porções adjacentes das regiões supracitadas.

Os movimentos migratórios das tribos celtas⁹ compõem grande parte da história pré-cristã do sul da Europa. No século IV a.C., depois de invasão repentina seguida de retirada igualmente brusca, cujo ápice foi o saque de Roma, estes povos inquietos e rebeldes invadiram a Grécia no século III a.C. Desta feita com propósitos permanentes. Em 279 a.C., quando foram repelidos em Delfos, os remanescentes do exército derrotado uniram-se, formaram um grande grupo de parentes que não tinham tomado parte na invasão e infestaram a Ásia Menor. Eles foram gradativamente repelidos pelos asiáticos nativos e, na última metade do século, confinados a uma pequena área no interior.¹⁰ Em princípios do século II a.C., estes celtas foram conquistados pelas legiões de Roma, mas, por mais de 150 anos, tiveram a permissão de ter governo próprio na qualidade de “reino dependente”.¹¹ Em 25 a.C., este território relativamente pequeno foi incorporado a uma província romana maior que recebeu o mesmo nome.¹² O populacho, porém, ignorou em grande parte o título oficial romano, fazendo com que o termo “Galácia” fosse usado com referência ao território norte dos celtas.¹³

Onde ficavam as igrejas a quem esta carta foi enviada? Se estavam situadas no território norte dominado pelos migrantes celtas, quando foi que estas igrejas foram fundadas?¹⁴ Temos o registro claro de Paulo ter fundado igrejas nas cidades de Derbe, Listra, Icônio e Antioquia durante sua primeira viagem missionária (At 13.13,14; 14.16,21-24). Todas estas igrejas estão localizadas na província romana da Galácia, mas não no território norte pertencente aos migrantes celtas. No começo da segunda viagem, Paulo voltou a estas cidades “confirmando as igrejas” (cf. At 15.41—16.5). Lucas acrescenta que o grupo missionário “percorreu a região frígia e gálata” (At 16.6, lit.). Há quem argumente que esta não é referência sumária aos versículos precedentes, mas fala que Paulo viajou para o norte e estabeleceu igrejas entre os migrantes celtas. Durante a terceira viagem missionária de Paulo, Lucas observa que o grupo missionário “atraves-sou sucessivamente a região gálata e a Frígia,¹⁵ confirmando os discípulos” (At 18.23, lit.), que pode ser entendido como visita de retorno aos celtas.

Não é possível determinar com certeza onde estavam localizadas as igrejas gálatas. O fato de Paulo ter usado com consistência as divisões políticas romanas,¹⁶ junto com a existência conhecida de igrejas na região sul da província romana, sugere que Paulo escreveu para estas igrejas conhecidas no sul. Na melhor das hipóteses, o argumento a favor da “Teoria da Galácia do Norte” está baseada em suposição e conjectura.¹⁷ O fato importantíssimo é que a questão não tem porte fundamental na interpretação da epístola.

D. Propósito

Durante séculos, o único baluarte contra a maré de libertinagem pagã foi o legalismo judaico. Pela lei recebida por revelação especial, este povo devoto assegurou um grau de justificação com Deus. Até entre os primeiros cristãos judeus a aceitação de Cristo não era, em nenhum sentido, considerada alternativa ou substituta da lei santa (cf. At 21.20). Quando o evangelho de Cristo foi pregado aos gentios surgiu muito naturalmente a questão sobre a necessidade da lei. O apóstolo para os gentios, inspirado por nova revelação, proclamou que a salvação era mediante a graça, pela fé — sem a lei! Tal mensagem

despertou a forte oposição de muitos que estavam convencidos de que o homem só podia ser justificado pela guarda da lei, e que temiam que desconsiderá-la seria escancarar a porta a práticas pagãs.

A controvérsia culminou no Concílio de Jerusalém.¹⁸ Logo em seguida à evangelização bem-sucedida de Paulo na província pagã da Galácia, os intérpretes da lei chegaram e insistiram que não podia haver salvação sem a lei. O apóstolo rejeitou veementemente esta conclusão, e nesta carta apresenta convincentemente seus argumentos.

O argumento principal de Paulo é que o homem é justificado mediante a graça, pela fé, com base na promessa e não na lei. Esta salvação mediante a graça, pela fé, traz liberdade — inclusive a *liberdade da lei*! Permanecer sob a lei era não só deixar de alcançar a graça de Deus, mas ficar preso à escravidão ou servidão. A lei cumprira sua função temporária e agora fora ab-rogada. A liberdade do pecado era inseparável da liberdade da lei. Houve quem contestasse que isto permitiria e até promoveria o pecado. Paulo mostra que o Espírito também é recebido mediante a graça, pela fé, e que a presença do Espírito fornece o imperativo moral adequado contra o mal, fator que tristemente está faltando na lei. Paulo enfatiza que o crente tem de viver sob a disciplina do Espírito, não abusando da liberdade, e achar a expressão positiva da sua fé pelo amor.

E. Teologia

É comum dizermos que Paulo ensina que a justificação é pela fé somente. Na verdade, o conceito *somente* é adição teológica posterior. Paulo argumenta que o homem é justificado pela fé *sem as obras da lei*. Tendo sido justificado pela fé, o crente tem de cumprir as justas exigências da lei, pelo amor.

A implicação lógica da justificação pela fé *somente* é antinomianismo contra o qual Paulo contestou categoricamente com “de maneira nenhuma”. Seus repetidos avisos de que viver no erro excluía os homens do Reino de Deus não deveria deixar dúvida sobre sua atitude (ver comentários em 5.19-21). A profunda preocupação de Paulo era que seus convertidos percebessem que a nova fé proporcionava o único meio adequado para a conduta ética; de modo nenhum seu desejo era isentá-los dessa responsabilidade.

Há certa distinção no pensamento de Paulo que é essencial reconhecermos. Podemos descrevê-la como o contraste entre o modo indicativo e o modo imperativo. No grego do Novo Testamento, vemos o contraste nitidamente no uso de modos verbais discrepantes. O modo indicativo descreve uma afirmação *simples*, no tempo passado, presente ou futuro — “isto é, foi ou será”. O modo imperativo descreve uma afirmação *imperiosa* — “isto tem de ser”. Paulo não só indica o que já era a experiência dos gálatas, mas também o que ele os exortava a experimentar. Ao distinguirmos suas exortações de suas observações encontramos importante discernimento no pensamento do apóstolo.

É importante lembrar que a Epístola aos Gálatas não é um tratado sistemático com assuntos organizados em forma ou esquema lógico. Trata-se de uma carta comovida repleta de emoção profunda. Por exemplo, no meio da referência de Paulo ao seu conflito com Pedro — fato que ele usa como prova da autoridade divina de sua mensagem —, com bastante naturalidade ele passa a dar testemunho de sua fé (2.11-21). Ele também interrompe um argumento forte para rogar e admoestar seus “filhos” (4.12-20; 5.1).

Embora os seguidores de Cristo não estejam hoje cercados por intérpretes do legalismo judaico, a tônica básica de Paulo é tremendamente pertinente. Como é freqüente surgir, e como abundam as formas sugestivas, e até insistentes, de que o cristão tem de ter a proteção de um manto legalista! Temos de ouvir hoje e sempre o aviso de Paulo que tal legalismo só pode resultar em servidão e que a disciplina do Espírito só pode produzir o fruto espiritual.

F. Procedimento

No começo de cada seção fazemos uma sinopse para que o parágrafo seja visto em sua totalidade. Envidamos esforços para tratar das questões técnicas e críticas nas notas. A menos por indicação específica em contrário, a autoridade léxica para os comentários feitos acerca do texto grego advém de Arndt e Gingrich.¹⁹

Esboço

I. INTRODUÇÃO DE PAULO, 1.1-10

- A. Saudação Apostólica, 1.1-5
- B. Razão para Escrever, 1.6-10

II. AUTORIDADE — DE DEUS E NÃO DO HOMEM, 1.11—2.21

- A. Declaração da Autoridade de Paulo, 1.11,12
- B. Fundamento da Autoridade Apostólica de Paulo, 1.13—2.21

III. ARGUMENTO — PELA FÉ E NÃO PELA LEI, 3.1—5.12

- A. A Experiência dos Gálatas, 3.1-5
- B. O Exemplo de Abraão, 3.6-9
- C. As Limitações da Lei, 3.10-24
- D. A Fé em contraste com a Lei, 3.25—5.1
- E. A Circuncisão Aparta de Cristo, 5.2-12

IV. EXORTAÇÃO — PELO ESPÍRITO E NÃO PELA CARNE, 5.13—6.10

- A. Uma Nova Escravidão de Amor, 5.13-15
- B. Contraste entre a Vida no Espírito e a Vida na Carne, 5.16-26
- C. Exemplos Práticos de Amor, 6.1-10

V. CONCLUSÃO, 6.11-18

- A. Palavras Finais, 6.11-17
- B. Bênção Apostólica, 6.18

SEÇÃO I

INTRODUÇÃO DE PAULO

Gálatas 1.1-10

A. SAUDAÇÃO APOSTÓLICA, 1.1-5

Tendo enfatizado sua comissão divina como apóstolo, Paulo junta-se a seus companheiros de viagem na saudação às igrejas na Galácia. Trata-se de saudação de graça e paz de Deus Pai, e do Senhor Jesus Cristo, cuja doação de si próprio tornara possível o resgate deles do mundo mau em que viviam. É por causa deste dom que glorificavam a Deus.

Nos primórdios da igreja, um **apóstolo** (1) ocupava posição distinta de liderança e autoridade.¹ Embora se considerasse o menos merecedor de ser chamado apóstolo, por ter perseguido a igreja (cf. 1 Co 15:9), mesmo assim Paulo defendia seu direito a esse ofício (cf. 1 Co 9.1,2; 2 Co 11.5; 12.11,12) e, repetidamente, assumia o título.² Paulo declara que seu apostolado não era **da parte dos** (*apo*, “de”) **homens, nem por** (*dia*, “através de”; cf. BAB, BJ, RA) **homem algum**; não era de fonte humana ou por agência humana. Este era o ponto onde seus inimigos o desafiavam e procuravam minar-lhe a autoridade.³ Com esta declaração brusca e direta, já no início da carta, o apóstolo propositadamente nega a base em que se apoiavam para desqualificá-lo. Paulo afirma que a única fonte e agência de apostolado que ele considera é **por Jesus Cristo**. Ele foi comissionado diretamente por Jesus.⁴ Na estrada de Damasco, ele encontrara o Senhor ressurreto; esta era a base de sua reivindicação ao ofício apostólico (cf. 1 Co 15.8). Sua autoridade veio através de Cristo, de **Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos**. Por conseguinte, todo aquele que desafiasse sua autoridade teria que resolver com o próprio Deus.

Todo servo de Cristo — ministro e leigo — deve ter o senso da comissão divina. A fonte e agência de suas obras têm de ser mais altas que a autoridade humana. Se ele for enviado só **por homem**, fracassará. Claro que a garantia preciosa de que “Deus me enviou” pode ser extrapolada; mas a obstinação e arrogância lançam uma sombra na realidade da declaração. Muitos ficam imaginando se, na escolha de Matias (At 1.23-26), os onze apóstolos, talvez, deixaram de fazer a escolha de Deus. O tempo mostra que Paulo era possivelmente a substituição planejada por Deus para o lugar de Judas.

A referência de Paulo à ressurreição de Jesus como base de sua reivindicação à comissão divina destaca a importância desta doutrina de fé na igreja primitiva. Tudo em que criam era condicional ao fato de que Deus Pai ressuscitara Jesus Cristo. “Se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados” (1 Co 15.17). Cabe aqui uma pergunta: Até que ponto a ressurreição é importante para nossa fé hoje?

Não sabemos com certeza onde Paulo estava quando escreveu esta carta (cf. Introdução). Mas, de acordo com suas saudações habituais,⁵ ele envia a carta de **todos os irmãos que estão comigo** (2).

Esta é provavelmente referência aos companheiros missionários de viagem (cf. At 20.4) e não aos membros de uma igreja. Estes obreiros eram indubitavelmente conhecidos e respeitados pelas igrejas gálatas, e a menção deles daria força à mensagem de Paulo.

Uma das questões não solucionadas da erudição do Novo Testamento é a identificação das **igrejas da Galácia** (2). Estão localizadas no distrito norte da Ásia Menor (o uso popular e étnico) ou na região sul da província da Galácia (o uso técnico romano)? O fato de Paulo nunca se referir às cidades da Galácia do Norte é forte argumento em defesa da Teoria da Galácia do Sul (cf. Introdução; ver Mapa 1).

A bênção apostólica: **Graça e paz, da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo** (3), já se tornara, nestes primeiros tempos, forma-padrão. Faz parte da saudação em cada uma das cartas de Paulo. Embora encontremos idéias relacionadas em saudações gregas e hebraicas, esta saudação espelha os inigualáveis conceitos cristãos do favor de Deus, que fornece a salvação por Cristo, e da resultante bem-aventurança.

Paulo não está declarando especificamente que Jesus morreu pelos pecados do homem, mas não há dúvidas de que era esta a intenção, quando observa que Jesus **deu-se a si mesmo por nossos pecados** (4). A cruz e a ressurreição são o tema primário de Paulo, de forma que ele raramente menciona a vida e ministério de Jesus. O entendimento de Paulo acerca do pecado torna a cruz indispensável. Uma vida dedicada — mesmo a de Jesus Cristo — não é eficaz em expiar o pecado. O propósito de doar-se é que Ele poderia livrar-nos do presente mundo mau. Ao aceitar o fato histórico da cruz, Paulo faz uma aplicação pessoal e prática — libertação presente. A palavra **livrar** (*exaireo*) sugere resgate de um estado de impotência.⁶ Essa salvação não é a consequência universal e automática da cruz, mas é uma pronta possibilidade.⁷

Esta é a única ocasião em que Paulo fala deste **século** (lit., era) como **presente e mau**, embora em outros lugares esteja claramente indicado em sua expressão comum “o mundo”. Sua figura de linguagem é vividamente descritiva. Os homens estão desesperadamente presos nas garras deste mundo **mau**; mas, pela cruz, Cristo pode salvá-los. Paulo não sugere que o propósito de Deus é retirar os homens do mundo, mas que ele os salva do poder do **mal** em vigor no mundo. É significativo que o apóstolo aborde o tema

da libertação do poder do pecado já na saudação. Em geral, depois da bênção apostólica, o apóstolo expressa ação de graças a Deus acompanhada por uma nota de elogio àqueles a quem ele escreve. Aqui, é notadamente diferente. A referência à libertação do pecado, fundamentada completamente na morte de Cristo, realça a maior preocupação de Paulo: refutar os proponentes da lei. Em vez de elogiar os gálatas, ele confessa assombro e surpresa por terem rejeitado a graça de Cristo.

Como declaração fortalecedora da identificação de Cristo com o Pai, o apóstolo acrescenta que esta libertação foi **segundo a vontade de Deus, nosso Pai**. Cristo deu-se aos homens por completo de acordo com a vontade do Pai. Assim Paulo pode concluir: **a quem seja glória para todo o sempre. Amém! (5).**

B. RAZÃO PARA ESCREVER, 1.6-10

1. *Apostasia dos Gálatas* (1.6,7)

Nesta subdivisão, Paulo está atônito por terem os gálatas abandonando tão depressa a Cristo que os chamara. Eles o renunciavam em troca de um evangelho diferente, que, na realidade, não era evangelho coisa alguma. Aqueles que os incomodavam só queriam perverter o evangelho de Cristo. Como ele lhes dissera, todo aquele que pregasse um evangelho diferente do que receberam — seja de Paulo ou de um anjo — estaria sob a maldição de Deus. Paulo, então, pergunta se sua pregação invoca a Deus ou aos homens e, se, com isto, ele procura agradar aos homens.

Admiro-me de que tão depressa afastásseis⁸ daquele que vos chamou (6). Paulo estava admirado por terem desistido em tão pouco tempo.⁹ O uso do tempo presente indica claramente que os gálatas estavam no processo de abandono. Isto explica a urgência de Paulo quanto a procurar fazê-los voltar antes que se estabelecessem no erro. Um movimento ou mudança envolve partir como também chegar. Para aceitar um evangelho diferente os gálatas tinham de deixar o que tinham conhecido e experimentado. Eles estavam desviando-se de Deus. Foi ele que os chamara das trevas pagãs para si — o Deus que é Luz, Vida e Amor. O espanto de Paulo é que eles dessem as costas a Deus tão rapidamente, e os lembra que Deus os chamara **à graça de Cristo**. Na base do pensamento do apóstolo está a crença de que todas as coisas são de Deus (o Pai) através de Cristo (o Filho).

Num nítido jogo de palavras em grego, Paulo declara ironicamente que eles se voltaram **para outro** (*heteros*) **evangelho, o qual não é outro** (*allos*, 7). Seus oponentes diziam que o que ensinavam era um evangelho, querendo dizer logicamente que era superior ao que Paulo pregara. Por um momento, o apóstolo aceita a afirmação. Mas diz que o que pregam é *heteros* **evangelho** — “de tipo diferente”. Não é um **evangelho** *allos* — “do mesmo tipo”.¹⁰ Em seguida, Paulo ressalta as razões específicas por que não era outro **evangelho** do tipo que tinham recebido; na realidade, não era **evangelho** coisa alguma. O verdadeiro **evangelho** é “boas-novas” — especificamente as boas-novas de salvação. Os oponentes de Paulo os inquietavam (*tarasso*). A intenção era agitar, perturbar e desestabilizar os gálatas. Ao inquietar estes novos-convertidos, eles queriam **trans-tornar** (*metastrepho*, lit., “arruinar”) **o evangelho de Cristo**. O que ensinavam não era absolutamente **evangelho**, mas tentativa velada de destruir o **evangelho de Cristo**.

que é as “boas-novas” de que, por Cristo, há libertação deste século mau (cf. 4). Como Paulo argumentará depois com mais detalhes, o resultado dessa mensagem era só escravidão e servidão em contraste com a libertação e liberdade que os gálatas encontraram mediante a graça, pela fé.

2. A Questão Crucial (1.8-10)

Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema (8). Paulo estava tão convencido de que não havia outro evangelho que invocou a maldição de Deus sobre si mesmo — ou até sobre os anjos do céu —, caso eles “pregassem um evangelho diferente (gr., *para*) daquele que vos pregamos”¹¹ (cf. BJ, CH). Estas palavras não eram um discurso inconsequente ou mera retórica. A pessoa da herança e educação de Paulo teria profundo respeito por votos solenes e maldições. Ser **anátema** (cf. “amaldiçoado”, NTLH; “maldito”, BAB; cf. CH) era fatal.¹² A natureza séria do erro promulgado entre os gálatas é destacada por tal declaração. Paulo os avisara deste erro, talvez na primeira vez que lhes pregara. Por isso, os lembra: **Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo** (9). O contraste entre **agora... vo-lo digo** e **já vo-lo dissemos** torna bastante certo que ele não estava se referindo ao versículo anterior.

Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema. O versículo 9 difere do versículo 8 no ponto em que é usado o pronome indefinido “alguém” (*tis*) no lugar do sujeito — Paulo ou um anjo. No versículo 8, a possibilidade é mais remota — “se nós” —, ao passo que neste versículo a construção gramatical sugere que tal possibilidade está acontecendo — “se alguém está”. É indiscutível que Paulo está se referindo ao que estava sendo feito na Galácia. Inicialmente, ele se usara como mera ilustração hipotética.

Em nossos dias de tolerância crescente na religião, a denúncia dogmática de Paulo soa um tanto quanto descabida. Claro que há o respeito pela crença dos outros e apoiamos a garantia de que ninguém sofra perseguição religiosa. Mas isto não significa que todos os caminhos levam a Deus. A oposição de Paulo não era um sectarismo estreito; era a preocupação sobre o meio fundamental de salvação. Ele estava convencido de que o curso que os gálatas estavam tomando os conduziria à escravidão espiritual — e quem saberia melhor que ele, que tinha vivido sob a lei? Só lhe resta condenar tal teologia — terminantemente. O seu Mestre não advertira que ele viera trazer espada (cf. Mt 10.34)? Nestes dias em que vivemos precisamos ouvir esta voz de certeza e convicção, bem como da verdadeira tolerância.

Os oponentes de Paulo o acusaram de ajustar sua mensagem de forma que fosse atraente aos homens e lhes ganhasse o favor. Por isso, pergunta: **Persuado** (*peitho*, “apelo”) **eu agora a homens ou a Deus?** (10). Tal condenação séria é humanamente atraente? Ele repete a pergunta com palavras diferentes: **Procuro agradar a homens?** A resposta é um enfático **Não!** **Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.** Esta afirmação deve ser entendida em termos do seu contexto. Paulo estava sendo acusado pelos judeus de rejeitar a lei para agradar aos gentios. Em outro texto, o apóstolo demonstra abertamente a importância e até a necessidade de agradar aos homens a fim de conquistá-los para Cristo (cf. 1 Co 10.33). O apóstolo não pode ser considerado um independente radical. Ele era sensível às atitudes dos homens. Se ele se

permitisse ser colocado em servidão das opiniões de homens ele já não seria o servo liberto de Cristo. Se ele tivesse de decidir entre agradar aos homens e a Deus, sua escolha não estava em discussão.

Segundo A. F. Harper, temos nos versículos 1 a 10 “A Mensagem de Deus a quem se Desvia de Jesus”: 1) A mensagem vem de **Deus Pai**, 1, e por meio de um líder espiritual preocupado (4.19); 2). A maior preocupação de Deus é a nossa salvação do pecado, 4; 3) Você se desviou de Jesus?, 6,7; 4) A seriedade da deserção, 8,9; 5) O caminho para a recuperação: **Procuro ser servo de Cristo**, 10 (ver tb. 2.18-20).

SEÇÃO II

AUTORIDADE — DE DEUS E NÃO DO HOMEM

Gálatas 1.11—2.21

A. DECLARAÇÃO DA AUTORIDADE DE PAULO, 1.11,12

Paulo declara aos seus irmãos que o evangelho que ele lhes pregara não era mensagem humana ou elaborada pelo homem; ele não o recebera de homem, nem lhe fora ensinado. Ele a recebera por revelação de Jesus Cristo.

Inicialmente, Paulo deseja que eles entendam que sua autoridade é de Deus e não do homem: **Mas faço-vos saber** (11; *gnorio*, “fazer saber”). O que ele afirma em declaração direta agora fundamentará em detalhes. Ao tratá-los de **irmãos**, ele dá a entender que a apostasia dos gálatas não estava completa ou era irrevogável; eles ainda eram seus companheiros cristãos. Como Paulo enfatizará depois, o **evangelho** por ele **anunciado** era o pronunciamento de que a salvação era mediante a graça, pela fé, e não pelas obras da lei (cf. 3.1—4.31). A carta não indica em nenhum lugar que ele tinha outro conflito teológico com seus oponentes. De particular significação é o fato de que o evangelho **não é segundo os homens**.¹ Esta expressão tem importância especial para Paulo, sendo, talvez, equivalente a “carnal”.² O significado que o apóstolo quer transmitir é claro: o seu evangelho não era mera mensagem humana, como ele explica no versículo seguinte.

Esta mensagem não era humana, porque Paulo não a recebera, nem a aprendera **de homem** (12). Nem a fonte do seu evangelho, nem o método pelo qual ele o recebera era humano. A maioria dos expositores cristãos, até nos dias de Paulo, foi ensinado por outros homens, mas ele não. O evangelho lhe veio por **revelação de Jesus Cristo**. Isto não diz respeito a uma revelação geral, disponível a todos que a recebessem, mas a uma revelação especial e pessoal para Paulo.

A pessoa que afirma ter uma revelação pessoal faz-se acusável de ser arrogante e perigosa. Não é difícil avaliar a preocupação dos oponentes de Paulo. Com base no que lhes pareceria revelação estritamente particular e pessoal, ele estava abolindo muito do que eles consideravam vital e sagrado. No transcurso dos séculos, homens têm se levantado proclamando uma mensagem que afirmam ser revelação especial. Esta é precisamente a falácia de grande parte do atual conceito de “inspiração”. Tais mestres concordam que a Bíblia é “inspirada”. Mas do mesmo modo há outras obras inspiradas — até as de um Shakespeare e de um Beethoven. É lógico que isto destrói a singularidade das Escrituras. Reconhecemos que Deus inspirou e deu revelações aos homens desde os tempos bíblicos. Mas a revelação da Palavra escrita é inigualável. Neste sentido, é terminal e não contínua. A declaração audaciosa de Paulo foi inteiramente fundamentada, não por ele, mas pelo Espírito de Deus. Nossa tarefa não é fazer acréscimos à revelação escrita, mas entendê-la e explicá-la.

B. FUNDAMENTO DA AUTORIDADE APOSTÓLICA DE PAULO, 1.13—2.21

1. *Antes da Conversão — Oposição Zelosa* (1.13,14)

Paulo lembrou aos gálatas os fatos que eles sabiam sobre a maneira como ele outrora se comportava no judaísmo — a perseguição excessiva da igreja e a busca zelosa das tradições dos seus antepassados.

Estes convertidos pagãos na Galácia **ouviram** (13) deste período da vida de Paulo por seus próprios lábios, o que está de acordo com seu costume de usar o testemunho pessoal na pregação. Eles sabiam de suas **relações** (conduta), **no passado, no judaísmo**. O termo grego *anastrophe* (**conduta**) significa “modo de vida” (BJ) — “comportamento” ou “procedimento” (NVI) —, fato que é prontamente verificado na descrição que se segue. Paulo se refere especificamente à sua **conduta** na religião dos judeus (lit., **judaísmo**). Os gálatas também estavam cientes de **como sobremaneira** ele **perseguia a igreja de Deus e a assolava**. A perseguição paulina da igreja cristã³ era demasiada e extrema. O verbo grego *protheo* (**assolava**) é muito forte; significa “destruir” (cf. NTLH; NVI) ou “pilhar” com a nítida conotação de devastação (cf. RA) bélica. O apóstolo está descrevendo que sua conduta antes da conversão era uma guerra pessoal contra a igreja de Cristo.

Paulo não só demonstrava seu zelo perseguindo os cristãos e destruindo a igreja, mas, ao mesmo tempo, **excedia** (14; *prokopto*, “progredia”, BJ)⁴ **em judaísmo a muitos** de sua própria **nação** que eram da mesma **idade** que ele. Nascido de pais hebreus, ele aceitara a interpretação mais rígida da lei — o farisaísmo. Mesmo por estes padrões excessivamente rigorosos ele podia dizer que era “irrepreensível” (cf. Fp 3.5,6), **sendo extremamente zeloso das tradições de seus pais**. Seu progresso no judaísmo ia muito além da justiça da lei — no sentido mais rigoroso. Ele diz que era zelote.⁵ Claro que isto fazia parte essencial do farisaísmo.⁶ Neste aspecto, ele excedeu a muitos dos seus contemporâneos.

O argumento básico de Paulo é que sua vida antes da conversão mostra que ele recebeu de Deus, e não do homem, a autoridade para o seu evangelho. Em apoio ao argumento, ele destaca fatos de sua hostilidade extrema ao cristianismo (no lado negati-

vo) e seu progresso superior no judaísmo farisaico (no lado positivo). Ambos os lados são provas que sua aceitação do cristianismo não podia ser absolutamente delineada pela influência ou instrução cristã (humana).⁷ Só uma revelação divina podia fazer isso.

2. Depois da Conversão — Sem Consulta Humana (1.15-24)

a) *Paulo na Arábia e Damasco* (1.15-17). Quando Paulo nasceu, Deus o escolheu para pregar aos gentios. Quando Deus o chamou pela revelação de seu Filho, Paulo não visitou os apóstolos em Jerusalém, mas foi para a Arábia (cerca de 320 quilômetros ao sul de Damasco, e 160 quilômetros a sudeste de Jerusalém; ver Mapa 2). Foi só depois de três anos que ele visitou Pedro e Tiago em Jerusalém, e, então, por apenas 15 dias. Em seguida, foi para a Síria e Cilícia (ver Mapa 1). Durante este tempo, ele era desconhecido pelas igrejas na Judéia, exceto pela informação de que o ex-perseguidor agora pregava a fé que outrora destruíra.

Como Burton observou,⁸ a seção introduzida pela palavra **mas** (15) não está em contraste com o que vem anteriormente. É, na verdade, uma extensão. Uma tradução melhor seria: **E quando aprovou a Deus**. A expressão **quando aprovou a Deus** é um hebraísmo que reconhece a soberania divina. É apenas outro modo de dizer: “quando Deus quis” (cf. “quando [...] houve por bem”, BJ). Foi **Deus** quem separou Paulo no **ventre** de sua **mãe**. Esta última expressão é outro hebraísmo bem conhecido para referir-se ao momento do nascimento. Paulo está chamando atenção ao fato de que desde o nascimento **Deus** o separara. O verbo grego *aphorizo* (**separou**) significa “separar *de*”, no sentido de excomunhão (cf. Lc 6.22), ou “separar *para*”. Claro que o sentido aqui é a segunda acepção, sendo praticamente equivalente a uma nomeação. **Deus** nomeara Paulo para a tarefa especial no nascimento. Até que um dia, na estrada de Damasco, esta nomeação foi revelada⁹ e **Deus o chamou**. O fariseu cegamente zeloso foi confrontado pelo Cristo ressurreto — e ouviu o chamado de **Deus**. Como observado no versículo 6, no entendimento de Paulo, a proclamação do evangelho era **Deus** chamando os homens para si. O apóstolo ouviu o chamado da boca do Senhor ressurreto. O chamado e a nomeação eram, como são todas as bênçãos de Deus, **pela sua graça**.

Os detalhes desta revelação encontram-se em outros lugares das Escrituras, principalmente nos três relatos da conversão de Paulo (At 9.1-18; 22.4-16; 26.9-18). Como está evidente pela referência abreviada nesta carta, o fato importantíssimo era que a experiência tivera o desígnio de **revelar seu Filho em mim** (16). Este incidente tornou-se a pedra fundamental do ministério de Paulo, no qual tudo o mais se baseava. Ele era legalmente apóstolo, porque vira Cristo (cf. 1 Co 9.1; 15.8). Diante de seus compatriotas e captores romanos ele tinha apenas uma única defesa — ele se encontrara com o Senhor ressurreto. Sua autoridade para pregar o evangelho, agora sob ataque, era que ele a recebera por revelação do Filho de Deus. Qual foi esta revelação? Os textos dizem que era “pantomima”, “alucinação”, “sinal”, “transe” e “visão”. Mas todas estas explicações deixam escapar o ponto principal — *foi uma revelação pessoal*. Deus revelou **seu Filho a mim**! O propósito da experiência era que Paulo **pregasse entre os gentios**. O termo grego *ethnos* (**gentios**) designa todos os que não são judeus (cf. At 9.15; 22.15; 26.16-18).

Como a experiência de Paulo com Cristo tornou-se o foco de sua vida e ministério, assim o cristão hoje precisa de um ponto de referência em sua vida espiritual. Obvia-

mente, a experiência de Paulo era única, mas mesmo assim há uma experiência pessoal de confronto com Cristo que proporciona a realidade espiritual daqueles que buscam a Deus. É necessário no que tange ao chamado para o ministro de Cristo, e não é menos essencial para todo seguidor do Salvador. Um encontro com o Senhor vivo e ressurreto é o começo indispensável de toda vida transformada — o milagre do novo nascimento. Isto se torna para os nascidos de novo um ponto de perspectiva que faz com que tudo que acontece entre em foco. “Perdido andei, sem ver a luz, mas Cristo me encontrou.”*

*“Preciosa a Graça de Jesus”, *Hinário para o Cantor Cristão*, n.º 314, linhas 3 e 4 da estrofe 1, letra em inglês de John Newton e em português da Comissão do *Hinário para o Cantor Cristão*, 1990 (São Paulo: Bompastor, 2003, 3.ª reimpressão). (N. do T.)

Paulo fundamenta suas declarações mostrando que, depois de ter-se convertido e recebido revelação especial, ele **não** consultou **carne nem sangue** (16). O verbo grego *prosanatithemi* (**consultei**) significa “contribuir” ou “acrescentar algo”. Neste caso, o apóstolo está deixando claro que nenhum homem acrescentou nada ao seu evangelho — tudo veio de Deus. Suas atividades antes e após a conversão apóiam esta declaração.

Nem tornei (“subi”, BAB, BJ, RA) **a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos** (17). Os judeus sempre usam a expressão “subir a Jerusalém”, que reconhecidamente tornou-se lugar de liderança humana e autoridade na igreja primitiva. É significativo que o novo-convertido, tendo sido especialmente chamado, não tenha trocado idéias com os líderes cristãos. Este fato apóia fortemente a declaração paulina de possuir uma autoridade exclusiva. A palavra **antes** é importante no ponto em que ressalta o apostolado de Paulo. Ele também era apóstolo, embora outros o tivessem precedido nesse chamado santo.

Paulo foi **para a Arábia**, fato que está em nítido contraste com Jerusalém. Era um lugar deserto e não uma metrópole próspera. Ali, Paulo teve comunhão com Deus em vez de ter comunicação com os homens. Ele não declara o propósito da viagem **para a Arábia**, mas está claramente implícito que era um recolhimento ou afastamento e não uma atividade missionária. Da perspectiva da história, sabemos que Paulo precisava refazer seu sistema de pensamento. Isto era essencial para que ele ministrasse fora das fronteiras do judaísmo. Os primeiros apóstolos tiveram apenas de acrescentar Cristo ao esperado Messias do judaísmo. Paulo teve de fazer mais. Depois do período de meditação na **Arábia**, voltou **outra vez a Damasco**. Esta é a primeira menção da cidade de **Damasco**, que é predominante em todos os relatos da conversão de Paulo em Atos. O fato de ter voltado **outra vez a Damasco** indica, obviamente, que ele saíra de lá. Nessa cidade pregou, provavelmente, com vigor e discernimento renovados depois do período na **Arábia**.

b) *A curta visita de Paulo a Jerusalém* (1.18-20). **Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro** (18).¹⁰ A menção aos **três anos** tem o efeito de mostrar que ele adiou a consulta com os líderes da igreja por todo este longo período de tempo. Os **três anos** representam o provável período total de sua conversão. Não há indícios de que a viagem de Paulo a Jerusalém tenha sido feita com a finalidade de obter aprovação ou sanção para o seu evangelho. Tratava-se de simples visita para conhecer **Pedro**, o líder reconhecido da igreja. E foi uma visita curta — apenas **quinze**

dias em comparação aos três anos que haviam passado desde a conversão. Claro que esses poucos dias proporcionariam exígua oportunidade para instrução ou treinamento.

E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor (19). Se estivesse buscando aprovação ou aceitação oficial, seria de se esperar que Paulo visitasse todos os apóstolos. Isto ele nega propositadamente,¹¹ afirmando que o único apóstolo que viu, além de Pedro, foi **Tiago, o irmão do Senhor**. Esta referência a **Tiago** é de importância especial, porque ele, como líder da igreja em Jerusalém, estava associado ao grupo legalista que mais tarde discordou de Paulo.

A atitude de Paulo para com os líderes da igreja não deve ser interpretada como desprezo pela liderança humana. O mundo de Paulo se esfacelara e só Deus podia reconstruí-lo — na comunhão solitária. Tempos depois, quando seu evangelho foi desafiado, não lhe restava senão defendê-lo desta maneira. Há evidências claras que o apóstolo respeitava profundamente a liderança e autoridade humana (cf. At 21.18-26), mas não hesitava em exigir explicações de quem quer que fosse, se tal pessoa transigisse com a verdade de sua consciência. Este é modo de reconhecer que a autoridade humana mais alta é a consciência pessoal. Assim, 15 séculos depois, Martinho Lutero, discípulo de Paulo, desafiou a igreja e o império ao declarar: “Não é nem seguro nem certo agir contra a consciência!”

Paulo poderia afirmar: **Ora, acerca do que vos escrevo, eis que diante de Deus testifico e não minto** (20). Esta declaração solene — chamar Deus como Testemunha da veracidade do que a pessoa fala — é método usado por Paulo para enfatizar a importância do que ele diz (cf. Rm 9.1; 2 Co 1.23; 11.31; 1 Ts 2.5).

c) *Paulo na Síria e Cilícia* (1.21-24). O relato em Atos (At 9.28) preenche muito dos detalhes sobre o termo **posteriormente** (21). Os anos que Paulo passou na Síria e na Cilícia (ver Mapa 1) vieram depois que ele pregou e discutiu abertamente Cristo em Jerusalém e depois que ele despertou a oposição assassina de seus inimigos (cf. At 9.29; 22.17-20). Seus irmãos cristãos o enviaram a Tarso em prol de sua segurança pessoal. É óbvio que ele fez dessa cidade sua sede na Cilícia. Após este fato, ele foi levado a Antioquia da Síria (ver Mapa 1) por Barnabé (cf. At 9.30; 11.25).

A declaração de que ele **era desconhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo** (22) não deve ser entendida com o sentido de que os judeus cristãos não tinham visto ou ouvido falar de Paulo depois de sua conversão. O ponto do seu argumento é que, durante este período extenso, ele não pregou nem trabalhou em Jerusalém — o primeiro centro da igreja. As narrativas em Atos deixam bastante claro que Paulo pregara e testemunhara em Jerusalém antes de ter voltado para Tarso. Porém, ao longo deste período de aproximadamente 11 anos, ele não voltou à Judéia.

Neste ínterim, a igreja na Judéia **ouvira apenas que, aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, assolou** (23). Eram notícias comoventes e incríveis; **e glorificavam a Deus a respeito de mim** (24).

3. O Evangelho de Paulo e o Concílio de Jerusalém (2.1-10)

a) *O relatório de Paulo* (2.1,2). Quatorze anos depois, Paulo, com Barnabé, foi a Jerusalém para transmitir reservadamente o seu evangelho aos líderes da igreja. Estes

homens proeminentes não acrescentaram nada à mensagem de Paulo. Apesar de alguns terem espionado Paulo, eles não exigiram que o seu cooperador Tito fosse circuncidado. Pelo contrário, deram a bênção a Paulo e Barnabé, reconhecendo que sua comissão aos gentios era comparável ao ministério que os outros apóstolos tinham aos judeus.

Catorze anos depois, Paulo foi outra vez a Jerusalém com Barnabé, e levou Tito com ele (1). Não está claro a que se refere este **depois**. Foi depois de sua conversão ou depois de sua visita anterior, ocorrida no período de três anos após sua conversão? A questão tem pouca ligação com o relato do incidente, mas está significativamente relacionada à cronologia da vida de Paulo. A probabilidade é que os 14 anos marcam o tempo entre as visitas a Jerusalém.

A associação de Barnabé com Paulo começou quando ele apoiou o fariseu, recentemente convertido, que desejava unir-se aos discípulos em Jerusalém (At 9.26,27). Mais tarde, Barnabé deu a Saulo a chance de começar um ministério em Antioquia (At 12.22-26). Não temos informação detalhada sobre como Tito se associou com o apóstolo. É fato que este cristão grego foi um dos primeiros convertidos de Paulo (Tt 1.4). Ao término da segunda viagem missionária, Tito já era líder na novel igreja. A referência aqui indica que ele estava entre os “alguns” obreiros de Antioquia escolhidos para representá-los nesta conferência histórica (At 15.1,2).

A viagem à assembléia em Jerusalém foi feita **por revelação** (2). Isto é para enfatizar que Paulo estava sob direção divina. Quando os visitantes judeus tentaram forçar a circuncisão na igreja, predominantemente gentia, em Antioquia, Paulo e Barnabé opuseram-se com veemência (cf. At 15.1,2). O relato em Atos indica que a igreja em Antioquia deu a Paulo e Barnabé a incumbência de representar sua causa em Jerusalém, mas aqui, Paulo enfatiza que a diretiva foi de origem superior. O plano humano e a orientação divina não são mutuamente excludentes (cf. At 15.28).

Paulo **lhes expôs o evangelho que pregava entre os gentios** (2). A mensagem do evangelho que Paulo colocou diante¹² deles era que Jesus Cristo fora crucificado, ressuscitara e viria outra vez; e que havia justiça para *todos* os homens pela fé em Cristo sem as obras da lei. De acordo com Atos 15.4, Paulo e seu grupo prestaram informações a toda a igreja em Jerusalém, ao passo que o texto aqui em Gálatas declara especificamente que o relatório foi feito **particularmente**. Isto indica que a sessão pública foi precedida por uma conferência particular, o que certamente seria de bom senso (ver comentários em At 15.4-12).

Aos que estavam em estima (2) é tradução livre do que parece uma frase ou pensamento interrompido, talvez em virtude de ansiedade ou agitação na mente de Paulo.¹³ Reflete sua preocupação em não falar demais — nem de menos! Ele referia-se ao fato de que fora aos líderes da igreja para elucidar uma questão crucial; mas, ao mesmo tempo, não queria demonstrar submissão total ao julgamento deles, nem negar sua própria autoridade dada singular e divinamente. Por isso, refere-se a Tiago, Cefas (Pedro) e João como aqueles que “pareceu-lhe ocuparem certa posição” (6) e “pareceu-lhe serem colunas” (9). **Estavam em estima** no sentido de que deram a impressão de serem bem-vistos aos olhos da igreja. Por trás da hesitação de Paulo, estava a crença de que a autoridade suprema deve vir de Deus e não do homem.

Uma das metáforas familiares de Paulo é a que descreve a vida cristã como uma corrida (cf. 5.7; 1 Co 9.24-26; Fp 2.16). Ele refere-se à sua vida e ministério entre os gentios como uma corrida, e estava preocupado com receio de que **de alguma maneira... corresse**

ou... **tivesse corrido em vão** (2). Ele percebeu que se os reconhecidos líderes da igreja em Jerusalém se opusessem ao seu evangelho, todo o trabalho que ele fizera seria destruído pelos emissários da igreja e não haveria obra a realizar no futuro. A certeza da origem divina de sua mensagem não o deslumbrou ao ponto de provocar divisão e divergência na igreja.

b) *A recusa em circuncidar Tito* (2.3-5). No versículo 3, temos a primeira menção efetiva sobre a questão específica em debate nesta carta — a circuncisão dos gentios convertidos. Era necessária? Paulo escreve: **Mas nem ainda Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se** (3). O propósito do apóstolo em relatar este incidente era mostrar que, até na igreja em Jerusalém, seu companheiro grego não fora forçado a submeter-se à lei cerimonial. Diante desta verdade, que base seus oponentes teriam para insistir na circuncisão na pátria dos gentios?

Os versículos 4 e 5 são parentéticos, repreendendo as pessoas que exerciam pressão para obrigar a circuncisão. A pressão veio **por causa dos falsos irmãos que por descuido trouxeram para a igreja, os quais secretamente entraram a espiar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus, para nos porem em servidão** (4). A expressão **falsos irmãos** sugere que eram companheiros crentes, mas a insistência na necessidade da lei constituía, na opinião de Paulo, uma negação a Cristo (ver comentários em 2.21). Estes homens **por descuido intrometeram-se**, ou seja, “infiltraram-se sorrateiramente” (CH; cf. BAB, BJ, NVI). A intenção expressa era **beneficiarem-se** — conseguir evidências reais — da liberdade da lei que estes gentios convertidos desfrutavam em Cristo. Tudo constituía esforços para forçar a lei sobre eles e escravizá-los novamente (ver comentários em 4.1-10). Lógico que o elemento sigiloso refere-se às intenções. Indubitavelmente, bancaram irmãos em Cristo para, na confiança desta irmandade, observarem a liberdade dos gentios convertidos. Eles se aproveitariam desta informação e procurariam obrigar a circuncisão.

Paulo não se intimidou em vista destas pessoas ou por suas táticas. Ele escreve: **Aos quais, nem ainda por uma hora, cedemos com sujeição, para que a verdade do evangelho permanecesse entre vós** (5). Diante da igreja em Jerusalém, estes falsos irmãos procuraram forçar Paulo a conformar o seu evangelho à lei. Foi contra esta pressão que Paulo declara que não “cedemos em submissão” (lit.; BAB; cf. ACF, BJ, CH), **nem ainda por uma hora**. Nem sequer Tito, a despeito dos argumentos e exigências dessa gente, foi obrigado a ser circuncidado. Talvez seja este o ponto específico do qual Paulo não abria mão. **Nem por um momento**. A razão por que se recusou a “ceder uma polegada” foi porque se tratava de uma defesa da verdade do evangelho que fora pregado aos seus gentios convertidos. Não havia como esta mensagem da verdade cristã continuar se Paulo fracassasse. Caso se submetesse à circuncisão dos gentios convertidos, o evangelho que lhes pregara não poderia ser verdade.

c) *O reconhecimento do ministério de Paulo* (2.6-10). Paulo refere-se novamente aos “apóstolos-coluna”, dizendo que **pareciam ser algo** (6). Aqui, ele entra em detalhes sobre essa resistência em reconhecê-los. **Quais tenham sido noutro tempo é**, literalmente, “de que tipo eles eram antigamente”. É alusão indubitável ao fato de que estes homens estavam associados com Jesus em seu ministério terreno. Até este fato não fazia diferença para Paulo, por uma boa razão: **Deus não aceita a aparên-**

cia do homem é, literalmente, “Deus não recebe a face de um homem”. Isto significa que, para Deus, a aparência exterior não é importante.

Aqui, Paulo está lidando com um problema que fugia rapidamente ao controle da igreja primitiva, sobretudo nas regiões gentias. Aqueles que tinham estado com Jesus durante seu ministério terreno possuíam lugar de distinção que poderia ter conseqüências desastrosas. Os judeus tinham uma desconfiança nata contra a idolatria, mas os convertidos gentios de Paulo poderiam facilmente cair nessa armadilha. Com sua formação idólatra bastava um movimento para passar da reverência aos discípulos terrenos de Jesus a um culto da divindade. Na realidade, a reivindicação de Paulo ao apostolado já estava sendo desafiada por seus inimigos neste ponto, pois ele não fora um dos discípulos originais. Ao escrever aos gentios convertidos sobre sua relação com estes líderes, ele mostra enfaticamente que com Deus a aparência não é elemento importante. A autoridade na igreja vem de Deus. Não vem com base na relação exterior de um passado com Jesus na terra, mas com a luz da experiência interior de um presente com Cristo. Isto não significava que Paulo não tivesse respeito por estes líderes, ou que não os considerasse em alta estima. O fato de ele estar em Jerusalém para a conferência demonstra o contrário. Trata-se, portanto, de uma reflexão de sua preocupação de que a verdadeira base de autoridade seja observada.

Os líderes da igreja não só desistiram de obrigar Tito a ser circuncidado, mas **eles, digo, que pareciam ser alguma coisa,¹⁴ nada acrescentaram**. Este é o propósito central de Paulo mencionar o incidente. Na defesa da afirmação de que sua autoridade viera de Deus, ele expõe que até os líderes da igreja nada acrescentaram a sua mensagem.

Pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me estava confiado, como a Pedro o⁽¹⁵⁾ da circuncisão (7). Tal ação positiva foi fundamentada sobre importante vislumbre de amplas conseqüências. Como Pedro era o líder reconhecido daqueles que ministravam o evangelho no mundo judaico, assim perceberam que a Paulo fora **confiado** (lit.) um ministério semelhante para os gentios.

Este reconhecimento da liderança, que Paulo chama **apostolado**, estava baseado na evidência clara da mesma atividade¹⁶ divina em Paulo como em Pedro. **Aquele que operou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão, esse operou também em mim com eficácia para com os gentios (8)**. O mesmo Deus capacitou com seu poder a ambos.

O resultado feliz desta conferência foi que, **conhecendo Tiago, Cefas e João, que eram considerados como as colunas, a graça que se me havia dado, deram-nos as destros, em comunhão comigo e com Barnabé (9)**. Pela primeira vez Paulo identifica os líderes da igreja em Jerusalém, a quem ele se referira nos versículos anteriores. A menção do nome de **Tiago** (o irmão de Jesus) como primeiro da lista sugere que ele era o líder da igreja — talvez na administração —, ao passo que Pedro era o líder da obra missionária aos judeus. Estes homens tomaram ação positiva. Paulo e Barnabé receberam a garantia reconhecida de comunhão e concordância de opinião: **as destros, em comunhão** (i.e., “Tiago, Cefas e João [...] estenderam, a [Paulo] e a Barnabé, a destra de comunhão”, RA; cf. BAB). Levando em conta esta aprovação total e incontestada, como a autoridade de Paulo poderia ser questionada?

Em conseqüência disso, Paulo e Barnabé foram enviados aos gentios, e eles à circuncisão. Há incerteza se esta divisão era racial ou geográfica. Havia gentios na Palestina e judeus no mundo greco-romano-asiático. A solução mais óbvia é que Paulo recebeu auto-

ridade indiscutível no território onde estivera trabalhando — fora da Palestina. Esta era a verdadeira questão em debate. Também era óbvio que a decisão afetava diretamente as exigências a serem feitas aos gentios convertidos, onde quer que residissem.

Os líderes da igreja em Jerusalém estipularam apenas uma cláusula na aprovação, que Paulo não se esquecesse **dos pobres** (10). Isto ele procurou **fazer com diligência** (*spoudazo*, “com zelo” [BAB] ou “com avidez” [cf. BV]), fato comprovado por suas atividades conseqüentes (cf. Rm 15.31; 2 Co 8—9).

4. A Defesa e Explicação do Evangelho de Paulo (2.11-21)

Em visita a Antioquia, Pedro comia livremente com os gentios até que chegou um grupo de judeus proveniente de Jerusalém; diante disso, ele se afastou dos gentios. Esta atitude influenciou tanto os irmãos judeus em Antioquia (até Barnabé) que eles comportaram-se hipocritamente ao lado de Pedro. Paulo enfrentou publicamente o companheiro apóstolo por esta conduta, visto que era contrária à verdade do evangelho. Ele perguntou a Pedro como ele, sendo judeu de nascimento, que por vezes vivia como gentio, podia obrigar os gentios a viverem como judeus. Pedro e Paulo, que aprenderam que o homem não é justificado pela lei, mas somente pela fé em Cristo, tinham eles mesmos crido assim em Cristo. Embora considerados pecadores pelos judeus, eles se tornariam mesmo pecadores aos olhos de Deus se reconstruíssem essa estrutura legalista que eles já haviam destruído. Paulo testemunhou que ele morrera para a lei a fim de viver para Deus. Tendo sido crucificado com Cristo, agora ele não vivia mais para si, e a vida que ele vivia na carne era pela fé em Jesus Cristo. Desta forma, a graça de Deus não era anulada.

Este episódio é mais uma prova da autoridade de Paulo como apóstolo. Ocorreu depois do Concílio de Jerusalém, quando **Pedro**¹⁷ **fora a Antioquia** (11), igreja dominada por cristãos gentios. Talvez, Paulo tivesse ficado sabendo que judeus e gentios participavam da mesma refeição. Lá, Paulo o resistira **na cara**. Em sua opinião, este confronto público era justificável, porque Pedro se tornara **repreensível** (lit., “se tornou condenado”; cf. NVI).

Acerca de seu companheiro apóstolo, Paulo escreve que **antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago**, Pedro **comia com os gentios** (12). Quando Pedro chegou a Antioquia e observou a mesa comum entre judeus e gentios, ele se juntou a eles, sem problema de consciência. Não é surpreendente que Pedro tenha se comportado assim depois da experiência com Cornélio e sua subsequente defesa diante da igreja em Jerusalém.¹⁸ Mas quando os visitantes de Jerusalém chegaram a Antioquia, eles criticaram o que viram — talvez seja por isso que tivessem ido. Em conseqüência disso, Pedro se afastou e **se apartou deles**. O significado literal é que ele “retirou-se gradualmente”¹⁹ (cf. BAB, CH, RA), **temendo os que eram da circuncisão**.

Nos versículos 11 a 21, verificamos “Os Elementos da Covardia Moral”. A história da conferência em Jerusalém forma a introdução de fundo: 1) O medo de nossos amigos pode fazer com que transijamos nossas convicções, 11,12; 2) A transigência pessoal influencia os outros a fazerem a coisa errada, 13; 3) A repreensão honesta é necessária e não deve ser levada a mal, 14-19; 4) A dedicação e esforço honestos em permitir Cristo viver em nós é a cura eficaz para a covardia, 20,21 (A. F. Harper).

a) *Insinceridade e influência errônea* (2.12-19). A conseqüência séria foi que **os outros judeus também dissimulavam do mesmo modo que ele** (13). Paulo denomina

isto hipocrisia²⁰. O problema era de insinceridade básica — quer na participação da mesa comum, quer no afastamento dessa comunhão segundo os interesses da lei. Paulo conclui que nesta ou naquela situação a ação era uma impostura. Como Paulo nos dirá mais adiante, o maior erro era este fingimento e não a mera recusa dos judeus em tomar parte da mesa comum com os gentios. Se desde o início Pedro se recusasse a participar de tal comunhão talvez o assunto nunca tivesse surgido.

No sentido estritamente bíblico, hipocrisia é o oposto direto de sinceridade. Hipocrisia é duplicidade, e sinceridade é pureza ou singeleza de motivo. Portanto, a confissão é hipócrita somente na medida em que reflete insinceridade. Desde que as palavras ou ações de alguém não sejam sinceras ela está sendo hipócrita.

O poder de influência, para o bem ou para o mal, é assustador para as pessoas bem-intencionadas. Quando **Barnabé se deixou levar por sua dissimulação** (13), deve ter sido tremendo golpe contra Paulo. É difícil imaginar alguém da estatura espiritual de **Barnabé** agindo assim, mas o fato destaca o extraordinário poder da influência. Até os grandes homens — sem falar nos menos importantes — muitas vezes se levantam ou caem quando vêem e ouvem outra pessoa. Uma das maiores responsabilidades da liderança é o poder da influência e, nesta questão, nada causa maior dano que a hipocrisia.

Há quem pergunte sobre **quando** (14) Paulo viu isto acontecer. Poderia ele ter estado em Antioquia e, mesmo assim, não ter visto o que estava acontecendo antes que tais consequências trágicas se desenvolvessem? É possível que, embora estivesse vendo, Paulo hesitasse em tomar uma atitude drástica; mas este procedimento não se ajusta à sua personalidade. A hipótese é que ele estava ausente de Antioquia **quando** a situação ocorreu e só viu **quando** voltou. Paulo estava convencido que Pedro, e os demais judeus a quem ele influenciou, **não andavam bem e diretamente** (*orthopodeo*, “andavam retamente”, BAB, BJ) **conforme a verdade do evangelho**.

Paulo confrontou **Pedro na presença de todos** (14). Sua intenção primária era defender a verdade do evangelho, mas também queria que a hipocrisia fosse claramente exposta. Para isso, era necessário repreender publicamente Pedro, o líder reconhecido e altamente respeitado da igreja. Esta ação era medida audaciosa, mas Paulo tinha certeza que a enormidade do erro a justificava. Agora, neste momento posterior ao fato, ele podia rememorar o acontecimento como prova de que possuía autoridade divina para o evangelho que ora pregava.²¹

O desafio que Paulo apresentou a Pedro foi: **Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus?** (14). O assunto diz respeito inquestionavelmente a viver de acordo com os costumes dos respectivos grupos, com ênfase específica nos hábitos alimentares. Embora Pedro fosse judeu, suas crenças permitiam-lhe viver como gentio e não como judeu, como foi brilhantemente ilustrado por sua conduta antes que os visitantes de Jerusalém chegassem. Ao se afastar e influenciar os outros judeus crentes a fazerem o mesmo, a única base de comunhão teria de ser nas condições judaicas. As ações de Pedro tiveram o efeito prático de obrigar os gentios a viverem como os judeus — sob a lei.

Pedro e Paulo eram **judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios** (15). Este contraste é basicamente de origem racial e não de caráter moral, embora ambos os aspectos estejam relacionados. O termo **pecadores** (*hamartoloi*) é usado em refe-

rência aos gentios, porque era a maneira típica de os judeus se referirem a eles. Paulo está ressaltando que Pedro e ele eram judeus de nascença e não de origem gentia.

Mas, embora fossem judeus e treinados para observar as leis de Moisés, eles vieram a saber **que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo** (16). Esta é a tese que Paulo discutirá nos capítulos 3 e 4.²² Aqui, ele quer somente observar que esta verdade fora aceita por ambos. Esta é a primeira menção em Gálatas da importante palavra *lei* (*nomos*), sendo usada aqui com seu significado limitado de **obras** humanas. Este significado forma a base para a repreensão de Paulo. Pedro submetera-se aos requerimentos da lei, embora tivesse sabido e experimentado o fato de que a justificação só ocorria **pela fé em Jesus Cristo**. A frase final do versículo é obviamente referência às Escrituras para apoio do argumento. **Porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada** é alusão ao Salmo 143.2. Acompanhando a Septuaginta, Paulo esclarece o versículo citado e faz “uma reinterpretação em forma mais clara da doutrina já ensinada pelos profetas judeus”.²³

Em seguida, o apóstolo observa que **nós, que procuramos ser justificados em Cristo,**^[24] **nós mesmos também somos achados**^[25] **pecadores** (17). Esta última frase é interpretada de muitas maneiras.²⁶ Seu significado não é o significado habitual bíblico. O termo “pecadores” já foi usado neste contexto com nítida conotação legalista (cf. 15). Paulo enfatizara categoricamente (16) que Pedro e ele foram **justificados** pela **fé em Cristo** — desconsiderando as obras da lei. Embora fossem judeus de nascimento, seus oponentes judeus concluiriam que eram “pecadores” da mesma forma que os gentios que estavam fora do escopo da lei. Não há indício de que Paulo negaria esta premissa dos seus inimigos. Eles eram “pecadores” neste sentido legalista de apartar-se da lei cerimonial.

A conclusão implícita nessa premissa foi colocada na forma de pergunta retórica.²⁷ **É, porventura, Cristo ministro do pecado?** (17). Se a fé em **Cristo** os levou a serem “pecadores legalistas”, então **Cristo** não é a causa do **pecado**? Há aqui uma mudança crucial de conceito; agora **pecado** (*hamartia*) não é um termo legalista, mas moral. No Novo Testamento, o termo grego *hamartia* não significa violar a lei, mas desobedecer a Deus, o que produz culpa e condenação.²⁸ O homem de fé — embora “pecador” em relação à lei — está vivendo sob a condenação e culpa do **pecado**? É isso que **Cristo** ministra ao homem? A resposta de Paulo é enfática: **De maneira nenhuma** (*me genoito*, lit, “não seja”; cf. NTLH, RA).²⁹ Tal pensamento era detestável para Paulo e imitação grotesca do seu Deus. Ao invés de **pecado**, **Cristo** traz perdão e paz ao homem de fé.

Paulo leva seu argumento um pouco mais adiante. Afastar-se das obras da lei não o tornou pecador. O oposto é que é a verdade; **porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor** (18). Se ele tivesse de voltar às observâncias da lei, estaria remontando uma falsa estrutura que destruíra anteriormente. A referência é claramente às ações de Pedro em Antioquia, mas Paulo graciosamente o declara na primeira pessoa. Com esse retorno à lei, ele se constituiria (lit., demonstraria) transgressor. Para referir-se à transgressão em si, Paulo usa um termo que não dá margem à ambigüidade (cf. Rm 2.25,27). É significativo que o homem mostre-se a si mesmo como transgressor, no lugar de ser isto um pronunciamento de Deus.

Veremos nos capítulos seguintes que a lei teve função temporária, que foi substituída pela vinda de Cristo. Paulo está falando de reedificar o que fora derrubado, porque

era temporário. Joseph Agar Beet compara esta idéia inteligentemente com o andaime que é erguido para ajudar a construir uma estrutura permanente.³⁰ No edifício da vida cristã, o andaime temporário do dever tem de dar lugar à estrutura permanente do amor.

Quando Paulo argumenta que é a obediência à lei, e não a desobediência, que lhe mostra que é transgressor, os leitores judeus identificariam um paradoxo. Mas ele oferece sua experiência como prova do paradoxo. A indicação está no uso do pronome pessoal:³¹ **Eu, pela lei, estou morto para a lei** (19). A idéia não é surpreendente, pois sua morte com Cristo, assunto que ele continua discutindo no versículo seguinte, resulta em sua morte **para a lei** e na conseqüente libertação do controle servil que ela exercia (cf. Rm 7.1-6). Por morrer para algo, Paulo quer dizer logicamente cortar todas as relações de forma a não poder mais ter influência ou controle sobre ele. Ele foi tão completamente cortado da lei como alguém que está morto (ver comentários em 5.24; 6.14). É muito mais que uma figura de linguagem.

O que é surpreendente é que foi pela própria lei que Paulo ganhou a libertação da lei. Claro que isto não significa que foi a lei o meio de libertação, porque o apóstolo deixa claro que a libertação só veio pela morte com Cristo (20). O que ele quer dizer é que foi pelas obras da lei, e a conseqüente frustração, que ele percebeu a necessidade de abandoná-la. É o que ele alude aqui (16) e descreve em detalhes em Romanos 7. Este é o argumento central: Se ele voltasse para as obras da lei depois que percebesse a necessidade de abandoná-la, estaria fazendo-se transgressor.

O resultado positivo é **viver para Deus** (19). Tendo sido libertado da lei pela morte, agora ele estava livre **para viver para Deus**. Assim, vemos a maior objeção ao legalismo. Não só não livra do pecado, mas é também um verdadeiro obstáculo à devoção total que deveria caracterizar a vida do cristão.

b) *A nova vida em Cristo* (2.20,21). Esta nova vida em Deus, livre dos obstáculos da lei, foi possibilitada somente porque Paulo fora³² **crucificado com Cristo** (20). Este é um dos conceitos teológicos paulinos mais importantes. Quando o homem entra em **Cristo**, ele entra na sua morte. Ele morre **com Cristo**.³³ É mais que uma figura de linguagem, descrevendo uma separação psicológica ou libertação do pecado. Significa que pela fé o homem faz sua a morte de **Cristo**. O resultado *futuro* é que ele não enfrenta a morte eterna por seus pecados.

Há também um benefício *presente*. O poder do pecado é interrompido na vida do homem, porque ele morreu para o pecado **com Cristo**. De significação particular para este contexto é o fato de que a morte **com Cristo** é o *único* meio de os escravizados pela lei terem a liberdade (ver comentários em 5.1).

É imperativo que a morte do pecador **com Cristo** não seja confundida com a crucificação da personalidade essencial da pessoa ou com o que se denominou autocrucificação. É o velho eu interior irremediável e desesperadamente depravado pelo pecado que morre. A terminologia de Paulo é estranha ao modo de pensar da atualidade, mas descreve uma verdade que é bem conhecida na experiência humana.

O crente, porém, não fica morto. **E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim** (20). A correlação da morte com Cristo sempre é a ressurreição e a nova vida nele. O homem de fé “[anda] em novidade de vida” (Rm 6.4), “na semelhança [...] da sua ressurreição” (Rm 6.5) e “[vive] para Deus” (Rm 6.11). Ele “[dá] fruto para Deus” (Rm 7.4), e o “[serve] em novidade de espírito” (Rm 7.6). É vital entendermos o pleno impacto desta verdade mara-

vilhosa. A morte para o pecado é significativa, só porque torna a nova vida possível. A libertação do pecado é a abertura de porta para uma nova vida gloriosa em Cristo.

A ordem do texto grego é surpreendente quando traduzido literalmente: “E eu vivo, não mais eu [ego], mas vive em mim Cristo” (na ACF, BAB e RC somente a palavra “Cristo” não está conforme a ordem no original grego [na BAB falta a palavra “e”]). O pronome enfático da primeira pessoa do singular **eu** (*ego*) enfatiza o aspecto pessoal da declaração, podendo ser traduzido assim: “E eu *mesmo* não vivo mais” (cf. BV, BJ). Mas, levando em conta a frase que vem a seguir, **mas Cristo vive em mim**, há um significado muito maior. O apóstolo está dizendo: “Eu não vivo mais *como outrora eu vivia*, mas de uma nova maneira — *não mais eu*. Agora Cristo vive em mim — ele é o Senhor de minha nova vida”. Paulo vive “não mais eu”, porque em uma crise de capitulação ele entregara sua soberania — ele era “não mais eu”! Por isso escreveu em outra carta: “Para mim o viver é Cristo” (Fp 1.21). Paulo também denomina esta experiência de *viver no Espírito* (ver comentários em 5.16-26).

Quando pregou sobre Gálatas 2.20, W. G. Colman³⁴ usou o tema “A Vida Vitoriosa”. Ele mostrou que esta vida envolve três segredos maravilhosos: 1) Cristo em vez de mim; (2) Fé em vez de sentimento; 3) “Agora” em vez de “outrora”.

Entre a velha vida *no pecado* e este novo modo de vida, há a “terra de ninguém” da vida *no eu*. Embora o crente tenha sido liberto das garras do pecado, ele ainda é senhor de sua vida. Paulo usa o seu exemplo pessoal para apresentar o ideal que Deus esperava dos gálatas. Essa vida acarreta numa crise de capitulação, quando o crente rende sua soberania a Deus.³⁵ Trata-se de devolver a Deus o que o homem usurpou no jardim do Éden. Em outra carta, Paulo descreve graficamente a imagem do “amor de escravo” que se apresenta voluntariamente ao seu senhor (Rm 6.19), e a do sacerdote que apresenta seu sacrifício no altar (Rm 12.1). A implicação desta crise capitulante deve ser vivenciada em um processo vitalício, referido por Paulo como andar ou marchar pelo Espírito.

E a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus (20). A vida nova no Espírito é vivida na carne que, aqui, significa neste corpo terreno com todas as suas limitações, fraquezas e tentações. Também é vivida **na fé** (“pela fé”, BAB, BJ, NTLH, NVI, RA). Paulo testifica que, como ele foi justificado pela **fé**, assim ele vive a vida nova do Espírito pela **fé no Filho de Deus**. Em todo o tempo, a vida do crente tem de ser uma vida de dependência total a Cristo, **o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim**. Este é o reconhecimento de que tudo na vida do crente tem sua fonte no amor de Jesus, esse amor que levou Jesus a morrer por nós. Não há outra motivação da graça. Este foco no amor tornou-se a verdadeira confissão de credo.³⁶

Tendo dado seu testemunho pessoal, Paulo conclui que sua vida de fé não aniquila a **graça de Deus (21)**.

E. W. Martin³⁷ pergunta: “O que é Santidade?” No versículo 20, ele acha três respostas: 1) Mortificação: **Estou crucificado com Cristo** (cf. tb. 6.14; Rm 6.6,7; Hb 13.12,13); 2) Vitalização: **A vida que agora vivo... vivo-a pela fé** (cf. At 1.18); 3) Manifestação: **Cristo vive em mim**.

A próxima declaração está no típico estilo paulino, quando faz a transição em suas argumentações. **Porque, se a justiça provém da lei, segue-se que Cristo morreu debalde (21)**. Esta conclusão bem poderia servir de seu texto. Se o homem pode obter a justiça pelas obras da **lei**, então **Cristo morreu** em vão. Tendo concluído sua defesa da autoridade divina do seu evangelho, agora ele passa a tratar do assunto que o preocupava concernente às igrejas gálatas.

SEÇÃO III

ARGUMENTO — PELA FÉ E NÃO PELA LEI

Gálatas 3.1—5.12

A. A EXPERIÊNCIA DOS GÁLATAS, 3.1-5

Dizendo que os gálatas não têm juízo, Paulo pergunta quem os enfeitiçou, diante de cujos olhos o Cristo crucificado foi pintado publicamente. Só uma coisa ele quer saber: Eles receberam o Espírito pela obras da lei ou pela audição da fé? Eles presumiam completar na carne o que começaram no Espírito? Será que o que sofreram não serviu para nada?

Depois de defender sua mensagem pelo estabelecimento de sua autoridade divina, Paulo se dedica à tarefa de refutar as objeções dos seus oponentes. Começa mencionando a experiência de conversão dos gálatas. As palavras: **Ó insensatos** (*anoetoi*)¹ **gálatas** (1), expressam novamente o sentimento de surpresa e indignação de Paulo (cf. 1.6). Eles eram cegos à realidade espiritual. A única explicação plausível é que um mágico lançara um feitiço sobre eles: **Quem vos fascinou** (ou “enfeitiçou”, CH, NTLH, NVI)?² O que torna sua cegueira espiritual tão surpreendente é o fato de **Jesus Cristo** ter sido **representado** (*prographo*, “pintado publicamente”; cf. BAB, BJ) **perante os olhos** deles como pregado na cruz.³ Com a clareza da proclamação pública, Paulo expusera diante deles a verdade sobre **Jesus**. Esta visão do crucificado deveria tê-los salvado do olhar fascinante e mortal dos encantadores, mas não foi o que aconteceu.

Só quisera saber isto de vós (2). Não é fácil responder se sua mensagem — salvação pela fé sem as obras da lei — é verdadeira ou não. Tudo que era necessário era saber (lit., “descobrir”) uma coisa por experiência própria. **Recebestes o Espírito**^[4] **pelas obras da lei ou pela pregação da fé?** (2). Ele pede que olhem em seus corações para

lembrar o que lhes acontecera. Quando Paulo lhes levava o evangelho eles tinham recebido o **Espírito** e, obviamente, o conhecido. Agora a pergunta era: Como eles o receberam? As alternativas que Paulo propõe são as principais antíteses da epístola — as **obras da lei** (simbolizadas pela circuncisão) e a **pregação da fé**.

Paulo menciona outra vez as ações ininteligentes dos gálatas. **Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?** (3). A pergunta do versículo anterior é imediatamente respondida; eles receberam o Espírito Santo pela fé. Os oponentes de Paulo não tiveram sucesso ao argumentar que as obras da lei eram essenciais para o *começo* da vida cristã. Por isso, apelaram que a circuncisão era essencial para a *conclusão* da vida cristã. Paulo pergunta se o que começou no **Espírito** pode ser completado na **carne**.⁵ Será possível que a nova vida, que começa com o recebimento do **Espírito** de Deus, trabalhando no coração do homem, tenha seu cumprimento através de um rito legalista executado neste corpo? A resposta tem de ser *não*. Paulo conhecia um caminho melhor para a realização e perfeição do crente.

Este texto apresenta “A Santidade nos Gálatas” sob três aspectos: 1) A crucificação do eu carnal, 2.20; 2) O caminho para a perfeição, 3.2,3; 3) O fruto do Espírito, 5.22,23 (Ralph Earle).

Paulo recorre a outra experiência dos gálatas: **Será em vão que tendes padecido tanto?** (4). Como seus convertidos, eles devem ter sofrido em consequência da intensa perseguição que ele padeceu (cf. At 14). Por isso, pergunta se tudo o que sofreram foi em vão. Claro que teria sido, caso eles repudiassem o evangelho que instigara a perseguição. A expressão de Paulo: **Se é que isso também foi em vão** (4), reflete certa relutância em aceitar tal conclusão.

A pergunta do versículo 5 é similar à do versículo 2, com certas diferenças importantes. **Aquele, pois, que vos dá (“fornece”) o Espírito e que opera maravilhas entre vós o faz pelas obras da lei ou pela pregação da fé?** (5). Os participios presentes (**dá** e **opera**) indicam claramente que Paulo está se referindo à experiência dos gálatas. Com isso, ele admite relutantemente que eles ainda têm, pelo menos por enquanto, a vida espiritual. Qual era a opinião deles sobre o Deus que diariamente lhes dava o **Espírito** e, por esse **Espírito**, operava diariamente milagres? Estes ministérios são feitos **pelas obras da lei ou pela pregação da fé?** (5).

B. O EXEMPLO DE ABRAÃO, 3.6-9

A fé de Abraão lhe foi computada como justificação (Gn 15.6). Da mesma forma hoje, os homens da fé são os verdadeiros filhos de Abraão. Esta verdade foi prevista nas Escrituras quando Deus prometeu abençoar todos os gentios em Abraão (cf. Gn 12.3; 18.18).

Os gálatas viram por experiência própria que a salvação era pela fé e não pelas obras da lei. Paulo ratifica que isso também pode ser ilustrado pelo exemplo de Abraão. A natureza da argumentação vigente nos capítulos 3 e 4 mostra fortemente que o apóstolo está respondendo ao argumento que seus oponentes tinham feito antes, provavelmente baseado em Gênesis 12 a 17.⁶ Não há dúvida de que argumentavam que todo aquele que era incircunciso tinha quebrado o concerto e estava cortado do povo de Deus (cf. Gn 17.14). Deste mesmo contexto (Gn 12—17), Paulo chama atenção a um versículo impor-

tante que, obviamente, eles ignoraram. **Abraão... creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça** (6). Esta é citação direta da Septuaginta de Gênesis 15.6. Quando Deus prometeu a **Abraão** que dele faria uma grande nação (Gn 12.3), com descendentes tão numerosos quanto as estrelas dos céus (Gn 15.5), **Abraão** “teve fé em” **Deus** (Gn 15.6), embora esta promessa fosse uma impossibilidade humana (cf. Rm 4.17-22). Sua fé foi a base do concerto que ele fez com Deus (cf. Gn 15.8; 17.2), e esta fé **lhe foi imputada⁸ como justiça**.⁹ A circuncisão foi adicionada depois como selo do concerto (Gn 17.10-14). A observação importante que Paulo quer fazer é que a base para que **Abraão** fosse aceito por Deus foi a fé e não a circuncisão.

A partir desta referência do Antigo Testamento, Paulo tira uma surpreendente conclusão: **Sabei, pois, que os que são da fé são filhos de Abraão** (7). Os judeus argumentavam que a relação privilegiada de ser “filhos¹⁰ de Abraão”¹¹ requeria o selo da circuncisão e, assim, não podia ser reivindicada por quem fosse incircunciso. Paulo rejeitou este pensamento, argumentando que, se a base da aceitação de **Abraão** com Deus foi sua **fé**, então os homens da fé são hoje os verdadeiros **filhos de Abraão** — sem a circuncisão.¹² Temos aqui uma diferença importante. A relação significativa com **Abraão** não é racial,¹³ pela circuncisão externa, mas ética, com base na **fé** interior.

Indo mais adiante, Paulo sugere que esta relação de fé entre **Abraão** e seus “filhos” foi prevista na promessa feita por Deus: **Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti** (8). Paulo defende que a promessa de **Deus a Abraão — todas as nações serão benditas em ti** (cf. Gn 12.3; 18.18) — foi feita levando em conta a presciência divina de que um dia justificaria¹⁴ **pela fé os gentios**.¹⁵ **Deus** estava proclamando estas boas-novas de antemão a **Abraão**. Em resposta ao argumento dos judeus que diziam que as bênçãos de **Abraão** estavam restritas aos circuncidados, Paulo destacou o fato de que os **gentios** incircuncisos estavam sendo abençoados — estavam sendo justificados **pela fé**! Conclui, então, que foi com este fato em mente que **Deus**, pela presciência e planejamento, fez a promessa original a **Abraão**. Isto fundamenta sua argumentação de que os homens da **fé** são os verdadeiros filhos de **Abraão**.

Paulo resume o argumento assim: **De sorte que os que são da fé são benditos com o crente Abraão** (9). Esta verdade é a própria inferência¹⁶ da argumentação dos versículos anteriores. Aqueles que são homens de **fé** estão recebendo as bênçãos que **Abraão** recebeu como homem de **fé**. Devemos entender o adjetivo **crente** (*pistos*) em seu sentido ativo de “cheio de fé” (cf. “homem de fé”, CH, NVI) e não em seu significado passivo de “confiável” ou “de confiança”. É correta a tradução **crente**, embora não enfatize sua estreita relação com **os que são da fé** (cf. “Abraão, que teve fé”, BJ).

C. AS LIMITAÇÕES DA LEI, 3.10-24

1. A Lei traz Maldição e não Justificação (3.10-14)

As Escrituras destacam a limitação da lei (obras), ensinando que ela só pode trazer maldição. Mais adiante, a Bíblia declara nitidamente que o **justo viverá pela fé**. Cristo resgatou o homem desta maldição da lei e providenciou o método da fé tendo-se feito maldição ao ser pendurado na cruz.

Indicando as limitações da lei, Paulo prossegue em suas argumentações dizendo que a aceitação do homem a Deus está baseada na fé. Afastando-se dos exemplos específicos de Abraão e dos próprios gálatas, agora ele fala em termos mais gerais de **todos aqueles... que são das obras da lei**¹⁷ (10). O foco não está primariamente em cumprir ou guardar a lei, mas naqueles que são produtos **da lei**. Esta é a essência do legalismo, no qual o caráter surge da obediência aos estatutos da lei sob os quais a pessoa vive.¹⁸

Os legalistas deste tipo estão sob maldição, **porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las** (10). Por trás desta conclusão há a premissa subjacente de que ninguém pode guardar toda a lei. A passagem citada (Dt 27.26) é extraída de um resumo excessivamente amplo da lei e enfatiza que não se trata de uma série de regulamentos que podem ser facilmente observados. A lei, em seu sentido mais verdadeiro, atinge todos os aspectos da vida, até as atitudes e os motivos. Assim, transgressões não detectadas são reveladas à medida que o discernimento da pessoa se aprofunda. Por causa disto, o resultado inevitável é a condenação e não a justificação.

É essencial perceber que Paulo não aceita isto como a maneira que Deus planejou para lidar com os homens. Aqui, ele está refutando seus oponentes baseando-se na própria tese deles — que os homens são justificados pela lei. Mesmo no que advogam eles ficam condenados. Se o homem teima em se aproximar de Deus com base na lei (obras), a única consequência possível tem de ser a maldição e o julgamento de Deus.¹⁹

O método da lei não só encontra sua consequência lógica na maldição, mas as Escrituras claramente consideram fé, e não lei, a base de justificação. **E é evidente que, pela lei, ninguém será justificado diante de Deus, porque o justo viverá da fé.**

“Justificar” e “fazer justo” são traduções possíveis do mesmo verbo grego. Este termo — “justiça” (*dikaiosisynē*) — é um dos conceitos mais importantes no pensamento paulino. Mas as interpretações são numerosas e extensamente divergentes. Há pouca disputa que às vezes diga respeito — talvez primariamente — ao novo estado do crente, constituindo-se desta forma em termo *forense* que descreve o veredicto judicial divino de absolvição do pecador (cf., e.g., Rm 3.20,21; 4.3,5,6; 5.1,9,17; Gl 2.16,17,21; 3.6,8,24). Também é usado muitas vezes como termo *ético* que se relaciona à transformação moral gerada na vida do crente. O erro é insistir em um dos significados excluindo o outro. Em determinado contexto, um conceito predomina, mas o outro ainda existe em segundo plano. Em Romanos e Gálatas, onde lida com a controvérsia sobre a lei, Paulo enfatiza compreensivelmente o significado forense de justiça. Mas é errôneo supor — como muitos fazem — que esta nova relação é desprovida de significação moral e ética. O “homem de fé” não é apenas absolvido, mas o poder do pecado é interrompido em sua vida. Pelo visto, o significado ético de justiça está implícito em Romanos 6.13,16,18-20; 8.10, Efésios 6.14 e Filipenses 1.11.

O apóstolo cita Habacuque 2.4 como apoio bíblico para o seu argumento de que os homens são justificados pela fé e não pela lei. A expressão **viverá** é acrescentada ao conceito básico de o homem ser justo pela fé.²⁰ Talvez isso signifique que a justificação em si é a nova vida, desta forma comparando-a com a regeneração; ou, como consequência da regeneração, refira-se à obtenção da vida eterna no céu como consequência da fé.²¹

O método da lei e o método da fé são opostos diretos: **Ora, a lei não é da fé** (12). Os dois métodos não podem ser combinados. Não há dúvida de que os oponentes de Paulo

quiseram acrescentar suas exigências legalistas à fé dos convertidos, tentativa que Paulo resistiu ferrenhamente. Uma vez mais Paulo cita o Antigo Testamento para apoiar sua insistência na total irreconciliabilidade da fé e da lei (obras): **Mas o homem que fizer estas coisas por elas viverá** (12; cf. Lv 18.5). Não há meio termo; o homem vive de um modo ou de outro.

Vemos, também, a antítese absoluta entre a fé e a lei no fato de que **Cristo nos resgatou da maldição da lei** (13). Se a lei, e sua conseqüente maldição (cf. 10), colocou o homem em escravidão que exigiu a morte de Cristo para prover livramento,²² ela nunca poderia ser um suplemento à fé, muito menos uma substituta. Este é o argumento de Paulo. Nos próximos versículos (3.25—5.1), ele descreve em várias figuras como Cristo resgatou os homens da escravidão do pecado e lhes dá a liberdade de filiação. Não está claro, porém, em que sentido Cristo foi feito **maldição por nós**²³ (13). Lógico que quando Cristo morreu “em favor”²⁴ dos pecadores, tomando sobre si as conseqüências dos pecados dos homens (cf. 2 Co 5.21), ele veio sob a maldição e condenação de Deus. Ainda mais, isto fala do método da sua morte sacrificial. Quando Cristo foi pendurado na cruz, ele se tornou **maldição** em favor dos perdidos, **porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro**²⁵ (13). Em certo sentido, é um jogo de palavras irônico. Quando Cristo morreu para libertar os homens da **maldição da lei**, a própria maneira da sua morte o colocou sob a **maldição da lei**.

Todos os esforços em definir a missão redentora de Cristo em termos que não *a obra que ele fez pelo homem* não leva a sério esta passagem — e muitas outras semelhantes nos escritos de Paulo (cf. Rm 5.6-11; 2 Co 5.21; Ef 2.15). E expiação de Jesus Cristo foi muito mais que exemplar, foi substitutiva. Ele proveu a salvação para todos os homens.

O propósito maior do ato redentor de Cristo apóia o argumento de Paulo. Ele morreu **para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios** (14). O método da lei só trouxe maldição, mas o método da fé por Jesus Cristo trouxe a bênção de Abraão para todos os homens.

O apóstolo já deixara claro (cf. 3.6-9) que a bênção de Abraão era a justificação pela fé. Outro resultado da redenção de Cristo foi **para que, pela fé, nós recebamos a promessa do Espírito** (14), ou seja, o Espírito Santo prometido. Este resultado enfatiza nitidamente as duas grandes verdades: 1) Todos os tesouros da vida cristã foram providos pela morte de Cristo na cruz; e 2) os pecadores possuirão esses tesouros *somente* pela fé. Julgamos que esta é a verdade para a justificação e o dom do Espírito Santo na total santificação. Todas as expressivas heresias que desafiaram a igreja cristã rejeitavam, ignoravam ou minimizavam estes dogmas fundamentais. O resultado, quer no século I ou no atual, é maldição e não salvação.

2. A Lei não pode Anular a Promessa Anterior (3.15-18)

A limitação da lei (obras) também se mostra no fato de que, com o passar de muitos anos, não pode anular o concerto da promessa que Deus ratificou para Abraão e sua descendência.

Para ilustrar que a lei não pode ser imposta ao crente como base para sua relação com Deus, Paulo se volta a um princípio bem-estabelecido nas relações humanas. **Irmãos, como homem falo** (15; ver comentários em 1.11). Seu argumento é que, se este princípio é evidente entre os homens, também deve ser aceito entre os homens e Deus.

Se o testamento de um homem for confirmado, ninguém o anula nem lhe acrescenta alguma coisa (15). A ilustração é clara. Assim que o **testamento** (“aliança”, ACF, RA; “contrato”, CH, NTLH) é ratificado, mesmo entre homens, não pode ser anulado ou ter acréscimos.

Tendo estabelecido este princípio, Paulo faz uma pausa parentética para enfatizar que **as promessas**^[26] **foram feitas a Abraão e à sua posteridade** (16; “ao seu descendente”, RA; cf. AEC). Ele tinha provado (3.6-9) que a base da relação de **Abraão** com Deus era a fé. Por isso, o “testamento” (15) que garantiu as bênçãos prometidas foi ratificado **a Abraão e à sua posteridade** nos termos da fé.

O entendimento natural é que a **posteridade** (gr. “semente”, NVI, nota de rodapé) de Abraão seria seus descendentes *espirituais* pela fé, particularmente levando em conta o argumento anterior (3.6-9) e o próximo (3.28,29). Mas a frase que vem a seguir não é necessária para o argumento; trata-se, obviamente, de uma reflexão tardia. **Não diz: E às posteridades, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua posteridade, que é Cristo** (16). Como é comum acontecer com reflexões tardias, a observação gera problemas.²⁷ É provável que Paulo esteja meramente enfatizando que todas as bênçãos de Deus para os homens estão centralizadas em Cristo. O apóstolo repetidamente ensinava que as promessas foram feitas aos homens de fé, os quais eram a semente espiritual de Abraão. Em todo caso, não nos esqueçamos de que Paulo está lidando com legalistas e que, aqui, ele estaria apenas usando seus próprios métodos técnicos e tediosos rabínicos para refutá-los.

Voltando ao argumento básico, Paulo aplica o princípio que ele estabeleceu: **Mas digo isto: que tendo sido o testamento anteriormente confirmado por Deus, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não o invalida, de forma a abolir a promessa** (17). A lei não pode anular o **testamento** (“aliança”, ACF, BAB, NTLH, NVI, RA; “contrato”, CH) que Deus previamente ratificara **quatrocentos e trinta anos**²⁸ antes. Fazer isso seria abolir a promessa de Deus feita a Abraão e à sua descendência — idéia inconcebível.

O apóstolo insiste em repetir que não pode haver acordo entre os dois princípios básicos — justificação pelas obras e justificação pela fé (cf. 12). **Se a herança**⁽²⁹⁾ **provém da lei, já não provém da promessa** (18). Não pode ser os dois — a lei posterior destruiria a promessa anterior. **Mas Deus, pela promessa, a deu gratuitamente a Abraão** (18). Não havia dúvida na mente de Paulo. A promessa era pela fé e a lei não tinha jurisdição.

3. A Verdadeira Função da Lei (3.19-24)

Levando em conta a depreciação de Paulo, seria compreensível alguém perguntar: **Logo, para que é a lei?** (19). Se ela só traz maldição e não pode anular a promessa anterior de Deus, qual é a sua importância? Qual é a sua verdadeira função? A resposta revela ainda mais as limitações da lei. **Foi ordenada por causa das transgressões** (19; cf. Rm 4.15). A inferioridade da lei, em comparação à fé, mostra-se no fato de que é um acréscimo — não no sentido de acrescentar algo à fé (cf. 15), mas por ter surgido em ponto posterior na história. Entrou na cena humana **por causa das** (lit., “em consideração às”) **transgressões**. Veremos a plena significação desta vontade nos versículos a seguir.

A lei era temporária, servindo apenas **até que viesse a posteridade** (“o descendente”, AEC, RA) **a quem a promessa tinha sido feita** (19). Como mencionado acima (16), a **posteridade** (gr. “semente”, NVI, nota de rodapé) de Abraão refere-se primariamente a Cristo e, por conseguinte, aos que estão em Cristo. Paulo não pôde deixar de destacar outra qualidade inferior da lei. De acordo com a forma de ensinamento rabínico, o apóstolo argumenta apoiando-se na premissa dos oponentes, quando observa que a lei **foi posta** (lit., “veio através do comando dos”; cf. AEC, BAB) **pelos anjos**. Também veio na (“pela”, AEC, BAB, BJ, CH, NVI, RA) **mão de um medianoiro**, Moisés, que estava entre Deus e os homens.

Vemos a significação destas observações no versículo que se segue: **Ora, o medianoiro não o é de um só, mas Deus é um** (20). Segundo notícias, já foram propostas 300 interpretações para explicar este versículo difícil! Pelo que deduzimos, o argumento de Paulo é que um mediador implica em relação indireta ou de segunda mão. A lei foi recebida desta maneira; ao passo que a promessa, em comparação, foi recebida diretamente de Deus.³⁰

O argumento devastador de Paulo levanta a questão importantíssima: **Logo, a lei é contra as promessas de Deus?** (21). Lógico que esta é a pergunta que seus oponentes fariam. A resposta é um indignado: **De nenhuma sorte** (*me genoito*: “É claro que não!”, NTLH; cf. 2.17). E destaca que sua depreciação da lei como método para a justiça origina-se do fato de que o homem, por suas obras, não consegue produzir resultados justos. **Se dada fosse uma lei que pudesse vivificar, a justiça, na verdade, teria sido pela lei** (21). O método da lei não pode dar vida. Se isso fosse possível, a justiça viria por ela e não pela fé.

Em vez de seu argumento jogar a lei contra as promessas, mostra qual é a verdadeira função das obras. A fé e as obras não estão intrinsecamente em conflito, mas quando entendidas de modo correto estão em esferas diferentes. O conflito surge quando a lei é usada para propósito contrário à intenção de Deus. A função que Deus quis para a lei acha-se no versículo 22: **Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado** (cf. Rm 3.9). A **Escritura** é referência a uma passagem específica, provavelmente Deuteronômio 27.26. Como o contexto deixa claro, esta é uma escritura relativa à lei. Visto que os homens têm de guardar toda a lei ou ser culpados, a lei **encerrou** (lit., “trancou”; cf. BAB) **tudo debaixo do pecado**. Repare nesta elucidação do significado: “Porém a Escritura declara que o mundo inteiro é prisioneiro em sujeição ao pecado, para que a fé em Jesus Cristo possa ser a base na qual a bênção prometida seja dada, e dada aos que têm essa fé” (22, NEB; cf. NTLH).

Ainda que Paulo visse o homem sob a escravidão do pecado, por causa do mau uso da lei, ele identificava um benefício positivo proveniente desta escravidão: **Para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes** (22). A lei, embora tivesse sido mal usada, ainda fornecia ação de posse. O próprio fato de a justiça não ser possível pela lei preparou o homem para a **promessa pela fé em Jesus Cristo**. A desilusão abriu caminho para a realização. O fracasso em achar salvação pela lei preparou o homem para a esperança dessa salvação em **Cristo**. Assim a lei cumpriu uma função vital. Nos versículos seguintes, Paulo explica esta função positiva em termos mais expressivos.

Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei (23). Em termos literais, a lei “guardava”³¹ os homens. Alguém poderia perguntar: Guardava de

quê? Historicamente, a lei guardava Israel dos terríveis excessos pecaminosos do paganismo, o que, indubitavelmente, era uma das principais preocupações dos oponentes de Paulo (cf. Introdução, “Propósito”). Os judeus conscienciosos, confrontados pelas exigências da lei, tinham um conhecimento do pecado. Embora este conhecimento até certo ponto não os impedisse de pecar, contudo os guardava do desregramento pagão. A lei era fonte constante de restrição moral pela culpa e condenação que fornecia.

Estávamos... encerrados^[32] para aquela fé que se havia de manifestar (23). A lei guardava o homem desta maneira dual: refreando-o dos excessos do paganismo e revelando a fé para que fosse a única verdadeira fonte de salvação.

Paulo descreve esta verdadeira função da lei usando uma figura ilustrativa que era amplamente compreendida na sociedade dos seus dias: **De maneira que a lei nos serviu de aio, para nos conduzir a Cristo (24).** O termo grego *paidagogos* (**aio**) significa “guarda” (cf. “guardiã”, BAB), “tutor” (CH, NVI) ou “guia” e referia-se ao “homem, na maioria das vezes escravo, cujo dever era levar e trazer da escola um menino ou moço e superintender sua conduta em geral; ele não era um ‘professor’ (apesar do significado atual do derivado ‘pedagogo’)”.³³ Paulo está descrevendo como a lei põe o homem sob uma escravidão como a de uma criança menor sob a supervisão de um criado-escravo. Nos próximos versículos, veremos que tal supervisão não é mais necessária ao homem de fé.

A observação importante neste ponto é que a lei, trancando o homem **debaixo do pecado e para a fé, exerceu** a função temporária de protegê-lo e prepará-lo para a vinda de Cristo. Ao contrário do argumento dos oponentes de Paulo, a lei não tinha função permanente, mas serviu apenas **para que, pela fé, fôssemos justificados (24).**

D. A FÉ EM CONTRASTE COM A LEI, 3.25—5.1

1. *Filhos versus Escravos* (3.25—4.11)

Em seguida, Paulo ressalta o fato de que os gálatas já não eram escravos, mas filhos de Deus por Cristo Jesus. Nesta relação, as frustrantes distinções terrenas extinguíram-se e os gálatas eram herdeiros da promessa de Deus a Abraão. Contudo, até o herdeiro em sua infância não era melhor que um escravo, pois estava sob rígida supervisão. Como crianças, eles estiveram outrora escravizados pelos elementos do mundo. Mas Deus, por seu Filho Jesus, resgatou-os da escravidão da lei para que eles recebessem a filiação, fato confirmado no coração dos gálatas pelo clamor do Espírito divino: “Aba, Pai”. Como filhos de Deus, eram também herdeiros por meio de Cristo. Sendo assim, Paulo pergunta como eles, que tinham conhecido a Deus dessa maneira, podiam desejar ser escravizados de novo pela observância de “festas” e “jejuns”. Esta apostasia levou Paulo a temer que tudo o que ele fizera fora em vão.

a) *Filhos de Deus pela fé em Cristo* (3.25-29). Dando prosseguimento ao seu argumento de que a salvação é pela fé e não pela lei, Paulo descreve o incrível contraste que há entre os dois métodos. Contra a alegação de seus oponentes, ele insiste que estes dois métodos são mutuamente excludentes e não podem complementar ou suplementar um ao outro. Para ilustrar este fato, ele ressalta a dramática diferença entre filhos e escravos. **Mas, depois que veio a fé, já não estamos debaixo de aio (25).** A atitude de

Paulo para com a lei não se devia ao que ele fizera antes que Cristo viesse. O apóstolo rejeitou o método de salvação pelas obras, porque agora já não tinha função própria — fora suplantado. Depois que o método da **fé veio** através de Cristo,³⁴ os homens foram libertos da escravidão da lei.

A verdade gloriosa é que **todos** vós, cristãos, **sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus** (26). Aqui, Paulo passa do pronome da primeira pessoa impessoal *nós* para a segunda pessoa mais específica *vós*, a fim de aplicar mais diretamente o que ele tem a dizer aos gálatas. É como se ele tivesse dito: “Agora isto se aplica a vós!” Pela fé em Cristo, eles tinham se tornado **filhos**^[35] **de Deus**. Portanto, não deviam se permitir serem colocados debaixo da escravidão da lei, pois agora eles eram **filhos** e não escravos.

Embora a vinda da **fé** fosse um fato objetivo e histórico, ainda devia ser experimentada de modo subjetivo e individual. Isto acontecera na vida dos gálatas: **Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo** (27). Indubitavelmente, isto se refere ao rito iniciatório do batismo nas águas que estes primeiros cristãos consideravam como “a entrada formal e visível na vida cristã”.³⁶ A referência ao batismo devia-se provavelmente à semelhança com a circuncisão. Ambos eram ritos iniciatórios. Os judeus argumentavam que só a circuncisão abria a porta do favor de Deus. Paulo lembrou aos gálatas que eles tinham sido **batizados em Cristo** e, portanto, tinham se vestido **de Cristo**. Esta é figura paulina bem conhecida. A metáfora básica é vestir uma roupa nova que, embora peça distinta do homem, torna-se parte genuína dele.³⁷ A figura descreve a união do crente com Cristo, que é tão íntima e pessoal que ele vive e se move em **Cristo e Cristo** nele.

Aqui não há alusão ao método do batismo, como verificamos em Romanos 6.3,4.³⁸ As outras referências de Paulo ao rito batismal indicam fortemente que ele estava pensando em termos de imersão.³⁹ De muito maior significação é a questão da eficácia objetiva que a igreja primitiva associava ao batismo nas águas. O problema de Paulo em Corinto (cf. 1 Co 10) sugere que certas pessoas viam que, em certa medida, o batismo possuía as mesmas qualidades mágicas que havia nas religiões misteriosas gregas. Mesmo não levando isso em conta, a extensa relação da salvação com a fé mostra nitidamente que a fé, e não o batismo, era considerada o meio essencial de salvação. O incidente em Filipos espelha o padrão: Crer no Senhor Jesus Cristo e depois ser batizado (At 16.31-33). O batismo nas águas era considerado mais que sinal ou símbolo. Era inconcebível na igreja primitiva que um crente convertido à noite ficasse sem ser batizado — mesmo que fosse até amanhã de manhã (At 16.33).

Como é freqüente ocorrer em situações como esta, os extremos destroem a realidade central. O batismo nas águas deve ser exigido como testemunho da fé pessoal em Cristo e, talvez, para o indivíduo tornar-se membro da igreja, se formos seguir o exemplo da igreja primitiva. Insistir, porém, em um método exclusivo ou enfatizar o rito até que se torne “regeneração batismal” é não compreender o espírito do Novo Testamento.

Tendo descrito a unidade que o crente tem com Cristo, Paulo se afasta momentaneamente para considerar as implicações desta unidade. Não só o crente e seu Senhor foram unidos, mas todos os crentes foram unidos como um em Cristo. **Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus** (28). Paulo foi feliz na lista que fez das inerradicáveis

distinções sexuais, raciais e sociais. Isto mantém cristalinamente claro o fato de que o significado pretendido por Paulo é espiritual. A existência destas distinções terrenas continuará, mas desaparecem como obstáculos à comunhão no corpo de **Cristo**, e é sobre isso que ele está falando. Esta é a visão inspirada de Paulo da unidade existente **em Cristo**, porque Deus não faz acepção de pessoas. Não nos esqueçamos de que Paulo está lidando com a questão de posição preferencial com Deus. Na sociedade judaica, os judeus, os livres e os homens eram superiores; ao passo que os gentios, os escravos e as mulheres eram inferiores. Estas discriminações também se aplicavam à relação do indivíduo com Deus. Paulo argumenta que, à vista de Deus, todos são **um** e iguais quando eles se chegam a Deus com base na fé **em Cristo**.

Lógico que esta verdade não significa, nestes dias de crescente esclarecimento na área social e racial, que o crente pode se retirar à sua cidadela de unidade *espiritual* e ignorar suas responsabilidades como membro da sociedade. Temos aqui uma verdade dedutível: As pessoas, que são de valor igual aos olhos de Deus, não devem ser discriminadas por que professam ser seguidoras de Cristo.

Identificamos a implicação culminante da união do crente com Cristo no fato de: **Se sois de Cristo, então, sois descendência de Abraão e herdeiros conforme a promessa** (29). Os judaizantes procuravam arruinar o evangelho paulino afirmando que *somente pela lei* o indivíduo podia ser filho de **Abraão** e receber a conseqüente herança. Ao contrário, Paulo argumentara que os gálatas cristãos eram a verdadeira semente de **Abraão** pela fé e que, portanto, receberiam a **promessa** (ver comentários em 3.16). Por serem **de Cristo**, eram, por conseguinte, a **descendência** (“descendentes”, AEC, RA) e **herdeiros** de **Abraão** segundo a **promessa** de Deus a **Abraão**. Eram filhos, e este fato garantia o prospecto glorioso da herança.

b) *Exaltados de escravos para filhos* (4.1-7). Estes gálatas, sobre quem Paulo tinha acabado de dizer que eram filhos e herdeiros de Deus, precisavam ser lembrados do que acontecera em suas vidas. Como pano de fundo, Paulo alude a um costume bem conhecido concernente a menores de idade: **Digo, pois, que, todo o tempo em que o herdeiro é menino, em nada difere do servo** (“escravo”, AEC, BJ, NTLH, NVI, RA), **ainda que seja senhor de tudo. Mas está debaixo de tutores e curadores até ao tempo determinado pelo pai** (1,2). O “menor de idade”⁴⁰ (NVI) era colocado sob a supervisão de “guardiões”⁴¹ (BAB; cf. NVI) e “administradores”⁴² (BAB, NVI) até o **tempo** previamente estabelecido **pelo pai**. Em tal condição, o **menino**, mesmo que fosse **herdeiro** legítimo, não tinha mais liberdade que o escravo, embora fosse **senhor de tudo**, ou seja, fosse legalmente o dono da casa.

Esta ilustração indica a escravidão dos judeus debaixo da lei. O propósito primário era mostrar aos gálatas em que posição eles exatamente estavam — **assim também nós, quando éramos meninos** (3). Como comentado acima (3.26), as observações de Paulo tornaram-se notadamente pessoais aos gálatas. Embora aqui e no versículo 5 ele volte ao pronome mais impessoal **nós**, ele ainda está falando especificamente com seus convertidos na Galácia. O uso de identificação empática talvez servisse para enfatizar ou amenizar o golpe que viria. Eles também tinham sido “menores de idade”. Mas, por serem gentios, não tinham estado debaixo da lei, mas tinham sido **reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo** (3).

Desde os tempos dos pais apostólicos tem-se discutido⁴³ o significado da expressão paulina **os rudimentos** (*stoicheia*) **do mundo**. Levando em conta sua associação com a lei aqui em Gálatas⁴⁴ e a maneira na qual é usada nas outras únicas ocorrências no Novo Testamento,⁴⁵ torna-se claro que esta expressão se relaciona de alguma maneira com o pecado entre os gentios, da mesma forma que a lei se relaciona com o pecado entre os judeus. Muitos dos não-judeus buscavam a salvação por regras, regulamentos, jejuns, festas e dias santos. Estes bem poderiam ser os **rudimentos do mundo** que escravizavam os gálatas (cf. Cl 2.8-20), do mesmo modo que os judeus estavam em escravidão ao pecado pela fraqueza da lei.

Nos versículos 4 e 5, Paulo oferece uma descrição mais detalhada da memorável vinda de Cristo e da vinda da fé (cf. 3.19,23,25). Este evento ocorreu na **plenitude dos tempos** (4), querendo dizer no “tempo determinado pelo pai” (2). O mundo estava em estado de extraordinária prontidão para esta vinda. Quando as condições estavam adequadamente certas, Cristo veio. Esta é a fé da igreja concernente à sua vinda (cf. At 1.7; 1 Ts 5.1). **Deus enviou seu Filho** (4). Esta é uma etapa do milagre da encarnação — o Filho divino e preexistente foi “dado” ou enviado.⁴⁶ A outra etapa da encarnação é que este Filho, como bebê, nasceu **de mulher**. Jesus entrou no mundo pelo processo natural do nascimento. Como criança em casa judaica, ele nasceu **sob a lei**.

Cristo veio **para remir os que estavam debaixo da lei** (5; ver comentários em 3.13). O propósito da redenção de Cristo foi basicamente positivo. Os gálatas foram libertos da escravidão para receberem a **adoção de filhos**. O conceito de o homem ser filho de Deus não é exclusivo de Paulo (cf. 1 Jo 3.2), mas o recebimento dessa relação por adoção acha-se somente em seus escritos.⁴⁷ A ilustração da **adoção** ressalta o fato de que o convertido recebe bênçãos que ele não tivera o privilégio de desfrutar em sua posição anterior. Sempre em segundo plano no pensamento de Paulo está o fato de que os gálatas estiveram fora do concerto, mas agora, pela fé, são os verdadeiros herdeiros de Abraão. Esta ilustração é consistente com as ilustrações de “nascer” (cf. Jo 3.3-9; 1 Pe 1.23) e “ser vivificado” (cf. Ef 2.5). Todas descrevem a nova relação que o crente tem com Deus.

A vinda de Cristo era fato objetivo e histórico. Aconteceu para que os que estavam em escravidão pudessem ser livres e receber a filiação. Esta provisão, porém, deve ser personalizada na experiência pessoal do crente quando ele exercita a fé em Jesus Cristo. **E, porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho** (6; cf. Rm 8.14-17). A presença do **Espírito** de Deus no crente é a evidência de que ele é realmente filho de Deus. No coração do crente, o **Espírito do Filho de Deus** clama: **Aba,**⁽⁴⁸⁾ **Pai**. Este é o choro filial, de um filho amoroso, em reconhecimento de um Pai amoroso. Este é o único uso de *kardia* (“coração”) em Gálatas. É um termo empregado extensivamente no Novo Testamento para representar a vida interior do homem, e é a arena da atividade divina.

O elemento de testemunha pessoal do coração do crente pelo **Espírito de Deus**, tão competentemente enfatizado pelos Wesleys, é parte vital da experiência cristã. A salvação é pela fé, mas essa fé tem sua resposta.⁴⁹ É maravilhosa e gloriosamente pessoal, **Deus** acomodando em cada alma a manifestação de si mesmo que resulta no clamor: **Aba, Pai**.

Assim que já não és mais servo (“escravo”, AEC, BJ, NVI, RA), **mas filho** (7). O contraste é completo — entre um escravo em escravidão e um **filho** que é **herdeiro de**

Deus por Cristo (7; cf. Rm 8.14-17). O escravo recebe ordens, é subserviente e tem a obrigação de obedecer. O **filho** recebe do pai todos os tesouros que lhe foram providenciados. Aqui, Paulo fala especificamente da herança de Abraão. O propósito expresso deste argumento é provar aos gálatas que eles receberiam as bênçãos prometidas à semente de Abraão, se buscassem o método da fé e não se voltassem ao método da lei.

c) *Apostasia da filiação para a escravidão* (4.8-11). Após lembrar-lhes a relação que tinham com Deus na qualidade de filhos, Paulo se aprontou para levantar a questão importantíssima, referindo-se de novo ao estado em que viviam antes da conversão — **quando não conhecíeis a Deus** (8). Claro que naquele tempo eles não sabiam absolutamente nada da existência do verdadeiro **Deus**, sem falar em conhecê-lo experiencialmente. Neste estado de ignorância, eles serviam **aos que por natureza não são deuses** (8). Os judeus, povo monoteísta, recusavam-se a reconhecer a existência de outro deus senão Jeová. Reconheciam, porém, espíritos e poderes em certo nível subdivino. Paulo está declarando que os antigos ídolos pagãos dos gentios, pretendendo ser deuses, eram impostores. O fato importante é que os gálatas os tinham servido como se fossem verdadeiros **deuses**. Esta devoção religiosa só lhes trouxe escravidão.

Mas agora, conhecendo a Deus (9) indica que o estado em que se encontravam está em nítido contraste com o estado anterior à conversão. O desconhecimento anterior fora substituído por um conhecimento⁵⁰ experimental e pessoal do verdadeiro **Deus**. Para enfatizar que tal conhecimento era dependente de **Deus** e não deles, Paulo acrescenta: **Ou, antes, sendo conhecidos de Deus** (9).

Agora o apóstolo podia fazer a pergunta que ardia em seu coração: **Como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir?** (9). O uso do tempo presente⁵¹ indica que eles estavam no processo de retorno. O grito do coração de Paulo era: “Como podeis vós fazer isto?” Eles conheciam a escravidão que outrora fora a sina que tiveram. No lugar disso, eles encontraram a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Apesar das entusiásticas promessas dos judaizantes, submeter-se outra vez à lei era voltar aos **rudimentos** escravizadores (cf. 4.3), que eram **fracos e pobres**.⁵² Paulo achava incrível que pudessem desejar isso.⁵³

A parte específica da lei para a qual os gálatas estavam voltando era a observância de **dias, e meses, e tempos, e anos** (10). Estas eram marcações pertinentes às festas judaicas e dias de jejum. A probabilidade é que os judaizantes tinham iniciado o ataque por este lado e os gálatas já estavam cumprindo estas prescrições.⁵⁴ Tais atividades seriam bastante semelhantes aos “rudimentos do mundo” sob os quais eles previamente tinham estado em escravidão (cf. 4.3,9; Cl 2.20-23), sendo, desse modo, um ponto de atração especial.

Talvez os gálatas não percebessem para onde levava este caminho, mas o apóstolo percebia. Ele declara: **Receio de vós** (11), que é mais bem traduzido por “receio por vós” (AEC; cf. BV). Este é o verdadeiro coração de pastor, quando vê o rebanho descendo por um caminho perigoso. Ele teme pela segurança das ovelhas e o resultado do desvio. Mas há também outro elemento no medo de Paulo: **Receio... que haja eu trabalhado em vão para convosco** (11). Ele fora à Galácia a alto custo pessoal e trabalhara lá incondicionalmente. Agora ele teme que todo o trabalho fora em vão, como realmente seria se eles voltassem ao judaísmo.

2. *Pedido Pessoal* (4.12-20)

Afastando-se de sua linha de argumentação por um momento, Paulo faz um pedido aos convertidos gálatas. Ele pede que adotem uma atitude como a dele em relação à lei cerimonial judaica. O apóstolo lembra-lhes as circunstâncias sob as quais ele lhes apresentou o evangelho e o afeto com que foi recebido, embora estivesse em um estado doentio repulsivo e aflitivo. Chama a atenção à motivação do interesse dos seus oponentes em comparação com as suas “contrações de parto” por eles. Seu único desejo era que ele pudesse estar pessoalmente com eles, de forma a abrandar o tom do seu pedido.

Chamando os gálatas afetuosamente de **irmãos** (12), ele pede: **Rogo-vos**. O verbo é traduzido mais literalmente por “imploro-lhes” (CH). O apóstolo não estava mais argumentando; estava implorando. Seu pedido pessoal era: **Que sejais como eu, porque também eu sou como vós** (12). Esta é referência específica ao modo em que ele entendia a lei. Ele, judeu de nascimento, escolhera o método da fé. Eles, tendo aceitado a fé cristã uma vez, agora estavam prontos para recusá-la a favor do método da lei, que ele rejeitara.⁵⁵ Por isso, suplicá que eles sejam o que ele era.⁵⁶

Não resta dúvida de que o significado da observação ambígua: **Nenhum mal me fizestes** (12), era perfeitamente claro para os gálatas, mas foge ao entendimento do leitor moderno. Phillips a interpreta assim: “Não há nada pessoal contra vocês” (CH).

a) *Lembranças da recepção entre os gálatas* (4.13-16). O pensamento de ter trabalhado possivelmente em vão entre os gálatas fez o apóstolo lembrar o modo em que fora recepcionado por eles: **E vós sabeis que primeiro vos anunciei o evangelho estando em fraqueza da carne** (13). Esta é alusão ao fato de que a pregação de Paulo a eles foi ocasionada por sua doença. Ele foi lá ou permaneceu lá porque estava doente. A palavra **primeiro**⁵⁷ assinala que esta visita foi seu contato inicial com eles.

O que tornava isto tão importante ao pedido de Paulo foi o modo com que os gálatas reagiram a esta situação incomum: **E não rejeitastes, nem desprezastes isso que era uma tentação na minha carne**⁵⁸ (14). A enfermidade era tão repulsiva que constituía uma severa “provação”⁵⁹ (NVI) para eles.⁶⁰ A **tentação** era tratá-lo com menosprezo e desdém. Ao invés disso, eles o receberam **como um anjo de Deus, como Jesus Cristo mesmo** (14). A recepção fora acolhedora. Em vez de desprezá-lo, eles o receberam (lhe deram as boas-vindas) **como um anjo**⁽⁶¹⁾ **de Deus**.

Lembrando esse acolhimento bom e cordial, Paulo teria razão em perguntar: **Qual é, logo, a vossa bem-aventurança?** (15; “Que aconteceu com a alegria de vocês?”, NVI; cf. BAB, BJ). Onde está a disposição de espírito na qual eles tinham (lit.) “se abençoado”? A pergunta é retórica e dá a entender que a alegria acabara. Os gálatas receberam a ele e sua mensagem com alegria tão genuína, que Paulo poderia dar **testemunho de que, se possível fora**, eles arrancariam **os olhos** e os dariam para ele (15). É freqüente presumir por esta declaração que a doença de Paulo (cf. 13) era um problema ocular.⁶² Contudo, é alta a possibilidade de que esta seja mera ilustração vívida da disposição dos gálatas em fazer por ele tudo que fosse humanamente possível.⁶³ Paulo estava descrevendo a total abnegação dos gálatas na boa vontade em ajudá-lo.

Em vista disso, ele pergunta: **Fiz-me, acaso, vosso inimigo, dizendo a verdade?** (16). Outrora considerado o amado anjo de Deus, por quem eles sacrificariam até os

próprios olhos, agora ele é um **inimigo** que, literalmente, os odeia. Não percamos de vista que esta é a opinião que os gálatas tinham de Paulo e não expressa os sentimentos do apóstolo. Ele sugere que eles tinham esta atitude, porque ele lhes dissera a **verdade**. Ele não fizera nada senão pregar o verdadeiro evangelho para eles — a **verdade** testada no cadinho de sua própria experiência.

b) *Nem todo zelo religioso é de Deus* (4.17-20). Em contraste com sua veracidade franca, Paulo percebe que os judaizantes **têm zelo por vós** (“fazem tanto esforço para agradá-los”, NVI), mas **não como convém** (17). Os oponentes de Paulo estavam mesmo “profundamente preocupados” com os gálatas, mas não para o bem deles (cf. “mas a intenção deles não é boa”, NTLH; cf. BAB, CH). Esse interesse estava ligado a outra razão: **Querem excluir-vos** (17). O texto não mostra de que os judaizantes buscavam excluir os gálatas, mas estamos certos em inferir que eles não queriam que esses convertidos permanecessem sob a influência de Paulo. O propósito era **para que vós tenhais zelo por eles** (zelo “em favor deles”, RA). Os oponentes de Paulo empenhavam-se em separar de Paulo os gálatas convertidos e ligá-los a eles (cf. BJ, CH).

O apóstolo reconhece que **é bom ser zeloso, mas sempre do bem e não somente quando ele estava presente** com eles (18). Este é um versículo difícil de interpretar, mas considerando as declarações anteriores deduzimos que Paulo está dizendo que é bom os gálatas terem alguém que se preocupe com eles. Note esta paráfrase: “É uma coisa muito boa quando há pessoas atenciosas com vocês, movidas por boas intenções e de coração sincero, especialmente se não tiverem fazendo isso justamente quando eu me encontro entre vocês!” (18, BV; cf. CH).

Nos versículos 19 e 20, Paulo expressa a profundidade de sua preocupação pelos gálatas, em contraste com a preocupação superficial de seus oponentes. Trata-os afetuosamente por: **Meus filhinhos** (19). Esta é expressão paulina bem conhecida.⁶⁴ O apóstolo compara seu profundo interesse por eles a uma mulher em trabalho de parto — **por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós** (19). A linguagem revela vividamente como era grande sua preocupação. A figura faz soar sentimentos entranháveis no coração de toda mãe. Só um amor sublime assim proporciona tal envolvimento. O termo **formado** (*morphoo*) é particularmente revelador; expande a figura de “Cristo em vós” (Cl 1.27) ao embrião recém-formado no útero.⁶⁵ A palavra-chave é **de novo**. Esta era a segunda vez que Paulo passava por esta agonia de paternidade espiritual. A expressão indica a extensão da apostasia dos gálatas.

Esta súplica pessoal se encerra com um desejo: **Eu bem quisera, agora, estar presente convosco e mudar a minha voz** (20). Quando é que a presença da pessoa amada e preocupada é mais apreciada do que no parto? Este anelo revolvía o coração do apóstolo. Palavras escritas podem ser frias e até enganosas. Ele queria assegurar-lhes de seu interesse cheio de amor. Nada melhor que sua presença cumpriria esse desejo, mas claro que isso era impossível. No anseio de Paulo havia também o elemento de incerteza: **Porque estou perplexo a vosso respeito** (20). Esta dúvida era a intranquilidade de estar pasmo e confuso. Temos esta paráfrase: “Francamente, eu não sei o que fazer” (BV; cf. BJ, CH). Como pôde esta situação acontecer com seus amados gálatas?

3. *Liberdade versus Escravidão* (4.21—5.1)

Voltando ao seu argumento básico, o apóstolo usa uma alegoria ilustrativa baseada na história dos dois filhos de Abraão e suas respectivas mães. Ismael, nascido de uma escrava (Agar), segundo a carne, foi expulso por ter perseguido seu irmão. Isaque, nascido de uma mulher livre (Sara), pela promessa, tornou-se o herdeiro de tudo. Estas duas mães são simbólicas dos dois concertos. O velho concerto, que começou no monte Sinai e agora se centraliza em Jerusalém, está (como Agar) em escravidão com seus filhos. O novo concerto, proveniente da Jerusalém de cima, é (como Sara) a mãe dos filhos da promessa, que são livres. Até Isaías se alegrou e cantou sobre este novo dia (Is 54.1). Paulo exorta os convertidos gálatas a ficar firmes na liberdade à qual Cristo os libertou, não permitindo serem oprimidos outra vez com o jugo da escravidão.

a) *Os dois concertos* (4.21-26). De maneira abrupta — sem dúvida para ser enfático —, Paulo pergunta: **Dizei-me vós, os que quereis estar debaixo da lei: não ouvís vós a lei?** (21). A palavra **quereis** sugere que Paulo estava dividido pela dúvida e incerteza (cf. 20), oscilando entre a esperança e o quase desespero por eles. É impossível determinar até que ponto eles aceitaram a **lei**. Aqui, Paulo pensa no pior — que eles realmente quieram o método da **lei**. O apóstolo exige⁶⁶ que os gálatas ouçam o que a lei tem a dizer. Com isso, insinua que os judaizantes não lhes falaram tudo o que deviam saber. Agora ele vai ilustrar seu argumento servindo-se do registro da **lei**.

Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava e outro da livre (22). O conhecido episódio dos dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque (cf. Gn 16; 21), é de importância primária, porque a proposta central dos judaizantes estava relacionada com os gálatas serem a descendência e herdeiros de Abraão. Paulo diz: “Vamos examinar o registro!” Há uma diferença vital entre os dois moços: Ismael era o filho de uma **escrava**,⁶⁷ e Isaque era o filho de uma **livre**.

Paulo viu uma significação espiritual nessa diferença: **O que era da escrava nasceu segundo a carne, mas o que era da livre, por promessa** (23). Ismael nasceu por concepção física,⁶⁸ mas Isaque era o filho da **promessa**. Embora seu nascimento tenha sido de modo natural, a idade avançada de Abraão e Sara (mais a esterilidade vitalícia de Sara) tornou Isaque o filho do milagre prometido por Deus e recebido pela fé (cf. Hb 11.11,12).

Quando Paulo examina estes fatos da história judaica, conclui que são uma **alegoria** (24). Não é que ele esteja sugerindo que este é o significado original da Escritura. Trata-se de um significado espiritual legítimo que pode ser usado para ilustrar o argumento que ele estava apresentando.⁶⁹

Fazer argumentações alegóricas era bastante comum nessa época.⁷⁰ Como mencionado acima (3.16,20), Paulo usou métodos rabínicos em virtude do seu desejo de enfrentar seus oponentes no nível deles e por ter sido esta sua formação educacional. Dois pontos devem estar perfeitamente claros. O esboço das aplicações espirituais de maneira nenhuma insinua que Paulo duvidasse da verdade histórica do episódio, como é comum ocorrer hoje quando se nega a veracidade de um fato.⁷¹ Além disso, esta **alegoria** é mesmo uma ilustração já amplamente usada em defesa de um argumento apresentado. Tinha, então, uma função confirmatória.

Primeiramente, Paulo observa que **estes são os dois concertos**. (24). Nesta passagem, a flexão do verbo **ser** é mais bem entendida por “representam” ou “querem dizer”.

“As duas mulheres representam as duas alianças” (NTLH; cf. CH). Agar, que gerou seu filho na escravidão, é comparada ao velho concerto do monte Sinai, cujo resultado só poderia ser escravidão.⁷² Este é o contraste básico que Paulo quer fazer — entre a liberdade da fé e a escravidão da lei (obras).

A partir do versículo 25, o apóstolo passa a fazer a aplicação da alegoria com mais detalhes. **Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia.** Há certas dúvidas quanto ao texto grego correto.⁷³ Pelo visto, Paulo está dizendo que, na alegoria, **Agar** representa o monte **Sinai** na **Arábia**. **Agar** e o monte **Sinai** correspondem à **Jerusalém que agora existe** significa que estes dois simbolizam o sistema legal judaico dos dias de Paulo, cujo centro estava em Jerusalém. Ele conclui que Jerusalém está em escravidão à lei, **com seus filhos**, os judeus, da mesma maneira que estavam **Agar** e seu filho.

Em contrapartida, **a Jerusalém que é de cima é livre, a qual é mãe de todos nós** (26). **A mãe de todos nós** que somos livres — que vivemos pela fé — é a **Jerusalém... de cima**. A comunidade judaica (que vive pela lei) é filha da Jerusalém na Palestina, mas a comunidade cristã (que vive pela fé) é filha da **Jerusalém** eterna. Paulo pensa em termos do crente que vive hoje a vida celestial.⁷⁴

b) *A ação de graças pelo método da fé* (4.27,28). Paulo retrata a alegria e canção de Isaías concernentes ao dia do cumprimento: **Porque está escrito: Alegra-te, estéril, que não dás à luz, esforça-te e clama, tu que não estás de parto; porque os filhos da solitária são mais do que os da que tem marido** (27). Neste versículo (Is 54.1), o profeta prevê o dia em que a mulher **estéril** e **solitária** (no cativeiro babilônico) terá muitos mais filhos do que a mulher **que tem marido** (Judá antes do exílio). Esta visão gloriosa (cf. Is 52.7-12) nunca se cumpriu nos tempos do Antigo Testamento. Paulo entende que seu significado cumpre-se nos filhos espirituais que nascem na era cristã.

É o que ele declara especificamente no versículo 28: **Mas nós** (“vós”),⁷⁵ **irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque.** Neste ponto, Paulo retorna à alegoria. Estes gálatas, exatamente como Isaque, não nasceram meramente pelo modo natural, mas eram realmente os **filhos da promessa**.

c) *O conflito inerente entre a carne e a fé* (4.29-31). No versículo 29, o apóstolo destaca outro ponto de aplicação: **Mas, como, então, aquele que era gerado segundo a carne perseguia o que o era segundo o Espírito, assim é também, agora.** A referência histórica pode ser ao conflito entre os dois filhos,⁷⁶ ou à notória inimizade entre suas descendências. Com esta observação, Paulo mostra que mesmo em seus dias os que nasciam **segundo a carne** (ver comentários em 4.23) perseguiram os que nasciam **segundo o Espírito**.⁷⁷ Ele não dá os detalhes da perseguição (cf. 3.4; 1 Ts 2.15,16).

Voltando à alegoria, o apóstolo pergunta: **Que diz a Escritura?** (30). Embora a pergunta esteja no contexto da alegoria, este não é o uso típico que Paulo faz das Escrituras (cf. 4.27). Indica, porém, que Paulo aceitava totalmente a autoridade bíblica. Seus inimigos procuravam desacreditá-lo neste ponto.

A Bíblia, especialmente o Novo Testamento, é a *mensagem* de Deus para o homem — reconhecidamente recebida através de canal humano. Ela deve ser compreendida primeiramente no contexto da situação histórica específica que tornou pública sua existência. Questões como *por quê*, *quando* e *a quem* cada parte específica foi escrita são indis-

pensáveis. Mas o leitor tem de fazer mais que isso para a Bíblia cumprir o propósito de Deus. Ele deve buscar a aplicação da mensagem. Este é precisamente o milagre da Bíblia. Sua mensagem tem uma aplicação e cumprimento para o leitor que a torna única. A mensagem que dessa forma chega aos homens tem hoje o poder da autoridade divina; trata-se da mensagem de Deus para eles. Não pode ser rejeitada, ignorada ou modificada sem perda eterna para quem a tratar assim.

Prosseguindo com a alegoria, Paulo observa que a Escritura disse: **Lança fora a escrava e seu filho** (30). O apóstolo indica a inevitável conclusão de que a expulsão de Agar e Ismael, como representantes dos que vivem debaixo da lei, ressalta a rejeição de todos os filhos de Abraão segundo a carne.⁷⁸ Esta alegoria não é um quadro perfeito do antilegalismo de Paulo. Sua conclusão não está baseada somente numa alegoria; o apóstolo examinara meticulosamente o problema de todos os lados (cf. 3.10-24). Existe um motivo para a ação drástica descrita aqui: **Porque, de modo algum, o filho da escrava herdará com o filho da livre** (30). Não pode haver divisão de herança. Paulo está fazendo uma ilustração dramática do conflito irreconciliável entre a salvação pelas obras e a salvação pela fé. Os que são os verdadeiros filhos — pela fé — são os herdeiros de tudo (cf. 3.25—4.11).

Paulo conclui a alegoria declarando de forma concisa o ponto principal: **De maneira que, irmãos, somos⁽⁷⁹⁾ filhos não da escrava, mas da livre** (31). Ele estivera contrastando o método da fé e o método da lei. Sua conclusão é que não **somos filhos** da lei (escravos), mas **somos filhos** da fé (livres). A alegoria é uma ilustração confirmatória da verdade que, por argumentação, ele já provara convincentemente.

d) *A liberdade da fé* (5.1). Há diferença de opinião em relação ao relevante contexto de 5.1. O versículo resume o que vem antes, quer a alegoria imediata, quer todo o argumento dos capítulos 3 e 4, ou serve de transição essencial às exortações finais da epístola? Trataremos como *resumo final* do argumento que Paulo provou, ou seja, que a lei traz escravidão e a fé traz liberdade. Não há que duvidar que é “um epítome da argumentação de toda a carta”.⁸⁰

Paulo adverte os gálatas: **Estai, pois, firmes na liberdade com que Cristo nos libertou** (1). Usando o modo imperativo (ver Introdução), o apóstolo ordena: “Permaneçam firmes” (BJ; cf. NVI). Esta ordem podia ser dada como uma continuação natural do seu argumento. Eles deveriam permanecer firmes **na liberdade⁽⁸¹⁾ com que Cristo os libertou**.⁸² Não há dúvida de que se refere à liberdade da escravidão da lei (cf. 4.5,26,31). Esta liberdade era uma liberação do poder e domínio do pecado que os escravizara pela lei (cf. 3.19—4.11; Rm 7.7-25). A frase seguinte torna isso inconfundivelmente claro: **E não torneis a meter-vos debaixo do jugo da servidão** (1). Se os gálatas voltassem para a lei, como os judaizantes os exortavam a fazer, eles estariam a meter-se (lit., “carregar-se” ou “oprimir-se”), de novo,⁸³ **debaixo do jugo da servidão**. Este **jugo da servidão** significaria o fim da liberdade que desfrutavam em Cristo.

E. A CIRCUNCISÃO APARTA DE CRISTO, 5.2-12

Paulo conclui seus argumentos da epístola descrevendo as conseqüências inevitáveis, caso os gálatas se submetessem à lei. Ele cita a circuncisão pela primeira vez como

o ponto crucial do problema na Galácia. A aceitação desta exigência retira todos os benefícios de Cristo e coloca sobre os gálatas o fardo de toda a lei. Os que pecassem separar-se-iam de Cristo e cairiam da graça. Em contrapartida, os que vivessem pela fé teriam, pelo Espírito, a esperança da justiça. Na verdade, a circuncisão ou a incircuncisão não é o assunto da controvérsia com Paulo. O fator decisivo é a fé que opera pelo amor. Paulo pergunta quem destruíra a pista de corridas na qual eles estavam correndo tão bem. Esta ação não poderia ter sido obra de Cristo, que os chamara. Era um exemplo do modo como o mal se espalha: “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (5.9). O apóstolo expressa confiança de que os gálatas darão ouvidos a suas conclusões e preocupação e com o desejo de que seus perturbadores os deixassem e se unissem ao grupo dos vizinhos pagãos mutilados.

1. *O Aviso contra a Circuncisão (5.2-4)*

Paulo coloca neste resumo final de seus argumentos todo o poder de sua influência pessoal: **Eis que eu, Paulo, vos digo** (2). A consequência inevitável desta falsa doutrina é: **Se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará** (2; lit., “vos será inútil a vós”; cf. BJ, CH, NTLH, NVI). **Se vos deixardes** (subjuntivo presente) define claramente possibilidade futura. É indicação do estado dos gálatas convertidos. É óbvio que tinham adotado pelo menos algumas festas judaicas (cf. 4.9,10) e, no momento, estavam pretendendo submeter-se seriamente à circuncisão. Não há evidências de que os judaizantes, até esse momento, tivessem tentado impor outra parte da lei (e.g., as leis relativas aos alimentos).

Paulo adverte que se eles permitirem a circuncisão, perderão os benefícios da relação com Cristo. Lógico que os judaizantes haviam garantido aos gálatas que a fé cristã não seria afetada pela aceitação da lei representada pela circuncisão. Este ponto Paulo contestara repetidamente no argumento precedente.

E a consequência de tal ação não é só futilidade: **E, de novo, protesto a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei** (3). Paulo lhes dissera isso claramente antes (3.10), mas repete para ser enfático. O homem que aceita qualquer parte da lei — neste caso a circuncisão — é obrigado a guardar toda ela. É lógico que os oponentes de Paulo também não deixaram este ponto claro para os gálatas.

O que dissera repetidamente, Paulo declara outra vez em termos inconfundíveis: **Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça tendes caído** (4). Em forma capsular, esta é sua opinião sustentada ao longo de toda a sua argumentação. Todos os outros argumentos culminam neste ponto. Para os gálatas,⁸⁴ que procuram ser ou pensam que são justificados⁸⁵ pela lei, Paulo tem uma dura advertência. Com isso, Cristo não tem nada mais a fazer!⁸⁶ Além disso, eles perderam a graça de Deus.⁸⁷ Nos termos mais fortes possíveis, Paulo declarou as consequências de procurar ser justificados pela lei. Eles perderiam a graça de Deus, porque Cristo não teria mais nada a ver com eles. É importante perceber que esta perda ocorrera em virtude do fato de que eles abandonaram a graça de Deus e não porque Deus a tirara. Os dois métodos são absolutamente incompatíveis. A apostasia de voltar à lei é fatal (cf. Hb 10.26-31).

Havia na Galácia a possibilidade de apostasia. Os gálatas haviam experimentado a graça e, agora, afastavam-se de Deus. Desde os tempos do Novo Testamento não dá para compreender como “os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se

fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro” (Hb 6.4,5), podem voltar à antiga vida de pecado. Esta questão é tão crítica que certos estudiosos desenvolveram uma teologia que nega essa possibilidade. Dizem que todo aquele que volta permanentemente à vida de pecado é porque nunca encontrou a nova vida em Cristo, e todo aquele que encontra essa nova vida inevitavelmente voltará ao Pai e para casa. Outros, mais corajosos, insistem que, uma vez o homem se torna filho de Deus, suas escolhas e decisões não podem alterar esta nova relação. Mas nem a Bíblia nem a experiência humana fundamentam tal ensino.

Esta falsa teologia é formada na minimização do poder do adversário satânico do homem, e num equívoco grosseiro do poder de Deus. Uma das verdades mais sublimes da revelação do Novo Testamento é a autolimitação de Deus. Ele não transgredirá ou abusará da liberdade humana. Deus não salvará o homem contra a vontade deste, e não o manterá salvo contra sua vontade. Esta é a chave da graça sustentadora. Contanto que o homem deseje, queira e sirva Deus, ele está seguro. Mas quando o homem escolhe voltar à escravidão do pecado e a Satanás, o Deus Todo-poderoso respeita essa decisão.

2. A Justiça é pela Fé (5.5,6)

No versículo 5, Paulo apresenta o maior contraste possível da salvação pelas obras: **Porque nós, pelo espírito da fé, aguardamos a esperança da justiça.** O pronome **nós**, referindo-se a quem com ele não se afasta de Cristo, está em contraposição ao pronome “vós” do versículo anterior. Paulo enfatiza que ele, e os que o seguem, estão vivendo **pelo** (por meio do)⁸⁸ **Espírito**. Embora não esteja declarado, os que estão sob a lei vivem por meio da “carne”⁸⁹ — sua confiança está na carne e não no Espírito. Os homens de fé **aguardam** (lit., “esperam avidamente”) **a esperança da justiça** que lhes pertence **por fé** (“pela fé”, AEC, CH, NVI). Em outra carta, Paulo deixa claro que esta esperança é a ressurreição aguardada impacientemente junto com todas as coisas pertinentes à sua promessa.⁹⁰

O apóstolo usa a palavra **justiça** (*dikaiosisyne*) aqui nitidamente no conceito abrangente; inclui a **justiça** da justificação de Deus e a ética da vida transformada. O próximo versículo e a exortação ética intensiva que se segue indicam, sem dúvida, a ênfase no caráter moral bem como na posição forense.

Os oponentes de Paulo insistiam que a circuncisão era essencial aos convertidos gálatas, porque só isso tornava o indivíduo herdeiro de Abraão. No argumento precedente, isto fora terminantemente contestado. Agora o apóstolo poderia declarar que para o homem, **em Jesus Cristo, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma** (6). Isto não significa que não fazia diferença se o crente fosse circuncidado, pois seria acrescentar obras à fé. Tal procedimento repudiaria a fé do indivíduo. Antes, significava que este rito judaico não tinha valor para levar o homem a Cristo. Para a salvação, a incircuncisão não tinha valor algum. Semelhantes distinções deixavam de existir em Cristo. Os verdadeiros valores na opinião de Deus não eram materiais, raciais ou sociais, mas espirituais (cf. 1 Co 13.13; 2 Co 4.18). Isto era revolucionário. Muitos, mesmo na igreja cristã primitiva, não estavam convencidos e tinham medo desta posição (ver comentários em 2.7-10).

Mas Paulo não parou por aí. O que tinha valor — valor eterno — era a **fé que opera por caridade** (6; “pelo amor”, AEC, ACF, BAB, NVI, RA). Este versículo é,

provavelmente, a declaração simples mais abrangente e extensiva sobre a natureza da salvação do Novo Testamento que Paulo jamais fez. A salvação não é só fé. Tal afirmação é uma imitação burlesca sobre o pensamento do apóstolo (cf. Introdução). A verdadeira fé se expressa⁹¹ pelo amor. Esta é a primeira menção de Paulo nesta carta do termo importantíssimo “amor” (*agape*, **caridade**). Consta aqui provavelmente porque ele fora acusado de retirar da vida a dinâmica da conduta ética. Em vez de eliminar o centro nervoso moral, ele estava, na verdade, fornecendo-o. A fé se expressa em amor pelo poder do Espírito. Verificamos a concretização desta realidade em sua advertência final (5.13—6.10).

3. *Os Perigos da Heresia Gálata* (5.7-9)

Voltando para a situação na Galácia, Paulo escreve: **Corriéis bem; quem vos impediu, para que não obedecais à verdade?** (7). Usando uma de suas bem conhecidas metáforas da vida cristã, as competições atléticas (cf. 2.2; Rm 9.16; 1 Co 9.24-26), ele quer saber quem acabou com a corrida,⁹² quando eles estavam indo tão bem. O obstáculo específico foi ser inflexível⁹³ ou **não obedecer à verdade**. Paulo sabia muito bem qual era a resposta à sua pergunta retórica, mas quis deixar bem claro. **Esta persuasão não vem daquele que vos chamou** (8). O Deus que os chamara (cf. 1.6) não tinha parte nessa rejeição da fé e aceitação da lei. Em vez de ser Deus que os persuadira a dar o passo que deram, foram os judaizantes na Galácia que ameaçavam corromper toda a comunidade cristã.

No versículo 9, Paulo cita um provérbio que, incontestavelmente, era de conhecimento geral naqueles dias: **Um pouco de fermento leveda toda a massa**. No Novo Testamento, a levedura quase sempre representa o mal. O provérbio é equivalente a: “Uma laranja podre contamina todas as outras”. Onde quer que as pessoas se agrupem, uma minoria mal orientada e turbulenta pode influenciar o grupo todo. A liberdade de expressão é um direito precioso e inviolável, mas a cada momento as pessoas precisam distinguir entre intenção e comprovação. Nosso grande perigo é o mencionado por Jesus: “Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus” (Mt 22.29). E por que não aplicarmos o provérbio de modo positivo? Um pouco de fermento espiritual leveda toda a igreja, a comunidade, o país e o mundo. Ousaremos ter semelhante fé?

4. *A Confiança e Preocupação de Paulo* (5.10-12)

A próxima expressão do apóstolo se reporta aos versículos 7 e 8, onde ele já havia falado sobre a persuasão dos gálatas. Agora, acrescenta: **Confio de vós, no Senhor** (10). Ele também tinha uma persuasão.⁹⁴ Sua confiança era que estes convertidos não sentiriam **nenhuma outra coisa**. Paulo tinha certeza de que, quando recebessem a carta, eles não pensariam diferente dele. Esta é a expressão mais importante de toda a carta (ver comentários 4.11) sobre sua confiança no resultado satisfatório da controvérsia.

Em seguida, Paulo volta a falar dos que estavam perturbando os gálatas: **Aquele que vos inquieta, seja ele quem for, sofrerá a condenação** (10). Os oponentes de Paulo sofreriam as conseqüências trágicas que ele mostrara haver para quem assumisse o método da lei e não o método da fé. A frase **seja ele quem for** indica que: a) Paulo não conhecia seus adversários; ou b) Seus oponentes seriam julgados fossem eles quem fossem.

O versículo 11 dá a entender que os oponentes de Paulo tinham garantido aos gálatas que, sob certas circunstâncias, o próprio Paulo ainda aprovaria a circuncisão que eles defendiam. Em réplica, o apóstolo pergunta: **Irmãos, se prego ainda a circuncisão, por que sou, pois, perseguido?** (11). Claro que Paulo tinha pregado a circuncisão nos dias em que não era cristão. Havia observações que ele fez e episódios que aconteceram (cf. At 16.3; 1 Co 7.18) que dariam essa interpretação. O argumento que convenceria que ele já não estava pregando esta doutrina era o fato de que estava sendo perseguido por rejeitar a circuncisão.

O **escândalo**⁽⁹⁵⁾ da cruz, entre os judeus, era a negação da circuncisão. Se Paulo estivesse promovendo ou permitindo a circuncisão sob ameaça de perseguição, ele estaria acabando com o escândalo — **logo, o escândalo da cruz está aniquilado** (11). Tal idéia era inconcebível para o apóstolo.

Paulo estava tão profundamente perturbado pela intenção dos seus inimigos da Galácia que ele declara: **Eu quereria que fossem cortados aqueles que vos andam inquietando** (12). O apóstolo chegara ao ponto (incrível em se tratando de judeu) de considerar a circuncisão proposta para seus convertidos nada mais que mutilação física. Desesperado em sua grande preocupação, ele expressou o desejo que aqueles que insistiam na circuncisão fossem em frente e se submetessem à emasculação.⁹⁶

Este desejo encerra o argumento de Paulo de que a salvação é pela fé e não pela lei (obras). Junto com seu ensino semelhante em Romanos, isso se tornou o alicerce da importante doutrina da justificação pela fé. Esta verdade é central no protestantismo evangélico desde os dias de Lutero e da Reforma.

O restante da carta tem um tom inteiramente diferente, visto que Paulo passa a fazer advertências e não a apresentar argumentos.

SEÇÃO IV

EXORTAÇÃO — PELO ESPÍRITO E NÃO PELA CARNE

Gálatas 5.13—6.10

A. UMA NOVA ESCRAVIDÃO DE AMOR, 5.13-15

Neste trecho, Paulo declara concisamente a base para a conduta ética que ele está prestes a apresentar aos gálatas. A liberdade para a qual eles foram chamados não devia ser abusada como base de operações para a carne. Pelo contrário, eles tinham de servir uns aos outros como escravos do amor. A lei tem seu cumprimento em uma palavra, qual seja: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19.18). Mas se continuarem lutando entre si, como animais selvagens, eles se destruirão.

1. *A Natureza da Liberdade Cristã* (5.13)

Agora Paulo se dedica a uma nova tarefa.¹ Ele mostra as implicações morais da fé cristã. **Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade** (13). Este fato diz respeito à **liberdade** da lei e à conseqüente **liberdade** do pecado. Foi para essa **liberdade** que eles foram **chamados** por Deus. Paulo apresentara com esmero argumentos para mostrar que esta era parte indispensável da crença que encontraram em Cristo. É mais que natural que a insistência paulina nesta **liberdade** tenha levado seus oponentes a temer que ele destruísse o único bastião contra a maré da imoralidade pagã (cf. Introdução). Eles temiam que os gentios não tivessem uma restrição essencial, mas que entendessem erroneamente esta **liberdade**. O termo “somente” (KJV) não é usado para limitar o que fora declarado (“somente” **não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne**), mas para chamar atenção a algo importante.²

Para acalmar os temores desnecessários de seus inimigos e orientar seus convertidos adequadamente, Paulo os exorta a não usar **da liberdade para dar ocasião à carne** (13). Este comportamento, obviamente, seria um abuso da liberdade que têm na fé — mas o que significa exatamente? Como comentado acima (ver comentários em 5.1), a liberdade dos crentes resultou na libertação do domínio e poder compulsivo do pecado. Eles não são mais controlados pela carne pecadora — forçados a viver por ela! Contudo, o abuso dessa liberdade forneceria **ocasião** (“oportunidade”, CH)³ para o pecado recuperar o controle sobre eles (ver comentários em 5.16-25).

De modo típico, Paulo via a proteção contra tal abuso da liberdade, não negando a escravidão compulsiva do legalismo, mas aceitando uma nova escravidão voluntária de amor: **Servi-vos uns aos outros pela caridade** (13; “pelo amor”, ACF, AEC, BAB, RA). O verbo está no modo imperativo (cf. Introdução) e declarado em termos claros e positivos. Eles foram admoestados a escravizarem-se⁴ uns aos outros voluntariamente. Este é um paradoxo vital e esclarecedor! Eles eram livres, contudo, para permanecer livres, tinham de se escravizar novamente (cf. Rm 6.15-22; 1 Co 9.19). Esta é a preocupação constante de Paulo. Como você usa sua liberdade? Como você vive sua nova vida? (ver comentários em 2.20).

Esta nova escravidão era possível através do⁵ amor (*agape*). O contexto revela que a significação de *agape* é “claramente benevolência, desejo da felicidade dos outros, levando a esforços para o bem deles”.⁶ O homem em Cristo é “libertado para o amor”.⁷ Este conceito se harmoniza com o ensinamento⁸ consistente de Paulo. Quando acoplado com o versículo 15, fica claro que o abuso ameaçador da liberdade dos gálatas estava na área das relações pessoais.

Paulo negou veementemente que a rejeição das obras eliminasse a dinâmica para a conduta moral e ética; pelo contrário, promovia tal dinâmica. A verdadeira fé se expressa em amor. Vemos também esta verdade no fato importante de que *agape* não é mero sentimento humano; é o amor de Deus que foi derramado no coração do crente (cf. Rm 5.5). O *agape* é o fruto do Espírito. A verdadeira alternativa para a arregimentação do legalismo é a disciplina do espírito humano pela submissão à orientação do Espírito Santo.

Esta escravidão de amor quando relacionada aos seres humanos é o aspecto permanente da nova vida sob a direção do Espírito, que começou na “capitulação [do crente] a Cristo”.⁹ Em 1 Tessalonicenses 3.12,13, Paulo identifica claramente esse andar de amor com a santidade. À medida que o Senhor “faz” os crentes aumentar e abundar neste amor uns pelos outros e para com todas as pessoas, o resultado é o que o coração dos crentes se estabelece inocente em santidade (*hagiosune*).¹⁰

A preocupação de Paulo pelo uso certo da liberdade reflete uma das necessidades mais críticas da igreja de hoje. Como é freqüente as pessoas terem a nova vida em Cristo e a liberdade que dá, mas não viverem sob a direção do Espírito (ver comentários em 5.16-26)! Pelo contrário, permanecem na terra de ninguém, vivendo sob a direção do eu. Elas estão em constante perigo de abusar da liberdade e perder a nova vida. Como Paulo bem sabia, só há uma solução para este problema do pecado: Entrar voluntariamente em nova escravidão de amor pela crise da capitulação. Esta ação é o verdadeiro início da vida sob a direção do Espírito.

2. O Amor cumpre a Lei (5.14,15)

Como apoio ao imperativo surpreendente de “servir uns aos outros” como escravos em amor, Paulo declara que **toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (14). À primeira vista, esta declaração contradiz tudo que ele laboriosamente argumentara com referência às obras da justiça. Se a lei tinha somente uma função temporária que foi ab-rogada pela vinda de Cristo, então por que o crente deveria se preocupar em cumprir a lei?

Não há dúvida de que Paulo usa a palavra “lei” (*nomos*) de dois modos diferentes, mas não devemos interpretar esta constatação com o sentido de que o termo tenha significados intrinsecamente contraditórios. Em Romanos e Gálatas, onde Paulo está combatendo os judaizantes, ele usa o termo no sentido em que seus oponentes o usavam, qual seja, “um sistema legalista”. Quando Paulo usa a palavra desta maneira, que podemos dizer que é polêmica, precisamos entendê-la como esforço de obter salvação pelas boas obras — obras da justiça. O crente está morto para tais obras da lei (cf. Rm 7.4,6). Por outro lado, o que Paulo entendia da lei, em seu sentido básico como padrão divino, tem exigências obrigatórias para todos os homens. Estas exigências só podem ser satisfeitas ou cumpridas por Cristo (cf. Rm 8.4). O amor (*agape*) que Paulo exorta que os gálatas expressem não é humano; é o amor de Deus e o fruto do Espírito.

Assim, **toda**¹¹ a lei com todas as suas exigências cumprem-se através do amor de Deus (Cristo), conforme é expresso na vida do crente. Em muitas traduções, a palavra **se cumpre** é substituída por “se resume”.¹² A razão para isto é a passagem paralela em Romanos 13.9: “Se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume [*anakephalaioo*]: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Devemos observar que na passagem de Romanos o resumo diz respeito aos mandamentos, alguns dos quais Paulo acabara de relacionar, que estão “resumidos” no “grande mandamento”. Mesmo neste contexto (Rm 13.8-10), ele deixa claro que o amor é o cumprimento (*pleroo* e *pleroma*) da lei. Ainda que os mandamentos estejam *resumidos* no grande mandamento, a lei inteira **se cumpre** no amor. Isto significa que todas as exigências da lei de Deus são totalmente obedecidas através do amor. Está claro que o cristão não está isento das exigências da lei. Deus não pode favorecer os que fazem o que ele proíbe. Esta obediência não é o *meio* de obter salvação, mas o *resultado* do dom da graça de Deus — o Espírito Santo.

A expressão **numa... palavra** é reconhecida facilmente como citação de Levítico 19.18 (LXX), que Paulo usou em Romanos 13.9 e que Jesus aludiu como o segundo grande mandamento.¹³ Tiago a denomina de “lei real” (Tg 2.8). Não há melhor comentário sobre isso que Lucas 10.27-37, Romanos 12 a 15 e 1 Coríntios 13.

O Paulo invariavelmente prático aplica o princípio do amor ao que obviamente era o problema urgente na Galácia: **Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede não vos consumais também uns aos outros** (15). É lógico que os judaizantes não tinham convencido todos os convertidos de Paulo. O resultado foi discussão acalorada e dolorosa. Paulo descreve a cena como animais selvagens em combate mortal. A ordem e os tempos verbais dos termos usados caminham para um clímax: **mordeis, devorais e consumais** dão indicação da devastação completa e absoluta.¹⁴ Não há que duvidar que a cena feriu Paulo mais do que tudo: Ver seus convertidos amados destruindo-se mutuamente. Não há quadro mais triste em qualquer igreja em qualquer época. O único remédio adequado é o amor que faz a pessoa servir em vez de consumir seus semelhantes.

B. CONTRASTE ENTRE A VIDA NO ESPÍRITO E A VIDA NA CARNE, 5.16-26

1. A *Oposição entre Espírito e Carne* (5.16-18)

Nesta subdivisão, Paulo admoesta os crentes gálatas a andar no Espírito, para que os desejos da carne não venham a ser satisfeitos. Ele mostra que os desejos do Espírito e os desejos da carne se opõem diretamente um ao outro. Aquele que é conduzido pelo Espírito não está mais sob a lei que leva à escravidão da carne.

Como indicado no versículo 13, o serviço de amor ao qual os crentes gálatas foram admoestados a fazer não era mero afeto ou sentimento humano. Era amor divino. Para alcançar este tipo de amor era necessário viver numa relação vital com Deus, descrito neste contexto como viver pelo **Espírito**. Paulo dá um imperativo novo, mas relacionado: **Digo, porém: Andai em Espírito** (16). O verbo grego traduzido por **andai** (*peripateo*) é termo comum no Novo Testamento. Nos Evangelhos Sinóticos é usado exclusivamente em sentido literal; no Evangelho de João, Apocalipse e Atos tem geralmente o significado literal. Nos escritos de Paulo sempre é usado em sentido figurado, significando “viver” ou “portar-se”, “conduzir-se”. Para viver essa vida de amor, os gálatas têm de viver pelo¹⁵ Espírito. Neste contexto, **Espírito** (*pneuma*) não se refere ao espírito humano nem ao Espírito divino do ponto de vista independente um do outro, mas ao Espírito divino quando Ele habita o espírito humano. O homem interior do crente tem de estar sob a força motivadora e capacitadora do Espírito Santo. Isto está em contraste diametral com a vida anterior, que era motivada pelos desejos da carne.

Esta vida nova vivida permanentemente debaixo do Espírito é possibilitada pela apresentação da crise pessoal a Deus (ver comentários em 2.20). Antes de viver em tal relação, a pessoa tem de primeiro entrar nela. Esta é a dupla preocupação de Paulo.

O apóstolo preferiu declarar a consequência negativa do andar pelo Espírito: **E não cumprireis a concupiscência da carne** (16). Quando o homem de fé vive e anda pelo Espírito, duas coisas acontecem: a) A **concupiscência** (luxúria, “desejos”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI)¹⁶ **da carne** (pecaminosa, cf. BV) não se cumpre, ou seja, não é satisfeita.¹⁷ É porque o homem de fé não vive de acordo com a **carne**. Paulo descreve vividamente os desejos satisfeitos da **carne** como “as obras da carne” (19-21). b) A segunda coisa que acontece quando o crente anda pelo Espírito é o resultado positivo: A vida do crente produz o fruto do Espírito (começando com o amor). O contexto (15) indica que o problema imediato era a falta desta frutificação de amor entre os irmãos gálatas.

Como comprovação de sua declaração, Paulo enfatiza a oposição completa e total entre a carne e o Espírito. **Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne; e estes opõem-se um ao outro** (17). Esta forma verbal que Paulo usa foi traduzida com precisão: **A carne cobiça** (“deseja”; AEC, NVI; “anseia”, BAB) **contra o Espírito**. É comum este verbo ser compreendido e traduzido como substantivo, por exemplo: “Os desejos da carne são contra o Espírito”.¹⁸ Se, como ocorre freqüentemente, o verbo tem a força de substantivo, então é a mera descrição de dois modos de vida contraditórios. Este entendimento está em harmonia com a outra passagem importante, onde o Espírito é contrastado com a carne.¹⁹

Paulo usa o versículo 17 para fundamentar a declaração feita no versículo precedente.²⁰ Os desejos da carne não serão satisfeitos se o crente andar pelo Espírito, porque a vida pelo Espírito é totalmente oposta ao modo de vida pela carne. Os desejos da

carne não serão mais satisfeitos se o crente andar pelo Espírito, porque tais desejos representam dois modos de vida contrastantes: São totalmente antitéticos.

Este versículo, retirado do contexto, é usado para ensinar a “teoria das duas naturezas”, que afirma que o crente sempre está dividido entre duas forças igualmente poderosas. O resultado desta teoria é o crente viver duas vidas: servindo a Deus com sua natureza superior (ou nova natureza) e servindo ao pecado com a natureza inferior (ou velha natureza, *i.e.*, a carne). Esta bifurcação faz violência séria ao pensamento de Paulo. De maior importância, ignora o contexto; em vez de confirmar a declaração de Paulo, esta interpretação a contesta. Ignora o claro ensino paulino que diz que o poder da carne pecaminosa foi destruído pela cruz. A carne, como instrumento do pecado, foi erradicada (ver comentários em 5.24).²¹

Antes de Paulo fazer o contraste entre as “obras da carne” e o “fruto do Espírito”, ele adiciona uma observação importante: **Para que não façais o que quereis** (17). O texto grego não diz: “Por isso vocês não podem fazer o que vocês querem” (NTLH; cf. CH), mas **para que não façais o que quereis**.²² A oposição do Espírito à carne é tamanha que resulta²³ em proteção vital para o crente que anda pelo Espírito. Ele não precisa fazer o que ele por si mesmo faz.²⁴ Não é que ele seja incapaz de seguir os próprios desejos, mas que ele não tem o poder de segui-los quando são contrários à vontade de Deus. Isto significa que, quando o crente anda pelo Espírito, os desejos do Espírito substituem os desejos da carne.

Tendo definido o contraste, Paulo retorna ao tema, mas usa termos ligeiramente diferentes, antes de *descrever* o contraste. **Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei** (18). A expressão **guiados pelo Espírito** é paralela à expressão **andai em Espírito** (16).²⁵ Porém, o termo **guiados** enfatiza a submissão do crente ao Espírito. A frase **não estais debaixo da lei** é rememorativa de Romanos 6.14, onde, no meio de uma descrição vívida da libertação do pecado pela morte com Cristo, Paulo faz a mesma observação, acrescentando: “Mas [vós estais] debaixo da graça”. As alternativas rígidas estão constantemente na mente de Paulo. A vida debaixo do Espírito, com a vitória sobre a carne, está em antítese direta com a vida debaixo da lei, a qual estes convertidos estavam pensando em voltar.

Hoje, o crente em Cristo não enfrenta a mesma ameaça da escravidão à lei, mas é muito real a rígida alternativa entre viver debaixo do Espírito e viver debaixo do pecado. Viver debaixo do Espírito é a única proteção contra viver debaixo do pecado.

2. As Obras da Carne (5.19-21)

Vemos também o contraste entre o Espírito e a carne na manifestação das obras da carne. Depois de enumerá-las, Paulo exorta os crentes gálatas dizendo que quem faz tais coisas é excluído do Reino de Deus.

Quando o homem vive de acordo com as paixões e desejos da carne (cf. 5.16,17,24), certos resultados são inevitáveis. Paulo denomina estes resultados de **as obras da carne** (19),²⁶ expressão importante quando comparado ao “fruto” do Espírito. Essas **obras** são **manifestas** publicamente; são claramente reconhecíveis para que todos vejam o que realmente são.

a) *Imoralidade sexual* (5.19). As primeiras três **obras** dizem respeito à satisfação sexual, e sugerem um clímax de depravação. Paulo começa com esta área, por causa do

clima moral do mundo de seus dias. Toda forma imaginável de imoralidade era comum e abertamente praticada por governantes, nobres, filósofos, poetas, sacerdotes e adoradores, sem o sentimento de vergonha ou remorso. Era um modo de vida aceito.²⁷ Não admira que este fosse um problema com que Paulo tanto se preocupasse quando lidava com os convertidos que vinham do paganismo. Segundo ele, não há acordo nesta área; a imoralidade não pode ter lugar na vida cristã.

Prostituição é o significado básico do termo grego *porneia*, mas na verdade diz respeito a toda relação sexual ilícita.²⁸ Também inclui tendências antinaturais como incesto ou homossexualidade. **Impureza** (*akatharsia*) é a impureza moral, do corpo ou da mente, que é repulsiva a homens responsáveis e os separa de um Deus santo.²⁹ O termo **lascívia** (*aselgeia*) é de etimologia mais duvidosa, mas o uso de Paulo é claro ao relacioná-lo com a imoralidade.³⁰ Trata-se de conduta temerária, escárnio desavergonhado dos padrões de decência pública ou até respeito próprio sem levar em conta o direito dos outros.³¹ Barclay relaciona significativamente estes três termos: “*Porneia* indica pecado em área específica da vida: a área das relações sexuais; *akatharsia* indica profanação geral da personalidade inteira, manchando toda esfera da vida; *aselgeia* indica amor ao pecado tão despreocupado e tão audacioso que a pessoa deixa de se preocupar com o que Deus ou os homens pensam de suas ações”.³²

Para pessoas sensatas, a falta de firmeza moral que avassala nosso mundo é para nos deixar preocupados. A história revela que esta situação é o precursor certo de uma civilização em colapso. O sinal mais sério é quando educadores defendem o amor livre e a retirada de limites e inibições morais. O passo final é a aceitação disso pelos líderes religiosos e já há indícios dessa atitude!³³ A resposta cristã para nossos dias não é diferente da resposta nos tempos de Paulo; não é um legalismo morto, mas uma disciplina dinâmica pelo Espírito.

b) *Falsas doutrinas* (5.20ab). O segundo grupo de “obras” más se relaciona com práticas religiosas pagãs, que também se constituíam problema entre os convertidos de Paulo que vinham do paganismo. **Idolatria** (20, *eidololatria*)³⁴ é a adoração da imagem e do deus que ela representa. Nisto se acha o perigo sutil. Originalmente, nenhum ídolo foi feito para ser adorado. A imagem tinha o propósito de localização e visualização para tornar mais fácil adorar o deus do qual era representação.³⁵ O mal básico na idolatria é que a criação é adorada no lugar do Criador (cf. Rm 1.19-23). Neste sentido, “idolatria” é igualmente um problema em nossos dias, embora esteja revestido com requinte.³⁶ “Sempre que qualquer coisa no mundo passa a assumir o principal lugar em nosso coração, mente e propósito, então essa coisa tornou-se ídolo, pois usurpou o lugar que pertence a Deus.”³⁷

Não é coincidência que a idolatria esteja associada com imoralidade na mente de Paulo. A prostituição era elemento básico de muitas religiões pagãs. No Antigo Testamento, há um precedente claro para a condenação dos dois em associação entre si.³⁸

A prática de **feitiçarias** (*pharmakeia*) é o uso de bruxaria ou magia na religião. Originalmente, a palavra significava o uso de remédios, mas depois se voltou para fins maus (cf. veneno).³⁹ Este tipo de feitiçaria tornou-se meio de prática de magia mais ampla, que por superstição foi relacionada estreitamente com religião. Há muito que este problema infesta a igreja cristã. Em vez de ser eliminada, em alguns lugares quantidade escandalosa dessa prática de feitiçaria foi “cristianizada”.

c) *Relações humanas não-cristãs* (5.20c,21). As próximas oito “obras da carne” estão no centro da lista de maus hábitos. Todas estas oito obras têm a ver com relações interpessoais, condição que destaca o fato de ser de grande preocupação para Paulo.

Inimizades (20, excelente tradução de *echthrai*) era atitude de vida aceita e aprovada nos dias do apóstolo. Com inimizade franca entre grupos raciais e culturais (e.g., gregos *versus* bárbaros, judeus *versus* gentios), não é de admirar que estas atitudes caracterizassem as relações entre as pessoas. Tudo isto é contrário à moral cristã, e Paulo determina sua verdadeira origem. “A mente da carne é inimizade contra Deus” (Rm 8.7, lit.), e naturalmente resulta em inimizade contra os homens. Essas **inimizades** produzem **porfias** ou desinteligências (*eris*; “brigas”, CH, NTLH). Inimizade (*echthra*) é a atitude mental para com as pessoas; e briga (*eris*) é o resultado na vida real desse estado mental.⁴⁰ **Inimizades** e brigas têm uma inter-relação crucial que trabalha em ambas as direções. **Inimizades** resultam em “brigas”, e “brigas” causam **inimizades**. Paulo deixa claro que “brigas”, atitude tão característica no mundo pagão (cf. Rm 1.29), estavam diametralmente opostas à unidade que Deus planejou para a comunhão cristã. Por isso, condenou com veemência seu aparecimento na igreja.⁴¹ Este tópico foi tão importante que mais três termos são usados para tratar da mesma questão fundamental de elementos divisores no corpo de Cristo.

No Novo Testamento e na Septuaginta, o termo **emulações** (20, *zelos*) tem dois significados diferentes. Paulo o usa com o sentido de zelo, entusiasmo ou ardor na busca de uma causa ou tarefa.⁴² No grego secular, *zelos* descrevia uma virtude nobre (cf. 2 Co 11.2), fornecendo ímpeto para emular aquilo que era admirado nas realizações ou posses dos outros. Porém, tal concentração na felicidade dos outros pode se degenerar em ressentimento invejoso, tornando *zelos* semelhante à inveja (*phthanos*, 21). Assim, emulação (*zelos*) não é intrinsecamente mal. Quando a pessoa depara o sucesso e realizações dos outros, ela pode se inspirar e escalar novas alturas, ou se ressentir dessa felicidade com ciúme amargo. Este é o segundo significado da palavra grega *zelos* encontrada no Novo Testamento.⁴³ Significa “ciúme” com conotação má. O significado nesta passagem é, obviamente, “ciúme.”

Uma das “obras da carne” mais complexa é **ira** (20, *thymoi*). Na Septuaginta, tem “extensa gama de significados: ira humana e ira divina, ira diabólica e ira bestial, ira nobre e ira destrutiva”.⁴⁴ Paulo e outros escritores do Novo Testamento usam o termo primariamente com referência a homens.⁴⁵ Refletindo uma distinção encontrada no grego secular, *thymos* enfatiza os aspectos violentos e breves da ira, ou seja, “temperamento explosivo, ou raiva instantânea”; é diferente da ira mais crônica (*orge*). Na realidade, *thymos* é “raiva” que é verdadeira “loucura temporária”, refletindo hostilidade pecaminosa que é nitidamente um mecanismo de defesa da carne. Já se disse que uma personalidade sensata necessita de moderação, equilíbrio, mas não há dúvida de que raiva tem conotações boas e más.⁴⁶ Mas no Novo Testamento, o temperamento útil sempre é *orge* e nunca *thymos*. “O termo grego *thymos* é algo que deve ser banido da vida cristã. [...] O Novo Testamento é bastante claro em afirmar que semelhante exibição de temperamento é manifestação pecaminosa que o indivíduo ainda está no domínio de sua natureza inferior (carne).”⁴⁷

As próximas três “obras da carne” descrevem com mais detalhes as **porfias** (20, *eris*) analisadas acima, e são mais bem compreendidas em relação umas com as outras. A

palavra **pelejas** (20, *eritheiai*) é traduzida de muitas maneiras,⁴⁸ fato que espelha a incerteza sobre seu significado. Barclay conclui: “Nos escritos de Paulo, a palavra denota claramente espírito de ambição pessoal [cf. NTLH] e a rivalidade que resulta em partidarismo, o qual coloca o partido acima da igreja”.⁴⁹ A ambição pessoal egoísta é deplorável em posições de confiança e responsabilidade pública, mas não é menos que trágico na igreja.⁵⁰

De estreita relação estão as **dissensões** (20, *dichostasiai*), cuja tradução melhor é “divisões”. A rivalidade, motivada por egoísmo, só pode resultar em divisões que destroem a unidade da igreja. Aqui, Paulo não está falando de diferenças fundamentadas em crenças sinceras; ele está preocupado com divisões ocasionadas por motivos errados, cuja procedência é determinada à carne pecaminosa. Diferenças honestas não são incompatíveis com comunhão harmoniosa, porque parte vital da liberdade e do amor é o respeito pelas opiniões dos outros, mesmo quando estas conflitam com a nossa. Entretanto, convém que todo crente examine constantemente o coração para que preconceito não seja confundido com princípio e teimosia com dedicação.

O que é verdadeiro acerca de indivíduos também se aplica à igreja. Diferenças teológicas e eclesiásticas, fundamentadas em crenças, devem ser distinguidas de divisões motivadas por interesse congregacional. Quando a igreja ministra a uma sociedade separada por classe, partido e raça, ela é devidamente confrontada por: “Médico, cura-te a ti mesmo”!

Outro passo no caminho destrutivo da divisão é a **heresia** (*haireseis*). A transliteração *heresia* transmite mais da idéia de algo não ortodoxo do que o termo grego. A palavra original descreve basicamente um grupo que está unido pelas mesmas crenças ou conduta. Não tem intrinsecamente uma conotação ruim.⁵¹ Contudo, Paulo usa o termo com referência aos elementos divisores na igreja que se formaram em grupos ou seitas.⁵² Tais grupos exclusivos (ou panelinhas) fragmentaram a igreja e “uma igreja fragmentada não é igreja!”⁵³ É mais que natural que estes grupos exclusivos se considerassem certos e todos os outros errados. Paulo condenou semelhante sectarismo, tachando-o de “obras da carne”.

Inveja (*phthonos*, 21) é conceito totalmente ruim. Diferente de **emulações** (20, *zelos*), não há possibilidade de ser bom. A inveja produz ressentimento amargo e, na maioria das vezes, o esforço de privar os outros de sua felicidade e sucesso (cf. Rm 1.29; Fp 1.15).

Claramente refletida nestas “obras da carne”, que têm a ver com relações interpessoais, está a preocupação de Paulo com a unidade e harmonia da comunidade cristã. Ninguém vive, ou morre, em honra de si próprio. Pecado é uma espada de dois gumes, com os fios aguçados da responsabilidade pessoal e das conseqüências sociais. O maior mal proveniente da raiva, inimizade, ciúme, inveja e rivalidade é o que eles fazem à igreja. Estas atitudes carnavais pessoais produzem pelejas, divisões e grupos exclusivos.

Estes fatos falam da dificuldade da unidade superficial. Estes males não podem ser varridos para debaixo do tapete da transigência ou do fingimento. As pessoas que “vivem na carne” não podem “viver em unidade”. Há “um caminho ainda mais excelente”, para o qual Paulo volta a atenção momentaneamente.

Paulo encerra a lista das “obras da carne” com dois termos⁵⁴ cujos significados são totalmente óbvios: **bebedices** (*methai*) e **glutonarias** (*komai*). As Escrituras, e surpreendentemente o mundo dos dias de Paulo, reconheciam que a “embriaguez” (NVI) era vergonhosa e degradante. É lógico que não tem lugar na vida do cristão. Embora o termo

glutonarias fosse usado no grego secular com o significado simples de comemoração, no Novo Testamento descreve excessos que são mais bem descritos por devassidão e libertinagem. Tais ações contradiziam o testemunho cristão.

Esta lista, de modo algum, é conclusiva. E não era intenção de Paulo que fosse base de um exaustivo código cristão de regras. A frase **e coisas semelhantes** (21) mostra que o escritor visava uma lista que fosse, em princípio, representativa dos males resultantes da vida segundo a carne. É trágico, e amedrontador, perceber que estas “obras da carne” são, sem exceção, perversões do que é em si mesmo potencialmente bom. Originam-se de desejos legítimos satisfeitos ilegalmente. Portanto, sempre são possíveis armadilhas até para o homem de fé. Satanás é inimigo esperto e o pecado é enganoso. O cristão precisa examinar o coração e a vida sob a luz dos ensinamentos bíblicos e sob a orientação do Espírito.

É óbvio que Paulo exortara os gálatas em ocasião anterior (cf. 1.9; 4.13) sobre as consequências de tal vida. Ele os lembra desse fato e declara que esta carta é repetição da exortação — antes que o mal aconteça.⁵⁵ **Acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem^[56] tais coisas não herdarão o Reino de Deus** (21). O **Reino de Deus**, do qual o homem que vive pela carne será excluído, é a esperança cristã da vida eterna com Cristo aqui e no outro mundo. Esta é a “herança”⁵⁷ do crente, é a salvação em seu mais pleno sentido.

Paulo também enunciara repetidamente esta exortação solene para outras igrejas.⁵⁸ Os crentes não estão isentos da responsabilidade ética mais do que os judeus (cf. Rm 2). Havia obviamente um sério ponto de engano aqui que infelizmente permanece até hoje. Em vez de indiferença ética, o homem em Cristo tem pela primeira vez os recursos para viver como Deus quer que ele viva.

A razão para a objeção veemente de Paulo da volta dos gálatas à lei era que, na realidade, seria uma volta à carne. Fazer isso equivalia excluir-se de Cristo. Deus não tem padrão duplo, nem vê o crente por ângulo parcial, ignorando-lhe a conduta, mas aceita no lugar do crente a obra perfeita de Cristo. Todo homem que vive pela carne e, assim, produz suas obras é excluído do Reino de Deus (ver comentários em 5.4).

3. O Fruto do Espírito (5.22,23)

O contraste entre a carne e o Espírito atinge um clímax adequado quando Paulo faz a lista do **fruto do Espírito** (22). No âmago de sua exortação há o apelo para que o crente seja atraído pelo **fruto** ao mesmo tempo em que é repellido pelas “obras”. Embora Paulo aceitasse a opinião prevalecente na igreja primitiva, que dizia que a presença e atividade do **Espírito** eram evidenciadas pelos dons sobrenaturais,⁵⁹ ele reconhecia que estas não eram necessariamente prova de caráter moral. Por conseguinte, deu o mais sublime valor e destaque ao **fruto do Espírito**, que se relaciona diretamente às qualidades éticas e morais.⁶⁰

Dos versículos 22 e 23, Alexander Maclaren analisa “O Fruto do Espírito”. Ele mostra: 1) Os três elementos do caráter; 2) A unidade do fruto; 3) A cultura da árvore; 4) Este é o único fruto digno.

A escolha de Paulo do termo **fruto** é importante quando comparado com “obras”. “Uma obra é algo que o homem produz para si mesmo; um fruto é algo que é produzido por um poder que não é dele mesmo. O homem não pode *fazer* o fruto.”⁶¹ É freqüente a observação de que o fruto está no singular. Embora indique a unidade das virtudes cris-

tãs, não devemos dar muito foco a esse quesito, porque Paulo usa constantemente a forma singular quando o termo tem um significado figurativo.⁶²

a) *Amor* (5.22). Paulo está dizendo que estes produtos são resultado do Espírito divino *operando no* espírito humano. A lista do apóstolo começa necessariamente com *agape* (**caridade**; “amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA),⁶³ porque este é a maior de todas as virtudes (cf. 1 Co 13.13), é o manto que une tudo com perfeição (cf. Cl 3.14). O amor cristão é uma categoria abrangente e fonte exclusiva dos outros frutos, no mesmo sentido em que o tronco sustenta os galhos, ou o prisma quando reflete as cores da luz.⁶⁴ Considerados desta perspectiva, os frutos que se seguem são *amor em ação* e expressões descritivas do *agape* (ágape, amor, amor-caridade).

A palavra grega *agape* é um termo distintamente cristão, criado da necessidade de descrever adequadamente o evangelho da nova criatura.⁶⁵ Mais adiante, o termo *agape* é usado primariamente para se referir ao amor que os indivíduos têm, ou deveriam ter, uns pelos outros,⁶⁶ que é reflexo do amor de Deus por eles. Eles devem fixar seu padrão de acordo com o padrão do Senhor. A definição de Barclay é concisa e abrangente: “*Agape* é benevolência incontestável, boa vontade imbatível”.⁶⁷ Como tal, é uma preocupação compartilhada e uma identificação generosa com as necessidades dos outros. Esta preocupação abrange tudo, embora as pessoas que a recebem sejam indignas; resulta na transformação de quem é amado e de quem ama. *Agape* por vezes é mal-entendido e confundido com o conceito de amor aceito hoje em dia. Mas há uma diferença. Em vez de ser um sentimento impulsivo pelo qual a pessoa é levada, *agape* é a resposta da pessoa inteira envolvendo a vontade, o sentimento e o intelecto. Não é fraco e nocivamente permissivo, mas forte e disciplinado.

Talvez a melhor definição de *agape* seja o que ele faz e o que ele é.⁶⁸ Este tipo de amor tem de agir com generosidade e perdão expansivos. O amor cumpre a lei (14), proporcionando atmosfera que caracteriza e motiva a totalidade da vida cristã (cf. Ef 5.2). Ele habilita a verdade — que freqüentemente dói — para que seja falada como pedido e não como ofensa (cf. Ef 4.15). É o laço que une o corpo de Cristo (cf. Cl 2.2); evitando que a liberdade se transforme em licenciosidade (13) e edificando os membros do povo de Deus (cf. 1 Co 8.1; Ef 4.16), enquanto vivem juntos em paciência (cf. Ef 4.2; Rm 14.15).

Não surpreende a conclusão de Paulo de que *agape* deva ser a “busca”⁶⁹ do crente. Ele não deve se satisfazer com recompensa menor. Contudo, isto não é algo que parte dele próprio. Compreensivelmente, o “caminho ainda mais excelente” (cf. 1 Co 12.31) não é opção fácil. Talvez alguém pergunte: “Quem poderá, pois, salvar-se?” (Mc 10.27). A resposta não poderia ser mais apropriada: “Para os homens é impossível, mas não para Deus, porque para Deus todas as coisas são possíveis!” Pelo visto, este é o fato mais importante sobre *agape*. No uso cristão, veio a representar uma qualidade divina. Deus não só nos ama, Ele ama através de nós (13), “porquanto o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5). O amor é **o fruto do Espírito**.

b) *Alegria e paz* (5.22). Os próximos dois frutos do Espírito têm relação vital um com o outro. **Gozo** (*chara*) é a “alegria” (BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) ou felicidade que irradia da vida do crente — uma expressão externa de **paz** interior. Em si, a alegria é vista e conhecida pelos outros. Esta é a atmosfera do Novo Testamento.⁷⁰ O

cristão basicamente infeliz é uma contradição.⁷¹ O Reino de Deus é caracterizado por alegria (**gozo**), junto com justiça e **paz** (cf. Rm 14.17).

A forma comum de saudação no grego secular era “regozijai” (*chairein*). Ainda que isto não tenha significado mais específico que o moderno “Como vai?”, deve ter havido nova significação para os alegres homens de fé. Embora não seja saudação distintamente cristã, era usada de vez em quando no Novo Testamento.⁷² Barclay captura o espírito de tal saudação com: “Que a alegria esteja com você”.⁷³

A alegria acrescenta brilho a todas as virtudes cristãs, e ilumina toda experiência de vida, mas em nenhum momento brilha mais intensamente do que nas adversidades. Uma das primeiras lições que o novo crente deve aprender é que a alegria não depende das circunstâncias; pelo contrário, as provações são transformadas pela alegria. Não basta suportar ou até vencer as tribulações, pois sem alegria o triunfo está incompleto (cf. Cl 1.11). Não é surpresa que alegria e aflição estejam quase sempre juntas quando o homem de fé sofre alegremente por amor a Jesus.⁷⁴

Esta alegria cristã não é efervescência superficial, mas jorra de fontes profundas e interiores da vida cheia do Espírito. É um **fruto do Espírito**! A alegria é a manifestação externa da **paz** (*eirene*) interna. Esta paz não é mera ausência de dificuldade, ansiedade e preocupação. Trata-se de serenidade que é o resultado de viver numa relação certa com Deus, com os homens e consigo mesmo. Pela fé em Cristo, o homem encontra paz com Deus (cf. Rm 5.1), e esta nova relação se torna o fundamento para uma vida de paz nas outras duas dimensões.

Na saudação tipicamente cristã, havia paz: “Graça a vós e paz”.⁷⁵ Embora a **paz** seja dom do “Deus de paz”,⁷⁶ esta não deve ser mal-entendida. Não é questão de pouca monta viver em paz, sobretudo com certas pessoas! Paulo precisou exortar: “Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens” (Rm 12.18).⁷⁷ O crente tem de procurar o prêmio da **paz** (cf. 1 Pe 3.11; Hb 12.14), a qual só será encontrada quando ele andar pelo Espírito, porque a **paz é fruto** de uma vida cheia do **Espírito**.

c) *Longanimidade* (5.22). A “paciência” (*makrothumia*, BV, CH, NTLH, NVI) é seguramente o fruto que torna o homem semelhante a Deus. Como ocorre com outros termos, esta é característica de Deus; e do homem, segundo Deus quer que ele seja. Como Deus é paciente com os homens, então eles são pacientes nele, tanto quanto em relação a seus semelhantes; pois as circunstâncias e os acontecimentos estão nas mãos de Deus.⁷⁸

Esta virtude bíblica vital não deve ser confundida com mera disposição tranqüila, que permanece impassível diante de toda e qualquer perturbação. Tal modo de vida é mais uma característica nativa da personalidade do que uma qualidade do espírito. **Longanimidade** é exatamente o que a palavra sugere: ânimo longo, firmeza de ânimo, constância de ânimo, alguém que permanece animado por muito tempo sem se deixar abater. Sua essência primária é a perseverança (Desistir? Nunca!), suportando as pessoas e as circunstâncias. Como Deus é longânimo para conosco (cf. 1 Tm 1.12-16), assim devemos ser longânimos para com nossos semelhantes (Ef 4.2), nunca admitindo a derrota por mais que os homens sejam irracionais e difíceis (cf. 1 Ts 5.4). É este tipo de paciência que reflete verdadeiramente o amor cristão (*agape*; cf. 1 Co 13.4). Tal amor paciente não é nossa realização. É o trabalho de Deus no coração dos homens, pois é o **fruto do Espírito**.

d) *Benignidade* (5.22). Os crentes não devem ser longânimos em um ambiente de isolamento moral. O homem de fé deve expressar **benignidade** (*chrestotes*), talvez mais bem traduzida por “amabilidade” (NVI). No Novo Testamento, a bondade de Deus não é uma qualidade moral apavorante que repele o homem; trata-se de amabilidade acompanhada de paciência (Rm 2.4). Mas quando é imposta, com esta **benignidade** há a severidade (Rm 11.22). A amabilidade de Deus tem o propósito de levar ao arrependimento, de forma a poder expressar-se em perdão (cf. Rm 2.4). Vemos melhor esta amabilidade nos homens quando perdoamos os outros assim como Cristo nos perdoou (cf. Ef 4.32). Esta é a maior bondade que o homem pode ter, contudo, poucos são perdoadores por natureza. **É o fruto do Espírito.**

e) *Bondade* (5.22). O próximo fruto é **bondade** (*agathosyne*). Está estritamente ligada a **benignidade**; mas, da lista de Paulo, **bondade** é a que fornece a definição menos precisa. A conclusão de Barclay é que significa uma generosidade sincera que é imerecida, mais que uma justiça relutante ou até mesquinhamente conferida ainda que merecida e digna.⁷⁹ É certo que tal generosidade amplia o significado de “amabilidade que perdoa”, e é realmente **fruto do Espírito.**

f) *Fé* (5.22). A **fé** (*pistis*) é o fruto mais mal-entendido de todos. Esta é uma das raras ocasiões em que o termo grego é mais ambíguo que o equivalente em nosso idioma. Ao longo do Novo Testamento, *pistis* refere-se principalmente à ação do crente depender totalmente da obra de Cristo. O fruto do Espírito são virtudes *éticas* que lidam primariamente com as relações interpessoais.⁸⁰ Em poucos exemplos, o termo grego *pistis* tem o significado ético de “fidelidade”, que é obviamente como devemos entendê-lo aqui.⁸¹ Em si, descreve lealdade, probidade e confiança. Como se dá com **bondade**, o padrão humano da fidelidade é não menos que o próprio Deus (cf. Rm 3.3). Como Deus é fiel,⁸² assim seus mordomos devem ser (cf. 1 Co 4.2).

Fidelidade não diz respeito somente a manter-se fiel a Deus diante das provas e coações, mas também a ser leal ao próximo. O elogio de Paulo aos seus colaboradores fiéis (1 Co 4.17; Ef 6.21) e aos santos fiéis (Ef 1.1; Cl 1.2) certamente engloba tal confiança nas relações humanas. Muito corretamente, a fidelidade representa o nível mais alto de responsabilidade entre o marido e a mulher (cf. 1 Tm 3.11). “Não há igreja ou casamento que permaneça, a menos que esteja fundamentado na lealdade.”⁸³ É mais que virtude humana, é **fruto do Espírito!**

g) *Mansidão* (5.22). Este fruto é um dos mais difíceis de definir, principalmente porque é impossível traduzir *prautes* (**mansidão**) por um único termo em nosso idioma. Ser *manso* não tem a conotação de ser “desalentado, desanimado, mole, fraco ou destituído de energia ou força moral”. **Mansidão** é a combinação de força e suavidade.⁸⁴ “Quando temos *prautes*, tratamos todas as pessoas com cortesia perfeita, reprovamos sem rancor, argumentamos sem intolerância, enfrentamos a verdade sem ressentimento, iramos, mas não pecamos, somos gentis, mas não fracos.”⁸⁵

A **mansidão** tem de estar associada com a verdadeira humildade (cf. Mt 11.29; Cl 3.12), o contrário de orgulho e arrogância. Este é o melhor tipo de força, e inspira o enlevo de Deus. **Mansidão** é uma qualidade de Moisés (Nm 12.3), que de modo

magnífico harmonizou força e suavidade em seu difícil papel. O maior exemplo é aquele que era maior que Moisés, Jesus Cristo. **Mansidão** é a própria essência do caráter daquele que é capaz de limpar o Templo e perdoar uma infeliz adúltera. É este “jugo” que o discípulo é convidado a tomar sobre si (cf. Mt 11.19), pois é supremamente característico da semelhança com Cristo. O crente possui **mansidão** apenas como **fruto do Espírito**.

h) *Temperança* (5.22). O último fruto é **temperança** (*egkrateia*), mais bem traduzida por “autocontrole”. Embora este fruto descreva a coibição de todas as paixões e desejos do homem (1 Co 9.25), também tem a aplicação específica de ser sexualmente moderado (1 Co 7.9). Isto é compreensível no mundo daquela época, como também no nosso. A pureza moral era virtude distintamente cristã, e tende a sê-lo hoje. O propósito de Deus é que seus filhos vivam no mundo, mas permaneçam puros da depravação moral que há no mundo. Isto é possível quando o crente anda pelo Espírito, porque autocontrole é **fruto do Espírito**. Este autocontrole, ou melhor, controle do Espírito, atinge todas as áreas da vida cotidiana.

Com aparente toque de ironia, Paulo encerra sua lista com a observação de que **contra essas coisas não há lei** (23). Na melhor das hipóteses, esta é uma clássica indicação que serve para confirmar enfaticamente sua alegação de que toda a lei se cumpre no amor e em suas virtudes relacionadas. Sua análise do amor em ação retrata dramaticamente que este é o modo no qual a vontade de Deus para o homem se cumpre em sua total essência e espírito. Isto é igualmente verdadeiro neste nosso século. A vida de amor sob a disciplina do Espírito é a única alternativa adequada ao legalismo e à vida de autodestruição sem restrições.

A preocupação primária de Paulo pela unidade e harmonia da igreja tem seu cumprimento positivo aqui. Não há briga, divisão, seita, raiva, inimizade, ciúme ou inveja quando os homens vivem em paz uns com os outros, em amabilidade, generosidade, fidelidade e mansidão. A virtude exclusivamente cristã do autocontrole é a resposta não só à tríade da depravação moral (19), mas também à embriaguez e orgias.

É óbvio que semelhante vida está fora do poder e força dos homens; encontra-se apenas como fruto do Espírito. Mas essa vida ainda está disponível a todo aquele que verdadeiramente está em Cristo. Os males do mundo não exercem poder contra o crente cujo coração está totalmente capturado pelo Mestre. Ele vive num mundo diferente, no mundo do Espírito Santo!

Nos versículos 16 a 25, vemos “A Vida no Espírito”, centralizada na exortação: **Andai em Espírito**, 16. 1) Esta vida requer uma grande decisão religiosa; temos de fazer uma escolha entre uma vida guiada e capacitada pelo Espírito Santo ou uma vida guiada por nossos desejos carnis, 16,17,24,25; 2) A vida no Espírito nos protege dos males da imoralidade, heresia e ódio, 18-21; 3) O Espírito Santo em nossa vida alimenta o crescimento de todas as atitudes semelhantes a Cristo, 22,23 (A. F. Harper).

4. *Andar pelo Espírito* (5.24-26)

Nesta passagem, Paulo lembra aos gálatas que eles crucificaram a carne com suas tendências e desejos. Já que possuíam vida nova, deveriam viver sob a disciplina do Espírito. Essa situação impediria que surgissem entre eles vaidade e inveja.

Tendo feito nítida comparação entre o resultado de viver na carne e no Espírito, Paulo agora concentra sua atenção em **os que são de Cristo** (24).⁸⁶ O genitivo possessivo não deixa dúvida quanto ao pensamento de Paulo — aqueles que pertencem a Cristo. São os homens de fé, que estão em **Cristo Jesus**.

a) *A crucificação da carne* (5.24). Paulo deixa claro que aqueles que estão verdadeiramente em Cristo **crucificaram a carne**. Esta metáfora da crucificação tem significação vital para Paulo, e não é mera figura de linguagem. Descreve a identificação do crente, pela fé, com a morte de Cristo.⁸⁷ Como resultado direto disso, a carne deixa de ser instrumento do pecado, contra o qual o homem é indefeso e impotente. A cruz destrói o pecado na carne (cf. Rm 8.3). A carne já não é uma força irresistível ou compulsiva para o mal no homem. Paulo declara que o crente “não está na carne”, no sentido de ter de viver de acordo com a carne.

É de particular significação que a crucificação da carne tenha *acontecido* ao homem em Cristo — é experiência do passado; é fato. Esta observação de Paulo contesta a teologia que ensina que a carne permanece inalterada no crente. Que arremedo de evangelho, quando fazem da cruz nada mais que competidora do pecado, cujo destino é perder a competição! Tal idéia equivocada resulta em não dar a devida consideração à crucificação da carne. Jesus morreu, não para reconciliar os homens com o pecado, mas para libertá-los.

A maneira específica na qual o poder da carne é aniquilado pode ser vista nesta observação de Paulo em que ela foi crucificada **com suas paixões e concupiscências** (24). De fato, as **paixões** (tendências)⁸⁸ originais do homem e **concupiscências** (desejos) são moralmente neutras.⁸⁹ Seu caráter é determinado pela influência delas.⁹⁰ O mal dos desejos e tendências humanos surge quando estes impulsos neutros são satisfeitos de modo canal, ou seja, contrário à vontade de Deus.

Pela cruz, o homem foi liberto do poder da carne; ele já não vive pela carne. Isto não significa que suas tendências e desejos acabaram. Significa que ele já não tem satisfação e contentamento em viver contra a vontade de Deus. É neste sentido que a carne com suas tendências e desejos foram crucificados.

b) *A vida no Espírito* (5.25,26). Nós, crentes transformados, somos homens novos, livres e espirituais **se vivemos no Espírito** (25). Paulo toma por certo a premissa principal: O **Espírito** de Deus que habita no crente é essencial para a nova vida do homem de fé (cf. Rm 6.4; 8.9). Paulo descreve que o crente vive pelo⁹¹ **Espírito**. Paulo usa *pneuma* de maneira exclusiva, quase fundindo o divino e o humano em um conceito, que descreve o Espírito divino trabalhando pelo espírito humano (o novo homem interior).

O apóstolo declara a vida no **Espírito** no modo indicativo (ver Introdução), sendo também descrição da experiência *presente*. Ele usa o modo imperativo como base para um imperativo vigoroso:⁹² **Andemos também no Espírito**. Considerando que o homem de fé possui nova qualidade de existência, ele tem de viver ativamente pelo **Espírito**. Para dramatizar essa idéia, Paulo apresentou uma metáfora vívida, usando o verbo grego *stoicheo*, termo militar que significa “marchar”.⁹³ Esta figura descreve de modo pitoresco a nova dimensão da vida disciplinada vivida debaixo do **Espírito**.

A tese central de Paulo é que o modo de obter vitória não é negar ou rejeitar a tentação, pois esta ação só ocasiona um vazio moral. O apóstolo foi o único que original-

mente ressaltava a ação positiva. O crente que vive pelo Espírito anda sob disciplina. Ele está tão envolvido em seu novo afeto que as tentações da carne são fracas. O crente foge da velha escravidão ao pecado entrando em outra escravidão.

Mas Paulo não estava interessado primariamente em solucionar o problema do pecado — vencer a carne. Esta era apenas uma porta que se abria para um novo mundo maravilhoso: A vida nova e gloriosa no Espírito, que produz o fruto suculento descrito no versículo 22.

A ênfase de Paulo em Gálatas está em viver continuamente pelo Espírito — viver ou andar. Mas essa vida deve ter um início, o que requer uma capitulação vital da pessoa para Deus deflagrada por uma crise (cf. 2.20).

Paulo usa o subjuntivo exortativo para apresentar outro versículo fundamental: **Não sejamos cobiçosos de vanglórias, irritando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros** (26). O texto aponta para trás, fornecendo aplicação final à exortação de andar pelo Espírito. Isso impediria os crentes de tornarem-se⁹⁴ “vangloriosos” (BAB) — literalmente, gloriando-se em coisas que são de pouco valor. Burton sugere que os gálatas tinham o mesmo problema com a liberdade e a lei do amor que tinham os coríntios.⁹⁵ Paulo exortara os gálatas sobre o uso que faziam da liberdade como ocasião para a carne (13). A tônica do apóstolo no Espírito e seu fruto, sobretudo no amor, apóiam a tese de Burton.

Quando o indivíduo é vanglorioso (obviamente ambicioso em ficar à frente dos outros), sua tendência é provocar os outros à inveja. A harmonia da comunhão é interrompida.

Este versículo não só aponta para trás, para a exortação do apóstolo (25), mas também aponta para frente, servindo de introdução às aplicações práticas do amor com as quais Paulo encerra a carta.

No trecho entre 5.25 e 6.5, vemos “Modos de Andar” nas relações cristãs. 1) Não compare sua sorte com a dos outros, ou tente se promover à custa dos outros, 5.26; 2) Sempre procure ser compreensivo e perdoador, 6.1,3; 3) Ajude o próximo que está em necessidade, 6.2; 4) Seja autoconfiante sob a autoridade de Deus; evite a autopiedade; esquite-se da atitude que sugere que os outros lhe devem algo, 6.4,5 (A. F. Harper).

C. EXEMPLOS PRÁTICOS DE AMOR, 6.1-10

1. *Restaurando os Caídos* (6.1-5)

Paulo exorta os irmãos espirituais a restaurarem todo aquele que for vencido pelo pecado. Os irmãos devem empreender esta ação em espírito de mansidão, porque eles também estão sujeitos às tentações. Este compartilhamento de cargas cumpre a lei do amor de Cristo. Todo indivíduo deve procurar ter uma avaliação verdadeira sobre si mesmo, tendo passado no teste das exigências de Deus. Esta, e não as falhas dos outros, é a única base apropriada de alegria. Cada um é responsável por sua vida.

a) *Restauração em espírito de humildade* (6.1). A prova mais clara de que as pessoas vivem pelo Espírito é a presença de amor (*agape*), que se manifesta ativamente na comunidade cujos membros se importam uns com os outros. Uma expressão prática dessa realidade é a restauração daqueles que caíram. Paulo escreve: **Irmãos, se algum ho-**

mem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa (1). Não se trata de descobrir pecados na vida das pessoas; significa: se alguém é pego em pecado sem saber que estava em pecado. Deus não quer que haja essa situação; e não há necessidade dessa correção, se o crente se vale dos recursos que Paulo acabara de descrever.⁹⁶ Contudo, se ocorre a derrocada⁹⁷ espiritual, os que são **espirituais** (os que vivem pelo Espírito; cf. 1 Co 3.1) têm uma responsabilidade decisiva. Eles devem encaminhar **o tal**, ajudando-o em amor a corrigir o erro.⁹⁸ O tempo presente indica que esta correção é um processo e não um ato momentâneo. Nem sempre pode ser realizada, mas o crente tem de tentar. É uma responsabilidade delicada e difícil, a qual só pode ser cumprida **com espírito de mansidão**. Não há outra ocasião que esta atitude, que é combinação de força e suavidade, seja mais necessária que aqui; é o único espírito no qual a correção é possível. O objetivo é uma recuperação saudável. “A correção pode ser feita de modo a desencorajar completamente o indivíduo, levando-o à depressão e desespero; ou pode ser feita de modo a levantar o indivíduo com a determinação de torná-lo melhor e com a esperança de sair-se bem.”⁹⁹

Ao mesmo tempo, o homem espiritual tem em si motivo suficiente para ser manso: **Olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado**. Não significa só “pensar”, mas “prestar atenção” ou até “tomar nota” (cf. Rm 16.17). Paulo se dirige intencionalmente à consciência individual, **ti mesmo**.¹⁰⁰ Qualquer crente pode estar na condição de tentado ou sob prova.¹⁰¹ O verbo grego *peiradzo* (**tentado**) é usado pelo menos de dois modos diferentes no Novo Testamento. Descreve as condições que ocorrem inesperadamente com o homem, sobre as quais ele tem pouco controle. Nestas circunstâncias, a promessa é de vitória (cf. 1 Co 10.13). Outras vezes, como neste caso, o homem é responsável por estar na situação (cf. Mt 6.13; Lc 22.40,46; 1 Co 7.5). Em tais ocasiões, o crente se entregou pelo menos parcialmente à **tentação**, sendo praticamente equivalente a pecar. É exatamente o ponto que Paulo quer chegar. O apóstolo não está falando sobre a possibilidade de ser tentado ou provado, mas de pecar. Ao procurar corrigir quem caiu, é atitude saudável lembrar: “Eis-me aqui pela graça de Deus”.

b) *Prova de obediência aos mandamentos de Cristo* (6.2). Ajudar a restaurar o irmão caído é modo tangível de levar **as cargas uns dos outros** (2). O termo grego *bare* (**car-gas**) descreve uma carga pesada de qualquer tipo, mas aqui diz respeito especificamente a compartilhar o sofrimento e a vergonha daquele que fracassou espiritualmente. Faz parte do imperativo do amor, e obedecer este mandamento é cumprir **a lei de Cristo**. Paulo já dissera que o amor cumpre a lei; aqui ele acrescenta que esta é **a lei de Cristo**. É certo que o apóstolo se refere à lei conforme é interpretada por Cristo (ver comentários em 5.14).

Não há dúvida de que a maior prova do amor divino no mundo é quando um grupo de pessoas leva amorosamente **as cargas uns dos outros**, tomando parte no sofrimento como também no prazer (cf. Jo 13.35). Não há como falsificar este comportamento. Toda motivação meramente humana fracassa, sendo dissolvida pelos ácidos do ciúme e da desconfiança.

O verdadeiro amor deve ser recíproco; é a abertura do coração para dar e receber. Às vezes, é mais difícil receber amor que dar, sobretudo para aqueles cuja personalidade é naturalmente independente. Mas até esse tipo de temperamento tem de tornar-se ponto de disciplina espiritual. Não há outro modo de cumprir a lei de Cristo, exceto pelo compartilhamento do amor.

O sucesso de instituições e organizações como os Alcoólatras Anônimos demonstra a terapia do sofrimento compartilhado, quando quem ajuda e é ajudado acha a cura por dependência mútua. Ainda mais na comunhão cristã, o amor compartilhado mostra que é abençoadamente redentor.

c) *Atitudes que impedem a restauração* (6.3). Paulo adverte contra a idéia de **alguém** pensar **ser alguma coisa** (3). É perigosamente fácil o crente justificar-se quando vê o erro nos outros. Mas o crente que se consola ou se satisfaz comparando-se com pessoas que erraram acaba se identificando com aquele que **engana-se a si mesmo**. Não há indivíduo mais enganado do que quem se satisfaz consigo mesmo.

Este versículo não está ensinando que todos os homens não têm valor; que o homem não é **nada**, e quem pensa que é **alguma coisa** se engana. Não é esta a intenção de Paulo, como mostra claramente o versículo 4. Paulo está depreciando toda avaliação própria que esteja baseada em comparação com os outros, sobretudo com aqueles que caíram em pecado (cf. 2 Co 10.12).

d) *Responsabilidade pessoal* (6.4,5). **Prove cada um a sua própria obra** (4) significa: “Que cada pessoa examine ‘sua própria conduta’” (NTLH), ou a obra de Deus nele. Paulo não está contrastando as obras humanas e a graça divina, mas está se referindo ao que o homem pode demonstrar em sua própria vida. Ainda é “Deus [...] o que opera em vós” (Fp 2.13). A ênfase de Paulo está no que o homem vê em si mesmo e não no que ele vê nos outros.

Tendo provado a sua obra, então o crente **terá glória só em si mesmo** (5). O significado de **glória** (*kauchema*) não é jactância, ostentação, mas exultação ou até gratidão.¹⁰² Quando posto à prova e aprovado, o homem é legitimamente abençoado.

Esta linha de argumentação leva Paulo à realidade da responsabilidade individual: **Cada qual levará a sua própria carga** (5). O apóstolo passa das obrigações sociais do cristão (2) para a responsabilidade que cada pessoa tem por sua alma. A ênfase cristã está na interação da responsabilidade social e individual, e não em uma com exclusão da outra. Na comunhão cristã, as cargas são compartilhadas uns com os outros em amor, mas há certa carga¹⁰³ que é peculiar ao próprio homem.

2. *Fazendo o Bem para Todos* (6.6-10)

Conforme Paulo foi ensinado, o crente é obrigado a compartilhar os bens com seus mestres. Os homens não devem se enganar, pensando que podem fugir das conseqüências de suas escolhas. Não há como lograr Deus. O homem colhe o que semeia. Se semeou na carne, colhe corrupção; mas se semeou no Espírito, colhe vida eterna. Esta realidade motiva os que fazem o bem, pois a colheita da bondade virá, se eles não desistirem. Assim, sempre que houver oportunidade, o crente deve fazer o bem a todas as pessoas, particularmente aos membros da família da fé.

a) *O sustento dos mestres* (6.6). Vemos o amor cristão quando o crente se identifica atenciosamente com quem cai em pecado, e também quando compartilha mais extensamente na comunhão.¹⁰⁴ Este compartilhamento se manifesta na prática da relação do crente com o seu mestre: **O que é instruído na palavra reparta de todos os seus**

bens com aquele que o instrui (6). O verbo grego *koinoneo* (**reparta**) significa “compartilhar” ou “participar” como parceiro.¹⁰⁵ O homem de fé, tendo sido instruído no evangelho por seus mestres,¹⁰⁶ tinha a obrigação de compartilhar com eles **todos os seus bens**. A interpretação é que significa primariamente sustento material e financeiro.¹⁰⁷ Eles tinham de compartilhar as posses em troca do que haviam recebido (cf. Rm 15.27).

b) *A certeza da colheita* (6.7-10). No versículo 7, Paulo diz abruptamente: **Não erreis: Deus não se deixa escarnecer**. Evidentemente, os crentes que não sustentavam adequadamente seus mestres (6) pensavam que tal negligência era inconsequente e despercebida por Deus. Paulo lhes garante que tal ação não ludibria¹⁰⁸ Deus. Eles estão somente se enganando.

Deus escreveu uma lei na constituição do universo que pode ser verificada de mil maneiras: **Porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará**.¹⁰⁹ A natureza da colheita é determinada pela plantação. Já se disse que: “O homem é livre para escolher, mas não é livre para escolher as conseqüências do que escolhe”. É fato sensato que até o perdão divino não altera totalmente esta lei. Quantas e quantas vezes o filho de Deus se aflige pela colheita contínua de oportunidades perdidas, influências nocivas, decisões egoístas ou libertinagens de outrora!

Nos versículos 6 a 10, vemos algumas das “Leis da Colheita da Vida”. O pensamento chave é: **Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará**, 7: 1) É vantajoso o crente investir riqueza material em empreendimentos espirituais, 6; 2) Semear na carne significa decadência e morte, 8a; 3) Semear em Deus significa vida eterna, 8b; 4) Não deixe de fazer o que é bom — é desse lado que Deus está, 9,10 (A. F. Harper).

O princípio geral, meramente enunciado, tem ilustração específica. **Porque o que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção** (8). Embora Paulo refira-se ao mesmo contraste geral de carne e Espírito analisado no capítulo anterior (cf. 5.16-26),¹¹⁰ aqui ele modificou ligeiramente a ênfase pelo uso da metáfora da sementeira e colheita. Basicamente, ele está aludindo à colheita do tempo do fim conforme está relacionada com a sementeira vigente. Semear na carne significa viver pela carne, satisfazendo e cumprindo os desejos e tendências de modo não aprovado por Deus (ver comentários em 5.24). Semelhante vida só pode ocasionar a colheita final de **corrupção**. Além de **corrupção**, a palavra grega *phthoran* significa “ruína, destruição, desilusão, deterioração”.¹¹¹ Não haverá resultado de valor — somente perda total.

Entretanto, a certeza da colheita não se aplica somente ao mal! É igualmente verdadeira acerca do bem. O homem que **semeia no Espírito** é aquele que satisfaz seus desejos e tendências vivendo no Espírito. Ele ceifará a colheita gloriosa da vida eterna.

Paulo usa este princípio geral da certeza da colheita como meio de encorajamento: **E não nos cansemos de fazer o bem** (9). A expressão **fazer o bem** é tradução literal do original grego. Pelo contexto, diz respeito àqueles que restauram os caídos e ajudam a levar as cargas dos outros. De significação mais geral, é fazer o que sabemos que é certo, pouco importando o grau de dificuldade ou as exigências requeridas. No sentido mais amplo, é obedecermos a Deus e vivermos pelo Espírito. Todo aquele que assim faz não deve desanimar,¹¹² **porque a seu tempo ceifaremos**. A frase **a seu tempo** significa “no tempo próprio” (cf. Ec 3.1-8; 8.6).

Que fonte de bênçãos e encorajamento é esta promessa! A constituição do universo acha-se por trás dela. O Pai Celestial vê e sabe de tudo. Poucas coisas são mais difíceis que esperar, mas esta provação é transformada pela garantia da colheita.

Há apenas uma condição: **Se não houvermos desfalecido** (9). Significa desistir. Os homens fracassam, porque desistem e não porque são vencidos.

Então, enquanto temos tempo, façamos o bem a todos (10). Confiante de que a colheita virá, o crente é motivado a mostrar sua fé fazendo o **bem** no **tempo** certo.¹¹³ Há **tempo** de semear e **tempo** de colher (cf. Ec 3.2b). Esta condição por vezes é esquecida, mas as sementes semeadas antes ou depois da estação própria não produzem colheita abundante.

O apóstolo acrescenta uma observação final de destaque: **Principalmente aos domésticos da fé** (10). Este pormenor indica que a preocupação primária de Paulo aqui são as necessidades físicas e não as necessidades espirituais dos homens. Os cristãos têm a obrigação especial de ajudar os irmãos que estiverem passando por privação física e material, sobretudo se tal condição foi ocasionada por discriminação religiosa. É bem possível que Paulo tivesse em mente as necessidades materiais dos mestres itinerantes (cf. 6.6).

SEÇÃO V

CONCLUSÃO

Gálatas 6.11-18

A. PALAVRAS FINAIS, 6.11-17

Paulo encerra a epístola com letras grandes escritas de próprio punho. Ele comenta que seus oponentes queriam circuncidar os gálatas somente por causa de aparência exterior, a fim de darem a impressão de que são ortodoxos e fugirem da perseguição causada pela cruz. Até estes próprios judaizantes não guardavam a lei, ao mesmo tempo em que desejavam que os outros se submetessem ao rito da circuncisão para que eles tivessem a satisfação de se gloriar na carne circuncidada. Em contraste notável, Paulo recebe glória somente na cruz, na qual o mundo foi crucificado para ele e ele para o mundo. Nem a circuncisão nem incircuncisão têm valor algum, exceto ser nova criatura. Para aqueles que vivem por este padrão há paz e misericórdia, pois eles são o verdadeiro povo de Deus. Paulo solicita liberdade de mais aborrecimentos, porque o seu corpo trazia as marca de Cristo.

1. A Assinatura de Paulo (6.11)

Ao iniciar o encerramento da epístola, Paulo pegou a pena e escreveu: **Vede com que grandes letras vos escrevi por minha mão** (11). Não há absolutamente sugestão de que ele estivesse se referindo a uma carta longa. O apóstolo chama a atenção para as **letras** enormes que ele está usando para escrever as palavras finais: “Eu vou escrever estas palavras finais com a minha própria letra. Vejam como preciso fazer estas letras grandes!”. Esta ação tinha o propósito expresso de dar destaque ao escrever um resumo

final dos seus argumentos contra os oponentes, acrescentando uma acusação decisória. Seria comparável ao tipo negrito usado hoje em dia para destacar palavra ou frases em livros, com a autenticação adicional da assinatura do escritor.

2. A Acusação Franca (6.12,13)

O que Paulo insinuara cautelosamente (cf. 4.17,18; 5.11), agora declara abertamente: seus oponentes eram totalmente insinceros. **Todos os que querem mostrar boa aparência na carne, esses vos obrigam a circuncidar-vos, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo** (12). Eles exigiam que os gálatas se circuncidassem por motivos dissimulados. Deste modo, eles manteriam a boa posição que detinham na comunidade judaica à custa dos convertidos de Paulo. Ele classifica semelhante egoísmo como estar na carne. Nestas referências à circuncisão, é óbvio que a carne dos convertidos está no fundo da mente de Paulo, mas em ambos os exemplos o apóstolo usa “carne” em referência ao modo de vida, contra o qual ele os advertira. Phillips interpreta **boa aparência na carne** por “um rosto simpático para o mundo” (CH). **Para se gloriarem na vossa carne** (13) é interpretado por “para que eles possam se gabar de terem colocado o sinal da circuncisão no corpo de vocês.”

Ainda mais seriamente, os judaizantes são acusados de procurar fugir da perseguição ocasionada pela cruz, obrigando a circuncisão dos gálatas. Era este o único motivo, e indica claramente que eles eram cristãos judeus. A perseguição provinha dos colegas judeus, de quem esperavam compensação pelo sucesso em colocar os convertidos pagãos sob a lei judaica. Não há evidência de que tal ardil tenha dado certo; provavelmente fracassou.

A cruz não dá chance a acordos. Tem um estigma que requer aceitação (17). Quantas vezes, no decorrer dos séculos, os homens tentaram amenizá-la, mas não conseguiram! Ainda é a “rude cruz” que não pode ser camuflada ou falsificada.

A insinceridade dos judaizantes é mostrada nesta asserção, **Porque nem ainda esses mesmos que se circuncidam guardam a lei** (13). Esta tradução, dá a impressão de que se refere aos próprios judaizantes. Isto está de acordo com o que Paulo afirma retoricamente em Romanos 2.17-24. Contudo, o particípio presente, “sendo circuncidado”, indica que Paulo se referia aos convertidos por esses mestres.¹ Tendo feito convertidos, eles não exigiram que guardassem toda a lei (cf. 5.3), dando prova de que eles não eram motivados por zelo à lei, como indubitavelmente afirmavam. Pelo contrário, eles **querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne**. Aqui, **gloriar-se** (*kauchaomai*) é próximo do termo “ostentação”, mas ainda com o pensamento subjacente de “exultação” (ver comentários em 6.4).

Paulo fez a mais devastadora acusação, fundamentada obviamente em muitas evidências conhecidas pelos gálatas. Poucas atitudes são mais repulsivas. Respeitamos o oponente, pouco importando quão extrema seja sua posição, se sabemos que ele é sincero. Caso contrário, é difícil evitar o desprezo.

3. A Glória de Jesus Cristo (6.14-16)

Como é inspirador o contraste do versículo 14! **Mas longe esteja de mim gloriarme, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo**. Usando sua exclamação exclusiva, *me genoito* (**longe esteja de mim**; ver comentários em 2.17), Paulo confessa sua

repulsa em gloriar-se em qualquer coisa, exceto na cruz. A antítese direta aos seus oponentes é surpreendente. Do que eles procuravam fugir ao preço da insinceridade é a base única de exultação do apóstolo.²

Ele tem boa razão pelo que se gloriar, porque é a cruz **pela qual o mundo está crucificado para mim** (14). Foi a cruz que revolucionara toda a sua vida. Como comentado anteriormente (ver comentários em 5.24, nota 87), foi o homem interior que morreu com Cristo, mas em consequência disso, o **mundo** pode ser descrito como **crucificado** para ele. O **mundo** ao qual Paulo se refere não era uma vida de pecado desenfreado, mas era sua herança judaica, a circuncisão e a justiça farisaica. Este “mundo lhe era antigamente uma realidade viva, incomensurável e tremenda. No favorecimento do mundo pendiam todas as suas esperanças; o seu desfavor significava ruína. Por conseguinte, ele era servo e escravo do mundo, e o mundo era seu senhor absoluto, imperioso e cruel. Este serviço era escravidão degradante e sem esperança. Mas agora, pela morte de Cristo na cruz, essa escravidão acabou para sempre”.³

No sentido mais profundo, porém, a mudança ocorrera nele e não no **mundo**. Seu testemunho é: Eu fui crucificado **para o mundo**. Todo homem que não está em Cristo tem seu mundo, que é aquilo pelo qual ele vive, serve como escravo e, talvez, esteja disposto a morrer. Quando Cristo liberta a pessoa desta escravidão, aqueles que olham nunca a entendem totalmente. É porque eles não sabem a alegria que toma o interior daquele que pertence a Cristo. Não é maravilhoso que esta seja a única glória do crente?

Em seguida, Paulo repete sua convicção inequívoca (ver comentários em 5.6) de que, **em Cristo Jesus,**^[4] **nem a circuncisão nem a incircuncisão têm virtude alguma** (15). O orgulho dos judeus (a circuncisão) e dos gentios (a incircuncisão) não tem nenhum valor; este tipo de orgulho é totalmente inútil em termos de salvação. Só uma coisa tem valor: **Ser uma nova criatura**. Eis o maior milagre conhecido por nós — o milagre da “nova criação”.⁵ Pelo poder da cruz, Deus cria um novo homem.⁶

Como Paulo sempre deixa claro, o “novo homem” tem de viver e andar na vontade de Deus (cf. Cl 2.6). Este é o clímax de sua exortação (cf. 5.13-26; esp. v. 25). **A todos quantos andarem** (*stoicheo*, marcharem) **conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles** (16; ver comentários em 5.25). Neste caso, é viver de acordo com a “reta medida” (cf. 2 Co 10.13-16), que é pelo Espírito (cf. 5.25). Sobre todo o povo de Deus Paulo dá a bênção apostólica de **paz** (ver comentários em 1.3; 5.22) e **misericórdia** (cf. 1 Tm 1.2; 2 Tm 1.2).

A última frase do versículo 16 é incomum: **E sobre o Israel de Deus**. Há dúvidas quanto a quem se refere: só àqueles da herança judaica ou é um novo nome para a igreja cristã.⁷ A última opção é a mais provável, porque, levando em conta o contexto precedente, dificilmente se esperaria que Paulo separasse os cristãos judeus com uma bênção especial. Há provas de que, na era apostólica, “novo Israel” se tornou nome favorito para referir-se à igreja (ver comentários em 3.8; Rm 2.28,29; 9.6-8).

4. As Marcas do Senhor Jesus (6.17)

Tendo dito tudo que queria, Paulo finaliza suas argumentações, dizendo: **Desde agora, ninguém me inquiete** (17). O apóstolo se consumira a serviço de Cristo e, em essência, pede que no futuro ele seja poupado dos insultos e embaraços de que é alvo por seus oponentes. A justificação para o pedido é: **Trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus**. A figura alude à prática prevalecente de marcar os escravos com ferro

em brasa, identificando a quem pertenciam.⁸ Paulo freqüentemente se identificava como escravo de Jesus Cristo; era sua ilustração favorita. As feridas e cicatrizes da batalha (cf. 2 Co 11.23-33) eram seu distintivo; seu corpo estava indelevelmente gravado com **as marcas** (lit., “estigma”) **do Senhor Jesus**. Elas o marcavam como escravo em ação e não simplesmente em palavra; mas ele usava a identificação com alegria.

B. BÊNÇÃO APOSTÓLICA, 6.18

Só restava a despedida, a qual Paulo fez de modo tipicamente apostólico: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito**. Estas não são palavras gratuitas, mas são oração sincera. Ninguém sabia melhor que ele que eles precisavam dessa graça em cada momento da vida. Eles a possuiriam “no Espírito”. Com significação profunda, a palavra final de Paulo para estes a quem ele teve de tratar com severidade era **irmãos**.⁹ Embora usasse o termo muitas vezes, só aqui ele envolve uma bênção, dando garantia de seu amor intenso e permanente. Com o escritor, todos que lerem esta carta podem dizer: **Amém!**

Notas

INTRODUÇÃO

¹Cf. Ernest De Witt Burton, "The Epistle to the Galatians", *The International Critical Commentary*, editado por S. R. Driver, A. Plummer, G. A. Briggs (Edimburgo: T. & T. Clark, 1921), pp. lxx-lxxi.

²*Ib.*, p. lxxi.

³Cf. *ib.*, pp. xlv-lviii.

⁴Gl 4.13; cf. o argumento de Burton de que este versículo não prova conclusivamente duas visitas, mas as indica fortemente (*ib.*, p. xlv).

⁵At 18.11. A visita de retorno às igrejas na primeira viagem missionária não teria dado tempo para o desenvolvimento da apostasia (At 14.21-25).

⁶Cf. a análise detalhada que J. B. Lightfoot fez sobre a semelhança de conteúdo entre Gálatas e Romanos, como também com as cartas coríntias, em *Saint Paul's Epistle to the Galatians* (Londres: Macmillan & Company, 1892), pp. 45-56.

⁷Cf. a data da Epístola aos Romanos em William Sanday e Arthur C. Headlam, "The Epistle to the Romans", *The International Critical Commentary* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1920), pp. xxxvi-xxxvii.

⁸Gl 1.6. Cf. o argumento de Lightfoot que mostra que a subitaneidade da apostasia gálata não é significativa (*op. cit.*, pp. 41-43).

⁹Os antigos escritores clássicos gregos denominavam "celta" a primitiva civilização a oeste do rio Reno, mas durante os tempos do Novo Testamento, os gregos chamavam civilização "gálata" e os romanos, civilização "gaulesa". Os filólogos modernos preferem o termo "celta" (cf. Lightfoot, *op. cit.*, pp. 1-17, para inteirar-se de um resumo excelente desta civilização).

¹⁰Veja como Burton estipula os limites geográficos da região gálata: "Um território um tanto quanto ao norte e ao leste do centro, limitado ao norte pela Bitínia e Paflagônia, ao leste pelo Ponto, ao sul pela Capadócia e Licaônia e ao oeste pela Frígia, sendo cortado pelos rios Hális e Sangário" (*op. cit.*, p. xix).

¹¹Cf. Burton, *op. cit.*, p. xix.

¹²Burton designa que os limites geográficos da província romana da Galácia são o distrito descrito na nota 10 acima "e as porções adjacentes da Licaônia, Pisídia e Frígia" (*op. cit.*, p. xxi). Lightfoot sugere que a Isáuria também fazia parte da Galácia (*op. cit.*, p. 7).

¹³É particularmente significativo verificar que estes povos celtas possuísem imediato entendimento e uma mente impressionável a ponto de almejar ferrenhamente o conhecimento; mas também eram inconstantes, briguentos, traiçoeiros, instáveis e facilmente desanimados diante das dificuldades. Sua religião (anterior) era basicamente supersticiosa, passional e ritualista, com obediência servil à autoridade sacerdotal. Cf. em Lightfoot, *op. cit.*, pp. 14-17, o excelente resumo das características raciais dos celtas.

¹⁴Cf. o excelente sumário que Burton (*op. cit.*, pp. xxiv-xxv) fez da história da interpretação desta questão. É interessante observar que na igreja primitiva presumia-se que Paulo referia-se ao território norte dos migrantes celtas. A "Teoria da Galácia do Sul" foi proposta somente perto do fim do século XVIII.

¹⁵Burton argumenta que "frígia" é, provavelmente, um substantivo e não um adjetivo (*op. cit.*, p. xxxviii).

- ¹⁶Diferente de Lucas que não faz essa diferenciação das divisões políticas romanas, misturando-as (cf. Burton, *op. cit.*, pp. xxv-xxix).
- ¹⁷Burton declara que o povo da Licaônia não era menos cordial e volúvel que os celtas (*op. cit.*, p. xii).
- ¹⁸O Concílio de Jerusalém ocorreu provavelmente em 48 ou 49 d.C. (cf. At 15; Gl 2.1-10).
- ¹⁹William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957).

SEÇÃO I

- ¹Quando Paulo faz uma lista dos ofícios, ele coloca, em primeiro lugar, “apóstolo” (1 Co 12.28; Ef 4.11). Este fato indica que representava a autoridade mais alta (cf. Rm 12.4-8, onde não é citado o ofício de “apóstolo”). Para inteirar-se de um estudo completo acerca do título “apóstolo” no Novo Testamento e na igreja primitiva, ver Burton, *op. cit.*, pp. 365-381.
- ²Cf. Rm 1.1; 11.13; 1 Co 1.1; 2 Co 1.1; Ef 1.1; Cl 1.1; cf. tb. 1 Pe 1.1; 2 Pe 1.1.
- ³Na passagem de At 1.15-26, a escolha de um apóstolo enfatiza a identificação com o ministério terreno de Jesus e a instrumentalidade dos outros apóstolos na escolha.
- ⁴É isto que Paulo quer dizer por ser “chamado apóstolo” (1.1; 1 Co 1.1; cf. Rm 1.1) e ser apóstolo “pela vontade de Deus” (2 Co 1.1). Deus “põe” (1 Co 12.28) e “dá” este ofício (Ef 4.11).
- ⁵Cf. 1 Co 1.1; 2 Co 1.1; Fp 1.1; Cl 1.1.
- ⁶Cf. José, que foi salvo de sua aflição no Egito (At 7.10), e Pedro, que foi salvo da prisão (At 12.11).
- ⁷O modo verbal grego é o subjuntivo (1.4), denotando forte possibilidade.
- ⁸O verbo grego *metatithemi* (1.6, **passásseis**) está na voz média e transmite o significado de “mudar de opinião”, com a implicação de deserção ou apostasia.
- ⁹**Tão depressa** (1.6, *tacheos*) significa “rapidez de mudança” ou “brevidade de tempo” desde a conversão, sendo a última opção preferível em vista do contexto.
- ¹⁰Cf. quando Jesus prometeu “outro [*allos*] Consolador” — outro do mesmo tipo (Jo 14.16). Esta é a diferença aceita entre os termos *heteros* e *allos* (1.8; cf. Burton, *op. cit.*, pp. 420-422; Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament* [Londres: Kegan Paul, Trench & Company, 1886], pp. 358-361). Há expositores que sustentam que os termos gregos são idênticos ou de significado trocáveis (cf. Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 315).
- ¹¹É assim que Burton interpreta o termo grego *para* neste e no versículo seguinte (1.8,9). Seu argumento é que os oponentes de Paulo não estavam acrescentando construtivamente ao que ele ensinara, nem eles o estavam contradizendo diretamente. Eram os acréscimos [à lei] que eles faziam que eram subversivos. Este é *heteros* evangelho do v. 6 (cf. *op. cit.*, pp. 27,28).
- ¹²Joseph Agar Beet diz que **anátema** (1.8) “denota aquilo que tem de ser destruído mediante a ordem de Deus; aquilo sobre o qual repousa a maldição de Deus” (*A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians* [Londres: Thomas Whittaker, s.d.], p. 265). Cf. Rm 9.3.

SEÇÃO II

- ¹Ver os comentários de Burton sobre *kata anthronon* — **segundo os homens** (1.11; *op. cit.*, p. 37).
- ²Cf. 1 Co 3.1-4, onde os termos gregos *sarkinos*, *sarkikos* (carnal) e *anthronon* (homem) são análogos.
- ³Os estudiosos do Novo Testamento acham importante que Paulo se refira à igreja como um todo — usando a palavra no singular (1.13) — e não a grupos ou congregações locais.

⁴O verbo grego *prokopto* (1.14) significa “ir em frente mediante atividade laboriosa”.

⁵Paulo não está usando o termo grego *zelotes* no sentido técnico (1.14), cuja referência é a um partido político radical existente em seus dias. Sua afiliação farisaica o proibiria disso.

⁶Cf. as acusações de Jesus contra os fariseus registradas em Mt 15.3-9.

⁷Cf. a teoria de que o zelo de Paulo (1.14) era por causa de uma luta interior contra a convicção de que o cristianismo era verdadeiro e certo — talvez uma consequência de haver testemunhado o martírio de Estêvão.

⁸Burton, *op. cit.*, p. 49.

⁹Joseph Agar Beet fala que a revelação desta nomeação (1.15) foi “o cumprimento histórico do propósito de Deus” (*op. cit.*, p. 27).

¹⁰O problema cronológico desta passagem (1.18) e do registro em Atos (At 9.19-30; 22.17-21; 26.20) é mencionado freqüentemente nos estudos do Novo Testamento. Talvez esta cronologia apresentada a seguir harmonize os principais acontecimentos dos quatro relatos: Após a conversão, Paulo pregou por pouco tempo em Damasco, depois foi para a Arábia por um período indeterminado, voltando em seguida para Damasco. Três anos mais tarde (provavelmente a contar da conversão), ele foi a Jerusalém fazer uma breve visita a Pedro e Tiago, em cuja ocasião pregou e deu testemunhos. Depois foi para a Cilícia (Tarso), de onde Barnabé o levou a Antioquia da Síria.

¹¹A negação enfática de Paulo ter visitado quaisquer um dos outros apóstolos, exceto Pedro e Tiago (1.19), deve ser harmonizada com o relato de Lucas que diz que Paulo fora trazido “aos apóstolos” e “andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo” (At 9.27,28). As narrativas de Atos dão a entender que Paulo estivera com todo o grupo apostólico. Isto ressalta que o registro de Lucas é de natureza diferente do relato de Paulo. O que Paulo quer dizer (em Gálatas) é que ele não submeteu o seu evangelho aos apóstolos para obter deles sanção ou aprovação. A visita de 15 dias a Pedro e Tiago não comporta essa interpretação. Sua negação de ver qualquer um dos outros apóstolos significa que ele não visitara os outros apóstolos no mesmo sentido que visitara Pedro e Tiago.

¹²O termo grego *anatithemi* significa “colocar sobre”, portanto, “colocar diante para consideração” (2.2).

¹³Cf. William Barclay, “The Letters to Galatians and Ephesians”, *The Daily Study Bible* (Filadélfia: Westminster Press, 1958), p. 16.

¹⁴Como observado pelo destaque em itálico na RC, a frase **ser alguma coisa** (2.6) é adição editorial dos tradutores no empenho de esclarecer o significado.

¹⁵A palavra *evangelho* está implícito aqui, formando a expressão **o evangelho da circuncisão** (2.7).

¹⁶As palavras **operou eficazmente** e **operou... com eficácia** (2.8) são traduções do verbo grego *energeo*. Este é um dos termos preferidos de Paulo para descrever a operação do Espírito Santo no homem, quer por experiência interior (cf. 1 Co 12.6,11), quer por resultado exterior (cf. Fp 2.13). A palavra “energia” é transliteração direta (cf. tb. Ef 3.20).

¹⁷Em 2.9, Paulo usa o nome aramaico de Simão “Cefas”. A tradução grega deste termo era *petros* (**Pedro**). O melhor texto grego traz “Cefas” nos vv. 11 e 14 (cf. CH, RA).

¹⁸Cf. At 10.1—11.18. Embora a tônica de Pedro acerca de sua visita à casa de Cornélio fosse expressa em termos daquilo que era “impuro”, envolvia mais do que o ato de comer alimentos. A questão central era a comunhão que estava tipificada na cultura semita pela mesa comum. Não há evidências de a igreja em Jerusalém ter entendido que o incidente era nova política geral de comunhão entre judeus e gentios. Todas as indicações apontam que sua

significação era mero reconhecimento de que o evangelho fora dado aos gentios como também aos judeus. A decisão do Concílio de Jerusalém indica também que os dois grupos continuariam separados, com os judeus permanecendo sob a lei. Esta situação apresentava um problema crítico para Paulo, porque as suas igrejas na Macedônia e Acaia, como também na Ásia Menor, eram em grande parte compostas de ambos os grupos. Como era possível a comunhão cristã se os crentes judeus ficassem separados dos irmãos gentios por causa das restrições da lei? Em Antioquia, os crentes judeus tinham colocado a unidade da comunhão cristã acima das limitações da lei.

¹⁹O verbo grego *hypostello* (2.12, **se foi retirando**) era usado no grego clássico para indicar uma retirada estratégica de tropas; portanto, denota uma retirada cautelosa. O tempo imperfeito pode ser traduzido adequadamente apenas pelo acréscimo da palavra “gradualmente”.

²⁰O verbo grego traduzido por **dissimulavam com** (2.13) é *synpokrinomai*, que significa literalmente “unir-se no fingimento” (cf. BJ) ou “representar um papel”. A palavra refere-se a um ator que desempenha um papel no palco e, assim, tem o sentido ético de alguém que simula pretexto, impostura ou exibição externa. A palavra “hipocrisia” é transliteração do termo grego *hypokrisis*.

²¹É possível que as palavras de Paulo para Pedro venham até o final de 2.14. Os vv. 15-21 seriam suas argumentações com os gálatas sobre os princípios envolvidos. Não é difícil imaginar Paulo servir-se da ocasião para pregar um sermão e usar Pedro como lição prática!

²²Quanto ao significado do termo **justificado** (2.16), ver comentários em 3.10-14.

²³Burton, *op. cit.*, p. 124.

²⁴Esta é a bem conhecida fórmula paulina *en Christo* (2.17, **em Cristo**), que descreve a comunhão íntima do crente com Cristo, mas aqui tem a relação causal básica ao versículo anterior.

²⁵O aoristo indicativo *eurethemen* (2.17, **somos achados**) deveria ser traduzido por “fomos achados” (BAB; cf. AEC, RA).

²⁶Cf. em Burton, *op. cit.*, pp. 127-130, o excelente sumário sobre as muitas maneiras de interpretar 2.17.

²⁷Cf. conclusões semelhantes na forma de pergunta retórica (2.17) em Rm 3.5,6; 5.19; 6.1,2,15.

²⁸Para inteirar-se de uma excelente análise do significado de *hamartia* no NT, ver Burton, *op. cit.*, pp. 439-443.

²⁹O termo grego *me genoito* é expressão característica de Paulo (fora dos seus escritos só ocorre em Lc 20.16). Vem imediatamente depois de uma pergunta retórica que expressa as acusações dos seus oponentes. A pergunta é baseada em uma premissa previamente declarada, com a qual Paulo está de acordo (Rm 3.5,6; 5.19—6.2). É este padrão que indica fortemente a interpretação que demos a 2.17.

³⁰Beet, *op. cit.*, p. 54.

³¹Há um desenvolvimento interessante nesta passagem: da segunda pessoa (2.14), para a primeira pessoa do plural (15-17), para a primeira pessoa do singular não-enfática (18), para a primeira pessoa do singular enfática (19-21).

³²O tempo perfeito deve ser traduzido por “fui” **crucificado** (BJ; cf. BV, CH, NVI) e não por **estou crucificado** (2.20).

³³Ver Rm 6.3; cf. Rm 6.1-11; Cl 2.12,20; 3.3. A crucificação simplesmente denota o método de morte.

³⁴W. G. Coltman, *Galatians, the Grace Way of Life* (Dunham Publishing Company).

³⁵A soberania rendida *do crente* não deve ser confundida com a morte *do pecador* com Cristo. Paulo também *nunca* usa a morte ou a crucificação como metáfora da personalidade do homem dada por Deus. *Nos termos paulinos*, a vontade do homem não morre, mas é entregue ou apresentada a Deus.

³⁶Cf. Ef 5.2,25, onde encontramos uma forma mais extensa de confissão de credo (2.20).

³⁷E. W. Martin, *Preachable Holiness Sermon Outlines*.

SEÇÃO III

¹A palavra grega traduzida por **insensatos** (3.1) significa “não inteligentes”, “tolos” (CH), mas no sentido de não ter usado a faculdade da percepção, e não se refere à estupidez natural.

²A frase **para não obedecerdes à verdade** (3.1) não consta nos manuscritos mais antigos (está ausente na ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) e, pelo visto, é acréscimo tirado de 5.7.

³O melhor texto grego não tem as palavras **a vós** (3.1; não ocorrem na BAB e CH).

⁴Aqui em 3.2, como em 4.6, Paulo se refere ao **Espírito** divino. Em 3.3, o termo grego *pneuma* começa a assumir o significado “fundido” do espírito humano cheio do Espírito Santo em contraste com o espírito humano de mente carnal.

⁵Em 3.3, **carne** se refere ao lugar onde ocorre a circuncisão, o “homem exterior” (este corpo terreno).

⁶Cf. Burton, *op. cit.*, pp. 153, 154.

⁷O termo grego traduzido por **creu** é *pisteuo*, que é cognato da palavra *pistis*, “fé”. Portanto, significa, lit., “ter fé em”.

⁸**Imputado** (3.6) é tradução do verbo grego *logizomai* e significa basicamente “calcular” ou “contar”, “somar”, tendo o significado de “levar em conta” (cf. BJ) ou “computar” quando Deus faz o cômputo, como aqui. Mas quando o homem faz o cômputo (cf. Rm 6.11) tem o significado de “estimar” ou “considerar”.

⁹O substantivo **justiça** (*dikaio syne*), junto com o verbo *dikaioo* (**justificar**) e o adjetivo *dikaios* (**justo**), é um dos termos mais importantes no pensamento paulino. E. D. Burton declara que nesta passagem do AT o termo “significa a conduta ou atitude de mente que Deus deseja, e que torna o homem aceitável a ele” (*op. cit.*, p. 462).

¹⁰O termo grego *hui oi* é corretamente traduzido por “filhos”.

¹¹Paulo mudou as conhecidíssimas expressões judaicas “semente de Abraão” (cf. Gn 5.5,18) e “bênçãos de Abraão” (cf. Gn 12.3; 18.18).

¹²Cf. Rm 2.28,29; 9.4-8. Burton observa que havia um uso semítico bem conhecido do termo “filho” referente a alguém que andava nos passos de outrem ou era como ele (*op. cit.*, p. 158).

¹³Quer o indivíduo fosse “judeu” de nascimento ou adotado, a circuncisão o fazia parte da raça judaica (cf. Gn 17.12,13).

¹⁴Ver comentários em 3.10-14 quanto à significação de **justificar** (*dikaioo*).

¹⁵O termo grego *ethnos* significa, lit., **nações** ou “povo”, mas na prática geral referia-se ao mundo não-judaico e, assim, significa **gentios**. Em 3.8, a mesma palavra grega é traduzida por **gentios** e **nações** (ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NVI) e “gentios” e “povo” (NTLH, RA).

¹⁶A palavra que introduz 3.9 é o termo grego *hoste* (**de sorte que**), que aqui é usado como “participio dedutível” com o significado de “e assim” (cf. BV; “portanto”, NTLH; “de modo que”, BJ, RA) (C. F. D. Moule, *An Idiom Book of New Testament Greek* [Cambridge: The University Press, 1953], p. 144).

- ¹⁷O significado paulino da palavra **lei** (*nomos*) em toda esta passagem (3.10-24) é o sistema legalista e não o padrão divino.
- ¹⁸Para fins de comparação contrastiva, ver em Rm 2.13 o elogio que Paulo faz das pessoas “que praticam a lei”.
- ¹⁹Cf. a tentativa de Burton de designar esta idéia de “maldição da lei” (cf. 3.10), diferenciando-a da “maldição de Deus” (*op. cit.*, pp. 164, 165). É difícil estabelecer tal distinção. Deus não escolhe lidar com o homem baseando-se na lei, mas se o homem rejeita o método da fé Deus não tem escolha.
- ²⁰A tradução deste versículo (3.11) na estrita ordem do original grego é: “O justo homem pela fé viverá”.
- ²¹Cf. esta outra possibilidade do significado: O homem justificado pela fé viverá uma vida que espelhe esta nova relação. Esta interpretação enfatizaria as implicações éticas da justificação, sobre as quais Paulo trata mais tarde em detalhes.
- ²²O verbo grego traduzido por **resgatou** (3.13; *exagorazo*) significa, lit., “comprar de volta” e, neste sentido, “livrar”. O tempo aoristo indica que se refere ao ato de Cristo feito definitivamente na cruz como provisão, cuja posse deve ser obtida por experiência pessoal.
- ²³Cf. a análise que Burton fez sobre os possíveis significados de Jesus ter-se feito **maldição por nós** (3.13; *op. cit.*, p. 172).
- ²⁴A preposição grega *huper*, usada em 3.13 (**por**), pode significar “como representante de” ou “em lugar de” o homem (cf. “em [...] lugar”, CH, NVI, RA) (cf. Moule, *op. cit.*, p. 64).
- ²⁵O texto de Dt 21.23 diz respeito ao corpo do criminoso ser pendurado publicamente numa árvore depois da execução.
- ²⁶A promessa (3.16) refere-se às bênçãos e ao concerto que as garante (cf. Gn 15.18; 17.1-8). As bênçãos estipuladas pelo concerto eram duplas: a **posteridade** inumerável e a terra prometida (Gn 12.2,3; 13.14-17; 15.1,5).
- ²⁷No grego não-bíblico, na LXX e no NT, o termo **posteridade** (*sperma*, lit., “semente” [3.16; cf. NVI, nota de rodapé], e o termo hb. equivalente) era usado no singular para referir-se a grupos. As passagens do AT citadas por Paulo (Gn 13.16; 15.5; 17.7-9) usam claramente o termo “semente” em alusão aos descendentes de Abraão (cf. Gn 13.16; 15.5; 17.7-9: “semente”, RC; “descendentes”, NTLH), e neste contexto (Gl 3.28,29) os crentes são descritos como a semente (singular) de Abraão (cf. “ao seu descendente”, RA). Houve quem sugerisse que o termo **Cristo** refere-se a todos os crentes como um corpo único ou raça designada por seu Senhor (cf. 1 Co 12.12). Para inteirar-se de uma análise completa do problema, ver Burton, *op. cit.*, pp. 505-510.
- ²⁸A cronologia da LXX que Paulo segue não é exatamente a mesma do AT hebraico (3.17), mas esta discrepância secundária não é importante para o argumento.
- ²⁹As bênçãos prometidas por Deus passaram a ser entendidas por **herança** (3.18; cf. 2 Cr 6.27), e este termo foi prontamente adotado no vocabulário cristão (cf. At 20.32; 1 Co 6.9,10; 15.50).
- ³⁰Cf. a sugestão de Barclay de que a lei, recebida por mediação (2.20), implica dependência de ambas as partes para o cumprimento, ao passo que a promessa só depende de Deus (*op. cit.*, p. 32).
- ³¹**Guardados debaixo** (3.23; *phoureo*) significa “mantidos em custódia” (cf. NVI, RA) ou “confinados” (cf. CH).
- ³²O mesmo verbo grego (*sunkleio*) é usado aqui (3.23) e no v. 22 (**encerrou**).
- ³³Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 608. O termo grego que significa “professor” é *didaskalos*.

- ³⁴A vinda da fé aqui em 3.25 diz respeito à vinda objetiva e histórica de Cristo em sua missão redentora e não se refere à experiência repetida e subjetiva de cada crente (cf. 4.4,5; 3.23).
- ³⁵O termo grego *huiioi* está corretamente traduzido por **filhos** (3.26). Isto é muito importante, sobretudo porque diferencia a palavra grega *nepioi* traduzida por “menino” e “meninos”, respectivamente, em 4.1,3.
- ³⁶Beet, *op. cit.*, p. 99. As referências de Paulo ao batismo dizem respeito ao rito do batismo nas águas e não são figurativas (Rm 6.3,4; 1 Co 1.13-17; 12.13; 15.29; Ef 4.5; Cl 2.12). A única exceção importante (1 Co 10.2) deve-se provavelmente a uma ênfase excessiva na qualidade mágica do rito.
- ³⁷Cf. Rm 13.14. Quanto ao sentido mais indefinido de “novo homem”, ver Ef 4.24; Cl 3.10. Esta figura está estreitamente associada com a expressão mais abrangente “em Cristo”.
- ³⁸Contrário à noção de alguns, a palavra grega *baptizo* não tem o significado intrínseco de “imersão” (cf. Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 131).
- ³⁹Os escritos dos pais apostólicos mostram claramente que todos os três métodos — imersão, efusão e aspersão — estavam em uso em meados do século II. É bastante claro que a imersão era o método preferido, a menos que a condição física do batizando ditasse o contrário. O conceito de um método batismal em particular ser exclusivamente necessário por razões teológicas é relativamente moderno.
- ⁴⁰A palavra grega *nepios* (4.1) denota “criança [nos primeiros anos de vida]” (cf. BAB, CH), “menor” (cf. BJ, NVI), **menino**. Aqui, o ponto importante é que a criança é um menor intelectual e moralmente imaturo.
- ⁴¹**Tutores** (4.2; *epitropos*) são quem supervisiona ou toma conta de um órfão ou menor de idade.
- ⁴²**Curadores** (4.2; *oikonomos*) significa “administradores domésticos”.
- ⁴³A palavra grega *stoicheia* (4.3) tem o significado fundamental de “estar numa fila” e, por conseguinte, um “elemento de uma série”. Estas são as quatro interpretações básicas da expressão: 1) Os elementos físicos do universo, 2) os corpos celestes, 3) os espíritos ou demônios — bons ou maus (até os associados com a entrega da lei), 4) os princípios religiosos rudimentares ou elementares (cf. Burton, *op. cit.*, pp. 510-518, para inteira-se de uma excelente análise). Cf. o verbo grego *stoicheo* em 5.25. As opções tradutórias de **rudimentos do mundo** (ACF, AEC, RA, RC) são: “coisas básicas do mundo” (BAB); “elementos do mundo” (BJ); “leis e [...] cerimônias judaicas” (BV); “princípios morais básicos” (CH); “poderes espirituais que dominam o mundo” (NTLH); “princípios elementares do mundo” (NVI).
- ⁴⁴Submeter-se à lei para voltar a “esses rudimentos fracos e pobres” (4.9).
- ⁴⁵Cf. Cl 2.8,20, onde os “rudimentos” estão associados com filosofia, tradições, decretos, injunções e ensinos de homens.
- ⁴⁶Cf. Jo 1.4; 3.16,17; 1 Jo 4.9-14.
- ⁴⁷O termo grego *huiiothesia* (**adoção**, “filiação”) ocorre somente aqui (4.5) e em Rm 8.15; 9.4; Ef 1.5; e com referência à redenção do corpo em Rm 8.23.
- ⁴⁸**Aba** é a palavra aramaica não traduzida para referir-se a “pai”, equivalente a *pater*, o termo grego que a segue (4.6).
- ⁴⁹Cf. Rm 8.14-17 e tb. Hb 11, passagens que descrevem basicamente o testemunho da fé.
- ⁵⁰A palavra grega (*oida*) usada em 4.8,9 para referir-se a “conhecer” significa, primariamente, “conhecer pessoalmente”, “estar familiarizado com uma pessoa”, em oposição à palavra grega *ginosko*, que quer dizer “aprender” ou “vir a entender”.

⁵¹Em grego, os verbos **tornais** e **quereis** (4.9) estão no tempo presente.

⁵²A palavra grega *anóthen*, usada para falar do desejo de servir os **rudimentos** *outra vez* (4.9) como escravos, é importante, pois é a mesma palavra grega usada em Jo 3.3,8 (“nascer de novo”).

⁵³Ver comentários em 5.4 para inteirar-se de uma análise sucinta do ensino hodierno sobre a segurança eterna incondicional à luz do problema na Galácia.

⁵⁴Burton sugere que na época em que Paulo estava escrevendo, os gálatas já tinham adotado as festas e os dias de jejum (4.10), e agora estavam sendo exortados a submeterem-se à circuncisão (*op. cit.*, p. 233).

⁵⁵Paulo rejeitara a lei como base de salvação; mas, como os outros convertidos do judaísmo do século I, ele continuava guardando grande parte do ritual judaico (cf. At 3.1; 20.16). Ele também tinha uma razão evangelística mais profunda para manter sua posição judaica (cf. 1 Co 9.20).

⁵⁶Esta observação (4.12) e as que vêm imediatamente a seguir (cf. 4.19) sugerem que o desvio dos gálatas alcançara o ponto de interromper a relação com Deus; eles tinham de ser o que eram antes.

⁵⁷A expressão grega *to proteron* pode significar “a primeira vez” (4.13, RA; cf. BJ, CH, NTLH, NVI), dando a entender duas visitas de Paulo, ou simplesmente “outrora”, “antigamente”, “dantes”. Muita coisa tem sido escrita para demonstrar que isto prova duas visitas, mas Arndt e Gingrich declaram “Do ponto de vista léxico não é possível provar que Paulo desejava diferenciar entre uma visita recente e uma anterior” (*op. cit.*, p. 729). Cf. a análise das possibilidades com a mesma conclusão em Burton, *op. cit.*, pp. 239-241.

⁵⁸O significado de **carne** (*sarx*) aqui (4.13) e no v. anterior é claramente o corpo terreno.

⁵⁹A palavra **tentação** (4.14; *peirasmós*) significa “provação” (BJ, NVI; cf. BAB) e **tentação**.

⁶⁰Há versões bíblicas que sugere que a provação era de Paulo, mas o texto grego (4.14) deixa claro que ele está se referindo à provação dos gálatas.

⁶¹O termo grego *angelos* (4.14, **anjo**) tb. tem o significado de “mensageiro humano” ou “ser super-humano”.

⁶²Há muitas sugestões sobre a natureza da enfermidade de Paulo, a qual, por vezes, é associada com o seu “espinho na carne” (2 Co 12.7). Eis algumas opções: perseguição, tentação à sensualidade, provações espirituais (desespero e dúvida), epilepsia, malária, febre e doença nos olhos. Quase não se questiona que se tratava de algo repulsivo a quem o via enquanto ele pregava. Não dispomos de meios de determinar a natureza exata do seu sofrimento (cf. Burton, *op. cit.*, pp. 238, 239).

⁶³Cf. a expressão: “Eu daria um braço para fazer isso”.

⁶⁴Na maioria das vezes, Paulo usa a palavra *filhos* (4.19) ligada a uma pessoa (cf. 1 Co 4.17; 1 Tm 1.2), mas também a usa com relação a grupos (1 Co 4.14; 2 Co 6.13).

⁶⁵A metáfora está mesclada (cf. Rm 7.1-6). Paulo sofre as contrações de parto e os gálatas têm o nascimento. O importante é que a verdade ilustrada não é anulada: agonia de alma pelo nascimento repetido.

⁶⁶A forma da pergunta (4.21) dá a entender essa insistência.

⁶⁷A palavra grega *paidiske* significa, lit., “menina”, mas na literatura bíblica sempre indica uma moça escrava (4.22).

⁶⁸O significado de **segundo a carne** (4.23, *kata sarka*) está relacionado com linhagem racial (cf. Rm 1.3; 4.1; 9.3,5; 1 Co 10.18; Ef 2.11).

- ⁶⁹Cf. a excelente discussão de Burton sobre a significação de tal argumento alegórico (*op. cit.*, pp. 254-256).
- ⁷⁰Cf. o uso da escritura feito alegoricamente por Filon, destacado teólogo judeu (período anterior ao NT), em Hebreus (NT) e por Orígenes, teólogo cristão (período posterior ao NT).
- ⁷¹Não há evidência de Paulo estar questionando a validade histórica e a autoridade bíblica de Gênesis (4.24).
- ⁷²Ismael nasceu antes de Isaaque e 430 anos antes dos fatos históricos ligados ao monte Sinai. Mas aqui (4.24), Paulo está meramente ilustrando o contraste entre “obras” (concepção natural) e “fé” (promessa divina); ele não está lidando com cronologia.
- ⁷³Alguns importantes manuscritos antigos omitem “Agar” (4.25), dando esta leitura: “Porque o Sinai é o monte da Arábia” (cf. BJ).
- ⁷⁴Cf. Fp 3.20; Cl 3.1-3. Para inteirar-se de um contraste semelhante feito entre o monte Sinai e a Jerusalém celeste, ver Hb 12.18-29.
- ⁷⁵O pronome grego está na segunda pessoa (4.28, “vós”, AEC, BJ, RA; cf. BAB, CH, NTLH, NVI). Estes gentios gálatas eram verdadeiros filhos da promessa de Deus a Abraão.
- ⁷⁶Cf. Gn 21.9, que diz “zombava” (AEC, RC), “estava zombando” (BAB), “caçoava” (RA); “estava caçoando” (BV), “brincava” (BJ), “estava brincando” (NTLH), “estava rindo” (NVI). Na LXX, que era a versão que Paulo estava utilizando, o termo grego pode ser traduzido por “ria”. O elemento comum era o tom de escárnio que, até certo ponto, provocava consequências radicais.
- ⁷⁷Este é excelente exemplo do estilo paulino no qual ele dá a entender o que ainda está por vir. Com “antecipação incontrolável” ou “intenção planejada” ele planta a semente de suas idéias futuras (ver comentários em 5.13—6.10).
- ⁷⁸Cf. Rm 9—11 para inteirar-se de uma análise paulina mais detalhada sobre a questão da rejeição de todos os filhos de Abraão segundo a carne, que mostra a intensa compaixão de Paulo por seu povo.
- ⁷⁹Aqui (4.31), o pronome é a primeira pessoa do plural visto que Paulo se identifica com os gálatas (cf. 4.28).
- ⁸⁰Burton, *op. cit.*, p. 270. Burton sustenta que este versículo abre a “porção exortativa” da epístola (*ib.*, p. 270), ao passo que Beet o associa com a seção precedente (*op. cit.*, p. 138).
- ⁸¹O termo grego *eleutheria* (5.1) pode ser traduzido por **liberdade** ou “libertação”, mas **liberdade** tem mais identificação com o contexto.
- ⁸²A forma verbal grega comparável *eleutheroo*. (5.1, **libertou**).
- ⁸³Ver a significação de “de novo” nos comentários em 4.9.
- ⁸⁴O pronome da segunda pessoa **vós** (5.4) torna mais direto.
- ⁸⁵O tempo presente passivo no grego é, lit., “estais sendo justificados” (5.4, **vos justificais**). Isto deve ser entendido hipoteticamente em harmonia com o contexto. Paulo é claro ao declarar que ninguém pode ser justificado pela lei (cf. 2.16; 3.11).
- ⁸⁶O termo grego *katargeo*, traduzido por **separados estais** (5.4), é uma palavra muito forte. Na voz ativa significa “anular” ou “eliminar”, e na voz passiva (como aqui) significa “ser livre da associação com” ou “não ter nada mais a ver com” (cf. “é inútil”, BV). O tempo aoristo indica que tal separação é culminante (cf. Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 418).
- ⁸⁷O verbo grego **tendes caído** (5.4, *ekpipto*) significa, lit., “cair de um lugar”, “cair fora” (BJ) ou “abandonar” e tem a significação de, conseqüentemente, perecer (cf. as pétalas que caem de

uma flor). Em termos náuticos, significa “derivar do curso”, “ser levado pela correnteza” ou “encalhar em pedras”. Em sentido figurado, significa “perder” algo ou alguém (cf. Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 243).

⁸⁸Burton vê isto como um “dativo de intermediação”: *pneumati*, **pelo Espírito** (5.5; *op. cit.*, p. 278; cf. “mediante”, AEC, NVI). Ver comentários em 5.16-26 para inteirar-se do significado de **Espírito**.

⁸⁹Ver o significado de “carne” (*sarx*) nos comentários em 5.16-26.

⁹⁰Cf. Rm 8.19,23,25, onde é usado o verbo “esperar” (*apekdechomai*). Claro que a **justiça** não é o conteúdo da **esperança**, porque já foi possuída pela **fé** (5.5). A forma genitiva de *dikaioisynē* tem uma função instrumental: a esperança é *pela* justiça (cf. C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 44).

⁹¹O termo grego *energeo* (**opera**, 5.6), que transliteramos por “energia”, significa **opera**, “trabalha”, “atua”, mas o verbo “se expressa” (CH) é mais exato na voz média usada aqui. Porém, no NT, e, sobretudo nos escritos de Paulo, sempre denota a operação do Espírito (cf. 2.8; Ef 3.20).

⁹²Burton sugere que isto (5.7) pode significar ir para a pista de corridas (entrar na pista) ou até destruir a pista (*op. cit.*, p. 282).

⁹³O termo *peitho* (**obedeçais**, 5.7) é a palavra grega comum para designar “persuadir”, mas na voz passiva pode significar “obedecer”. Mesmo assim, a falta de persuasão precede a desobediência.

⁹⁴**Confio** é tradução do mesmo verbo grego usado em 5.7,8 (*peitho*); mas no tempo perfeito, como aqui (5.10), significa “confiar em” ou “pôr a confiança em”.

⁹⁵**Escândalo** (5.11) é transliteração da palavra grega *skandalon*.

⁹⁶Refere-se provavelmente à prática de emasculação feita pelos sacerdotes de Cibele, sendo conhecida pelos gálatas. Neste caso, é mais que referência física natural. Pelo visto, Paulo está dizendo que seria melhor para a igreja cristã que estes judaizantes fossem pagãos, porque assim os gálatas não lhes dariam atenção (cf. a análise em Burton, *op. cit.*, p. 289; cf. tb. Fp 3.2).

SEÇÃO IV

¹Pelo visto, esta nova tarefa (5.13) marca a mudança decisiva no tom de Paulo, e não em 5.1, onde o imperativo “estai, pois, firmes” é o clímax lógico de toda a sua argumentação (3.1—5.12) e não o início de suas exortações éticas.

²Cf. 1.23; 2.10 e Fp 1.27 para inteirar-se de exemplos semelhantes.

³O termo grego *aphorme* (3.13, **ocasião**), usado só aqui por Paulo, é termo militar que significa “o ponto de partida ou a base de operações para uma expedição; por extensão, diz respeito aos recursos necessários para executar um empreendimento; em nossa literatura: ocasião, pretexto, oportunidade” (Arndt & Gingrich, *op. cit.*, p. 127).

⁴O verbo grego *douleuo* (3.13, **servi-vos**) é a palavra que Paulo usava repetidamente com o significado de “servir como escravo” (cf. tb. Mc 9.35; 10.45, onde o termo grego *diakonos*, que significa “servo” ou “ajudante”, é usado de maneira comparável).

⁵O significado do termo grego *dia* com o caso genitivo (3.13) é “através de” e não **por** (cf. Moule, *op. cit.*, p. 54).

⁶Burton, *op. cit.*, p. 293.

⁷Stauffer, “Love”, *Bible Key Words*, vol. I, p. 54.

⁸Ver a análise do termo grego *agape* nos comentários em 5.22.

⁹Para inteirar-se da distinção entre o começo (crise) e a continuação (processo) da nova vida “sob a direção do Espírito”, ver comentários em 2.20.

¹⁰Cf. todo o contexto (1 Ts 3.12—4.10), onde este conceito básico é desenvolvido. Ver tb. Rm 6, onde a “apresentação” (aoristo imperativo de *paristemi*) da *crise* da pessoa para Deus e de seus membros como “instrumentos” para a justiça (Rm 6.13) seria *para* a “santificação” (Rm 6.19, *hagiasmos*) e para dar “fruto” para a “santificação” (Rm 6.22).

¹¹O termo grego *pas* (5.14; **toda**) é mais bem traduzido por “inteira” (NTLH) ou “completa”, “como um conjunto em comparação às suas partes” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 638).

¹²Cf. Moffatt, BV, CH, NTLH, que traduzem **se cumpre** (5.14) por “se resume”. A BAB usa “se obedece” seguindo Vincent (*op. cit.*, vol. IV, p. 163). O termo grego é *pleroo*.

¹³Mt 22.39; cf. Mt 19.19; Mc 12.31; Lc 10.27.

¹⁴Os verbos **mordeis** e **devorais** (tempo presente, 5.15) atinge um ápice no resultado **consumais** (tempo aoristo).

¹⁵No grego, não há preposição aqui (5.16: **andai... Espírito**; tb. em 5.18,25), como ocorre na maioria das vezes (cf. Cl 2.6, *em*, “em”). A construção no caso dativo pode ser interpretada como no caso locativo ou instrumental (cf. A. T. Robertson e W. H. Davis, *A New Short Grammar of the Greek Testament*, Harper & Brothers, 1931, pp. 235-245). O Espírito é o local no qual o crente tem de viver ou é o *instrumento* (meio) pelo qual ele vive. O contexto indica fortemente a última opção (ver comentários em 5.18,25). “Por” é usado em BJ, NVI e Vincent (*op. cit.*, vol. IV, p. 164).

¹⁶O termo grego *epithumia* (5.16, **concupiscência**) significa desejo de qualquer tipo sem implicação moral. Mas, quando está relacionado com a carne indica nitidamente desejos de tipo errado.

¹⁷Aqui, o verbo grego *teleo* (5.16) significa **cumprireis** (“satisfareis”, AEC, BJ, RA; cf. CH, NVI; realizareis) ou “completareis” (terminareis).

¹⁸RSV; cf. BJ, E. D. Burton (*op. cit.*, p. 300), J. Agar Beet (*op. cit.*, p. 156).

¹⁹Rm 8.1-13. Há pouca dúvida de que os dois são opostos aqui (**carne** e **Espírito**, 5.17). A passagem comparável a Gl 5 é Rm 8 e não Rm 7. Rm 7 descreve a luta interior do homem, mas os estudiosos do NT discordam entre si sobre o estado espiritual da pessoa que está em luta.

²⁰Esta é a significação de **porque** (*gar*, 5.17; cf. Burton, *op. cit.*, p. 300).

²¹Cf. o uso que Barclay faz do termo “carne” em *Flesh and Spirit* (Abingdon Press, Nashville, 1962), p. 20.

²²O subjuntivo presente do verbo *poieo*, “fazer” (5.17). Talvez a tradução da NTLH e CH se deva a uma associação da oposição entre o Espírito e a carne com a luta descrita em Rm 7.14-25, que dá a entender incapacidade (cf. Vincent, *op. cit.*, vol. IV, p. 164).

²³Pode ser consequência ou propósito (5.17; cf. Burton, *op. cit.*, p. 302; e Moule, *op. cit.*, p. 142).

²⁴O termo grego *thelo* (**quereis**) significa basicamente “desejar”, e aqui (5.17) deve ser identificada com os “desejos da carne”.

²⁵É usada a mesma construção no caso dativo (5.16; ver comentários em 5.16).

²⁶Cf. “as coisas da carne” em Rm 8.5; cf. tb. Ef 5.3-5; Cl 3.5-9.

²⁷Cf. a descrição sucinta, mas brilhante e bem documentada em Barclay, *Flesh and Spirit*, pp. 24-27.

²⁸A palavra grega *moicheia* (5.19, “adultério”, ACF) ocorre em apenas alguns manuscritos mais recentes, sendo omitido das traduções modernas.

- ²⁹Cf. o uso de *akatharsia* com *porneia* (5.19) em 2 Co 12.21; Ef 5.3; Cl 3.5. Cf. tb. com outros termos em Rm 1.24; Ef 4.19; 1 Ts 2.3.
- ³⁰Cf. o uso de *aselgeia* (5.19) com os dois termos anteriores (*i.e.*, *akatharsia* e *porneia*) em 2 Co 12.21 e com “impureza” e “avidez” em Ef 4.19. Cf. tb. Rm 13.13, onde *aselgeia* (“dissoluções”) é usado com *koite* (“desonestidades”), *lit.*, cama de relações sexuais ilícitas.
- ³¹Cf. a opinião de Lightfoot que assevera que “o homem pode ser *akathartos* e esconder seu pecado, não se tornando *aselges* até que choque a decência pública” (*op. cit.*, p. 210). Burton contesta este ponto de vista, afirmando que o elemento essencial de *aselgeia* é conduta irrestrita e não ação pública (*cf. op. cit.*, p. 306).
- ³²Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 31.
- ³³Cf. o artigo sensato intitulado: “Sex in the U.S.: Mores and Morality”, *Time*, vol. 83, n° 4, 24 de janeiro de 1964, pp. 54-59.
- ³⁴Cf. Burton, *op. cit.*, p. 306.
- ³⁵Cf. a excelente análise deste fato em Barclay, particularmente a evolução do culto ao imperador (pp. 33, 34).
- ³⁶Cf. a identificação feita por Barclay dos atuais “símbolos de *status*” como a manifestação mais descritiva dos ídolos (*ib.*, pp. 34, 35).
- ³⁷*Ib.*, p. 35.
- ³⁸Cf. a observação de Barclay sobre a relação básica da imoralidade com a idolatria (*ib.*, pp. 35, 36).
- ³⁹Cf. a transliteração do termo grego *pharmakeia* em “farmácia”.
- ⁴⁰Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 42.
- ⁴¹Cf. Rm 13.13; 1 Co 1.11; 3.3.
- ⁴²Cf. Rm 10.2; 2 Co 7.7,11; 9.2; Fp 3.6.
- ⁴³Cf. Rm 13.13; 1 Co 3.3; 2 Co 11.2. Traduzir *zelos* por “inveja” (5.20) é confundi-lo com *phthanos* (5.21).
- ⁴⁴Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 51.
- ⁴⁵A única exceção nas epístolas de Paulo é Rm 2.8, que é de significação comparável (frequentemente junto com *orge*) em Ap 12.12; 14.8,10. Em Apocalipse, há a metáfora mista na qual “o vinho da prostituição, com que Babilônia intoxica as nações, se torna o vinho da ira de Deus para elas” (Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 366).
- ⁴⁶Cf. Mt 5.22; Mc 3.5; Ef 4.26,31. A diferença básica é a raiva justa ocasionada por injustiça cometida aos outros e raiva carnal ocasionada por prejuízo causado em nós.
- ⁴⁷Barclay, *Flesh and Spirit*, pp. 52, 53.
- ⁴⁸Cf. a análise de Barclay sucinta, mas abrangente (*ib.*, p. 53).
- ⁴⁹*Ib.*, p. 55. A conclusão de Burton de que o termo grego *eritheia* significa basicamente “egoísmo, interesse” se harmoniza com esta interpretação (*op. cit.*, pp. 305, 309).
- ⁵⁰Cf. Rm 2.8; 2 Co 12.20; Fp 1.17; 2.3.
- ⁵¹Cf. “partido” ou “seita” em At 5.17; 15.5.
- ⁵²Cf. 1 Co 11.19, onde Paulo condenou tais seitas nas festas de amor e na Ceia do Senhor.
- ⁵³Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 59.
- ⁵⁴O termo **homicídios** (5.21, *phonoí*) ocorre somente em alguns manuscritos mais recentes (*cf.* ACF, RC; “assassinato”, BV) e por isso não aparece na maioria das traduções (*cf.* AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA).

⁵⁵Cf. 2 Co 13.2 para inteirar-se de construção e advertência semelhantes.

⁵⁶O verbo grego *prasso*, **cometem**, embora signifique literalmente “praticar”, é usado intercambiavelmente com o verbo *poleo* (“fazer”, cf. Rm 7.15-21). Não há base bíblica para a interpretação de que Paulo visava *somente* os que habitualmente praticam tais males.

⁵⁷Cf. 3.18; tb. Ef 1.11,14,18.

⁵⁸Cf. 1 Co 6.9,10; Ef 5.5,6; Cl 3.5,6.

⁵⁹O termo grego para os dons espirituais é *charisma*, que significa literalmente “dom livre, presente grátis”; cf. Rm 1.11; 5.15,16.

⁶⁰Cf. 1 Co 12.31; 13.1-13; 14.1. Cf. tb. a preocupação ética de Paulo mostrada em Rm 12.9-21; 13.8-10; Ef 5.1-10; Fp 1.8-11.

⁶¹Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 21.

⁶²Cf. Rm 1.13; Ef 5.9; Fp 1.11,22.

⁶³É impossível definir o termo *agape* adequadamente dentro dos limites aqui prescritos. A análise de 12 páginas feita por Barclay é soberba (*Flesh and Spirit*, pp. 63-76). Cf. tb Burton, *op. cit.*, pp. 519-521.

⁶⁴Cf. as manifestações de *agape* (1 Co 13.4-8) com os frutos do Espírito.

⁶⁵O substantivo grego *agape*, usado pela primeira vez na LXX e só ocasionalmente, ocorre muitas vezes no NT. O verbo grego *agapao*, embora usado de vez em quando no grego secular, tem seu significado pleno na Bíblia, sobretudo no NT (cf. Burton, pp. 519-521; Vincent, vol. IV, pp. 166-169).

⁶⁶O termo grego *agape* é usado para referir-se ao amor de Deus (e de Cristo) pelos homens, mas só raramente alude ao amor do homem por Deus (nos escritos de Paulo ocorre apenas em 2 Ts 3.5; cf. o verbo grego *agapao* em Rm 8.28; 1 Co 2.9; 8.3; Ef 6.24).

⁶⁷Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 65.

⁶⁸Cf. 1 Co 13, que descreve o que o amor basicamente faz.

⁶⁹Cf. 1 Co 14.1. O termo grego *dioko* significa “perseguir como caçador”.

⁷⁰Barclay denomina o NT de “livro da alegria”, pois as palavras gregas *chara* e *chairein* ocorrem mais de 130 vezes neste texto sagrado (*Flesh and Spirit*, pp. 76-83).

⁷¹Não confundamos infelicidade com sofrimento ou aflição. O cristão do NT tem alegria nas tribulações (cf. 2 Co 6.10).

⁷²Cf. a saudação no nascimento e ressurreição de Jesus (Lc 1.28; Mt 28.9); cf. tb. At 15.23; 2 Co 13.11.

⁷³Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 77.

⁷⁴Cf. At 5.41; 13.50-52.

⁷⁵A **paz** (5.22) consta nas introduções de todas as cartas de Paulo.

⁷⁶Cf. Rm 15.33; 2 Co 13.11.

⁷⁷O termo grego para “tende paz” (Rm 12.18) é *eireneuo* (lit., “mantende a paz”).

⁷⁸O termo grego geral para aludir à paciência nas circunstâncias é *hypomone* (“resistência, perseverança”; cf. Rm 2.7; 2 Co 1.6; 1 Ts 1.3).

⁷⁹Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 107.

⁸⁰Cf. 1 Co 13.13, onde fé — usado em seu sentido geral — está associado com a virtude ética do amor.

⁸¹Cf. AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA.

⁸²Cf. 1 Co 1.9; 1 Ts 5.24; 2 Ts 3.3.

⁸³Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 110.

⁸⁴Barclay observa de forma interessante que Aristóteles percebia toda virtude como um meio entre dois extremos (*ib.*, p. 120).

⁸⁵*Ib.*, p. 121.

⁸⁶O texto grego preferido acrescenta a palavra “Jesus” (5.24; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA).

⁸⁷Estritamente falando, é o homem interior que foi crucificado (morre) com Cristo e que agora vive de novo (cf. 2.20; Rm 6.2-12; Cl 2.12; 3.8). Por conseguinte, o homem inteiro é libertado do poder compulsivo do pecado (cf. Rm 6.6).

⁸⁸O termo grego *pathemata* é usado 12 vezes no NT com o significado de “sofrimento” (cf. Rm 8.18), mas só aqui (5.24) e em Rm 7.5 indica “disposição” ou “propensão” (cf. Burton, *op. cit.*, pp. 320, 321).

⁸⁹Cf. Burton, *op. cit.*, p. 321.

⁹⁰Cf. 5.17, onde os desejos são influenciados pela carne e pelo Espírito; ver tb. Rm 7.5, onde as tendências são influenciadas pelo pecado. Toda “obra da carne” é perversão do que é potencialmente bom.

⁹¹Em 5.25, o caso dativo é mais bem traduzido por “pelo” (cf. BAB, BJ, NVI).

⁹²Paulo usa o subjuntivo exortativo (*stoichomen*, 5.25), que tem a mesma função básica do imperativo, embora com menos força de ordem direta (cf. Moule, *op. cit.*, pp. 22, 136). Cf. o modo imperativo em 5.16.

⁹³O verbo grego significa lit. “ser formado em linha”, indicando “formação” e “marcha” (5.25). Derivado disso está a idéia de viver por uma regra.

⁹⁴O termo **cobiçosos** (5.25) é mais sugestivo do que mostra o termo grego *ginomai*, que significa apenas “tornar-se” (cf. ACF, AEC, BAB). Talvez o destaque dado aos desejos no contexto seja a razão para essa tradução.

⁹⁵Burton, *op. cit.*, p. 323. Cf. 1 Co 8.

⁹⁶Cf. 1 Jo 2.1, onde o uso de recursos espirituais resulta em uma vida de vitória. Se isto não ocorrer, há provisão para o fracasso — neste caso, a advocacia de Jesus Cristo.

⁹⁷O termo grego *paraptoma* (**ofensa**, 6.1) é mais bem traduzido por “transgressão” (cf. Rm 5.15, NVI). O termo descreve o pecado e não apenas uma falta.

⁹⁸O verbo grego *katartidzo*, traduzido por **encaminhai** (6.1; cf. ACF, BV, CH), é lit. “restaurar” (cf. NVI) ou “consertar, corrigir” (cf. AEC, BAB, BJ, NTLH, RA). Alude ao fato de que o problema básico na Galácia era divisão e discussão.

⁹⁹Barclay, *Flesh and Spirit*, p. 117.

¹⁰⁰O plural (**irmãos**, 6.1) muda para o singular (**ti mesmo**).

¹⁰¹O verbo grego *peiradzo* significa basicamente “tentar” ou “testar, pôr à prova”. A idéia de “tentar” — a solicitação específica para o mal — é significado mais limitado que o termo básico.

¹⁰²Cf. “satisfação pessoal” (BV, 6.4).

¹⁰³Em 6.4, Paulo usa outro termo grego para referir-se a **carga**: *phortion*, que significa “carga leve” ou “carga pesada” (cf. At 27.10); *bare* (**cargas**, 2) quer dizer “peso pesado”. Mas é duvidoso que Paulo quisesse fazer diferenciação de significado.

- ¹⁰⁴Na opinião de Burton, o v. 6 marca a virada de Paulo dos problemas específicos na Galácia para os princípios gerais de instrução moral e espiritual (*op. cit.*, p. 334). Mas o fato de Paulo retornar (11-17) claramente para a situação gálata é argumento contra esse ponto de vista. É claro que o v. 6 não deve ser totalmente isolado do texto que vem antes e depois.
- ¹⁰⁵O substantivo grego *koinonia* é a palavra comum para referir-se a “comunhão” e é um dos termos que mais descrevem a igreja primitiva, designando particularmente sua “comunhão” e “compartilhamento”.
- ¹⁰⁶Mestres itinerantes ocupavam um cargo vital na igreja primitiva. Eram comparáveis aos “profetas”, “evangelistas”, “pastores”, etc. (cf. Ef 4.11). Ver comentários em 1.1 para inteirar-se de sua relação com os “apóstolos”.
- ¹⁰⁷Cf. Burton, *op. cit.*, pp. 338, 339. É concebível que signifique compartilhar responsabilidades espirituais (6.6; cf. Vincent, *op. cit.*, vol. IV, p. 174). -
- ¹⁰⁸O verbo grego *mukterizo* significa, lit., “virar o nariz para cima” ou “ridicularizar, desprezar”. Mas aqui (6.7), o significado é “ludibriar” ou “burlar” Deus.
- ¹⁰⁹A figura da sementeira e da colheita usada para ilustrar a conduta e seus resultados consta na filosofia grega (cf. Burton, *op. cit.*, p. 341), no AT (Jó 4.8) e em outro lugar do NT (Lc 19.21).
- ¹¹⁰A argumentação de que esta terminologia (6.8) deva ser diferenciada nitidamente da passagem de 5.16-26, sendo que a carne representaria o corpo físico do homem em comparação com sua natureza espiritual (cf. Burton, *op. cit.*, pp. 339-343), é difícil de provar e o contexto não a promove. Se seguissemos tal lógica, a terminologia apresentaria um conjunto de conceitos completamente novo com os mesmos termos usados, gerando muita confusão. É, pois, interpretação improvável.
- ¹¹¹Arndt e Gingrich, *op. cit.*, p. 865.
- ¹¹²O verbo grego *englakeo* (**nos cansemos**, 6.9) significa “cansaço físico” ou “desânimo mental”.
- ¹¹³**Tempo** (6.9) e **tempo** (6.10) são traduções da mesma palavra grega *kairos*.

SEÇÃO V

- ¹Cf. o argumento convincente de Burton (*op. cit.*, pp. 352, 353).
- ²Cf. Rm 5.2,3,11; 1 Co 1.18-31 para inteirar-se de uma descrição do que Paulo quer dizer por gloriar-se na cruz.
- ³Beet, *op. cit.*, p. 176.
- ⁴A frase **em Cristo Jesus** (6.15) não está nos manuscritos mais antigos (cf. BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA), mas o significado está em plena harmonia com o ensino de Paulo.
- ⁵Como em 2 Co 5.17, a frase grega *kaine ktisis* (6.15) é mais bem traduzida por “nova criação” (cf. NVI).
- ⁶Cf. Rm 6.4-6,11; Gl 2.19,20; Cl 3.10.
- ⁷Cf. a análise em Burton, *op. cit.*, p. 358.
- ⁸Os soldados também eram marcados com ferro em brasa, identificando o general sob cujas ordens eles serviram.
- ⁹No original grego, a palavra traduzida por **irmãos** (6.18) ocorre no final da frase (cf. NTLH) e não no começo (cf. BAB, BJ, BV, NVI).

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARCLAY, William. *Flesh and Spirit* (An Examination of Galatians 5:19-23). Nashville: Abingdon Press, 1962.
- _____. "The Letters to Galatians and Ephesians." *The Daily Study Bible*. Filadélfia: Westminster Press, 1958.
- BEET, Joseph Agar. *A Commentary on St. Paul's Epistle to the Galatians*. Londres: Hodder & Stoughton, 1885.
- BURTON, Ernest De Witt. "The Epistle to the Galatians." *The International Critical Commentary*. Editado por S. R. Driver, A. Plummer, G. A. Briggs. Edimburgo: T. & T. Clark, 1921.
- LIGHTFOOT, J. B. *Saint Paul's Epistle to the Galatians*. Londres: Macmillan & Company, 1892.
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Volume IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957 (nova tiragem).

II. OUTROS LIVROS

- ARNDT, William F. e GINGRICH, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- MOULE, C. F. D. *An Idiom Book of New Testament Greek*. Cambridge: The University Press, 1953.
- NIELSON, John. *In Christ*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1960.
- ROBERTSON, A. T. e DAVIS, W. Hersey. *A New Short Grammar of the Greek Testament*. Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1931.
- ROBINSON, H. Wheeler. *The Christian Doctrine of Man*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1911.
- TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*. Londres: Kegan Paul, Trench & Company, 1886.
- WOOD, A. Skevington. *Life by the Spirit*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1963.

III. ARTIGOS

- JAMISON, Leland. "Dikaioyne in the Usage of Paul." *Journal of Bible and Religion*, Vol. XXI, nº 1 (janeiro de 1953).
- SCHENK, G. "Righteousness." *Bible Key Words*, Vol. IV. Tradução em inglês de *Theologisches Worterbuch zum Neuen Testament*. Adam & Charles Black, 1935.
- STAUFFER, Ethelbert. "Love" (The Apostolic Age). *Bible Key Words*, Vol. I. Tradução em inglês de *Theologisches Worterbuch zum Neuen Testament* (editado por G. Kittel). Adam & Charles Black, 1933.

A Epístola aos
EFÉSIOS

Willard H. Taylor

Introdução

Quem se dedica a estudar Efésios com profundidade acaba aclamando-a como a majestosa epístola do apóstolo Paulo. Mais que as outras, a Epístola aos Efésios fala em termos pessoais e práticos com o crente de todos os lugares e de todas as épocas. É esta a reação da igreja ao longo da era cristã. João Crisóstomo (345-407) escreveu no livro *Preamble to the Homilies* (Preâmbulo aos Sermões): “Esta epístola está repleta de pensamentos e doutrinas sublimes e importantes. Assuntos que o apóstolo raramente menciona em outras cartas, ali ele as manifesta”.

Samuel Taylor Coleridge declarou que Efésios é “a composição mais excelsa do homem”. A. S. Peake falou que é “a quinta-essência do paulinismo”. F. R. Barry comentou que Efésios é, “a um só tempo e de muitas formas, o mais ‘moderno’ de todos os livros do Novo Testamento e o registro mais rico de experiências cristãs”. Edgar J. Goodspeed afirmou que esta epístola é “a excelente rapsódia sobre o valor da salvação cristã”. Muitos hinos da igreja cristã, entre os quais “Da Igreja o Fundamento”,* foram inspirados por esta epístola irretocável. F. F. Bruce a caracteriza como “a pedra de cobertura da estrutura maciça dos ensinamentos de Paulo”.

A. Autoria

O escritor se identifica em dois lugares na epístola: 1) “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus” (1.1); 2) “Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios” (3.1). Já no século II, os pais da igreja atribuíam a epístola a Paulo de Tarso, fato que comprova que estas referências são autênticas. Inácio de Antioquia (martirizado em 115 d.C.) conhecia Efésios e sabia que era paulina. O bispo Policarpo de Esmirna, como também os autores da Epístola de Barnabé e do Pastor de Hermas, dão evidências de atribuir Efésios ao apóstolo Paulo. Márciom, o famoso herege, rejeitou o Antigo Testamento, mas favoreceu os escritos de Paulo. Em 144 d.C., ele publicou uma lista de livros cristãos aprovados, na qual constam dez das cartas de Paulo, inclusive Efésios. Mas, surpreendentemente, ele se referiu à carta como “A Epístola aos Laodicenses”. É óbvio que ele se baseou em Colossenses 4.16, onde há referência sobre tal epístola.

A autoria paulina é sustentada por outros líderes cristãos do século II, inclusive Irineu de Lyon, Clemente de Alexandria e Tertuliano de Cartago. O famoso Cânon Muratoriano (c. 190 d.C.) traz Efésios em sua relação dos livros cristãos autorizados. É, portanto, justificável que grande segmento da erudição conclua que a igreja primitiva em peso a considerasse genuinamente paulina.

Não obstante, durante a metade final do século XIX vários críticos atacaram a autenticidade da epístola, afirmando que um seguidor culto de Paulo a redigiu. Os principais argumentos contra a autoria paulina são a falta de saudações pessoais aos destinatários, a duplicação em Colossenses e em graus variados de 75 versículos dos 155 de

*Hinário para o Cantor Cristão, nº 504. (N. do T.)

Efésios, o emprego de muitas palavras novas, as insinuações às idéias gnósticas e a ausência de forte ênfase na doutrina central de Paulo: a “justificação pela fé”.¹

Contudo, longa lista de estudiosos ilustres insiste que a epístola é fruto direto da autoria de Paulo.² A defesa hábil de Donald Guthrie é suficiente. Ele escreve:

Quando todas as objeções são cuidadosamente ponderadas verificamos que o peso das evidências é inadequado para vencer a soberba atestação externa a favor da autoria paulina e as afirmações na própria epístola. [...] Declarar que um paulinista por puro amor por Paulo e por anulação própria redigiu a carta, atribuiu-a a Paulo e encontrou recepção surpreendente e imediata por parte da igreja para reconhecê-la como tal é incrivelmente menos acreditável que a alternativa simples de considerá-la obra do próprio Paulo.³

A majestade da epístola nos obriga a afirmar que, se não for composição de Paulo, então o suposto autor “deve ter sido igual ao apóstolo, se não superior a ele, em estatura mental e perspicácia espiritual”. Depois de analisar devidamente todas as evidências, a autoria paulina ainda goza de forte posição entre os estudantes do apóstolo.

B. Destinatários

A quem foi escrita esta carta? Superficialmente, esta pergunta não parece importante, mas um exame das referências aos destinatários expõe o problema.

1) O título, anexado à epístola desde os primeiros séculos, é “Aos Efésios” (gr., pros Ephesious). O manuscrito mais antigo de Efésios, o Papiro Chester Beatty (P46), datado de 200 d.C., mais os dois códices excelentes do século IV, o Códice Sinaítico e o Códice Vaticano, empregam este título. O testemunho da igreja primitiva sobre este assunto é quase universal. O Fragmento Muratoriano, Irineu de Lyon, Clemente de Alexandria e Tertuliano de Cartago referem-se a esta epístola com o nome de “aos Efésios”. Tertuliano comenta que Márciom (c. 150 d.C.) alistou a epístola com o título de “Aos Laodicenses”, mas não inclui uma “Aos Efésios”. Adolph Harnack, o famoso professor de Berlim, afirmou que a carta foi enviada originalmente a Laodicéia, mas o nome foi retirado por causa da reputação ruim que a igreja angariou em época posterior.⁴

2) Pelo visto, o caráter primitivo do título resolve a questão do destino da carta, exceto que os manuscritos melhores e mais antigos não trazem em 1.1 a expressão em Éfeso (gr., en Epheso). O Papiro Chester Beatty, como também o Códice Sinaítico e o Códice Vaticano, omitem estes dizeres. Orígenes, o grande estudioso bíblico do século III, observa que as palavras “em Éfeso” não constavam nos manuscritos que ele conhecia. Basílio e Jerônimo, do século IV, também indicam que esta frase faltava nos melhores manuscritos de que dispunham.

3) Os vários fatos que surgem deste conflito aparente entre título e endereço devem ser mantidos em mente na busca da solução. Primeiro, os títulos foram prova-

velmente anexados aos livros do Novo Testamento na ocasião em que foram reunidos, talvez durante o século II. Segundo, quando o escriba procurava um título para esta carta pode ser que tenha se baseado em 2 Timóteo 4.12, onde Paulo escreve: “Também enviei Tíquico [que levou a Epístola aos Colossenses] a Éfeso”. Terceiro, é totalmente fora da característica paulina ele não endereçar os destinatários de sua correspondência direta e particular. De acordo com Atos 19 a 20, o apóstolo vivera e trabalhara três anos em Éfeso. É incrível ele não ter mencionado nesta epístola algumas das pessoas que ele conhecia pessoalmente em Éfeso. Uma leitura atenta da carta revela que muitos dos leitores não lhe eram bem conhecidos (1.15; 3.2; 4.20,21). A conclusão que estes fatos apontam é que a carta não foi escrita primariamente para a igreja em Éfeso.

4) Entre as sugestões relativas aos destinatários da epístola, três merecem breves considerações. Primeiro, Paulo enviou a carta originalmente a uma congregação em particular, mas depois a saudação pessoal foi omitida para que a epístola fosse usada de modo mais geral. Mais tarde, no devido tempo, a carta foi identificada com Éfeso. Não é necessário dizer que este ponto de vista não leva em conta o fato, de fácil verificação nos outros escritos paulinos, que o apóstolo sempre mistura assuntos pessoais em sua correspondência. Por esta razão, a ação de Márciom ter atribuído a carta à igreja em Laodicéia recebe pouca consideração dos estudiosos.

Segundo, Paulo endereçou a epístola ao mundo⁵ cristão e não a uma congregação em particular. Conjeturou-se que a saudação introdutória poderia ter sido originalmente: “Aos santos que também são fiéis em Cristo Jesus”. Mas, gramaticalmente, esta proposta é falha. Além disso, o uso paralelo em Romanos, 1 e 2 Coríntios e Filipenses pesa contra a ausência de nome de lugar. Passagens como 1.15 e 6.21 dão a entender que Paulo tinha leitores particulares em mente.

Terceiro, Paulo enviou esta epístola a várias igrejas. Originalmente, um espaço em branco foi deixado no lugar onde aparece “em Éfeso”, para que um nome fosse inserido. Em outras palavras, Efésios é uma carta circular. Em defesa desta opinião estão diversos fatos. O pensamento geral da epístola aplica-se a pessoas em situações diferentes, explicando a falta de saudações pessoais como há nas outras cartas de Paulo. Não nos esqueçamos de que Paulo tinha trabalhado durante três anos em Éfeso; contudo, 3.2 e 4.21 apresentam a dúvida de que o próprio Paulo tenha levado os leitores a Cristo. A designação de Márciom desta carta como carta “aos Laodicenses” seria um erro natural, se ele possuísse uma cópia do original no qual este nome fora inserido.

Como a carta circulou? Talvez Tíquico ou outro mensageiro tenha levado a epístola de lugar em lugar e inserido o nome da igreja para a qual ele a lia. Pode ser também que tenham feito cópias da carta, cada uma com o nome de uma igreja em particular. A primeira opção afigura-se mais possível. É conclusão satisfatória dizer que Paulo enviou esta epístola para as igrejas da região ocidental da província da Ásia, onde estariam Éfeso, Colossos, Laodicéia, Pérgamo e Filadélfia. Talvez Éfeso a tenha recebido primeiro e depois ela circulou por toda a região. Considerando que a circulação começou em Éfeso, e visto que Éfeso era a principal cidade da região, a carta acabou sendo associada com esta congregação.

C. Lugar e Ocasão da Escrita

Três notas explícitas na epístola revelam que Paulo estava preso quando a escreveu. Em 3.1 e 4.1, o apóstolo diz que ele é “prisioneiro”. Em 6.20, ele se denomina “embaixador em cadeias”.⁶ Onde Paulo estava quando escreveu a carta? Nossa fonte primária neste assunto é o Livro de Atos que registra três prisões: 1) Em Filipos (At 16.19-34); 2) Cesaréia (At 25); e 3) Roma (At 28.16ss.). Considerando que a prisão em Filipos foi de apenas uma noite, podemos descartá-la como o lugar de onde a carta foi enviada. Ainda que a prisão em Cesaréia fosse mais prolongada — durou mais de dois anos (At 24.26,27) —, não pode ser defendida como o local da composição da carta. As “Epístolas da Prisão” indicam que Paulo esperava ser liberto em pouco tempo (cf. Fm 22; Fp 2.24). Mas a atitude geral dos judeus palestinos para com Paulo durante a prisão em Cesaréia daria pouca esperança de logo ser solto. Se Paulo estivesse pensando em apelar para César, sabendo que necessitaria viajar para Roma, ele não teria dado a entender uma libertação em pouco tempo.

Certos comentaristas alegam que a prisão à qual Paulo se refere nestas epístolas é aquela que ele sofreu em Éfeso.⁷ A teoria baseia-se primariamente em 1 Coríntios 15.32, onde Paulo afirma: “Combati em Éfeso contra as bestas”. A segunda fonte é 2 Coríntios 11.23, onde o apóstolo sugere numerosas prisões. Embora outras evidências internas sejam reunidas em defesa desta posição, não há registro bíblico explícito de Paulo ter estado preso em Éfeso. A referência a um combate com as bestas deve ser considerada metáfora da intensa oposição que ele enfrentou de homens maus. Com toda a probabilidade, sua cidadania romana e seus amigos influentes em Éfeso o teriam tirado da prisão.

O ponto de vista mais razoável é que a Epístola aos Efésios, como também aos Filipenses, Colossenses e Filemom, foram escritas quando Paulo era prisioneiro em Roma. As referências à “guarda pretoriana” (Fp 1.13) e aos santos “que são da casa de César” (Fp 4.22) são indicações fortes de uma situação romana. Além disso, Paulo viveu em comparativa liberdade em Roma, enquanto aguardava julgamento (At 28.30). Durante dois anos, ele residiu em sua casa e, assim, pôde dar devida atenção a toda a correspondência necessária com suas igrejas da região do mar Egeu.

Se a teoria romana sobre o lugar da escrita estiver correta, então qual é a sequência da composição das “Epístolas da Prisão”? Concebe-se a ordem habitualmente da seguinte forma: Onésimo, o escravo fugitivo de Filemom, morador de Colossos, foi para Roma e acabou ficando sob a influência de Paulo. Depois da conversão, ele foi mandado de volta ao seu senhor em companhia de Tíquico, natural da província da Ásia e portador da carta a Filemom. Na pequena carta, Paulo apela para a indulgência de Onésimo. Pelo visto, antes da partida de Onésimo e Tíquico, Epafras, um dos companheiros de Paulo e provável fundador da igreja em Colossos, chegou à cidade com notícias relativas à condição espiritual da igreja. Assim, Paulo tirou proveito da viagem de Onésimo e Tíquico a Colossos para enviar uma carta àquela igreja (Cl 4.7-9). A conclusão da Epístola aos Colossenses fez com que Paulo ditasse uma carta para todas as igrejas na Ásia ocidental. Esta carta, conhecida como Epístola aos Efésios, também foi entregue por Tíquico (Ef 6.21).

A semelhança de linguagem e idéias entre Colossenses e Efésios apóia a opinião de que elas foram compostas juntas. Efésios é uma expansão de várias idéias que estão em forma embrionária em Colossenses. Conferindo as referências cruzadas em Colossenses,

o estudante de Efésios descobre a gritante semelhança lingüística e conceitual entre as duas epístolas. Neste comentário, citamos ocasionalmente e, sobretudo onde a semelhança é importante, a referência à Epístola aos Colossenses.

D. Tema da Epístola

Bruce lamenta o fato que o pensamento de Paulo tenha sido identificado de forma tão exclusiva com a doutrina da justificação pela fé, que as verdades discernentes de Colossenses e Efésios fossem “negligenciadas” ou percebidas como não-paulinas.⁸ É inquestionável que Gálatas e Romanos, as quais ensinam enfaticamente a doutrina fundamental da justificação pela fé, sejam epístolas essenciais. Elas ocupam posição distintiva no que tange à mensagem do apóstolo. Em Efésios, porém, possuímos a declaração mais sucinta da doutrina central de Paulo: “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas” (2.8-10). Portanto, as verdades constantes na carta aos efésios são igualmente importantes para compreendermos o pensamento de Paulo.

Efésios, junto com Colossenses, nos apresenta a preocupação do apóstolo com a unidade. Von Soden comenta que Efésios é, “acima de tudo, um hino de unidade”. Paulo quer mostrar que o plano redentor de Deus envolve essencialmente a unidade do homem e do cosmo com ele. No cerne da ordem das coisas existe uma grande desavença. O homem e Deus estão tragicamente alienados. Semelhantemente, o mundo no qual o homem vive está desunido em termos naturais, morais e sociais. A discórdia é a característica mais distintiva do homem e seu mundo. Para Paulo, Cristo é a resposta de Deus para esta desarmonia. O apóstolo faz a observação explícita em 1.10. “De [Deus] tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra”. Mais especificamente, com respeito à grande separação entre judeus e gentios, “o mistério de Cristo” é “que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho”, desta forma ocasionando unidade. Tudo isso é “segundo o eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor” (2.11-18; 3.1-13).

De acordo com Efésios, a obra de unidade que Cristo fez começa experiencialmente com a novidade de vida que o homem, tocado pela graça de Deus, desfruta. A pequena expressão importantíssima “em Cristo” é temática. Paulo escreve em 1.3: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo” (grifos meus). Estar “em Cristo” tem muitas dimensões, entre elas a adoção (1.5), o perdão de pecados (1.7), o selo com o Espírito Santo (1.13), a ressurreição da morte espiritual (2.1-6), a reconciliação com Deus (2.13-18), a vestição da roupa da justiça (4.22-24), a experiência da santidade (3.14-21) e a sensível vida ética e social (caps. 5—6).

Como instrumento de reconciliação e unidade, Deus cria a igreja que é o corpo de Cristo. Pela igreja, Deus une judeus e gentios, desta forma acabando com a longa história de inimizade. Cristo, “pela cruz, [reconciliou] ambos com Deus em um corpo, matando com ela as inimizades” (2.16). Em Cristo, judeus e gentios se tornam “um novo ho-

mem, fazendo a paz” (2.15). Os gentios, “que antes [estavam] longe, já pelo sangue de Cristo [chegaram] perto” (2.13) e, junto com os judeus, têm “acesso ao Pai em um mesmo Espírito” (2.18). A igreja, como corpo de Cristo, é testemunha do fato de que as divisões, por maiores que sejam, podem ser sanadas. Estas são as “divisões de nação, raça, cor, classe, religião e cultura que geram hostilidade tremenda e ameaçam nosso mundo com aniquilação”.⁹ Quando a igreja é realmente igreja, ela é uma unidade como uma casa, uma comunidade de cidadãos com direitos iguais e verdadeiramente um templo santo, no qual o Espírito Santo habita (2.19,22).

A igreja — no sentido paulino de igreja universal — sempre é uma unidade, possui um Espírito, mantém-se fiel a um único credo e cresce em semelhança com a cabeça, Cristo, através do ministério dos seus líderes carismáticos (4.1-16). Além disso, sujeita ao seu Senhor, a igreja é conduzida à experiência da santificação, pela qual Cristo morreu com a expectativa de “a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (5.22-33).

Esboço

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. O Escritor, 1.1a
- B. Os Destinatários, 1.1b
- C. A Bênção, 1.2

II. HINO DE SALVAÇÃO, 1.3-14

- A. A Fonte das Bênçãos de Salvação, 1.3
- B. Salvação Promulgada antes do Tempo, 1.4-6
- C. Salvação Realizada no Tempo Certo, 1.7-14

III. ORAÇÃO E LOUVOR PELA ILUMINAÇÃO DIVINA, 1.15—2.10

- A. A Inspiração à Oração, 1.15,16
- B. A Essência da Petição, 1.17
- C. As Recompensas da Iluminação, 1.18,19
- D. As Evidências do Poder de Deus, 1.20—2.10

IV. UNIDADE ESPIRITUAL DO GÊNERO HUMANO EM CRISTO, 2.11-22

- A. A Alienação anterior dos Efésios em relação a Cristo, 2.11,12
- B. A Reconciliação entre Gentios e Judeus, 2.13-18
- C. Metáforas da Unidade, 2.19-22

V. ORAÇÃO POR CUMPRIMENTO ESPIRITUAL, 3.1-21

- A. A Administração Paulina do Mistério, 3.1-13
- B. A Oração de Paulo pelo Cumprimento Espiritual, 3.14-19
- C. Doxologia, 3.20,21

VI. A UNIDADE DA IGREJA, 4.1-16

- A. O Apelo à Unidade, 4.1-3
- B. As Grandes Unidades, 4.4-6
- C. A Diversidade na Unidade, 4.7-16

VII. A VELHA VIDA E A NOVA, 4.17-32

- A. A Vida sem Cristo, 4.17-19
- B. A Vida com Cristo, 4.20-24
- C. Regras de Procedimento da Nova Vida, 4.25-32

VIII. VIVENDO COMO FILHOS AMADOS, 5.1-21

- A. Andando em Amor, 5.1-7
- B. Andando em Luz, 5.8-14
- C. Andando em Sabedoria, 5.15-21

IX. RELAÇÕES CRISTÃS, 5.22—6.9

A. Marido e Mulher, 5.22-33

B. Pais e Filhos, 6.1-4

C. Senhores e Escravos, 6.5-9

X. GUERRA CRISTÃ, 6.10-20

A. A Preparação do Crente, 6.10-13

B. A Armadura de Deus, 6.14-17

C. A Oração por Todos os Santos, 6.18-20

XI. SAUDAÇÕES FINAIS, 6.21-24

A. Elogio a Tíquico, 6.21,22

B. Bênção, 6.23,24

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

Efésios 1.1,2

A. O ESCRITOR, 1.1A

As cartas do apóstolo Paulo começam com a fórmula de cumprimento comum às correspondências do século I. As saudações de Paulo são habitualmente compostas de três partes: o escritor, os destinatários e a palavra de bênção. Na maioria das vezes, Paulo segue esta saudação tripla, com certa amplificação de acordo com sua relação com as pessoas a quem escreve. O mais importante nesta palavra introdutória é que a relação de Deus em Cristo governa a descrição do escritor e dos leitores.

Paulo descreve-se como um **apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus** (cf. 1 Co 1.1; 2 Co 1.1; 2 Tm 1.1). O termo **apóstolo** é derivado da palavra grega *apostolos*, que significa, literalmente, “o enviado”. Neste sentido básico é usado em geral para referir-se aos missionários cristãos, como Barnabé (At 14.14), Epafrodito (Fp 2.25) Timóteo e Silvano (1 Ts 2.6; o termo grego para mensageiro é *apostolos*). Todos os obreiros de Deus têm uma responsabilidade e relacionamento apostólicos. Isto significa que eles “são enviados em missão” por Deus. Entretanto, Paulo está pensando em termos mais restritivos ao escrever sobre seu apostolado. Ele se considera parte do grupo original dos doze que tinham relação especial com o Mestre. De acordo com sua experiência exclusiva, Paulo foi direta e pessoalmente comissionado por Cristo para pregar o evangelho (At 26.15-19; Gl 1.11-17).

Em sua descrição, Paulo diz que seu apostolado foi uma criação **pela vontade de Deus**, ou melhor, “através da vontade de Deus”. Não devemos atribuir sua autoridade apostólica à ação da igreja primitiva, ou a um pronunciamento dos doze que o precede-

ram.¹ Sua comissão divina como apóstolo ocorreu no momento do encontro com o Cristo ressurreto na estrada de Damasco e foi simultâneo à conversão. Ao comentar a frase **pela vontade de Deus**, R. W. Dale escreve que Paulo quer dizer que a vontade divina era “a força poderosa, mas graciosa, que o colocou no apostolado e o sustentou em todos os trabalhos e sofrimentos apostólicos.”²

B. Os DESTINATÁRIOS, 1.1B

Os destinatários desta epístola são caracterizados por **santos** (*hagioi*) e **fiéis** (*pistoi*). A expressão **em Éfeso** é sumamente difícil de defender, visto que não ocorre no Papiro Chester Beatty (P46), do século III, e nem nos manuscritos Vaticano e Sinaítico, do século IV.³

Em que sentido estes cristãos são santos? São meramente o povo “separado” por Deus para servi-lo e por isso são considerados “santos”? Ou esta palavra descreve o caráter dos destinatários como povo moralmente santo? Ambas as interpretações são apropriadas e pertinentes. Ninguém é santo por esforço pessoal; a santidade vem pelo ato consagrador de Deus. O indivíduo que é “separado” pela graça de Deus é feito “santo”, porque ele entregou a vida a Deus conscientemente e de boa vontade. A santidade que ele manifesta não é simples questão de estar com Deus; é também uma realidade do espírito interior enquanto ele vive em relação dinâmica com Deus, por meio de Cristo. Estes indivíduos são santos na medida em que a graça de Deus opera na vida deles. Pode ser que alguns cristãos efésios não desfrutassem as bênçãos da plena salvação, mas viviam separados do pecado e estavam crescendo em sua relação com Deus. Não há dúvida de que Paulo espera que essa permanente vida em Cristo os conduza à experiência dos totalmente santificados.

Estas pessoas também são chamadas **fiéis em Cristo**. No original, a palavra **fiéis** pode significar: 1) “crentes” ou “os que têm fé”; e, 2) “fiéis” ou “os que mostram fidelidade”. Francis Foulkes conclui acertadamente: “Aqui, ambas as idéias estão incluídas; eles são crentes e chamados à fidelidade”.⁴ O ato de crer resulta em fidelidade.

Os destinatários santos e fiéis desta epístola crêem **em Cristo Jesus**. Eles vivem nele. A comunhão que têm como comunidade foi criada por Cristo quando eles se entregaram a ele. Como estavam antigamente, iguais a todos os homens, “em Adão” (Rm 5.12-21; 1 Co 15.21,22), alienados de Deus, agora eles estão **em Cristo Jesus** e foram reconciliados com Deus.

O evangelho de Paulo pode bem ser caracterizado como a chamada à experiência de estar “em Cristo” (*en Christo*). Stewart observa: “O âmago da religião de Paulo é a união com Cristo. [...] Tudo o que significava religião para Paulo nos está concentrado em grandes palavras como estas: ‘Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim’ (Gl 2.20). ‘Agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus’ (Rm 8.1). ‘O que se ajunta com o Senhor é um mesmo espírito’ (1 Co 6.17)”.⁵

C. A BÊNÇÃO, 1.2

Combinando a saudação grega comum, **graça** (*charis*), com a saudação judaica, **paz** (*shalom*), Paulo expressa mais do que uma palavra superficial de boa vontade. Na verda-

de, ele pronuncia uma bênção. Os doze apóstolos foram enviados pelo Mestre com as prerrogativas de abençoar ou rejeitar as pessoas, dependendo da resposta que dessem ao evangelho (Mt 10.11-15). De modo semelhante, as palavras de Paulo são abençoadoras no ponto em que carregam em si o poder de Deus. Elas intermedeiam a garantia divina. **Graça** abrange todos os atos providenciais de Deus a favor de homens indignos para iniciar e sustentar uma relação salvífica com ele. **Paz**, o dom correlato, é um estado de intensa satisfação e determinação. É divinamente gerada no coração e na mente daqueles que responderam às propostas redentoras de Deus através de seu Filho, Cristo Jesus.

Deus, nosso Pai, é o Provedor de nossa salvação, já que o **Senhor Jesus Cristo** é o Mediador. Estes dons iniciais de **graça** e **paz** aumentam, quando nos rendemos a Deus cujo propósito único é ter um povo que esteja em processo de amadurecimento no amor que temos por ele.

SEÇÃO II

HINO DE SALVAÇÃO

Efésios 1.3-14

Não há passagem nos escritos paulinos que seja de maior importância sobre a verdade de salvação do que esta. Cada versículo está repleto de discernimentos majestosos sobre os atos poderosos da salvação de Deus para todo membro da raça adâmica. Em uma frase longa que se estende pelos versículos 3 a 14 (cf. RA), o apóstolo toca em cada faceta da experiência de salvação. A exposição destes versículos requer um exame cuidadoso de cada frase, levando em conta a antecedente e a subsequente, pois cada uma nasce da precedente e gera, por sua vez, a seguinte.

Segundo categorização de B. F. Westcott, esta passagem é “um salmo de louvor pela redenção e consumação das coisas criadas, cumpridas em Cristo pelo Espírito segundo o propósito eterno de Deus”.¹ O uso da palavra **bendito** (*eulogeo*, 1.3) e do refrão três vezes repetido **para louvor da sua glória** (1.6,12,14) são as indicações para se entender a passagem. Dale Moody também sugeriu que a estrutura é doxológica e que formas de oração litúrgica constituem sua base.² O caráter trinitário destas orações é identificável: 1) a obra do Pai, 3-6; 2) a obra do Filho, 7-12; 3) a obra do Espírito Santo, 13,14.³ Esta organização em três partes é mais impressionante no original grego do que nas traduções. Reconhecendo o caráter básico de “louvor” que a passagem contém, Moody a analisa de acordo com as divisões trinitárias.

John Wick Bowman sugere uma designação muito mais explícita da passagem. Ele a nomeia “Hino de Salvação”.⁴ Pelo visto, o apóstolo se deixa levar por uma doxologia quando contempla o que está por trás de tudo que aconteceu em sua vida e na vida dos

leitores. A passagem relaciona-se com a história de salvação. Denota como Deus estabeleceu o plano para redimir o homem e como esse plano está sendo executado e posto em prática no coração e vida destes cristãos do século I. Este mesmo plano também é efetivado na vida de todo aquele que crer.

A divisão mais proveitosa da passagem é: 1) A fonte das bênçãos de salvação, 3; 2) Salvação promulgada antes do tempo, 4-6; 3) Salvação realizada no tempo certo, 7-14.

A. A FONTE DAS BÊNÇÃOS DE SALVAÇÃO, 1.3

Paulo começa louvando a Deus pelos benefícios espirituais que advêm a ele e aos cristãos por causa da relação que têm com Cristo. **Bendito** é, em grego, *eulogetos*, que é palavra composta de *eu*, que significa “bem”, e *logetos*, que significa “falar”. Literalmente, o grego transmite a idéia de “falar bem” ou “elogiar”. O apóstolo está dizendo: “Elogiamos a Deus; falamos palavras boas sobre ele”. Essencialmente, só Deus é digno de ser bendito, porque só ele é de caráter e ação autênticos e constantes. Só ele é verdadeiramente elogiável ou louvável, porque não há mistura nos seus motivos e intenções. Mais importante é o fato de que **Deus é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**, que nos revelou a natureza de Deus. O Supremo Ser não é juiz austero e arbitrário, mas é o Pai Eterno de espírito amoroso, misericordioso e terno como Cristo.⁵

Bendizemos a Deus porque ele nos bendisse. Nosso louvor brota da disposição graciosa do Pai Celestial por nós. No idioma original, a frase **o qual nos abençoou** é um particípio aoristo e conota ação meticolosa no passado quando as bênçãos prestes a serem mencionadas foram recebidas. Paulo está se referindo às ocasiões em que Deus falou palavras de perdão e limpeza para nossos corações. Ainda que por vezes nossas palavras não tenham efeito ou tenham pouco efeito nas circunstâncias existentes, as palavras de Deus sempre são criativas e trazem à existência a sua vontade e desejo. A Palavra de Deus modela mundos, e isso é glorioso. Mas não é só. A criação de um filho espiritualmente novo pelo anúncio de perdão excede nossa compreensão. É um verdadeiro milagre.

1. Bênçãos Espirituais (1.3a)

Em grego, **com todas as bênçãos espirituais** está no singular: “com toda bênção espiritual” (cf. RA). Paulo não quer fazer distinção básica entre talentos naturais e benefícios espirituais, embora esta diferença esteja incluída. Sua intenção é “atribuí-las [as bênçãos] ao Espírito de Deus”.⁶ A verdadeira apreciação das bênçãos naturais, físicas e intelectuais depende e procede de desfrutar a vida do Espírito.

A frase **nos lugares celestiais** é peculiar a esta epístola (1.20; 2.6; 3.10; 6.12). Existe a idéia paralela em Filipenses 3.20, onde o apóstolo afirma: “A nossa cidade [modo de vida] está nos céus”. Em Efésios, esta frase (*en tois epouraniois*; lit., “celestiais”) refere-se ao reino ou esfera: 1) onde o Cristo ressurreto se assenta supremamente acima de todas as outras autoridades (1.20); 2) onde os crentes, espiritualmente ressuscitados, desfrutam a comunhão com Cristo (2.6); 3) “onde os principados e potestades vêem a multiforme sabedoria de Deus exibida pela igreja” (3.10);⁷ e, 4) onde os cristãos, devidamente armados, lutam contra a maldade espiri-

tual (6.12). Na concepção do apóstolo, está claro que “celestiais” não é uma ordem celestial em oposição a uma esfera terrestre. Seu pensamento está nas dimensões espirituais em contraste com as dimensões materiais na experiência dos homens. Como comentou Martin: “É o reino da experiência espiritual; não é uma localidade física, mas uma região de realidades e experiências espirituais”.⁸ A designação **nos lugares celestiais** não é um termo incorreto, porque a vida interior do homem em Cristo foi invadida pelo poder do céu. Ele possui vida eterna e está no Reino dos Céus. Em espírito, ele é erguido acima do terrestre, do mundano e do temporal. O cristão está temporariamente no mundo, mas ele não é do mundo (cf. Jo 17.13-16).

2. *Em Cristo* (1.3b)

Na longa frase que começa no versículo 3, a expressão **em Cristo** (*en Christo*), e as expressões relacionadas — “nele”, “em quem” e “no qual” — ocorrem 11 vezes, aproximadamente 30 vezes na epístola inteira. Esta frase é inquestionavelmente a idéia fundamental da carta e, até certo ponto, é o que Paulo entende da fé cristã.⁹

O fato de Paulo empregar a preposição **em** não deve nos fazer entender que ele expressa uma união quase física ou metafísica com Cristo. A relação entre o cristão e seu Deus é de natureza mística. O misticismo, contudo, não são os cultos de mistério pagão, que levavam os iniciados a crer que foram semidivinizados ao se entregarem aos deuses. Nem Paulo está esposando uma forma de panteísmo, no qual o indivíduo é completamente absorvido pela deidade, desta forma perdendo a individualidade.

Com a expressão **em Cristo**, o apóstolo quer dizer uma profunda consciência da unidade de espírito e propósito resultante da submissão à vontade de Deus. Esta é a “união de pessoas”, como sugeriu Wahlstrom.¹⁰ Nossa melhor analogia humana é o compartilhamento de vida e a dependência dos outros, como no caso do casamento genuíno. Nessa relação, homem e mulher tornam-se “uma carne”, quer dizer, vivem de acordo com um padrão de vida comum. Não há relação humana mais criativa, quer física quer espiritual. Semelhantemente, para o cristão, a nova vida **em Cristo** é insuperável em dar significado e esperança à vida. Se há algum misticismo nesta relação, é aquele que a fé produz. Ocorre quando o homem: 1) reconhece o caráter e direitos de Deus; e, 2) age obedientemente segundo as justas exigências e vontade de Deus. Estas lhe são reveladas na vida, ministério e morte de Cristo, o objetivo da fé do homem. Nesta relação, contribuimos com confiança e obediência, enquanto Cristo proporciona graça e paz.

James S. Stewart fala sobre o enriquecimento potencial na “impregnação de uma personalidade por outra que torna possível a religião espiritual. É o que promove a união mística. Mas, reconhecendo que a personalidade que está em Cristo tem recursos muito maiores, tanto de rendição quanto de recebimento, do que em qualquer nível puramente humano, concluímos que existe entre os cristãos e seu Senhor um grau de intimidade e unidade sem paralelo e único”.¹¹

B. SALVAÇÃO PROMULGADA ANTES DO TEMPO, 1.4-6

As bênçãos destinadas ao povo de Deus não são acidentais. São resultado dos propósitos que foram estabelecidos na mente e espírito de Deus **antes da fundação do**

mundo (4).¹² Paulo não tem a intenção de empregar esta frase em outro sentido senão dizer que a escolha de Deus é eterna, é a “determinação da mente divina antes de todos os tempos”.¹³ Nossa salvação não é uma reflexão tardia, mas o cumprimento da vontade gloriosa de Deus Pai. Robinson comenta: “Na eternidade, [a salvação] não é nova; embora no tempo pareça nova”.¹⁴

Este propósito é a eleição para uma vida **santa** e irrepreensível, que se baseia na predestinação à filiação (4,5). O verbo **nos elegeu** (*exelexato*) está na voz média e deve ser traduzido literalmente por: “Ele nos elegeu para si mesmo”. Como Westcott declara, Paulo deseja enfatizar “a relação da pessoa com o propósito especial daquele que escolhe. Os ‘eleitos’ não são avaliados quanto à posição com os outros que não são escolhidos, mas quanto à posição com o desígnio de Deus que trabalha por meio deles”.¹⁵

1. A Eleição para Salvação (1.4)

A eleição é uma afirmação básica da Bíblia.

a) Ela enfatiza a verdade que a iniciativa em ocasionar a redenção do homem é tomada por Deus e não pelo homem. Jesus expressou esta verdade nas palavras de João 15.16: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós”.

b) A eleição ou escolha de Deus não é arbitrária, de forma que alguns sejam destinados à salvação e outros à perdição, sem levar em conta a disposição de cada indivíduo. O âmbito da salvação é a todos os homens, como a Bíblia copiosamente declara (Jo 3.16; Rm 10.13). Os eleitos são constituídos, não por decreto absoluto, mas por aceitação das condições do chamado de Deus.

Fazendo um comentário sobre esta frase aos efésios, Wesley afirma que os eleitos são “judeus e gentios, a quem ele previu que creriam em Cristo (1 Pe 1.2)”.¹⁶ Embora admitamos a presciência de Deus, não devemos deduzir que essa presciência seja causativa e que o homem não tenha a liberdade de escolha. Há um paradoxo implícito neste assunto, cuja solução acha-se “na experiência cristã e não em termos intelectuais e lógicos”.¹⁷ Dale escreve: “Não há um toque de especulação nesta passagem gloriosa”.¹⁸ O homem sabe na hora da conversão que ele fez “uma escolha entre Cristo e não-Cristo”, mas à medida que ele reflete cada vez mais em sua experiência, percebe que “até os primeiros impulsos do coração que o levaram a escolher Cristo foram obra do Espírito Santo”.¹⁹

c) Aqueles que respondem ao evangelho em fé são designados os eleitos, os escolhidos, ou a *ecclesia* (“os chamados para fora”). Eles são a igreja. Martin comenta: “Este novo povo, a igreja cristã, não é o resultado de um expediente precipitado e temporal, mas fazem parte do propósito eterno de Deus equitativamente com o povo de Israel.”²⁰

d) **Nele** (*en auto*) refere-se a Cristo e significa que Cristo, em sua missão redentora, é a esfera na qual a eleição é cumprida e efetuada. Cristo é a realização provisional da escolha de Deus. R. W. Dale observa: “Todos estamos entre os não-eleitos até que estejamos Nele. Mas assim que estamos em Cristo ficamos presos pelas correntes dos propósitos eternos do amor divino.”²¹

e) O propósito ético da escolha de Deus é **para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade**. Santos (*hagios*) expressa o propósito experiencial positivo da escolha de Deus. Aqui, significa mais que santidade cerimonial, ou seja, mais que mera diferença que se origina da separação divina. Santos manifesta a diferença interior e moral que prevalece quando a graça de Deus é operativa no coração. Este fato está fortemente indicado na segunda palavra que descreve o resultado da escolha, qual seja, irrepreensíveis (*amomos*). A idéia provém do sistema sacrificatório, no qual os sacrifícios não podiam ter mancha ou defeito (Lv 1.3,10). No Novo Testamento, *amomos* tem conotação ética. É usado em relação à oferta de Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.10) e, neste contexto de Efésios, podemos entendê-lo justificavelmente como alusão à vida cristã. O homem em Cristo pode ser irrepreensível, “não meramente pelos padrões humanos, mas diante daquele que é a testemunha de tudo que o homem faz, pensa e diz”.²² Santos se refere à qualidade espiritual interior, ao passo que **irrepreensíveis** diz respeito à conduta exterior de vida.

A expressão **em amor** desconcerta os tradutores com respeito à posição no texto. Deve ser colocada no final do versículo 4, ou no início do versículo 5? Sua posição determina se a referência é ao amor do homem ou ao amor de Deus. Certas traduções mantêm e relacionam a expressão ao versículo 4, enquanto outras a relacionam ao versículo 5: “Em amor, Ele nos predestinou para sermos, todos, adotados como filhos” (NVI). Pôr a expressão de modo a enfatizar a predestinação não prejudica o sentido geral da passagem. Mas, talvez, seja redundante, porque o versículo 5 finda com uma idéia equivalente: “Segundo o beneplácito de sua vontade”. Numerosos comentaristas, entre eles Robinson, Salmond, J. B. Lightfoot e Foulkes, preferem mantê-la no versículo 4. Eles defendem que “Paulo tem o hábito geral, se não constante, de colocar a expressão *en agape* depois da frase que a qualifica (Ef 4.2,15,16; 5.2; Cl 2.2; 1 Ts 5.13)”.²³ Robinson conclui: “O amor é a resposta para a qual a graça divina se volta; é a prova de que não é dada em vão”.²⁴ A expressão define santidade e inculpabilidade, que são “a finalidade e o objetivo de Deus nos ter eleito, e tem sua verdade e perfeição na suprema graça cristã do amor”.²⁵

2. A Adoção por Deus (1.5)

O versículo 5 expressa uma segunda faceta da redenção do homem: **E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade**. O verbo grego traduzido por **nos predestinou** (*proorisas*) significa literalmente “tendo destacado de antemão”. O sentido é paralelo à idéia da eleição, indicando uma vez mais o fato de que o plano de Deus fora determinado desde a eternidade. Paulo especifica o meio pelo qual foi alcançado, isto é, **a adoção por Jesus Cristo**. Deus criou o homem para ter comunhão com ele como seu filho (Gn 1.26; At 17.28), mas o pecado rompeu essa relação e tornou o homem um estranho para a casa divina. Deus determinou que, **por Jesus Cristo**, a restauração à filiação estaria garantida àqueles que aceitam o Filho eterno.

Adoção (*uiothesia*) é uma idéia peculiar aos escritos paulinos, ocorrendo cinco vezes (Rm 8.15,23; 9.4; Gl 4.5; Ef 1.5). Pelo visto, a idéia proveio do costume romano e não do costume judaico.²⁶ Adoção, no sentido de transferência legal de uma criança de uma família para outra, não existia na lei judaica, mas era possível na jurisprudência roma-

na, embora não sem considerável cerimônia formal. Westcott comenta que o termo *filho* (*uios*), que forma parte da palavra **adoção**, deve ser distinguido do termo criança (*teknon*). O primeiro dá a idéia de privilégio e não de natureza.²⁷ Para Paulo, nossa filiação não se baseia na relação natural, na qual os homens estão diante de Deus por terem sido criados por ele, mas numa nova relação pela graça efetivada na obra de Cristo. Neste sentido espiritual, adoção para Paulo significa a aceitação na família daqueles que, por natureza, não lhe pertencem.²⁸

Eleição e predestinação, que resultam em nossa adoção como filhos e fornecem a base para uma vida santa e irrepreensível, expõem “a majestade superlativa da graça, glória, sabedoria e poder de Deus”.²⁹ Elas estão de acordo com o bom prazer da vontade de Deus (cf. 9). O termo grego *eudokia*, traduzido por **beneplácito**, expressa a idéia de boa vontade, benevolência ou “bom propósito” (NVI). A vontade ou desejo de Deus em nos levar à filiação não é por mérito que possuamos, mas surge de “sua pura bondade, originando-se única e exclusivamente da liberdade de seus pensamentos e deliberação amorosa”.³⁰

3. O Supremo Propósito de Deus (1.6)

A adoção dos homens como filhos de Deus é **para louvor e glória da sua graça** (6). Este refrão aparece novamente nos versículos 12 e 14. O propósito da vida humana é louvar a Deus (Is 43.21; Mt 5.16; 1 Co 4.5) e a esperança do cumprimento do propósito eterno de Deus para nós fornece a base para esse louvor. **Glória** é o esplendor que se relaciona com o caráter de Deus como Redentor. Quando Deus tem sucesso em adotar um filho, a **glória** divina irrompe no interior do homem e, por conseguinte, seu coração ergue-se em **louvor**. Westcott comenta: “A glória desta graça é a manifestação de seu poder quando o homem tem permissão de percebê-la. Cada nova manifestação convoca um novo reconhecimento de sua excelência insuperável”.³¹

Segundo a definição clássica de “o favor imerecido de Deus”,³² o apóstolo qualifica a **graça** na frase anexa: **pela qual nos fez agradáveis a si no Amado** (6). A frase **nos fez agradáveis** é expressa pelo verbo *charitoo*,³³ que é derivado do substantivo (*charis*) graça. Paulo está dizendo que Deus “nos tratou graciosamente” ou “nos visitou com graça”³⁴ no Amado. Objetivamente, o verbo expressa a noção de concessão de favor. O contexto, em que o dom da salvação de Deus é central, apóia esta versão: “que ele nos concedeu gratuitamente” (RA; cf. AEC, NTLH, NVI). **Amado** é reconhecidamente um título messiânico.³⁵ Paulo indica que é “no dom do Filho que o dom da graça se torna nosso”.³⁶ Dois pontos devem estar claros: 1) A incorporação do crente em Cristo é a expressão suprema da graça de Deus; 2) não há modo de os homens conhecerem a graça redentora de Deus, senão por Cristo.

C. SALVAÇÃO REALIZADA NO TEMPO CERTO, 1.7-14

Para o apóstolo, o propósito eterno de Deus estava e está sendo cumprido na história do gênero humano. Paulo explica que o que Deus fez e está fazendo hoje corresponde exatamente à vontade divina (1.5,9,11). Esta vontade não foi motivada por fatores externos; foi formulada pelo amor e misericórdia divinos. Presumiu-se que o pecado entrou no

estado do homem criado e, assim, Deus efetivou seu propósito de resgatar suas criaturas pelo “Amado”. Os prospectos espirituais de homens crentes conforme o escritor desta passagem delineou estende-se por todo o espectro das necessidades humanas — liberdade, novidade, compreensão, aceitação, segurança e esperança.

1. A Redenção pelo Sangue de Cristo (1.7a)

Aqui, a palavra-chave é **redenção** (*apolytrosis*). É o substantivo do verbo *apolytroo*, que no grego clássico significa “libertar por meio de resgate”. Era termo usado para falar de “comprar de volta um escravo ou cativo, libertá-lo mediante o pagamento de um resgate”.³⁷ Na Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento), *apolytrosis* é empregado apenas uma vez (Dn 4.30), e nesta ocasião refere-se à recuperação de Nabucodonosor quando ficou louco. A ocorrência em Daniel não inclui a noção de resgate. O verbo *lutroo*, que significa “libertar por meio de resgate”, é empregado na Septuaginta para expressar a libertação do povo de Israel da escravidão no Egito (Êx 6.6; 15.13; Dt 7.8). Uma vez mais a idéia de resgate não é apropriada à expressão. Estes fatos levaram certos estudiosos a afirmar que *apolytrosis* teve o significado abrandado a ponto de denotar apenas libertação sem o aspecto do resgate. Ainda que a palavra transmita o significado geral de “libertação”, Paulo a usa no sentido modificado de “libertação com um preço”.³⁸

Outras passagens paulinas também enfatizam a questão do custo. Algumas transmitem a metáfora do mercado de escravos (1 Co 6.20; 7.23; 1 Tm 2.6), e outras trazem a metáfora do sistema sacrificatório (Rm 3.24; Tt 2.14). Três versículos do Novo Testamento além deste que estamos analisando declaram o preço envolvido. Hebreus 9.15 fala da morte de Cristo, enquanto que Romanos 3.25 e 1 Pedro 1.19 indicam que é o sangue de Cristo. **Pelo seu sangue** não pode ser interpretado somente com significado de “uma vida libertada”³⁹ e colocada à disposição dos homens. Basicamente, a expressão transmite o fato de uma morte expiatória.⁴⁰ Incluso na interpretação acha-se o “preço de dispendiosidade imensurável”.

A humanidade não regenerada está em escravidão espiritual, vendida sob o domínio do pecado, e não há liberdade deste cativo desesperador senão por Cristo. O evangelho é a palavra de libertação. Cristo vence o déspota e o pecado, e liberta o homem escravizado pelo preço de compra de sua própria morte. Ele morreu como as vítimas sacrificiais do Antigo Testamento, visando a purificação, a expiação e a criação de uma nova relação entre o homem e o seu Criador. Sua morte redime e, por conseguinte, liberta, porque retira o homem da escravidão da culpa e o restaura ao Reino de Deus, a verdadeira pátria de sua alma.

2. O Perdão de Pecados (1.7b,8)

A frase **remissão dos pecados** é paralela à anterior, que fala de nossa **redenção pelo seu sangue**. Experiencialmente, nossa consciência de redenção é o fato de termos sido perdoados de nossos pecados.

O termo grego habitual que Paulo usa para referir-se a perdão é *charizomai*, que significa literalmente “mostrar favor” ou “dar livremente”. Tendo relação próxima com *charis* (graça), este verbo grego expressa a idéia de que Deus é “gracioso para conosco”. Vincent Taylor comenta que significa “pôr de lado mediante o amor as barreiras no caminho da comunhão”.⁴¹

É no contexto de *charizomai* que temos de ver a palavra **perdão** (*aphesis*), no versículo 7. Empregado por Paulo apenas mais duas vezes (Rm 4.7; Cl 1.14), *aphesis* denota “perdão”, “deixar ir”, “não exigir pagamento” ou “pôr de lado”. Deus é o determinador quanto ao que constitui pecado, e é ele que causa a culpa que o homem sente quando peca. Na sua remissão, Deus graciosamente deixa de exigir da alma penitente o castigo justo que o pecado merece. A culpa, algo que nenhum ser humano pode retirar de sua vida, é eliminado milagrosamente pela misericórdia e amor de Deus. Dale escreve: “Mas quando Deus perdoa, ele na verdade cancela nosso pecado. Nossa responsabilidade pelo pecado cessa. A culpa do pecado não é mais nossa. O fato de ele poder nos dar esta libertação é infinitamente mais maravilhoso do que ele poder acender o fogo do sol e controlar, século após século, o curso das estrelas”.⁴² Isto não significa que Deus faz pouco caso do pecado, como se dissesse: “Não faz mal; não há nenhuma consequência”. Isso seria imoral. Como pergunta retoricamente James S. Stewart: “Não estaríamos fazendo pouco caso quando cada simples ato de perdão tem sobre si — como proclamam Paulo, João e o escritor aos Hebreus — o sangue do Senhor?”⁴³

Transgressão é tradução do plural de *paraptoma*, que é literalmente um “passo em falso” ou “desvio” e, por conseguinte, “delito”. Essencialmente, o termo **transgressão** indica que a vida de alguém é, persistentemente, conduzida para fora das fronteiras da vida divinamente planejada. Na remissão, Deus não exige pagamento por nossos fracassos em percorrer o caminho que ele planejou para nós. Pelo contrário, ele nem se lembra mais de nossos erros.

A frase, **segundo as riquezas da sua graça**,⁴⁴ brota com muita naturalidade do conceito paulino de perdão. O que Deus executa no coração crente é segundo (*kata*) a sua graça; está de acordo com o que ele fez no Calvário em Cristo, quando tirou as barreiras para que suas criaturas tivessem a liberdade de aceitar. A graça divina tem desenvoltura e riqueza que seguramente abrangem nosso perdão e restauração. Foulkes comenta: “E o que Deus dá não está fora dessas *riquezas*, mas é *segundo* a medida delas”.⁴⁵

Abundante (8) é palavra favorita do apóstolo (2 Co 9.8; Ef 3.20). Ela expressa a eficácia irresistível da concessão de Deus. Dois dos dons que o crente recebe como consequência da operação pródiga da graça divina são **sabedoria** (*sophia*) e **prudência** (*phronesis*).⁴⁶ O objetivo destes dons é abrir os olhos dos homens ao propósito de Deus. Robinson diferencia **sabedoria** e **prudência** da seguinte forma: “Sabedoria é o conhecimento que vê o cerne das coisas, que as conhecem como elas realmente são. Prudência é a compreensão que leva à ação correta”.⁴⁷ **Sabedoria** não deve ser equiparada com inteligência ou perspicácia acadêmica. É quase semelhante a discernimento. **Prudência** poderia ser traduzida por “conduta sábia”. Barclay comenta: “Cristo dá aos homens a habilidade de ver as grandes verdades últimas da eternidade e de solucionar os problemas que surgem a cada momento da vida”.⁴⁸

3. O Conhecimento da sua Vontade (1.9,10)

Estes dois versículos explicam o que o apóstolo declarou com respeito aos dons de Deus: a sabedoria e a prudência. **Descobrimo-nos** pode ser traduzido por “nisto ele fez conhecido”. É o conhecimento da vontade de Deus concernente à meta e propósito de vida que torna os homens sábios e prudentes. Paulo não está falando de conhecimento adquirido. Este conhecimento sobre o qual ele escreve é “dado”; vem pela iluminação especial de Deus.

A verdade que é revelada chama-se **mistério**. O uso corrente da palavra “mistério” nada tem a ver com o uso paulino. Com ela, queremos dizer algo estranho, intricado, enigmático, para o qual precisamos de pistas para seu desvendamento. Por outro lado, Paulo empregou **mistério** para transmitir a idéia de um segredo escondido que fora revelado. Tradicionalmente, os cristãos definem o **mistério** como “o segredo revelado”. Mackay o denomina de “o segredo revelado de Deus”.⁴⁹

O que é este “segredo revelado”? Paulo não nos diz imediatamente, mas, à medida que prosseguimos na leitura da carta, mais é revelado sobre esse segredo. O **mistério** não era o evangelho por si; quer dizer, o fato de que Deus deseja nos redimir. Incluía “o propósito de Deus com respeito aos seus limites e esfera”.⁵⁰ A frase **segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo** denota que a ação redentora de Deus não era resultado de pressão externa, mas foi ocasionada pelo “propósito gracioso” de Deus.⁵¹

O versículo 10 descreve a dimensão envolvente do **mistério**, a saber, Deus **congregará em Cristo todas as coisas**. Como diz Bruce: “Este é o grandioso propósito de Deus que abrange todos os aspectos secundários do seu propósito consigo mesmo: o estabelecimento de uma nova ordem, uma nova criação, da qual Cristo é reconhecidamente o cabeça”.⁵² O verbo grego traduzido por tornar a **congregar** (*anakephalaioo*) significa literalmente “levar para uma cabeça”. Era usado para indicar o acréscimo de uma série de números, ou seja, somatório. Este verbo também era empregado na retórica para referir-se ao sumário no fim de uma composição literária. Denotava em geral todo tipo de resumo ou reunião, até mesmo a laçada de um grupo de linhas ou cordas.⁵³ O verbo está na voz média e denota uma ação reflexiva. Pelo visto, Paulo está declarando que Deus propôs reunir, para si mesmo, todas as coisas em Cristo. A harmonia que Deus originalmente queria que prevalecesse fora destruída pelo pecado, mas agora em Cristo Jesus ele inicia um movimento para restaurá-la.⁵⁴

A palavra grega traduzida por **dispensação** (*oikonomia*) significa, literalmente, “mordomia” ou “administração”. Considerando que nenhuma destas palavras se ajusta ao contexto, outros significados foram sugeridos: “arranjo” e “plano”. Talvez Paulo quisesse falar sobre o plano de operação para realizar o propósito de Deus. Francis Beare sugere a seguinte tradução: “**com vistas a pô-lo** [o propósito de Deus] em execução”.⁵⁵ Este plano de operação diz respeito à **plenitude dos tempos**. A palavra **tempos**, neste caso, não é tradução da palavra grega *chronos*, que expressa duração em minutos, meses, anos. Aqui, Paulo usa *kairos*, que é tempo qualitativo ou memorável. O tempo “kairológico” é semelhante ao expresso no clichê: “Esta é a melhor época de minha vida”, ou na expressão: “Vivi para este momento”. Na história de salvação, desde a criação até a vinda de Cristo, houvera eventos memoráveis nos quais Deus trabalhou, visando preparar os homens para a libertação. Agora que chegou “a medida completa do seu curso designado, com todas as suas lições de preparação e disciplina”,⁵⁶ o propósito gracioso de Deus de reunir todas as coisas foi revelado em Cristo. Os tempos dos outros eventos redentores, como o Êxodo, foram resumidos em Cristo.

Além disso, como observa Perry: “O tempo de Jesus Cristo não é somente o cumprimento do tempo messiânico profético e do tempo do Êxodo, é também o cumprimento de todos os tempos, inclusive do tempo da criação, pois até que ele veio ‘toda a criação’ estava gemendo ‘com dores de parto’ (Rm 8.22), esperando pela revelação de Jesus Cristo”.⁵⁷ Um novo tempo iniciou para os cristãos em Cristo, e eles vêem a

história com um novo entendimento. Eles sabem que **todas as coisas... tanto as que estão nos céus como as que estão na terra** (10), serão colocadas sob o governo de Deus. Os elementos estranhos e discordantes serão sujeitos e harmonizados.

4. Uma Herança (1.11,12)

Falando do seu povo, os judeus, Paulo declara: **Fomos feitos herança**. O verbo *kleroo* significa basicamente “escolher por sorte”. A idéia de “sorte”, porém, desapareceu no transcurso do tempo e “o pensamento é essencialmente aquele que sucede repetidas vezes no Antigo Testamento quando diz que Israel é a porção de Deus”.⁵⁸ Por isso, é melhor a versão “fomos feitos herança”, (Bruce). O pensamento óbvio é que Israel era a porção de Deus especialmente escolhida, não para seu privilégio pessoal, mas para fins de salvação.⁵⁹ O conselho de Deus foi realizado pelo antigo Israel, na velha ordem; agora, o plano de Deus está sendo realizado pelo novo Israel, na nova ordem. Paulo deixa claro que a herança estava relacionada com Cristo. E, por conseguinte, os judeus também têm de ir a Cristo para tomar parte nessa herança.

Quatro aspectos desta escolha recebem atenção sucinta, mas oportuna. 1) A herança de Deus não foi coisa incidental, mas foi predestinada pelo próprio Deus (11b).

Desde a eternidade, Deus determinou ter um povo de sua propriedade. 2) “Seja o que for que Deus tenha proposto, o cumprimento é certo. Este texto descreve que é ele aquele ‘que faz todas as coisas, segundo o conselho da sua vontade’”.⁶⁰ Visto que Deus não age caprichosa e arbitrariamente, ele se move efetivamente em direção ao seu alvo, apesar das numerosas barreiras erguidas pelas ações pecadoras dos homens. 3) A escolha de Israel como instrumento de salvação de Deus tinha o propósito de que esta nação vivesse **para o louvor da sua glória** (12a; cf. 6,14). 4) Havia alguns judeus piedosos dos tempos do Antigo Testamento “que apreciaram a esperança no Cristo da promessa e da profecia antes do surgimento de Cristo na história”.⁶¹ O texto tem em vista os judeus, fato indicado pela frase precisamente traduzida: **os que primeiro esperamos em Cristo**. O grego diz: “os que esperamos antes em Cristo [o Messias]”.

5. Selados com o Espírito Santo (1.13,14)

No versículo 13, o apóstolo se volta para os gentios. Com essa ação, ele afirma a unidade de judeus e não-judeus em Cristo. A história espiritual e pessoal dos cristãos gentios ocorreu em três estágios. Primeiro, eles ouviram **a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação** (13; cf. Cl 1.5). **Verdade**, no pensamento de Paulo, equivale a fatos salvíficos. O que os gentios ouviram não era uma dissertação sobre o homem e Deus. O que ouviram foi a palavra que Deus, em Cristo Jesus, tinha providenciado a redenção do pecado — para eles. Este era o evangelho, as boas-novas.⁶² Ouvir essa verdade requer ação. Não podemos ficar neutros a esse respeito; temos de obedecer ou desobedecer (Gl 5.7).

Segundo, eles **creram** em Cristo. Ainda que a palavra **nele** (13d) deva estar relacionada com o ato de selar, contudo o contexto enfatiza que é a fé em Cristo que ocasionou a salvação dos efésios. Depois do ouvir vem o crer. É mais que mera confiança; é a resposta obediente às exigências divinas de arrepender-se dos pecados e entregar a vida para Deus. Note que a fé tem um objetivo: Cristo. Considerando que os cristãos mantêm Cristo em vista, não há a idéia de “fé cega”. Sabemos como Cristo é e confiamos nele. Todos os aspectos da vida, tanto as experiências boas quanto as ruins, são vividos tendo Cristo em vista.

Terceiro, **eles foram selados com o Espírito Santo da promessa** (cf. 4.30; 2 Co 1.22). “O selar seguiu o crer, e não é coincidente com este.”⁶³ Este fato fica claro com o **particípio aoristo**, tendo... crido, que regularmente significa ação antecedente ao indicado pelo verbo principal. **Selado** deriva do verbo grego *sphragizo*, que, por sua vez, é derivado do substantivo *sphragis*, que significa “selo”, “sinete” ou “a marca feita pelo selo” (cf. 1 Co 9.2; Gl 6.17). No tempo do Novo Testamento, as cartas, contratos e documentos oficiais eram fechados com uma gota de cera morna sobre a qual o signatário pressionava sua identificação.

Esta metáfora visa pelo menos dois pensamentos relativos ao ministério do Espírito no coração do crente. 1) Ser selado significa ser atestado ou declarado genuíno. Wesley diz que selar indica “total impressão da imagem de Deus na alma do crente”.⁶⁴ Tal experiência resultaria numa qualidade de espírito verdadeiramente divina. 2) Ser selado pelo Espírito Santo significa ser possuído ou reconhecido de forma completa e inequívoca pelo Espírito. Ralph Earle comenta: “Quando nos entregamos inteiramente a **Cristo**, para pertencermos totalmente a ele e não sermos mais propriedade nossa, então somos ‘selados’ com o Espírito Santo como sinal de que não pertencemos mais a nós mesmos, mas a Deus”.⁶⁵

O texto também expressa concisamente mais duas verdades sobre o Espírito Santo. 1) O Espírito Santo é o **Espírito da promessa**. Vemos aqui a extensão da história bíblica. As promessas foram feitas a Abraão e sua semente (Gl 3.16). Mas, como destaca Robinson, o propósito supremo de Deus era que a bênção de Abraão viesse sobre os gentios quando recebessem “pela fé [...] a promessa do Espírito” (Gl 3.14).⁶⁶ Ezequiel (Ez 36.26ss.; 37.1-14), Joel (Jl 2.28ss.) e nosso Senhor (Lc 24.49) anunciaram a vinda do Espírito Santo. No Dia de Pentecostes, Pedro afirmou que o Espírito Santo prometido chegara (At 2.17,33,39). Assim, na descida e habitação do Espírito Santo cumpriram-se os propósitos de Deus conforme se relacionavam com as promessas antigas. R. W. Dale, fazendo um comentário sobre as palavras de Pedro no Dia de Pentecostes (At 2.38), ressalta que a remissão dos pecados e o dom do Espírito Santo vêm, pela fé, da “graça infinita de Cristo”.⁶⁷

2) O Espírito Santo é o **penhor da nossa herança** (14).⁶⁸ Penhor (*arrabon*) é derivado de uma raiz semítica e pode ser traduzida por (ACF, AEC, BJ, RA, RC), “garantia” (BAB, CH, NTLH, NVI), “prestação adiantada” (Goodspeed). A ênfase primária está em nosso futuro estado de bem-aventurança. O sinal ou pagamento parcial é a garantia de que depois haverá o pagamento total. Como observa Lightfoot: “A coisa dada está relacionada com a coisa garantida — o presente com o futuro — como a parte com o todo. É de tipo igual”.⁶⁹ Mais especificamente: “A vida espiritual do cristão hoje é do mesmo tipo que sua futura vida glorificada; o Reino dos Céus é um reino presente; o crente já está assentado à direita de Deus. [...] Mas o dom presente do Espírito é só uma *pequena fração* do dom futuro”.⁷⁰ Romanos 8.23 também expressa idéia semelhante, onde o Espírito é chamado “os primeiros frutos.” O Espírito Santo é o poder divino ativo que, quando o possuímos, dá à nossa vida a garantia de plena libertação e prazer de comunhão com Deus no mundo porvir. Estar cheio do Espírito é uma antecipação da alegria e paz inexprimíveis nas quais entraremos um dia.⁷¹

Quanto à frase **a redenção da possessão de Deus**, ver comentários acima no versículo 11. A referência não é à nossa aquisição da herança,⁷² mas à posse de Deus dos seus filhos redimidos.⁷³ Foulkes comenta: “Deus tirará das mãos estranhas tudo aquilo que é dele. O objeto redimido é o ‘povo peculiar’ de Deus”.⁷⁴

E assim o hino da graça e salvação se encerra com o refrão bem conhecido: **para louvor da sua glória** (cf. 6,12).

SEÇÃO III

ORAÇÃO E LOUVOR PELA ILUMINAÇÃO DIVINA

Efésios 1.15—2.10

A. A INSPIRAÇÃO À ORAÇÃO, 1.15,16

Agora, o apóstolo passa do louvor a Deus para a oração por seus leitores. O motivo para ele louvar são as bênçãos espirituais que cabem aos homens, judeus e gentios, pelo cumprimento do propósito divino em Cristo Jesus. **Pelo que** (15) é tradução de *dia touto*, expressão de ligação com o que ele acabara de escrever, cuja tradução melhor seria: “Por essa razão” (NVI; cf. ACF, BAB, BJ, BV, CH; cf. Rm 5.12; 2 Co 4.1). O pensamento de como Deus abençoara grandiosamente estes crentes e o próprio Paulo,¹ bem como o relatório que o apóstolo recebera concernente ao estado espiritual deles, o inspirou a orar por eles. Pelo visto, o evangelho estava frutificando entre estes cristãos gentios, mas não há como determinar até que ponto, visto que o apóstolo não expressa o mesmo grau de ação de graças por eles como faz por outros grupos que não conhecera pessoalmente antes de escrever.² Ele fala da **fé que tinham no Senhor Jesus**³ e da **caridade que demonstram para com todos os santos**. Ainda que muitos manuscritos antigos omitam a expressão **vossa caridade**, ela é tão tipicamente paulina que não prejudica o pensamento incluí-la.⁴ A fé que se fundamenta em Cristo promove confiança nos semelhantes, gerando um amor que une todos os cristãos.

Foulkes, entre outros, observa duas características da vida de oração do apóstolo (16). Primeira, é constante: **Não cesso de dar graças a Deus** (16). Paulo estava praticando o que pregava, pois sempre exortava os seus convertidos: “Orai sem cessar” (1 Ts 5.17; cf. Rm 12.12; Ef 6.18; Cl 4.2). Segunda, é acompanhada por ação de graças. Em

vários trechos de sua correspondência com igrejas, o apóstolo ensinou que a gratidão deve ser “o acompanhamento infalível da intercessão” (Ef 5.19ss.; Fp 4.6; Cl 3.15-17; 4.2; 1 Ts 5.18).⁵ Phillips parafraseia: “Agradeço continuamente a Deus por vocês e nunca deixo de orar por vocês”. Beare acha que lembrando-me é mais bem traduzido por “pedindo” (cf. BV). O termo, na opinião de Beare, “teve o uso ampliado para incluir o pensamento de intercessão. A frase que vem depois do termo exige esse sentido, [...] que com certeza é o objetivo do pedido e não questão de lembrança”.⁶

Quando recordamos o que Paulo escreveu a respeito da responsabilidade que sentia pelas igrejas, não podemos deixar de exclamar junto com Bruce: “Que intercessor Paulo deve ter sido!”⁷ Pela ajuda do Espírito Santo na intercessão, Paulo deseja que houvesse um grande senso de unidade entre suas jovens igrejas. É pela oração intercessora mútua que os cristãos de hoje desfrutam tal unidade.

B. A ESSÊNCIA DA PETIÇÃO, 1.17

Quando Paulo ora, ora com grande confiança, porque está se aproximando **do Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória**. A primeira frase é um termo de garantia, porque aquele a quem Paulo oferece a petição é “o Deus a quem ele [Cristo] reconhece e, ao mesmo tempo, revela”.⁸ Deus deu generosamente ao seu Filho; por que ele não daria generosamente a todos os que estão “em Cristo”? A segunda frase, **o Pai da glória** (“o Pai todo glorioso”, CH; cf. BV, NTLH, NVI), dá mais confiança à oração, porque Deus é “a soma e a fonte de todas as perfeições” (cf. Tg 1.17).⁹ Blaikie resume: “Sendo também ‘o Pai da glória’ e tendo glorificado Jesus, mesmo depois do seu sofrimento, com a glória que ele tinha consigo antes do começo do mundo, podemos orar a ele e ter certeza de que ele glorifica seu povo”.¹⁰

A essência da petição é **que Deus vos dê o espírito de sabedoria e de revelação**. No grego, o dom é “um espírito”, não se referindo especificamente à pessoa do Espírito de Deus.¹¹ Robinson declara: “Com o artigo definido [o], a palavra indica de maneira bem geral a pessoa do Espírito Santo; ao passo que sem o artigo, o significado é certa manifestação especial ou favor do Espírito Santo”.¹² Todavia, semelhante dom de iluminação espiritual vem do Espírito. É a “capacidade de apreender o revelado — de perceber a intenção e significado do que Deus torna conhecido, de modo que nos seja uma verdadeira revelação”.¹³ Esta experiência não pode ser desfrutada separadamente do Espírito Santo, sobre quem Isaías descreveu que é “o Espírito de sabedoria e de inteligência, e o Espírito de conselho e de fortaleza, e o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR” (Is 11.2; cf. Jo 14.26; 16.13). A frase **no conhecimento dele** (Deus) designa o teor da sabedoria e revelação. Beare comenta que “a soma do conhecimento do crente é o conhecimento de Deus, o qual implica reconhecê-lo *como* Deus, vivo e verdadeiro, a fonte de toda a vida e verdade; é um conhecimento pessoal que envolve comunhão, adoração e obediência em amor”.¹⁴ **Conhecimento** (*epignosis*) deve ser distinguido de *gnosis*, cuja tradução também é “conhecimento”. Lightfoot observa: “A palavra composta *epignosis* é uma amplitude de *gnosis*, denotando um conhecimento mais amplo e mais completo”.¹⁵ Este conhecimento pleno é aquele que advém de intimidade experimental. É mais do que conhecimento acadêmico e teórico. É pessoal.

Dale ajuda-nos a relacionar este rogo do apóstolo com a experiência religiosa dos leitores da carta.¹⁶ O fato de eles serem cristãos significa que já tinham recebido iluminação divina. Mas Paulo ora para que “o Espírito divino que neles habitava tornasse-lhes a visão mais clara, mais perspicaz, mais forte, a fim de que o poder, o amor e a grandeza divinos lhes fossem revelados de forma muito mais completa”.¹⁷ Além disso, com respeito à nossa conversão, “a grande *revelação* foi feita em Cristo”.¹⁸ Mas “quando o Espírito de Deus ilumina a mente, vemos o significado do que Cristo disse e do que Cristo fez. Simplesmente encontramos o que havia desde o princípio na revelação cristã”.¹⁹ O crente cheio do Espírito possui, por conseguinte, profundo discernimento das coisas de Deus (1 Co 2.10-16).

C. AS RECOMPENSAS DA ILUMINAÇÃO, 1.18,19

A frase **tendo iluminados os olhos do vosso entendimento** tem um significado paralelo ao versículo anterior concernente ao espírito de sabedoria e revelação. É outro modo de descrever o dom, que resulta em “iluminação interior”.²⁰ **Entendimento** é tradução de *kardia* (“coração”, BAB, BV, NVI, RA; cf. BJ). No pensamento hebraico, o coração não se refere às emoções, mas à vontade. O coração é “a compreensão moral, o ser interior essencial; é a esfera do bem e do mal, da resolução pecaminosa e do arrependimento, da comunhão com Deus e da rejeição de Deus”.²¹ Um intrigante paralelo em uma escritura extra-bíblica evidencia o pensamento do apóstolo aqui. Em 2 Esdras 14.19-22, Esdras é comissionado para escrever as Santas Escrituras. Ele pede ao Senhor que lhe envie o Espírito Santo (2 Ed 11.22). A esta petição, o Senhor responde: “E tu virás aqui, e eu acenderei [iluminarei] em teu coração a lâmpada do entendimento que não será tirada até que termines o que estás a ponto de escrever”.²² A compreensão espiritual e moral é, de longe, mais importante que a mera clareza intelectual. Note o estado oposto de “dureza do coração” em 4.18.

As recompensas desta iluminação são três: 1) **A esperança da sua vocação**; 2) **As riquezas da glória da sua herança nos santos**; e 3) **A sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós** (18,19). Um crescendo de ênfase predomina quando Paulo exalta a Deus.

Aqui, vemos **sua chamada** que rememora a escolha graciosa de Deus do seu povo em Cristo Jesus (cf. 4) e aguarda ansiosamente “a esperança da consumação última, quando o propósito de Deus se cumprir no seu povo e este for glorificado com Cristo”.²³ Em seguida, está **sua herança**. São **os santos** que formam a herança de Deus (cf. 14; Cl 1.12); sua possessão própria, a igreja, reflete sua “glória abundante” (cf. Rm 9.23; Ef 3.16; Cl 1.27). **Seu poder** (*dynamis*) opera agora nos crentes. Esta grandeza imensurável é segundo a **operação** (*energeia*) da força (*kratos*) do seu poder (*ischys*)²⁴ na ressurreição, ascensão e senhorio de Cristo.

Westcott destaca que os três aspectos da oração correspondem às experiências da vida.²⁵

“Podemos enfrentar os sofrimentos e tristezas de nossa história pessoal e social na ‘esperança da vocação de Deus’. Podemos nos alegrar na posse de capacidade e necessidade às quais nossas circunstâncias atuais não trazem satisfação, quando olhamos para as riquezas da glória da herança de Deus nos santos’. Podemos superar os desânimos de fracassos e fraquezas constantes lembrando o poder de Deus mostrado na ressurreição de Cristo.”²⁶

D. AS EVIDÊNCIAS DO PODER DE DEUS, 1.20—2.10

Em típica reação paulina, o pensamento do poder de Deus revelado em Cristo conduz a uma lista surpreendente de ilustrações desta manifestação (20-23). Paulo passa a mostrar como este poder é mediado por Cristo para os cristãos (2.1-10). Para isso, ele temporariamente deixa para trás a preocupação central da sua oração, conforme declaram os versículos 17 e 18.

1. A Manifestação em Cristo (1.20-23)

a) *A ressurreição de Cristo* (1.20ab). Deus expressou a medida do seu poder vivificante **quando ressuscitou Cristo dos mortos**. Ao longo do Novo Testamento, ocorre periodicamente uma nota sobre Jesus que diz que ele foi ressuscitado por Deus.²⁷ Como insistem certos estudiosos, a ressurreição é “o verdadeiro ponto de partida para o estudo da formação e significado do Novo Testamento”.²⁸ Bruce afirma que a morte de Cristo é a principal demonstração do amor de Deus (Rm 5.8), mas a ressurreição é a principal demonstração do poder de Deus.²⁹ Paulo logo vai dizer que o poder que ressuscitou Jesus é “o poder que em nós opera” (3.20). Markus Barth comenta: “Para o autor de Efésios, falar de Deus significa falar do poder e da graça de Deus; é falar daquele Deus que se revela ressuscitando os mortos. Se nos mantivermos silenciosos acerca da ressurreição, não estaremos falando acerca de Deus”.³⁰

b) *A exaltação de Cristo* (1.20c-22a). O infinito e grandioso poder de Deus manifestou-se na ascensão e exaltação de Cristo. Após chamar Cristo da sepultura, Deus **o pôs à sua direita nos céus**.³¹ O assento **à direita** de um rei oriental sempre era reservado para o primeiro-ministro ou chefe de governo, simbolizando não só honra e dignidade, mas também poder delegado. No caso de Cristo, significa que ele foi investido com o senhorio soberano e o domínio universal. **Nos lugares celestiais**, seria nas regiões onde Deus está em ação (ver comentários no v. 3). Cristo está colocado **acima de todo principado, e poder, e potestade, e domínio** (21). Nosso Senhor está muito acima de todo poder criado, quer amigável quer hostil, seja humano ou espiritual, que hoje exerça autoridade no mundo. Cristo está entronizado acima de todos esses poderes, porque ele os criou (Cl 1.16), e, pela sua humilhação, ele providenciou redenção. A frase **e de todo nome que se nomeia** pode ser parafraseada assim: “E seja como for que alguém goste de chamá-los”.³² Nenhum nome pode eclipsar o nome de Jesus. A nenhum outro nome pode ser dada glória igual.

O domínio de Cristo não é temporal. É eterno. Portanto, os poderes **neste mundo** (esta era) e **no vindouro** não podem e não superarão Sua soberania.³³

A coroação da exaltação de Cristo é a subordinação de tudo o mais a ele: Deus **subjeitou todas as coisas a seus pés** (22). Estas palavras são do Salmo 8.6, que fala da glória do homem como a coroa da criação, possuindo domínio sobre todas as criaturas. Como em Hebreus 2.6-9, estas palavras são aplicadas a Cristo, o segundo Adão, que destruiu o poder mortal da queda. Por sua obra redentora, ele ganhou a soberania que é legalmente sua como cabeça da nova criação. Nas palavras de Beare, dessa forma, ele “cumpre o destino para o qual o homem foi criado”.³⁴ Por isso, como afirma Mackay, “o curso da

história e o destino do universo estão nas mãos de Jesus Cristo”.³⁵ A incomparável passagem cristológica de Paulo em Filipenses 2.9-11 recapitula exclusivamente os pensamentos encontrados nesta passagem.

c) *A supremacia de Cristo* (1.22b,23). Os “direitos de herdeiro” de Cristo estendem-se aos principados e poderes (Cl 2.10), e também à nova comunidade que foi criada por sua vida, morte, ressurreição e exaltação. Deus, sobre todas as coisas, **o constituiu como cabeça da igreja** (22). A linguagem é complicada aqui, mas a intenção óbvia do apóstolo é dizer que o Redentor é dado à igreja na qualidade de autoridade suprema e, assim, é o seu cabeça.³⁶ Como presente de Deus para a igreja, Cristo preside sobre a comunidade de crentes em todas as coisas (5.23; Cl 1.18). Semelhantemente, a união entre Cristo e o seu povo confirma que a igreja tem autoridade e poder mediados. Quando a igreja evangeliza obediente e fielmente em nome do seu Senhor Jesus, ela possui a supremacia de Cristo no mundo (cf. Mt 28.18-20; Mc 3.14ss.; Jo 20.21-23). A confiança e o triunfo da igreja estão nessa verdade.

Ao lado da função de governante, a supremacia de Cristo transmite o conceito de unidade vital, expressa nas palavras singularmente paulinas: **seu corpo** (23; 2.16; 4.4,12,16; 5.30; Rm 12.5; 1 Co 10.17; 12.27; Cl 1.24; 2.19). Para Paulo, o “corpo de Cristo” (*soma Christou*) não conota mera sociedade ou comunidade como entendemos estas palavras. Trata-se da comunidade de pessoas redimidas sob a supremacia de Cristo. J. A. T. Robinson observa: “Mas é de grande importância perceber que quando Paulo usa o termo grego soma e o aplica à igreja, o que ele e seus leitores entendiam era [...] *algo não incorporado, mas corporal*”.³⁷ O apóstolo não fala de “corpo de cristãos”, mas simplesmente de “o corpo de Cristo”.³⁸ A analogia do corpo humano enfatiza o caráter da igreja como organismo. Os cristãos formam o corpo de Cristo.

Vários aspectos desta definição profunda da natureza da igreja precisam ser comentados. Primeiro, identificação com os crentes é mais do que entendemos por “membrosia”. Não é tanto nos unirmos a um grupo quanto sermos enxertados em Cristo (Jo 15). Este ponto de vista possibilita a longa análise feita por Paulo em 1 Coríntios 12 concernente ao corpo e seus membros. A união essencial de Cristo com seu povo origina-se da mesma vida divina que flui por cada membro, e da operação obediente do grupo todo a serviço de Deus.

O segundo aspecto é que a fonte desta doutrina da igreja não é grega, gnóstica ou basicamente do Antigo Testamento, embora haja necessariamente uma relação entre o antigo e o novo concerto. Para a essência desta doutrina, é provável que Paulo se volte às palavras de nosso Senhor na Última Ceia: “Isto é o meu corpo” (Mc 14.22).³⁹ O pão sacramental e o corpo do Senhor são um: “Como há somente um pão, nós, que somos muitos, somos um só corpo, pois todos participamos de um único pão” (1 Co 10.17).⁴⁰

A frase **a plenitude daquele que cumpre tudo em todos** (23) é, indubitavelmente, uma das mais difíceis na epístola. Podemos entendê-la de três modos. Primeiro, a referência é a Deus. Cristo é **a plenitude** (*pleroma*) de Deus que cumpre tudo **em todos**. Wesley oferece substancialmente esta idéia, quando comenta que o sentido é “fácil e natural, se o referirmos a Cristo, *que é a plenitude do Pai*”.⁴¹ Segundo, se considerarmos a palavra *pleroma* em sentido ativo, qual seja, “aquele que enche”, a referência indicaria que a igreja “completa ou preenche completamente” Cristo.

Orígenes e Crisóstomo apoiavam esta interpretação. Calvino observa: “Até que se una a nós, o Filho de Deus se reconhece em certa medida incompleto”. A igreja é, então, “o complemento da cabeça”.⁴²

O terceiro aspecto é que se considerarmos a frase em sentido passivo, ou seja, “aquilo que é preenchido”, temos o sentido de que Cristo é essencial ao total preenchimento da igreja. Ao longo dos seus escritos, Paulo fala de os cristãos “serem cheios” com a graça de Cristo ou de Deus (Rm 15.13ss.; Ef 5.18; Fp 1.11; 4.18; Cl 1.9; 4.12). O texto mais crucial na defesa desta interpretação é Colossenses 2.9,10, que diz: “Porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos [completos] nele, que é a cabeça de todo principado e potestade”.⁴³ Pelo visto, o pensamento de Paulo é que “a igreja é o corpo de Cristo, tendo a função de expressá-lo no mundo; mais que isso, a igreja é a plena expressão de Cristo ao ser cheia por ele, cujo propósito é encher tudo que existe”.⁴⁴ Talvez devamos permitir uma reciprocidade aqui: Quando os cristãos estão “sendo cheios” por Cristo, por outro lado nosso Senhor, em certo sentido, está “sendo cheio”, quando a igreja vive de maneira santa no mundo e testifica para as pessoas de todos os lugares e de todas as épocas.⁴⁵ A igreja é o receptáculo da plenitude divina e, ao mesmo tempo, a completude de Cristo. Fazendo um comentário sobre **plenitude** (*pleroma*), Lightfoot escreve: “É essa plenitude das graças e virtudes divinas que é comunicada por Cristo para a igreja na função de seu corpo. [...] Todas as graças divinas que residem em Cristo são dadas à igreja; ele comunica sua ‘plenitude’ para ela. Assim, podemos dizer que a igreja é Seu *pleroma*”.⁴⁶

2. A Manifestação na Salvação dos Homens (2.1-10)

Paulo retoma agora a linha de pensamento que fora iniciada em 1.19, onde ele afirma que intercede para que os crentes efésios vejam qual é a sobreexcelente grandeza do poder de Deus. A ressurreição, exaltação e supremacia de Cristo sobre a igreja são manifestações deste poder. No texto de 2.1-10, o apóstolo declara que a renovação espiritual de todos os homens, judeus e gentios, faz parte e é parcela da ressurreição de Cristo, a manifestação suprema do poder de Deus. Este tema é declarado sucintamente no versículo 5: **Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, Deus nos vivificou juntamente** (“deu-nos vida”, NVI) **com Cristo**. Esta secção desdobra-se em duas partes: a) A velha vida de pecado (2.1-3); b) a nova vida em Cristo (2.4-10). O contraste entre as passagens de 2.1-3 e 2.4-10 fala do poder grandioso de Deus.

a) *A velha vida de pecado* (2.1-3). Paulo distingue pelo menos cinco características da vida que outrora seus leitores levavam longe de Deus. A primeira, era uma vida de morte espiritual; eles **estavam mortos em ofensas e pecados** (1).⁴⁷ A morte espiritual é “a morte de pecado”,⁴⁸ que é o estado de separação de Deus ocasionado por **ofensas e pecados**. Que o digam Adão e Eva (Gn 3.23)! Sem sombra de dúvida, devemos entender que Paulo não está apenas dizendo que o homem sem Deus está “sujeito à morte ou sob sentença de morte; ele está *realmente morto*, porque está sob o controle de uma natureza pecadora”.⁴⁹ As palavras análogas **ofensa** (*paraptoma*) e **pecado** (*hamartiai*) enfatizam a total natureza dessa morte. **Ofensa** alude “aos desejos da carne, notórios, evidentes e repulsivos”, ao passo que **pecado** designa mais especificamente “os desejos da mente, os pecados de pensamento e idéias, de propósito e inclinação”.⁵⁰

A segunda característica dos pecadores é que eles andam **segundo o curso deste mundo** (2). A palavra grega para curso é *aion*, que significa literalmente “era”. No sentido em que é empregada aqui, a palavra não carrega um sentido cronológico, porém, mais propriamente, “o caráter espiritual dos tempos”. Este povo andava (conduzia a vida) em conformidade com os pensamentos e interesses deste presente mundo mau e transitório (cf. Rm 12.2; 1 Co 7.31; Gl 1.4). Um fragmento palestino-siríaco do século VI traz a palavra *kanona*, que pode ser traduzida por “regras ou cânones de operação”. Os homens espiritualmente mortos abandonam as normas e caminhos de Deus pelas normas e caminhos deste mundo.

Terceira, estas pessoas **andavam segundo o príncipe das potestades do ar** (2). Este mundo tem um deus, o diabo. Em 2 Coríntios 4.4, Paulo menciona “o deus deste século”; em contrapartida, em 1 Timóteo 1.17, ele louva “ao Rei dos séculos”. O diabo exerce autoridade no reino **do ar**. De acordo com Bruce, isto quer dizer que “ele é o líder das ‘hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais’, que nos informa Efésios 6.12”.⁵¹ Os leitores de Paulo se curvavam antigamente ao deus transitório deste mundo e, assim, suas recompensas eram tão temporárias quanto o seu deus. Mas Cristo os libertou do diabo e suas legiões. O termo **espírito** refere-se aos poderes do mal, e indica a disposição interior de desobediência que fica ativa no coração dos homens quando estão sujeitos ao Maligno. Como observa Foulkes, os homens são “energizados” por Deus (20) ou pelas forças do mal; se for pelo mal, eles são corretamente “chamados *filhos* da desobediência”.⁵²

Quarta, eles, e Paulo também, viviam **nos desejos da nossa carne** (3). Neste momento, Paulo é constrangido a admitir que ele, embora um judeu, estava entre os “filhos da desobediência” antes de encontrar-se com Jesus. **Nos desejos da nossa carne** define “o domínio ou elemento no qual suas vidas foram gastas”.⁵³ A vida era mantida dentro dos limites dos apetites e impulsos próprios da natureza humana caída ou dela provinha. Estes efésios se entregavam aos **desejos** (*epithumia*, “desejos ardentes”) da **carne** (*sarx*, “natureza humana sob dominação do pecado”). Eles estavam **fazendo** (“satisfazendo”, BJ, NVI) a **vontade** (*thelema*, “vontades”, BJ, NVI) **da carne e dos pensamentos**. Este texto expõe duas fontes do mal: 1) A natureza caída do homem em geral, e 2) “o laboratório dos pensamentos, impressões, imaginações, volições pervertidos do homem em particular”.⁵⁴

Quinta característica, estas pessoas sem Deus **eram por natureza filhos da ira** (3). No estado pré-cristão, sem a ajuda do Espírito de Deus, os leitores, e Paulo também, estavam **por natureza** (congenitamente) entregues ao pecado. Uma lei do pecado os controlava e, assim, caíam sob a ira de Deus. A expressão **filhos da ira** não quer dizer “por nascermos bebês”. O fato de todo homem da raça adâmica nascer pecador está reconhecido na expressão **por natureza**. **Filhos da ira**, aqui, significa simplesmente “objetos da ira”. Como declara Purkiser enfaticamente, a ira de Deus “não é uma reação da sensibilidade e vontade divina, as quais podem ser mudadas ou alteradas. É o antagonismo infalível e incessante de Deus ao pecado, que permanecerá enquanto Deus for Deus”.⁵⁵

b) *A nova vida em Cristo* (2.4-10). Para Paulo, a situação difícil do gênero humano nunca é desesperadora. No plano de fundo tenebroso da morte espiritual, o apóstolo esboça uma caracterização fascinante da nova vida em Cristo. Há três características distintas desta nova vida.

Primeira, é uma vida iniciada em Deus (4,5). Em Cristo, Deus historicamente entrou com ímpeto na trágica situação da humanidade, e hoje ele entra com ímpeto no estado pecador de cada ser humano arrependido para dar-lhe salvação. Tal é a força da forte conjunção que Paulo usou: **Mas Deus** (4). Ele sempre faz a diferença. **Mesmo quando ainda estávamos mortos em nossas ofensas**, seu amor estava agindo a nosso favor (cf. Rm 5.6,8). **Misericórdia** é a inclinação de Deus em direção aos pecadores, porém, **amor** é Sua motivação em tudo o que faz por eles. **Misericórdia** é abundante (inesgotável), porém **amor** é imenso (indescritível e magnânimo). É “por causa” e não “através” deste grande amor que Deus nos escolheu e **nos vivificou juntamente**, “nos deu vida juntamente” (5). A palavra **juntamente** não aparece isolada no texto, mas está expressa pelo acréscimo do prefixo grego *syn* ao verbo vivificou. Paulo, indubitavelmente, utilizou este verbo composto para enfatizar que a salvação é o resultado da união com Cristo (cf. Rm 6.6,8; Cl 2.12; 2 Tm 2.11). A ressurreição de Cristo não é só a garantia da regeneração espiritual; é também o meio da regeneração. Homens mortos são ressuscitados e, com o Cristo ressurreto, renascidos pelo amor de Deus (cf. Rm 6.11). Para inteirar-se da análise deste resumo espontâneo que Paulo faz sobre o evangelho: **Pela graça sois salvos**, ver comentários no versículo 8.

Segunda, a nova vida em Cristo é vida de ressurreição (6,7). Como cristãos, quer judeus quer gentios, tomamos parte na ressurreição de Cristo e também na sua exaltação. Deus **nos ressuscitou juntamente** (*synegeiro*) **com ele, e nos fez assentar juntamente** (*synkathizo*). Estes verbos estão no tempo aoristo e expressam ação pontual e completa. Como diz Bruce: “Considera-se que os crentes já estão lá assentados com Cristo, pelo ato e no propósito de Deus. Vivemos temporariamente na terra enquanto estamos neste corpo; mas ‘em Cristo’ estamos assentados com Ele onde Ele está”.⁵⁶ Este é o significado de **nos lugares celestiais** (ver comentários em 1.3). O cristão, tendo sido erguido “do mais profundo inferno para o próprio céu” (Calvino), tem a vida e a cidadania no céu (cf. Fp 3.20). O propósito desta vida ressuscitada e exaltada do novo homem é **mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus** (7). “No futuro ilimitado, à medida que as eras se sucedem”,⁵⁷ os homens espiritualmente ressuscitados exibirão a graça de Deus. Note a repetição do tema do louvor citado em 1.6,12,14.

Terceira característica: obtemos a nova vida em Cristo (8-10). Fazendo uma ampliação no parêntese do versículo 5, Paulo apresenta “um dos grandes resumos evangélicos do Novo Testamento”: **Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus** (8). A segunda parte deste versículo é paralela à primeira. Nossa salvação da escravidão ao pecado, brotando da graça de Deus e apropriada pela fé, é **o dom de Deus** (cf. 1.7). Não obtemos por boas obras (a essência da religião legalista) o direito à libertação do pecado e da morte. Jamais!⁵⁸ Graça significa que tudo começa e termina com Deus. A salvação é, então, um presente de nosso Criador. O versículo 10 enfatiza este fato: **Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus**. Simpson comenta: “Nós causamos nossa própria ruína, mas nele reside nosso socorro. O Criador restaura com as próprias mãos sua *obra-prima* arruinada, e não ‘reparte o louvor da graça’”.⁵⁹

Enquanto a graça é a origem ou fonte de nossa salvação, a fé é o seu meio ou instrumento. O pronome demonstrativo *isso*, no versículo 8, não é alusão à fé como dom de

Deus. Como Wesley e outros sugerem, a referência é “à frase precedente: **‘Sois salvos, por meio da fé’**”.⁶⁰ É a própria salvação que é **o dom de Deus**. A fé não faz reivindicações, para que não seja dito que foi por “mérito” ou “obra”. Se tal prevalecesse, o homem que crê teria o direito de gabar-se ou gloriar-se em si mesmo (cf. Rm 4.2). Fé é a resposta livre e obediente do homem às propostas divinas de salvação. Mas, quando ela opera e o pecador possui a alegria da nova vida, sai a declaração espontânea: “É tudo de Deus!”

Paulo recomenda-nos, entretanto, que **obras** têm lugar na salvação de Deus. Quando a graça opera através da fé, um novo homem é criado **para boas obras** (10), como Deus planejou no princípio. As boas obras, que estão de acordo com os elementos da lei de Deus, que estão retidos em Cristo, seguem a experiência da fé. E, para o homem de fé, estas **boas obras** não são obras humanas, mas obras de Deus inspiradas pela atuação do Espírito na vida do homem de fé. Por conseguinte, a nova vida em Cristo é uma manifestação do poder grandioso de Deus!

SEÇÃO IV

UNIDADE ESPIRITUAL DO GÊNERO HUMANO EM CRISTO

Efésios 2.11-22

Na segunda metade do capítulo 2, o apóstolo retorna à experiência de seus leitores quando eles eram pagãos e foram levados à comunidade cristã. Ele tão frequentemente se envolve na análise da obra de Cristo que se identifica com as pessoas a quem escreve, como ocorre em 2.10. Depois de tal digressão, aqui Paulo retoma aos pensamentos que deixou ao término do versículo 2. Ele ressalta aos leitores o passado sem Cristo e sem esperança e a unidade que agora têm com o povo de Deus. Eles entraram na comunhão cristã juntamente com os crentes judeus. Agora, através das suas relações inspiradas por Cristo está sendo erigido um edifício para a habitação do Espírito de Deus.

A. A ALIENAÇÃO ANTERIOR DOS EFÉSIOS EM RELAÇÃO A CRISTO, 2.11,12

Portanto, lembrai-vos (11) não é um apelo casual por parte do escritor. Envolve a verdadeira razão por que Paulo está tão preocupado que a igreja seja uma sociedade unida. Isso traz à mente o que Mackay designa como separação sagrada,¹ que existia historicamente entre judeus e gentios. Os judeus eram descendentes de Abraão e o rito da circuncisão era o sinal de que foram aceitos como povo do concerto. Por outro lado, os gentios, povo do não-concerto, eram menosprezados por eles e desdenhosamente apelidados de **Incircuncisão**. Em vez de cumprirem sua missão com as nações comparti-

lhando seu conhecimento de Deus, os judeus praticavam uma separação geradora de ódio e negadora da graça (cf. Gn 12.3; Is 42.1,6; 49.6).² Paulo declara que a **circuncisão na carne** não garante necessariamente a circuncisão do coração (cf. Fp 3.3). Seu desejo é que os leitores não esqueçam a mudança na relação deles com Deus, a qual foi ocasionada por Cristo. A graça acabou com a divisão, e o que fora originalmente o plano de unidade visado por Deus para todos os homens agora está sendo realizado. Note que **carne** aqui significa o corpo físico. No versículo 3, se referia à natureza humana caída (ver comentários no v. 3).

Falando mais especificamente sobre a alienação dos gentios, o apóstolo enumera as tragédias espirituais envolvidas neste estado. Primeiramente, estes efésios **estavam sem Cristo** (12; “separados de Cristo”, NTLH). Antes de ouvirem e responderem à palavra da graça, eles não tinham “parte ou parcela no povo messiânico”,³ fato que significava que eles não possuíam a esperança do Messias ou qualquer benefício que viesse junto com isto.⁴ Sua história era sem Cristo. Não há tragédia maior para o ser humano. Em segundo lugar, eles estavam **separados da comunidade de Israel** (12). A alienação é expressa aqui por *apallotriousthai*, que significa essencialmente “excluído da” (BJ) e não mero afastamento temporário de uma agregação anterior. **Comunidade** (*politeia*) tem dois sentidos: 1) estado ou nação; e, 2) “cidadania”, ou direitos de cidadão. O primeiro significado está de acordo com a exclusividade nacional dos judeus. Os gentios estavam fora da comunidade do povo de Deus, com exceção de alguns prosélitos. Mas, mesmo entre estes, ainda permanecia o sentimento de intrusão.

Em nossos dias, a alienação existe de forma diferente. Na verdade, houve uma inversão: os cristãos tendem a rejeitar os judeus. Mas não devemos nos esquecer da dívida que os cristãos têm com os judeus por estes terem, ao longo dos séculos, salvaguardado as promessas que hoje se cumprem em Cristo. Este serviço pelo mundo deve despertar em nós um amor pelos judeus. Deve nos levar a fazer todo esforço possível para derrubar a barreira judaica da rejeição a Cristo.

Em terceiro lugar, eles **eram estranhos aos concertos da promessa** (12). Israel era a comunidade do concerto. Estes concertos foram feitos com Abraão (Gn 12.2,3; 15.8-21; 17.1-21), com o povo sob a chefia de Moisés (Êx 24.1-11), sendo, mais tarde, substituídos pelo “novo concerto” (Jr 31.31-34). Eles forneceram a base da existência de Israel. Os concertos de Deus continham promessas de bênçãos, se o povo fosse fiel na obediência às cláusulas estipuladas por Deus. A maior bênção era a garantia de libertação pelo Messias divino. Porque os gentios estavam fora da comunidade, eles eram **estranhos** (*xenoi*, estrangeiros) ou não-participantes dos “privilégios, atuais e futuros, os quais foram garantidos a Israel”.⁵

A quarta tragédia espiritual, em consequência da anterior, é que estes efésios **não possuíam esperança** e estavam **sem Deus** (12). A ruína moral e espiritual de tais gentios era completa. Eles não tinham esperança do “triumfo final da justiça e amor divino; para eles, as questões finais da história do mundo eram sombrias, preocupantes e incertas. A época de ouro deles estava no passado e irremediavelmente perdida, ao passo que a época de ouro do povo judeu estava no futuro”.⁶ Alguém observou que precisamos de uma esperança infinita, que só a fé em Deus pode dar. Westcott repara no patético da estranha combinação **sem Deus** (*atheoi*, “ateus”) e **sem esperança**.⁷ Eles enfrentavam a natureza e a vida sem esperança, porque não tinham relação com o Intér-

prete da natureza e da vida. Westcott afirma que “os gentios tinham ‘muitos deuses e muitos senhores’, e um Deus como ‘causa primeira’ nas teorias filosóficas, mas nenhum Deus que amasse os homens e a quem os homens pudessem amar”.⁸

B. A RECONCILIAÇÃO ENTRE GENTIOS E JUDEUS, 2.13-18

1. *Proximidade pelo Sangue de Cristo* (2.13)

Uma vez mais estamos diante de uma das transições dramáticas de Paulo (cf. 4). O passado dos gentios foi desolado e agourento, **mas agora em Cristo Jesus**, tudo mudou! Pelo visto, a terminologia e pensamento do escritor provieram de Isaías 57.19: “Paz, paz, para os que estão longe e para os que estão perto” (cf. 17). O povo de “perto”, neste caso, eram os hebreus e o povo **de longe** eram os gentios. Este povo distante, que não tinha a esperança dos concertos nem a alegria da presença de Deus, agora foi colocado dentro do âmbito da graça e do poder redentor de Deus. Esta aproximação foi realizada **pelo sangue de Cristo**, quando ele entregou “sua vida, de boa vontade rendida na morte, como oferta pelo pecado a favor de ‘muitos’ (Is 53.11,12)”.⁹ Assim, judeus e gentios podem ficar mais próximos de Deus e, por conseguinte, mais próximos uns dos outros pelo sacrifício de Cristo. Em Cristo, acabam-se as grandes barreiras da vida da humanidade.

2. *Inimizade Desfeita pela Paz* (2.14,15)

a) *A parede é derrubada* (2.14). Robinson observa que o apóstolo toma uma terceira palavra do versículo de Isaías mencionado acima (Is 57.19). Além de “perto” e “longe”, ele emprega “paz”.¹⁰ **Porque ele** (Cristo) **é a nossa paz** (14). Ele não só comprou a paz por sua paixão; ele é em si mesmo a genuína essência da paz. Ele é o Príncipe da Paz justo e sacrificial (Is 9.6ss.; Lc 2.14). Como escreveu Barth, “confessar Jesus Cristo é afirmar a abolição e o fim da divisão e hostilidade, o fim da separação e segregação, o fim da inimizade e desprezo, e o fim de todo tipo de restrição!”¹¹ Ele **transformou ambos em um**, na realidade significa que ele uniu *todos*, pois judeus e gentios compreendem todas as raças humanas.

Uma das ações de Cristo como pacificador é que ele **derribou a parede de separação que estava no meio** (12). A que o apóstolo está se referindo? Barth relaciona quatro possibilidades. 1) A alusão é à parede que havia entre o pátio externo e interno do Templo em Jerusalém, que separava os visitantes gentios dos adoradores judeus (ver Diagrama A). Esta barreira tinha aproximadamente um metro e meio e representava a divisão espiritual entre judeus e gentios. 2) É a parede ou cortina dependurada entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos, que simbolizava a separação entre Deus e o homem (ver Diagrama A). Claro que a morte de Cristo rasgou esta cortina em dois (Mc 15.38). 3) A parede se referia à “função que a lei assumira depois que foi ‘cercada’, como diziam os rabinos, por estatutos e ordenações produzidas por homens”. O desenvolvimento de uma religião de legalismo fundamentada na Torá Santa resultou na transformação da lei em instituição divisora (cf. Rm 3.31; 7.12; Gl 3.23ss.; Cl 2.22ss.). 4) Por parede, Paulo quer dizer “a barreira entre Deus e os homens, e entre homem e homem, que se compõe de anjos e outros principados e poderes conforme enumeração em Efésios 1.21”.¹²

Muitos comentaristas advogam que **a parede de separação** que estava no meio (12) é uma metáfora da divisão entre judeus e gentios, sendo a idéia sugerida pelo muro do Templo.¹³ Esta posição é apoiada pelo versículo 15. Obviamente, a verdadeira causa de divisão é a religião “legalizada” dos judeus. Seja qual for nossa teoria relativa ao significado deste termo paulino, a verdade do evangelho é clara. Traduzido em termos mais modernos, “Jesus Cristo tem a ver [tem relação] com qualquer divisão que exista entre raças e nações, entre ciência e moralidade, entre leis naturais e legisladas, entre povo primitivo e progressivo, entre pessoas do grupo e fora do grupo”.¹⁴ Cristo derrubou toda barreira do espírito entre os homens.

b) *A lei dos mandamentos é anulada* (2.15). O sistema de observâncias legais constituía uma barreira entre judeus e gentios. Práticas como a circuncisão, a preparação especial dos alimentos e a preocupação com a “pureza” cerimonial, criavam e perpetuavam um estado de hostilidade entre os dois grupos. Esta situação mostrava-se mais pungente quando os judeus tendiam a ser religiosamente orgulhosos de sua fidelidade a estas leis. O termo traduzido por **desfez** (*katargesas*) tem o significado de “anular” ou “tornar inválido”. Diz respeito primariamente **à lei**, mas também indiretamente **à inimizade**. Devemos considerar a frase da seguinte maneira: “A inimizade foi afastada pela anulação da lei que a ocasionou.”¹⁵ **Ordenanças** trazem consigo a noção de “dogmas” ou “regulamentos” e, assim, apresentam a questão da religião legalista. Os homens sempre estão separados e nunca unidos, quando a esperança religiosa reside na aceitação de Deus por obras meritórias. Cristo **em sua carne**, isto é, em sua encarnação, ministério, morte, e ressurreição eliminou todos esses elementos divisores entre os homens. Foulkes observa: “Agora, o método da abordagem é pela graça, por uma nova obra criativa de Deus, a mesma para judeus e gentios”.¹⁶

A segunda porção do versículo 15 reafirma o propósito da vinda de Cristo: Para criar em si mesmo dos dois um novo homem, fazendo a paz. O segundo Adão, pelo seu envolvimento na totalidade da vida do homem, gerou uma nova humanidade. Esta nova criação é **em si mesmo** — em união vital com Jesus Cristo. Blaikie ressalta a amplitude da novidade: “Os gentios não se tornam judeus, nem os judeus se tornam gentios, mas ambos se tornam um novo homem, acabando com todas as bases de ciúme”.¹⁷

3. *Reconciliação de Ambos com Deus* (2.16-18).

No versículo 16, Paulo deixa claro que a remoção da divisão entre os dois grandes grupos da humanidade resulta na reconciliação de judeus e gentios a Deus. **Pela cruz**, ou seja, pela obra reconciliadora de Cristo (cf. 13), Deus se tornou apto a perdoar os pecados de judeus e gentios, desta forma produzindo uma nova relação entre ele e toda a humanidade. O verbo grego traduzido por **reconciliar** é *apokatallasso* e significa, literalmente, “trocar completamente”. A experiência de reconciliação, idéia predominantemente paulina (cf. 2 Co 5.18-20; Cl 1.20), é a troca de um conjunto de relações por outro. Por causa do pecado, os leitores de Paulo estavam outrora “em conflito” com Deus e com os semelhantes. Eles estavam apartados de Deus, mas agora foram reconciliados com ele e vivem em harmonia com os propósitos e leis divinas. A graça provocou a restauração da comunhão com Deus. Em tal experiência, houve necessariamente a produção de **um corpo** que é a igreja de Cristo. Por analogia, da mesma maneira que

ângulos iguais a um terceiro ângulo são iguais uns aos outros, assim os homens reconciliados com Deus estão reconciliados uns com os outros. O objetivo da obra de Cristo no Calvário era um organismo vivo, no qual membros de diversas formações e habilidades estivessem unidos. Portanto, a morte de Cristo foi verdadeiramente a “execução da pena de morte” da inimizade.

Na declaração **vindo Cristo, ele evangelizou a paz** (17; cf. 1.13; Is 57.19), Paulo está falando da obra do Cristo ressurreto anunciando a paz que sua morte tornou possível. Westcott observa: “Em sua primeira aparição entre os discípulos, ele deu uma dupla saudação de ‘paz’”.¹⁸ A mensagem da igreja, que é a reiteração da proclamação de Cristo, é “o evangelho da paz”.

Na passagem de 2.13-18, vemos “O Ministério de Paz de Cristo”: 1) Cristo é a nossa paz, 14; 2) Cristo faz a paz por sua morte, 15; 3) Cristo, em seu ministério na igreja, proclama a paz, 17.

Surge um resultado positivo por causa da obra de Cristo. **Por ele**, judeus e gentios **têm acesso ao Pai** (18). A palavra **acesso** (*prosagoge*) pode, algumas vezes, ser traduzida por “apresentação”. Nos dias do Oriente, o indivíduo que apresentava as pessoas a um rei era chamado um *prosagoges*. Mas Cristo é mais que um introdutor. Ele é o caminho para Deus (cf. Jo 14.6). Ele nos concedeu o privilégio de ingresso à presença de Deus. O escritor aos Hebreus destaca: “Cheguemos [...] com confiança ao trono da graça” (Hb 4.16). Beare comenta: “Cristo nos conduz à sala do trono do Rei dos reis; e nos leva a conhecê-lo na plenitude da sua glória como o Pai”.¹⁹ Aqui vem à tona a visão trinitária de Paulo. Para compreender estas verdades, temos de relacioná-las aos fatos da experiência e adoração cristãs. Em sua obra na cruz, Cristo abriu o caminho ao **Pai**, que recebe pecadores arrependidos. O **Espírito Santo**, que é o Espírito de Cristo, habita, capacita e sustenta o corpo de Cristo. Assim, o relacionamento estabelecido com Deus é mantido (ver comentários em 4.4).

C. METÁFORAS DA UNIDADE, 2.19-22

Neste ponto, o apóstolo volta a falar sobre o estado dos gentios e repete o linguajar do versículo 12. Por Cristo, eles **não são mais estrangeiros** (*xenoi*) — “visitantes estrangeiros sem direitos na comunidade” — e **forasteiros** (*paroikoi*) — “residentes estrangeiros com direitos temporários e limitados”.²⁰ A atual relação com Deus na qualidade de redimidos do Senhor não é nem um pouquinho inferior aos judeus. Paulo se serve de três ilustrações para expressar a unidade extraordinária que prevalece na comunhão dos crentes judeus e gentios.

1. “Concidadãos dos Santos” (19a)

Nesta metáfora, retirada da vida citadina, o apóstolo garante aos gentios que “os seus nomes estão inscritos no mesmo rol cívico com todos a quem ‘o Senhor contará quando somar as pessoas’”.²¹ Antigamente, os judeus eram **os santos**, cidadãos da cidade de Deus, e os gentios eram os estrangeiros. A situação não é mais esta. Os crentes gentios fazem parte do novo Israel (Gl 6.16), que é formado por todos os cristãos. Eles compartilham todos os direitos e privilégios deste novo povo.

2. “*Família de Deus*” (19b)

Esta segunda metáfora, retirada da vida familiar, sugere uma relação mais próxima. Agora, os gentios são “família de Deus, membros plenos da sua família, na mesma base que os filhos naturais de Abraão, que entraram na família de Deus pela ‘mesma fé preciosa’”.²² A relação com os judeus crentes só pode ser caracterizada por palavras como “parentes”, “irmãos” e “santos”. De forma milagrosa e graciosa, os gentios ficaram presos em amor pelos judeus crentes.

3. “*Templo Santo no Senhor*” (20-22)

O uso da palavra “**família**” (*oikeioi*), no versículo 19, conduziu a esta caracterização da igreja. *Oikeioi* é derivado da palavra que significa “casa” no sentido de residência, moradia, habitação. Robinson comenta: “Eles não são meros membros da casa, mas fazem parte da casa de Deus”.²³ A igreja é **um santo templo** em construção, e é **uma habitação de Deus no Espírito** (22).

Estes versículos expõem quatro aspectos da metáfora. Primeiro, **os apóstolos e profetas** são as pedras da fundação do templo (20a). Recebem esta designação, porque sua função é proclamar a Palavra do Senhor. Wesley observa que “a palavra do Senhor, declarada pelos apóstolos e profetas, sustenta a fé de todos os crentes”.²⁴ Certos estudiosos vêem uma contradição no pensamento de Paulo ao usar esta metáfora aqui e em 1 Coríntios 3.11. Lá, Cristo é o fundamento. O problema se resolve quando nos damos conta de que ele emprega a metáfora em sentidos diferentes. Na passagem coríntia, o pensamento gira em torno de si mesmo e de outros como construtores. Na relação aqui está claro que Cristo é o fundamento sobre o qual eles constroem. Paulo está enfatizando as pedras usadas na construção. Nesta relação, Cristo é **a pedra da esquina**. Todos os outros são pedras de menor significação. Mas, mesmo sendo de menor importância, os apóstolos e outros ministros na igreja são pedras de fundação no edifício de Deus.

O segundo aspecto é que Cristo é **a principal pedra da esquina** do templo (20b,21). A palavra principal não precisava aparecer aqui. Os léxicos concordam que a palavra grega significa “pedra angular”. A história deste pensamento remonta ao próprio Cristo (Mc 12.10). Ele o retirou do Salmo 118.22, que diz: “A pedra que os edificadores rejeitaram tornou-se cabeça de esquina”.²⁵ Duas opiniões prevalecem sobre o lugar preciso desta pedra nas estruturas construtivas de antigamente. 1) Era a pedra colocada na fundação em um canto, não só para firmar tudo, mas para estabelecer o alinhamento para os muros.²⁶ Esta opinião está de acordo com 1 Pedro 2.7 e apóia a idéia de que Cristo é aquele de quem a construção depende. 2) Era a pedra colocada no “topo do edifício, como vértice e conclusão”.²⁷ Bruce favorece esta interpretação, quando escreve: “A pedra angular é cortada de antemão, e não só firma a estrutura quando é colocada no lugar, mas serve de ‘pedra de teste’ para mostrar que o edifício foi construído segundo as especificações do arquiteto”.²⁸ Seja qual for a interpretação que aceitemos, a intenção do apóstolo é afirmar que Cristo controla a configuração e a forma da igreja.

O terceiro aspecto é que os crentes em Cristo são as pedras vivas, que **bem ajustadas, crescem para templo santo**. Os manuscritos mais antigos diferem quanto a uma frase aqui (21). Alguns têm a expressão *pasa he oikodome*, **todo o edifício** (i.e., o edifício inteiro); outros têm expressão *pasa oikodome*, **“todo edifício”** (i.e., cada edifício). Para certos comentaristas, a segunda tradução dá a entender um complexo de edifícios (cf.

BAB). Portanto, Paulo fala da construção de outros edifícios relacionados ao santuário principal. Por outro lado, é mais provável que Paulo esteja interessado em mostrar que a igreja ainda está no processo de construção. Por isso, emprega a metáfora do crescimento. Mackay comenta: “É permanente o acréscimo de outras pedras vivas ao edifício inacabado. As pedras que já estão e as que ainda serão postas na estrutura sagrada devem ‘crescer para templo santo no Senhor’”.²⁹ Este crescimento ocorre e fica bonito somente quando seus novos membros, “pela qualidade do seu discipulado em manter-se estritamente fiel ao Senhor, contribuem para a unidade, força e perfeição da igreja”.³⁰

O quarto aspecto é que o templo no qual os gentios são edificados é **a habitação de Deus** (22). Na antiga ordem, o Tabernáculo e o Templo existiam apenas para proporcionar um lugar para o Santo de Israel.³¹ Mas Paulo escreveu aos crentes coríntios: “Não sabeis vós que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?” (1 Co 3.16). No novo concerto, Deus não só chama um povo, mas mora com eles. Como afirma Mackay: “A Igreja Cristã, quando é verdadeiramente a Igreja, é a Casa da Presença”.³²

Nos versículos 4 a 22, temos o assunto: “A Igreja, a Morada de Deus”. A unidade da Igreja Invisível é o tema de fundo. 1) A fundação da Igreja, 20; 2) A construção da Igreja: inclusiva, 11-19; exclusiva, 4-11; de projeto simétrico — **bem ajustado**; cresce até à conclusão — **cresce para templo santo no Senhor**, 21; 3) “Em Cristo”, **a Igreja é a morada de Deus no Espírito**, 22 (G. B. Williamson).

SEÇÃO V

ORAÇÃO POR CUMPRIMENTO ESPIRITUAL

Efésios 3.1-21

De forma ousada e concisa, o apóstolo declarou a unidade potencial do gênero humano através da obra de Deus em Cristo Jesus. Os judeus e os gentios podem se tornar um povo na igreja, o templo de Deus, pelo Espírito Santo. Paulo faz uma oração pelos leitores para que eles sejam interiormente fortalecidos e desfrutem agora as mais altas possibilidades da nova vida em Cristo. Mas, um pensamento o interrompe: O mistério da chamada dos gentios e o seu ministério para eles (1-13).

Por esta causa (1,14) refere-se obviamente à descrição precedente, que diz que Deus incorporou graciosamente os gentios no plano de redenção. Entre estas duas expressões está o amplo parêntese que fala sobre o mistério do evangelho. Logicamente, esta passagem é uma divagação, mas tem tremendo valor, pois se estende sobre o tema central do propósito da epístola: O propósito de Deus era e é unir todas as coisas em Cristo (1.9,10). Este trecho também apresenta a missão de Paulo no mundo. Foi-lhe confiada a tarefa de levar **todos os homens a verem qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos, esteve oculto em Deus, que tudo criou** (3.9).

A. A ADMINISTRAÇÃO PAULINA DO MISTÉRIO, 3.1-13

1. A Revelação do Mistério (3.1-6)

De modo direto e sem tom justificativo, Paulo chama atenção para sua situação, como **o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios** (1; cf. 4.1; 2 Tm 1.8; Fm 1.9).

Esta breve observação envolve três quesitos: 1) O artigo **o** antes de **prisioneiro** não visa colocar Paulo acima dos outros que também sofrem pelo Senhor. Sua intenção é declarar a classe de homens à qual ele agora pertence. 2) A causa originária por estar preso é Cristo.¹ 3) A frase **por vós, os gentios** (lit., no interesse de vós, os gentios) é, possivelmente, lembrança sutil de que foi a hostilidade dos judeus para com sua missão gentia que lhe causou a prisão (At 21—26). É mais provável que a frase signifique que a vida espiritual dos gentios foi, de certa maneira, beneficiada por ele não estar livre. No versículo 13, ele declara comoventemente que suas tribulações são para a glória deles.

Os versículos 2 a 6 discorrem longamente sobre a comissão de Paulo aos gentios. Primeiro, ele os lembra **da dispensação da graça de Deus** que lhe foi dada em favor deles (2). A palavra **dispensação** (*oikonomia*) refere-se ao seu ofício ou ao ato de Deus lhe dar o ofício. “Certamente vocês ouviram falar da responsabilidade imposta a mim em favor de vocês pela graça de Deus” (NVI; cf. NTLH). Por vezes, o apostolado é chamado de **graça** (*charis*).² Hodge comenta: “Na avaliação de Paulo, o ofício de mensageiro de Cristo era a manifestação da bondade imerecida de Deus para com ele. O apóstolo sempre fala dessa função com gratidão e humildade”.³ A tônica está no fato de que Deus “dispensou a graça” para Paulo. Talvez as idéias de responsabilidade e graça se combinem aqui. Ou, em outras palavras: “Administração e graça são praticamente equivalentes”.⁴ Como observa Hodge: “O seu ofício e a graça relacionada à função [...] eram tanto uma *oikonomia* quanto uma *charis*”.⁵ Na obra do Senhor, a responsabilidade ministerial com a graça intrínseca significa triunfo para a igreja.

Segundo, o modo da nomeação divina de Paulo foi **por revelação** (3). Depois das visões gerais expressas em Gálatas 1.12, o apóstolo afirma que uma divina comunicação informou-o da gloriosa verdade da universalidade do evangelho. Da mesma maneira que os doze apóstolos possuíam conhecimento do propósito gracioso de Deus que não estava fundamentado em rumores, ele também fora instruído diretamente por Deus (cf. 1 Co 15.8; Gl 1.15-17).

Terceiro, a mensagem que Paulo é comissionado a declarar é **o mistério de Cristo** (4-6; cf. Cl 4.3; ver comentários em 1.9). Talvez a frase **como acima, em pouco, vos escrevi** (3) seja referência a alguma carta paulina extinta. Mas, parece mais razoável interpretar que seja alusão a 1.9ss. e 2.19ss. Paulo presume que, por causa da sua afirmação anterior, seus leitores entenderão que ele está totalmente informado sobre o mistério de Cristo, ao passar a esclarecer o assunto para eles. Phillips traduz o versículo 4 assim: “O que acima escrevi em poucas palavras acerca disso esclarecer-lhes-á o conhecimento que tenho do mistério de Cristo.”

O apóstolo diz que **o mistério** (paradoxalmente, o segredo revelado), **o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, mas agora, tem sido revelado** (5). Paulo escreveu essencialmente a mesma verdade em Colossenses 1.26: “O mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos”. O que era que estava escondido das gerações anteriores? Com certeza não era a salvação dos gentios, pois há muito texto no Antigo Testamento concernente à redenção deles. Já na promessa feita a Abraão em Gênesis 12.3, estava exposta a intenção divina de salvar (abençoar) todos os homens, judeus e gentios. Falando do Servo Sofredor, Isaías declarou no século VII a.C.: “Também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra” (Is 49.6). Bruce comen-

ta que, “em Romanos 15.9-12, Paulo cita uma série de passagens de todas as três divisões do Antigo Testamento (a Lei, os Profetas e os Escritos), nas quais ele encontra preságios do resultado do seu próprio ministério apostólico entre os gentios”.⁶ **O mistério** até aqui desconhecido era que os gentios seriam unidos com os judeus em um corpo para que fosse criado “um novo homem” (2.15), “pela incorporação de crentes judeus e gentios, segundo os mesmos princípios da graça divina, como membros do corpo de Cristo”.⁷ Foulkes considera que a palavra como, no versículo 5, é “em tal extensão como” ou “com tal clareza como” agora.⁸

O propósito divino, que estava “nos tesouros dos segredos divinos da eternidade”,⁹ foi revelado para **seus santos apóstolos e profetas**. (5). Estes homens, separados ou “consagrados” (*hagiois*) por Deus para receberem e declararem este mistério, eram os doze (cf. 2.20). Mas, de modo peculiar, Paulo sentiu o impacto desta mensagem e, assim, ficou conhecido por “apóstolo dos gentios”. De fato, a proclamação deste mistério lhe foi especialmente entregue, conforme declara o texto de Atos 9.15: “Disse-lhe [a Ananias], porém, o Senhor: Vai, porque este [Saulo] é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel”. **Pelo Espírito** lembra as palavras de Jesus registradas em João 14.26; 16.13.

O apóstolo resume (6) em três partes “o mistério de Cristo”, aplicando três palavras gregas que são muito difíceis de traduzir. Paulo gostava de palavras compostas. Neste versículo, ele usa três com o prefixo grego *syn*, que significa “junto com”: *synkleronoma*, *synsoma* e *synmetocha*. Estas palavras enfatizam o conceito de unidade ou comunidade.¹⁰ O “segredo revelado” assevera que, em primeiro lugar, os gentios são **co-herdeiros** com os judeus. Isto equivale dizer, compartilham a mesma herança espiritual. Este legado abrange todos os benefícios do concerto da graça esboçados por Hodge nos seguintes quesitos: “O conhecimento da verdade, todos os privilégios da igreja, a justificação, a adoção e a santificação; a habitação do Espírito e a vida eterna”.¹¹ Hodge também comenta que esta é “uma herança tão grande que só compreendê-la requer a ajuda divina e eleva a alma aos confins dos céus”.¹²

Os gentios são também **de um mesmo corpo**, “porções constituintes do corpo de Cristo”. Este é outro modo de dizer que eles são tão participantes de Cristo quanto os judeus. A palavra *synsoma*, pela qual Paulo expressa esta idéia, deve ter sido criada por ele, visto que ela não ocorre na literatura grega. Paulo quer transmitir a idéia de que os gentios estão inseridos no corpo de Cristo e, portanto, estão com os judeus nas mesmas condições, chegando até a participar da vida de Cristo.

Por fim, os gentios são **participantes da promessa** (*synmetocha*). Outrora, eles eram estranhos aos concertos da promessa (2.12), mas agora “tomam parte, em condições iguais aos judeus, da promessa de vida e salvação (cf. 2 Tm 1.1).”¹³ Na opinião de Westcott, esta frase é referência específica ao dom do Espírito Santo (cf. 1.13). Ele vê no fraseado “uma seqüência expressiva” nos três elementos da plena dotação dos gentios. “Eles tinham o direito a tudo que Israel esperava. Eles pertenciam à mesma sociedade divina. Eles desfrutavam o dom pelo qual a nova sociedade se distinguia da anterior.”¹⁴

A nova relação dos gentios foi realizada **em Cristo**. Não ocorre pela fé judaica ou tornando-se, em qualquer sentido, “judeus”. Os gentios detêm o mesmo lugar com Cristo que os judeus. Como sempre, **o evangelho**, quando efetivamente pregado sob a unção

do Espírito Santo, provoca o nascimento espiritual, quer judeus ou gentios, jovens ou velhos, ricos ou pobres. Ninguém é algo antes de ir a Cristo; todos são exclusivamente de Cristo quando se unem a ele.

Este versículo de amplo escopo apresenta: 1) A natureza das bênçãos prometidas por Deus a todos os homens: **co-herdeiros... de um mesmo corpo**; 2) A condição pela qual a posse destas bênçãos é realizada: estar **em Cristo**; 3) O meio pelo qual essa união é efetivada: **o evangelho**.¹⁵

2. O Ministério do Mistério (3.7-13)

Continuando com o tema geral do mistério da graça de Deus, Paulo fala do seu ministério concernente a isto. **Do qual** quer dizer “deste evangelho” (BJ, CH). Estes versículos expressam quatro aspectos esclarecedores acerca do serviço de Paulo.

a) *Chamado por Deus* (3.7). O papel de Paulo como ministro (*diakonos*, servo) não foi por escolha própria, porque ele declara: **Fui feito ministro** (7). Deus conferiu ao apóstolo este ofício de servir — estava **de acordo com o dom da graça de Deus**. De forma alguma o ex-perseguidor dos crentes merecia tal privilégio. Deus, em sua soberania, imputou ação imerecida impondo a mão sobre Paulo para esta missão aos gentios. O dom de servir Cristo desta maneira fluiu da graça livre de Deus. Além disso, o apostolado para os gentios foi concedido **segundo a operação do seu poder**. Este ministério teria fracassado, caso não fosse acompanhado pela capacitação divina. Blaikie comenta: “O ofício espiritual sem poder espiritual é desprezível; mas no caso de Paulo havia o poder e o ofício”.¹⁶ A aptidão natural explica indubitavelmente grande parte da eficácia do apóstolo, mas o que tornou seu ministério verdadeiramente persuasivo e redentor foi o poder de Deus (cf. 1 Co 3.6,7).

b) *O ministro e a mensagem* (3.8,9). Com o reconhecimento humilde de não ser digno deste dom, por ser **o mínimo de todos os santos** (cristãos),¹⁷ Paulo afirma que o propósito do seu ministério é **anunciar entre os gentios as riquezas incompreensíveis de Cristo**. Nos versículos 8 a 12, ele explica a natureza destas **riquezas**. **Incompreensíveis** transmite a idéia de “sem pista, inexplorável, não no sentido de que alguma parte seja inacessível, mas, que o todo é muito vasto para ser mapeado e medido”.¹⁸ A palavra **riquezas** não transmite quantidade, mas preciosidade. Agora, os gentios estão ouvindo a verdade gloriosa de que o Messias dos judeus também é o Salvador dos gentios.¹⁹ Eles também podem desfrutar as riquezas da compaixão, perdão, santificação e orientação, proporcionadas pelo Cristo ressurreto para os homens necessitados. No que tange a Cristo, João 1.16 declara: “Dos seus repletos depósitos todos temos recebido graça sobre graça” (NEB).

Outro propósito do ministério de Paulo é de caráter teológico: **demonstrar** (*photisai*, lançar luz sobre) **a todos qual seja a dispensação do mistério** (9). A primeira tarefa do apóstolo é evangelizar os gentios, mas ao mesmo tempo ele deve **demonstrar** a todos, ou seja, esclarecer a toda a humanidade o modo como a verdade revelada satisfaz as necessidades dos homens. A **dispensação** (*oikonomia*) **do mistério**, de acordo com Westcott, significa “a aplicação apostólica do evangelho aos fatos da experiência”.²⁰ Oferecemos agora observações adicionais sobre o mistério (4-6). Este **mistério** não se trata-

va de um novo tipo de ação por parte de Deus, ou certo desvio de seus planos originais, que lhe foi imposto pelo desenvolvimento da história humana. O mistério estava **oculto em Deus, que tudo criou**, ou seja, existia no coração e na mente da deidade “desde todas as eras”.²¹ A menção ao ato criativo de Deus pode ser mera expressão de reverência ou reafirmação de que “ninguém, exceto o criador, pode ser o redentor”.²² A expressão **por meio de Jesus Cristo** não ocorre nos melhores manuscritos; mas cf. Colossenses 1.16.

c) *A função da igreja* (3.10-12). **Para que** significa “a fim de que”. Através da igreja, agora formada por judeus e gentios redimidos pelo sangue de Jesus, o serviço de Paulo demonstra “a exibição da sabedoria de Deus diante das inteligências da ordem divina” (10).²³ **Principados e potestades** (*archai e exousiai*) não podem significar qualquer tipo de governo terreno, porque Paulo diz que eles estão **em lugares celestiais**. Também não devem ser os poderes demoníacos, pois, como sugere Salmond, o poder de Deus seria mais apropriado para lidar com eles do que a sabedoria de Deus. Salmond conclui: “Os *archai* e os *exousiai* só podem significar os anjos *bons*, e estes nomes de *dignidade* são adequados, visto que apontam a grandeza da comissão de Paulo, e talvez, também, [...] a glória colocada sobre a *ecclesia* [igreja]”.²⁴

Não há dúvidas de que estes anjos de Deus, que dominam as esferas, têm interesse no esquema da redenção do homem (1 Pe 1.12). Os apóstolos e profetas receberam a verdade relativa aos planos de Deus e a comunicaram para a igreja. A igreja, por sua vez, mediou a verdade para o universo inteiro. Beare comenta: “Os poderosos regentes das esferas vêm a igreja se formando, observam como ela se reúne em uma unidade a partir dos segmentos hostis da humanidade e, assim, conhecem pela primeira vez **a multiforme sabedoria de Deus**”.²⁵ Quando a igreja cumpre sua missão de tornar conhecida a sabedoria divina, o ministério de Paulo é validado. **Multiforme** (*polypoikilos*) ocorre somente aqui no Novo Testamento. Significa “matizado, de diferentes cores”. Robinson comenta que “a metáfora é retirada da beleza complexa de um padrão bordado”.²⁶ Quem pode sondar a majestade e a diversidade da sabedoria de Deus em redimir o mundo? Em Romanos 11.33, Paulo exclama: “Fico maravilhado diante da insondável riqueza da sabedoria e do conhecimento de Deus. Como o homem poderia entender os motivos das ações divinas ou explicar seus métodos de trabalho?” Os planos de Deus são perfeitos em sua conformidade com a santidade divina, e, ao mesmo tempo, são ordenados de acordo com a capacidade humana e as necessidades complicadas da vida humana. O resultado final é a redenção das almas.

Em típico estilo literário paulino, os versículos 11 e 12 ampliam o pensamento em áreas que não são diretamente germanas à tese central. A revelação da sabedoria multiforme foi **segundo o eterno propósito** (11, lit., “de acordo com o propósito das eras”; cf. BJ). A intenção fora revelada apenas recentemente, mas sua origem estava na eternidade. A frase **que fez em Cristo Jesus** pode ser interpretada como “cumpriu em Cristo Jesus”. Westcott a traduz assim: “o qual ele realizou em Cristo Jesus”.²⁷ Retomando uma idéia previamente apresentada em 2.18, o apóstolo a reforça no versículo 12. Em nosso Senhor, **temos ousadia e acesso** (12) a Deus Pai. As palavras **ousadia** (*parresia*) e **acesso** (*prosagoge*) significam, respectivamente, “liberdade de falar” e “liberdade de aproximar-se”.²⁸ No grego clássico, *parresia* significava a liberdade de expressão que era outorgada ao cidadão de um estado democrático. Ao aplicar a palavra aqui, Paulo indica

“a liberdade que os cristãos têm em se chegar a Deus diretamente sem intermediários, exceto por Cristo, que em sua pessoa tem a deidade e a humanidade”.²⁹ Ver comentários em 2.18, quanto a *prosagoge*. **Confiança** (*pepoithesis*) é empregado no Novo Testamento somente por Paulo e só seis vezes nas suas cartas. De acordo com Salmond, denota “o estado mental no qual desfrutamos estas bênçãos”,³⁰ quais sejam, a ousadia e a liberdade. Tudo isso pela **nossa fé nele**.

Os versículos 11 e 12 apontam três verdades significativas. 1) Nossa porta aberta para Deus sempre esteve em seus planos para os homens, 11; 2) A base de nossa ousadia e acesso é Cristo. É nele que temos esta liberdade. Não podemos ir a Deus por nosso mérito próprio; temos de ir “no mérito infinito de um Salvador infinito”, 12; 3) Os requisitos indispensáveis da comunhão pessoal com Deus são a liberdade de expressão e a liberdade de acesso, 12.

d) *A glória do sofrimento* (3.13). As **tribulações** suportadas pelo apóstolo no cumprimento de sua comissão são em benefício dos leitores (13). **Portanto** (*dio*) não se refere aos grandes privilégios de “ousadia” e “acesso” apresentados no versículo 12, mas diz respeito ao pensamento da passagem (7-12), “a dignidade do ofício entregue a Paulo e o significado para eles”.³¹ Talvez os leitores tivessem a impressão de que a prisão e provocações de Paulo fosse prognóstico de adversidades para a causa cristã. Tal opinião era contraditória à avaliação que Paulo fazia dos seus sofrimentos. Em Colossenses 1.24, ele escreve sobre sua atitude: “Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumprio o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja”. Visto que ele não perdeu a coragem, ele não queria que seus leitores desanimassem. Na realidade, ele via um significado profundo nos sofrimentos; eles eram “a glória daqueles por quem ele sofria”.³² As adversidades expunham a grandeza da verdade que os leitores tinham aceitado e o ministério de quem proclamou essa verdade. Se os leitores compreendessem esta interpretação das tribulações, eles se alegrariam com Paulo e não desfaleceriam.

B. A ORAÇÃO DE PAULO PELO CUMPRIMENTO ESPIRITUAL, 3.14-19

Por esta causa significa o fim da longa digressão que começou em 3.1, onde ocorre expressão semelhante a esta. A **causa** à qual o apóstolo se refere está no capítulo 2. Esta causa é a extensão da misericórdia divina, e da graça salvadora para os gentios, concedendo-lhes privilégios idênticos aos dos judeus por Jesus Cristo. A causa fornece a base para a petição do apóstolo. Ao recordar que os gentios sentiram o gozo da reconciliação da cruz, tiveram a paz proporcionada pela relação de concerto com Deus e foram incorporados à família de Deus, Paulo se sentiu impelido a orar. O pedido de sua intercessão é que estes novos cristãos experimentem em sua totalidade todos os privilégios espirituais concedidos por Deus aos homens.

1. *O Endereço da Oração* (3.14,15)

A atitude de Paulo na oração é expressa na postura que ele assume: **Me ponho de joelhos** (14). Para os judeus, a posição habitual de oração era de pé com os braços estendidos para o céu (cf. Mt 6.5; Lc 18.11,13). O fato de Paulo ajoelhar-se dá a entender a inten-

sidade e urgência de sua petição. Como comenta Foulkes, prostrar-se “era expressão de profunda emoção ou seriedade, e nesta base temos de entender as palavras de Paulo aqui”.³³

A oração de Paulo é dirigida **ao Pai de nosso Senhor Jesus Cristo** (14). Com base em evidências de manuscrito, a frase **de nosso Senhor Jesus Cristo** deveria ser omitida do texto (cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Porém, é tão freqüente Paulo qualificar o nome divino que é justificável aceitar a idéia transmitida pela frase (cf. 1.17). Fazer a súplica ao Pai está de acordo com o plano de Deus para seus filhos. Quando nascemos de novo, somos adotados na família de Deus (1.5). Por isso, pelo ministério do Espírito Santo, estamos aptos a chamar Deus de “Aba, Pai” (Rm 8.14-17; Gl 4.6). Beare comenta: “Cabe à natureza de Deus, como Pai, ouvir a oração de seus filhos e atender-lhes os pedidos (Mt 7.11).³⁴ O estilo de Paulo dirigir-se diretamente ao Pai, talvez seja resultado da influência da Oração do Senhor na comunidade cristã primitiva.

A descrição que Paulo faz de Deus como o Pai, **do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome** (15), expressa um pensamento que não é adequadamente transmitido em nosso idioma. Em grego, *patria* (**família**) é derivado de *pater* (**pai**). Há a sugestão de que a tradução mais própria de *patria* seja “*paternidade*”.³⁵ Assim, versão melhor deste versículo é: “De quem toda a paternidade nos céus e na terra recebe o nome”³⁶ (cf. CH; nota de rodapé da NVI). A paternidade de Deus é “a origem da comunhão e unidade em todas as ordens dos seres finitos. [...] Toda a ‘família’, toda a sociedade que se mantém unida pelos laços da cabeça comum [...] deriva aquilo que lhe dá direito ao título do único Pai”.³⁷ Martin assevera que “a paternidade de Deus não é mera metáfora retirada das relações humanas. Muito pelo contrário. [...] Vemos na deidade o arquétipo de toda a paternidade, e todas as outras paternidades derivam-se de Deus”.³⁸ A oração torna-se uma comunhão genuína, quando nos damos conta de que Deus é o Pai no sentido mais sublime e mais nobre, e Ele é acessível!

2. O Poder do Espírito (3.16-19)

Ao longo desta carta, o apóstolo está preocupado que a leitura seja esclarecedora acerca da obra redentora de Deus na história e no coração dos leitores. Esta oração, junto com a petição registrada em 1.16-23, enfatiza a necessidade de mais esclarecimento. Mas há uma diferença. Na primeira oração, “ele começa com o pensamento de esclarecimento pessoal que leva a um sentimento intenso da grandeza do poder divino”. Nesta oração, ele começa “com o pensamento de fortalecimento pessoal, que resulta em conhecimento mais profundo e trabalho mais completo”.³⁹

Ser fortalecidos com poder pelo seu Espírito (16) é uma experiência divinamente dada (cf. Cl 1.11). Deus a **concede segundo as riquezas da sua glória**, quer dizer, “na proporção e no estilo dos [...] recursos da sua natureza sempre abençoadora”.⁴⁰ O verbo grego *krataiothenai* está no infinitivo aoristo, sugerindo crise ou ação pontual. Pelo visto, Paulo está falando sobre a segunda experiência do cristão, na qual “o Espírito Santo da Promessa, o Deus do Pentecostes, o Espírito de Conselho e Poder” limpa e capacita o coração. Esta não é obra superficial. Ocorre no **homem interior**, no “verdadeiro e duradouro eu”.⁴¹ A oração é para que o Espírito Santo toque “a mola-mestre da vida total”, fortalecendo-a e vitalizando-a para o serviço a Deus.

Não devemos considerar que a frase **para que Cristo habite, pela fé, no vosso coração** (17) seja descrição de outra bênção igualmente sublime. Trata-se de outra ex-

plicação da experiência do versículo 16. Beare, seguindo Westcott, conclui que este aspecto da oração é um segundo objetivo do verbo **conceda**.⁴² Contudo, a ausência do conetivo “e” apóia a opinião de que o fortalecimento pelo Espírito e a habitação de Cristo no coração não são experiências totalmente diferentes.⁴³ É mais que óbvio que desfrutar a presença do Espírito equivale a desfrutar a presença de Cristo. Temos uma vez mais um infinitivo aoristo (*katoikesai*) para expressar a idéia de habitar. Além de conotar ação decisiva e crítica, a palavra significa residência permanente em oposição à estada temporária (*paroikein*). Moule comenta que a vinda de Cristo é “tão profunda e grandiosa, quanto a constituir uma chegada praticamente nova, e ele permanece onde chega não como convidado, duvidosamente detido, mas como Mestre residente em sua própria casa”.⁴⁴ **No vosso coração** significa no centro da personalidade total. E visto que o domicílio de Cristo é um dom, deve ser recebido **pela fé**.

Ser fortalecido pelo Espírito e, por conseguinte, ser completamente habitado por Cristo resulta em ser **arraigados e fundados em amor** (17). Estas metáforas biológicas e arquitetônicas também são empregadas em 2.21 (cf. tb. Cl 2.7: “arraigados e edificados”; e Cl 1.23: “fundados e firmes”). Estes dois participios estão no tempo perfeito, indicando relações firmadas. Não se trata absolutamente de uma relação estática, mas é um envolvimento dedicado e crescente com Cristo. **Em amor**, correlato essencial de fé, deve ser interpretado com os participios, de forma que o amor é “o solo, no qual a vida é enraizada”, e “o caráter de suas fundações”.⁴⁵ O amor perfeito no coração ocasiona crescimento e estabilidade. Dale resume o versículo 17 da seguinte forma: “O amor não é um impulso intermitente, nem mesmo uma força constante que luta pela supremacia legítima sobre as paixões mais básicas; sua autoridade é firme; é a lei de sua natureza; é a própria vida da sua vida”.⁴⁶

Esta experiência profunda da vida cheia do Espírito e habitada por Cristo é necessária **para compreender, com todos os santos** (cristãos), **o amor de Cristo** (18,19). Muitas verdades estão envolvidas neste versículo. *Em primeiro lugar*, a realidade divina não é conhecida somente pela busca intelectual. **Poderdes perfeitamente** (*exischusete*) é “poderdes ter a força”. O verbo grego **compreender** (*katalabesthai*) significa literalmente “agarrar”, “prender” ou “apoderar-se”. Conforme o uso aqui, sugere a dificuldade de conhecer as coisas profundas de Deus por nossas faculdades meramente humanas. Precisamos do ministério do Espírito. Esta é precisamente a verdade que o apóstolo afirma em 1 Coríntios 2.9,10: “Mas, como está escrito: As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem são as que Deus preparou para os que o amam. Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus”.

Em segundo lugar, embora o cristão seja individualmente fortalecido pelo Espírito, ele não deve supor que compreenda sozinho a total extensão da verdade divina. A compreensão vem com **todos os santos** (18; cf. Cl 1.26). “O que para sempre transcende o conhecimento do indivíduo isolado”, o corpo dos santos sabe.⁴⁷ Bruce comenta: “É coisa vã os indivíduos ou grupos cristãos imaginar que podem atingir a plenitude da maturidade espiritual, isolando-se dos outros crentes”.⁴⁸

Em terceiro lugar, as dimensões do amor divino são quatro: **largura, comprimento, altura e profundidade** (18). Ao longo dos séculos, os comentaristas procuram afixar certa significação especial a cada projeção geométrica do amor.⁴⁹ Mas, com

toda a probabilidade Paulo estava apenas “tentando expressar com inteireza retórica a magnitude da visão que se abre diante da fé cristã, quando busca compreender os caminhos de Deus”.⁵⁰ Eis a maravilha e a glória da vida que “está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3.3).

De acordo com o versículo 19, devemos conhecer o amor de Cristo, **que excede todo entendimento**. Como explicar tal declaração? Wesley observa que Paulo se corrige em relação ao nosso conhecimento e afirma que o amor não pode ser totalmente conhecido, ou seja, está fora do âmbito do conhecimento. Por outro lado, outros estudiosos sugerem que o apóstolo percebeu ter entrado em contradição com esta ênfase no conhecimento, pois também teria soado muito gnóstica. Por isso, disse que o amor é maior que o conhecimento. Segundo esta interpretação, é apropriada a tradução: “Conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento” (BJ, NVI). Hodge oferece uma solução muito mais satisfatória. Sua sugestão é que é o amor de Cristo por nós que excede nosso conhecimento. Visto que é infinito, inerente em um ser infinito, acha-se além de nosso entendimento. Ele escreve: “Este amor de Cristo, embora exceda o poder de nossa compreensão, ainda é questão de conhecimento experiencial. Podemos saber como é excelente, maravilhoso, livre, desinteressado, longânimo e que é infinito”.⁵¹ E acrescenta que este é o conhecimento mais sublime e santificador. “Aqueles que assim conhecem o amor de Cristo por eles, se purificam como ele também é puro.”⁵²

Atingindo o ponto alto de sua oração, Paulo pede que estes crentes **sejam cheios de toda a plenitude de Deus** (19). Ele não está pedindo que a vida dos leitores seja divinizada; eles não serão cheios da plenitude da qual Deus está cheio como Ser infinito. O desejo do apóstolo é que eles desfrutem a plenitude da graça que Deus comunica aos homens por seu Filho. Wesley considera que a frase **de toda a plenitude de Deus** significa “com toda a sua luz, amor, sabedoria, santidade, poder e glória”.⁵³ O tempo verbal **cheios** está no aoristo e sugere, de acordo com Martin, que “esta experiência não é vista como algo adquirido aos poucos, mas julga-se que é como uma experiência positiva do crente”.⁵⁴ Talvez Mateus 5.48 seja um paralelo a este versículo: “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai, que está nos céus”.

C. DOXOLOGIA, 3.20,21

Na oração, Paulo não pediu coisas pequenas; ele pediu que Deus iluminasse os cristãos, os fortalecesse e os enchesse pelo Espírito. Como Dale comenta: “Pelo visto, depois de uma oração como esta, o apóstolo se deteve por um momento e ficou imaginando se não pedira o que estava além de toda a esperança”.⁵⁵ Mas não, percebendo que suas mais altas aspirações não causam tensão nos recursos divinos, Paulo irrompe numa doxologia na qual declara a glória e a magnitude do poder de Deus. O apóstolo proclama com confiança: “O que Deus promete, ele cumpre; o que ele manda, ele capacita”.⁵⁶

O versículo 20 expressa três verdades. Primeira, Deus é **poderoso para fazer tudo**. Paulo não consegue cogitar a idéia de que Deus seja limitado por algum poder fora de si mesmo. A segunda verdade é: Deus é poderoso para fazer **muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos**. A extensão do poder de Deus ultrapassa as esperanças e imaginações do coração humano. A expressão **muito**

mais abundantemente (*huperekperissou*) é de cunhagem paulina e Bruce a denomina de superlativo, que significa “superabundantemente” (cf. “muito além, infinitamente mais”, BJ). A habilidade de Deus cumprir seus propósitos acha-se fora do maior poder humano de compreensão. A terceira verdade é que a frase **segundo o poder que em nós opera** visa declarar que há uma relação entre o gozo que hoje o crente possui do poder divino na conversão e o poder infinito de Deus, que pode fazer o que apóstolo rogou. Erdman afirma a verdade de modo sucinto: “Este ‘poder que em nós opera’ é a medida e o meio da capacidade ilimitada de Deus fazer por nós e em nós muito mais do que pedimos ou recebemos”.⁵⁷

Os versículos 16 a 20 espelham “A Graça Superabundante”. Há uma descrição clara da interioridade da santidade. 1) **Corroborados... pelo seu Espírito no homem interior**, 16; 2) Cristo habita no coração **pela fé**. Arraigados e fundados em amor. A compreensão das dimensões do amor, 17,18; 3) **Cheios de toda a plenitude de Deus**. Conhecendo o insuperável **amor de Cristo**, 19; 4) **O poder que em nós opera**, 20 (G. B. Williamson).

A **esse glória** (21) pode ser considerada como uma afirmação: “Nele está a glória”, ou como imperativo: “A ele seja a glória”. A última forma é mais apropriada. Paulo está dizendo: “Que a glória ou a excelência de Deus seja revelada **na igreja** e em **Cristo Jesus** (*en Christo Jesou*)”. Certas traduções usam a expressão “em Cristo Jesus”, ao passo que outras usam **por Cristo Jesus**. Paulo une Cristo e a igreja. Ambas demonstram a glória de Deus e ambas lhe dão louvores.

Em todas as gerações, para todo o sempre pode ser traduzido por “de geração em geração eternamente” (NEB). Este acoplamento de sinônimo e repetição é o modo de o apóstolo enfatizar “a eternidade do louvor”. “Por todos os tempos” (NTLH) significa “um tempo sobrevivendo sobre outro até a mais remota infinidade”,⁵⁸ Cristo e o seu povo, a igreja, exhibirão a glória de Deus — sua graça abundante da qual a igreja é a recebedora.

Nos versículos 14 a 21, temos “A Oração pela Plenitude Divina”,⁵⁹ oferecida ao Pai universal por todos os filhos, 14,15. 1) Os objetivos: a) Ser **corroborados com poder**, 16; b) **Conhecer o amor de Cristo**, 19; c) **Ser cheios de toda a plenitude de Deus**, 19; 2) Os meios: a) **O seu Espírito**, a habitação de Cristo, 16,17; b) **Pela fé**, 17; 3) Os recursos: **Segundo as riquezas da sua glória**, 16; e **segundo o poder que em nós opera**, 20.

SEÇÃO VI

A UNIDADE DA IGREJA

Efésios 4.1-16

Os capítulos 1 a 3 foram dedicados essencialmente à exposição do propósito salvador de Deus no que tange à totalidade da criação e ao papel da igreja em alcançar esse objetivo. Com o capítulo 4, o apóstolo, seguindo o plano de Gálatas, Romanos e Colossenses, depois de analisar as grandes verdades de redenção reveladas por Deus, passa à exortação e instrução ética. Entretanto, esta divisão da epístola não pode ser mantida com muito rigor, pois existem declarações doutrinárias importantíssimas nos capítulos 4 a 6. O estilo exortativo está entremeado e reforçado pelas referências a estas verdades reveladas. Há também a apresentação e explicação de novos aspectos das doutrinas em defesa da conduta para a qual Paulo conclama os leitores.

O tema dominante da unidade se expressa com esmero nesta seção do capítulo 4, particularmente no que se relaciona com a igreja. A resposta de Deus para a desarmonia do mundo é Cristo. Todas as pessoas se tornam um, sem barreiras a separá-las, quando recebem o dom de Deus da novidade de vida pela fé. Estes crentes unidos constituem a igreja, criada e sustentada por Cristo. Mas a igreja tem uma função no mundo, qual seja, testemunhar do amor de Deus pela humanidade e proclamar a reconciliação oferecida a todas as pessoas. Markus Barth observa: "A igreja tem seu lugar e opera entre Cristo e o mundo. Ela não é a mediadora da salvação; não é a salvadora do mundo; nem mesmo é uma comunidade redentora. Mas ela conhece e torna conhecido o Salvador e a salvação".¹ A tarefa da igreja é ser a unidade. Para cumprir sua missão no mundo, a igreja tem de exemplificar, pela união entre seus membros, o poder e a glória da graça de Deus.

Quando vive dignamente, a igreja promove mais que mero sentimento bom e respeito mútuo entre as pessoas; ela ministra Cristo aos homens. Em consequência disso, as pessoas são transformadas e dotadas do amor divino, o único fundamento seguro da unidade. Cada membro do corpo de Cristo tem de viver fielmente tendo em vista este tremendo resultado.

A. O APELO À UNIDADE, 4.1-3

1. *O Andar Digno* (4.1)

Paulo repete o fato de que é **o preso do Senhor** (cf. 3.1). Sua intenção é provocar nos leitores reflexão séria sobre o modo em que vivem a vida. Ele os exorta a **andar como é digno da vocação** para a qual foram chamados (cf. Fp 1.27; Cl 1.10; 1 Ts 2.12). **Andeis** (*peripateo*), no Novo Testamento, significa “conduzir a vida”, “conduzir-se”, “comportar-se” (cf. BAB, BV, CH). Neste caso, o apelo é para viver de modo condizente (*axios*) à vocação ou “chamado” (CH; cf. BAB). **A vocação com que fostes chamados** não se refere ao chamado divinamente dado para o ministério. Como declara Moody competentemente: “Trata-se de um chamado para todos os cristãos pelo fato exclusivo de serem cristãos”.² “Conversão” se aproxima da idéia que está por trás da palavra “chamado”. Porém, como observa Moule, a conversão enfatiza o lado humano na grande mudança, ao passo que o “chamado [...] indica o lado divino, a Voz do poder prevaLENcente”.³ A tônica do versículo é dizer que eles foram graciosamente convidados para ter uma nova relação com Deus e que eles ainda não se apoderaram de todos os seus benefícios. Pesa sobre eles a obrigação de continuar este andar com Deus e de vivenciar esse “chamado” de tal modo a dar honra ao nome daquele a quem eles pertencem, promovendo a paz entre os homens.

2. *As Quatro Graças da Unidade* (4.2)

O andar digno, que fornece a base e o ambiente para a unidade, manifesta-se em pelo menos quatro graças ou virtudes: **humildade, mansidão, longanimidade e suportando-vos uns aos outros em amor**. Estas graças não são características do espírito humano natural. São dons do Espírito Santo aos seguidores de Cristo (cf. Gl 5.22), e emanam do próprio Redentor. O chamado para um andar digno é um chamado para conduzir a vida em conformidade com a imagem de Cristo, para viver em santidade e justiça entre os homens.

Humildade (*tapeinophrosyne*) é “um sentimento de gratidão pela dependência a Deus” e é o antônimo de orgulho e vaidade. A postura da humildade é da pessoa que olha para cima. Westcott observa: “O orgulhoso só olha para o que está (ou para ao que pensa que está) debaixo dele; e assim perde a influência elevadora do que está mais alto”.⁴ **Mansidão** (*praotes*) significa mais que modéstia ou moderação. É a “disposição de ânimo submissa e dócil, que nos capacita a suportar sem irritação ou ressentimento as faltas e injúrias dos outros”.⁵ Jesus sempre é o exemplo supremo. Sem contestação de quem quer que fosse, ele afirmou: “[Eu] sou manso e humilde de coração” (Mt 11.29). Em 2 Coríntios 10.1, o apóstolo fala da “benignidade de Cristo”. Já se disse que mansidão é “a disposição de cordeiro”.

A terceira graça é a **longanimidade** (*makrothymia*). Segundo definição de Moule, é “o ‘espírito’ resistente e infatigável, que sabe resistir ao sofrimento ou provocação na força aprendida aos pés do Redentor”.⁶ O oposto desta virtude é “a irritabilidade, a irascibilidade”. É notável que a Vulgata, a Bíblia em latim, utilize a palavra *longanimitas* para traduzir *makrothymia*. Longanimidade seria a disposição de ânimo de paciente-mente suportar o sofrimento e os maus tratos com a forte esperança de melhoria (cf. Rm 2.4; 1 Pe 3.20).

Suportando-vos uns aos outros em amor é o trabalho prático de um espírito paciente, no qual continuamos amando e respeitando os outros, apesar de suas faltas e fraquezas. A intenção principal da análise de Paulo destas virtudes não é apresentar um padrão de comportamento em geral para os homens. Sua preocupação é com as tensões e conflitos inevitáveis que surgem na comunidade cristã. Beare conclui: “A harmonia na irmandade, que é o precursor da harmonia universal, é mantida apenas na medida em que todos os cristãos praticam as virtudes aqui mencionadas”.⁷

3. A Unidade do Espírito (4.3)

Os cristãos têm a responsabilidade de manter a unidade. Paulo ressalta que seus leitores devem andar de modo digno diante do Senhor, **procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz**. A tradução **procurando** (*spoudazontes*) é moderada; tradução melhor seria “dando diligência em” ou “esforçando-se seriamente por” (cf. BAB, NTLH, NVI, RA). A exortação é para que eles estejam atentos em preservar a unidade da igreja. Espírito, neste caso, não significa o espírito humano ou “concordância de espírito” gerada naturalmente na comunidade cristã, mas refere-se ao Espírito Santo.⁸ Esta unidade é uma criação do Espírito Santo, fato confirmado pela referência de Paulo ao Espírito em 1 Coríntios 12.13: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo”. O dom do Espírito Santo gera no coração do crente a unidade de uma personalidade integrada e forma um laço de amor que une toda a comunidade de crentes. A unidade é, ao mesmo tempo, pessoal e social, e o Espírito Santo é a causa originária e sustentadora.

Certos comentaristas entendem que a expressão **vínculo da paz** é paralela à expressão “em amor” do versículo 2. Mais aceitável, porém, é a opinião que considera **da paz** (*eirenes*) como genitivo de equivalência. Isto permite interpretar que a “paz é o vínculo” que cria unidade. Como observa Salmond: “A unidade [...] será a medida deles, contanto que eles façam da paz a relação que eles mantêm uns com os outros, ou o vínculo no qual eles andam juntos”.⁹

B. AS GRANDES UNIDADES, 4.4-6¹⁰

Paulo faz uma lista de sete coisas que são a essência da unidade da igreja. A repetição da expressão **um só** denota ênfase (cf. CH), a qual, para Calvino, significa que “Cristo não pode ser dividido. A fé não pode ser despedaçada”.¹¹ Mackay observa que as sete unidades básicas classificam-se em três grupos.¹² Em primeiro lugar, há **um só corpo, um só Espírito, uma só esperança**. Segundo ele, a conexão formal é a seguinte: “O *um só corpo* é vitalizado pelo *um só Espírito* e se move progressivamente a *uma só esperan-*

ça”.¹³ O segundo grupo é composto de **um só Senhor, uma só fé, um só batismo**. “A lealdade a *um só Senhor* gera *uma só fé* e é evidenciada por um só ato de *batismo*.”¹⁴ O último grupo é **um só Deus e Pai de todos**. Todas as outras unidades existem e são sustentadas por causa da ação graciosa de Deus.

1. “*Um só Corpo*” (4.4)

Esta é referência à igreja, o corpo de Cristo, previamente mencionado em 1.23 e 2.16. Paulo não tolera dois corpos de Cristo, um formado por judeus e o outro por gentios. Pelo poder da cruz, a reconciliação com Deus foi efetuada para judeus e gentios, criando a possibilidade da relação vertical de paz com Deus e a relação horizontal de paz com todos os homens. Assim nasceu **um só corpo** de crentes (2.16).

2. “*Um só Espírito*” (4.4)

A alusão é ao Espírito Santo. Isto está de acordo com a perspectiva trinitária implícita, pois os versículos seguintes se referem ao Pai e ao Filho. A filiação no corpo de Cristo ocorre pela atração, regeneração e habitação do Espírito (cf. Rm 8.9). Foulkes realça que “este fato impede ver a igreja como mera organização; pois a presença do Espírito constitui a igreja e é a base de sua unidade”.¹⁵ Em termos mais específicos, o Espírito é “o selo especial de Deus nos membros da comunidade. O ato mais desastroso que os cristãos podem fazer é ‘entristecer o Espírito Santo’. Pois assim, desaparecem ‘o amor, a alegria, a paz no Espírito Santo’, e, com eles, uma das mais preciosas unidades cristãs”.¹⁶

3. “*Uma só Esperança*” (4.4)

A **esperança** já figurou na apresentação que Paulo faz do evangelho. Antigamente, os crentes efésios eram “estranhos aos concertos da promessa, não tendo esperança” (2.12). Mas agora eles têm uma “herança”, cuja “garantia” ou “antegosto” do seu recebimento é a posse do Espírito Santo (1.12-14). Paulo ora para que eles tenham um entendimento mais amplo da esperança (1.18). A esperança de nosso chamado, como também o deles, é aquilo que nos possuiu quando respondemos à proposta da graça. É a esperança de participarmos da glória de nosso Mestre no lar que está sendo preparado para nós (cf. 1 Jo 3.2).

4. “*Um só Senhor*” (4.5)

Agora passamos para a segunda trilogia da unidade sétuplo da igreja. A referência ao senhorio de Cristo está em concordância com a mais antiga declaração de credo da igreja. Quando as pessoas naqueles dias aceitavam Jesus, a confissão que faziam era que Jesus é Senhor. Paulo escreve aos romanos que, se os homens confessarem com a boca que “Jesus é Senhor” (BAB, BJ, NTLH, NVI; cf. BV, CH, RA), e crerem no coração que Deus o ressuscitou dos mortos, eles serão salvos (Rm 10.9).¹⁷ Nessa passagem, Paulo também diz que Cristo é o Senhor de judeus e gregos (Rm 10.12). A unidade que ele enfatiza aqui em Efésios é a resultante de uma fidelidade comum ao Senhor ressurreto. Como Mestre, Cristo ordena nossa adoração e serviço da mais elevada qualidade, excluindo assim qualquer outra lealdade, quer a homens quer a deuses fabricados e ilusórios.

5. “Uma só Fé” (4.5)

Fé (*pistis*) se refere ao ato de crer ou àquilo em que se crê. Denota subjetivamente a aceitação de Cristo como Salvador pessoal, ou, por outro lado, significa objetivamente a “fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 3). Visto que Paulo havia acabado de mencionar o senhorio de Jesus, talvez tivesse em mente a experiência de crer em Cristo para salvação. A alegria comum de perdão e adoção fornece igualmente o fundamento para a unidade na igreja. A alegria, que é o resultado de uma experiência comum, derruba barreiras entre estranhos e os une em um único grupo social.

6. “Um só Batismo” (4.5)

Três pontos de vista prevalecem sobre o que Paulo quis dizer com esta expressão. Primeiro, alguns sustentam veementemente que ele está falando do rito do batismo nas águas que servia de cerimônia iniciadora para admissão na comunidade cristã. Todos os membros entram na igreja por esta experiência de ser batizado no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.¹⁸ Segundo, há quem acredita que Paulo está se referindo ao batismo com o Espírito, relacionando-o, então, ao ministério do Espírito no Dia de Pentecostes. *Este era o batismo de Cristo, o que quer dizer que ele o supriu enviando o Espírito* (cf. Mt 3.11; At 1.5). Esta interpretação não afirma que o batismo nas águas foi anulado, mas enfatiza o fato de que recebeu “uma significação mais valiosa da obra salvífica de Cristo e da concessão do Espírito Santo”.¹⁹

O ponto de vista que diz que **um só batismo** é o batismo com o Espírito Santo suprido por Cristo apóia a interpretação metodista. Este terceiro ponto de vista diz que Paulo está falando do “batismo com o Espírito Santo”, o que, para certos intérpretes, é uma segunda obra da graça. O argumento central em defesa desta interpretação é o fato de Paulo não se referir à Ceia do Senhor nesta lista de unidades. Ao falar do batismo, ele não tem o ritual ou a cerimônia em mente.²⁰ A única verdadeira unidade da igreja é “a unidade do Espírito” (3).

7. “Um só Deus e Pai de todos” (4.6)

Certos comentaristas vêem nesta lista uma progressão no pensamento, partindo da igreja para Cristo e de Cristo para Deus, “que é o Único no sentido mais alto e mais absoluto”.²¹ Deus é a Fonte de tudo. Fazendo um comentário sobre esta unidade, Dale escreve: “Todos nós somos pináculos na igreja por Cristo e pelo Espírito. Ele é **sobre todos** — é soberano e supremo. Ele é **por todos** — seu poder impregna a igreja inteira. Ele é **em todos** — seu Espírito habita na adoração diante do próprio trono eterno e, em Cristo, todos somos filhos do mesmo Pai celestial”.²²

C. A DIVERSIDADE NA UNIDADE, 4.7-16

1. A Lei da Concessão de Dons (4.7)

A conjunção **mas** nos leva para outro pensamento. Salmond diz que “coloca *um* contra *todos*, e isto com relação à determinação de manter a unidade do Espírito”.²³ A mudança passa da unidade do todo para as partes que compõem o todo, isto é, os membros. O apóstolo reconhece a falta de uniformidade na concessão de dons para o serviço na

igreja e esta é a origem da diversidade na distribuição dos dons. Paulo já enfrentara este problema em sua correspondência com os coríntios, a quem escreveu que “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1 Co 12.4).

Cada crente recebe graça... **segundo a medida do dom de Cristo**. Neste contexto, **graça** não se refere à graça salvadora, mas ao dom especial conforme ilustra a missão de Paulo aos gentios (3.7). A lei que rege a concessão de dons é a variação na capacidade humana e o prazer do Senhor soberano. “Cada um recebe a graça que Cristo tem para dar, e cada um a recebe na proporção à qual o Doador se agrada em dá-la; um a tem em medida maior e outro em medida menor, mas cada um a obtém da mesma Mão e com o mesmo propósito.”²⁴ Todas as diferenças estão no plano divino, e relacionam-se com o propósito salvador de Deus ao dar o seu Filho.

2. A Origem dos Dons (4.8-10)

A origem destes dons é o Senhor ascendido. Para expressar esta idéia, o apóstolo cita o Salmo 68.18, o qual, no cenário original, descreve o Senhor voltando triunfalmente ao seu santuário depois de derrotar os inimigos de Israel. Do que tomou como saque, ele distribui ao seu povo. Aqui, a cena é Cristo, o Conquistador, carregado de espólios, conduzindo uma fileira de prisioneiros — **levou cativo o cativo** — e dando dons para a igreja.²⁵

Nos versículos 9 e 10, Paulo explica parenteticamente o significado da ascensão mencionada no versículo 8. Ora, isto — **ele subiu** pode ser interpretado por: “Sobre este assunto da ascensão” (cf. NTLH). A ascensão indica uma descida: **Tinha descido às partes mais baixas da terra. As partes mais baixas** só pode ser o Hades²⁶ ou, possivelmente, a sepultura,²⁷ e não uma região mais baixa que os céus. Nestes versículos, o apóstolo trata não só da humilhação, mas também da exaltação de Cristo. O impacto planejado de suas palavras é destacar que o Doador de dons é o Soberano do universo. Desta forma, Cristo é exaltado **para cumprir todas as coisas**.

Tomando a palavra grega *pleroo* com o significado de “encher”, alguns intérpretes entendem que esta frase indica a onipresença do corpo de Cristo. Outros, tomando-a com o sentido de “cumprir”, sugerem que Cristo cumpre todas as profecias da antiga dispensação. E certos expositores traduzem a palavra por “concluir” ou “aperfeiçoar”, e relacionam a frase à consumação da obra redentora de Cristo. A interpretação mais razoável é que Cristo, agora que desceu e ascendeu, enche todo o universo com sua atividade como Soberano e Senhor. Barclay conclui seus comentários sobre estes versículos com esta declaração convincente: “Para Paulo, a ascensão de Jesus não significava um mundo deserto de Cristo, mas um mundo cheio de Cristo”.²⁸ Isto significa, também, que ele enche a igreja com a sua presença. É esta idéia que Wesley percebe na frase e fala que Cristo enche “a igreja inteira, com o seu Espírito, presença e operações”.²⁹

3. A Classificação dos Dons (4.11)

Tudo indica que Paulo, quando escreveu estas palavras, tinha em mente a lista dos ministérios relacionados em 1 Coríntios 12.28. A passagem coríntia compreende uma lista mais longa de dons espirituais (*charismata*). Mas nesta passagem, Paulo está interessado em apresentar os ofícios necessários para a expansão e sustento da igreja. Cristo deu à igreja os **apóstolos**: os ministros supremos, os doze que haviam

visto o Senhor ressurreto e recebido suas tarefas diretamente dele. Os **profetas** têm posição proximal à dos apóstolos, e o seu dom especial era o de ministério inspirado. Foulkes afirma que a função primária dos profetas era similar à dos profetas do Antigo Testamento: “anunciar” a palavra de Deus. Porém, ocasionalmente prediziam acontecimentos futuros, como em Atos 11.28 e 21.9,11.³⁰ Os **evangelistas** eram pregadores itinerantes, que iam de lugar em lugar para ganhar os incrédulos (cf. 2 Tm 4.5), de modo muito semelhante como se faz hoje.

Certos intérpretes sugerem que as primeiras três categorias se aplicam à igreja universal, ao passo que as outras duas se ajustam especificamente à igreja local. **Pastores** são pastores de um rebanho de comunicantes; a palavra grega (*poimen*) empregada aqui significa, literalmente, “pastor de ovelhas”. A tarefa dos **pastores** é alimentar o rebanho e protegê-lo dos perigos espirituais. **Doutores** pode ser uma outra função do pastor. Bruce afirma que estes dois termos “denotam a mesma e uma única classe de homens”.³¹ Contudo, pode ser que os **doutores** representem uma classe de responsabilidade um tanto quanto menor que os pastores, mas que, mesmo assim, detêm lugar especial na igreja. Os cinco ministérios são concedidos pelo Espírito e dados por Cristo à sua igreja.

4. O Propósito dos Dons (4.12-16)

Falando principalmente da vida interior da comunidade cristã, Paulo descreve o propósito para o qual Cristo deu à igreja estes ministérios. Pelo menos quatro dimensões do propósito divino são distinguíveis.

a) Estes ministérios são dados para edificar ou construir o corpo de Cristo (12). As três frases neste versículo, cada uma separada por uma vírgula (RC), dão a impressão de que o apóstolo expressa um propósito triplo. No idioma original, a ênfase está na última frase: “Ele fez isso para preparar o povo de Deus para o serviço cristão, a fim de construir o corpo de Cristo” (NTLH). O objetivo destes servos especiais é ocasionar um **aperfeiçoamento** (*katartismos*, lit., “adaptação” ou “equipamento”) **para a obra do ministério** (*diakonias*). A expectativa é que haverá um trabalho ativo e frutífero para o Senhor, com o resultado de que a igreja será edificada. À medida que as almas são ganhas, a vida da comunidade se aprofunda e se fortalece pelo serviço unificador da igreja.

b) Estes dons ministeriais são dados para promover maturidade. O versículo 13 rememora o anterior e oferece explicação adicional da “edificação” da igreja. Uma vez mais, Paulo usa três frases, cada uma iniciada com a preposição grega *eis*: **1) à unidade da fé; 2) a varão perfeito; 3) à medida da estatura completa de Cristo**. Estas não são idéias paralelas. A primeira fala do meio da maturidade, a segunda fala da realidade da maturidade e a terceira fala da medida da maturidade. Uma tradução melhor do versículo seria esta: “Assim, todos finalmente atingiremos a unidade inerente em nossa fé e em nosso conhecimento do Filho de Deus, e chegaremos à maturidade, medida por nada menos que a estatura completa de Cristo” (NEB).³²

A unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus constitui o meio do amadurecimento (cf. RA). A unidade é um dom do Espírito (cf. 3), mas requer-se fé e conhecimento para recebê-la. Neste texto, a fé é a resposta que damos ao Filho de Deus e a nossa

confiança nele — Deus manifestado na carne que morreu no Calvário em nosso benefício. Aqui, **conhecimento** (*epignosis*) é semelhante à fé no ponto em que significa “compreensão, familiaridade, discernimento”. Não devemos equipará-lo a conhecimento intelectual, mas a relações pessoais. A unidade se origina dessa intimidade com o Filho proporcionada pela graça. Paulo não está falando da experiência inicial com Cristo. O apóstolo se preocupa com o crescimento e aumento em entendimento e compreensão dos propósitos e vontade de Deus conforme estão revelados em associação com Cristo. Os membros da igreja podem e devem ter tal crescimento em maior medida enquanto o servem.³³

A varão perfeito refere-se ao nível de maturidade coletiva e individual na igreja, no qual o poder de Deus se manifesta inteiramente em santidade e justiça. Tal estado será atingido em seu significado máximo futuramente, quando possuirmos a graça de Cristo na perfeição da ressurreição (cf. Fp 3.7-16).³⁴

A medida da estatura completa de Cristo é o padrão de medida que determina a maturidade cristã. Hodge escreve: “A igreja se torna adulta, homem perfeito, quando alcança a perfeição de Cristo”.³⁵ A chave para interpretar o versículo é a expressão **estatura completa de Cristo**. Qual é esta estatura? Salmond diz que é “a soma das qualidades que fazem o que ele é”.³⁶ Quando a igreja está à altura da maturidade plena do seu Senhor, ela é perfeita. E à medida que cresce em direção a essa maturidade, ela fica mais próxima de sua meta em Cristo. Precisamos também destacar que não há crescimento na igreja separadamente de nosso crescimento individual como crente. É cada um de nós individualmente que tem de se dirigir com empenho à estatura **completa de Cristo**.

c) Estes ministérios são dados para garantir a estabilidade na igreja diante de doutrinas divergentes e do engano de homens (14). Esta é consequência natural da maturidade, como Paulo indica por sua frase introdutória: **Para que não sejamos mais meninos**. Uma das evidências claras de imaturidade é a incapacidade de resistir, de forma inteligente e espiritual, as declarações das falsas doutrinas. As palavras de Paulo são pitorescas. O termo **inconstantes** só ocorre aqui no Novo Testamento e é derivado de *kludon* (“vagalhão” ou “onda”). Por conseguinte, o verbo significa literalmente “ser lançado pelas ondas”. Cristãos imaturos são como barcos açoitados pela tempestade. **Levados em roda** vem da palavra grega *periphero*, que tem a idéia de oscilar violentamente. Boas traduções dos dois termos são: “levados de um lado para outro pelas ondas” e “jogados para cá e para lá por toda nova rajada de ensino” (cf. BJ, NVI). A tarefa dos ministros é pôr mão forte no leme da igreja, mantê-la firme e fornecer o lastro doutrinário mediante um ministério fiel de pregação e ensino.

Aqueles que introduzem falsos ensinamentos, nos quais os crentes instáveis caem vítimas, enganam a si mesmos e também **enganam fraudulentamente** os outros. Esta fase é mais bem traduzida por “fazem uso de todo tipo de dispositivo inconstante para induzir ao erro” (*Weymouth*). Eles usam de **engano** (lit., “jogo de dados”). Metaforicamente, veio a significar “artimanha” (BJ, RA). Moule declara corretamente o aviso de Paulo: “Há pessoas próximas de vós que não só vos desviam, mas o fazem de propósito, pondo armadilhas premeditadas e organizando métodos bem-elaborados, com o objetivo de afastá-los de Cristo a quem eles não amam”.³⁷ A única proteção adequada contra a sutileza da heresia é uma fé crescente e um conhecimento progressivo da verdade. Os ministros têm de proporcionar a oportunidade de tal maturação para assim garantir a estabilidade na igreja.

d) Estes ministérios são dados para possibilitar o crescimento em Cristo. **Segundo a verdade** (15) é derivado do verbo grego *aletheuo*, geralmente traduzido por “falar a verdade” (cf. CH, NTLH). Mas há mais no pensamento de Paulo do que proferir sons articulados. Ele pensa em termos de viver e agir. Dale comenta: “A verdade tem de ser a vida de todos os cristãos. A revelação de Deus em Cristo tem de influenciar e inspirar todas as atividades dos cristãos. A verdade tinha de se encarnar nos efésios, tinha de se corporificar neles. [...] Não era apenas para falar, mas para vivenciá-la”.³⁸ E esta vida era para ser vivida **em caridade** (“em amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, CH, NVI, RA), quer dizer, com os motivos e inclinações que o amor evoca. As pessoas confessam e vivem asperamente certa porção de verdade, mas a comunidade cristã sempre tem de se expressar em amor. O resultado será o movimento progressivo em direção à perfeição de Cristo, a cabeça da igreja. Repare que esta idéia é essencialmente idêntica ao pensamento do versículo 13. Além disso, esta ação positiva é a melhor defesa contra os efeitos do erro descritos no versículo 14.

No versículo 16, o apóstolo retorna à analogia do corpo e se serve disso para enfatizar a unidade que Cristo, a cabeça, traz para a igreja. Ele visualiza a estrutura maravilhosa e intrincada do corpo humano com suas partes **unidas de modo bem ajustado e ligado** (“bem unido e consolidado”, NEB).³⁹ Na analogia, **juntas** referem-se aos ligamentos pelos quais as partes do corpo se unem. Quando o corpo está funcionando **segundo a justa operação de cada parte**, quer dizer, quando cada parte é ativada de acordo com o seu propósito, a harmonia prevalece e o crescimento é certo. Cristo é, obviamente, o centro e a origem de toda a vida espiritual. Ele dá “coesão e poder vital para o crescimento”.⁴⁰ Este crescimento resulta na **edificação** ou “construção” (BAB) da igreja **em amor** (cf. 1.4; 3.17; 4.2; 5.2). A estrutura tem a ver principalmente com o desenvolvimento espiritual interno, mas quando a igreja é interiormente forte ela aumenta numericamente.

Em suma, Paulo vê a unidade da igreja em termos orgânicos e não organizacionais. A verdadeira unidade é interior e resultado de um organismo saudável. O Espírito cria essa unidade; não é obra de homens, por mais inteligentes ou apessoados que sejam. Quando esta unidade prevalece, compartilhada por cada membro e motivada pela fidelidade de ministros talentosos, a igreja cresce em simetria e beleza, para espanto do mundo não-crente.

Nos versículos 4 a 16, o pensamento da **medida da estatura completa de Cristo** sugere o tema “O Alvo Último do Cristão”. 1) O meio para esse fim. Ensinar e pregar a Palavra de Deus, 11,12; 2) O compêndio do ideal, 4-7,15. A fé incorporada e o corpo incorporado, 16; 3) A proximidade da meta num caráter estável, 14. Cristo no trono do coração. A igreja unida (G. B. Williamson).

SEÇÃO VII

A VELHA VIDA E A NOVA VIDA

Efésios 4.17-32

O verbo “andar” figura com destaque nos capítulos 4 a 6, nos quais Paulo dá orientações práticas aos leitores acerca da vida cristã. Note o uso em 4.1,17; 5.2,8,15. Em 4.1, o apóstolo exorta os cristãos a andarem dignamente de acordo com o chamado que receberam. Com 4.17, ele apresenta outro aspecto do andar cristão. Expresso em termos negativos, a determinação é para que eles **não andem mais como andam também os outros gentios**. Sob todos os aspectos, eles têm de abandonar o estilo de vida gentio e se entregar ao estilo de vida cristão.

Os crentes com quem Paulo está se correspondendo “vinham respirando desde a infância o ar poluído da forma mais corrupta de paganismo; e ainda estavam respirando”.¹ É imperativo que, pelo poder de Cristo, eles fujam dessa influência permanente. Ao procurar instigar uma conscientização relativa a este assunto, Paulo descreve a velha vida sem Cristo e a nova vida com ele (4.17-24). Em seguida, oferece diretivas específicas concernentes à nova vida (4.25-32). Em 4.17-24, o apóstolo não só explora mais a fundo o tema já apresentado em 2.1-10, mas aplica-o diretamente aos seus leitores gentios. Na seção anterior, ele se incluiu na descrição, mas nesta passagem ele fala de modo intencional e constante sobre a situação e experiência específicas em que se eles encontram.

A. A VIDA SEM CRISTO, 4.17-19

A conjunção e (17) está retomando o pensamento iniciado nos versículos 1 a 3. A longa explicação da unidade que o apóstolo expôs nos versículos 4 a 16 constitui uma

divagação da exortação que fez nos primeiros três versículos. A expressão **digo isto e testifico** é paralela à palavra “rogo-vos” no versículo 1. Os verbos gregos *lego* e *martyromai* estão corretamente traduzidos (testifico e digo), mas o significado verdadeiro não é transmitido em nosso idioma. Foi a forte convicção pessoal e solene de Paulo que desencadeou seu apelo. Esta tradução é próxima do sentido que Paulo diz: “Assim, eu vou afirmar, e no Senhor insisto” (RSV; cf. NTLH, NVI). A paráfrase de Bruce diz: “É isto o que quero dizer; é sobre isto que eu os exorto no nome do Senhor”.² **No Senhor** é interpretado de diversas maneiras: “pelo Senhor” (BV), ou “na autoridade do Senhor”³ (“em nome do Senhor”, NTLH, cf. CH), dando o sentido de “em comunhão com o Senhor”.⁴ Pelo visto, o escritor quer transmitir a idéia de que ele está se identificando com o Salvador, e que sua exortação é precisamente o que Cristo daria.

A determinação é exarada na forma negativa: **Não andeis mais como andam também os outros gentios**. Conduzam-se de tal modo a mostrar a verdadeira diferença que existe entre vocês e os gentios incrédulos! O apóstolo se enfronha numa descrição concisa do estilo de vida gentio, a vida separada de Cristo (cf. Rm 1.21-32).

1. “Na Vaidade do seu Sentido” (4.17d)

Sentido (*nous*), no pensamento hebraico, é mais que a faculdade cognitiva; inclui também o entendimento, a consciência e os sentimentos. Assim, **sentido** refere-se a todos os aspectos do ser humano, que o capacitam a reconhecer valores morais e verdade espiritual (cf. Rm 1.28; 7.23; 1 Tm 6.5). **Vaidade** (*mataiotes*) traz o significado de “falta de sentido”, “inutilidade” ou “vacuidade”. No contexto, a palavra conota “futilidade” (BJ), ilusão e degradação moral absoluta. Sem a iluminação do Espírito de Deus, o caminho do homem só leva ao que frustra, porque em essência ele “acaba se entregando a coisas destituídas de valor ou realidade”.⁵ A experiência pessoal e a história da humanidade confirmam esta avaliação da vida do homem sem o Salvador.

2. “Entenebrecidos no Entendimento” (4.18a)

Com esta frase, Paulo explica o que acarreta a “vaidade” do versículo 17. Em primeiro lugar, inclui o escurecimento do **entendimento** (*dianoia*). Esta é “a escuridão interior causada pela incredulidade”, que deve ser contrastada com a iluminação interior pela qual Paulo ora em 1.18: “Oro [...] para que sejam iluminados os olhos do vosso entendimento” (AEC). Falando dos gentios em Romanos 1.21, Paulo afirma que “o seu coração insensato se obscureceu”.

3. “Separados da Vida de Deus” (4.18b)

Martin vê nesta frase uma referência à queda do homem. O estado atual do homem é “resultado, não só de separar-se de Deus, mas de alienar-se ativamente”.⁶ A vida sem Deus representa uma “divergência [infinitamente trágica] da verdadeira natureza do homem”. Alienar-se de Deus significa morte espiritual, porque Deus é a única fonte de vida para o gênero humano. A resposta cristã para esta condição é “reconciliação com Deus” (2 Co 5.17-21; Cl 1.20,21). João apóia Paulo com esta declaração: “Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 Jo 5.12).

O estado de morte e futilidade, no qual os gentios se acham, não é acidental, mas é resultado de ignorância e dureza de coração. **Ignorância** (*agnoia*), às vezes, significa

ignorância perdoável, aquilo causado por circunstâncias além do controle (cf. At 17.30). A ignorância culpável é expressa pelo termo grego *agnosia*, como em 1 Pedro 2.15. Mas aqui, *agnoia* toma esta conotação. Não é intenção de Paulo sugerir que a condição espiritual gentia não acarreta culpa. A frase seguinte, corretamente traduzida por dureza ou calosidade do seu coração, indica “a rigidez deliberada da vontade contra todo impulso até que os homens deixam de ter sentimento”.⁷ **Dureza** (*porosis*) é empregado para denotar o endurecimento da pele ou a criação de um calo pelo contato constante com uma substância estranha. A consequência é a insensibilidade à dor. O pecado incessante provoca o endurecimento do coração.

4. “Havendo Perdido todo o Sentimento” (4.19)

Insensibilidade moral significa cinismo, descaramento, arrogância diante de Deus e dos homens, e vida sem a restrição da consciência. O resultado final é irresponsabilidade moral, na qual o pecado corre desenfreado pela vida. Paulo diz que os gentios **se entregaram** ou “se abandonaram” (NEB) ao pecado. Em Romanos 1.21-28, ele declara que Deus os abandonou aos seus próprios caminhos pecadores, mas aqui o apóstolo mostra o outro lado. A tragédia é dupla: O homem que abandona Deus para continuar pecando, e o ato último e relutante de Deus quando ele abandona o homem a quem não pode mais ajudar. Agora Paulo passa a descrever o resultado deste abandono à vida pecadora. **Lascívia** (*aselgeia*) é sensualidade vergonhosa e libertina, ou simplesmente excesso. Bruce traduz o termo por “vida desenfreada”.⁸ Pelo visto, abrange a idéia de sensualidade e excessividade. **Impureza com avidez** expressa a maneira na qual se evidencia este descaramento. O substantivo grego *ergasia* traduzido por cometerem significa “negócio” ou “os ganhos do negócio”, de forma que transmite a idéia de fazer um comércio de impureza. Mais razoável é a opinião que entende que **cometerem** tem o significado de “deliciarem-se” em vez de “comerciarem”. Salmond parafraseia o versículo da seguinte forma: “Eles se entregaram de propósito à sensualidade descarada, a fim de praticarem todo tipo de impureza, fazendo-o com desejo voraz descontrolado”⁹ (cf. NTLH). A prevalência da imoralidade na antiga sociedade pagã era, em muitos casos, aprovada por suas ligações às práticas no templo. Hoje em dia, a sensualidade sofisticada é, não raro, promulgada em nome da liberdade e maturidade cultural. Ambas são anticristãs e degradantes para a sociedade.

B. A VIDA COM CRISTO, 4.20-24

A conjunção **mas** (20) funciona como apresentação do tipo de vida oposto ao que os leitores de Paulo outrora conheciam e que ainda prevalecia entre os gentios. Esta palavra conjuntiva serve de diferenciação nítida na descrição que o apóstolo faz entre a velha vida e a nova.

A declaração **vós não aprendestes assim a Cristo** é difícil tanto na estrutura gramatical quanto no pensamento. Esta é a única ocasião em que o verbo *manthano* “aprender” é usado com um objeto pessoal. *Aprender a Cristo* soa desajeitado até lembrarmos que as Escrituras falam de pregar a Cristo (1 Co 1.23). Hodge afirma que “não significa meramente pregar as doutrinas cristãs, mas pregar o próprio Cristo, a expô-lo como objeto de supremo amor e confiança”.¹⁰ *Aprender a Cristo* tem de significar conhecê-

lo experimentalmente como o Filho de Deus e o Salvador pessoal. Envolve mais que um conhecimento acadêmico de seus ensinamentos. Em Filipenses, encontramos um fraseado paulino equivalente deste conceito: “E seja achado nele [...] para conhecê-lo” (Fp 3.9,10). A experiência de **aprender a Cristo** inclui necessariamente aceitá-lo como Messias e adotar seu estilo de vida.¹¹ Blaikie comenta: “Aquele que aprende a Cristo apropria-se dele destina na eficácia de sua expiação, no poder de seu Espírito, na força de suas lições e no espírito de sua influência, e descobre que o todo está diametralmente oposto ao mundo sem Deus”.¹²

O versículo 21 é parentético, mas não tem o propósito de introduzir dúvida pelo uso da conjunção condicional **se**. Como sugere Salmond, o versículo é uma “suposição sutil” de que Cristo era “o tema e a essência da pregação” que eles ouviram.¹³ Além disso, eles não simplesmente **o ouviram**, mas tinham **sido ensinados por ele**. Robinson resume o pensamento: “Cristo era a mensagem que lhes fora levada, ele era a escola na qual foram ensinados, ele era a lição que tinham aprendido”.¹⁴ A frase como **está a verdade em Jesus** apresenta um problema sutil. Por que ocorreu a mudança para o nome Jesus, o qual o apóstolo raramente usa? Talvez seja lembrança de que “a voz de ‘Cristo’ é ouvida e seu ensinamento recebido no ‘Jesus’ histórico”.¹⁵ Durante seu ministério terreno, nosso Senhor disse: “Eu sou [...] a verdade” (Jo 14.6). Pode ser que Paulo, quando adicionou esta frase, tivesse em mente um ataque teológico contra os gnósticos, visto que eles separaram o “Cristo celestial” do homem Jesus.

1. O Despojamento do Velho Homem (4.22)

Paulo continua o pensamento iniciado no versículo 20. A nova plenitude de vida tem de ser concretizada por uma experiência em três partes: 1) Despojar-se do velho homem, 22; 2) Renovar-se na mente, 23; 3) Revestir-se do novo homem, 24.

A estrutura gramatical que une o versículo 20 e os versículos 22 a 24 apresenta certas incertezas de exegese, particularmente com respeito à interpretação das expressões **o velho homem** (*ho palaios anthropos*) e **o novo homem** (*ho kainos anthropos*). Cada um dos versículos 22 a 24 é introduzido por um infinitivo, dando variação na tradução. O uso da conjunção **que** (22) dá caráter declarativo simples à tradução. Falando sobre o infinitivo, Salmond diz que “tem algo da força do imperativo, mas que não deve ser considerado igual ao imperativo”.¹⁶

Surge importante pergunta em consequência deste problema gramatical. O apóstolo está afirmando que, quando eles conheceram Cristo na graça salvadora, naquele momento eles se despojaram do velho homem e se revestiram do novo? Ou ele está exortando-os a se envolverem em atividades espirituais que são subseqüentes à experiência inicial? O despojamento, a renovação e o revestimento são exercícios espirituais aos quais os crentes recém-nascidos têm de se entregar? A resposta é decidida pelo modo de interpretarmos o significado dos infinitivos. Neste caso, a construção gramatical não é decisiva. O intérprete tem de confiar no contexto e no ensino relacionado em todo o Novo Testamento. Os intérpretes projetaram três respostas, sendo que o pensamento fundamental gira em torno das duas expressões **o velho homem** e **o novo homem**.

α) A primeira interpretação entende que a declaração de Paulo se relaciona com a autodisciplina que se segue à conversão. R. W. Dale é expoente desta posição. Fazendo

um comentário sobre o despojamento do velho homem, ele escreve: “Mas neles há um ‘velho homem’, uma natureza mais básica, uma moralidade formada por conceitos vigentes e hábitos prevalecentes no mundo; e é isso que eles têm de descartar”.¹⁷ E acrescenta: “Mas esta revolução moral completa não é realizada por esforço supremo da vontade ou por mero choque momentâneo do poder divino. Deve ser implementada em detalhes por longo, laborioso e, às vezes, doloroso processo de autodisciplina”.¹⁸ Esta visão é defendida por Bruce, Foulkes, Robinson, Hodge e outros intérpretes que aceitam a posição teológica de que o princípio do pecado é eliminado gradualmente pelo ministério do Espírito. É importante que estes estudiosos reconheçam e confirmem o ensino bíblico de que há no homem convertido um princípio restante de pecado, o qual precisa ser eliminado — e pode ser eliminado pela obra do Espírito. O argumento mais revelador contra o método gradual proposto é o fato de os verbos vos **despojeis** (*apothesthai*) e vos **revistais** (*endusasthai*) estarem no aoristo e indicarem, portanto, ação completa e perfeita.

b) A segunda interpretação, que o escritor acredita ter muito a recomendar, depende de aceitarmos os infinitivos como afirmações declarativas simples. Este ponto de vista vê o velho homem como “destituído, depravado, inútil, em estado de miséria”¹⁹ do qual é despojado na hora da conversão. Na ótica de Moule, os infinitivos aoristos não sugerem “*um dever, mas um fato*. O ‘revestimento’ e o ‘despojamento’ são [...] *assunto encerrado*”.²⁰ O despojamento do **velho homem** é “uma expressão figurativa do ato de eles abandonarem o velho [...] modo de vida que estava de acordo com sua natureza corrupta”.²¹ Henry E. Brockett, fazendo um comentário sobre o **velho homem** e o **novo homem**, compara o crente a “um tecelão que, nos teares, tece um padrão no tecido. Nos dias em que não era regenerado, ele tecia de acordo com o ‘velho’ padrão, isto é, ‘o velho homem’. Mas agora, ele se despojou do ‘velho homem e suas ações’, ou seja, ele descartou o ‘velho’ padrão e tece (sua vida diária) inteiramente de acordo com um novo padrão, qual seja, ele ‘se revestiu do novo homem’ — de acordo com Cristo. O crente é responsável em fazer a tecelagem”.²² Ainda que a declaração acima ocorra numa passagem que lida com a vida santificada, identifica o velho homem com a vida não regenerada.

O texto de Colossenses 3,9,10 sugere experiência paralela: “Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos vestistes do novo, que se renova [está sendo renovado, NVI; cf. CH, BV, NTLH] para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou” (cf. a interpretação de Nielson, CBB, nos comentários em Cl 3.8-11). Além disso, podemos interpretar assim a declaração de Paulo em Romanos 6.6: “Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado”. A crucificação do velho homem, o antigo estilo de vida, tem o objetivo de proporcionar a oportunidade de Deus destruir o corpo do pecado, a mente carnal.²³ O conceito de novidade nos escritos paulinos diz respeito à experiência inicial com Cristo. Por exemplo, lemos em 2 Coríntios 5.17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura [criação] é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (ver tb. Gl 6.15; Rm 6.4; Ef 2.10).²⁴

c) A terceira interpretação, geralmente defendida pelos estudiosos da santidade, identifica o **velho homem** com a mente carnal, que é eliminada na experiência da santificação total. W. T. Purkiser classifica a expressão no grupo geral de termos que sugerem a

condição pecaminosa do coração não santificado. Ele comenta: “Ele [o velho homem] ‘foi com ele [Cristo] crucificado’ (Rm 6.6), e tem de ser ‘despojado’, ‘descartado’, ‘tirado’, ‘despido’ como um traje de roupa velho”.²⁵ Falando sobre o caráter hereditário do mal, Harry E. Jessop chama atenção a Romanos 6.6, Efésios 4.22, Colossenses 3.9, e afirma: “Temos aqui, evidentemente, um intruso em nossa natureza. O texto declara que é *velho*, e com razão. É de longa data. Tratava-se de uma contaminação racial que começou com a queda e, por conseguinte, foi transmitida como sinal de nascente corruptor para todos que nasceram depois”.²⁶ Pelo visto, Wesley iguala o velho homem e a natureza carnal, a qual é expurgada numa segunda experiência. Ele fala do **velho homem** como “o corpo inteiro do pecado” e do **novo homem** como “a santidade universal”.²⁷ William Greathouse, depois de estipular que o velho homem é “o velho eu egocêntrico, interesseiro e corrupto”, afirma que é despojado na morte espiritual da voluntariosidade. Em seguida, ocorre o “processo” de ser **renovado no espírito do vosso sentido** (4.23; “entendimento”, AEC, RA; “mente”, BAB, BJ, NTLH). Neste processo, ocorre “um momento de crise quando nos revestimos ‘do novo homem’. Este ‘novo homem’ foi ‘criado’ definitivamente em Cristo, que é a imagem de Deus restaurada para a raça humana. Mas na crise da santificação total, nós nos revestimos dessa imagem — *Cristo é estampado em nós*”.²⁸

Os expositores que seguem esta interpretação fazem, em geral, duas asseverações: 1) Os infinitivos neste texto têm a força de imperativos. Comentando sobre 4.24, Adam Clarke afirma que Paulo quer dizer: “Recebei uma nova natureza”.²⁹ As traduções dão apoio gramatical a esta interpretação, quando empregam o modo imperativo ao traduzir estes infinitivos. 2) Uma distinção é feita entre as frases **quanto ao trato passado** (conduta), que é considerado o estilo de vida não regenerado, e **velho homem** ou natureza adâmica (cf. as traduções de C. B. Williams, Goodspeed, Moffatt, NASB, NEB, RSV, VBB). A consequência é que, agora, os leitores que rejeitaram o antigo estilo de vida pecaminoso, na conversão, são exortados a se despojar da natureza carnal numa segunda experiência de crise.

Vos despojeis tanto quanto **vos revistais** são metáforas do ato de trocar roupas, e aqui indicam uma mudança de caráter. A palavra traduzida por **se corrompe** (*phtheiromenon*) está no particípio presente (lit., “está sendo corrompido”), mas pode ser traduzido por corrompido ou “contaminado” (uma condição existente) sem forçar o sentido do pensamento geral do versículo.³⁰ Esta corrupção envolve as ilusões de desejos errados (cf. CH). O **velho homem** está sujeito ao engano, e o tempo todo deseja egoisticamente coisas para si. Mas essa “característica gananciosa, em vez de fortalecê-lo, o arruína: é ‘enganosa’, por isso ele fica mais dependente e deixa de viver sua própria vida”.³¹ A velha vida, dominada pelo velho eu, foi vivida em frustração. Embora os desejos pecaminosos do eu não remido promettessem alegria e felicidade, eles não podem cumprir a promessa.

2. A Renovação da Mente (4.23)

Vos renoveis (*ananeousthai*) está no infinitivo presente e é derivado do adjetivo *neos*. Sugere a idéia de ser novo no sentido de jovem ou “aquilo que não faz tempo que existe”. Quando a criatura se reveste da nova natureza, ocorre uma renovação contínua da vida interior, isto é, do **espírito do vosso sentido** (24). O caráter dinâmico da nova vida é denotado aqui. Um versículo paulino paralelo é Romanos 12.2: “E continuai sendo transformados pela renovação da vossa mente” (lit.; cf. BJ). Esta renovação não é resultado de esforço humano; é obra do Espírito Santo no espírito humano. A transformação ocorre

quando o indivíduo se rende à liderança do Espírito. Harrisville, seguindo outros comentaristas, observa o fato de que, visto que a mudança se dá **no espírito do sentido**, Paulo está indicando “a natureza radical e fundamental da renovação, qual seja, aquilo que afeta essa parte da personalidade humana que dirige o pensamento e a vontade”.³²

3. O Revestimento do Novo Homem (4.24)

Simultâneo ao despojamento do “velho homem” ocorre o revestimento do **novo homem** (*ho kainos anthropos*), **que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade**. Paulo explica a frase **segundo Deus** na passagem de Colossenses, onde ele fala que o novo homem é “segundo a imagem daquele que o criou” (Cl 3.10). A semelhança de Deus é revelada em Jesus Cristo e mediada por ele. Quando nos revestimos de Cristo (Rm 13.14; Gl 3.27), que é “o novo homem de todos os homens” (cf. 1 Co 15.45ss.), a natureza divina se torna efetiva em nós. Pedro fala que os homens são “participantes da natureza divina” (2 Pe 1.4). A nova vida que é **criada** (tempo aoristo) apresenta duas características: **justiça** (*dikaio syne*) e **santidade** (*hosiotés*). Estas são qualidades complementares do espírito e produtos da graça de Deus em operação no coração. Salmond faz distinção entre essas qualidades: “A primeira expressa a conduta certa do cristão categoricamente em seus procedimentos com seus semelhantes, e a última exprime a mesma conduta categoricamente em sua relação com Deus”.³³ A palavra **verdade** está relacionada com as duas qualidades, de acordo com o texto grego.

C. REGRAS DE PROCEDIMENTO DA NOVA VIDA, 4.25-32

Nestes oito versículos, o apóstolo apresenta uma sequência rápida de seis regras de procedimento relacionadas com a nova natureza, a qual os leitores efésios se revestiram, e com a nova vida em Cristo. Estas são implicações e conseqüências de haverem se despojado “do homem velho”. **Pelo que** é indicação clara da relação, e pode ser interpretado por “agora que vocês são novos homens”, ou, como traduz Westcott, “vendo que Cristo é a vida de vocês”.³⁴ As diretivas são cinco.

1. Mentira (4.25)

A primeira regra de procedimento é **deixai a mentira** (cf. Cl 3.9). Tradução melhor é “falsidade” (NASB). A palavra grega é *he pseudos*, substantivo que denota mais que a palavra falada; abrange todas as formas de engano. O verbo grego traduzido por **deixai** está no aoristo e denota ação feita definitivamente (lit., “tendo deixado a falsidade, continuem falando a verdade”). O apóstolo oferece exortação positiva: **Falai a verdade cada um com o seu próximo** (cf. Zc 8.16). **Falai**, no original, está no presente, dando a entender que falar a verdade deve ser procedimento contínuo. **Próximo**, neste contexto, é referência primária aos outros integrantes da comunidade cristã, como sugere a frase final deste versículo. Um dos motivos que Paulo acreditava que devia se evidenciar em todo o comportamento cristão é o empenho em manter a unidade da igreja. Por isso, ele acrescenta as palavras: Porque somos membros uns dos outros. Claro que há o sentido mais geral no qual todos os homens estão correlacionados — **membros uns dos outros**. Este fato de nossa condição humana também exige que falemos a verdade.

2. Ira (4.26,27)

Irai-vos e não pequeis assemelha-se a uma afirmação no Salmo 4.4, segundo tradução da Septuaginta (cf. Sl 4.4, NVI, RA). De acordo com Hodge, o significado em Salmos é: “Não pequeis, irando-vos”.³⁵ Mas, pelo visto, este não é o significado do apóstolo aqui. Na realidade, sua admoestação é: “Se vós ficardes irados, não pequeis”. A ira justa é consistente com a vida semelhante a Cristo, como vemos na experiência de nosso Senhor quando purificou o Templo (Mc 3.5; Jo 2.13-17). Foulkes observa: “O crente precisa estar certo de que sua raiva é por justa indignação, e não só expressão de provocação pessoal ou orgulho ferido. Não deve ter motivo pecador, nem ter a permissão de levar a pecar de qualquer forma”.³⁶ A ira se torna pecado sempre que deseja, ou está inclinada a prejudicar alguém. O pecado é de caráter pessoal e divisor, e, por sua natureza, rompe e quebra relações pessoais. Quando a ira tem esta intenção, ou quando resulta em divisão entre irmãos cristãos, é pecado.

Até a ira justa tem seus perigos. Por isso, Paulo aconselha: **Não se ponha o sol sobre a vossa ira** (*parorgismos*, lit., “paroxismo” ou “excitação”). O conselho do apóstolo é “manter essa ira sob rígido controle”.³⁷ A demora em subjugar os sentimentos **dá lugar** (*typos*; “dá oportunidade”; cf. NTLH) para Satanás semear atitudes erradas no espírito, e discórdia séria no corpo de Cristo (cf. Tg 4.7). E Satanás é perito em se aproveitar dessas portas abertas!

3. Furto (4.28)

Paulo exorta os leitores, alguns dos quais tinham o hábito de surripiar e roubar, a acabarem com toda forma de aquisição desonesta. Uma leitura superficial dá a entender que o roubo ainda era praticado por estas pessoas. Mas Hodge insiste que não se trata disso. A proibição é endereçada a quem tinha a reputação de furtar antes da conversão. Agora eles não se ocupam mais em tal atividade, sendo exortados a não cair na tentação de se apropriar do que pertence aos outros.³⁸ O apóstolo recomenda medidas positivas e neutralizantes. Antes, **trabalhe** (*kopiato*) tem a ênfase de “labuta com forte motivação”. **Com as mãos** é, na interpretação de Moule, “obtendo ganho honesto por esforço honesto”.³⁹ Os motivos para essa árdua labuta não são apenas a recuperação e manutenção do caráter, mas a aquisição de bens para serem distribuídos **a quem tiver necessidade**, tornando-se membro contribuinte e útil à sociedade. Phillips traduz o versículo da seguinte forma: “O homem que costumava roubar deve abandonar o roubo e trabalhar honestamente a cada dia com suas próprias mãos, a fim de que tenha condições de dar àqueles que passam por necessidades” (CH).

4. Linguagem Impura (4.29)

Como é comum hoje em dia, os leitores de Paulo eram entregues à linguagem indecorosa, hábito que ficara tão arraigado que, possivelmente, ainda restassem vestígios disso. **Torpe** (*sapros*) é palavra forte e significa “pútrido, baixo, moralmente nocivo”.⁴⁰ Tal linguagem, mesmo que apenas sugerisse estilo anterior, seria extremamente imprópria para o crente. Há uma determinação positiva. O crente deve cultivar o hábito de falar **só a palavra que for boa**, definida aqui pelo que são “palavras apropriadas para a ocasião” (CH). **Para que dê graça aos que ouvem** foi traduzida por (Phillips) “com as quais Deus possa ajudar os outros”. Pelo visto, por trás da exortação paulina estão as

palavras de Provérbios 15.23: “A palavra, a seu tempo, quão boa é!” Só a pureza e a verdade não bastam para o linguajar cristão. Tem de haver o tipo de bênção e utilidade que caracterizava as palavras de Jesus (cf. Lc 4.22; cf. tb. Cl 3.16; 4.6). O linguajar saudável é meio de graça junto com outros sacramentos e atividades cristãos.

5. *Entristecimento do Espírito* (4.30)

Não entristeçais o Espírito Santo não deve ser visto separadamente da proibição anterior. Linguagem maldosa, sacrílega ou impura, que prejudica os outros, “causa dor ou sofrimento” (*lypeo*) à Terceira Pessoa da Trindade Santa. Hodges comenta que os filhos de Deus são o templo de Deus porque o Espírito Santo neles habita (1 Co 3.16,17). “Contaminar, então, a alma dos crentes, sugerindo-lhes pensamentos impuros ou duvidosos, é profanação do templo de Deus e ofensa ao Espírito Santo.”⁴¹ O Espírito Santo, que habita nos crentes e que se dá livremente a eles em amor, fica profundamente ferido sempre que ocorre tal linguagem, irreverente e destrutiva. Mas o linguajar impuro não é a única conduta que entristece o Espírito que em nós habita. O crente também o entristece por desatenção e por todas as formas de desobediência. **No qual estais selados para o Dia da redenção** é repetição do pensamento registrado em 1.13 (ver comentários ali).

6. *Mau Humor* (4.31,32)

O agrupamento de características ruins no versículo 31 são descrições da velha natureza, e as relacionadas no versículo 32 descrevem a nova natureza. Existe uma relação interna entre as quatro características mencionadas no versículo 31. **Amargura** (*pikria*, estado mental altamente irritado) conduz à **ira** (*thymos*, fúria, como um sentimento apaixonado instantâneo). Esta, por sua vez, produz **cólera** (*orge*, ira como um espírito determinado com desejo de vingança), que provoca **gritaria** e **linguagem ultrajante** (*krauge* e *blasphemia*). Os sentimentos maus aprofundam-se a ponto de o indivíduo carnalmente cativo ter de explodir em discussão e linguagem danosa (“palavra pesada e injuriosa”, BJ). **Malícia** (*kakia*) diz respeito à “fonte das faltas que foram enumeradas”.⁴² *Kakia* é um termo genérico que abrange todos os outros termos mencionados (“sentimento negativo de qualquer espécie”, CH), e que sugere depravação.

No versículo 32, o apóstolo apela para o exemplo de Deus em Cristo Jesus para reforçar a determinação relativa ao perdão. Ele diz que devemos tratar as pessoas da mesma forma que Deus nos trata: com perdão, que envolve benignidade e misericórdia.

É lógico que não é possível o homem natural perdoar as pessoas pronta e livremente, nem manter a equanimidade de espírito em meio às experiências agravantes da vida. Ele tem de conhecer a Cristo profundamente, unir-se a ele de forma tão completa a ponto de ter uma nova natureza (24). Ele deve se entregar de modo tão inteiro a Deus que o Espírito Santo, que não está entristecido e que nele habita, tenha pleno controle da sua vida (30). É necessário que o amor divino (*agape*) habite graciosamente neste mundo, e mantenha a atitude certa em relação aos outros.

Notemos o fato de que Paulo, aqui, fala principalmente das relações na comunidade cristã. O amor e o perdão têm de prevalecer na família da fé para que os homens, que estão longe de nosso Senhor, vejam por si mesmos as possibilidades da graça.

SEÇÃO VIII

VIVENDO COMO FILHOS AMADOS

Efésios 5.1-21

Os intérpretes de Efésios ignoram a divisão capitular e consideram que o capítulo 4 vai até 5.2. Existe uma relação clara entre o texto de 4.32 e 5.1,2. O apelo que Paulo faz à ação perdoadora de Deus em 4.32 é repetido na exortação em 5.1: **Sede, pois, imitadores de Deus**. Semelhantemente, a convocação **andai em amor** (5.2) generaliza o conselho expresso em 4.32 para sermos benignos, misericordiosos e perdoadores. A divisão de capítulo existente é adequada se pensarmos que Paulo está fazendo outro apelo aos leitores com base na relação deles com Deus como seus “filhos amados” (1, ACF, AEC, BAB, BJ, NVI, RA). Ele os chama para viver uma vida proporcional à natureza que agora têm como filhos de Deus — aqueles que pelo amor foram adotados na família do Pai celestial e experimentam o seu amor redentor.

“Vivendo como Filhos Amados”ⁱ envolve: 1) Andar de modo digno de nosso chamado, 4.1; 2) Andar de modo diferente dos gentios, 4.17; 3) Andar em amor, 5.2; 4) Andar na luz, 5.8; 5) Andar em sabedoria, 5.15.

A. ANDANDO EM AMOR, 5.1-7

Ser **seguidores** (*mimetai*, imitadores) **de Deus** significa **andar em amor** (1,2). Deus é amor, e por ele agir conforme sua natureza, ele age amorosamente para com os homens. Paulo escreve em Romanos 5.8: “Mas Deus prova [demonstra] o seu amor para

conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”. Já nesta epístola, o apóstolo orou para que os efésios fossem “arraigados e fundados em amor” (3.17), falassem “a verdade em amor” (4.15, RA; cf. CH, NTLH) e atuassem na comunidade cristã com vistas a edificarem-se “em amor” (4.16). Agora, ele os aconselha a fazer da vida um reflexo — na verdade, uma demonstração — do amor de Deus. Salmond comenta: “A ‘imitação’ tem de entrar em vigor na forma prática e inconfundível de um trajeto amoroso de vida”.² **Amor**, neste caso, não é tradução da palavra grega *eros*, o amor de relações naturais; nem de *philia*, o amor de amizade; mas de *agape*, o amor de puro altruísmo, abnegação, que não exige nada em troca e que só deseja a felicidade daqueles que são objetos desse amor.³ Agape é o amor de Deus, que ele dá aos homens de forma mais completa no dom de si mesmo como o Espírito Santo. Ele se entrega assim para que os homens “vivam em amor”.

1. O Padrão do Amor (5.1,2)

Dietrich Bonhoeffer, quando estava na prisão, escreveu: “Ninguém sabe o que é amor exceto na auto-revelação de Deus. [...] É só a ação e o sofrimento reais de [...] Jesus Cristo que possibilitam entender o que é o amor”. Ele estava repercutindo o pensamento de Paulo exposto aqui. Cristo exemplifica a realidade e a possibilidade de andarmos em amor. A verdade como também **Cristo vos amou** constitui o ponto de partida do evangelho. Mas há mais do que apenas o fato do amor. Este amor se expressou num dom inestimável: **E se entregou a si mesmo por nós**. Testemunhando de sua própria experiência, Paulo escreve em Gálatas 2.20 sobre o Filho de Deus que “me amou e se entregou a si mesmo por mim”. O amor age; realmente, age de forma profunda e surpreendente. A entrega de Cristo de si mesmo foi uma **oferta** e **sacrifício** (*prosphoran kai thusian*). Hodge comenta que “qualquer coisa apresentada a Deus era uma *prosphora*, mas a *thusia* era algo que foi morto. Portanto, a adição deste termo determina a natureza da oferta”.⁴ Cristo se apresentou para morrer no Calvário pelos pecados da humanidade. Ele se tornou oferta pelo pecado para que pudéssemos ser libertos do pecado (Rm 3.25). **Em cheiro suave** (“perfume agradável”, NTLH; “aroma agradável”, NVI; “suave perfume”, BV) é rememorativo dos sacrifícios do Antigo Testamento, cujos odores subiam aos céus e agradavam a Deus. Semelhantemente, o sacrifício de nosso Senhor trouxe felicidade profunda ao Pai celestial.

Nosso amor tem de participar deste amor de Cristo. Se quisermos imitar a Deus, temos de amar os homens com o mesmo amor sacrificial que Cristo exemplificou. Temos de estar tão entregues ao modo de Cristo a ponto de estarmos prontos a sofrer com ele, se necessário, a fim de termos a aprovação do Pai e sermos o povo de Deus no mundo.⁵ Mackay toca o cerne desta verdade, quando observa que “imitar Deus” é “ser como uma Pessoa, a fim de refletir sua imagem”, e não simplesmente ser leal à verdade ou mesmo “leal à lealdade”.⁶

Na passagem de 4.20 a 5.3, temos “A Verdade em Jesus”. Santificação é esta verdade em Jesus (Jo 17.17,19). Esta santificação é presente, total e progressiva: 1) **Que... vos despojeis do velho homem**: pela crucificação até a morte (Rm 6.6,7); pela expulsão, ou seja, a vida da ressurreição que substitui a antiga maneira de vida e a corrupção dos desejos enganosos, 22; 2) **Que... vos revistais do novo homem**: uma mente renovada (Rm 12.2; 2 Co 5.17); a recriação segundo a semelhança de Deus **em verdadeira justi-**

ça e santidade, 23,24; 3) O novo homem vive em honestidade **para com o seu próximo**: ele ama a justiça social, 25,28; ele tem a indignação santa contra o pecado, 26; ele é inflexível na resistência a Satanás, 29; ele tem um espírito de amor submisso e quieto, 31,32; 5.2; 4) Os santificados estão **selados pelo Espírito Santo para o dia da redenção**; não devemos entristecer o Espírito Santo, 30 (G. B. Williamson).

2. A Perversão do Amor (5.3,4)

Agora o apóstolo pensa sobre o inverso do amor. O grande pensamento do amor puro de Cristo o força a ver o outro lado, o oposto deste método de amor.

Ele vê “a perversão do amor”⁷ em certos pecados: 1) **Fornicação** (*porneia*) é todo tipo de imoralidade e perversão sexual.⁸ 2) **Impureza** (*akatharsia*) significa só “imoralidade”, e aqui tem provavelmente o propósito de enfatizar este aspecto da palavra anterior. 3) **Avareza** (*pleonexia*) é tradução correta; porém, muitos estudiosos acham que assume a conotação de “cobiça” (AEC, NTLH, NVI, RA), relacionando-se com as duas palavras anteriores. Todos estes atos têm apenas um propósito: obter fins pessoais egoístas, a despeito de dano causado em outrem. Comportamento deste tipo destrói todas as possibilidades de amor genuíno. **Os santos** (Cristãos) não se entregam a estas práticas destruidoras de amor. Na verdade, Paulo diz: “Nem mesmo falem sobre isso” (CH).

4) **Torpezas** (*aischrotes*) significa, literalmente, “conduta imoral”, embora não seja forçar o sentido dizer que é conversa suja (cf. BV, BJ, NTLH; cf. tb. Cl 3.8). 5) **Parvoíces** (*morologia*) é, realmente, “conversa tola” (AEC; cf. BAB, NVI), o tipo de conversa que viria de um bêbado. 6) **Chocarrices** (*eutrapelia*) é interpretada por Robinson com o significado de “a levandade de conversa humorística” que chega “frequentemente às raias da indecência”.⁹ **Que não convêm** significa “não são apropriadas” (BAB) ou “estas coisas não são para vocês” (BV). Não devemos concluir que esta passagem deprecie “a alegria cristã espontânea e o senso de humor, mas [mostra] que os cristãos não devem se entregar à frivolidade vazia”.¹⁰ É lógico que os seguidores de Cristo não devem entabular conversas obscenas. Pelo contrário, as ações de graças por Deus tê-los liberto de todo o pecado devem ser constantes no coração e na boca dos que o seguem.

3. A Penalidade da Perversão (5.5-7)

Nestes versículos, lado a lado com duas exortações, Paulo fala de duas penalidades. A primeira exortação está na forma de aviso: **Ninguém vos engane com vãs palavras** (6; “argumentos superficiais”, NEB; cf. BV). Pelo visto, o apóstolo sente-se compelido a avisá-los sobre indivíduos que diriam que estes maus hábitos não afetariam a comunidade ou a vida pessoal. A segunda exortação é uma ordem: **Não sejais seus companheiros** (7), pois tais indivíduos estão entre **os filhos da desobediência** (6b; cf. 2.2).

As duas penalidades aos indivíduos que pervertem o amor são: a) **Não recebem herança no Reino de Cristo e de Deus** (5); e, b) não são libertos **da ira de Deus** (6b). **Essas coisas** referem-se aos males descritos nos versículos 3 a 5. O uso do tempo presente grego (5, *echei*, **tem**) significa que desde já esses malfeitores não conhecem os benefícios do Reino. No futuro, não terão mesmo parte no Reino (cf. 5, NTLH). A frase **Reino de Cristo e de Deus** só ocorre aqui no Novo Testamento e não denota dois reinos. Hoje, o Reino está entregue temporariamente a Cristo, mas é, em essência, o Reino de Deus (cf. Cl 1.13; 1 Co 15.24ss.). Ao perderem o direito ao Reino, estes pervertidos do

amor colocam-se sob a pesada mão da justa ira de Deus. Hoje, já são alvos da ira (cf. 2.3), mas no último Dia eles sentirão a plena ira de Deus.

B. ANDANDO EM LUZ, 5.8-14

1. *Os Filhos da Luz* (5.8)

Conduzir a vida de alguém em amor dá dinamismo à vida. Não há motivo mais forte a nos fazer agir. Mas o amor deve ter direção, também. Por isso, o apóstolo conclama os amados: **Andai como filhos da luz**. Paulo contrasta a mudança espiritual usando um linguajar surpreendente:¹¹ Porque, noutro tempo, éreis trevas, mas, agora, sois luz no Senhor (cf. CH). Antigamente, os efésios não só andavam às apalpadelas nas trevas, mas eram parte das trevas, sendo contribuintes para as trevas do pecado. Hoje, pela graça, eles são participantes da luz. De acordo com Mackay, a exortação é: “Que os filhos da luz expressem sua verdadeira natureza; que vivam de acordo com ela”.¹² Cristo é a luz e ele cria os filhos da luz (Jo 8.12; 1 Jo 1.7). Possuir luz ou estar na luz também indica a plena graça de Deus para viver de modo santo. Jesus falou sobre o cristão ter todo o corpo luminoso, não tendo em si parte alguma em trevas (Lc 11.34-36).

2. *O Fruto da Luz* (5.9)

Os melhores manuscritos antigos têm “o fruto da luz (*photos*)” em vez de **o fruto do Espírito** (cf. AEC, BJ, NVI, RA; cf. tb. BV, CH, NTLH). Pelo visto, um copista, pensando na enumeração paulina do fruto do Espírito (Gl 5.22), conjecturou que, trocando a palavra “Espírito” por “luz”, estaria ajudando os leitores. O significado é o mesmo com qualquer uma das leituras. As três palavras **bondade, justiça e verdade**, que qualificam o fruto, não refletem diferenças importantes. Indicam coletivamente o esforço de Paulo em confirmar “a significação moral de **luz**, em oposição às falsas interpretações místicas, ou contra a vanglória da ‘iluminação’, que era desprovida de efeito moral”.¹³ Pesa sobre quem recebe a luz a responsabilidade ética inevitável de ser semelhante a Deus.

3. *O Teste da Luz* (5.10)

O versículo 9 é parentético e, por isso, o versículo 10 completa naturalmente o versículo 8. O verbo grego dokimazo, traduzido por aprovando, também significa “pôr a prova”, “testar”, “provar”, como no ato de testar a qualidade dos metais. O sentido de provar (cf. BAB, RA) se mostra mais apropriado. Paulo quer que os leitores conduzam a vida de modo moralmente diferenciado. Para isso, é necessário que eles coloquem todas as ações “no teste da aceitabilidade” ao Senhor, quer dizer, a Cristo.¹⁴ É absolutamente imprescindível que haja correspondência entre nossas ações e a vontade perfeita e racional de Deus — à medida que é conhecida pela direção iluminadora do Espírito Santo —, para que as bênçãos de Deus repousem em nossa vida.

4. *A Condenação da Luz* (5.11-13)

Agora Paulo trata especificamente da questão da relação entre os filhos da luz e **as obras infrutuosas das trevas** (11). Esta expressão se refere às pessoas más ou às suas ações más? A resposta parece ser *ambas*. A linguagem de Paulo no versículo 8 identifica

as pessoas participando da natureza de suas ações, quer sejam trevas (más ações) ou luz (boas ações). Os cristãos não devem se **comunicar** (*synkoinoneite*, comuniquéis) com o mal, quer sejam ações ou pessoas. Este verbo tem a idéia de “comungar com”. Não exclui necessariamente a associação com “os filhos das trevas” na rotina da vida diária. Calvino faz esta distinção: “Temos de tomar cuidado para não nos aliar ou ajudar aos que praticam a iniquidade. Em suma, temos de nos abster de dar consentimento, ou conselho, ou aprovação, ou ajuda, pois todas estas maneiras são tipos de comunicação”.¹⁵ Ainda que esta interpretação soe muito severa, significa que os cristãos não devem participar (cf. BJ, BV, NVI) das obras das trevas. Note que a característica das **obras é infrutuosas**. Foulkes comenta que “o apóstolo não fixa um tipo de fruto em oposição a outro. É questão de ter fruto ou não ter fruto diante de Deus”.¹⁶ Se a **comunicação** não produz nenhum bem eterno, então não é para cristãos.

Por outro lado, os filhos da luz têm de **condenar** (RC), reprovar (RA) ou “expor” (CH) os caminhos dos pecadores. Salmond assevera que o verbo grego traduzido por **condenai** (*elengcho*) significa reprovação oral.¹⁷ O significado consensual dos expositores é que os cristãos, por sua vida (“um processo silencioso”, E. F. Scott), tragam à luz e, assim, condenem as ações das trevas.¹⁸ O exemplo de Jesus, e do próprio Paulo, indica com certeza que estas duas ações (“trazer à luz” e “condenar”) não precisam (na verdade, não devem) ser auto-excludentes. É óbvio que há um propósito redentor por trás desta exortação. A esperança de Paulo é que os fazedores destas ações das trevas se arrependam e se voltem a Cristo, por causa da luz derramada sobre a vida deles pelos conhecidos cristãos.

O versículo 12 expressa por que as obras das trevas devem ser condenadas. A primeira razão é sua pecaminosidade excessiva: **Porque o que eles fazem... até dizê-lo é torpe**. A segunda razão é o fato da ocultação: Porque... eles fazem em **oculto**. A natureza essencial da luz é eliminar as trevas e expor tudo que está escondido. Mas a luz (13) que Paulo fala torna visível o que está obscurecido; ela transforma o que ilumina. Concernente a este poder transformador, A. M. Hunter escreve: “Deixe a luz brilhar firmemente no objeto escuro e ela o mudará à sua própria semelhança. O efeito da bondade cristã na sociedade pagã será, primeiro, envergonhar o objeto e, depois, purificá-lo”.¹⁹

5. O Presente da Luz (5.14)

Este versículo é um trecho poético usado para concluir o apelo de Paulo aos crentes: “Andai como filhos da luz” (8). A tradução em forma poética fica assim (NVI; cf. BJ):

*Desperta, ó tu que dormes,
Levanta-te dentre os mortos,
E Cristo resplandecerá sobre ti.*

Talvez fosse um antigo hino de batismo cristão, cantado “para simbolizar a emersão do novo cristão da esfera escura do paganismo para o brilho e luz despertadora da vida cristã”.²⁰ Certos expositores dizem que é uma compilação poética das Escrituras do Antigo Testamento.²¹ Em todo caso, o propósito é louvar Cristo, a Luz do Mundo, que dará luz a todos os homens.

C. ANDANDO EM SABEDORIA, 5.15-21

É problemático como relacionar esta subdivisão da epístola com a exortação precedente. A palavra grega **portanto** (*oun*) é um advérbio que, segundo Hodge, tem referência ao texto de 5.10,11. Paulo instrui os “filhos da luz” a não ter comunicação (i.e., comunhão) com as obras das trevas, mas a viver de modo a reprová-las e corrigi-las. Portanto, ordena Paulo, **vede prudentemente como andais**.²² A opinião mais simples é que estas palavras se relacionam com o versículo precedente. Os leitores de Paulo não devem viver descuidadamente no ambiente mau, só porque eles receberam a iluminação de Deus.²³ Em todo caso, a tônica principal da frase está no modo de vida que é dirigido pela sabedoria. Paulo exorta: **Vede prudentemente como andais**, não como néscios, mas como sábios (15). **Prudentemente** (*akribos*) significa “com exatidão”, “de acordo com o regulamento”, ou seja, de acordo com um conjunto de normas. Também pode ser traduzido por “diligentemente” ou “cuidadosamente” (cf. BV, Moffatt, Goodspeed).

A palavra “sabedoria” ocorre duas vezes na epístola (1.8,17). Os **sábios** (*sophoi*) não são os intelectuais, os indivíduos que possuem vasto conhecimento acadêmico. São os que receberam a luz e, portanto, estão comprometidos com a verdade de Deus. A sabedoria é, em essência, derivada da fé em Deus. Paulo prossegue mostrando os vários modos pelos quais esta sabedoria se manifesta na vida pessoal e na comunidade de crentes.

1. *Remir o Tempo* (5.16)

Remindo (*exagorazomenoi* “comprando”) não transmite necessariamente a idéia de pagar um preço determinado, mas significa “aproveitando ao máximo”. **Tempo** (*kairos*) “denota uma época crítica, uma oportunidade especial, que logo passa”.²⁴ A tradução mais correta seria “aproveitando ao máximo as oportunidades” (cf. BJ, BV, NTLH; cf. tb. Cl 4.5). O serviço a Deus acha-se por trás do pensamento do apóstolo. Como diz Erdman: “A sabedoria do andar dos efésios consistiria no empenho cuidadoso de agarrar toda ocasião adequada para fazer o bem, e esforçar-se em possuir toda ocasião possível para o cumprimento do dever”.²⁵ Não devemos deixar escapular de nossas mãos a oportunidade preciosa de testemunhar de Cristo, **porquanto os dias são maus**. Os obstáculos erguidos pelo pecado são numerosos e tremendos; portanto devemos estar preparados para agir imediatamente segundo a direção graciosa do Espírito Santo. Phillips traduz o versículo da seguinte forma: “Use o tempo da melhor maneira possível, apesar de todos os males destes dias” (CH).

2. *Entender a Vontade do Senhor* (5.17)

Toda a vida cristã se relaciona com a vontade de Deus. Essa vontade tem como propósito central a salvação de todos os homens. Paulo exorta os crentes efésios a não serem **insensatos** (*aphrones*, “bobos”, “estúpidos”), caindo em negligência e inatividade. Eles têm de procurar saber a vontade do Senhor e segui-la na vida diária para que eles e os outros sejam salvos. Blaikie observa: “A vontade do Senhor é a principal regra da vida cristã; conhecê-la e, no sentido mais profundo, entendê-la, é andar sabiamente e andar com segurança”.²⁶

3. *Ser Cheio do Espírito* (5.18)

É provável que por trás desta exortação haja lembrança dos transe místicos das religiões de mistério. Tais êxtases eram caracterizados por bebida e orgia, induzidos por vinho. Paulo insiste que a embriaguez é “a porta de entrada para o desregramento” [**excesso**]. O cristão deve empenhar-se em manter a mente desanuviada. As experiências cotidianas do homem cristão devem ser **cheias do Espírito**. O verbo traduzido por **enchei-vos** está no imperativo presente, proporcionando esta tradução: “Enchei-vos continuamente do Espírito”. Mas é lógico que o cristão não pode *continuar sendo cheio* até que primeiro seja cheio em um determinado momento, como ocorreu no Dia de Pentecostes. Ralph Earle comenta: “Esta não é experiência transitória, mas permanente”.²⁷ Os verbos gregos no tempo presente constantes nos versículos 19 a 21 dão a entender que Paulo não está chamando os leitores à crise de serem totalmente santificados, mas à vida subsequente, na qual o Espírito Santo nos enche, momento a momento, já tendo nós sido “selados com o Espírito Santo da promessa” (1.13; cf. 4.30).

Moule parafraseia: “Deixem que o Santo, que os selou e os santificou, os envolva e os possua de tal forma que vocês sejam como vasos imergidos na sua corrente pura; e depois, entregando o coração sem reservas a ele, vocês sejam vasos imersos, mas abertos; ‘nele’ e ‘cheios’ nele, quando ele recebe continuamente, ocupa continuamente e consagra todas as partes da natureza de vocês, todos os departamentos da vida de vocês”.²⁸

4. *Expressar a Alegria do Espírito* (5.19,20)

Que diferenças contrastes há entre os resultados da embriaguez e do enchimento do Espírito! O consenso geral é que Paulo não está falando primariamente sobre cultos de adoração, mas acerca das relações normais sociais de todo dia. **As pessoas cheias do Espírito falam entre si na linguagem da devoção e do louvor** (19a; Cl 3.16). **Salmos** é referência ao Livro dos Salmos do Antigo Testamento. **Hinos** é alusão provável de antigas composições cristãs, algumas das quais foram preservadas no Novo Testamento. Muitos estudiosos aceitam os seguintes textos como hinos ou partes de hinos: Filipenses 2.5-11, Colossenses 1.12-18, Tito 2.11-14, 1 Pedro 3.18-22. O Livro de Apocalipse possui várias passagens poéticas que devem ter sido cantadas nos primeiros anos da igreja. **Cânticos espirituais** podem ser manifestações espontâneas que expressam alegria e louvor na ocasião do derramamento especial do Espírito nas pessoas.

Na opinião de Erdman, a frase **cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração** (19) sugere um sentimento de louvor no coração. Ele escreve: “A música silenciosa do coração alegre é para acompanhar o louvor dos lábios ungidos”.²⁹ A tônica central da alegria “externa” e “interna” é o agradecimento (20). Deus faz coisas maravilhosas por seu povo, as quais ele deu pelo seu Filho. O louvor é **ao Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (20; cf. 1 Co 5.4; 6.11; Cl 3.17; 2 Ts 3.6). Cristo mediou a misericórdia e a graça para os homens; desta forma, ele oferece em sua obra reconciliadora acesso ao Pai, a quem expressamos gratidão. Como explicar a possibilidade de sermos gratos a Deus por todas as coisas? Como já comentado, Paulo quer dizer “por todas as bênçãos que Deus nos deu”. Se entendermos a expressão de modo literal, a declaração paralela de Paulo em Filipenses 4.6 é proveitosa: “Em tudo [...] com ação de graças”. Podemos ser

gratos pela ajuda de Deus em meio às circunstâncias, mesmo quando achamos difícil sermos gratos pela situação. O homem que anda com Deus sempre descobre que toda circunstância tem um lado que serve de ocasião para ação de graças (cf. Rm 8.28).

5. *Sujeitar-se uns aos Outros* (5.21)

Vem à tona novamente a preocupação de Paulo pela unidade na igreja. Quando o genuíno espírito de ação de graças prevalece entre o povo de Deus, há a prontidão em se sujeitar uns aos outros na comunidade. A igualdade essencial de cada membro é produzida pela experiência comum de graça e perdão. Esta é a base para a submissão mútua. Na interpretação de Allen, a exortação de Paulo é “consideração mútua”. “Não significa rendição mole e servil à agressividade dos outros, mas é o resultado na prática de uma atitude forte e sensata de respeito por si mesmo e pelos outros.”³⁰ No lugar da expressão **temor de Deus**, os melhores manuscritos trazem “temor de Cristo”. Neste caso, **temor** (*phobos*) não é o medo patológico, mas “reverência” (CH), como é comumente interpretado no Antigo Testamento. O medo do julgamento final não é o contexto para este comportamento. Os cristãos estão prontos a se entregar às exigências da igreja, porque querem que o corpo seja forte e unido e, porque sabem muito bem que serão responsabilizados diante do Senhor por qualquer desarmonia. O autoritarismo e independência de espírito acabam destruindo a unidade. Por outro lado, a alegre sujeição mútua entre os membros é a mais sublime reverência à cabeça do corpo: Cristo. Tal reverência mantém a igreja em paz, e nisso está sua maior força.

SEÇÃO IX

RELAÇÕES CRISTÃS

Efésios 5.22—6.9

Em grande parte desta epístola, Paulo se ocupa em descrever e exortar a igreja cristã. Por Cristo, caíram todas as barreiras à admissão na sociedade divina. Agora, judeus e gentios podem juntos adorar e servir a Deus em amor proporcionado pelo concerto. Os deveres que necessariamente recaem sobre cada membro ao desfrutar a vida da igreja foram explicitamente apresentados. Tudo tem o objetivo de manter “a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (4.3). Mas, como observa Dale: “A verdadeira vida cristã não é uma vida isolada. Viver sempre só, entre as coisas divinas e eternas, é um falso ideal de perfeição moral e religioso”.¹ Fora da congregação dos crentes há um conjunto de relações pessoais ou instituições sociais que existiam muito tempo antes da igreja histórica. Essas relações e instituições foram primariamente fixas para cada indivíduo. Por exemplo, cada pessoa vive na estrutura da família. Nos dias de Paulo, a unidade social primária envolvia não só as relações entre pais e filhos e marido e mulher, mas também as associações entre senhor e escravo. O que significava, então, viver a nova vida nestas relações comuns? Fazia diferença quando a pessoa se tornava cristã? É para uma análise da vida cristã na família que o apóstolo agora se dedica.²

Dois princípios direcionam o discurso de Paulo sobre o entendimento cristão das relações domésticas. O primeiro princípio é “o preceito de longo alcance da sujeição mútua”, já declarado no versículo 21, o qual, com toda a probabilidade, o induziu a analisar estes assuntos aqui relacionados. Ainda que em cada conjunto de associações o indivíduo “de menor importância” tenha de se sujeitar de uma maneira ou outra ao indivíduo “de

maior importância" (5.22; 6.1,5), há também responsabilidades severas para o "de maior importância". Por vezes, a mente hodierna acha ofensiva esta abordagem das relações sociais, visto que a liberdade desenfreada é o deus por excelência para homem de hoje. No versículo 21, o particípio grego traduzido por **sujeitando-vos** (*hupotassomenoi*) está na voz média presente, fato que proporciona grau de escolha. W. O. Carver observa que a sujeição precisa ser "voluntária, pessoal e ter pleno valor ético para o indivíduo que se sujeita e para os outros a quem ele serve em rendição espiritual".³

O segundo princípio é que, em cada conjunto de relações, "a obrigação fundamenta-se na ligação do crente com Cristo (5.22; 6.1,5)".⁴ É estar "no Senhor" que compromete o crente com este tipo de vida. Esta sujeição mútua não é o mesmo nível de compromisso que o crente tem de fazer com o Senhor. O grau de subordinação exigido nestas áreas é determinado pela obediência e submissão do crente a Cristo. Paulo acredita que se a graça do Senhor viceja na igreja, nada mais natural que os crentes prosperem na vida de relações estreitas da família individual.

A. MARIDO E MULHER, 5.22-33

Paulo começa com a mais alta das relações familiares: a relação entre marido e mulher. Os outros dois conjuntos de relação são de importância relativamente menor. A relação entre pais e filhos é produto do amor entre um homem e uma mulher, ao passo que a relação entre senhores e escravos é parte do esforço do homem em prover a subsistência econômica para sua família. Todavia, estas duas interdependências sociais têm significação profunda pelo fato de o indivíduo ser cristão nesta "primeira grande camada sociológica da existência humana".⁵ O ponto de partida para a cessação de brigas é um vínculo santo entre marido e mulher.

1. A Submissão da Esposa (5.22-24)

Toda relação pessoal tem algum elemento de submissão. Na ordem natural das coisas, o marido ocupa posição de prioridade. Paulo reconhece esta ordem natural conclamando as mulheres a **se sujeitarem** (22; cf. 1 Co 11.2-16; Cl 3.18). Fora da relação matrimonial, macho e fêmea são, por criação, iguais. Mas, no ambiente familiar, o marido tem de assumir certas prerrogativas divinamente ordenadas e a esposa tem de aceitar esta relação com alegria. Bruce escreve que não é que "as esposas sejam inferiores aos maridos, quer sob o aspecto natural ou espiritual. Mas Paulo reconhece uma hierarquia divinamente ordenada na ordem da criação; e, nesta ordem, a esposa tem lugar imediatamente depois do marido".⁶ A esposa tem de estar pronta a se render ao marido para que o marido exerça a autoridade que é sua responsabilidade. Muitos casamentos acabam hoje em dia, porque a esposa não está inclinada a reconhecer este fato no que tange ao trabalho do marido, ao local do lar e à disciplina dos filhos. Esta deferência pela esposa é feita **como ao Senhor** (22), quer dizer, como parte do seu dever ao Senhor. Deduzimos, aqui, que Paulo fala em termos de famílias cristãs, onde este tipo de submissão deve ser praticável e possível.

Para colocar seu apelo no quadro de referência desta carta, Paulo apresenta a analogia da supremacia de Cristo como reforço da afirmação de que a esposa se sujeite ao

marido (23; cf. 1.22). Em 1 Coríntios 11.3, Paulo escreveu: “Quero, porém, que entendam que o cabeça de todo homem é Cristo, e o cabeça da mulher é o [marido], e o cabeça de Cristo é Deus” (NVI; cf. NTLH). Há duas idéias importantes que se destacam nesta “corrente ascendente de relações”: 1) Supremacia “denota primariamente controle de autoridade e o direito de obediência”;⁷ 2) Controle e obediência ocorrem “num organismo vivo, onde as duas partes são complementares entre si”.⁸ A unidade está na base de todas as três relações mencionadas na nota coríntia. Paulo vê a esperança de famílias unidas neste entendimento da relação entre marido e mulher.

O marido não é apenas **a cabeça da esposa**; é também analogamente **o salvador do corpo** (23). De acordo com a interpretação mais rígida, a última frase aplica-se fundamentalmente a Cristo, que é “o Libertador e Defensor da igreja, que é o seu corpo”.⁹ É claro que o marido não pode ser o salvador da esposa em termos redentores, mas é o seu protetor e sustentador. Todo sacrifício e abnegação que geram um senso de bem-estar e segurança evocam regularmente submissão livre e amorosa da esposa. Martin conclui: “O marido tem de estabelecer o padrão de sua conduta segundo a conduta de Cristo para com sua igreja”.¹⁰

O versículo 24 repete a responsabilidade das **esposas** se sujeitarem **a seus maridos, da mesma maneira que a igreja está sujeita a Cristo**. As duas palavrinhas **em tudo** podem soar ofensivas para a mulher moderna que desfruta liberdade em todas as áreas da sociedade. E se ela tiver responsabilidades fora de casa, como as prevaletentes na profissão escolhida, como fica? A resposta é questão de prioridades. Foulkes observa: “Ela pode cumprir qualquer função e qualquer responsabilidade na sociedade, mas se ela aceitou diante de Deus a responsabilidade do casamento e da família, estas devem ser seu interesse primordial”.¹¹ Da mesma maneira que a igreja deve dar prioridade em sua devoção e serviço a Cristo, assim a esposa tem de dar prioridade em suas funções de esposa e mãe. O caráter íntimo e delicado das relações matrimoniais e familiares não deixa espaço para equívocos neste ponto. Mas, quando há submissão no contexto do amor, a sujeição não é dolorosa, nem humilhante, mas engrandecedora.

2. O Amor do Marido (5.25-33)

Que a esposa não pense que o marido está completamente livre de obrigações nesta relação. Paulo também tem algo a dizer ao marido. Crisóstomo comentou: “Viste a medida da obediência? Ouvi também a medida do amor. Não deveria tua esposa te obedecer como a igreja obedece a Cristo? Cuida dela, como Cristo cuida da igreja”.

Amai vossas mulheres (25), escreve Paulo aos maridos. Por trás desta exortação e dando-lhe significado infinito está a analogia majestosa da igreja como noiva de Cristo, já apresentada acima, mas desenvolvida aqui ao seu ponto mais alto (cf. 27). A expressão **amai** é um imperativo presente (*agapate*) e significa “continuai amando”. O amor que reuniu marido e mulher no casamento deve ser alimentado e expresso à medida que os anos de casamento passam. Ao longo dos anos matrimoniais, o marido deve amar a esposa como eles se amaram no dia em que se casaram.

O marido deve amar a esposa **como também Cristo amou a igreja** (25). Nesta analogia, Paulo caracteriza o amor que o marido deve ter por sua esposa. O amor de Cristo pela igreja é o exemplo supremo de todos os amores, e é, neste caso, o amor que o marido tem de demonstrar pela esposa.

a) *O amor de Cristo é um amor altruísta* (5.25). Cristo se entregou pela igreja (25b). Na ótica de Paulo, Deus deu Cristo para a humanidade, e Cristo, por sua vez, se deu pela libertação do homem (cf. Rm 5.8). Em Gálatas 1.4, ele fala que “nosso Senhor Jesus Cristo [...]deu-se a si mesmo por nossos pecados”. Em Tito 2.14, ele descreve que Cristo “se deu a si mesmo por nós”. O apóstolo já havia tocado nesta verdade essencial em 5.2, onde apela aos leitores: “Andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós”.

Na teologia altamente cristocêntrica de Paulo, Cristo é a norma para a totalidade da vida. O amor sacrificial e altruísta constitui a própria essência da vida cristã. Se “andar em amor” é necessário para a vida, conclui-se que é compulsório para esta relação na vida em particular. A aplicação é esta: Como Cristo se entregou pela igreja, assim o marido deve estar pronto a fazer todo e qualquer sacrifício, mesmo o sacrifício, se necessário, da própria vida, para o bem-estar e felicidade da esposa. Segundo interpretação de Moule, Paulo está dizendo para o marido: “Ama tua esposa, com o amor sempre caloroso do primeiro verão da pura alegria humana, mas, nesse meio tempo, mantém-no sublime e verdadeiro mediante um ideal grande como o céu”.¹² O afeto supremo de Cristo envolve paixão, devoção imorredoura, sensibilidade às necessidades e abnegação. É com um amor assim que o marido tem de amar a esposa.

b) *O amor de Cristo é um amor santificador* (5.26,27). O objetivo de Cristo ter-se entregado em sacrifício de si mesmo na morte, instilado por seu amor incomparável, é a santificação da igreja. Os dois verbos **santificar** (*hagiasse*) e **purificando** (*katharisas*) são traduzidas como se fossem formas verbais idênticas. **Purificando** é um particípio aoristo e indica ação que aconteceu antes da ação do verbo principal: **santificar**. Sendo assim, a tradução mais apropriada seria: “Para que a santificasse, tendo-a purificado” (RA; cf. CH, NVI). Em outras palavras, “tendo-a purificado” refere-se à purificação que ocorre na regeneração, visto que **santificar** denota a purificação do pecado inato. Hodge apóia esta manipulação destes verbos. Ele afirma: “A Bíblia sempre representa o perdão de pecados ou a remoção da culpa como fatos precedentes à santificação. Somos perdoados e reconciliados com Deus, para que possamos nos tornar santos”.¹³ Ainda que não aceite que a santificação seja uma segunda experiência de crise, Hodge é categórico quanto à distinção entre regeneração e santificação que o particípio aoristo denota corretamente. Considerando que ambas as formas verbais estão no tempo aoristo pontual, estamos justificados em considerá-los referência à experiência decisiva e não às experiências graduais. A Bíblia ensina que a regeneração e a santificação são essas experiências de crise.

Com a lavagem da água pela palavra tem paralelo em Tito 3.5, onde Paulo diz que Deus “nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo”. O termo **lavagem** não diz respeito à regeneração batismal. Como destaca Bruce: “Nem precisamos dizer que o Novo Testamento desaprova esta deturpação. A regeneração é uma mudança interior feita pelo Espírito Santo”.¹⁴ Não obstante, o simbolismo do batismo é usado para transmitir o pensamento. A purificação da culpa e do poder do pecado na experiência de regeneração é anunciada e testemunhada publicamente pelo batismo.¹⁵ Encontramos ao longo da Bíblia o simbolismo da água como representação da purificação espiritual e é nesse contexto que devemos ver esta referência sob estudo (cf. Ez 16.9; 36.25; 1 Co 6.11; Hb 10.22). A expressão **pela palavra** não pode ser interpretada com o

sentido de fórmula batismal ou confissão do batizando; refere-se ao evangelho ou à palavra de Deus. Também tem de estar ligada à palavra **santificar**, e não à palavra **purificando**. De acordo com esta análise, a tradução seria: “Cristo santificou a igreja pela palavra, depois de tê-la limpado com a lavagem da água”. João 17.17 registra que Cristo orou: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”. A palavra de Deus é o meio ou instrumento pelo qual é realizada a purificação mais profunda além da conversão. Esta segunda bênção é administrada pelo Espírito Santo quando o cristão convertido aceita, pela fé, a morte meritória de Cristo.

Paulo parece ter se afastado muito do tema central do amor que o marido deve ter pela esposa. A beleza intrínseca da analogia da noiva e do noivo prendeu sua imaginação e levou seu pensamento para esta direção. Mas, em essência, ele ainda está falando objetivamente. Toda esposa tem imperfeições; quando ela se casa com não é esposa perfeita; o mesmo se dá com a igreja. O amor de Cristo o levou a pagar o preço supremo da morte para santificar sua noiva. Assim o amor do marido deve ser tamanho a ponto de efetuar a remoção dessas características da esposa, as quais impediriam que a relação matrimonial tivesse as alegrias planejadas por Deus. Barclay observa: “O amor verdadeiro é o grande limpador e purificador de toda a vida”.¹⁶

A santificação da igreja torna possível a Cristo **apresentar-se a si mesmo igreja gloriosa** (27). Não devemos entender o verbo **apresentar** (*parastese*) com o sentido de apresentação de uma oferta, mas como mera “demonstração” de que Cristo é, “ao mesmo tempo, o agente e o fim ou objetivo da apresentação”.¹⁷ Cristo apresenta a sua noiva **a si mesmo**. É estranho que a preparação da noiva para o casamento seja fundamentalmente trabalho do Noivo. Não há embelezamento externo que a torne aceitável para ele. Beleza é o trabalho do amor. Neste caso, o amor sacrificatório do Noivo refina a relação com a igreja até que a noiva apareça na beleza da santidade. **Gloriosa** significa “de acordo com a natureza com que ele a dotou”, uma natureza resplandecente por seus próprios méritos. Westcott parafraseia a expressão **sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante** por “sem um traço de corrupção ou marca de idade”.¹⁸ Wesley interpreta **sem mácula** por “impureza de qualquer pecado”. Ele explica que **ruga** é uma “deformidade de qualquer deterioração”.¹⁹ **Santa e irrepreensível** é repetição do pensamento de 1.4. Este é o grande objetivo do ministério de purificação do Senhor. Em 2 Coríntios 11.2, o apóstolo fala do seu próprio “ciúme divino” sobre a igreja para apresentá-la como “noiva pura para o marido” (RSV). A última apresentação ocorrerá no dia final da aparição de Cristo, mas mesmo agora está ocorrendo, para que os homens vejam a maravilhosa graça de Cristo.

Nos versículos 25 a 27, temos “A Igreja Gloriosa”. A igreja detém uma relação tripla: a) Com o mundo, é a *ecclesia* (os reunidos); b) consigo mesma, é a *koinonia* (comunhão); c) com Cristo sendo seu corpo, é o *kerygma* (pregação). 1) A igreja é amada para que seja santificada, 25,26; 2) A igreja é santificada e purificada: **pela lavagem da água** — o batismo. Pelo sangue aplicado, conforme apresentado na Ceia do Senhor. **Pela palavra**. Todos estes são vitalizados e efetuados na presença do Espírito, 26. 3) A igreja é apresentada como a noiva de Cristo, submissa, gloriosa, universal e vitoriosa, 27 (G. B. Williamson).

c) O amor de Cristo é um amor generoso e sustentador (5.28-31). Paulo retorna à relação entre marido e mulher, mas não abandona a analogia. Ao término do versículo 29, ele adiciona a frase: **Como também o Senhor à igreja**. Há duas coisas ditas aqui

por meio do cuidado amoroso do marido pela esposa. Primeiramente, o marido deve amar a esposa **como a seu próprio corpo** (28). É lógico que não se trata do amor do corpo físico. O marido deve amar a esposa “como sendo seu próprio corpo; como parte do seu eu total, e não como outro ser que lhe é externo”.²⁰ A unidade da relação é tal que **quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo**. O marido e a esposa são “partes complementares de uma personalidade”.²¹

Em segundo lugar, quando o marido pensa em sua esposa como parte dele, como a sua própria **carne**, ele instintivamente sustenta a esposa, protege-a e cuida ternamente dela (29). Ele age da mesma maneira que Cristo, que ama e cuida de nós como **membros do seu corpo** (30).

No versículo 31, o apóstolo recorda a lei primeva do casamento, conforme determinada em Gênesis 2.24. A citação desta lei não visa enfatizar que o marido tem de se separar do pai e da mãe quando se casa, mas serve para reforçar a idéia de unidade, segundo expressa a frase: **E serão dois numa carne**. A ordenação da criação declara a unidade e identidade absoluta de marido e mulher. Existem numerosas tentativas em aplicar este versículo de forma mística e alegórica, sobretudo no que tange à identidade do homem com Cristo e a igreja.²² Mas devemos evitar tais esforços. A relação interpretativa entre a união de Cristo com a igreja e a união do marido com a esposa é parte essencial da passagem. Mas não devemos estender a analogia fora dos limites da unidade. A união de Cristo com a igreja é, sem dúvida, a mais sublime das relações, e esta característica sugere a Paulo o padrão para a relação matrimonial. Sobre este aspecto, Barclay entende que há ênfase no caráter “irrompível” do amor. Fazendo um comentário sobre a identificação do marido com a esposa, ele escreve: “Ele se une a ela como os membros do corpo estão unidos uns aos outros. Ele não pensa em se separar dela mais do que pensaria em dilacerar o próprio corpo”.²³

d) *O amor de Cristo é um mistério* (5.32,33). A declaração exclamativa grande é **este mistério** precisa de esclarecimento. Paulo emprega a palavra **mysterion** de diversos modos. Primeiro, denota o segredo eterno de Deus salvar todos os homens por Cristo, sobretudo agregar os gentios no povo crente (cf. 1.9; 3.3-9; 6.19). Segundo, usado no plural, exprime as verdades divinas em geral (1 Co 4.1; 13.2; 14.2). Terceiro, usado no singular, refere-se a “certa verdade profunda em particular acerca do plano divino que foi revelado” (cf. Rm 11.25; 1 Co 15.51). É neste terceiro sentido que a palavra é empregada no versículo 32 deste texto.²⁴ O sentido da declaração paulina é: “Há uma grande verdade que está escondida aqui” (NEB; cf. NTLH).

Mas qual foi o antecedente que evocou esta declaração? Não é a referência à ordenação da criação, embora fosse muito natural fazer essa dedução. Pelo menos é o que Paulo pensava que os leitores originais entenderiam. Por isso, ele se explica: **Digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja** (32). Apesar da intenção original de tratar da relação entre marido e mulher, Paulo é apanhado novamente pelas maravilhas e glórias da união de Cristo com a igreja. Na verdade, há algo de mistério em todas as relações da vida, mas o mistério preeminente — o mistério dos mistérios — é o amor e sacrifício de Cristo pelo seu povo remido.

Descendo das alturas sublimes, o apóstolo resume o que disse na passagem precedente. O versículo 33 nos leva de volta ao versículo 22. **Em particular** ressalta a obrigação que recai sobre cada marido: **Amar a sua própria mulher como a si mesmo**. A

tradução mais literal da palavra **reverencie** (*phobetai*) é “temer”. Mas é óbvio que a esposa não pode ser autêntica vivendo com medo do marido. A mesma idéia é usada no versículo 21. Paulo exorta os cristãos a submeterem-se uns aos outros “no temor de Deus”. Esta frase ao denota temor e medo, mas fé e reverência como se entende no pensamento do Antigo Testamento. “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria” (Pv 9.10). A mulher deve **reverenciar o marido** no sentido de lhe ter respeito (cf. AEC, BJ, CH, NTLH, NVI, RA), como cabeça da casa, e de lhe ser fiel, em fé, sabendo que ele abandonou “todas as outras” por ela. Crisóstomo expressa o significado do termo com palavras perspicazes: “E de que natureza é este ‘temor’? É que ela não deve te contradizer, ou colocar-se contra ti, ou amar ter a primazia; se o medo governa a este ponto, basta. Mas se tu a amares, segundo és ordenado, tu obterás mais que isso; não será mais por medo que tu obterás tudo isso, pois o próprio amor produz seus efeitos”.

B. PAIS E FILHOS, 6.1-4

Uma segunda dimensão da estrutura doméstica recebe a atenção de Paulo, qual seja, a relação entre pais e filhos. Quando há amor genuíno em casa, prevalece a base adequada da vida saudável para todos os membros da família. Não obstante, os deveres recaem sobre cada membro.

Ao incluir estes poucos versículos, Paulo dignifica o lugar da criança no lar e na comunidade cristã. Tal preocupação não era a atitude do mundo antigo. O sistema romano dava ao pai poder absoluto sobre os filhos. Ele tinha o direito de castigá-los conforme sua ira depravadamente ditasse, vendê-los à escravidão se achasse que eles estavam dando muitas despesas ou lhe fossem inúteis, ou, sob certas condições, matá-los. Este poder do pai sobre os filhos predominava por toda a vida. A vida infantil não tinha valor, conforme revela uma carta datada do ano 1 a.C., escrita por Hilário, um soldado romano de Alexandria, Egito, para sua esposa, Alis. Ele ordena à esposa grávida que deixe a criança viver se for menino, mas que a lance ao desterro se for menina.²⁵ Deixar as crianças para que se arranjem como puderem era prática comum naqueles dias. Quando Jesus chamou as criancinhas para si, ele estava falando contra essa desvalorização da vida humana jovem (Mt 19.14). Paulo se coloca ao lado de Jesus quando vê o valor infinito de cada criança, fato apoiado pela descrição cuidadosa das responsabilidades mútuas entre filhos e pais.

1. A Obediência dos Filhos (6.1-3)

Paulo encarrega: **Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais** (1). Martin observa que “obediência é termo mais forte que *sujeição*, estipulada como dever da esposa”.²⁶ A palavra geralmente traduzida por “obedecer” (*hupakouo*) é verbo composto derivado da palavra “ouvir” (*akouo*). Portanto, há em sua formação a idéia de “escutar” ou “atender”, e daí “obedecer”. Muita desobediência é o resultado da má vontade dos filhos em ouvir as instruções recebidas e as razões para essas instruções. A paráfrase de Moule é sugestiva: “com o ouvido atento da atenção firme”.²⁷ Os filhos têm a obrigação moral, na medida em que a concebem, de manter abertas as linhas de comunicação entre eles e os pais, estando prontos para ouvir e obedecer. **No Senhor** é paralelo de expressões já encontradas (4.1,17; 5.22) e define a esfera na qual a obediência deve ocorrer. Salmond diz que é “uma

obediência cristã satisfeita na comunhão com Cristo”.²⁸ Pelo que deduzimos, Paulo está tratando de uma situação na qual todos são cristãos, sem especificar qual deve ser a atitude quando as ordens parentais forem contrárias à lei de Cristo.

Há duas sanções para esta determinação. A primeira é que Paulo diz que a obediência é **justa** (*dikaiois*). No vocabulário paulino, esta palavra significa justificado. O apóstolo não está afirmando que a obediência é meramente adequada e correta, mas que “é agradável ao Senhor” (Cl 3.20). O significado de **justa** é reforçado pela citação do quinto mandamento. Os justos vivem segundo as leis de Deus. Os filhos que fossem justos em sua relação com os pais deveriam cumprir esta lei em particular.

A segunda sanção, estreitamente relacionada com o apelo anterior, é a declaração de Paulo de que a obediência honra os pais. O apóstolo cita Êxodo 20.12 e Deuteronômio 5.16: **Honra a teu pai e a tua mãe** (2). Salmond comenta: “A obediência é o *dever*; a honra é a *disposição* da qual nasce a obediência”.²⁹ Não basta a prontidão em obedecer; tem de haver a obediência efetiva para que apareça a honra aos pais. O texto também enfatiza o fato de que este é o **primeiro mandamento com promessa** (2). De que modo este é o **primeiro** (*prote*) mandamento que tem uma promessa? Esta questão tem gerado certas dificuldades, porque o segundo dos Dez Mandamentos também tem uma promessa (Êx 20.4-6). A melhor explicação é que aqui Paulo usa primeiro no sentido de “primeiro em importância” para os filhos.³⁰

Paulo combina elementos de Êxodo 20.12 e Deuteronômio 5.16 para ao expor a dupla **promessa**. A idéia de prosperidade — **para que te vá bem** — é tirada de Deuteronômio; ao passo que vida longa — **e vivas muito tempo sobre a terra** — achase em Êxodo. Esta promessa deve ser descartada como resquício da fé israelita, ou tem pertinência para hoje? Será que podemos tomar por certo que a prosperidade e a longevidade são os benefícios devidos por nossa obediência? Hoje em dia o cristianismo é oferecido no balcão de ofertas, e o uso que tem sido feito dele é revoltante para a igreja cristã. Mas não devemos perder de vista a declaração bíblica de recompensas. Como escreve Theodore Wedel: “Há recompensas que vêm para os não-crentes — recompensas não materiais, se as analisarmos corretamente, mas não menos reais humanamente falando”.³¹ Hodge insiste que esta é “revelação de um propósito geral de Deus, e mostra qual será o curso habitual da providência divina”.³² Contudo, isso pode não ser efetivado em todas as pessoas. “A promessa geral cumpre-se para indivíduos, na medida em que ‘ela sirva para a glória de Deus, e para o bem deles’”.³³

2. O Dever dos Pais (6.4)

A desobediência dos filhos pode acabar com a paz do lar cristão, mas, por outro lado, a insensibilidade e aspereza parentais podem ser igualmente devastadoras. Paulo tem uma palavra para os pais e mães, representados aqui pelo pai, a quem é dada a responsabilidade de dirigir e disciplinar a família. O dever do pai é duplo. Primeiramente, há a responsabilidade negativa: **Não provoqueis a ira a vossos filhos**. O verbo é *parorgizo*, e ocorre somente nas epístolas paulinas (Rm 10.19; Ef 4.26). Aqui significa “irritar” ou “exasperar” (cf. BAB, BV, NTLH, NVI). Paulo exorta os pais a não “excitarem as paixões ruins dos filhos por severidade, injustiça, parcialidade ou exercício irracional de autoridade”.³⁴ Disciplina em casa é absolutamente necessária, mas, muitas regras e regulamentos, junto com a inevitável importunação que tal situação cria, acabam causando

justa rebelião. Phillips expressa o ponto sucintamente: “Pais, não exagerem na correção de seus filhos nem lhes dificultem a obediência ao mandamento” (CH).

Em segundo lugar, há a responsabilidade positiva: **Criai-os na doutrina e admoestação do Senhor**. As duas palavras **doutrina** (*paideia*) e **admoestação** (*nouthesia*) podem ser traduzidas por “castigo físico” e “repreensão”. Esta tradução daria a impressão que Paulo estaria promovendo a punição e a correção oral. A explicação mais racional é que *paideia* é educação no sentido mais amplo, “o processo de instrução”, como geralmente é usado na literatura grega. Contudo, mesmo neste sentido, a ação disciplinar não está fora de cogitação. **Admoestação** (*Nouthesia*) é simplesmente “instrução” (AEC) ou “ensino” (CH). O uso do verbo “educar” (*ektrepho*) com “sustentar” (*thalpo*) na construção paralela, em 5.29, apóia esta tradução mais positiva destas palavras. A tarefa do pai é se envolver num programa sério e carinhoso de treinar os filhos em todas as áreas da vida para proporcionar-lhes crescimento pessoal, social e espiritual. Toda disciplina e instrução devem ser feitas na mente e espírito **do Senhor**. Foulkes comenta: “A *doutrina e admoestação do Senhor* é aquilo que o Senhor coloca na vida de uma criança, se os pais cumprirem sua tarefa de ensiná-la e treiná-la em Sua Palavra.”³⁵

C. SENHORES E ESCRAVOS, 6.5-9

Continuando suas sábias deliberações concernentes às relações domésticas, Paulo se volta para a situação social mais séria do século I. O mundo nos dias do apóstolo era um mundo repleto de escravidão. Calcula-se que havia 60 milhões de escravos no império romano. A riqueza da sociedade romana encorajava a tendência de buscar livramento de todo o trabalho cotidiano, chegando a ponto de considerar-se indigno um cidadão romano trabalhar. Isto conduziu a uma veloz expansão da escravidão. Para o leitor da atualidade é surpreendente o fato de que existissem escravos de todos os níveis de estrutura social. Não só trabalhadores sem instrução profissional, mas muitos médicos, professores, secretários, artistas, atores e indivíduos relacionados a altas posições políticas foram também escravizados.

Escravidão, no mundo romano, resultava de pessoas capturadas em guerra, culpados de crime, alguém vendido pelo pai quando criança, ou alguém desesperadamente endividado a um credor. Como escravo, o homem tornava-se propriedade incontestável do seu senhor. Se o senhor fosse pessoa amável e que mostrasse consideração, a vida para o escravo seria suportável e, às vezes, preferível à liberdade. Em alguns casos, quando um escravo era importante para uma família, ele era considerado membro da casa e gozava muitos de seus privilégios. Por outro lado, a vida da maioria deles era horrível e trágica. Os senhores, que detinham o poder de vida ou morte e que, por vezes, os consideravam como mera propriedade, não hesitavam em maltratá-los e espancá-los brutalmente.³⁶

Depois de ler as instruções de Paulo sobre escravos e senhores (cf. tb. Cl 3.22-25), bem como as de Pedro (1 Pe 2.18-25), o cristão, numa sociedade livre, poderia admirar por que Paulo não atacou energicamente o sistema escravocrata de seus dias. Como declara Beare: “As regras de procedimento [...] não indicam aprovação ou condenação da instituição escravagista em si, mas fundamentam-se no verdadeiro reconhecimento que constituía a estrutura sociológica na qual se achavam muitos membros da comunidade cristã”.³⁷

Não há ordem para libertar os escravos nos escritos de Paulo. Por quê? Várias razões são apresentadas para este fato: 1) Paulo esperava a volta do Senhor para breve e achou que não havia nada a ganhar introduzindo um movimento de grande monta para mudar esta mazela social (cf. 1 Ts 4.13-18). 2) Promover a emancipação dos escravos por todos os rincões da igreja “teria confirmado a suspeita de muitas pessoas em autoridade de que o evangelho visava a subversão da sociedade”.³⁸ 3) A condição socioeconômica dos escravos era tal que oferecer-lhes liberdade os teria posto à mercê da sociedade. Permanecer legalmente ligado a um senhor bom constituía proteção maior que ser livre. 4) Entre os cristãos, os escravos tinham todos os privilégios da comunhão cristã e cresciam nas coisas espirituais, de forma que de jeito nenhum sua situação civil era um obstáculo espiritual. Nenhuma destas razões nos satisfaz completamente, pois, como comenta Bruce, “a escravidão sob as melhores condições é nada menos que escravidão, e esta não pode subsistir onde o evangelho tem livre curso”.³⁹

O ponto extremamente significativo nesta passagem é o apelo que Paulo faz aos senhores e escravos para tornarem esta relação singular pela qual Cristo pudesse ser visto em suas vidas. A breve epístola de Paulo a Filemom, na qual ele faz intercessão em favor de Onésimo, o escravo fugitivo, esclarece de maneira específica as instruções dadas aqui a escravos e senhores. Onésimo tem de ser recebido, “não já como servo; antes, mais do que servo, um irmão amado” (Fm 16).

1. *A Obediência dos Escravos* (6.5-8)

Ao apelar aos escravos para **serem obedientes** a seus **senhores**, o apóstolo usa a mesma palavra forte que usou ao falar com os filhos (1). Este fato indica que Paulo reconhece o caráter severo da instituição escravocrata. Mas demonstra, ao mesmo tempo, sua sensibilidade às atitudes exigidas para manter intactas relações deste tipo. Prontidão para ouvir, ser receptivo ao ensino, e sujeitar-se a ordens constituem a base do chamado à obediência.

A frase **senhor segundo a carne**, que descreve aqueles a quem os escravos deveriam ser obedientes, é intrincada para os intérpretes. De forma geral, no ensino de Paulo, **segundo a carne** é considerada antiteticamente, estando em oposição a “segundo o Espírito”. Pensando nessa expressão, Hodge escreve sobre o uso aqui: “Ela limita a autoridade do senhor ao que é externo; deixando a alma livre”.⁴⁰ Mas levado à sua conclusão final, esta linha de argumentação afirma que as questões que são **segundo a carne** estão sob a jurisdição final do senhor terreno do escravo, ao passo que só as questões que são “segundo o Espírito” estão sob a direção de Cristo. Portanto, as exortações de Paulo estariam limitadas aos deveres relacionados ao aspecto externo e material. Modo melhor e mais preciso de interpretar esta frase é entender que acima da ordem temporal está a ordem espiritual, que é permanente e, no fim, controladora. Bruce comenta: “A relação entre senhor e escravo pertence à vigente ordem temporal. [...] No reino espiritual, os senhores e escravos cristãos são co-servos de um Senhor, Jesus Cristo”.⁴¹ Cristo é o Senhor altíssimo e ele supervisiona toda a vida do escravo. A lealdade e obediência primeiras do escravo devem ser prestadas ao Senhor, contudo ele reconhece esta outra autoridade e procura obedecer de forma sincera e generosa.⁴² Na luta atual dos povos escravizados ao longo do mundo, é imperativo que os cristãos, na determinação de corrigir as injustiças, não percam de vista que toda ação corretiva deve ser inspirada pelo Espírito do Senhor e banhada em amor.

Em uma série de frases expressivas, o apóstolo apresenta para os escravos as qualidades do que significa obedecer.

a) “*Com temor e tremor*” (6.5). Esta é expressão bem conhecida de Paulo. Ocorre em 1 Coríntios 2.3, com referência ao seu ministério entre os coríntios; Em 2 Coríntios 7.15, com referência à receptividade dada pelos coríntios à visita de Tito; E, em Filipenses 2.12, com referência à operação da salvação. De modo nenhum Paulo sugere que os escravos devem bajular seus senhores, mas devem manter um profundo senso de respeito e reverência por eles. Beare escreve: “Este é o temor e tremor que são inseparáveis em todo esforço sério para cumprir a vontade de Deus na ação moral (Fp 2.12)”.⁴³ O senso de temor que infunde a vida do crente, enquanto vive diante do seu Criador, chega a este ponto.

b) “*Na sinceridade de vosso coração*” (6.5). A palavra **sinceridade** (*haplotes*) é encontrada apenas no Novo Testamento nos escritos paulinos (Rm 12.8; 1 Co 8.2; 9.11,13; 11.3; Cl 3.22). Significa, literalmente, “dobra única” de um pedaço de papel em oposição a “duas dobras”. Logicamente, o significado subjacente é um propósito firme e abrangente em lugar de uma lealdade dividida. Hodge observa: “O item ordenado é, portanto, o oposto de inconstância”.⁴⁴ Paulo está mobilizando os escravos a servirem seus senhores sem hipocrisia, mas com lealdade total como é pertinente à tarefa. **Como a Cristo** significa com uma obediência considerada como sendo prestada ao próprio Cristo.

c) “*Não servindo à vista*” (6.6). O versículo 6 contém uma explicação negativa da noção de sinceridade no versículo 5. **Servindo à vista** (*Ophthalmodouleian*), palavra grega concebida por Paulo (Cl 3.22), expressa a prática de parecer muito ocupado e concentrado sempre que o “chefe” está perto. Tal comportamento é enganoso, pois visa “salvar as aparências e obter favor imerecido, que não é prestado quando o senhor está ausente”.⁴⁵ Agir desta maneira é contrário à vida cristã, pois isto fazem tais indivíduos que só querem **agradar aos homens** (*anthropareskos*) e não **servos (doulos) de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus**. Os servos de Deus agem com o intento de fazer a vontade de Deus por compulsão interna. **Coração** aqui é *psyche*, que se entende ser equivalente a “vida interior”. Como servo de Cristo, sua obediência deve partir da alma. O amor a Cristo, e não os fatores externos, deve controlar seu serviço. O comentário de Barclay é convincente: “A convicção do trabalhador cristão é que cada detalhe do trabalho singular que realiza deve ser suficientemente bom para mostrar a Deus”.⁴⁶

d) “*Servindo de boa vontade*” (6.7,8). O serviço prestado pelo servo crente tem de ser feito de **boa vontade** (*met'eunoias*). O pensamento é mais que de “boa vontade”.⁴⁷ Disposição está implícita nesta palavra que só ocorre aqui no Novo Testamento. Westcott a traduz como “sentimento amável”.⁴⁸ Um testamento de um antigo senhor de escravos, datado de 157 d.C., ordena a libertação de cinco dos seus escravos “por causa da boa vontade e afeto demonstrados” para com ele.⁴⁹ Paulo não poderia se contentar com menos que o amor cristão, mesmo neste tipo de relação, que por natureza evoca forte hostilidade,

No versículo 8, o apóstolo reconhece que nem sempre o serviço consciencioso será recompensado pelos senhores terrenos, mas que Deus jamais deixará de notá-lo. Todo o **bem prestado receberá do Senhor** sua devida recompensa. O verbo traduzido por

receberá (komisetai) às vezes transmite a idéia de “recuperar” ou “receber de volta” (Mt 25.27; 2 Co 5.10; Cl 3.25). Salmond confirma: “O texto reproduz a idéia de que ‘todo o bem’ é dado de volta a quem o fez; assim, conota a certeza, equidade e suficiência da recompensa (cf. esp. 2 Co 5.10)”.⁵⁰ Paulo está dizendo que serão feitos os balancetes, e este fato deve animar os escravos (cf. 1 Co 15.58). O julgamento futuro será imparcial, de forma que cada um **quer seja servo, quer seja livre**, receberá de volta o que suas ações merecem (cf. Cl 3.24,25). As palavras de Westcott sobre este tema são abalizadas: “O julgamento divino jaz essencialmente em cada ação do indivíduo”.⁵¹

2. A Paciência dos Senhores (6.9)

Ao exemplificar a graça cristã em todas as relações de situação doméstica, o apóstolo vê que na escravidão também há a necessidade de reciprocidade — talvez, sobretudo, na escravidão. A responsabilidade que recai sobre os senhores é de caráter positivo e negativo.

a) Paulo exorta os senhores a **fazerem o mesmo** para com os escravos. O **mesmo** o quê? É antinatural interpretar que o mesmo seja o serviço que os senhores devem aos escravos. Com toda a probabilidade, esta frase se refere à “boa vontade” do versículo 7. Os senhores têm de observar os princípios cristãos. Eles devem mostrar a mesma disposição e consideração que esperam dos escravos. No tratamento dos escravos, cada senhor tem de se lembrar da palavra do Senhor: “Tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lho também vós” (Mt 7.12).

b) **Senhores** são advertidos a absterem-se de **ameaças**. Os donos de escravos do século I não eram conhecidos por serem cuidadosos no exercício da autoridade. Segundo eles, era necessário manter os escravos no devido lugar empregando a coação. Eles os ameaçavam com castigo físico e material. **Deixando** (*aniemi*) significa, neste caso, “abrandando, parando e deixando” a prática de ameaças.⁵² Elimine as ameaças da relação e a sature de boa vontade e solicitude, fundamentando-se na valorização cristã de cada pessoa, e o resultado será uma nova base para a resolução do problema escravagista. Moody comenta: “As ameaças destroem as relações pessoais e coloca as pessoas atrás de uma máscara de insegurança e medo. O amor elimina estas barreiras e gera fraternidade”.⁵³ A despersonalização e a tirania são retalhos da mesma peça. Tiranize e estará despersonalizando. De modo oposto, a dignidade e liberdade pessoais saturadas de amor pertencem ao mesmo grupo. A graça cristã repudia as ameaças e tirania; ela proporciona a base para a dignidade e liberdade pessoais.⁵⁴

Nos momentos tentadores de serem severos e tirânicos, os senhores devem se lembrar: 1) que seu **Senhor... está no céu**; e, 2) que **para com ele não há acepção de pessoas**. O serviço dos senhores será recompensado ou castigado da mesma maneira que o dos escravos. Deus é o Senhor e Juiz de todos. Ele não se deixa influenciar por posição social. Fatos morais mais que status social são sua única preocupação. Ele recompensa a fidelidade e bondade, mas castiga severamente a infidelidade e deslealdade quer seja de escravo ou senhor.

A única base sadia para a vida, quer na frente doméstica ou na frente de trabalho, é uma relação sincera, na qual prevaleçam o amor e respeito mútuos. Isto torna inevitável o que Paulo já havia declarado: Temos de nos sujeitar uns aos outros no temor de Deus (5.21).

SEÇÃO X

GUERRA CRISTÃ

Efésios 6.10-20

À primeira vista, o pensamento de guerra é inadequado nesta epístola. Até agora o apóstolo falou sobre coisas que eliminam divergências e produzem unidade e paz. A bênção do evangelho é que ele acaba com a hostilidade entre os homens e os une numa comunidade de paz (2.14-22). Cristo é quem trouxe a paz por meio da cruz. Na seção há pouco analisada (5.22—6.9), o principal objetivo do apóstolo é dar fim à rivalidade e promover o desenvolvimento cristão nas relações domésticas dentro da comunidade cristã primitiva. Segundo comenta Erdman: “Se fôssemos suprimir em qualquer um dos seus escritos paulinos a referência à guerra espiritual, a escolha natural seria a Epístola aos Efésios”.¹

Não obstante, esta repentina mudança do “cenário pacífico” da comunidade cristã para o “campo de batalha”, onde forças do mal são descritas como sendo um ataque violento das forças do mal contra o cristão, não é sem justificativa. Esta mudança súbita de cena tem sua explicação. O apóstolo está lidando “com o invisível tanto quanto com o perceptível”.² As forças que ameaçam os cristãos ao prosseguirem pelo caminho da vida originam-se não só do contexto humano, mas também das hostes sobrenaturais da maldade. Os cristãos pertencem a um mundo espiritual e também a um mundo natural, tornando comum serem atacados por forças espiritualmente más. A ingenuidade e a força humanas não são adequadas contra tais poderes; o povo de Deus precisa de recursos divinos para vencer esta luta. As instruções do apóstolo têm o propósito de garantir ao cristão a vitória na batalha.

A. A PREPARAÇÃO DO CRENTE, 6.10-13

1. A Origem da Força (6.10)

No demais (*tou loipou*) contém a idéia de “daqui em diante” mais que “em conclusão”. O sentido aqui é temporal, de forma que “no futuro” não seria tradução incorreta.³ Paulo deseja que seus leitores percebam que há forças destruidoras que atuam nos assuntos da vida cotidiana, e que eles devem estar preparados para os ataques do inimigo contra a existência tranqüila que levam. Sua esperança consiste em serem **fortes no Senhor e na força do seu poder**. É significativo que o verbo para **forte** (*endunamousthe*) esteja no presente passivo. Denota, primeiramente, que eles continuam sendo fortalecidos pelo Senhor, e em segundo lugar, que a origem dessa força não está neles. Vem de Cristo quando a pessoa vive em união com ele.

Em 1.19, Paulo ora para que eles sejam tão iluminados que entendam “a sobreexcelente grandeza do seu poder”, e percebam “a operação da força do seu poder” pela fé. Em 3.16, ele ora para que eles sejam “fortalecidos” com poder pelo Espírito”. Nesse ponto, Paulo lida com uma experiência mais profunda do Espírito Santo. Neste versículo, porém, a ênfase não está na aquisição de novo poder, mas no uso da força que os cristãos agora possuem pela união deles com Cristo.⁴ No conflito com os poderes demoníacos, os cristãos têm de utilizar, de forma imediata e contínua, o poder de Cristo para terem vitória. O que se aplica para o cristão individualmente também se aplica para a igreja coletivamente, quando esta procura deter a maré do mal no mundo.

2. A Necessidade para a Armadura de Deus (6.11)

Paulo insta seus leitores a **revestirem-se de toda a armadura de Deus** (cf. Rm 13.12; 2 Co 6.7; 1 Ts 5.8). O termo grego que traduz a frase **toda a armadura** é *panoplian*. A palavra transmite a idéia de completude, e somos chamados a “vestir a panóplia de Deus”. Há duas opiniões divergentes com respeito a esta exortação. De acordo com a primeira interpretação, a ênfase está no fato de que é a *armadura* de Deus que deve ser colocada.⁵ Isaías 59.17 (Septuaginta) descreve Deus vestindo uma armadura, ensejando o convite para o cristão usar esta mesma proteção quando sair para a batalha. A segunda interpretação coloca a ênfase, não no fato de a armadura ser de Deus, mas no elemento da completude. “A idéia é que precisamos não só de um equipamento divino, mas que esse equipamento tem de ser completo, sem faltar uma peça sequer”.⁶ Nosso inimigo é tão terrível que temos de nos vestir com tudo que Deus fornece para nossa luta ofensiva e defensiva. Portanto, temos de vestir “a completa armadura de Deus” (CH).

Pelo que deduzimos, não há necessidade de fazer uma escolha entre estes dois pontos de vista. Não é questão de um/ou, mas de um/e outro. A armadura que é o poder de Deus tem de ser uma realidade total na vida dos filhos de Deus para que eles vençam neste conflito cósmico. A descrição cuidadosa que Paulo faz das peças da armadura nos versículos 14 a 17 apóia eloqüentemente a segunda interpretação, mas não devemos deixar de lado a interpretação anterior.

O propósito para nos vestirmos da armadura de Deus é para que haja defesa **contra as astutas ciladas do diabo**. **Astúcias** (*methodias* cf. 4.14) tem tradução melhor por “maquinações” ou “estratagemas” (cf. BV). A palavra não ocorre em outra parte da literatura grega, exceto nesta carta. Pelo visto, a intenção é transmitir a idéia de planos enga-

nosos ou investidas astuciosas. Inclusas nas **ciladas do diabo** estão todas “as múltiplas tentações à incredulidade, ao pecado e à conformidade com o mundo pagão circunvizinho que apossava o crente a toda hora”.⁷ Os ataques sumamente sutis que o cristão sofre são mais que de origem mental humana. Como comenta Bruce, o próprio Paulo tivera extensa experiência com as obras do diabo, levando-o a afirmar: “Não ignoramos os seus ardis” (2 Co 2.11; cf. 1 Co 7.5; 2 Co 11.3,14; 1 Ts 2.18).⁸

Na passagem compreendida entre os versículos 10 a 18, vemos “A Guerra dos Santificados”. 1) Nosso inimigo inexorável tem de ser enfrentado e vencido. Para isto, precisamos tomar **toda a armadura de Deus**, 11-13. 2) Peças da armadura defensiva: a) **Cinto da verdade** — um entendimento iluminado e um caráter firme; b) **Couraça da justiça** — uma vida santa para absorver a crítica e a perseguição; c) **Escudo da fé** — para repelir os ataques malévolos do inimigo, 14,16. 3) Peças da armadura ofensiva. Tem de haver ação ofensiva para vencermos: a) **Espada do Espírito** — a Palavra de Deus na mão, a Bíblia no coração e na mente; b) **Pés calçados** — para marchas longas e árduas em obediência a Cristo, o Comandante; c) **Capacete da salvação** para guiar e guardar nossos pensamentos, a fim de que sejam pensamentos para Cristo e não para servir objetivos pecaminosos e egoístas, 15,17. 4) Todos os nossos equipamentos espirituais devem ser fortalecidos e reforçados pela oração, 18 (G. B. Williamson).

3. O Inimigo do Cristão (6.12,13)

O inimigo a ser derrotado é o diabo e todos os seus exércitos de forças demoníacas do universo. Paulo deixa claro que a guerra cristã não é empreendida contra forças humanas, porque ele diz que **não temos que lutar contra carne e sangue** (12). Caso se tratasse disso a força humana seria suficiente. Pelo fato de forças espirituais más estarem dispostas em ordem de batalha contra o crente, só os recursos divinos e espirituais podem resistir a elas. Paulo diz que nos armamos **contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas... contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais** (12; cf. 1.21; 2.2; 3.10; Rm 8.38,39; Cl 1.13). Há vários postos na hierarquia dos exércitos de Satanás, mas é quase impossível distingui-los.⁹ Basta dizer que, pouco importando quão estável seja a vida dos filhos de Deus, eles nunca estão livres dos ataques sutis de Satanás por agências da estrutura de poder maligno. A paráfrase de Phillips do versículo 12 expressa adequadamente o pensamento: “Nossa luta [...] é contra organizações e poderes espirituais. Enfrentamos o poder invisível que controla este mundo escuro, e agentes espirituais do próprio quartel-general do mal” (CH).

O apóstolo acreditava no caráter pessoal dos poderes do mal no universo. Acreditava também que estas forças eram organizadas. Mackay escreve: “Eis algo bastante diferente do poder da hereditariedade, algo mais cruel e aterrador que as forças judiciais e dialéticas que atuam na história, por meio das quais a história, por vezes, engana a lógica do homem e, por vezes, leva à destruição o seu orgulho titânico”.¹⁰ E acrescenta que Paulo não estava pensando “nos poderes demoníacos da história contemporânea [os governos ditatoriais e comunismo anti-religioso] que se arrogam a si o status e atributos da deidade”.¹¹ Mackay afirma que se Paulo estivesse vivendo hoje, “ele ainda insistiria no caráter pessoal do mal sobrenatural”.¹² O inimigo pessoal do crente não é onipotente, onisciente ou onipresente, mas é organizado por todo o mundo para o propósito único de derrotar o povo de Deus.

Nos lugares celestiais é a quinta e última ocorrência desta expressão em Efésios (1.3; 1.20, “nos céus”; 2.6; 3.10, “nos céus”). Aqui significa o reino do conflito espiritual. O versículo em que ocorre mostra veementemente que os cristãos, mesmo com suas experiências pessoais gloriosas com Cristo e suas mais sublimes experiências de adoração e culto, não estão imunes aos ataques das hostes espirituais más.

Paulo repete a exortação que fez no versículo 11: **Portanto, tomai toda a armadura de Deus** (13). **Portanto** é o jeito de o apóstolo apanhar e aplicar o que previamente fora declarado. Na verdade, ele está dizendo: “Percebendo a concentração e o poder dos vossos inimigos, tomai a armadura de Deus”. O objetivo dos soldados devidamente armados é **resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes**. **Resistir** (*antistenein*) apresenta idéia mais forte que a registrada no versículo 11. **O dia mau** tem diversas interpretações. Jerônimo pensou que era o dia do julgamento. Wesley comenta que é “a aproximação da morte, ou durante a vida”.¹³ Outros entendem que é o período imediatamente precedente à segunda vinda. As passagens apocalípticas do Novo Testamento indicam que haverá aumento de conflito antes da segunda vinda de nosso Senhor (Mc 13; 2 Ts 2.3). O uso do artigo definido junto com a palavra grega **dia** (*hemera*) sugere um determinado dia. Mas certos expositores consideram que é o tempo especial de conflito para cada cristão em particular, como indica o Salmo 41.1: “O SENHOR o livrará no dia do mal”.¹⁴ É bastante possível, acompanhando Bruce e Westcott, entender que o dia mau é designação a “a presente era”. Em 5.16, Paulo afirma que “os dias são maus”. Bruce conclui: “A era é má por causa das forças más que, embora tenham sido derrotadas por Cristo, ainda exercem controle sobre o mundo que não se beneficia dos frutos da vitória de Cristo”.¹⁵ O cristão tem de tomar a armadura que Deus fornece e, tendo-a apertado com firmeza em torno de si, sair para resistir o mal de sua época.

O espírito de otimismo do apóstolo irrompe com as palavras: **E, havendo feito tudo, ficar firmes**. A frase **havendo feito tudo** é mais bem traduzida por “havendo realizado todas as coisas”. Ainda que possa ter sentido de “havendo terminado de colocar a armadura”, pelo visto, preparação não é a idéia principal, mas o bom êxito em resistir ao inimigo. Quando derrotamos e expulsamos o inimigo do campo, nos postamos vitoriosos e destemidos. Resistir eficazmente significa não ser desalojado de sua posição e manter seu posto com triunfo. Por conseguinte, como observa J. A. Robinson: “O apóstolo nunca considera a possibilidade de derrota”.¹⁶

B. A ARMADURA DE DEUS, 6.14-17

Mantendo-se “fortes no Senhor”, ou seja, equipando-se com a armadura de Deus, os cristãos vencem prosperamente as lutas contra as forças do mal. Esta é a certeza de Paulo. Agora ele se dedica a descrever em detalhes “toda a armadura” (*panoplia*) que o homem de Deus tem de vestir.

Diversos fatos preliminares relativos a esta descrição são dignos de nota. Políbio, que viveu entre 201 e 120 a.C., passou a vida escrevendo história e se tornou autoridade em táticas de guerra. Em um de seus livros, ele faz descrição completa da vestimenta que a infantaria romana usava.¹⁷ Paulo omite duas peças essenciais deste vestuário do soldado romano: as grevas (parte da armadura que cobria as pernas, dos joelhos ao pés)

e a lança. J. A. Robinson conclui que Paulo não se baseia muito no traje militar do soldado romano, mas que seu pensamento está mais em termos da figura do Antigo Testamento que descreve Deus, o Guerreiro. Paulo transferiu elementos desta imagem guerreira para o cristão. Muitas das peças da armadura são mencionadas em passagens do Antigo Testamento, as quais poderiam estar na mente de Paulo quando ele escrevia (cf. Is 11.4,5; 59.14-17; ver tb. o livro apócrifo A Sabedoria de Salomão 5.17ss.).¹⁸

Segundo, na famosa alegoria de *O Peregrino*, John Bunyan observa que a armadura não oferece proteção para as costas. Isto dá a entender que, na opinião militar do apóstolo, ele não cogitava a idéia de o cristão bater em retirada.

Terceiro, a ordem em que Paulo descreveu as peças da armadura é a ordem na qual o soldado as colocava. Peça por peça, Paulo menciona as partes da vestimenta militar, aplicando a cada uma algum aspecto da preparação cristã para a vida vitoriosa.

1. *O Cinto da Verdade* (6.14)

Paulo exorta os leitores a permanecer firmes, **tendo cingidos os vossos lombos com a verdade**. Com as roupas soltas do vestuário oriental, a primeira coisa que o soldado tinha de fazer era amarrar o cinto na cintura. O cinto prendia a túnica firmemente ao corpo, dando liberdade de movimentos. O cinto também servia para levar a espada, de forma semelhante ao que os militares fazem hoje em dia para prender o revólver ao cinto. Outras peças da armadura eram, provavelmente, presas ao cinto. **Verdade** (*aletheia*) não deve ser considerada como o evangelho no sentido objetivo, pois mais adiante Paulo a relaciona com a espada. **Verdade** aqui é para ser entendida subjetivamente, porém é mais que a virtude humana de sinceridade e honestidade no sentido habitual. Segundo definição de Hodge, esta **verdade** é o conhecimento e crença na palavra revelada de Deus.¹⁹ O apóstolo está pensando em termos existenciais quando fala da verdade. Quando o soldado cristão se cinge com a verdade, no sentido paulino, ele se apropria da Palavra pela fé. Isto dá segurança, estabilidade e determinação à sua vida e ações. Assim, ele não só tem sabedoria e entendimento, mas também *vive* em verdade. É nisto que está sua força na hora da provação. Razão, tradição, credos e filosofias podem desabar sob a tensão da batalha, mas a Palavra de Deus crida e vivida permanece intacta. Na opinião de Moule, estar cingido com o cinto da verdade significa estar “tranquilo e forte na realidade e simplicidade, pela graça, de suas relações com o Rei”.²⁰

2. *“A Couraça da Justiça”* (6.14)

O texto de Isaías 59.17 declara que Deus se vestiu “de justiça, como de uma couraça, e pôs o elmo da salvação na sua cabeça”. **Justiça** (*dikaiosyne*) não é para ser compreendida como um novo status que o homem tem com Deus através da fé em Cristo. Trata-se da vida de pureza e retidão que a nova relação com Deus cria. Da mesma maneira que a verdade tem uma dimensão subjetiva, assim sucede com a justiça. Barclay escreve: “Quando o crente se veste de justiça, ele é invencível. Palavras não são defesa contra acusações, mas uma vida justa é”.²¹ A dignidade protetora da pureza e santidade não pode ser negada. Dale observa: “Um coração puro ofende-se com repugnância e desprezo às primeiras investidas da tentação à impureza”.²² Render-se ao pecado é tornar-se vulnerável. Covardia e hesitação são subprodutos do coração injusto, ao passo que bravura e coragem emanam de pensamentos e ações corretas.

3. As Sandálias do Evangelho (6.15)

As sandálias militares, especificamente projetadas, eram confeccionadas para proteger os pés e capacitar o soldado a manter o equilíbrio em terrenos acidentados. Proporcionavam pleno apoio para os pés, dando agilidade de movimentos. O guerreiro cristão precisa ter a proteção e a mobilidade de **pés calçados na preparação do evangelho da paz**. A palavra **preparação** (*etoimasia*) pode significar: 1) Preparação no sentido de aprontando 2) O estado de prontidão; 3) Fundação ou firmeza; e, 4) Prontidão ou presteza de mente.²³ Paulo tem em mente este último significado — a prontidão que o evangelho de paz cria. Hodge comenta: “À medida que o evangelho assegura nossa paz com Deus, e dá a certeza do seu favor, produz essa alegre vivacidade mental que é essencial no conflito espiritual”.²⁴ A paz sobre a qual Paulo escreve, é a paz com Deus pela salvação. No plano de fundo, discernirmos a exclamação de Isaías: “Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O teu Deus reina!” (Is 52.7; cf. Ef 2.17).

4. “O Escudo da Fé” (6.16)

Acima de tudo tem o sentido de “além de tudo” (cf. NVI). **Escudo**, neste caso, não é o escudo pequeno e circular (*aspis*) que soldados romanos levavam, mas o escudo grande e oblongo (*thyreos*), que fazia parte da farda militar dos romanos quando a batalha era severa. Esse escudo era escavado na madeira e coberto com couro para interceptar e apagar as setas incendiárias que o inimigo atirava. O cristão fortemente armado leva um **escudo da fé**, que na interpretação de Salmond é “a fé salvadora — a fé pela qual vem o perdão divino e o poder de uma nova vida”.²⁵ Por outro lado, segundo entendimento de Moule, a fé usada aqui é a “confiança inteiramente em Deus, que olha totalmente para fora de si, concentrada em Deus”.²⁶ E acrescenta que esta é a essência da fé e dá seu poder de salvação. A fé que traz libertação do pecado é a fé que guarda. A fé que responde obedientemente ao chamado de Deus é a fé que continua confiando em Deus. As palavras de Mackay são perspicazes: “A confiança do cristão tem de estar em Deus. Ele não deve acalentar dúvidas relativas à base de sua fé e à verdade de sua causa. Ele deve ser pessoa de profunda convicção que tem em torno de si a atmosfera de decisão tranqüila. [...] Ele sabe o que é, e a quem pertence”.²⁷ Com semelhante fé, “todo projétil ardente que o inimigo atirar” (CH) será interceptado e extinguido. **O maligno**, isto é, o diabo não pode atingir a alma com seus **dardos ardentes** para incitá-la ao pecado.

5. “O Capacete da Salvação” (6.17)

Prosseguindo em sua descrição e exortação, Paulo nos adverte a **tomar o capacete da salvação**. **Tomai** (*dexasthe*) deveria ser traduzido por “recebei” (cf. NTLH). Após colocar as outras peças da armadura, o soldado recebia do criado o **capacete**, um traje militar devidamente ajustado e mais leve para proteger esta parte vital do corpo. Semelhantemente, ele recebia a **espada**. O momento adequado para utilizá-los não é fato significativo na figura de Paulo. A salvação que recebemos de Deus é nossa maior proteção de todos os ideais que valem a pena na vida humana.

Não parece próprio interpretarmos que o **capacete da salvação** seja apenas a grande confiança que possuímos no fato de Deus ter poder para nos salvar.²⁸ Simboliza a proteção assegurada pela participação na salvação de Deus. Se os soldados entram na

batalha alienados de Deus, estranhos e estrangeiros, sem Deus, eles não têm garantia de proteção. Mas se são participantes da graça de Deus para a salvação, eles serão “mais do que vencedores”. Deus cuida dos que lhe pertencem: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31; cf. Rm 8.37-39). E esta salvação abrange o presente e o futuro. Em 1 Tessalonicenses 5.8, lemos que o capacete é “a esperança da salvação”. Westcott esclarece o ponto concisamente: “O senso de salvação coloca a vida fora de todo o perigo.”²⁹

6. “A Espada do Espírito” (6.17)

A expressão **a espada do Espírito** é interpretada de dois modos. Na ótica de Goodspeed, a **espada** é o **Espírito**, levando-o a traduzir a exortação da seguinte forma: “Tomai [...] por vossa espada o Espírito, que é a voz de Deus”. Por outro lado, Beare insiste que a expressão tem conotação possessiva, o que leva à seguinte tradução: “Tomai [...] a espada que é a propriedade do Espírito” ou “a espada que o próprio Espírito empunha”.³⁰ O ponto de vista de Beare apóia a interpretação de que a espada do Espírito é “a espada que o Espírito dá”. Esta tradução é apoiada fortemente pela expressão que vem a seguir, pois designa que a espada é a **palavra de Deus**.

Duas opiniões também prevalecem sobre a identificação **da palavra** (*rhema*). A primeira diz que é “a expressão vocal de Deus apropriada para a ocasião que o Espírito, por assim dizer, põe na mão do crente para ser empunhada como espada”.³¹ Os comentaristas que defendem esta posição reportam-se às palavras de Jesus registradas em Mateus 10.19. Neste texto, ele exorta os discípulos a não se preocuparem com o que dirão quando forem levados em custódia, “porque, naquela mesma hora, vos será ministrado o que haveis de dizer”. O segundo e mais aceitável ponto de vista identifica **a palavra** com as Santas Escrituras.³² O próprio fato de nosso Senhor ter repellido Satanás com as Escrituras apóia amplamente esta relação. Não deveríamos negligenciar a associação óbvia do Espírito Santo com as Escrituras (2 Tm 3.16; 2 Pe 1.20,21).

Todas as outras peças da armadura mencionadas nesta lista são de natureza defensiva, visto que o propósito é permitir que o cristão fique firme. Mas **a espada do Espírito** é para a guerra ofensiva. Wesley comenta: “Temos de atacar Satanás e também nos defender; o escudo numa mão e a espada na outra. Quem luta contra os poderes do inferno precisa de ambos”.³³ O escritor aos Hebreus ressalta que “a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes” (Hb 4.12). Com a Palavra de Deus, o cristão dispersa as dúvidas e inflige feridas mortais nas tentações.

C. A ORAÇÃO POR TODOS OS SANTOS, 6.18-20

Certos comentaristas consideram que a oração é a sétima peça da armadura do cristão, entretanto é mais razoável acreditar que Paulo finaliza a metáfora com a referência à “espada do Espírito” ao término do versículo 17. É verdade que ele ainda se preocupa com a vitória do cristão na luta. O particípio **orando** está ligado com todas as ordens precedentes (10-17). Foulkes sugere que o apóstolo está dizendo: “Cada peça colocada com oração, e depois ainda continuai com *toda oração e súplica*”.³⁴ O soldado cristão consegue se manter fiel, sendo bem-sucedido na resistência aos inimigos espirituais, somente quando permanece em espírito de oração, sempre pronto a pôr suas

necessidades diante do Senhor. A palavra mais geral para referir-se a **oração** é *proseuche*, enquanto que **súplica** provém da palavra *deesis*, que transmite o significado de “solicitação” ou “petição”.

1. Orar sempre (6.18)

Em todo tempo é tradução da expressão *en panti kairo*, que pode ser traduzida por “em todas as ocasiões” (NVI), “o tempo todo” (BV), “sempre” (NTLH). *Kairos* às vezes tem a força de circunstância especial e, por conseguinte, neste contexto, significaria “na ocasião do conflito”. O mais provável é que se refira à oração habitual e constante. Em 1 Tessalonicenses 5.17, Paulo exorta os crentes: “Orai sem cessar”. Nosso Senhor declarou que as pessoas devem “orar sempre e nunca desanimar” (Lc 18.1, BAB, NTLH, NVI). A constância em oração é imperativa para a vitória.

2. Orar no Espírito (6.18)

No Espírito não se refere ao espírito humano com sua capacidade de devoção e ardor, mas ao Espírito Santo, que é quem poderosamente inspira e intercede. Ele nos ajuda a formular as petições de acordo com a vontade de Deus (cf. Rm 8.26,27).

3. Orar com Toda Perseverança e Súplica por todos os Santos (6.18)

Vigiando (*agrypnountes*) transmite a idéia militar de “manter-se alerta”. Os cristãos têm de ser vigilantes em oração, não se permitindo a indiferença. Esta é a única maneira de estarmos preparados. **Perseverança** está relacionada à **súplica por todos os santos**. Beare comenta: “A agilidade incansável do cristão deve ser mostrada especialmente na intercessão perseverante a favor de todos os seus companheiros de luta”.³⁵ A unidade na luta contra o mal é absolutamente necessária. A oração, portanto, tem de ser altruísta. Erdman observa: “O crente luta com mais valentia e coragem quando sabe que não está só”.³⁶ E sobretudo quando ele percebe que os outros estão “firmes com ele em oração”.

Na passagem de 6.10-18, temos “A Vida Cristã é uma Guerra Real” ou, talvez, “Tirar o Melhor da Vida significa Colocar o Melhor na Vida”. Paulo sugere alguns fatores-chave, aos quais devemos prestar toda a atenção: 1) Determinação e firmeza, 13; 2) Verdade, 14; 3) Conduta correta, 14; 4) Paz com Deus e com nossos semelhantes, 15; 5) Fé, 15; 6) Experiência pessoal de salvação, 16; 7) Uso da Bíblia, 16; 8) Oração, 18; 9) Testemunho pessoal e intercessão pelos outros, 18 (A. F. Harper).

4. Orar “por Mim” (6.19,20)

A posição de Paulo na prisão — **embaixador em cadeias** — não o move a pedir orações especiais por seu bem-estar pessoal e tranqüilidade, mas sim pelo fomento do evangelho. O pedido é duplo. Primeiro, ele deseja sabedoria para que “me seja dada, no abrir da minha boca” (19a). O apóstolo está ciente de ter sobre si a grande responsabilidade de pregar o evangelho. Com isso, ele quer estar seguro de que, quando as oportunidades se apresentarem, ele venha a falar a palavra certa. Ele quer ter a certeza de que a palavra que disser sempre seja a palavra de Deus. Segundo, ele deseja ousadia para **fazer notório o mistério do evangelho**. Ele quer poder para anunciar a verdade que Deus, em Cristo Jesus, fornece salvação para todos os homens, quer judeus

quer gregos. Ele deseja audácia para pregar esta mensagem sem vacilar diante dos homens e sem abrir mão dos princípios do evangelho. Ele precisa pregar o evangelho completo para o mundo inteiro.³⁷

O versículo 20 repete o segundo pedido, mas apresenta a designação incomum do apóstolo como **um embaixador em cadeias**. Literalmente, esta frase diz: “embaixador em cadeia” (*presbeuo en halusei*). A palavra refere-se provavelmente a uma cadeia de pulso (algema) pela qual ele estava acorrentado a um soldado. Por mais estranho que pareça, o principal embaixador do Rei está preso. Mas ele está mesmo preso? Falando sobre o fato de Paulo estar acorrentado a um soldado, Bruce levanta a questão: Qual dos dois estava preso?³⁸ Os fatos do caso são que Paulo quer tanto pregar o evangelho em Roma, que ele percebe que pode cumprir seus deveres diplomáticos, mesmo estando algemado. Ele não procura simpatia ou solidariedade dos crentes efésios; ele quer oração para que possa **falar livremente** o que sabe que **convém falar** quando surgir a oportunidade.

SEÇÃO XI

SAUDAÇÕES FINAIS

Efésios 6.21-24

A. ELOGIO A TÍQUICO, 6.21,22

Nesta epístola, falta a lista habitual de saudações a indivíduos nas igrejas para as quais Paulo escreveu. Como mencionado na Introdução, esta é carta geral designada a circular entre as igrejas da Ásia Menor. É muito natural que as pessoas da igreja para quem a carta fosse lida quisessem saber qual era a situação de Paulo. O apóstolo escreve que o portador da correspondência, Tíquico, estaria devidamente preparado para informá-las.

1. *O Elogio ao Mensageiro* (6.21)

O nome Tíquico aparece em vários lugares nas cartas de Paulo, e o texto de Atos 20.4 nos fala um pouco sobre o seu histórico. Sua casa ficava em certo lugar da Ásia e ele acompanhou Paulo a Jerusalém para entregar aos cristãos de lá a oferta que o apóstolo vinha coletando durante anos. Colossenses 4.7-9 menciona que Tíquico é o portador da epístola para a igreja em Colossos e, provavelmente, da carta para Filemom. É possível que ele tenha entregado aos laodicenses a epístola mencionada em Colossenses 4.16, a qual hoje está perdida. Seu nome aparece novamente em 2 Timóteo 4.12 e Tito 3.12. Estes serviços prestados para a igreja mostram por que o apóstolo o chama **irmão amado** (*ho agapetos adelphos*) e **fiel ministro** (*pistos diakonos*, lit. atendente). A lealdade de Tíquico em servir Paulo criou um vínculo de companheirismo entre eles, a ponto de Paulo dizer que ele é “querido irmão” (NTLH) e de lhe incumbir com esta tarefa. O apóstolo podia enviá-lo a qualquer lugar, que ele cumpriria a tarefa.

2. A Tarefa do Mensageiro (6.21,22)

Tíquico dará duas informações. Primeiramente, ele os cientificará dos **negócios** (*ta kat'eme*, lit., “as coisas relativas a mim”; cf. “a meu respeito”, NTLH, RA) de Paulo. Ele lhes contará sobre as condições de moradia e alimentação do apóstolo e de forma geral sobre suas atividades. Em segundo lugar, ele lhes falará sobre a saúde de Paulo. **O que faço** (*ti prasso*) pode ser traduzido por “como estou passando”¹ (cf. BV, NTLH) ou “como estou” (NEB). Paulo diz que o seu mensageiro vos **informará de tudo**. Tíquico estará preparado para fazer um relatório completo destes assuntos.

O versículo 22, no qual Paulo usa as palavras **vos envieí**, foi escrito do ponto de vista dos leitores. Este é o aoristo epistolar no grego. Paulo está enviando (tempo presente) Tíquico, mas na ocasião que lerem a carta ele já terá sido enviado (tempo passado). A mensagem relativa à situação do apóstolo é para que **console** os corações deles. Eles se sentirão fortalecidos e ficarão motivados em sua própria situação quando souberem que Deus está providencialmente cuidando de Paulo.

B. BÊNÇÃO, 6.23,24

Encerrando esta carta majestosa, o apóstolo oferece uma oração abençoadora, na qual menciona “as três grandes qualidades da vida cristã, as três bênçãos, sobre as quais muito falou nesta epístola”.² As principais notas redentoras que transmitiram o tema da unidade ao longo da carta soam mais uma vez na conclusão. Paulo bem sabe que o cristão não pode ser adequadamente cristão se ele não se sobressair em **paz**, em amor **com fé** e em **graça**. Estas não são virtudes humanas naturais; são dons da parte **de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo**.

1. Paz e Fé com Amor (6.23)

Paz (*eirene*) de maneira nenhuma é uma simples saudação, que se interessa pelo bem-estar da pessoa. É mais que tranqüilidade mental e compostura. Segundo se depreende da epístola, trata-se de uma nova relação entre Deus e os homens. Paz em sua natureza essencial é reconciliação. Na medida em que Cristo vive em nosso coração, possuímos paz. Como diz Paulo em 2.14, “[Cristo] é a nossa paz”. A tranqüilidade da alma remida é a tranqüilidade da habitação de Cristo.

Amor com fé sugere que o amor é a virtude primária, fato que está de acordo com a posição de Paulo em outros lugares (cf. 1 Co 13.13). Mas, ainda que o amor seja fundamental, deve ser acompanhado pela fidelidade. Aqui, Paulo está vendo duas virtudes, mas deseja que a conjunção delas apareça em nossa vida cristã. Repare nesta união de fé e amor em 1.15. Afé em Cristo nos torna cristãos, mas é o amor de Cristo derramado em nosso coração que nos identifica como cristãos. Portanto, a fé se manifesta em amor. Paulo ora para que estas qualidades sejam dadas aos irmãos. Esta palavra enfatiza novamente sua preocupação de que o amor fraterno elimine todas as barreiras entre judeus e gentios, criando e mantendo um povo unido.

2. Graça (6.24)

A palavra final desta bênção corresponde à primeira palavra de saudação (cf. 1.2). **Graça**, na definição clássica de “favor imerecido de Deus”, é proeminente nesta epístola.

Paulo pede a Deus que continue mostrando o favor divino aos seus leitores. As pessoas que têm de ser tão abençoadas são **todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade**. A expressão **em sinceridade** (*en aphtharsia*) apresenta certos problemas. *Aphtharsia* quer dizer, literalmente “incorrupção” (Rm 2.7) e normalmente não é utilizado para expressar qualidades morais. Mas em certos casos significa essencialmente “imortalidade” (cf. 1 Co 15.42,50,53,54). O uso geral paulino favorece a idéia de graça “imperecível” ou “imorredoura.”³

Sinceridade, dificilmente, é a tradução apropriada (cf. “amam incorruptivelmente”, BAB; “amor inesgotável”, CH; “amor perene”, AEC, BJ; “amor que não tem fim”, NTLH; “amor incorruptível”, NVI). A tradução de Westcott captura o pensamento de acordo com o que Paulo tem a dizer na sua oração anterior para que os crentes efésios sejam “arraigados e fundados em amor” (3.17). Ele escreve que este amor é “livre de todo elemento passível de corrupção”.⁴ O amor com que o Espírito enche o coração purificado tem seguro contra corrupção, porque a fonte desse amor é o coração puro de Deus. O amor é tão resistente quanto o próprio Deus.

Embora a palavra não esteja nos manuscritos gregos mais antigos (consta na ACF), o leitor se une a algum copista devoto que acrescentou um ressonante **Amém!** à mensagem de Efésios.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹Para inteirar-se de opinião mais extensa sobre a autoria não-paulina entre os estudiosos americanos, cf. Edgar J. Goodspeed, *The Meaning of Ephesians* (Chicago: University of Chicago Press, 1933). Para inteirar-se de excelente análise dos argumentos a favor e contra, cf. Donald Guthrie, *New Testament Introduction: The Pauline Epistles* (Chicago: Inter-Varsity Press, 1961).
- ²B. F. Westcott, J. Armitage Robinson, E. F. Scott, C. H. Dodd, F. F. Bruce, A. H. McNeile e T. Henshaw entre outros.
- ³Guthrie, *op. cit.*, pp. 127, 128.
- ⁴Cf. Ap 3.14-22.
- ⁵Franke W. Beare, "Ephesians" (Exegesis), *Interpreter's Bible*, editado por George Buttrick *et al.*, vol. X (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1953), p. 602.
- ⁶Cf. comentários sobre as passagens nas outras "Epístolas da Prisão": Fp 1.7,13,14,17, Cl 4.2,3,18, Fm 1,9.
- ⁷A declaração mais categórica sobre a hipótese de Paulo ter escrito esta carta da suposta prisão em Éfeso é dada por G. S. Duncan, *The Ephesian Ministry* (Londres: Hodder & Stoughton, 1929).
- ⁸F. F. Bruce, *The Epistle to the Ephesians* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1961), p. 15.
- ⁹Ib., p. 17.

SEÇÃO I

- ¹Em Gl 1.1,11-24, o apóstolo trata terminantemente da questão da sua autoridade apostólica.
- ²R. W. Dale, *Lectures on Ephesians* (Londres: Hodder & Stoughton, 1887), p. 13.
- ³Ver Introdução, "Destinatários".
- ⁴Francis Foulkes, "The Epistle of Paul to the Ephesians", *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963), p. 43.
- ⁵James S. Stewart, *A Man in Christ* (Nova York: Harper & Row, s.d.), p. 147.

SEÇÃO II

- ¹B. F. Westcott, *St. Paul's Epistle to the Ephesians* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 [nova tiragem]), p. 4.
- ²Dale Moody, *Christ and the Church* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963), p. 16.
- ³Cf. o caráter trinitário destas orações (3-14) com a estrutura de 1 Pe 1.3-12.
- ⁴John Wick Bowman, "The Epistle to the Ephesians", *Interpretation*, vol. VIII (abril de 1954), p. 195.
- ⁵Cf. Jo 1.18; Rm 15.6; Hb 1.1-3; 1 Pe 1.3; Ap 1.6.
- ⁶Dale, *op. cit.*, p. 28.
- ⁷F. F. Bruce, *The Epistle to the Ephesians* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1961), p. 27.
- ⁸W. G. M. Martin, "The Epistle to the Ephesians", *The New Bible Commentary*, editado por F. Davidson, 2.^a edição (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953), p. 1.017. Cf. Francis W. Beare, "The Epistle to the Ephesians" (Exegesis), *The Interpreter's*

Bible, editado por George Buttrick et al., vol. X (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1953), p. 634: “No mundo invisível, na esfera do eterno”. Cf. J. Armitage Robinson, *St. Paul's Epistle to the Ephesians: A Revised Text and Translation with Exposition and Notes* (Londres: The Macmillan Company, 1903.), p. 21: “A esfera celestial é a esfera das atividades espirituais: a região imaterial [...] que está por trás do mundo dos sentidos. Nela [esfera celestial] há grandes forças em ação”.

⁹Cf. 1 Co 12.2; 2 Co 5.17; Gl 2.20.

¹⁰Eric Wahlstrom, *The New Life in Christ* (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1950), pp. 89-95.

¹¹Stewart, *op. cit.*, p. 166.

¹²Esta é a única ocorrência desta expressão (antes da fundação do mundo, 1.4) nas cartas de Paulo, mas ela também ocorre em Jo 17.24; 1 Pe 1.20. Cf. idéias semelhantes em Mt 13.35; Lc 11.50; Hb 4.3; Ap 13.8.

¹³S. D. F. Salmond, “Ephesians”, *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll (Londres: Hodder & Stoughton, s.d.), vol. III, p. 249.

¹⁴Robinson, *op. cit.*, p. 26.

¹⁵Westcott, *op. cit.*, p. 8.

¹⁶John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1950 [nova tiragem]), p. 702.

¹⁷N. H. Snaith, “Choose”, “Chosen”, “Elect”, “Election”, *Theological Wordbook of the Bible*, editado por Alan Richardson (Londres: SCM Press, 1950), p. 44.

¹⁸Cf. a análise de Dale sobre a ausência de especulação na eleição (1.4) em *op. cit.*, pp. 25-33. Cf. tb. A. M. Hunter, *Interpreting Paul's Gospel* (Londres: SCM Press, 1954), pp. 136-38.

¹⁹Snaith, *op. cit.*, p. 44.

²⁰Martin, *op. cit.*, p. 1.017.

²¹Dale, *op. cit.*, pp. 31, 32.

²²Toulkes, *op. cit.*, p. 47. Cf. Rm 1.9; 2 Co 4.2; Gl 1.20; 1 Ts 2.5.

²³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 251.

²⁴Robinson, *op. cit.*, p. 27.

²⁵Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 251.

²⁶Cf. a longa análise de Barclay sobre adoção (1.5) em “The Letters to the Galatians and Ephesians”, 2.^a edição, *The Daily Study Bible* (Filadélfia: Westminster Press, 1958), pp. 91, 92. Cf. D. J. Theron, “Adoption in the Pauline Corpus”, *The Evangelical Quarterly*, vol. XXVIII (1956), pp. 6ss. O autor conclui que foi o costume judaico, e não o costume greco-romano, que serviu de base para a idéia de Paulo, talvez em referência à libertação de Israel da escravidão egípcia.

²⁷Westcott, *op. cit.*, p. 9.

²⁸Cf. em Gl 4.4-7 a declaração explícita de Paulo sobre esta relação adotiva (1.5).

²⁹Bruce, *op. cit.*, p. 30.

³⁰Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 252.

³¹Westcott, *op. cit.*, p. 10.

³²Para inteirar-se de uma análise perspicaz da graça (1.6), ver N. H. Snaith, “Grace”, *Theological Wordbook of the Bible*, editado por Alan Richardson (Londres: SCM Press, 1950), pp. 100-102.

³³Este verbo grego charitoo é raro. No NT, ocorre somente aqui (1.6) e em Lc 1.28.

³⁴Bruce, *op. cit.*, p. 30.

³⁵Cf. G. Johnston, "Beloved", *Interpreter's Dictionary of the Bible* (Nova York: Abingdon Press, 1962). vol. I, p. 378; ver tb. Vincent Taylor, *The Names of Jesus* (Londres: The Macmillan Company, 1954), pp. 159, 160.

³⁶Salmond, *op. cit.*, p. 253.

³⁷William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature* (Chicago: University of Chicago Press, 1957), p. 95.

³⁸Cf. Leon Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955), pp. 37-48; James Denney, "Romans", *Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, 3.^a edição (Londres: Hodder & Stoughton, 1908), vol. II, p. 610; William Sanday e Arthur C. Headlam, "The Epistle to the Romans", *The International Critical Commentary*, 5.^a edição (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1899), p. 86.

³⁹Westcott, C. H. Dodd, Vincent Taylor, P. T. Forsyth.

⁴⁰J. Moffatt, J. Denney, J. Armitage Robinson, Leon Morris.

⁴¹Vincent Taylor, *Forgiveness and Reconciliation* (Londres: The Macmillan Company, 1956), p. 6.

⁴²Dale, *op. cit.*, p. 63.

⁴³James S. Stewart, *A Faith to Proclaim* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1953.), p. 70. Esta citação foi tirada de uma das passagens mais profundas sobre perdão de toda a literatura contemporânea.

⁴⁴Nesta epístola, Paulo fala seis vezes acerca das riquezas de Deus: 1.7,18; 2.4,7; 3.8,16.

⁴⁵Foulkes, *op. cit.*, p. 50; cf. Fp 4.19.

⁴⁶Ainda prevalece certa dúvida sobre esta questão: A frase em toda a sabedoria e prudência deve modificar abundante ou descobrindo-nos (1.8,9)? Westcott, Salmond, Beare favorecem a primeira opção (cf. ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NVI [ver nota de rodapé da NVI], RA, RC), ao passo que Goodspeed favorece a última (cf. NTLH). A análise de Salmond (*op. cit.*, vol. III, pp. 256-258) é excelente. Ele conclui que a intenção de Paulo era indicar os dois dons — sabedoria e prudência —, que emanam da graça de Deus, e não necessariamente "definir o modo no qual Deus tornou conhecido 'o mistério da sua vontade'. [...] Além disso, é a graça de Deus que é exaltada no parágrafo e isso não em relação às outras qualidades no próprio Deus, mas em relação ao que a graça faz por nós" (p. 257).

⁴⁷Robinson, *op. cit.*, p. 30. Observe o que ele tem a dizer acerca do uso que Paulo faz da sabedoria em 1 Coríntios.

⁴⁸Barclay, *op. cit.*, p. 96.

⁴⁹John A. Mackay, *God's Order: The Ephesian Letter and This Present Time* (Nova York: The Macmillan Company, 1953.), p. 59. Cf. tb. a análise que ele faz sobre o uso do mistério em vigor nos dias de Paulo, pp. 59, 60.

⁵⁰W. G. Blaikie, "Ephesians", *The Pulpit Commentary*, editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell (Londres: Funk & Wagnalls Company, 1913), p. 13.

⁵¹Westcott, *op. cit.*, p. 13.

⁵²Bruce, *op. cit.*, p. 32.

⁵³E. F. Scott, "The Epistles of Paul to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians", *Moffatt New Testament Commentary* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), p. 145.

- ⁵⁴J. B. Lightfoot, *Notes on the Epistles of St. Paul* (Londres: The Macmillan Company, 1895), p. 322.
- ⁵⁵Beare, *op. cit.*, p. 619.
- ⁵⁶Westcott, *op. cit.*, p. 13. Para inteirar-se de uma análise esclarecedora dos termos gregos *chronos* e *kairos*, cf. Edmund Perry, "The Biblical Viewpoint", *The Journal of Bible and Religion*, vol. XXVII (Abril de 1959), pp. 127-132..
- ⁵⁷Perry, *op. cit.*, p. 131.
- ⁵⁸Foulkes, *op. cit.*, p. 54; ver Dt 4.20; 9.29; 32.9,10; Zc 2.12.
- ⁵⁹Cf. Rm 9.3-5.
- ⁶⁰Bruce, *op. cit.*, p. 34. Cf. Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 264, para inteira-se da diferença entre conselho (*boule*) e vontade (*thelema*). Ele percebe que aqui (1.11), *boule* envolve as idéias de inteligência e deliberação, ao passo que *thelema* seria simplesmente volição. O ponto é que Deus não age arbitrariamente, mas racionalmente.
- ⁶¹Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 265. E sobre 1.12 acrescenta: "Por conseguinte, talvez seja mais simples [...] considerar que Paulo esteja falando nesta frase especificamente sobre aqueles que, como ele, foram outrora judeus, que tinham as profecias messiânicas e esperavam o Messias e que, pela graça de Deus, foram levados a ver que em Cristo eles encontraram o Messias" (ib., p. 266). Para inteirar-se da opinião que assevera que Paulo tinha em mente a prioridade no tempo para os judeus receberem a Cristo, cf. Bruce, *op. cit.*, pp. 34, 35.
- ⁶²Cf. "o evangelho da graça de Deus" (At 20.24); "o evangelho de Deus" (1 Ts 2.9).
- ⁶³John Eadie, *Commentary on the Epistle to the Ephesians* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1955 [nova tiragem]), p. 66.
- ⁶⁴Wesley, *op. cit.*, p. 704.
- ⁶⁵Ralph Earle, "Gleanings from the Greek New Testament", *Preacher's Magazine*, vol. XXXVII (Agosto de 1962), p. 9.
- ⁶⁶Robinson, *op. cit.*, p. 35.
- ⁶⁷Dale, *op. cit.*, p. 127.
- ⁶⁸Outros exemplos de penhor (1.14) no NT são 2 Co 1.22; 5.5.
- ⁶⁹Lightfoot, *op. cit.*, p. 323.
- ⁷⁰Ib., p. 324.
- ⁷¹Barclay, *op. cit.*, p. 102.
- ⁷²E. F. Scott, Goodspeed, Moffatt.
- ⁷³Westcott, Robinson, Wesley *et al.*; cf. Tt 2.14; 1 Pe 2.9; ver tb. Êx 19.5; Mt 3.17.
- ⁷⁴Foulkes, *op. cit.*, p. 57; cf. a teoria de Westcott (1.14) que diz que a declaração inclui todas as coisas criadas (*op. cit.*, pp. 17, 18); e, segundo Bruce, o conceito dual da herança: nós em Cristo e Deus em nós (*op. cit.*, p. 38).

SEÇÃO III

- ¹⁴A conexão do pensamento ocorre da seguinte forma: Só porque nós, cristãos, fomos tão profusamente abençoados, e também porque vocês se tornaram participantes desta bênção" (G. Stoeckhardt, *Commentary on St. Paul's Letter to the Ephesians*, traduzido para o inglês por Martin S. Sommer [St. Louis: Concordia Publishing House, 1952], p. 100).

²Cf. Rm 1.8; Cl 1.3-9. Alguns estudiosos entendem que este versículo (1.15) indica que Paulo não fundou esta igreja e que nunca a visitara. A expressão ouvindo eu também a fé que entre vós há é forte indício a favor da opinião de que a epístola não foi escrita originalmente para Éfeso; é certo que ele conhecia pessoalmente os efésios.

³Westcott observa: “O uso da expressão *ho kurios Jesus* [o Senhor Jesus, 1.15] é significativa. A confissão ‘kurios Jesus’ era o credo cristão mais antigo: 1 Co 12.3; Rm 10.9” (*op. cit.*, p. 21).

⁴Os dizeres vossa caridade (1.15) não ocorrem no Papiro Chester Beatty (P46); pelos Códices Sinaítico, Alexandrino e Vaticano; cf., porém, Rm 1.8; 2 Ts 1.3; Fm 5; Cl 1.4,5.

⁵Foulkes, *op. cit.*, p. 59.

⁶Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 627; Robinson traduz o termo lembrando-me (1.16) por “intercedendo” (*op. cit.*, p. 149).

⁷Bruce, *op. cit.*, p. 38.

⁸Westcott, *op. cit.*, p. 22; cf. Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 273, acerca da questão da deidade de Cristo: “Em relação à sua missão, sua mediação, sua obra oficial e relações, ele tem Deus como o seu Deus, de quem recebe autoridade e cujo propósito redentor ele há de cumprir”.

⁹Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 628; repare que Tg 2.1 fala de “nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória”, dando a entender que o Filho possui a mesma glória. Cf. Westcott, *op. cit.*, pp. 187-189, sobre a expressão grega *he doxa*.

¹⁰Blaikie, *op. cit.*, p. 6.

¹¹Note que a palavra espírito (1.17) não está grafada com inicial maiúscula na ACF, AEC, BAB, BJ, NVI, RA, RC embora esteja na NTLH (ver nota de rodapé na NVI).

¹²Robinson, *op. cit.*, p. 39.

¹³Blaikie, *op. cit.*, p. 6.

¹⁴Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 628, 629.

¹⁵J. B. Lightfoot, *Notes on the Epistles of St. Paul* (Londres: The Macmillan Company, 1895), p. 138.

¹⁶Dale, *op. cit.*, pp. 133-142.

¹⁷Ib., p. 133.

¹⁸Ib., p. 137.

¹⁹Ib., p. 142.

²⁰Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 629.

²¹Ib., cf. Sl 51.10,17; Mt 5.8; Rm 10.10.

²²*The Apocrypha of the Old Testament*, Revised Standard Version (RSV), editado por Bruce M. Metzger (Nova York: Oxford University Press, 1965), pp. 56, 57. [Tradução do tradutor deste comentário.]

²³Bruce, *op. cit.*, p. 40.

²⁴Cf. a diferença entre estas quatro palavras gregas (*dynamis*, *energeia*, *kratos*, *ischys*, 1.19) em Merrill C. Tenney, *The Reality of the Resurrection* (Nova York: Harper & Row, 1963), p. 73.

²⁵Westcott, *op. cit.*, p. 24.

²⁶Ib.

²⁷At 2.24,32; 3.15; 4.10; 10.40; 13.33-37; 17.31; Rm 1.4; 2 Co 13.4.

- ²⁸Michael Ramsay, *The Resurrection of Christ*, 2ª edição (Londres: Geoffrey Bles, 1946), p. 7; cf. tb. Floyd V. Filson, *Jesus Christ, the Risen Lord* (Nova York: Abingdon Press, 1956), p. 25.
- ²⁹Bruce, *op. cit.*, p. 41.
- ³⁰Markus Barth, *The Broken Wall: A Study of the Epistle to the Ephesians* (Londres: Collins, 1960), pp. 47, 48.
- ³¹Pedro, no Dia de Pentecostes, fala da exaltação em conexão com a ressurreição (At 2.33; cf. tb. Rm 8.34; Cl 3.1; Hb 1.3; 8.1; 1 Pe 3.22).
- ³²Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 635; Bruce, *op. cit.*, p. 42: “e quaisquer nomes que eles tenham”; Robinson, *op. cit.*, p. 41: “e todo título ou dignidade que seja ou possa ser dada como designação de majestade” (1.21).
- ³³Cf. Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 279, sobre o conceito judaico de duas eras (1.21); ver tb. 6.12; 1 Co 15.24ss.
- ³⁴Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 635.
- ³⁵Mackay, *op. cit.*, p. 94.
- ³⁶Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 281.
- ³⁷J. Armitage T. Robinson, *The Body* (Naperville, Illinois: Alec R. Allenson, Incorporated, 1952), p. 50.
- ³⁸T. W. Manson, “The Church, the Body of Christ”, *Journal of Theological Studies*, vol. 37 (1936), p. 385.
- ³⁹A. E. J. Rawlinson, “Corpus Christi”, *Mysterium Christi*, editado por G. K. A. Bell e A. Deissmann (Londres: Longmans, 1930), p. 228. A vinculação de Robinson e Bruce sobre esta compreensão da experiência de conversão de Paulo (ver Cristo nos cristãos) não é convincente.
- ⁴⁰1 Co 10.17, NVI.
- ⁴¹Wesley, *op. cit.*, p. 706, cf. W. L. Knox, *St. Paul and the Church of the Gentiles* (Nova York: The Macmillan Company, 1939), p. 186: “aquilo que é enchido por ele que sempre está sendo enchido (por Deus)”.
- ⁴²J. Armitage Robinson, *op. cit.*, pp. 42-45; cf. Cl 1.24; cf. William Barclay, *The Mind of St. Paul* (Londres: Collins, 1958), pp. 248-250; Martin, *op. cit.*, p. 1.019.
- ⁴³J. A. T. Robinson, Salmond, E. F. Scott, Moffatt *et al.* defendem esta interpretação.
- ⁴⁴Foulkes, *op. cit.*, p. 67.
- ⁴⁵Cf. Westcott, *op. cit.*, p. 28; Barclay, *The Mind of St. Paul*, p. 250.
- ⁴⁶J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon* (Londres: The Macmillan Company, 1927 [nova tiragem]), p. 263.
- ⁴⁷A palavra vivificou está em itálico (2.1), indicando que não ocorre no texto grego (não consta em BAB, BJ, BV, CH, NVI, NTLH; aparece em ACF, AEC, RA, RC). Na verdade, a frase que começa no v. 1 e vai até o v. 3 está incompleta. Por isso, os tradutores acrescentaram esta palavra para dar sentido à frase. Obviamente, era isso que Paulo pretendia dizer.
- ⁴⁸J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 48.
- ⁴⁹Ralph Earle, “Gleanings from the Greek New Testament”, *Preacher's Magazine*, vol. XXXVIII (fevereiro de 1963), p. 17.
- ⁵⁰Eadie, *op. cit.*, p. 119.
- ⁵¹Bruce, *op. cit.*, p. 48.

⁵²Foulkes, *op. cit.*, p. 70; cf. Cl 3.6.

⁵³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 285.

⁵⁴Ib., vol. III, p. 286.

⁵⁵W. T. Purkiser, "Second Thoughts on 'The Wrath'," *Seminary Tower*, vol. XIV (outono de 1958), p. 3.

⁵⁶Bruce, *op. cit.*, p. 50.

⁵⁷Ib., p. 51.

⁵⁸Cf. Rm 4.5; 11.6.

⁵⁹E. K. Simpson e F. F. Bruce, "The Epistles of Paul to the Ephesians and to the Colossians", *New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957), p. 54. Cf. W. T. Whitely (editor), *The Doctrine of Grace* (Nova York: The Macmillan Company, 1931), pp. 43, 44.

⁶⁰Wesley, *op. cit.*, p. 707.

SEÇÃO IV

¹Mackay, *op. cit.*, p. 40.

²Cf. Barclay, *Ephesians*, p. 125, acerca do desprezo que os judeus têm pelos gentios.

³Bruce, *op. cit.*, p. 53; cf. Rm 9.5.

⁴Foulkes, *op. cit.*, p. 79.

⁵Cf. G. E. Mendenhall, "Covenant", *Interpreter's Dictionary of the Bible*, vol. I (Nova York: Abingdon Press, 1962), pp. 714-723.

⁶Dale, *op. cit.*, pp. 206, 207.

⁷Westcott, *op. cit.*, p. 36; cf. a descrição que Paulo faz dos gentios em Rm 1.18ss.

⁸Ib.

⁹Bruce, *op. cit.*, p. 54; cf. 1.7.

¹⁰Robinson, *op. cit.*, p. 58.

¹¹Barth, *op. cit.*, p. 37.

¹²Ib., pp. 33-36.

¹³Bruce, Martin (NBC), Wesley, Barclay, J. A. Robinson *et al.* Ver a experiência de Paulo registrada em At 21.29ss.

¹⁴Barth, *op. cit.*, p. 37.

¹⁵Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 656; cf. Cl 2.14.

¹⁶Foulkes, *op. cit.*, p. 83.

¹⁷Blaikie, *op. cit.*, p. 64.

¹⁸Westcott, *op. cit.*, p. 39; cf. tb. J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 66; cf. Jo 14.27; 16.33; 20.19-23.

¹⁹Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 659.

²⁰Ib., p. 660.

²¹Blaikie, *op. cit.*, p. 67.

²²Bruce, *op. cit.*, pp. 56, 57.

²³J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 67.

²⁴Wesley, *op. cit.*, p. 709.

²⁵Cf. At 4.11; 1 Pe 2.7.

²⁶Foulkes, *op. cit.*, p. 87; Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 300. J. H. Thayer faz esta observação: “Pois como a pedra de esquina une e firma duas paredes, assim Cristo une e firma como cristãos, em um corpo dedicado a Deus, os que eram antigamente judeus e gentios” (*A Greek-English Lexicon of the New Testament* [Nova York: American Book Company, 1889], p. 24).

²⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 661.

²⁸Bruce, *op. cit.*, p. 57.

²⁹Mackay, *op. cit.*, p. 131.

³⁰*Ib.*

³¹Cf. a oração de Salomão registrada em 2 Cr 6.12—7.3.

³²Mackay, *op. cit.*, p. 132. Para inteirar-se de outra análise destas metáforas, ver Paul S. Minear, *Images of the Church in the New Testament* (Filadélfia: Westminster Press, 1960).

SEÇÃO V

¹Cf. Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 302.

²Cf. Rm 12.3; 15.15; 1 Co 3.10; Gl 2.9.

³Charles Hodge, *A Commentary on the Epistle to the Ephesians* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950), p. 159.

⁴Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 665.

⁵Hodge, *op. cit.*, pp. 159, 160; cf. Cl 1.25.

⁶Bruce, *op. cit.*, p. 61.

⁷*Ib.*

⁸Foulkes, *op. cit.*, pp. 93, 94.

⁹J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 77.

¹⁰Moffatt traduz as três palavras gregas (3.6: *synkleronoma*, *synsoma* e *synmetocha*) por “co-herdeiros, companheiros e co-parceiros”.

¹¹Hodge, *op. cit.*, p. 165; cf. 1.13,14; Gl 3.29; 4.7.

¹²*Ib.*

¹³Foulkes, *op. cit.*, p. 94.

¹⁴Westcott, *op. cit.*, pp. 46, 47.

¹⁵Cf. Hodge, *op. cit.*, p. 166.

¹⁶Blaikie, *op. cit.*, p. 105.

¹⁷Cf. auto-depreciação similar (3.8) em 1 Co 15.9; 2 Co 12.11; 1 Tm 1.15.

¹⁸Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 669.

¹⁹A palavra grega *Christou* (3.8) tem o artigo acoplado à palavra, desta forma indicando este uso messiânico.

²⁰Westcott, *op. cit.*, p. 48.

- ²¹Bruce, *op. cit.*, p. 64.
- ²²Hodge, *op. cit.*, p. 171.
- ²³Westcott, *op. cit.*, p. 48.
- ²⁴Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 309; cf. Bruce, *op. cit.*, pp. 64, 65.
- ²⁵Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 671.
- ²⁶Robinson, *op. cit.*, p. 80.
- ²⁷Westcott, *op. cit.*, p. 49; cf. tb. Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 310; Bruce combina as duas possibilidades (3.11) e fala que Cristo é “o centro e a circunferência deste propósito” (*op. cit.*, p. 65).
- ²⁸Cf. 6.19; Hb 4.16; 10.19.
- ²⁹Bruce, *op. cit.*, p. 65.
- ³⁰Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 310.
- ³¹Ib., pp. 310, 311.
- ³²J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 80.
- ³³Foulkes, *op. cit.*, p. 101; cf. tb. Barclay, *op. cit.*, p. 150. Para ver exemplos bíblicos desta postura (3.14), ver 1 Rs 8.54; Lc 22.41; At 7.60; 9.40; 20.36; 31.5.
- ³⁴Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 675.
- ³⁵Para inteirar-se de opinião contrária (3.15), ver Hodge, *op. cit.*, pp. 179, 180; Alfred Martin, “Ephesians”, *The Wycliffe Bible Commentary*, editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison (Chicago: Moody Press, 1962), p. 1.309.
- ³⁶F. F. Bruce, *The Letters of Paul: An Expanded Paraphrase* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1965), p. 275.
- ³⁷Westcott, *op. cit.*, p. 50.
- ³⁸W. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 1.023.
- ³⁹Westcott, *op. cit.*, p. 51.
- ⁴⁰H. C. G. Moule, *Ephesian Studies*, 2ª edição (Londres: Pickering & Inglis, Limited, s.d.), p. 129.
- ⁴¹Bruce, *Ephesians*, p. 67; cf. Rm 7.22.
- ⁴²Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 678.
- ⁴³Foulkes, *op. cit.*, p. 103; cf. o ponto de vista de Salmond que este é o fim e o efeito do fortalecimento (3.16,17), *op. cit.*, vol. III, p. 314.
- ⁴⁴Moule, *op. cit.*, p. 130.
- ⁴⁵Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 679.
- ⁴⁶Dale, *op. cit.*, p. 250.
- ⁴⁷J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 86.
- ⁴⁸Bruce, *Ephesians*, p. 68.
- ⁴⁹Cf. Wesley, *Notes*, p. 711; Barclay, *op. cit.*, p. 155.
- ⁵⁰Beare, *op. cit.*, p. X, p. 679.
- ⁵¹Hodge, *op. cit.*, pp. 189, 190.
- ⁵²Ib.
- ⁵³Wesley, *op. cit.*, p. 711.

⁵⁴Martin, *op. cit.*, p. 1.023.

⁵⁵Dale, *op. cit.*, p. 258.

⁵⁶Dwight H. Small, *The High Cost of Holy Living* (Chicago: Covenant Press, 1964), p. 13.

⁵⁷Charles R. Erdman, *The Epistle of Paul to the Ephesians* (Filadélfia: Westminster Press, 1931), p. 71.

⁵⁸Bruce, *Ephesians*, p. 71.

⁵⁹W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul*.

SEÇÃO VI

¹Barth, *op. cit.*, p. 142.

²Moody, *op. cit.*, p. 87.

³Moule, *op. cit.*, p. 174.

⁴Westcott, *op. cit.*, p. 57.

⁵Hodge, *op. cit.*, p. 200.

⁶Moule, *op. cit.*, pp. 176, 177.

⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 684.

⁸Cf. Salmond, Calvino, Hodge, Beare para inteirar-se de uma análise sobre o uso de Paulo do termo grego *pneuma* em 4.3.

⁹Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 321; cf. Cl 3.14.

¹⁰O título desta subseção é de John A. Mackay, *op. cit.*, p. 135.

¹¹John Calvin, *Commentaries on the Epistles of Paul to the Galatians and Ephesians*, traduzido para o inglês por William Pringle (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 [nova tiragem]), p. 269.

¹²Mackay, *op. cit.*, p. 136.

¹³Ib.

¹⁴Ib.

¹⁵Foulkes, *op. cit.*, p. 112.

¹⁶Mackay, *op. cit.*, p. 137.

¹⁷Cf. At 2.36; Rm 14.9; 1 Co 12.3; Fp 2.11. Para inteirar-se de uma refutação eficaz da teoria de que a designação de Cristo como Senhor foi um desenvolvimento da igreja helenística, ver Alan Richardson, *An Introduction to the Theology of the New Testament* (Nova York: Harper & Brothers, 1958), pp. 153, 154.

¹⁸Cf. Blaikie, *op. cit.*, p. 147.

¹⁹Bruce, *Ephesians*, p. 79.

²⁰Ross E. Price, "The 'One' Baptism", *Herald of Holiness*, vol. L (8 de março de 1961), pp. 10, 11.

²¹Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 322.

²²Dale, *op. cit.*, p. 269.

²³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 323.

²⁴Ib.

- ²⁵Cf. Hodge, Calvino, Salmond para inteirar-se de análises sobre a diferença entre a citação de Paulo (4.8) e a tradução do salmo.
- ²⁶Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 689.
- ²⁷Moule, *op. cit.*, p. 190.
- ²⁸Barclay, *op. cit.*, p. 178.
- ²⁹Wesley, *op. cit.*, p. 713; cf. tb. Salmond, Hodge, Bruce, Foulkes.
- ³⁰Foulkes, *op. cit.*, p. 118.
- ³¹Bruce, *Ephesians*, p. 85.
- ³²Cf. a tradução de Phillips (“A fim de que o corpo todo seja edificado até chegar o tempo em que, na unidade da fé em comum e do conhecimento em comum do Filho de Deus, alcancemos a verdadeira maturidade — aquela medida de desenvolvimento implícita na expressão ‘a plenitude de Cristo’”, CH).
- ³³Cf. Bruce, *Ephesians*, p. 87.
- ³⁴Para inteirar-se de uma análise completa e precisa do significado de “perfeito” neste contexto (4.13) ver Ralph Earle, “Gleanings from the Greek New Testament”, *Preacher’s Magazine*, vol. XXXVIII (janeiro-dezembro de 1963), pp. 15, 16.
- ³⁵Hodge, *op. cit.*, p. 234.
- ³⁶Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 333.
- ³⁷Moule, *op. cit.*, p. 193; cf. Rm 16.17,18; 2 Co 2.17; 11.13; Gl 2.4; Cl 2.8.
- ³⁸Dale, *op. cit.*, p. 281.
- ³⁹Note o uso destas palavras (bem ajustado e ligado, 4.16) em 2.21 e Cl 2.2,19.
- ⁴⁰Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 695.

SEÇÃO VII

- ¹Dale, *op. cit.*, p. 296.
- ²Bruce, *The Letters of Paul*, p. 277.
- ³Bruce comenta (4.17): “É a vontade do Senhor” (*Ephesians*, p. 90).
- ⁴Hodge, *op. cit.*, p. 248; Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 338; “testifico com o Senhor” (4.17, NASB).
- ⁵Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 339.
- ⁶W. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 1.025.
- ⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 697.
- ⁸Bruce, *The Letter of Paul*, p. 277.
- ⁹Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 340.
- ¹⁰Hodge, *op. cit.*, p. 256.
- ¹¹Cf. Bruce, CH, NTLH.
- ¹²Blaikie, *op. cit.*, p. 151.
- ¹³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 341.
- ¹⁴J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 106.
- ¹⁵Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 698.

¹⁶Salmond, vol. III, p. 342.

¹⁷Dale, *op. cit.*, p. 314.

¹⁸Ib., p. 311.

¹⁹Moule, *op. cit.*, p. 220.

²⁰Ib., p. 211.

²¹Amos Binney e Daniel Steele, *The People's Commentary* (Nova York: Eaton & Mains, 1878), p. 527. Este comentário afirma que "o velho homem" é o oposto de "a nova criatura" (2 Co 5.17).

²²Henry E. Brockett, *Scriptural Freedom from Sin* (Kansas City, Missouri: Nazarene Publishing House, 1941), p. 100.

²³Para inteirar-se de uma exegese cuidadosa acerca desta posição, cf. Cecil Paul, "A Study of the Sixth Chapter of Romans with Special Reference to the Question of Freedom from Sin", tese inédita para grau em Bacharel em Teologia (B.D.), Nazarene Theological Seminary, 1958 (cf. Binney e Steele, *op. cit.*, p. 408).

²⁴Cf. Roy A. Harrisville, *The Concept of Newness in the New Testament* (Mineápolis: Augsburg Publishing House, 1960), pp. 75ss.

²⁵W. T. Purkiser, *Sanctification and Its Synonyms* (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1961), p. 58; cf. modificada declaração, p. 89; cf. Charles E. Brown, *The Meaning of Sanctification* (Anderson, Indiana: The Warner Press, 1945), p. 215.

²⁶Harry E. Jessop, *The Heritage of Holiness* (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1950), p. 43; cf. tb. o livro do mesmo autor *Foundations of Doctrine* (Chicago: Chicago Evangelistic Institute, 1938), p. 13.

²⁷Wesley, *op. cit.*, p. 715.

²⁸William Greathouse, "Ephesians", *Search the Scriptures*, editado por Norman R. Oke (Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, s.d.), vol. X, p. 35. Cf. tb. os comentários de Greathouse sobre Rm 6.1-14 em *Search the Scriptures* e no CBB, vol. 8.

²⁹Clarke, *op. cit.*, vol. II, p. 79.

³⁰Foulkes, *op. cit.*, p. 130.

³¹Harrisville, *op. cit.*, p. 68.

³²Ib.

³³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 344.

³⁴Westcott, *op. cit.*, p. 73.

³⁵Hodge, *op. cit.*, p. 269.

³⁶Foulkes, *op. cit.*, p. 133.

³⁷W. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 1.026.

³⁸Hodge, *op. cit.*, p. 272.

³⁹Moule, *op. cit.*, p. 233.

⁴⁰Wesley, "que fede nas narinas de Deus", 4.29 (*op. cit.*, p. 716).

⁴¹Hodges, *op. cit.*, p. 274.

⁴²Westcott, *op. cit.*, p. 75.

SEÇÃO VIII

¹Tema sugerido por Markus Barth, *op. cit.*, p. 159.

²Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 350.

³Cf. William Lillie, *Studies in New Testament Ethics* (Filadélfia: Westminster Press, 1963), pp. 163-181.

⁴Hodge, *op. cit.*, p. 278.

⁵Cf. J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 114.

⁶Mackay, *op. cit.*, p. 170.

⁷Foulkes, *op. cit.*, p. 141.

⁸Cf. a descrição de Barclay sobre as condições no mundo greco-romano do século I d.C. (*op. cit.*, p. 191).

⁹Robinson, *op. cit.*, p. 116.

¹⁰Alfred Martin, *op. cit.*, p. 1.313.

¹¹Cf. o mesmo contraste (5.8) em 1 Co 6.9-11; 1 Ts 5.4,5.

¹²Mackay, *op. cit.*, p. 167.

¹³Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 709; cf. paralelos (5.9) em Jo 3.19-21; 1 Jo 1 5-7; 2.8-11.

¹⁴Ib.; cf. Rm 12.2.

¹⁵Calvin, *op. cit.*, p. 310.

¹⁶Foulkes, *op. cit.*, p. 146.

¹⁷Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 356.

¹⁸Cf. Beare, Foulkes, Alfred Martin, Phillips (CH), NASB.

¹⁹A. M. Hunter, "The Letter to the Ephesians", *Layman's Bible Commentary* (Richmond: John Knox Press, 1959), p. 70.

²⁰Barclay, *op. cit.*, p. 196.

²¹Moule, *op. cit.*, p. 261.

²²Hodge, *op. cit.*, p. 298.

²³Cf. Beare, *op. cit.*, vol. X, pp. 712, 713.

²⁴Bruce, *Ephesians*, p. 109.

²⁵Erdman, *op. cit.*, p. 103.

²⁶Blaikie, *op. cit.*, p. 210.

²⁷Ralph Earle, "Gleanings from the Greek New Testament", *Nazarene Preacher*, vol. XXXIX (outubro de 1964), p. 38.

²⁸Moule, *op. cit.*, pp. 274, 275.

²⁹Erdman, *op. cit.*, p. 105; cf. Westcott, *op. cit.*, p. 82: "A música externa tinha de ser acompanhada pela música interna do coração" (5.19).

³⁰John A. Allan, "The Epistle to the Ephesians", *The Torch Bible Commentaries* (Londres: SCM Press, Limited, 1959), p. 125.

SEÇÃO IX

¹Dale, *op. cit.*, p. 349.

²A questão estado-cidadão é analisada em Rm 13.1-7 (cf. Cl 3.18—4.1 para inteirar-se de outra lista de “deveres domésticos”).

³W. O. Carver, *The Glory of God in the Christian Calling* (Nashville: Broadman Press, 1949), p. 165.

⁴Westcott, *op. cit.*, pp. 82, 83.

⁵Mackay, *op. cit.*, p. 188.

⁶Bruce, *Ephesians*, p. 114.

⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 720.

⁸Ib.

⁹Bruce, *Ephesians*, p. 114.

¹⁰W. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 1.028.

¹¹Foulkes, *op. cit.*, p. 157.

¹²Moule, *op. cit.*, p. 291.

¹³Hodge, *op. cit.*, p. 320.

¹⁴Bruce, *Ephesians*, p. 116.

¹⁵Wesley, *op. cit.*, p. 719; Dale, *op. cit.*, p. 358.

¹⁶Barclay, *op. cit.*, p. 206.

¹⁷Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 369.

¹⁸Westcott, *op. cit.*, p. 85.

¹⁹Wesley, *op. cit.*, p. 719.

²⁰Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 724.

²¹Ib., p. 725.

²²Cf. Salmond para inteirar-se de um resumo da história da interpretação (*op. cit.*, vol. III, pp. 372, 373).

²³Barclay, *op. cit.*, p. 207.

²⁴Foulkes, *op. cit.*, p. 162.

²⁵W. H. Davis, *Greek Papyri of the First Century* (Nova York: Harper & Brothers, 1933), p. 1; cf. a análise de Barclay, *op. cit.*, pp. 207ss.

²⁶Alfred Martin, *op. cit.*, p. 1.315.

²⁷Moule, *op. cit.*, p. 303.

²⁸Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 375.

²⁹Ib.

³⁰Cf. Moody, *op. cit.*, p. 129; para inteirar-se de análises extensas ver Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 375; Foulkes, *op. cit.*, pp. 164, 165.

³¹Theodore Wedel, “The Epistle to the Ephesians” (Exposition), *The Interpreter’s Bible*, editado por George Buttrick *et al.*, vol. X (Nova York: Abingdon Cokesbury Press, 1953), p. 731.

³²Hodge, *op. cit.*, p. 359.

- ³³Ib.
- ³⁴Hodge, *op. cit.*, p. 359.
- ³⁵Foulkes, *op. cit.*, p. 166.
- ³⁶Cf. A. H. J. Greenidge, *Roman Public Life* (Londres: The Macmillan Company, 1901), pp. 21-24; Barclay, *op. cit.*, pp. 212-214.
- ³⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 732.
- ³⁸Bruce, *Ephesians*, p. 125.
- ³⁹Ib.
- ⁴⁰Hodge, *op. cit.*, p. 363.
- ⁴¹Bruce, *Ephesians*, p. 122.
- ⁴²Cf. Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 733.
- ⁴³Ib.
- ⁴⁴Hodge, *op. cit.*, p. 364.
- ⁴⁵Salmond, *op. cit.*, vol. III, p., 378.
- ⁴⁶Barclay, *op. cit.*, p. 215.
- ⁴⁷Bruce, *Ephesians*, p. 124.
- ⁴⁸Westcott, *op. cit.*, p. 90.
- ⁴⁹Cf. Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 734.
- ⁵⁰Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 380.
- ⁵¹Westcott, *op. cit.*, p. 90.
- ⁵²Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 380.
- ⁵³Moody, *op. cit.*, p. 133.
- ⁵⁴Cf. a análise de Mackay, *op. cit.*, pp. 191-194.

SEÇÃO X

- ¹Erdman, *op. cit.*, p. 121.
- ²Westcott, *op. cit.*, p. 92.
- ³Cf. Salmond, Beare, Goodspeed, Westcott; cf. Gl 6.17.
- ⁴W. G. M. Martin, *op. cit.*, p. 1.029.
- ⁵Cf. Beare, W. G. M. Martin *et al.*
- ⁶Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 382.
- ⁷Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 737.
- ⁸Bruce, *Ephesians*, p. 127.
- ⁹Para inteirar-se de análise extensa destas palavras (6.12), cf. Moody, *op. cit.*, pp. 139-141.
- ¹⁰Mackay, *op. cit.*, p. 195.
- ¹¹Ib.
- ¹²Ib.
- ¹³Wesley, *op. cit.*, p. 722.

- ¹⁴Cf. Hodge, *op. cit.*, p. 381; Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 385; Erdman, *op. cit.*, p. 123.
- ¹⁵Bruce, *Ephesians*, p. 129; cf. Westcott, *op. cit.*, p. 95.
- ¹⁶J. A. Robinson, *op. cit.*, p. 133.
- ¹⁷Polybius, *History*, vol. VI, p. 23.
- ¹⁸J. A. Robinson, *op. cit.*, pp. 133, 134; cf. a opinião de Barclay sobre Paulo estar acorrentado a um soldado em Roma, *op. cit.*, pp. 216, 217.
- ¹⁹Hodge, *op. cit.*, p. 382.
- ²⁰Moule, *op. cit.*, p. 328.
- ²¹Barclay, *op. cit.*, p. 217.
- ²²Dale, *op. cit.*, p. 217.
- ²³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 386.
- ²⁴Hodge, *op. cit.*, p. 385.
- ²⁵Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 387.
- ²⁶Moule, *op. cit.*, p. 329.
- ²⁷Mackay, *op. cit.*, p. 197.
- ²⁸Cf. Mackay, *op. cit.*, pp. 197, 198.
- ²⁹Westcott, *op. cit.*, p. 97.
- ³⁰Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 743; cf. Salmond, Alfred Martin, Hodge *et al.*
- ³¹Bruce, *op. cit.*, p. 131.
- ³²Cf. Barclay, Hodge, Dale, Blaikie, Foulkes *et al.*
- ³³Wesley, *op. cit.*, p. 723.
- ³⁴Foulkes, *op. cit.*, p. 177.
- ³⁵Beare, *op. cit.*, vol. X, p. 746.
- ³⁶Erdman, *op. cit.*, p. 126.
- ³⁷Cf. comentários em 3.3-9 para inteirar-se de uma análise sobre o termo mistério (6.19).
- ³⁸Bruce, *Ephesians*, p. 134.

SEÇÃO XI

- ¹Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 392.
- ²Foulkes, *op. cit.*, p. 181; cf. 1.2, que menciona duas das três grandes qualidades da vida cristã.
- ³Salmond, *op. cit.*, vol. III, p. 394.
- ⁴Westcott, *op. cit.*, p. 100.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ABBOTT, T. K. "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles to the Ephesians and the Colossians." *The International Critical Commentary*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1897.
- ALLAN, John A. "The Epistle to the Ephesians." *The Torch Bible Commentaries*. Londres: SCM Press, Limited, 1959.
- BARCLAY, William. "The Letters to the Galatians and Ephesians." Segunda Edição. *The Daily Study Bible*. Filadélfia: Westminster Press, 1958.
- BEARE, Francis W. "The Epistle to the Ephesians" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George Buttrick *et al.*, Vol. X. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1953.
- BLAICKIE, W. G. "Ephesians." *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Londres: Funk & Wagnalls Company, 1913.
- BRUCE, F. F. *The Epistle to the Ephesians*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1961.
- CALVIN, John. *Commentaries on the Epistles of Paul to the Galatians and Ephesians*. Traduzido para o inglês por William Pringle. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 (nova tiragem).
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.
- DENNEY, James. "Romans." *Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll. Terceira Edição. Londres: Hodder & Stoughton, 1908.
- DUMMELOW, J. R. (editor). *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: The Macmillan Company, 1945.
- EADIE, John. *Commentary on the Epistle to the Ephesians*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1955 (nova tiragem).
- ERDMAN, Charles R. *The Epistle of Paul to the Ephesians*. Filadélfia: Westminster Press, 1931.
- FOULKES, Francis. "The Epistle of Paul to the Ephesians." *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963.
- HODGE, Charles. *A Commentary on the Epistle to the Ephesians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950.
- HUNTER, A. M. "The Letter to the Ephesians." *Layman's Bible Commentary*. Richmond: John Knox Press, 1959.
- LIGHTFOOT, J. B. *Notes on the Epistles of St. Paul*. Londres: The Macmillan Company, 1895.
- _____. *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*. Londres: The Macmillan Company, 1927.
- MARTIN, Alfred. "Ephesians." *The Wycliffe Bible Commentary*. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- MARTIN, W. G. M. "The Epistle to the Ephesians." *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson. Segunda Edição. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1953.
- MOULE, H. C. G. *Ephesian Studies*. Segunda Edição. Londres: Pickering & Inglis, Limited, s.d.
- ROBINSON, J. Armitage. *St. Paul's Epistle to the Ephesians: A Revised Text and Translation with Exposition and Notes*. Londres: The Macmillan Company, 1903.

- SALMOND, S. D. F. "Ephesians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll. Londres: Hodder & Stoughton, s.d.
- SANDAY, William e HEADLAM, Arthur C. "The Epistle to the Romans." *The International Critical Commentary*. Quinta Edição. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1899.
- SCOTT, E. F. "The Epistles of Paul to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians." *Moffatt New Testament Commentary*. Nova York: Harper & Brothers, s.d.
- SIMPSON, E. K., e BRUCE, F. F. "The Epistles of Paul to the Ephesians and to the Colossians." *New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957.
- STOECKHARDT, G. *Commentary on St. Paul's Letter to the Ephesians*. Traduzido para o inglês por Martin S. Sommer. St. Louis: Concordia Publishing House, 1952.
- WEDEL, Theodore. "The Epistle to the Ephesians" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Editado por George Buttrick et al., Vol. X. Nova York: Abingdon Cokesbury Press, 1953.
- WESTCOTT, B. F. *St. Paul's Epistle to the Ephesians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 (nova tiragem).

II. OUTROS LIVROS

- ABBOTT-SMITH, G. *A Manual Greek Lexicon of the New Testament*. Segunda Edição. Edimburgo: T. & T. Clark, 1923.
- The Apocrypha of the Old Testament*. Revised Standard Version. Editado por Bruce M. Metzger. Nova York: Oxford University Press, 1965.
- ARNDT, William F. e GINGRICH, F. W. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*. Chicago: University of Chicago Press, 1957.
- BARCLAY, William. *The Mind of St. Paul*. Londres: Collins, 1958.
- BARTH, Markus. *The Broken Wall: A Study of the Epistle to the Ephesians*. Londres: Collins, 1960.
- BRUCE, F. F. *The Letters of Paul: An Expanded Paraphrase*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1965.
- CARVER, W. O. *The Glory of God in the Christian Calling*. Nashville: Broadman Press, 1949.
- DALE, R. W. *Lectures on Ephesians*. Londres: Hodder & Stoughton, 1887.
- DAVIS, W. H. *Greek Papyri of the First Century*. Nova York: Harper & Brothers, 1933.
- DUNCAN, G. S. *The Ephesian Ministry*. Londres: Hodder & Stoughton, 1929.
- FILSON, Floyd V. *Jesus Christ, the Risen Lord*. Nova York: Abingdon Press, 1956.
- GOODSPEED, Edgar J. *The Meaning of Ephesians*. Chicago: University of Chicago Press, 1933.
- GREENIDGE, A. H. J. *Roman Public Life*. Londres: The Macmillan Company, 1901.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: The Pauline Epistles*. Chicago: Inter-Varsity Press, 1961.
- HARRISVILLE, Roy A. *The Concept of Newness in the New Testament*. Mineápolis: Augsburg Publishing House, 1960.
- HUNTER, A. M. *Interpreting Paul's Gospel*. Londres: SCM Press, 1954.
- KNOX, W. L. *St. Paul and the Church of the Gentiles*. Nova York: The Macmillan Company, 1939.
- LILLIE, William. *Studies in New Testament Ethics*. Filadélfia: Westminster Press, 1963.

- MACKAY, John A. *God's Order: The Ephesian Letter and This Present Time*. Nova York: The Macmillan Company, 1953.
- MINEAR, Paul S. *Images of the Church in the New Testament*. Filadélfia: Westminster Press, 1960.
- MITTEN, C. L. *The Epistle to the Ephesians*. Oxford: Oxford University Press, 1951.
- MOODY, Dale. *Christ and the Church*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1963.
- MORRIS, Leon. *The Apostolic Preaching of the Cross*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1955.
- PURKISER, W. T. *Sanctification and Its Synonyms*. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1961.
- RAMSAY, Michael. *The Resurrection of Christ*. Segunda Edição. Londres: Geoffrey Bles, 1946.
- RAWLINSON, A. E. J. "Corpus Christi." *Mysterium Christi*. Editado por G. K. A. Bell e A. Deissmann. Londres: Longmans, 1930.
- RICHARDSON, Alan. *An Introduction to the Theology of the New Testament*. Nova York: Harper & Brothers, 1958.
- ROBINSON, J. Armitage T. *The Body*. Naperville, Illinois: Alec R. Allenson, Incorporated, 1952.
- STEWART, James S. *A Faith to Proclaim*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1953.
- _____. *A Man in Christ*. Nova York: Harper & Row, s.d.
- TAYLOR, Vincent. *Forgiveness and Reconciliation*. Londres: The Macmillan Company, 1956.
- _____. *The Names of Jesus*. Londres: The Macmillan Company, 1954.
- TENNEY, Merrill C. *The Reality of the Resurrection*. Nova York: Harper & Row, 1963.
- WAHLSTROM, Eric. *The New Life in Christ*. Filadélfia: Muhlenberg Press, 1950.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1950 (nova tiragem).
- WHITELY, W. T. (editor). *The Doctrine of Grace*. Nova York: The Macmillan Company, 1931.

III. ARTIGOS

- BARNETTE, Henlee. "One Way of Life: Personal and Social", *Review and Expositor*, vol. LX (outono de 1963), pp. 414-429.
- BOWMAN, John Wick. "The Epistle to the Ephesians", *Interpretation*, vol. VIII (Abril de 1954), pp. 188-205.
- EARLE, Ralph. "Gleanings from the Greek New Testament", *Preacher's Magazine*, vol. XXXVII (agosto-dezembro de 1962), vol. XXXVIII (janeiro-dezembro de 1963); *Nazarene Preacher*, vol. XXXIX (janeiro-dezembro de 1964), vol. XL (janeiro-abril de 1965).
- JOHNSTON, G. "Beloved", *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nova York: Abingdon Press, 1962. Vol. I, p. 378.
- MENDENHALL, G. E. "Covenant", *Interpreter's Dictionary of the Bible*. Nova York: Abingdon Press, 1962. Vol. I, pp. 714-723.
- PERRY, Edmund. "The Biblical Viewpoint", *The Journal of Bible and Religion*, vol. XXVII (abril de 1959), pp. 127-132.
- PRICE, Ross E. "The 'One' Baptism", *Herald of Holiness*, vol. L (8 de março de 1961), pp. 10, 11.

- PURKISER, W. T. "Second Thoughts on 'The Wrath'," *Seminary Tower*, vol. XIV (outono de 1958), pp. 3, 4.
- SNAITH, N. H. "Choose", "Chosen", "Elect", "Election", "Grace", *Theological Wordbook of the Bible*. Editado por Alan Richardson. Londres: SCM Press, 1950. pp. 44, 43, 100-102.
- SUMMERS, Ray. "One Message-Redemption", *Review and Exposition*, vol. LX (outono de 1963), pp. 380-387.
- THERON, D. J. "Adoption in the Pauline Corpus", *The Evangelical Quarterly*, vol. XXVIII (1956), pp. 6-14.
- WARD, Wayne E. "One Body—The Church", *Review and Exposition*, vol. LX (outono de 1963), pp. 399-413.

A Epístola aos
FILIPENSES

John A. Knight

Introdução

A. Cidade e Igreja em Filipos

A cidade de Filipos recebeu este nome em homenagem a Filipe, pai de Alexandre. O local foi cenário da batalha entre Brutus e Otaviano, que deu origem ao império romano em 42 a.C. Otaviano (Augusto), o chefe do novo estado, reconstruiu Filipos e a encheu de seus próprios soldados, tornando-a posto fronteiriço militar e colônia de Roma. A localização estratégica da cidade tornou esta colonização extremamente vantajosa. Controlava uma das principais rotas entre a Europa e a Ásia. Era a “primeira” cidade da Macedônia (At 16.12; ou “principal”, BAB, BJ, NVI), significando, evidentemente, o ponto leste mais distante de Roma e a “primeira” cidade depois de entrar na Macedônia vindo do leste.

Os habitantes de Filipos eram cidadãos romanos e, por isso, gozavam privilégios especiais, com o direito de voto, sendo governados por senado e magistrados próprios e não pelo governador da província. A língua oficial era o latim, embora o grego fosse a língua comumente usada. A colônia era uma miniatura da cidade imperial. Seus cidadãos orgulhavam-se de sua ligação com Roma.

Filipos reunia indivíduos de nacionalidade diversa — gregos, romanos, asiáticos —, representando fases diferentes de filosofia, religião e superstição. Os habitantes eram religiosamente zelosos, fato atestado pelos achados arqueológicos das pedras perto de Filipos, que foi chamada um “verdadeiro museu de mitologia”.¹ Era apropriado, e bastante provável, o apóstolo desejar que o evangelho entrasse no império por esta cidade estratégica e cosmopolita.

A igreja em Filipos foi fundada por Paulo e seus companheiros na segunda viagem missionária em cerca de 52 d.C. Havia apenas uns poucos judeus na cidade, número insuficiente para abrir e manter uma sinagoga. Paulo, incapaz de seguir sua prática normal de discursar na sinagoga, juntou-se a um grupo na margem do rio, “onde julgávamos haver um lugar para oração” (At 16.13). Lídia, vendedora de púrpura, converteu-se, como também uma jovem escrava cuja conversão ocasionou a perda de lucro aos seus senhores, resultando, por sua vez, na prisão de Paulo e Silas. Da prisão, eles oraram e cantaram louvores a Deus, sendo libertos por um terremoto. O guarda da prisão, vendo o poder de Deus, converteu-se com todos os membros de sua casa (At 16.33).

Deste começo simples, a igreja foi fundada e composta por Lídia, a primeira pessoa da Europa a se converter ao cristianismo, em cuja casa a igreja se reunia (At 16.40); depois se agregaram a jovem escrava, o carcereiro de Filipos e sua família. Os membros fundadores desta congregação indicam o poder e a universalidade do evangelho. Lídia, mulher de negócios, era asiática e um tanto quanto rica; a jovem escrava era de nacionalidade grega, e representa o mais baixo segmento da sociedade; o carcereiro era cidadão romano e pertencente à classe média.² Em Cristo Jesus, não há distinção de macho ou fêmea, servo ou livre (Gl 3.27,28).

Depois da visita inicial de Paulo, talvez Lucas tenha permanecido em Filipos para organizar as igrejas macedônias. É o que deduzimos pelo fato de Lucas usar os verbos na primeira pessoa do plural (“nós”) ao longo do relato da organização da igreja (At 16), e usar os verbos na terceira pessoa do plural (“eles”) para descrever os episódios das via-

gens de Paulo entre sua partida e volta à cidade (At 20.6),³ em cujo período de tempo Lucas se reuniu aos seus companheiros de viagem missionária.

É provável que a igreja em Filipos tenha herdado a perseguição centralizada em Paulo (1.7,28-30). Em razão disso, eles ficaram ligados ao apóstolo de modo muito pessoal, sendo-lhe profundamente leais. Embora a congregação fosse pobre (2 Co 8.1,2), era marcada por um espírito de fidelidade e liberalidade. Pelo menos duas vezes antes da oferta entregue por Epafrodito (1.25,30), a igreja enviara ofertas a Paulo para prover-lhe as necessidades em Tessalônica (4.16) e Corinto (2 Co 11.9).

B. Autoria

Não há razão suficiente para duvidar da autenticidade desta carta. Temos evidências externas da autoria paulina em parte de Clemente de Roma, e de Inácio, Policarpo e Diogneto.⁴ As evidências internas colocam a questão fora de cogitação. O ensino, a língua, o estilo e a maneira de pensar são claramente paulinos.

O único argumento promovido contra a autoria paulina baseia-se na referência em 1.1 a “bispos” (*episcopois*) e “diáconos” (*diakonois*). Estes ofícios, segundo a teoria, refletem uma fase posterior no desenvolvimento da igreja. Por isso, a carta não pode ser de Paulo. Mas este argumento não é convincente, visto que sabemos que Paulo nomeava cargos em toda igreja que fundava (At 14.23; 20.17; Tt 1.5). Não está fora do bom senso presumir que estes títulos, que mais tarde tornaram-se tão proeminentes na igreja, já estivessem em uso na ocasião em que esta carta foi escrita, embora sem a significação organizacional posteriormente ligada a eles.

Ainda que a autoria não tenha sido seriamente questionada por estudiosos respeitáveis, alguns duvidam da integridade da epístola, sugerindo que é combinação de duas ou mais cartas. Esta teoria se desenvolveu em vista do fato de que Paulo muda drasticamente de tom no trecho entre 3.2 a 4.3. Certos expositores afirmam que esta porção constitui uma carta separada e inicial escrita logo após Epafrodito ter entregado a oferta da igreja. Segundo esta teoria, as passagens de 1.1 a 3.1 e 4.4-23 foram escritas depois e levadas por Epafrodito em sua viagem de retorno para casa. Esta sugestão é apoiada pelo fato de que a correspondência entre Paulo e os filipenses está implícita, e também pela referência expressa de Policarpo às “cartas” (plural) de Paulo à igreja em Filipos.⁵

Esta teoria, embora faça sentido, não é cabal, visto que podemos explicar adequadamente a mudança de tom de Paulo de maneira mais simples. Em uma carta altamente pessoal como esta, o escritor fala informalmente e sem plano definido. Ele passa rapidamente e, às vezes, abruptamente de um assunto para outro. Além disso, é provável que Paulo esteja respondendo ponto por ponto a carta ou cartas dos filipenses, em cuja missiva eles provocaram tal mudança de humor levantando a questão dos judaizantes ou, talvez, as recaídas dos convertidos gentios (3.2). Não é difícil deduzir que Paulo está usando este método na redação da carta inteira (cf. 1.12ss.; 2.3ss.,27; 4.2,8,15). Não há como fundamentar alegações persuasivas pela referência de Policarpo às “cartas”, visto que o plural às vezes era usado para aludir a uma única composição literária. Portanto, a autoria paulina é praticamente inquestionável, e as evidências são insuficientes para levantar dúvidas sobre a integridade da epístola.

C. Lugar e Data da Escrita

A opinião tradicional é que Paulo estava na prisão em Roma quando escreveu a epístola. Certos expositores rebatem dizendo que ele estava em Éfeso ou Cesaréia. As duas últimas teorias são censuráveis. Não há como ter certeza de que Paulo estava na prisão em Éfeso, embora possamos deduzir de 1 Coríntios 15.30-32 e 2 Coríntios 1.8-10. Mesmo assim, a duração não poderia ter sido longa, e a epístola dá a entender um cativeiro prolongado. Também indica a relação de longo tempo de serviço entre o apóstolo e a igreja em Filipos. Se Paulo tivesse escrito de Éfeso, esta relação teria existido somente por três ou quatro anos. Ademais, Paulo se refere ao fato que dentre os que estão com ele só Timóteo está agindo desinteressadamente em tomar parte da preocupação de Paulo (2.20). Tal episódio se mostra improvável em Éfeso, visto que alguns dos amigos íntimos de Paulo estavam lá (At 19.31; 20.1). Semelhantemente, demos descartar a teoria de Cesaréia. Sabemos que, em Cesaréia, Paulo não estava em perigo imediato de vida. A prisão de Cesaréia não justificaria o tom de martírio que caracteriza Filipenses.

Obviamente, a interpretação tradicional é a melhor. As referências à “casa de César” (4.22) e à “guarda pretoriana” (1.13) são expressões muito naturais em Roma. Também segundo esta interpretação, a correspondência implícita na epístola tem melhor explicação por causa das ligações estreitas e diretas mantidas entre Roma e suas colônias. Se aceitarmos a prisão romana, a carta foi escrita aproximadamente em 60-61 d.C. Esta data se situa durante o cativeiro de dois anos de Paulo (At 28.16-31), em cujo começo lhe foi permitido morar em casa alugada por ele (At 28.30). A carta foi escrita perto do fim deste aprisionamento, depois que as trocas de correspondência vencessem os quase 1.300 quilômetros que separavam Paulo e seus leitores, e possivelmente após as liberdades que Paulo tinha na prisão fossem grandemente reduzidas.⁶

D. Caráter e Propósito

Esta carta é a expressão espontânea e afetuosa de alguém que quando “se lembra” dos filipenses sente afeição por eles (1.3). Foi escrita como de amigo para amigos. Com a possível exceção de 2 Coríntios e Filemom, este é o mais pessoal e informal de todos os escritos do apóstolo. Vemos a qualidade pessoal da carta no fato de que Paulo usa o pronome pessoal cerca de cem vezes, apesar de Cristo, em lugar do apóstolo, ser constantemente exaltado. Seu caráter informal reflete-se na mudança rápida de Paulo de um tema para outro (2.18,19-25,25-30; 3.1,2,3,4-14,15). Há também a ausência de referência a ele como “apóstolo”, fato que caracteriza todas as suas outras cartas, exceto as duas aos Tessalonicenses e a Epístola a Filemom. “Filipenses é mais calma que Gálatas, mais pessoal e afetuosa que Efésios, menos preocupadamente controversa que Colossenses, mais cautelosa e simétrica que Tessalonicenses, e, claro, mais ampla em suas aplicações que as mensagens pessoais a Timóteo, Tito e Filemom.”⁷

A ocasião para a carta é o retorno de Epafrodito a Filipos. Na qualidade de um dos líderes da igreja, ele tinha levado uma oferta dos crentes filipenses a Paulo na prisão, com instruções para ficar e ajudar o apóstolo em Roma (2.25,30; 4.10-18). Ao cumprir a missão, Epafrodito ficara perigosamente doente. A igreja ficara sabendo da doença e

essa preocupação foi comunicada a Paulo. Por isso, ele escreve para agradecer a generosidade dos crentes filipenses (4.14-16) e acabar com a ansiedade que tinham relativa ao bem-estar de Epafrodito, além de lhe assegurar, por causa da sua fidelidade, boa recepção em casa (2.25-30).

No geral, um espírito de unidade caracteriza a igreja filipense, ainda que Paulo ache necessário repreender duas senhoras, Evódia e Síntique, para que cheguem a um acordo diante do Senhor (4.2). O propósito primário da carta não é ético; nem é doutrinário, embora o apóstolo ore para que os filipenses cresçam em “conhecimento” e “percepção” (1.9, RA). Não obstante, existem preceitos doutrinários e morais manifestos e calorosamente entrelaçados. Por exemplo, é no contexto da referência de Paulo a pequenas dissensões pessoais na igreja que ocorre a clássica passagem do “kenose” (2.3-10). Ao mesmo tempo em que adverte contra os judaizantes (ou talvez gentios que tinham caído da fé) e contra a noção de que a perfeição é atingível pelas obras (3.2), ele incentiva que os leitores andem de modo digno da verdadeira “cidadania” que está nos céus (3.17-21), e que olhem para o Dia final de Cristo como o corredor mantém os olhos fixos na meta (3.13,14). Assim, ele entretete habilmente assuntos doutrinários e práticos em um padrão único e perfeito.

Denominada “A Epístola das Coisas Excelentes”, Filipenses é bom resumo de tudo que Paulo dissera às igrejas nas suas epístolas anteriormente escritas. Não hesita em sua fidelidade ao “evangelho”, ao qual se refere nove vezes (1.5,7,12,16,27; 2.22; 4.3,15). Umas vinte vezes o autor usa termos como “regozijar”, “ação de graças”, “contentar-se”, “louvor” e assemelhados; e nenhuma delas dependente das circunstâncias externas. Na realidade, Paulo está experimentando, a despeito do seu futuro incerto, a calma e paz interiores denotadas por esses termos. Neste sentido, a carta pode ser considerada um tipo de “autobiografia espiritual”.

A igreja em Filipos fora formada em meio ao cântico de hinos na prisão; e agora, de outra prisão, Paulo escreve *com alegria* para esta igreja (1.4). Não admira que esta carta tenha sido chamada “carta de cântico, carta de amor”.⁸

Trata-se de uma carta de “fé”. Ela personifica a confiança do apóstolo de que, como no caso da fiel igreja filipense, cujas origens foram humildes, as coisas pequenas não serão menosprezadas (1.6). O trabalho de fé que Paulo fez nesta igreja teve recompensa, conforma mostra a Epístola de Policarpo aos Filipenses,⁹ escrita uns 60 anos depois da última visita de Paulo a Filipos. Este documento nos informa que a igreja filipense ainda permanecia firme. A idéia fundamental da carta é “participação” (*koinonia*, 1.5, BJ; “cooperação”, ACF, AEC, NVI, RA, RC; “ajuda”, BAB). É digno de nota que o termo “pecado”, que causa o rompimento da participação, não seja mencionado uma vez sequer. Os laços mútuos de amor, que une Paulo e esta comunidade cristã não são mero sentimento humano. Ele e eles estão unidos como membros comuns do corpo de Cristo — membros que são “participantes” (ou “cooperadores”, “ajudantes”) no evangelho. Não existe quadro mais maravilhoso da relação entre os genuínos discípulos de Cristo no Novo Testamento do que nesta simples e encantadora Epístola aos Filipenses.

Esboço

I. A PARTICIPAÇÃO NO SERVIÇO, 1.1,2

- A. Os Servos, 1.1
- B. Os Santos, 1.1
- C. A Saudação, 1.2

II. A PARTICIPAÇÃO NO EVANGELHO, 1.3-11

- A. A Oração de Louvor, 1.3-8
- B. A Oração de Petição, 1.9-11

III. A PARTICIPAÇÃO NA ADVERSIDADE, 1.12-26

- A. O Valor da Adversidade, 1.12-18
- B. O Triunfo sobre a Adversidade, 1.19-26

IV. A PARTICIPAÇÃO NA OBEDIÊNCIA, 1.27—2.18

- A. O Dom da Obediência, 1.27-30
- B. O Significado da Obediência, 2.1-4
- C. O Exemplo Supremo de Obediência, 2.5-11
- D. A Exortação à Obediência, 2.12-18

V. A PARTICIPAÇÃO NA PREOCUPAÇÃO, 2.19-30

- A. A Responsabilidade da Preocupação, 2.19-24
- B. A Reciprocidade da Preocupação, 2.25-28
- C. O Risco da Preocupação, 2.29,30

VI. A PARTICIPAÇÃO NOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 3.1-16

- A. Alternativa aos Sofrimentos de Cristo, 3.1-6
- B. Vantagem dos Sofrimentos de Cristo, 3.7,10
- C. Aspiração aos Sofrimentos de Cristo, 3.11-16

VII. A PARTICIPAÇÃO NA PUREZA, 3.17—4.9

- A. Exemplo Pessoal, 3.17-19
- B. Exaltação Prometida, 3.20,21
- C. Exortação Persistente, 4.1-9

VIII. A PARTICIPAÇÃO NA GRATIDÃO, 4.10-23

- A. A Base para a Gratidão, 4.10-20
- B. A Bênção da Graça, 4.21-23

SEÇÃO I

A PARTICIPAÇÃO NO SERVIÇO

Filipenses 1.1,2

A. Os SERVOS, 1.1

Paulo e Timóteo (1). Como é apropriada essa referência a Timóteo! Ele era o “verdadeiro filho na fé” de Paulo (1 Tm 1.2). Na primeira viagem missionária de Paulo, Timóteo fora ganho a Cristo em Listra (At 14.6,7), e, na segunda viagem, Paulo escolheu este “discípulo” para ser um dos seus companheiros de viagem (At 16.1-3). Portanto, Timóteo estava presente quando Paulo fundou a igreja em Filipos (At 16.12ss.), e o acompanhou na outra viagem que fez à cidade (At 20). Os filipenses ficariam alegres em ser lembrados por Timóteo, a quem certamente amavam pela lealdade em servi-los. A estima de Paulo e dos crentes filipenses por Timóteo e deste por aqueles era tamanha, que Paulo planeja mandá-lo de volta o mais cedo possível à congregação (2.19-22).

Certos expositores entendem que Timóteo é mencionado antes de mais nada, porque em um ou outro ponto da carta Paulo repreende suavemente os leitores e quer que eles saibam que a censura tem a sanção do companheiro.¹ Mas tal sanção dificilmente seria necessária ao escrever para os filipenses. A referência a Timóteo fala altamente a seu favor, deixando entrever muito acerca do caráter de Paulo. Timóteo é um tipo de Paulo Júnior em termos de idade, experiência e parceria. Não é fácil o integrante mais velho de uma equipe colocar seu assistente no mesmo nível que ele, mas Paulo tem graça suficiente para fazer isso.

Paulo não menciona o jovem Timóteo só porque ele foi o seu secretário e a etiqueta o exigisse. A referência é resultado de serem verdadeiramente companheiros como **servos de Jesus Cristo**. Paulo e Timóteo são, literalmente, “escravos” (*douloi*; cf. BV, NVI,

nota de rodapé) do seu Senhor. Esta é a verdadeira relação do cristão com Cristo. Eles são propriedade, corpo e alma de Cristo, estando à disposição plena e contínua de Cristo. Eles não são deles mesmos (1 Co 6.19,20), porque foram comprados “com o precioso sangue de Cristo” (1 Pe 1.18,19). Da mesma maneira que o “alimento” de Jesus era fazer a vontade do Pai que está nos céus (Jo 4.34), ou que o escravo existe para fazer a vontade do seu senhor terreno, assim eles existem para fazer a vontade de Cristo. Jesus é o Senhor absoluto e comum de Paulo e Timóteo. Eles são “escravos de amor” (Êx 21.1-6), que aceitam livremente a soberania de Cristo. Ser escravo de Cristo é ser livre do pecado (Rm 6.16-18,20,22). Por conseguinte, Paulo e Timóteo fazem parte de uma comunhão inigualável. A relação de afeição e confiança destes **servos** não se baseia tanto nas experiências passadas que tiveram quanto no compromisso comum a Cristo e no fato de terem sido libertados da iniquidade.

B. OS SANTOS, 1.1

Santos (*hagiois*) refere-se àqueles que foram apartados para o serviço de Cristo, separados e diferentes do mundo. Eles pertencem a Deus e têm de ser como ele. São sua possessão adquirida e sua propriedade peculiar. O termo é equivalente a crentes ou regenerados, e indica os que foram “lavados” dos pecados e colocados no caminho em amor rumo à maturidade moral e espiritual (1 Co 6.9-11; 1 Pe 1.2). **Os santos... que estão em Filipos** significa a igreja ou “os verdadeiros cristãos” (CH) em Filipos. Recusando-se a fazer distinção, Paulo se dirige a **todos** que estão na igreja (1.4,7,8,25; 4.21), dando a entender seu amor por eles independente de méritos. Os **santos** e **servos de Jesus Cristo** são praticamente sinônimos. Há estreita comunhão entre Paulo e Timóteo (escravos) e os crentes em Filipos.

Santos expressa o estado dos cristãos **em Cristo**. O indivíduo só é santo no uso bíblico, porque ele está **em Cristo Jesus**. Esta é uma das expressões favoritas de Paulo, e resume convenientemente sua teologia. Seu significado está em contraste com a “possessão demoníaca” (cf. Mc 1.23; lit., “em um espírito imundo”, ou, de acordo com Phillips, “nas garras de um espírito mau”). Estar **em Cristo** é ser possuído por ele, é estar sob seu controle e influência. É estar guardado no coração de Cristo. Devemos entender a frase no sentido de estar no “poder de outrem”.² Da mesma forma que o espírito de uma pessoa pode transformar o ser total de outra pessoa sem violar a liberdade ou a individualidade desta, assim o Espírito de Cristo pode transformar em novas criaturas aqueles que estão nele (2 Co 5.17) sem negar a plena liberdade ou o desempenho da personalidade.³ A expressão **em Cristo** ocorre oito vezes nesta epístola. Nas cartas de Paulo, ela ocorre 34 vezes; “em Cristo Jesus”, 48 vezes; e “no Senhor”, 50 vezes.⁴ Quando a ênfase está no Jesus histórico, Paulo põe “Jesus” primeiro em qualquer combinação; quando “Cristo” toma a precedência, ele quer dizer o Jesus ressurreto, o Messias eterno.⁵ A verdadeira vida dos **santos** é a vida do Cristo ressurreto dentro deles (Jo 15.4,5), e o fruto que produzem com a sua vida é a semelhança de Cristo. Neste sentido, todo crente experimenta a santificação inicial (1 Co 1.2; 6.11). “É o Espírito que santifica; mas ele o faz porquanto nos enraíza em Cristo e nos edifica em Cristo. Portanto, os santos são santificados pelo Espírito ou do Espírito; mas são santi-

ficados (ou santos) em Cristo Jesus”.⁶ A santificação total ocorre quando o coração é purificado de todo o pecado e é cheio do Espírito Santo (At 15.8,9).

Esta é a primeira menção cronológica de **bispos e diáconos** no Novo Testamento. O termo grego *episkopois* (**bispos**) significa, literalmente, “inspetores”, “supervisores”, e se refere a líderes espirituais da congregação local (At 20.20). Nesta fase do desenvolvimento da igreja, as congregações locais tinham mais de um supervisor ou pastor. O uso do termo não reflete a significação organizacional que mais tarde veio a ter. Pelo visto, “bispo” é igual a “ancião” ou “presbítero” (cf. “pastores”, BV). Considerando que Filipos era uma colônia romana, o termo judaico “presbítero” seria pouco conhecido. É lógico que a igreja escolheu chamar os líderes por nomes que estivessem em uso geral, e Paulo segue a prática aceita. O termo grego *diakonois* (**diáconos**) quer dizer, literalmente, “os que servem”, e diz respeito aos indivíduos que tinham a responsabilidade de cuidar das necessidades temporais e materiais da congregação (At 6.1-6; 1 Tm 3.8ss.). É possível que Paulo mencionasse estes ofícios como meio de expressar oficialmente sua deliberação espiritual, a qual ele espera que estes líderes ponham em prática.⁷

C. A SAUDAÇÃO, 1.2

Graça a vós e paz (2). Esta saudação, ou bênção que Cristo dá aos cristãos, é a forma comum nas primeiras epístolas de Paulo (Rm 1.7; 1 Co 1.3; 2 Co 1.2; Gl 1.3; Ef 1.2; Cl 1.2; 1 Ts 1.1; 2 Ts 1.2; Fm 3). Ele une a saudação normal grega e latina, “alegria” ou “prosperidade” (*charis*), com a saudação oriental, “bem-estar”, “felicidade” (hb., *shalom*; gr., *eirene*), e as transforma em uma rica bênção cristã. Esta é ilustração do fato de que Deus faz todas as coisas novas. O termo grego *charis* (**graça**) expressa o livre favor de Deus, ou o favor divino do qual somos indignos (2 Co 4.15; 12.9). A **graça** é o dom de Deus que justifica para a salvação (Rm 3.24; 11.6; Ef 2.8-10). Também se refere ao fruto deste favor divino, que são as aptidões provenientes da **graça**. É por isso que Pedro nos exorta a crescer na **graça** (2 Pe 3.18). A **graça** traz consigo o dom da **paz**, que é a reconciliação com Deus e a certeza interior resultantes da fé na expiação de Cristo.⁸ O governo romano instalava soldados nos pontos de tensão no império para manter a ordem. Mas era uma paz coagida ou forçada, descrita pela palavra latina *pax*. Contrária a esta, Paulo usa a palavra grega *eirene*, que denota paz de espírito advinda da reconciliação com Deus. Indica a paz interior, e não a cessação externa de hostilidade mantida à força.

Da parte de Deus, nosso Pai, e da do Senhor Jesus Cristo (2). No original, a partícula grega *apo* (traduzida por “de” na contração **da**) não ocorre na segunda vez. Este fato sugere que na mente de Paulo há a estreita união do **Pai** e **Jesus Cristo**. A **graça** de Deus vem do **Pai** por **Cristo** (Rm 3.24). A Septuaginta usa a palavra grega *kyrios* (lit., **Senhor**; “dono”, “amo”, “mestre”) para traduzir a palavra hebraica referente a *Jeová*. Embora o título seja ocasionalmente usado no Novo Testamento como título de honra (Mt 13.27), nas epístolas é empregado constantemente acerca de Cristo. Assim, Paulo usa o termo **Senhor** para indicar plena deidade. A fé da igreja do Novo Testamento era que Jesus era divino, conforme expressado em seu mais antigo credo cristão: “Jesus é Senhor” (1 Co 12.3; cf. Fp 2.6,9-11). **Jesus** quer dizer “Salvador” (Mt 1.21). Ele é o Senhor e Mestre de Paulo, Timóteo e os crentes filipenses, porque ele é o Salvador ou

Libertador deles. Contrastemos com a experiência da jovem possuída por um espírito de adivinhação em Filipos. Ela era escrava daqueles que não podiam ser seu salvador, ao passo que Paulo e seu companheiro eram “servos [lit., “escravos”] do Deus Altíssimo” (At 16.16,17). **Cristo** (*christou*) era título próprio que significava “Ungido” ou “Messias” (Is 61.1ss.). O Ungido era o nomeado, o vice-regente de Deus na terra, o mensageiro oficialmente aprovado do céu para a terra (Mt 17.5).

O Espírito Santo não é mencionado, porque esta **graça e paz** é o próprio Espírito Santo habitando em nós, revelando-nos o Pai e trazendo à nossa memória o ensino do Filho, de quem ele vem. O significado da saudação é claro: “Não há paz sem graça. [...] Não há graça e paz sem Deus nosso Pai. [...] Não há graça e paz de Deus nosso Pai sem que seja no Senhor Jesus Cristo e por ele”.⁹

Estes dois primeiros versículos mostram o que significa ser “Um Homem em Cristo”. Envolve: 1) Aceitar Cristo como Senhor, 1a; 2) Dedicar-se à santidade, 1; 3) Receber o Santo Espírito, 2.

SEÇÃO II

A PARTICIPAÇÃO NO EVANGELHO

Filipenses 1.3-11

A. A ORAÇÃO DE LOUVOR, 1.3-8

Com ação de graças e **alegria** (*charas*, 4), Paulo oferece o seu louvor: **Dou graças ao meu Deus** (3) pelos filipenses. Na vida cristã, a ação de graças e a alegria estão juntas, pois “aquilo que nos consola tem de glorificar a Deus”.¹ **Meu Deus** indica a qualidade pessoal da ação de graças (cf. At 27.23). O fato de Paulo ser genuinamente “escravo” (1) de Cristo, autoriza-o a referir-se intimamente ao seu Mestre. Ação de graças e **alegria** são qualidades do espírito e não o resultado de circunstâncias externas. **Alegria** é mais profunda que felicidade, que é dependente do que acontece. As circunstâncias de Paulo são desagradáveis, mas mesmo assim a **alegria** do Senhor é a sua força. Sua é a **alegria** prometida e dada por Cristo (Jo 15.11; 17.13), verdadeiro fruto do Espírito (Gl 5.22). É a norma da vida cristã (Cl 1.11).

1. A Alegria da Lembrança (1.3)

Todas as vezes que me lembro de vós é, literalmente, “por causa da total recordação de vós” (cf. BAB, RA). Paulo não está expressando gratidão por lembranças desconexas, mas pela experiência total vivida com os crentes filipenses. A recordação incólume resultou em ação de graças e alegria incólumes. Alguém disse que a memória é a belas-artes do esquecimento. Paulo recebeu este nobre presente. Foi-lhe concedido o poder de esquecer as severas experiências de prisão e sofrimentos em Filipos, exceto no ponto em que enriqueceram sua relação com Deus e com os filipenses.

Ele se lembra com gratidão da conversão dos filipenses (At 16) e o cuidado subsequente demonstrado em várias ocasiões, inclusive até bem recentemente (4.15-18).

2. A Alegria da Súplica (1.4)

O amor de Paulo pelos filipenses se expressa em intercessão genuína a Deus pelo bem-estar deles, **fazendo, sempre com alegria, oração por vós em todas as minhas súplicas** (4). Ele não ora por senso de dever, nem por tentativa de esquecer as próprias circunstâncias. Suas orações são intercessoras. A palavra grega traduzida por **oração** é *deesei* e conota um forte pedido de doação necessária (Tg 5.16). A **oração é por “todos”** (AEC, BJ, RA) **vós**, ou seja, por todos os membros da congregação, porque o bem-estar de cada um afeta o todo.

3. A Alegria da Participação (1.5)

Na expressão **pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora** (5), o termo grego *koinonia* (**cooperação**) conota, literalmente, “participação” (BJ). Tem, pelo menos, três significados: a) A participação dos cristãos uns com os outros; b) A participação dos cristãos com Cristo ou com o Espírito Santo; c) A participação com posses (At 2.42; Rm 15.26; 2 Co 8.4; 9.13; Hb 13.16; Fm 6).² É bem provável que Paulo tivesse em mente todos os três significados. A palavra fala da relação vital e ativa do apóstolo e dos filipenses com Cristo, e, assim, uns com os outros. Era uma relação que tivera expressão e enriquecimento nas ofertas que lhe fizeram em várias ocasiões.

A partícula grega *eis* (“em”, na contração **no**) é tecnicamente usada em tais contextos para indicar destino de pagamentos de dinheiro.³ É óbvio que Paulo se refere à “participação” dos filipenses com ele, e as ofertas para ele, na propagação do evangelho desde o primeiro dia em que ele lhes pregara. O evangelho é fomentado onde quer que haja participação. A obra de Cristo ou o evangelho é a única base verdadeira para o amor e a participação. Tratava-se de uma participação interior que se aprofundara ao longo dos anos. Os filipenses tinham primeiramente se dado (2 Co 8.5); depois, quiseram que o evangelho prosperasse mesmo que significasse sofrimento e sacrifício. Por conseguinte, deram de suas posses, tornando-se “co-trabalhadores” com Paulo a favor de Cristo e do evangelho. Eles entendiam que a natureza da igreja era um “oficina, não um dormitório”.⁴ Por esta razão, Paulo diz que eles são “participantes” (*sugkoinonous*, 7) da graça de Deus. É por participarem no avanço do evangelho que eles também participarão nas recompensas com Paulo. Mesmo nas competições seculares, “a coroa não é apenas para aquele que se esforça, mas também para o treinador e o ajudante, e para todos que ajudam a preparar o atleta. Pois é justo que aqueles que o fortalecem [...] participem da vitória”.⁵

4. A Alegria da Certeza (1.6)

A expressão **tendo por certo isto mesmo** (6) indica forte persuasão (cf. BAB), a absoluta certeza de uma mente decidida (cf. BJ, BV). **Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará** significa, literalmente, “continuará terminando-a”. A **boa obra** se refere, em parte, à participação dos filipenses com o apóstolo, mas não se restringe a este significado. “Participação” (*koinonia*, 5, “cooperação”, RC), tem um significado mais amplo que o compartilhamento de posses. A **boa obra** ou “a participação no

evangelho” (5, BJ) também tem de se referir à participação dos filipenses com Cristo e entre si. No original grego, não há artigo definido antes de **boa obra**. Mas é apropriadíssimo incluí-lo na tradução, visto que a referência principal é à obra de salvação (cf. NVI, RA, que não o incluíram).

Por conseguinte, Paulo pode dizer que é Deus que **começou** esta **boa obra**. O verbo grego *enarxamenos* (**começou**) também é usado em Gálatas 3.3, onde atribui a Deus Espírito Santo o começo da vida cristã nos crentes gálatas (cf. 2 Co 8.6). No grego clássico, **começou** é palavra de ritual. O verbo grego do qual deriva é *enarchomai*, usado para descrever o ritual no começo de um sacrifício grego. O verbo usado para concluir o sacrifício era *epiteleîn* (“aperfeiçoar” ou “consumar”). Pelo que deduzimos, Paulo quer dizer que a vida cristã é um sacrifício contínuo a Cristo (Rm 12.1).⁶ **Até ao Dia de Jesus Cristo** seria o dia da *parousia* ou volta de Cristo. A frase sugere a idéia de dia de prova. Os profetas do Antigo Testamento falaram do “Dia do Senhor” em termos do tempo de julgamento e também de redenção. Paulo está confiante de que Deus fará os crentes filipenses progredir na graça, de forma a estar permanentemente preparados para alcançar o dia do julgamento.⁷ Para o cristão será um dia de luz e vitória (1 Ts 1.10).

A certeza de Paulo não se baseia primariamente em evidências empíricas, embora seja sustentada por sua experiência passada; ela nasce da relação pessoal com Deus, em cujo caráter e obra reside a persuasão. A doutrina bíblica da perseverança é a confiança em Deus. O cristão confia na infinidade do amor do Pai, na infinidade do mérito do Salvador e na infinidade do poder do Espírito.⁸ “Ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia” (2 Tm 1.12, NVI; cf. BV). Entretanto, este versículo não esboça doutrina rígida e cabal da segurança eterna. Na realidade, Paulo admoesta os filipenses para que o seu trabalho entre eles não seja “em vão” (Fp 2.14-16; cf. Cl 1.19-23). Deus ainda **aperfeiçoará** ou “completará” (BAB; cf. NTLH, NVI, RA) a **obra** que ele iniciou pelo seu Espírito. Ele “dará eternamente seus toques finais à obra”.⁹ O começo e o fim é **obra** divina. Ele é o Autor e Consumador de nossa fé (Hb 12.2).

*E cada virtude que temos,
E cada vitória que vencemos,
E cada pensamento de santidade,
Dele vem tudo.**
— HARRIET AUBER

5. A Alegria do Afeto Semelhante a Cristo (1.7,8)

Como tenho por justo sentir isto de vós todos (7) pode ser traduzido literalmente por “como me é certo [*dikaion*] cuidar [*phronein*] de vós todos”. **Porque vos retenho em meu coração** também cabe a tradução “porque vós me retendes em vosso coração”. Ainda que qualquer uma das duas opções tradutórias seja exata em descrever Paulo e os crentes filipenses, a última, considerando a construção, é improvável. “Abra meu coração”, escreveu Robert Browning, “e verá gravado nele: ‘Itália’.” Semelhante afeto humano caracteriza Paulo e os crentes filipenses. O apóstolo declara: **Pois todos vós**

* And every virtue we possess, / And every victory won, / And every thought of holiness,
/ Are His alone. (N. do T.)

fostes participantes da minha graça, tanto nas minhas prisões como na minha defesa e confirmação do evangelho. Paulo não está sob julgamento; é o evangelho que está sob julgamento. As **prisões** (*desmois*) são a **defesa e confirmação** das boas novas. *Bebaiousei* (**confirmação**) era o contrato de garantia que o vendedor apresentava ao comprador, no qual estavam todos os direitos ao que este comprara.¹⁰ A **defesa** de Paulo é a garantia do evangelho, e os crentes filipenses são **participantes** (*sugkoinonous*) da graça e desta **confirmação**.

Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo (8). Os manuscritos mais antigos trazem “Cristo Jesus” (cf. AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Certos intérpretes sugerem que os crentes filipenses sentiram certa falta de cordialidade no modo em que Paulo recebeu as ofertas enviadas, o que explica a forte expressão que utilizou: **Deus me é a testemunha**. O termo grego *splangchnois* (**entranhável afeição**) refere-se ao intestino superior, fígado ou pulmões. Estes, acreditavam os gregos, eram o local das emoções e afetos. É por isso que indica “o afeto de Cristo Jesus”. Esta é metáfora tremenda, pois descreve a união perfeita com Cristo. Combinado com o afeto humano genuíno pelos crentes filipenses (7) está o amor divino. Cristo é a fonte da vida de Paulo e o coração do seu amor. O coração de Cristo se tornou dele, de forma que ele ama os crentes filipenses com o mesmo amor de Cristo. “Os crentes não têm anseio senão pelo seu Senhor; seu pulso pulsa no compasso do pulso de Cristo; seu coração bate no compasso do coração de Cristo”¹¹ (cf. 2.5ss.; cf. tb. Rm 12.10). Será que o poder transformador do evangelho se revela mais notavelmente do que na união ou participação destas duas partes improváveis? Pois, de um lado, temos o ex-devoto do farisaísmo, e do outro, um grupo cuja vida total fora formada pela atmosfera orgulhosa de uma colônia romana!

B. A ORAÇÃO DE PETIÇÃO, 1.9-11

E peço isto (9). Paulo mencionou que orava pelos crentes filipenses (4), fazendo orações de ação de graças e louvor. Agora ele revela a petição que havia em suas orações por eles.

1. A Natureza da Petição (1.9)

Que a vossa caridade (“o vosso amor”, ACF, AEC, RA) **aumente mais e mais**. A palavra grega usada aqui não é *eros* ou *philia*, tipos de amor humano, mas amor *agape* e divino. Portanto, “o vosso amor” (**caridade**) significa “o amor de Deus em vós”. Aquele em quem habita o amor de Deus, ama aqueles que Deus ama (1 Jo 5.20,21). É lógico que Paulo está se referindo a amar uns aos outros. Aos Romanos, ele escrevera: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros” (Rm 13.8). O amor é contínuo, pois sempre é devedor, sempre está ciente de sua dívida. Isso é uma possibilidade só porque Deus “nos amou primeiro”. **Aumente** (*perisseue*) está no tempo presente, expressando crescimento e avanço contínuos. “A prosperidade espiritual dos crentes não deve ser medida tanto pelo ponto que alcançaram, mas pelo fato e medida do progresso que estão tendo.”¹² Literalmente, o verbo grego *perisseue* pode ser traduzido por “continue aumentando” (cf. BV). Paulo está orando “que o vosso amor

uns pelos outros nunca seja repartido em pitadas parcimoniosas, mas que se despeje como de uma cascata magnífica”.¹³ Para ressaltar seu significado, ele acrescenta os superlativos **mais e mais**.

No entanto, crescimento e progresso em amor não são as únicas preocupações do apóstolo. O amor tem de crescer **em ciência e em... conhecimento** para que o cristão seja completo e simétrico. O termo grego *epignosis* (**ciência**) indica um entendimento completo e total dos princípios morais gerais (cf. “pleno conhecimento”, AEC, RA; “cheio de conhecimento”, CH). O termo grego *aisthesei* (**conhecimento** ou “discernimento”, BAB, CH; cf. “percepção”, AEC, NVI, RA; “sensibilidade”, BJ) refere-se à habilidade prática de aplicar os princípios gerais em situações particulares. É um senso ou sentimento espiritual e moral. Por conseguinte, “que vós não apenas *saibais*, mas *sintais* que vós sois de Deus, pelo Espírito que ele vos deu; e que o vosso sentimento se torne mais exercitado nas coisas divinas para ser cada vez mais sensato e apurado”.¹⁴ **Todo** (*pase*) “discernimento” significa provavelmente todos os tipos de discernimento. Será que o genuíno espírito de amor dos crentes filipenses não tinha discernimento, levando-os a se equivocarem sobre questões insignificantes (4.2)? Quanto mais o amor cresce, mais sensível se torna o senso moral. Dizem que o copo de Vênus se espatifa em milhões de fragmentos caso receba veneno. Semelhantemente, o crescimento do amor de Deus no cristão o deixa cada vez mais sensível a todas as formas do mal. O amor é a única base de discriminação. Mas o amor tem de ser alimentado pela verdade. É por isso que Jesus reprovou Pedro, que proibiu o Mestre de morrer (Mt 16.21-23). O seu amor era ignorante.

2. O Propósito Imediato da Petição (1.10)

Para que aproveis as coisas excelentes (10). A palavra grega *dokimazein* (**aproveis**) é o verbo usado para analisar metais a fim de detectar falhas ou misturas.¹⁵ O termo grego *pheronta* (**excelentes**) indica o superior, o melhor entre coisas que são boas, o qual só os de maturidade espiritual mais adiantada conseguem descobrir a superioridade. Moffatt traduz esta frase assim: “Permitindo que tenhais um senso do que é vital”. **Para que sejais sinceros e sem escândalo algum até ao Dia de Cristo**. As palavras **sinceros** e **sem escândalo** correspondem a “ciência” e “conhecimento” do versículo 9. Esta porção da oração é positiva, **para que sejais sinceros**, e negativa **sem escândalo** (“tropeço”). **Sinceros** e palavras derivadas indicam mel sem cera, dando a entender motivos não misturados ou sinceridade (Tg 1.8). O termo grego *elikrineis* (**sinceros** ou “puros”, BJ, BV, NVI) vem de *eile* (“o esplendor do sol”) e *krino* (“eu julgo”). Os objetos **sinceros** são os que podem ser examinados sob a luz mais clara e mais forte, sem revelar uma única falha ou imperfeição. O linguajar de Paulo vem da prática de suspender o tecido contra o sol para verificar se há falhas. Sinceridade é franqueza total e plena a Deus, e é palavra tão forte quanto a própria perfeição. “A alma sincera é a alma que está sem pecado.”¹⁶ **Sem escândalo** (“destituídos de escândalo”, ASV) descreve o caráter do homem que anda sem tropeçar, que vence os obstáculos, mesmo os inesperados. É a imagem do viajante que apesar dos obstáculos chega em tempo ao fim da jornada.¹⁷ Tal indivíduo estará pronto “para” (*eis*; cf. RA), e não **até** (*archis*), o **Dia de Cristo** (cf. 1.6; Ef 5.27; Jd 24). Pelo visto, a ênfase está na prontidão para este dia, visto que o versículo 6 realça o trabalho contínuo de Deus em atingir este estado de preparação.

3. *O Alvo Último da Petição* (1.11)

Cheios de frutos de justiça, que são por Jesus Cristo, para glória e louvor de Deus (11). Os manuscritos mais antigos têm “fruto” (singular, *karpon*; cf. AEC, BAB, BJ, NVI, RA) **de justiça** (cf. Rm 6.22; Gl 5.22; Ef 5.9; Hb 12.11; Tg 3.18). A justiça aqui imaginada é a que é **por Jesus Cristo**, em contraste com a justiça que é pela lei (3.9). Sem esta **justiça** que está em **Cristo**, não é possível a frutificação (cf. Jo 15.4). **Glória** (*doxan*) é a manifestação do poder e da graça de **Deus**; **louvor** (*epainon*) é o reconhecimento dos homens em vista destes atributos divinos. Como a árvore cheia de frutos honra o jardineiro, assim a pessoa cheia do fruto da **justiça** traz **glória** e **louvor** a **Deus**.

Os versículos 9 a 11 apresentam “O Fruto da Justiça”, que inclui: 1) O amor que é abundante e instruído, 9; 2) A capacidade de fazer distinções morais apropriadas, 10a; 3) A motivação que busca a glória de Deus, 10b.

W. E. McCumber¹⁸ vê nos versículos 3 a 11 “A Oração pela Santidade Transparente”. O objetivo da oração de Paulo é *o vosso amor*, 9. 1) A educação do amor, 9; 2) O regulamento do amor, 10a; 3) A perfeição do amor, 10b; 4) A manifestação do amor, 11ab; 5) A consumação do amor: **até ao Dia de Cristo**, 10c.

SEÇÃO III

A PARTICIPAÇÃO NA ADVERSIDADE

Filipenses 1.12-26

A. O VALOR DA ADVERSIDADE, 1.12-18

Paulo expressou seu louvor a Deus pela participação dos crentes filipenses no progresso do evangelho, e fez uma petição por eles. Agora ele procura dissolver as inquietações que sentiam relativas a ele, obviamente em resposta às investigações que fizeram. **E quero, irmãos, que saibais** (12). Eles desejam saber as perspectivas do apóstolo (12), a possibilidade de visitá-los (25), o estado de saúde de Epafrodito (2.26) e quando ele pode lhes enviar ajuda (4.10ss.). Eles sofreram com ele por causa do evangelho numa participação comum na adversidade (1.7,28,30), e estão ansiosos em ter informações de suas condições pessoais e da situação do evangelho em Roma. Ele os assegura que Deus está tirando o bem do mal, está glorificando a si mesmo e está revertendo os acontecimentos a favor dos servos que o amam.

1. *O Progresso do Evangelho* (1.12,13)

As coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho (12). O compromisso de Paulo é tão completo, que ele não consegue dizer como ele está sem dizer como está o evangelho.¹ Lucas nos conta algo da situação que Paulo vivia. O apóstolo era constantemente vigiado, mas tinha permissão para morar em casa alugada, receber visitas e lhes anunciar as boas novas do Reino de Deus (At 28.16,30,31). Seu aprisionamento não restringiu o **evangelho**; pelo contrário, **maior** (*mallon*) se tornou a ocasião para o seu avanço.

O uso do termo grego *mallon* dá a entender que os crentes filipenses esperavam notícias ruins. Na opinião de certos expositores, o termo evidencia mudança nas circunstâncias de Paulo, particularmente quando analisado à luz da referência à sua “defesa” (*apologia*, 7). A sugestão é que Paulo tivesse sido transferido de sua residência provisória (At 28.30) para a prisão, onde os indivíduos sob julgamento ficavam presos. Por essa razão, os filipenses esperariam que esta custódia mais rígida significasse mais sofrimentos. Mas o apóstolo acaba com a suposição.² A palavra grega *prokopen* (**proveito**; “progresso”, BJ, NTLH, NVI, RA; “avanço”, AEC), que também ocorre no versículo 25, era usada para descrever sapadores que abriam fossos, trincheiras e galerias subterrâneas em preparação à chegada de um exército ou outro grupo bélico. É derivada do verbo *prokoptein*, que significa “cortar árvores e vegetação rasteira”. Em vez de impedir o “progresso” **do evangelho**, a prisão de Paulo serviu para tirar obstáculos e aumentar a propagação das boas novas (cf. 1 Tm 4.15).³ Este é o desejo supremo de Paulo, pouco importando o que lhe aconteça pessoalmente.

De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana (13). Melhor tradução: “As minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas” (AEC, RA). **Em Cristo** quer dizer “por causa de Cristo” (NVI). O termo grego *praitorio* é interpretado de quatro modos importantes: a) **Aguarda pretoriana**, significando os soldados; b) o palácio do imperador; c) os quartéis da guarda pretoriana; d) as autoridades judiciais ou as pessoas que ouvem os casos dos prisioneiros. A última opção, caso aceita, se ajustaria com a referência à “defesa” no versículo 7, sendo possibilidade aceitável.⁴ Lightfoot demonstrou imparcial e categoricamente que *praitorio* não pode ser aplicado ao palácio, nem aos quartéis dos soldados ou ao acampamento pretoriano. Refere-se a um grupo de homens, uma guarda ou companhia de soldados.⁵ Embora não excluamos a interpretação que diz se tratar de autoridades judiciais, a idéia de uma companhia de soldados afigura-se melhor. Augusto tinha dez mil desses homens. Esta interpretação se harmoniza com a declaração lucana de Paulo ter morado durante certo tempo em casa alugada.

Em Efésios 6.20, carta escrita na mesma prisão pouco antes de Filipenses, Paulo fala de ser “embaixador em cadeias” (*halusei*; cf. At 28.20). A alusão é à corrente que prendia guarda e prisioneiro. A cada mudança de guarda Paulo tinha nova oportunidade de testemunhar de Cristo. Na prisão de dois anos grande número de guardas teria ouvido o evangelho de Paulo. Ele havia testemunhado na prisão filipense (At 16.25-32); e agora ainda testemunhava (4.22). Além deste testemunho pessoal, é possível que Paulo já tivesse defendido oficialmente a si mesmo e ao evangelho (7).

“A palavra de Deus não está presa” (2 Tm 2.9), de forma que ele pode dizer que o evangelho é apresentado **por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares** (13). A tradução **todos os demais lugares** é obviamente inexata. Leitura melhor é: “todos os demais” (AEC, NVI, RA; cf. CH, NTLH). Esta frase confirma a dedução de que Paulo não se refere a um palácio, mas a um grupo de pessoas; provavelmente aos que o visitavam e a outros a quem subseqüentemente contaria a Palavra do Senhor. Sua prisão proporcionou nova oportunidade para testemunhar de Cristo.

2. O Incentivo dos Romanos (1.14)

E muitos dos irmãos no Senhor, tomando ânimo com as minhas prisões, ousam falar a palavra mais confiadamente, sem temor (14). **Muitos** (*pleionas*)

dos irmãos indica que alguns não se abalaram com o fato de Paulo estar preso. A expressão **no Senhor** é mais bem compreendida se não for considerada junto com **irmãos**, mas com **tomando ânimo**. Esta tradução é mais precisa: “Os irmãos, em sua maioria, motivados no Senhor pela minha prisão” (NVI; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, RA). **Muitos dos irmãos** romanos ficaram “mais [extraordinariamente] ousados para” (BAB) **falar a palavra**. Os melhores manuscritos têm “palavra de Deus” (CH, RA) ou “Palavra do Senhor”. O verbo grego *lalein* (**falar**) denota o fato de falar e não o conteúdo do discurso.⁶ Ou seja, a tendência ao silêncio foi de fato vencida. Não que eles não estivessem falando, mas que ganharam nova e maior ousadia para proclamar a Palavra de Deus sem medo. A vitória sobre o medo não se baseava na probabilidade da libertação de Paulo, pois esta de maneira nenhuma era certa. Os fatores determinantes dessa vitória foram o espírito triunfante de Paulo e seu sucesso evidente em testemunhar. Foi sua coragem que deu novo alento aos crentes romanos tímidos que, possivelmente por perseguição, tinham desanimado.

3. A Proclamação de Cristo (1.15-18)

Entre os que ficaram mais corajosos em declarar a Palavra do Senhor, há **alguns** que **pregam a Cristo por inveja e porfia** (15). Eles pregam por espírito de *erin*, **porfia**, “rivalidade” (NVI), “divisão” (CH) ou “partidarismo”. Seu objetivo, diferente do apóstolo, não é exaltar primariamente a Cristo, mas promover interesses próprios. Paulo diz que eles **anunciam a Cristo por contenção** (*eritheias*, 17); melhor, “por facção”, “por discórdia” (RA). Originalmente, a palavra significava trabalhar por pagamento. Com a passagem do tempo, veio a descrever a pessoa de acentuadas ambições profissionais, alguém que se exalta ou se promove para cargo público. Estes são autopromotores e interesseiros.⁷ **Não puramente** (17) é tradução literal (ou “não castamente”). Eles não falam toda a verdade, mas só a que serve para seus propósitos. Seus motivos são misturados, corrompidos com egoísmo (cf. Tg 3.14). Na verdade, estes não estão pregando no sentido exato do termo. É por isso que Paulo usa o verbo grego *katangelousin* (“anunciar”), palavra diferente da normalmente usada para referir-se à pregação. Eles estão tornando conhecido os fatos do evangelho, talvez a vida, morte e ressurreição de Jesus, mas o fazem por ciúme ou outros motivos indignos. São ortodoxos, mas não têm coração.

Julgando acrescentar aflição às minhas prisões (17). Eles acham que estão, literalmente, “levantando atrito” para Paulo. Esforçam-se em tornar a prisão do apóstolo uma experiência irritante, possivelmente suscitando inimigos contra ele, dessa forma pondo sua vida em maior perigo, ou no mínimo aborrecendo-o em espírito. Talvez, estes indivíduos sejam os insinceros mencionados em 2.21, que “buscam os seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo” (NVI; cf. BJ; cf. tb. Mt 23.15). Não são judaizantes, pois em outras cartas Paulo declara que eles arruinam o evangelho; não é o que ele diz aqui. É possível que Romanos 14 seja um texto descritivo desses indivíduos.⁸ Certos expositores sugerem que são os antigos mestres da igreja, que estão com inveja da ampla popularidade de Paulo.⁹ Se isto for verdade, comprova que é característica da natureza humana sentir ciúme de colegas de profissão: médicos têm ciúmes de médicos, ministros de ministros, etc. Em todo caso, as ações dessas pessoas aqui se originam de algo pessoal contra Paulo. presumem que a pregação que fazem tornará a prisão de Paulo insuportável.

Mas há outros que **pregam** por espírito de **amor, sabendo que fui posto para defesa do evangelho** (16). Estes, a despeito de equívocos pessoais, **pregam** (15, *kerussousin*, “proclamam”, BJ, RA) pelos mais sublimes motivos do **amor** (*agapes*), e não por ambição partidária e facciosa (cf. 1 Co 13). O objetivo dessas pessoas é o mesmo de Paulo, que foi **posto** (16, *keimai*, “incumbido”, RA), como soldado colocado de sentinela pelo capitão, **para defesa** (*apologian*) **do evangelho**. Aqui, o termo **evangelho** significa todos os seus testemunhos e a propagação de Cristo. Pelo que deduzimos, não se refere primariamente à **defesa** de Paulo em seu julgamento pessoal; seja como for, estas — a **defesa** pessoal e a **defesa do evangelho** — estão igualladas na mente do apóstolo.¹⁰

Mas que importa? Contanto que Cristo seja anunciado de toda a maneira, ou com fingimento, ou em verdade (18). **Contanto que** (*plen hoti*) também pode ser traduzido por “uma vez que” (RA). Esta é, na verdade, a única maneira que Paulo encara a questão (cf. 1 Co 1.17). Esses que pregam por **fingimento** (*prophasei*, lit., “pretexto”, AEC, BAB, RA) são os que falam **não puramente** (17). O propósito em que pregam, embora não o conteúdo da mensagem, é diferente do de Paulo. Não é a mensagem que anunciam, mas o espírito em que anunciam que é falho. Paulo, como no versículo 17, usa o verbo *kataggelletai*, ou seja, pelo menos Cristo é “anunciado”, se não genuinamente “proclamado”. Pelo visto, Paulo vence todo o aborrecimento pessoal acerca da situação, e expressa em linguagem um tanto quanto abrupta um ato decisivo da vontade: **Nisto me regozijo e me regozijarei ainda** (18). Ele não vai permitir que quere-las particulares esfriem o seu amor pelo evangelho e seu progresso. A paixão que monopoliza o todo de sua vida é o “progresso do evangelho” (ver comentários no v. 11). Por conseguinte, ele enfatiza o bem que está sendo feito — **Cristo** está sendo **anunciado** — e não os motivos ruins dos partidários (4.8). A atenção aos princípios básicos o poupa da amargura de alma. A verdade do evangelho capturou o seu amor; por essa razão ele suportará qualquer golpe que vier sobre ele, em vez de permitir que sirva de impedimento ao evangelho.

Nos versículos 12 a 20, Alexander Maclaren descobriu o tema “O Triunfo do Prisioneiro”: 1) O propósito monopolizador que submete todas as circunstâncias a seu serviço, 12; 2) O contágio do entusiasmo, 13,14; 3) A ampla tolerância do entusiasmo; 15-19; 4) O confronto calmo da vida e da morte, pois ambos engrandecem a Cristo, 20,21.

B. O TRIUNFO SOBRE A ADVERSIDADE, 1.19-26

1. A Base do Triunfo (1.19)

Porque sei que disto me resultará salvação (19), ou melhor, “minha libertação” (CH, NVI; cf. NTLH, RA). Parece ser citação de Jó 13.16 na Septuaginta. Paulo está, ao que parece, se comparando com Jó. O texto de Filipenses 2.12-15 é muito parecido com as determinações finais de Moisés aos israelitas (cf. Dt 31ss.), semelhança que também indica comparação com Moisés. Se tal especulação for justificável, então Paulo está se fortalecendo no Senhor (cf. 1 Sm 30.6), analisando a sorte semelhante dos santos de quem ele leu nas Escrituras veterotestamentárias.¹¹ Com isso, ele identifica a utilidade da adversidade.

A palavra **disto** (*touto*) refere-se ao anúncio de Cristo, do qual Paulo acabara de falar no versículo 18, ou ao conjunto total de suas circunstâncias? Provavelmente ambas as opções estão corretas. Isto **resultará** (lit.; ou “redundará”, BJ, RA) em sua **salvação**. O termo grego *soterian* (**salvação**) significa mais que a “libertação” da prisão ou a morte, pois para ele pessoalmente pouco lhe importava viver ou morrer (20). Os profetas e salmistas do Antigo Testamento usavam *soteria* para referir-se à vitória do vencedor de uma competição. Paulo evidentemente se imagina em batalha, lutando não “contra carne e sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades” (Ef 6.12), contra os quais a peleja final será a vitória (cf. 1.27-30). Além disso, sua prisão lhe aperfeiçoará o caráter para a glória de Cristo. Ele tem certeza de “que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto” (Rm 8.28), e que seus esforços nesta situação serão suas testemunhas no dia do julgamento.

Pela vossa oração quer dizer, literalmente, “pela vossa súplica” (AEC, BAB, RA; ver comentários no v. 4). A participação que Paulo e os crentes filipenses têm em comum o deixa inteiramente ciente da necessidade das orações dos seus companheiros cristãos. **E pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo** significa, literalmente, “provisão abundante” (*epichoregias*; cf. RA; cf. tb. “que vos dá”, Gl 3.5). A palavra é derivada de *chorus*, que descreve as pessoas usadas como plano de fundo nas tragédias gregas. O estado escolhia uma pessoa que supria as despesas do *chorus*, custeando as despesas de treinamento e sustento. A palavra também era usada para descrever a beneficência de cidadãos ricos que, dando um banquete, forneciam comida e entretenimento para a noite.¹² Assim, as experiências de Paulo **resultarão** em sua salvação pelos “recursos do Espírito” (CH), que “fornecerá tudo que for necessário”.¹³ O Espírito não só suprirá inicialmente a graça, mas continuará distribuindo graça suficiente à medida que surgirem as necessidades. A expressão **Espírito de Jesus** ocorre somente aqui no Novo Testamento. Expressões semelhantes deixam claro que a alusão é ao Espírito Santo (At 5.9; 16.7; Rm 8.9; 1 Co 12.4; 2 Co 3.17; Gl 4.6). Pouca diferença faz se o Espírito é a provisão ou se ele *traz* a provisão. Lightfoot está provavelmente certo quando diz: “O ‘Espírito de Jesus’ é o doador e o dom”.¹⁴

O que está claro é que a base do triunfo é pela **oração** dos crentes filipenses e **pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo**. Ambos são necessários. No original, só há uma preposição (*dia*, “por”) unindo a **oração** e o **socorro**. À medida que a **oração** sobe, o **socorro** (“provisão”, RA) **do Espírito** desce. As orações dos crentes filipenses e a graça de Deus são como “dois baldes em um poço; enquanto um sobe, o outro desce”.

2. A Esperança do Triunfo (1.20-24)

Segundo a minha intensa expectativa e esperança (20). O termo grego *apokaradokian* (**expectação**) indica o afastamento total de tudo para fixar-se no objeto do seu desejo. É, literalmente, “estender a cabeça” para ver algo ao longe; obviamente, no caso de Paulo era o Dia de Cristo. **De que em nada serei confundido** (20) é mais bem traduzido por “de que em nada me envergonho” (ASV). Paulo não se envergonhava do evangelho antes de ir para Roma (Rm 1.14-16), e é sua firme **esperança** de que agora não lhe faltará **confiança** (“coragem”, AEC, CH, NTLH; “ousadia”, BJ, RA; “determinação”, NVI); literalmente, “franqueza no falar” (cf. At 14.13). Ele deseja que **Cristo será, tanto agora como**

sempre, engrandecido no meu corpo, seja pela vida, seja pela morte (20). **Cristo** é o sujeito desta oração, que foi colocada na voz passiva. Meyer sugere que o passivo foi usado, porque o apóstolo percebe que ele é o órgão da operação de Deus.¹⁵ Portanto, Paulo não está dizendo: “Eu engrandecerei a Cristo”, mas: **Cristo será... engrandecido**. O seu **corpo** será o “teatro no qual a glória de Cristo é representada”¹⁶ (cf. Rm 12.1; 6.13).

O viver é Cristo (21) é tradução literal, pois **viver** é o sujeito da frase. Lightfoot traduz assim: “Para mim a vida é Cristo”.¹⁷ Outra opção tradutória é: “Vivendo, eu vive-rei Cristo”.¹⁸ As palavras **para mim** não querem dizer “em minha opinião”. O sentido é mais enfático, sendo equivalente a: “O compromisso de minha vida é com Cristo”. **Cristo** é o objetivo da vida natural de Paulo. Ele é o começo e o fim. Levando em conta a referência ao **corpo** (20), fica claro que Paulo está falando da totalidade de sua vida física e prática de serviço (cf. Rm 6.16). O que torna esta vida significativa e frutífera é **Cristo**. Semelhante vida não é possibilidade humana. É obra divina. Por conseguinte, a referência pressupõe a vida profunda e interior de Deus na alma. Paulo declara: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim” (Gl 2.20). Paulo se rendeu completamente a Cristo, que vive nele e por ele (cf. 2 Co 4.10,16; 5.15,17; Cl 3.3). Ele é “constrangido” por uma nova força — o amor (2 Co 5.14). Para ele, a vida é vivida ao máximo só em Cristo, pois “a vida eterna é esta:” Conhecer “a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17.3). Ele está dizendo: “A presença de Cristo é a alegria de minha vida, o espírito de Cristo a vida de minha vida, o amor de Cristo o poder de minha vida, a vontade de Cristo a lei de minha vida; e a glória de Cristo o fim de minha vida”.¹⁹

O morrer é ganho (21). Literalmente, “ter morrido”, quer dizer, morrer seria vantajoso. O tempo verbal em grego não indica que a morte em si é **ganho**, mas aponta o estado depois da morte. O termo grego *kerdos* (**ganho**) era usado para descrever juros em dinheiro. Portanto, **morrer** é trocar o capital e os juros e ter mais de **Cristo** do que **viver**.²⁰ O conceito paulino de **ganho** está em nítido contraste com o motivo vulgar de vantagem material que caracterizava os comerciantes de Filipos; e não nos esqueçamos de que foi esse mesmo motivo que inicialmente suscitou hostilidade à pregação do evangelho naquela cidade (At 16.19). J. W. C. Wand traduz da seguinte forma: “Para mim a vida significa realmente Cristo, e a morte traria mais vantagem”.²¹ Hamlet, no famoso monólogo “Ser ou Não Ser”, discute se “é melhor viver e sofrer as setas da boa sorte ou morrer e arriscar a sorte de sonhos acusadores”. Nenhuma perspectiva é agradável. Shakespeare “julga que a vida e a morte são males, e não sabe qual delas é a menos maléfica; Paulo julga que ambas são bênçãos, e não sabe qual delas preferir”.²² Por 30 anos o apóstolo tem vivido, não para si, para coisas materiais ou para promoção pessoal, mas para **Cristo**. Ele está preparado para **morrer**, porque está preparado para **viver**. **O viver** direito assegura o **morrer** direito. “Ser tudo para Cristo enquanto eu vivo [é] descobrir, por fim, que ele é tudo para mim quando eu morrer”.²³ Poderíamos traduzir o versículo assim: “Para mim, vivendo e morrendo, Cristo é o ganho”. Maclaren faz um comentário esplêndido sobre esta passagem: “Para o escravo, não faz diferença se ele está lá fora, no frio e na chuva, ‘arando a terra e cuidando do gado’, ou se ele está servindo seu senhor à mesa. É serviço do mesmo jeito. Apenas é mais quente e mais leve em casa do que no campo. Trata-se de promoção ser feito *escravo portas a dentro*”.²⁴

Mas, se o viver na carne me der fruto da minha obra, não sei, então, o que deva escolher (22). A gramática rudimentar indica o dilema do apóstolo. Mas o significado é claro: “Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher” (RA). Cristo é o **fruto** do trabalho de Paulo (Rm 1.13; 1 Co 3.6). Grotius entende que **fruto da minha obra** é expressão idiomática que significa “que vale a pena”. Então, teríamos: “Se o viver na carne me vale a pena...”²⁵ A tradução de Wand ajuda a esclarecer o significado: “Visto que a existência física me dá a oportunidade de trabalho frutífero, já não sei qual preferir”.²⁶ **Viver**, de acordo com a tradução de Barth, “significa estar fazendo colheita”.²⁷ Certos expositores afirmam que o termo grego *gnorizo* (**sei**) significa “declarar”. Neste caso, a idéia é: “Se é melhor para a igreja que eu viva, então não declararei minha escolha pessoal”.

Mas de ambos os lados estou em aperto (23). **Estou em aperto** é, literalmente, “estou apertado” (cf. NVI). O termo grego *synechomai* descreve o viajante numa passagem estreita, cercado pelos lados, podendo ir só para a frente. Moffatt traduz assim: “Estou num dilema” (cf. BJ). **Tendo desejo de partir e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor** (23). Literalmente, **tendo o desejo** (BAB), dando a idéia de que não é apenas mais um entre muitos desejos. O verbo grego *anulusai* (**partir**) é metáfora extraída do ato de soltar estacas e cordas de tendas para levantar acampamento (cf. 2 Co 5.1; 2 Tm 4.6). Tendo em vista que sua profissão era fabricante de tendas, esta metáfora fornece modo apropriado de Paulo descrever sua partida desta vida. O verbo também descrevia a ação de erguer âncoras e fazer-se à vela. Adam Clarke sugere que era metáfora tirada do comandante de um navio, em porto estrangeiro, que desejava fazer-se à vela rumo a seu país, mas que ainda não tinha ordens do proprietário.²⁸ Barclay destaca que a palavra também é usada para referir-se à solução de problemas.²⁹ O estado depois da morte dará soluções aos enigmas profundos da vida (1 Co 13.12). **Partir e estar com Cristo** são ações simultâneas. Quer dizer, ao morrer, a pessoa entra imediatamente na presença do Senhor. Para o cristão, estar ausente do corpo é estar presente com o Senhor (Jo 14.3; 2 Co 5.8). Para descrever a experiência de estar com Cristo, Paulo usa termos superlativos, os quais são parcialmente obscurecidos pelas traduções: **Ainda muito melhor** (RC), “muito melhor” (AEC, BJ, NVI), “bem melhor” (NTLH), “incomparavelmente melhor” (RA) e “a melhor coisa para mim” (CH).

Mas julgo mais necessário, por amor de vós, ficar na carne (24). Este é o outro lado do dilema de Paulo. Por um lado, ele deseja estar com Cristo; por outro, ele reconhece seu dever com a igreja. Entre estas alternativas ele mantém um “equilíbrio santo”. A vontade de Deus deve ser feita, mesmo que signifique subordinar o seu desejo ao seu dever para com os outros. *Epimenein te* (**ficar** “em”) é, literalmente, “permanecer por” e não “em” a **carne**. Significa “resistir por”, “não ceder por”, como o soldado que se recusa a deixar o posto (cf. 17). Ninguém vive para si. Paulo tem de pensar no bem-estar dos amigos de Filipos. Ele está pronto a renunciar as beatitudes eternas pelo serviço terreno. Não seria esta a “mente de Cristo” que ele tanto deseja para os crentes filipenses (2.5-8) e que caracteriza a vida do apóstolo (Rm 9.3; 1 Co 10.33)? Não há melhor quadro que este para descrever o modo em que o cristão entende a relação deste mundo com o outro mundo, acerca de recompensas e serviços. O desejo de Paulo não é a morte, mas Cristo. A morte é apenas a entrada numa relação mais plena com ele. Em nenhum sentido, Paulo a considera fuga das responsabilidades desta existência temporal. A acusação

de que o cristão é tão ligado ao outro mundo que se interessa apenas pelos assuntos da outra vida é uma caricatura fundamentada em engano da fé cristã. O bem dos outros sempre tem de vir primeiro, à frente de todo desejo pessoal. Por conseguinte, Paulo está pronto a continuar seu serviço para que os crentes filipenses fiquem “mais fortalecidos, como os filhotes de pássaros precisam da mãe até que as penas cresçam”.³⁰

3. O Resultado do Triunfo (1.25,26)

E, tendo esta confiança, sei que ficarei e permanecerei com todos vós (25). O começo deste versículo deve ser lido com o versículo 24. Quer dizer, Paulo está confiante de que viver é vantajoso para os crentes filipenses; ele expressa uma convicção pessoal (2.24) e não uma profecia. Ele declara sua opinião firme de que Deus permitirá o que for melhor. Literalmente, ele está dizendo: “Permanecerei” (*meno*) **com todos vós** e “permanecerei pronto para ajudar” (*parameno*) **todos vós. Para proveito vosso e gozo da fé** é mais bem traduzido por “para o vosso progresso [*prokopen*; ver comentários no v. 12] e gozo na fé” (AEC; cf. NVI).

Para que a vossa glória aumente por mim em Cristo Jesus, pela minha nova ida a vós (26) é, literalmente, “para que o vosso motivo de orgulho abunde em Cristo Jesus em mim pela minha presença de novo convosco”. O termo grego *kauchaomai* (**glória**) pode ser usado em sentido falso e em sentido legítimo (cf. Rm 15.17; Ef 2.9).³¹ A **glória** (*kauchema*) dos crentes filipenses tem de estar em Cristo, embora o objeto dessa **glória** se baseie em Paulo. *Parousia* (**ida**) é a palavra usada no grego secular para descrever a entrada cerimoniosa de um rei ou governador em uma cidade, com todas as manifestações de alegria pertinentes ao evento. Paulo está convicto de que se lhe for permitido rever os crentes filipenses, a participação mútua entre eles os levará a lhe dar um acolhimento de rei.

Os versículos 12 a 26 narram “A Santa Confiança”, que se baseia em: 1) Na providência amorosa de Deus revelada nos acontecimentos passados, 12-18; 2) Na presença ininterrupta de Cristo em cada momento, 21; 3) Na habilidade de Deus configurar a morte ou a vida, no futuro, para o cumprimento dos seus propósitos, 19-26.

SEÇÃO IV

A PARTICIPAÇÃO NA OBEDIÊNCIA

Filipenses 1.27—2.18

Paulo acalmou os crentes filipenses falando sobre sua situação pessoal e as condições do evangelho em Roma. Agora ele retira a atenção de si e a concentra nos leitores. Embora o tom afetoso permaneça até, pelo menos, o versículo 30, o apóstolo tange uma nota exortativa. Temos uma indicação para a interpretação desta passagem nas referências do apóstolo à obediência — a obediência de Cristo (2.8) e a obediência dos crentes filipenses (2.12). A obediência é virtude fundamental de servos e santos (cf. 1); neste quesito, Paulo e seus leitores dividem uma participação comum. As deliberações oferecidas aqui pressupõem tal espírito. Paulo conta que os crentes filipenses o sigam como ele segue a Cristo.

A. O DOM DA OBEDIÊNCIA, 1.27-30

1. *Obediência na Conduta* (1.27)

Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo (27). Outra tradução diz: “Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo” (RA; cf. BJ). Mas as traduções não extraem o pleno significado pretendido pelo apóstolo. A palavra grega que ele usa é *politeuesthe* (**deveis portar-vos**) derivada de *polites*, “cidadão”. O significado original era “viver orientado por certos regulamentos e leis”. Filipos era colônia romana, e alguns habitantes eram cidadãos de Roma. Tinham, portanto, o direito a todos os privilégios atinentes a tal cidadania (cf. Introdução); e na mesma pro-

porção, achavam-se ligados a certas obrigações. Uma colônia romana era um pedacinho de Roma em terra estrangeira. Seus cidadãos estavam sujeitos às suas leis, não às das autoridades provincianas. Mesmo que nunca tivesse visto Roma, a lealdade primária do cidadão era à cidade imperial. Literalmente, Paulo está dizendo aos cristãos filipenses: “Comportai-vos como cidadãos de modo digno das alegres novas de Cristo”, como também da cidade de Roma. O pensamento é ampliado em 3.20, onde Paulo declara: “Mas a nossa cidade [*politeuma*] está nos céus”. A tradução de Moffatt daquele versículo é: “Pois somos uma colônia do céu”. “Como Filipos estava para Roma, assim está a terra para o céu, a colônia nas cercanias do império, delimitada pelas fronteiras e separada por mares profundos e vastos, mas mantendo as comunicações abertas e sendo um em termos de cidadania.” Em grego, **somente** (*monon*) é enfático. Paulo está declarando: “Dai, por todos os meios, atenção suprema à vossa cidadania divina, pouco importando o quê”. O imperativo está claro na tradução de Moffatt: “Somente conduzi a vida que seja digna do evangelho de Cristo”. O evangelho não é só a mensagem que traz libertação, mas também o guia a ser seguido.

O termo grego *stekete* (**estais**) pode ser metáfora militar que significa “ficar firme”, “recusar-se a bater em retirada a despeito dos ataques violentos do inimigo” (cf. Jo 1.26; 8.44; 2 Ts 2.15). Eis o que os crentes filipenses devem fazer: **Para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito** (27). Ou a metáfora é dos espetáculos do anfiteatro romano. Em todo caso, eles não devem contar com a presença dele. Motivos secundários seriam insuficientes para produzir neles uma firmeza permanente e conduta aceitável. Eles devem permanecer firmes por causa do caráter de Deus e da qualidade da devoção prestada, e não por causa do desejo de causar boa impressão nas pessoas, mesmo em Paulo. No conjunto particular de circunstâncias em que vivem, eles têm de cumprir seus deveres espirituais, e não esperar por ocasião mais conveniente. Certos intérpretes entendem que **espírito** (*pneumati*) se refira ao Espírito Santo, ao passo que outros vêem que é alusão ao espírito humano. Pelo visto, a referência divina é preferível, pois a expressão grega exata (*en heni pneumati*) é usada em 1 Coríntios 12.13 e Efésios 2.18, onde as referências são, indiscutivelmente, ao Espírito Santo. Se se refere ao espírito humano, significa a qualidade nas relações pessoais que possibilitam a cooperação com Deus. Mesmo adotando esta interpretação, está claro que, para Paulo, um “espírito comum” genuíno não é uma possibilidade sem o Espírito Santo.²

Com o mesmo ânimo é, literalmente, “com uma alma [*psyche*]”. *Psyche* é o lugar dos sentimentos, desejos e paixões. Estes devem ser postos sob o controle do Espírito Santo (Rm 8.4ss.). Pelo visto, **o mesmo ânimo** é metáfora atlética que indica trabalho de equipe e sincronização. Aqui significa profunda unidade interior de propósito que só é possível no Espírito Santo (cf. At 4.32). A preocupação de Paulo é que a característica contenciosa da igreja em Roma não se manifeste entre os crentes filipenses. Eles têm de combater **juntamente**, e não em oposição uns aos outros, numa causa comum. Eles entraram no Reino violentamente, e têm de continuar protegendo-o e estendendo-o violentamente (Mt 11.12). As colônias romanas podiam ampliar as fronteiras fazendo guerras agressivas. Da mesma maneira, a “colônia do céu”, que está em Filipos, tem de “[combater] o bom combate da fé” (1 Tm 6.12, RA), desta forma ampliando o território. Aqui, não devemos personificar **fé** como se o crente tivesse de combater “com” **fé** ou **pela fé** em sentido

objetivo. Nem significa um conjunto de ensinamentos somente. Refere-se à confiança e compromisso que vêm em resultado de ouvir o **evangelho**. A expressão sugere a manutenção da relação certa com o **evangelho** e, por conseguinte, com Cristo, e bem pode incluir o ganho de convertidos ao **evangelho**. Os crentes filipenses têm de manter-se nesse espírito de amor a fim de lutarem, “lado a lado, como um homem, pela fé do evangelho” (Moffatt).

2. Obediência no Conflito (1.28-30)

O termo grego *pturomenoi* (28, **vos espanteis**) aplicava-se originalmente ao animal amedrontado, particularmente ao cavalo assustado ou medroso. Levando em conta o restante do versículo, os **que resistem** (*antikeimenon*) não é menção aos judeus que subvertiam o evangelho, mas aos pagãos. É evidente que Paulo tem em mente a oposição que enfrentou em Filipos. Phillips parafraseou as palavras desta forma: “Não dando a mínima atenção para seus inimigos” (CH, que nesta versão ocorre no v. 27). Se Paulo está se comparando com Moisés que deu as determinações finais aos israelitas registradas nos últimos capítulos de Deuteronômio (ver comentários em 1.19), então ele está usando a linguagem de Moisés: “Não temais, nem vos espanteis diante deles” (Dt 31.6).

O que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas, para vós, de salvação, e isto de Deus (28). As palavras **o que** se referem à firmeza dos crentes filipenses na fé do evangelho (27). A primeira frase pode ser traduzida literalmente por: “Vendo que para eles é demonstração clara de destruição”. A palavra grega *endeixis* (**indício**) significa “mostra” (cf. “sinal”, AEC, BJ, BV, NVI; “evidência”, BAB; “prova clara”, CH, RA; “prova”, NTLH), a prova fundamentada na evidência dos fatos (cf. Rm 3.25,26; 2 Co 8.24). A palavra grega *apoleias* (**perdição**) significa “destruição” (NVI), “ruína” (BJ) ou “desperdício” (2 Ts 2.3).

A frase **mas, para vós, de salvação** (28) é traduzida com mais precisão por “mas de vossa salvação”. As palavras **salvação** (*soterias*) e **perdição** (*apoleias*) referem-se ao destino final. De que modo Paulo pensa que a intrepidez e firmeza dos filipenses sob pressão será demonstração de que os pagãos serão destruídos e os filipenses salvos? Qualquer que seja a resposta, o **indício** ou “sinal” é “da parte de Deus” (AEC, BAB, BJ, BV, NVI, RA). Lightfoot entende que esta expressão **de Deus** denota a prática dos gladiadores, cujo destino dependia dos espectadores que, através de sinal, indicavam se os gladiadores viveriam ou morreriam. Por isso, prestavam bastante atenção ao sinal dado na tribuna de honra. Mas o “gladiador cristão não espera ansiosamente o sinal de vida ou morte da multidão inconstante”.³ Ele obtém o “sinal” **de Deus**, que lhe dá sinal certo de libertação. Tal postura por parte do cristão indica que **Deus** está trabalhando nele. Este fato glorioso se torna sinal de ruína para os oponentes, pois eles testemunham o trabalho sobre-humano no crente e se desesperam: “Se Deus é contra nós, quem será por nós?”⁴ Será que Paulo está pensando no modo que Deus tratou com ele como perseguidor da igreja, particularmente quanto a ter testemunhado a morte triunfante do primeiro mártir cristão: Estêvão (At 7.59,60; 9.5)? Os filipenses também conhecem o exemplo clássico deste modo de Deus tratar os homens. Um dos filipenses, o ex-carcereiro de Filipos, foi convencido e convertido quando viu o poder de Deus manifestado na vida de Paulo e Silas (At 16.27-34).

Nos versículos 27 e 28, encontramos “Os Cidadãos dos Céus”. 1) Mantenha vivo o senso de pertencer à cidade-mãe, 27; 2) Viva pelas leis da cidade: Digno do **evangelho**,

27a; 3) Lute pelo avanço dos domínios da cidade: **Combatendo juntamente... pela fé do evangelho**, 27; 4) Esteja certo da vitória: **Em nada vos espanteis dos que resistem**, 28 (Alexander Maclaren).

Porque a vós vos foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele (29). A palavra grega *echaristhe* (**concedido**) é formada da raiz do substantivo *charis*, que significa “graça” ou “favor”. Assim como a crença em **Cristo**, ou a confiança salvífica absoluta, é um dom de Deus, assim também é o sofrimento por causa de Cristo (cf. Mt 5.11,12; Ef 2.8; 2 Tm 2.12; Jo 1.12,13). O sofrimento não é marca distintiva da raiva de Deus (At 5.41; Cl 1.24; 1 Pe 4.13). Para os crentes filipenses, era o “presente de casamento, quando eles desposaram Cristo; a gratificação por terem se alistado no serviço de Cristo. Ao se tornar um com ele, eles entraram na comunicação de suas aflições”⁵ (3.10). Eles devem se animar, pois o sofrimento é pela “causa de Cristo” (2 Co 8.2).

Na primeira visita de Paulo à cidade, os filipenses viram as lutas que ele empreendeu contra inimigos (At 16.12,19; 1 Ts 2.2). Agora, eles ficam sabendo que ele está enfrentando lutas semelhantes. Por isso, o apóstolo escreve: **Tendo o mesmo combate que já em mim tendes visto e, agora, ouvis estar em mim** (30). Pelo visto, o termo grego *agona* (**combate**) é alusão às competições atléticas. Na descrição de Paulo, os cristãos são atletas na arena, travando lutas romanas contra seus oponentes pagãos (Ef 6.12). Os crentes filipenses e Paulo, como ocorre com todos os cristãos, estão na mesma disputa. Por conseguinte, estão “combatendo juntamente” em uma cooperação de obediência.

B. O SIGNIFICADO DA OBEDIÊNCIA, 2.1-4

1. A Fonte da Obediência (2.1,2)

Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e paixões (1). A palavra transitiva **portanto** refere-se evidentemente a 1.27. O uso paulino da conjunção condicional **se** é retórico e de forma alguma expressa dúvida. Talvez o termo grego *paraklesis* (**conforto**) seja mais bem traduzido por “exortação” (RA), pois era comum Paulo usar o verbo cognato neste sentido (cf. Rm 12.1; 15.30; 16.17; 1 Co 1.10; 4.16; 16.15; Ef 4.1; Fp 4.2).⁶ Não deixa de ser importante mencionar a palavra relacionada *Paraclete*, que é traduzida por “O Advogado”, “Consolador” ou “Aquele que fortalece”. A força à qual Paulo se refere está **em Cristo** (cf. 1.1). **Consolação de amor** é, literalmente, “consolação” ou “incentivo”, “estímulo”. Quanto ao significado de **comunhão** (*koinonia*), ver comentários em 1.5. No original grego, não há artigo antes de **Espírito**, mas os tradutores modernos são categóricos na defesa neste ponto (cf. ACF, AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI, RA). Pressupõe-se que esta **comunhão** seja um dom do **Espírito Santo**. **Afetos** é mais bem traduzido por “afetos ternos” (cf. AEC, BAB, BJ, BV, NVI, RA). A tradução **paixões** está correta.

O significado do versículo é claro: Se há força ou sustento divino “para os que estão em Cristo Jesus como vós estais (e há); se há consolação ou incentivo que vem do vosso amor (e Paulo está confiante de que há); se a participação no Espírito Santo significa

algo (e significa); se há em vós ternura afetuosa (e Paulo está certo de que há)",⁷ então **completai o meu gozo** (2). Lightfoot traduz assim: "Enchei meu cálice de alegria até transbordar"⁸ (cf. BJ). Este pedido veemente do apóstolo foi chamado de "tautologia da determinação".⁹ Mas não é pedido egoísta. Paulo ama os crentes filipenses com o amor de Cristo (cf. 1.7,8). Eles compartilham com ele numa comunhão mútua. Portanto, o que completasse sua alegria e amor também seria para o bem deles (1.3,4). Eles são sua "alegria e coroa" (4.1), e ele se alegrará neles ainda mais se eles sentirem **o mesmo, tendo o mesmo amor**, literalmente, "tendo a mesma mente e o mesmo amor" (cf. NVI). E os instrui a ter **o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa**, literalmente, "prestando atenção à mesma coisa". Os crentes filipenses têm de agir "juntos como se uma única alma os ativasse".¹⁰ Paulo está exigindo, não unidade de julgamento, mas unanimidade moral — unidade de estado de espírito.

2. A Submissão da Obediência (2.3,4)

Nada façais por contenda ou por vanglória (3). No grego, a frase está incompleta; **façais** não está no original. Levando em conta a palavra grega *phronountes*, traduzida no versículo anterior por **sentindo uma mesma coisa**, talvez tradução melhor seria "nada penseis de modo a contender".¹¹ A humildade da obediência não tolera nada que seja feito "de acordo com a facção" (*kata eritheian*) ou segundo a "presunção infundada" (*kenodoxian*), **mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo**. Este não é apelo a favor de servilismo miserável, que é muitas vezes máscara de falsa humildade. Trata-se de pedido à auto-avaliação genuína que reconhece que temos imperfeições desconhecidas pelos outros, e que os outros possuem virtudes óbvias que eles mesmos não demonstram.

Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros (4). O versículo está no imperativo. Não devemos fixar os olhos somente em nossos próprios interesses, como o corredor que fixa os olhos só na meta e nada mais (cf. Rm 12.10). No original, as frases **cada um** e **cada qual** são traduções da mesma palavra grega; mas as aplicações em grego podem ser diferentes. Provavelmente, no primeiro uso e, certamente, no segundo, o grego é plural. Sendo assim, pode ser traduzido por "cada círculo" ou "cada grupo".¹² A igreja em Filipos não foi afetada por heresia. Há uma ameaça à comunhão, por causa de interesses próprios de certos indivíduos ou partidos dentro da igreja. A genuína humildade evita que o indivíduo insista até no que ele julga ser seu direito (cf. 1 Co 6.7).¹³

Dos versículos 1 a 4, Alexander Maclaren pregou sobre o "Apelo à Unidade". Ele observa: 1) Os motivos e laços da unidade cristã, 1; 2) O ideal justo que completaria a alegria do apóstolo, 2; 3) Os obstáculos e ajudas para terem o mesmo modo de pensar (3,4).

C. O EXEMPLO SUPREMO DE OBEDIÊNCIA, 2.5-11

Esta é uma das passagens cristológicas mais majestosas e profundas de todas as Santas Escrituras. Não há homem que ouse escalar os picos montanhosos da revelação contida nestes versículos. Ao lê-los, ficamos mais inclinados a louvar do que a analisar

ou discorrer cerca da teologia que revelam. Considerando a construção e equilíbrio metódico das frases, temos a sensação de que se trata de um poema ou hino usado na adoração pela igreja primitiva. Mas não podemos evitar a interpretação e, historicamente, estes versículos deram origem a pontos de vista numerosos e, por vezes, antagônicos. Quaisquer que sejam as mínimas diferenças de significado que se identifiquem aqui, a mensagem essencial de Paulo (idêntica ao pensamento expresso em 2 Co 8.9) não é difícil de descobrir. Para isso, temos de manter em mente que seu propósito primário é de natureza prática. Ele está lidando com um problema que ameaça pôr fim à unidade dos crentes em Filipos. Em oposição à disposição de alguns que fazem valer seus direitos egoisticamente, Paulo estabelece o espírito de Cristo como exemplo supremo de obediência.

1. A Razão para a Obediência (2.5,6)

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento (5) é, literalmente, “pensai [*phroneite*] nisto em vós mesmos”.¹⁴ “Pensar” também é usado em 1.7 e 2.2 (ali traduzido por “sentir”; e “sintais”, “sentindo”). Porém, como explicamos nos comentários desses versículos, conota mais que mero pensamento. Refere-se primariamente à disposição de ânimo, atitude, estado de espírito. A palavra **houve** na frase **o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus** não ocorre no texto original. Talvez “há” seja melhor. Moffatt traduz o versículo assim: “Tratai uns aos outros com o mesmo espírito à medida que vós experimentais em Cristo Jesus”. Também foi traduzido assim: “Tende esta mente em vossa comunidade, que é também a que tendes em Cristo Jesus”.¹⁵ Este modo de traduzir a frase é consistente com a ordem para os crentes filipenses operarem a própria salvação (12). Também serve de exortação legítima contra a separação errônea que certos cristãos professos fazem entre a vida religiosa e os relacionamentos com as pessoas. Aqui se mostra a absoluta impossibilidade de amar Deus sem, ao mesmo tempo, amar os semelhantes.

Os gregos tinham duas palavras para referir-se a **forma** (6). Uma referia-se à mera aparência externa, como quando uma miragem toma a forma de água. Neste caso, não há verdadeira equivalência entre a aparência e o que se afigura que é. A outra palavra grega denota que a aparência do objeto é a verdadeira revelação ou expressão do próprio objeto. Quer dizer, a **forma** participa da realidade; assim a realidade se revela na **forma**.¹⁶ É a segunda palavra grega (*morphe*) que Paulo emprega aqui: **Que, sendo em forma de Deus** (cf. Mc 16.12). Cristo é o *morphe theou*, ou seja, a verdadeira e plena expressão ou revelação de Deus. Esta revelação não pode ser explicada por categoria humana. É totalmente inexplicável à parte da afirmação de que a fonte absoluta da revelação é o próprio Deus. Portanto, Paulo fala de **Cristo Jesus** como **sendo** ou “subsistindo” (*huparchon* [cf. RA]) **em forma de Deus** — e não que **Cristo Jesus “é”** (*einai*) na **forma de Deus**. Em outras palavras, aquilo que se revelou, ou seja, Deus, é antes da própria revelação. Mas a revelação, Cristo, que é o revelador, é um com Deus, que é o revelado. Por ser assim, a revelação de Deus em Cristo é verdadeira. Por conseguinte, Paulo está proclamando de modo querigmático e didático o que a igreja sustentava teologicamente — que **Deus e Cristo Jesus** são *homoousias*, “de uma substância”.

Não teve por usurpação ser igual a Deus (6). O termo grego *harpagmon* (**usurpação**) é derivado do verbo que significa “arrebatar”, “agarrar” ou “pegar violentamente”. Daí esta tradução da frase: “Não considerou que o ser igual a Deus era algo a

que devia apegar-se” (NVI; cf. BV, CH).¹⁷ Pelo visto, “ser igual” não se refere tanto à *natureza* quanto à *relação*.¹⁸ Há base racional para presumir que Cristo, sendo a revelação de Deus, teria exigido seus direitos de ser reconhecido como **igual a Deus**. Mas, contrário à acusação dos seus inimigos (Jo 5.17,18), foi precisamente isso que ele recusou fazer — insistir nos seus direitos (cf. BJ) ou usurpar o lugar de Deus. Ele recusou buscar enriquecimento próprio ou auto-satisfação. É possível que Paulo tivesse em mente o contraste entre o primeiro Adão, que egoisticamente desejou ser “como Deus” (Gn 3.5), e Cristo, o segundo Adão, que altruisticamente atentou “para o que é dos outros” (4).

2. A Exigência da Obediência (2.7,8)

Aniquilou-se a si mesmo (7) é, literalmente, “esvaziou-se” (cf. AEC, BAB, NVI, RA). Esta é a famosa passagem do “kenose” (*neauton ekenosen*). Bruce observou que a “diversidade de opiniões que prevalece entre os intérpretes a respeito do significado desta passagem é suficiente para deixar o estudante desorientado e atormentá-lo com paralisia intelectual”.¹⁹ Neste caso, a situação prática indica o princípio de que a interpretação mais simples é a melhor. É desnecessário perguntar, como muitos o fazem: Cristo esvaziou-se de quê? De sua deidade? De sua natureza? De suas prerrogativas divinas? De ser igual a Deus? Paulo simplesmente diz que Cristo se esvaziou. O verbo grego *kenoun* significa “despejar”, sendo o próprio Cristo o objeto. Cristo se esvaziou de si mesmo. Em nenhum momento ele permitiu que considerações egoístas dominassem sua vida imaculada. Certos expositores comparam os versículos 7 e 8 com Isaías 53.12, que diz: “Ele [...] derramou a sua alma na morte”.²⁰ Esta comparação é particularmente surpreendente, levando em conta a referência no versículo 8 à morte e a afirmação **tomando a forma de servo** (7), que é, literalmente, “tendo tomado a forma de escravo”. **Tomando** (*labon*) é um particípio aoristo, que indica ação simultânea.²¹ A conclusão é que subsistir na forma (*morphe*) de Deus e ter tomado a forma (*morphe*) de escravo são ações simultâneas e não incompatíveis. A última é a revelação da primeira, e a primeira é a explicação da última. A humanidade de Cristo não era fingimento. Ao assumir a **forma de servo** ele revelou o verdadeiro significado de servir. Ele não se tornou escravo de um homem — embora seu serviço fosse expresso a homens individualmente (Lc 22.27) —, mas foi o **servo** da humanidade.²²

Fazendo-se semelhante aos homens (7) pode ser traduzido por “ele se tornou [*genomenos*] como os homens” (plural; cf. BV, NTLH). A referência é à humanidade de Jesus, que teve um começo no tempo e deve ser considerada no sentido de Gálatas 4.4: “Deus enviou seu Filho, nascido de mulher”²³ (cf. tb. Rm 8.3). Donald Baillie foi discernente ao destacar: “A igreja nunca ensinou que o elemento humano em Jesus, sua humanidade, é consubstancial ou co-eterno com Deus, mas que é consubstancial conosco e pertence à ordem das coisas criadas”.²⁴ O termo grego *homoiomati* (**semelhança**) não dá margem a considerarmos algo menos que homem. A humanidade de Cristo não era mera máscara ou disfarce. Ele era “realmente *como* os homens, da mesma forma que *era* verdadeiramente homem”; mas “era também *mais que* homem, *diferente dos* homens, sem cujo fato não seria semelhança, mas *mera identidade*”.²⁵ Jesus Cristo era verdadeiramente homem, mas nele e por ele veio a revelação de Deus. Isto o torna único e distinto do homem — ele é “verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus”. O único modo de Paulo expressar esta verdade é falar da semelhança de Jesus com os homens.

Forma (8, *schema*) denota o modo em que Cristo se mostrou aos olhos humanos. Barth traduz assim: “Sendo achado em seu ser como homem”.²⁶ Os contemporâneos de Jesus o viam como outro homem, sujeito às necessidades e sofrimentos humanos (Hb 4.15). Compare com Isaías 53.2: “Não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos”. Foi necessário um milagre divino para vermos Deus neste Servo. Fé que ele é a revelação plena e verdadeira de Deus não vem “do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus” (Jo 1.13). A confissão que ele é o Cristo surge pela revelação do “Pai, que está nos céus” (Mt 16.16,17). Paulo diz em outras palavras: “E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1 Co 12.3).

Humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte (8). O texto não declara explicitamente a quem foi prestada obediência. A frase **até à morte** significa “até à importância da morte”. Contudo, Cristo se sujeitou à morte “para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo, e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão” (Hb 2.14,15).²⁷ Devemos enfatizar que os atos de Cristo de auto-humilhação e obediência **até à morte** foram voluntários — de si mesmo ele depôs a vida (Jo 10.17,18) —, ao mesmo tempo que tais atos estavam de acordo com a vontade do Pai. **A morte de cruz** fala do clímax da humilhação própria de Cristo, pois era a maneira mais infame de morte conhecida nos dias de Paulo. A lei de Moisés proferira uma maldição contra ela (Dt 21.23), e os gentios a reservavam para seus mais odiados inimigos e criminosos comuns. Assim, associada à cruz estava a vergonha mais intensa (Hb 12.2).²⁸ Mas por sua obediência **até à morte e morte de cruz**, Cristo “aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho” (1 Tm 1.10). Por conseguinte, “a cruz de Cristo se tornou sua coroa de glória”²⁹ (cf. Rm 5.19).

3. A Recompensa da Obediência (2.9-11)

Pelo que (dio), ou por causa da sua obediência, **também Deus o exaltou soberanamente** (9). Jesus não só ensinou que a exaltação vem depois da auto-humilhação; ele também a demonstrou (cf. Mt 23.12; Lc 14.11; 18.14). A exaltação de Cristo inclui sua ressurreição e ascensão.³⁰ **E lhe deu um nome** pode significar “e lhe concedeu livremente um nome”. Alguns manuscritos têm “o nome” (com o artigo definido; cf. BJ, CH, NTLH, NVI, RA), distinguindo-o nitidamente de todos os outros nomes (Ef 1.20,21). Lightfoot entende que não se refere ao nome *Jesus*, pois muitos tinham esse nome.³¹ Se tem em vista um nome particular, é provavelmente “Senhor” (cf. 11; cf. tb. At 2.26). Nos dias de Paulo, os soldados faziam o juramento em nome de César, denotando a autoridade de César.³² De modo semelhante, o novo nome de Jesus, ou seja, “Senhor”, denota sua soberania absoluta.

Para que ao nome de Jesus (10; cf. Is 45.23) é mais bem traduzido por “para que no nome de Jesus”, ou conforme Moffatt: “Para que diante do nome de Jesus” (cf. CH). O significado do versículo talvez seja que os homens devam fazer todas as suas orações neste nome (cf. Jo 14.13,14; At 3.6; Ef 2.18; 3.14; 5.20). A alusão a coisas ou seres (cf. NTLH) **nos céus, na terra e debaixo da terra**, abrange indubitavelmente a totalidade da criação (cf. Rm 8.22; 1 Co 15.24-28; Ef 1.20-22). Todas as coisas, animadas e inanimadas, não podem se esquivar ou negar o senhorio de Cristo Jesus. Pelo visto, a parte final da frase: **E toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor** (11), era o mais

antigo credo da igreja (cf. Rm 10.9; 1 Co 12.3; 8.6). **Confesse** encerra a idéia de ação de graças ou gratidão alegre (cf. Mt 11.25; Lc 10.21).³³ Por leitura alternativa de uma letra, apoiada por alguns manuscritos, o termo grego *exomologesetai* pode ser traduzido por “confessará” (CH), tornando a frase uma declaração profética.³⁴ Neste caso, o significado seria que, ainda que nem todos aceitem hoje pessoalmente o senhorio de Cristo, no dia final, por ser ele o Juiz, eles não poderão negar que ele também é **Senhor, para glória de Deus Pai** (cf. Ap 5.13). Assim, a auto-rendição de Cristo continua até mesmo na sua exaltação (cf. 1 Co 15.28).

De acordo com Paulo, **Jesus** é o *Servo* que se tornou o *Senhor*. A aplicação prática que o apóstolo tem em mente para os crentes filipenses se expressa nas palavras de Jesus: “Qualquer que, entre vós, quiser ser o primeiro, que seja vosso servo” (Mt 20.27).

D. A EXORTAÇÃO À OBEDIÊNCIA, 2.12-18

Ao longo de toda esta passagem, Paulo mantém em mente as determinações de despedida dadas por Moisés aos filhos de Israel, a quem liderara apesar das murmurações, controvérsias e desobediências até na própria fronteira da Terra Prometida (Dt 32).³⁵ O apóstolo é afetuoso ao se dirigir aos crentes filipenses, chamando-os de **meus amados** (ocorre duas vezes em 4.1). Por causa da participação e comunhão mútua que tinham com ele, eles **sempre** lhe obedeciam (12), quer dizer, visto ser ele o pai espiritual dos crentes filipenses, desde o princípio desta relação eles reconhecem que a autoridade que Paulo tinha sobre eles procedia de Deus.³⁶

1. A Praticabilidade da Obediência (2.12)

Devido à obediência passada, Paulo exorta os crentes filipenses: **Operai a vossa salvação** (12). No grego, a estrutura da oração gramatical dá a entender que as frases **não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência** devam ser ligadas a **operai** e não a **obedecesteis**. Ao usar *nun* (**agora**), Paulo sugere que sua ausência significa mais que estar distante deles fisicamente. Até agora, ele tem estado presente por carta, mesmo quando não podia lhes entregar uma mensagem falada. **Minha ausência** refere-se evidentemente à morte, depois da qual os crentes filipenses não terão os conselhos orientadores do apóstolo. Por conseguinte, eles têm de começar a agir por conta própria, ou a operar a própria salvação.³⁷ Esta operação, na tarefa contínua de seguir o exemplo de obediência de Cristo, deve ser feita **com temor e tremor**, ou seja, no espírito de vigilância, humildade e dependência prestada a Deus (1 Co 2.3; Ef 6.5), como quando seguramos algo extremamente precioso e raro.

Esta não é negação da justificação pela fé, pois as palavras foram dirigidas a cristãos e não a incrédulos. **Salvação** (*soterion*) é algo que eles já possuem.³⁸ A palavra grega que Paulo usa para dizer **operai** transmite a idéia de levar à conclusão.³⁹ Os crentes filipenses têm de operar *exteriormente* na função de *comunidade* em suas relações sociais o que Deus operara *interiormente* neles pela fé. Tendo em vista os versículos 14 e 15 (como tb. o cap. 3), é possível que haja nos estágios iniciais em Filipos o espírito de farisaísmo, que ameaça a unidade da cooperação e comunhão. Portanto, cada grupo faccioso tem de operar a própria **salvação** e parar de comparar egoisticamente seu progres-

so espiritual com os outros grupos. Esta interpretação é válida se, como é provável, Paulo está se comparando com Moisés que, em discurso, deu suas determinações de despedida a Israel *como um corpo* (Dt 31.27).

2. A Promessa de Obediência (2.13)

A operação pode ser feita com garantia: **Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade** (13; cf. 2 Pe 1.10). **Opera** (*energon*) e **efetuar** (*energein*) são traduções do mesmo verbo grego. Esse verbo sempre é usado para referir-se à ação de Deus e à ação efetuada. Lightfoot traduz: Deus “opera poderosamente” **em vós**.⁴⁰ A salvação é totalmente de Deus, tanto no desejo quanto na efetuação, do começo ao fim. De forma alguma esta verdade mina a parte do homem, que foi afirmada claramente no versículo prévio. Paulo está dizendo que a atitude cristã genuína é dar a Deus toda a glória. É óbvio que este era procedimento que alguns dos crentes filipenses não estavam inclinados a fazer. O contexto indica que “entre vós” pode ser melhor que **em vós**, sobretudo considerando que **segundo a sua boa vontade** significa literalmente “por causa da boa vontade” (*sua* não ocorre no original grego; ver 1.15, onde ocorre a mesma palavra grega *eudokian*, traduzida por “boa mente”). Paulo está confiante de que Deus está trabalhando e continuará trabalhando mesmo depois da morte do apóstolo, para promover a boa vontade em Filipos. Se Paulo ainda estiver se comparando com Moisés, sua intenção é que este versículo seja uma promessa (cf. Dt 31.8).

3. O Propósito da Obediência (2.14-18)

É desnecessário determinar se **murmurações** e **contendas** (14) têm a ver com as relações entre companheiros ou com Deus. É lógico que um ato envolve o outro. O termo grego *goggusmon* (**murmurações**) conota um espírito de descontentamento e teimosia, como o que caracterizou os israelitas no deserto (cf. Nm 16; 1 Co 10.10). O termo grego *dialogismon* (**contendas**) significa “interrogatórios”, “questionamentos” ou “dúvidas” (cf. Rm 14.1). Estas atitudes estão na sequência em que normalmente ocorrem. Quase sempre, a dúvida intelectual acompanha a revolta moral contra Deus e a quebra de relações com nossos companheiros. O cristão não deve esquecer que “as explicações, caso ocorram, vêm depois da obediência e não antes”⁴¹ (cf. Jo 7.17). Nos versículos seguintes, Paulo apresenta claramente o propósito da obediência.

Para que sejais irrepreensíveis e sinceros (15) é mais bem traduzido por **para que** “vos torneis” (*genesthe*, BAB, RA; cf. BJ) ou “vos mostreis” **irrepreensíveis** (*amemptoi*) e **sinceros** (*akeraioi*) diante dos homens. O termo grego *akeraioi* significa “simples” ou “absolutamente sincero” e “sem mistura” ou “puro” (BJ; cf. Mt 10.16). A palavra era usada para referir-se a vinho puro, sem mistura de água, ou a metal que não continha combinação com outros metais. Pode ser traduzida por “inocentes” (CH, Moffatt). **Filhos de Deus** indica o caráter de família de Deus e, portanto, diz respeito à semelhança familiar (Jo 1.12). O termo grego *amometa* (**inculpáveis** ou “sem marca”) alude a Momo, deus da sátira. Entre os gregos, essa deidade censuradora, não fazia nada de valor, exceto identificar os erros e as falhas em tudo e em todos. Os cristãos devem andar tão prudentemente que até o próprio Momo, por mais que procure, não encontre neles falta alguma.⁴² A palavra grega comparável, *amomos*, está relacionada a sacrifícios, dan-

do a entender sacrifício adequado para ser oferecido a Deus. Barclay diz que as palavras gregas traduzidas por **irrepreensíveis**, **sinceros** e **inculpáveis** têm a ver, respectivamente, com a relação do cristão com o mundo, consigo mesmo e com Deus.⁴³

Os israelitas foram **geração corrompida e perversa**, que fracassaram em ser **filhos de Deus** (Dt 32.5). Paulo está esperançoso de que os crentes filipenses **no meio de geração** semelhantemente **corrompida e perversa** resplandeçam **como astros no mundo** (15). O termo grego *phosteres* (**astros**) refere-se aos corpos celestes — o sol, a lua e as estrelas. Como estes fornecem luz para o mundo físico, assim a luz dos crentes deve brilhar nas trevas do **mundo** moral e espiritual. A ilustração também pode ser faróis num litoral (BV). Em todo caso, os crentes têm de ser “portadores de luz” (cf. Mt 5.14). Embora a luz dos crentes seja reflexo da “luz verdadeira, que alumia a todo homem que vem ao mundo” (Jo 1.9), eles têm de ser ativos doadores de luz, **retendo a palavra da vida** (16). O termo *epechontes* (**retendo**) era usado no grego clássico para descrever a ação de oferecer vinho a um convidado.⁴⁴ **A palavra da vida**, consistente com o uso bíblico, tem de se referir não só à mensagem proclamada, mas também a Jesus Cristo, a Palavra viva que é Luz e Vida (Jo 1.4; 8.12; 1 Jo 1.1). Esta **palavra da vida** livra do pecado e da morte (Rm 8.2). É o próprio Cristo, o Pão da Vida, que os crentes oferecem a um mundo faminto. Onde fazem isso, os servos de Cristo se tornam aqueles que partilham o “cheiro de vida para vida” (2 Co 2.16).

Paulo também tem em mente um propósito pessoal para a obediência dos filipenses, qual seja, **para que, no Dia de Cristo, possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão** (16). Cada vez mais o apóstolo está pensando no Dia final de Cristo (cf. 1.6,10), normalmente expresso nas Escrituras por “o Dia do Senhor”. Ele espera ter motivos para gloriar-se (*kauchema*, “gabar-se”, “orgulhar-se”; cf. CH, NVI) entre os de Filipos, quando chegar a hora de ele prestar contas de sua mordomia a Deus. Se eles fracassarem, ele terá **corrido e trabalhado em vão** (cf. Gl 2.2). Paulo fala como se já estivesse olhando para trás em sua vida, como se seus trabalhos em prol dos filipenses já tivessem sido encerrados. A expressão grega *eis kenon* (**em vão**) era usada para referir-se à água desperdiçada, ou ao treinamento que se mostrou infrutífero para o atleta derrotado, ou ao tecedor de tecidos para tendas que não recebeu salário, porque seu trabalho foi rejeitado por haver uma faixa de tecido mal tecida.⁴⁵

Mas esta esperança pessoal não é egoísta. Paulo continua: **E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós** (17). A tradução literal é: “E se estou sendo derramado como libação...” O termo grego *spendomai* (**oferecido**) era usado para denotar o fato de que, quando o animal estava prestes a ser morto em sacrifício, derramava-se vinho sobre ele como ato solene de dedicação a Deus (cf. Nm 15.5; 28.14).⁴⁶ Se a morte de Paulo de alguma forma completar ou aperfeiçoar o sacrifício da fé ou os atos de serviço dos crentes filipenses, ele morrerá alegremente (cf. 2 Co 12.15; 2 Tm 4.6). Moule molda os pensamentos de Paulo assim: “Eu disse que labutei por vós? Não, se tenho também de dizer que *morri, derramei o sangue do meu coração*, digo que é só alegria para mim”.⁴⁷ O martírio de Paulo e a vida dos filipenses (cf. Rm 12.1) juntos constituiriam uma única oferta mútua a Deus. As próximas palavras do apóstolo são um imperativo carinhoso: **E vós também regozijai-vos e alegrai-vos comigo por isto mesmo** (18). O espírito é similar ao do valente ateniense, mencionado por Plutarco, que depois da batalha vitoriosa de Maratona, vol-

tou para Atenas sangrando, mortalmente ferido em batalha. Indo diretamente para casa onde os magistrados estavam reunidos, ele só conseguiu dizer: “Tomai parte de nossa alegria”, e imediatamente caiu morto aos pés deles.⁴⁸

Os versículos 1.27 a 2.18 apresentam claramente o tema “As Marcas do Verdadeiro Cristão”. O indivíduo semelhante a Cristo caracteriza-se por: 1) Comportamento compatível com o evangelho de Cristo, 27-30; 2) Espírito de abnegação que fomenta unidade e humildade, 2.1-8; 3) Obediência que surge do temor santo, 2.12,13; 4) Testemunho que proclama fielmente a **palavra da vida**, 2.15,16.

SEÇÃO V

A PARTICIPAÇÃO NA PREOCUPAÇÃO

Filipenses 2.19-30

É deveras surpreendente achar em um único capítulo uma das passagens cristológicas mais profundas de todo o Novo Testamento junto com os sentimentos humanos mais intensos expressos nos escritos de Paulo. Esse era o caráter do apóstolo que não via dicotomia entre doutrina e discipulado, compromisso com Deus e preocupação pela humanidade. Paulo sabe que os crentes filipenses estão ansiosos em saber notícias a seu respeito. Para tranquilizá-los, ele lhes envia Epafrodito, mesmo antes que se conheça o resultado do seu julgamento. O apóstolo também está muito preocupado com o progresso espiritual dos filipenses, o qual está sob ameaça, e promete enviar Timóteo em breve, por quem, quando retornar, ele receberá um relatório completo de Filipos. É esta participação em preocupações mútuas que forma o contexto para estes versículos.

A. A RESPONSABILIDADE DA PREOCUPAÇÃO, 2.19-24

Paulo tinha coração de pastor, fato que não lhe permitia supor que sua responsabilidade acabava assim que ganhasse novo-convertidos para Cristo. Ele continuava preocupado com o crescimento e o desenvolvimento da fé dos neoconvertos. Visto não poder ir a Filipos, ele declara: **E espero, no Senhor Jesus, que em breve vos mandarei Timóteo** (19). Para o apóstolo, a expressão **no Senhor Jesus** não é chavão inócuo.

Sua vida inteira, desde as questões primordiais até às de menor monta, está sob o controle de **Jesus** Cristo (cf. 1.8,14,21; 2.24; Rm 9.1). Todas as suas ações estão sujeitas ao seu Mestre. Portanto, se o Senhor aprovar os seus planos (cf. BV), ele enviará **Timóteo** (cf. Tg 4.15). Pelo visto, Paulo tem plena confiança na capacidade de **Timóteo** averiguar a situação dos filipenses e explicar os pontos invocativos desta carta, com o objetivo de melhorar a condição da igreja filipense. Por conseguinte, **Timóteo** irá **para que também eu esteja de bom ânimo** (lit., “fortalecido”), quando eu souber **dos vossos negócios** (19; “da vossa situação”, RA). Paulo está muito satisfeito em enviá-lo, porque **a ninguém** (mais) **tenho de igual sentimento** (20). Só aqui no Novo Testamento ocorre a palavra *isopsuchon* (lit., “de uma alma [intenção]” ou “de alma [intenção] igual”). O significado é que não há outra pessoa igual a **Timóteo**, porém é mais provável que ninguém mais compartilha as preocupações de Paulo de modo tão completo quanto **Timóteo**.

O texto apresenta três características do ministro-assistente do apóstolo, Timóteo, que era de Listra. Paul Rees¹ as dispôs sob o fascinante título “O Homem Adequado para o Serviço Cristão”: 1) É compreensivo, 20; 2) É abnegado, 21; e 3) É temperado, 22.

Os crentes filipenses estavam certos de que Timóteo cuidaria **sinceramente... do vosso estado** (20). O termo grego *gnesios* (**sinceramente**, “genuinamente” ou “verdadeiramente” [cf. BV]) conota relação familiar e pode ser entendido por “como irmão”.² A palavra traduzida por **cuide** sugere, no original, atenção cuidadosa ou seriedade de pensamento. Timóteo não fará a viagem por honra pessoal que lhe possa advir, mas só em virtude de preocupação sincera pelas pessoas a quem o enviam. **Porque todos** (os outros) **buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus** (21). **Todos** (*oi pantes*, lit., “um e tudo”) não pode se referir às pessoas mencionadas em 1.14-17. Não há dúvida de que alguns em Roma estão dispostos a ir a Filipos, mas estão impossibilitados ou são incompetentes. Porém, entre os que podem ir e são competentes, Timóteo é o único que está disposto a empreender a tarefa.³

Mas bem sabeis qual a sua experiência, e que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai (22). O termo grego *dokime* (**experiência**) era usado para referir-se a ouro e prata que foram testados e poderiam ser aceitos como moeda corrente. A ficha de Timóteo é conhecida por todos e é da maior fidelidade. Apesar da timidez evidente (2 Tm 1.6,7) e de certas enfermidades (1 Tm 5.23), este jovem ficou fielmente ao lado de Paulo em Filipos (At 16), em Tessalônica e Beréia (At 17.1-14), em Corinto e Éfeso (At 18.5; 19.21,22) e mesmo agora está com Paulo em Roma (Fp 1.1). Fez parceria com Paulo nos escritos de 1 e 2 Tessalonicenses, 2 Coríntios e, agora, Filipenses. Fora anteriormente enviado a Jerusalém como delegado (At 20.4). Em tudo isso ele servira cooperativamente com Paulo para “proveito do evangelho” (1.12), mesmo que significasse ocupar posição secundária em relação ao apóstolo.

Ainda que Paulo tivesse esperança de que o Senhor o permitisse ir a Filipos (24), ele enviará este jovem assim **que tenha provido a meus negócios** (23). No lugar de **tenha provido**, os manuscritos mais antigos usam uma palavra grega derivada do verbo *aphidein*, que significa “ver algo de longe” (cf. AEC, RA). Tão logo Paulo veja o resultado final de seu julgamento um pouco mais claramente (cf. BAB, BV, CH, NTLH), ele enviará Timóteo. Até então ele não pode dispensá-lo, mas, em seu lugar, ele enviará outra pessoa imediatamente.

B. A RECIPROCIDADE DA PREOCUPAÇÃO, 2.25-28

Julguei (“pensei”, BV; “achei”, CH), **contudo, necessário mandar-vos Epafrodito** (25). Este é o crente, mencionado somente aqui no Novo Testamento, que tinha levado para Paulo uma oferta em dinheiro da congregação filipense (4.18). Por isso, Paulo diz que ele é o **vosso enviado para prover às minhas necessidades**. A palavra grega traduzida por **enviado** é *apostolos*, ou seja, a pessoa enviada em uma incumbência. No uso cristão, veio a se referir àqueles mais próximos de Cristo. Dentro deste círculo especial, Paulo coloca **Epafrodito**. A palavra traduzida por **prover** é *leitourgos*. Na Grécia antiga, esse termo se referia aos ilustres filantropos que, por recursos próprios, assumiam certas responsabilidades cívicas (cf. tb. 4.18,19).⁴ Porém, como se este tributo a **Epafrodito** fosse insuficiente, Paulo diz que ele é **meu irmão, e cooperador, e companheiro nos combates**. Juntos, eles partilhavam um sentimento comum, um trabalho comum e uma guerra comum.

Contudo, Epafrodito ficara **doente, quase à morte** (27). Assim que ele soube que os filipenses tomaram conhecimento do seu estado de saúde, ele ficou **muito angustiado** (26; ou “muito preocupado”, BJ, NTLH; “aflito”, BV) para que não se preocupassem com ele. É por isso que ele **tinha muitas saudades de vós todos** (26). Se Epafrodito de alguma forma tivesse se envolvido nas facções em Filipos, é possível que esta frase tenha sido inserida para indicar o afeto imparcial que ele sentia por eles.⁵ Se sua doença tivesse sido acompanhada por nostalgia, o que é provável, Paulo acha justificção para desculpá-la. Ou, talvez, os anos de mais maturidade tornaram Paulo mais caridoso do que quando, pouco tempo antes, ele recusara tolerar situação semelhante vivida por João Marcos (At 15.38). No entanto, **Deus se apiedou dele** e de Paulo também, **para que este não tivesse tristeza sobre tristeza** (27). Por isso, Paulo está mandando-o de volta **para que, vendo-o outra vez, vos regozijeis, e eu tenha menos tristeza** (28). **Vo-lo envie mais depressa** pode ser traduzido por “eu estou ainda mais ansioso de mandá-lo” (RSV; cf. BJ, BV, RA). Os crentes filipenses foram muito bondosos em enviá-lo para Paulo em tempos de necessidade; e agora, exercendo uma preocupação recíproca, Paulo procura tranquilizá-los.

C. O RISCO DA PREOCUPAÇÃO, 2.29,30

Pelo visto, Epafrodito fora enviado não somente para entregar uma oferta, mas também para servir de criado pessoal de Paulo. Para que não os filipenses não supusessem que Epafrodito não cumprira sua missão, Paulo procura garantir sua recepção generosa. **Recebei-o, pois, no Senhor, com todo o gozo, e tende-o em honra** (29, “a maior consideração”, CH); **porque, pela obra de Cristo, chegou até bem próximo da morte, não fazendo caso da vida, para suprir para comigo a falta do vosso serviço** (30). Alguns textos gregos dizem apenas **obra**, omitindo **de Cristo**, indicando que a **obra de Cristo** ganhara significado técnico, como “o Caminho” ou “o Nome” (At 15.38). **Não fazendo caso** é *paraboleusamenos*, que é derivado de um verbo que significa “aventurar”, “arriscar”. É a palavra usada pelos jogadores que apostam tudo num lance de dados. Os cristãos primitivos diziam que aqueles que arriscavam a vida por Cristo eram *parabolani*

(“arriscadores”, “aventureiros”), como Áquila e Priscila que arriscaram a vida por Paulo (Rm 16.4).⁶ Epafrodito, pela “causa de Cristo” (NVI), dispusera-se a arriscar a vida associando-se com uma pessoa que estava sendo julgada pelo governo (cf. BJ, BV, CH, NVI). Com este procedimento, ele pudera atender pessoalmente o que os próprios crentes filipenses, por causa da distância, não podiam fazer (cf. Cl 1.24).

SEÇÃO VI

A PARTICIPAÇÃO NOS SOFRIMENTOS DE CRISTO

Filipenses 3.1-16

Percebe-se claramente que o tom do apóstolo muda agora. Este fato óbvio levou alguns intérpretes a propor que a parte introdutória do versículo 1: **Resta, irmãos meus, que vos regozijeis no Senhor**, é incompatível com a maior parte do capítulo, e que os versículos 1b a 19 fazem parte de uma carta antiga. Mas não é necessário fazermos essa conclusão. Nem há razão suficiente para supormos que Paulo está a ponto de terminar a carta. Ele usou a expressão grega *to loipon* (**resta**; lit., “quanto ao resto”; cf. AEC, RA) em outra carta bem antes que o fechamento estivesse em vista (cf. 1 Ts 4.1, NVI). O apóstolo vai tratar de um problema crucial que ameaça a unidade da igreja em Filipos; qual seja, o problema da justiça pelas obras. Ele acautela: **Meus irmãos** (abrangendo todos os partidos da igreja), “alegrai-vos no Senhor” (BAB, RA; cf. BV, NTLH, NVI) e não nas obras da carne (cf. Lc 10.20). Nesta passagem, Paulo deflagra ataque tremendo contra os legalistas que pervertiam e minimizavam o evangelho. A única proteção contra a mácula impessoal e inanimada da religião é o conhecimento genuíno de Cristo, que toma parte no “poder da sua ressurreição” e na “participação nos seus sofrimentos” (10, BJ).

A. ALTERNATIVA AOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 3.1-6

1. *Alternativa Revista* (3.1,2)

Não me aborreço de escrever-vos as mesmas coisas, e é segurança para vós

(1). Talvez a expressão **as mesmas coisas** seja referência a outra carta, às advertências

constantes no capítulo anterior contra as desavenças, aos assuntos que falara antes com eles oralmente (Paulo visitara Filipos depois de fundar a igreja ali) ou ao que vem imediatamente em seguida. A melhor solução é, provavelmente, a combinação destas possibilidades. Em todo caso, repetir o que fosse não lhe é aborrecedor (lit., “cansativo”, BAB, NVI; cf. BV); e para os crentes filipenses é **segurança** ou, talvez, “é certo” (como em At 22.30; 25.26). Quer dizer, suas exortações e conselhos repetidos tornarão seu ponto de vista mais claro e certo para eles.

Três vezes ele adverte: **Guardai-vos** (lit., “vigiai, estai atento”) **dos cães, dos maus obreiros e da circuncisão!** (2). Embora haja artigo definido antes de cada uma destas designações, não se tratam evidentemente de três classes, mas de uma — os judaizantes. As designações usam palavras que descrevem o caráter, a conduta e o credo dessa classe de pessoas.¹ O contexto favorece a opinião de que estes eram judeus convertidos que procuravam mandar o cristianismo de volta ao judaísmo. Os judaizantes insistiam que a salvação vinha pelas obras da lei. Paulo diz que estes judeus são **cães**, termo que os próprios judeus aplicavam aos gentios (Mt 15.26,27). Assim ele inverte a metáfora. Nas Escrituras, “cão” é comumente usado como palavra de desdém, censura ou terror. Talvez o escritor tivesse em mente os cães párias do Oriente que, meio selvagens, alimentavam-se de restos de lixo. Como estes, os judaizantes se alimentavam do lixo que sobrou dos ritos judeus e carnavais. Eles são **maus obreiros** ou “obreiros enganosos”, homens que trabalham ostensivamente pelo evangelho, mas que na verdade trabalham para o mal (2 Co 11.13).² São “heróis do trabalho”.³ Neste versículo, **circuncisão** (*katatome*) refere-se ao mero corte da carne, daí a tradução “falsa circuncisão” (NVI, RA; cf. BJ, NTLH). Estas pessoas são “o partido da incisão” (Moffatt), que ao porem a confiança na carne insistem em um símbolo vazio de circuncisão física independente da fé.

2. Alternativa Rejeitada (3.3-6)

Paulo reserva outra palavra grega traduzida igualmente por **circuncisão** para aludir aos crentes genuínos que estão em Cristo: *peritome*. Estes são o verdadeiro povo de Deus, porque passaram pela **circuncisão** espiritual (Rm 2.25-29; Ef 2.11; Cl 2.11). Este povo somos nós que **servimos a Deus no Espírito** (melhor: “adoramos pelo Espírito de Deus”, NVI; cf. BJ), **nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne** (3, cf. Jo 4.24). O cristão não considera que a **circuncisão** tenha valor em si, ou a torna algo mais que mero sinal. Sua fé e esperança estão em **Cristo**.

Colocando-se por um momento no lugar dos judaizantes, Paulo argumenta que se os privilégios externos da carne tivessem méritos próprios, ele, mais do que todos, teria muito mais em que colocar a confiança (4; cf. Gl 1.14). Ele fora **circuncidado ao oitavo dia** (5), de acordo com a lei (Gn 17.12; Lv 12.3; Lc 1.59). Ele nasceu judeu e não era prosélito, pois, em se tratando de prosélitos, a circuncisão era feita somente na idade adulta (At 16.3). Ele é **da linhagem de Israel**, ou seja, é descendente do patriarca Jacó. Os ismaelitas podiam remontar as origens a Abraão e os edomitas podiam afirmar que Isaque é o pai deles, mas só os israelitas podiam remontar sua descendência a Jacó. Paulo é **da tribo de Benjamim**, da qual viera o primeiro rei de Israel e que se manteve fiel ao recusar participar da revolta comandada por Jeroboão (1 Rs 12.21). Ele é **hebreu de hebreus**, ou seja, nascido de pais hebreus, e que, ao contrário de muitos dos seus compatriotas, ainda sabia falar o idioma hebraico. **Segundo a lei**, ele era ex-fariseu

(5), alguém que guardava meticulosamente toda a lei mosaica (At 23.6; 2 Co 11.22). **Segundo o zelo** (6), uma das virtudes judaicas notáveis, ele fora **perseguidor da igreja** (At 8.1—9.9; Rm 10.23); **segundo a justiça que há na lei**, ele não omitira nada e era **irrepreensível**, ou seja, ninguém podia achar uma falha nele (cf. CH, NTLH).

Antigamente, Paulo confiara nestes sete itens (5,6). Esta crença foi descrita em termos de confiança num rito, confiança na raça, confiança na religião, confiança na folha de serviços e confiança na justiça própria.⁴ Mas por amarga experiência o apóstolo testifica que essas coisas não lhe deram um conhecimento pessoal de Deus. Estas, e todas as coisas da carne semelhantes a estas, são tristes alternativas à participação vivificante nos sofrimentos de Cristo. Confiar nestas coisas leva a uma pseudo-adoração a Deus e a uma confiança ilegítima em si mesmo (3). Nesta epístola, Paulo usa seis vezes o termo “confiar” e derivados (*pepoithe*). Ele sabe em quem crê e é este conhecimento a base de sua alegria.⁵ Assim, o outrora orgulhoso fariseu se dirige à sua conversão, a qual lhe ocasionou uma “transavaliação de todos os valores”.

B. VANTAGEM DOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 3.7-10

1. O Ganho de uma Perspectiva Diferente (3.7,8)

Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo (7). Paulo está usando jargão comercial. O termo grego *kerde* (**ganho**) está no plural, ao passo que *zemian* (**perda**) está no singular. Antes da conversão, Paulo colocara na coluna “crédito” do livro-razão as supostas vantagens (5,6), visto que cada uma tinha valor em si mesma. É como se ele ficasse constantemente dizendo a Deus essas virtudes uma por uma. Eis a própria essência do pecado. O homem é tão cheio de si que ele não tem abertura de espírito que possa ser cheia de Deus. Ele confia em sua perspicácia intelectual, em seus ideais humanistas, em suas virtudes pessoais, em sua vida disciplinada, em sua honestidade e até em seu exercício religioso — e os apresenta a Deus como se merecessem salvação. Em contrapartida, o arrependimento se horroriza com o passado anterior à conversão. Paulo na estrada de Damasco viu que esta confiança nativa nas próprias realizações merecia tal horror; era mais obstáculo que ajuda. Quando o apóstolo encontrou Cristo, ele transferiu estas obras anteriores da coluna “crédito” do livro-razão para a coluna “débito”, considerando todas elas uma grande perda (Mt 16.26). Como o marinheiro lança tudo ao mar numa tempestade para salvar a vida, assim Paulo descartou todo vestígio de mérito pessoal “por causa de Cristo” (AEC, NTLH, NVI, RA; cf. BJ).

E, na verdade (i.e., para tornar absolutamente clara sua posição), **tenho** (tempo presente) **também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor** (8). Cristo se tornara seu próprio Senhor pessoal e em relação à **excelência** (*hyperechon*, “incomparabilidade”, cf. BV, CH, NTLH) **do conhecimento de Cristo**, todas as outras coisas não são nada. Quando comparado com este bem sublimíssimo, todos os bens relativos não são dignos do nome (cf. Ef 3.19). A frase **pelo qual sofri a perda de todas estas coisas** (8) poderia ser traduzida por “eu fui desapossado de todas as minhas posses”, dando a entender um tempo específico quando Paulo se converteu. Talvez o apóstolo estivesse pensando no tratamento que recebeu às mãos das autoridades judaicas. É possível que tenha sido excomungado pelos judeus,

renegado pela família ou que sua propriedade tenha sido confiscada. Por outro lado, ele pode estar pensando mais geralmente sobre o fato de que a submissão a Cristo significava a renúncia de tudo o que ele vinha computando (cf. Gl 6.14). **E as considero (agora) como esterco.** O uso do tempo presente indica a atitude de Paulo no momento. O termo grego *skybalon* (**esterco**) não ocorre em outra parte do Novo Testamento. Significa “sedimentos”, “palhiço”, “escória” (ACF), “excremento” (BAB) ou “refugo” (AEC, CH, RA) que é rejeitado das mesas e deixado para os cachorros. A palavra é muito mais forte que mera “perda”, pois sugere que nunca mais será tocado.

2. O Ganho de uma Pessoa Divina (3.8-10)

Em contraste com os sete itens especificamente mencionados como perda, nos versículos 8 a 11 Paulo faz uma lista de sete itens a serem ganhos, todos os quais se centralizam em torno da pessoa de Cristo. O primeiro é **para que possa ganhar a Cristo** (8). O tempo verbal indica o presente e o futuro. Paulo nunca está satisfeito com o seu atual conhecimento de Cristo, mas está constantemente almejando uma comunhão mais profunda com ele. Ele ganhou Cristo, mas não exauriu as insondáveis riquezas em Cristo (Ef 3.8; Cl 2.2ss.). Paulo ora para que **seja achado nele** (9). Michael cita Epíteto que usa este verbo para se referir à morte. Paulo, talvez, deseja ser **achado** em Cristo na morte e diante dele no julgamento (cf. 2 Pe 3.14).⁶ Mas ele também deseja ser **achado** em Cristo agora, como o homicida culposo (ou involuntário) era achado na cidade de refúgio onde ele estava protegido do vingador do sangue (Nm 35.25).

Não tendo a minha justiça que vem da lei (9) é mais bem traduzido por “não tendo justiça que seja minha”.⁷ Temos aqui a doutrina de Paulo da justificação pela fé, a qual ele elaborou mais detalhadamente em Romanos e Gálatas (Rm 1.17; 3.24; 4.5; 10.3). **Justiça** significa uma relação certa com Deus e também uma união com Deus. A **fé em Cristo** é tradução correta. Portanto, a única **justiça** que tem valor é a que **vem de Deus, pela fé** (autocapitulação ou confiança) **em Cristo**.

Só tendo a justiça de Deus é que experimentamos a verdadeira comunhão com a deidade. Por isso, Paulo ora: **Para conhecê-lo** (10). O conhecimento aqui mencionado não é de mera compreensão (1 Ts 1.4), ou aquilo que vem por familiaridade (At 10.28), ou a perspicácia resultante de uma análise lógica do fato (Ef 5.17). Não é somente um conhecimento sobre Cristo, mas um conhecimento pessoal e experiencial de Cristo. O Antigo Testamento usa o verbo “conhecer” (hb. *yada*; gr. *ginoskein*) para indicar as relações mais íntimas possíveis entre pessoas. Conhecer a Cristo de modo íntimo é o desejo supremo de Paulo.

A próxima preocupação do apóstolo é pela **virtude** (10; “poder”, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI) **da sua ressurreição, e a comunicação** (“participação”, BJ; “comunhão”, AEC, BAB, RA) **de suas aflições** (“sofrimentos”, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). No original grego, há apenas um artigo definido, fato que sugere que as idéias expressas devam ser consideradas uma só. Paulo está explicando o que ele quer dizer por *conhecer a Cristo*. Ele quer conhecê-lo no poder **da sua ressurreição**. O desejo de Paulo é que o poder que ressuscitou Jesus dos mortos opere na vida do apóstolo (cf. Rm 6.4; 8.11; Ef 1.12,20; 2.5,6; Cl 2.12; 3.1; 2 Co 4.10; 12.10). Não é acidental que o poder da **ressurreição** seja mencionado em primeiro lugar, e depois os sofrimentos de Cristo. Só depois de experimentarmos este poder é que podemos ter participação nos sofrimentos

de Cristo e viver a vida que é impregnada pela qualidade redentora (Cl 1.24). Na frase **sendo feito conforme a sua morte** (10), Paulo quer dizer mais que a boa vontade em morrer como Cristo morreu numa cruz. A referência é, claramente, a uma transformação interior, a uma conformidade com o espírito de Cristo. Moffatt traduz a frase assim: “Com minha natureza transformada para morrer como ele morreu”. João Wesley também entendeu o significado e comentou: “A fim de estar morto a todas as coisas aqui embaixo” (cf. Gl 4.19).⁸

C. ASPIRAÇÃO AOS SOFRIMENTOS DE CRISTO, 3.11-16

1. A Busca da Perfeição da Ressurreição (3.11-14)

Para ver se, de alguma maneira, eu possa chegar à ressurreição dos mortos (11). Segundo Paulo pensava, todas as pessoas, boas e ruins, serão ressuscitadas dos mortos (At 24.15). Para aludir à “ressurreição” no texto lucano, como normalmente fez em suas epístolas, Paulo usou a palavra grega *anastasis*. Mas aqui, a palavra grega traduzida por **ressurreição** é *exanastasin*, a qual ocorre somente neste texto no Novo Testamento. Pelo visto, a adição da partícula grega *ex* (“para fora de”) enfatiza a ressurreição dos cristãos. Paulo quer **“chegar a”** (*katantesoeis*) a ressurreição dos crentes, ou seja, à qualidade de vida que acompanhará os que são ressuscitados em Cristo. Esse desejo expressa espírito de humildade e não de dúvida, pois o poder da ressurreição de Cristo operando nele é a determinação e garantia deste prospecto. Mas faz-se necessário o progresso firme em direção à meta.

Nos versículos 11 a 17, a alusão aos jogos gregos é óbvia. O versículo 12 denota claramente: **Não que já a tenha alcançado**. *Elabon* (**alcançado**) não é o mesmo verbo grego traduzido por **chegar** no versículo 11. Lá, apresenta a figura de uma peregrinação — a chegada ao fim da jornada. Aqui, significa receber um prêmio (cf. 1 Co 9.24). Paulo está negando que ele obteve o prêmio no momento da conversão ou mesmo depois. Ele tem de continuamente envidar esforços para recebê-lo. Ele ganhou o prêmio em Cristo, mas ainda não o recebeu completamente. A frase **ou que seja perfeito** (12) talvez se refira ao que será **alcançado**. Aqui, as palavras **alcançado** e **perfeito** são um tipo de paralelismo. **Perfeito** tem o sentido de ser aperfeiçoado ou completo.⁹ Paulo ainda não concluiu o trajeto cristão, por isso não recebeu o prêmio (cf. 2 Tm 4.7,8). Então, ele declara: **Mas prossigo para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus** (12). **Alcançar** significa “agarrar”, “apoderar-se de”. O ato de **alcançar** é conseguido quando temos plena posse (cf. Mc 9.18; Jo 8.34; 12.35; 1 Ts 5.4).¹⁰ Podemos considerar **para o que** no sentido de “para cujo propósito” ou “pela razão de que”. Paulo está dizendo: “Eu estou buscando o prêmio, isto é, Cristo, para que eu possa me apoderar dele, ou ter plena posse dele, e, assim, cumprir os propósitos em minha vida para os quais ele primeiro se apoderou de mim e teve plena posse de mim”.

Pouco importando como os outros avaliassem o seu progresso espiritual, o apóstolo confessava humildemente: **Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo** (13,14). Muitos manuscritos dizem: “Ainda não me considero já ter alcançado”. A conversão de Pau-

lo foi o começo e não o fim da corrida. A imagem é de um corredor espichando-se ou lançando-se à frente, esticando-se com todas as forças. Ele não olha para trás, nem compara sua posição com a posição relativa dos outros na corrida. Crisóstomo comentou: “Pois o corredor não faz cálculos de quantos circuitos já completou, mas de quantos ainda restam”.¹¹ Lembrar para louvar a Deus pelas bênçãos passadas é salutar (Ef 2.11), mas esquecer tem de ser ação permanente na vida do cristão. Só assim haverá progresso espiritual.

Sabendo que ainda há chão a ser percorrido, o apóstolo declara: **Prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus** (14). **Prossigo** é tradução da mesma palavra grega que ocorre no versículo 12 (“prossigo”) e no versículo 6 (“perseguidor”). Significa literalmente “perseguir”, “ir ao encalço de”. Paulo está perseguindo o prêmio em Cristo com a mesma determinação, liberdade de pesos estorvadores e empenho incessante,¹² com o que ele perseguira a igreja anteriormente. Ele não se deterá em questões secundárias, como o cachorro que segue toda trilha e não se mantém firme em nenhuma; ele não dificultará seu progresso espiritual, carregando-se de legalismo e ritos exteriores; ele não se deixará ficar cheio de si pensando ter alcançado a perfeição final.

O significado de **alvo** (14, *skopon*) é incerto. Pode indicar a linha de chegada para a qual o corredor corre, ou o propósito definido com o que ele corre. De acordo com a última opção, supunha-se que o corredor seguisse uma linha branca que indicava a trajetória da corrida do ponto de partida à meta. Se pisasse fora da linha, ele não estaria correndo de acordo com as regras, não sendo coroado mesmo que chegasse em primeiro lugar. **Prêmio** sugere a coroa ou troféu (1 Co 9.24; 2 Tm 4.8). **Soberana vocação** é, literalmente, “chamado superior” (cf. BAB, CH, NVI). O cristão é chamado “do alto” (BJ) ou de cima (Hb 12.2). Este chamado é **de Deus em Cristo Jesus**, que ao término da corrida dirá: “Bem está, servo bom e fiel”. O **prêmio** não deve ser separado da **soberana vocação**, porque estão intrinsecamente juntos. O **prêmio** é “prometido quando o chamado é emitido, e entregue quando o chamado é cumprido”.¹³ Na medida em que a promessa é certa, o crente já tem o **prêmio**, mas mesmo assim ele tem de buscá-lo. O progresso na vida do crente é semelhante a alguém que está avançando em direção a uma luz ao término de um túnel longo. Ele nunca tem a luz plena até que chegue, mas tem luz cada vez maior à medida que avança (Pv 4.18).¹⁴

Nos versículos 13 e 14, temos “A Corrida e o Alvo”: 1) Torne o **alvo** de Deus o seu **alvo: A soberana vocação de Deus**, 14; 2) Concentre todos os esforços nesse **alvo**, 13; 3) Persiga esse **alvo** com um esquecimento sábio, 13; 4) Persiga o **alvo** espichando-se avidamente à frente, 13,14 (sermão de ano-novo pregado por Alexander Maclaren).

2. O Progresso da Perfeição Alcançada (3.15,16)

O termo grego *telos*, do qual o adjetivo *teleios* (**perfeitos**) é derivado, significa literalmente “fim”. Para a mente grega, sugeria, de um lado, aquilo que é último, final ou completo, e, do outro, aquilo que está cumprindo seu propósito ou função, perfeitamente maduro, adulto ou crescido. Ambos os sentidos são vistos em diversas formas da palavra ao longo do Novo Testamento. É usado no sentido de “cumprido” ou “consumado” (Lc 22.37; Jo 19.28), “perfeito” ou “aperfeiçoado” (Lc 13.32; Jo 17.23; 2 Co 12.9; Fp 3.12; Hb 2.10; 5.9; 7.19; 9.9; 10.1,14; 11.40; 12.23; Tg 2.22; 1 Jo 2.5; 4.12,17,18), “terminar” e

“terminado” (Jo 5.36; At 20.24) e “consagrado” (Hb 7.28). O adjetivo *teleios* ocorre 19 vezes no Novo Testamento, sendo via de regra traduzido por “perfeito” (e.g., Hb 5.14; exceto em 1 Co 14.20, onde é traduzido por “adultos” em oposição a “meninos”).

A menos que Paulo estivesse flagrantemente se contradizendo — acusação que até do ponto de vista literário seria totalmente parcial —, temos de afirmar que a perfeição que ele nega no versículo 12 (verbo *teleioo*) é diferente do que agora ele declara no versículo 15: **Pelo que todos quantos já somos perfeitos** (adjetivo *teleios*). A diferença de significado corresponde aos usos diferentes, já citados acima, que os gregos faziam.

Em Atos 20.24, o verbo é usado para aludir a “carreira” (“corrida” ou “pista de corridas”, “circuito”). Pelo visto, o apóstolo tem em mente uma imagem semelhante, na qual a palavra significa “em boa forma para a corrida, forte na fé”.¹⁵ Para mudar a metáfora, a referência de Paulo é aos que estão plenamente instruídos e maduros (cf. 1 Co 14.20; 2.6; Ef 4.13; Hb 5.14), que possuem a perfeição que pertence ao verdadeiro cristão que, pela fé, passou da fase do novo-convertido. Não devemos entender que esta perfeição cristã tenha surgido pelo processo do tempo ou pela guarda da lei. É obra distinta de Deus. O escritor aos Hebreus exorta os leitores a se deixarem “levar para o que é perfeito” (Hb 6.1, RA).

Os **perfeitos** neste versículo retratam os que sabiamente “servimos a Deus no Espírito [...] e não confiamos na carne” (3.3). O termo indica aqueles que “entraram completamente no espírito e desígnio do evangelho”.¹⁶ Isto é possível somente para os que estão “vivos dentre mortos”, e entregaram seus “membros para servirem à justiça para a santificação” (Rm 6.13,19).

Sintamos isto mesmo (15), literalmente, “desta mente” (cf. BAB, CH, NTLH), indica evidentemente a determinação e sinceridade expressas no versículo 13. Esta perfeição alcançada — a perfeição cristã — é igual a inteireza e unidade própria; podemos considerá-la sinônimo do termo teológico “santificação total” (1 Ts 5.23; cf. Tg 1.8). Os determinados e sinceros, os “perfeitos”, provam que o são mostrando um “descontentamento santo” com o seu progresso espiritual, julgando-o sob a luz da meta suprema (Rm 8.29). Agostinho declarou que o crente pode ser cada vez mais um “peregrino perfeito”, ainda que não seja um “possuidor perfeito”,¹⁷ no sentido de ter recebido o prêmio final. Semelhantemente, J. Paul Taylor observou que Paulo “negou a perfeição como vencedor [12], mas professou a perfeição como corredor, e incluiu outros nesta classificação [15]. [...] Esta perfeição do coração nos apronta para a perfeição do céu na vida futura”.¹⁸

E, se sentis alguma coisa doutra maneira, também Deus vo-lo revelará (15). Lightfoot declara ilustradoramente o que Paulo quer dizer: “Se vós fordes sadios na essência, Deus removerá as marcas superficiais”.¹⁹ Esta pode ser leve repreensão a certos filipenses que discutiriam pontos de menor importância, ou que teriam elevada consideração de si mesmos. Eles não devem arrogantemente assumir essa postura para corrigir os outros. Os crentes verdadeiramente maduros recusam-se a julgar os outros, pois reconhecem a diferença que há entre um menino em Cristo e uma humanidade madura (1 Co 3.12; Ef 4.11-16). É certo que, “geralmente, julgamos os outros em relação ao nosso próprio nível de realização pessoal; um tanto quanto freqüentemente, julgamos as pessoas com referência a Cristo; e muito raramente, formamos nossos julgamentos com referência ao progresso que o indivíduo fez desde que se tornou cristão”.²⁰ Possuir o espírito de Cristo é o fator de importância suprema.

Mas, ou apesar dos pontos secundários do desacordo, **naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra e sintamos o mesmo** (16). A palavra grega *stoichein* (**andemos**) é termo técnico que denota conduta cristã e significa “marchar junto em fila e na mesma direção” (cf. NTLH). O pedido é em prol da consistência cristã.²¹ A palavra grega traduzida por **chegamos** não é a mesma usada no versículo 11 ou no versículo 12. Era originalmente empregada para referir-se à chegada de antemão ou chegada rápida, sugerindo uma experiência específica em determinado momento. Os manuscritos mais antigos omitem as palavras **regra e sintamos o mesmo** (não ocorrem nas versões AEC, BAB, BV, CH, NVI, RA). Mas o significado é claro. Paulo está dizendo que, tendo chegado até aqui, a coisa a fazer é prosseguir “no mesmo caminho”²² (cf. BJ, NTLH). “Andarmos” na luz sempre é a condição para recebermos mais revelações de Deus. Por conseguinte, não nos surpreendamos quando o Espírito Santo pedir obediência ao que já sabemos.

Vemos nos versículos 12 a 16 as características bíblicas do caráter em aperfeiçoamento: 1) O reconhecimento franco de que ainda há alturas espirituais a serem alcançadas, 12a, 13a; 2) A determinação firme que aspira crescimento cada vez maior, 13b; 3) A dedicação absoluta à concretização da soberana vocação em Cristo, 12b, 14.

SEÇÃO VII

A PARTICIPAÇÃO NA PUREZA

Filipenses 3.17—4.9

Paulo fez observações aos legalistas (3.1-16), os quais, embora enfatizassem a lei e os códigos de conduta, não tinham comunhão nos sofrimentos de Cristo. Pelo visto, certos libertinos foram ao extremo oposto e rejeitaram toda a lei, servindo-se de sua pseudo-relação com Cristo como justificação para todos os tipos de atos. A liberdade da escravidão da lei não significa licença para pecar com impunidade. Este fato compele Paulo a atacar estes antinomianos. Seu ataque está na forma de forte apelo em prol da pureza.

A. EXEMPLO PESSOAL, 3.17-19

Sede também meus imitadores, irmãos, e tende cuidado, segundo o exemplo que tendes em nós, pelos que assim andam (17). O verbo grego *peripatein* (**andam**; lit., “andar por todos os lados”) indica as circunstâncias comuns da vida diária. O uso de **irmãos** serve para atenuar as palavras ousadas do apóstolo. A palavra grega *summimetai* (**imitadoress**, “co-imitadores”) não ocorre em outro lugar do Novo Testamento. O prefixo grego *sum* pode significar simplesmente “todos vós” (cf. CH). Lightfoot sugeriu esta tradução: “Disputai uns com os outros em me imitar” (cf. 1 Co 11.1).¹ É mais provável que, considerando que Paulo muda de **meus** para **nós**, ele esteja dizendo: “Olhai para os outros que me seguem, pois fazendo assim vós vos tornareis meus imitadores”.² Esta interpretação é consistente com o aviso **tende cuidado** (traduzido pelo verbo “ob-

servar” em AEC, BJ, BV, CH, NVI, RA; “vede”, BAB; “olhem com atenção”, NTLH), alusão à linha no estádio que orientava os corredores (cf. 14). O significado é: Que os outros cristãos a quem vós observais sejam vossa linha ou marca.

Mas os exemplos devem ser escolhidos com sabedoria: **Porque muitos há, dos quais... o fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão** (“vergonha”, AEC, BAB, CH, NTLH) **deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas** (18,19). O destino final dessas pessoas será a condenação eterna. Moffatt traduz *apoleia* (**fim**) por “destino” (NVI, RA), para indicar as consequências inevitáveis de permitir que a liberdade se degenere em licenciosidade (Rm 6.1,12,13,15,23; 16.18; Gl 5.13; Jd 4). **O deus deles é o ventre** talvez seja referência aos que insistem na distinção entre alimentos cerimonialmente limpos e não-limpos (Rm 14.14-17; 1 Co 8.8).³ A questão principal aqui, porém, é com os antinomianos. Se o **ventre** refere-se ao útero, como pensam certos expositores, então Paulo está se referindo às imoralidades flagrantes mascaradas sob o nome de cristão. O significado incluiria valores materiais de todo tipo que se tornariam um ídolo por mera satisfação dos sentimentos. Estas pessoas invertiram a verdadeira escala de valores para poderem se gloriar na sua vergonha. “O homem caído é senão homem com valores invertidos; o amor está onde deveria estar o ódio e o ódio está onde deveria estar o amor; a glória está onde deveria estar a vergonha e a vergonha está onde deveria estar a glória.”⁴

Paulo está escrevendo a respeito **dos quais muitas vezes vos disse** (cf. 3.1) **e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo** (18). Eles são semelhantes aos que afirmam: “Estamos unidos com Deus e ao mesmo tempo vivemos na escuridão” (1 Jo 1.6, NTLH), ou: “Façamos males, para que venham bens” (Rm 3.8). Embora afirmem ser amigos de Cristo, eles não estão crucificados com ele. Por isso são **inimigos da cruz de Cristo**, a qual é símbolo de morte ao eu e ao pecado. No entanto, de acordo com o exemplo de Paulo, é no espírito de choro e não na mania de censura severa que temos de ver e lidar com as inconsistências dos outros (cf. Lc 19.41).

B. EXALTAÇÃO PROMETIDA, 3.20,21

Em contraste com os que “só pensam nas coisas terrenas” (19), os verdadeiros cristãos são elevados acima de si mesmos e capacitados a estabelecer o afeto nas coisas de cima (Cl 3.2), pois **a nossa cidade está nos céus** (20). O termo grego *politeuma* (**cidade**) significa “comunidade” ou “cidadania” (NVI). Como os filipenses eram cidadãos de Roma com todos os direitos e responsabilidades, embora estivessem em território estrangeiro, assim os cristãos são agora cidadãos da grande comunidade do céu (cf. Ef 2.19). Moffatt traduz o versículo assim: “Nós somos uma colônia do céu”. O verbo grego *huparchei* (**está**) significa “subsiste”. É a mesma palavra aplicada a Cristo Jesus em 2.6 (RA; cf. Gl 4.26; Hb 11.13,16; 1 Pe 1.1; 2.11). Isso mostra o fato de que a cidadania divina do cristão não é resultado de obras próprias feitas em qualquer momento presente, mas sempre é dependente da graça anterior de Deus.

No futuro, o cristão será exaltado ao mais elevado ponto, já que do céu ele “espera e aguarda convictamente” (cf. BV, CH, NTLH, NVI) a vinda do **Senhor Jesus Cristo** (20; cf. 1 Co 1.7; Hb 9.28). O **Salvador** efetuará a salvação final do homem **e transformará**

o nosso corpo abatido (melhor: “o nosso corpo de humilhação”, AEC, RA; cf. BAB, BJ, NVI) **para ser conforme o seu corpo glorioso** (21), ou seja, “o seu corpo de glória” (cf. 1 Co 15.44). Os dois termos gregos traduzidos por “forma” (cf. 2.6,8) são usados neste versículo. O verbo grego *metaschematisei* (**transformará**) dá a entender que Cristo mudará a aparência do corpo. Será um tipo de corpo completamente novo, como o corpo do Cristo exaltado, o qual não podemos imaginar hoje (cf. 1 Jo 3.2). Seja com for, a nova aparência externa desse corpo, de acordo com o uso de *summorphon* (**ser conforme** ou “conformar-se”, BJ), será apropriada para o seu caráter espiritual interno.⁵ “O espírito terá um órgão de expressão adequado à santidade de sua natureza e apropriado à felicidade de sua condição.”⁶ Esta exaltação dos cidadãos divinos será executada por Cristo, pois é feito **segundo o seu eficaz poder** (lit., “a energia de ele ser capaz”; cf. BAB, BJ, RA) **de sujeitar também a si todas as coisas** (21).

C. EXORTAÇÃO PERSISTENTE, 4.1-9

Levando em conta o exemplo e a exaltação analisados em 3.17-21, Paulo passa a fazer uma exortação firme, mas afetuosa. O primeiro versículo deve, provavelmente, ser incluído no capítulo anterior. Paulo se gloria nos crentes filipenses: **Portanto, meus amados e mui queridos irmãos, minha alegria e coroa** (1). Ele os aceita como **irmãos** em Cristo a despeito das realizações espirituais, diferenças de dons e níveis de graça que cada um alcançou. Junto com esta relação fraterna há o amor fraterno, expresso nas palavras carinhosas **amados** e **mui queridos**. O termo grego *epithetoi* (**mui queridos**) não ocorre em outro lugar do Novo Testamento; denota a comunhão especial que existia entre Paulo e os crentes filipenses. Os seus convertidos em Filipos serão a sua **coroa**, a grinalda de vitória ao término da corrida cristã (cf. 1 Co 9.25; 1 Ts 2.19), ou a sua **coroa** na festa final no último dia de recompensa (cf. 2.16). Ele exorta: **Estai assim firmes no Senhor**. No capítulo precedente, o apóstolo usa a metáfora da corrida. Agora, ele emprega uma expressão militar: **estai** (*stekete*; “permaneça”, BAB, BJ, RA) como soldado no meio da batalha (cf. Ef 6.10-18). Quanto ao amor e obras, os crentes filipenses sempre têm de estar avançando. No que tange à fé e fidelidade, eles têm de permanecer imóveis.

Rogo a Evódia e rogo a Síntique que sintam o mesmo no Senhor (2). Numerosas explicações são dadas acerca de quem eram estas pessoas. Há a sugestão de que são meros nomes que representam grupos adversários, mas os nomes não estão em oposição um ao outro. **Evódia** quer dizer “próspera” ou “fragrância doce”; **Síntique** quer dizer “afável” ou “afortunada”. Tendo em vista a referência: **Essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho** (3), é provável que estas sejam duas pessoas reais. Neste caso, podem ser duas das “mulheres que [...] se juntaram [...] [à] beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração” (At 16.13), no início da igreja em Filipos. Considerando que Paulo normalmente não permitia que as mulheres pregassem (1 Tm 2.12), é provável que fossem diaconisas. Há a possibilidade de as duas estarem em processo judicial uma com a outra. Seja qual tenha sido a dificuldade, Paulo as admoesta: **Sintam o mesmo no Senhor** (2). O termo grego *phroneo* (**sintam**) é usado em 1.7; 2.2,5; 3.15,16; 4.2,10. A palavra significa mais que sentir; trata-se de uma disposição de

espírito. Paulo está exigindo uma unidade moral, independente de diferenças intelectuais que possam ter. A expressão **no Senhor** indica que fora dele não há como haver unidade. Não podemos amar as pessoas sem amar Deus.

E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes (3). Certos intérpretes entendem que *Synzygos* (**companheiro**) é nome próprio (cf. BJ; nota de rodapé da NVI), fazendo um jogo de palavras⁷ semelhante a *Onésimo* (“útil”) em Filemom 11. Seja como for, este **companheiro**, o qual alguns imaginam ser Silas, tinha de ser pacificador (cf. Mt 5.9). Não sabemos quem era **Clemente**, embora a sugestão comum seja Clemente de Roma. Considerando que as mulheres **trabalharam** com ele e com Paulo, tratava-se de alguém bem conhecido pela congregação. O **livro da vida** era expressão judaica por vezes usada para descrever o rol de um exército. Estas pessoas são membros do exército do Senhor e têm batalhado com Paulo contra um inimigo comum. Por esta razão, os seus nomes estão escritos no **livro da vida** de Deus — o rol dos remidos.

Regozijai-vos, sempre, no Senhor; outra vez digo: regozijai-vos (4; cf. Sl 37.4; 1 Ts 5.16). **Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor** (5). O termo grego *epieikes*, **equidade**, descreve restrição de paixões, sobriedade ou aquilo que é apropriado. Pode significar boa disposição para com as pessoas (cf. Rm 14). Em 1 Timóteo 3.3 e Tito 3.2, a palavra é usada com um adjetivo que significa “não propenso a brigar”. A idéia é de ser tolerante, não insistindo em direitos próprios, mas agindo com consideração uns com os outros.⁸ Em questões que sejam dispensáveis, os crentes filipenses não devem ir a extremos, mas evitar o fanatismo e a hostilidade, julgando uns aos outros com indulgência.⁹ **Perto está o Senhor** pode ser aviso que a igreja primitiva costumava usar. Neste caso, Paulo está dizendo: “Qual é o propósito das rivalidades? Sede tolerantes uns com os outros para que Deus seja tolerante convosco quando o Senhor vier”.¹⁰ A frase também era entendida como promessa da proximidade do Senhor, e interpretada com relação ao versículo seguinte.

Não estejais inquietos (“ansiosos”, AEC, BAB, NVI, RA) **por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças** (6). Embora possamos planejar o futuro (1 Tm 5.8), não devemos ficar ansiosos quanto a nada (Mt 6.25). O segredo desta qualidade de vida é a **oração** e as **súplicas**. “Cuidado e oração [...] são mais opostos entre si que fogo e água.”¹¹ **Oração** é geral e baseia-se nas promessas divinas, envolvendo devoção ou adoração. **Súplicas** são rogos especiais em tempos de necessidade pessoal e apelam para a misericórdia de Deus. Tomam fôlego **com ação de graças** por cada acontecimento, quer de prosperidade quer de aflição. O crente ora por perdão (isso é promessa); ele suplica pela recuperação do seu filho (isso é misericórdia que excede os limites da graça).¹² Estas **petições** devem ser **conhecidas diante de Deus** (*pros ton theon*; melhor: “na presença de Deus”). Aqui, talvez, haja a sutil lembrança da presença contínua de Deus. Em vista dos conflitos em Filipos, é provável que Paulo esteja dizendo: “Quando as pessoas não vos tratarem amavelmente, orai. Em vez de ficardes ansiosos acerca disso, fazei a situação conhecida a Deus”.

E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus (7). A ação de graças e a **paz** estão juntas (cf. Cl 3.15). Mesmo que o crente não obtenha tudo que pede, a **paz de Deus**

guarda o coração, que é onde está a vontade. Não é o coração que guarda a **paz de Deus**. O termo **guardará** é metáfora militar. A **paz de Deus** manterá guarda nos crentes filipenses, mesmo que Filipos esteja guardada por uma guarnição romana. Esta **paz** protetora “ultrapassa a compreensão humana” (CH; cf. BAB), ou é superior a toda antecipação ansiosa (cf. Is 26.3; Jo 14.27).¹³ A expressão **em Cristo Jesus** (que foi traduzida literalmente) sugere que o crente não pode ser guardado fora de **Cristo**.

Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro (em pensamento, disposição e ação), **honesto** (sincero ou digno de honra), **justo** (certo em qualquer situação; cf. “certo”, BAB; “correto”, NTLH, NVI), **puro** (casto, como em 1 Tm 5.2, mas tb. a pureza doméstica em geral), **amável** (“agradável” [NTLH], inspirador ou digno de ser amado), **boa fama** (encantador, atraente ou relatado com a melhor construção); **se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai** (8). A **virtude** era de importância central no vocabulário grego da ética. Lightfoot interpreta que Paulo está dizendo: “Qualquer valor que resida em vossa velha [pré-cristã] concepção de virtude”,¹⁴ mantende-a. Mas o apóstolo dá aos filipenses mais que assuntos para meditação. Ele exige ação obediente e se coloca, de novo, como padrão: **O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco** (9). No versículo 7, ele descreve a paz de Deus; aqui, ele promete **o Deus de paz** ou “o Deus que dá a paz” (cf. NTLH; cf. tb. 1 Ts 5.23; Hb 13.20).

Nos versículos 4 a 9, identificamos certos elementos de “A Paz de Deus”. 1) A restrição com alegria, 4,5; 2) O privilégio de levar a Deus pedidos livres de ansiedade, 6; 3) O deleite no que é salutar, 8; 4) O senso de proximidade de Deus, 9.

SEÇÃO VIII

A PARTICIPAÇÃO NA GRATIDÃO

Filipenses 4.10-23

A porção didática da carta está completa. Agora, Paulo se dedica ao tópico final, qual seja, a expressão de gratidão pela oferta que a igreja em Filipos lhe enviou por Epafrodito. Algum tempo decorreu desde que Paulo recebeu a oferta e ele não o mencionou especificamente até este ponto da carta. Estes fatores levaram certos expositores a pensar que estes versículos fazem parte de uma correspondência anterior do apóstolo com os crentes filipenses. Mas tal conclusão não é necessária. É bastante normal expressarmos gratidão ao fim de uma carta altamente pessoal que passa informalmente de um tópico a outro. Quanto à demora de Paulo agradecer a oferta, talvez esta seja a primeira oportunidade que ele teve de responder. Além disso, não sabemos a extensão do tempo decorrido desde a chegada de Epafrodito. Seja qual for nossa opção para considerarmos o cenário desta passagem, o significado não é difícil.

A. A BASE PARA A GRATIDÃO, 4.10-20

Ora, muito me regozijei no Senhor por, finalmente, reviver a vossa lembrança de mim (10). A imagem é a da planta que renasce na primavera (**reviver**, “florescer”, BJ). Embora estivessem no **finalmente**, uma vez mais os crentes filipenses demonstram seu amor por Paulo. O texto não dá pistas sobre a razão de eles não terem enviado a oferta mais cedo. Talvez não tivessem ninguém por quem enviá-la, ou encon-

travam-se em “profunda pobreza” (2 Co 8.1,2), estando financeiramente impossibilitados de fazê-lo. Seja qual for o motivo, Paulo, em contraste com o espírito aparente de alguns em Filipos, recusa-se a ficar ofendido facilmente, e releva o que alguém de espírito menor interpretaria como demora acintosa ou negligente. **Pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade** (10). O termo grego *ephronēite* (**lembra-do**) significa estar “pensativo” no sentido de preocupar-se, estar ansioso por algo em particular (cf. BV; cf. tb. 1.7). Paulo usa o tempo imperfeito, o qual sugere sua boa vontade em acreditar que, desde o princípio, os crentes filipenses tiveram o desejo de supri-lhes as necessidades, mas foram impedidos.

Assegurando aos crentes filipenses que ele passa bem, embora, até recentemente, não pudessem ter parte nesse bem-estar, Paulo declara: **Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho** (11). No original grego, **com o que tenho** é “nas circunstâncias em que estou”, indicando sua atual situação prisional. O termo grego *autarkes* (**contentar**) tem o sentido de “renda suficiente para as necessidades”, “meios suficientes para a subsistência”.¹ O apóstolo se ajusta (cf. BJ, NVI) a toda e qualquer situação, depois de ter aprendido que circunstâncias como estas não aumentam nem diminuem sua felicidade maior.

Sei estar abatido e sei também ter abundância; em toda a maneira e em todas as coisas, estou instruído, tanto a ter fartura como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade (12). **Em toda a maneira e em todas as coisas** é, literalmente, é “em tudo e em todas as coisas” (cf. BAB, RA), ou seja, em cada lance da vida e no total da soma de tudo da vida. O termo grego *tapeinousthai* (**abatido**) era usado no grego clássico para referir-se ao rio que minguava (cf. BV; cf. tb. 2 Co 11.7).² Paulo sabe o que é ter grande quantidade, como o animal que tem forragem mais do que suficiente (Mt 5.6), ou passar fome — possível alusão ao seu trabalho com as mãos.³ O termo grego *memuēmai* (**estou instruído**) vem da linguagem dos cultos pagãos que iniciavam os candidatos em seus mistérios. Paulo enfrentava todo tipo de experiência, quer agradável ou desagradável (2 Co 11.23ss.), e ele não valorizava uma experiência acima da outra.

Posso todas as coisas naquele que me fortalece (13) pode ser traduzido por “eu sou forte para todas as coisas no Cristo que me capacita”. A palavra “Cristo” não ocorre em alguns manuscritos, mas está evidentemente inclusa (consta em ACF, BV, NTLH). O fato de Paulo mencionar “abundância” nos versículos 12 e 18 leva certos expositores a propor que ele havia herdado uma propriedade. Isso lhe daria recursos para financiar os altos custos de seu julgamento. Por isso, de acordo com a proposta, ele podia dizer: “Eu sou constante em todas as coisas”.⁴ Mas não há base para tal especulação. O significado é mais profundo. Paulo pode **todas as coisas** para as quais foi chamado a desempenhar na linha do dever ou do sofrimento. O versículo deve ser interpretado como resumo de Gálatas 2.20 (cf. Jo 15.5; 1 Tm 1.12). A princípio, temos a impressão que Paulo usou a linguagem do estoicismo (11,12), que asseverava que o homem, por si só, pode vencer todas as pressões externas. Mas esta não é a posição cristã. A suficiência vem de Cristo, que continuamente infunde poder (*dynamis*). O apóstolo pode se grato por toda e qualquer circunstância, porque as circunstâncias são oportunidades para a revelação do poder de Cristo.

Para que os filipenses não presumissem que a suficiência de Paulo em Cristo tornou supérflua a oferta enviada e recebida, o apóstolo lhes declara categoricamente sua apre-

ciação genuína: **Todavia, fizestes bem em tomar parte na** (“participar de”, CH, NVI) **minha aflição** (14). A participação dos crentes filipenses nas suas dificuldades é uma das muitas maneiras que Deus usava para torná-lo forte. **Quando parti da Macedônia** (15; At 17.14, provavelmente 12 anos antes), que estava **no princípio do evangelho** para os **filipenses, nenhuma igreja comunicou** (“participou”, BAB; cf. CH, NVI) **comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente** (15). Temos aqui linguagem comercial — créditos e débitos. De todas as igrejas que estavam aos cuidados de Paulo, só Filipos pensou em manter uma conta para ele. Eles lhe prestaram assistência material e ele devolvera os préstimos com dádivas espirituais (cf. 1 Co 9.11; Fm 19). **Porque também, uma e outra vez** (*i.e.*, “duas vezes”, BV; cf. AEC, CH, NVI, RA), **me mandastes o necessário a Tessalônica** (16). **Tessalônica** era uma comunidade luxuosa que Paulo visitara depois de sair de Filipos, distante uns 160 quilômetros (ver Mapa 1). Lá, Paulo tinha se sustentado (1 Ts 2.9; 2 Ts 3.7-9), ao passo que os próprios tessalonicenses pouco haviam contribuído. Foi nessa cidade que o apóstolo fora ajudado pelos filipenses vizinhos. Tais expressões de generosidade não podiam ser esquecidas em tão pouco tempo.

As ofertas, entretanto, são de importância meramente secundária. A tradução **não que procure dádivas** (ou “ofertas”, NVI; “donativos”, RA), **mas procuro o fruto que aumente a vossa conta** (17) é literal. O termo grego *karpon* (**fruto**) tem comumente o sentido de juros de um investimento. Sobre as ofertas que deram a Paulo (2 Co 12.14), Deus acrescentou os juros ao crédito. É deste modo que o apóstolo diz o que Jesus disse: “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber” (At 20.35; cf. Lc 6.39). Aquele que dá sempre recebe mais do que aquele que recebe. Por terem sido generosos, os crentes filipenses acumularam para si tesouros no céu.

Referindo-se especificamente à oferta recente, Paulo diz: **Mas bastante tenho recebido e tenho abundância; cheio estou, depois que recebi de Epafrodito o que** (talvez roupas ou outros artigos de primeira necessidade) **da vossa parte me foi enviado** (18). O verbo grego *apecho* (**tenho**) é expressão técnica usada na redação de um recibo (cf. Mt 6.2,5,16; Lc 6.24). O sentido é: “Vossa dívida comigo está mais do que paga, da qual vou dou recibo”. A consideração dos crentes filipenses dirigida a Paulo é reputada por ele **como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus** (18). Esta é alusão óbvia à fragrância agradável no Templo produzida pela queima de incenso a Deus (2 Co 2.15; Hb 13.16).

O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá (lit., “encherá completamente”) **todas as vossas necessidades em glória, por** (lit., “em”, AEC, BJ, CH, NVI, RA) **Cristo Jesus** (19). As ofertas dos filipenses são um empréstimo, que capitalizou juros compostos. Paulo não pode pagá-los, mas o **Deus** a quem ele serve e que recebe o sacrifício, lhes “proverá magnificamente” (BJ) as necessidades materiais e espirituais (2 Co 9.8), em seu favor.⁵ Deus fará isso **segundo as suas riquezas** (cf. Ef 3.16), ou seja, não só proveniente de **suas riquezas**, mas também na proporção digna de **suas riquezas**.⁶ Certos expositores ligam **em glória** com **riquezas**, ao passo que outros ligam com **suprirá**. Provavelmente a última opção é melhor, pois assim **glória** denota “o elemento e o instrumento da provisão”.⁷ O comentário de Maclaren é elucidativo: “Quando Paulo diz ‘riquezas [...] em glória’, ele as coloca muito acima de nosso alcance, mas quando ele acrescenta ‘em Cristo Jesus’, ele as traz para baixo, colocando-as entre nós”.⁸

Contemplando os recursos ilimitados de Deus, Paulo irrompe em louvor arrebatador: **Ora, a nosso Deus e Pai seja dada glória para todo o sempre. Amém!** (20). **Para todo o sempre** talvez seja mais bem traduzido por “pelas incontáveis eras da eternidade”. Paulo já não se refere a “meu Deus”, como no ocorre no versículo 19, mas a **nosso Deus e Pai**, indicando o vínculo comum entre ele e os crentes filipenses.

B. A BÊNÇÃO DA GRAÇA, 4.21-23

Existem intérpretes que conjecturam que, em vez de serem ditados a um escriba, estes versículos conclusivos foram escritos pelo apóstolo de próprio punho. Em uma carta pessoal como esta, esperaríamos encontrar vários nomes nas saudações finais. Mas, como fez em outras cartas, nesta Paulo não menciona nenhum nome (cf. Romanos, Colossenses, 2 Timóteo). Levando em conta os partidos em evolução em Filipos, é possível que ele os omita a fim de evitar dar destaque a alguns e não a todos. **Saudai a todos os santos** (“crentes”) **em Cristo Jesus** (21). Certos expositores ligam gramaticamente **saudai** com **em Cristo Jesus**, como ocorre em outras epístolas, por exemplo: “Eu [...] vos saúdo no Senhor” (Rm 16.22; cf. 1 Co 16.19). Mas tendo em vista 1.1, é melhor entendermos o versículo como está traduzido.

Os irmãos que estão comigo vos saúdam (21) é frase traduzida literalmente. Não são somente os associados de Paulo (inclusive Timóteo e outros) que enviam saudações, mas **todos os santos** (22), significando, obviamente, os cristãos da própria igreja romana, **principalmente os que são da casa de César** (22). Sabemos que a **casa de César** era um termo geral para designar os indivíduos empregados em vários tipos de serviço público. Eles residiam por toda a parte do império, e muitos eram escravos. A referência pode ser aos soldados que guardavam Paulo, alguns dos quais, talvez, ele ganhara para Cristo. É concebível que alguns deles fossem naturais de Filipos, e tivessem interesse em sua cidade natal. Isto explicaria o uso de **principalmente**.

A bênção final sugere que Paulo tencionava que a carta fosse lida à congregação reunida. Ele pronuncia uma bênção de despedida: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com vós todos. Amém!** (23). Em vez de *panton* (**todos**) alguns manuscritos têm *pneumatos* (singular), “com o vosso espírito” (AEC; cf. BV, CH, NVI, RA), talvez um pedido final, mas sutil, em prol da unidade. A epístola fechou o círculo. Começou com “graça” (1.2) e agora termina com **graça**. Somente esta **graça** pode criar a comunhão que é compartilhada tão ternamente por Paulo e os seus amados filipenses.

Notas

INTRODUÇÃO

- ¹H. A. A. Kennedy, "The Epistle to the Philippians", *Expositor's Greek Testament*, vol. III, editado por W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 400. Cf. tb. M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914), p. 414.
- ²J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8ª edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), pp. 53, 54. Para inteirar-se de um resumo do caráter de todas as igrejas macedônias, cf. J. B. Lightfoot, *Biblical Essays* (Nova York: The Macmillan Company, 1904), pp. 235-250.
- ³A primeira visita de Paulo a Filipos depois de At 16—17 foi quando viajava de Éfeso a Corinto, em aproximadamente 56 d.C. (1 Co 16.5). A segunda visita ocorreu ao sair de Corinto, em março-abril de 57 d.C., quando ele observou a Páscoa em Filipos (At 20.1-6). Na primeira destas visitas, Paulo estava doente e visivelmente angustiado com as dificuldades enfrentadas pelos crentes coríntios ou gálatas. Talvez Filipos (2 Co 1.8-11; 2.12,13; 7.4-12) tenha-lhe servido de lugar de repouso, desta forma aprofundando sua relação afetuosa e gentil com esta congregação.
- ⁴Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios 47.1,2; Epístola de Inácio aos Esmirnenses 4.2; 11.3; Epístola de Policarpo aos Filipenses 3.1-5; Epístola a Diogneto 5.1-9.
- ⁵Epístola de Policarpo aos Filipenses 3.2.
- ⁶Na opinião de Lightfoot, Filipenses foi a primeira entre as outras epístolas da prisão — Filemom, Efésios e Colossenses — a ser escrita, visto que seu linguajar é mais semelhante a Romanos (escrita em 56 d.C.). Cf. Lightfoot, *Philippians*, pp. 30-46. Tal argumento é muito tênue, e, no máximo, só indica que nossa tendência é manter o estilo e crenças adotadas cedo na vida.
- ⁷H. C. G. Moule, *Philippian Studies* (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1897), p. 5.
- ⁸G. Campbell Morgan, *The Unfolding Message of the Bible* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1961), p. 370.
- ⁹Epístola de Policarpo aos Filipenses 1.2.

SEÇÃO I

- ¹J. Hugh Michael, "The Epistle of Paul to the Philippians", *The Moffatt New Testament Commentary* (Nova York: Harper & Brothers, 1927), p. 2.
- ²Cf. 1 Co 15.22; estar "em Cristo" (1.1) é o oposto de estar "em Adão".
- ³Robert R. Wicks, "The Epistle to the Philippians" (Exposition), *The Interpreter's Bible*, vol. XI, editado por George A. Buttrick et al. (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1955), p. 16.
- ⁴William Barclay, "Letter to the Philippians", *Daily Study Bible*, 2.ª edição (Filadélfia: The Westminster Press, 1959), p. 14. Para inteirar-se de uma enumeração ligeiramente diferente cf. Charles Erdman, *The Epistle of Paul to the Philippians* (Filadélfia: The Westminster Press, 1932), p. 35.
- ⁵Francis Davidson, "Letter to the Philippians", *The New Bible Commentary*, editado por F. Davidson (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960), p. 1.034.
- ⁶Robert Rainy, "Epistle to the Philippians", *An Exposition of the Bible*, vol. VI (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton Company, 1903), p. 116.
- ⁷IB (Exegese), vol. XI, p. 16.

⁸B. C. Caffin, "Letter to the Philippians" (Exposition), *The Pulpit Commentary*, vol. XX, editado por H. D. M. Spence e Jos. S. Exell (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950), p. 2.

⁹Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. VI (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), pp. 723, 724.

SEÇÃO II

¹*Ib.*, vol. VI, p. 724.

²E. F. Scott, "The Epistle to the Philippians" (Exegesis), *IB*, vol. XI, pp. 19, 20; cf. tb. Davidson, *NBC*, p. 1.034.

³EGT, vol. III, p. 419.

⁴Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, vol. XIV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 [nova tiragem]), p. 204.

⁵St. Chrysostom, "Homilies on the Epistle of St. Paul to the Philippians", Homily I, Philippians 1—2, *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. XIII, editado por Phillip Schaff (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956), p. 185.

⁶William Barclay, "Letter to the Philippians", *Daily Study Bible*, 2.^a edição (Filadélfia: The Westminster Press, 1959), pp. 19, 20.

⁷J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8.^a edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), p. 84.

⁸R. Finlayson, "Letter to the Philippians" (Homilies), *PC*, p. 28.

⁹H. C. G. Moule, *Philippian Studies* (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1897), p. 27.

¹⁰EGT, vol. III, p. 420.

¹¹Lightfoot, *op. cit.*, p. 85.

¹²Robert Rainy, *op. cit.*, vol. VI, p. 116.

¹³Paul S. Rees, *The Adequate Man* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1959), p. 21.

¹⁴Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), p. 490.

¹⁵A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. IV (Nova York: Harper & Brothers, 1931), p. 437.

¹⁶Adam Clarke, *op. cit.*, vol. III, p. 491.

¹⁷*IB* (Exegesis), vol. XI, p. 27.

¹⁸W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul*.

SEÇÃO III

¹Karl Barth, *The Epistle to the Philippians* (Richmond: John Knox Press, 1962.), p. 26.

²EGT, vol. III, p. 423.

³M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914), p. 419.

⁴EGT, vol. III, pp. 423, 424.

⁵J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8.^a edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), pp. 99-104.

⁶Vincent, *op. cit.*, p. 421.

⁷Barclay, *op. cit.*, p. 38.

⁸D. D. Whedon, *Commentary on the New Testament*, vol. IV (Nova York: Nelson & Phillips, 1875), p. 318.

⁹Bernhard WEISS, "The Present Status of the Inquiry Concerning the Genuineness of the Pauline Epistles", *American Journal of Theology*, vol. I, 2 (abril de 1897), pp. 388, 389.

¹⁰Alguns manuscritos apresentam os vv. 16 e 17 em ordem inversa, com exceção da frase de abertura de cada um dos versículos: *oi men* (16) e *oi de* (17). As versões brasileiras AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI e RA seguem os melhores manuscritos que mostram a ordem da RC.

¹¹Michael, *op. cit.*, p. 48.

¹²Vincent, *op. cit.*, p. 679; Rees, *op. cit.*, p. 27.

¹³Clarke, *op. cit.*, vol. II, p. 492.

¹⁴Lightfoot, *op. cit.*, p. 91.

¹⁵H. A. W. Meyer, *Critical and Exegetical Handbook to the Epistles to the Philippians and Colossians and to Philemon* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1889), p. 31.

¹⁶Citado por Barclay, *op. cit.*, p. 32.

¹⁷Lightfoot, *op. cit.*, p. 92.

¹⁸D. Thomas (Homilies), PC, vol. XX, p. 48.

¹⁹John Eadie, *A Commentary on the Greek Text of the Epistle of Paul to the Philippians* (Nova York: Robert Carter & Brothers, 1859), p. 51.

²⁰A. T. Robertson, *op. cit.*, vol. IV, p. 440.

²¹J. W. C. Wand, *The New Testament Letters* (Londres: Oxford University Press, 1946), p. 129.

²²James Hastings (editor), *The Great Texts of the Bible*, XVII (Nova York: Scribner's Sons, 1913), p. 272.

²³Robert Rainy, "Epistle to the Philippians", *An Exposition of the Bible*, vol. VI (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton Company, 1903), p. 127.

²⁴Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, Vol. XIV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 [nova tiragem]), p. 223.

²⁵A. R. Fausset, "The Epistle of Paul the Apostle to the Philippians", *A Commentary on the Old and New Testaments*, vol. II, editado por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton & Company, s.d.), p. 362..

²⁶Wand, *op. cit.*, p. 129.

²⁷Barth, *op. cit.*, p. 40.

²⁸Clarke, *op. cit.*, vol. II, p. 493.

²⁹Barclay, *op. cit.*, p. 35.

³⁰Chrysostom [Crisóstomo] (Homily IV, 1:22-26), *op. cit.*, p. 199.

³¹John Fletcher afirma que **glória** (1.26) em sentido legítimo é a "glória" ou "regozijo" em cumprir pessoalmente a lei da fé. É esta alegria que Paulo chama de "o testemunho do Espírito" ou "o testemunho de uma boa consciência", que "ao lado do testemunho da Palavra e do Espírito concernente à misericórdia de Deus e ao sangue de Cristo, é a base da consciência do cristão" (cf. John William Fletcher, *The Works of the Rev. John William Fletcher*, vol. I [Nova York: Waugh & Mason, 1833]), p. 504.

SEÇÃO IV

¹Maclaren, *op. cit.*, vol. XIV, p. 236.

²Michael, *op. cit.*, p. 65.

³Lightfoot, *op. cit.*, p. 106.

⁴Michael, *op. cit.*, p. 70.

⁵M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914), pp. 427, 428.

⁶Michael, *op. cit.*, p. 76.

⁷Cf. James Alexander Robertson, "The Epistle to the Philippians", *The Abingdon Bible Commentary*, editado por Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 1.244; cf. tb. Karl Braune, "The Epistle to the Philippians", *Commentary on the Holy Scriptures*, editado por J. P. Lange, traduzido para o inglês por Philip Schaff (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.), p. 31.

⁸Lightfoot, *op. cit.*, p. 107.

⁹EGT, vol. III, p. 28.

¹⁰Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Philippians*, editado por Robert Frew (Grand Rapids: Baker Book House, 1950), p. 165.

¹¹A. R. Fausset, "The Epistle of Paul the Apostle to the Philippians", *A Commentary on the Old and New Testaments*, vol. II, editado por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton & Company, s.d.), p. 363.

¹²H. C. G. Moule, "The Epistle to the Philippians", *Cambridge Bible*, editado por J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1895), p. 63.

¹³F. W. Beare, "A Commentary on the Epistle to the Philippians", *Harper's New Testament Commentaries* (Nova York: Harper & Brothers, 1959), p. 73.

¹⁴Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 430.

¹⁵EGT, vol. III, p. 434.

¹⁶IB (Exegesis), vol. XI, p. 48.

¹⁷Cf. tb. Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 432.

¹⁸Rees, *op. cit.*, p. 43.

¹⁹A. B. Bruce, *The Humiliation of Christ* (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1907), p. 8.

²⁰Michael, *op. cit.*, pp. 90, 91.

²¹John F. Walvoord, *To Live Is Christ: An Exposition of the Epistle of Paul to the Philippians* (Findlay, Ohio: Dunham Publishing Company, 1961), p. 43.

²²A. T. Robertson, *Paul's Joy in Christ: Studies in Philippians*, edição revista (Nashville: Broadman Press, 1959), p. 72.

²³Beare, *op. cit.*, p. 83.

²⁴Donald M. Baillie, *God Was in Christ* (Nova York: Scribner's Sons, 1948), p. 150.

²⁵Moule, *op. cit.*, p. 67.

²⁶Karl Barth, *The Epistle to the Philippians* (Richmond: John Knox Press, 1962), p. 64.

²⁷Beare, *op. cit.*, p. 84.

²⁸Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 435.

²⁹Robertson, *Paul's Joy in Christ*, p. 75.

³⁰Braune, *op. cit.*, p. 35.

³¹Lightfoot, *op. cit.*, p. 114.

³²IB (Exegesis), vol. XI, pp. 50, 51.

³³Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 436.

³⁴Walvoord, *op. cit.*, p. 47.

³⁵Beare, *op. cit.*, p. 88.

³⁶Barth, *op. cit.*, pp. 69, 70.

³⁷Michael, *op. cit.*, p. 101.

³⁸HDB, vol. XVII, pp. 296, 297.

³⁹Barclay, *op. cit.*, p. 51.

⁴⁰Lightfoot, *op. cit.*, p. 116.

⁴¹Robertson, *Paul's Joy in Christ*, p. 83.

⁴²Matthew Henry, vol. VI, p. 734.

⁴³Barclay, *op. cit.*, p. 55.

⁴⁴Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 439.

⁴⁵Michael, *op. cit.*, pp. 108, 109.

⁴⁶Barnes, *op. cit.*, p. 181.

⁴⁷Moule, *op. cit.*, p. 76.

⁴⁸Philip Doddridge, *The Family Expositor*, vol. V, 8.^a edição londrina (Charleston, Massachusetts: S. Etheridges, 1808), p. 213.

SEÇÃO V

¹Paul S. Rees, *The Adequate Man* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1959), pp. 56, 57.

²IB (Exegesis), vol. XI, p. 68.

³Charles Erdman, *The Epistle of Paul to the Philippians* (Filadélfia: The Westminster Press, 1932), pp. 86, 87.

⁴William Barclay, "Letter to the Philippians", *Daily Study Bible*, 2.^a edição (Filadélfia: The Westminster Press, 1959), pp. 61, 62.

⁵H. C. G. Moule, "The Epistle to the Philippians", *Cambridge Bible*, editado por J. J. S. Perowne (Cambridge: University Press, 1895), p. 81.

⁶Robertson, *op. cit.*, p. 95.

SEÇÃO VI

¹James Alexander Robertson, "The Epistle to the Philippians", *The Abingdon Bible Commentary*, editado por Carl Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 1.246.

²A. R. Fausset, "The Epistle of Paul the Apostle to the Philippians", *A Commentary on the Old and New Testaments*, vol. II, editado por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton & Company, s.d.), p. 366.

- ³Karl Barth, *The Epistle to the Philippians* (Richmond: John Knox Press, 1962), p. 92.
- ⁴John F. Walvoord, *To Live Is Christ: An Exposition of the Epistle of Paul to the Philippians* (Findlay, Ohio: Dunham Publishing Company, 1961), pp. 63, 64.
- ⁵EGT, vol. III, p. 450.
- ⁶J. Hugh Michael, "The Epistle of Paul to the Philippians", *The Moffatt New Testament Commentary* (Nova York: Harper & Brothers, 1927), p. 148.
- ⁷M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914), p. 447.
- ⁸John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: Epworth Press, 1941 [nova tiragem]), p. 735.
- ⁹Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. VI (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), p. 502.
- ¹⁰John A. Bengel, *Gnomon of the New Testament*, vol. II, traduzido para o inglês por C. T. Lewis e M. R. Vincent (Filadélfia: Perkinpine & Higgins, 1864), p. 443.
- ¹¹St. Chrysostom, "Homilies on the Epistle of St. Paul to the Philippians", *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, vol. XIII, editado por Phillip Schaff (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956), p. 239.
- ¹²Charles Erdman, *The Epistle of Paul to the Philippians* (Filadélfia: The Westminster Press, 1932), p. 110.
- ¹³Vincent, *op. cit.*, vol. III, p. 451.
- ¹⁴J. N. Darby, *Synopsis of the Books of the Bible*, vol. IV (Nova York: Loizeaux Brothers, s.d.), p. 490.
- ¹⁵Wesley, *op. cit.*, 3.15.
- ¹⁶Clarke, *op. cit.*, vol. VI, p. 503.
- ¹⁷Citado em *The Abingdon Bible Commentary*, p. 1.247.
- ¹⁸J. Paul Taylor, *Holiness the Finished Foundation* (Winona Lake, Indiana: Light & Life Press, 1963), p. 94.
- ¹⁹J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8.^a edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), p. 153.
- ²⁰Ralph A. Gwinn, "Philippians", *The Biblical Expositor*, vol. III, editado por C. F. H. Henry (Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960), p. 318.
- ²¹Davidson, NBC, p. 1.041.
- ²²Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. IV, p. 456.

SEÇÃO VII

- ¹J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8.^a edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), p. 154.
- ²H. A. W. Meyer, *Critical and Exegetical Handbook to the Epistles to the Philippians and Colossians and to Philemon* (Nova York: Funk & Wagnalls, 1889), p. 146.
- ³C. Latley, "Philippians", *A Catholic Commentary on Holy Scripture*, editado por Dom. Bernard Orchard (Nova York: Thomas Nelson & Sons, 1953), p. 1.130.
- ⁴Thomas Manton (morto em 1667), "Lectures on James", em *The Bible Work: The New Testament*, vol. II, editado por J. Glentworth Butler (Nova York: Funk & Wagnalls Publishers, 1883), p. 461.

⁵IB (Exegesis), vol. XI, p. 103.

⁶Paul S. Rees, *The Adequate Man* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1959), p. 94.

⁷J. R. Dummelow (editor), *A Commentary on the Holy Bible* (Nova York: The Macmillan Company, 1943), p. 977.

⁸Cf. J. Hugh. Michael, "The Epistle of Paul to the Philippians", *The Moffatt New Testament Commentary* (Nova York: Harper & Brothers, 1927), p. 196; A. R. Fausset, "The Epistle of Paul the Apostle to the Philippians", *A Commentary on the Old and New Testaments*, vol. II, editado por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown (Hartford, Connecticut: S. S. Scranton & Company, s.d.), p. 368.

⁹Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. VI (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), p. 744.

¹⁰Lightfoot, *op. cit.*, p. 196.

¹¹Bengel, *op. cit.*, vol. II, p. 447.

¹²George Williams, *The Student's Commentary on the Holy Scripture*, 5.^a edição (Grand Rapids: Kregel Publications, 1953), p. 934.

¹³Lightfoot, *op. cit.*, p. 161.

¹⁴*Ib.*, p. 162.

SEÇÃO VIII

¹Henry Alford, *The Greek Testament*, vol. III, 3.^a edição (Londres: Rivingtons, Waterloo Place, 1862), p. 192.

²James C. Gray e George M. Adams, *Gray and Adams Bible Commentary* (Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, s.d.), p. 312.

³Cf. Robertson, *Word Pictures*, p. 461.

⁴J. R. Dummelow (editor), *A Commentary on the Holy Bible* (Nova York: The Macmillan Company, 1943), p. 978.

⁵J. B. Lightfoot, *St. Paul's Epistle to the Philippians*, 8.^a edição (Londres: The Macmillan Company, 1888), p. 167.

⁶J. Hugh Michael, "The Epistle of Paul to the Philippians", *The Moffatt New Testament Commentary* (Nova York: Harper & Brothers, 1927), p. 226.

⁷M. R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914), p. 460.

⁸Alexander Maclaren, *Expositions of Holy Scripture*, vol. XIV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 [nova tiragem]), p. 73.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- ALFORD, Henry. *The Greek Testament*, Vol. III. Terceira Edição. Londres: Rivingtons, Waterloo Place, 1862.
- BARCLAY, William. "Letter to the Philippians." *Daily Study Bible*. Segunda Edição. Filadélfia: The Westminster Press, 1959.
- BARNES, Albert. *Notes on the New Testament: Philippians*. Editado por Robert Frew. Grand Rapids: Baker Book House, 1950.
- BARTH, Karl. *The Epistle to the Philippians*. Richmond: John Knox Press, 1962.
- BEARE, F. VV. "A Commentary on the Epistle to the Philippians." *Harper's New Testament Commentaries*. Nova York: Harper & Brothers, 1959.
- BENGEL, John A. *Gnomon of the New Testament*, Vol. II. Traduzido para o inglês por C. T. Lewis e M. R. Vincent. Filadélfia: Perkinpine & Higgins, 1864.
- BRAUNE, Karl. "The Epistle to the Philippians." *Commentary on the Holy Scriptures*. Editado por J. P. Lange. Traduzido para o inglês por Philip Schaff. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, s.d.
- CAFFIN, B. C. "Letter to the Philippians" (Exposition). *The Pulpit Commentary*, Vol. XX. Editado por H. D. M. Spence e Jos. S. Exell. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.
- DARBY, J. N. *Synopsis of the Books of the Bible*, Vol. IV. Nova York: Loizeaux Brothers, s.d.
- DAVIDSON, Francis. "Letter to the Philippians." *The New Bible Commentary*. Editado por F. Davidson. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- DODDRIDGE, Philip. *The Family Expositor*, Vol. V. Oitava Edição Londrina. Charleston, Massachusetts: S. Etheridges, 1808.
- DUMMELOW, J. R. (editor). *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: The Macmillan Company, 1943.
- EADIE, John. *A Commentary on the Greek Text of the Epistle of Paul to the Philippians*. Nova York: Robert Carter & Brothers, 1859.
- ERDMAN, Charles. *The Epistle of Paul to the Philippians*. Filadélfia: The Westminster Press, 1932.
- FAUSSET, A. R. "The Epistle of Paul the Apostle to the Philippians." *A Commentary on the Old and New Testaments*, Vol. II. Editado por Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown. Hartford, Connecticut: S. S. Scranton & Company, s.d.
- FINLAYSON, R. "Letter to the Philippians" (Homilies). *The Pulpit Commentary*, Vol. XX. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950.
- GRAY, James C. e ADAMS, George M. *Gray and Adams Bible Commentary*. Grand Rapids: Zondervan Publishing Company, s.d.
- GWINN, Ralph A. "Philippians." *The Biblical Expositor*, Vol. III. Editado por C. F. H. Henry. Filadélfia: A. J. Holman Company, 1960.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. VI. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.

- KENNEDY, H. A. A. "The Epistle to the Philippians." *Expositor's Greek Testament*, Vol. III. Editado por W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.
- LATLEY, C. "Philippians." *A Catholic Commentary on Holy Scripture*. Editado por Dom. Bernard Orchard. Nova York: Thomas Nelson & Sons, 1953.
- LIGHTFOOT, J. B. *St. Paul's Epistle to the Philippians*. Oitava Edição. Londres: The Macmillan Company, 1888.
- MACLAREN, Alexander. *Expositions of Holy Scripture*, Vol. XIV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 (nova tiragem).
- MEYER, H. A. W. *Critical and Exegetical Handbook to the Epistles to the Philippians and Colossians and to Philemon*. Nova York: Funk & Wagnalls, 1889.
- MICHAEL, J. Hugh. "The Epistle of Paul to the Philippians." *The Moffatt New Testament Commentary*. Nova York: Harper & Brothers, 1927.
- MORGAN, G. Campbell. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1961.
- MOULE, H. C. G. "The Epistle to the Philippians." *Cambridge Bible*. Editado por J. J. S. Perowne. Cambridge: University Press, 1895.
- RAINY, Robert. "Epistle to the Philippians." *An Exposition of the Bible*, Vol. VI. Hartford, Connecticut: S. S. Scranton Company, 1903.
- ROBERTSON, A. T. *Paul's Joy in Christ: Studies in Philippians*. Edição Revista. Nashville: Broadman Press, 1959.
- _____. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Harper & Brothers, 1931.
- ROBERTSON, James Alexander. "The Epistle to the Philippians." *The Abingdon Bible Commentary*. Editado por Carl Eiselen et al. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.
- ST. CHRYSOSTOM. "Homilies on the Epistle of St. Paul to the Philippians." *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*, Vol. XIII. Editado por Phillip Schaff. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1956.
- SCOTT, E. F. "The Epistle to the Philippians" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick et al., Vol. XI. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1951.
- VINCENT, M. R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. III. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1914.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (nova tiragem).
- WHEDON, D. D. *Commentary on the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Nelson & Phillips, 1875.
- WICKS, Robert R. "The Epistle to the Philippians" (Exposition). *The Interpreter's Bible*, Vol. XI. Editado por George A. Buttrick et al. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1955.
- WILLIAMS, George. *The Student's Commentary on the Holy Scripture*. Quinta Edição. Grand Rapids: Kregel Publications, 1953.

II. OUTROS LIVROS

- BAILLIE, Donald M. *God Was in Christ*. Nova York: Scribner's Sons, 1948.
- BRUCE, A. B. *The Humiliation of Christ*. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1907
- FLETCHER, John William. *The Works of the Rev. John William Fletcher*, Vol. I. Nova York: Waugh & Mason, 1833.

- HASTINGS, James (editor). *The Great Texts of the Bible*, XVII. Nova York: Scribner's Sons, 1913.
- REES, Paul S. *The Adequate Man*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1959.
- WALVOORD, John F. *To Live Is Christ: An Exposition of the Epistle of Paul to the Philippians*. Findlay, Ohio: Dunham Publishing Company, 1961.
- WAND, J. W. C. *The New Testament Letters*. Londres: Oxford University Press, 1946.

III. ARTIGOS

- WEISS, Bernhard. "The Present Status of the Inquiry Concerning the Genuineness of the Pauline Epistles." *American Journal of Theology*, Vol. I, 2.

A Epístola aos
COLOSSENSES

John B. Nielson

Introdução

A. Motivo

Ao escrever a Epístola aos Colossenses, Paulo entra em “grande combate” (2.1) com um dos oponentes mais tremendos de sua carreira. Este inimigo da igreja é uma combinação esquisita de práticas religiosas judaicas e orientais com cristianismo. Escritores que viveram em períodos posteriores ao do apóstolo denominaram essa combinação de gnosticismo. “Mas uma equação indiscriminada do erro colossense com os sistemas gnósticos posteriores é, seguramente, uma suposição precipitada.”¹

Esta heresia sutil, revelada no capítulo 2 da epístola, não é necessariamente tentativa de eliminar o Cristo da religião, mas de mostrar que ele é inadequado como Salvador dos homens. Cristo é, segundo esta posição, um ser criado, maior que os homens, claro, mas menor que Deus, um de muitos mediadores entre Deus e o homem. Cristo é despojado de sua deidade essencial e privado de sua obra propiciatória no Calvário. Os aspectos externos da religião — obras da justiça, ritualismo, asceticismo, abuso da carne, angelolatria, etc. — são enfatizados como marcas distintivas do estilo cristão. Para Paulo, tal concepção é inconcebível, diante do seu conhecimento de primeira mão (At 26.13ss.). E com um simples golpe de classe — “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (2.9) —, ele coloca o quadro inteiro na perspectiva adequada. Cristo é tudo; ponto final.

Este conceito gnóstico ameaçou seriamente a igreja em Colossos. Foi o que ocasionou a reunião entre o pastor Epafras (1.7,8) e o apóstolo Paulo para lidar com o problema.

B. Autoria

O consenso da erudição cristã assevera que Paulo é o autor da epístola; o método e o conteúdo são paulinos. Certos estudiosos ainda questionam a autoria paulina.² Não obstante, a igreja primitiva atesta sua autenticidade. A carta está inclusa no Papiro Chester Beatty (P46), o mais importante papiro, o qual foi escrito em aproximadamente 200 d.C.³ M. Renan afirma que devemos receber Colossenses resolutamente como obra de Paulo.⁴

C. Data

Pelo que depreendemos, Paulo, na ocasião da escrita, estava na prisão (4.10), mas tinha liberdade para pregar (At 28.30,31; Cl 4.18). Demas ainda estava com ele (4.14; 2 Tm 4.10). Concluimos, portanto, que a data da escrita fica perto do fim do primeiro aprisionamento de Paulo em Roma, em cerca de 62 d.C.⁵ (talvez 60).

D. Destinatário

A carta é endereçada aos “santos” (1.2) em Colossos (ver Mapa 1), pequena cidade localizada ao lado de um córrego no vale do Lico, na Frígia, a uns 160 quilômetros de Éfeso, em direção ao interior. Situa-se a cerca de 16 quilômetros ao sul de duas cidades mais importantes mencionadas na epístola, Hierápolis, na margem norte, e Laodicéia, na margem sul.⁶

É possível que a igreja, que provavelmente se reunia em uma casa (4.15), tenha sido organizada quando Paulo morava em Éfeso (At 19.10). Entretanto, pode ser que Epafras, ou Paulo, tenham fundado a igreja mais cedo (At 16.6; 18.23). É estranho advogar, como fazem certos expositores, o ponto de vista de que Paulo nunca visitou as igrejas do vale do Lico (cf. At 18.23), sobretudo levando em conta que Paulo era trabalhador e viajante incansável e morou perto, em Éfeso, por dois anos. O fraseado de 2.1 indica que o apóstolo conhecia alguns crentes dali, ao mesmo tempo em que propõe o fato de ele não conhecer, nem ter visto outros.

Embora a cidade fosse pequena e relativamente insignificante, os cristãos dali e os assuntos da igreja eram de vital importância. Essa conjuntura estimulou Paulo a fazer esta declaração soberba sobre a cristologia. A carta foi entregue por Tíquico (4.7,8).

E. Propósito

“O empreendimento [de Paulo] é recusar confinar a Pessoa de Cristo nos limites do judaísmo messiânico, ou, por outro lado, negar espaço aos sistemas extravagantes da teosofia gnóstica, na qual o Jesus histórico fazia papel meramente subsidiário.”⁷

Paulo mostra a singularidade da fé cristã e seu inevitável conflito com todos os outros sistemas religiosos e filosofias humanas. A singularidade prende-se à *pessoa* de Cristo, pois o fruto da fé nele é a justiça ética (Cl 3.9). Paulo isolará todos os embusteiros de Cristo e de sua posição, e eliminará a prática de formular doutrinas de acordo com a sabedoria humana em vez de articulá-las segundo a revelação divina. Ele refutará todos os que desejam acrescentar outra exigência à salvação, senão Cristo, as quais, de alguma forma, depreciariam Jesus Cristo. Ele cumprirá seu objetivo, declarando que a *plenitude divina* habita em Jesus Cristo, que ele é o *mistério* que foi revelado, que *todos os tesouros da sabedoria e da ciência* estão nele e são por ele, e que a *perfeição* se dá somente em união com ele. O Cristo do evangelho que Paulo proclamava leva o indivíduo à “quietude, em vez de este ficar correndo atrás de toda opinião contraditória”.⁸

É cada vez mais óbvio que o problema na comunidade de Colossos é pertinente em nossos dias de certo modo não existente há uma geração. O mundo está se abrindo a passos largos para aceitar a suposta noção gnóstica de Cristo, a qual sustenta que ele se adapta a todas as religiões e sistemas. Os erros dos colossenses também são os erros de hoje. Diante de tantos cultos, a questão continua perene: “Que pensais vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22.42). Uma vez mais, cada indivíduo tem de identificar Jesus Cristo por conta própria nos termos bíblicos e segundo suas considerações. E a Epístola aos Colossenses é esplendidamente adequada para tornar essa identificação possível.

Esboço

1. OBSERVAÇÕES PREPARATÓRIAS, 1.1-14

- A. O Chamado de Paulo como Apóstolo, 1.1,2
- B. A Confiança de Paulo nos Colossenses, 1.3-8
- C. A Preocupação de Paulo pelo Desenvolvimento Espiritual, 1.9-14

II. A CRISTOLOGIA DE PAULO, 1.15-29

- A. O Conceito que o Apóstolo faz de Cristo, 1.15-20
- B. A Contingência da Graça Salvadora, 1.21-23
- C. A Comissão e Envolvimento de Paulo, 1.24-29

III. O COMBATE, 2.1-23

- A. Doutrina, 2.1-15
- B. Dever, 2.16-23

IV. CONCLUSÃO, 3.1—4.6

- A. Novo Quadro de Referência, 3.1-4
- B. Renúncia Completa, 3.5-11
- C. Responsabilidade Moral, 3.12—4.6

V. DESPEDIDA, 4.7-18

- A. Os Portadores da Mensagem, 4.7-14
- B. Os Destinatários da Mensagem, 4.15-17
- C. A Assinatura do Remetente, 4.18

SEÇÃO I

OBSERVAÇÕES PREPARATÓRIAS

Colossenses 1.1-14

Ao escrever a Epístola aos Colossenses, Paulo desafia o que escritores mais tarde denominaram de gnosticismo. Esta falsa filosofia era inimigo mortal de Cristo e da igreja. O primeiro capítulo da carta é preliminar ao “grande combate” (2.1), fator que nos leva a vê-los em conjunto. Aqui, Paulo apresenta os fundamentos para o combate, fixa o tom e constrói suas contestações para tirar a limpo tais controvérsias. Para isso, ele convoca a mais alta Autoridade, o próprio Deus, para testemunhar contra esta seriíssima ameaça a Cristo. Em seguida, o apóstolo declara a certeza de que a experiência inicial dos crentes colossenses concentrava-se somente em Cristo.

Logo após estas observações introdutórias, Paulo afirma, em termos meticolosos, a indispensabilidade para o combate, a natureza e obra essenciais do Senhor Jesus Cristo. E depois de dar um aviso da mais alta gravidade, ele declara seu envolvimento vigoroso nesta causa justa.

A. O CHAMADO DE PAULO COMO APÓSTOLO, 1.1,2

Esta carta é de um homem em Cristo para uma igreja em Cristo. Epafra, pastor de Colossos (1.7; 4.12,13), notifica Paulo acerca da condição espiritual da igreja que pastoreia. Ele relata que surgiu uma terrível heresia que ameaça sua congregação. O apóstolo logo toma medidas para opor-se ao falso ensino. Como ocorreu antes, no Con-

cílio de Jerusalém (At 15.12) e no Concílio de Antioquia (Gl 2.1ss.), Paulo, o apóstolo de Jesus Cristo, não admite que nada dilua o evangelho. Ele apresentará suas argumentações de forma concisa, clara e sem medo. Como comentado na Introdução, ele envia a carta por Tíquico (4.7,8).

1. Autorização (1.1)

A carta começa com a saudação familiar de Paulo. Ele diz seu *nome*. A igreja primitiva reconhece que **Paulo** é o autor inquestionável da carta.¹ É plausível que a comunidade cristã primitiva tenha lhe dado outro nome, trocando Saulo por Paulo imediatamente após ele ter se convertido (At 13.9). Por outro lado, certos expositores sugerem que ele mantinha ambas as formas do nome (a hebraica e a grega) desde o nascimento,² fator necessário em um ambiente como Tarso, sua cidade natal, uma comunidade de três culturas — a grega, a romana e a hebraica.³

Paulo apresenta seu *ofício*, **apóstolo**, “enviado” ou “mensageiro” (CH) que satisfaz qualificações especiais (1 Co 9.1). Embora haja indivíduos, como Barnabé, inclusos numa categoria geral de mensageiros do Senhor (At 14.14; Fp 2.25), Paulo é um apóstolo especial, divinamente comissionado e enviado, talvez tomando o lugar de Judas como um dos doze (At 1.20; 1 Co 15.8,9).

Ele também declara sua *autoridade*. Ele é **apóstolo de Jesus Cristo**. Ainda que ambas as ordens sejam usadas em lugares diferentes, “Cristo Jesus” (AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) é a ordem correta das duas palavras de acordo com os melhores textos gregos. Neste caso, há leve destaque na palavra **Cristo**, provavelmente por causa da natureza do combate que se segue. Paulo enfatizaria o Senhor exaltado em vez de **Jesus**, conforme ele era conhecido nos dias da sua carne. A expressão a **vontade de Deus** eleva a autoridade do apóstolo ao mais alto nível.

As palavras introdutórias de Paulo revelam algo de sua *humildade*. Na saudação, ele inclui o (lit.) **irmão Timóteo**, querendo dizer que um dos seus convertidos é igual a ele em relação a **Cristo**. Nas religiões pagãs, um escravo iniciado em um culto de mistério não era mais escravo, mas um homem livre que morava com seu antigo dono.⁴ Na comunidade cristã, não podia ser menos que isso. O escravo que se tornava crente em **Cristo** não devia mais ser tratado como escravo, mas como **irmão** amado (Fm 16; 1 Tm 6.2). Esta é a revelação bíblica das relações cristãs essenciais. Embora Paulo seja mensageiro especial do Senhor **Jesus Cristo** e **apóstolo** do mais alto posto, ele ainda é apenas um entre muitos membros da fraternidade cristã. Aqui, a frase **o irmão** significa, não a fraternidade ampla dos homens, mas a fraternidade dos cristãos.⁵

2. Saudação (1.2)

A carta é endereçada **aos santos e irmãos fiéis em Cristo**. Se considerarmos o sentido adjetival de **santos**, então eles são os **irmãos santos** e confiáveis; são **santos e fiéis** porque estão **em Cristo**. Se compreendermos a relação causal, então estes são **irmãos** porque são **santos**. A primeira opção se afigura melhor. Literalmente, o grego diz: “aos em Colossos, irmãos santos e confiáveis em Cristo”. **Fiéis** pode ser traduzido por “confiáveis” ou “dignos de confiança” e “confiantes” ou “crentes”. O termo **irmãos** também indica que estes indivíduos são **irmãos** de Paulo, porque eles estão **em Cristo** com ele. A relação é tanto com **Cristo** quanto com Paulo e Timóteo.

Pelo que depreendemos, estes nomes e títulos visam preparar as pessoas a quem a carta foi endereçada, a fim de que recebam a mensagem de Paulo. A palavra grega traduzida por **santos** (*hagiois*) conota qualidade moral. Indica posição **em Cristo**, como entendem certos expositores,⁶ e condição moral; não apenas dedicação, mas também justiça ética. O propósito e mensagem da carta confirmam esta opinião. Paulo não está exigindo “santos” enclausurados ou nomeados por homens, mas homens morais (cf. 3.5ss.). O propósito do autor é salvar os crentes colossenses dos erros do asceticismo, ritualismo, festas e ordenações humanas como sinais do cristão (2.16ss.). Em vez disso, ele os conduz à unidade ética com Cristo (3.1ss.) como o verdadeiro sinal (3.9). Nem todos os santos são necessariamente maduros. Eles têm problemas de crescimento, mas devem ser justos. Como afirma Maclaren: “Os santos não são um tipo elevado de cristão, mas todos os cristãos são santos, e quem não é santo não é cristão”.⁷ Mas para que não pensemos que Paulo esteja sugerindo que a moralidade é em si mesma suficiente, ele acrescenta as palavras **em Cristo**. “Os santos são aceitos somente em virtude de estarem em Cristo. [...] Fora de Cristo os melhores santos se mostrarão pecadores e incapazes de ficar na presença de Deus.”⁸

A localidade da igreja endereçada é tanto **em Cristo** quanto **em Colossos**, duas esferas da vida cristã. Contanto que permaneçam **em Cristo**, os santos **em Colossos** estarão protegidos do erro. **Em** (lit.) **Colossos** os identifica. Certos intérpretes sugerem que a frase os elogia, pois, embora sejam habitantes de cidade tão pequena, a mensagem de Deus também é para eles (cf. nota 22).

Com a expressão **em Cristo**, chegamos ao cerne da religião de Paulo. É a fórmula do evangelho que ele pregava autorizadamente em todos os lugares (Gl 1.8,12). Esta fórmula se originou da nova relação que ele mantinha com Cristo, uma relação de duas vias que era uma união vital: ele **em Cristo** e Cristo nele (2 Co 5.17; Cl 1.27). Cristo se tornara para ele, pela experiência na estrada de Damasco (At 26.15), não uma pessoa do passado histórico de quem ele só podia ler e estudar a respeito, mas uma Pessoa viva com quem ele mantinha comunhão diária. Os termos **em Cristo** se tornaram o centro de sua teologia e a fórmula de sua vida religiosa. Schmoller afirma que “a expressão grega *en Christo* é fórmula de significação tão profunda nas epístolas de Paulo, que talvez seja sempre melhor detectar nela a idéia de união, comunhão com Cristo”.⁹ A expressão é usada por Paulo para mostrar o mistério da encarnação e o meio pelo qual se cumpre potencialmente, quando não de fato, a obra propiciatória de Cristo no Calvário. A. J. Gordon declara: “Não há palavras da Bíblia, exceto estas: ‘Deus se manifestou em carne’, que mantenham em si o mais profundo mistério que a fórmula simples da vida cristã em Cristo”.¹⁰

A saudação de Paulo, **graça... e paz**, foi, provavelmente, retirada da experiência cristã e não das influências gregas ou é combinação das saudações do Ocidente e do Oriente. Ele usa palavras e frases gregas, mas as enche inteiramente de significado cristão. Pelo que entendemos, estas palavras estão relacionadas como causa e efeito. A **graça** de Deus traz **paz**. E a **paz** nunca será conhecida no mundo de hoje sem a **graça** de Deus — a **graça** que vem de Deus, nosso Pai (cf. Lc 2.14).

As palavras **e da do Senhor Jesus Cristo** não ocorrem nos melhores manuscritos (estão ausentes em BAB, BJ, BV, CH, NTLH, RA). Mas o acréscimo da frase não prejudica o significado do texto, visto que todas as bênçãos espirituais vêm por **Jesus Cristo** e

nele estão (14ss.; 2.10). Além disso, as palavras em questão estão inclusas no versículo seguinte. Quando estas duas Pessoas se unem no ministério da graça, a deidade de Jesus se mostra. Todavia, quase não há necessidade de unir estas duas Pessoas neste versículo, pois Paulo vai revelar **Cristo** de modo inigualável ao longo da carta.

B. A CONFIANÇA DE PAULO NOS COLOSSENSES, 1.3-8

1. *A Experiência que os Colossenses têm de Cristo* (1.3-5a)

Identificamos duas maneiras em que Paulo mostra confiança na experiência cristã dos crentes colossenses.

a) *Apreço por eles* (1.3). Ele ora a favor deles. **Graças damos** é qualidade característica e elemento essencial nas orações e exortações de Paulo à oração (1.12; 4.2). Só em Gálatas não ocorre a palavra nas saudações de Paulo.¹¹ Na forma verba **damos** estão, no mínimo, Paulo, Timóteo e Epafras (4.12,13). Com base no texto grego, há dúvida sobre a tradução correta. O grego diz: “Nós damos graças [...] sempre orando por vós”. É “graças sempre” ou “sempre orando”? Pelo visto, qualquer uma das duas opções é adequada ao pensamento de Paulo. E a causa para a ação de graças é a trilogia da qualidade dos santos — a fé, o amor e a esperança —, a qual ele percebe que neles está.

A Deus, Pai (3) deveria ser “a Deus, o Pai”, mostrando mais claramente a relação exclusiva de Jesus com o Pai.¹²

Orando sempre por vós (3) significa que **sempre** que Paulo ora ele os inclui. A essência de suas orações por eles está esboçada em 1.9-13, e é a favor dos irmãos que ele não conhecia (2.1), bem como pelos que conhecia, porque eles também estão em Cristo.

Embora Paulo esteja muito preocupado, ele ainda está animado com o relatório recebido e agradece a Deus por estes irmãos. Certos estudiosos deduzem que as palavras **porquanto ouvimos** (3), junto com pensamento semelhante em 1.8,9 e 2.1, dão a entender que Paulo nunca visitou Colossos. Mas estas expressões podem significar simplesmente que Paulo não conhecia pessoalmente *todos* os crentes de lá.¹³ Seja como for, Paulo fundamenta todas as suas observações, orações e ação de graças no relatório confiável de Epafras, o fiel pastor dos colossenses (7).

b) *Reconhecimento da graça neles* (1.4,5a). Temos aqui a famosa trilogia paulina das graças cristãs — **fé**, **caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) e **esperança**. Cada uma tem seu próprio *objeto*: a **fé** tem por seu objeto o Salvador divino, pois esta é a força da ordem das palavras **Cristo Jesus**; o amor se expressa aos santos; e a **esperança** tem por seu objeto o tesouro **nos céus**. Cada uma tem sua própria *esfera de atividade*: a fé opera na atmosfera do divino; o amor opera na comunidade dos santos; e a **esperança** opera no reino da promessa (1.27b). Cada uma tem sua própria *finalidade*: a **fé** é para inspirar; o amor é para criar lealdade mútua; e a **esperança** é para manter a fidelidade. É freqüente Paulo unir estas três graças, mas aqui estão em ordem incomum. Em 1 Coríntios 13, diríamos que elas estão dispostas na ordem de sua importância ética, com o **amor** cristão atuando em consequência da **fé** e da **esperança**. Aqui, elas estão na ordem da importância lógica. A **fé** em **Cristo Jesus** é o começo do amor

para com ele e **para com todos os santos**. A **fé** e o amor brotam da **esperança**, pois essa é a força da preposição grega *dia*. É, literalmente, **por causa da** (ou “pela”, BJ) **esperança** que a **fé** e o amor vêm. Por outro lado, não devemos limitar a verdade pelo significado expresso aqui. É também verdade que a **esperança** brota da **fé** em Cristo como uma experiência atual — “Cristo em vós, esperança da glória” (1.27b). As três graças — **fé**, amor e **esperança** — são elementos interligados e sincronizados de um todo, cada parte interpenetrando na outra.

A **esperança** (5a) presente também é futura: Ela **está reservada** (“armazenada” ou “preservada”, RA) **nos céus** (lit.; cf. 1 Pe 1.4). O crente se firma nas promessas que lhe dão **esperança**. Esta **esperança** é a base da sua inspiração, a **fé**, e a fonte da sua ética, o amor. Esta não é filosofia quimérica; trata-se de experiência presente e alegre (2 Co 4.16-18; 2 Tm 4.8; Hb 9.28). Embora Cristo esteja “lá no céu” (Cl 3.1), em sentido muito real ele está neles, e em nós, hoje.

2. O Conhecimento que os Colossenses têm de Cristo (1.5b-8)

a) *Pela iniciativa divina* (1.5b,6). **Da qual** se refere à esperança (cf. NTLH) “a respeito da qual” (NVI) **ouvistes** de Epafras e, possivelmente, do próprio Paulo. O verbo grego traduzido por **ouvistes** está no tempo aoristo, indicando um ato, decisão ou crise completa, quer dizer, eles creram ou aceitaram. **Antes** não se refere ao estado anterior à conversão,¹⁴ mas **antes** de darem ouvidos aos falsos mestres, ou **antes** da escrita da carta, ou além da carta. Na expressão **pela palavra da verdade do evangelho** (5b), a preposição “por” (**pela**) é instrumental, ou seja, é “por meio da” (NVI) pregação. **O evangelho** é a verdade em oposição ao falso ensino que Paulo está a ponto de expor. Este falso ensino é destituído do verdadeiro objeto da fé (Cristo), da verdadeira ética (o amor divino), da verdadeira experiência (a habitadora “esperança da glória”). Paulo chama a igreja de volta à verdade e dá indicações sobre esta no argumento a seguir. Qual é essa verdade? Ele a declarará em tom retumbante.

Que já chegou a vós (6) significa, literalmente, “está presente convosco”. **Em todo o mundo** é uma hipérbole legítima.¹⁵ Tradução mais precisa seria: “Até em todo o mundo ele [o evangelho] está dando fruto e crescendo até em vós”. Afigura-se irreal supor que todos, no mundo inteiro, ou que toda cidade ou aldeia tivesse ouvido o evangelho. Seria muito cedo para todos ouvirem.¹⁶ A gratidão do apóstolo é porque o evangelho está dando frutos nos crentes colossenses, como ocorre nos crentes de todas as partes do mundo onde quer que seja aceito e crido. Como diz Paulo: “Se *alguém* está em Cristo, nova criatura é” (2 Co 5.17, grifo meu). A justiça ética (10) é o fruto da fé em Cristo, sendo o mesmo em todos os lugares.¹⁷

O fruto de Paulo é uma religião universal. Vemos aqui sua perspectiva e ministério mundial. O cristianismo é fundamentalmente uma religião evangelística, igualmente aplicável a todas as pessoas, chegando a cada uma por revelação divina.

A palavra divina entregue e crida **já vai frutificando** (6; “dá fruto de si mesmo” [presente médio]), indicando que o evangelho livremente em ação nos crentes produz, de si mesmo, boas obras. Talvez os falsos mestres tivessem copiado este verbo dos ensinamentos de Jesus e lhe dado significado próprio. Wilfred Knox afirma que a frutificação era um “slogan gnóstico” e que aqui, Paulo está se opondo às reivindicações gnósticas.¹⁸ O fruto

cristão é ético (10; 3.5ss.); o evangelho dá o fruto do viver santo onde quer que vá. Há excelente apoio dos originais gregos para adicionar depois de **já vai frutificando** as palavras “e está aumentando” (cf. “e crescendo”, BAB, NVI, RA; cf. BJ).¹⁹ O evangelho se espalha com a frutificação, porque a semente é espalhada com o fruto. A voz média presente sugere reprodução contínua. “Paulo assevera que a fé em Cristo é em si a semente viva e crescente. Além disso, goza de comprovação universal”: **em todo o mundo**.²⁰ As palavras **como também entre vós** confirmam o fato notável de que a justiça ética nos crentes colossenses é o fruto da fé em Cristo.

Desde o dia em que ouvistes (6) o evangelho mostra que o evangelho da graça é preveniente. Não foram eles que o procuraram, mas ele veio a eles. E produz seus efeitos em tempo relativamente curto. **E conhecestes** (tempo aoristo indicativo) é um verbo forte em grego, significando “vistes” ou “examinastes”, “inspecionastes minuciosamente”. Eles vasculharam o evangelho, verificaram que era verdadeiro e “entenderam a graça de Deus”²¹ (NVI; cf. BJ, RA; cf. tb. At 17.11). A **graça de Deus** é expressão freqüente e fala de tudo que é maravilhoso e divino. Podemos entender **em verdade** de dois modos: a **graça de Deus** é a verdade, ou a **graça de Deus** está na **verdade**, o evangelho (2 Co 4.2; Cl 1.5). O homem se esforça para encontrar Deus nas falsas religiões; mas é Deus que desce para se revelar na verdade. O evangelho tem aplicação e resultados universais. Ninguém é favorecido acima de ninguém. Carson realça que os colossenses não são inferiores por viverem numa cidade pequena.²² Deus trabalha do mesmo jeito no mundo inteiro.

b) *Pela instrumentalidade humana* (1.7,8). Os crentes colossenses aprenderam de **Epafras** (4.12). Ele é o pastor deles, talvez o fundador da igreja naquela cidade.²³ Paulo atesta que **Epafras** lhes deu o ensino correto. Ele era **ministro** e mestre capaz.

Certos manuscritos trazem o vocábulo “também” (“como *também* aprendestes de Epafras”), mas os melhores textos originais o omitem.²⁴ Neste caso, subentende a probabilidade de Epafras ter organizado e fundado a igreja. Se acrescentado, indica ter havido outros mestres. **Aprendestes** (7, tempo aoristo) dá a entender um fato experiencial e não um processo interminável sempre aquém de conhecimento conclusivo. **Epafras** é pregador capaz e **fiel**. Paulo acrescenta que ele é o **nosso amado conservo** (7), um escravo de Cristo como o próprio apóstolo. Existe uma relação afetuosa e de confiança entre estes dois companheiros de prisão (Fm 23).

Que para vós (7) mostra o problema recorrente de como interpretar os pronomes gregos. É “para vós” ou “para nós”?²⁵ Na primeira opção, **Epafras** é digno de confiança; na última, ele é ministro fiel no lugar de Paulo. As evidências dos originais gregos não são conclusivas para nenhuma das duas opções, mas o significado não é significativamente alterado pela escolha de qualquer uma delas.

Paulo confia em Epafras como **um fiel ministro** (7). O evangelho foi apresentado corretamente. Prova disso é o “fruto” que havia nos crentes em Colossos (6). Paulo não permitirá que falsos mestres desacreditem o pastor dos colossenses.

Epafras **nos declarou** (8) mostra o pastor reportando uma ameaça à religião vital. Apesar da preocupação séria para que não haja desviados, o relatório do pastor ecoa notas de alegria e boa saúde, por causa da **caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) que eles têm **no Espírito** (8). No versículo 9, ocorre o uso adjetival da palavra “espírito” (“inteligência espiritual”); aqui, temos o uso substantival, denotan-

do o **Espírito** Santo. Com esta declaração o Deus trinitário se revela. Esta é a única referência direta feita ao **Espírito** Santo nesta epístola. **No Espírito** é a esfera da operação do amor, que é a suma da ética cristã²⁶ (Rm 13.10). Semelhante amor se opõe ao asceticismo e ritualismo. O amor, deduzimos, é o principal item no relatório; é também o elemento essencial no pensamento do apóstolo em relação aos crentes colossenses.

C. A PREOCUPAÇÃO DE PAULO PELO DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL, 1.9-14

Estes versículos constituem a oração intercessora de Paulo pelo aumento e desdobramento da revelação e experiência dos crentes colossenses. Esta oração é a resposta de Paulo ao relatório e mostra algo do caráter do apóstolo. Ele está contente com o relatório relativo aos crentes, mas muito preocupado com a ameaça à continuação do desenvolvimento espiritual deles, tendo em vista a heresia sutil que ali surgiu.

Aqui, temos “Uma Oração pelos Cristãos”: 1) Enchimento espiritual, 9; 2) Resposta ética, 10; 3) Capacitação divina, 11; 4) Apreciação pela graça divina (12-14).

1. *Discernimento Espiritual* (1.9)

Esta razão (9) seria a operação do amor cristão nos crentes colossenses, a respeito da qual o apóstolo havia acabado de escrever. Por isso, Paulo é realmente grato (3), e agora intercede por eles. **Desde o dia em que o ouvimos** é indicação de uma visita longa feita por Epafras. **Orar** e **pedir** (lit.) são participípios presentes que revelam constância e fidelidade (3) por parte de Paulo e seus companheiros.

a) *O conteúdo*. Paulo se preocupa com o volume, **cheios** (tempo aoristo passivo; nada de experiências incompletas²⁷), e com a substância, **sua vontade** (9). O termo grego *epignosis* (**conhecimento**) se torna termo técnico para contrastar a sabedoria humana pagã com a **sabedoria** e **conhecimento** divino. A sabedoria pagã é ritualista (2.16), visionária (2.18) e legalista (2.21), ao passo que o **conhecimento** divino é uma revelação e não uma dedução ou intuição de origem humana. Este **conhecimento** divino provém de uma experiência recíproca, qual seja, conhecer a Deus e ser conhecido de Deus, Cristo neles e eles em Cristo (2a; 27b). Ser **cheios do conhecimento da vontade** de Deus é entender o propósito e finalidade do “mistério” da encarnação e sacrifício de Cristo (27). Entender isto é o verdadeiro **conhecimento** (*gnosis*).

b) *O método*. **Em toda a sabedoria e inteligência** (“entendimento”, AEC, NVI, RA; “compreensão”, BAB, NTLH) **espiritual** (9) é o método do crescimento cristão. O “entendimento” (**inteligência**) da revelação divina só é conhecido por meios espirituais (1 Co 2.12-16). O método dos falsos mestres é puramente mental e humano. Cristo, o Filho de Deus (13,14), e não intermediários (2.18), é o verdadeiro modo de obtermos conhecimento divino. A revelação é total na manifestação de Jesus Cristo (2.9). Note o uso freqüente de termos que transmitem a idéia de totalidade: *toda* a sabedoria, *toda* a inteligência, *agradando em tudo*, *toda* boa obra, *toda* a fortaleza, *toda* a paciência, *toda* a longanimidade. Temos aqui a visão empolgante do propósito de Deus na revelação de Jesus Cristo.

2. Determinada Regra de Conduta (1.10ab)

Para que possais andar (tempo aoristo infinitivo) exige um propósito fixo de conduta. A justiça procede do enchimento falado no versículo anterior. **Andar dignamente diante do Senhor** fornece a *inspiração* para a conduta do crente. Este tema é repetido em mais três lugares: 2.6; 3.17 e 3.23. **Andar dignamente diante do Senhor** (ou **andar** “de modo digno do Senhor”, RA; cf. BAB, BJ) é a mais sublime aspiração. Em 1 Tessalonicenses 2.12, Paulo usa a frase “modo digno de Deus” (RA), e a esse respeito Moule ressalta que “o Pai e o Filho são Pessoas da mesma ordem de ser”.²⁸ **Agradando-lhe em tudo** é “agradando completamente” (RSV), não a homens, mas a Deus (2 Co 5.9; Cl 3.22; 1 Ts 4.1). Aqui, Paulo declara o *objetivo* da vida cristã. **Frutificando em toda boa obra** mostra a *qualidade* da conduta. O **andar** é a justiça ética; é ser consistente e envolver a totalidade da vida. A voz ativa do verbo grego denota que a vontade e a participação do homem são necessárias e esperadas. Não se trata de justiça suposta ou conferida, mas é justiça inspirada e concedida (6; 2.6,7) com a chegada do Espírito de Deus.

3. Capacitação Divina (1.10c,11)

Crescendo no (lit., “aumentado pelo”) **conhecimento de Deus** ressalta o *poder* para que o “andar dignamente” seja retirado do **conhecimento de Deus**. Como é importante o estudo fiel da Palavra de Deus e a oração! Tais práticas santas fortalecem o crente para o andar santo. Agora Paulo discorre longamente neste pensamento. **Corroborados** (“fortalecidos”, NVI, RA) **em toda a fortaleza** (11; particípio passivo) mostra novamente que a **fortaleza** (“o poder”, BAB, NVI) para viver a vida santa vem de Deus. O homem cheio do Espírito é sustentado pela graça divina. Ele pode fazer tudo que Deus exigir, pois a ajuda divina lhe está acessível. A direção de vida (10) é uma decisão decidida, ainda que “o cristão não receba o impulso inicial que tem de servi-lo ao longo da viagem”.²⁹ A capacitação deve ser um incitamento constate proveniente dos recursos da **força** (*kratos*) divina. Esta **força** é o poder divino, fato confirmado pelo uso da palavra grega *kratos*, a qual é usada exclusivamente com relação a Deus.³⁰ Essa **fortaleza** é **segundo a força da sua glória**. Quando todas as coisas são feitas para o prazer (ver comentários em 10; 3.20,22,23) e a glória divinas, então poder é liberado na vida, poder como o dele. Este, então, é o *método* de nosso fortalecimento. O seu poder em nós se opõe e vence o poder das trevas (13) e tem supremo controle.

A finalidade ou meta é o ponto seguinte. **Em** (11, *eis*) é usado para denotar que o poder capacita o crente a ter **toda a paciência**, a qual, segundo Lightfoot, está estreitamente ligada com a esperança e é o oposto da covardia. É a vontade de perseverar quando os outros desistem. A **longanimidade** se contrasta com a raiva e a vingança, e está unida com a misericórdia.³¹

Com gozo (11) não combina com “dando graças” que ocorre no versículo seguinte (12), mas deve ser considerado isoladamente.³² Está estreitamente associado com resistência e paciência no vocabulário cristão: “Se a alegria não tiver raízes no solo do sofrimento, é superficial” (Mt 13.20).³³ A alegria também é um dos frutos de fazer tudo para a glória de Deus.

4. Uma Perspectiva Apropriada (1.12-14)

a) *Perspectiva para com Deus Pai* (1.12,13). Dar **graças** a Deus mantém todas as coisas em perfeito foco. Tudo vem dele. O que entregaremos ao Senhor (Sl 116.12-18),

senão para receber os seus benefícios e agradecer-lhe por eles? Considerando que tudo é pela graça, dar **graças** é a primeira palavra de amor do crente para o Pai Celestial. Quem deve dar **graças**? Paulo ou os crentes colossenses? Ambos, pois a herança é igualmente de um e de outro (3; 4.2).

A expressão **ao Pai** (12) sem a palavra adicional “Deus” é rara fora dos quatro evangelhos.³⁴ A palavra “Deus” ocorre em certos manuscritos gregos, mas não nos melhores, e não deve ser incluída neste versículo.³⁵ Aqui, Deus é “visto como o Pai do Filho, e não *imediatamente* como ‘nosso Pai’”³⁶ (13). Ele é designado **Pai**, porque ele é a fonte de tudo.

Na frase **que nos fez idôneos** (12; “qualificados”, “dignos”, BV, NVI; “capazes”, BJ, NTLH), o pronome é **nos** em certos textos, mas “vos” em outros. “Vos” ou “nos” dá no mesmo, pois é Deus que qualifica. Leitura variante é: “que nos chamou [*kalesanti*] para participar”. No entanto, tudo ainda é de Deus.

Temos, aqui, “O chamado de Deus”: 1) Ele nos capacita a atender o chamado, 11; 2) Ele liberta, 13 (2 Co 1.10); 3) Todas as pessoas têm acesso a esse poder, 28 (2 Co 5.17).

Deus nos qualifica **para participar** (lit., “tomar parte”) **da herança dos santos** (12), como Israel tomava parte da Terra Prometida (3.24; Rm 8.17).³⁷ A **herança** é dupla: libertação e transferência (do Egito para Canaã). Note que a **herança** não é só futura, é também presente.³⁸ É uma libertação, compartilhamento, alegria e resistência existentes na atualidade. É um domicílio presente (“Formosa Terra de Canaã”), uma transferência **para o Reino do Filho do... amor** de Deus (13), onde os santos moram. **Santos na luz** (12) revela novamente a qualidade moral da justiça dos filhos de Deus.³⁹

Ele nos tirou (13; “libertou”, NTLH, RA; “livrou”, CH; “resgatou”, BAB, BV, NVI) se refere particularmente ao “Pai” (12). O verbo grego (no tempo aoristo) revela um ato decisivo e completo. Trata-se de uma libertação vigente do pecado e de pecar; algo que já foi feito. As implicações totais da libertação grandiosa ainda serão cumpridas (Mt 6.13; 27.43; Rm 7.24; 2 Co 1.10; 1 Ts 1.10; 2 Tm 3.11; 4.18).

Da potestade (“domínio” [NVI] tirânico) **das trevas** (13) lembra a experiência de conversão de Paulo e sua subsequente comissão (At 26.18). Ele foi libertado do domínio de Satanás para a devoção a Cristo, da escravidão para a liberdade, da servidão para a filiação, das **trevas** para a luz (1 Pe 2.9). Cristo nunca tiraniza; Satanás sempre exerce domínio tirânico. As paixões do pecado sempre dominam tiranicamente o homem. Os frutos do Espírito nunca mantêm o homem sob dominação que tiraniza; o crente os controla. **Da potestade** é igual a “da autoridade de”. O jardim do Getsêmani e a cruz estão na mente do escritor neste versículo como também em Lucas 22.53.⁴⁰

E nos transportou (13) também está no tempo aoristo. A transferência é uma experiência em vigor: toma-se a ação, mudam-se os locais, invertem-se as relações, completa-se o salvamento. É Deus que causa esta mudança de posição (*metestesen*). Alguém sugeriu que aqui há um trabalho de recolocação em massa de populações inteiras, do domínio tirânico de Satanás para o **Reino** amoroso de Jesus Cristo.

Filho do seu amor (13) é tradução literal. O **Pai** deu um **Reino** para o seu **Filho**, e mediante um ato poderoso fez arranjos para povoá-lo com um povo redimido que tomará parte na herança. Quando o **Reino** estiver completo e seguro, o **Filho** o devolverá ao **Pai** (cf. 1 Co 15.24-28). Tal **herança** requer gratidão (12) de nossa parte.

b) *Perspectiva para com o Filho* (1.14). **Em quem** se refere ao “Filho” (13), embora o “Pai” (12) também seja antecedente (At 20.28). **Em** indica que a redenção é por meio de união. Mais estritamente, o meio da **redenção** é o sangue derramado de Cristo. **Temos a redenção** é, novamente, uma experiência em vigor; somos libertos agora, porque fomos libertos então — no Calvário. O tempo presente é usado porque esta experiência é “o resultado contínuo do salvamento efetuado no passado”.⁴¹ **Redenção** significa “emancipação” ou soltura dos poderes do domínio tirânico das trevas, tanto da culpa quanto do poder do pecado. Trata-se de “libertação por pagamento de resgate por um escravo ou devedor (Hb 9.15), como mostram as inscrições”.⁴² Paulo nunca declara a quem o pagamento é feito para que a redenção seja efetuada.⁴³

Com base em evidências nos manuscritos gregos, as palavras **pelo seu sangue** devem ser omitidas aqui (14; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). O conceito, porém, é bíblico e a frase é realmente usada em Efésios 1.7 (ver tb. Cl 1.20,22).

A remissão dos pecados (14) é a **redenção**. A nota ética é novamente suprema; precisamos de perdão por carecermos da glória de Deus (*hamartion*). A pessoa pode ser tão farisaica quanto Paulo foi nos anos iniciais com relação à lei (Fp 3.6), mas a necessidade é de uma justiça mais profunda (Mt 5.20). “Não há traço de messianismo nacionalista na concepção do Novo Testamento; nem mesmo de fantasias sobre ‘fuga’ para a imortalidade sem a correspondente mudança de caráter (o tipo de fuga que talvez tivesse sido prometida pelos falsos mestres em Colossos).”⁴⁴

O Reino de Deus é moral e espiritual, exigindo justiça ética com base no perdão por meio da **redenção** fornecida por Cristo. O principal objetivo do crente é viver dignamente diante do Senhor. Há um enchimento que pode virar num transbordamento, sustentado pelo abastecimento divino. É tudo de Deus, a quem só a ele pertence o louvor (3.17).

A oração de Paulo apresenta os seguintes quatro elementos: Saber o que Deus quer, viver como o crente deve, utilizar os recursos divinos e, ao mesmo tempo, confessar a fonte de tudo. Como um rio tem a nascente, curso e estuário, assim o andar do crente emana da fonte da graça de Deus e percorre continuamente no curso da justiça (Am 5.24) em direção ao mar da glória e louvor de Deus. Todos os rios vivos cristãos emanam de Deus e voltam para ele. Para Paulo, é igualmente importante promover o avanço cristão sempre para cima, rumo ao seu mais completo desenvolvimento (Ef 4.13) e utilidade, quanto é ganhá-lo para Cristo. O Dr. Phineas F. Bresee disse: “O homem santificado está no primeiro degrau da escada. Agora ele tem de aprender, crescer, subir, ser divinamente aumentado e transformado”.⁴⁵

Nos versículos 9 a 14, encontramos o tema “Oração pela Pátria de Cima”: 1) O pleno conhecimento das coisas de Deus, 9; 2) A vida digna de nosso Senhor, 10; 3) A frutificação em todas as áreas de nossas atividades, 10; 4) O espírito de paciência *com alegria*, 11; 4) Gratidão a Deus pelas maravilhas da salvação, 12-14 (A. F. Harper).

Os crentes colossenses enfrentam um inimigo tremendo. Está havendo um grande combate. A verdade opõe-se divinamente contra as especulações humanamente conseguidas. A verdade disponível a todos os seres humanos opõe-se à sabedoria humana disponível a só uns poucos favorecidos. A experiência de Deus desafia o conhecimento especulativo sobre Deus. Paulo prossegue com suas argumentações. Chegou a vez da cristologia.

SEÇÃO II

A CRISTOLOGIA DE PAULO

Colossenses 1.15-29

Temos aqui a base para a disputa de Paulo com o pretenso elemento gnóstico em Colossos — a revelação de Cristo e sobre Cristo. Na sua revelação, Deus fala de *si mesmo*; ele *se* comunica, não sendo meros itens *sobre* ele. A revelação de Deus em Cristo é o ponto central e fundamental de toda teologia genuína. A confrontação desabrida contra a pessoa e obra de Cristo exige refutação. Paulo deixará clara a supremacia de Cristo acima de tudo. Ele prenderá os leitores à sua tese — Cristo —, não com mero ataque, mas com argumentos persuasivos.

A. O CONCEITO QUE O APÓSTOLO FAZ DE CRISTO, 1.15-20

Paulo já declarara sua autoridade para falar. Falando para uma assembléia “salva”, liberta das trevas e transferida para o Reino da luz, ele declara em termos precisos quem é Cristo, o que ele fez por nós e como ele o cumpriu. Este é o campo de batalha da teologia do Novo Testamento: a pessoa, posição, poder, preeminência e propósito de Cristo. Esta passagem colossense é atacada e repudiada por todos os falsos evangelhos. Há quem conteste a probidade de diversas palavras e frases. As idéias, no entanto, são limpidamente paulinas e bíblicas. As evidências são totalmente a favor da origem bíblica, e não helenística, das palavras e frases. “Em geral, as dificuldades não confirmam a conjectura da interpolação.”¹

Paulo está dizendo: “Eu tenho o melhor evangelho — Cristo é tudo”. Não há poderes intermediários a serem enfrentados; não há salvação inferior que a comunhão com o próprio Deus. Todos têm acesso à salvação, pois ela não é apenas para os iniciados. Não é só para esta vida, mas também para a que está por vir. Os falsos cultos são todos repudiados aqui.

Se Cristo não é Deus, então talvez haja poderes e tronos que fiquem entre Deus e o homem, com os quais os homens têm de ajustar contas. Se Cristo não é Deus, então talvez ele seja somente uma entre muitas dessas emanções da deidade. Se fosse assim, Cristo seria indigno de confiança; haveria causa para dúvida. O único meio seguro seria dobrar os joelhos diante de todos os poderes conhecidos (16). Mas, em termos inequívocos, Paulo afirma que estas suposições são todas falsas. Na verdade, toda pessoa terá e dobrará os joelhos a ninguém mais, senão a Jesus Cristo (18; Fp 2.11,12).

Por que Paulo fala que Cristo é o Senhor do universo criado e da igreja redimida de Deus? Por que ele enfatiza a deidade, poder, preeminência e propiciação de Cristo? É precisamente porque não há outra autoridade última com quem o homem tenha de tratar exceto o Senhor Jesus Cristo. Estes são os fatos da revelação.

1. A Cabeça da Criação (1.15-17)

a) *A pessoa de Cristo* (1.15). O **qual** tem por antecedente o “Filho do seu amor” (13), o Jesus da história, da Galiléia e do Calvário (Mt 17.5). O homem foi criado à imagem de Deus (Gn 1.27); Cristo é a **imagem de Deus** (Rm 1.20; 2 Co 4.4; Cl 3.10; Tg 3.9; Hb 1.2,3).² **Deus**, em sua natureza essencial, é **invisível** à visão humana. Por isso, vemos sua pessoa e caráter no Filho, que é a **imagem do Deus invisível**. Paulo está dizendo que Jesus Cristo não é diferente do próprio Deus. “Cristo é tudo em todos” (3.11; 1 Co 15.28). Ellicott afirma: “O Filho é a imagem do Pai em todas as coisas, exceto em ser o Pai”.³ E Thomas cita Moule, quando diz: “Um Salvador não totalmente Deus é uma ponte quebrada na extremidade mais distante”.⁴

O **primogênito de toda a criação** (15) é tradução correta, pois dá a entender, não o mais velho, mas aquele que é antes e supremo acima **de toda a criação**. **Primogênito** é equivalente a “unigênito”, sendo termo técnico judaico que significa “não-criado” (Sl 89.27; Hb 12.23).⁵ Esta frase apresenta as qualificações inigualáveis de Cristo como Criador e Salvador. Ele pertence à eternidade; ele não é criado. Não é, portanto, um ser intermediário, mas é antecedente a todas as coisas criadas (Jo 1.1-3). Paulo usou esta mesma palavra, **primogênito**, em relação a Cristo e à ressurreição (18).

b) *O poder de Cristo* (1.16). Cristo é a fonte, o agente, o fim e o sustentador de toda a criação. **Nele** (lit.) indica, primariamente, união. “Em” conota, muitas vezes, instrumento ou meio. Mais adiante, neste mesmo versículo, Paulo apresenta este conceito de Cristo como agente ou meio da criação com as palavras **por ele**. Aqui, a idéia é que Cristo tem em si todas as concepções e poderes da atividade criativa. A visão bíblica da criação (Gn 1; Jo 1.1-4) opõe-se à teoria da evolução naturalista e biológica. Com o surgimento da teoria “genética”, o que dirá o crente ao prospecto de cientistas criarem vida em um tubo de ensaio? Se ocorrer, o crente entenderá que esta é uma descoberta do processo de Deus e não uma criação. O homem não cria nada; Deus cria do nada

(*creatio ex nihilo*, Gn 1.1). Só podemos descobrir como ocorrem os processos da vida.⁶ As teorias humanas são meramente o modo de o homem ver os fatos do universo.

Todas as coisas (16) não dá margem a exceções. Todas as coisas e poderes materiais e espirituais são inferiores a Cristo e estão sob sua vontade e domínio. Quaisquer poderes sobrenaturais que haja, Cristo é sua razão de existência. **Foram criadas** denota um começo para estas coisas. O Pai e o Filho, com o Espírito, são ativos no papel criativo (Gn 1.1,2; Jo 1.1-3). **Nos céus e na** (lit., “sobre a” [RA]) **terra. Visíveis e invisíveis** mostra novamente que nada é excluído. **Tronos, dominações** (“domínios”), **principados** (“magistrados”) e **potestades** são referências tanto a pessoas como a ofícios, talvez aos seres caídos que usurpam o lugar de Cristo na mente e lealdade dos homens (2.10,15,18). **Por ele e para ele** manifesta que Cristo é o agente, o fim ou meta da criação. É, portanto, “em”, “por” e “para” ele que todas as coisas são feitas. Ele é a causa primária e a causa final da criação (1 Co 15; Fp 2). Alguém ressaltou que o valor do homem individual (21,28) ainda é supremo, mesmo no contexto de tão vastos conceitos de espaço e tempo.

c) *A prioridade de Cristo* (1.17). **Ele é** (não “ele era”) **antes de todas as coisas** (cf. Jo 8.58). Ele é **antes** em posição, poder e tempo. **Por ele** (lit., “nele”, [BJ, NVI, RA]) significa que quando todas as coisas estão em união com Cristo, elas se mantêm unidas ou em sustentação (Hb 1.3). Quando não estão unidas com ele, elas não podem permanecer. Se for insistido que, aqui, “em” é igual à agência, então todas as coisas, inclusive os poderes malignos, continuam subsistindo só por causa da vontade permissiva de Jesus, até que ele entregue o Reino ao Pai (1 Co 15.28). O único ponto satisfatório de concórdia diante de tão grande questão quanto à origem e existência de todo ser criado é Deus. Ele sustenta “todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3).

2. A Cabeça da Igreja (1.18-20)

a) *A preeminência de Cristo* (1.18). Por direito de criação, Cristo assume o controle e a autoridade sobre uma nova sociedade, o **corpo** de Cristo, a **igreja** (2.19; Ef 1.22,23). A **igreja** é essencialmente espiritual. “Como foi representado aqui, a idéia surge acima do nível da ‘visibilidade’, transcende o registro humano e a organização externa, e tem a ver supremamente com relações espirituais diretas entre o Senhor e a companhia dos crentes.”⁷ Todos os membros, um **corpo** cooperativo, são obedientes à **cabeça**. Esta é uma das figuras mais esclarecedoras da relação essencial existente entre Cristo e a **igreja**. O ecumenismo concebido somente em termos de organização humana está predestinado à futilidade, mas a unidade em Cristo é uma realidade gloriosa.

Cristo não é apenas a **cabeça** da **igreja** universal (18). Mas por causa dele, há novas pessoas espirituais (2 Co 5.17), de quem ele é a **cabeça** em virtude de sua morte e ressurreição. Este fato é mais completamente explicado nos versículos 20 e os seguintes. O **princípio**, o **primogênito** levantou-se **dentre os mortos**. Esta é a primeira vez que tal ressurreição aconteceu. Cristo é preeminente (primeiro) na ressurreição como também em todas as outras coisas.

O significado é **em tudo** (18) ou “sob todos os aspectos”? Não se trata de um ou de outro, mas de ambos. Cristo é primeiro **em tudo** (cf. NTLH). Estaremos apresentando a

questão corretamente, dizendo que Cristo não é só uma parte de nossa fé: Ele “é tudo em todos” (3.11). Moule destaca a idéia de Cristo “tornar-se” a **cabeça** (tempo aoristo subjuntivo) neste sentido em virtude da sua obediência na estrutura dos tempos⁸ (Fp 2.8; Hb 2.10). Ele se tornou a **cabeça** por obedecer até a morte de cruz (20). As Escrituras nos dizem que Cristo “*aprendeu* a obediência, por aquilo que padeceu” às mãos da sua criação (Hb 5.8; grifo meu). Antes da encarnação, Cristo prestou obediência a ninguém e a nada mais que ao Pai. Mas a obediência falada aqui, ele a aprendeu, não por ser Filho, mas pelo sofrimento.⁹ Certos expositores sugerem que a “plenitude” (19) é completada pelo sofrimento e morte. Mas é mais provável que seja a **preeminência** (“autoridade”) que é completada.

b) *A personalidade de Cristo* (1.19). A plena deidade de Cristo se mostra mais uma vez aqui. Como indicam os caracteres itálicos (RC), as palavras **do Pai** não ocorrem no texto grego. Qual é, então, o sujeito de **agrado**? Uma tradução literal seria: “Porque nele toda a plenitude se agradou em habitar”. Devemos entender este versículo levando em conta 2.9. É a **plenitude** da deidade, “a plenitude da deidade em pessoa”, que se agrada em habitar no Filho, que reconcilia todas as coisas (20) ao **Pai**. É gramaticalmente correto entender que o **Pai** é o sujeito de **agrado**.¹⁰ O sentido fundamental não é significativamente alterado por nenhuma das interpretações.

Com a palavra **plenitude**, Paulo lança mão de um termo que os falsos mestres tinham se apropriado para descrever seus pontos de vista. Para eles, Cristo era apenas um ser numa ordem de seres, maior que o homem, mas menor que Deus, sendo, então, um entre muitos mediadores. Mas Paulo recaptura a palavra para revelar que Cristo é realmente e completamente a deidade, como também é o único Mediador.¹¹ O termo grego *pleroma* (**plenitude**) significa aquilo que enche, completa, permeia ou cumpre (Sl 24.1; 1 Co 10.26). Na literatura grega secular, a palavra é usada para referir-se a navios com tripulação completa.¹²

A palavra **habitasse** indica “permanência”. A **plenitude** permanente e eterna da deidade em Cristo é a única base de reconciliação — base de operação no Calvário que faz expiação pelo pecado. O termo *pleroma* é usado 11 vezes nas epístolas paulinas, sendo aplicado a cada uma das pessoas da Trindade.¹³

c) *O propósito de Cristo* (1.20). A deidade agradou-se em residir em Jesus Cristo. Deus reconcilia **todas as coisas** consigo pela abnegação de Cristo. **Havendo... feito a paz** (tempo aoristo) é um ato feito definitivamente. A **paz** é alcançada de certa forma **pelo sangue da sua cruz**. Embora a eficácia do sangue seja ridicularizada e negada pelos zombadores, aqui ela é exaltada. Considera-se que o **sangue** de Cristo seja o **sangue** de Deus (At 20.28), sendo o meio pelo qual Deus salva (1 Pe 1.18,19).

Temos nos versículos 19 e 20 “O Plano de Salvação”: 1) *Quem* é que salva; 2) *O que* ele faz para salvar, 20; 3) *Como* ele faz isso, 20; e 4) *Por quê?* **Porque foi do agrado do Pai**, 19 (Jo 8.29).

Paulo ensina a reconciliação pela expiação e propiciação pelo sacrifício de **sangue** (Rm 3.23-26). Neste aspecto, ele está em genuína concordância com as demais escrituras do Novo Testamento (Mc 10.45; 1 Pe 3.18; 1 Jo 2.2). Há valor redentor no **sangue** de Cristo. O seu **sangue** é o preço da redenção. Ajoelhemos e adoremos. Deus fez a **paz**

(21,22); sejamos gratos. O “Filho” (13) é o antecedente deste versículo. É significativo que Paulo inicie e conclua esta declaração magnífica sobre a cristologia com a referência à redenção e reconciliação pelo **sangue** de Cristo.

Por meio dele (agência) **reconciliasse consigo mesmo todas as coisas** (20) não inclui Satanás e os demônios. A frase inclui somente as coisas que estão **na** (lit., “sobre a” [RA]) **terra e nos céus**; e não as que estão “debaixo da terra” (Fp 2.10). Pelo visto, **todas as coisas** se refere a seres animados e coisas inanimadas (2 Pe 3.13; Ap 21.1). As passagens de Filipenses 2.10,11 e 1 Coríntios 15.27,28 falam de reconciliação e também de sujeição de todas as coisas, até dos demônios, à vontade divina. Todo joelho se dobrará, de boa ou má vontade, para reconhecer a primazia de Cristo. O Pai se agrada que a reconciliação e a redenção estejam em Cristo — o sacrifício de si mesmo em seu Filho.

B. A CONTINGÊNCIA DA GRAÇA SALVADORA, 1.21-23

O perigo de apostasia é o que ocasiona a exortação do apóstolo. A exortação diz respeito à permanência em Cristo como uma necessidade. A apresentação a Deus é condicionada à permanência. Há barreiras decisivas à frente para o cumprimento do propósito de Cristo nos crentes colossenses. Há os que os iludiram (2.4), os saquearam (2.8), os julgaram (2.16) e os sujeitaram (2.20). Esta exortação tem a ver com responsabilidades e perigos.

1. A Corrupção Prévia (1.21a)

Os crentes colossenses são testemunhas vivas da grande reconciliação. **Noutro tempo** (“outroa”, BJ, RA) **éreis estranhos** relembra a queda. Antigamente, eles também estavam enganados, iludidos, alienados, seduzidos em escravidão (13). Seria crasso erro permitirem ser enganados outra vez. **E inimigos** mostra que eles eram participantes voluntários naquela situação. Seu **entendimento** (“mente”, NVI; o ser interior) foi entregue ao inimigo de Deus. Esta é a essência de nossa natureza depravada; ela é injetada no homem pelo engano, toma conta do ser inteiro e tem o consentimento dos próprios enganados. **Pelas vossas obras más** é revelada a condição interior e carnal. Ela se expressa em atos rebeldes contra Deus. Esta condição não é natural ao homem. Ao ser arruinado e enganado, o homem foi alienado por um poder estranho, cujo estado se manifesta em **obras más**. A alienação foi total e fatal (Ef 2.1-3). Aqui, por abordagem negativa, o apóstolo teria tudo para ver de novo qual deve ser o fruto da verdadeira experiência do evangelho em Cristo. Não é justiça ritualista, mas santidade ética.

2. A Recuperação Vigente (1.21b,22)

Agora, contudo — a despeito da inimizade (Rm 8.7) —, (já) **vos reconciliou** (tempo aoristo). Isto fala do ato definitivo feito no Calvário (Hb 9.26). A parte de Deus na obra de reconciliação foi completa e terminada. Nada mais pode ser acrescentado à expiação. Resta agora ao homem ser reconciliado com Deus (2 Co 5.18-21). O que foi decisiva e inteiramente feito por Cristo no Calvário concernente à nossa salvação deve ser realizado na experiência do dia-a-dia em base individual (ver comentários em 3.5-7). **A vós também... vos reconciliou** mostra que os crentes colossenses são testemunhas vivas da grandiosa experiência.

Paulo apresenta o *método divino*: **no corpo da sua carne** (22). A heresia do docetismo, que Cristo só parecia homem, não tem lugar na mensagem de Paulo. O Cristo divino exposto nos versículos 15 a 19 também é realmente humano. Não devemos duvidar da encarnação; trata-se de um corpo verdadeiramente físico que foi pregado na “sua cruz” (20). De algum modo, a propiciação (Rm 3.24,25) foi feita **pela sua morte** (lit., “por a morte”). Em união com Cristo, identificando-se com ele pela fé, completa-se a reconciliação. O ato reconciliador de Cristo não foi feito pela sua encarnação, mas pela sua morte (2 Co 5.21). É tudo pela graça: a oferta de Deus e a aceitação do homem (Rm 4.16; Gl 3.13; Ef 2.7-9). “Paulo é levado a interpretar que a morte de Cristo é um ato vicário de expiação, uma satisfação, em certo sentido, das justas exigências de Deus. [...] Os estudiosos das cartas paulinas debatem quanto aos detalhes da visão de Paulo sobre como a morte de Cristo operou para possibilitar a absolvição. Contudo, está absolutamente claro que ele considerou que a morte de Cristo teve este efeito.”¹⁴

Agora Paulo fala sobre a *finalidade gloriosa* da obra de reconciliação: para que sejamos **santos, irrepreensíveis e inculpáveis** (22). Estas palavras estabelecem a santidade bíblica. A justiça bíblica e a santidade acham-se no motivo ou intenção. Paulo (Rm 13.10; Gl 5.14) concorda com Jesus (Mc 12.28-31). As três palavras indicam uma condição espiritualmente perfeita e também posição; são praticamente sinônimas. Quando o motivo é puro, quando o amor é o princípio de conduta dirigente e exclusivo, o crente é inculpável, inocente e santo. Santificação total significa “amor entronizado”.

Perante ele (22) é, literalmente, “diante dele” (BAB, BJ, NVI), “na sua presença” (CH) ou “bem defronte a”, “em frente de”.¹⁵ A palavra grega *katenopion* é “uma forma totalmente não-clássica”.¹⁶ A apresentação é aqui presente e futura. Perdão (14), santidade (22) e céu (22-27) são possíveis pela reconciliação. A preocupação fundamental dos mortais tem de ser com nossa aparência na presença de Deus — hoje e amanhã.

Nos versículos 21 e 22, o apóstolo esboça “A Glória da Salvação”: 1) A grandiosa experiência: **Agora, contudo, vos reconciliou**, 21; 2) O método divino: **No corpo da sua carne**, 22; 3) A finalidade gloriosa: **Para, perante ele, vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis**, 22 (A. F. Harper).

3. A Possível Apostasia (1.23)

Dada a realidade da experiência em Cristo, os crentes colossenses são avisados sobre os perigos ao longo do caminho rumo à Cidade Celestial. Eles ainda podem ser enganados e ser alienados. Paulo pede que se lembrem de como foram reconciliados e por qual propósito, a fim de estarem de sobreaviso e preparados.

A permanência neste estado de reconciliação que os torna apropriados para a apresentação é condicionada pela perseverança. Aqui não há como presumir certa perseverança predeterminada para apoiar uma falsa esperança de segurança. A possibilidade trágica de evitar a reconciliação e perder a apresentação é a razão básica de Paulo escrever esta carta (cf. At 1.17-20). **Permanecerdes** é igual a “fordes fiéis em” ou “persistirdes em”. É Deus que qualifica (12) o crente para sua parte na herança dos santificados (At 26.18; Ef 1.11), mas o crente tem de continuar crendo. O livre-arbítrio não é destruído no momento em que a pessoa aceita Jesus. **Na fé** significa o ato de crer e o conhecimento acurado da “palavra da verdade” (5) — a **fé**.

Fundados fala da fundação da fé; a Pedra é Cristo (1 Co 3.11; 10.4). **Firmes** mostra a satisfação; nada mais é necessário, senão Cristo (3.11). “Deus acha-se totalmente nele”, para que estejamos satisfeitos somente com ele como Objeto de nossa **fé** (2.9).¹⁷ **Não vos moverdes** revela o perigo terrível (Gl 3.1ss.; Ef 4.14). Se não pode haver apostasia, então por que o aviso? Como é trágico, para quem conheceu a **fé**, ser enganado novamente! A **esperança do evangelho** é futura (3.24), mas também é presente (13,14) e interior (27). Se a **esperança** não for presente e interior, também não será futura.

Tendo declarado o evangelho, agora Paulo passa a revisar sua verificação (6). Este é o **evangelho que tendes ouvido**. Epafras lhes deu a mensagem de forma clara e correta (7). Eles a entenderam (6).¹⁸ Ouviram-na não só com os ouvidos, mas também com o coração (7,8). A mensagem foi corretamente recebida. O **evangelho** tem aplicação universal, pois este é o significado de **pregado a toda criatura**. Falando literalmente, nem todos ouviram, mas este é o **evangelho** designado para declaração a todo ser humano. O verbo grego traduzido por **pregado** está no tempo aoristo, conotando o fato cósmico — a cruz (Hb 9.26). A mensagem do **evangelho** foi revelada. É para todos os homens; mas suas virtudes remissórias para criaturas que não o homem é pura especulação (2.18; Hb 2.16-18). Não há dúvida de que **debaixo do céu** limita a pregação a seres responsáveis, ou seja, aos homens, pois este é o significado de **criatura... debaixo do céu** (*ktisis*).¹⁹

A mensagem do **evangelho** é apostolicamente certificada. Na expressão **do qual eu, Paulo**, o nome do apóstolo serve para dar ênfase. Devemos recordar a experiência de Paulo na estrada de Damasco e seu comissionamento para entendermos a garantia de **estou feito ministro** (At 26.15-19). **Estou feito** é, literalmente, “me tornei” (BAB, NTLH, NVI, RA; cf. CH; cf. tb. Gl 1.11,15,16; 2.7,9). Paulo foi divinamente enviado;²⁰ os falsos mestres foram autodesignados. Ele era o **ministro** (*diaconos*, “diácono”, “servo”, NTLH) dos colossenses; os falsos mestres eram seus senhores. O ministério de Paulo é basicamente pregação (*kerygma*); o dos falsos mestres é ritualista e sacerdotal. A proclamação de Paulo é tripla: ele é **ministro** de Cristo (7), do **evangelho** (23) e da **igreja** (25).

C. A COMISSÃO E ENVOLVIMENTO DE PAULO, 1.24-29

Pelo que deduzimos, a frase prévia, “do qual eu, Paulo, estou feito ministro” (23), pertence a este parágrafo tanto quanto ao anterior. Aqui, Paulo declara a terceira razão principal para se engajar no combate com estes inimigos do seu Senhor; é o seu envolvimento pessoal como apóstolo comissionado. Embora a distância geográfica entre o apóstolo e os colossenses seja grande, embora muitos colossenses não lhe sejam conhecidos pessoalmente, Paulo está desesperadamente envolvido em firmá-los em Cristo e no seu destino final.

1. A Comissão é Redentora (1.24)

Agora indica tempo ou contraste, ou talvez seja mero conetivo. Paulo se alegra, não por causa das **aflições** que suporta, mas nas **aflições** pelo bem que fazem. Outrora, Paulo teria infligido tais **aflições** nos outros; agora, ele as recebe para ganhar os homens a Cristo. Esta é mudança surpreendente (At 9.1).

As **aflições** (lit.) mostram os sofrimentos pessoais de Paulo, todos os sofrimentos suportados em prol dos colossenses, bem como os sofrimentos de Epafras (4.12,13) e de outros que tiveram parte em levar o evangelho a eles. **Por vós** ressalta que Paulo foi transformado e ama até gentios. Ele pode amar quem não conhece, como a mãe ama sua prole não vista e recém-nascida. Que Deus nos dê esse amor por todos que estão em Cristo onde quer que morem. Esta é a fonte da alegria verdadeira e permanente que o crente tem, qual seja, participar com Cristo na obra de redenção. O caráter do ministério de Paulo inclui não só pregação, oração e alegria, mas também aflição, dor e combate.

A frase **cumpro o resto das aflições de Cristo** (24) é controversa. Podemos descartar as seguintes interpretações: 1) Paulo se refere a uma cota de sofrimento previsto para o corpo dos seguidores de Cristo; 2) A doutrina católica romana de adicionar deficiências à expiação de Cristo pelo sofrimento dos seguidores de Cristo; 3) Tratam-se de aflições impostas por Cristo; ou 4) Estes são os sofrimentos de Cristo em Paulo. A **igreja**, como **corpo** místico de **Cristo**, sofre por causa da união do crente com **Cristo**. **Cristo** pergunta para Paulo em Damasco: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 26.14). Perseguir o crente é perseguir a **Cristo**. Toda a oposição à **igreja** é aflição acumulada em **Cristo**. O crente identifica-se com **Cristo** em sentido vital. Devemos esperar sofrimento neste mundo (1 Pe 2.21; 3.14-18). Carson afirma que a aflição continua enquanto houver pecado e oposição a **Cristo** e enquanto sua **igreja** estiver no mundo. E, acrescenta, os cristãos a aceitam, não como os estóicos, mas com alegria.²¹

Não pode ser que a expiação seja insuficiente; Paulo acabou de mostrar que ela é copiosamente adequada (13,14,20). O termo grego *thlipsis* (“aflição”, “sofrimento”) não é usado no Novo Testamento para referir-se à morte expiatória de Cristo. Lightfoot acrescenta que este sofrimento não é “ato sacrificatório”.²² Moule confirma a opinião, quando declara que esta passagem não diz respeito à morte de **Cristo**, mas às provações e fardos da vida²³ (cf. Ef 3.13). O ministério de Paulo é remissório no sentido de que ele se identifica de boa vontade com a causa de **Cristo**, sofre por amor a **Cristo**, para continuar pregando o evangelho (Rm 8.17; Fp 3.8) e ganhando alguns (1 Co 9.21-23). Ele sofre, então, em prol do **corpo de Cristo**.²⁴

Na minha carne (24) é o corpo físico de Paulo. **Pelo seu corpo** é o **corpo** místico de Cristo. O **corpo** no qual Paulo sofre é o dele; o **corpo pelo** qual ele sofre é o de Cristo. A declaração **que é a igreja** explica claramente a quem ele se refere. A perseguição é redentoramente suportada, quando é de acordo com o propósito de Cristo e quando ajuda a perpetuar a igreja.

2. A Comissão demanda Responsabilidade (1.25,26)

Paulo foi chamado e incumbido com uma missão. No versículo 23, ele foi feito ministro do *evangelho*; no versículo 27, ele é o ministro de uma Pessoa, Cristo; e aqui, ele é **ministro** da igreja. Seu ministério envolve uma revelação (27), uma mensagem (23) e um ofício (24,25). Ele foi **feito ministro** — chamado, comissionado, responsabilizado. Trata-se de uma honra conferida a um instrumento humano, mas com um propósito global; e é **segundo a dispensação de Deus** (lit., “o ato de dispensar de Deus”). Paulo tem uma administração recebida de Deus cujas proporções não são desprezíveis. Seu dever é fazer conhecida totalmente a palavra de Deus, pois este é o sentido das palavras gregas traduzidas por **cumprir a palavra de Deus**. A “grande

comissão” é de Paulo. Como deve ser com todos os ministros de Deus, a ambição de Paulo é tornar o evangelho manifesto conforme é o seu dever (4.4; Ef 6.19).

A palavra especial de Deus, com a qual Paulo é incumbido, é o **mistério** (26; a presença do artigo definido serve para dar ênfase). O **mistério** é a auto-revelação de Deus; o fato que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19; Cl 1.21). A palavra foi provavelmente tirada da cultura grega, mas está cheia de conteúdo e significação cristã. Paulo faz o mesmo com outras palavras gregas, como as traduzidas por “graça” e “Senhor”. O apóstolo lhes dá um significado e uso cristão. O **mistério** da deidade e da encarnação de Cristo acabou de ser exposto (15-19). Este **mistério** é o segredo que está um tanto quanto por trás do ato visível, como na Ceia do Senhor e no batismo nas águas. Aqui, o segredo por trás da manifestação de Jesus na história é o **mistério** da encarnação de Deus nele e sua propiciação pelos nossos pecados no Calvário (1 Tm 3.16; 1 Jo 2.2). O **mistério** é aprofundado com o pronunciamento de um tipo de encarnação racial, bem como com o acontecimento particular em Jesus Cristo — “Cristo em vós, esperança da glória” (27). Esta encarnação racial é Cristo vivendo numa nova raça de homens redimidos. Paulo acrescenta um pensamento estranho para os judeus, que é: os gentios estão inclusos na graça redentora de Deus (27; Ef 3.4-6,9,10). O **mistério** é a relação de Cristo com sua igreja; a *cabeça* com o corpo (Ef 5.32). Estas coisas os anjos desejam examinar (1 Pe 1.12).

Na declaração **oculto desde todos os séculos e em todas as gerações** (26). Moule sugere que **desde** é uma preposição de tempo, querendo dizer que o segredo foi guardado até atingir a plenitude do tempo.²⁵ Mas o segredo não esteve **oculto só para** os séculos de tempo, mas também **desde** os **séculos e gerações** de homens. Como no caso dos dois discípulos na estrada de Emaús cujos olhos estavam “como que fechados” (Lc 24.16) e depois foram abertos (Lc 24.31), assim a vontade de Deus é que agora o segredo não fique mais escondido (1 Co 2.9-16; Ef 3.9,10). O ministério do Espírito é prestar esclarecimentos (9). E este é o tema da oração de Paulo pelos crentes colossenses. O **mistério** agora **foi manifesto aos seus santos**, aos que crêem e, por conseguinte, vêem. A revelação é ainda mais gloriosa e expansiva (2; Ef 2.1-7).

3. A Comissão é Reveladora (1.27,28)

Aos quais Deus quis fazer conhecer é tradução literal. Deus não só decidiu *quando* **fazer** conhecido o **mistério**, mas *a quem*. O segredo é revelado somente para aqueles que obedecem a Cristo; não está claro para o mundo, que ainda está cego. O ponto crucial é a diferença entre a posse do fato e a compreensão da significação desse fato. Que tragédia celebrar “a verdade em injustiça” (Rm 1.18,19)! Que responsabilidade recai sobre o apóstolo, como também sobre os santos de todos os lugares que conhecem a verdade! A mensagem é para **todo homem** (28); a Grande Comissão está em pleno vigor. A revelação é manifesta para que seja compartilhada até com **gentios**. A **esperança** de Deus para o seu investimento nos santos (Ef 1.18) é grande. **As riquezas da glória deste mistério** são “tesouros” (2.3) que se acham em Cristo. Esses tesouros têm de ser compartilhados entre os **gentios**. Visto que há um só Deus, argumenta Paulo, ele tem de ser o Deus dos **gentios**, ou os **gentios** ficam sem Deus. O tesouro do Cristo que habita no crente deve ser compartilhado com **gentios** e judeus. Desde o dia em que foi comissionado por Cristo, Paulo vinha transitando laboriosamente pelas estradas do mundo de então para “anunciar entre os gentios [...] as riquezas incompreensíveis de Cristo” (Ef 3.8; cf. Rm 9.23,24).

a) *Mensagem significativa* (1.27b). O mistério que Paulo tem de fazer conhecido não é apenas ritual vazio como era compartilhado pelos falsos mestres com uns poucos iniciados. Trata-se de uma Presença que habita no crente a qual deve ser compartilhada com o mundo todo.²⁶ As riquezas da glória do mistério revelado não é apenas **Cristo** encarnado em Jesus de Nazaré, mas **Cristo** em qualquer homem, fazendo-o novo (cf. 2 Co 5.17). A frase **Cristo em vós, esperança da glória** fala de três bênçãos: a Presença divina e habitadora nesta vida, o destino planejado para os santos e o meio para atingir essa meta santa. O **Cristo** que habita no crente é a caução da **glória** futura. A eternidade é aqui — o passado, o presente e o futuro. Pelo visto, Paulo tem dificuldade em definir especificamente **glória**; ele se contenta em meramente declará-la. Contudo, esta **glória** é experimentada aqui, mas concretizada plenamente apenas no céu (Rm 3.23; 8.18).

O texto de Romanos 3.23 mostra que a **glória** de Deus é pureza moral. O homem, ao pecar, carece dessa **glória**. A obra do **Cristo** que habita no crente é a restauração dessa **glória**. A expressão “em Cristo” fala primariamente de nossa relação justificada com Deus, ao passo que a expressão **Cristo em vós** fala primariamente de nossa condição santificada. Como disse A. B. Simpson: “A vida mais profunda de santificação é simplesmente Cristo dentro do crente”.²⁷ E cita as ilustrações usadas por Paulo nesta epístola (2.7,11-13; 3.1,3,4) para expressar essa santificação. Simpson acrescenta: Nossas “ações têm de ser determinadas por nossa relação com ele”.²⁸

b) *Método novo* (28a). A frase **a quem anunciamos** mostra o método exclusivo de Paulo. Anunciar é o método cristão distintivo de disseminar o evangelho, em contrapartida com os métodos de propagar religiões do tipo gnóstica. O método do evangelho é inigualável em sua simplicidade e franqueza. Todos os rituais altamente complicados — formas, ritos, mantos, chapéus, anéis, sinais, assistentes, paramentos — são estranhos a esse modo de proceder. Como é simples o método do Novo Testamento (Rm 10.8-15)! Esta declaração sobre o método separa ainda mais o verdadeiro mensageiro do falso.

Anunciar envolve advertir (cf. BJ, CH, NVI, RA; **admoestando**) e instruir (cf. BJ, **ensinando**). Este método tem sua autoridade na Palavra (3.16). **Todo homem** mostra a universalidade e individualidade do apelo do evangelho. É outra réplica contra a exclusividade da religião dos falsos mestres em Colossos, que se aplica somente aos predestinados, ou circuncidados, ou iniciados. Embora o evangelho possa ser limitado em seu sucesso com os homens, é universal em seu chamamento. Eis o golpe mortal contra o judaísmo, o predestinacionismo e todas as religiões do tipo gnósticas que têm aplicação limitada. A pregação cristã é feita **em** (não “com”) **toda a sabedoria**. Quando Cristo é corretamente conhecido, a pessoa tem a fonte da verdadeira **sabedoria** (2.3; 1 Co 1.30). Ele é a **sabedoria**.

c) *Motivo moral* (28b). O verbo grego *paristemi* (**apresentemos**) dificilmente é, neste contexto, termo técnico relacionado a sacrifício, como sugere Moule.²⁹ Trata-se de termo que sugere demonstração, exibição ou apresentação — “colocar diante de”.³⁰ Estes têm de ser os frutos do trabalho de Paulo, feixes para serem colocados aos pés do Mestre, a contabilidade da sua administração responsável. O motivo do apóstolo é apresentar **todo homem perfeito em Jesus Cristo**. Certos comentaristas vêem apenas a idéia de maturidade na palavra **perfeito** (*teleios*), evitando a conotação ética. Mas não há neces-

sidade de limitarmos o significado ao que é colocado pelas religiões de mistério pagãs.³¹ No Novo Testamento, tem também um significado ético. Paulo quer apresentar seus convertidos ao seu Senhor como homens morais (22), homens santos (2). W. E. Sangster afirma: “A contaminação inerradicável de nossa natureza, sobre a qual certos teólogos insistem achar pouco apoio nas cartas do apóstolo”.³² E nesta carta o tema geral é que pode haver um fim para o pecado e para pecar. A concepção de Paulo toma um curso mediano entre o antinomianismo e o fatalismo.

No ponto de vista do apóstolo, o amor é a chave para a perfeição (3.14), em concordância com **Jesus** e João.³³ Esta epístola mostra que a experiência humana da graça divina é não só uma situação, mas um estado; não só uma posição, mas uma condição; não só justiça imputada, mas justiça dada a conhecer. E esta justiça exigida ocorre pela união com **Cristo**, pois é **em... Cristo** que somos perfeitos.³⁴ Esta frase é uma réplica contra qualquer exigência, senão **Cristo**. (A palavra **Jesus** não aparece nos melhores manuscritos³⁵ [cf. AEC, BV, BJ, CH, NTLH, NVI, RA], mas sua omissão não muda o significado da passagem.) A apresentação dos homens perfeitos **em Cristo** tem de ser feita *hoje* como também no futuro.

4. A Comissão é Rigorosa (1.29)

A expressão **e para isto também trabalho** (“labutar até ficar cansado, exausto”,³⁶ cf. NVI, RA) revela a energia com a qual Paulo empreende a grande obra pela salvação dos homens. **Também** significa não só “e”, mas “realmente”. Paulo está engajado em luta de vida ou morte em prol da verdade de Deus e das almas. Ele não luta secretamente, como fazem seus antagonistas; ele escreve uma carta aberta. Ele labuta, **combatendo** (*agonizomenos*, “agonizando”) **segundo a sua eficácia** (de Deus).³⁷ O trabalho que Paulo está fazendo é Deus em ação — Cristo nele (27). Cristo sempre trabalha no mundo, dentro dos limites da Grande Comissão, em proporção aos nossos trabalhos para ele. Somos trabalhadores junto com ele (2 Co 5.19,20). **Que opera em mim poderosamente** (“com poder”) revela a fonte da força motriz e energia de Paulo. Esta luta em Colossos não é fácil. Estes são inimigos fortes, como os do Concílio de Jerusalém. Mas Paulo está engajado e preparado. Ele tem certeza do seu chamado (25), certeza da sua mensagem (27; Gl 1.8) e certeza concernente ao poder do evangelho em virtude do Espírito que nele habita (29).

Temos nesta seção “O Plano de Deus para os Homens”: 1) O mistério do evangelho — a encarnação de Cristo, 26,27; 2) O ministério do evangelho — “pela loucura da pregação”, 28a; 3) A motivação para o evangelho — a suprema perfeição do homem, 28d; 4) O poder por trás do evangelho — o sobrenatural em ação no ministro, 29.

Paulo conclui o capítulo com o tocante pensamento de que “a medida de nosso poder é o poder de Cristo em nós. Aquele cuja presença torna a luta necessária, por sua presença nos fortalece para ela”.³⁸

SEÇÃO III

O COMBATE

Colossenses 2.1-23

Paulo pôs a base para confrontar a heresia recentemente surgida na igreja colossense. Declarou sua confiança na experiência cristã dos crentes colossenses (1.1-8). Expôs o coração e o tema de suas orações por eles (1.9-14). Apresentou os elementos precisamente essenciais da revelação do mistério de Cristo (1.15-20). E mostrou seu próprio envolvimento inevitável no confronto com estes inimigos de Cristo, por causa do compromisso que assumiu com Cristo e da subsequente comissão que recebeu. Chegou a hora de os pontos de controvérsia serem acareados. A luz se opõe às trevas, a liberdade se opõe à escravidão, a moralidade se opõe ao vazio ritual.

Na seção da carta agora sob análise a concepção paulina e a concepção pagã são mantidas em contínuo contraste. A luta se centraliza em duas áreas — doutrina e prática. De entremeios estão as repetidas advertências para que os crentes não sejam seduzidos e, assim, fiquem privados de sua herança em Cristo. É conveniente que Paulo esteja preocupado, pois todos os benefícios da graça de Deus para com os colossenses estão em perigo, por causa dos esquemas ardilosos de Satanás.

A. DOCTRINA, 2.1-15

1. A *Encarnação* (2.1-7)

a) A *doutrina concebida* (2.1-3). A luta na qual Paulo se acha envolvido diz respeito àqueles a quem ele conhece em Colossos e **Laodicéia**,¹ cidade vizinha (ver Mapa 1), e

àqueles a quem ele não conhece (1). Com as palavras **quero que saibais quão**, Paulo os ressegura do seu profundo amor e preocupação (Rm 1.13). Ausente por força maior (2.5; 4.10), ele tem de se contentar com esta comunicação por intermédio de companheiros de trabalho fidedignos.²

Paulo está em **grande combate** pelas almas dos colossenses e por todos os que não viram sua face ao longo destes séculos. É possível que a ilustração tenha sido retirada das competições atléticas ou da ação militar. O **combate** deve ter sido travado primeiramente no recôndito do seu coração na presença do Senhor. Agora é apresentado publicamente por meio desta carta. A força e incentivo de Paulo para a luta não eram meramente humanos. Ele fora abastecido com a força divina (1.29; 2 Co 5.14); unido com o seu Senhor numa “grande luta” (RA; cf. BJ).

Os crentes devem entender plenamente as questões e as conseqüências. Os métodos da luta e os frutos da vida revelam quem é digno de confiança: os falsos mestres ou Paulo e seus companheiros. Satanás atrai pela satisfação carnal mediante tentações diversas (4,23), ao passo que Cristo atrai pela justiça ética mediante a aceitação da verdade do evangelho.

A luta gira em torno de doutrinas principais: a encarnação e a expiação. Estas são cruciais, pois delas depende o destino da redenção e salvação do homem.

A experiência confirma a fé na doutrina da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Paulo se empenha pelo fortalecimento dos crentes no amor cristão. **Consolados** (2) significa “fortalecidos” (NVI) e não somente “confortados”. A palavra grega é derivada de *parakaleo*, “chamar para o lado de”,³ daí, “advogado”, “defensor”. Nos capítulos 14 a 16 do Evangelho de João, a palavra é usada para descrever o ministério do Espírito Santo. O fortalecimento vem da unidade: **estejam unidos** (cf. Ef 4.16). O “amor” (ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA; **caridade**) é o princípio pelo qual a conduta ética é determinada e realizada (Gl 5.14). É o laço ético (3.14). **Os seus corações** não limita a extensão da solicitude de Paulo àqueles que não o viram, mas inclui a todos.

O fortalecimento em amor conduz ao fim desejado: o **conhecimento do mistério de Deus — Cristo** (2), que é o significado da palavra grega *eis* (**para**). **Enriquecidos** é igual a “estando convictos” ou “tendo *insight*”,⁴ condição que dá **plenitude e inteligência** na íntegra e ocasiona o **conhecimento do mistério**. Em vez de **conhecimento**, outras traduções têm “compreensão” (NTLH; cf. RA).⁵ O amor cristão é o laço ético que conduz à convicção da verdade da encarnação de Deus em Cristo Jesus. Em seguida, vem o passo da fé (**conhecimento**) que torna o fato real.⁶ Em outras palavras: “Este enriquecimento proveniente da convicção é alcançado vivendo no amor de Deus” (Ef 3.17-19).⁷ Repare nesta tradução do versículo 2: “Para que o coração deles se encha de coragem, seja unido em amor e alcance toda a riqueza que vem da plena segurança da compreensão, resultando em verdadeiro conhecimento do mistério de Deus, a saber, o próprio Cristo” (NASB).

O **mistério de Deus**, como indicado acima, é o próprio **Cristo**. Depois da palavra **Deus**, alguns manuscritos trazem a frase “e do Pai”⁸ (cf. ACF). Se a frase for retida, a doutrina da encarnação é amplificada. A ênfase recai sobre **Cristo** como o Filho de **Deus**. Se for omitida, o **mistério** ainda diz respeito à pessoa de Jesus **Cristo**, conforme revelam os versículos 3 e 9 e a passagem de 1.15-19.

Em quem (3), ou seja, **em Jesus Cristo, estão escondidos** todos os atributos da deidade. É este o mistério. **Escondidos** significa “contidos, que aguardam ser revelados no tempo certo”⁹ (2 Co 4.3,4). **Todos** (sem exceção) **os tesouros** (divinos) **da sabedoria e da ciência** têm sua origem **em Cristo**. Ele é o caminho para o perdão, a santificação, a sabedoria, Deus. Não há outra fonte de poder ou conhecimento fora de Cristo. Os métodos gnósticos de alcançar conhecimento sem ele e por mera especulação humana são todos falsos. O versículo 3 é reprimenda pungente contra as declarações dos falsos mestres. O verdadeiro conhecimento do modo de salvação encontra-se somente na compreensão de Cristo como a mais plena revelação de Deus, como se fosse o próprio Deus Pai. Qualquer coisa menos que isso Paulo chama de “vãs sutilezas” (8). “Cristo é tudo” (3.11). O argumento de Paulo é que a persistência no amor cristão fortalece a percepção deste mistério.¹⁰ Ele mostra o caminho para o conhecimento da doutrina do Deus encarnado, que é Jesus Cristo (Gl 4.4-7; 1 Tm 3.16). Nele está armazenada toda **ciência**, servindo-lhe de fonte, e toda **sabedoria**, que é o meio de aplicar essa **ciência** (Rm 11.33; 1 Co 1.30).

O fato há pouco declarado dá significado à doutrina da expiação, que ele declarará mais adiante (2.8ss.).

b) *A doutrina recebida* (2.4-7). Doutrina é mais que um conceito a ser entendido; é a fonte de um novo estilo de vida. Porque isso é verdadeiro, a vida cristã está em perigo.

(1) *Vida cristã ameaçada* (2.4). O Maligno é potente. Os crentes colossenses estão em perigo de serem enganados (lit., “atraídos”; cf. CH) a fazer um erro de cálculo. Se não pelo pecando, então pela falsa religião, a vida cristã seria destruída.¹¹ As palavras **para que “não”** (4; cf. BAB, NTLH) servem de alerta de que o pecado, embora um inimigo terrível, não precisa nos dominar. **E digo isto** se refere ao que acabou de ser escrito. Paulo redeclara sua grande preocupação por eles e pela fé deles na revelação há pouco declarada (1 Co 2.4ss.). **Palavras persuasivas** (“argumentos capciosos”, BJ; cf. NTLH, NVI, RA) indica os métodos dos falsos mestres, em contraste com não o método de persuasão e demonstração racional de Paulo. Hoje, como então, não devemos permitir que a verdade da encarnação se perca em meio aos argumentos prolixos de raciocínios humanos.

(2) *Vida cristã sustentada* (2.5). Paulo está ali para ajudar. A frase **em espírito, estou convosco** revela que a presença espiritual do apóstolo era muito real para eles (Fp 1.7; 1 Ts 2.17), embora ele fosse forçado a estar ausente, por ser prisioneiro de Roma (4.10). **Ordem e firmeza**, diz Moule, são termos militares ou metáforas.¹² Observe estas traduções: “Eu me alegro em ver a vossa formação disciplinada” (NEB); “vossa boa disciplina” (NASB). A palavra grega *stereoma* (**firmeza**, “fidelidade”) significa “a coisa sólida que constituía a base da igreja deles”¹³ (lit., “a firme fundação”).¹⁴ A firme fundação dos colossenses é a **fé em Cristo**, a **fé** que eles exerceram no momento em que entrarem na graça salvadora. Este tema é repetido e ampliado no próximo versículo.

(3) *Fé cristã efetivada* (6,7). O verbo grego traduzido por **recebestes** (6) está no tempo aoristo, denotando um ato decisivo e definitivo. É **Jesus Cristo** que é recebido, e não só a mensagem sobre ele. **Senhor** “faz vir à memória o nome pessoal ‘Jeová’ do Antigo Testamento”,¹⁵ e aqui aplica-se a Jesus. O artigo definido **o** é usado para eliminar todos os rivais (At 2.36; Ef 3.11); identifica a quem eles receberam. **Assim também**

andai significa “assim vivei”. O que eles começaram numa decisão em momento de crise, agora eles devem vivenciar na conduta diária. Eles têm de viver **nele**, em união com Cristo, numa atmosfera nova e celeste. Em vez de viver de acordo com meras normas e regulamentos, agora eles têm de viver de acordo com Cristo. Questões sobre sábados, festas e regras perdem a importância diante de Cristo, como se dá com a sombra diante do sol. Quando temos verdadeiramente a mente e o espírito de Cristo, o resultado tem de ser a verdadeira ética (1.10; 3.7ss.; 4.5). O significado e propósito da encarnação se cumprem quando os crentes se unem a Cristo pela fé. Como diz Moule: “O evangelho cristão é essencialmente um relato *histórico* do que aconteceu no passado; mas também essencialmente, significa incorporação *agora* na Pessoa que ainda vive e de quem o relato fala — o Cristo contemporâneo”.¹⁶

Arraigados e edificados (7) são duas metáforas distintas — uma de uma árvore, a outra de uma casa. **Arraigados** está no tempo passado; é um fato completo. **Edificados** está no tempo presente, dando a entender um processo contínuo de construção e desenvolvimento. A árvore corretamente plantada (**arraigados**, ou “enraizados”, BAB, NTLH, NVI) dá frutos, retirando nutrientes do solo natural da alma — Jesus Cristo. Como ilustrado pela segunda imagem (**edificados**, ou “sobreadificados”, ACF; cf. NTLH), o ato que lança o crente no caminho santo tem de ser elaborado, construído pedra sobre pedra como um edifício, na vida diária. **Na fé** significa o corpo de doutrinas cristãs; mais especificamente, a doutrina a qual Paulo expusera (2,3). Esta verdade é a fundação na qual eles devem ser **confirmados** (“firmados”, NVI).

Assim como fostes ensinados (7) é outra indicação da confiança que Paulo colocava no pastor dos crentes colossenses, Epafra (1.7). De acordo com a gramática grega, **crescendo** modifica a vida em Cristo e a **ação de graças**. Paulo tinha o hábito de enfatizar a gratidão, e isso porque nossas bênçãos são todas da graça. A **ação de graças** é o fruto de uma vida próspera em Cristo.

2. A Expição (2.8-15)

Bem ao lado do mistério da entrada de Cristo no mundo temos o mistério da sua partida e o que significa para o mundo dos homens. Nestas duas doutrinas, a encarnação e a expiação, estão reveladas o mistério de Deus em Cristo. A verdade aqui diz respeito a quem é Cristo e o que ele fez.

O surgimento de Cristo na história por meio do nascimento virginal (Is 7.10ss.; Mt 1.18,20,23; Lc 1.26ss.) não tem significado ou propósito se não existir a expiação feita por ele (Rm 3.24,25; 6.6-10). Toda afirmação que diz que Cristo é nosso Salvador e Redentor é invalidada se a manifestação de Deus em Jesus não for recebida. É nestes dois pontos que o evangelho recebe os maiores ataques. Isso é tão verdadeiro hoje quanto era na situação colossense. Mas a Bíblia declara estas duas doutrinas de modo claro e ousado.

a) *A base da doutrina* (2.8-10). **Tende cuidado** (8) são palavras que proclamam cautela. Analisemos, pois, estas verdades.

(1) *O aviso* (8). **Faça presa** significa, provavelmente, “seqüestre”, e não “saqueie”, “prive” ou “roube”.¹⁷ Moule sugere: “vos arrebate o corpo e a alma”.¹⁸ Eis de novo a exortação sobre a possibilidade de apostasia (1.21). O texto mostra que o crente é pessoalmente responsável, é participante de seu próprio engano. **Filosofias**, quando é sabedoria hu-

mana que se opõe à revelação, nos afastam de Cristo. Este é o único versículo bíblico onde ocorre a palavra grega *philosophia*.¹⁹ **Vãs sutilezas** é “especulação ilusória” (NEB; cf. “argumentos sem valor”, NTLH). O que Paulo está a ponto de dizer não se alcança por mera reflexão profunda, filosofia sublime ou aprendizagem exaustiva, mas por revelação simples (Gl 1.12). O apóstolo não é contra a sabedoria e o conhecimento em si, mas contra a arrogância humana enquanto fonte dessas coisas. É extremamente comum que as pessoas queiram “um Cristo de acordo com o sistema de pensamento, e não um sistema de pensamento de acordo com o Cristo santificado”.²⁰

Paulo mostra duas armadilhas: a) a **tradição dos homens**, ou a mera sabedoria humana, que sempre é inferior à revelação divina (1 Pe 1.18); e b) os **rudimentos do mundo** (*stoicheia*), os poderes demoníacos ou os espíritos elementares. Percy afirma que são “noções” ou, mais provavelmente, “seres”, partes constituintes de uma série, contrários ao cristianismo e suficientemente pessoais para manter as pessoas em sujeição.²¹ Tratam-se de poderes influentes, mas não são supremos. No fim, todos eles serão sujeitos a Cristo. Estes “deuses” não são absolutamente deuses (Gl 4.8,9). A verdadeira adoração se contrapõe às tradições humanas que culminam em cerimonialismo, rituais, formas, sinais e dias especiais. Semelhante adoração atribui valor somente a Deus. “O cristianismo que prima excessivamente por formas e cerimônias é um retrocesso e queda fenomenais.”²² É o substituto humano de uma religião santa e mortífera ao pecado. Pelo fato de tal prática religiosa estar de acordo com os homens, não é segundo Cristo.²³

(2) **Cristo é Deus** (9,10). Temos aqui uma reiteração da doutrina da encarnação. O antecedente para **nele** é “Cristo” (8), em quem **habita** ou “está presente” (NTLH; tempo presente; agora) todos os elementos essenciais da deidade. **Toda a plenitude da divindade** (*theotetos*) não significa apenas as características da deidade, mas a própria natureza de Deus (1.19; 2.3).²⁴ Esta é a única ocorrência de *theotetos* no Novo Testamento.²⁵ **Toda** não admite falta. **Corporalmente** significa “em carne humana”, “realmente”; não tipicamente ou figurativamente, mas “substancialmente ou pessoalmente, pela mais rigorosa união, como a alma mora no corpo; de forma que Deus e homem são um Cristo”.²⁶ Só nos resta admirar e cantar a maravilha de todas essas coisas! Que infalibilidade arrogante é declarar Cristo falível! O docetismo dizia que Cristo só *parecia* homem. O gnosticismo enfatizava que a deidade se distribuía a muitos seres, entre os quais Cristo era um.²⁷ Mas Paulo está dizendo que Jesus Cristo é Deus em carne. No Filho estão os atributos da deidade. A deidade realmente mora inteiramente em Cristo. O verdadeiro “conhecimento” (*gnosis*) é Cristo; não há revelação mais completa nem mais inclusiva de Deus que Cristo. Para Paulo, Cristo não é apenas um integrante de uma ordem de seres superiores aos homens, mas inferiores a Deus, como diziam os mestres do gnosticismo. Jesus Cristo é “[Deus] que se manifestou em carne” (1 Tm 3.16).

O resultado do ensino de Paulo é a salvação dos homens: **E estais perfeitos nele** (10; ou “e fostes cheios dele”). Temos estas opções tradutórias: “E nele fostes levados à plenitude da vida” (RSV; cf. BJ); “e, por estarem nele, [...] vocês receberam a plenitude” (NVI). Tudo que é necessário à salvação vem por Jesus Cristo. Não há necessidade de mais ninguém (1 Co 1.30). **Nele** mostra como essa vida é dada; é pela união com Cristo, pela fé **nele** e em seu modo de salvação.

Nas palavras **a cabeça** (10), vemos a preeminência de Cristo exaltada para fortalecer o ensino da suficiência de Cristo como nosso Salvador (1.18). Sua supremacia se

estende sobre a igreja, que voluntariamente o serve, e sobre todas as forças que se lhe opõem (Fp 2.10,11). **Principado** e **potestade** podem ser traduzidos por “poder” (NVI) e “autoridade” (BJ, NVI; cf. NTLH). Quando temos Cristo, não reconhecemos nenhuma outra autoridade no mundo espiritual.

b) *Os benefícios da doutrina* (2.11-13). Duas ilustrações e uma declaração objetiva manifestam os benefícios da expiação.

(1) *As ilustrações* (11,12). Duas metáforas ilustram a salvação pela expiação: a, **circuncisão** (11) e o **batismo** (12). **No qual** tem Cristo (8) por seu antecedente e significa união com ele. Aqui, **circuncidados** se refere a um ato espiritual rememorativo ao rito físico da fé judaica. É senão símbolo do ato real: o **despojo do corpo da carne**. “Esta é uma purificação interior, que para Paulo era a verdadeira circuncisão”²⁸ (Dt 10.16; 30.6). É ilustração de nossa purificação moral pela **circuncisão** (morte) **de Cristo** (cf. Is 53.8). A ilustração dá a entender claramente que a experiência é um ato conclusivo e não um processo longo. **Não feita por mão**, quer dizer, é realizada espiritualmente (cf. BV). Certos manuscritos²⁹ têm as palavras “dos pecados” na frase **despojo do corpo** “dos pecados” **da carne** (ACF; cf. CH); a inclusão ou omissão dessas palavras não mudam o significado essencial do versículo.

É enganoso entender que o **corpo da carne** (11) seja o corpo humano,³⁰ como sugerem certos expositores.³¹ Barclay também não tem razão quando afirma: “Por carne, Paulo quis dizer a parte da natureza humana que dá uma cabeça de ponte para o pecado”.³² Paulo está dizendo que o **corpo da carne** é algo contrário à natureza humana, algo que pode ser *despojado* (3.8,9). Paulo está falando em termos morais e espirituais. Carson resvala ainda mais quando declara que despojar o **corpo da carne** é repudiá-lo.³³ Muitos escravos do pecado repudiam a velha vida, mas nunca podem despojá-la.

Pelo visto, o **corpo da carne** (11) não é alguma parte do “nosso corpo de humilhação”, que, de acordo com as Escrituras, não pode ser aperfeiçoado até a ressurreição (1 Co 15.53,54; Fp 3.21 [RA]). É um mal, visto como uma totalidade (corpo), completamente distinto do corpo humano e estranho a ele. O princípio dominante desse **corpo**, a **carne**, opera no homem em situação oposta e em vontade contrária à “lei do Espírito de vida” (Rm 8.2,7; Ef 2.16). Esse mal contamina o espírito como também o corpo do homem. Não devemos confundir o **corpo da carne** com o espírito essencial ou o corpo humano. Ele pode ser despojado *agora* (nesta vida), descartado pela **circuncisão** (morte) **de Cristo** em nosso favor. **Circuncisão** é uma ilustração da graça de nossa santificação. “Na circuncisão espiritual, por Cristo, toda a natureza carnal corrupta é descartada como uma peça de roupa que é tirada e posta de lado.”³⁴ Está claro que o que é *despojado* nesta experiência em um ato definitivo e conclusivo deve ser *rejeitado* em atos diários de renúncia (3.5,8,9).

Paulo vê a salvação pela expiação de **Cristo** sob a ilustração da **circuncisão** como uma mudança moral no coração e na vida do homem através da adoção de um novo princípio de conduta: a “lei do Espírito de vida, em Cristo Jesus”, no lugar da “lei do pecado e da morte” (Rm 8.2), ou do espírito de “inimizade contra Deus” (Rm 8.7). Temos aqui o ensino da graça imputada e concedida.

A expressão **circuncisão de Cristo** (11) proporciona interpretações diversas: a) A morte de **Cristo**, quando ele tirou o pecado dos homens (o ato da expiação); b) a

morte de **Cristo**, quando ele despojou o seu próprio corpo físico; c) a própria **circuncisão de Cristo** quando ele era criança. Das três opções, a primeira é a mais significativa (1.13,21,22; 2.15).

Sepultados com ele no batismo (12) é outra ilustração do que significa ser libertado da velha vida de pecado e entrar na nova vida de salvação. É símbolo da morte e ressurreição. Este versículo é paralelo ao anterior. No **batismo** morremos simbolicamente para a velha vida, fomos enterrados e ressuscitamos com Cristo para a nova vida. **Pela fé** **no** é tradução correta. **Poder** fala da força e “operação” (RSV) de Deus. A fé do homem é inspirada pelo **poder** que havia para ressuscitar Cristo **dos mortos**. Os poderes de Satanás revelaram-se insuficientes para manter Cristo cativo, e o mesmo acontece com relação a nós.

(2) *A declaração objetiva* (13). As palavras **e, quando vós** nos levam de volta ao trecho de 1.21ss. e destacam a comprovação pessoal dos próprios crentes colossenses acerca da suficiência de Cristo. Se eles permitirem que o amor (a ética cristã) opere, eles sempre terão mais entendimento (2.2) sobre a certeza de salvação (1.27). **Mortos nos pecados** descreve a condição natural do homem em relação a Deus — moralmente morto, mas fisicamente vivo. A **incircuncisão da vossa carne** é outro modo de descrever a condição depravada. Pelo visto, Paulo não está falando da circuncisão feita fisicamente, mas da fé em Cristo que é o meio de despojar a velha vida e começar a nova vida. É uma transformação da morte concernente a Deus para a nova vida em Cristo. **Vos vivificou juntamente com ele** mostra que a união com Cristo é o meio da nova vida. Se a “cabeça” está viva, o “corpo” também está. Estar unido com Cristo é vida. Se a **incircuncisão** se refere ao ato feito fisicamente, então Paulo está declarando o que ele já disse (At 15; Rm 2.25,28,29; Gl 5.6,11; 6.15). *Esse tipo* de circuncisão mostra-se desnecessário e inútil para a salvação. A evidência da graça salvadora é sermos vivificados, levados para a nova vida de justiça ética, pelo fato de nos terem sido perdoadas as **ofensas** (“pecados”, BV, CH; “transgressões”, NVI; “delitos”, AEC, RA; “faltas”, BV). Uma condição segue logicamente a outra, como o calor vem com o sol, embora sejam coincidentes. A vivificação fala de nossa santificação começada, da mesma forma que o perdão fala de nossa justificação. **Todas as ofensas** mostra que o perdão é total. Cristo é Salvador suficiente (3.11).

c) *O campo de batalha da doutrina* (2.14,15). O campo de batalha da expiação é a **cruz** do Calvário. As acusações contra o homem foram pregadas com Cristo na rude **cruz**. **A cédula... nas suas ordenanças** (“escrito de dívida”, AEC, RA; “título de dívida”, BJ; “dívida”, NTLH; “acusações confirmadas”, BV) é um contrato assinado, um reconhecimento de dívida feito com Deus e assinado (ou aceito) pela humanidade.³⁵ Todos os homens responsáveis admitem o fato do pecado, e concordam com a justiça da pena de morte por causa disso. A acusação é **contra nós**. A **cédula** é a lei e a consciência. A obrigação legal **nos** é **contrária**. Agora Paulo declara o modo no qual Deus retirará a pena de morte. **Havendo riscado** significa que a acusação foi “lambuzada” como se dá quando se aplica cera.³⁶ “Outro modo de dizer é que, considerando que Cristo morreu e que fomos mortos com ele pelo batismo ‘na sua morte’, então o título de dívida não é mais válido; nossa morte (com Cristo) nos liberta da obrigação.”³⁷ Cristo é a propiciação por nossa dívida (Rm 3.24,25). O verbo grego traduzido por **cravando-a** está no tempo aoristo,

significando um trabalho acabado. Aqui e em João 20.25 estão as únicas referências aos cravos na crucificação.³⁸ Poderíamos levantar a questão sobre quem perdoa ou crava as acusações, o Pai ou Cristo. As duas Pessoas são usadas intercambiavelmente como sujeitos das ações tomadas; isso nos leva a concluir que o Pai e o Filho estão envolvidos na obra do Calvário.

O perdão é o resultado glorioso do conflito terrível, cuja descrição é tão expressiva. O verbo grego traduzido por **despojando** (15) está na voz média. O significado disso é que Cristo se despiu de todos os **principados e potestades**. Na morte, ele se submeteu a eles para então triunfar sobre eles. Ele confronta estas forças demoníacas e mostra que estão em oposição total a ele. Ao se submeter à cruz, ele **os expôs publicamente**. Ele revela em público a verdadeira natureza desses seres. Todos temos livre acesso ao texto narrativo de como eles se opuseram a Cristo e o mataram (Is 53).

E nosso Senhor **deles triunfou** (15), conduzindo-os como um general vitorioso conduz seus prisioneiros em procissão de vitória.³⁹ A cruz é o campo de batalha cósmico, onde Cristo derrotou sozinho todos os poderes do inferno (Ef 2.15,16), desmascarando-os, mostrando o que realmente são — inimigos de Deus e de todo o bem. Estes poderes religiosos e pagãos pensavam que estavam acabando com Cristo para sempre. Mas o que realmente aconteceu foi que Cristo os tirou do caminho. Pela ressurreição, ele fugiu e mostrou que era superior a eles. Então, pergunta Paulo, por que ficarmos presos a estes poderes mundanos, sermos julgados por autoridades de menor importância e permanecermos enganados por inimigos comprovados de Cristo? O apóstolo exorta que todos circuncidem a inimizade do coração para renderem-se a Deus somente (Rm 12.1,2).

Há dúvidas relativas às palavras finais do versículo 15. É **em si mesmo** ou *nela* que a vitória foi ganha? Se a significação correta for **em si mesmo**, então Deus triunfou em Cristo. Se as palavras gregas significam *nela*, então Paulo está se referindo à cruz⁴⁰ (cf. AEC, BV, NTLH, NVI, RA).

Sua morte é nossa morte, simbolizada pelo batismo nas águas. Sua circuncisão (ser “cortado”, Is 53.8) é nossa circuncisão. Cristo é pessoalmente responsável por nossa redenção. Ele conquistou todas as forças adversárias no Calvário e na sepultura. Foi esta a batalha cósmica decisiva entre Deus e todas as forças satânicas.

*Cristo, em tua cruz há glória,
Dominando o caos maior;
Toda a luz da sacra história
Se concentra ao seu redor.⁴¹*

B. DEVER, 2.16-23

O combate de Paulo com os falsos mestres colossenses tem a ver com doutrina, mas este combate é levado para o âmbito da conduta humana. Como disse alguém, para Paulo, “a doutrina é a semente do dever”. Sua preocupação com o dever envolve duas áreas principais: rituais e regulamentos.

1. *Rituais* (2.16-19)

a) *Questões de calendário* (2.16,17). **Portanto** refere-se ao que acabou de ser apresentado e leva à conclusão: **Ninguém vos julgue** (“dê seu parecer sobre vós”). Todas as outras religiões envolvem atos e práticas de reconciliação inferiores e inúteis: **pelo comer, ou pelo beber** (alimentos), **dias de festa** (festividades anuais), **lua nova** (observância mensal), **sábados** (observância semanal) (Nm 28.9).⁴² Embora não haja no original grego o artigo definido **os** antes de **sábados**, seu uso esclarece o significado. Paulo estava resistindo aos judaizantes que insistiam na observância legalista do sábado.⁴³ Estas eram questões nas quais os inimigos de Cristo tiveram sucesso em crucificá-lo (Rm 14.1ss.; 1 Tm 4.3; Tt 1.14; Hb 9.10ss.; 13.9,10).

Que são sombras (17) é explicado no versículo 18 e posto em contraste no versículo 19. O termo **sombras** caracteriza os sistemas ritualistas do judaísmo. As **sombras** são indicativas da realidade, Cristo. No Antigo Testamento, viam-se apenas as **sombras**. No Novo Testamento, o **corpo** (*soma*, “substância”), que é **Cristo**, está presente. Mas mesmo hoje temos aqueles que seriam “escravos de sombras”: tipos, formas e rituais. A base da exortação de Paulo aqui é a obra de **Cristo**; questões de calendário não têm valor como meio de salvação (Rm 14.17). Sua função mostra o sacrifício de Cristo. Que tolice chamar as **sombras** de realidade!

b) *Questões intermediárias* (2.18,19). O versículo 18 é difícil de traduzir. Temos de “fazer nossa escolha de emendas conjecturais ambíguas, ou fazer o melhor que pudermos com o texto”.⁴⁴ **Ninguém vos domine** é igual a “ninguém vos prive” (AEC; ver RC em nota de rodapé). Moule diz: “Ninguém vos declare desqualificados”⁴⁵ (cf. BV), e assim prive o crente do seu legítimo prêmio ou recompensa. Paulo está dizendo: “Não permitais que o ato ritualista aja como árbitro em vós” (cf. RA). **Com pretexto de humildade** significa auto-humilhação (23).⁴⁶ Wahl diz que é, literalmente, “deleitando-se em humildade” (cf. NVI), como os escribas (Mc 12.38).⁴⁷ Tal atitude não é proveniente da graça, mas trata-se de realização humana. Levando em conta o versículo 23, esta mortificação é esforço puramente humano para “debilitar a natureza material do homem [...] e abrir caminho para a visão celestial e o pleno conhecimento místico”.⁴⁸ Neste caso, a salvação é uma ascensão humana por meio de estágios em vez de ser um passo de fé em Cristo pelo que ele fez por nós. Aqui, a humildade é um defeito; em 3.12, é uma virtude. É o motivo que faz a diferença.

Culto dos anjos (18; angelolatria) chama novamente a atenção à futilidade de implorar aos seres intermediários para chegar ao trono de Deus. Essas implorações envolvem auto-humilhação e tortura auto-imposta. Mas mesmo assim, é “falsa humildade” (NTLH). Estas práticas presumem que os intermediários são necessários para semelhantes privilégios sublimes. Paulo está tentando mostrar que há acesso imediato a Deus. **Metendo-se em coisas que não viu** é traduzido por “baseando-se em visões” (AEC, RA; cf. BJ, BV, NTLH). A palavra **não** deve ser omitida com base em evidências nos textos gregos originais.⁴⁹ Pelo visto, a frase pode ser entendida com ou sem o advérbio de negação. O significado é, possivelmente, tomar posição em coisas que não viu ou percebeu (i.e., em mera suposição), ou tomar posição em visões ou experiências místicas de coisas que se mostram contrárias a Cristo, conforme estão reveladas nas Escrituras. A.

D. Nock traduz a frase assim: “sempre investigando”.⁵⁰ O verdadeiro cristão não tem de ver ou saber de tudo; ele anda por fé quando não vê (2 Co 5.7). O ritualista preocupa-se principalmente (e no final das contas) apenas com o que vê.

Estando debalde inchado (18) deve ser unido com a falsa “humildade” do versículo 23. **Carnal compreensão** é, realmente, “mente carnal” (AEC, BJ, NVI, RA; Rm 8.5-8,13; Gl 3.3). Significa a perspectiva materialista e sensual, na qual os valores estão somente nas aparências exteriores. Considerando que é Deus que qualifica (1.12), nenhum poder de menor importância desqualifica o crente da sua recompensa legítima, insistindo ter acesso ao trono de Deus por qualquer outra agência. Cristo é suficiente.

E não ligado (19) deve ser “e não mantendo *firmemente*”.⁵¹ “Quem não mantém Cristo supremamente acima de todos os outros, não mantém nada.”⁵² **A cabeça** rememora 1.18. Este é, então, o resultado final daqueles que privam o crente de sua recompensa; terão o **corpo** separado da **cabeça**. As **juntas** são os pontos de união entre os membros do corpo; **ligaduras** são os ligamentos, nervos e tecidos pelos quais esta mesma união é mantida e nutrida. Dificilmente **provido** é referência aos ministros e funcionários da igreja.⁵³ Trata-se de ilustração da relação de Cristo com a igreja e dos membros da igreja uns com os outros. **Organizado** significa “firmemente unido” (cf. 2.2; 3.14; Ef 4.4-6). **Em aumento de Deus** não é, literalmente, **aumento de Deus**, mas *proveniente de Deus*, “o crescimento que procede de Deus” (RA; cf. AEC, NVI; cf. tb. 1.10; 2.7).

As “vãs sutilezas” (8) primam por mediadores, asceticismo e autopunição — coisas que podem ser “vistas” (18, **viu**) e são temporais — em troca do que é não-visto e eterno. Mas temos de andar pela fé e não por vista; temos acesso imediato a Deus pela fé (Rm 5.1; Hb 11.1).

2. Regulamentos (2.20-23)

Pois não ocorre nos manuscritos mais antigos,⁵⁴ mas a transição propõe sua validade. Em sentido espiritual, **mortos com Cristo** significa morte para o mundo do mal. Não levanta dúvidas sobre a experiência cristã dos colossenses. Paulo quer que esses crentes ponham em prática cotidiana o que experimentaram quando conheceram Cristo, morreram com ele (12) e ressuscitaram para uma nova vida nele (13). Os cristãos devem ser ensinados; têm de aprender, aprimorar e crescer. A direção da nova vida é dada num momento, mas o modo da nova vida é um processo implementado dia a dia. Os crentes têm de estar mortos **aos rudimentos** (*stoicheia*, os poderes adversários espirituais menos importantes) e às suas demandas, que são temporais e externas (22). Deixar-se carregar de **ordenanças** (20; escravidão passiva; cf. AEC, BJ, CH, NVI, RA) é viver **no mundo** dos sentimentos e do tempo e não no mundo que é “de cima” (3.1). Estas **ordenanças** têm origem na sabedoria terrena e inferior. Tratam-se de **doutrinas** produzidas por homens e não são de Deus. Quem pôs sua confiança em Cristo não confia em regulamentos propostos por poderes inferiores. O versículo 21 deve ser traduzido com ênfase ascendente. Não assim: **Não toques, não proves, não manuseies**, mas assim: “Não manuseies, nem proves, nem [mesmo] toques”⁵⁵ (cf. BJ, BV, RA). Nas **ordenanças**, as **coisas** que podem ser tocadas e manuseadas são temporais; elas **perecem** ao serem usadas, como ocorre com o urânio na produção de energia nuclear. Tais ordens são impotentes para auxiliar a verdadeira justiça. O que pode auxiliá-la? A união do crente com Cristo. Não alcançamos a moralidade fazendo negações ou cumprindo regulamentos,

mas estando unidos com Cristo. Somente ele é o padrão e a inspiração para a conduta ética. É pela renúncia de regras humanas que são contrárias ao amor de Cristo que alcançamos a mais sublime ética. A fundação disso acha-se em nosso amor por Cristo, em virtude do que ele fez no Calvário. Aquele que renuncia as regras a favor de Cristo nada perde em termos de ética. Não há licença para o erro quando aceitamos uma inspiração suprema para nossas escolhas morais (3.12ss.; Rm 6.1).

Certos expositores declaram que o versículo 23 é “desesperadamente ambíguo”,⁵⁶ mas esta é afirmação exagerada. **Devoção voluntária** (*ethelothreskia*) transmite a idéia de afetação. O versículo mostra que este sistema com seus trabalhos, mediadores e tortura auto-imposta dá a falsa aparência de **humildade**⁵⁷ (cf. AEC, NTLH, RA). Este método *parece* negar a **carne** pecaminosa, mas na realidade deixa mais intensa a influência do princípio da **carne** e torna ineficaz o forte incentivo moral que advém de morrer com Cristo. Phillips traduz assim o versículo: “Sei que esses regulamentos aparentam sabedoria com seus esforços piedosos auto-inspirados, com sua prática de auto-humilhação e com a negligência deliberada do corpo. Na prática, porém, eles não têm nenhum valor, mas apenas afagam a carne” (CH).

Goodspeed resume esta seção, declarando que Paulo refuta o erro gnóstico:

Eles afirmavam que podíamos alcançar um estágio mais sublime da experiência cristã pela adoração de certos seres angelicais e pela comunhão com eles do que pela mera fé em Cristo. Eles reconheciam o valor da comunhão com Cristo, mas apenas como fase elementar nesta iniciação mística, a qual diziam ter. Segundo declaravam, era somente pela comunhão com estes seres ou princípios que subiríamos a uma experiência da plenitude divina para alcançar o mais alto desenvolvimento religioso. [...] Esse movimento ameaçava [...] degradar Jesus de sua verdadeira posição, colocando-o numa posição subordinada, como a dos seres imaginários das especulações colossenses.⁵⁸

Todas as falsas religiões e todas as falsas interpretações do cristianismo colocam Cristo nesta posição inferior em seus programas esquemáticos. Mas, para Paulo, Cristo é supremo: “Cristo é tudo em todos” (3.11).

Esta seção que começa com: “Se [...] estais mortos com Cristo” (2.20), tem seu correlativo em 3.1: “Se já ressuscitastes com Cristo”. Tendo concluído a parte polêmica da carta, Paulo expõe com mais clareza o resultado natural de uma concepção e experiência correta da graça divina, qual seja, a santidade ética. Ele declara categoricamente que só a graça de Deus e não a força da vontade humana pode deter a prática da satisfação da **carne**. Agora ele passa a desenvolver esta verdade.

SEÇÃO IV

CONCLUSÃO

Colossenses 3.1—4.6

O tema da controvérsia foi devidamente tratado. Depois de se dirigir aos crentes colossenses, agora Paulo passa a falar sobre o resultado esperado de sua mensagem relativa ao ofício e obra de Cristo. Essa mensagem, declara o apóstolo, resulta em justiça ética. Os deveres práticos advindos dessa justiça são resumidos em alguns princípios declarados em lugares apropriados na exortação. Ele reitera que a fonte da verdadeira ética é exclusivamente Cristo; que essa justiça provém de estarmos em união com ele (1-4). Tal opinião (2.9) e experiência (2.10-12) de Cristo, conforme apresenta Paulo, coloca o crente num novo mundo e dá novo entendimento do que é a vida.

A. NOVO QUADRO DE REFERÊNCIA, 3.1-4

1. *As Coisas de Cristo* (3.1)

Portanto, se já ressuscitastes (1) é paralelo a “se, pois, estais mortos” (2.20), que apresenta uma abordagem negativa para solucionar o problema do pecado e da ética. Aqui, a abordagem é positiva. A palavra **se** não sugere dúvida, mas significa “já que” (BV, NVI). “Tudo quanto ele fez, Deus considera que também fizemos.”¹ Aqui, **com Cristo** é igual a “em Cristo”, porque a relação é íntima e total. O crente foi misticamente ressuscitado **com Cristo**, tanto quanto foi misticamente morto e enterrado **com** ele sob a figura do batismo nas águas (2.12). **Buscai as coisas que são de cima** torna-se o empreendimento vitalício do homem em **Cristo**. A frase **onde Cristo está assentado**

refere-se ao trono de **Deus**. A implicação da ressurreição que advém das doutrinas da encarnação e expiação leva à conclusão inevitável da deidade de **Cristo**. Este Jesus é o **Cristo** (At 9.5). Este entendimento não ocorre só por pensamento ou filosofia, mas por experiência (2.2) e revelação (Gl 1.16). Os crentes têm outra perspectiva de todas as coisas, em virtude da relação que gozam com o Senhor que receberam.

2. *As Realidades Espirituais* (3.2,3)

Pensai nas significa “estai determinado a certo modo”, e alude à mente, vontade e espírito.² O crente tem de manter a mente firme nas **coisas** transcendentais e últimas: as **coisas que são de cima**. A frase **nas que são da terra** aplica-se ao mundo carnal e material.

Mortos (3) chama a atenção a 2.20 e fala da relação do crente com o mundo aqui e agora. Estar **mortos** para o mundo faz contraste com estar “mortos nos pecados” (2.13). A nova **vida** (3) é de **Cristo**. Ele é a fonte dessa **vida** (Jo 10.18). **Escondida** indica que esta **vida** não é conhecida a quem não crê (2 Co 4.3-6). Trata-se de uma realidade para o crente e é realizada numa nova consciência e poder éticos para a justiça. Essa **vida**, embora de certo modo **escondida**, será revelada de maneira muito mais gloriosa (1 Co 15.51ss.; 1 Ts 4.13-18; 1 Jo 3.2). Essa **vida** está **escondida** em “Cristo, que é a nossa vida”. **Cristo em Deus** indica a união essencial do Pai e do Filho.

Alexander Maclaren examina “Ressuscitado com Cristo”, servindo-se dos versículos 1 e 2: 1) A vida cristã é uma vida ressuscitada, 1a; 2) O alvo da vida cristã: **Buscai as coisas que são de cima**, 1b; 3) A disciplina da vida cristã: **Pensai nas coisas que são de cima**, 2.

3. *A Manifestação de Cristo* (3.4)

Cristo... é a nossa vida. Ele é a fonte dessa **vida**. Essa **vida** é experimentada aqui e agora. O termo **se manifestar** é a única referência à segunda vinda nesta breve epístola. Aquilo que está escondido ou reservado será revelado para o mundo inteiro numa realidade majestosa e tremenda (Mt 24.27,31). **Com ele** tem um cumprimento místico (3.1) e um cumprimento escatológico (3.4). Os crentes se manifestarão **com ele em glória**, quer dizer, no céu ao término dos séculos.

B. RENÚNCIA COMPLETA, 3.5-11

Segundo o apóstolo, uma teologia mística que não tenha resultado ético prático é espúria. Ao longo de suas epístolas, Paulo enfatiza a santidade de coração e de vida como fruto da relação do crente com Cristo. Ele não está preocupado com a santidade cerimonial, mas com a santidade moral. Sua doutrina é a semente do dever ético.³ A justiça ética é o resultado lógico e dependente do contato vivo com o Cristo ressurreto (Gl 2.20). É nisto, e não nos ensinamentos gnósticos, que está a fonte da força para o crente seguir a Cristo (2.23).

1. *Renunciar o Mal Sensual* (3.5-7)

Mortificai (5) fala de matar e não se refere ao mau uso do corpo por mérito. O que tem de cessar é o mau uso dos membros do corpo para a satisfação do ego. O ato é crucial

e terminante (o verbo grego está no tempo aoristo).⁴ Temos esta tradução: “Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena” (AEC, RA; cf. NVI). Esta é a aplicação prática de 2.20. A mortificação é uma mudança da vontade, tirando-a do ego e colocando-a em Deus. Essa ação chama-se “morte”. Os membros que devem ser mortos são componentes de um corpo do pecado chamado o “velho homem” (3.9).⁵ Pelo que deduzimos, os pecados alistados são primariamente para a satisfação do ego e têm direção interior e sensual. São “os modos pelos quais os membros pecaminosamente se mostram”.⁶ Phillips traduziu esses pecados assim: “Livrem-se da imoralidade sexual, da mentalidade obscena, da paixão descontrolada, do desejo maligno e da cobiça dos bens de outra pessoa” (CH). Não é só a **avareza** que deve ser considerada como **idolatria** (segundo afirmam alguns),⁷ mas todos os pecados alistados também são da essência da falsa adoração. Qualquer coisa que esteja no lugar de Deus em nossa vida é **idolatria**. **Mortificai** (imperativo) mostra que o crente tem parte vital em fazer morrer as práticas más. A parte do crente complementa a obra de Deus, qualificando-nos para a salvação (1.12). Alguém sugeriu a seguinte ilustração: o avião está pronto, mas o vôo depende do piloto.

Esta morte a toda ação má e desejo mau é coerente, porque o crente já morreu com Cristo (3; 2.20). O que foi feito numa experiência de crise da graça divina, agora tem de ser implementado decisiva e permanentemente na vida diária (ver comentários em 1.21b,22; o tempo aoristo denota ação pontual sem levar em conta o tempo). O fazer morrer é igualmente necessário por causa da **ira de Deus** (6) para com estes pecados, o mau uso dos membros do corpo. O termo grego *orge* (**ira**) não significa mal vingativo, mas julgamento justo. **Deus** é terrivelmente justo. Maclaren ressalta que a **ira** é inevitável se **Deus** é santo.⁸ **Vem** (tempo presente) mostra que **Deus** é (*agora*) ativamente contrário aos malfetores.⁹ A expressão **filhos da desobediência** não consta em certos manuscritos (cf. BV), e julga-se que foi copiada da passagem paralela de Efésios 5.6. A expressão, porém, encaixa-se logicamente aqui, e deve ser retida¹⁰ (cf. AEC, RA).

Nas quais (7) pode ser traduzido por “entre os quais”, referindo-se aos antigos companheiros com quem eles andavam em comunhão quando viviam (**vivíeis**, tempo imperfeito; “estáveis vivendo”) no pecado. **Em outro tempo** significa “outroa” (BAB) ou “antigamente” (NTLH). A lembrança da antiga vida e dos amigos na degradação moral é outro incentivo para a mortificação.¹¹ Ou a passagem quer dizer apenas que “a conduta e a condição deles combinavam”.¹²

2. Despojar o Mal Social (3.8-11)

a) *Despir-se* (8,9). **Despojai-vos** (8; tempo aoristo médio) significa despir-se como se faz para tirar a roupa. Este ato complementa “mortificai” (5) que em grego também está no tempo aoristo. Ambos indicam determinação, resolução. Assim, o “fazer morrer”, que mata o pecado com um golpe decisivo, agora é apresentado com outra figura. Depois da crise vem a vivência dessa decisão na vida diária. Aquilo que é terreno tem de ser “despido”, “tirado”, “arrancado” (cf. BV, NTLH). O coração firmemente fixo em seu verdadeiro guia celestial prosseguirá continuamente ao destino designado; ele recusa a atração de outras influências que o desviariam do curso.

Paulo faz uma lista de alguns dos pecados que devem ser despojados. Pelo visto, têm direção social, ou seja, são contra as pessoas. No que tange à **ira**, Lightfoot escre-

ve: “Os pensadores estoicos distinguiram *thymon* (**ira**) como a explosão de *orgen* (**côlera**); [este último termo era] a questão resolvida e mantida”.¹³ O termo grego *kakian* (**malícia**) é a intenção de causar dano, e significa mal, encrenca ou maldade culpável. Como os outros termos são contra o homem, assim devemos entender que **maledicência** é xingamento ou calúnia contra as pessoas.¹⁴ Este é o significado primário do termo grego *blasphemia* (“blasfêmia”, BV; “insulto”, NVI; CH). **Palavras torpes** é conversa insinuante e má¹⁵ (cf. NTLH). Acerca de palavras desta natureza, Barclay afirma que quando são usadas no singular falam da qualidade da ação, mas quando estão no plural, servem de exemplos de ações.¹⁶

Não mintais (9) é, literalmente, “não mintais a vós mesmos”, e dá a entender que quem mente chega a acreditar nas próprias falsidades. Mentir não é o resultado naturalmente esperado do ato de renúncia; esta é a força da palavra **pois**. Devemos pôr em prática diária o que foi definitivamente feito quando aceitamos Jesus. O filho adotado tem de viver em harmonia com o seu novo ambiente e crescer. **Despistes** (em grego está no tempo aoristo) é igual a “despojastes”, “tirastes a roupa” e mostra, uma vez mais, a necessidade da participação e responsabilidade do homem na vida de justiça que se origina pela fé em Cristo.

A frase **velho homem com os seus feitos** tem muitas interpretações. Refere-se, neste exemplo, à totalidade da natureza e à antiga vida de pecado antes da encontrarmos Cristo na fé salvadora. Essa frase ocorre somente três vezes (Rm 6.6; Ef 4.22; e aqui). W. T. Purkiser diz: “Paulo o menciona [o **velho homem**] para mostrar o que temos de fazer com ele; que arranjo lhe dar”.¹⁷ Vincent afirma que o “velho homem” é o eu não renovado.¹⁸ Purkiser acrescenta: “Devemos reconhecer que o ‘velho homem’ se refere ao todo da vida pecaminosa anterior, bem como à causa ou raiz de onde essa vida surge”.¹⁹ J. B. Chapman destaca que não devemos comparar o **velho homem**, o qual tem de ser despojado, com o eu, como se nossa natureza humana tivesse de ser tirada. O eu continua existindo depois do “fazer morrer”, mas existe com novo padrão de vida.²⁰ Brockett declara que o **velho homem** é o antigo padrão de vida. Exemplificando, ele fala da ilustração de tecer o tecido da vida por um padrão velho ou por um padrão novo.²¹ Também diz que o **velho homem** é o “meu estado pecador como filho de Adão”.²² Se o **velho homem** é o eu não renovado, então o “novo homem” (10) é o eu renovado.

É confuso lermos que o eu deva morrer ou ser crucificado; e é psicologia capenga comparar o eu com o **velho homem**, o qual tem de ser despojado. De certo modo, diríamos que o eu “morre” para a velha vida quando a vida pecadora anterior é despojada. Paulo usa ilustração semelhante em outro lugar, quando destaca que a esposa está morta para a lei que a prende ao marido, quando o marido morre, embora ela continue vivendo (Rm 7.1-6).²³ Diante disso, Paulo tem razão quando diz que ele está “crucificado com Cristo” (Rm 6.6; Gl 2.20). Ele está realmente “[morto] para o pecado”, embora esteja “vivo para Deus” (Rm 6.11).

b) *Vestir a nova natureza* (10,11). Com **vos vestistes** (tempo aoristo), o apóstolo continua na ilustração do vestuário. O **novo** homem é a “nova criatura” em Cristo Jesus (Jo 3.3; 2 Co 5.17). É o eu renovado (**se renova**), o eu regenerado e santificado. O verbo **se renova** (particípio presente) não fala do “velho Adão” gradualmente sendo transformado em algo melhor, mas diz respeito ao **novo** homem, já existente em Cristo, progres-

sivamente efetivado na comunidade cristã. A renovação é uma efetivação contínua, um rejuvenescimento, como o corpo físico é constantemente renovado.²⁴ **Imagem** lembra a natureza do homem como foi originalmente criada à **imagem** de Deus (Gn 1.26,27). **Criou** nos faz lembrar Cristo, o Criador (1.16), e a nova criação (2 Co 5.17). O eu recriado do homem é **segundo a imagem** de Cristo.

Nesse mundo de novos homens não há classes sociais (11). Só o pecado desqualifica a pessoa para a salvação — raça, rito ou cultura não. **Cristo** está em cada crente e cada crente está em **Cristo**, qualquer que seja sua posição social. Discriminação nacional, religiosa, cultural e social desaparece na comunidade inteiramente cristã (1 Co 15.28; Ef 1.23; 4.6). **Cita** é, provavelmente, alusão a um povo cruel, que selvaticamente invadiu a coletividade judaica no século VII a.C.²⁵ Seus atos de crueldade são quase inimagináveis, mas até estrangeiros bárbaros como estes podiam ser transformados por **Cristo**. **Servo** (“escravo”, BJ, CH, NVI, RA) **ou livre** ganha mais significado diante do fato de que o mensageiro, Onésimo, que levou a carta para os colossenses, era escravo. **Cristo é tudo em todos** (lit., “tudo e em tudo, Cristo”) significa particularmente que todos que estão em Cristo estão igualmente nele e ele neles. Ele é tudo o que importa (cf. CH). Todo o universo tem sua origem e continuação nele.

C. RESPONSABILIDADE MORAL, 3.12—4.6

Os capítulos 1 e 2 dizem respeito principalmente à parte de Deus na reconciliação do homem. O capítulo 3 enfatiza a obrigação do homem que surge disso. Tendo tratado da responsabilidade negativa, agora Paulo fala concisamente sobre as responsabilidades éticas positivas da vida cristã.

1. *Ética Pessoal* (3.12-17)

O “vestir-se” no versículo 10 antecipa o **revesti-vos** no versículo 12, onde começa a aplicação prática da decisão inclusiva e definitiva. **Eleitos de Deus** fala de “graça” e “concerto” (1 Pe 2.9). A igreja é o verdadeiro Israel (Gl 3.7), cujos integrantes chamam-se **eleitos**. Os crentes são **santos e amados**. Novamente, **santos** traz conotação ética, pois a nova natureza tem de corresponder ao novo chamado²⁶ (1.2). **Amados** eleva os crentes às alturas e privilégios de 1.13. **Entranhas** (*splangkna*) é, literalmente, “compaixão” (AEC, NVI), ou coração de **misericórdia**. Os termos **humildade** e **mansidão** sugerem a boa vontade em aceitar a vontade de Deus em todas as coisas (1 Ts 5.18). A **longanimidade** abre mão da vingança.

Suportando-vos e **perdoando-vos** (13) eram especialmente necessários, por causa do rancor das disputas que devem ter surgido em torno dos assuntos revelados nesta carta.²⁷ Carson opina que, aqui, **perdoando-vos uns aos outros** tem idéia incorporada e é, literalmente, “perdoando-vos a vós mesmos”.²⁸ **Assim como Cristo vos perdoou** fornece a razão para tão nobre ação (Mt 6.12,14,15), um *princípio orientador* e um *exemplo* sobre o perdão.

Caridade (14; “amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) é o capeamento de todos os blocos construtivos (2.7) do edifício moral. É o princípio ético fundamental e a suma de toda a lei moral (Rm 13.10; Gl 5.14). O amor é considerado **o vínculo da**

perfeição ou a “cinta” que prende a “roupa” que acabou de ser “vestida”. As graças e os crentes são unidos pelo amor (*agape*, “amor divino”), que é dado com o Cristo que neles habita (1.27). Está a “perfeição cristã” devidamente chamada.

Assim uma justiça minuciosa, que contempla uma reconciliação que é mundial (11) em seu campo de ação potencial, acompanha a reconciliação divino-humana. A relação horizontal tem de combinar com a relação vertical. Cristo, que habita no crente, lhe dá sua mente e espírito em todas as coisas. O “velho homem” de ódio e inimizade está morto. O amor que mantém a igreja unida e ligada ao seu Cristo é primariamente direcionado para a “família” dos santos (Rm 12.13; Gl 6.10), quer dizer, àqueles que são da comunhão cristã. Aí, então, o amor tem de ser direcionado “para com os que estão de fora” (4.5),²⁹ isto é, o mundo dos incrédulos, a fim de atraí-los para o círculo dos “eleitos”.

A **paz de Deus** (15) é, antes, a “paz de Cristo” (BAB, BJ, CH, NVI, RA; cf. BV, NTLH), que tem de dominar ou ser o princípio para resolver todas as futuras disputas doutrinárias e questões práticas. **Em um corpo** nos lembra que a harmonia dos membros, que foram misticamente incorporados no **corpo** de Cristo, é essencial para Cristo usá-lo como seu **corpo**. O organismo inteiro responde com assiduidade e obediência para fazer o que a cabeça ordena. **E sede agradecidos** (1.3,12; 4.2) é a reação inevitável de quem compreendeu o significado da graça.

A **palavra** (16) é a Bíblia, ou, falando em termos mais exatos, as palavras **de Cristo**. **Habite** significa “faça morada” no coração e na mente. A palavra tem de ter residência agradável e permanente (ver 1.19, sobre **habite**). O crente tem de conhecer a **palavra** tão bem a ponto de permanecer no coração e na mente, governando todas as ações e presidindo em todas as decisões. Essa **palavra** é a base ou qualificação única para ensinar e admoestar as pessoas (**ensinando-vos e admoestando-vos**). Paulo aconselha de acordo com a sua própria prática (1.28); ele prega somente **Cristo**.

Pensando lógica e gramaticalmente, a frase **salmos, hinos e cânticos espirituais** deve combinar com **cantando** e não com **ensinando-vos e admoestando-vos**.³⁰ Se a frase pertencer a **ensinando-vos**, então a música deve ser executada para a edificação dos outros e não para o prazer ou glória pessoal. **Com graça** significa “agradecidamente”, “com gratidão” (AEC, BAB, BV, NTLH, NVI, RA) ou com a **graça** de Deus, ou seja, com entendimento espiritual (1 Co 14.26; Ef 5.19). Pode-se fazer isto **em vosso coração** sob quaisquer circunstâncias quando é feito **ao Senhor**. A compreensão da **graça** infinita e imerecida, que é de Deus, torna possível nossos louvores. Esse tipo de louvor se dá no coração como também sai pela boca quando existe a verdadeira adoração. **Ao Senhor** deve ser, mais exatamente, “a Deus” (BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). As habilidades de cantar, louvar, adorar e falar distinguem os homens dos meros animais e ajudam a responder a pergunta: “Que é o homem?” (Hb 2.6-13).

Na passagem de 4.12,15,16, temos algumas ferramentas básicas do, por assim dizer, comércio, e discernimentos sobre os serviços religiosos e práticas da igreja primitiva.

Quanto fizerdes por palavras (17) é um princípio sumário da ética cristã. O versículo 23 é paralelo deste. Regras específicas são mínimas na economia da graça do Novo Testamento. Formamos uma ética pessoal e específica a partir dos princípios e exemplos mostrados por Cristo. Quanto a este aspecto, ele não faz acepção de pessoas. Note a amplitude deste princípio; aplica-se a todo aspecto de conduta: **quanto e tudo** (“qualquer que seja” e “tudo”, CH; “tudo quanto”, BV). **Fizerdes** (em grego está no tem-

po aoristo) indica um *curso de ação determinado* (1.10). **Em nome do Senhor Jesus** fornece a inspiração para toda conduta moral. Alguns manuscritos acrescentam “Cristo”.³¹ As obras de Cristo são realizadas na obra do crente. Esta frase é muito semelhante à expressão “em Cristo”.³² Paulo continua com o argumento — só a graça possibilita que o homem dê **graças**, o qual por natureza é rebelde, ingrato e impotente para fazer os verdadeiros deveres cristãos. **A Deus Pai** nos faz lembrar o *objeto* da ética (23). E **por ele** (Cristo) revela a *força* pela qual a vida cristã é vivida, e o *canal* (gr., *dia*) por quem tudo sobe ao trono do **Pai**.

2. Responsabilidades Domésticas (3.18-21)

A fórmula “em Cristo” é colocada em operação nas relações humanas, tanto pessoais quanto sociais. Os ensinamentos cristãos se opõem às idéias pagãs pelo destaque que dá à natureza recíproca dos deveres³³ e pela relação de tudo com uma Pessoa, que é a medida e fim de toda ética e dever.³⁴ Todos os homens têm direitos, deveres e responsabilidades iguais. Deus não faz acepção de pessoas (25). “Em Cristo” fornece o motivo, a condição e a qualidade das ações a serem feitas.³⁵ Paulo destaca algumas relações em que se aplica o princípio: marido e esposa, pais e filhos, senhor e escravo.

a) *O papel da esposa* (3.18). Ainda que macho e fêmea sejam um em Cristo, é apropriado a esposa se sujeitar ao marido, pois primeiro foi formado Adão e, depois, Eva. Até o Filho é sujeito ao Pai (1 Co 15.28). Moule diz que submissão significa “lealdade”.³⁶ A união do marido e mulher é modelada segundo a relação divina que há entre Cristo e a igreja.³⁷ Com base em evidências nos textos gregos originais, a palavra **próprio** deve ser omitida (cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI), embora ocorra originalmente na passagem paralela de Efésios 5.22. A fidelidade e a submissão da esposa presumem o amor do marido (19). Os versículos 18 e 19 estabelecem uma parceria de atividade. **Como convém no Senhor** limita a área de submissão;³⁸ estabelece os princípios cristãos como roteiros para as decisões domésticas.

b) *O papel do marido* (3.19). O amor pela esposa é o amor mais nobre (*agape*), o qual também é devido a Deus. **Não vos irriteis contra ela**, ou “não as trateis asperamente” (AEC; ou “com mau humor”, BJ); “não seja grosseiro com ela”, NTLH) é conselho em consideração pelo vaso mais fraco (1 Ts 4.3-5; 1 Pe 4.7). O amor suprime a irritação, a amargura, as ordens e o egoísmo. A nova vida em Cristo transforma o lar. Na ótica paulina, as relações entre marido e mulher são mutuamente respeitadas e tranquilas.

c) *O papel dos filhos* (3.20). A existência de amor e respeito em casa torna mais provável a obediência. Os **filhos** têm de obedecer aos **pais**. A palavra grega significa, literalmente, “ouvir debaixo de” ou “olhar para cima a”.³⁹ **Agradável ao Senhor** mantém a relação cristã e fornece o motivo para a obediência. Cada um agrada o outro quando cada um agrada a Deus (1.10); semelhantemente, cada um agrada a Deus quando busca o bem dos outros.

d) *O papel do pai* (3.21). Os **pais** são aconselhados a usar de restrição e sabedoria na disciplina, de forma a não levar os **filhos** a perder o **ânimo**. Por estar no imperativo

presente, **não irriteis**⁴⁰ significa não importunar como hábito.⁴¹ Pelo contrário, os **pais** devem proporcionar todo encorajamento responsável para o crescimento e desenvolvimento dos filhos.

3. *Responsabilidades Econômicas e Sociais* (3.22—4.1)

A questão da escravidão é mencionada aqui, provavelmente devido ao fato de que Onésimo, que era escravo fugitivo de Filemom e que voltava cristão ao seu senhor, levava a carta do sensível apóstolo para os crentes colossenses.

Certos expositores sugerem que esta passagem não tolera a escravidão. É, mais exatamente, uma apresentação de princípios econômicos cristãos. O **senhor** daqueles dias é o empregador de hoje, e os **servos** (“escravos”, BV, CH, NTLH, NVI) são os empregados. O **senhor** tem de pagar salários justos e satisfatórios, e o empregado tem de prestar serviço justo e total de um dia. Empregador e empregado são igualmente responsáveis diante de Deus sobre este aspecto (4.1).

Esses expositores sugerem também que esta passagem é uma das muitas áreas de responsabilidade agrupadas em torno dos princípios éticos expostos nos versículos 17 e 23. Sendo assim, este conselho sobre relações sociais é um desenvolvimento de 3.17, e não uma seção a ser considerada separadamente.

a) *O papel do escravo* (3.22-25). Nos dias de Paulo, o escravo era uma propriedade, mas o escravo cristão era uma pessoa, a quem recebiam como irmão (Fm 16). O apóstolo não procura transtornar imediatamente a ordem social existente por meio de ação violenta. Mas condena sua estrutura nociva injetando princípios cristãos na sociedade civil. Estes princípios funcionaram como levedura na massa, e acabaram penetrando a totalidade da sociedade e transformando-a segundo o estilo de Cristo. Por isso, os **servos** (22), como cristãos, devem sossegar e obedecer **em tudo a vosso senhor** (Rm 13.1ss.). Em nenhuma parte, Paulo insinua desobediência à autoridade civil, embora seus companheiros apóstolos apoiassem o princípio sob certas circunstâncias (At 5.29). Dizendo que esta é a vontade de Deus, Paulo aconselha respeito pela lei e pela ordem. Sua recomendação é obediência ao direito civil; mas onde quer que haja males, seu parecer é transformá-los por meios ordeiros (4.1). A palavra grega traduzida por **servindo só na aparência** é, talvez, de cunhagem de Paulo.⁴² Indica interesse e obediência somente quando o senhor está olhando.⁴³ Phillips traduz **em simplicidade de coração** por “como expressão sincera de sua devoção ao Senhor” (CH). **Temendo a Deus** é agradá-lo e, com isso, a pessoa se satisfaz (1.12). O **galardão** (24) não é tanto em termos de coisas materiais quanto em termos de aprovação de Deus. **Cristo é o Senhor** (Dono) dos senhores, pois eles o servem de verdade quando vivem de acordo com este ensino (17).

O versículo 25 revela a lei da recompensa divina. A injustiça é punida uniformemente, sem **acepção de pessoas**, escravos e senhores da mesma maneira.

b) *O papel do senhor* (4.1). Paulo mostra que os **senhores** também são **servos** (“escravos”, BV, NTLH, NVI) do **Senhor nos céus**. Por isso, eles também têm de ser obedientes. Fazer **o que for de justiça e equidade** aos **servos** (“escravos”, BV, NTLH, NVI) é igual a aconselhar os **senhores** a libertar os escravos. É recebê-los como irmãos (Fm

16). A regra de ouro fica em destaque (3.13b). Todos os **senhores**, mesmo os maus, no fim das contas têm de prestar contas a Deus, o **Senhor nos céus**.

A subdivisão anterior tinha um princípio do qual se derivou a ética doméstica. Da mesma forma, esta subdivisão tem um princípio para a ética salvífica. Este princípio está em 3.23: Tudo deve ser feito “como ao Senhor”. Paulo ressalta esta base. É Cristo e não regras (Gl 3.21-28). Ele é o *método*, o *motivo*, a *medida* e o *objeto* de todas as éticas.

A conduta ética, cuja origem e fim estejam em outro princípio que não a glória de Senhor Jesus Cristo, não é ética cristã. Os cristãos cantam: “A Deus demos glória, com grande fervor; seu Filho bendito por nós todos deu”.⁴⁴ E ao lado de Maria no Magnificat, eles dizem: “A minha alma engrandece ao Senhor. Porque me fez grandes coisas o Poderoso” (Lc 1.46,49).

4. Responsabilidades Evangelísticas (4.2-6)

O cristianismo é uma fé missionária. Para que o **mistério de Cristo** (3) seja devidamente proclamado, Paulo roga pela oportunidade de fazer assim. Com isso, ele dá aos crentes colossenses um exemplo.

a) *Oportunidade* (4.2-4). Uma vez mais o apóstolo une **oração** com **ação de graças** (2; 1.3,9,12), pois todo o bem vem de Deus. **Perseverai** enfatiza a necessidade de o cristão permanecer em constante atitude de comunhão com Deus (Rm 12.12). **A oração** também está unida com **velando**, ou seja, “vigiar” (ACF, RA), como Jesus exortou os discípulos no jardim do Getsêmani (Mt 26.41). Thomas escreve magnificamente: “Não temos de vigiar a nos mesmos, o que seria deprimente; não temos de vigiar Satanás, o que nos distrairia; não temos de vigiar nossos pecados, o que seria desanimador; mas temos de manter nosso olhar fixo em Cristo, ‘olhando para Jesus’”.⁴⁵

Ação de graças (2) deve ser importante, pois Paulo a menciona com frequência. É o principal meio de desenvolver amor e apreço por Cristo e por tudo que ele fez por nós. Serve para sempre manter diante de nós nossa dependência dele.

Na verdade, esta chamada à oração é um pedido de Paulo pela oportunidade de difundir a palavra acerca de Cristo (Ef 6.18,19). Ele diz: **Orando também juntamente por nós** (3). Esta nota sempre está em sua boca, pois há muitos adversários (1 Co 16.9; 2 Co 2.11,12). A expressão **para que Deus... abra a porta da palavra** ressalta que, embora a expansão do evangelho esteja sob direção divina (At 16.7), também está sujeita a obstáculos satânicos (1 Ts 2.18). Talvez Paulo deseje ser liberto da prisão, caso fosse da vontade de Deus. Porém, preso ou solto, ele ainda falará do **mistério de Cristo**. Paulo não é covarde. Sua oração é pela retirada de todo obstáculo ao cumprimento da sua comissão. O versículo 4 é um pedido pela habilidade de pregar (Ef 6.18,19). O problema de ministros e professores cristãos também era o problema do apóstolo. Trata-se do problema de como deixar clara a mensagem do evangelho, pois esta é a força de **como me convém** (“como é o meu dever”, NTLH).

Sob o tema “Continue em Oração”, vemos: 1) A *necessidade* da oração, 2; 2) O *valor* da oração, 3; 3) O *propósito* da oração, 4.

Esta curta oração é surpreendente pelos itens que Paulo exclui de seus pedidos. Revela que sua paixão exclusiva é ser útil ao Senhor. Viver para Cristo não basta, embora seja necessário. O seu grande desejo é ser capacitado para falar o evangelho de maneira clara e convincente.

b) *Exemplo* (4.5,6). Orar também é insuficiente. O evangelho tem de ser vivido. Exemplo e influência são importantes. O versículo 1 fala sobre a conduta do cristão *dentro da* comunidade cristã. Da mesma forma, o versículo 5 fala sobre a conduta do cristão **para com os que estão de fora** da comunidade cristã. **Andai com sabedoria** (5; cf. 2.6) é portar-se com tato. A frase **para com os que estão de fora** está fértil de significado. Revela o lamento de Paulo, seu sentimento de missão e seu impulso motriz. Este é o segredo de sua tática e poder de persuasão sobre os incrédulos. Ele faz as pessoas perceberem que ele as ama. Eis exposta a alma do evangelista e do missionário.⁴⁶

Remindo o tempo (cf. Ef 5.16) significa que não devemos perder nenhuma oportunidade para testemunhar. Sugere que timing neste trabalho importante é fundamental. O cristão tem de agarrar a iniciativa. E especialmente apropriado para nossos dias, é o fato de que o tempo está se esgotando para fazermos esta obra redentora. Paulo ficava evangelizando o tempo todo. Na conjuntura colossense, na qual os falsos ensinamentos eram excessivos, ele exortou os crentes a tirar proveito da situação e divulgar a verdade — e justamente porque “os dias são maus” (Ef 5.16).

A **palavra** (6) do cristão deve ser **agradável** (de *charis*, “graça”, que significa a idéia grega de beleza). Até as coisas comuns são afetadas por estarmos em Cristo. Nosso discurso tem de ser digno de Cristo (3.17,23). **Temperada com sal** dá a entender que nossa **palavra** deve ser saborosa e sensata. **Para que saibais como vos convém responder a cada um** destaca nossa obrigação cristã de estarmos bem informados sobre nossa fé.

Paulo revela que a santidade ética é o fruto de apropriadamente entendermos e experimentarmos Cristo. Mostra que viver com integridade é evidência de ensino correto (1.7,8). A nova vida em Cristo suplanta a velha vida em pecados (2 Co 5.17). O apóstolo coordenou os assuntos, expôs os falsos mestres e entregou toda a questão a Deus, por confiar no poder da verdade.

SEÇÃO V

DESPEDIDA

Colossenses 4.7-18

A quantidade e importância dos assuntos tratados com tamanha profundidade e com tão poucas palavras nesta epístola são surpreendentes. Paulo teve ajuda de fora — ajuda de cima. Tais fatores não são menos evidentes nesta passagem final. Estes versículos falam da comunhão íntima dos crentes. Cada um é consumido pelos mesmos interesses; todos são membros interdependentes do corpo de Cristo. Há consideração mútua e profunda uns pelos outros, conforme indicam palavras como **console** (8), **combatendo** (12), **amado** (14).

Paulo mostra verdades claras sobre o *espírito* destes homens. Eles eram cheios de fidelidade (7), amor (9), perdão (10), oração e devoção (12) e zelo (13). A lista das características nobres é longa.

Nestas palavras de despedida, Paulo também revela elementos do culto na igreja primitiva. Eles se reuniam em casas (15). Cantavam hinos e canções evangélicas (3,16). Liam a Bíblia (16), faziam orações fervorosas (12) e ministravam uns aos outros do círculo cristão segundo a capacidade de cada um (8,14).

Tratavam-se de homens consumidos pelo senso de missão e destino. Eram chamados (17), enviados (8), servos (diáconos, 12) e responsáveis em assuntos redentores (12,17), chegando a ser presos (10).

Mesmo assim, o *indivíduo* não ficava perdido na nova comunidade espiritual. A identidade e o papel de cada um eram preservados. Havia intercessores, médicos, pregadores, doadores, mensageiros, servos e sofredores. Cada um cumpria seu dever com intensidade variada (12,13). Os tipos de personalidade mostravam-se pelas características e trabalhos de cada um. Suas relações eram estreitas e contínuas (10).

As saudações são nobres e afetuosas, adaptadas a cada pessoa mencionada. Paulo, com avaliação honesta e estimativa precisa de todos (note a reserva ao falar de Demas, 14), destaca seu respeito por cada um individualmente. Diríamos que ele tem poder para evocar a mais alta lealdade e o melhor serviço de outros homens.

A carta tem a assinatura de Paulo escrita de próprio punho (18). Há um pedido simples e uma oração final para que sejam deles o mais sublime e o melhor que Deus tenha a oferecer.

O apóstolo faz seus comentários relevantes mencionando os indivíduos em ordem: primeiro, os mensageiros, depois os colegas judeus que estão com ele e, por fim, os gentios.

A. OS PORTADORES DA MENSAGEM, 4.7-14

1. *Mensageiros* (4.7-9)

a) *Tíquico* (4.7,8). Este é o mensageiro que leva a carta. **Tíquico** ele completará a mensagem escrita com seu relatório verbal (Ef 6.21). Tecnicamente, ele não é diácono,¹ mas é mencionado cinco vezes no Novo Testamento (At 20.4,5; Ef 6.21; 2 Tm 4.12; Tt 3.12; e aqui). Sua missão é dupla: dar notícias acerca de Paulo e obter informações para o apóstolo; esta é a intenção das palavras **vos fará saber o meu estado** (8). Paulo chama **Tíquico** de **fiel ministro, e conservo no Senhor**. A relação entre Paulo e este companheiro cristão é estabelecida pela relação deles com o Senhor — ambos estão em Cristo.

b) *Onésimo* (4.9). **Onésimo** é escravo de Filemom, recentemente convertido e, por isso, **amado e fiel irmão**. Ele está voltando ao seu senhor em companhia de Tíquico. Paulo diz para a igreja em Colossos: Agora ele **é dos vossos**. Assim, o apóstolo atesta a experiência cristã de Onésimo e sua inclusão no corpo místico de Cristo. Embora escravo, ele é novo homem em Cristo. Ele também tem testemunho a dar e relatório a informar.

2. *Colegas Judeus* (4.10,11)

a) *Aristarco* (4.10). **Aristarco**, aprisionado no alvoroço em Éfeso (At 19.29), **está preso com** Paulo em Roma. Certos expositores sugerem que ele era apenas um prisioneiro metafórico. Mas esta dificilmente é uma conclusão aceitável, visto que Atos 27.2 declara que ele acompanhou Paulo a Roma.

b) *Marcos* (4.10). **Marcos** (João Marcos), um fracasso conforme registro em Atos 13, agora está restabelecido, aceito e recomendado pelo apóstolo.² Alguns ainda devem ter reservas quanto a ele, mas Paulo as dissipa totalmente (2 Tm 4.11). Não se sabe quando ou como os crentes colossenses haviam recebido **mandamentos**. Talvez um mensageiro tenha-lhes transmitido pessoal e verbalmente tais **mandamentos** ou tenha havido uma carta anterior. **Recebei-o** é mais bem traduzido por “dai-lhe bom acolhimento ou recepção cordial” (cf. BV). **Marcos**, diferente de Demas, representa os companheiros de trabalho que não desistem.

c) *Jesus* (4.11). **Jesus** era nome comum entre os judeus do século I. Seria natural o cristão hesitar em usar este nome sagrado; por conseguinte, entre os cristãos ele era **chamado Justo**. Ele, Aristarco e Marcos são as únicas pessoas **da circuncisão** (judeus) que estão com Paulo. A dúvida é por que havia tão poucos judeus convertidos. Pode ser lamentável que tão poucos fossem fiéis ou talvez seja motivo de alegria que tão poucos tivessem sido presos. **Cooperadores no Reino de Deus** é mais bem traduzido por “cooperadores para o reino de Deus” (RSV; cf. NTLH). Paulo diz que eles lhe são uma **consolação**.

3. *Gentios* (4.12-14)

a) *Epafras* (4.12,13). **Epafras** é o pastor de Colossos (1.7,8). Aqui Paulo faz sua avaliação do homem. Ele chega ao íntimo do coração e missão de Epafras quando diz: **Para que vos conserveis firmes, perfeitos e consumados em toda a vontade de Deus** (12). Esta é a oração do pastor pela santificação do seu rebanho. Este também é *insight* do que Paulo considera mais essencial no ministério (cf. 1.28). Uma vez mais a importância da oração se revela. **Combatendo sempre** (*agonizomenos*; lit., “agonizando”) **por vós em orações** (cf. 2.1) é como a agonia de Cristo no jardim do Getsêmani.³ **Perfeitos** (*teleioi*) nesta referência significa não só “completos”, mas tem também um conteúdo moral (cf. 1.28). **Consumados** (particípio) modifica **a vontade de Deus** e lembra 2.10.⁴ Significa total garantia (2.2) e inteira lealdade à revelação dada e à **vontade de Deus** (1.9). **Zelo** (13, *ponon*) significa trabalho duro ou tormento.⁵ Aristarco estava engajado em missão nacional. Seu ministério abrangia igrejas em três comunidades — Colossos, **Laodicéia** e **Hierápolis**.

b) *Lucas* (4.14a). **Lucas, o médico amado**, juntou-se ao grupo em Trôade (At 16.10). O fato é verificável, pois o autor de Atos (Lucas) passa a usar os verbos na primeira pessoa do plural (“nós”) naquele ponto da narrativa. A declaração no versículo 11 que fala que só Aristarco, Marcos e Justo são judeus é a principal evidência de **Lucas** ser gentio.⁶ Repare que dois escritores dos Evangelhos (Marcos e **Lucas**) estão com Paulo. Esta associação próxima assegura informações precisas e fontes humanas autorizadas para os próprios escritos paulinos.⁷ Observe também que **Lucas** é o único escritor gentio do Novo Testamento e que ele estava com Paulo no fim (2 Tm 4.11).

c) *Demas* (4.14b). A Epístola aos Colossenses e a Epístola a Filemom (cf. 24) foram redigidas antes da deserção de **Demas** e da escrita da Segunda Epístola a Timóteo (2 Tm 4.10). Nesta carta colossense, Paulo não fala nada sobre **Demas**. Este silêncio singular insinua dúvida ou temor em relação a ele.

B. OS DESTINATÁRIOS DA MENSAGEM, 4.5-17

Agora Paulo dá atenção aos irmãos da igreja colossense e da igreja laodicense.

1. *Ninfa* (4.15,16)

Ninfa era o líder ou pastor da congregação cristã em Laodicéia. Há duas leituras possíveis para o pronome que descreve o lugar onde a igreja se reunia. Pode ser mascu-

lino ou feminino, ou seja, a **casa** dele ou dela.⁸ Visto que Paulo está saudando irmãos, o masculino é a forma mais apropriada (cf. CH, NTLH, que traduzem pelo feminino). Era uma igreja que se reunia em **casa**, onde os discípulos cultuavam a Deus (cf. Rm 16.5; 1 Co 16.19). Do versículo 16, observemos que a Epístola aos Colossenses tinha de ser lida em ambas as igrejas; e que havia igualmente uma **epístola** dirigida à **igreja em Laodicéia** (missiva hoje perdida). Certos intérpretes sugerem que se refere à Epístola aos Efésios. **A que veio de Laodicéia** (16) tem de significar uma carta de Paulo escrita para os **laodicenses**; dificilmente seria uma carta **de Laodicéia** para Paulo.⁹

2. Arquipo (4.17).

Arquipo foi favorecido com uma mensagem especial de Paulo. Era uma ordem concernente ao **ministério** que **Arquipo** exercia, o qual fora dado **no Senhor** (cf. Fm 2). Certos expositores propõem que **Arquipo** precisava desta exortação, porque ele era relaxado.¹⁰ Talvez **atenta** (*blepe*, “vê”, “olha”, BAB) seja aviso sobre os caminhos tortuosos dos gnósticos.

C. A ASSINATURA DO REMETENTE, 4.18

Saudação de minha mão significa, provavelmente, que o apóstolo apanhou a pena do escriba e com sua letra acrescentou o versículo 18. Nestas palavras finais, Paulo quer que os crentes colossenses não esqueçam do sofrimento que ele passou em prol deles. Mas **lembrai-vos das minhas prisões** é mais que uma chamada à solidariedade. É também uma declaração de seu ministério e chamado, os quais estão subordinados à autoridade da Grande Comissão. É ele, o líder dos cristãos, que está preso. Mas temos de ressaltar que ele está preso *a Cristo* como também preso *por Roma*.

Graça, o favor imerecido do Senhor, é a suma da mensagem do evangelho. É a oração final de Paulo pelos crentes colossenses.

Notas

INTRODUÇÃO

¹C. F. D. Moule, "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Greek Testament Commentary* (Cambridge: University Press, 1957), p. 33.

²Baur, Bultmann, etc.

³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 38.

⁴H. C. G. Moule, "The Epistles to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge: University Press, 1893), p. 95.

⁵Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV (Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1931), p. 470.

⁶H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 95.

⁷Wilfred Knox, *St. Paul* (Nova York: D. Appleton Company, 1932), p. 145.

⁸Alexander Maclaren, "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903), p. 2.

SEÇÃO I

¹Ver Introdução.

²H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 63.

³W. J. Conybeare e J. S. Howson, *The Life and Epistles of the Apostle Paul* (Nova York: Thomas Y. Crowell & Company, Publishers, s.d.), pp. 30-34.

⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 147.

⁵W. H. Griffith Thomas, *Christ Preeminent* (Chicago: The Bible Institute Colportage Assn., 1923), pp. 15, 16.

⁶Muitos estudiosos limitam o termo grego *hagios* (1.2; **santos**) à dedicação ou compromisso. Ver Thomas, Carson, Lightfoot e outros.

⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 13.

⁸Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, vol. VI (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), pp. 748, 749.

⁹Otto Schmoller, "Galatians", *A Commentary on the Whole Bible*, editado por John Peter Lange, traduzido para o inglês por Philip Schaff (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1886), p. 49.

¹⁰A. J. Gordon, *In Christ* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1880), p. 9.

¹¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 47.

¹²Ver comentários sobre 1.2.

¹³Ver Introdução.

¹⁴Adam Clarke, *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, vol. II (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), p. 513.

¹⁵Robertson, *op. cit.*, p. 474.

¹⁶A esse respeito (1.6) ver tb. 1.23.

¹⁷W. Knox, *op. cit.*, p. 51.

- ¹⁸Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 51.
- ¹⁹E. Eberhard Nestle, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Privilegierte Wurttembergische Bibelanstalt, 1936), *in loco*.
- ²⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 51.
- ²¹H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 68; Robertson, *op. cit.*, p. 475.
- ²²Herbert M. Carson, "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon", *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960), p. 27.
- ²³Ver Introdução.
- ²⁴H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 69.
- ²⁵*Ib.*, pp. 68, 69. Nos manuscritos originais há confusão constante entre os pronomes "vós" e "nós" (ou "vos" e "nos"), porque estas palavras são quase idênticas em grego.
- ²⁶Ver comentários em 1.4b e na nota 32.
- ²⁷Robertson, *op. cit.*, p. 475.
- ²⁸H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 71.
- ²⁹Carson, *op. cit.*, p. 37. (Ver Robertson, *op. cit.*, p. 476.)
- ³⁰*Ib.*
- ³¹H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 54.
- ³²Carson, *op. cit.*, pp. 37, 38.
- ³³H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 55.
- ³⁴*Ib.*
- ³⁵Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ³⁶H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 73.
- ³⁷Adam Clarke, *op. cit.*, p. 515.
- ³⁸C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 57.
- ³⁹Ver 1 Jo (esp., 1.7), onde a luz equipara a semelhança ética e Deus.
- ⁴⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 56, 57.
- ⁴¹*Ib.*, p. 56.
- ⁴²Deissmann, citado em Robertson, *op. cit.*, p. 477.
- ⁴³Lutero propõe erroneamente que o pagamento é feito a Satanás (1.14).
- ⁴⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 58.
- ⁴⁵Citado em Harry E. Jessop, *Foundations of Doctrine* (Chicago: The Chicago Evangelistic Institute, 1944), p. 69.

SEÇÃO II

- ¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 62.
- ²Ver Jó 38; Sl 2.
- ³Citado em H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 77.
- ⁴Thomas, *op. cit.*, p. 41.

- ⁵C. T. Wood, *The Life, Letters and Religion of St. Paul* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1925), p. 320.
- ⁶Para inteirar-se de um artigo interessante sobre este assunto ver "If Scientists Create Life" (Se os Cientistas criarem Vida), de John R. Holum, *Christianity Today*, vol. VIII, n.º 7 (3 de janeiro de 1964), p. 3.
- ⁷H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 81.
- ⁸C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 69.
- ⁹Robert Jamieson, S. R. Fausset e David Brown, *A Bible Commentary*, vol. II (Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.), *in loco*.
- ¹⁰Alfred Barry, "The Epistle to the Ephesians, Philippians, and Colossians", *Bible Commentary*, editado por Charles John Ellicott (Londres: Cassell & Company, Limited., s.d.), pp. 101, 102. (Ver Robertson, *op. cit.*, p. 480.)
- ¹¹F. F. Bruce, "Colossians", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957), pp. 206-208.
- ¹²Liddell e Scott, *Greek-English Lexicon* (Nova York: American Book Company, 1882), *in loco*.
- ¹³Thomas, *op. cit.*, p. 48.
- ¹⁴John Knox, *Chapters in a Life of Paul* (Nova York: Abingdon Press, s.d.), pp. 151, 152. Ver J. Glenn Gould, *The Precious Blood of Christ* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1951), pp. 91ss.
- ¹⁵Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ¹⁶W. J. Hickie, *Greek-English Lexicon* (Nova York: The Macmillan Company, 1934), *in loco*.
- ¹⁷John Calvin, "Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians", traduzido para o inglês por John Pringle (Edimburgo: T. Constable, 1851), pp. 181-183.
- ¹⁸Ver comentários em 1.6.
- ¹⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 73, 74. (Ver Liddell e Scott, *in loco*.)
- ²⁰Maclaren, *op. cit.*, pp. 114, 115. Ele enfatiza a mudança dramática de Paulo ocorrida no momento de sua conversão (1.23).
- ²¹Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 50.
- ²²*Ib.*, p. 51.
- ²³H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 90.
- ²⁴F. W. Farrar, *Texts Explained* (Nova York: George H. Doran Company, 1899), pp. 263, 264.
- ²⁵H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 91.
- ²⁶*Ib.*
- ²⁷A. B. Simpson, *All in All or Christ in Colossians* (Nova York: Christian Alliance Publishing Company, s.d.), p. 18.
- ²⁸*Ib.*, p. 20.
- ²⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 85.
- ³⁰Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ³¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 85.
- ³²W. E. Sangster, *The Path to Perfection* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1943), p. 41.
- ³³W. T. Purkiser, *Sanctification and Its Synonyms* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1962), pp. 66-68.
- ³⁴Jessop, *op. cit.*, pp. 161, 162. Ele cita Joseph H. Smith na apresentação deste ponto (1.28).

³⁵H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 94.

³⁶Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

³⁷Rev. E. Wayne Stahl (1.29): "Segundo a sua atividade sobrenatural trabalhando em mim em poder".

³⁸Maclaren, *op. cit.*, p. 149.

SEÇÃO III

¹Ver Ap 3.14ss. para inteirar-se de uma descrição da igreja em Laodicéia (2.1) ao término do século I.

²Ver Introdução para inteirar-se da questão sobre Paulo ter visitado as igrejas do vale do Lico.

³Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, pp. 85, 86.

⁵É possível que Paulo esteja emitindo uma nota evangelística (2.2).

⁶Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. III (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), p. 482.

⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 161.

⁸Nestle, *op. cit.*, *in loco*. Ver tb. Alexander Roberts, *Companion to the Revised Version* (Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881), pp. 65-67.

⁹Robertson, *op. cit.*, p. 488.

¹⁰C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 86.

¹¹*Ib.*, p. 88.

¹²*Ib.*, p. 89.

¹³Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁴Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁵Carson, *op. cit.*, p. 59.

¹⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 89.

¹⁷Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁸H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 142.

¹⁹Farrar, *op. cit.*, p. 264.

²⁰Moule citado em Thomas, *op. cit.*, pp. 73, 74.

²¹Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 91. Vincent diz que os **rudimentos do mundo** (2.8) são "ensinos" (*op. cit.*, p. 486).

²²Maclaren, *op. cit.*, p. 193.

²³*Ib.*, p. 194.

²⁴Vincent, *op. cit.*, p. 486.

²⁵Farrar, *op. cit.*, p. 265.

²⁶Clarke, *op. cit.*, *in loco*.

²⁷H. R. Mackintosh, *The Doctrine of the Person of Jesus Christ* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1912), p. 73.

²⁸Bruce, *op. cit.*, pp. 234, 235.

²⁹Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

- ³⁰Robertson, *op. cit.*, p. 77.
- ³¹Carson, *op. cit.*, p. 66.
- ³²William Barclay, *The Promise of the Spirit* (Filadélfia: The Westminster Press, 1960), p. 87.
- ³³Carson, *op. cit.*, p. 66.
- ³⁴Vincent, *op. cit.*, p. 488.
- ³⁵C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 97.
- ³⁶*Ib.*
- ³⁷*Ib.*, p. 98.
- ³⁸*Ib.*, p. 99.
- ³⁹Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁰Vincent, *op. cit.*, p. 492.
- ⁴¹John Bowring. ["A Cruz", *Cantor Cristão*, n.º 84, verso 1. Letra em inglês de John Bowring e em português de Werner Kaschel (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1975; 4.ª impressão). (N. do T.)]
- ⁴²Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴³Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 106.
- ⁴⁵*Ib.*
- ⁴⁶Vincent, *op. cit.*, p. 495.
- ⁴⁷Citado em Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁴⁸W. Knox, *op. cit.*, pp. 138, 139.
- ⁴⁹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 104.
- ⁵⁰Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 105.
- ⁵¹Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵²Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵³Este (2.19) é o ponto de vista de Masson, citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 107.
- ⁵⁴Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ⁵⁵Vincent, *op. cit.*, p. 499, e outros.
- ⁵⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 108.
- ⁵⁷Vincent, *op. cit.*, p. 499.
- ⁵⁸Edgar J. Goodspeed, *The Story of the New Testament* (Chicago: University of Chicago Press, 1916), pp. 42, 43.

SEÇÃO IV

- ¹Thomas, *op. cit.*, p. 92.
- ²Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.
- ³Maclaren, *op. cit.*, p. 261.
- ⁴A. S. Peake, "The Epistle to the Colossians", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. III (Nova York: Hodder & Stoughton, s.d.), pp. 537, 538.

- ⁵Ver nota em 3.9.
- ⁶Vincent, *op. cit.*, p. 502.
- ⁷Peake, *op. cit.*, p. 538.
- ⁸Maclaren, *op. cit.*, pp. 279, 280.
- ⁹*Ib.*
- ¹⁰Nestle, *op. cit.*, *in loco*, notas de rodapé.
- ¹¹Maclaren, *op. cit.*, pp. 282, 283.
- ¹²Vincent, *op. cit.*, p. 502.
- ¹³Citado em C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 118. Ver William Barclay, *Flesh and Spirit* (Nashville: Abingdon Press, 1962), p. 52.
- ¹⁴Peake, *op. cit.*, p. 538.
- ¹⁵Outras listas: Gl 5.20; Ef 4.29-31.
- ¹⁶Barclay, *op. cit.*, p. 23.
- ¹⁷Purkiser, *op. cit.*, p. 58.
- ¹⁸Vincent, *op. cit.*, p. 503.
- ¹⁹Purkiser, *op. cit.*, p. 89, nota 14.
- ²⁰Aludido em Purkiser, *op. cit.*, p. 61.
- ²¹Henry E. Brockett, *Scriptural Freedom from Sin* (Kansas City: Nazarene Publishing House, 1941), p. 100. Cf. a análise nos comentários em Rm 6.6 e Ef 4.22 (CBB).
- ²²*Ib.*, p. 58.
- ²³Purkiser, *op. cit.*, p. 61.
- ²⁴C. F. D. Moule, *op. cit.*, p.120.
- ²⁵Vincent, *op. cit.*, p. 504.
- ²⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 123.
- ²⁷Herman Olshausen, *Biblical Commentary on the New Testament*, vol. V (Nova York: Sheldon & Company, 1872), p. 232.
- ²⁸Carson, *op. cit.*, p. 87.
- ²⁹Ver Carson, nota 28.
- ³⁰Ver BJ, BV, NTLH, NVI, RA.
- ³¹Nestle, *op. cit.*, *in loco*.
- ³²Carson, *op. cit.*, p. 91.
- ³³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 127.
- ³⁴E. Stanley Jones, *The Word Became Flesh* (Nova York: Abingdon Press, 1963), pp. 29, 30.
- ³⁵C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 128.
- ³⁶*Ib.*
- ³⁷Maclaren, *op. cit.*, p. 337.
- ³⁸Robertson, *op. cit.*, p. 506.
- ³⁹*Ib.*

⁴⁰Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

⁴¹Robertson, *op. cit.*, p. 507.

⁴²C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 130.

⁴³Robertson, *op. cit.*

⁴⁴Fanny Crosby. ["Exultação", *Cantor Cristão*, n.º 15. Letra em inglês de Fanny Crosby e em português de Joseph Jones (Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1975; 4.ª impressão). (N. do T.)]

⁴⁵Thomas, *op. cit.*, pp. 108, 109.

⁴⁶*Ib.*, p. 110.

SEÇÃO V

¹C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 136.

²Certos expositores sugerem que esta referência a Marcos (4.10) implica em uma data mais antiga para a Epístola aos Colossenses. Seja como for, Demas (14) ainda está com ele. Ver "Data", na Introdução.

³C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 138.

⁴Ver comentários em 2.10.

⁵Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

⁶C. F. D. Moule, *op. cit.*, p. 137.

⁷*Ib.*

⁸Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

⁹Carson, *op. cit.*, pp. 101, 102.

¹⁰Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, *in loco*.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARRY, Alfred. "The Epistle to the Ephesians, Philippians, and Colossians." *Bible Commentary*. Editado por Charles John Ellicott. Londres: Cassell & Company, Limited., s.d.
- BRUCE, F. F. "Colossians." *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957.
- CALVIN, John. "Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians." Traduzido para o inglês por John Pringle. Edimburgo: T. Constable, 1851.
- CARSON, Herbert M. "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon." *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. VI. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- JAMIESON, Robert, FAUSSET, S. R. e BROWN, David. *A Bible Commentary*, Vol. II. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- MACLAREN, Alexander. "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon." *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903.
- MOULE, C. F. D. "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Greek Testament Commentary*. Cambridge: University Press, 1957.
- MOULE, H. C. G. "The Epistles to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. Cambridge: University Press, 1893.
- OLSHAUSEN, Herman. *Biblical Commentary on the New Testament*, Vol. V. Nova York: Sheldon & Company, 1872.
- PEAKE, A. S. "The Epistle to the Colossians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. III. Nova York: Hodder & Stoughton, s.d.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Harper & Brothers Publishers, 1931.
- SCHMOLLER, Otto. "Galatians." *A Commentary on the Whole Bible*. Editado por John Peter Lange. Traduzido para o inglês por Philip Schaff. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1886.
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. III. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946.

II. OUTROS LIVROS

- BARCLAY, William. *Flesh and Spirit*. Nashville: Abingdon Press, 1962.
- _____. *The Promise of the Spirit*. Filadélfia: The Westminster Press, 1960.
- BROCKETT, Henry E. *Scriptural Freedom from Sin*. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1941.
- CONYBEARE, W. J. e HOWSON, J. S. *The Life and Epistles of the Apostle Paul*. Nova York: Thomas Y. Crowell & Company, Publishers, s.d.
- FARRAR, F. W. *Texts Explained*. Nova York: George H. Doran Company, 1899.
- GOODSPEED, Edgar J. *The Story of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1916.

- GORDON, A. J. *In Christ*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1880.
- GOULD, J. Glenn. *The Precious Blood of Christ*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1951.
- HICKIE, W. J. *Greek-English Lexicon*. Nova York: The Macmillan Company, 1934.
- JESSOP, Harry E. *Foundations of Doctrine*. Chicago: The Chicago Evangelistic Institute, 1944.
- JONES, E. Stanley. *The Word Became Flesh*. Nova York: Abingdon Press, 1963.
- KNOX, John. *Chapters in a Life of Paul*. Nova York: Abingdon Press, s.d.
- KNOX, Wilfred. *St. Paul*. Nova York: D. Appleton Company, 1932.
- LIDDELL e SCOTT. *Greek-English Lexicon*. Nova York: American Book Company, 1882.
- MACKINTOSH, H. R. *The Doctrine of the Person of Jesus Christ*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.
- NESTLE, E. Eberhard. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Privilegierte Wurttembergische Bibelanstalt, 1936.
- PURKISER, W. T. *Sanctification and Its Synonyms*. Kansas City: Beacon Hill Press, 1962.
- ROBERTS, Alexander. *Companion to the Revised Version*. Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881.
- SANGSTER, W. E. *The Path to Perfection*. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1943.
- SIMPSON, A. B. *All in All or Christ in Colossians*. Nova York: Christian Alliance Publishing Company, s.d.
- THOMAS, W. H. Griffith. *Christ Preeminent*. Chicago: The Bible Institute Colportage Assn., 1923.
- WOOD, C. T. *The Life, Letters and Religion of St. Paul*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1925.

III. ARTIGOS

- HOLUM, John R. "If Scientists Create Life." *Christianity Today*, Vol. VIII, n.º 7 (3 de janeiro de 1964), p. 3.

A Primeira e a Segunda Epístolas aos
TESSALONICENSES

Arnold E. Airhart

Introdução

A. Cidade de Tessalônica

Por mais de dois mil anos, Tessalônica (ver Mapa 1; o nome atual é Salônica) manteve posição de importância como centro de influência grega. Foi fundada em 315 a.C. pelo rei macedônio, Cassandro, que deu à cidade o nome de sua esposa, Tessalônica, irmã de Alexandre, o Grande. No período romano, foi feita capital política e, em 42 a.C., recebeu a condição legal de “cidade livre”, por ter tomado o partido de Antônio e Otávio na segunda guerra civil. Como cidade livre, nomeava seus próprios magistrados, chamados “politarcas” (At 17.6, BJ).

Tessalônica localizava-se na via Egnácia, a grande estrada que unia o Ocidente e o Oriente. Possuía um porto famoso, que, nos dias de Paulo, era ponto estratégico e convergente de cultura e comércio, centro importante e próspero. Cícero disse que ela estava “situada no colo do império”.¹ Foi um centro fundamental no comércio mundial, na cultura helenística, no governo romano, na influência judaica e, por conseguinte, na estratégia missionária cristã.

B. Fundação da Igreja

Quando Paulo e seus companheiros saíram do porto de Trôade, navegando pelo mar Egeu, e aportaram na Macedônia, começava a invasão missionária cristã da Europa (At 16.6-12). Deixando Filipos, deduzimos de Atos 17.1 que eles escolheram deliberadamente Tessalônica como centro estratégico no qual fundar uma igreja.² A história é narrada em Atos 17.1-10. Paulo pregou na sinagoga por três sábados consecutivos, mas é possível que seu ministério tenha continuado por mais semanas. Bicknell mostra que esta idéia é pressuposta pela atividade comercial de Paulo (1 Ts 2.9), e por ter recebido duas ofertas de Filipos durante esse período (Fp 4.16).³ Outra evidência relativa à extensão da permanência na cidade encontra-se no número elevado de convertidos proveniente do paganismo (cf. 1 Ts 1.9). O sucesso de Paulo foi tão estupendo que os judeus incrédulos foram “movidos de inveja” e tantas dificuldades causaram, que Paulo e Silas tiveram de sair da cidade “de noite” (At 17.5,10). E deixaram para trás uma igreja forte, testemunhadora e em crescimento (cf. 1 Ts 1).

C. Ocasião da Primeira Carta

De Tessalônica, o grupo foi para Beréia (ver Mapa 1), onde fundaram outra igreja. Nessa cidade ocorreu outra perseguição instigada pelos judeus tessalonicenses. Deixando Timóteo e Silas em Beréia, Paulo viajou para Atenas (At 17.10-15). Por causa de sua crescente preocupação pela igreja tessalônica, o apóstolo logo enviou Timóteo de volta a Tessalônica para que ele ministrasse e voltasse com notícias (cf. comentários em 1 Ts 3.1,2). Enquanto isso, Paulo foi para Corinto, aonde poucos dias depois chegaram Timóteo e Silas (At 18.5), trazendo as notícias ansiosamente esperadas. O bom relatório sobre o sucesso

contínuo da igreja missionária estratégica levou o sitiado apóstolo a alegrar-se excessivamente (cf. 1 Ts 2.19,20; 3.7-9). Com imenso alívio de espírito e afeto pessoal, ele escreveu 1 Tessalonicenses e a enviou por um mensageiro, cuja identidade desconhecemos.

D. Lugar e Data da Escrita

Fundamentada principalmente em Atos 18.5, junto outros fatos conhecidos, a opinião geral é que a primeira carta foi escrita em Corinto. A permanência de Paulo naquela cidade é um dos pontos fixos na cronologia paulina. Enquanto estava em Corinto, ele foi levado à presença de Gálio, procônsul ou governador da Acaia (At 18.12-17). Inscrições em pedras encontradas em Delfos contêm o nome do imperador Cláudio e do procônsul Gálio, além de uma data: a 26^a aclamação do imperador como regente. Levando em conta que os governadores ficavam no governo apenas por um ou no máximo dois anos, é possível datar que o mandato de Gálio em Corinto começou em julho de 51 d.C. Considerando que Paulo ficou em Corinto por 18 meses (At 18.11), é provável que chegou ali pouco antes de Gálio ser nomeado governador. A narrativa nos leva a presumir que ele escreveu 1 Tessalonicenses não muito tempo depois de chegar a Corinto. Assim, a data aceita da carta é 50, ou possivelmente 51 d.C. Felizmente, esta data serve como espécie de âncora para datar os movimentos de Paulo.

E. Propósito da Primeira Carta

O teor da carta revela nitidamente a informação que Timóteo trouxe da igreja. A carta transborda com expressões de amor e encorajamento. São reações espontâneas do coração de Paulo. Há, todavia, pelo menos quatro questões preocupantes (ver análise ao longo deste comentário). Os opositoristas maldosamente caluniavam o caráter e ministério de Paulo. Por causa da recente associação dos convertidos com os padrões pagãos, havia certo perigo de frouxidão em assuntos morais; alguns crentes tessalonicenses chegaram a ser tentados. Havia também mal-entendidos sobre o ensino da segunda vinda de Jesus. E havia o crescente problema de desrespeito pela liderança que afetava a disciplina da igreja. Como solução básica, Paulo escreveu perspicazmente sobre a experiência de santidade de coração e o crescimento na graça cristã.

F. Ocasião e Data da Segunda Carta

Silas e Timóteo estavam com Paulo quando ele escreveu a segunda carta (2 Ts 1.1). De acordo com a história em Atos, Corinto é o único lugar conhecido onde os três estavam reunidos antes do retorno de Paulo para a Macedônia.⁴ Uma comparação entre as duas cartas confirma a opinião aceita de que a segunda carta também foi escrita em Corinto em curto espaço de tempo (possivelmente algumas semanas) depois da primeira.⁵ Pelas referências da carta, é justo presumir que Paulo recebera de Tessalônica uma mensagem verbal ou escrita, imediatamente após a entrega da primeira carta.

G. Propósito da Segunda Carta

Dois dos problemas tratados na primeira carta, degradação moral e difamações contra Paulo, não são mencionados na segunda. É indubitável que a primeira carta causara o efeito desejado nas pessoas envolvidas (cf. 2 Ts 1.3; 3.1-3).

Os equívocos sobre a segunda vinda de Jesus continuaram e tinham avançado. O próprio Paulo era citado por ensinar uma opinião, a qual ele vigorosamente negava (2 Ts 2.1-3). Além disso, o problema disciplinar de pessoas de má conduta (que surgiu provavelmente pelas interpretações errôneas da segunda vinda) ficara pior em vez de melhorar. Paulo escreve para corrigir estes assuntos e, assim, compõe passagens inspiradoras (ver 1.1-10; 2.13-17) para animar os perseguidos e os de pouco ânimo.

H. Autoria das Cartas Tessalonicenses

A autoria paulina da primeira carta é aceita de modo a não levantar dúvidas. É atestada com evidências externas e internas. As evidências externas a favor da autoria paulina da segunda carta são igualmente e até mais fortes que as da primeira.⁶ Contudo, certos estudiosos encontram problemas de autoria no teor da carta. As dificuldades têm a ver com supostas diferenças entre as duas cartas no que tange à escatologia e ao tom. O estranho é que outros estudiosos encontram problemas no fato oposto — semelhança grande demais no estilo, o que leva a supor que houve falsificação. A própria carta afirma a autoria de Paulo, e a maioria dos estudiosos opina que não há problemas internos o suficiente para desacreditar a genuinidade da carta.⁷

I. Importância destas Cartas

Fazendo a imagem mental de Paulo ditando a primeira carta em Corinto, Miller escreve: “Teria sido coisa trivial para o espectador comum, mas era um momento cheio de tremenda importância. Hoje, reconhecemos que essa carta é a mais antiga escritura cristã que chegou até nós. Essa carta foi o começo do Novo Testamento”.⁸

Escritas apenas 20 anos depois da ressurreição de Cristo, estas cartas revelam um quadro importante da igreja primitiva. A cortina é aberta e vemos os problemas, esperanças, comunhão, disciplina e padrões daquela igreja.

Vemos também sucintamente as grandes doutrinas de Deus, da deidade de Jesus Cristo, do Espírito Santo, da santificação dos crentes e da segunda vinda de Cristo. As duas últimas são particularmente declaradas com muita clareza, mas com economia de palavras. A data das cartas arrasa toda teoria que sustente que foram necessárias gerações para que estas doutrinas do cristianismo evoluíssem.

Um dos aspectos mais intrigantes do estudo das cartas tessalonicenses é que servem de janelas que se abrem para a personalidade de Paulo. É onde ele revela o coração, as esperanças e o ser humano. Discernimentos sobre seus métodos e trabalho como missionário-pastor são recompensas do estudo cuidadoso. O exame atencioso do coração do grande apóstolo não deixa de tornar o leitor uma pessoa melhor.

Esboço

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. CORRESPONDÊNCIA PESSOAL, 1.1—3.13

A. Endereço e Saudação, 1.1

B. Ação de Graças pelas Vitórias do Evangelho, 1.2-10

1. Evidências dos Valores Cristãos, 1.2,3
2. Sinais de Conversão Genuína, 1.4-10

C. Lembrança que Fortalece, 2.1-16

1. O Caráter do Ministério de Paulo, 2.1-12
2. A Defesa da Mensagem de Paulo, 2.13-16

D. Preocupação pela Firmeza, 2.17—3.13

1. A Preocupação Ocasiona a Missão de Timóteo, 2.17—3.8
2. Oração pelo Estabelecimento em Santidade, 3.9-13

II. ENSINOS ÉTICOS E DOUTRINÁRIOS, 4.1—5.28

A. Orientações sobre o Andar Cristão Diário, 4.1-12

1. Vida de Obediência e Pureza, 4.1-8
2. Amor Fraternal e Trabalho, 4.9-12

B. A Vinda do Senhor, 4.13—5.11

1. Os que Morreram em Cristo, 4.13-18
2. A Igreja Viva, 5.1-11

C. Exortações à Vida de Santidade, 5.12-24

1. Disciplina Congregacional, 5.12-15
2. Vitória Constante, 5.16-18
3. Discernimento Espiritual, 5.19-22
4. Graça Santificadora, 5.23,24

D. Conclusão e Bênção, 5.25-28

SEÇÃO I

CORRESPONDÊNCIA PESSOAL

1 Tessalonicenses 1.1—3.13

A. ENDEREÇO E SAUDAÇÃO, 1.1

As palavras de abertura **Paulo, e Silvano, e Timóteo**, à igreja dos **tessalonicenses** mostram que este documento não é um tratado, mas uma carta pessoal. Esta era a maneira convencional de iniciar uma carta no século I: primeiro o nome do remetente, depois o nome do destinatário e em seguida a saudação.

De todas as cartas do Novo Testamento escritas por **Paulo**, só nessas aos tessalonicenses ele se chama simplesmente de **Paulo** sem adicionar “apóstolo” ou outro título. Talvez esta omissão sugira a afabilidade de suas relações com a igreja. Esta idéia está de acordo com o tom íntimo da carta, embora esteja claro que **Paulo** escreveu com plena consciência de sua autoridade (5.27).

Por cortesia aos seus companheiros e por terem participado com ele no ministério tessalonicense, **Paulo** se associa com **Silvano** e **Timóteo** na redação da carta. Indubitavelmente, a associação significa que os outros dois endossam o teor da carta, mas a carta em si é de **Paulo**. Primeiro ocorre o nome de **Paulo**; depois aparece **Silvano**, o mais velho dos outros dois e antigo companheiro de Paulo (At 15.22-41); e por último **Timóteo**, o mais jovem, que se juntara na segunda expedição missionária em jornadas pela Ásia (At 16.1-3). O grande apóstolo se associa sem afetação com seus colegas menores. O evangelho de Cristo não oblitera distinções comuns, quer de nível social, de cargo ou de talento natural. O que faz, pela graça da humildade, é unir todas as categorias em uma associação de amor e trabalho sem designação de condescendência ou servilismo

consciente. **Silvano**, chamado Silas¹ em Atos, também se uniu a Paulo pela mais intensa participação nos sofrimentos comuns de ambos.

Se Paulo tivesse empregado sua forma habitual de escrita, ele teria dito “à igreja em Tessalônica”. A forma **à igreja dos tessalonicenses** (1) dirige a atenção à assembléia local dos cristãos e não à sua relação com a igreja universal.

Em Deus, o Pai, e no Senhor Jesus Cristo (1) é expressão descritiva e definitiva da verdadeira igreja. Trata-se de rico conceito do Novo Testamento. Os cristãos estão “em Cristo”, relação dinâmica e diária, através da união vital com ele.² Esta assembléia local e remota faz parte do corpo universal de Cristo (cf. Rm 12.5). Isto está em nítido contraste com os que estão “em trevas” (5.4) ou “no mundo” (Ef 2.12).

A expressão tem significação trinitária. Depois de uma única preposição **em** (a segunda preposição não ocorre no texto grego [1; note o grifo usado na RC, **no**]), Paulo naturalmente associa **Deus Pai** e **Senhor Jesus Cristo**, dando a mais alta opinião possível da pessoa de Cristo. **Senhor** é a palavra habitual para referir-se a Jeová na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento. Também para os gentios, a palavra transmitia a idéia de divindade. O agrupamento dos nomes **Senhor** com **Jesus** (o nome pessoal e humano) e **Cristo** (Messias, o ungido e ordenado de Deus; o nome oficial) em um título fornece a designação gloriosa de nosso Salvador. A cristologia desta carta, talvez o mais antigo documento neotestamentário, é clara. Desde o início, esta era a fé da igreja.

De certo modo que lhe é distintivo, Paulo combina as formas gregas e hebraicas de saudação: **Graça e paz tenhais** (1). Por leve alteração (de *chairein* para *charis*), a “saudação” grega comum se torna “graça”, a palavra cristã de rico significado. **Paz** (*eirene*, hb., *shalom*) significa muito mais que ausência de luta. “É a prosperidade espiritual que desfruta quem recebe o favor divino.”³ A saudação é mais que desejo sincero. É também a promessa implícita da **graça** de Deus, e de sua **paz** através da graça⁴ para todos os que crerem.

B. AÇÃO DE GRAÇAS PELAS VITÓRIAS DO EVANGELHO, 1.2-10

A ação de graças de Paulo, **sempre damos graças a Deus por vós todos** (2) é mais que forma educada usada comumente em carta convencional escrita naqueles dias. Ela ilustra a relação afetuosa e pessoal do apóstolo com os seus convertidos, e poreja intenso sentimento, alegria e solicitude. Esta passagem é testemunho vívido da igreja missionária primitiva, mostrando como a força totalmente transformadora do evangelho se comportava em ambiente pagão.

1. Evidências dos Valores Cristãos (1.2,3)

Fazendo menção de vós em nossas orações (2) está unido com **lembrando-nos, sem cessar** (3), como se desse a entender que a oração era a atmosfera da vida diária dos líderes cristãos. Sem dúvida que oravam pelos crentes tessalonicenses por nome, e possivelmente nas orações dos três missionários juntos.

Aqui pela primeira vez nas suas cartas, Paulo apresenta a famosa trilogia **fé, esperança e caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA). Em 1 Coríntios 13, onde o amor está sob análise, ele é alistado por último. Aqui, onde a ênfase está mais na volta de Cristo, a **esperança** está na posição culminante (cf. tb. 5.8). Gramaticamente,

porém, não é a famosa trilogia que está em proeminência, mas a **obra** que é a consequência da **fé**; o **trabalho** que é a expressão do amor; e a **paciência** (“firmeza”, AEC, BV, RA; “resistência”) que é produto da **esperança** cristã.

As evidências externas dos valores cristãos interiores e eternos têm de aparecer na vida diária destes convertidos: as atividades transformadas, a labuta amorosa, a resistência sob pressão. Inversamente, a eficácia surpreendente do testemunho (6-10) só pode ser explicada pela efusão de qualidades divinamente implantadas. A verdadeira **fé** se mostra por obras correspondentes; mas meras “boas obras” que não emanem da **fé** carecerão de frutificação espiritual; o amor divinamente implantado fará surgir ações vigorosas de grande custo;⁵ motivos menores que estes fracassarão sob prova. A **esperança** cristã manterá os homens firmes sob tensão; o mero idealismo humano esfacela-se sob pressão (cf. Cl 1.4,5; Hb 10.22-24; 1 Pe 1.21,22; Ap 2.2-4).

A **fé** é a resposta pessoal à graça de Deus: confiante, dependente, comprometida com Cristo (cf. Gl 5.6). O termo grego distintamente cristão e sublime para referir-se a amor, *agape*, é a base para a ação cristã (cf. 2 Co 5.14). A **esperança** do Novo Testamento, não o mero sentimento, significa certeza com relação ao que ainda é futuro. Ela ratifica o propósito e a vitória divina, e é inimiga de todas as opiniões fatalistas, cíclicas, evolutivas ou divergentes, que entronizem a força casuísta (cf. Rm 8.24; Hb 6.11-19). Estas supremas virtudes cristãs resultam em *ação*. O cristianismo é mais que contemplação.

A construção sintática grega do versículo 3 é difícil. Em geral, é melhor entender que **diante** (“na presença”, BAB, NTLH) **de nosso Deus e Pai** combina com **lembrando-nos**.⁶ Temos esta tradução: “Recordando-nos, diante do nosso Deus e Pai, da operosidade da vossa fé” (RA). Pelo visto, também é melhor entender que **em nosso Senhor Jesus Cristo** modifica diretamente apenas **paciência da esperança**. É verdade, claro, que todos os três atributos nomeados estão **em nosso Senhor Jesus Cristo**, assim como a totalidade da vida do cristão é vivida em Jesus Cristo e por meio dele.

2. *Sinais de Conversão Genuína* (1.4-10)

Em linguagem exuberante, Paulo relembra a origem emocionante da igreja tessalonicense. Eles são chamados de **amados irmãos... de Deus** (4). A frase **de Deus** deve ser colocada depois de **irmãos**, e não depois de **é** referindo-se à **eleição** (cf. AEC, BAB, BJ, NVI, RA). A fraternidade cristã é a fraternidade dos filhos **de Deus** que nasceram de novo e estão mutuamente unidos pelo amor e pela vida comum que têm em Cristo. É muito real e forte. Tais pessoas foram e são amadas continuamente por Deus (cf. Rm 8.31-39). “Amados por Deus” (BV) era termo reservado no Antigo Testamento para Israel e pessoas especiais. Em Cristo, todos os homens tomam parte do privilégio.

Acerca dos tessalonicenses cristãos, Paulo confirma: **sabendo... a vossa eleição** (4). É comum este conceito bíblico ser erroneamente interpretado ou torcido. **Eleição** significa escolha, e nas **Escrituras** os eleitos são aqueles a quem **Deus** escolheu para serem seus filhos e herdeiros da vida eterna. A construção grega (4) denota que o ato de **eleição de Deus** brota do seu amor imutável. Há acordo sobre este ponto entre todos os que aceitam as **Escrituras** como regra. A divisão surge na questão do método e base da **eleição**. Para um grupo, é a deliberação secreta e eterna **de Deus**, sua escolha soberana de certos indivíduos, ao mesmo tempo em que ele ignora os demais. Mas o único ponto de vista consistente com o teor geral das **Escrituras**, como também com todas as passagens em questão, é o que ensina que a

eleição é a escolha **de Deus** para a vida, pela graça, de todos os que salvadoramente crêem em Jesus Cristo. O chamado é universal, de forma que ainda que o princípio no qual a escolha é feita seja decretado eternamente, a **eleição** não é arbitrária, mas condicional à aceitação da oferta de misericórdia em Cristo. A escolha é condicional, e, portanto, os eleitos são aqueles que permanecem na fé e perseveram na obediência⁷ (cf. 2.13-15; 2 Pe 1.10).

Paulo não hesita em insistir no conhecimento da **eleição** para a salvação pessoal. Tal garantia é promessa das Escrituras. A força da palavra **porque**, que inicia o versículo 5, denota que a **eleição** dos tessalonicenses foi deduzida dos fatos indisputáveis de sua experiência. Eles têm “fé”, “amor” e “esperança” (3) em Jesus Cristo? E estas virtudes se mostram em “obra” (3), por exemplo, afastar-se **dos ídolos**; em “trabalho” (3), por exemplo, **servir ao Deus vivo e verdadeiro**; e em “paciência” (3), por exemplo, **esperar dos céus a seu Filho** (cf. 9,10)? O auto-exame minucioso não deve suscitar dúvidas ansiosas, mas combater a falsa confiança na bênção de um dia que é apenas lembrança.

Paulo nos lembra o que James Denney denomina de “os sinais da eleição”.⁸

a) *A maneira da chegada do evangelho* (5). Na pregação, os missionários conheceram a sanção do Espírito Santo, dando força espiritual às palavras que diziam e produzindo neles grande confiança e ousadia. O argumento é que a mensagem comprovou sua veracidade por meio de evidências inerentes na própria pregação.

Paulo pode falar de **nosso evangelho** (5; 2.14; 2 Co 4.3; cf. “meu evangelho”, Rm 2.16; 16.25). É o evangelho de Deus (2.2,8,9), ou o evangelho de Cristo (3.2). É o evangelho de Paulo no sentido de ter sido experimentado pessoalmente e também de ser administrador de uma incumbência sagrada (2.4). Na pregação primitiva do evangelho, o querigma, havia a salvação pela graça de Deus, proclamada nos profetas, mas agora realizada na morte e ressurreição de Jesus Cristo, o Messias.

Quando a pregação é **somente em palavras** (5), quer dizer, com mero raciocínio ou eloquência humana, os resultados também são meramente humanos (cf. 1 Co 2.1-5, que fala sobre um período de tempo muito próximo desta carta). O **evangelho** chegou a Tessalônica **também em poder**, uma dinamite espiritual. As palavras **e no Espírito Santo** são explicativas, ou seja, o poder em ação era do **Espírito Santo**. A palavra pregada tem poder, porque é o instrumento do **Espírito Santo** para realizar sua obra de graça, onde quer que ele não seja impedido de fazer. Fazendo um comentário sobre a construção grega, Moffatt observa que a palavra traduzida por **muita certeza** “denota convicção pessoal e confiança inabalável por parte dos pregadores”.⁹ A trombeta do **evangelho** não soara com som incerto. Deus usou homens em Tessalônica, que já tinham demonstrado suas convicções em Filipos (At 16).

A frase final do versículo 5, **quais fomos entre vós**, sugere que a vida dos pregadores confirmava a mensagem que anunciavam. Este fato fazia contraste com os mestres itinerantes daqueles dias que ganhavam a vida adotando filosofias modernas (cf. 2.1-12).

b) *A manifestação do poder do evangelho* (1.6-10). A evidência do poder do evangelho se manifestava mais objetivamente na mudança, um milagre de transformação que ocorria nas pessoas que ouviam a Palavra. A corrente de evidências tem muitos elos.

Primeiro, **e vós fostes feitos nossos imitadores** (a palavra “mímica” é derivada da mesma raiz grega da palavra traduzida por **imitadores**) **e do Senhor** (6). Conscien-

te de sua integridade, Paulo não hesita em dizer: “Meus irmãos, imitem a mim assim como eu imito a Cristo” (1 Co 11.1, CH; cf. 1 Co 4.16; Ef 5.1). A vida de Cristo deve ser, por assim dizer, reencarnada no exemplo consistente dos seus discípulos. A ordem de palavras — primeiro **nossos** e depois **do Senhor** — é significativa. “Nós [cristãos] somos a única Bíblia que o mundo indiferente lê.”

Fator importante nesta imitação é a obediência alegre que prestavam à Palavra, a despeito da oposição severa. Neste caminho, o Salvador passou à frente deles! Foi o que aconteceu com Paulo e Silas em Filipos. Eles haviam sofrido a impetuosidade irascível das multidões, e a perseguição ainda continuava (cf. 2.14; 3.2-4; 2 Ts 1.4).

Recebendo (o termo transmite a idéia de recepção cordial) **a palavra em muita tribulação** (6). A palavra **tribulação** (*thlipsei*, “aflição”) denota pressão esmagadora. O verbo cognato era usado para referir-se a esmagar uvas no lagar ou prensa de vinho (cf. Mt 13.21; 24.21; Ap 7.14). A combinação paradoxal de **tribulação** e **gozo** é outra evidência da eleição. Pois essa alegria é proveniente **do Espírito Santo** (Gl 5.22). Não é necessário supor que eles gostassem de sofrer. De qualquer modo, os cristãos, por adotarem uma escala de valores diferente, vêem claramente que seguir a Cristo ocasiona inevitáveis custos e antagonismos. Quando essa realidade é aceita com **gozo**, existe a marca de autenticidade (cf. At 5.41; 1 Pe 4.12-16).

Quem começa como imitador logo se torna exemplo. É o que ocorre com a expansão do evangelho. **De maneira que fostes** (7; lit., “vos tornastes”, BAB, BJ, RA; cf. BV, CH, NTLH, NVI) **exemplo** (note que a palavra está no singular, conforme ocorre no original grego). Do termo grego *typos* (**exemplo**) vem a palavra “tipo”. De nenhuma outra igreja se diz que se tornou padrão ou igreja-modelo. Que tremendo elogio! A igreja em Tessalônica se tornou “modelo” (BJ, NVI, RA) **para todos os** “crentes” (NVI, RA). A questão envolvida era autenticidade na fé e experiência. Pelo visto, a idéia é que eles tinham recebido o selo de autenticidade para, por sua vez, serem um “tipo” para os outros.¹⁰ Que igrejas-modelos torcidos podem se tornar quem não imita o Senhor, mas edifica conforme suas próprias especificações!

Porque por vós soou a palavra do Senhor (8). O verbo grego traduzido por **soou** está associado com trovão alto, ou com trombeta, ou ainda com reverberações ressonantes.¹¹ Phillips traduz: “Vocês se tornaram [...] uma espécie de caixa acústica de onde ressoou a palavra do Senhor” (7,8, CH). Se recordarmos as provações de Paulo na Macedônia e sua preocupação aflitiva por esta igreja, entenderemos a extrema satisfação no ministério providencial e estratégico dessa congregação. Sentimos nesta linguagem uma nota de triunfo e até de desafio. As piores circunstâncias não conseguem amordçar a Palavra do Deus. Servem mais exatamente para amplificar a nota da vitória! Esta igreja-modelo irradia ou ecoa, não a sua palavra, mas a **palavra do Senhor**, “a palavra que Cristo inspira”.¹²

A extensão do testemunho ecoou **não somente na Macedônia e Acaia** (8; ver Mapa 1), **mas também em todos os lugares**. Esta última expressão é provavelmente uma hipérbole perdoável. Em 142 a.C., a Grécia fora dividida nestas duas províncias romanas. A Tessalônica comercialmente estratégica situava-se escarranchada no tráfico entre o Ocidente e o Oriente. Barclay observa: “É impossível destacar em demasia a importância da chegada do cristianismo a Tessalônica. Se o cristianismo se estabelecesse em Tessalônica estava sujeito a espalhar-se em direção oeste, ao longo da via Egnácia até conquistar a Ásia inteira,

e em direção leste até tomar de assalto a cidade de Roma. A chegada do cristianismo a Tessalônica foi um dia crucial na feitura do cristianismo em uma religião mundial”¹³.

Paulo se alegra que **a vossa fé para com Deus** (“em Deus”, BJ, BV, CH, NTLH, NVI) **se espalhou** (8). Nada chama mais atenção para o evangelho ou para a igreja que a conversão transformadora de vida de pecadores para Deus. É pertinente perguntar: “Algo está acontecendo em nossa igreja que faz notícia, porque exige uma explicação mais que humana?” De Tessalônica as notícias foram “focadas” pelo tráfego de viajantes até atingir lugares distantes. Esta consequência ilustra a combinação feliz de testemunho espontâneo com evangelismo organizado. Paulo acrescenta: **De tal maneira que já dela (da palavra do Senhor) não temos necessidade de falar coisa alguma**. E no versículo 9, ele diz: **Porque eles mesmos anunciam de nós**. É possível que Paulo tenha obtido essa informação de viajantes que ocorriam estar em Corinto. Vale a pena comentar que Áquila e Priscila haviam acabado de chegar a Corinto provenientes de Roma (At 18.2). Os viajantes **anunciam** (lit., “continuam noticiando”; cf. BV) as notícias (cf. CH). Os crentes tessalonicenses devem ter ficado surpresos ao saberem dessa descrição acerca deles. Nossa luz brilha muito mais longe do que imaginamos.

Nas palavras **anunciam de** (a respeito de) **nós qual a entrada que tivemos para convosco** (9), a atenção volta a ser focalizada em Paulo e seus companheiros. A implicação é que, visto que a narrativa completa da chegada de Paulo a Tessalônica é de conhecimento público, ficará provado que seus detratores, os judeus adversários, são falsos.

O pensamento dos versículos 5 e 6 é retomado sem rodeios: os sinais da conversão genuína. As palavras **como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir ao Deus vivo e verdadeiro** (9) dão a entender que os convertidos, em sua maioria, foram ganhos diretamente do paganismo. A história em Atos não apresenta este detalhe. “Gregos religiosos” (At 17.4) seriam denominados prosélitos do judaísmo e não idólatras. Alguns manuscritos antigos têm a conjunção “e” entre “gregos” e “religiosos”, tornando os “gregos” uma classe separada. Por outro lado, o trabalho de Paulo fora da sinagoga (cf. 2.7-12), sobre o qual Atos nada diz, foi indubitável e suficientemente extensa a ponto de explicar esta declaração¹⁴ do versículo 9.

Certos escritores, entre eles Morris¹⁵ e Ockenga,¹⁶ comentam que Paulo faz três observações ao descrever a conversão dos crentes tessalonicenses: 1) Eles se converteram **dos ídolos para Deus**; 2) Depois, serviram **ao Deus vivo e verdadeiro**; 3) E, ao mesmo tempo, esperavam **dos céus a seu Filho**, ou seja, viviam sob a expectativa da vinda de Cristo (9).

A palavra grega traduzida por **vos convertestes** (9) é o termo característico em Atos para aludir à conversão (At 11.21; 14.15; 15.19; 26.18,20). **A Deus** e **dos ídolos** expressam antíteses. A fim de voltar-se para **Deus**, eles têm de dar as costas para os **ídolos**. O significado é mudança radical exterior e interior; mudança de conduta, mas também de pensamento, atitude e vontade. A idéia envolvida diz respeito ao destino. Sem o verdadeiro arrependimento não há a verdadeira conversão. Paulo não compartilhava a atitude de admiração velada de alguns pela cultura pagã. Ele associou os **ídolos** com impureza e demonismo (1 Co 10.14-21; 2 Co 6.16,17; cf. Ap 9.20). Neil declara: “Não tenhamos ilusão sobre o que significava ser pagão [...] para o homem e a mulher comuns, desorientados por uma multiplicidade de templos e santuários a deuses e deusas inumeráveis, tendo também a astrologia e a demonologia por plano de fundo normal para a

vida. Erotismo era sinônimo de adoração. A conveniência ditava o comportamento. A vida era um empreendimento arriscado com o destino e acabava em extinção”.¹⁷ Quando lembramos que os convertidos de Paulo abandonaram a herança do paganismo, por considerarem vã esse sistema que havia impregnado todo o seu estilo de vida, e que o próprio monte Olimpo ficava a apenas uns 80 quilômetros de distância, as palavras injuriosas dos seus perseguidores se justifica: “Estes que têm alvoroçado o mundo” (At 17.6; cf. BV). Mais ainda, a conversão envolvia virar-se para **Deus**, quer dizer, enfrentar a luz da prestação de contas pessoal e moral ao único **Deus**, Criador, Redentor e Juiz. De fato, a palavra tinha entrado “em poder, e no Espírito Santo” (5).

Esse arrependimento resultou positivamente em dois procedimentos: **servir** e **esperar** (com nova esperança). O verbo grego *douleuein* (**servir**) conota rendição total, o serviço (embora de amor) de um escravo. Na expressão **servir ao Deus vivo e verdadeiro** há contraste com os ídolos mortos, falsos e “nada” (Is 40; 1 Co 8.4; 12.2; Gl 4.8). Deus é real à experiência humana. Trench¹⁸ destaca que o termo grego *alethinos* (**verdadeiro**), quando usado com Deus, significa que Deus cumpre não só a promessa da sua boca, mas também “a promessa mais abrangente do seu nome”. E conclui: “Seja o que for que esse nome expresse, considerado em seu sentido mais alto, mais profundo, mais largo, tudo segundo aquilo que ele deve ser, *isso* ele é ao máximo” (para inteirar-se de outra aplicação da expressão, note Hb 3.12.)

As palavras **e esperar dos céus a seu Filho** (10) são rememorativas de Tito 2.11-13, epístola escrita muito tempo mais tarde, onde Paulo toca novamente a nota escatológica em forma capsular. Servindo como administrador fiel (cf. Lc 12.36-38) neste mundo, o cristão espera com absoluta convicção a glória do próximo mundo. Sua posição característica é olhando para o manhã. A expressão pressupõe preparação e prontidão (1 Jo 3.3).

O **Filho** de Deus é identificado por **Jesus**, a Pessoa histórica, e também por aquele **a quem ressuscitou dos mortos** (10). A ressurreição, sempre em primeiro plano na pregação apostólica, era a prova suprema da filiação de **Jesus** (Rm 1.4). Aqui também estava a principal argumentação em prol da certeza de julgamento (At 17.31), atestando a derrota de Satanás e a deposição final do mal. Aquele que ascendeu ao céu virá outra vez do céu (ver comentários em 4.16).

No ensino de Paulo, a retribuição divina ocupava relação um tanto quanto complementar à doutrina da graça (cf. Rm 1.16-18; 2.1-11; Ef 5.6-8). A lei moral está fundamentada na natureza de Deus, envolvendo amor da justiça e ódio de toda injustiça. Aqui, a palavra grega traduzida por **ira** (10) é *orge*. Em outras passagens, é usado na expressão “ira de Deus” (cf. Jo 3.36; Cl 3.6). Trench, fazendo um comentário sobre esta palavra, afirma que conota o hábito mental permanente e determinado com o propósito de retribuição, em lugar de mera agitação temporária de sentimento. É o complemento necessário do amor de Deus. “Há a ‘ira de Deus’ (Mt 3.7; Rm 12.19; etc.) que não amaria o bem, a menos que odiasse o mal, os dois aspectos estando tão inseparáveis, que ou ele tem os dois ou não tem nenhum; a ira também do misericordioso Filho do Homem (Mc 3.5); e a ira que os justos não somente podem, mas por serem justos, têm de sentir.”¹⁹

Trata-se, então, da **ira** pessoal de Deus, não um processo impessoal pelo qual o mal produz calamidade. Nem pode ser divorciado de “sentir” em Deus, sem, ao mesmo tempo, tornar seu amor uma coisa insensível. Mas a **ira** de Deus não tem as falhas que caracterizam a ira dos homens.

É a **ira futura**, o “dia da ira” inevitável e que se aproxima (Rm 2.5; Ap 6.17), em tremendo contraste com o dia atual da paciência da graça. A idéia não se exaure pelas conseqüências diárias, que sempre estão “chegando” por causa do pecado.

É **Jesus, que nos livra** (lit., “quem nos livra”, ou “Jesus, nosso Libertador”) desta **ira** sobre o pecado. Vincent diz que o verbo grego significa, literalmente, “atrair para si mesmo”.²⁰ **Jesus** está salvando, tirando do perigo, aqueles que estão se entregando, seu passado, presente e futuro, totalmente para ele. Não há dúvida de que a igreja tessalônica ouvira de Paulo as doutrinas da expiação e justificação pela fé.

C. LEMBRANÇA QUE FORTALECE, 2.1-16

Em linguagem afetuosa e pessoal, Paulo se serve com alguns detalhes das lembranças sugeridas no capítulo 1. Seu propósito não é mera reminiscência, mas defesa — defesa justificável do seu ministério pessoal em prol da verdade e da preservação da igreja. Os caluniadores eram, obviamente, judeus fanáticos que, se não podiam golpeá-lo fisicamente, tentavam assassinar-lhe brutalmente o caráter. A oposição não era de dentro, como se deu mais tarde no caso de Corinto, mas de fora da congregação.

1. O Caráter do Ministério de Paulo (2.1-12)

Além de ser modelo de defesa, esta passagem é exemplo fascinante de cuidado pastoral verdadeiramente espiritual.

a) *Pureza de motivos* (2.1-8). Deixando o testemunho de estranhos (1.9), Paulo se volta de novo (cf. 1.5) ao testemunho da própria igreja concernente ao seu ministério: **Porque vós mesmos, irmãos, bem sabeis** (1). Depois de tratar de mentiras, difamação e vilipêndio de sua pessoa, Paulo recorre a fatos conhecidos. Ele lhes refresca a memória da vida que viveu entre eles. Eles sabiam que a **entrada** deles **para convosco** (“a visita que lhes fizemos”, CH, NVI; cf. BV, NTLH) **não foi vã**. O verbo grego *gegonen* (**foi**) está no tempo perfeito, significando ação completa; pode, então, significar literalmente “não provou ser” **vã** (“infrutífera”, RA). Porém, Frame²¹ e outros preferem “de mãos vazias”, dando a entender o conteúdo e poder da pregação (1.5).

No versículo 2, o argumento de Paulo é que pessoas com motivos vis ou egoístas não teriam, depois da perseguição em Filipos, prosseguido em rota tão perigosa, da qual, obviamente, não obteriam lucros egoístas. Têm de haver motivos sublimes para os crentes continuarem um ministério evangelístico verdadeiro e, portanto, dispendioso.

Nas palavras **mas, havendo primeiro padecido e sido agravados** (2; lit., “tratados insultuosamente”, ou “insolentemente”, ou “vergonhosamente”; cf. AEC, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA), Paulo expressa o sofrimento físico e a mágoa profunda das indignidades pessoais suportadas **em Filipos** (cf. At 16). Estas indignidades, inclusive a afronta à cidadania romana, tinham levado Paulo a insistir que os magistrados se desculpassem publicamente (At 16.36-39). Ninguém é mais sutilmente sensível à insolência e injustiça que o homem que se espelha em Cristo. As palavras **como sabeis** podem se referir às marcas da surra nos corpos dos missionários, que ainda eram visíveis quando chegaram a Tessalônica.

Tornamo-nos ousados... para vos falar (2; “tivemos coragem de anunciar-lhes”, NVI) é expressão usada por Paulo várias vezes em Atos. Longe de ficarem intimidados pelos acontecimentos, Paulo e seus companheiros pregaram com energia e liberdade. A coragem, Paulo insiste, estava **em nosso Deus**, quer dizer, veio de **Deus** (cf. BV, CH, NTLH), em quem eles viviam. Ao declarar que ele falou **o evangelho de Deus**, Paulo, refutando os judeus, toma a posição de autoridade máxima para sua mensagem, posição que não seria bem expressa para eles por “evangelho de Cristo” (cf. 8,13; 1.5). Na expressão **com grande combate** (“luta”, NVI, RA), a palavra grega é *agoni* (da qual vem “agonia”). Robertson diz: “Esta ilustração dos jogos atléticos (*agon*) pode referir-se a combate exterior, como em Filipenses 1.30, ou a ansiedade interior (Cl 2.1). Ele [Paulo] teve ambos os tipos de luta em Tessalônica”.²² Em 1 Timóteo 6.12, a mesma palavra grega é traduzida por “milita” (forma verbal) e “milícia” (forma substantival).

Agora Paulo passa (3) a responder diretamente ao que se consideram acusações difamadoras postas em circulação por inimigos implacáveis em Tessalônica. Seria fácil insinuar que Paulo e seus companheiros não eram melhores que os praticantes de um culto, que iam de um lugar para o outro vendendo suas panacéias enganosas aos crédulos e ingênuos. Havia religiões orientais misteriosas e filosofias pagãs sérias que competiam por público. Será que o cristianismo era só mais um desses sistemas religiosos e filosóficos? Paulo enfrenta o desafio seriamente, pois mentiras repetidas começavam a soar plausíveis, e as sementes da dúvida ruínosa foram plantadas.

Eram três as acusações: **Porque a nossa exortação** (apelo) **não foi com engano, nem com imundícia, nem com fraudulência** (3). **Engano** é, literalmente, “erro” (NVI; cf. NTLH), dando a idéia de que Paulo estava iludindo. **Imundícia** (cf. 4.7; Rm 6.19) levanta a acusação de sensualidade ou impureza sexual, embora Denney²³ perceba que o contexto exija que seja considerada apenas como impureza de motivos (cf. CH, BJ, BV, NTLH, NVI). Porém, a comparação com os ritos imorais dos cultos de mistério de então torna a mentira menos surpreendente. Para a mente pagã, a religião e a moralidade não estavam necessariamente conectadas. Mais tarde, esta difamação contra Paulo iria tornar-se predileta nas perseguições das igrejas. A palavra grega traduzida por **fraudulência** (“fraude”, “astúcia”, “artifício”; cf. BJ) é derivada de uma palavra grega que significa “pegar com isca” (cf. Ef 4.14).

Movendo-se da negação franca para a resposta positiva (4-6) a estas difamações, Paulo observa o que são provavelmente as tentações mais sutis que o ministro do evangelho tem de vencer. Para quem serve como líder, estas são palavras investigativas.

As acusações no versículo 3 são falsas por três razões dadas no versículo 4: 1) **Mas, como fomos aprovados de** (lit., “por”, AEC, BAB, NVI, RA) **Deus**. O tempo perfeito denota prova concluída, significando “permanecer aprovados por Deus”. Esta é a resposta à acusação de impureza de motivos (“imundícia”). 2) **Para que o evangelho nos fosse confiado** dá a entender que o **evangelho** se origina em Deus e é deles como incumbência sagrada, portanto, não é ilusão (“engano”). 3) **Assim falamos, não como para agradar aos homens, mas a Deus, que prova o nosso coração** contradiz terminantemente a acusação de que ele usou de astúcia (“fraudulência”). **Fomos aprovados**, que ocorre na primeira frase, e **prova**, na última, são traduções do mesmo verbo grego que significa “pôr à prova”, “provar pondo à prova”. Paulo está dizendo que Deus, que os pôs à prova e os aprovou, também está continuamente (tempo presente) pondo à

prova o **coração** deles (cf. NTLH). Este exame do **coração** (a vida interior total, inclusive os motivos), este escrutínio constante pela Onisciência, é um grande consolo para aqueles cuja meta é **agradar a Deus** e não aos **homens**. Mesmo na melhor das hipóteses, “o homem vê [somente] o que está diante dos olhos”; mas Deus, de quem nada se esconde, “olha para o coração” (1 Sm 16.7).

Não devemos pensar que **agradar aos homens** e **agradar a Deus** sejam opostos no sentido de que receber a desaprovação dos **homens** é evidência da aprovação de Deus. Para ganharmos as pessoas a Cristo é necessário que sejamos simpáticos em nossa abordagem. Mas mesmo aqui há a sutileza da tentação de querermos agradar às pessoas. Como é importante sempre estarmos abertos àquele **que prova o nosso coração!** Paulo estava muito preocupado em manter uma boa consciência (cf. At 24.16).

O apóstolo continua defendendo a sinceridade completa dos missionários, desta feita refutando mais três acusações: 1) **Nunca usamos de palavras lisonjeiras** (5). A idéia de lisonja aqui é mais que a tentativa de dar prazer a outra pessoa mediante palavras bonitas (cf. NTLH); significa tentar obter fins egoístas mediante discurso insincero. A expressão repercute as práticas dos retóricos ambulantes daquela época, e de alguns oradores públicos de nossos dias. Também reflete a acusação judaica de que Paulo pregou um evangelho da graça fácil em contraste com o legalismo judaico. **Como bem sabeis** é outro apelo de Paulo aos fatos estabelecidos. 2) **Nem houve um pretexto de avareza** é, literalmente, “pretexto de ganância” (cf. BJ, NVI); ou parafraseando: “um disfarce para encobrir desejos gananciosos” (cf. AEC, RA). Visto que a questão é de motivos, Paulo apela a Deus: **Deus é testemunha** (5). 3) **E não buscamos glória dos homens, nem de vós, nem de outros** (6). A sugestão é de conduta designada a induzir ou extrair elogios, honras ou manifestações de estima das pessoas. Se tais expressões ocorreram, poderiam ser apreciadas de passagem, sem serem aproveitadas como um fim em si mesmas. Não devemos considerar estas palavras como desaprovação de expressões amáveis de estima a quem ministra.

Autopromoção, vantagem egoísta, glorificação de si mesmo — como são sutis estas tentações na vida do trabalhador cristão que é inflamado com a ambição de ganhar almas para Cristo e promover o seu Reino! Mas, como atesta Paulo, “os limpos de coração” estão cientes da pureza de motivos.

Como prova do que acabara de dizer, Paulo lembra os crentes tessalonicenses que os missionários não insistiram em certos direitos, **ainda que podíamos, como apóstolos de Cristo, ser-vos pesados** (6). Repare nestes exemplos de tradução: “Poderíamos ter feito sentir nosso peso” (NEB; cf. CH). Wuest sugere: “Poderíamos ter nos apoiado em nossa dignidade”.²⁴ “Poderíamos ter feito exigências” (RSV; cf. 7, NTLH). Não sabemos se a referência aqui é, de um lado, ao uso de autoridade (cf. CH) ou, de outro, à exigência de sustento temporal ou financeiro (cf. 7, RA). Possivelmente ambas as idéias são válidas, como dão a entender os três versículos seguintes. Contudo, Paulo sempre é cuidadoso em defender o direito dos que pregam o evangelho para “que vivam do evangelho” (1 Co 9.1-15). Se os companheiros de Paulo estão inclusos na designação **apóstolos**, então a palavra grega *apostoloi* foi, indubitavelmente, usada aqui no sentido geral de “os que são enviados”, ou seja, emissários, embaixadores ou missionários, em lugar de sua referência mais técnica aos doze.

Contrastando as declarações positivas com as negações precedentes, Paulo afirma: **Antes, fomos brandos⁽²⁵⁾ entre vós** (lit., “no meio de vós”; BJ; cf. BAB, CH), **como a ama que cria seus filhos** (7). Estas são palavras notáveis, vindo de alguém outrora

conhecido por Saulo de Tarso, o perseguidor cruel e implacável. Somente do seu Senhor ele poderia ter recebido e aprendido esta bondade como “nova criatura”, alguém realmente “em Cristo” (1 Co 5.17). A referência a **filhos** é, literalmente, “seus próprios filhos” (AEC, BAB), e tem esta leitura: “como a mãe-babá que acaricia (mantém aquecido, cuida com carinho) os próprios filhos” (cf. BJ). Com palavras que soam extravagantes a quem é estranho ao amor de Cristo vemos a profundidade do amor sacrificatório dos missionários pelos convertidos e o alto padrão do cuidado pastoral.

Em grego, **sendo-vos tão afeiçoados** (8) é uma única palavra que ocorre somente aqui no Novo Testamento. Moffatt sugere “tendo saudades de vós”, “anelando-vos muito”.²⁶ A tradução de Frame é semelhante: “ansiando ardentemente por vós”.²⁷ **De boa vontade quiséramos comunicar-vos** (lit., “estávamos muito felizes em vos dar” [cf. RA] — não como possibilidade, mas como algo feito), **não somente o evangelho de Deus, mas ainda a nossa própria alma** (8). Afinal de contas, será realmente possível compartilhar o evangelho do amor de Deus sem, ao mesmo tempo, dar a nossa própria vida? Este envolvimento de coração e alma com as pessoas é caro; mas há, para o ganhador de alma, uma maneira mais fácil? O termo **alma** é derivado de *psyche*, palavra grega traduzida de muitas formas: “o eu”, “o self”, “a pessoa total”, “o ser interior”, “a vida”. O segredo de tudo isso se mostra na expressão **porquanto nos éreis muito queridos** (lit., “porque vós vos tornastes amados por nós”; cf. NVI, RA). Os crentes tessalonicenses se tornaram *agapetoi*, de *agape*, a palavra cristã distintiva para designar este amor divino e altruísta. Não pode haver substituto para esta oferta meiga e repartida por Deus.

b) *Pureza de conduta* (2.9-12). Paulo continua recorrendo afetuosamente à memória dos leitores, fazendo-os lembrar a labuta (9) e as marcas de conduta (10), tanto no que diz respeito ao modo (11) quanto ao assunto (12) da sua exortação. O que acabara de ser dito sobre motivos, agora será apoiado por conduta observável: **Porque bem vos lembrais, irmãos, do nosso trabalho e fadiga** (9). O termo grego *kopon* (**trabalho**) conota o tipo de trabalho; era trabalho duro e cansativo ou esforço custoso (cf. 1.3, “trabalho da caridade [do amor]”). O termo grego *mochthon* (**fadiga**) conota a adversidade, dificuldade ou intensidade da labuta.

De acordo com o costume e ensino judaico, todo menino judeu tinha de aprender uma profissão. Paulo aprendera a fazer tendas (At 18.3) e este era o provável trabalho manual aludido aqui. A expressão **trabalhando noite e dia** (9; não por, mas durante noites e dias) indica provavelmente levantar cedo antes do amanhecer ou trabalhando tarde à noite a fim de ter tempo para o ministério de pregação e ensino. Nós **vos pregamos o evangelho de Deus** (cf. 3.10; 2 Ts 3.8). O propósito deste horário de trabalho doloroso e estrênuo era **para não sermos pesados a nenhum de vós** (9; “a fim de não sermos uma carga para vocês”, NTLH; “para não vivermos à custa de nenhum de vós”, RA).

Paulo não insistirá em “direitos” (cf. 6 e comentários ali), se isto de alguma forma limitar ou impedir a pregação do **evangelho** (9). É o princípio enunciado em 1 Coríntios 6.12; 9.12; 10.23. Talvez fosse consideração pela pobreza dos convertidos, embora o texto de Atos 17 dê a entender que havia pelo menos alguns tessalonicenses que teriam recursos para ofertar. No mínimo, seu trabalho o colocou num nível comum com os crentes **irmãos** tessalonicenses — fator não pouco importante. Ao mesmo tempo, elevou o traba-

lho comum a um lugar de dignidade cristã, posição que fazia direto contraste com a opinião cultural pagã então em vigor (cf. 2 Ts 3.8-10). Fundamentalmente, porém, Paulo desejava acabar com toda base de ataque à sua pessoa e ao **evangelho** que, por associação, houvesse com os charlatões ambulantes daqueles dias, os quais eram gananciosos e buscavam bens materiais. Sabemos que ele aceitou ofertas da igreja em Filipos, enquanto estava em Tessalônica (Fp 4.16). O ministério tão destacadamente honrado pelo Espírito Santo tinha raízes profundas no princípio ético e no amor sacrificatório.

Uma vez mais, Paulo apela ao que eles sabem (cf. 2.1,9,11): **Vós e Deus sois testemunhas** (10; cf. 1.4,5). É importante que a conduta esteja bem visível diante dos homens, mas só o julgamento de Deus é infalível. Os três advérbios resumem a qualidade da conduta do apóstolo: **Quão santa, justa e irrepreensivelmente nos havemos para convosco, os que crestes** (10). Há várias palavras gregas traduzidas por “santo”. Trench²⁸ sugere que a palavra grega usada aqui (*hosios*) conota reverência e obediência piedosa às obrigações morais, por considerá-las ordenações perpétuas e provenientes de Deus. Fazendo um comentário sobre a forma adjetival destas palavras (*santo, justo e irrepreensível*), Frame declara: “O homem é *hosios* quando é dedicado em geral ao serviço de Deus; o homem é *dikaos* quando surge um padrão específico de justiça; e o homem é *amemptos* quando, à luz de determinada norma, é sem repreensão. Todas as três designações são comuns na Septuaginta e denotam a atitude para com Deus e para com os homens; as duas primeiras são positivas, a terceira é negativa”.²⁹

A frase **os que crestes** (10, “vós, os crentes”) é sinônimo de “vós, os cristãos”. Não houvera traço de impropriedade ou egoísmo na relação de Paulo com os crentes tessalonicenses, segundo o acusavam seus caluniadores.

Em vez de ser referência à pregação pública, as palavras: **Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós** (11), estão falando do modo do ministério pastoral particular dos missionários. A frase no grego com os dois participios (**exortávamos, consolávamos**) não tem um verbo para formar uma oração gramatical completa (em certas versões há três participios gregos traduzidos no v. 12: NVI, BJ, RA). Talvez, como às vezes acontecia com Paulo, a frase era deixada gramaticalmente inacabada, visto que o pensamento e o sentimento lhe atropelavam as palavras.

Embora a construção gramatical seja difícil, é melhor considerar que as palavras **a cada um de vós** estejam relacionadas somente com “exortado”. “Consolado” seria o modo no qual a exortação se aplicava a cada um, conforme exigia a necessidade especial de cada um. Assim, temos esta tradução que fornece o verbo “tratar de”: “Tratamos cada um de vós como um pai trata seus filhos, atraindo-vos mediante encorajamentos, bem como por determinações solenes” (NEB).

O primeiro dos participios gregos, *parakalountes*, **exortávamos** (cf. o substantivo relacionado *parakleton*, “Consolador”, Jo 14.16), tem os sentidos de exortar, consolar, encorajar, instruir.³⁰ O segundo, *paramythoumenoi*, **consolávamos**, também significa falar com a finalidade de persuadir, consolar ou encorajar.³¹ Certas traduções têm também um terceiro participio grego, *martyromenoi*, “dando testemunho” (12, NVI), que transmite a idéia de declarar solenemente, protestar, implorar como em nome de Deus (cf. 12, BJ), **exortar enfaticamente**.³²

Mudando da ilustração da mãe com os filhos (7), Paulo declara que ele trocou idéias com seus convertidos **como faz o pai a seus filhos** (11). Esta é ilustração favorita de

Paulo (cf. 1 Co 4.14,15), e, sem dúvida, acarreta em afeto, compreensão, interesse, firmeza e disciplina. A expressão **a cada um de vós** transmite, em grego, a idéia clara de atenção individual (cf. “cada um pessoalmente”, CH). Uns precisaram de mais reafirmação, alegria e motivação. Outros precisaram de orientação e disciplina paternal, ou até de advertência categórica (cf. 5.14; 2 Tm 4.2).

Com a imagem mental do grande apóstolo tratando com tanto cuidado cada pessoa individualmente temos discernimento importante sobre seu ministério; é realmente um exemplo a seguir. Este é um comentário prático sobre: 1) o interesse de Paulo pelo valor individual de cada pessoa diante de Deus; 2) as pessoas como membros individuais do corpo de Cristo; e 3) o ministério individual do Espírito Santo para cada cristão. O conceito do valor infinito de cada alma passou supremamente pelo evangelho de Jesus Cristo. A idéia era revolucionária para grande parte do mundo de Paulo, mas era mais pertinente que no nosso. Na igreja não há verdadeiro evangelismo ou cuidado pastoral que não siga este exemplo.

A finalidade da exortação era **para que vos conduzíseis** (“para que andásseis”, AEC) **dignamente para com Deus, que vos chama** (lit., “está chamando”, CH) **para o seu reino e glória** (12). Eis de novo, como vemos com tanta freqüência no Novo Testamento, que a ética cristã está relacionada com a natureza de Deus e dominada pela escatologia cristã (cf. 3.13; 5.23). Os cristãos andam hoje à luz da segura esperança do amanhã. Andar **dignamente** é frase peculiar de Paulo (cf. Ef 4.1; Cl 1.10). A “conduta” da pessoa, segundo uso em muitas passagens, designa seu procedimento ou modo de vida (4.1,12; Rm 6.4; 8.1; Gl 5.16; Ef 2.2).

O uso do tempo presente, “está chamando” (CH) em vez de **chama**,³³ dá a entender que a chamada de Deus para a salvação no sentido de glória final, embora aceita em uma crise de arrependimento e fé, ainda não é um acontecimento definitivo no passado. Da mesma maneira que Deus sempre está chamando, assim os crentes sempre estão aceitando (ver comentários sobre “livra” em 1.10). A urgência externada no versículo 11 não deve ser interpretada como preocupação apenas pela conduta, mas também pela salvação pessoal.

Em certo sentido, o **reino** veio, é uma posse atual; mas em outro sentido, está vindo, é uma herança futura. O **reino** ou reinado de Deus, pela habitação do Espírito Santo e pela economia da graça divina, já está presente no coração dos crentes. Esse reinado existe naqueles que possuem a soberania divina e lhe fazem a vontade. Mas sua consumação e perfeição ainda estão no futuro; ocorrerão na vinda de Cristo. É este aspecto futuro que é acentuado aqui. **Glória** significa esplendor, magnificência, brilho. Frame declara: “O termo grego *doxa* é paralelo a *basileia* e conota não só o esplendor radiante de Deus ou de Cristo (2 Ts 2.14), mas também a majestade de sua perfeição (cf. Sl 96.6; Rm 3.23)”.³⁴

O versículo 12 sugere “Os Dois Lados da Vida Cristã”: 1) O que Deus faz por nós; e 2) o que devemos fazer por Deus. Em amor incomparável ele nos chama, oferecendo graça e **glória**. Que resposta daremos a esta misericórdia infinita? Podemos aceitar sua oferta e pela graça procurar viver uma vida digna de Deus. Não é um paradoxo? A sugestão é tremenda. O conceito total da graça divina tem sua inferência na absoluta indignidade do homem. O advérbio grego *axios* (**dignamente**) significa também “adequadamente”.³⁵ Em Romanos 12.1 e 2 Coríntios 5.14,15, Paulo trata de nossa reação adequada, apropriada ou digna do amor de Deus.

2. A Defesa da Mensagem de Paulo (2.13-16)

Continuando o apelo afetuoso à memória dos crentes tessalonicenses, a argumentação deixa de falar do caráter ministerial de Paulo e passa a defender sua mensagem. A essência do apelo paulino nesta seção, que envolve a defesa de sua pregação e o encorajamento dos convertidos, é que a palavra que eles receberam como a própria palavra de Deus estava em operação eficaz apesar das perseguições.

a) *O recebimento da Palavra* (2.13). Ao recordar a recepção tessalonicense do evangelho, Paulo sentia-se constantemente grato a Deus: **Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus**. Alguns estudiosos pensam que a palavra **também**, no sentido de “juntamente convosco”, indica que Paulo está se referindo à gratidão dos convertidos, sobre a qual ele ficara sabendo por carta. Contudo, a referência talvez seja mera alusão ao relatório de Timóteo (cf. 2.17—3.8; At 18.3). **Pelo que** diz respeito indubitavelmente à narrativa precedente sobre os trabalhos do apóstolo que, felizmente, não foram em vão. Paulo agradece a Deus incessantemente, **pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus**. O apóstolo afirma, como já fizera em 1.5 e 2.4, opondo-se às insinuações contrárias, que o seu evangelho é a própria **palavra de Deus** e não mera filosofia **de homens**. A lógica que atesta isto é que essa mensagem **também opera** (“está operando”, RA) **em vós, os que crestes** (em vós que estais crendo).

No grego, os verbos traduzidos por **recebido** e **recebestes** (13) não são os mesmos; o primeiro significa uma recepção externa pela mente, ao passo que o segundo significa acolher com aprovação.³⁶ O significado é que quando os crentes tessalonicenses receberam ou ouviram a palavra de Deus com os ouvidos, eles a aceitaram ou acolheram intimamente no coração.³⁷ Diferentes daqueles que agem por incredulidade, eles não julgaram que fossem meras palavras **de homens** (cf. Hb 4.2).

É óbvio que Paulo está afirmando ter a unção, se não a inspiração, pela qual Deus fala com autoridade e poder por meio dos seus mensageiros qualificados. Como é importante ouvir esta mensagem corretamente! “Vede, pois”, disse Jesus, “como ouvis” (Lc 8.18; como ilustrações deste ponto, cf. At 7.54-57; 10.44). A responsabilidade solene está sobre quem ouve a Palavra de Deus falada por pregadores cheios do Espírito. É tragicamente possível estar tão preocupado com a pessoa do pregador, ou tão imbuído de preconceitos mediante pensamentos orgulhosos e obstinados, que a **palavra** se torna meras palavras.

Por outro lado, como é importante o caráter da pregação! É “com autoridade” ou “como os escribas”? Falando sobre o evangelho, James Denney é irrefutável quando escreve: “Mas ele não nos chega [...] solicitando nossa aprovação; submetendo-se, como um sistema de idéias, ao nosso escrutínio e cortejando aprovação. [O evangelho] fala com autoridade. [...] Seu apelo decisivo é feito à consciência e à vontade; e responder a ele é render a vontade e a consciência a Deus”. E falando sobre Paulo, ele continua: “Sua teologia era a suma da verdade divina que ele defendia, e ele *realmente* a pregava — ele não a submetia aos homens como tema para discussão. *Ele a punha acima de discussão*. [...] Ele a promulgava [...] como a palavra de Deus, para a obediência da fé”.³⁸

A palavra grega traduzida por **opera** (13) é forte. A palavra “energia” é derivada desse termo grego. Transmite a idéia de “pôr em operação”.³⁹ A palavra “está operando” somente naqueles que “estão crendo”; conclui-se que a operação cessa quando a fé cessa. Como diz

Morris: “Não podemos viver hoje no capital espiritual de ontem”.⁴⁰ A energia da Palavra é liberada pela fé! O próprio Deus está em ação pela sua Palavra (cf. Hb 4.12; 1 Pe 1.23-25).

A operação da Palavra nos crentes se manifesta no fato de sofrerem pela causa de Cristo e no modo em que suportaram o sofrimento (cf. 1.6).

b) *A operosidade da Palavra* (2.14-16). Com as palavras a seguir, é lógico que Paulo quis dar a entender que os crentes tessalonicenses receberam elevada honra: **Porque vós, irmãos** (cf. 1.4), **haveis sido feitos imitadores** (lit.) **das igrejas de Deus que, na Judéia, estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles** (14). Sofrer pela causa de Cristo, suportar o inevitável antagonismo e perseguição do mundo, é estar desde o princípio na sucessão santa da verdadeira igreja. Para Paulo, a perseguição é prova de autenticidade (cf. Jo 15.20). Ele identifica as **igrejas** (lit., “assembléias”) judaicas como cristãs pelo adendo **que... estão em Cristo**. A alusão aos cristãos judeus (Judéia, ver Mapa 2) é, provavelmente, o fato de terem sido os primeiros a sofrer por Cristo, de serem a parte mais velha da igreja cristã e de terem suportado as provações mais ferrenhas. É evidente que Paulo pensa neles afetuosamente como a igreja-mãe. O sofrimento suportado pelos crentes tessalonicenses é atribuído aos seus **próprios concidadãos**, demonstrando que os gentios foram apanhados na oposição instigada pelos judeus no princípio (cf. At 17.5).

A menção do sofrimento ocasionado pelos judeus desencadeia um “acesso de paixão”⁴¹ em Paulo, condenando a perversidade cruel da nação judaica. É perda de tempo ficarmos desconcertados, se lermos nestes versículos temperamento mau ou índole vingativa. Nem se trata de um momento de mal-humor em discrepância com o sentimento e atitude habituais de Paulo. O que temos aqui é forte denúncia de pecado junto com revelação profética sobre as conseqüências de tais atos. Os pecados dos judeus são catalogados numa série de cinco expressões (no original grego, são frases participiais, estando subentendido o particípio na quarta frase): 1) **Os quais também mataram o Senhor Jesus e os seus próprios profetas**, 2) **e nos têm perseguido**, 3) **e não agradam a Deus**, 4) **e são contrários a todos os homens**, 5) **e nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação** (15,16).

Embora este enunciado tenha sido escrito levando em conta os recentes sofrimentos de Paulo às mãos dos compatriotas judeus em Tessalônica, Beréia e agora, possivelmente, Corinto, Paulo mostra que esta atitude tem sido a tendência da história nacional judaica. A rejeição dos seus próprios profetas atingiu o clímax terrível na crucificação de Jesus (cf. Mt 23.29-39; Mc 12.1-12). A posição primeira deste ato sugere que a totalidade do catálogo de pecados surge da hostilidade a Jesus Cristo. As palavras **nos têm perseguido** (15) podem ser traduzidas por “nos têm expulsado” (cf. CH) ou “nos têm banido”.⁴²

O plano de Deus é salvar o mundo por Jesus Cristo, seu Filho. Os judeus o desagradaram, e foram contrários a todos os homens, obstruindo, em toda oportunidade, o programa de Deus para salvar os homens. Nessa petulância ultrajante, exclusividade mesquinha e cegueira acintosa, eles não só recusaram o próprio Cristo, mas tentaram impedir que as boas novas de salvação alcançassem os gentios.

O resultado de tudo isso para os judeus foi **encherem sempre a medida de seus pecados** (16). Paulo está usando a conhecida ilustração do cálice (cf. Is 51.17); aqui é o cálice da iniquidade. Eles **sempre** (i.e., continuamente) vêm enchendo a medida dos

seus pecados até à borda. O cálice vem enchendo geração após geração; mas agora transbordou. Nada mais pode ser adicionado para tornar o julgamento inevitável; a consequência infalível é declarada: **a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim** (sobre **ira**, ver comentários em 1.10). **Até ao fim** (*eis telos*) pode ser traduzido por “afinal” (AEC; cf. BV, CH, NTLH), opção tradutória apoiada por Frame⁴³ e Robertson.⁴⁴ A referência, porém, não diz respeito a julgamento presente ou passado, mas a certo clímax depois de um longo processo. A construção verbal grega (*tempo aoristo*) dá a entender a realização profética de julgamento que ainda é futura, mas que já está determinada.

Para avaliar esta passagem corretamente devemos lê-la juntamente com passagens como Romanos 2, Filipenses 3.1-7 ou Romanos 9 a 11. Estas passagens mostram a percepção aguçada que Paulo tinha sobre os privilégios e responsabilidades dos judeus, e o amor profundo que sentia por seus irmãos segundo a carne. Talvez Phillips tenha entendido o âmago do sentido quando traduziu: “Durante todos esses anos estiveram aumentando a lista de seus pecados, e finalmente a ira de Deus caiu sobre eles” (CH).

Exclusividade, mentalidade tacaña, egocentrismo, fanatismo e legalismo na religião não estavam e não estão limitados aos judeus. Estes versículos avisam sobre o alto custo da religião sem amor.

D. PREOCUPAÇÃO PELA FIRMEZA, 2.17—3.13

Tendo atizado as recordações dos convertidos com as lembranças do ministério dos missionários entre eles, com o versículo 17 Paulo passa a falar sobre sua relação com eles desde que ele saiu de Tessalônica. O acontecimento central que se deu depois que o grupo missionário partiu é a visita de retorno de Timóteo e o relatório feito a Paulo.

1. A Preocupação Ocasional a Missão de Timóteo (2.17—3.8)

Nesta carta, que é um clássico sobre a relação afetiva entre o missionário e seus convertidos (ou entre o pastor e sua congregação), o ápice do sentimento ocorre em 2.17-20. O contexto histórico mudou do período de residência para o período de separação. Mas o contexto psicológico é, em princípio, o mesmo: defesa implícita dos ataques difamadores contra a pessoa e a mensagem dos missionários. O leitor percebe que os atacantes estão dizendo que a ausência permanente de Paulo é prova de que ele pouco se importa com os tessalonicenses; e que depois de tê-los explorado e logrado, agora ele lhes dá não mais que um mero pensamento. Esta interpretação explicará pelo menos as expressões de sentimento muito fortes que ocorrem nos versículos 17 a 20.

a) *A preocupação de Paulo sobre a separação* (2.17,18). **Nós, porém, irmãos, sendo privados** (*aporphanisthentes*, lit., “sendo orfanados [cf. RA] e, assim, privados”) **de vós por um momento de tempo, de vista, mas não do coração** (cf. Moffatt, “longe dos olhos, não da mente”; cf. NTLH), **tanto mais procuramos com grande desejo ver o vosso rosto** (17). A palavra grega traduzida por **desejo** denota sentimento forte ou paixão. “Vós fostes arrancados”, diz Paulo, “não de nossos corações, mas só de nossa presença. E, embora a separação tenha sido apenas por pouco tempo, nosso afeto por vós é tão grande que estamos cheios de intenso desejo de vos ver face a face outra vez” (paráfrase).

Pelo que bem quisemos, uma e outra vez (de acordo com Frame⁴⁵ significa “repetidamente”; cf. BJ, BV), **ir ter convosco, pelo menos eu, Paulo, mas Satanás não lo impediu** (18). O verbo grego traduzido por **impediu** é derivado de um verbo usado em Gálatas 5.7 e 1 Pedro 3.7. Barclay escreve: “A palavra grega que ele usa (*egkoptein*) é o termo técnico para pôr um bloqueio de estrada calculado a deter uma expedição em marcha. É obra de Satanás colocar obstáculos no caminho dos crentes; é nosso trabalho sobrepujá-los, pois as barricadas foram feitas para serem rodeadas”.⁴⁶

Dizer como Satanás impediu o retorno do apóstolo seria exercício de especulação. A Bíblia é clara em ensinar que há um poder pessoal diabólico, maior que os homens, com força para impedir a obra de Deus (cf. Ef 6.11,12). Mas ainda que Satanás possa impedir a ação cristã, ele não consegue vencer o propósito divino para os crentes, como dão a entender os versículos subseqüentes. Repare que Paulo considerou que foi obra de Satanás o fato de a congregação separar-se do encorajamento e instrução do seu pastor.

b) *As altas esperanças de Paulo* (2.19,20). Como o intuito de acabar com qualquer suspeita remanescente de outros crentes terem usurpado o lugar dos tessalonicenses no seu afeto, Paulo conclui com uma explosão de sentimentos: **Porque qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória?** (19). Aqui, **coroa** não é tradução da palavra grega *diadema*, “coroa de rei”, mas de *stephanos*, “a coroa de vitória nos jogos, de valor cívico, de mérito militar, de alegria nupcial, de regozijo festivo, [...] a ‘grinalda’, de fato, ou a ‘guirlanda’, [...] mas nunca [...] o emblema e sinal de realeza”.⁴⁷ É a grinalda de flores premiada ao vencedor (cf. Tg 1.12; Ap 2.10; 3.11). Era o modo de celebrar o triunfo ou a honra; significava alegria, **glória**, exultação (cf. RA). Como se dá em 1.10, Paulo tange a nota escatológica: **Porventura, não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?** (19). Ele não está se referindo a mera honra terrena. Ele não está animado pela simples esperança de reunião neste mundo, mas está vivendo à luz do grande dia da volta de **Jesus Cristo**⁴⁸ (quanto à expressão **Senhor Jesus Cristo** ver comentários em 1.1).

Paulo usa quatro termos para descrever o que os crentes tessalonicenses significam para ele. No versículo 19, eles são sua **esperança**, **gozo** e **coroa de glória**. Agora, eles são sua **glória** e **gozo** (20). As palavras estão carregadas de emoção e sentimento, mas não são exageros. Certas pessoas colocam a esperança na riqueza, ou na segurança, ou na ambição pessoal. Essas esperanças morrem neste mundo. O apóstolo, com o coração de verdadeiro pastor, tem uma **esperança** melhor, uma que transforma os seus sofrimentos freqüentes. Os objetos de sua **esperança** são os seus amados filhos na fé, apresentados a Cristo como troféus da graça (cf. 2 Co 11.2). O crescimento e o progresso espiritual desses filhos são o que faz o coração do apóstolo saltar de alegria (cf. 3 Jo 4). Eles serão as “pedras na sua coroa”, a única guirlanda do vencedor que ele deseja. Como a glória do professor está em produzir sábios, assim a glória do cristão está nas almas ganhas (cf. Dn 12.3; Fp 2.16). (Nesta passagem, **glória** significa a honra que a excelência de uma pessoa traz para a outra.) Esta realidade é verdadeira até para Cristo (Jo 17.10). A verdade para todos é que só este investimento nos corações humanos tem significação final. Ainda que Paulo seja claro que seus trabalhos lhe fiquem isentos de mérito no sentido de justificação, ele está absolutamente certo de que seu lugar diante de Cristo ao voltar dependerá da permanência e produtividade do seu trabalho (cf. 1 Co 3.11-15).

À medida que Paulo repassa mentalmente as circunstâncias da visita de Timóteo a Tessalônica e o relatório subsequente, as meias-vozes da defesa das acusações dos seus inimigos não estão ausentes, mas acham-se submersas na forte nota de preocupação pela igreja quando ela enfrenta oposição severa.

c) *A visita de Timóteo* (3.1,2). Devemos ignorar a divisão capitular aqui, pois não há interrupção de pensamento: **Pelo que, não podendo esperar** (“suportar”, AEC, BAB, BJ, NVI, RA; “agüentar”, BV, NTLH) **mais, de boa mente quisemos deixar-nos ficar sós em Atenas; e enviamos Timóteo** (1,2). O problema é reconstruir a situação para fazê-la concordar com o registro de Lucas em Atos. Paulo deixara para trás Silas e **Timóteo** em Beréia, e fora escoltado por irmãos até **Atenas** (ver Mapa 1). Ao voltarem para Beréia, esses irmãos levaram o pedido de Paulo para que Silas e **Timóteo** fossem até ele imediatamente a **Atenas** (At 17.14,15). Pelo que deduzimos de Atos 17.16 e 18.5, quando Silas e **Timóteo** chegaram a **Atenas**, Paulo tinha ido para Corinto, visto que estes três se reuniram lá. Lucas omite qualquer menção de **Timóteo** ou Silas estar em **Atenas**. Sua história condensada em Atos era detalhada somente na medida necessária a cumprir o seu propósito.

Embora haja várias possíveis explicações, não há meio de saber com certeza se alguma dessas opções é a correta: (a) Silas e **Timóteo** poderiam ter se unido a Paulo em **Atenas** e de lá serem mandados de novo para a Macedônia: **Timóteo** para Tessalônica, e Silas para Beréia ou outro lugar. (b) Talvez só **Timóteo** tenha sido enviado, enquanto Silas permaneceu com Paulo. Neste caso, os verbos na primeira pessoa do plural (*nós*) que ocorrem no versículo 1 se tornariam um plural genuíno e não um plural editorial ou epistolar.⁴⁹ Isto explicaria a omissão do nome de Silas. (c) Paulo pode ter enviado uma mensagem a Beréia contra-ordenando seu pedido inicial e mandando **Timóteo** a Tessalônica com o plano de unir-se a ele depois. Neste caso, **deixar-nos ficar sós em Atenas** significaria “continuar ficando sozinho”. Mas nem a opção “b” ou a “c” se ajusta tão bem ao sentido claro das palavras como a opção “a”. Se aceitarmos a opção “a”, Paulo quis dizer que **Timóteo** se separou dele em **Atenas**, e que ele ficou sem companheiro — ficou sozinho (cf. 2 Tm 4.11,16, cujo texto mostra semelhante dor de sentimento). Como a destacar a privação de Paulo ao enviar **Timóteo** e a importância ligada à missão, o apóstolo diz que **Timóteo é nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo** (2).⁵⁰ Embora ele fosse membro mais novo do grupo, há ênfase óbvia à posição e serviço valioso de Timóteo.

d) *O propósito da viagem de Timóteo* (3.2-4). O propósito da missão de Timóteo era **para vos confortar e vos exortar acerca da vossa fé; para que ninguém se comova por estas tribulações** (2,3; “aflições”, BV). O verbo grego *sterixai* (**confortar**) transmite a idéia de suporte, esteio (cf. BAB, BJ, NVI). O verbo grego *parakalesai* (**exortar**) conota alguém chamado para o lado a fim de animar, encorajar (cf. BV, CH, NVI). Além deste propósito de fortalecer os crentes, Timóteo também tinha de avisá-los a não se comoverem (o termo gr., às vezes, tem a idéia de iludir) por causa das **tribulações** (quanto a **tribulações** ver comentários em 1.6). Pelo visto, Paulo tinha em mente os perigos duplos do desânimo e do engano.

No que diz respeito às **tribulações**, o apóstolo tem o cuidado de acrescentar: **Porque vós mesmos sabeis que para isto fomos ordenados** (3; lit., “determinados” ou

“destinados”, AEC, BJ). Moffatt traduz: “As dificuldades são nosso quinhão, vós bem sabeis disso” (cf. NVI). Era necessário contrapor-se à sugestão satânica (usada por Satanás somente quando se ajusta aos seus designios) de que sossego e prosperidade são provas da verdadeira justiça ou religião, e que, inversamente, sofrimentos e dificuldades indicam o desgosto de Deus. Paulo estava premunindo-os para este teste: **Pois, estando ainda convosco, vos predizíamos que havíamos de ser afligidos, como sucedeu, e vós o sabeis** (4). O verbo **vos predizíamos** está no tempo imperfeito, denotando narração ou aviso repetido sobre as dificuldades que naquele momento estavam bem à frente deles. É indubitável que **fomos ordenados** e **havíamos de ser afligidos** têm como sujeito os cristãos em geral e não só os crentes tessalonicenses ou os apóstolos (cf. Mt 5.10; 16.24; Jo 16.33; At 14.22; 2 Tm 3.12; 1 Pe 2.21ss.; 4.12ss.). Os cristãos têm de enfrentar dificuldades, não como um encontro marcado com o destino cego, mas como um fator incluso no plano bom e perfeito de Deus.

O sofrimento cristão não é a consequência de um decreto penal divino, mas é o resultado inevitável da santidade em ação em um mundo mau. A cruz de Cristo é uma ofensa e um obstáculo. É uma repreensão intolerável ao orgulho, egoísmo e vontade própria. Para serem autênticos à sua incumbência, os cristãos devem atacar em amor a corrupção e os falsos deuses da sociedade. Com autenticidade muito mais intensa, eles têm de achar o significado de vida, identificando-se com aquele que não pôde deixar de beber o cálice amargo do Getsêmani, e que levou as transgressões do mundo na cruz. Não há sugestão de sofrimento em prol do sofrimento. Não se trata de tortura auto-imposta. Como cristãos, somos destinados ao caráter santo e aos valores eternos; em um mundo como este, também somos destinados à tribulação. Mas não há nada que não tenha sentido em tal sofrimento: em seus propósitos redentores, Deus o usa para a sua glória e para o nosso refinamento espiritual.

e) *Como está sua fé?* (3.5). Para enfatizar o que já dissera nos versículos 1 e 2, Paulo repete: **Portanto** (por causa da perseguição, da preocupação amorosa do apóstolo e da separação forçada), **não podendo eu também esperar mais, mandei-o** (o “eu” é enfático, “eu, de minha parte”, e o pronome pessoal neste versículo muda: passa do plural para o singular) **saber da vossa fé, temendo que o tentador vos tentasse, e o nosso trabalho viesse a ser inútil**. Temos esta tradução: “É que eu tinha medo de que o Diabo os tivesse tentado de tal modo, que todo o nosso trabalho tivesse ficado inútil” (NTLH).

Os comentaristas que esposam a doutrina “uma vez salvo, sempre salvo” têm alguns problemas com esta passagem. Segundo argumentam, o que Paulo procurava saber não era se os tessalonicenses tinham crido e se convertido verdadeiramente, ou se tinham experimentado mera mudança espúria e emocional na ocasião em que lhes pregara o evangelho. Mas é óbvio que, baseado em evidência derivada dos acontecimentos citados em 1.4-10, o conhecimento de Paulo da eleição desses crentes era antecedente ao seu temor de que eles não sucumbissem ao tentador (ver esp. comentários em 1.5).

Paulo queria saber se a fé dos crentes tessalonicenses, que no princípio fora genuína, acabara ou não em virtude das provações. Ele tivera êxito em transmitir a confiança subjacente que ele tinha neles, mesmo quando expressa a possibilidade trágica de fracasso espiritual, em cujo caso os labores com eles teriam sido inúteis. O propósito de Satanás era destruir a fé dos convertidos. Deus permite sofrimentos e os usa para forta-

lecer a fé e edificar o caráter santo; Satanás usa os mesmos sofrimentos para desviar do caminho da confiança e obediência. Em nossa provação, a questão permanece em dúvida somente no ponto de nossa escolha e atitude: se aceitamos humildemente ou teimosamente frustramos a graça suficiente de Deus.

f) *As boas notícias de Tessalônica* (3.6-8). As reminiscências que caracterizam a parte inicial desta carta estão chegando ao fim. **Vindo, porém, agora, Timóteo de vós para nós** (6; cf. o sentido correto: “Agora, porém, Timóteo acaba de chegar”, NVI; cf. BAB, BV, CH). A carta foi escrita assim que **Timóteo** chegou de sua viagem de retorno. O lugar de reunião era Corinto, para onde Paulo se dirigira proveniente de Atenas, se, como costumeiramente se aceita, considerarmos que Atos 18.5 está narrando o mesmo evento. Embora Paulo não mencione aqui a volta de Silas, este acontecimento é provável porque Silas não estava em Tessalônica, mas em algum outro lugar da Macedônia.

A carta volta a assumir um tom exuberante quando Paulo relembra como as notícias trazidas de **Timóteo** mudaram-lhe a ansiedade em agradecimento jubiloso. Como ocorre com o pastor e sua congregação, ou o professor e seus alunos, ele não conseguira descansar até tomar conhecimento do sucesso e firmeza dos tessalonicenses. A expressão **vindo... de vós para nós** sugere que **Timóteo** se tornara o mensageiro deles para Paulo, e não mero informante daquilo que ele observara.

Paulo se sentia consolado por duas razões. Primeiramente, porque **Timóteo** lhe trouxera **boas novas** (lit., segundo Robertson,⁵¹ “notícias alvissareiras” [BV]) **da vossa fé e caridade** (6; “amor”, ACF, AEC, BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Estes dois últimos termos resumem para Paulo a vida do cristão em suas relações com Deus e os homens (cf. Gl 5.6). O conceito **fé**, mencionado outra vez no versículo 7, é o termo mais definitivo usado para descrever o cristão. Envolve suas crenças, os valores básicos pelos quais ele vive, suas mais inescrutáveis escolhas, sua compreensão de Deus e das realidades não-vistas, as esperanças que ele aprecia, a base e fonte de sua vida em Cristo e sua firmeza em tudo isso. É a **fé** que distingue o cristão de todos os não-cristãos. E é o amor (*agape*), que é a marca universal de qualidade e legitimidade da genuína **fé** cristã (ver comentários em 1.3). Diz Denney: “Estas duas graças, a fé e o amor, são a alma da vida cristã. São as boas novas para o homem bom ouvir que elas existem em qualquer igreja. São as boas novas para Cristo”.⁵² A palavra grega traduzida por **boas novas** é a que Paulo reserva para descrever o próprio evangelho. Com isso aferimos a medida de sua alegria.

A segunda razão para a alegria do apóstolo era: **De como sempre tendes boa lembrança de nós, desejando muito ver-nos, como nós também a vós** (6). Os crentes tessalonicenses tinham de Paulo recordações agradáveis. O tempo todo (como dá a entender a construção grega) eles tinham correspondido plenamente seu desejo de vê-los. Este fato tinha significação dupla. Era prova de que permaneciam na fé, pois tivessem eles se desviado no coração ou na vida eles teriam preferido a ausência de Paulo. Mas a alegria que estas notícias deram a Paulo também era algo muito pessoal, como indicam os versículos que se seguem. Significava muito para ele ter um lugar no coração dos seus filhos na fé, e neste ponto vemos algo da grandeza do homem e pastor de almas (cf. 2 Co 6.11; 12.15; Fp 1.7).

A chegada de Timóteo com as **boas novas** fora muito oportuna. **Por esta razão** (por causa das **boas novas**), **irmãos, ficamos consolados acerca de vós** (lit., “animados por causa de vós”, cf. CH, NTLH, NVI) **em toda a nossa aflição** (ver comentá-

os em 1.6) e **necessidade** (7; *anagkei*, neste exemplo significa provavelmente privação física⁵³ ou necessidade física⁵⁴). Atos não declara especificamente a que se refere, embora o registro (At 18.1-18) dê a entender que pouco depois do retorno de Timóteo e Silas, a situação em Corinto ganhou proporções muito sérias (ver vv. 9,10). As pressões em Paulo eram obviamente grandes, e, além disso, ele trabalhava como fabricante de tendas (3). Justamente no momento em que mais precisavam, a chegada de Timóteo lhes deu a confiança e ânimo para evangelizar vigorosamente a grande cidade pagã de Corinto (cf. At 18.5). E esta façanha foi feita, diz Paulo, **pela vossa fé**, quer dizer, pelo relatório de Timóteo concernente à fé dos crentes tessalonicenses.

As próximas palavras são extraordinárias e, sem dúvida para alguns, extravagantes: **Porque, agora, vivemos, se estais firmes no Senhor** (8). Paulo tinha sentimento intenso por aqueles a quem ele pregava. Esta declaração indica que seus sentimentos iam das profundezas de angústia não diferente da morte às alturas de alegria e exultação semelhantes à vida da ressurreição. O seu coração, a sua própria vida, estava vinculado ao progresso espiritual dos seus convertidos. Sua vida era totalmente vivida em termos dos outros, e, por conta disso, tinha uma plenitude, riqueza e vitalidade desconhecidas para a maioria dos homens.

Não há que duvidar que semelhante vida plena e generosa com o risco inerente de sofrimento é a exigência básica para o sucesso no trabalho do evangelho. Talvez possamos dizer que este é o preço a ser pago se o pastor hoje deseja ser amado por sua congregação como Paulo foi amado pelos crentes tessalonicenses. Paulo está dizendo que as recentes boas novas lhe foram uma transfusão de vida revigorante. Ele também está dizendo, como expressa a cláusula condicional, que sua vida continua vinculada à firmeza deles.⁵⁵ Talvez esta seja antecipação da deficiência que eles apresentavam na fé, fato mencionado no versículo 10.

2. Oração pelo Estabelecimento em Santidade (3.9-13)

Os versículos 12 e 13 constituem uma oração por uma graça específica. Ela é prefaciada por uma declaração geral nos versículos 9 a 11 sobre a oração de Paulo pelos crentes tessalonicenses. Cada um esclarece o outro.

a) *Ação de graças pela presente graça* (3.9,10). Na abundância de sua alegria, Paulo reconhece que a expressão apropriada não é autocongratulação pelo sucesso dos convertidos, nem congratulação dos convertidos pela firmeza na fé. A única expressão adequada é gratidão a Deus, por cuja graça exclusiva tudo foi possível. A medida e a própria expressão de gratidão são aqui, como sempre, o verdadeiro critério do correto senso de valores. **Porque que ação de graças poderemos dar a Deus** (9; “como poderemos ser suficientemente gratos a Deus”, BV, CH) **por vós** (lit., “no tocante a vós”)? Paulo afirma que sua alegria é **por vossa causa diante do nosso Deus** (9); e que **dia e noite** ele está **orando abundantemente** (10). Esta última palavra é um dos advérbios compostos duplos que Paulo tanto gosta de usar: *huperekperissou*. Em grego, não há uma, mas duas preposições prefixadas à palavra **abundantemente**, característica que dá a força de “mais do que fora dos limites”.⁵⁶

É significativo observar que a intensidade da alegria de Paulo concernente aos convertidos transborda numa cascata de oração agradecida e fervorosa por eles. A oração

tem duas petições principais: 1) **Para que possamos ver o vosso rosto**, e 2) para que **supramos o que falta à vossa fé** (10). A primeira petição é enunciada no versículo 11, e a segunda, nos versículos 12 e 13. Fazendo um comentário sobre a integridade ética dos intensos sentimentos religiosos de Paulo, Frame⁵⁷ afirma que mesmo entusiasmado o apóstolo ainda está ciente das falhas morais dos convertidos. É lógico que estas falhas lhe foram informadas por Timóteo, de forma que a alegria abundante de Paulo, ainda que extravasante, está temperada por preocupação profunda e moral.

b) *Oração por mais graça* (3.10-13). **Supramos** (10) é tradução do verbo grego *katarizo*, que significa “tornar *artios*, ou seja, ajustado, perfeito, completo”,⁵⁸ e, daí, “reparar” (RA), “consertar”, como ocorre em Marcos 1.19, ou “pôr em ordem”, ou “organizar” (formar), como ocorre em Hebreus 11.3 (“criados”). “Esta palavra [...] significa geralmente [...] ‘acertar’ diferenças, ‘consertar’ coisas em mau estado, ‘ajustar’ arcos, ‘preparar’ iguarias, etc.; e aqui ‘suprir’, ‘compensar’ o que está faltando para completar a fé.”⁵⁹ A palavra artesão é derivado desta (cf. Ef 4.12: “o aperfeiçoamento dos santos”). Esta palavra *katarizo* e a palavra *husteremata* (traduzida por **o que falta**) denotam imperfeição (cf. CH) ou deficiência (cf. RA; cf. tb. NEB: “reparemos a vossa fé onde esteja insuficiente”; Moffatt: “supramos o que seja defeituoso em vossa fé”; Barclay:⁶⁰ “preenchamos as lacunas da vossa fé”).

Estas expressões e a oração formam a transição para as instruções éticas que vêm a seguir, as quais têm uma introdução tão diplomática.

Como é comum ocorrer nas suas cartas, Paulo irrompe em oração espontânea e intercessora. O escopo desta oração é empolgante. O desejo de visitar novamente a igreja tessalonicense é entregue ao controle soberano e providencial de Deus (11). A lição ensinada é importante. O desejo humano de estar com os convertidos era nobre e exemplar, mas estava sob disciplina, ou seja, estava subordinado à vontade de Deus, que conhece todas as coisas. Não há como ter certeza se esta oração foi respondida durante a terceira viagem missionária (cf. At 20.1,2) ou mais tarde. Mas Paulo ora pela obra de graça a ser feita nos convertidos (12,13), a qual não é dependente da presença do apóstolo. A obra da graça pela qual ele ora é que eles cresçam em amor (**caridade**, 12) e sejam confirmados **irrepreensíveis em santidade** (13).

Ora, o mesmo nosso Deus e Pai (“o próprio Deus, nosso Pai”, BAB, CH, NVI; cf. BV, NTLH), **e nosso Senhor Jesus Cristo**,^[61] **encaminhem** (lit., “tornem reta”) **a nossa viagem para vós** (11). Temos aqui implicações trinitárias. **Deus... Pai** e o **Senhor Jesus** são colocados lado a lado e endereçados simultaneamente em oração, dando a entender a unidade que há entre eles. Contra a opinião de quem afirma que a igreja desenvolveu gradualmente o conceito da deidade de Jesus, esta é referência doutrinariamente importantíssima por constar em carta antiga como esta aos tessalonicenses (ver comentários em 1.1).

E o Senhor vos aumente e faça crescer em caridade (12; “amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). Os dois verbos gregos (traduzidos por **aumente** e **faça crescer**) são praticamente sinônimos, de forma que, combinados, dão a idéia de superabundância, de transbordamento em amor de **uns para com os outros e para com todos, como também nós para convosco** (12). O amor divino (*agape*) pelo qual Paulo ora é de expressão progressiva; é ilimitado em suas possibilidades de crescimen-

to. O amor tem de ser expresso mutuamente, mas ser de esfera de ação desinteressada e irrestrita. Paulo testifica que tudo isso é exemplificado em seu amor por eles. A oração é **para confortar o vosso coração** (13; “que ele fortaleça o coração de vocês”, NVI), **para que sejais irrepreensíveis** (ver comentários em 2.10) **em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, com todos os seus santos** (13).

A tônica desta oração está na interioridade do caráter pessoal. Dá a entender que o caráter exigido para preparar os crentes tessalonicenses a permanecerem na presença de **Cristo** em sua **vinda** é mais que certa inculpabilidade de comportamento ou serviço externo. A exigência de Deus é uma inculpabilidade no devotamento interior a Deus e pureza moral interior. O **coração**, a personalidade total, interiormente como também exteriormente, deve ser puro **diante de Deus**. O padrão não será o julgamento do homem, mas o de Deus. Somente ele conhece a verdadeira qualidade de nosso amor e de nossos motivos.

Esta passagem descreve a maneira na qual esta **santidade** (a santificação total, cf. 5.23,24) é dada como aumento (12), uma infusão abundante do puro amor de Deus que “está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5.5). É o **Senhor** que **vos fará crescer em amor** (12). A **santidade** é um dom da graça de Deus; não é o resultado de esforços humanos, mas é a resposta da fé em Cristo. Considerando que este amor é de Deus, é puro e santo, correspondente à natureza de Deus. Tal amor é “o cumprimento da lei” (Rm 13.10).

Este amor é o instrumento do Espírito para expulsar do coração o que é impuro e incompatível; seu resultado inevitável é a obediência total à vontade de Deus. A “santidade” que ocorre por outro meio que não pelo batismo do amor divino é espúria — santarrona, legalista, inclinada à crítica rigorosa. A verdadeira **santidade** se manifesta em amor **uns pelos outros** e por **todos** os homens. O amor divino é “o vínculo da perfeição” (Cl 3.14); é a energia de toda verdadeira santidade. É o meio para a estabilidade espiritual, visto que tudo o mais é passageiro.

Aqui notamos outra vez que a ética cristã é dominada pela esperança cristã, da mesma maneira que está fundamentada na natureza de Deus (quanto à **vinda** [parousia] **de nosso Senhor Jesus Cristo**, ver nota 48 referente a 2.19).

Os comentaristas discordam sobre o significado de **santos** (13; *hagioi*). Muitos procuram harmonizar a expressão **todos os seus santos** com o ensino de 4.13-17, e assim interpretam que a palavra significa o povo ressuscitado e glorificado de Deus. Outros opinam que a referência seja a anjos e, em apoio, citam passagens como Mateus 16.27, Marcos 8.38, 2 Tessalonicenses 1.7, Judas 14. Em defesa da primeira interpretação está o fato de que o próprio Paulo nunca usa o termo grego *hagioi* para referir-se a anjos. Há bons argumentos de ambos os lados. Talvez a alusão seja aos dois grupos⁶² (Moffatt apóia a RC, quando traduz por: “todos os seus santos”; cf. “todos os que são dele”, NTLH; “todos os que lhe pertencem”, CH; cf. BV).

McCumber⁶³ encontra nesta passagem (9-13) “A Oração pela Fé Completa”. Ele nota: 1) A definição da falta, 10; 2) A provisão da necessidade, 10,12; 3) A expressão dos resultados, 13.

SEÇÃO II

ENSINOS ÉTICOS E DOCTRINÁRIOS

1 Tessalonicenses 4.1—5.28

Neste ponto, há mudança de tom e de assunto na carta. Paulo passa da ação de graças, da defesa do seu ministério e das reminiscências para as exortações práticas na vida cristã. As cartas paulinas se caracterizam pela conclusão deste modo prático. Nesta seção, o apóstolo está indubitavelmente tratando de assuntos levantados pelo relatório de Timóteo, os quais careciam destas instruções. A seção contém duas passagens sobre a santidade prática (4.1-12 e 5.12-24), que estão separadas por uma passagem sobre doutrina (4.13—5.11). Toda a seção, porém, inclusive a doutrinária, é veementemente prática.

A. ORIENTAÇÕES SOBRE O ANDAR CRISTÃO DIÁRIO, 4.1-12

1. *Vida de Obediência e Pureza* (4.1-8)

Finalmente (lit., “quanto ao mais”, NVI) é expressão que marca mudança de assunto. A dupla expressão **vos rogamos e exortamos** (1) indica a enorme seriedade do escritor. O apóstolo não ameaça ou dá ordens a estes cristãos perseguidos. A exortação séria combina com a oração fervorosa que a precede. A graça de Deus tem de ser correspondida pela resposta humana. A solicitação é **no Senhor Jesus**. Estas exigências éticas são resultados da união com Cristo, e estão fundamentadas e inspiradas na autoridade de Cristo. **Assim como recebestes de nós** dá a entender que a instrução ética tinha lugar importante na igreja primitiva. E ainda hoje é indispensável. **Andar** representa a ma-

neira de viver. **Agradar a Deus** sugere que glorificar a Deus e fazer a sua vontade é o cerne da vida cristã. O termo **convém** ressalta que os remidos são pessoas que têm compromissos a cumprir, mas mesmo assim o “jugo é suave” e o “fardo é leve”.

Derivado de manuscritos mais antigos e melhores, no lugar de **assim andai** e imediatamente depois de **agradar a Deus** ocorrem as palavras “e efetivamente estais fazendo” (RA; cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI). Paulo não está insinuando que eles tenham falhado em viver a vida cristã. Na realidade, estas palavras são um elogio discreto. A ênfase está em realizar, ir adiante, fazer progresso mais rápido. Eles têm de continuar a **progredir cada vez mais**. Não há lugar para inatividade na vida cristã. Ficar parado significa de fato desviar-se. Deus não fixa limites para o progresso na graça. O cristão que “dá fruto” é limpo para que produza “mais fruto” (Jo 15.2). A vida tem de se tornar mais progressiva. A vida santificada é a vida que progride e dá fruto.

Paulo tem cuidado em deixar claro (2) que os **mandamentos** (“instruções”, BJ, CH, RA; “ensinamentos”, NTLH) previamente dados aos convertidos não eram de autoridade própria, mas **pelo Senhor Jesus**. A preposição na frase indica a amplitude total da revelação e autoridade divina através de **Jesus Cristo** (quanto aos **mandamentos**, cf. Jo 14.15,21; 15.7,10,12; 1 Jo 2.4-6; 3.22-24; 5.2,3). A prática da obediência conscienciosa à vontade conhecida de Deus é proposta como o fundamento mínimo para o sucesso e crescimento na vida cristã.

Tendo estabelecido o princípio acima, Paulo passa para a aplicação específica: **Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação** (3). O termo grego *hagiasmos* (**santificação**) é primariamente o trabalho de tornar santo, separar do pecado para Deus, tornar moralmente puro; mas é também o estado resultante da santidade.¹ Deus deseja, diz o apóstolo, santificar (consagrar para si mesmo e purificar interiormente) estes crentes tessalonicenses (cf. 1.7-9) para que sejam santos.

Claro que esta não é a definição da vontade de Deus, mas a declaração, dentro do contexto, do propósito de Deus para os seus filhos remidos (cf. 1.4; 5.23; cf. tb. Jo 17.19; Ef 5.25-27; Hb 13.12). A **vontade de Deus** pode ser vista como *preceito* (lei ou mandamento inalterável, ao qual os homens têm de se submeter); como *propósito* (sabedoria e amor divino que busca seus objetivos sublimes); como *poder* (eficiência divina que elabora o que foi proposto); e como *promessa* (confiança absoluta no cumprimento do seu propósito).

Da declaração geral do plano de Deus para a vida humana, Paulo passa abruptamente para a aplicação dando um exemplo específico: **Que vos abstenhais da prostituição** (3; “que vos esquiveis de toda depravação sexual”, NTA). “O propósito de Deus é torná-los santos, e isso implica um rompimento total com a imoralidade sexual” (CH). Talvez cause surpresa que tal instrução fosse dada a um grupo como os crentes tessalonicenses. Embora não haja indicação de nódoa no caráter deles, semelhante ensino fazia-se necessário entre os que se convertiam do paganismo. Neil declara: “O fato é que uma das barreiras mais difíceis que o convertido pagão tinha de transpor era a atitude cristã concernente ao sexo. Ele fora criado num mundo em que se aceitava habitualmente poligamia, concubinato, homossexualidade e promiscuidade. [...] Muitos dos cultos religiosos eram de caráter francamente sexuais, com ritos fálicos e fornicção sacramental como parte da adoração”.²

É digno de nota que, junto com outros assuntos pertinentes às práticas pagãs, a fornicção seja mencionada e proibida na diretiva do Concílio de Jerusalém (At 15.29).

A satisfação ilegítima ou imoderada do apetite sensual permanece área de tentação para todos os cristãos saudáveis e normais. Contudo, o cristão não santificado está perigosamente vulnerável a tais atrativos. Em nossos dias, há um paganismo ressurgente com seu entretenimento obsceno, literatura pornográfica, desdém aos votos matrimoniais, promiscuidade, obsessão global pelo sexo e permissividade geral nas relações sexuais. Em tempos como estes, o ensino do Novo Testamento sobre pureza sexual é desesperadamente necessário, e a experiência neotestamentária da santificação, com sua devoção total à vontade de Deus, é a verdadeira resposta. O código imoral de nosso tempo é promovido e tolerado por filosofias entrincheiradas, como o naturalismo e o evolucionismo. É preciso a dinamite do evangelho para despedaçar estes extraordinários refúgios da depravação.

Logo em seguida à aplicação negativa do ensino sobre **santificação** (3), Paulo levanta duas questões específicas (4-6). O problema do versículo 4 gira em torno do termo grego *skeuos* (**vaso**), que significa literalmente “utensílio” ou “ferramenta”. É lógico que aqui Paulo usa o termo metaforicamente. Quanto ao significado, os intérpretes e comentaristas, de ontem e de hoje, dividem-se entre “esposa” e “corpo”. A favor de “esposa” estão os usos paralelos na literatura rabínica que poderiam ter influenciado Paulo. Visto que o extenso apelo a todos os usos literários paralelos da palavra é muito inconclusivo, talvez a questão devesse ser decidida com base na escolha da palavra que melhor se ajuste ao contexto. Neste ponto ambos os lados também apresentam fortes argumentações sobre quesitos gramaticais e o que faz o melhor sentido. A solução gira em torno do significado do infinitivo grego *ktosthai*, traduzido por **possuir**. Por exemplo, Robertson diz que significa “adquirir”, “obter”, mas não “possuir”.³ Neste caso, pensar em **vaso** como “corpo” seria incongruente. Moffatt fez esta tradução: “Aprenda a tomar uma esposa para si” (“saiba tomar uma esposa para si”, RSV). João Wesley apoiava “esposa”, como apoiavam Weymouth e muitos outros. William Barclay⁴ traduziu assim: “Que cada um de vós saiba possuir [controlar, administrar] o seu próprio corpo” (cf. NVI). Phillips fez esta versão: “Cada um deve aprender a controlar seu corpo” (CH; cf. “cada um de vós tem de aprender a ganhar domínio sobre o seu corpo”, NEB).

Na opinião de Neil⁵ e Morris,⁶ o significado é “corpo”, visto que pensar em uma esposa como **vaso** degradaria e não elevaria o casamento, além de estar em desacordo com a passagem e com o espírito de Paulo. Esta interpretação soa mais consistente com uma ética sublime. Em defesa da opção “corpo”, temos um precedente em 2 Coríntios 4.7. Se considerarmos que a expressão é idiomática e que **vaso** não transmite conotação degradante, então a objeção à opção “esposa” seria em grande parte eliminada.⁷

Os pontos em análise aqui são a pureza sexual, o domínio próprio e a autodisciplina, consideradas sob a ótica das características da vida santificada. Em **santificação** significa em completa consagração do corpo e espírito, em pureza interior das paixões depravadas. Em **honra** dá a entender a resultante reverência para o corpo, em vez de estar em prostituição de suas faculdades e apetites. Estes são elevados como meios para a pureza e o cumprimento da **vontade de Deus** (3). A relação matrimonial e todas as relações entre os sexos têm de estar em **honra**. Reverência ou **honra** ao corpo é um conceito particularmente cristão (quanto à **honra**, cf. Cl 2.23; 2 Tm 2.20,21; 1 Pe 3.7).

Agora Paulo fala do oposto do que acabou de ensinar, fazendo um contraste elucidativo. **Não na paixão de concupiscência** (5; “paixão de desejos desenfreados”,

NVI) está em contraste direto com **em santificação e honra**. A santidade cristã resgata o casamento do nível degradante dos **gentios** (“os pagãos”, BV, CH, NVI), que consideravam o corpo como “vítima de algum forte desejo lascivo” (CH). Os **gentios** agem assim, porque são estranhos à santa lei de Deus revelada. Todo avivamento de santidade será acompanhado ou precedido pelo respeito à lei moral revelada.

Paulo agora acrescenta a terceira das três orações coordenadas que ampliam a idéia de: **Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação** (3). A primeira oração coordenada é: **Que vos abstenhais da prostituição** (3); a segunda, começa com **que cada um de vós** (4); a terceira oração coordenada é: **Ninguém oprima** (“prejudique”, NTLH, NVI) **ou engane** (“explore”, CH) **a seu irmão em negócio algum** (6). “No assunto” (ASV; grifo meu) é tradução mais exata (cf. “neste assunto”, BV, NVI; cf. NTLH; “nesta matéria”, AEC, RA; cf. BJ). A tradução **negócio algum** dá margem para a inclusão da conduta em geral, ao passo que a tradução exata indica o “assunto” ou “matéria” em discussão, isto é, a imoralidade sexual.

Vários intérpretes influentes opinam que *pragma* (“assunto”, BV, NTLH, NVI; ou “matéria”, AEC, BJ, RA) aqui deve ser considerado como **negócio**. Esta interpretação dá a entender que Paulo deixa de lado a questão da conduta sexual e passa a analisar o pecado da cobiça, ou em outras palavras, a honestidade nos procedimentos empresariais. Contudo, segundo a maioria dos comentaristas, é preferível pensarmos que o “assunto” ou “matéria” é definido pelo contexto. Em nenhuma parte do Novo Testamento *pragma* tem a conotação de **negócio**.

Todos os tipos de imoralidade e degradação sexual constituem injustiças contra pessoas inocentes que são ou serão envolvidas. E tais ações não são o único interesse dos parceiros imediatos no pecado.

a) *Deus vinga os injustiçados* (4.6). Tendo elevado grandemente o padrão cristão da pureza pessoal, Paulo reforça o ensino com uma série de sanções solenes. A primeira sanção foi traduzida literalmente: **Porque o Senhor é vingador de todas estas coisas** (6). O **irmão** (qualquer indivíduo) prejudicado pode ter sido enganado, e a sociedade em que tais injustiças ocorrem pode não condená-las ou até as tolere, mas o julgamento de Deus sobre toda a impureza é certo e terrível. Ainda que o ajuste de contas no sentido mais pleno tenha de esperar o julgamento final (e esta é a provável referência primária aqui), há uma indenização cobrada no corpo e na natureza emocional, moral e espiritual daqueles que se viciam na conduta imoral. As leis morais de Deus estão escritas na constituição da natureza humana, e a negligência dessas leis traz consigo uma vingança que, às vezes, é dramática, outras vezes é silenciosa e furtiva, mas sempre é certa (cf. Rm 1.24-32; Gl 6.7,8; Ef 5.5,6).

Para os tessalonicenses, este assunto deve ter sido uma tentação constante, pois Paulo declara: **Como também, antes, vo-lo dissemos e testificamos** (lit., “e afirmamos solenemente”; cf. “e asseguramos”, NVI) a esse respeito.

b) *Deus chama os homens à santidade* (4.7). A segunda sanção contra a impureza é a natureza do chamado divino: **Porque não nos chamou Deus para a imundícia, mas para a santificação** (7). Neste contraste breve e vívido, Paulo expõe toda a amplitude do sublime propósito de Deus para os crentes. Foi nada menos que a santidade, a restau-

ração ao homem da imagem moral de Deus, a área que o pecado destruiu (cf. “Pois Deus não nos chamou não para a impureza, mas sim, para a santidade”, BJ). O pensamento volta ao versículo 3 e à “vontade de Deus”, a qual aqui está ligada com aquele dia maravilhoso na vida deles, quando Deus em misericórdia e graça os chamou de uma vida de pecado para a comunhão com ele. O chamado foi da iniciativa de Deus; era o amor de Deus em ação. O chamado foi propositado, e o propósito era nada menos que “a mais completa pureza” (CH): a santidade de coração e de vida. Considerando que o chamado é mediado pela pregação do evangelho, a igreja não pode ter outra mensagem que esta. A palavra grega *hagiasmos* (**santificação**) é a mesma que ocorre nos versículos 3 e 4 (ver comentários sobre essa palavra ali). O argumento aqui é que o cristão que fica aquém de uma vida de **santificação** está, primeiramente, negando o propósito divino em salvá-lo.

c) *Não faça pouco caso de Deus* (4.8). Esta sugere a terceira sanção: **Portanto, quem despreza** (lit., “põe de lado” e, por conseguinte, “faz pouco caso”, CH) **isto não despreza ao homem, mas, sim, a Deus** (8). O verbo não tem objeto, mas o significado é bastante claro pelo contexto. Negativamente, a referência é às determinações contra a impureza sexual; mas estas, ao longo da passagem, são postas em contraste com o chamado à santificação, e assim, positivamente, a referência é a esse chamado. A exigência ética e espiritual à santificação acha-se, não no ensino de um **homem** (o apóstolo), mas na natureza e vontade de **Deus**.

Esta terceira sanção é reforçada imediatamente pela caracterização especial de Deus: **Que nos^[8] deu^[9] também o seu Espírito Santo** (8). Deus habita em seu povo na pessoa do Espírito Santo. Aquele que **despreza** peca não contra uma deidade distante, mas entristece e insulta o Espírito regenerador e santificador de Deus. A ordem incomum das palavras gregas traduzidas por **o seu Espírito Santo**¹⁰ destaca esta verdade. A ênfase em *hagion* (**Santo**) é solene e categórica: “O Espírito dele, o santo”.¹¹ Esta tradução sugere a opção: “Cujo [mesmo] Espírito [que] ele vos dá [é] santo” (NTA). Phillips também entendeu o significado: “Não é por acaso que o Espírito que Deus nos dá é chamado o Espírito *Santo*” (CH, o grifo consta originalmente na versão; a BV também grifa a palavra *Santo*).

A fonte da nova vida do crente é o Espírito Santo, e nisto vemos a incompatibilidade absoluta de uma vida de impureza e pecado com a vida em Cristo. A santificação não só é da vontade de Deus, mas o próprio Espírito Santo, que está em ação na vida do crente, é a fonte da verdadeira santificação. A obra peculiar do Espírito Santo é santificar. Se o ministério do Espírito não for repellido (cf. 5.19), mas amorosamente recebido, ele infalivelmente levará à santificação total de toda a pessoa (cf. 5.23,24).

A mensagem dos oito versículos antecedentes é particularmente necessária nesses dias. Para salvar nossa casa e nossa nação da ruína ameaçadora, a igreja tem de erguer bem alto o padrão da pureza moral, encontrada apenas pela graça santificadora de Deus em Cristo.

2. Amor Fraternal e Trabalho (4.9-12)

a) *Amor fraternal* (4.9,10). Com as palavras **quanto** (“no tocante”, RA), **porém, à caridade** (“ao amor”, ACF, AEC, BAB, CH, RA) **fraternal** (9), Paulo passa a lidar com

outro assunto que estava causando dificuldades na igreja tessalonicense. Com sua diplomacia habitual, ele começa de maneira cortês (9,10) para, em seguida, passar à exortação (10b-12).

No grego clássico, o amor **fraternal** (*philadelphia*) é o amor de irmão por nascimento, mas no Novo Testamento significa sempre amor do irmão em Cristo.¹² Os cristãos são **instruídos por Deus** com esta ordem: **Que vos ameis uns aos outros** (9). O **ameis** desta segunda expressão é tradução de *agape*. Este ensino não é instrução externa, mas a implantação interna de amor feita pelo Espírito Santo, cujo ministério foi mencionado no versículo precedente (cf. 1 Jo 3.14-18; 4.7,20; 5.1,2).

A igreja cristã causava admiração na sociedade insensível e pagã dos dias de Paulo, que só exclamava: “Vejam como eles amam uns aos outros!” O mesmo deve ocorrer hoje em dia. Pelo fato de o amor dos irmãos cristãos ser prova do novo nascimento, Paulo sugere que ele não precisa instruí-los formalmente sobre este assunto. Não apenas isso, mas a expressão externa deste amor não estava ausente (10a). A referência a **irmãos... por toda a Macedônia** (10) indica comunhão afetuosa e ações de prestimosidade amorosa. Estas atitudes refletem a preocupação que havia uns pelos outros durante a perseguição, que sem dúvida caracterizava estes cristãos de cidade grande em relação a outras congregações interioranas, bem como aos viajantes cristãos (cf. 1.3; 3.6). Nestas atividades recomendáveis, Paulo deseja: **Que continueis a progredir cada vez mais** (10; “que façam ainda mais”, NTLH; ver comentários sobre expressão igual em 4.1). Estas são reminiscências da oração em 3.12. Onde *agape* cresce, *philadelphia* também crescerá.

b) *Uma vida de trabalho* (4.11,12). Que condição na igreja teria induzido Paulo a escrever a tripla exortação um tanto quanto fora de lugar do versículo 11? Certos intérpretes conjecturam que era o problema revelado com alguns detalhes em 2 Tessalonicenses 3.6-15, o qual estava começando a despontar. Talvez também haja indícios nesta carta em 5.12-15,19,20. A suposição mais aceita — embora não haja provas — é que a expectativa do retorno iminente do Senhor causara uma fermentação nervosa em algumas pessoas. A inatividade produzira inquietação entre os que haviam abandonado o emprego regular, e esta situação comercial gerava, por sua vez, pessoas ociosas e intrometidas.

Seja qual for o motivo, Paulo está ressaltando a verdade de que o amor fraternal e o trabalho honesto vão de mãos dadas como provas cristãs. A avidez de comoção religiosa que produz grande sensação é hoje característica de alguns intrometidos ociosos na igreja. Mas a verdadeira fé produzirá tranquilidade de espírito; o zelo apropriado motivará a cooperação e não a intromissão; e a devoção genuína dará significado e dignidade ao trabalho cotidiano.

E procureis viver quietos (11) declara certo paradoxo. É literalmente “sejais ambiciosos em ser tranquilos” (cf. BV). “Esforcem-se para ter uma vida tranquila” (NVI; cf. BAB, RA), que é o oposto de almejar ser proeminentemente visto e ouvido. É provável que **procureis... tratar dos vossos próprios negócios** (11; “estejais ocupados com as vossas próprias coisas”) transmita o sentido de: “Vá cuidar da sua vida”, ou seja, “não se intrometa na vida das pessoas”. Não **trabalhar com vossas próprias mãos** (11) pode ter sido a origem do problema. Denney observa:

Se não pudermos ser santos no trabalho, não vale a pena o esforço de sermos santos em outras áreas. [...] Talvez alguns de nós almejemos ter mais tempo livre para exercer o trabalho espiritual; e pensamos que por ter mais tempo, faremos muitos serviços a Cristo e sua causa, os quais estão fora de nossa alçada atualmente. Mas isso é extremamente duvidoso. A experiência mostra que nada é pior para a maioria das pessoas do que não ter nada a fazer, exceto dedicar-se a atividades religiosas. [...] A faina da vida diária [...] não nos priva da vida cristã; na verdade, ela nos põe ao nosso alcance.¹³

Paulo cita duas considerações importantes (12), as quais recomendam com insistência este tipo de vida para os cristãos. A primeira é **que andeis honestamente para com os** (“que inspireis o respeito dos”, NEB) **que estão de fora** (os não-cristãos). Diz Barclay: “Quando nós, cristãos, provamos que nosso cristianismo nos faz trabalhadores melhores, amigos mais verdadeiros, homens e mulheres mais amáveis, então, e só então, estamos realmente pregando. O fator importante não são palavras, mas ações, não oratória, mas vida”.¹⁴ O cristão mais humilde tem a oportunidade de refletir honra na causa de Cristo pelo desempenho consistente e fiel dos seus deveres, e nada pode compensar o descrédito sofrido pelo fracasso em não agir assim.

A segunda consideração é que **não necessiteis de coisa alguma** (12). Gramaticalmente, esta expressão pode ser traduzida corretamente por “não necessiteis de nada” ou “não necessiteis de ninguém” (cf. BJ, NTLH, NVI). Em qualquer um dos fraseados o significado básico é o mesmo (cf. BV). Os preguiçosos não devem depender da caridade dos outros. O amor fraternal torna as pessoas solícitas quanto às necessidades dos pobres ou desgraçados, mas o cristão não deve ser um parasita ou papa-jantares. Certa independência razoável em tais assuntos é uma virtude cristã.

As complexidades econômicas de nosso tempo, as condições variáveis em todos os tipos de emprego e os problemas que envolvem seguro social colocam este ensino em contexto bem diferente do que vigorava no século I. Estas virtudes cristãs ainda são as mesmas e os princípios subjacentes são, por esforço consciencioso, aplicáveis à vida cristã moderna. A obra do Reino avança hoje pela vida das pessoas que procuram viver quietas, obedientes e amorosas em suas tarefas cotidianas, que servem pela causa de Jesus, que fazem o que podem com as mãos.

B. A VINDA DO SENHOR, 4.13—5.11

É evidente pelas alusões à segunda vinda de Cristo nesta carta (1.10; 2.19; 3.13; 5.23), que Paulo já havia pregado esta doutrina aos crentes tessalonicenses. Este fato está de acordo com o que conhecemos da pregação apostólica, na qual a segunda vinda do Senhor era uma verdade integrante. *Aparousia* fazia parte do evangelho, as boas novas. É óbvio que surgiram problemas, os quais exigiram instruções mais detalhadas sobre este assunto, instruções que não foram dadas durante o tempo da fundação da igreja. A análise de duas destas questões na primeira carta (4.13-18; 5.1-11) e a continuação da análise na segunda carta dão a estas epístolas um sabor distintamente escatológico.

1. *Os que Morreram em Cristo* (4.13-18)

Os cristãos tessalonicenses, tão recentemente convertidos do paganismo, estavam tremendamente preocupados (cf. 4.13,18). Tendo o Senhor ainda não vindo e alguns deles morrido, a pergunta lógica era: O que será dos mortos cristãos na vinda do Senhor? Eles perderão a glória ou o seu Reino e reinado?

Não é necessário defendermos que estes cristãos fundamentaram a crença cristã de que não morreriam antes de Cristo voltar. Aqueles que argumentam que o próprio Paulo foi o primeiro a acreditar que não morreria antes de Cristo voltar e que depois mudou de idéia também estão interpretando erroneamente a expressão da esperança cristã nas cartas de Paulo. A iminência da segunda vinda de Cristo era característica da fé dos crentes regenerados em todos os períodos da história da igreja. O mesmo ocorre hoje. Fazia parte do próprio ensino de Jesus (Mt 24.36-44; Lc 12.35-40).

O conceito da iminência, corretamente entendido, não exige imediação, e não é aniquilado, porque o Senhor “está demorando muito para voltar” (Mt 24.48, NTLH). Não foi nenhum pouco surpreendente que pessoas boas torcessem ou formassem opinião equivocada sobre essa esperança. Se a ardente expectativa dos convertidos tessalonicenses soa estranha para os leitores hodiernos, não seria este um comentário sobre a falta de intensidade de nossa própria esperança? Além disso, seria muito improvável que os crentes tessalonicenses fossem completamente ignorantes da doutrina da ressurreição dos mortos. Não há a mínima indicação de que eles a negassem como ocorreu pouco depois em Corinto (cf. 1 Co 15.12). Tudo que precisamos para discernir o coração dilacerado destes cristãos consternados é imaginar que lhes faltava entendimento e, por conseguinte, havia a incerteza com relação aos seus familiares e amigos que, na ocasião da volta de Cristo, já estavam falecidos.

O propósito de Paulo é instruir e consolar os cristãos quanto ao problema que surgira tão naturalmente. Esta não é descrição detalhada do segundo advento. Contudo é a primeira e, na realidade, a única declaração totalmente explícita no Novo Testamento sobre o arrebatamento dos santos. As outras passagens em questão dependem em um grau ou outro da interpretação desta. Paulo conforta os corações preocupados com a instrução de que os cristãos falecidos terão parte plena no Reino próximo. De nenhuma maneira eles estão em desvantagem quando comparados com a igreja viva. Todos os crentes, vivos e mortos, estão “em Cristo”, e nada pode separá-los do amor e propósito de Cristo para eles (cf. Rm 8.38,39). A relação dos crentes com Cristo transcende o tempo e é mais forte que a morte. Esta doutrina gloriosa tem sido inspiração para os cristãos no decorrer dos séculos.

a) *A atitude cristã para com a morte* (4.13). Paulo usa a expressão **não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes** (13) e outras semelhantes quando vai tratar de assuntos de grande importância (cf. Rm 11.25; 1 Co 10.1; 12.1). Ele usa uma expressão suave e eufêmica para aludir aos mortos: **Acerca dos que já dormem** (13). O tempo presente também dá a entender “os que estão [de tempos em tempos] dormindo”. Considerando que esta linguagem figurativa referente à morte é comum no judaísmo e entre os escritores gregos pagãos que não tinham o conceito de ressurreição, é impossível propor qualquer significação doutrinária baseada nessa terminologia. As idéias que a expressão eufêmica sugere, como a morte sem medo ou agui-

lhão (cf. 1 Co 15.55-57), o descanso e o despertamento futuro do corpo, estão bem à vontade na fé cristã. Não há justificativa para a noção de “sono da alma”.

Paulo escreve aos cristãos: **Para que não vos entristeçais** (“vos aflijais”, RSV) **como os demais** (cf. “os que estão de fora” no v. 12) **que não têm esperança** (13). Frame opina que a comparação serve de antítese, e que Paulo não está indicando a maneira ou grau de tristeza, mas que os cristãos não devem se entristecer quanto aos que morreram em Cristo.¹⁵ Sendo assim, teríamos de entender que “entristecer-se” ou “afligir-se” significa tristeza ou aflição interior contínua. A absoluta desesperança do pagão comum diante da morte (embora certos pensadores tivessem chegado a um conceito de imortalidade) é identificada atualmente nas expressões dos agnósticos modernos. A esperança cristã, em nítido contraste, envolve a confiança em Deus (cf. Ef 2.12), o estado “com Cristo” (Fp 1.23; cf. 2 Co 5.8) e a ressurreição do corpo.

b) *Fundamentos da esperança cristã* (4.14,15). Em seguida, Paulo apresenta dois argumentos relativos ao destino dos que morreram em Cristo; ambos explicam e consolam. O primeiro argumento (14) é subjetivo, cuja base é a fé na ressurreição de Cristo. O segundo argumento (15) é objetivo, pois se trata de uma revelação do Senhor. Este segundo argumento continua nos versículos 16 e 17.

A ressurreição de **Jesus** (o nome humano de nosso Senhor liga sua humanidade com a nossa), artigo de fé fundamental na crença cristã (cf. 1 Co 15.17-19), garantia a esperança cristã. Note que **Jesus morreu**, ou seja, ele passou pelo horror da morte horror sem qualquer influência atenuante, ao passo que o texto diz que os crentes **dormem. Porque, se cremos** (“visto que cremos” é como o NTA e a BV interpretam a importância da conjunção condicional **se**) **que Jesus morreu e ressuscitou**, então temos de concluir que **assim também aos que em Jesus**^[16] **dormem Deus os tornará a trazer com ele** (14). O argumento está comprimido e subentendido. Para expressá-lo inteiramente, devemos fornecer palavras. Cristo está vivo para sempre na glória não vista; os mortos cristãos estão nele e participando ativamente com ele; não podem, portanto, perder a *parousia*, visto que Deus os trará com Cristo quando este voltar (cf. 3.13).

A **palavra do Senhor** (15) é o outro argumento de Paulo. Talvez signifique um ensino de Jesus que não foi registrado nos Evangelhos, ou se trate de uma revelação de Cristo dada diretamente a Paulo sobre este assunto. Seja como for, é na autoridade de Cristo que Paulo ensina que os que estiverem vivos na ocasião da vinda de Cristo não terão vantagem sobre os mortos cristãos. Paulo naturalmente se associa quando diz: **Nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor** (cf. 1 Co 15.51). Da mesma maneira que em 1 Coríntios 6.14 e 2 Coríntios 4.14 ele naturalmente se associa com os que serão ressuscitados dos mortos. O conceito importante da segunda vinda é a iminência, e não devemos ler mais que isso na passagem. Paulo viveu em expectativa ininterrupta da volta do Senhor, como deve viver todo cristão. Dizer que ele afirmou dogmaticamente que estaria vivo na ocasião da volta do Senhor é outra coisa, sem chance de ser fundamentado em seus escritos. Notamos a força do negativo **não precederemos os que dormem** nesta versão: “De forma alguma iremos antes dos que já dormem” (BAB; cf. CH; quanto a *parousia*, ver nota 48 referente a 2.19 e comentários de Ralph Earle no CBB, vol. 6, p. 215 colocar a página certa.)

c) *A aparição de nosso Senhor* (4.16-18). **Porque o mesmo Senhor** (16; cf. “este mesmo Jesus”, At 1.11, NVI), não um anjo, mas aquele a quem eles amam e servem, aquele que conhece os que lhe pertencem (2 Tm 2.19), **descerá do céu** (cf. Jo 14.1-3). Certos expositores supõem que os três fenômenos auxiliares, o **alarido**, a **voz** e o **trombeta**, são três expressões da uma mesma coisa;¹⁷ mas podemos reputar que cada um tem um significado distinto. O **alarido** (“grito de comando”, NTLH; cf. CH, RA) é palavra usada no grego para denotar o brado do comandante aos seus soldados em combate, o grito do cocheiro aos seus cavalos, ou o comando do mestre de um navio aos seus remadores.¹⁸ É uma convocação superior e autorizada, que empolga e estimula. Fala aqui de Cristo como Vencedor (cf. Jo 5.25-29). No único outro lugar da Bíblia que menciona **arcanjo** (Jd 9), a referência é a Miguel. Nas Escrituras, a **trombeta** (“som da trombeta”, AEC, BJ, NTLH; cf. BV, CH) **de Deus** (cf. 1 Co 15.52) acompanha caracteristicamente e denota a importância, solenidade ou majestade de grandes ocasiões religiosas (cf. Êx 19.16,19; Jl 2.1; Ap 1.10). Não há nada nesta passagem que apóie a idéia de arrebatamento secreto.

Com o grito de comando, dado talvez pelo **arcanjo**, **os que morreram em Cristo** serão chamados da sepultura e **ressuscitarão primeiro**. A pequena frase **os que morreram em Cristo** apresenta de modo brilhante e conciso uma verdade preciosa: não é que em vida eles *estavam em Cristo*, mas que na morte eles *estão em Cristo* e com **Cristo**. A declaração **ressuscitarão primeiro** tem relação direta com o subsequente ato de apanhar de supetão os que estiverem **vivos** (17), e não diz respeito a uma segunda ressurreição dos demais mortos sobre os quais nada é dito. Paulo trata da doutrina da ressurreição com alguns detalhes em 1 Coríntios 15.

Enquanto o **Senhor** desce, os crentes sobem para **encontrar o Senhor nos ares** (17). Só nos resta a entender que, no mesmo ato súbito pelo qual os mortos em Cristo serão ressuscitados, **os que ficarmos vivos** (ver comentários em 15) **seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens** (17). Os que estiverem vivos não têm vantagem sobre os que estiverem mortos. **Seremos arrebatados** é tradução do verbo grego *harpazo*, que quer dizer “apoderar-se, reivindicar avidamente para si mesmo, arrebatado, apanhar, agarrar e levar a toda velocidade, capturar, pegar de surpresa”.¹⁹ Disto derivamos o termo “arrebatamento”. Haverá uma reunião feliz com os amados falecidos e ressuscitados; os que estiverem vivos serão **arrebatados juntamente com eles**. Para realizar isto, o corpo dos que estiverem vivos terá de ser transformado (cf. Rm 8.23; 1 Co 15.50-53; Fp 3.21).

As **nuvens** e os **ares** significam a atmosfera inferior sobre a terra. Talvez haja sinal de conquista nas expressões, visto que Paulo diz que os **ares** são o domínio de Satanás (Ef 2.2), e outros textos falam que as **nuvens** estão associadas com a volta do Senhor em poder (Dn 7.13; Mt 24.30).

A declaração conclusiva de Paulo nos leva a entender que o quesito realmente importante acerca de tudo isso é a verdade gloriosa de que “estaremos para sempre com o Senhor” (BJ, BAB, RA). Afinal de contas, é isto que torna o céu significativo para o cristão. É esta sua meta (cf. Fp 3.7-14). A passagem contém muito pouco para satisfazer a mera curiosidade. Paulo nada fala sobre uma seqüência detalhada dos acontecimentos, o destino dos incrédulos, o estado intermediário e o julgamento.

A cortina do futuro foi aberta e vimos o suficiente para fazer nosso coração pular de esperança e alegria. O triunfo final para o cristão é certo por Cristo. Que palavra para

estes dias sombrios! Paulo exorta que o ensino seja posto em uso prático e amoroso (não em uso especulativo): **Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras** (18; cf. 2.11; 3.2; o verbo grego traduzido por **consolai-vos** também tem o significado de “animai-vos” [cf. CH, NTLH] ou “fortalecei-vos”).

Identificamos nesta passagem algo da imagem apocalíptica do Antigo Testamento. Na descrição de evento tão indescritível é útil o uso de símbolos, mas devemos prestar atenção ao aviso de Barclay sobre um “literalismo cru e insensível”,²⁰ pelo menos no que tange a detalhes que envolvem os sentidos físicos. Por outro lado, temos de resistir, como golpe fatal na esperança cristã, a todo ponto de vista que torne esta passagem uma composição mitológica do Novo Testamento. Há mais que o mero simbolismo de uma “escatologia realizada”, ainda que muito se diga para ensinar a verdade “espiritual”. A menos que a linguagem seja falsa, os eventos descritos são prometidos literalmente no tempo e, assim, necessariamente no espaço. Não podemos nos consolar com uma mitologia mais do que podemos nos aquecer diante de uma pintura de fogueira. Estamos certos, porque esta é “a palavra do Senhor” (15).

Alexander Maclaren encontra nesta passagem o tema “Pequenos Deveres e a Grande Esperança”: 1) O dever do amor cristão, 9,10; 2) O dever do trabalho cotidiano, 11,12; 3) O Senhor que desce e os santos que sobem, 11-18.

2. A Igreja Viva (5.1-11)

Embora exista uma sequência natural do pensamento de 4.13-18 para 5.1-11, há mudança de ênfase. O pensamento é tirado da preocupação dos leitores sobre os que morreram em Cristo e passa para a incerteza deles sobre sua preparação para a vinda de Cristo. Os cristãos tendem a ter duas falsas atitudes concernentes à segunda vinda: uma é a preocupação inquieta e especulativa com sinais e datas; a outra é a absorção ativa nos assuntos mundanos a ponto de excluir a esperança.

O antídoto de Paulo para ambas as tendências é resumido sob o tema “Preparação para a Segunda Vinda de Cristo”: 1) A imprevisão da vinda de Cristo, 1-3; 2) Ânimo e certeza para os preocupados, 4,5,9-11; 3) A responsabilidade pessoal e moral dos que esperam a volta de Cristo, 6-8.

a) *O tempo desconhecido* (5.1-3). A frase **acerca dos tempos e das estações** (1; “épocas”, AEC, CH, NVI, RA) introduz a pergunta recorrente dos curiosos e ansiosos: Quando é que Jesus vem? E em que ponto da história ocorrerá a vinda de Jesus? (cf. At 1.7). O termo grego *chronos* (**tempos**) conota duração, ao passo que *kairos* (**estações**) conota um período adequado. Hendriksen traduz assim: “Os períodos de duração e as estações apropriadas”.²¹ Sobre essa questão, Paulo diz: **Não necessitais de que se vos escreva** (1), sem dúvida por causa de instrução previamente dada. A lembrança é feita, não obstante, como cura para a inquietude dos inquietos (cf. 4.11). **Porque vós mesmos sabeis muito bem** (2; *akribos* significa “exatamente”, “perfeitamente”, BJ, NVI, ou “com precisão”, RA) **que o Dia do Senhor virá** (lit., “está vindo”; cf. RA) **como o ladrão de noite** (2).

Não há como analisarmos adequadamente a expressão o **Dia do Senhor** (2) em poucas palavras. Para os judeus, era expressão familiar com um significado bastante fixo. É tema freqüente dos profetas veterotestamentários, em cujos escritos é um dia

catastrófico de julgamento dos inimigos de Deus, libertação para o povo de Deus, defesa final da justiça de Deus e começo de uma nova era de paz justa. É o tempo entre o presente século mau e a próxima era de ouro. No Novo Testamento, é “o Dia”, “aquele Dia”, “o Dia de Cristo” ou o **Dia do Senhor**. O conceito do Antigo Testamento é transportado para o Novo e enriquecido. Em geral, diríamos que no Novo Testamento é um período de tempo (não um dia solar) de duração não declarada, que começa com a volta de Cristo, ou pelo menos perto do tempo da sua vinda, e termina com a consumação final de todas as coisas (os novos céus e a nova terra). Encerra em seu escopo eventos como a grande tribulação, a ressurreição, o julgamento e o reinado de Cristo na terra. Entender o **Dia do Senhor** varia um pouco de acordo com as teorias do milênio e outras questões escatológicas. Mas há acordo geral de que é o Dia de Deus em contraste com o dia de rebelião do homem. É o **Dia** da justiça em contraste com a **noite** do pecado. Trata-se de um dia de terríveis alternativas: o dia do juízo dos pecadores, o dia da glória dos santos.

O Dia... virá como o ladrão de noite (2; cf. Mt 24.36; Lc 12.39; 21.34), que nunca anuncia suas intenções e arranca dos incautos todos os seus tesouros.

Pois que, quando (o mundo, os incrédulos) **disserem: Há paz e segurança** (3; cf. Mt 24.37-39; 25.5) são palavras que lembram Jeremias 6.14. Temos esta tradução: “Enquanto eles estiverem falando de paz e segurança” (NEB). A idéia é de falsa segurança, possivelmente quanto a sentimentos e circunstâncias, ou seja, na esfera interior e exterior. **A repentina destruição** (3) dos incrédulos não significa aniquilação. Tem, mais exatamente, a idéia de ruína,²² e ocorre de novo em 2 Tessalonicenses 1.9 (“repentina perdição”), onde significa separação final de Deus. O símile oriental familiar, **como as dores de parto** (“contrações de parto”, NASB) **àquela que está grávida** (3), transmite a idéia da inevitabilidade ou irrevogabilidade de julgamento, ou simplesmente de sua subitaneidade. Morris favorece a última opção,²³ e certo comentarista fala que os incrédulos estão “grávidos de sua própria ruína”.²⁴ Frame confina a idéia à subitaneidade.²⁵ Paulo sugere seu próprio significado: **De modo nenhum escaparão** (3). Não há terceira alternativa na questão; ou é destruição com os incrédulos ou glória com Cristo.

Como sugere a ilustração do **ladrão de noite** (2), Paulo se serve das metáforas contrastantes entre luz e trevas, dia e noite, vigilância e sono, sobriedade e embriaguez (4-8) para ensinar lições espirituais. Estas ilustrações são viradas de diversos modos para expor mais de uma faceta, mas, de modo geral, indicam os que são salvos e os que estão perdidos (cf. Ef 5.8; Cl 1.13).

b) *Incentivo e certeza* (5.4,5). Os **irmãos** tessalonicenses não estão **em trevas** (4). A referência é provavelmente à ignorância da verdade bem como à depravação moral e espiritual (cf. 2 Co 6.14). Como cristãos esclarecidos e espiritualmente transformados por Cristo (cf. Jo 8.12), a vinda do “Dia de Cristo” não os surpreenderá (**vos surpreenda**; ou “vos apanhe de surpresa”, RA; cf. CH) **como um ladrão**.²⁶

Os que **não são da noite** (5), e, portanto, estão na **luz**, são **filhos da luz e filhos do dia**. Esta expressão bem oriental sugere que a natureza redimida tem certa afinidade com a **luz** (cf. “filhos deste mundo”, Lc 16.8). Em compensação, os não-cristãos são **da noite e das trevas**, e implicitamente filhos destas. Eles têm afinidade pelas **trevas** e se escondem da **luz** (Jo 3.19-21). Os crentes tessalonicenses, diz Paulo, são **todos** eles **filhos da luz**. A exortação que vem a seguir não é para os desviados, mas para os cristãos,

a fim de incentivá-los a sustentar esta relação através da vigilância contínua. Como cristãos, eles pertencem a um futuro Reino de **luz**, onde as **trevas** para sempre serão banidas. Ainda que esse dia não tenha chegado, eles já estão andando na **luz** hoje. Os que andam com Cristo na **luz** não estarão despreparados quando ele voltar no Dia do Senhor. É lógico que ser filho da **luz** implica em obediência sincera à verdade junto com a confiança em Cristo (cf. Jo 12.36; 1 Jo 1.6,7).

c) *Exortação à vigilância* (5.6-8). Ao iniciar o trecho exortativo, Paulo usa diplomaticamente os verbos na primeira pessoa do plural. **Não durmamos, pois** (“assim, pois, não durmamos”, RA), **como os demais** (cf. 4.13), **mas vigiemos** (“fiquemos acordados”, CH) e **sejamos sóbrios** (6). Todos estes três termos são usados metaforicamente, e foram depreendidos pelas outras metáforas da passagem. *Dormir* (**durmamos**) indica ser indiferente ou indolente. Em Efésios 5.14, em contexto semelhante, conota morte espiritual. *Vigiar* (**vigiemos**) sugere estar de olhos abertos, estar de prontidão alerta. *Ser sóbrio* (**sejamos sóbrios**) tem o sentido de “calmo e de espírito sereno, controlado, imparcial, circunspeto”.²⁷ Juntos, os termos dão a entender que ser filho da luz é mais que ter um relacionamento formal; tem de existir uma relação ética com a luz (note em 3.13 a exigência ética de estarmos preparados para a vinda de Cristo).

A dormência (6, **durmamos**), que indica indiferença negligente para com a volta de Cristo, e a embriaguez (7), que indica comportamento irresponsável, festança, prazer sensual, são características da **noite** e das trevas.

Exatamente como fez em Romanos 13.12, aqui Paulo faz a transição das ilustrações acima para a ilustração da armadura (8). Ele falou sobre vigilância e sobriedade, e isto acarreta em defesa contra os ardis do diabo (Ef 6.11) e o poder das trevas (Cl 1.13). Há os adversários malignos e poderosos (Ef 6.12). Aqui é mencionada somente a armadura defensiva: **Vestindo-nos** (“tendo-nos vestido”, NASB) **da couraça da fé e da caridade** (“do amor”, ACF, AEC, BAB, BV, NVI, RA) e **tendo por capacete a esperança da salvação** (cf. Is 59.17; Ef 6.13ss., onde há discrepâncias na descrição da armadura).

Uma vez mais Paulo apresenta sua famosa tríade de virtudes (**esperança, fé e amor** [**caridade**], ver comentários em 1.3). A **esperança** é mencionada novamente por último, como convém ao tom escatológico da passagem. Esta armadura nos é fornecida por Deus (cf. Ef 6.13), mas deve ser apropriada por nós — **vestindo-nos** — com nossa obediência ativa. As virtudes cristãs são dádivas de Deus através do ministério do Espírito Santo. O crente vive pela **fé**, por confiança ativa e em dependência de Cristo. É uma **fé** que trabalha pelo amor (Gl 5.6), o princípio que regula a conduta total do crente. Ele é salvo pela **esperança** (Rm 8.24; cf. BV, CH), e olha para o futuro com segurança (cf. Rm 8.28,31,32). Assim, nas áreas mais vitais e vulneráveis da vida, o crente está protegido completamente.

d) *Mais incentivo* (5.9-11). A base da **esperança** cristã e (no contexto mais amplo da passagem inteira) o antídoto contra a incerteza ansiosa estão no propósito de Deus em chamar os crentes (cf. 4.3,7): **Porque Deus não nos destinou** (“não nos escolheu”, BV, CH, NTLH) **para a ira** (ver comentários sobre o termo grego *orge* em 1.10), **mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo** (9). A palavra grega traduzida por **aquisição** transmite a idéia de esforço pessoal em ganhar a **salvação** (cf. “para que

alcançássemos sua salvação”, CH; cf. AEC, BJ, RA). A frase contém uma tensão interessante entre a idéia do propósito de Deus e a idéia do esforço do homem com respeito à **salvação** (cf. Fp 2.12,13; 2 Ts 2.13ss.). Mas a **salvação** é pela graça sem o mérito humano, visto que é **por nosso Senhor Jesus Cristo**. O próprio esforço, embora de nossa escolha e por livre cooperação com a graça, é possibilitado pela habitação de Cristo (Cl 1.27). O propósito de Deus está em Cristo e é por ele **que morreu por nós** (10) e ressuscitou. Este é o único lugar nas cartas tessalonicenses onde a morte expiatória de Cristo é declarada diretamente, fato que indica que a doutrina era bem conhecida pelos crentes tessalonicenses. Vemos que a morte de Cristo proporcionou a reconciliação e comunhão entre Deus e os homens (cf. Rm 14.9).

Alexander Maclaren faz uma exposição dos versículos 9 e 10 sob o tópico “Vigiar e Dormir”. Ele observa: 1) A morte é o fundamento da vida: **Jesus Cristo, que morreu por nós**; 2) A transformação de nossa vida e de nossa morte é afetada com isso: **Quer vigiemos, quer durmamos**; 3) A vida unida de todos os que vivem com Cristo: **Para que... vivamos juntamente com ele**.

As palavras gregas traduzidas por **vigiemos** e **durmamos** (10) são as mesmas traduzidas por “vigiemos” e “durmamos” no versículo 6. A propósito disso, transmitem o significado metafórico de prontidão e, do oposto, indiferença. Entretanto, o contexto requer — e com isso quase todos os comentaristas concordam — que entendamos uma mudança na metáfora, tornando-a semelhante, mas não totalmente igual, a “dormem” que ocorre em 4.14. As palavras agora significam, com referência aos cristãos, aqueles que estão vivos e aqueles que estão mortos.

Nestes versículos (8-10), vemos a **salvação** no aspecto positivo e no aspecto negativo. Considera-se que neste contexto não é tanto o ato regenerador de Deus, mas o cumprimento final do pleno propósito de Deus para o homem. Negativamente, é livramento da **ira**; positivamente, é viver **juntamente com** Cristo, quer dizer, em comunhão pessoal com ele.

Neil vê nos versículos 9 e 10 três razões por que os “filhos da luz” podem encarar com tranqüilidade a volta do Senhor: 1) Deus nos chamou para a sua igreja; 2) Cristo morreu por nós; 3) Cristo vive em nós.²⁸

A passagem (5.1-10) é um estudo impressionante sobre contrastes. Os cristãos são diferentes dos outros: 1) Em termos de lealdade, eles não pertencem mais às trevas, mas à luz; 2) Em termos de natureza, eles são os filhos da luz; 3) Em termos de conduta e propósito, eles são vigilantes e sóbrios; 4) Em termos de destino, eles estão destinados não para a ira, mas para a salvação.

As palavras de Paulo ao concluir esta passagem (11) são muito instrutivas para a igreja de hoje. As importantes verdades escatológicas relativas à volta do Senhor, ao céu, ao inferno, e o propósito final de Deus para o seu povo têm de ser meios de encorajamento e edificação da igreja: **Pelo que exortai-vos uns aos outros** (“encorajai uns aos outros”, BAB; cf. BV) **e edificai-vos uns aos outros, como também o fazeis** (11). O tempo presente apóia a tradução de Phillips: “Portanto, continuem incentivando e fortalecendo uns aos outros” (CH). Não é verdade que é extremamente comum os crentes analisarem estas verdades apenas por interesse acadêmico? Este mundo nos parece tão eterno. Quando o prospecto do retorno do Senhor for um aspecto prático da vida cotidiana, então este presente mundo — tão fisicamente real, tão aparentemente permanente

— se colocará na perspectiva adequada. Que quadro admirável da comunhão e adoração da igreja esta passagem pinta! Como membros da igreja devemos buscar oportunidades para animar uns aos outros, edificar uns aos outros, de forma que juntos crescamos em graça e utilidade.

C. EXORTAÇÕES À VIDA DE SANTIDADE, 5.12-24

Sucedendo a passagem escatológica (4.13—5.11), há um retorno às exortações práticas, ponto deixado por Paulo em 4.12. Naquela passagem (4.1-12), as instruções sobre a vida cotidiana se originam da aplicação na vida da vontade de Deus aos crentes, isto é, a santificação. Nesta passagem, as exortações éticas se edificam uma sobre a outra como os degraus de uma escada que sobe até culminar na oração triunfante de fé pela santificação total dos membros da igreja (23,24). Esta realidade não propõe que o poder que santifica seja a vida ética sublime. O Santificador é **o mesmo Deus de paz** (23). Antes propõe que, no lado humano, uma condição à santificação total é a plena consagração à vida prescrita por estes princípios éticos; e também que só a experiência de ser santificado totalmente proporciona a dinâmica interior para satisfazer estes padrões éticos sublimes, mas atingíveis.

Não há dúvida de que, nos versículos a seguir, Paulo trata, em muitos casos, do que ainda estava faltando na fé dos crentes tessalonicenses (3.10). Sua base de dados são, obviamente, as informações trazidas por Timóteo (cf. 3.6).

1. *Disciplina Congregacional* (5.12-15)

É impossível saber exatamente quais eram as condições que levaram Paulo a fazer este pedido pela disciplina da igreja. Podemos conjecturar que surgira certa tensão entre os preguiçosos (ver comentários em 4.11,12) e a liderança local da igreja. Numa situação que podia levantar os ânimos, caso fosse tratada inadequadamente, Paulo pede com diplomacia: **E rogamo-vos, irmãos** (12; o tratamento é conciliatório), **que reconheçais** (“respeitem”, NTLH; “tenham consideração para com”, NVI; cf. BJ) **os que trabalham entre vós** (“aqueles que trabalham com tanto afinho entre vocês”, CH; cf. BJ). Aqueles **que presidem sobre vós** é, literalmente, “aqueles que estão na frente de vós”, ou, como traduz Moffatt, “aqueles que estão presidindo sobre vós”. **Trabalham** conota esforço dispendioso (cf. 1.3; 2.9). O cargo que mantinham não era mero ofício honorário. As três expressões (os que **trabalham**, os que **presidem** e os que **admoestam**) se referem a diferentes funções dos líderes e não a três tipos de cargos na igreja. A antiga organização da igreja era relativamente descomplicada (cf. At 14.23). Estes líderes dirigiam a organização, administravam o dinheiro e davam conselhos sobre assuntos espirituais. O treinamento era provavelmente obtido na execução dos trabalhos. A expressão **no Senhor** dá a entender a qualidade espiritual da liderança e motivação pessoal que tinham, como também o tipo e limite da autoridade que exerciam. Desta e de outras passagens obtemos uma idéia de como estas sociedades cristãs eram estritamente organizadas, e vemos o lugar de destaque que suas congregações davam à disciplina espiritual e moral.

Paulo roga primeiramente aos crentes que reconheçam seus líderes (12) de modo a apreciar-lhes o verdadeiro valor. A este, ele acrescenta outro pedido: **E que os tenhais**

em grande estima e amor, por causa da sua obra (13). O advérbio grego traduzido por **em grande estima** é uma expressão forte (cf. “na mais alta estima [possível]”, NVI; “em máxima consideração”, RA). Também tem de ser uma **estima** “com” (NVI, RA) **amor**. O *agape* não depende de gosto ou desgosto pessoal. Nem esta **estima** deve se basear simplesmente no respeito pelo cargo, mas na verdadeira apreciação da sublime tarefa e trabalho fiel que os líderes desempenham. **Por causa da sua obra** (tradução apoiada por Moffatt) dá a entender que a **estima** é necessária para o sucesso na tarefa de liderança. De qualquer modo, é verdade que a relação de apreciação inteligente, **estima** e **amor** entre a igreja e seus líderes é essencial para a execução da tarefa eclesiástica de evangelismo mundial.

Os líderes da igreja nem sempre são tão qualificados e diplomáticos quanto deveriam; esta, como suspeitamos, era a situação em Tessalônica. Um pouco de compreensão das obrigações de liderança, entremeada com **estima** fundamentada no **amor** cristão, solucionaria a maioria das desinteligências ocasionadas por equívocos e da crítica de tais líderes. Robertson observa: “Necessitamos de liderança sábia hoje em dia, mas muito mais de seguidores sensatos. Um exército de capitães e coronéis nunca ganhou uma batalha”.²⁹

E Paulo acrescenta: **Tende paz entre vós** (13). A **estima** com **amor** há pouco mencionada iria a ponto de produzir **paz**. Em grego, a expressão **entre vós** conota fortemente que o imperativo era dirigido do mesmo modo aos líderes e aos seguidores. A responsabilidade pelas relações santificadas pesa sobre ambos.

É bastante provável que as três classes denominadas de os **desordeiros**, os **de pouco ânimo** e os **fracos** (14) correspondam aos três grupos tratados na carta. Neste caso, os **desordeiros** seriam os intrometidos cheios de entusiasmo. Os **de pouco ânimo** seriam os que se preocupavam pelos que morreram em Cristo e pela breve volta de Cristo. Os **fracos** seriam os que foram especialmente tentados a entregar-se às práticas imorais.³⁰

O fator importante sobre a admoestação de Paulo: **Rogamo-vos também, irmãos** (14), é que a obrigação pesa sobre toda a igreja. Não é só os líderes que devem exortar, advertir, encorajar, apoiar e conter-se de vingança (15). Os membros devem exercer disciplina mútua uns sobre os outros. Temos assim um quadro esplêndido que mostra que os membros da igreja tinham zelo cheio de amor uns pelos outros. Paulo declara estas relações na forma de imperativos nos versículos 14 e 15; a linguagem é um pouco mais forte que nos versículos 12 e 13.

Os **desordeiros** (“insubmissos”, AEC, RA; “desordenados”, BAB; “indisciplinados”, BJ; “rebeldes”, CH; “preguiçosos”, NTLH; “ociosos”, NVI; “vadios”, Moffatt³¹) devem ser repreendidos. O substantivo grego tem formação militar, designando os que deixam as fileiras. Os irmãos não devem discutir os erros dos outros pelas costas, mas falar com eles em amor. Os **de pouco ânimo** (a palavra grega sugere lit. os “de espírito mesquinho”, “tacanhos” [cf. “abatidos”, BAB; “medrosos”, CH; “desanimados”, AEC, NVI, RA; “tímidos”, NTLH]) têm de ser consolados, animados, incentivados, encorajados. Estes irmãos desanimados precisam de tratamento carinhoso. Os **fracos** têm de ser sustentados, apoiados, ajudados, mantidos de pé. De acordo com Moffatt, o verbo grego conota apegar-se a eles, pôr o braço ao redor deles.³² Barclay escreve: “Em vez de deixar o irmão fraco se desviar, [...] prenda-o na igreja de tal modo que ele não possa escapar”.³³ Estes três tipos de crentes precisam de diferentes tipos de tratamento; para tal, necessitamos

de discernimento. Mas a tudo isso, Paulo acrescenta: **Sejais pacientes** (lit., “longânimos”, RA; cf. BAB) **para com todos**. Quem viver por este ideal *precisará* de paciência. É mais fácil criticar, ignorar ou menosprezar, mas não é assim que o amor faz (cf. 1 Co 13.4-7). Não fosse pela contenção, encorajamento, companheirismo apoiador da igreja, milhares de pessoas nunca estariam no céu hoje.

Em uma sociedade pagã e sob perseguição cruel, não seria surpreendente se alguns crentes fossem tentados a dar **a outrem mal por mal** (15). Denney fala que “a vingança é a mais natural e instintiva das falhas de caráter. [...] Trata-se de qualidade negativa que facilmente se passa por virtude; [...] [é] o último forte que [...] mantemos contra o espírito do evangelho”.³⁴ Paulo diz que é dever de cada membro da igreja cuidar para que semelhante desgraça não ocorra com o evangelho (cf. Mt 5.9). **Segui** (“procurem”, BV, NTLH; cf. BJ), **sempre, o bem** significa indubitavelmente empenhar-se severamente em viver de acordo com o ideal moral do amor que busca o melhor bem-estar e felicidade de todos (cf. Rm 13.10). Esta exortação se aplica não só aos irmãos, mas a todas as pessoas (15).

No trecho compreendido pelos versículos 14 a 24, W. E. McCumber³⁵ encontra o tema “A Oração pela Santificação Total”. Por introdução, ele vê: A exaltação de um padrão, 14-22; e o fornecimento de uma dinâmica, 23,24. Este é o seu texto nos versículos 23 e 24: 1) Aponta *para cima*, visando o encorajamento: “O mesmo Deus de paz”. A natureza divina requer santidade. 2) Aponta *para trás*, visando o encorajamento: “O mesmo Deus de paz”. Só os justificados têm paz com Deus; a santificação é uma segunda obra da graça. 3) Aponta *para fora*, visando o encorajamento: “O mesmo Deus de paz”. O contraste enfático com o esforço humano. a) Deus, o Purificador: **Vos santifique em tudo**; b) Deus, o Conservador: **Sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**; c) Deus, o Chamador: **Fiel é o que vos chama**.

2. Vitória Constante (5.16-18)

De assuntos de disciplina, Paulo se volta naturalmente para as atitudes espirituais interiores subjacentes. Moffatt denomina estes versículos de “gotas de diamante”.³⁶ A brilhante expressão da vitória cristã acha-se na forma de tríade que também forma uma unidade de pensamento. Os três conselhos (16,17,18) fazem parte um do outro; um se edifica sobre o outro e cada um envolve os outros dois.

Regozijai-vos sempre (16). Para os cristãos perseguidos esta exortação soa paradoxal (cf. 3.3; 2 Co 6.10). Contudo, este é tema dominante no Novo Testamento (Fp 4.4). Não são as circunstâncias, mas o pecado que espreme a alegria. Paulo citou esta alegria como prova da eleição dos crentes tessalonicenses (ver comentários em 1.6). Como poderiam deixar de se alegrar, mesmo no infortúnio, pois tinham o perdão dos pecados, a paz de Cristo, o amor de Deus, a libertação do pecado e do medo, e o prospecto da glória eterna? Estar sintonizado com Deus é tomar parte na harmonia da alegria eterna (cf. Sl 4.7).

A idéia de harmonia com o céu se relaciona naturalmente com a próxima exortação: **Orai sem cessar** (17; “orai perseverantemente”, NTA; “nunca desistais da oração”, Moffatt; “nunca deixem de orar”, CH). A palavra grega traduzida por **orai** é um termo geral que abrange todas as formas de comunhão. Orar é muito mais que falar com Deus; é também ouvir a Deus, comungar com Deus, depender conscientemente de Deus. É o

hábito de elevar o coração a Deus. O conceito aqui implica em padrão e hábito de vida deliberadamente escolhidos (cf. Rm 12.12; Ef 6.8; Cl 4.2). A perseverança na oração não é automática, nem fácil, mas a alegria do Senhor é sustentada somente pela oração.

Fazendo uma exposição dos versículos 16 a 18, Alexander Maclaren analisa o tema “A Oração Ininterrupta e Seus Efeitos”: 1) O dever da oração ininterrupta, 16; 2) O dever da alegria ininterrupta, 17; 3) O dever da gratidão ininterrupta, 18.

Em tudo dai graças (18). É lógico que o coração alegre e dedicado à oração é grato, e nada menos que o coração grato é a chave para a oração e a alegria (cf. Fp 4.6). A gratidão é uma virtude cristã maravilhosa, mas o fator significativo acerca deste mandamento é a expressão **em tudo**, quer dizer, “em todas as circunstâncias” (NVI; cf. CH; NTLH; cf. tb. Ef 5.20). Estas abrangem a alegria e a tristeza, a doença e a saúde, o ganho e a perda. A fé em Deus faz a diferença (Rm 8.28). Como é freqüente os mais desafortunados terem os corações mais gratos!

Como que a evitar a objeção de que a vida nesse patamar está fora do alcance dos cristãos, Paulo acrescenta: **Porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco** (18; cf. 4.4). Semelhante vida de vitória é o desejo carinhoso do Pai Celestial para os seus filhos; é esse o seu propósito. Mas isso só é realizado em Jesus Cristo: revelado perfeitamente em sua pessoa; proporcionado graciosamente por sua paixão; concretizado pessoalmente e na prática por sua presença.

Barclay³⁷ vê aqui o tema “As Três Marcas de uma Igreja Genuína”: 1) Uma igreja que é alegre, 16; 2) Uma igreja que ora, 17; 3) Uma igreja que agradece, 18.

3. *Discernimento Espiritual* (5.19-22)

Como descrito no capítulo 1, a igreja tessalonicense era um grupo de pessoas que trabalhava e testemunhava, sendo caracterizado por manifestações do Espírito Santo como alegria, zelo, ardor e atividade entusiástica. Paulo menciona o dom de profecia (20) para dar destaque, mas não há dúvida de que cada um dos dons (*charismata*) do Espírito tinha sua manifestação em certo grau. Em 1 Coríntios 14.26, temos um vislumbre do estilo livre de adoração que, por vezes, caracterizava as igrejas primitivas. Havia um entusiasmo transbordante entre essas novas criaturas em Cristo, em cujos corações ardia o fogo do Espírito. Caso eles fossem inexperientes e ininteligentes, e mais particularmente, se o entusiasmo fosse expresso em palavras, poderia ter ocasionado consternação para os mais velhos e mais sábios. Já comentamos que havia discordâncias entre os líderes e os preguiçosos.

Talvez por causa do zelo ininteligente de alguns, surgiu o perigo da desconfiança dessa liberdade no Espírito, a qual deveria ter sido apreciada. Paulo desejava que os crentes tessalonicenses evitassem os extremos: de um lado, a indiferença fria, e do outro, o excesso espalhafatoso. As cinco exortações desta passagem indicam a maneira de proteger essa manifestação do Espírito em poder e liberdade, sem a qual a igreja fica monótona e ineficaz. As igrejas espirituais de nossos dias, rebocadas, de um lado, por experiências litúrgicas ou, de outro, por excessos emocionais precisam muitíssimo destes conselhos inspirados.

Em uma metáfora subentendida, o Espírito Santo é simbolizado pelo fogo (cf. Mt 3.11; At 2.3). **Não extingais o Espírito** (19; “nunca apaguem o fogo do Espírito”, CH; “não abafeis a inspiração”, NEB; cf. BV; “não abafeis as expressões vocais do Espírito”,

Knox). Frame opina que o significado é a repressão da manifestação dos *charismata*.³⁸ Morris entende que a expressão é semelhante a entristecer o Espírito Santo (Ef 4.30) pela ociosidade, imoralidade ou qualquer outra desobediência.³⁹ O ponto de vista de Denney é mais amplo, envolvendo de modo geral a supressão do fervor espiritual na vida da igreja.⁴⁰ Em palavras positivas, trata-se do chamado em manter o fogo do Espírito aceso a todo custo em nossos corações; em manter aberto os canais da fé, da resposta obediente e da devoção regular.

Não desprezeis as profecias (20; “não desprezeis as expressões vocais proféticas”, NASB; “nem desprezem o que é dito em nome do Senhor”, CH). O verbo grego *exoutheneite* (**desprezeis**) é, literalmente, “contar como nada”. Profetizar está relacionado como um dos dons do Espírito, mas no Novo Testamento o sentido geral aceito é “dizer adiante” (o significado literal da palavra grega traduzida por **profecias**). Assim, significa a pregação cristã e não a “revelação antecipada”, embora este significado não esteja totalmente ausente (cf. 1 Co 14.24,25). Considerando que o espúrio ficaria misturado com a realidade, seria fácil desprezar todas as **profecias**. Mas Deus escolheu falar com os homens através de expressões vocais humanas, e por mais que o vaso seja humilde e inábil, o ouvinte tem de procurar a mensagem de Deus para si.

Examinai tudo (21; “discerni tudo”, BJ; “usem o bom senso a todo custo”, CH; “examinai tudo cuidadosamente”, NASB; “ponham à prova todas as coisas”, NVI; cf. BAB, BV, NTLH; “julgai todas as coisas”, RA). Estas últimas três exortações na passagem equilibram as primeiras duas. O julgamento cristão, o bom senso, o exame criterioso são ações imprescindíveis na vida da igreja. Isto também é o Espírito que dá (cf. 1 Co 14.29; 12.10, onde “discernir” é um dos dons). Erdman escreve: “Paulo não especifica as provas a serem aplicadas. Em outra passagem, ele dá a entender que todos os dons espirituais devem ser exercidos em amor, que o verdadeiro propósito dos dons deve ser a edificação das pessoas e que as pessoas que são movidas pelo Espírito reconhecerão o senhorio de Cristo e se empenharão em promover a sua glória”.⁴¹

Retende o bem (21). Quando o trigo e o joio forem separados, retenha o trigo. Quando descobrir a falsificação pelo som do metal genuíno, mantenha o que é de valor. Ninguém jamais ficou rico apenas descartando o que é espúrio. Esta é a ilusão do crítico destrutivo.

Abstende-vos de toda aparência do mal (22; “abstende-vos de toda forma de mal”, RA; cf. BJ, NVI). “O termo grego *eidos* [...] significa originariamente ‘aspecto’ ou ‘aparência’. [...] Mas, tomado nesse sentido, não é a aparência em oposição à realidade (Milligan)”.⁴² O raciocínio é de afastar-se do mal onde quer que ocorra. É sinal de saúde espiritual robusta ter medo e esquivar-se de tudo que entristeça ao nosso Senhor, separar-se obedientemente de seja o que for que o Espírito revele que esteja errado. Concomitante a estes procedimentos é desejar ardentemente o bem (21), ter fome e sede de justiça (Mt 5.6).

4. Graça Santificadora (5.23,24)

Paulo concluiu suas instruções. Tendo apresentado aos crentes os padrões morais, éticos e espirituais, agora ele se dedica naturalmente a orar por eles. A oração é urgente e fervorosa. A conjunção com a qual ela começa **e o mesmo Deus de paz** (23; “ora, que o Deus de paz”, NASB), conecta a oração com a subdivisão ética precedente. Esta conec-

xão indica que só o **Deus** que santifica **plenamente** pode levar os leitores a viver de verdade esta vida. É significativo que numa oração por santificação **Deus** seja tratado por **o mesmo Deus de paz** (“o próprio Deus da paz”, NVI; cf. BAB, BV). **Paz**, no sentido hebraico clássico (ver comentários em 1.1), abrange o significado de prosperidade ou felicidade espiritual completa. **Deus** é a fonte da **paz**. Para experimentar a graça santificadora de **Deus** os homens têm de primeiro receber a **paz** divina (cf. Rm 5.1). Ser justificado é ter **paz** com **Deus** e ter, na regeneração, o início dessa santificação que Paulo ora que seja total e completa. **Paz com Deus** se torna a mais profunda **paz de Deus** comunicada pela harmonização interior da pessoa inteira em todas as suas partes e funções. Paulo está orando por isso.

O verbo grego *hagiazō* (23; **santifique**) significa “separar-se de coisas profanas e dedicar-se a Deus”, e também “purificar” (externamente e interiormente através da reforma da alma).⁴³ No uso do Novo Testamento, a purificação é primária. O modificador **plenamente** (seguindo Lutero, “completamente”, AEC, BAB, CH, NVI) denota a amplitude da purificação. “Esta palavra não ocorre em outro lugar na nossa Bíblia grega, mas o uso nos poucos exemplos conhecidos da literatura não deixa dúvida do seu significado. É formada por *holos* (“tudo”) e *telos* (“fim”), e denota finalidade bem como perfeição.”⁴⁴

Observemos que, em grego, **santifique** (23) está no tempo aoristo. Nos versículos precedentes (19-22), Paulo usa o tempo presente que indica ação contínua para os cinco verbos envolvidos. Mas o tempo aoristo indica não ação ou processo contínuo, mas ação que ocorre e é concebida como completa. Isso não quer dizer que não haja processo precedendo o ato santificador, e claro que não quer dizer que o ato é tamanho a ponto de impedir o processo contínuo de crescimento em santidade depois da crise. Paulo está orando pela ação purificadora de Deus na vida desses crentes tessalonicenses para que eles venham a dizer: “O trabalho tem sido feito; nós temos sido e, agora, somos completamente santificados”.

Ressaltemos também que os crentes tessalonicenses, conforme o apóstolo os descreveu, renasceram genuinamente, estavam trabalhando e testemunhando, e eram irmãos exemplares em Cristo (cf. 1.1,3,4,6-10). Fica evidente que Paulo está orando pela santificação total desses crentes como uma segunda obra da graça de Deus, definida em termos do tempo e da experiência.

Como que a enfatizar a abrangência da santificação, Paulo continua: **E todo o vosso espírito, e alma, e corpo sejam plenamente conservados** (23; “conservados íntegros”, RA; “conservados inteiros”, ASV; “conservados completos”, NASB). Esta conservação deve tornar os crentes **irrepreensíveis** (“inculpáveis”, CH; “livres de toda mancha”, NTLH) **para a** (“na”, NVI, RA) **vinda de nosso Senhor Jesus Cristo**. A segunda frase da oração gramatical é um tanto quanto explicativa da primeira. O termo grego *holokleron* (**todo**), significa “completo em todas as suas partes (*holos*, ‘todo’, *kleros*, ‘lote’ ou ‘parte’). Não deve haver deficiência em parte alguma”.⁴⁵ O adjetivo predicativo é considerado modificador de todos os três dos substantivos que se seguem.⁴⁶

Paulo está pensando novamente na *parousia*. Somente o ato santificador preparará os crentes para a prova daquele dia. Paulo também tem em mente a graça preservadora e estabilizadora da santidade. A santificação total não deve ser adiada até a vinda do Senhor, como o contexto deixa claro, visto que a oração envolve a conservação até àquele dia (sobre **irrepreensíveis**, ver comentários em 2.10; cf. 2 Pe 3.14).

Muita coisa já foi escrita sobre a expressão **espírito, e alma, e corpo** (23). Será que o apóstolo estava descrevendo que a constituição humana divide-se essencialmente em três partes, quer dizer, é uma tricotomia? Mas, sendo assim, este ponto estaria em desacordo com o tom do ensino paulino sobre a natureza humana nas outras passagens de sua lavra. O enfoque está na pessoa inteira (no “ser inteiro”, BJ). O ser total do homem tem de ser santificado (cf. passagens como Mc 12.30). Wiley escreve:

Levando em conta que o homem é composto de uma porção material e de uma porção imaterial, esta última, na exata terminologia bíblica, é considerada de maneira dupla. Quando vista como o poder de animar o organismo físico chama-se *psyche* ou alma; quando vista como agente racional e moral, esta mesma porção imaterial é conhecida por *pneuma* ou espírito. No uso de Paulo, *pneuma* é a parte mais alta do homem em relação a coisas espirituais; *psyche* é a mesma parte mais alta do homem só que em relação a coisas físicas.⁴⁷

A purificação deve atingir toda parte da natureza humana: o sentimento, a vontade, a imaginação, a fonte motivadora de vida. O corpo faz parte da natureza humana, pois é o templo do Espírito Santo (1 Co 6.19) e é o veículo e instrumento da vida pessoal (cf. Rm 6.12,13,19).

A abrangência da oração é tão vasta que requer uma garantia. Esta santificação não se baseia no poder, empenho, realização do homem ou mesmo em sua consagração. É Deus que a **fará** (24). E esta garantia está fundamentada no caráter de Deus. Ele é **fiel**. Ele **fará** o que diz. Seu propósito ao chamar os homens é que eles sejam santos (cf. 2.12; 4.3,7; 2 Ts 2.13,14; Ef 1.4).

Os versículos 23 e 24 apresentam: 1) O imperativo; 2) A fonte; 3) A natureza; 4) A abrangência; 5) O resultado; e 6) A garantia da santificação total.

Quanto à pergunta: “O que é Santificação Total?”, J. Ottis Sayes encontra nos versículos 16 a 24 as seguintes respostas: 1) É a perspectiva otimista, 16-18; 2) É a reflexão interior, 19-22; 3) É a integração do ser ou personalidade inteira, 23; 4) É a culminação da promessa de Deus em nossa experiência, 24.

D. CONCLUSÃO E BÊNÇÃO, 5.25-28

A carta termina num tom carinhoso e pessoal: **Irmãos, orai por nós** (25). O grande apóstolo sempre estava humildemente consciente de sua fraqueza (cf. 1 Co 2.1-5) e da necessidade de ajuda sobrenatural (cf. Rm 15.30; Ef 6.19; Fp 1.19; Cl 4.3). O pedido reforçava a reciprocidade da comunhão e confiança. Serve de lembrança para orarmos habitualmente por nossos líderes espirituais.

Saudai a todos os irmãos com ósculo (“beijo”, BAB, NTLH, NVI) **santo** (26). O modo costumeiro de trocar saudações pessoais naquela sociedade era pelo beijo. Entre os cristãos era um **ósculo santo**, porque simbolizava o amor cristão e a unidade em Cristo. Na igreja, a prática assumiu posteriormente significação formal e litúrgica. Paulo está dizendo: “Dai minhas mais amáveis saudações pessoais a todos”. Phillips dá uma conotação moderna com: “Cumprimentem-se com um aperto de mãos por toda a irmandade” (CH).

É significativo que Paulo diga **todos os irmãos** (26). Ele foi franco e sincero ao escrever sobre as necessidades dos tessalonicenses, mas **todos** são **irmãos**, e nem o crente mais fraco deve ser omitido de sua confraternidade. Deduzimos pelo espírito disto que há necessidade de expressões calorosas de amizade e cordialidade entre os cristãos e para com os que ganhamos para Jesus (cf. Rm 16.16; 1 Co 16.20; 2 Co 13.12; 1 Pe 5.14).

Em grego, eu **vos conjuro** é expressão muito solene (corretamente, “eu vos adjuro”, ASV) **pelo Senhor... que esta epístola seja lida a todos os santos irmãos** (27). Certas versões omitem a palavra **santos** (cf. BAB, BJ, BV, CH, NVI, NTLH, RA), embora alguns manuscritos a contenham. É provável que a carta fosse lida num ajuntamento público da igreja. Talvez Paulo temesse que alguns crentes, possivelmente aqueles que mais precisassem da mensagem, não estivessem presentes na reunião de leitura. Considerando que se tratava da primeira de tais cartas, era importante que ficasse claro que era para todos, não só para os líderes ou outro grupo seleta. Com isso, Paulo contradizia a acusação de que ele não se importava realmente com os convertidos (ver comentários no cap. 2). Mason escreveu: “Chega a ponto de ser uma reivindicação de inspiração”.⁴⁸ Hoje, vemos nessas palavras forte exortação à leitura da Bíblia para aqueles que não a lêem por conta própria.

Paulo termina como começou, com enfoque na **graça** (ver comentários em 1.1). É mais que uma despedida; é a bênção suprema. Resume numa palavra toda bênção, toda coisa boa. Só a **graça** é suficiente: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém!** (28).

Notas

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

¹Charles R. Erdman, *The Epistles of Paul to the Thessalonians: An Exposition* (Filadélfia: The Westminster Press, 1935), p. 9.

²O fato de neste ponto da narrativa em Atos (At 17) Lucas deixar de usar os verbos na terceira pessoa do plural ("nós"), dá a entender que ele não acompanhou o grupo a Tessalônica. O texto menciona especificamente a presença de Silas, mas não a de Timóteo. Mas as epístolas deixam claro que Timóteo estava presente.

³E. J. Bicknell, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Westminster Commentaries* (Londres: Methuen & Company, Limited, 1932), p. xiii.

⁴Leon Morris, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The New International Commentary on the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959), p. 26.

⁵Alguns estudiosos defendem a prioridade de 2 Ts, ao passo outros invertem a ordem das cartas. Para inteirar-se de ótima e sucinta análise sobre essa questão, ver Morris, *op. cit.*, pp. 37-41.

⁶Bicknell, *op. cit.*, p. xxvii.

⁷Para inteirar-se de análise completa sobre a questão da autoria, ver Bicknell, *op. cit.*, pp. xxiv-xxxviii; James Everett Frame, "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians", *The International Critical Commentary* (Edimburgo: T. & T. Clark, 1912), pp. 28-54; e inclusive uma análise de palavras e frases; William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of I and II Thessalonians* (Grand Rapids: Baker Book House, 1955), pp. 18-30; e Morris, *op. cit.*, pp. 27-36.

⁸Adam W. Miller, *An Introduction to the New Testament* (Anderson, Indiana: The Warner Press, 1943), p. 160.

SEÇÃO I

¹A tradição que torna Silas e **Silvano** duas pessoas está, seguramente, equivocada. Mas Silas (contração grega) e **Silvano** (nome latino) são semelhantes em som, não em significado.

²A esse respeito (1.1), ver William Barclay, *The Mind of St. Paul* (Nova York: Harper & Row, Publishers, 1958), cap. xi.

³Frame, *op. cit.*, p. 71.

⁴Ainda que as palavras **de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo** (1.1) não tenham apoio dos melhores textos gregos, o conceito ocorre com naturalidade.

⁵A palavra grega *kopou* (1.2, **trabalho**), significa "ação vigorosa de grande custo", e é diferente de *ergou* (**obra**), o termo grego geral.

⁶Entre as versões que indicam preferência (1.3), a AEC, BAB, Goodspeed, NTLH, NVI, RA estão de acordo. Porém, Phillips (CH) e Weymouth concordam com a RC.

⁷H. Orton Wiley, *Christian Theology*, vol. III (Kansas City: Nazarene Publishing House, 1940), pp. 335-343.

⁸James Denney, "The Epistles to the Thessalonians", *The Expositor's Bible* (Londres: Hodder & Stoughton, 1892), p. 37.

- ⁹James Moffatt, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Expositor's Greek Testament*, vol. IV, editado por W. Robertson Nicoll (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1951), p. 24.
- ¹⁰Archibald Thomas Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, vol. IV (Nova York: Harper & Brothers, 1931), p. 12.
- ¹¹*Ib.*
- ¹²Frame, *op. cit.*, p. 85.
- ¹³William Barclay, "The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians", *The Daily Study Bible* (Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1959), p. 213.
- ¹⁴Frame, *op. cit.*, pp. 2-5.
- ¹⁵Morris, *op. cit.*, p. 62.
- ¹⁶Harold J. Ockenga, *The Church in God* (Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1956), pp. 42-45.
- ¹⁷William Neil, "St. Paul's Epistles to the Thessalonians", *Torch Bible Commentaries* (Nova York: The Macmillan Company, 1957), p. 38.
- ¹⁸Richard C. Trench, *Synonyms of the New Testament* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 [nova tiragem]), pp. 26-30.
- ¹⁹*Ib.*, pp. 130-134.
- ²⁰Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), p. 20.
- ²¹Frame, *op. cit.*, p. 92.
- ²²Robertson, *op. cit.*, p. 16.
- ²³Denney, *op. cit.*, p. 72.
- ²⁴Kenneth S. Wuest, *Wuest's Expanded Translation of the Greek New Testament: Philippians Through the Revelation*, vol. III (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959), p. 48.
- ²⁵Muitos dos melhores manuscritos têm a palavra "bebês". O problema textual implica na possibilidade de erro de copista. Em grego, "brandos" é *epioi*, enquanto que "bebês" é *nepioi*, apenas uma letra de diferença. As evidências e argumentos a favor de qualquer lado são extensos e maçantes. Provavelmente por se ajustar à ilustração do versículo e fazer melhor sentido, "brandos" é preferido por Moffatt e vários outros intérpretes. Contudo, Frame (*op. cit.*, p. 100) favorece fortemente a tradução "bebês" (cf. NTLH), como fazem Robertson (*op. cit.*, p. 18) e Morris (*op. cit.*, pp. 76-78). Exceto por fazer ajustes necessários à linguagem figurativa envolvida, a escolha só afeta ligeiramente o significado.
- ²⁶Moffatt, *op. cit.*, p. 27, 28.
- ²⁷Frame, *op. cit.*, p. 101.
- ²⁸Trench, *op. cit.*, pp. 328-331.
- ²⁹Frame, *op. cit.*, p. 103.
- ³⁰Joseph H. Thayer, *Greek-English Lexicon of the New Testament* (Nova York: American Book Company, 1889), p. 482.
- ³¹*Ib.*, p. 485.
- ³²*Ib.*, p. 392.

³³Alguns manuscritos têm “chamou” (2.12; cf. NVI), mas as evidências mais importantes em termos de manuscritos levam as traduções ACF, AEC, BAB, BJ, RA, RC, Moffatt e outros a preferir o tempo presente (**chama**).

³⁴Frame, *op. cit.*, p. 105.

³⁵Thayer, *op. cit.*, p. 53.

³⁶Frame, *op. cit.*, pp. 107, 108.

³⁷Não deixemos de notar que a palavra *como* (duas vezes em 2.13) é acréscimo de tradutores (ambas estão em *itálico* na RC).

³⁸Denney, *op. cit.*, pp. 84, 85 [grifos meus].

³⁹Robertson, *op. cit.*, p. 21.

⁴⁰Morris, *op. cit.*, p. 89.

⁴¹Denney, *op. cit.*, p. 88.

⁴²Robertson, *op. cit.*, p. 21.

⁴³Frame, *op. cit.*, p. 114.

⁴⁴Robertson, *op. cit.*, p. 22.

⁴⁵Frame, *op. cit.*, p. 120.

⁴⁶Barclay, *Letters*, p. 225.

⁴⁷Trench, *op. cit.*, p. 78.

⁴⁸O termo grego *parousia* (2.19, **vinda**) pode ter um significado não técnico (*i.e.*, “presença”), e, derivado disso, o sentido de **vinda**, “chegada” ou “advento” (Thayer, *op. cit.*, p. 490). Nesta acepção, é usado em 1 Ts 2.9; 1 Co 16.17; 2 Co 10.10. Citando Deissmann, Frame (*op. cit.*, p. 123) afirma que no mundo oriental é termo quase técnico para referir-se à visita de um rei. Na igreja neotestamentária, a palavra logo ganhou o significado técnico de “o segundo advento de Cristo”, e, nesta acepção, é usada aqui (2.19) e em 3.13; 4.15; 5.23; 2 Ts 2.1,8; 1 Co 15.23 (cf. Frame, *op. cit.*, p. 123; Morris, *op. cit.*, p. 97). Esta seria a primeira ocorrência desse uso no NT.

⁴⁹Este é o ponto de vista de Frame (*op. cit.*, p. 126) baseado no significado dos verbos na primeira pessoa do plural (3.1). Mas esta teoria subtrairia da situação quase todo o sentimento de dor relacionado com estar sem companheiro no ambiente opressivo e difícil de Atenas, sentimento que está implícito no fraseado da oração gramatical. Neil (*op. cit.*, p. 60) julga que o quadro total dá a entender que Paulo estava doente quando estava em Atenas.

⁵⁰Estas são leituras variantes dos originais após as palavras **nosso irmão** (3.2): “e co-trabalhador de Deus”; “e co-trabalhador”; “e ministro de Deus e nosso co-trabalhador”; “e ministro e co-trabalhador de Deus”. Estas variações aparecem na variedade de fraseados nas traduções (cf. BV, CH, NTLH, NVI [cf. nota de rodapé], RA). Para inteirar-se de uma análise textual, ver Frame, *op. cit.*, pp. 126, 127; Moffatt, *op. cit.*, p. 31; Morris, *op. cit.*, p. 100 (nota de rodapé).

⁵¹Robertson, *op. cit.*, p. 26.

⁵²Denney, *op. cit.*, p. 121.

⁵³Frame, *op. cit.*, p. 133.

⁵⁴Robertson, *op. cit.*, p. 26.

⁵⁵A. J. Mason, “The Epistles to the Colossians, Thessalonians, and Timothy”, *Layman’s Handy Commentary*, editado por Charles J. Elliott (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957), p. 96.

⁵⁶Robertson, *op. cit.*, p. 26.

⁵⁷Frame, *op. cit.*, *ad. loc.*

⁵⁸Thayer, *op. cit.*, p. 336.

⁵⁹Frame, *op. cit.*, p. 135.

⁶⁰Barclay, *Letters*, p. 226.

⁶¹Certas traduções seguem os textos originais que omitem a palavra **Cristo** (3.11; cf. AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA).

⁶²Cf. Vincent, *op. cit.*, p. 34.

⁶³W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955), pp. 75-85.

SEÇÃO II

¹Thayer, *op. cit.*, p. 6.

²Neil, *op. cit.*, p. 74.

³Robertson, *op. cit.*, vol. IV, p. 29.

⁴Barclay, *op. cit.*, p. 230.

⁵Neil, *op. cit.*, p. 75.

⁶Morris, *op. cit.*, p. 124.

⁷Para inteirar-se de uma interpretação bem diferente das apresentadas aqui (4.4), a qual se baseia na ordem de palavras e no uso de pontuação, ver Marvin R. Vincent, *Word Studies in the New Testament*, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946), pp. 35, 36.

⁸Em 4.8, as traduções revisadas têm “vos” (AEC, BAB, BJ, RA; cf. BV, NTLH, NVI) em lugar de **nos** (ACF, CH, RC).

⁹As traduções revisadas seguem os melhores textos originais, que em 4.8 têm o tempo presente no lugar do tempo aoristo: “Que vos dá o seu Espírito Santo” (AEC, BAB; cf. BV, CH, NTLH, NVI, RA). Assim, a ênfase está na relação dinâmica e contínua com o Espírito Santo, e não no ato passado de dar.

¹⁰Frame, *op. cit.*, p. 156.

¹¹Vincent, *op. cit.*, p. 38.

¹²Frame, *op. cit.*, p. 158.

¹³Denney, *op. cit.*, pp. 161, 162.

¹⁴Barclay, *Letters*, p. 234.

¹⁵Frame, *op. cit.*, p. 167.

¹⁶Segundo a gramática grega, a expressão **em Jesus** (4.14; lit., “por Jesus”; cf. BAB, NVI, RA) pode seguir ou modificar **dormem** ou **trazer**. “Assim também Deus, mediante Jesus, trará, em sua companhia, os que dormem” (RA). Construção semelhante é seguida por Moffatt, Weymouth, Goodspeed, NTA e outros. Porém, Frame (*op. cit.*, pp. 169, 170), seguindo Ellicott, prefere o sentido da RC. “Trazer por Jesus” dá a entender que Jesus é o agente de Deus na ressurreição e no arrebatamento. “Dormir por Jesus”, que já se disse ser expressão desajeitada e estranha ou talvez até indique martírio, daria a entender apenas o alívio da morte para aqueles que estão “em Cristo”, ou união contínua com Cristo até à morte.

¹⁷Frame, *op. cit.*, p. 174.

¹⁸Thayer, *op. cit.*, p. 343.

- ¹⁹*Ib.*, p. 74.
- ²⁰Barclay, *Letters*, p. 236.
- ²¹Hendriksen, *op. cit.*, p. 121.
- ²²Thayer, *op. cit.*, p. 443.
- ²³Morris, *op. cit.*, p. 154.
- ²⁴C. A. Auberlen e C. J. Rigenbach, "The Two Epistles of Paul to the Thessalonians", *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, vol. XI, traduzido para o inglês por John Lillie (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960 [nova tiragem]), p. 83.
- ²⁵Frame, *op. cit.*, p. 182.
- ²⁶Vários manuscritos contêm "ladrões" no lugar de **ladrão** (5.4). Os comentaristas que preferem esta leitura (e.g., Frame, *op. cit.*, p. 184) entendem que são os ladrões que são apanhados de surpresa pelo amanhecer, o contrário da ilustração constante no v. 2.
- ²⁷Thayer, *op. cit.*, p. 425.
- ²⁸Neil, *op. cit.*, p. 108.
- ²⁹Robertson, *op. cit.*, p. 36.
- ³⁰Cf. Frame, *op. cit.*, p. 196.
- ³¹Moffatt, *op. cit.*, p. 197, defende a tradução "vadios" (5.14; **desordeiros**), i.e., aqueles que se recusam a trabalhar; ele chega a esse entendimento por comparação feita com as outras três vezes em que a palavra grega ocorre no NT (2 Ts 3.6,7,11).
- ³²Moffatt, *op. cit.*, vol. IV, p. 41.
- ³³Barclay, *Letters*, p. 240.
- ³⁴Denney, *op. cit.*, pp. 213, 214.
- ³⁵W. E. McCumber, *Holiness in the Prayers of St. Paul* (Kansas City: Beacon Hill Press, 1955).
- ³⁶Moffatt, *op. cit.*, p. 41.
- ³⁷Barclay, *Letters*, p. 240.
- ³⁸Frame, *op. cit.*, p. 205.
- ³⁹Morris, *op. cit.*, p. 175.
- ⁴⁰Dennis, *op. cit.*, pp. 233ss.
- ⁴¹Erdman, *op. cit.*, p. 66.
- ⁴²Robertson, *op. cit.*, p. 38.
- ⁴³Thayer, *op. cit.*, p. 6.
- ⁴⁴John W. Bailey e James W. Clarke, "The First and Second Epistles to the Thessalonians", *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 314.
- ⁴⁵Robertson, *op. cit.*, p. 39.
- ⁴⁶Frame, *op. cit.*, p. 211.
- ⁴⁷Wiley, *op. cit.*, vol. II, p. 19.
- ⁴⁸Mason, *op. cit.*, p. 122.

Esboço

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. ENCORAJAMENTO PARA OS PERSEGUIDOS, 1.1-12

- A. Endereço e Saudação, 1.1,2
- B. A Demonstração da Graça de Deus, 1.3,4
- C. A Antecipação do Julgamento de Deus, 1.5-10
- D. A Súplica pelo Poder e Graça de Deus, 1.11,12

II. INSTRUÇÕES PARA OS ATRIBULADOS, 2.1-17

- A. A Ilegalidade e o Filho da Perdição, 2.1-12
 - 1. A Correção de um Erro, 2.1-3
 - 2. A Descrição do Homem do Pecado, 2.4-10
 - 3. As Conseqüências da Perversidade, 2.11,12
- B. A Eleição da Graça e os Herdeiros da Esperança, 2.13-17

III. DISCIPLINA PARA OS DESORDEIROS, 3.1-18

- A. Orações e Confiança Mutuamente Necessárias, 3.1-5
- B. Trabalho e Quietude Comandados aos Preguiçosos, 3.6-12
- C. A Exigência de Firmeza e Bondade, 3.13-15
- D. Conclusão e Bênção, 3.16-18

SEÇÃO I

ENCORAJAMENTO PARA OS PERSEGUIDOS

2 Tessalonicenses 1.1-12

A. ENDEREÇO E SAUDAÇÃO, 1.1,2

O endereço e a saudação desta carta (1,2) são quase iguais à abertura da primeira carta (ver comentários em 1 Ts 1.1). Em outra passagem, **Silvano** é conhecido por Silas (At 15.40). **Timóteo** também é citado em 2 Coríntios 1.1. **Nosso Pai**, em lugar de apenas “Pai”, é descrição de **Deus**. O fraseado ressalta o vínculo da fé que une os apóstolos às pessoas endereçadas. Notamos novamente como é natural Paulo associar **Deus, nosso Pai**, e o **Senhor Jesus Cristo** na função de serem ambos igualmente a fonte da **graça** e da **paz**. Estas duas palavras resumem a totalidade do bem espiritual.

B. A DEMONSTRAÇÃO DA GRAÇA DE DEUS, 1.3,4

A ação de graças habitual de Paulo é afetuosa e generosa. Há duas razões de especial interesse. A primeira razão é o enfoque na adequação da ação de graças do apóstolo a favor deles. Paulo reitera os altos elogios da primeira carta, mencionando de novo as três grandes virtudes (a “esperança” não é nomeada imediatamente como tal, mas é a **paciência**). **Sempre devemos, irmãos, dar graças a Deus por vós, como é de razão** (3; “como é justo”, ACF, AEC, RA; cf. NVI). É freqüente supor que esta expressão de obrigação e conveniência seja a resposta de Paulo aos protestos de “os de pouco ânimo” (cf. 1 Ts 5.14), que diziam que eram fracassados indignos.

A segunda razão de interesse é que Paulo se alegra pela oração respondida: **Porque a vossa fé cresce muitíssimo** (3; “está crescendo cada vez mais”, NTLH), **e a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, NTLH, NVI) **de cada um de vós** (a RC é literal) **aumenta** (“está se tornando cada vez maior”, NTLH) **de uns para com os outros**. O quadro é de crescimento exuberante, como de uma árvore ou planta. Paulo tem o cuidado de incluir todos eles na declaração (**cada um de vós**). Foi por isso que ele orou tão fervorosamente em 1 Tessalonicenses 3.10,12 (ver comentários lá).

O versículo fornece um comentário importante sobre o crescimento cristão. Havia nesta igreja muita ignorância, engano e até certo fanatismo, todos os quais compatíveis, pelo menos nesta fase, com a **fé** e o amor em crescimento. É significativo também o fato de que tal crescimento tenha ocorrido durante um período de tribulação (cf. 4).

É fato maravilhoso na igreja quando a graça de Deus na vida de seus membros se mostra de modo tão evidente a ponto de ser um testemunho que não pode ser negado. Para **dar graças** Paulo adiciona ensejo de orgulhar-se (no Senhor): **De maneira que nós mesmos** (o contraste implícito na expressão sugere adicionar as palavras: “ao contrário de vossas expectativas”) **nos gloriamos de vós** (“falamos com orgulho sobre vocês”, NTLH) **nas igrejas de Deus** (4; cf. 1 Ts 2.19,20 e ver comentários ali). As qualidades particulares sobre as quais Paulo se alegrava eram a **paciência** (“firmeza”, BAB; cf. BJ, RA; cf. tb. 1 Ts 1.3) e a **fé** dos crentes tessalonicenses. Eles mantinham-se firmes ou pacientes, porque a **fé** que tinham estava em Deus e suas promessas. A expressão **em todas as vossas perseguições e aflições** dá a entender sofrimentos incessantes e repetidos, os quais ainda estavam ocorrendo. A palavra grega traduzida por **aflições** (*thlipseis*) é a mesma traduzida por “tribulação” em 1 Tessalonicenses 1.6 (ver comentários ali).

C. A ANTECIPAÇÃO DO JULGAMENTO DE DEUS, 1.5-10

Este assunto de perseguição e aflição levanta naturalmente a questão da justiça e equidade. Que sentido faz tudo isso? É um universo moral? (ver comentários sobre “tribulações” em 1 Ts 3.3). Paulo passa a defender o **justo juízo** (ou “julgamento”, CH) **de Deus** (5). A paciência e a fé dos tessalonicenses em meio às perseguições (não simplesmente a perseguição em si) são **prova clara** (“sinal evidente”, RA) **do justo juízo de Deus** (cf. Fp 1.28). A **prova clara** do versículo 5 se refere ao versículo 3. Essa constância a despeito do sofrimento e ódio imerecido é evidência de um poder divino em ação (“prova positiva da equidade de Deus”, Moffatt). Deus está com os crentes tessalonicenses; eles pertencem a ele (cf. em 1 Ts 1.6 a idéia da marca da eleição divina). Deus tem um propósito em vista: **para que sejais** (o gr. expressa propósito;² “e como resultado”, AEC; “como resultado disso”, NTLH; cf. BV, CH) **havidos por dignos** (cf. Lc 20.35). A tradução “vocês se tornarão merecedores” (NTLH) não é o sentido apropriado. Nenhum mérito pessoal provém do sofrimento, embora Deus o use para refinar nossa alma pela graça. Deus tenciona considerar seus filhos **dignos do Reino de Deus, pelo qual também padeceis** (cf. At 5.41; 1 Pe 4.12-16). Considerando que a perseguição é inevitável (cf. 1 Ts 3.3), o crente deve manter os olhos no propósito de Deus. O julgamento futuro o revelará (cf. em Rm 3.25,26 a idéia de **justo juízo**). Aqui, devemos considerar o **Reino** em seu aspecto futuro (ver comentários em 1 Ts 2.12).

O argumento moral nesta passagem se desdobra em duas vertentes. Primeiramente, o **justo juízo de Deus** se revela em sustentar e justificar hoje o seu povo perseguido; em segundo lugar, o **justo juízo de Deus** se revela em castigar os maus e recompensar os crentes em um futuro ajuste de contas. A firmeza no sofrimento é vista como prova da verdadeira fé (e também como evidência do estado moral terrível do mundo). O sofrimento pela causa de Cristo também é a garantia de julgamento futuro; em um universo moral tem de haver necessariamente a retificação das injustiças da vida. Presumimos que os leitores concordarão com o princípio básico de recompensa e castigo. Isto é axiomático se Deus existe e é justo. Negar tal princípio é estar imerso no caos moral.

Temos nesta passagem o tema “O Julgamento de Deus”: 1) A base moral do julgamento, 5-7a; 2) O tempo e as circunstâncias do julgamento, 7b; 3) A base e a natureza do castigo, 8,9; 4) A base e a natureza da recompensa, 10.

Paulo passa agora para o segundo lado do argumento moral. **Se, de fato, é justo** (6) é tradução correta, porque está na forma condicional (cf. ACF, BAB, RA). O pensamento é de suposição que está fora de discussão; daí esta versão: “pois afinal de contas é nada mais que justo” (NASB). **Diante de Deus** é, literalmente, “ao lado de Deus”, e assim, “do ponto de vista de Deus”.³ **Dê em paga** significa “retribuir” (NVI; cf. 1 Ts 3.9, onde em contexto diferente a mesma palavra grega é traduzida por “tributar”, RA). **Tribulação aos que vos atribulam** é tradução excelente (cf. ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA; ver comentários sobre *thlipsis* em 1 Ts 1.6).

A recompensa será negativa e positiva: **E a vós, que sois atribulados, descanso** (7). A palavra grega *anesin* (**descanso**; “alívio”, AEC, BV, CH, NVI, RA) significa “liberdade de restrições e tensão”, “como o afrouxamento de um fio esticado”.⁴ A referência é seguramente ao próprio céu. Na natureza do caso, o crente não pode ser motivado meramente pela esperança egoísta de recompensa; não obstante, tal recompensa santa é, ao mesmo tempo, consolo e incentivo na vida cristã. Inversamente, embora o medo do castigo seja, por si, motivo insuficiente para o arrependimento, sua presença nos homens tem um efeito completamente salutar.

Paulo adiciona **conosco** (7), dando a entender que haverá uma comunhão dos demais, como houve uma comunhão no sofrimento.

Agora, o pensamento passa para o tempo e circunstância do julgamento: **Quando se manifestar o Senhor Jesus** (7; lit., “na revelação do Senhor Jesus”, ASV; cf. CH). Paulo escreveu previamente sobre a vinda do Senhor (*parousia*, 1 Ts 2.19; 3.13; 4.15; 5.23). Aqui, o termo grego é *apokalypsis* (“revelação”). A palavra significa, literalmente, “descobrimento”.⁵ É usada para referir-se à vinda de Cristo (cf. Lc 17.30; 1 Co 1.7), à manifestação ou desvelamento de coisas ou verdades até aqui não vistas (cf. Rm 8.19; Gl 1.12; Ef 1.17), e Paulo também a usa em 2.8 com referência ao homem do pecado. No que tange ao retorno de Cristo, não há como determinar por esta passagem alguma distinção temporal entre *parousia* e *apokalypsis*. Cristo, que foi amado e adorado, embora não visto, será desvelado. Sua obra que até aqui esteve não vista será feita visível.

A manifestação será **desde o céu** (7; cf. 1 Ts 4.16), **com os anjos do seu poder** (tradução lit.; cf. Jd 14), **como labareda de fogo** (8; lit., “em chama de fogo”, AEC, RA; cf. BAB, BJ, NTLH). A referência a **fogo** indica primariamente o brilho e a majestade da revelação (cf. Êx 3.2; Is 66.15; Ap 1.13), embora também indique o castigo.

Frame⁶ sugere que temos nas três frases breve descrição de “A Revelação de Cristo”: 1) O lugar: **Desde o céu**, 7; 2) O acompanhamento auxiliar: **Os anjos do seu poder**, 7; e 3) A maneira: **Como labareda de fogo**, 8. O quadro é admirável por sua restrição e brevidade.

A expressão **tomando vingança** (8) seria repulsiva, caso a considerássemos com o significado de disposição pessoal para a vingança. Porém, como em 1 Tessalonicenses 4.6, Deus é o vingador, o administrador da justiça moral. Temos estas versões: “Ele fará justiça” (NEB); “ele trará plena justiça” (CH).

Muitos comentaristas pensam que as pessoas **que não conhecem a Deus** (8) se refiram aos pagãos, ao passo que as pessoas **que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo** sejam os judeus. Esta era a opinião de Denney.⁷ Na verdade, ambos os pecados eram e são característicos de pessoas de toda sociedade. No lugar de os **que não conhecem a Deus**, temos esta tradução: “Aqueles que se recusaram a reconhecer a Deus” (CH). Em outros textos, Paulo acentua a ignorância voluntariosa e culpável que as pessoas têm de Deus (cf. Rm 1.28; Ef 4.17,18; 1 Ts 4.5). O pecado culminante e mais doloroso de todos é rejeitar Cristo e o convite gracioso de Deus em seu Filho Jesus (cf. Mc 12.1-12; Rm 2.8; 10.16,21).

Paulo descreve a natureza do **castigo** e as pessoas envolvidas nessa retribuição (9). O pronome grego traduzido por **os quais** é qualitativo e indica “pessoas como estas”. Elas **padecerão** (lit., “sofrerão [ou pagarão] penalidade de”, RA; cf. NVI) **eterna perdição**. Em grego, **eterna** (*aionion*) é, literalmente, “era longa”. Mas a próxima era é infinita. A mesma palavra é usada para falar da vida perpétua ou eterna dos crentes. Frame diz que a palavra aqui se refere “a destruição, cujas conseqüências duram uma longa era, ou seja, para Paulo e para o Novo Testamento em geral, são ‘eternas’ (Mc 3.29; Mt 25.46; cf. Dn 12.2).⁸ Esta **perdição** (“destruição”, NTLH, NVI, RA) não é aniquilação, fato que está claro pelas palavras que vêm a seguir e que ampliam o pensamento. Este **castigo** significa ser banido **ante a face** (lit., “longe da presença”, NTLH) **do Senhor e a glória do seu poder**. A natureza do **castigo** é separação interminável da **face do Senhor**, e, portanto, de todo o bem. É o oposto exato do estado dos redimidos, cuja felicidade eterna acha-se na presença de Cristo. Estas palavras estão cheias de tristeza infundável, quase terrível demais para olhar. Mesmo assim, o destino dos maus é, no máximo, apenas o cumprimento da escolha daqueles que não querem que Cristo reine em sua vida.

Denney escreve sobre a finalidade do evangelho: “Obedeça, e você entra na luz em que não há trevas de modo algum; desobedeça, e você passa conseqüentemente para trevas nas quais não há luz de modo algum. [...] Não é questão de menos ou mais, de cedo ou tarde, de melhor ou pior; o que está em jogo em nossa atitude com o evangelho é vida ou morte, céu ou inferno, as trevas exteriores ou a glória de Cristo”.⁹

Nas palavras do versículo 10, identificamos um retorno ao pensamento do versículo 7: **Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável** (“maravilhado”, RSV; cf. CH), **naquele Dia, em todos os que crêem** (10; mas o tempo é aoristo, portanto “que creram”, AEC, BJ, NVI, RA; cf. BAB, BV). Nas duas frases que começam com **para ser glorificado** e **para se fazer admirável**, há um toque de paralelismo poético. Moffatt sugere que talvez haja aqui citação de um hino cristão.¹⁰ Na sua vinda, Cristo será o centro e foco de tudo. Sua glória, atributos, bem-aventuranças

serão vistos na pessoa dos santos, que também têm o nome de **os que crêem**. O caráter de cada um refletirá ou reproduzirá, como espelho, a glória de Cristo. A revelação magnífica será a causa de louvor e regozijo. O texto não identifica os que se admirarão ou se maravilharão; são, indubitavelmente, todos os que verão, os seres humanos ou os seres angelicais. Tudo isso acontecerá **naquele Dia**, o **Dia** da vinda de Cristo. As palavras **naquele Dia** colocadas entre vírgulas (RC) denotam ênfase.

Observemos a reciprocidade da relação de Cristo com os crentes. Barclay denomina isso de “a glória recíproca”.¹¹ Cristo é glorificado nos crentes, cuja glória é somente Cristo (cf. esta idéia em Jo 13.31; 14.13; 17.1,4,10,22; cf. tb. 1 Ts 2.20).

Pelo visto, as palavras entre parênteses, **porquanto o nosso testemunho foi criado entre vós**, foram inseridas como garantia particular para “os de pouco ânimo” entre os crentes tessalonicenses (cf. 1 Ts 5.14). É como se Paulo tivesse dito: “E quando eu digo ‘todos’, quero dizer cada um de vós”. Mais uma vez é usado o tempo aoristo, referindo-se ao ato de crer no momento decisivo que começou a carreira cristã — a carreira que atin girá o ponto culminante no dia da glória.

D. A SÚPLICA PELO PODER E GRAÇA DE DEUS, 1.11,12

Os prospectos magníficos, que Paulo acabou de estabelecer por esperança dos crentes, não serão realizados exceto por ajuda sobrenatural. Por isso, o apóstolo passa naturalmente à oração. Vemos de novo a importância e a confiança na oração intercessora. Os missionários não podem estar com seus convertidos, mas podem orar por eles. **Pelo que** (“para essa finalidade”, RSV) **também rogamos sempre por vós, para que o nosso Deus vos faça dignos da sua vocação** (11). Frame (junto com outros) assevera que a tradução adequada da palavra grega *axiosei* é “contar ou supor ou considerar digno” (cf. CH) e não “fazer ou tornar digno” (cf. ACF, AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA).¹² No sentido mais fundamental, a esperança cristã está no mérito e dignidade de outra pessoa, ou seja, Cristo. Esta oração é imprecisa, a menos que vejamos nela a implicação clara de que é o caráter santo como evidência da fé salvadora que qualifica os homens “naquele Dia”. A graça justificadora e a graça para viver em santidade não estão separadas na experiência, mas só no pensamento. A **vocação** (“chamado”, CH) se refere ao passado ou à conversão (cf. 1 Co 1.26), e também à bem-aventurança futura (cf. Fp 3.14). A menos que seja mera retórica, a oração dá a entender a possibilidade de os chamados serem considerados dignos no último dia. Bicknell declara: “É indubitável que Paulo sustenta que os crentes podem cair da graça e provar serem indignos do seu chamado”.¹³

Paulo prossegue agora com a segunda petição da oração, paralela da primeira: **E cumpra todo desejo da sua bondade** (11). De acordo com o teor da maioria das últimas traduções, temos: “Cumpra todo desejo pela bondade” (NASB; cf. “cumpra toda boa resolução”, Moffatt, RSV; “cumpra todo bom propósito”, NVI; cf. RA). O cumprimento não é segundo o **desejo** de Deus (embora não haja nada contrário a esta idéia), mas trata-se do propósito ou resolução interior dos próprios tessalonicenses pela **bondade** (cf. CH, NTLH). A **bondade** (*agathosunes*) faz parte da lista do fruto do Espírito Santo (Gl 5.22). O **desejo** ou resolução pela **bondade** é implantado pelo Espírito. Mas não basta apenas resolver ter retidão no coração e na vida; Paulo ora pelo cumprimen-

to. Com a interioridade da boa resolução, Paulo junta a exterioridade da **obra da fé** (ver comentários sobre esta expressão em 1 Ts 1.3). A oração é pela conclusão de toda **obra** que a **fé** começar. Só **com poder**, o **poder** da graça divina, é possível o cumprimento. Mas Deus pode fazê-lo.

Tomando o versículo 11 como um todo, sentimos a urgência não só da vigente santidade de coração, mas também do progresso e crescimento contínuos no aspecto interno e externo da vida de santidade.

Mas agora a oração contempla uma finalidade até mais sublime que o ato de Deus aceitar os leitores e o método para essa aceitação. O objetivo supremo é **que o nome de nosso Senhor Jesus Cristo⁽¹⁴⁾ seja em vós glorificado, e vós nele** (12). Este texto e o versículo 10 expressam o esplêndido conceito da glória recíproca. **Nome**, segundo o uso do Antigo Testamento, não significa só identidade, mas o caráter revelado da pessoa. Neste texto indica o senhorio de **Cristo** e a graça condescendente. É maravilhoso pensar que o caráter santo dos redimidos acrescente brilho ao fulgor da pessoa de **nosso Senhor**, e que, pelo fato de os redimidos estarem **nele**, eles também são glorificados (ver comentários no v. 10).

O teor da oração acentua que os santos dependem inteiramente da força de Deus para serem constantes e crescerem na vida cristã. Todo mérito humano é excluído na expressão **segundo a graça de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo** (12). Esta **graça** se origina no amor do Pai e é mediada pelo Filho. É a esperança do cristão não só no início, mas ao longo do progresso e até na conclusão bem-sucedida de seu trajeto.

Esta oração maravilhosa olha para o futuro com fé e otimismo determinados. Paulo ora: 1) Ora pelo cumprimento da **vocação** dos crentes, 11 (cf. a “soberana vocação de Deus em Cristo Jesus”, Fp 3.13,14); 2) Ora pelo crescimento em graça interior e em **obras** exteriores que tornam tudo isso possível, 11; 3) Ora pela resultante glória recíproca de Cristo e dos que lhe pertencem, que é “a finalidade principal do homem”, 12; e 4) Reconhece na oração que para recebermos a resposta temos de descansar no poder e na **graça** divina, 12.

SEÇÃO II

INSTRUÇÕES PARA OS ATRIBULADOS

2 Tessalonicenses 2.1-17

Certos problemas haviam surgido entre os crentes tessalonicenses que tornaram necessário Paulo tomar medidas corretivas nesta segunda epístola. Na primeira carta, ele os instruíra sobre a verdade consoladora e inspiradora da volta do Senhor e a reunião de todos os santos para estarem com Jesus. De algum modo, difundiu-se o erro de que Paulo ensinava que o dia do Senhor já tivesse chegado. Esta situação produziu um fermento de agitação e sobressalto, bem como um movimento desordenado por parte de alguns que deixaram o trabalho regular para esperar a volta de Cristo. Nesta passagem, Paulo trata corretivamente deste assunto; no capítulo 3, ele trata da facção dos desordeiros.

Teorias forçadas, fixação de datas e movimentos fanáticos tenderam, em todos os períodos da história da igreja, a desacreditar a verdade sobre a volta de Cristo. Aqueles que “amarem a sua vinda” (2 Tm 4.8) não permitirão que estas coisas obscureçam a “bem-aventurada esperança” (Tt 2.13).

Seria útil, na interpretação do que é reconhecidamente uma das passagens mais difíceis do Novo Testamento, manter em mente o plano de fundo geral. A pequena comunidade cristã em Tessalônica está passando por tribulação. Não há garantia de libertação do sofrimento para logo. Mas a mensagem é que Deus está no trono; a garantia é que o futuro triunfo de Cristo e dos que são de Cristo é certa. O capítulo 1 mostrou que Deus é o Juiz justo que rege um universo moral. O capítulo 2 esboçará a derrota dos poderes maus no pior das possibilidades, e o cumprimento do alto propósito de Deus para a igreja.

A. A ILEGALIDADE E O FILHO DA PERDIÇÃO, 2.1-12

1. A Correção de um Erro (2.1-3)

Paulo começa com palavras afetuosas: **Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda** (“irmãos, no que diz respeito à vinda”, RA; cf. ACF, BAB, BJ, NTLH, NVI) **de nosso Senhor Jesus Cristo** (1). Não se trata de uma evocação ou juramento como certas traduções dão a entender (ACF, CH, RC; a palavra **pela**, acrescentada pelos tradutores, sugere erroneamente evocação ou juramento). **E pela nossa reunião com ele** (1; “e a nossa reunião para irmos encontrá-lo”, BV) é referência ao arrebatamento, tema analisado em 1 Tessalonicenses 4.13-17 (cf. Mt 24.31; Mc 13.27).

Em vez de uma abordagem puramente emocional referente à **vinda** (*parousia*) do **Senhor**, Paulo faz uma abordagem racional. Ele fala contra duas condições: **Que não vos movais facilmente do vosso entendimento** (2; “que mantenham a cabeça no lugar”, CH), **nem vos perturbeis** (“num constante estado de agitação nervosa”, Frame¹). O verbo grego traduzido por **movais facilmente** também é usado para referir-se a um navio balançando por estar desgarrado das amarras.² O estado de perturbação é resultado de ter sido movido do **entendimento**.

As três possíveis fontes de informação errônea e perturbadora concernente à volta do Senhor são: **Quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, como de nós** (2; “como se procedesse de nós”, AEC, RA). Frame opina (como outros) que a expressão **como de nós** concorda com todos os três substantivos (**espírito, palavra, epístola**).³ Numa declaração geral como esta, é impossível saber com certeza o que o apóstolo quis dizer. Ele está negando a responsabilidade pela declaração: **O Dia de Cristo estivesse já perto** (“já tivesse chegado”, AEC, NVI; cf. CH, NTLH, RA; “já estivesse aqui”, Weymouth). O consenso geral é que **espírito** diz respeito a expressões vocais carismáticas forjadas, ou são declarações paulinas inspiradas, mas interpretadas equivocadamente. **Palavra** são recordações forjadas ou interpretações errôneas do ensino verbal de Paulo. **Epístola** é um documento falsificado (cf. 3.17) ou anônimo, ou refere-se a 1 Tessalonicenses ou outra carta paulina mal interpretada.

À primeira vista, é difícil entender como alguém poderia pensar que o **Dia** do Senhor **já** tivesse chegado. Talvez a tradução **estivesse já perto** tenha sido preferida por mitigar a dificuldade envolvida.

Bicknell diz: “A resposta é que o período designado pelo termo ‘dia’ já começara e a aparição visível do Senhor seria literal em questão de minutos. Os desesperançados [“os de pouco ânimo”, 1 Ts 5.14] sentiam que estavam interiormente despreparados e os ociosos [“os desordeiros”, 1 Ts 5.14] perceberam que não havia motivo para permanecer no trabalho”.⁴ É óbvio que quando alguns afirmaram que o dia do Senhor chegara, eles não queriam dizer que os acontecimentos solenes e gloriosos ligados a esse dia já tinham acontecido (ver comentários em 1 Ts 5.2). Mas, se o dia tivesse começado, os acontecimentos relacionados ao tempo do fim ocorreriam a qualquer momento.

A refutação de Paulo desta noção é cortante: **Ninguém, de maneira alguma, vos engane** (3). A prova de que o **Dia** do Senhor não chegara é que certas evidências necessárias relacionadas a esse **Dia** ainda não tinham ocorrido. Estas evidências são, primeiramente, **a apostasia**, e em segundo lugar, a manifestação do **homem do pecado**, o

filho da perdição. Começando com **porque... sem** (3), temos no original grego uma declaração inacabada, uma frase condicional sem a designação da coisa que está condicionada. O que quer que fosse era compreendido pelos leitores originais, mas as traduções têm de acrescentar alguma expressão como **não será assim** ou “isto não acontecerá” (AEC, RA; cf. BAB) para que faça sentido.

Em grego, há o artigo definido, por isso o sujeito é **a apostasia** (gr., *apostasia*). As interpretações deste evento são diversas. Certos expositores afirmam que se refere principalmente a uma revolta de todos contra Deus e seu domínio no mundo em geral (Frame,⁵ Morris,⁶ Barclay,⁷ Bicknell⁸); outros dizem que é **a apostasia** dentro da igreja (Erdman,⁹ Ockenga,¹⁰ Hendriksen,¹¹ Mason¹²). Robertson conclui: “Não está claro se Paulo quer dizer revolta dos judeus contra Deus, dos gentios contra Deus, dos cristãos contra Deus, ou da apostasia que inclui todas as classes e sem o corpo de cristãos”¹³ (cf. Mt 24.4,5,10-13; 1 Tm 4.1).

A apostasia tem obviamente relação muito estreita com a revelação (*apokalypsis*) do **homem do pecado** (ver comentários sobre *apokalypsis* em 1.7); mas essa relação não é necessariamente simultânea. O uso do termo **se manifeste** relativo à vinda do **homem do pecado** indica um aspecto sobrenatural ou misterioso. Dá a entender que ele está agora escondido e que será manifestado ou exposto de repente.

Os manuscritos mais antigos têm “o homem da ilegalidade” (*anomias*; ou “o homem sem lei”, CH) no lugar de **o homem do pecado** (*hamartias*). O significado quase não muda, visto que pecado é ilegalidade (1 Jo 3.4). Este personagem também é **o filho da perdição** (“o filho da destruição”, NASB; “o homem sentenciado à perdição”, NEB; cf. NTLH). O “homem da ilegalidade” e o **filho da perdição** são hebraísmos (ver comentários sobre os “filhos da luz” em 1 Ts 5.5). O traço característico essencial deste **homem** é a ilegalidade e seu destino é a destruição. No versículo 8, ele é denominado simplesmente de *ho anomos*, “o sem lei” (“o iníquo”).

Os métodos de harmonização do versículo 3 com os ensinamentos escatológicos da primeira carta são numerosos. Certos expositores, influenciados pelo suposto conflito de pontos de vista, são propensos a negar (sem necessidade) a autoria paulina da segunda carta. O problema gira em torno do aparente conflito entre a iminência e subitaneidade da volta de Cristo, na primeira carta, e a indicação de demora acoplada com sinais antecedentes, nesta carta. Poderíamos comentar que, de acordo com 1 Tessalonicenses 5.1-11, o dia do Senhor vem “como o ladrão” para aqueles que são “da noite” e “das trevas”. As idéias de subitaneidade e sinais quase sempre estão juntas e não são incompatíveis (cf. tb. comentários em 1 Ts 4 sobre o significado da iminência conforme se relaciona com a proximidade).

Certas opiniões dispensacionais e pré-milenares (e.g., o arrebatamento secreto antes da tribulação) precisam, ao que parece, de apoio ao atribuir a escatologia básica da primeira carta ao arrebatamento (*parousia*) e a da segunda carta à revelação (*apokalypsis*) acompanhada de julgamento. Há expositores que diferenciam o “Dia do Senhor” e o **Dia de Cristo** (2). Mas o “Dia do Senhor” é a leitura preferida conforme atestam as traduções mais recentes (cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA). No lugar de **apostasia** (3), Wuest traduziu por “partida” (significando o arrebatamento), desta forma evitando o problema para certa teoria, mas levantando outro problema.¹⁴ Todos os expedientes acima tendem a criar mais problemas que resolver. As cartas tessalonicenses não apóiam

uma diferenciação básica de tempo entre o “arrebatamento” e a “revelação”. Quando lemos as duas cartas sem o conceito que liga imediação e iminência, e sem a predisposição para certos pontos de vista dispensacionais, o problema da harmonização acaba em grande parte.

2. A Descrição do Homem do Pecado (2.4-10)

O homem do pecado **se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus** (“a qualquer deus que houver”, BV) **ou se adora** (“ou é objeto de culto”, AEC, RA; cf. BJ, BV, NVI); **de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus** (4; “proclamando que ele mesmo é Deus”, NVI; cf. BV). Este homem se opõe e desafia Deus, se exalta acima de todos os objetos de culto, desta forma reivindicando temerária e blasfematoriamente deidade para si.

A linguagem aqui provém indubitavelmente em parte de Daniel 7 e 8. A profecia de Daniel tivera cumprimento parcial (talvez cumprimento inicial seja expressão melhor) nos acontecimentos da história judaica que prenunciavam a vinda do homem do pecado. Em cerca de 168 a.C., Antíoco Epifânio colocara no Templo um altar dedicado a Zeus e sacrificara porcos na área do Templo, fatos que desencadearam a guerra macabéia pela independência. Em 40 d.C., o imperador Calígula tentara erigir no Templo uma estátua de sua pessoa. Mas a descrição de Paulo vai muito além destes lampejos débeis (cf. tb. Mc 13.14). É comum os expositores identificarem o homem do pecado com o anticristo mencionado nas epístolas de João (1 Jo 2.18,22; 4.3; 2 Jo 7) e a besta de Apocalipse 13.1. Muitos estudiosos protestantes dos últimos séculos afirmam que a identidade do “homem sem lei” é o papa ou a igreja católica romana. Escritores mais antigos diziam que era o imperador Nero, ao passo que intérpretes do século XX nominam o kaiser Wilhelm, Mussolini, Hitler e Stálin. Qualquer pretenso conquistador sempre será identificado por alguém como o homem do pecado.

Os comentaristas reputam que o **templo de Deus** (4) é um templo reconstruído em Jerusalém, ou a igreja, ou até o céu. De acordo com Morris,¹⁵ é melhor entender que se trata de um edifício que se torna o santuário para esta adoração blasfema.

Na forma de branda repreensão, Paulo lembra os leitores da instrução previamente dada a eles sobre este assunto. Está perfeitamente claro que ele não está mudando os ensinamentos sobre a vinda expostos na primeira carta. **Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia** (o tempo imperfeito pode ser traduzido por: “eu costumava dizer-vos estas coisas”, RA, cf. NVI) **quando ainda estava convosco?** (5). Paulo recorre ao conhecimento que já tinham, desta forma eximindo-se de descrever os detalhes como os leitores modernos gostariam que ele tivesse repetido. Não há como saber tudo que os crentes tessalonicenses aprenderam minuciosamente sobre o homem do pecado. É lógico que esta passagem seria menos obscura se conhecêssemos o teor desses ensinamentos.

O versículo 6 é particularmente difícil: **E, agora, vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado**. “E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria” (RA; cf. NVI). Pela gramática grega, **agora** pode modificar **sabeis** ou **detém**. Algo ou um poder está detendo o homem do pecado até chegar o tempo certo para a sua revelação. Os leitores tessalonicenses, diz Paulo, conheciam a identidade do detentor. Os leitores modernos não sabem quem é e, portanto, não podem ser dogmáticos nessa interpretação.

Porque já o mistério da injustiça (“mistério da ilegalidade”, segundo os melhores textos gregos) **opera** (7). A ilegalidade ou iniquidade (cf. BAB, NVI, RA) opera como uma força secreta e invisível na sociedade e nos indivíduos. É satânico e poderoso, mas está providencialmente sob controle. É um **mistério** porque suas operações secretas são profundas demais para a compreensão humana e também porque a revelação se dará no devido tempo. Esta força que desafia Deus produzirá o homem do pecado e a grande rebelião (cf. 3, BV). Paulo declara a razão de o homem do pecado não ter aparecido ainda: **Somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado** (7). “E aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém” (RA; cf. BJ, NVI). No versículo 6, o detentor está no gênero neutro, e no versículo 7, no masculino. Essa diferença pode indicar algo concebido como abstrato de um ponto de vista e pessoal de outro.¹⁶ Talvez seja uma força impessoal que se julgue ser personificada.¹⁷ Os comentaristas têm diferentes opiniões quanto à identidade do detentor: é um anjo, o próprio Satanás, o estado judeu, o império romano e o Espírito Santo. A idéia é que o Espírito Santo habita na igreja e que ele será **tirado do meio** no arrebatamento dos santos; mas essa proposta requer certa interpretação dispensacional. Esta é uma das maiores dificuldades deste ponto de vista. Além disso, por este ponto de vista, é difícil explicar o linguajar velado do apóstolo.

Paulo tinha considerável razão para ter em conta que a lei e a ordem romana de seus dias eram um poder que detinha a ilegalidade (cf. Rm 13.1-7). Talvez sua intenção fosse mencionar com cautela a previsão do fim do império romano. Se, em seus dias, Paulo considerava que a ordem romana, personificada possivelmente no imperador, fosse o poder restritivo da iniquidade absoluta, é correto levarmos o conceito à idéia de governo civil de qualquer época. É justamente o que Paulo faz, ao generalizar esse ponto em Romanos 13. Ockenga é convincente ao comentar: “A interpretação mais aceitável é que este [detentor] diz respeito ao Espírito Santo que trabalha na graça comum através do governo civil. Quando o governo civil desaba e ocorre a falência da lei restritiva, o resultado é ilegalidade”.¹⁸ Mas se os leitores modernos não podem identificar com certeza o detentor, eles podem se alegrar na verdade maior de que Deus está no controle soberano do mundo. Ele fixa os limites da maldade. O homem do pecado só será revelado **a seu próprio tempo**, ou seja, no momento determinado.

Com a brevidade que omite todos os detalhes que satisfariam os curiosos, mas que, ao mesmo tempo, leva ao primeiro plano a mensagem moral e espiritual, Paulo continua: **E, então, será revelado o iníquo** (8; lit., “o sem lei”, NASB; cf. CH), **a quem o Senhor**⁽¹⁹⁾ **desfará** (“matará”, NTLH, NVI, RA)²⁰ e **aniquilará** (“destruirá”, BV, NTLH, NVI, RA). A parte final do versículo 8 descreve como o fato se dará: **Pelo assopro da sua boca e pelo esplendor da sua vinda**. Esta última frase combina duas palavras que são, na realidade, sinônimos da volta de Cristo. O termo grego *epiphaneia* (**esplendor**) era “muito usado pelos gregos para referir-se a uma manifestação gloriosa dos deuses, e particularmente à sua vinda para ajudar”.²¹ Aqui transmite a idéia da aparição de Cristo em brilho e fulgor (quanto ao significado de **vinda** [*parousia*], ver comentários em 1 Ts 2.19). A presença gloriosa de Cristo é suficiente para acabar com o homem sem lei, que representa a maldade no ápice do poder temerário. Que aviso para os ímpios, que presumem que Deus é impotente ou indiferente em face do pecado!

Tendo assegurado aos leitores o destino final do homem sem lei, Paulo retoma a descrição direta desse indivíduo: **A esse cuja vinda** (*parousia*) **é segundo a eficácia**

(*energeian*) de **Satanás** (“de acordo com a atividade de Satanás”, NASB; cf. BJ, NVI) **com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira** (9). Os paralelos com a pessoa e obra de Cristo são óbvios e intencionais. O homem sem lei também tem sua *parousia*. Todos os três substantivos são usados em alusão ao ministério de Cristo: **poder** (*dunamis*; a sugestão é de força sobrenatural), **sinais** (milagres certificadores que apontam mais que si mesmos) e **prodígios** (“maravilhas”, Weymouth, NTLH, NVI). Quanto a estes três substantivos serem relacionados a Cristo, ver Atos 2.22, Romanos 15.19, 2 Coríntios 12.12; Hebreus 2.4. Pela gramática grega, todas as três palavras podem ser modificadas por **mentira**. Todas se originam da falsidade e da intenção de enganar, mas isto não significa necessariamente que estes fatos extraordinários sejam mero embuste. O pensamento continua no versículo seguinte: **E com todo engano da injustiça** (10; ou “engano da maldade”, NASB; cf. NTLH; “sedução ilimitada para o mal”, NTA). **Para os que perecem** é, literalmente, “para os [ou nos] perecidos” (cf. NVI; cf. tb. o mesmo tipo de contraste com “os salvos” em 1 Co 1.18; 2 Co 2.15; 4.3).

Com **sinais e prodígios** o homem sem lei seduzirá, persuadirá e enganará os perecidos, os quais estão em nítido contraste com os salvos. Eles são enganados e estão perecendo, **porque não receberam o amor da verdade para se salvarem** (“para serem salvos”, RA). A falha não é por ignorarem ou terem uma compreensão errônea da **verdade**, mas por serem inóspitos à **verdade** — recusam-na recebê-la (cf. 1 Ts 1.6; 2.13). O problema é moral, questão de escolha. A conclusão clara é “que Deus lhes enviara o poder para criar neles o amor pela verdade, mas eles acintosamente recusaram receber esse poder ou cooperar com ele”.²² Não é apenas a Verdade (a **verdade** salvífica conforme está encarnada na pessoa de Cristo) que é oferecida aos homens, mas também a capacidade graciosa de avaliar, adotar e amar a **verdade**. Mas nos perecidos, tudo isso é rejeitado, e o item que rejeitam é a única esperança de salvação para eles.

Em geral, há duas vertentes de pensamento quanto à identidade do homem do pecado. A primeira o identifica indiscutivelmente com o nome de uma pessoa ou classe de indivíduos, do passado ou do presente — Nero (redivivo), ou outro imperador romano, ou os imperadores em geral; o papado (ver o prefácio da KJV, ou a Confissão de Fé de Westminster); ou muitas outras pessoas infames, tanto históricas quanto contemporâneas. A segunda vertente de interpretação vê nesta passagem somente os símbolos de conflito cósmico entre o Reino de Deus e o reino de Satanás: convicções teológicas expressas em símbolos que não são redutíveis a espaço e tempo. Este ponto de vista diverge de toda interpretação que não esteja “fora da história”, quer do passado, presente ou futuro.²³

É verdade que nas epístolas de João o anticristo (termo cunhado posteriormente para aludir ao homem sem lei) é tanto uma tendência quanto uma pessoa, a primeira opção levando à última. Há também muitos anticristos (Mt 24.5,24; Mc 13.22; 1 Jo 2.18; 2 Jo 7) que mais ou menos se aproximam da descrição paulina do homem do pecado. A tendência ou influência do anticristo é reconhecível nas forças e movimentos políticos, sociais e religiosos, do passado e do presente, que promovem a ilegalidade e o ateísmo, quer de modo sutil quer de modo militante. Não obstante, o quadro de Paulo é de um homem do tempo do fim (não é Satanás encarnado), consagrado e controlado por Satanás, que será a encarnação final da rebelião contra Deus e cuja destruição ocorrerá na segunda vinda de Jesus Cristo.

3. *As Conseqüências da Perversidade* (2.11,12)

Os dois versículos que encerram esta subdivisão destacam novamente seu tema principal: Deus está no controle, e ele se submeterá ao seu propósito pouco importando o que o mal faça. Os crentes não precisam ter medo do homem do pecado. Falando sobre os que seguirem esse indivíduo, Paulo continua: **E, por isso** (11; “por essa razão”, NVI; cf. RA), **Deus lhes enviará** (lit., “envia”, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA; cf. BJ) **a operação do erro** (lit., “a energia da ilusão”, cf. CH, NVI), **para que creiam a mentira** (“para que confiem em uma fraude completa”, CH), **para que sejam julgados** (12; ou “condenados”, BJ, NTLH, NVI) **todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade.**

Há três fases na degradação destas pessoas rumo à perdição final. A primeira é “porque não receberam” (10). Tendo o poder de escolher e receber a verdade, eles voluntariamente a rejeitam. A segunda fase é, tendo rejeitado a verdade, eles creram na **mentira**. Eles perderam a capacidade de dizer a diferença entre a verdade e o erro. Isaías 5.20 os descreve: “Ai dos que ao mal chamam bem e ao bem, mal! Que fazem da escuridade luz, e da luz, escuridade, e fazem do amargo doce, e do doce, amargo!” Agora eles aprovam ou se deliciam na maldade. A terceira fase é que eles sofrem o inevitável julgamento de Deus (12).

Vemos nisso Deus trabalhando, não arbitrariamente, mas pela lei moral, para cumprir seus propósitos justos. O pensamento-padrão hebraico é deixar de lado as causas secundárias e atribuir tudo que acontece à atividade direta de Deus (cf. Êx 9.7,12; 2 Cr 18.22). Muitas vezes nossa tendência é o oposto: exaltar uma suposta lei impessoal. Claro que a lei moral não é auto-operacional; é o método de Deus com os homens. O ponto é que Deus não age enviando caprichosamente uma influência ilusória sobre os desdenhadores da verdade. O universo é um cosmo moral e não um caos moral. A conseqüência da rejeição acintosa da luz é chegar a um estado onde as trevas já não são distinguíveis da luz e, assim, chegar à ruína final. Esta passagem deve ser comparada com Romanos 1.18-32.

Esta subdivisão (1-12) oferece verdades notáveis acerca da maneira que Deus lida com os homens, e sobre o caráter do pecado e do coração humano não regenerado. Poderíamos esboçar a passagem devocionalmente mais ou menos assim: 1) A esperança cristã ou a estabilidade cristã, 1,2; 2) A culminação do mal ou o pecado desmascarado, 3-5; 3) O poder restritivo ou o propósito divino, 6,7; 4) A falsificação final ou a falsidade do pecado, 9-11; 5) A segurança do crente ou o amor da verdade, 10b; 6) O julgamento infalível ou o salário do pecado, 11,12.

B. A ELEIÇÃO DA GRAÇA E OS HERDEIROS DA ESPERANÇA, 2.13-17

Paulo abandona abruptamente o quadro sombrio que ele achou necessário pintar nos versículos precedentes, e se dedica ao tema do encorajamento, usando quase as mesmas palavras de 1.3. Há uma comparação intencional entre “os que perecem” (10) e os eleitos **para a salvação** (13); “a operação do erro” ou “a energia da ilusão” (11) e a **santificação do Espírito** (13); o crer na “mentira” (11) e a **fé da verdade** (13); “para que sejam julgados todos” (12) e **para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo** (14).

Os comentaristas citam com frequência que temos aqui a teologia paulina em poucas palavras. O pensamento muda do propósito eterno de Deus antes dos tempos para a consumação da salvação no fim dos tempos. É teórico e prático. Implica na graça de Deus e na resposta do homem.

Há, por ordem, ação de graças (13,14), exortação (15) e oração (16,17). O efeito do parágrafo é gerar confiança e certeza nos leitores. Quase todas as palavras na passagem foram previamente usadas nesta e na primeira carta (para inteirar-se de explicações de **mas devemos sempre dar graças a Deus**, 13, ver comentários em 1.3; e quanto a **irmãos amados do Senhor**, ver explicações em 1 Ts 1.4).

Os versículos precedentes pintaram o quadro terrível do mistério da ilegalidade e do poder do mal em ação no mundo. É o suficiente para fazer estremecer o coração. Mas apesar disso, Paulo se engaja em ação de graças **por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação** (13; cf. Rm 8.28-30; Ef 1.4; 1 Ts 5.9).²⁴ A **salvação** não foi algo providenciado por **Deus** depois da queda do homem; **Deus** não foi pego de surpresa pelas forças do mal. **Deus** não planeja a ruína do homem, mas deseja a sua salvação. Esse plano estava pronto **desde o princípio**, pois ele previu a má situação do homem. Paulo se alegra por **Deus ter elegido** os homens **para a salvação** “antes da fundação do mundo” (Ef 1.4). Esta eleição é de todos aqueles que confiam em Cristo (ver comentários em 1 Ts 1.4).

A força desta verdade nos crentes tessalonicenses é que, visto que eles agora confiam em Cristo, eles fazem parte do propósito eterno e provisão amorosa de **Deus**; portanto, não há o que temer. Este texto não indica eleição incondicional; as expressões subseqüentes mostram justamente o oposto. Paulo está dizendo que, propellido pelo amor, **Deus** tomou a iniciativa eterna de nossa **salvação** (cf. Jo 15.16). Ele fez o convite gracioso e forneceu o meio indispensável à sua aceitação. Não há lugar para mérito ou ostentação humana.

Neste texto, **salvação** (13) envolve a mais ampla varredura da palavra, embora a referência primária seja indubitavelmente à **salvação** final — o objetivo ou meta do propósito de Deus.

Deus providenciou o meio de **salvação**, aqui apresentado em duas partes: a) **Em santificação** (13; *en hagiastmoi*; ver comentários em 1 Ts 4.3,4,7) **do Espírito**²⁵ e b) **fé da verdade** (“fé na verdade”, AEC, NVI, RA; cf. NTLH). Há dois lados na questão da **salvação**. A iniciativa e o poder são de **Deus**; a resposta necessária é do homem. A graça de **Deus** não subjuga nem cancela a responsabilidade do homem. A **salvação** é questão moral; portanto, acarreta em escolha real.

Em seu sentido mais amplo, **santificação** é a obra de transformação que Deus faz no homem, envolvendo a crise de renovação inicial e a crise de purificação total, bem como o processo de crescimento na graça; é moral e ética. O homem, de livre cooperação com o Espírito e por meio da capacitação da graça que lhe é fornecida, crê no evangelho e, especificamente, aceita Cristo, a Verdade (cf. Jo 17.17). “Na salvação, há a inter-relação entre a obra do Espírito de Deus e a obra do espírito humano. Não é um decreto arbitrário, o qual é automaticamente obedecido por submissão humana ou que todos aceitariam, visto que é a vontade de Deus que todos os homens venham ao pleno conhecimento da verdade, mas depende de nossa resposta ao Espírito de Deus”.²⁶

O que Deus planejou em seu eterno conselho, ele ofereceu aos tessalonicenses em sua providência: **Para o que, pelo nosso evangelho, vos chamou** (14; ver comentários em 1 Ts 2.12; 5.24). “Foi para isso que os chamou quando lhes pregamos o evangelho” (CH; cf. 1 Ts 1.5). Paulo vê a si mesmo e a sua pregação — **nosso evangelho** — como o instrumento nas mãos de Deus para ocasionar o chamado de Deus à salvação. Embora a salvação seja uma realidade presente, a meta última é a glória futura: **para alcançardes** (“para ganhardes”, NASB) **a glória de nosso Senhor Jesus Cristo** (ver comentários em 1 Ts 1.10; 2.12). Pertencer a Cristo é tomar parte na sua glória (cf. 14, BJ, NTLH; cf. tb. Jo 17.24; Rm 8.30).

O conceito da Trindade está implícito nestes versículos; todas as três Pessoas estão envolvidas na obra de salvação.

O ponto fora de discussão é que nossa salvação foi enraizada no amor, planejada na eternidade, iniciada no tempo e consumida na glória. Em essência, a salvação é totalmente da graça, já que se originou da escolha amorosa de Deus, foi elaborada pelo poder do Espírito de Deus, dada na resposta ao chamado de Deus e aperfeiçoada na glória do Filho de Deus.

Este é o plano adequado e glorioso de Deus para o seu povo. Paulo exorta os perseguidos e os de pouco ânimo: **Então** (“por isso”, CH), **irmãos, estai firmes** (“permaneçei firmes”, AEC, RA; cf. BV, CH, NVI), **e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa** (15). Não há base para falsa segurança, como se o destino dos crentes tessalonicenses já estivesse fixo, mas *há* motivo para ter certeza enquanto permanecerem **firmes**. Deus providenciou tudo que é preciso para os eleitos, entre os quais estes estão enumerados (ver comentários em 1 Ts 1.4ss.).

Tradições (15; *paradosais*) se refere ao que é dado ou transmitido para outrem. Por exemplo, os preceitos ou doutrinas entregues por Moisés e os profetas, quer por escrito ou oralmente, são **tradições**.²⁷ Servindo-se do verbo grego relacionado *paredoka*, Paulo usa o mesmo conceito em 1 Coríntios 11.23 (“ensinei”; ou “entreguei”, RA) e 15.3 (“entreguei”). É a origem das **tradições** que estabelece o seu valor (cf. Mc 7.8; Cl 2.6-8). O ensino de Paulo não se originou nele mesmo. A menção a **epístola nossa** fornece luz interessante sobre os conceitos de inspiração e canonicidade. A referência é provavelmente a 1 Tessalonicenses. Na ausência relativa de ensinamentos escritos, a instrução oral, **por palavra**, tinha de bastar. Com a formação do cânon do Novo Testamento, o ensino oral ficou sujeito aos escritos apostólicos.

Em grego, **retende** é uma expressão forte, que significa “ter um agarro imperioso em”.²⁸ A sã doutrina é vital. Os crentes tessalonicenses devem desconsiderar as opiniões de teóricos e fanáticos, e aderir-se à “palavra”.

É característica de Paulo concluir uma subdivisão doutrinária com oração. **E o próprio nosso Senhor Jesus Cristo** (16; ver comentários em 1 Ts 1.1). O termo **próprio** ressalta que a exortação do versículo anterior (15) só pode ser obedecida com ajuda divina. É o **nosso Deus e Pai, que nos amou**. É ele que **em graça nos deu uma eterna consolação** (“encorajamento eterno”, Moffatt; “ânimo interminável”, CH; cf. BV) e **boa esperança** (16). E que Deus **console o vosso coração e vos conforte** (“dêem ânimo” e “fortaleçam”, NVI; cf. BJ, NTLH) **em toda boa palavra e obra** (17).²⁹

Note que esta junção de **Jesus e Deus... Pai** na oração, junto com o uso dos verbos gregos no singular (**amou, deu** [16], **console, conforte** [17]) regidos pelo sujeito composto, implica na mais alta concepção possível da deidade de Jesus Cristo.

Em grego, as palavras **consolação** (16) e **console** (17) são derivadas da mesma palavra *parakaleo* e dão a entender a obra do Espírito Santo, que é o Consolador. O significado é encorajamento e fortalecimento mais que consolo no sentido comum. Esta **consolação** (“encorajamento”, “ânimo”) é **eterna**, porque se origina no propósito eterno de Deus; é continuamente presente e infalível para o futuro. Os termos **nos amou** e **nos deu** nos fazem lembrar João 3.16. São indicações da obra de **Cristo** em sua morte expiatória, como também do dom do Espírito para a igreja. A **esperança** cristã é a **boa esperança** em comparação com as esperanças ilusórias e incertas, que se baseiam em mero planejamento humano. O pedido confiante de Paulo pelos crentes é que o próprio **Deus** lhes **console** o coração, quer dizer, lhes encha a mente e a vontade de coragem e ânimo, e os **conforte**, quer dizer, os fortaleça e os ampare diante das aflições e provações. O resultado prático disso será a **boa... obra** (a vida cristã fiel) e a **boa palavra** (o testemunho cristão retumbante). (Quanto a **esperança** e **graça**, ver comentários em 1 Ts 1.1,3.)

Neste parágrafo, temos o tema “Encorajamento para os Cristãos”: 1) Deus vos escolheu, 13,14; (2) **Estai firmes**, 15; 3) Há ajuda ao longo do caminho, 16,17 (A. F. Harper).

SEÇÃO III

DISCIPLINA PARA OS DESORDEIROS

2 Tessalonicenses 3.1-18

A. ORAÇÕES E CONFIANÇA MUTUAMENTE NECESSÁRIAS, 3.1-5

Com o começo do capítulo 3, o conteúdo da carta muda; passa de assuntos doutrinários para assuntos práticos. Antes de dar instruções diretas relativas ao elemento desordenado que havia na igreja (6-15), Paulo aborda o assunto diplomaticamente com o apelo e a expressão de confiança contidos nos primeiros cinco versículos.

De forma humilde e afetuosa, o apóstolo pede oração por si e seus companheiros (ver comentários em 1 Ts 5.25). O pedido tem duas petições específicas. A primeira revela a paixão da alma de Paulo. **No demais, irmãos, rogai por nós, para que a palavra do Senhor tenha livre curso** (“se espalhe rapidamente”, BV; cf. NTLH, NVI) **e seja glorificada, como também o é entre vós** (1; “como aconteceu entre vós”, BJ, cf. BV, NTLH, NVI). Em grego, todos os três verbos (**rogai, tenha livre curso, seja glorificada**) estão no tempo presente e transmitem o pensamento de ação contínua. Em linguagem figurada, o apóstolo pinta a **palavra do Senhor** (ver comentários em 1 Ts 1.8) como um corredor que corre direto para o sucesso e triunfo (cf. Sl 147.15; At 12.24; 13.48; 19.20). Na idéia de a **palavra** ser **glorificada** há o pensamento do reconhecimento de suas qualidades gloriosas e a manifestação do seu poder em transformar vidas. O sucesso do evangelho em Tessalônica (cf. 1 Ts 1.1-10) dá o exemplo. Aqueles que, como os crentes tessalonicenses, conhecem o poder de Deus na experiência pessoal estão mais bem qualificados para fazer semelhante oração.

Esta é uma petição grandiosa e ousada que todo cristão deve imitar. A grande necessidade em nossos dias é que, pelas oportunidades incomparáveis que a mídia atual oferece, a Palavra transformadora do Senhor se espalhe em sua missão de

evangelizar o mundo. Pregada e ensinada no Espírito e regada com oração, a **Palavra do Senhor** triunfará hoje como triunfou naquele tempo.

Devemos ver a segunda petição no contexto das dificuldades de Paulo ao fundar a igreja na cidade de Corinto (cf. At 18.1-18). Origina-se da primeira petição e é em prol do evangelho. **E para que sejamos livres de homens dissolutos e maus; porque a fé não é de todos** (2; “nem todos os homens têm fé”, CH; cf. BJ). O significado da raiz grega de *atopos* (**dissolutos**) é “fora de lugar” (a mesma palavra ocorre em Lc 23.41, “mal”). As conotações da idéia são “perversos” (AEC, BAB, NVI, RA, Weymouth), “teimosos” (NEB), “fanáticos” (CH), ou até “ultrajantes” e “absurdos”. Todo aquele cujo ministério se torna uma ameaça para o reino do diabo sofrerá, como Paulo, este tipo de oposição irracional e ridícula. Paulo não pede necessariamente que tais opositores deixem de agir (pois ele reconhece tristemente que haverá pessoas como estas que acintosamente rejeitam a fé que salva), mas que ele seja salvo de suas maquinações. Sem essa ajuda sobrenatural a igreja seria vencida (cf. Mt 10.16ss.; Lc 12.32).

A direção do pensamento segue uma associação de idéias e possivelmente um jogo de palavras. A ordem das palavras em grego é “porque não todos têm fé” (*pistis*). Mas, **fiel** (*pistos*) **é o Senhor** (3). O apelo é afastado dos homens e colocado na fidelidade de Deus, expressão bem conhecida de Paulo (cf. 1 Co 1.9; 10.13; 1 Ts 5.24).

No versículo 3, Paulo muda abruptamente de pedido. Depois de pedir por si, ele se preocupa de novo com seus leitores. Eles precisavam ser guardados do maligno, em cuja estratégia havia o engano como “anjo de luz” (2 Co 11.14) e a pressão da perseguição como “leão que ruge” (1 Pe 5.8, RA).

O apelo ao caráter revelado de Deus, apesar de todas as aparências ou circunstâncias externas que militam contra a fé, é uma das características básicas das cartas tessalonicenses. O mesmo é verdade acerca do ensino sobre assuntos morais ou acontecimentos futuros. A fidelidade de Deus — esta é a âncora da alma na tempestade e nas trevas (cf. a mesma verdade em Is 40). Os crentes podem confiar em Deus, pois ele **vos confortará** (“tornará firmes”, BAB; “fará inabaláveis”, Weymouth; “fará [...] fortes”, BV; “fortalecerá”, NVI; cf. BJ) e **guardará** (“protegerá”, Moffatt; cf. CH) **do maligno** (3). As palavras gregas *tou ponerou* referem-se ao mal como um princípio ou ao próprio Satanás.

A confiança na fidelidade do Senhor conduz a uma expressão de confiança nos leitores, os quais pertencem ao Senhor: **E confiamos de** (“quanto a”, BAB, CH) **vós no Senhor, que não só fazeis como fareis** (“que fazeis e continuareis a fazer”, AEC; cf. NTLH, NVI) **o que vos mandamos** (4). “Confiamos no Senhor quanto a vós” é expressão que afirma de forma bem resumida os fatores divinos e humanos envolvidos na obra bem-sucedida da igreja. A confiança, no que tange ao assunto, não é somente no Senhor independente da cooperação humana. É lógico que a confiança não deve estar apenas nas pessoas. A confiança de sucesso está bem fundamentada quando os homens se mantêm nas mãos do Senhor, e quando o Senhor tem a liberdade de trabalhar pelos canais humanos obedientes. A palavra grega traduzida por **mandamos** é uma expressão forte, comumente usada em referência a ordens militares. O mesmo termo é usado nos versículos 6, 10 e 12. Paulo está preparando taticamente os leitores para as medidas disciplinares que se seguirão.

Em conformidade com sua característica, imediatamente antes de aplicar as repreensões necessárias, o apóstolo irrompe em oração. Como Paulo orava por seus filhos na fé! A oração é sobre amor e paciência, qualidades particularmente necessárias na situa-

ção a ser discutida. **Ora, o Senhor encaminhe** (“guie”, Weymouth, CH; cf. NVI, RA) **o vosso coração na caridade** (“ao amor”, AEC, RA; cf. BJ) **de Deus e na paciência** (“à constância”, AEC; “perseverança”, BAB, BJ, BV, NVI; “firmeza”, NTLH) **de Cristo** (5). A referência da última frase diz respeito à constância paciente ou firme de Cristo (cf. Hb 12.1-3; para inteirar-se de uma análise de **encaminhe**, ver comentários em 1 Ts 3.11).

Este texto está falando da primazia da vida interior dos cristãos. A linguagem enfática revela que é importante Deus estar no controle dos corações dos tessalonicenses (ver comentários em 1 Ts 3.13), e que eles não devem permitir que assuntos menos importantes obscureçam esta questão central. No uso paulino, o amor de Deus significa comumente o amor de Deus por nós, e, em relação a isso, tem a ver com a certeza desse amor. Um significado secundário seria o nosso amor por Deus crescendo em qualidade e expressão.

Barclay sugere que temos aqui “a característica interior e a característica exterior dos cristãos”.¹ O fator interno é a consciência do amor de Deus, com a certeza e segurança que isso traz; o elemento externo é a firmeza que Cristo dá. “A característica exterior dos cristãos é que, quando outros caem, ele permanece em pé, e quando outros desabam, ele assume a carga e continua em frente. Com o amor de Deus no coração e a força de Cristo na vida o homem enfrenta qualquer coisa.”²

B. TRABALHO E QUIETUDE COMANDADOS AOS PREGUIÇOSOS, 3.6-12

Esta carta recebe muito espaço para tratar dos irmãos desordeiros e preguiçosos na igreja. Este fato mostra que o problema ficara mais sério que na época da escrita da primeira carta, na qual há relativamente pouco espaço dedicado a esse assunto (cf. 1 Ts 4.11,12; 5.14). É claro que os preguiçosos não tinham atendido a primeira carta. Portanto, medidas mais fortes devem ser tomadas.

A expressão **em nome de nosso Senhor Jesus Cristo** (6), conforme é usada aqui, significa “pela autoridade de Jesus Cristo” (cf. BV). É dessa forma que Paulo comanda a igreja, a qual é tratada por **irmãos**. A ordem é autorizada, mas mesmo assim o apelo é de irmão para **irmãos**. A ordem é **que vos aparteis de** (“mantenhais afastados de”, RSV) **todo irmão que andar desordenadamente** (“que estiver vivendo em ociosamente”, RSV; cf. NVI). O apóstolo os lembra que não foi este o tipo de ensinamento que eles lhes dera; este ensinamento **não foi segundo a tradição que de nós** (ele) **recebeu** (“vós recebestes”, BAB, cf. RA).³

O termo grego *ataktos* (**desordenadamente**) é a mesma palavra traduzida por “desordeiros” em 1 Tessalonicenses 5.14 (ver comentários ali). Barclay escreve: “A palavra significa *gazear*. Ocorre, por exemplo, em *papiros*, em contrato de aprendiz, no qual o pai concorda que o filho tem de repor os dias em que este se ausentar do dever ou matar aulas”.⁴ Talvez em virtude da empolgação sobre a vinda do Senhor, os irmãos desordeiros estavam vadiando, recusando-se a trabalhar, afastando-se de suas obrigações e não assumindo nenhuma responsabilidade. Esta conduta provavelmente os levou a serem intrometidos (cf. 11), e até a dependerem das pessoas para terem o que comer (cf. 12).

A igreja é uma comunidade social que arca com a responsabilidade pela conduta de seus membros. Ela não pode ficar indiferente a estes irmãos desordeiros. Para preservar padrões cristãos, os desordeiros têm de sentir a pressão do sentimento cristão contra tal conduta

irresponsável. A igreja deve evitar a companhia estreita com os vadios, a fim de envergonhá-los (cf. 14). O texto não está falando de excomunhão ou de ostracismo total, mas de uma indiferença social que indica que um padrão foi levantado, e que violá-lo provoca a repreensão da igreja. O apóstolo ressaltou a importância da **tradição** em 2.15 (ver comentários ali).

Para reforçar a ordem, Paulo recorre primeiro ao seu exemplo e ao dos seus companheiros quando estavam em Tessalônica (7-9), e depois à instrução dada naquela época (10). **Porque vós mesmos sabeis como convém imitar-nos** (7; para inteirar-se de comentários sobre expressão semelhante e sobre esta idéia, ver análise em 1 Ts 1.6). **Pois que não nos havemos desordenadamente entre vós** (7) — claro que estas palavras eram uma indireta! **Nem, de graça, comemos o pão de homem algum** (8). Este hebraísmo contém a idéia ampla de ganhar a vida; “não aceitamos casa e comida de ninguém sem pagar” (NEB; cf. CH, NTLH). **Mas com trabalho e fadiga** (“labor e dificuldade”, NASB; cf. 1 Ts 2.9 e comentários ali), **trabalhando noite e dia, para não sermos pesados** (“a fim de não sermos uma carga”, BV; cf. NTLH) **a nenhum de vós** (8).

Os missionários tinham o cuidado de evitar a acusação de serem parasitas ou aproveitadores. Mas, sobre este assunto, Paulo sempre salvaguardava o direito apostólico de sustento, embora, para o bem do evangelho, ele renunciasse o direito conscienciosamente. **Não porque não tivéssemos autoridade** (9; “não porque não tivéssemos esse direito”, AEC, RA; cf. BJ, BV, CH, NTLH, NVI), **mas para vos dar em nós mesmos exemplo, para nos imitardes** (“mas para que nos tornássemos um modelo para ser imitado por vocês”, NVI; quanto a **exemplo** [*typos*], ver comentários em 1 Ts 1.7; quanto à questão do trabalho do apóstolo em Tessalônica e os motivos envolvidos a esse respeito, ver comentários em 1 Ts 2.6,9). A força do argumento é que Paulo, o Apóstolo, tinha o direito de receber sustento. Mesmo assim, enquanto esteve entre eles, ele vivia à custa do fruto do seu trabalho. Muito mais deveriam os irmãos desordeiros trabalhar para ganhar a vida, já que eles não tinham o direito de receber sustento!

Um reforço adicional à ordem de se afastar dos desordeiros é a lembrança do ensino de Paulo anteriormente dado: **Porque, quando ainda estávamos convosco, vos mandamos isto: que, se alguém não quiser trabalhar, não coma também** (10). O texto deixa claro que se trata da recusa de trabalhar, e que o princípio orientador diz respeito a pessoas que se enquadram nisso: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma” (RA). Não há como saber se Paulo está citando um dito bem conhecido ou se é declaração original sua. Essa regra não podia ser aplicada literalmente, exceto entre os pobres cujo pão diário dependia dos seus próprios labores, ou em uma sociedade com certa organização comunal. Talvez os preguiçosos estivessem exigindo que a igreja os sustentasse. Ou quem sabe já estivessem sendo alimentados pela caridade de irmãos trabalhadores. Neste caso, era uma falsa bondade. Os vadios precisavam ser acareados com a dura natureza prática da vida e despertados de sua conduta irresponsável.

Trata-se de comentário interessante sobre a caridade cristã o fato de Paulo ter sido inflexível com os preguiçosos, mas mostrado compaixão a ponto de levar uma oferta aos necessitados da Judéia. Se estas medidas contra os desordeiros parecem indevidamente severas, não nos esqueçamos de que um fanatismo desenfreado como este teria destruído a igreja tessalônica. O princípio permanente para nossa sociedade complexa é a tônica na responsabilidade compartilhada, confiança pessoal e dedicação ao dever. Estas são virtudes cristãs essenciais ao caráter santo.

Sem mencionar nomes, Paulo cita abertamente a razão de suas declarações francas: **Porquanto ouvimos que alguns entre vós andam desordenadamente** (ver comentários no v. 6), **não trabalhando, antes, fazendo coisas vãs** (11; “sendo intrometidos ao invés de se ocuparem”, Moffatt). Em grego, há um jogo de palavras nas duas últimas frases: literalmente, “não trabalhando, mas trabalhando aqui e ali” (cf. “muito atarefados sem fazer nada”, BJ), ou seja, empregando-se não lucrativamente (“não trabalhando, antes intrometendo-se na vida alheia”, AEC; cf. BAB). Talvez sob o manto da empolgação religiosa concernente à volta do Senhor, os preguiçosos estavam se isentando de suas irresponsabilidades. Esta ociosidade acabava levando-os a se intrometer na vida das pessoas (cf. 1 Tm 5.13). O texto não fala como Paulo ficara sabendo disso, mas foi provavelmente por carta ou conversa de viajantes. Talvez essa conduta fosse comum entre os tessalonicenses não-convertidos (cf. At 17.5ss.). Robertson afirma: “Esses mandros teológicos eram muito ‘espirituais’ para trabalhar, mas estavam perfeitamente dispostos a comer na casa dos vizinhos enquanto ficavam à toa e gastavam o tempo na ociosidade”.⁵ Dificilmente há influência mais prejudicial à igreja do que a língua fofoqueira de um membro desocupado ou desembaraçado.

Agora pela primeira vez os preguiçosos são tratados diretamente, mas com evidente tato. Paulo os denomina de **esses tais** (12; “tais pessoas”, BV, NVI; cf. BJ, RA). Ainda que Paulo use a palavra **mandamos** (12; cf. 6,10), ele a suaviza com a expressão: **E exortamos, por nosso Senhor Jesus Cristo** (ver comentários sobre esta expressão em 1 Ts 4.1). A ordem (**mandamos**) e o apelo (**exortamos**) são **que, trabalhando com sossego, comam o seu próprio pão** (cf. 1 Ts 4.11 e comentários ali). Alguém observou que aqui se aplica o velho ditado: “Menos barulho e mais trabalho!” Phillips traduziu desta maneira: “Que se ponham a trabalhar e comam o que conseguirem com seu próprio trabalho” (CH). Este apelo ao **sossego** (“tranquilamente”, BAB, BJ, NVI, RA) não tem, provavelmente, tanta referência a serem intrometidos quanto a serem inquietos, conduta que eles estavam promovendo na igreja.⁶

C. A EXIGÊNCIA DE FIRMEZA E BONDADE, 3.13-15

Tendo esboçado e encerrado a ação disciplinar necessária, Paulo volta a tratar da igreja como um todo para salvaguardar toda a situação. Há riscos na administração da disciplina da igreja, pouco importando quão necessária seja a ação. O perigo é que o espírito de quem administra a disciplina deixe de espelhar Cristo. Outro risco é que a disciplina fracasse em seu propósito e afugente, em vez de salvar, aqueles por quem Cristo morreu.

Como líder sábio, Paulo escreve: **E vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem** (13). Cansar-se significa “perder a coragem, enfraquecer, afrouxar, desanimar, esmorecer, desfalecer”,⁷ “hesitar, vacilar”, “esgotar-se, fatigar-se”.⁸ **Fazer o bem** significa “fazer o certo”,⁹ ou “fazer a coisa justa ou honesta”.¹⁰ Talvez Paulo esteja dizendo: “Quaisquer que sejam as ações das pessoas, fazei vós a coisa certa; não deixeis que as pessoas que pareçam ‘espirituais’, mas, ao mesmo tempo, negligenciem os seus deveres, vos influenciem a negligenciar os vossos deveres”. Paulo está reconhecendo tacitamente que lidar com esta situação é tarefa desanimadora e ingrata. Ele está incentivando os irmãos a não perder o ânimo por causa das atitudes orgulhosas ou desagradá-

veis daqueles a quem eles estão tentando ajudar. Além disso, eles têm de vigiar, em sua ação disciplinar, para não serem ásperos ou terem atitude descaridosa para com eles.

A despeito das repetidas advertências e ensinamentos contidos nesta carta e na primeira epístola — como bem no ministério pessoal de Paulo — há a possibilidade de alguns se recusarem a obedecer. Considerando que não é caso de mal-entendido, mas de flagrante arbitrariedade, o apóstolo está pronto a dar sua última palavra no assunto: **Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta** (14; “nesta carta”, BJ, BV, CH, NTLH, NVI), **notai o tal** (“marquem-no bem”, NEB; cf. NVI) **e não vos mistureis com ele** (14). **Vos mistureis com** é tradução de verbo grego que significa “vos mistureis junto”. Paulo está dizendo: “Não vos associeis com ele” (AEC; cf. CH, NVI, RA), **para que se envergonhe** (14; quanto à obrigação da igreja acerca deste assunto, ver comentários no v. 6).

Até que ponto o indivíduo deve ser “marcado”? Publicamente? Por anotação mental? O texto não declara especificamente, mas a congregação o identificará como alguém que não está em boa situação. O tratamento não é tão severo como no caso do devasso em 1 Coríntios 5.9-13. A ordem ali é: “Excluam-no!” Não obstante, numa cidade pagã, estar sem companhia cristã seria suficientemente severo! É claro que continuar em amizade estreita com alguém que viola acintosamente as doutrinas e padrões da igreja é dar aprovação à sua conduta, ou pelos menos não desaprová-la.

O propósito desta disciplina não é mero castigo, mas a correção do ofensor. A idéia da raiz do verbo grego traduzido por **envergonhe** é “ter os pensamentos dobrados para dentro de si mesmo”.¹¹ Levado, espera-se, a se ver como os outros (os que são pacientes e longânimos) o vêem, o ofensor irá, sob a convicção do Espírito Santo, se arrepender e ser restaurado à plena comunhão da fraternidade. Este fim desejado é mais facilmente alcançado se ele for apenas marcado deste modo, em vez de ser formalmente excluído.

O coração generoso e pastoral de Paulo fala nas palavras finais da subseção: **Todavia, não o tenhais como** (“não o considereis por”, RA; cf. BAB, BJ, NVI) **inimigo, mas admoestai-o como irmão** (15). O *status* do ofensor deve ser protegido para que ele seja restaurado. A disciplina na qual se desenvolve hostilidade pessoal já fracassou. Ver o indivíduo **como irmão** significa que a reprovação não será dada por alguém que está em posição superior e olha para abaixo ao ofensor, mas por alguém que está no mesmo nível que este e, assim, pode falar com amor cristão. Os laços da verdadeira fraternidade em Cristo são muito reais e fortes. Tais laços não são quebrados facilmente. O amor é a chave para o sucesso na questão da disciplina da igreja.

Os quinze versículos anteriores podem ser esboçados sob o título: “Como Lidar com Membros da Igreja que Erram”: 1) Pela oração, 1,2,5; 2) Por otimismo e motivação, 3,4; 3) Pelo exemplo pessoal, 7-10; 4) Pela pressão do sentimento da maioria, 6,14; 5) Por instruções pacientes e firmes, 12,15; 6) Pelo amor persistente, 15.

D. CONCLUSÃO E BÊNÇÃO, 3.16-18

Esta carta, contendo diversas passagens bastante tempestuosas e duras, tem um final tranqüilo e encantador. **Ora, o mesmo Senhor da paz vos dê sempre** (16; “em todos os momentos”, CH; cf. NVI; “continuamente”, RA) **paz de toda maneira** (“em todas as circunstâncias”, RA). O **Senhor da paz** é Cristo (cf. Jo 14.27; ver comentários

sobre o “Deus de paz” em 1 Ts 5.23). **Paz** é o dom de Deus pela graça (ver comentários sobre “paz” em 1 Ts 1.1), e o dom é dado somente em Cristo. É **paz** com Deus (Rm 5.1) e a **paz** de Deus (Fp 4.7). Nesta bela oração, Paulo entende que a **paz** de Cristo é inteiramente satisfatória. É ininterrupta e adequada; não dependente de circunstâncias variáveis. Paulo tem em mente as necessidades dos leitores, e a **paz** de Cristo é a resposta. Eles estão sofrendo perseguição e alguns podem ser martirizados; outros estão chorando os seus mortos; alguns deixam a preocupação se prender ao pensamento da volta do Senhor; eles estão inteirados do “mistério da injustiça”; outros estão com medo; eles têm o problema interno da disciplina. Sabendo destas circunstâncias, Paulo ora pela **paz** de Cristo. Ora também pela presença e comunhão de Cristo no meio da igreja: **O Senhor seja com todos vós** (16). O uso de **todos** é indireta de que ninguém deve ser excluído da oração, nem mesmo aqueles que foram ou venham a ser censurados por ociosidade (cf. 18).

É indubitável que Paulo estava ditando a carta a um estenógrafo ou amanuense. É seu costume ao término da carta (segundo prática vigente em sua época) tomar a pena do escriba e escrever uma saudação audaz de próprio punho: **Saudação da minha própria mão, de mim, Paulo** (17; “eu, Paulo, escrevo esta saudação com meu próprio punho”, AEC; cf. NVI), **que é o sinal** (“a marca distintiva”, NASB; cf. CH; “é este o sinal que distingue minhas cartas”, BJ) **em todas as epístolas; assim escrevo** (“esta é a minha caligrafia”, Weymouth; “esta é minha própria letra”, BV; cf. BV). O costume era similar ao atual de assinar a carta digitada por secretária (cf. 1 Co 16.21; Gl 6.11; Cl 4.18). Talvez seja alusão à possibilidade de cartas forjadas (cf. 2.2), ou que os desordeiros negariam reconhecer a autenticidade da carta. Não há como saber se a caligrafia de Paulo começou no versículo 16, 17 ou 18, ou se se restringiu apenas ao versículo 17, visto que logicamente não temos a cópia original da carta. Paulo menciona suas outras cartas: **todas as epístolas**. Somente as epístolas que estão em nosso Novo Testamento é que nos foram preservadas, segundo a providência de Deus.

Esta carta termina como a Primeira Epístola aos Tessalonicenses, exceto que aqui a bênção contém a palavra **todos** (18).¹² A carta começa e termina com o conceito da **graça** (ver comentários em 1 Ts 1.1; 5.28). Do mesmo modo, a vida cristã começa, prossegue e termina pela **graça**.

*Preciosa a graça de Jesus,
que um dia me salvou.
Perdido andei, sem ver a luz,
mas Cristo me encontrou.*

*Perigos mil atravessei
e a graça me valeu.
E são e salvo agora irei
ao santo lar do céu.*¹³

Para Paulo, a **graça** de Deus, é livre, universal, todo-suficiente e extensiva pelos méritos expiatórios de **Jesus Cristo**. Como um pai amoroso e preocupado que está longe dos filhos, os quais estão enfrentando perigos desconhecidos, Paulo, nesta bênção, recomenda os seus amados tessalonicenses à guarda segura de Deus.

Notas

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

SEÇÃO I

¹Frame, *op. cit.*, p. 223.

²Robertson, *op. cit.*, p. 43.

³*Ib.*

⁴Morris, *op. cit.*, p. 201 (nota de rodapé).

⁵Thayer, *op. cit.*, p. 63.

⁶Frame, *op. cit.*, p. 232.

⁷Denney, *op. cit.*, p. 295.

⁸Frame, *op. cit.*, p. 234.

⁹Denney, *op. cit.*, pp. 299-302.

¹⁰Moffatt, *op. cit.*, vol. IV, p. 46.

¹¹Barclay, *Letters*, p. 244.

¹²Frame, *op. cit.*, p. 240.

¹³Bicknell, *op. cit.*, p. 70.

¹⁴Os melhores textos têm apenas “Senhor Jesus” (AEC, CH, NVI, RA) no lugar de **Senhor Jesus Cristo** (1.12; ACF, BAB, BJ, BV, RC).

SEÇÃO II

¹Frame, *op. cit.*, p. 245.

²Morris, *op. cit.*, p. 215.

³Frame, *op. cit.*, p. 246.

⁴Bicknell, *op. cit.*, p. 74.

⁵Frame, *op. cit.*, p. 251.

⁶Morris, *op. cit.*, p. 219.

⁷Barclay, *op. cit.*, p. 245.

⁸Bicknell, *op. cit.*, p. 74.

⁹Erdman, *op. cit.*, p. 86.

¹⁰Ockenga, *op. cit.*, pp. 273ss.

¹¹Hendriksen, *op. cit.*, pp. 169, 170.

¹²Mason, *op. cit.*, p. 137.

¹³Robertson, *op. cit.*, p. 49.

¹⁴Wuest, *op. cit.*, p. 62. Os argumentos estão nas pp. 57, 58.

¹⁵Morris, *op. cit.*, p. 224.

¹⁶Robertson, *op. cit.*, p. 51.

¹⁷Morris, *op. cit.*, p. 226.

¹⁸Ockenga, *op. cit.*, p. 289.

¹⁹Muitas traduções seguem os manuscritos gregos que, no lugar de **Senhor** (2.8), têm “Senhor Jesus” (BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA).

²⁰A escolha entre **desfará** (2.8) e “matará” origina-se do uso de duas palavras diferentes nos manuscritos gregos.

²¹Thayer, *op. cit.*, p. 245.

²²Bicknell, *op. cit.*, p. 78.

²³Cf. William Neil, *op. cit.*, pp. 132ss.

²⁴O termo grego *ap'arches*, **desde o princípio** (2.13), tem uma leitura alternativa muito bem atestada, a qual envolve a mudança de apenas uma letra. É *aparchen* (“como primeiros frutos”; cf. CH, NTLH, NVI, nota de rodapé), e tem a predileção de certos expositores.

²⁵O termo grego *pneumatos* (2.13; **Espírito**) pode significar o espírito humano (cf. ACF), mas considerando que a santificação também inclui o corpo (cf. 1 Ts 5.23) é mais razoável fazer a palavra se referir ao Espírito Santo como o Santificador.

²⁶Ockenga, *op. cit.*, pp. 295, 296.

²⁷Thayer, *op. cit.*, pp. 481ss.

²⁸Robertson, *op. cit.*, p. 54.

²⁹Os textos melhores têm a ordem inversa de **palavra e obra** (2.17; cf. ACF, RC): “obra e palavra” (cf. AEC, BAB, NVI, RA).

SEÇÃO III

¹Barclay, *Letters*, p. 250.

²*Ib.*, p. 251.

³Em 3.6, os melhores textos gregos têm “vós recebestes” (BAB; cf. RA) ou “eles receberam” (cf. NTLH) e não [ele] **recebeu** (AEC, RC). A maioria das traduções modernas favorece a leitura “vós” ou “vocês” (cf. BV, CH, NVI, RA).

⁴Barclay, *Letters*, p. 252.

⁵Robertson, *op. cit.*, p. 60.

⁶Bicknell, *op. cit.*, p. 94.

⁷Robertson, *loc. cit.*

⁸Frame, *op. cit.*, p. 308.

⁹*Ib.*

¹⁰Robertson, *loc. cit.*

¹¹*Ib.*, p. 61.

¹²O “amém” litúrgico não ocorre nos melhores textos gregos (3.18; consta na ACF).

¹³“Preciosa a Graça de Jesus”, *Hinário para o Cantor Cristão*, nº 314, estrofes 1 e 4. Letra em inglês de John Newton e em português da Comissão do HCC (estrofe 1) e de João Wilson Faustini (estrofe 4) (São Paulo: Bompastor, 2003, 3.^a reimpressão).

Bibliografia

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

I. COMENTÁRIOS

- AUBERLEN, C. A. e RIGGENBACH, C. J. "The Two Epistles of Paul to the Thessalonians." *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, Vol. XI. Traduzido para o inglês por John Lillie. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1960 (nova tiragem).
- BAILEY, John W. e CLARKE, James W. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1955.
- BARCLAY, William. "The Letters to the Philippians, Colossians and Thessalonians." *The Daily Study Bible*. Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1959.
- BICKNELL, E. J. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Westminster Commentaries*. Londres: Methuen & Company, Limited, 1932.
- BUCKLAND, A. R. *St. Paul's First Epistle to the Thessalonians: A Devotional Commentary*. Londres: The Religious Tract Society, 1906.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.
- DENNEY, James. "The Epistles to the Thessalonians." *The Expositor's Bible*. Londres: Hodder & Stoughton, 1892.
- ERDMAN, Charles R. *The Epistles of Paul to the Thessalonians: An Exposition*. Filadélfia: The Westminster Press, 1935.
- FRAME, James Everett. "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians." *The International Critical Commentary*. Edimburgo: T. & T. Clark, 1912.
- GLOAG, P. J. "I and II Thessalonians" (Exposition). *The Pulpit Commentary*, Vol. XXI. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1950 (nova tiragem).
- HENDRIKSEN, William. *New Testament Commentary: Exposition of I and II Thessalonians*. Grand Rapids: Baker Book House, 1955.
- HENRY, Matthew. *An Exposition of the New Testament*. Londres: Thomas Nelson, s.d.
- MASON, A. J. "The Epistles to the Colossians, Thessalonians, and Timothy." *Layman's Handy Commentary*. Editado por Charles J. Elliott. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1957.
- MILLIGAN, George. *St. Paul's Epistles to the Thessalonians*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1952 (nova tiragem).
- MOFFATT, James. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1951.
- MORRIS, Leon. "The First and Second Epistles to the Thessalonians." *The New International Commentary on the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959.
- NEIL, William. "St. Paul's Epistles to the Thessalonians." *Torch Bible Commentaries*. Nova York: The Macmillan Company, 1957.

- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament*, Vol. IV. Nova York: Harper & Brothers, 1931.
- VINCENT, Marvin R. *Word Studies in the New Testament*, Vol. IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1946.
- WESLEY, John; CLARKE, Adam; HENRY, Matthew and Others. *One Volume New Testament Commentary*. Grand Rapids: Baker Book House, 1957.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: Epworth Press, 1941 (nova tiragem).

II. OUTROS LIVROS

- BARCLAY, William. *The Mind of St. Paul*. Nova York: Harper & Row, Publishers, 1958.
- GOODWIN, Frank J. *A Harmony and Commentary on the Life of St. Paul*. Grand Rapids: Baker Book House, 1951.
- MILLER, Adam W. *An Introduction to the New Testament*. Anderson, Indiana: The Warner Press, 1943.
- OCKENGA, Harold J. *The Church in God*. Westwood, Nova Jersey: Fleming H. Revell Company, 1956.
- RAMSAY, William Mitchell. *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen*. Londres: Hodder & Stoughton, 1920.
- THAYER, Joseph H. *Greek-English Lexicon of the New Testament*. Nova York: American Book Company, 1889.
- TRENCH, Richard C. *Synonyms of the New Testament*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1948 (nova tiragem).
- WILEY, H. Orton. *Christian Theology*, 3 Vols. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1940.
- WUEST, Kenneth S. *Wuest's Expanded Translation of the Greek New Testament: Philippians Through the Revelation*, Vol. III. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1959.

III. ARTIGOS

- HENDRIKSEN, William. "I Thessalonians." *Christianity Today*, I, n° 17 (27 de maio de 1957), pp. 27, 33.
- WALVOORD, John F. "II Thessalonians." *Christianity Today*, II, n° 4 (25 de novembro de 1957), pp. 33, 37, 38.

AS EPÍSTOLAS PASTORAIS

A Primeira e a Segunda Epístolas a

TIMÓTEO

A Epístola a

TITO

J. Glenn Gould

Introdução

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLAS A TIMÓTEO E A EPÍSTOLA A TITO

A. Epístolas Pastorais

Estes escritos conhecidos por “Epístolas Pastorais”, compreendendo a Primeira e a Segunda Epístola a Timóteo e a Epístola a Tito, diferem consideravelmente dos outros escritos atribuídos a Paulo em dois pontos: os destinatários são pessoas e o estilo é predominantemente pastoral. Todas as outras epístolas de Paulo, com exceção da Epístola a Filemom, são dirigidas a igrejas e, na maioria dos casos, são exemplos do trabalho do pastor-presidente em aconselhar, exortar e disciplinar o rebanho sobre o qual tem supervisão. Mas as Epístolas Pastorais são dirigidas a pessoas que são pastores. Estas cartas são exemplos do trabalho supervisor do pastor-presidente que se dirige aos que são pastores-assistentes. Esta distinção é fator básico para determinar as características das Epístolas Pastorais, ação que tem provocado muito debate entre os estudiosos e levantado a idéia de que estas cartas não são da lavra de Paulo.

A designação “pastorais”, apesar de sua conveniência óbvia, não foi aplicada a estas cartas desde tempos imemoriais, mas é de origem relativamente recente. É verdade que Tomás de Aquino (século XIII) foi o primeiro a mencionar esse termo denominativo, mas foi só no início do século XVIII que as cartas receberam o nome de “Epístolas Pastorais”. Esta maneira de referir-se a elas tornou-se habitual quando esta designação foi adotada pelo afamado comentarista Dean Alford, em 1849.

O nome apelativo “pastorais” é apropriado dentro de certos limites. O tema central das cartas é o que veio ser chamado “cura das almas”, visto que era esse ministério que estava sendo feito em Éfeso e Creta por, respectivamente, Timóteo e Tito. Paulo está aconselhando, avisando, exortando e incentivando seus filhos no evangelho, os quais agora são seus assistentes no pastoreio das igrejas. Pela riqueza do seu conhecimento da fé e por sua experiência em lidar com pessoas e igrejas de tipos diversos, ele dá a estes jovens ministros advertências e orientações. Mas as Epístolas Pastorais possuem a limitação de não serem “manuais de teologia pastoral”, para usar a frase de Donald Guthrie.¹ Muitos dos tópicos essenciais a tais manuais estão omitidos destas cartas. Elas lidam vigorosamente apenas com alguns dos assuntos enfrentados por um pastor — assuntos que eram de suma importância para essas igrejas em particular, e nada mais. Na verdade, estas cartas visam, com toda a probabilidade, apenas complementar a instrução oral do apóstolo dada a estes jovens ministros. Este fato deve ser mantido em mente ao lermos qualquer uma das cartas de Paulo, sobretudo às dirigidas a igrejas que o próprio Paulo fundou. Por trás da instrução teológica e religiosa nas epístolas há a pregação extensa do apóstolo, e por trás de muitas análises aparentemente incompletas nas epístolas devemos presumir que houve um conjunto de ensino coerente dado pelo apóstolo em discurso oral.

Embora as Epístolas Pastorais sejam limitadas na área que abrangem, resta o fato de que o conteúdo ajusta-se perfeitamente ao campo da teologia pastoral, tornando adequada a designação “pastorais”.

B. Autoria

1. *A Interpretação Tradicional*

A interpretação de que Paulo é o autor destas epístolas não deve ser empurrada para o lado como algo insignificante. As epístolas reivindicam a autora paulina, fato declarado abertamente na saudação de cada carta; e apesar da tendência atual de desconsiderar tal evidência, o ônus da prova ainda fica com os que menosprezam essa informação. No lado da autenticidade destas epístolas está o fato de que, desde os dias mais antigos da igreja, elas são reputadas obra de Paulo. Alfred Plummer coloca a idéia objetivamente com estas palavras: “As evidências concernentes à aceitação geral de que elas são da autoria de Paulo são abundantes e positivas, e vêm desde os tempos antigos”.² É significativo que a autoria paulina começou a ser questionada somente no início do século XVII. Guthrie foi extraordinariamente objetivo quando disse: “Se a base da objeção [à autoria paulina] é tão forte quanto afirmam [seus proponentes], tem de haver alguma razão adequada para explicar a falta extraordinária de discernimento por parte dos estudiosos cristãos no transcurso de um período tão longo”.³

2. *O Ataque à Autoria Paulina*

Apesar da força convincente das evidências que indica a autoria paulina destas cartas, certos expositores insistem em provar que estas evidências não são dignas de confiança. O ataque na autenticidade das Epístolas Pastorais é efetivado em, pelo menos, quatro frentes: 1) A dificuldade em ajustá-las à carreira de Paulo conforme nos mostram a literatura do Novo Testamento; 2) a incompatibilidade dessas cartas com a organização das igrejas segundo se acredita ter existido durante a vida de Paulo; 3) os temas doutrinários das Epístolas Pastorais que, dizem, diferem radicalmente dos ensinamentos nas outras epístolas de Paulo; e 4) as supostas diferenças de vocabulário existentes entre as Epístolas Pastorais e as cartas de Paulo às igrejas.

a) O primeiro ataque é o problema histórico: Como estas cartas se ajustam ao que conhecemos da carreira de Paulo? Nosso conhecimento dessa carreira baseia-se em grande parte em Atos dos Apóstolos, com material suplementar valioso derivado dos próprios escritos de Paulo. Não nos esqueçamos, porém, que Atos não afirma ser uma biografia de Paulo. Na verdade, Saulo de Tarso (como era inicialmente conhecido em Atos) só é mencionado depois de Atos 7.58. A história da sua surpreendente conversão a Cristo é narrada no capítulo 9; e sua plena aceitação como líder cristão não ocorre até os capítulos 11 e 13. Não há a mínima tentativa de informar o leitor sobre sua infância e mocidade. Sua presença proeminente em cena durante o desenrolar de Atos deve-se ao fato de que o seu ministério era o mais excelente de qualquer um dos apóstolos e de que Lucas, o autor de Atos, era participante de grande parte da atividade de Paulo. Lucas conclui sua narrativa de Paulo quase tão abruptamente quanto a começou, deixando o apóstolo na decisão de sua primeira prisão em Roma — encarceramento que terminou com sua absolvição. Não há evidência em Atos de que a morte de Paulo tenha ocorrido logo depois dos acontecimentos ali narrados.

Os oponentes da autoria paulina das Epístolas Pastorais argumentam que “é impossível encaixar estas epístolas na estrutura da história de Atos”.⁴ Se houvesse evidências

de que os acontecimentos finais relatados em Atos coincidissem com os acontecimentos finais da vida de Paulo, esta seria realmente uma objeção fatal. Mas não há tais evidências e basear argumentos somente no silêncio de Atos sobre os anos finais da vida do apóstolo é construir argumentações em fundamentação arenosa.

É muito provável que o apóstolo foi absolvido e liberto da primeira prisão em Roma e desfrutou alguns anos de liberdade e liderança cristã. E há motivos para crer que, em suas novas atividades, ele tenha realizado o grande desejo de visitar a Espanha (Rm 15.28). W. J. Lowstuter resume o assunto: “Não há razão válida que negue a libertação e não existe prova que a conteste. As Epístolas Pastorais pressupõem uma libertação. Isto nos permite manusear muito razoavelmente as diversas referências históricas que, do contrário, seriam muito difíceis de explicar. Em liberdade, ele visitou suas antigas igrejas, renovou contatos com antigos trabalhos, abriu novos trabalhos em Creta, Dalmácia e Gália, planejou passar o inverno em Nicópolis, deixou a capa e livros em Trôade [ver Mapa 1] para lhe serem enviados pouco tempo depois ao ser lançado novamente na prisão, e de um segundo aprisionamento em Roma escrever que sua carreira estava completa e o seu caso não tinha esperança segundo os tribunais imperiais”.⁵

b) O segundo ataque à autenticidade das Epístolas Pastorais se prende ao problema eclesiástico: a pretensa incompatibilidade destas epístolas com a organização da igreja do século I. Dizem que as Epístolas Pastorais exprimem um estado organizacional avançado na igreja que, por definição, só poderia existir em meado do século II. As orientações dadas nestas epístolas concernentes à nomeação de bispos e diáconos e as qualificações estabelecidas para estes ofícios, a autoridade que Timóteo e Tito tinham para designar tais obreiros eclesiásticos, e o destaque que os anciãos (presbíteros) têm como guardiões e portadores da tradição são fatores, conforme argumentam, que indicam um período consideravelmente mais tardio que a época de Paulo. Além disso, as heresias contra as quais soam notas de advertência são, ao que parece, heresias gnósticas que se tornaram verdadeiramente ameaçadoras apenas no século II.

Em resposta ao ataque, destaquemos que desde o mais antigo período do seu ministério Paulo se preocupava com a decência e a ordem nas igrejas que ele fundara. Lucas relata esse fato já na primeira viagem missionária, quando escreve que Paulo e Barnabé “[elegeram] anciãos em cada igreja” (At 14.23). Ao escrever a saudação aos crentes filipenses, Paulo a endereça “a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos” (Fp 1.1). A preocupação de Paulo com as diversas ordens ministeriais é muito evidente em passagens como Efésios 4.11,12.

O Novo Testamento dá impressionante testemunho do fato de que anciãos, bispos e diáconos estavam entre os mais antigos obreiros da igreja infante. Edwin Hatch entende que a organização das igrejas primitivas seguiu padrões que se tornaram comuns na organização das sociedades seculares. Ele disse: “Cada uma das associações, quer política ou religiosa, que enxameava o império tinha seu comitê de oficiais. Era, portanto, antecedentemente provável [...] que quando os gentios aceitaram o cristianismo e passaram a ser suficientemente numerosos numa cidade, eles exigiram algum tipo de organização e que tal organização tomaria a forma que prevaleceu; essa organização não seria inteiramente (se é que seria) monárquica, nem inteiramente, embora essencialmente, democrática, mas haveria um executivo permanente composto de uma pluralidade de

peçoas”.⁶ Esta tendência evidencia-se na nomeação de Paulo de anciãos nas igrejas que ele organizou. Evidencia-se também no fato de que o presidente deste grupo de anciãos, o responsável financeiro e espiritual da igreja local, era conhecido em grego por *episcopos* (“bispo”). Seu dever, entre outros, era manter a integridade fiscal da igreja local. Considerando que a igreja tinha funções caridosas e religiosas, inclusive muitos em suas posições estavam em necessidade medonha, a custódia dos fundos benevolentes da igreja era uma responsabilidade majoritária; e tal responsabilidade era da alçada do bispo.

Para distribuir estes fundos aos necessitados, o bispo tinha ao seu lado um grupo de obreiros conhecido em grego por *diakonoi* (“diáconos”). O diaconato, que mais tarde foi estabelecido na igreja primitiva, foi claramente antecipado nos tempos do Novo Testamento quando os apóstolos em Jerusalém designaram “sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria”, cujo dever era cuidar do “ministério cotidiano” de ajudar os necessitados (At 6.1-3). No fim das contas, era a prática na igreja que a distribuição desta ajuda fosse tarefa dos diáconos, enquanto que a responsabilidade final pertencia ao bispo, que agia como presidente e agente do presbitério da igreja. É verdade que ao longo dos séculos II e III estes ofícios sofreram mudanças significativas na igreja. Mas permanece o fato de que tais ofícios existiam nos dias do Novo Testamento e que os deveres ligados a eles eram essencialmente iguais em épocas posteriores. Portanto, o tipo de organização eclesiástica que as Epístolas Pastorais exprimem não nos leva necessariamente para além do período de Paulo.

c) A terceira frente na qual os críticos atacam a autoria paulina é a doutrinária: Há diferenças doutrinárias radicais entre estas epístolas e os escritos mais antigos de Paulo, a ponto de tornar insustentável a interpretação de que as Epístolas Pastorais são obra de Paulo? Os que se apóiam nesse argumento para negar a autoria paulina citam o fato de que as doutrinas características do apóstolo, como “a paternidade de Deus” e “a união mística do crente com Cristo”, ou a expressão exclusiva do apóstolo “em Cristo”, não ocorrem nas Epístolas Pastorais. E o que aconteceu com o conceito paulino do Espírito Santo?, perguntam.

Para responder ao ataque, ressaltamos que o propósito do apóstolo ao escrever as Epístolas Pastorais difere do propósito em quaisquer dos seus escritos anteriores. Nas primeiras epístolas, ele escreve como evangelista e mestre, e também como pastor do rebanho. Seu método é, em alguns casos, teológico (como em Romanos), corretivo (como nas epístolas a Corinto), preocupado em remover concepções errôneas perigosas (como nas epístolas a Tessalônica) e sempre exortativo. Mas nas Epístolas Pastorais, ele está bem afastado da responsabilidade pastoral. São jovens que estão liderando as tropas de combate da fé, e o papel de Paulo acha-se mais no campo da estratégia e direção. É verdade que ele se preocupa com a integridade da doutrina, como convém a “Paulo, o velho”, quando escreve para homens de menos idade. É verdade que “a fé” veio a caracterizar a mensagem cristã e que declarações formalizadas de fé ocorrem nas Epístolas Pastorais com mais notabilidade do que nas cartas mais antigas de Paulo. Mas estas manifestam a situação variável nas igrejas e no empreendimento cristão total, bem como as mudanças psicológicas que acompanhavam o apóstolo à medida que avançava em anos. Em vista de todas estas considerações, é nada mais que implicância negar com base em diferenças doutrinárias a autoria do apóstolo destas cartas obviamente paulinas.

Mas devemos enfrentar a questão no que tange às heresias contra as quais as Epístolas Pastorais emitem um sinal de perigo: Estes falsos ensinamentos pertencem necessariamente, como alegam certos comentaristas, ao período do século II e não ao do século I? Alfred Plummer fez um estudo cuidadoso do ensino que Paulo procura refutar. É assim que ele analisa:

1) A heresia é de caráter *judaico*. Seus promotores [querem] ser doutores da lei' (1 Tm 1.7). Entre eles há 'os da circuncisão' (Tt 1.10). Fundamentam-se em 'fábulas judaicas' (Tt 1.14). As questões que levantam são 'debates acerca da lei' (Tt 3.9). 2) A heresia também dá indicações de ser de caráter *gnóstico*. As passagens de 1 Timóteo 1.3,4 e Tito 1.14, 3.9 nos informam que são 'fábulas' e 'genealogias'. Tratam-se de 'vãs contendas' (1 Tm 1.6), 'contendas de palavras' (1 Tm 6.4) e 'clamores vãos' (1 Tm 6.20). Ela ensina um asceticismo antinatural e em desacordo com as Escrituras (1 Tm 4.3,8). É a 'falsamente chamada ciência [gnosis]' (1 Tm 6.20).⁷

Plummer cita Godet que observa que houve três fases distintas na relação entre o judaísmo e o cristianismo no século I. A primeira foi o período quando o judaísmo estava fora da igreja e lhe era oposto ao ponto de blasfêmia. A segunda fase foi o período quando o judaísmo procurou invadir a igreja, visando inserir a lei mosaica nela. A última fase foi o período quando o judaísmo se tornou uma heresia dentro da igreja. Neste terceiro período, declara Godet, "há revelações fingidas sobre nomes e genealogias de anjos; há o estabelecimento de regras ascéticas absurdas como deliberações de perfeição, ao mesmo tempo em que a imoralidade ousada deforma a vida real".⁸ É esta terceira fase que nos confronta nas Epístolas Pastorais, fase que obviamente ocorreu quando ainda o apóstolo estava vivo. Só nos resta concluir que, quaisquer que tenham sido as mudanças ocorridas na heresia gnóstica em anos subsequentes, vemos essa heresia claramente prenunciada nos anos finais da vida do apóstolo e claramente desmascarada por ele nas Epístolas Pastorais.

d) A quarta e última frente na qual a batalha se deu é a lingüística: As diferenças de vocabulário existentes entre as Epístolas Pastorais e as cartas de Paulo às igrejas são suficientes para enfraquecer a tese de que as Epístolas Pastorais são de origem paulina? Aqui o assunto gira em torno da ocorrência de uns 175 hápax (palavras que aparecem pela primeira vez na obra de um autor) nas três Epístolas Pastorais. Os críticos alegam que estas palavras são próprias do século II; caso esta alegação se comprove, mostra que a autoria é posterior aos dias de Paulo.

A pesquisa descobriu que a linguagem das Epístolas Pastorais não contém nenhuma palavra que não ocorra em outro lugar na literatura cristã e secular de meado do século I; e quase a metade das palavras supostamente novas consta na Septuaginta (c. 200 a.C.). Estas alegações e outras semelhantes se baseiam na opinião de que a capacidade mental de Paulo não lhe dá nenhum crédito. Sua personalidade era fundamental e imaginativa, em concordância com as mudanças inerentes à influência crescente do cristianismo que invadia o mundo gentio, e inteiramente ciente dos perigos para a fé que tomava parte nessas mudanças. Falando objetivamente, N. J. D. White observa que "é provável que alguém assim sofra mudanças de perspectiva mental e seja possuído por novos ideais e concepções a ponto de desnortear as pessoas de mentes menos ágeis. E é

lógico que isso exige novos pensamentos para a expressão de palavras e frases para as quais ninguém antes tivera uso. No caso de Paulo, esta não é suposição imaginária. A diferença entre o Paulo de Filipenses e o Paulo de 1 Timóteo não é maior que, talvez não tão grande quanto, entre o Paulo de Tessalonicenses e o Paulo de Efésios”.⁹

Isto não dizer que o apóstolo foi pessoalmente responsável por cada palavra empregada nestas epístolas ou, no que toca ao assunto, em qualquer uma de suas epístolas. J. N. D. Kelly¹⁰ sugeriu que o fato de Paulo depender de um amanuense pode ter sido consideravelmente bem maior nas circunstâncias sob as quais as Epístolas Pastorais foram produzidas, e que isto explica facilmente as variações de estilo e vocabulário que os críticos crêem terem descoberto. Mas aceitar essa idéia de modo nenhum põe em dúvida a autenticidade destas epístolas.

Esta rápida revisão das evidências pertinentes à autoria das Epístolas Pastorais deflagra a conclusão de que estas cartas são realmente da lavra de Paulo. O autor é um Paulo idoso e que enfrenta perigo mortal, inteiramente convicto de que o seu ministério se aproxima do fim e de que a tocha deve ser passada para mãos mais jovens e mais robustas. Mas a sua visão da meta do cristianismo não está de forma alguma obscurecida e o seu compromisso com a tarefa cristã não diminuiu.

C. Destinatário e Propósito

O fato de as Epístolas Pastorais serem dirigidas a indivíduos e não a uma igreja ou grupo de igrejas as distingue de modo exclusivo nos escritos paulinos. Timóteo e Tito eram jovens que mantinham lugar de extrema comunhão e ternura na confiança e sentimento do apóstolo. Paulo os colocara, respectivamente, em Éfeso e Creta (ver Mapa 1), onde estavam assumindo a pesada responsabilidade de dirigir estas igrejas cristãs. Em ambas as situações, a igreja era uma pequena ilha de cristãos transformados cercada por vasto oceano de paganismo e corrupção moral. Manter a integridade do movimento cristão no meio desses ambientes era tarefa colossal. Paulo não conseguiu liberar a mente e o coração dos acontecimentos que estavam ocorrendo nestes campos de batalha. Seu plano era uma viagem que o pusesse ao alcance destes dois pastores-assistentes a fim de vê-los para motivá-los e aconselhá-los. Mas algumas questões eram muito urgentes para esperar entrevistas pessoais e sobre estes assuntos ele dá conselhos escritos. Há bispos e diáconos a serem nomeados, os quais devem ser homens de integridade peculiar. Há falsos ensinos que ameaçam a unidade da fé, e o apóstolo se empenha em fazer o que puder para manter a visão dos seus jovens assistentes em foco nítido. Na segunda carta a Timóteo ele enfrenta o fato de que lhe resta pouco tempo de vida. Ele deixa com Timóteo a confissão final de sua firme confiança em Cristo e a certeza de que, mesmo que o estado lhe destrua o corpo, não lhe debilitará a visão do futuro glorioso.

D. Data Provável

Estas epístolas foram escritas depois da libertação de Paulo da primeira prisão em Roma, libertação que provavelmente se deu em 61 ou 62 d.C. A tradição afirma que o

apóstolo foi martirizado em 67 ou 68 d.C. As datas terminais desse período final na vida de Paulo são, assim, estabelecidas com um grau justo de certeza. Durante este período foram escritas as Epístolas Pastorais nesta ordem: 1 Timóteo, Tito e 2 Timóteo. A despeito de certa discordância entre os peritos, esta é a seqüência provável.

Logo após ser liberto, Paulo voltou a fazer campanhas por seu Cristo, embora só possamos conjecturar suas idas e vindas. É claro que Timóteo e Tito foram comissionados a servir na função de pastores, um em Éfeso e o outro em Creta. Entre suas novas responsabilidades incluíam-se a seleção e nomeação de ministros para essas igrejas, o desmascaramento e erradicação das tendências heréticas, a direção e disciplina da fé e a conduta destes novos cristãos. As cartas de 1 Timóteo e Tito foram escritas durante o intervalo de liberdade que Paulo desfrutou entre as duas prisões romanas, talvez em 63 e 64 d.C., respectivamente. A carta de 2 Timóteo foi escrita durante a prisão final do apóstolo, cujo resultado ficava cada vez mais nítido, desta forma fixando a data em 66 ou 67 d.C. Temos aqui o que diríamos adequadamente que é a última vontade e testamento do grande apóstolo, o homem a quem Deissmann descreve como “o primeiro depois de Cristo” no começo da igreja cristã.

Esboço

A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. A Autoridade do Apóstolo, 1.1
- B. Deus, Nosso Salvador, e Cristo, Nossa Esperança, 1.1
- C. A Timóteo, 1.2
- D. Graça, Misericórdia e Paz, 1.2

II. PAULO E TIMÓTEO, 1.3-20

- A. A Tarefa de Timóteo em Éfeso, 1.3-7
- B. A Função da Lei na Vida Cristã, 1.8-11
- C. A Misericórdia de Cristo na Vida do Apóstolo, 1.12-17
- D. A Incumbência de Paulo a Timóteo, 1.18-20

III. PREOCUPAÇÕES PELA ORDEM NA IGREJA, 2.1-15

- A. Ordem no Culto a Deus, 2.1-7
- B. Reverência no Culto Público, 2.8-15

IV. QUALIFICAÇÕES DOS MINISTROS CRISTÃOS, 3.1-13

- A. O Caráter dos Bispos, 3.1-7
- B. O Caráter dos Diáconos, 3.8-13

V. PAULO DEFINE A IGREJA, 3.14-16

- A. A Casa de Deus, 3.14,15
- B. O Mistério da Piedade, 3.15,16

VI. AMEAÇAS À INTEGRIDADE DA IGREJA, 4.1-16

- A. O Perigo do Asceticismo Descomedido, 4.1-5
- B. A Estatura do Bom Ministro de Cristo, 4.6-10
- C. O Ministro como Exemplo, 4.11-16

VII. A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA, 5.1-25

- A. A Mocidade deve Respeitar a Velhice, 5.1,2
- B. A Responsabilidade pelas Viúvas Dependentes, 5.3-16
- C. A Honra Devida ao Pastor, 5.17-25

VIII. INSTRUÇÕES DIVERSAS, 6.1-19

- A. Escravos Cristãos e Senhores Cristãos, 6.1,2
- B. Conseqüências do Ensino Falho, 6.3-5
- C. Os Perigos das Riquezas, 6.6-10
- D. Metas e Recompensas da Vida Piedosa, 6.11-16
- E. A Administração Adequada das Riquezas, 6.17-19

IX. APELO FINAL DE PAULO, 6.20,21

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

1 Timóteo 1.1,2

Em comum com a maioria das cartas gregas do século I, esta epístola começa identificando o remetente — **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo** — e o destinatário — **Timóteo, meu verdadeiro filho na fé** (1,2). Apesar do fato de que a carta é uma correspondência entre os mais queridos amigos, ela não deixa de utilizar esta saudação formal e digna. Como observa adequadamente João Wesley: “A familiaridade deve ser posta de lado quando tratamos as coisas de Deus”.¹

A. A AUTORIDADE DO APÓSTOLO, 1.1

Na maioria das cartas de Paulo, ele se identifica por **apóstolo** (as únicas exceções são 1 e 2 Tessalonicenses, Filipenses e Filemom). Esta palavra era o termo grego habitual para referir-se a mensageiro, a pessoa encarregada com a tarefa de transmitir informação importante. O termo, assim que foi adotado pela igreja cristã primitiva, veio a designar um cargo de grande distinção e importância na liderança do movimento. Quando chegamos à última data desta primeira carta a Timóteo (c. 63 d.C.), o termo **apóstolo** atingira “significação oficial; indica *status*, uma posição de autoridade primária na igreja. Paulo, na função de apóstolo, tem o direito de comandar e ser obedecido. Em suas igrejas ele é o primeiro, depois de Deus”.²

Mas este não era cargo oficial no qual Paulo arriscaria afastar-se da clara direção de Deus. Ele declara que assume esta responsabilidade **segundo o mandado de Deus**,

nosso Salvador (1). Em outros contextos, ele afirma que é chamado “pela vontade de Deus” (2 Co 1.1) para desempenhar essa incumbência. É verdade que quando o apostolado é criticado pelos inimigos judaizantes na igreja, ele defende com extremo vigor a autenticidade de sua nomeação divina; contudo o desempenho de suas funções sempre é com espírito de humildade como convém ao escravo de Cristo. É prática antiga na igreja que os ministros da Palavra sejam recrutados pelo chamado de Deus, e que um senso claro desta incumbência divina seja a condição imprescindível para aquele que ousa pregar o evangelho. É questão de profundo pesar que a convicção na indispensabilidade de tal chamado se mostre hoje consideravelmente menos firme que em outros dias. Se isto for realmente verdade, então devemos nos empenhar intensamente para a igreja recuperar esta fé importantíssima na vocação divina. Todo aquele que entra na tarefa ministerial cristã, quer seja pastor, evangelista, superintendente distrital ou bispo, deve estar pronto a dizer com Paulo de todo o coração: “Ai de mim se não anunciar o evangelho!” (1 Co 9.16).

B. DEUS, NOSSO SALVADOR, E CRISTO, NOSSA ESPERANÇA, 1.1

Deus, nosso Salvador, é variante notável de nossa maneira usual de falar da salvação por Cristo. É costumeiro os cristãos falarem de “Cristo, nosso Salvador”. Há autoridade considerável nos escritos paulinos, e particularmente nas Epístolas Pastorais, para esta variação (cf. 2.3; 4.10; Tt 1.3; 2.10; 3.4). Isto não quer dizer que Cristo não seja **nosso Salvador**, mas enfatiza a participação das três Pessoas da Trindade santa na obra de redenção humana. O Pai como também o Filho e, em sentido muito real, o Espírito Santo estavam todos engajados na tarefa que, de certo ponto de vista mais rigoroso, foi confiada principalmente ao Filho encarnado. Temos de ressaltar que a Trindade divina também é uma Unidade santa, e que nossa salvação humana é possibilitada pela vontade e sacrifício infinito da deidade.

N. J. D. White sugeriu que “há, no texto, uma antítese entre os ofícios de Deus, *nosso Salvador*, e de Jesus Cristo, *nostra esperança*”.³ A primeira expressão olha para o passado, recordando a obra acabada de Deus em Cristo, quando no Calvário nosso Senhor se entregou por nós. Paulo fala sobre este evento quando diz que “Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2 Co 5.19). Mas a expressão **Cristo, esperança nossa**, olha para o futuro, com sua plenitude e consumação do que agora só é parcial e incompleto. O apóstolo alcançara o estágio em seu serviço por Cristo quando a força física começara a enfraquecer. Ele havia provado algo do custo implacável de uma lealdade total a Cristo. Talvez houvesse em sua alma o desejo crescente pelo momento quando a carreira estaria terminada e a guirlanda imarcescível seria colocada em sua cabeça. A promessa do futuro que se mostrou em expressão tão eloquente em 4.6-8 já estava começando a possuir seu espírito. O Salvador era para ele e pode ser para todos nós **Cristo, esperança nossa**.

C. A TIMÓTEO, 1.2

Timóteo, meu verdadeiro filho na fé (2) é a distinção que o apóstolo dá a este jovem. Esta versão bíblica traduz a expressão de modo comovente: Meu “filho verda-

deiramente nascido na fé” (NEB). A saudação em 2 Timóteo é ainda mais afetuosa: “Meu amado filho”.

No texto do Novo Testamento, **Timóteo** surge pela primeira vez em Atos 16.1. Esse capítulo narra a segunda visita de Paulo a Derbe e Listra, na ocasião de sua segunda viagem missionária. **Timóteo** era filho de pai grego e de mãe judia. É legítimo presumir que a mãe (Eunice) e a avó (Lóide) de **Timóteo** (2 Tm 1.5) foram alcançadas pelo evangelho durante a primeira visita de Paulo a essa região. Foi em Listra que Paulo sofreu perseguição tremendamente violenta; e não é descabido conjecturar que em suas feridas ele foi cuidado na casa de Eunice. É devidamente provável que **Timóteo** se tornou cristão na ocasião da primeira visita do apóstolo. Plummer⁴ estima que a conversão ocorreu em 45 d.C., ao passo que a segunda visita do apóstolo a Listra ocorreu “seis ou sete anos” depois. Ele calcula que **Timóteo** “provavelmente ainda não tinha 35 anos de idade quando Paulo escreveu a primeira epístola para ele”. Presumindo que tivesse 35 anos em 63 d.C., ele teria uns 17 anos quando se converteu, e 23 ou 24 na ocasião da segunda visita de Paulo a Listra. O apóstolo persuadiu que este jovem promissor “fosse com ele” (At 16.3) e se tornasse companheiro de viagens e trabalhos. Paulo também fez com que **Timóteo** se submetesse ao rito da circuncisão, mas apenas para antecipar e impedir o surgimento de obstáculos ao ministério do jovem nas sinagogas judaicas da Dispersão. Estas sinagogas eram “portas de entrada” inestimáveis para o evangelho nas comunidades judaicas do mundo gentio. É provável que o apóstolo tenha agido assim para separar **Timóteo** para a obra do ministério mediante algum processo de ordenação que envolvesse a imposição de mãos. Pelo visto, esta cerimônia é mencionada em 4.14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério”.

Paulo e seu companheiro de viagem Silas, agora acompanhados por **Timóteo**, continuaram viajando, indo logo a Trôade (ver Mapa 1), onde Lucas se uniu a eles (At 16.8-10). O grupo prosseguiu indo a Filipos, Tessalônica e Beréia, proclamando a mensagem que “Jesus é o Cristo”, e encontrando oposição crescente. Paulo dirigiu-se para Atenas; mas Silas e **Timóteo** permaneceram em Beréia para consolidar os ganhos obtidos (At 17.14,15). De Atenas, Paulo viajou a Corinto, onde Silas e **Timóteo** se reuniram a ele. A preocupação pelo trabalho tão bem iniciado em Tessalônica instigou o apóstolo a mandar **Timóteo** de volta aos crentes tessalonicenses para confortá-los e exortá-los acerca da fé. A alta estima que o apóstolo fazia do valor de **Timóteo** já se revela no elogio que Paulo faz: “Nosso irmão, e ministro de Deus, e nosso cooperador no evangelho de Cristo” (1 Ts 3.2).

As duas epístolas aos irmãos tessalonicenses incluem em suas saudações o nome de **Timóteo** junto com os de Paulo e Silas. Encontramos **Timóteo** e Silas em Corinto, sustentando as mãos do apóstolo e ajudando-o na tarefa evangelística. Pelos próximos poucos anos as referências a **Timóteo** são escassas, embora indubitavelmente ele tenha continuado como ajudante fiel de Paulo. Em 55 ou 56 d.C., data provável da composição da Primeira Epístola aos Coríntios, encontramos o apóstolo enviando **Timóteo** como seu representante à difícil igreja em Corinto. Sua tarefa era chamar de volta os crentes coríntios a serem de novo leais à verdade que Paulo já havia proclamado entre eles. O apóstolo o recomenda nos termos mais calorosos: “É meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo” (1 Co 4.17). Mas quando a Segunda Epístola aos Coríntios foi escrita, talvez um ano depois, **Timóteo** estava novamente ao

lado do apóstolo e faz parte da saudação com ele. Em 56 d.C., quando Paulo escreveu a carta aos crentes romanos, **Timóteo** estava entre as pessoas que enviavam saudações aos crentes em Roma (Rm 16.21). E quando o apóstolo percorria a Macedônia em direção a Jerusalém, onde “prisões e tribulações” o esperavam, o nome de **Timóteo** aparece como membro do grupo (At 20.4,23).

Durante os dois anos em que Paulo ficou encarcerado em Cesaréia (ver Mapa 2) o registro nada menciona acerca de **Timóteo**. Mas durante a primeira prisão do apóstolo em Roma encontramos **Timóteo** novamente ao seu lado e incluso nas saudações das cartas de Paulo aos Filipenses, Colossenses e Filemom — todas estas denominadas “Epístolas da Prisão”. No decorrer desse período, **Timóteo** fez uma viagem como representante de Paulo à igreja em Filipos. E mais uma vez temos a mais reconhecedora avaliação do valor do jovem: “E espero, no Senhor Jesus, que em breve vos mandarei Timóteo, para que também eu esteja de bom ânimo, sabendo dos vossos negócios. Porque a ninguém tenho de igual sentimento, que sinceramente cuide do vosso estado; porque todos buscam o que é seu e não o que é de Cristo Jesus. Mas bem sabeis qual a sua experiência [de Timóteo], e que serviu comigo no evangelho, como filho ao pai” (Fp 2.19-22).

Quaisquer outras informações que conheçamos de **Timóteo** em sua relação com Paulo devem provir destas duas epístolas enviadas pelo apóstolo ao seu ajudante estimado. O registro revela a preocupação profunda e paternal de Paulo pelos seus distintíssimos convertidos e por seu assistente no trabalho do evangelho. Mostra também a dedicação filial que caracterizava a lealdade abnegada de **Timóteo** ao apóstolo que era seu pai espiritual.

D. GRAÇA, MISERICÓRDIA E PAZ, 1.2

A bênção de Paulo dirigida a Timóteo é extraordinária, porque a **misericórdia** está junto da **graça** e da **paz**. Wesley observa que “Paulo deseja *graça* e *paz* nas epístolas endereçadas às igrejas. A Timóteo ele acrescenta *misericórdia*, a graça mais tenra para aqueles que careciam dela”. E, complementa Wesley, “experimentar isso prepara o homem para ser ministro do evangelho”.⁵ É verdadeiramente questão de extrema importância que aqueles que são chamados para lidar com os mistérios divinos sejam pessoas que estejam plenamente cientes não só da necessidade da **misericórdia** de Deus, mas também do fato dessa **misericórdia**. Ninguém jamais é digno dessa responsabilidade; sempre temos de estar ativamente cônscios de que “pela graça de Deus, sou o que sou” (1 Co 15.10).

SEÇÃO II

PAULO E TIMÓTEO

1 Timóteo 1.3-20

A. A TAREFA DE TIMÓTEO EM ÉFESO, 1.3-7

1. Fique em Éfeso (1.3)

“Fique onde você está”, é, segundo a tradução vigorosa de Moffatt, a advertência de Paulo a Timóteo: **Como te roguei, quando parti para a Macedônia, que ficasses em Éfeso** (3). Podemos apenas deduzir com dificuldade, por meio destas Epístolas Pastorais, os acontecimentos da vida de Paulo durante estes breves anos finais. Pelo visto, Paulo se sentia urgentemente atraído a ir para a Macedônia, e Timóteo desejava muito acompanhá-lo. Seria fácil racionalizar tal procedimento, pois Timóteo fora o ajudante mais capaz do apóstolo em muitas dessas viagens. O próprio Paulo, caso estivesse em posição de consultar somente suas próprias preferências, teria privilegiado a companhia de Timóteo na viagem. Mas outras e mais urgentes considerações tinham de prevalecer. A liderança e direção de Timóteo eram necessárias em Éfeso, e o dever tem de preceder as preferências pessoais.

Há muitas ocasiões na vida quando é muito mais fácil mudar do que permanecer numa situação difícil. O instinto de fuga da responsabilidade onerosa, de fugir quando as coisas ficam difíceis, é uma realidade de todos nós e deve ser resistida com firme determinação. A saída fácil, que segue a linha da menor resistência, a tendência de deixar-se levar pela correnteza em lugar de enfrentá-la com coragem e firmeza — estas alternativas tornam-se, por vezes, tentações atrozes. Escapular de uma situação irritante, começar de novo em outro lugar, onde a grama seja mais verde e os prospectos

mais convidativos, é um curso de ação no qual o tentador pode se disfarçar tão inteiramente de modo a termos a impressão que é a vontade de Deus. Mas quando Deus diz: “Fique onde você está”, é atitude covarde e pecadora abandonar as responsabilidades por algo que parece mais atraente. Claro que há ocasiões em que a palavra de Deus é: “Vá”, e não: “Fique”. Mas seja qual for, devemos ter a certeza de que nosso procedimento é de obediência imediata.

2. A Tarefa de Timóteo (1.3,4)

A responsabilidade imediata de Timóteo era esta: **Para advertires a alguns que não ensinem outra doutrina** (3). O apóstolo não nos informa a quem ele se referia quando emitiu esta ordem; Timóteo provavelmente já sabia muito bem quem eram os envolvidos. Paulo usa termos vagos para descrever a natureza destas heresias: **Fábulas ou... genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que edificação de Deus, que consiste na fé** (4).

Mesmo que seja impossível concluir com plena certeza quais eram estes ensinamentos que o apóstolo percebia que estavam minando a fé dos cristãos efésios, não é forçar a interpretação sugerir que se tratava de um começo de gnosticismo. A heresia conhecida por gnosticismo, que no século II se tornou ameaça séria à integridade do ensino cristão, tinha raízes judaicas e gentias. Houve três fases sucessivas da influência judaica na igreja primitiva (ver Introdução). A segunda era a fase judaizante que Paulo combateu com tanta eficácia na Epístola aos Gálatas. É sobre a terceira fase, em que havia “revelações fingidas sobre nomes e genealogias de anjos”, que o apóstolo procura avisar Timóteo na passagem sob análise.

A falácia básica do gnosticismo era o posicionamento de um dualismo fundamental entre o espírito e a matéria, entre o bem e o mal. Reconhecidamente, Deus era bom, mas o mundo era essencialmente mau. Diante disso, como explicar que o bom Deus criou um mundo mau? Isto era realizado pelo conceito de um demiurgo — uma espécie de “semideus” suficientemente afastado do Deus santo a ponto de este não ser responsabilizado pela criação do mundo mau. Entendemos prontamente o fato de Paulo caracterizar essas especulações por **fábulas** (ou “mitos intermináveis”, NEB; cf. CH, NVI), e por que havia **genealogias intermináveis**. Esta última expressão refere-se à importância que o judaísmo dá a **genealogias**.

Quaisquer que tenham sido estes ensinamentos, eles não tinham o mínimo de algo que edificasse o povo de Deus; pelo contrário, era muito grande a probabilidade de arruinar a fé dos crentes. **Que mais produzem questões** (4) seria “que dão origem a mera especulação” (NASB; CH). Isto já seria razão suficiente para Paulo insistir que tais ensinamentos especulativos não devem ser tolerados. A última frase do versículo 4 é difícil, podendo ser traduzida assim: “Não podem tornar o plano de Deus conhecido para nós, o qual opera pela fé” (NEB).

3. O Amor Fraternal tem de ser Preservado (1.5-7)

Outro fator, igual em seriedade ao primeiro, era este: estes ensinamentos tolerados na igreja não poderiam deixar de destruir o espírito do amor cristão, o qual é certo em identificar o grupo dos remidos. **Ora, o fim do mandamento é a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BAB, NVI) **de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé**

não fingida (5). Esta não é a primeira vez que Paulo ressalta que o amor é a essência da vida e experiência cristã. Ao longo dos seus escritos, mas particularmente em Romanos 13.8-10, o amor é para o apóstolo um resumo da totalidade da religião. Este é o seu desafio para os cristãos: “A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros” (Rm 13.8). O amor é uma dívida que nunca pode ser quitada. Ele resume a ênfase social que há nos Dez Mandamentos com a ordem, tantas vezes acentuada pelo Mestre: “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo” (Rm 13.9). O apóstolo caracteriza o amor e as atitudes compassivas que emanam dessa ordem dizendo que são “o cumprimento da lei” (Rm 13.10). E em cada vez o termo empregado para referir-se ao amor é a palavra grega *agape*, ou uma de suas formas. Este é termo que raramente ocorre no grego secular, e nunca no sentido em que é empregado no Novo Testamento. Nas mãos dos escritores inspirados o termo mostra o tipo de amor que Deus esbanjou exclusivamente em um mundo perdido e pecador. O apóstolo compendia este significado nas excelentes palavras registradas em Romanos 5.8: “Deus prova o seu amor [*agape*] para conosco em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores”.

Mas aqui Paulo vai mais longe; ele usa este mesmo termo singular para descrever a resposta do amor que emana do coração dos remidos ao reagirem ao amor de Deus por nós (amor antecedente ao nosso). Há uma passagem que ilustra estes dois usos do termo: “Nisto está a caridade [o amor]: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus assim nos amou, também nós devemos amar uns aos outros” (1 Jo 4.10,11). Cada ocorrência da palavra “amor” nesta passagem em Timóteo é uma forma da palavra grega *agape*. Mas não presumamos que esta resposta de *agape* do coração do povo de Deus seja algo originado em nós mesmos. O milagre da graça é tamanho que pessoas que só conheceram ganância e luxúria podem ser transformadas pelo poder de Deus e, assim, capacitadas divinamente para darem esta resposta de *agape*.

Quando o apóstolo lamenta os efeitos trágicos que ocorreram em resultado das atividades destes falsos mestres em Éfeso, é porque esta atmosfera essencial da igreja cristã — a atmosfera do amor *agape* — foi destruída. A verdadeira atmosfera da igreja de Cristo é “o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sincera” (5, BAB, NTLH).

No ministério evangélico inicial de João Wesley, a sociedade em Fetter Lane, Londres, foi despedaçada pelo ensino quietista do líder morávio Molther. Wesley esforçou-se virilmente e por muito tempo para trazer paz e entendimento. Mas, no fim, convenceu-se de que os fomentadores da discórdia tinham ido longe demais, a ponto de acabar com toda a esperança de voltarem a ter comunhão genuína. Por conseguinte, ele retirou seus seguidores da sociedade em Fetter Lane e fundou uma nova sociedade em A Fundição, um edifício antigo que ficou famoso por 40 anos como centro do metodismo em Londres. Wesley deixou claro que esta divisão não ocorreu por causa de interpretações peculiares de pessoas que diferiram dele, mas porque insistiam que todos deveriam ter as mesmas opiniões. Wesley era muito tolerante com diferenças de opinião teológica, contanto que os que defendiam tais pontos de vista os guardassem para si. Tentar impingir tais opiniões nos outros só destruiria a atmosfera de amor que era tão essencial numa sociedade verdadeiramente cristã. A regra cristã sempre deve ser: “Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas não essenciais, diversidade; e em todas as coisas, caridade”.

B. A FUNÇÃO DA LEI NA VIDA CRISTÃ, 1.8-11

Aqui em Éfeso, **desviando-se alguns, se entregaram a vãs contendias** (6; “a um deserto de palavras”, NEB). Eles desejavam **ser doutores da lei** (7; “mestres da lei”, ACF, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA), mas eram totalmente ignorantes de sua interpretação cristã. A atmosfera essencial de amor não sobrevive por muito tempo em tal situação.

O apóstolo está transportando sua acusação do gnosticismo incipiente, que tinha aparecido em Éfeso, para esta avaliação adicional da função da lei. É verdade que os deturpadores do caminho cristão contra quem ele está advertindo desejam ser mestres da lei — lei cujo significado eles torcem para servir aos seus propósitos nocivos. Não temos justificativa em repudiar a lei, porque uns poucos não a usam **legitimamente** (8). Paulo, que na controvérsia da “lei *versus* graça” tomou indiscutivelmente o lado da graça, deixou claro que há uma função válida e permanente a ser exercida pela lei, sobretudo a lei moral exarada nos Dez Mandamentos. Nos versículos 9 e 10, há uma referência consciente e óbvia à denominada “segunda tábua” do Decálogo (cf. Êx 20.12-17).

O que devemos entender pelas palavras: **A lei não é feita para o justo** (9)? Lógico que não significa que o **justo** não é mais susceptível à lei moral que o Decálogo enuncia de forma tão clara e perene. Crer de outra maneira seria entregar-se ao antinomianismo. Essa lei foi nossa “professora” para levar-nos a Cristo. Mas conhecer Cristo como Salvador e Senhor é ter essa lei inscrita em nosso coração. Falando dos dias do novo concerto, Jeremias profetizou: “Mas este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o SENHOR: porei a minha lei no seu interior e a escreverei no seu coração; e eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo” (Jr 31.33). **Mas para os injustos e obstinados, para os ímpios e pecadores** (9) e para todos os outros transgressores na lista de malfetores do apóstolo, a lei profere estrondosamente o seu “não”. Na descrição de Phillips, **os profanos e irreligiosos** são os “que não têm escrúpulos nem reverência” (CH).

Para estes e todos os outros que basicamente carecem de integridade moral, a lei pronuncia sua terrível palavra de julgamento. Este é o julgamento que o apóstolo indica claramente que aguarda os que desejam ser mestre da lei, mas que são tão estranhos à sua mensagem essencial que não entendem “nem o que dizem nem o que afirmam” (7). Esta nota de julgamento do pecado, que W. M. Clow denomina “o lado escuro da face de Deus”, é o elemento negativo, mas fundamental, no **evangelho da glória do Deus bem-aventurado** (11). E cremos que este **evangelho** foi entregue a Paulo, em sua geração, e a nós, na nossa.

É difícil imaginar uma mensagem mais espantosa que este **evangelho** glorioso. Esta tradução mostra indistintamente o significado desse **evangelho**: “O evangelho que fala da glória de Deus em sua felicidade eterna” (11, NEB). Não devemos entender que agora, depois de tanto tempo, foi dada uma resposta afirmativa às perguntas de Zofar, o naamatita: “Porventura, alcançarás os caminhos de Deus ou chegarás à perfeição do Todo-poderoso?” (Jó 11.7). É certo que o Deus poderoso nunca pode ser capturado por nossas definições. Mas se haverá um dia em que a “glória de Deus em sua felicidade eterna” será vista brevemente pelo homem mortal, será no contexto de nossa redenção por Cristo. Nós o conheceremos, se é que vamos conhecê-lo, na oferta da sua misericórdia salvadora que de Cristo flui para os homens pelo Espírito revelador e interpretador. E ser os portadores de tal mensagem é suficiente para atordoar a mente e o coração mais robustos.

C. A MISERICÓRDIA DE CRISTO NA VIDA DO APÓSTOLO, 1.12-17

1. *Um Homem Chamado por Deus* (1.12)

Ninguém na história do ministério cristão esteve mais claramente ciente que Paulo da nomeação divina para esta tarefa. Ao escrever aos crentes da Galácia, ele conta que desde o nascimento e até antes, no que diz respeito à vontade de Deus, ele foi destinado ao trabalho de apóstolo (Gl 1.15). Havia pouca evidência deste propósito divino durante os dias em que Paulo agredia furiosamente a igreja; mas mesmo então, vendo em retrospectiva, percebemos que por formação e educação ele estava sendo preparado para esta responsabilidade solene. Assim que Cristo ganhou Saulo, a espera terminara. Lemos em Atos: “E logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus” (At 9.20). Se Horace Bushnell tiver razão (e acredito que tem) no grandioso sermão que pregou “A Vida de Cada Pessoa é um Plano de Deus”, então esta era a “planta” divina para Saulo de Tarso. E ele afirma diante de Agripa: “Não fui desobediente à visão celestial” (At 26.19).

Mas sua declaração de fidelidade é ainda mais franca, misturada com ação de graças, na passagem sob estudo: **E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus, Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério** (12). Este é o testemunho do servo de **Cristo**, que envelheceu servindo ao seu Senhor. Não se trata de vanglória; na verdade, nem devemos considerar vanglória em qualquer sentido. É mais exatamente a declaração de alguém que, como o salmista, se gloria “no SENHOR”, sendo perfeitamente apropriado acrescentar, com o salmista: “Os mansos o ouvirão e se alegrarão” (Sl 34.2). Foi pela graça e força de **Cristo Jesus** que o registro surpreendente da vida “em Cristo” de Paulo atingira esse ponto.

2. *O Passado Vergonhoso do Apóstolo* (1.13,14)

O apóstolo estava plenamente ciente de sua indignidade da mínima misericórdia de Deus. Embora os pecados daqueles anos em que ele empreendeu sua guerra fútil contra Cristo e a igreja tivessem há muito sido perdoados, a memória remanescente lhe dilacerava a alma e o induzia a um interminável sentimento de tristeza. Paulo não se poupava ao mencionar este passado vergonhoso. Falando perante o rei Agripa, ele admitiu sem rodeios sua ostensiva oposição a Cristo, o saque dos seguidores de Cristo e até afirmou tacitamente sua cumplicidade na morte deles. Em 1 Coríntios 15.9, ele confessou envergonhado: “Não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus”. Lemos em Gálatas 1.13 ele reconhecer que “perseguiu [sobremaneira] a igreja de Deus e a assolava”. Mas na passagem sob análise, a confissão do seu remorso infindo vai muito além de qualquer outra encontrada em seus escritos. Em sua descrição, ele diz que **dantes, fui blasfemo, e perseguidor, e opressor** (13). Plummer mostra que “há [...] um movimento ascendente na iniquidade que o apóstolo confessa. Ele não só blasfemou o próprio nome divino, mas se empenhou em compelir os outros a fazer o mesmo!”¹

É a terceira palavra neste “movimento ascendente de autocondenação”, que é a mais violenta e vergonhosa de todas. O termo **opressor** não transmite o significado do original grego, e achar um equivalente adequado em nosso idioma não é fácil. As opções tradutórias são: “insolente” (BAB, BJ, NVI, RA); “insolente nas afrontações” (Weymouth); “afrontador” (RSV); “injuriador” (AEC; cf. ACF); “insultado” (CH, NTLH). Tal é o pecado

perdoado que o apóstolo recorda com vergonha e pesar. Não é para se gloriar no passado pecador que ele cita estes eventos, mas para magnificar a graça de Deus que é muito maior que o pecado abundante de sua mocidade.

Paulo dá a entender que a ignorância que lhe cegou os olhos e lhe imbuíu o coração de preconceito foi um fator no milagre do perdão de Deus. Na maioria dos casos de pecado perdoado a ignorância é, de fato, um fator contribuinte. Nenhum indivíduo, caso tivesse plena consciência da pecaminosidade do seu pecado e de suas conseqüências inevitáveis e contínuas, seria culpado da loucura insana de desafiar o Deus Todo-poderoso. Os homens são enganados primeiramente pelo tentador e, depois, são persuadidos a cometer essa loucura. Mas a verdade alvissareira é que, a despeito da magnitude de nosso pecado humano, a graça de Deus é mais que suficiente, e todo aquele que se volta a Cristo obtém misericórdia. Como testemunhou o apóstolo de forma tão eloqüente: **A graça de nosso Senhor superabundou** (14). Esta verdade da qual Paulo testifica é uma realidade gloriosa, cujo significado percebemos no linguajar vigoroso desta versão bíblica: “A graça de nosso Senhor foi esbanjada em mim, com a fé e o amor que são nossos em Cristo Jesus” (NEB).

3. *Cristo veio para Salvar* (1.15)

Movido por este profundo senso de gratidão a Deus em virtude de sua misericórdia infinita, Paulo é levado a proferir uma de suas mais comoventes declarações acerca do propósito salvador de Deus no dom redentor de seu Filho. A declaração peculiar está expressa em palavras bem conhecidas: **Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores** (15). Mas as palavras são prefaciadas por uma expressão, cujo desígnio é ressaltar sua importância como resumo da mensagem cristã essencial: **Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação**. Os estudiosos do Novo Testamento, em sua maioria, entendem que esta declaração relativa ao propósito da vinda de **Cristo** é citação de uma fonte que estava em vigor na igreja na época de Paulo e que era bastante conhecida entre os cristãos a quem Timóteo ministrava. A fonte poderia ter sido uma declaração de credo, uma fórmula batismal ou o fragmento de um antigo hino da igreja. Mas qualquer que tenha sido a fonte, e mesmo que a citação seja breve, é tão precisa e tão conclusiva quanto a possuir valor permanente. O apóstolo deixa claro que esta declaração acerca do lugar exclusivo de nosso Senhor na história de salvação é totalmente digna de confiança.

O interesse de Cristo é pela salvação dos pecadores. Vem-nos à lembrança a própria declaração de Jesus: “[Eu] vim [...] chamar [...] os pecadores [...] ao arrependimento” (Mt 9.13). Junto com a outra declaração proferida na véspera do seu sofrimento: “O Filho do Homem veio buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19.10), e temos da boca de nosso Senhor uma declaração quase idêntica à de Paulo.

4. *O Principal dos Pecadores* (1.15,16)

O apóstolo acrescenta a essa declaração um toque que é caracteristicamente paulino, quando complementa a palavra **pecadores** com a frase **dos quais eu sou o principal** (15). Expressões de remorso contínuo pelos pecados do passado não são incomuns na boca de Paulo. O que ele quer dizer quando designa que é o **principal** dos **pecadores**? É difícil acreditar que, por mais manchada e criminosa que tenha sido a ficha de Saulo de Tarso,

ele seja considerado em qualquer sentido absoluto o pior de todos os possíveis **pecadores**. O que ele está dizendo é que seu pecado contra Deus foi tão grande e o seu sentimento de culpa tão tirânico que ele sentia que era o maior pecador de todos os tempos. E quem de nós ousaria se voltar a Deus em qualquer outro espírito que não neste? Somente quando somos tomados pelo sentimento de vergonha por nossos pecados e ficamos completamente mudos, sem nada a pleitear diante do Deus contra quem pecamos, é que podemos esperar por misericórdia e perdão. Cada um de nós tem de repetir de todo o coração este grito do apóstolo: **“dos quais eu sou o principal”**! Por isso Carlos Wesley cantou:

*Misericórdia grandiosíssima! Será que ainda
Resta misericórdia para mim?
O meu Deus conseguirá conter sua ira?
E poupar a mim, o principal dos pecadores?**

No versículo 16, Paulo avança um pouco mais em seus esforços em entender o milagre da misericórdia que tão grandemente lhe mudara a vida. Ele havia acabado de citar (13) o fato de sua ignorância ser um atenuante na oposição pecadora a Cristo. Mas agora ele afirma: **Alcansei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade** (16). Não há nada que mostre mais eloquentemente a bondade e graça de Deus do que alguns exemplos extraordinários do poder redentor de Cristo. E claro que não há milagre da graça em toda a história cristã que fale com mais persuasão sobre o poder salvador e transformador de Cristo do que a vida totalmente mudada de Saulo de Tarso. Falando sobre a maneira em que a notícia de sua conversão a Cristo afetou as igrejas na Judéia, ele afirma: “Mas somente tinham ouvido dizer: Aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruí. E glorificavam a Deus a respeito de mim” (Cl 1.23,24).

5. A Deus Seja a Glória (1.17)

A essa altura, não ficamos nem um pouco admirados de o versículo 17 ser uma doxologia de louvor a Deus. Esta é uma das duas doxologias constantes na Primeira Epístola a Timóteo (a segunda ocorre em 6.15,16). Esta primeira doxologia brota espontaneamente do coração do apóstolo, comovido pela memória de sua libertação maravilhosa: **Ora, ao Rei... ao único Deus seja honra e glória para todo o sempre. Amém.** Nesta descrição, Paulo diz que Deus é o **Rei dos séculos** (ou “Rei eterno”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA), **imortal** (ou, como está exarado na segunda doxologia: “aquele que tem, ele só, a imortalidade”), **invisível** (o Deus **invisível**, cuja imagem é vista em Jesus Cristo, Cl 1.15), o **único Deus** (como na maioria das versões recentes; ou “único Deus sábio”, ACF). Esta é, obviamente, linguagem litúrgica e tentativa de descrever o ser de Deus, cuja grandeza sempre desafiará nossos esforços descritivos.

Nos versículos 12 a 17, o grande apóstolo presta seu testemunho de adoração da misericórdia, graça e poder recriador de Deus em sua vida. Se for verdade que pregar é essencialmente testemunhar, então estes versículos são pregação da mais alta ordem.

* Depth of mercy! Can there be / Mercy still reserved for me? / Can my God His wrath forbear? / Me, the chief of sinners, spare? (N. do T.)

D. A INCUMBÊNCIA DE PAULO A TIMÓTEO, 1.18-20

1. *A Ordenação de Timóteo* (1.18,19)

Nesta subdivisão, o apóstolo volta a falar da comissão solene que foi posta no jovem Timóteo em consequência de sua ordenação ao ministério cristão. A linguagem que antecipa esta comissão aparece no versículo 3, enquanto que no versículo 5 uma de suas metas é enunciada claramente. Aqui, o apóstolo repete a comissão, dirigindo-se ao jovem em termos afetuosos: **Este mandamento te dou, meu filho Timóteo** (18). Toda preocupação amorosa de um pai está implícita neste tratamento. Tendo repetido a incumbência, Paulo passa a ampliar imediatamente sua significação, aludindo às circunstâncias em que ocorreu a ordenação de Timóteo ao ministério. **Segundo as profecias que houve acerca de ti** (18) pode ser traduzido por “segundo as profecias que anteriormente houve sobre ti” (BAB; cf. BJ, NTLH, NVI, RA). A menção dessas profecias lança uma nesga de luz em duas referências subseqüentes à ordenação do jovem. Uma está em 4.14: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério”; e a outra está em 2 Timóteo 1.6: “Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos”.

Timóteo fora separado para o ministério numa cerimônia solene, a qual foi presidida pelo próprio apóstolo e auxiliada por outros ministros da igreja. Não é necessário, como tentam certos intérpretes, vermos na frase **profecias que houve acerca de ti** (18) as atividades especiais de alguma ordem de profetas da igreja primitiva. Este tipo de ministério teve seu lugar na igreja. Mas ser separado para a obra do ministério pela imposição das mãos de Paulo e ouvir de sua boca as palavras de ordenação seriam uma situação que só poderia ser descrita como “profética”. Mesmo hoje, não há experiência que se compare em solenidade e magnificência profética ao momento em que a pessoa sente na cabeça o peso das mãos do presbitério e ouve as palavras fatídicas: “Toma a autoridade como ministro na igreja de Cristo”. Somente quem recebeu tal incumbência sabe apreciar a significação desta experiência essencialmente indescritível. Não há momento que seja mais profético que este.

O jovem Timóteo vivera tal momento sagrado, e o apóstolo o considerou como indicação à posição de liderança no exército do Rei Jesus. A figura militar **milites a boa milícia** (18) é uma das que Paulo usa freqüentemente, sobretudo quando lida com Timóteo. O jovem pregador é comandante de batalhão, lutando na vanguarda da batalha por Cristo e pela verdade em Éfeso. Paulo sugere que ele se apodere firmemente da **fé** e da **boa consciência** (19) como armas perfeitamente adequadas ao seu propósito. Esta tradução coloca essa idéia de forma bem clara: “Assim combate bravamente, armado com a fé e a boa consciência” (18,19, NEB).

2. *Fé e Consciência* (1.19)

A importância deste armamento espiritual é sublime, especialmente o apoio que uma **boa consciência** oferece à nossa **fé** em Deus. Imediatamente, Paulo pensa num exemplo trágico de derrota: **Rejeitando a qual** (a consciência boa) **alguns fizeram naufrágio na fé** (19). Esta tradução não dá margens a incertezas de sentido: “Alguns, tendo rejeitado a boa consciência, vieram a naufragar na fé” (RA; cf. BJ). Esta é metáfora vívida que torna visual o desastre espiritual que colhe aquele que ignora a **consciência** (cf. NTLH). Conservamos a **fé** em Cristo somente à medida que mantemos uma **boa consciência**.

Naufrágio indica a magnitude da tragédia moral sobre a qual Paulo avisa. Os críticos que se preocupam em questionar a autoria paulina desta Primeira Epístola a Timóteo ressaltam que o apóstolo não emprega esta metáfora em nenhuma outra parte. Mas que outra ilustração seria mais provável de lhe ocorrer que esta? Ele mesmo havia tido a experiência de naufrágio na primeira viagem a Roma, cujo horror deve ter-lhe ficado estampado indelevelmente na memória. Só conservando a **boa** e sensível **consciência** é que a tragédia espiritual é evitada. Este aviso é muito oportuno para os cristãos em nossos dias difíceis. Temos de ouvir o conselho sábio que Susana Wesley escreveu ao seu filho João durante os dias em ele esteve em Oxford. “Siga esta regra”, determina ela: “Tudo que enfraquecer sua razão, prejudicar a sensibilidade de sua consciência, obscurecer seu senso de Deus ou lhe tirar a satisfação das coisas espirituais; em suma, tudo que aumenta a força e autoridade do corpo sobre a mente; essa coisa é pecado para você, por mais inocente que seja.”²

3. *Dois Homens que Fracassaram* (1.20)

Neste versículo, o apóstolo fala o nome de dois indivíduos — **Himeneu e Alexandre** —, sobre os quais ele afirma que fracassaram na fé. É praticamente impossível estabelecer a identidade precisa destes dois indivíduos. **Alexandre** é nome que ocorre em Atos 19.33 na história inicial da igreja em Éfeso. Era alguém que na época mantinha lugar de destaque na comunidade cristã. Mas não temos garantia alguma que o **Alexandre** designado aqui seja o mesmo mencionado em Atos. Por ser nome comum, podia ter havido várias pessoas com esse nome na igreja efésia. Também não há como identificá-lo positivamente com “Alexandre, o latoeiro”, acerca do qual o apóstolo disse que lhe causara muitos males (2 Tm 4.14).

O outro homem nomeado na acusação de Paulo é **Himeneu**. Ele também é citado em 2 Timóteo 2.17, onde está ao lado de Fileto na defesa da noção errônea de que “a ressurreição já ocorreu” — ensino que teve efeito desestabilizador nos crentes. É possível que tal ensino tenha ocasionado a reprimenda severa do apóstolo registrada aqui; pelo menos, foi um ensino que na sua opinião representava blasfêmia.

4. *Disciplina na Igreja* (1.20)

O texto não é explícito quanto à exata penalidade que Paulo pronuncia a esses transgressores. O que significam as palavras: Eu os **entreguei a Satanás**? Certos expo-sitores entendem que é um tipo de exclusão radical da comunhão cristã, descrito corretamente por excomunhão, ao passo que outros defendem que era algo mais drástico. Seja qual for a interpretação que aceitemos, está muito claro que a penalidade visava ter efeito medicinal: **Para que aprendam a não blasfemar** (20). Wesley vê este propósito no julgamento do apóstolo: “Para que, pelo que eles sofrerem, eles sejam de certo modo contidos, caso não se arrependam”.³

Há instrução decididamente perturbadora para nós nesta demonstração do apóstolo exercendo disciplina na igreja efésia. A conscientização da necessidade de disciplina na comunidade cristã tem tudo menos desaparecido de nosso pensamento hoje em dia. Nossos padrões aceitos de vida não sofreram mudança em seu rigor inicial, mas é freqüente serem honrados após a contravenção do que serem observados desde o início. E tal desconsideração da conduta cristã básica permanece sem reprimenda. Parte de nossa

comissão divina é redargüir, repreender e exortar com toda a longanimidade e doutrina (2 Tm 4.2). Não há necessidade de muita coragem para denunciar de púlpito os pecados da congregação; mas requer verdadeira fortaleza encarar o pecador como indivíduo e reprovar-lhe o pecado em espírito de mansidão e amor. Como destacou J. H. Jowett: “Ter medo de *um homem* é algo muito mais sutil do que ter medo de *homens*”.⁴

SEÇÃO III

PREOCUPAÇÕES PELA ORDEM NA IGREJA

1 Timóteo 2.1-15

A. ORDEM NO CULTO A DEUS, 2.1-7

1. A Importância da Ordem na Igreja (2.1)

Com o começo do segundo capítulo, o apóstolo chega à questão que o levou a escrever a Timóteo — a preocupação pela devida ordem na igreja efésia. A prioridade que Paulo deu a este tema mostra-se na frase de abertura: **Admoesto-te, pois, antes de tudo**. Há certa adequação que deve caracterizar o culto público a Deus. Lógico que não é formalismo censurável preocupar-se pelos segmentos sequenciais adequados e próprios a serem observados quando os cristãos se reúnem para cultuar. O apóstolo exorta o tipo de oração que deve fazer parte de todo culto dessa categoria: **Admoesto-te... que se façam deprecações** (“súplicas”, AEC, BAB, CH, NVI, RA), **orações, intercessões e ações de graças por todos os homens** (1). Não há dever cristão para com nossos semelhantes que se compare em importância com o dever de orar por eles. S. D. Gordon ressaltou que o crente não pode fazer algo para ajudar as pessoas se, em primeiro lugar, não orar por elas. Depois de orar, há muitas coisas que ele pode fazer; mas até que ore, não há nada a fazer, exceto orar.

Não há, ao que parece, significação particular ligada à ordem na qual se apresentam os termos **deprecações, orações, intercessões e ações de graças**. Destes quatro, o segundo termo é o mais amplo e, de certo modo, inclui os outros três. O que Paulo quer dizer é que todas as formas de oração devem ocupar o lugar central no culto de adoração na igreja. Também não deve ser discriminado em seu campo de ação, pois inclui **todos os homens**. A oferta que Deus faz da misericórdia em Cristo estende-se a todos igual-

mente. Não há uns poucos favorecidos que fazem parte exclusiva dos eleitos de Deus. Ele deseja e fez provisão para a salvação de todo aquele que se render à misericórdia salvadora revelada em Cristo. Temos de orar em espírito de intercessão, para que a extensão da operação redentora do evangelho seja tão ampla quanto possível.

2. *Aqueles por quem Devemos Orar* (2.2-4)

Agora o apóstolo fica mais explícito, declarando expressamente que a oração deve feita **pelos reis e por todos os que estão em eminência** (2). Temos de entender que a alusão é aos governantes civis do mundo antigo em todos os níveis de autoridade. Quando lembramos que, na ocasião em que Paulo escreveu, os governantes, em sua maioria, eram inimigos da fé cristã, e que em uma década o apóstolo perderia a vida sob as ordens deles, esta exortação à oração torna-se exemplo esplêndido de magnanimidade cristã. A primeira razão para tal oração é que os **reis e todos os que estão em eminência** (“posição de autoridade”, BAB; cf. ACF, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) também são homens — homens por quem Cristo morreu — e que estão dentro do campo de ação do evangelho. Mas a segunda razão para tal oração é indicada vagamente pelas palavras: **Para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade** (2). Orar fervorosamente por quem estava em posição de autoridade colocava nas mãos de Deus o meio para afastar o mal e propósitos mal orientados dessas pessoas que tinham autoridade posicional para prejudicar a igreja de Cristo.

É realmente difícil sobreestimar o poder da oração conjunta da igreja. E. K. Simpson está correto quando, fazendo um comentário sobre este versículo, escreveu: “Não há cristão ensinado pela Bíblia que conteste a eficácia na oração crédula pertinente aos eventos públicos e seus supervisores. Mais coisas são realizadas por esse meio do que este mundo supõe. A súplica de intercessores fiéis pelo bem-estar público põe restrições invisíveis nos poderes das trevas e em suas ferramentas e dá reforço a governantes honestos proveniente do Governador entre as nações (Sl 22.28)”.¹

Os versículos 3 e 4 deixam claro que a primeira destas duas razões para semelhante oração é de importância capital: **Porque isto é bom e agradável diante de Deus, nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade**. O texto declara francamente o desejo universal de Deus para o gênero humano — desejo que só pode ser frustrado pela resistência livre do homem ao propósito salvador de Deus. O apóstolo ousou crer que o Espírito fiel de Deus estava em ação no coração e vida de todos os homens e que poderia salvar as pessoas que estivessem em alta posição de maneira tão plena e imediata quanto as pessoas de posição social mais baixa. Para sua total satisfação, este fato já se comprovara durante o primeiro aprisionamento em Roma. Em Filipenses 1.13, escrevendo da prisão romana, ele fala: “As minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a guarda pretoriana e por todos os demais lugares”. Pelo que parece, seu testemunho não fora em vão, pois em Filipenses 4.22, nas saudações finais, ele afirma: “Todos os santos vos saúdam, mas principalmente os que são da casa de César”. De forma nenhuma era inútil, então, orar pelos reis e outras pessoas em posição de autoridade.

3. *Dando Prioridade às Coisas Prioritárias* (2.4)

Notemos no versículo 4 a ordem em que aparecem as duas caracterizações da graça salvadora de Deus. A primeira é **se salvem**, e a segunda **venham ao conhecimento da**

verdade. Há intérpretes que entendem que estas duas expressões têm o lugar correto na ordem inversa. Mas a apresentação de Paulo do assunto se ajusta perfeitamente ao ensino do Senhor Jesus, quando, em João 7.17, ele disse: “Quem quiser fazer a vontade de Deus conhecerá se o meu ensino vem de Deus ou se falo com a minha própria autoridade” (RSV; cf. NTLH). Quando se trata de conhecer as coisas de Deus, a obediência sempre precede mais conhecimento.

4. *Divagação Magnífica* (2.5,6)

É comum os comentaristas ressaltarem que os versículos 3 a 7 formam uma divagação do tema central deste segundo capítulo. O assunto principal é o lugar da oração no culto cristão; depois de interromper este assunto com a divagação mencionada, Paulo volta, no versículo 8, ao tema central. Mas se esta é uma divagação, que magnífica é! Esta exploração de panoramas convidativos é uma das características mais interessantes do estilo literário do apóstolo. Outros exemplos de divagação são a esplêndida revelação sobre a igreja registrada em Efésios 5.25-27, e a famosa passagem do “kenose” em Filipenses 2.6-11.

A divagação sob análise é uma perfeita pedra preciosa de discernimento cristológico: **Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem** (5). Nunca conseguiremos exaurir a riqueza de significação que percorre estas palavras. A forma literária nos diz que o trecho faz parte de uma declaração de credo, ou de uma fórmula batismal ou de um hino da igreja primitiva. A ênfase em **um só Deus** é parte da herança que o cristianismo recebeu do judaísmo, ênfase que nosso Senhor reafirma muitas vezes. A revelação neotestamentária de pluralidade no ser de Deus de modo algum degrada o entendimento fundamental da unidade divina.

A posição de **Cristo** como **um só mediador entre Deus e os homens** não é declarada desta forma em nenhuma outra passagem dos escritos paulinos. O texto de Gálatas 3.19,20 dá indícios desta idéia, embora ali não esteja desenvolvido como ofício de **Cristo**. É lógico que a Epístola aos Hebreus trata freqüentemente deste conceito. Identificamos idéia paralela em 1 João 2.1, que associa Cristo como nosso “Advogado para com o Pai”. Aqui, na passagem sob estudo, este ministério exclusivo de nosso Senhor é enunciado sem rodeios e de forma clara. Em um sermonário de G. Campbell Morgan,² há um sermão sobre o tema: “O Clamor por um Árbitro”. O primeiro dos dois textos que ele emprega é Jó 9.33: “Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos”. O segundo texto é esta passagem que estudamos: **Há... um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem**. Ser árbitro é ser juiz, alguém que aprecia ou julga algo, intermediário, alguém que faz intercessão a nosso favor; em uma palavra: **mediador**. Há muitas relações na vida em que os serviços de um **mediador** tornam-se importantíssimos. Que alegria saber que na relação que nos é mais importante na vida — a relação entre Deus e nós — temos tão sublime Mediador!

5. *A Humanidade Essencial de Cristo* (2.6)

O apóstolo acentua um fator que é supremamente relevante nesta relação mediadora que Cristo exerce para o seu povo — o fator da humanidade essencial de Cristo Jesus nosso Senhor. Desde toda a eternidade, ele é um com o Pai, mas quando graciosamente se encarnou ele também se tornou um com nossa raça pecadora. Nunca conseguiremos

definir adequadamente o mistério de sua personalidade única. Mas o fato é que a Palavra de Deus é clara em ensinar o conceito do Deus-homem. Nossa tendência é lembrar sua deidade e esquecer ou não perceber com clareza sua humanidade essencial. Precisamos recuperar urgentemente a compreensão do fato de que Jesus era o Filho do Homem da mesma maneira que ele realmente era o Filho de Deus. Ele é “Jesus Cristo, homem” (5).

O versículo 6 acrescenta uma verdade importante: esse ofício de mediador, o qual ele exerce atualmente, origina-se do fato de que ele **se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo**. Há continuidade óbvia entre sua função como nosso advogado no alto e sua entrega voluntária na cruz; juntas (função e entrega) formam uma empresa unida de redenção dedicada à tarefa de “[trazer] muitos filhos à glória” (Hb 2.10). D. M. Baillie declara com grande poder de convicção a demonstração da misericórdia de Deus revelada neste evento-Cristo, quando escreve: “‘É tudo de Deus’: o desejo de perdoar e reconciliar, a designação do método, a provisão da vítima como se fosse do próprio seio a custo infinito. Tudo acontece dentro da própria vida do próprio Deus: pois, se tomarmos a cristologia do Novo Testamento em seu ponto mais elevado, só nos resta dizer que ‘Deus estava em Cristo’ naquele grande sacrifício expiatório, e que até o sacerdote e a vítima eram nada mais que Deus”.³ **Para servir de testemunho a seu tempo** significa “testemunho que se deve prestar em tempos oportunos” (BAB, RA).

6. A Comissão de Paulo (2.7)

O apóstolo afirma que ele foi **constituído pregador e apóstolo** para proclamar essa mensagem. A palavra grega traduzida por **pregador** (*keryx*) significa, segundo define C. H. Dodd, “pregoeiro público, leiloeiro, arauto, anunciador ou alguém que ergue a voz e chama a atenção pública para algo definido que ele tem a anunciar”.⁴ Este era o significado original de pregar. O outro termo pelo qual Paulo se designa é **apóstolo**, que quer dizer “mensageiro”, mas com autoridade para agir em determinada questão em nome da pessoa que o envia. Paulo une estes dois termos, como descrição adicional do trabalho ao qual ele se sentia chamado por Deus, qual seja, **doutor** (“mestre”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA) **dos gentios, na fé e na verdade**. É desta forma que Phillips interpreta o significado: “Ensinar [...] o mundo gentio a crer e conhecer a verdade” (CH; cf. BV). A afirmação parentética — **digo a verdade em Cristo, não minto** — é tipicamente paulina. Encontramo-la em Romanos 9.1, 2 Coríntios 11.31 e novamente em Gálatas 1.20. Ninguém jamais viveu com o mais profundo senso de missão que Paulo.

B. REVERÊNCIA NO CULTO PÚBLICO, 2:8-15

1. Mais sobre a Ordem na Igreja (2.8)

Voltando da divagação dos versículos 3 a 7, o apóstolo retoma suas instruções relativas à ordem no culto a Deus. Não há dúvida de que ele está falando com a plena autoridade do seu ofício apostólico: **Quero, pois, que os homens orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda** (8). A palavra **quero** não transmite aos leitores de hoje a totalidade do tom de comando que há no termo grego original. O verbo grego *boulamai* (**quero**) é termo que, de acordo com J. N. D. Kelly,

“transmite no judaísmo helenístico a nota de comando autorizado”.⁵ “É isto que eu ordeno”, é o que Paulo está dizendo, **que os homens orem em todo o lugar**.

Devemos entender esta ordem no contexto do culto público. O apóstolo está determinando o princípio de que, onde quer que os cristãos se reúnam para cultuar, os homens da congregação têm de dirigir a oração pública. Isto comprova o fato de que neste começo da igreja a conduta do culto público não estava exclusivamente nas mãos do clero superiormente ao laicato. Havia um ministério designado, e esta epístola preocupa-se em grande parte com o estabelecimento de padrões que o caracterizarão. Mas a conduta do culto público não era delegada exclusivamente a esse ministério. Neste ponto da história da igreja primitiva vemos nitidamente a participação plena dos leigos na obra de Deus. Tempos depois, Lutero a denominou de “o sacerdócio de todos os crentes”.

É igualmente claro que a conduta da pregação pública tinha de ser feita por homens e não por mulheres. O versículo 12 apresenta nitidamente a censura severa que Paulo impõe aos membros femininos da congregação. Basta dizer aqui que eram os membros masculinos da igreja que tinham de conduzir a oração pública.

A estipulação adicional é que eles levantam **mãos santas, sem ira nem contenda** (8). Esta postura de oração era comum para os cristãos, como também para os judeus e pagãos. Mas claro que a postura física assumida é muito menos importante que o espírito de humildade e sinceridade, no qual a pessoa se chega a Deus. É injustificável defender uma postura em preferência de outra.

É importante que entendamos e aceitemos firmemente no coração a insistência do apóstolo em levantar **mãos santas**. Paulo não está enfatizando a adoção desta postura física tanto quanto a condição da mente e do coração simbolizada pelas **mãos santas**. As **mãos** não são inerentemente **santas** ou profanas; mas são tradicionalmente os instrumentos de nosso espírito. Elas serão **santas** se forem usadas para cumprir propósitos santos. A estipulação adicional **sem ira nem contenda** elucida a idéia. A intenção desta expressão fica lúcida nesta tradução: “Excluindo pensamentos irados e briguentos” (NEB). O apóstolo aqui ecoa um dos mandamentos básicos de nosso Senhor. Logo em seguida à versão de Mateus da Oração do Senhor, está registrada esta palavra adicional de Jesus: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós. Se, porém, não perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai vos não perdoará as vossas ofensas” (Mateus 6.14,15). Poderíamos citar muitas outras passagens nos Evangelhos que têm intenção semelhante. “O rancor e o receio concernentes aos outros”, diz Plummer, “são incompatíveis com a oração congregacional a nosso Pai comum. A atmosfera de controvérsia não é apropriada à devoção. O próprio Cristo nos mandou reconciliar com nosso irmão antes de pensarmos em oferecer nossa oferta no altar. Em espírito similar, Paulo orienta que os que forem dirigir o culto público no santuário que o façam isentos de sentimentos raivosos ou de desconfiança mútua.”⁶

2. A Ornamentação do Cristão (2.9,10)

Os ensinamentos do versículo 9 estão gramaticamente unidos com o versículo 8. **Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos**. À primeira vista, é outra orientação dada no contexto do culto público. Quando comparecem à casa de Deus, as mulheres devem se vestir com o devido recato. Guthrie entende que as pala-

vras gregas traduzidas por “*pudor* e *modéstia* podem ser traduzidas por ‘recato’ e ‘autocontrole’, indicando dignidade e seriedade de propósito ao invés de leviandade e frivolidade”⁷ (outras opções tradutórias são: ‘decência’ e ‘discrição’, NVI; ‘modéstia’ e ‘bom senso’, RA). Mas seria erro restringir esta deliberação ao culto público. É indubitável que o apóstolo queria que este mesmo recato caracterizasse o vestuário e a conduta das mulheres cristãs em qualquer ambiente.

O apóstolo não nos deixa em dúvida quanto a que tipo de ornamentação as mulheres cristãs devem evitar: **Não com tranças** (“penteados elaborados”, NEB; cf. CH, NTLH), **ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos** (9). Estas eram práticas convencionais entre as mulheres não-cristãs, e a abstinência de tais práticas caracterizaria as mulheres que professam a fé em Cristo. Este é o julgamento do apóstolo. Naturalmente, toda época tem suas marcas distintivas de mundanismo. Se Paulo compusesse uma lista de proibições hoje, ela possivelmente seria diferente em alguns aspectos da lista que consta aqui. Mas a ênfase não está inteiramente nas proibições; continuando a escrever, ele sugere positivamente que as mulheres cristãs se adornem (**como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus**) **com boas obras** (10). Pedro ressalta alternativa semelhante ao mundanismo em sua famosa advertência: “Sua beleza não deve depender de penteado sofisticado nem do uso de jóias ou de roupas finas, mas sim da personalidade interior — a amabilidade incansável de um espírito tranquilo e manso, algo muito precioso aos olhos de Deus” (1 Pe 3.3,4, CH). Os cristãos devem chamar a atenção não pelo estilo de roupa, mas pela qualidade do espírito que têm.

3. O Lugar das Mulheres na Igreja (2.11-14)

Mas o apóstolo apresenta outras prescrições relativas à conduta das mulheres que são membros da congregação. Diz ele: **A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição** (11). Ele faz observação semelhante em 1 Coríntios 14.34,35: “As mulheres estejam caladas nas igrejas. [...] E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos”. Acredita-se que esta restrição rigorosa foi ocasionada pelo fato de que muitos na igreja coríntia eram recém-convertidos do paganismo, e que a nova liberdade que desfrutavam em Cristo levava a certas extravagâncias que eram impróprias e irreverentes. Existe a possibilidade ínfima de que razão semelhante ensejou estas advertências a Timóteo, que pastoreava uma igreja que saiu do paganismo de Éfeso.

Não podemos aceitar a idéia de que mesmo em Corinto as estipulações citadas se aplicariam em todas as circunstâncias. Em outro texto, Paulo fala para os mesmos cren-tes coríntios: “Toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça” (1 Co 11.5). Esta passagem é, no mínimo, reconhecimento de que as mulheres de Corinto oravam em público e, em alguns casos, exerciam o dom de profecia; e que essa prática não tinha a desaprovação do apóstolo, contanto que as mulheres que a praticassem estivessem corretamente vestidas.

Portanto, não nos ficaria bem fundamentar nas observações de Paulo a Timóteo o ensino de que as mulheres devem ser excluídas de posições de liderança na igreja. Até o versículo 12: **Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio**, deve ser considerado como ordem imposta na igreja efésia por razões que nos são desconhecidas. Nenhum ensino universal, que prenderia a igreja de todas as épocas, pode ser fundamentado corretamente neste

texto. As razões que o apóstolo cita nos versículos 13 e 14 para estabelecer esta regra são insuficientes para validá-la como programa de ação para todas as gerações futuras de cristãos. O fato de Paulo reconhecer livremente sua dívida a um grupo considerável de mulheres que o ajudaram na obra da igreja de Cristo dá a entender que ele nem sempre estava preso a tais estipulações rígidas como as expressas a Timóteo.

4. *A Majestosa Graça da Maternidade* (2.15)

O apóstolo acrescenta uma palavra final cuja intenção é orientar as mulheres cristãs à sua esfera de serviço normal e apropriada: **Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI) **e na santificação** (15). À primeira vista, isto quer dizer, como observa Kelly, que “a fé [da mulher] para a salvação [...] consiste em aceitar o papel que lhe foi dado claramente em Gênesis 3.16 (‘com dor terás filhos’)”.⁸ Mas não é apenas por aceitar o papel da maternidade que ela será salva, pois este é o destino de todas as mulheres, quer cristãs ou não. O apóstolo deixa claro que ele está pensando na maternidade no contexto da fé cristã. A mãe cristã que possui as qualidades substanciais da “fé, e amor, e santificação, com bom senso” (RA; cf. BAB, NVI) faz contribuição inestimável para a obra de Cristo; e o casamento que é santificado por estas virtudes sagradas contribui com uma medida de força e saúde para a igreja, algo que é absolutamente essencial ao seu bem-estar.

SEÇÃO IV

QUALIFICAÇÕES DOS MINISTROS CRISTÃOS

1 Timóteo 3.1-13

A. O CARÁTER DOS BISPOS, 3.1-7

1. O Cargo de Bispo (3.1)

Esta é uma palavra fiel: Se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja (1). À primeira vista, a observação com a qual apóstolo inicia esta seção da carta — **esta é uma palavra fiel** — é igual à declaração dita anteriormente em 1.15: “Esta é uma palavra fiel”. Mas a igualdade é meramente aparente. A primeira observação deu início a um ensino muito importante sobre a obra redentora de Cristo. Mas aqui não há tal declaração solene de fé. Ainda que os estudiosos não tenham chegado a um acordo quanto a este ponto, é provável que esta tradução seja a correta: “Há um dito popular que diz: ‘Aspirar à liderança é ambição honrosa’” (NEB; cf. AEC, BJ, BV).

A palavra **episcopado** é um tanto enganosa para os leitores de hoje, porque para nós o cargo de episcopo ou bispo tem associações eclesiásticas. Desejar este cargo seria buscar promoção no ministério cristão. Estamos devidamente certos em reputar que tal ambição é indigna da pessoa cuja vida é dedicada ao serviço de Cristo. Como ressaltamos na Introdução, o termo “bispo”, tradução da palavra grega *episkopos*, veio originalmente da organização das sociedades seculares e tem o significado básico de “inspetor” ou “líder”. O apóstolo está dizendo que é uma ambição digna a pessoa desejar um lugar de serviço responsável entre o povo de Deus. A declaração que Paulo cita era um provérbio bem conhecido na época, o qual ele usava como introdução do assunto que desejava tratar.

2. *Qualificações do Bispo* (3.2)

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar. No total, há 15 qualificações estipuladas pelo apóstolo, sete das quais ocorrem no versículo 2. É importante que a primeiríssima destas seja a irrepreensibilidade. O significado da palavra é “acima de repreensão”, “de reputação irrepreensível” (cf. CH), “de caráter impecável”, “que ninguém possa culpar de nada” (NTLH). Por qualquer método que avaliemos, esta é a virtude mais inclusiva que aparece na lista. Significa que o líder na igreja de Cristo não pode ter defeito óbvio de caráter e deve ser pessoa de reputação imaculada. Dificilmente se esperaria que não tivesse defeito, mas que fosse sem culpa. É apropriado que o ministro seja julgado por um padrão mais rígido que os membros leigos da igreja. Os leigos podem ser perdoados por defeitos e falhas que seriam totalmente fatais a um ministro. Há certas coisas que um Deus misericordioso perdoa em um homem, mas que a igreja não perdoa no ministério deste. A irrepreensibilidade do candidato é requisito no qual devemos ser insistentes hoje em dia, como o foi Paulo no século I.

O líder da igreja deve ser exemplar especialmente em assuntos relativos a sexo. Este é o destaque da segunda estipulação do apóstolo: **Marido de uma mulher** (2). Trata-se de precaução contra a poligamia, que gerava um problema sério para a igreja cujos membros eram ganhos para Cristo vindos de um paganismo que tolerava abertamente casamentos plurais. Em todo quesito que a igreja com seus altos padrões éticos relativos a casamento confrontar o paganismo de nossos dias, em regiões incivilizadas ou não, a insistência cristã na pureza deve ser enunciada de forma clara e seguida com todo o rigor.

Mas temos de perguntar: A intenção de Paulo era desaprovar o segundo casamento? Alguns dos manuscritos antigos requerem a tradução “casado apenas uma vez” (conforme nota de rodapé na NEB). “Sobre este assunto, como em muitos outros”, comenta Kelly, “a atitude que vigorava na antigüidade difere notadamente da que prevalece em grande parte dos círculos de hoje. Existem evidências abundantes provenientes da literatura e inscrições funerárias, tanto gentias quanto judaicas, que permanecer solteiro depois da morte do cônjuge ou depois do divórcio era considerado meritório, ao passo que casar-se outra vez era visto como sinal de satisfação excessiva dos próprios desejos”.¹ É óbvio que em alguns segmentos da igreja primitiva esta era a opinião prevalente, chegando ao extremo último da ordem de um ministério celibatário.

Mas esta não é a interpretação do ensino de Paulo que prevalece hoje. É bem conhecida sua própria preferência da vida solteira em comparação ao estado casado; e há passagens nos seus escritos em que ele recomenda este estado aos outros (e.g., 1 Co 7.39,40). Talvez o melhor resumo da intenção do apóstolo para os nossos dias seja a declaração de E. F. Scott: “O bispo tem de dar exemplo de moralidade rígida”.²

As próximas três especificações — **vigilante, sóbrio, honesto** (2) — têm relação próxima entre si e descrevem a vida cristã ordeira. Moffatt traduz estas qualidades pelas palavras: “temperado [NVI; cf. RA], mestre de si, calmo”. A temperança neste contexto transmite a idéia de autocontrole (cf. CH) ou autodisciplina.

O próximo quesito qualificador é apresentado pelo apóstolo na palavra descritiva **hospitaleiro** (2). Esta mesma característica é mais detalhada em Tito 1.8: “Dado à hospitalidade, amigo do bem”. Nesses primeiros dias da igreja, esta era uma virtude muito

importante. Havia poucos albergues no mundo do século I, e os apóstolos e evangelistas cristãos que eram enviados de lugar em lugar ficavam dependentes da hospitalidade de cristãos que tivessem um “quarto de profeta”, mantido com a finalidade de atender essas necessidades. Em nossos dias de hotéis, expressamos nossa hospitalidade cristã de modo diferente. Mas quando a igreja era jovem, essa hospitalidade era extremamente primordial. O dever e privilégio de ministrá-la recaíam naturalmente sobre o bispo ou pastor. O espírito essencial do ato é tão importante hoje como era outrora.

Igualmente essencial e até mais importante é a sétima qualidade que Paulo menciona: **Apto para ensinar** (2). Pelo visto, nem todos os pastores eram empregados no ministério de ensino. É o que mostra 5.17: “Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina”. Mas a aptidão para ensinar era rendimento certo para o ministro cristão. Era importante então como é hoje. Sempre haverá indivíduos que possuem maior capacidade nesta ou naquela área que outros, mas certa habilidade para ensinar é de extrema necessidade ao ministério completo e frutífero.

3. *Homens de Sobriedade* (3.3)

Este versículo contém mais seis especificações que devem caracterizar o líder cristão: **Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento** (3). Todos os quesitos, exceto um, são negativos, mas todos são importantes. O primeiro nos soa um tanto quanto estranho, sobretudo quando seu significado preciso é entendido com clareza. Temos estas opções de tradução: “Não deve ser indivíduo dado a beber” (NEB); “não pode ser chegado ao vinho”, (NTLH); “não deve ser apegado ao vinho” (NVI; cf. BAB); “não deve ter o vício da bebida” (BV); ou pelas palavras diretas: “Não bêbedo” (RSV). O ponto que confunde o leitor da atualidade é que tal estipulação fosse necessária. No pensamento da maioria dos evangélicos hoje em dia, a abstinência total de bebidas alcoólicas é elementar na vida cristã. E não é difícil perceber que o julgamento moral que determina a abstinência total para o cristão — leigo ou ministro — é a compreensão *básica* da ética cristã. Mas esta idéia, como o julgamento moral das trevas, não fora discernida claramente no século I. Temos de manter isso em mente para entendermos as alusões do apóstolo ao uso do **vinho** neste e em outros textos. Kelly observa que “hoje em dia, as pessoas por vezes se surpreendem que Paulo achasse necessário fazer tal determinação, mas o perigo era real na sociedade desinibida em que se situavam as congregações efésia e cretense”.³

Não espancador (3) é expressão que exige interpretação neste contexto. Significa, literalmente, “não doador de socos”. Kelly traduziu por “não dado à violência” (cf. BAB, BV, CH, NVI, RA). O homem de Deus deve ser caracterizado por amor e comedimento cristão.

Não há ambigüidade ligada à próxima estipulação de Paulo: **Não cobiçoso de torpe ganância** (3). Esta é advertência contra o amor do dinheiro que o apóstolo, mais adiante nesta mesma epístola (6.10), declara ser “a raiz de toda espécie de males”. Tal proibição tinha relevância imediata, pois fazia parte da responsabilidade do pastor cuidar dos bens e capitais da igreja. Esta seria fonte constante de tentação para o avarento. Somente aquele que desse toda prova de não ter espírito de cobiça pode ser separado com segurança para a obra do ministério.

Claro que é perfeitamente possível que ministros e leigos sejam enganados pelo que nosso Senhor chamou de “a sedução das riquezas” (Mt 13.22). A sutileza desta sedução é que a pessoa não precisa possuir riquezas para ser enganada por elas. Desejá-las ardentemente, permitir-se adotar atitudes calculistas na esperança de obter riquezas, ficar indevidamente interessado por salários e lucros deste mundo não podem deixar de empobrecer e, no final das contas, destruir o valor do próprio ministério. Tudo isso está implícito no aviso paulino do desejo controlador por dinheiro.

A única virtude positiva no versículo 3 é **moderado**. (“tranquilo”, CH; “cordato”, RA). Isto significa não tanto a capacidade de manter a calma sob controle quanto a capacidade de resistir sob pressão, com infalível espírito de bondade e paciência. Paulo exalta esta virtude em 1 Coríntios 13.4, quando nos assegura que o amor é sofredor e benigno — benigno mesmo no fim do sofrimento. As especificações adicionais — **não contencioso**, **não avarento** (5) — são repetições para enfatizar os quesitos já estipulados.

4. Bom Pai (3.4,5)

Este é ponto da mais grave importância: **Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia** (4). Como ressalta E. K. Simpson: “O ideal do celibato sacerdotal é tão totalmente estranho ao modelo primitivo, que se toma por certo que o candidato ao ministério já seja casado de idade madura. A disciplina paterna relaxada o desqualifica imediatamente para a posição de liderança na igreja”.⁴ Esta é a versão que Phillips fez do versículo 4: “Deve ter a devida autoridade em sua própria casa e ser capaz de controlar e exigir o respeito de seus filhos” (CH). Temos de admitir que, entre todos os padrões, este é um dos mais difíceis que Paulo estabeleceu. Mas como é importante! Muitos ministros têm tido sua utilidade limitada ou mesmo destruída por não exercerem a disciplina parental. É fácil ficarmos tão envolvidos em salvar os filhos dos outros que acabamos deixando os nossos próprios filhos escapulir de nosso controle. Chega o momento em que os filhos crescem e têm de assumir a direção da própria vida. Nessa hora, ninguém estará com eles ao tomarem decisões que julgarem acertadas. Mas a disciplina firme, cheia de amor e regada com oração durante os anos formativos da vida de nossas crianças é seguramente o poderoso fator determinante que possuirão quando tiverem de decidir sozinho o curso que seguirão na vida. Há, portanto, força convincente no fato de Paulo insistir no dever que o ministro tem de controlar a própria casa. E ninguém pode contradizer a verdade básica que está entre parênteses no versículo 5: **Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?**

5. Homem de Maturidade (3.6,7)

O versículo 6 oferece perspicácia muito interessante sobre a situação em Éfeso: **Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo** (6). Esta é advertência contra a promoção muito rápida à liderança de “recém-convertidos” ou pessoas “recentemente batizadas”. Embora a igreja efésia já tivesse muitos anos de existência e, provavelmente, não devesse ter carência de líderes maduros, havia indícios de que candidatos imaturos ao ministério estavam sendo postos em serviço. Paulo acreditava em maturidade e preparação de candidatos para este cargo santo, e por uma boa e suficiente razão. Existia o perigo de que, para alguém inadequada-

mente preparado, a tentação ao orgulho espiritual se tornasse grande demais para ser resistida. Isso é tragédia na certa, tragédia descrita pelo apóstolo nos seguintes termos: Cair **na condenação do diabo**. C. K. Barrett destaca que “o julgamento não é tramado pelo diabo, mas feito por Deus em rígido acordo com a verdade”.⁵ A tradução de Phillips expressa o que o apóstolo quis dizer: “Para que não se torne orgulhoso e participe da queda do diabo” (CH).

Esta determinação lembra uma situação nos procedimentos de nosso Senhor com seus seguidores, relatada em Lucas 10.17-20. Os setenta haviam acabado de voltar de sua missão designada e estavam exultantes com o fato de que “até os demônios se nos sujeitam”. Jesus não reprovou imediatamente o orgulho espiritual principiante, mas observou um tanto enigmaticamente: “Eu via Satanás, como raio, cair do céu”. E completou: “Eis que vos dou poder [...] [sobre] toda a força do Inimigo. [...] Mas não vos alegreis porque se vos sujeitem os espíritos”. Foi o orgulho que custou a Lúcifer o seu lugar nas hostes celestes, e esta foi a **condenação do diabo**. O ministro cristão tem de estar atento para que o orgulho não o compila a participar desta **condenação**.

Resta ainda uma especificação final para aquele que deseja servir na posição de bispo ou líder: **Convém, também, que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta e no laço** (“armadilha”, NTLH) **do diabo** (7). O ministro cristão tem de inspirar o respeito e a confiança da comunidade fora da igreja, caso deseje ganhar as pessoas dessa comunidade para a igreja. É fácil dizer: “Não me importo com o que as pessoas pensem de mim”; e contanto que essa atitude seja devidamente planejada e corretamente compreendida, justifica-se. Mas ninguém deve ser indiferente à sua reputação na comunidade em que vive. Ele deve desejar veementemente que as pessoas o considerem inteiramente acima de repreensão. Ver a questão de outro modo, diz Paulo, é expor-se à mesma armadilha que aguarda o indivíduo cujo espírito está arruinado pelo orgulho espiritual.

B. O CARÁTER DOS DIÁCONOS, 3.8-13

1. O Cargo de Diácono (3.8)

Agora Paulo trata da ordem dos diáconos e delineia as qualificações que devem caracterizá-los. Quando se busca entender o diaconato na igreja primitiva, é comum reportar-se ao início dessa função na congregação em Jerusalém. Lá, conforme registrado em Atos 6.1-6, a igreja escolheu “sete varões” que deveriam “servir às mesas” para que os apóstolos não fossem forçados a “deixar a palavra de Deus”. Esta foi divisão clara de responsabilidades entre os apóstolos, que eram os líderes espirituais da igreja, e os “sete varões” (em nenhum texto bíblico eles são chamados *diáconos*), que eram os responsáveis em cuidar das necessidades temporais dos crentes. Não há como comprovar que a ordem dos diáconos encontrada nas igrejas paulinas (e.g., Fp 1.1) esteja em seqüência linear desta ação da igreja em Jerusalém. Mas pouca dúvida resta de que este precedente estabelecido em Jerusalém exerceu tremenda influência no desenvolvimento do diaconato mais tarde na igreja.

A função mais antiga dos diáconos era cuidar da distribuição dos fundos de caridade da igreja. Como ressalta B. S. Easton: “Ainda que o substantivo grego transliterado

por ‘diácono’ signifique ‘servo’ ou ‘assistente’, qualquer tradução é enganosa, porque os diáconos não eram assistentes dos administradores, mas despenseiros das obras de caridade da igreja; eles ‘serviam’ os pobres e os doentes”.⁶ O termo “diácono” que vigora na igreja de hoje perdeu grande parte de sua denotação original. Em certas igrejas, o diaconato é a ordem inicial do ministério ordenado, levando normalmente ao sacerdócio ou presbitério, ao passo que em outras, trata-se de um cargo ocupado por crentes leigos. Mas na igreja do século I, os diáconos mantinham lugar de dignidade e influência comparável à dos bispos, e vemos que as qualificações que Paulo detalha para este ofício não são menos exigentes.

2. *Diáconos Disciplinados* (3.8)

Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre, não dados a muito vinho, não cobiçosos de torpe ganância (8). Identificamos aqui algumas expressões empregadas pelo apóstolo quando estabeleceu o padrão para os bispos: A mesma exigência de serem **honestos**, “homens de altos princípios” (NEB); o mesmo requisito de terem temperança autodisciplinada; a mesma advertência de **não** se deixarem ser corrompidos pela **ganância**. Mas nova nota é soada nas estipulações do apóstolo para os **diáconos** não se permitirem ser **de língua dobre**. Kelly traduz a palavra grega por “consistente com o que dizem”, e observa que esta expressão passou a “significar ‘não mexeriqueiro’, sendo referência às oportunidades de conversa fiada que os diáconos tinham em seu trabalho pastoral de casa em casa. Uma tradução literal seria ‘não usuários de frases de duplo sentido’, abrindo a probabilidade de que o verdadeiro sentido é ‘não dizer uma coisa enquanto se pensa em outra’ ou (mais provavelmente) ‘não dizer uma coisa a uma pessoa e uma coisa diferente à seguinte’”.⁷

Todos conhecemos o mal da “fofoca”, que tem a fácil propensão de se tornar boato maldoso. Em sua forma mais extrema, torna-se o ato ignóbil conhecido por difamação. Ninguém que se considera seguidor de Cristo se entregaria conscientemente à conduta que ocasionasse essa consequência. O tipo incoerente de fofoca que leva a tais resultados horríveis parece inofensivo e até agradável. Mas Paulo vê as coisas como elas são, e nos avisa solenemente acerca disso. Não fica bem os crentes, sem falar os crentes líderes, condescenderem com este passatempo “inocente”, mas mortal.

3. *Homens de Integridade Espiritual* (3.9)

A seguir, como qualificação para o cargo de diácono, o apóstolo estipula um quesito que não consta em suas exigências aos bispos: **Guardando o mistério da fé em uma pura consciência** (9). Em prol da imparcialidade, devemos destacar que em Tito 1.9 o apóstolo inclui nas qualificações aos bispos ou pastores uma especificação bem parecida com esta estipulada aos diáconos na passagem sob estudo. O que significa **mistério da fé**? “Mistério”, segundo Guthrie, “é uma expressão paulina que conota não o que está fora do conhecimento, mas o que, estando outrora escondido, agora é revelado às pessoas de discernimento espiritual.”⁸ Mais adiante, neste mesmo capítulo, o apóstolo faz um resumo mais interessante acerca do “mistério da piedade” (ver comentários no v. 16). Este é o âmago do ensino cristão, fora do qual não há como haver fé cristã distintiva. Os homens que ocupam o cargo de diácono têm de guardar a **fé em uma pura consciência**. Isto significa com sinceridade absoluta e sem reservas mentais.

4. *Homens de Valor Comprovado* (3.10)

O versículo 10 amplia a tendência paulina de entender que os candidatos ao cargo de diácono devem passar por escrutínio mais rigoroso que os bispos: **E também estes sejam primeiro provados, depois sirvam, se forem irrepreensíveis** (10). Hoje em dia, poderíamos tratar como algo muito importante os discrepantes graus de rigor impostos nos candidatos para estes ofícios na igreja primitiva. De fato, as funções de ambas as categorias, seja bispado ou diaconato, estão incorporadas na obra do ministério para a igreja de hoje. Tudo que Paulo diz a esse respeito, quer dirigido a bispos ou a diáconos, está dizendo a todo aquele que se sente conduzido pelo Espírito para a obra do ministério. Hoje reconhecemos a necessidade de provar por testes práticos os homens que são candidatos à ordenação. Insistimos na maturidade espiritual e em qualificações educacionais; mas também insistimos que o homem deva ter exercido, com certa medida promissora de sucesso, alguma fase prática do ofício ministerial. E nenhum candidato deve receber a ordenação da igreja caso não seja, na palavra do apóstolo, *irrepreensível*.

5. *Esposa de Diácono — Ajudante Adequada* (3.11)

O versículo 11 apresenta certas dificuldades para extrairmos a interpretação correta: **Da mesma sorte as mulheres sejam honestas, não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo** (11). A palavra grega traduzida por **mulheres** é a palavra geral para referir-se a “mulheres”, usado sem o artigo definido. Devemos entender como exortação geral dirigida às mulheres da congregação? Neste caso, encaixa-se estranhamente num capítulo dedicado às qualificações de ofício especial na igreja. As **mulheres** aqui tratadas são as esposas dos diáconos? Sendo assim, por que o apóstolo fala especialmente das esposas dos diáconos, quando nada diz em relação às esposas dos bispos? Ou será que Paulo tem em mente o correlativo feminino dos diáconos, ou seja, as diaconisas? A resposta a este problema talvez nunca venha a ser encontrada. Certas traduções interpretam que o apóstolo quis dizer as *esposas* dos diáconos (ACF, BV, CH, NTLH), ao passo que outras traduções julgam melhor não tomar partido específico (AEC, BAB, RA, RC). A Nova Versão Internacional diz “mulheres”, colocando em nota de rodapé duas opções: “ou *as esposas dos diáconos* ou *as diaconisas*”. A Bíblia de Jerusalém também diz “mulheres”, mas em nota de rodapé dá preferência a *diaconisas* e nega tratar-se das *esposas de diáconos*. Podemos afirmar com ampla segurança que as esposas dos bispos e diáconos do século I e as esposas dos ministros de hoje carregam um fardo de responsabilidade pelo sucesso dos maridos na mesmíssima proporção do fardo levado pelas esposas de homens de outras posições de destaque. Na maioria dos casos é difícil pensar na esposa de pastor como co-pastora com seu marido. Mas as virtudes nas quais Paulo insiste no versículo 11 são indispensáveis caso a esposa não queira ser um impedimento ao marido no desempenho de suas pesadas tarefas. Enfim, as esposas têm de ter profundo interesse pela obra da igreja de Deus, ser cuidadosas para nunca emprestar a língua e falar mal do que quer que seja, controladas em seu autodomínio e **fiéis em tudo**.

6. *Bom Marido e Pai* (3.12,13)

O versículo 12 repete para os diáconos as exigências já impostas aos bispos: Que sejam **maridos de uma mulher e governem bem seus filhos e suas próprias casas** (12). Paulo acreditava que a virtude do tipo que ele estava promovendo não

deixaria de ter sua recompensa. De fato, o versículo 13 dá a entender em parte qual será essa retribuição: **Porque os que servirem bem como diáconos adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus (13).** O significado não pode ser que os **diáconos** que exemplificarem estas qualidades terão a probabilidade de serem promovidos ao mais alto cargo. Tal interpretação seria um insulto aos princípios que Paulo se esmerava em estabelecer. Nem pode significar que a fidelidade nestes detalhes lhes dará posição elevada aos olhos de Deus. O único significado possível é que, por meio disso, eles ganharão a reputação de serem homens bons e fiéis. Simpson resume a questão: “A influência é um subproduto do caráter, e a mente do apóstolo estava enfatizando os elementos que contribuem para uma humanidade forte tendo por base a espiritualidade”.⁹ Disse o sábio: “Mais digno de ser escolhido é o bom nome do que as muitas riquezas” (Pv 22.1). Não é recompensa ruim para quem determinou ser, a qualquer preço, verdadeiro com Cristo, que as pessoas digam a seu respeito, como disseram de Barnabé: “Ele era um homem bom” (At 11.24, NVI). Phillips interpreta **confiança na fé** (13) por “a capacidade de falar com desenvoltura a respeito de questões da fé cristã” (CH).

SEÇÃO V

PAULO DEFINE A IGREJA

1 Timóteo 3.14-16

A passagem que agora analisaremos é o ponto divisor da epístola, formando uma ponte entre a ênfase do apóstolo na conduta do culto público e nas qualificações para a obra do ministério e as instruções e exortações práticas que se seguem. Mas a passagem é importante por méritos próprios. Paulo revela sua esperança de logo se reunir com Timóteo, se não em Éfeso, então com certeza em Mileto. Mas ele reconhece que este plano pode não dar certo; por isso, ele se vale de escrever uma carta para ter certeza de que suas instruções alcancem o jovem pastor: **Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te bem depressa, mas, se tardar, para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade** (14,15).

É difícil acreditar que o apóstolo esteja preocupado somente com o comportamento na igreja. O contexto dá a entender que o seu cuidado era com a seriedade e gravidade que devem assistir à obra contínua da igreja em todas as suas fases. Sua inquietação era pelo tipo de pessoas que se tornam ministros e líderes na igreja. Particularmente importante é que os ministros da igreja sejam homens que conheçam, amem e profundamente reverenciem os mistérios de nossa fé santa. A igreja existe para preservar, interpretar e perpetuar estes mistérios. Paulo dá uma estimulante definição da igreja, apresentando-a em três partes: **A casa de Deus, a igreja do Deus vivo e a coluna e firmeza da verdade** (15). Nós, que amamos a igreja, faríamos bem em ponderar nesta definição, descobrir sua validade permanente e investigar o que ela exige de nós em nossos dias.

A. A CASA DE DEUS, 3.14,15

A idéia de família está implícita na expressão a **casa de Deus** (15; cf. “família de Deus”, CH, NTLH). A igreja é a família de Deus. Os crentes se tornam filhos de Deus e, portanto, “herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (Rm 8.17). O Novo Testamento emprega as metáforas de nascimento e adoção para descrever o milagre da experiência cristã (Jo 3.3; Gl 4.5). A idéia de família também insinua que esta nova relação com Deus por meio de Cristo, ainda que individual, é igualmente societária. A igreja é a sociedade dos remidos; a **casa de Deus** é formada por aqueles que nasceram de novo na comunidade cristã.

Em seguida, Paulo descreve que esta comunidade inigualável é a **igreja do Deus vivo** (15). O termo **igreja** tem muitos significados, todos muito importantes. Mas em seu significado básico, abrange todos que ouviram e atenderam a vocação divina, que são os “chamados por Deus”. Neste sentido, é formada por todos os cristãos, a **igreja** militante e triunfante: nós que hoje corremos a carreira e a nuvem de testemunhas triunfantes que nos cerca (Hb 12.1). É a **igreja do Deus vivo**, pois é a presença vivificadora de Deus que impulsiona o todo.

A terceira descrição que o apóstolo faz da igreja é a **coluna e firmeza** (“baluarte”, RA) **da verdade** (15). O que Paulo quer dizer com **verdade**? Refere-se ao fato de que “Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores” (1.15). Mas não há dúvida de que o apóstolo tem particularmente em mente o “mistério da piedade” que ele elabora no versículo 16: “E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória”.

B. O MISTÉRIO DA PIEDADE, 3.15,16

A expressão **mistério da piedade** (15) ocorre só aqui nos escritos de Paulo, embora a palavra **mistério** apareça mais vezes. Por que o apóstolo usou esta frase em particular? Guthrie sugere que “a resposta está na comparação implícita entre a piedade prática previamente ordenada para os ministros da igreja e o caráter interior do segredo da piedade revelado e aqui descrito”.¹

O propósito do versículo 16 mostra o que contém este **mistério da piedade**. Aqui, como em outras ocasiões, supomos que o apóstolo está usando o fragmento de um hino cristão primitivo que, a seu modo, esboça o drama do evento-Cristo. Barrett o analisou em seis proposições concisas, que juntas abarcam a maravilha da redenção. Diz ele: “No conjunto, é melhor reconhecermos uma progressão cronológica no hino (supondo que o seja), e propormos que diz respeito a: 1) a encarnação, 2) a ressurreição, 3) a ascensão, 4) a pregação do Evangelho, 5) a resposta dada ao Evangelho e 6) a vitória final de Cristo”.² **Justificado em espírito** (16) pode ser traduzido por “vindicado no Espírito” (RSV), quer dizer, ressuscitado pelo poder do Espírito Santo.

Este é, então, o **mistério da piedade** ou, como traduz certa versão, “a verdade revelada da nossa religião” (NTLH). É esta mensagem da qual a igreja coletivamente e cada cristão individualmente é “coluna e baluarte”. Como crentes, nosso testemunho

básico e individual desta verdade deve ser a vida que vivemos — a vida transformada pelo poder de Cristo. Atualmente, é da maior urgência que a igreja volte a dar este testemunho claro ao mundo. A prescrição de Lancelot Andrewes para a igreja dos seus dias também pode ser adotada como meta do empenho sério da igreja de hoje: “A restauração das coisas que estão em falta; o fortalecimento das coisas que permanecem”.

SEÇÃO VI

AMEAÇAS À INTEGRIDADE DA IGREJA

1 Timóteo 4.1-16

A. O PERIGO DO ASCETICISMO DESCOMEDIDO, 4.1-5

1. *Surgirão Falsos Ensinos* (4.1,2)

O apóstolo passa a tratar dos falsos ensinos que vinham infestando a igreja em Éfeso, cuja dificuldade ele alude no capítulo 1. O erro sempre se opõe à verdade do evangelho, conflito ao qual Deus prepara a sua igreja: **Mas o Espírito expressamente diz que, nos últimos tempos, apostatarão alguns da fé** (1). Paulo está se referindo ao **Espírito** Santo, que é o espírito de profecia. É impossível determinar que profecia em particular o escritor tinha em mente. Às vezes, o apóstolo era movido pelo **Espírito** para profetizar. Um dos numerosos exemplos dessa inspiração envolvia esta igreja efésia, onde Timóteo servia: “Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si” (At 20.29,30). Este desdobramento, tão claramente previsto poucos anos antes, está próximo; na verdade, já começou. Guthrie entende que “nos últimos tempos” é expressão que indica um futuro mais iminente que ‘nos últimos dias’ (usado em 2 Tm 3.1). [...] Como é comum ocorrer em declarações proféticas, o que é predito acerca do futuro concebe-se que já está em operação no presente, assim as palavras têm significação contemporânea específica”.¹

Não só amanhã, mas esta levedura de erro está em ação hoje. **Alguns** já se desviaram **da fé**, seduzidos pelos “estratagemas de Satanás e seus aliados” (Kelly). Paulo de-

nomina essas forças sobrenaturais de “principados, [...] potestades, [...] príncipes das trevas deste século, [...] hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Ef 6.12). A palavra grega traduzida por **espíritos enganadores** (1) significa, de fato, “curandeiros ambulantes” ou “vagabundos, errantes” (Simpson), indicando o poder de iludir e enganar. Esses espíritos malignos empregam suas vítimas sucessivamente como agentes dos seus propósitos abomináveis. Prosseguindo na descrição destes agentes do erro, diz o apóstolo: **Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência** (2). O termo **hipocrisia** fala do esforço consciente e deliberado em enganar, o conhecimento moral de que os ensinamentos que eles propagam são **mentiras**. Esses indivíduos estão tão cegos pela incredulidade e são tão endurecidos de coração que a **consciência** não é mais capaz de exercer suas funções designadas. Ela está **cauterizada** (transliteração do termo gr. constante no Texto Recebido). Em Efésios 4.19, o apóstolo descreve a pessoa nesta condição moral: “havendo perdido todo o sentimento”.

2. *Asceticismo Sem Sentido* (4.3-5)

Paulo define dois detalhes do ensino que ele está denunciando: **Proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças** (3). Esta proibição de casar-se e comer certos alimentos mostra que o erro que ganhara posição segura na igreja em Éfeso era um tipo inicial de gnosticismo. O principal ataque do gnosticismo em busca de um lugar de influência na igreja primitiva ocorreu somente no século II. Mas uma forma incipiente desta heresia, forma de caráter amplamente judaico, já havia assumido proporções ameaçadoras no século I. Todas as formas de gnosticismo defendiam em comum a idéia de um dualismo fundamental entre matéria e espírito. Isto significava que tudo que pertencesse ao corpo era intrinsecamente mau. Estes mestres mal orientados promoviam um asceticismo rígido e essencialmente falso. Seus adeptos tinham de evitar o **casamento** e praticar a **abstinência** de certos alimentos.

O primeiro destes dois ensinamentos Paulo condena, mas, como ressalta Kelly, “não refuta por argumentação. A explicação provável é que ele já deixara perfeitamente clara sua posição acerca da naturalidade e decoro do **casamento**, quando falou das qualidades exigidas para os detentores de cargos”.² É verdade que o apóstolo preferia para si o estado de solteiro ao de casado, e que ao escrever aos crentes coríntios (1 Co 7) ele sugere que seria melhor que outros cristãos seguissem seu exemplo. Contudo, a razão para este julgamento estava muito longe das opiniões errôneas às quais ele se opunha em Éfeso. No texto coríntio, ele destaca a “instante necessidade” (1 Co 7.26) e lembra os leitores que “o tempo se abrevia” (1 Co 7.29). Ambas as passagens são, ao que parece, insinuações veladas à expectativa paulina da vinda próxima de Cristo. Em vista do fato de que “a aparência deste mundo passa” (1 Co 7.31), muitas coisas que em si são certas e adequadas assumem importância secundária, entre elas a questão do celibato e **casamento**. Mas ele não pôde ser tolerante com a proibição do **casamento** pela razão *errada*, como ocorria em Éfeso.

Contra o segundo falso ensino — a **abstinência** de certos alimentos —, o apóstolo apresenta razões cuidadosamente argumentadas: **Porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças** (4). Paulo

mantém sua posição de liberdade das proibições impostas pelos rituais dos judeus. Estas proibições tinham sido ab-rogadas claramente pela visão de Pedro no terraço da casa em Jope (At 10.9-16). A única estipulação que Paulo estabeleceu concernente ao dom divino de alimentos nutritivos era que fosse recebido com **ações de graças**. E a maneira em que tais **ações de graças** devem ser expressas é, pelo menos, sugerida: **Porque, pela palavra de Deus e pela oração, é santificada** (5; “consagrado”, CH; “sagrado”, NEB). É evidente que dar **graças** antes das refeições era um dos costumes mais antigos da igreja. Pelo visto, além da **oração de ações de graças**, era costume de os crentes primitivos empregarem trechos das Escrituras em suas expressões de gratidão a Deus. A **oração de ações de graças** antes de participar dos alimentos, por mais escassa que seja a comida, é a obrigação mínima do cristão. E não há **oração de ações de graças** mais adequada que a que João Wesley e seus pregadores empregavam:

*Invocamos tua presença a esta mesa, Senhor;
Aqui e em todos os lugares te adoramos;
Abençoa-nos, e concede que participemos
contigo do banquete no Paraíso.**

B. A ESTATURA DO BOM MINISTRO DE CRISTO, 4.6-10

1. Bom Ministro (4.6)

Agora o apóstolo trata Timóteo pessoalmente e lhe define a área da responsabilidade como pastor: **Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido** (6). Paulo sabia muito bem que a resposta ao erro não deve ser a simples denúncia negativa, que o mal é mais bem refutado pela proclamação positiva da verdade cristã. Timóteo tem de propor aos **irmãos** as instruções do apóstolo já dadas anteriormente: **Propondo estas coisas aos irmãos** (6) pode ser traduzido por “oferecendo estes conselhos à irmandade” (NEB; cf. NTLH). **Estas coisas** referem-se aos ensinamentos expostos nos versículos 4, 5 e 7 a 10. Os **irmãos** podem ser os líderes da igreja efésia ou os membros espiritualmente responsáveis daquela igreja como um todo. O apóstolo não está tentando coagir-lhes o pensamento, mas confia no caráter convincente da resposta cristã aos erros ameaçadores.

Recomendar com insistência estas considerações à igreja faz parte do **bom ministro de Jesus Cristo** (6). A palavra grega traduzida por **ministro** (*diakonos*) é a mesma palavra traduzida por “diáconos” em 3.8, embora seu verdadeiro significado seja “servo” ou “ministro”. É uma palavra que estava “em processo de especialização”, embora o significado mais geral ocorra com muito mais frequência no Novo Testamento do que o significado especializado.³

Na descrição do **bom ministro** que ele espera que Timóteo seja, Paulo adiciona a frase final deste versículo: “criado nos preceitos de nossa fé e da sã instrução que tens seguido” (NEB). O texto de 2 Timóteo 1.5 apresenta com mais detalhes a riqueza da

* Be present at this table, Lord; / Be here and everywhere adored; / These creatures bless, and grant that we / May feast in Paradise with Thee. (N. do T.)

herança cristã de Timóteo: “Lembro da sua fé sincera, a mesma fé que a sua avó Lóide e Eunice, a sua mãe, tinham. E tenho a certeza de que é a mesma fé que você tem” (NTLH). Acrescentado a este fato, havia a instrução incomparável do jovem pastor nos assuntos espirituais que ele recebeu aos pés de Paulo. Além destas grandes influências cristãs, Timóteo tivera momentos decisivos em sua experiência interior, alguns “ebenézeres” (1 Sm 7.10-12) erguidos como monumentos à graça transformadora de Deus em sua vida. Há o sentido de que a fé pode ser herdada; mas ela também tem de se tornar uma realidade genuína e articulada na experiência do crente para lhe sustentar a alma durante as adversidades da vida.

Não nos é suficiente clamar, como fizeram os judeus nos dias de João Batista: “Nosso pai é Abraão”. Somos os filhos de nossos pais, claro; mas as qualidades de vida e caráter que tornaram estes pais homens poderosos não podem ser transmitidas de pai para filho. Cada geração tem de alcançar sozinha, pela experiência vital com a graça de Deus, as qualidades que tornaram nossos pais homens santos, homens que amavam a Deus e a verdade, que segundo a vontade de Deus se tornaram fundadores e construtores que eram.

2. Mantenha Sóbrio Julgamento (4.7,8)

Mas rejeita as fábulas profanas e de velhas e exercita-te a ti mesmo em piedade (7). O apóstolo não hesita em estigmatizar os falsos ensinamentos em Éfeso, colocando-os abaixo do seu desprezo. As **fábulas... de velhas** se tornaram expressão tradicional que descreve o tipo de noção supersticiosa que apóiam esses erros. Moffatt, em sua tradução, diz que são “mitos sem nexos” (“lendas [...] tolas”, NTLH; “mitos e lendas absurdas”, BV). Paulo observa que tais noções são **profanas** (“ímpias”, BJ; “pagãs”, NTLH). **Rejeita, diz o apóstolo, e exercita-te a ti mesmo em piedade.** Isto significa, segundo a interpretação de Phillips: “Faça de tudo para se manter espiritualmente preparado” (CH). O pensamento de Paulo faz imediatamente um contraste entre a disciplina do corpo e a disciplina da alma: **Porque o exercício corporal para pouco aproveita, mas a piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir** (8).

Não há justificativa para presumir que Paulo esteja desaprovando a idéia do bem-estar físico. Pelo contrário, há evidências de que o culto da aptidão física, que tanto fazia parte da vida no antigo mundo helênico, lhe despertava o interesse consideravelmente. Ele se serve dos esportes daquele mundo do século I bastante livremente para mostrar a necessidade de uma vida espiritual disciplinada. Mas tornar o cultivo de um físico sardado o alvo principal do homem era totalmente estranho à escala de valores de Paulo. Há a necessidade de um corpo saudável e vigoroso para estarmos no pico da eficácia para servir a Cristo — embora resultados surpreendentes sejam obtidos por pessoas que, ao longo da vida, têm de lutar incessantemente contra a má saúde. A prioridade na vida deve ser a saúde do espírito, e, neste ponto, a **piedade** é o fator importantíssimo. Ao descrever o valor da **piedade**, Paulo produziu uma dessas pedras preciosas de expressão retórica pelas quais seus escritos são merecidamente famosos: **tendo a promessa da vida presente e da que há de vir** (8). Não há descrição que melhor ressalte o valor no tempo e na eternidade da comunhão com Deus por Cristo. Este é o único valor que podemos levar deste mundo e vivenciá-lo no outro.

3. *Ensino Sadio* (4.9,10)

Esta palavra é fiel e digna de toda a aceitação (9). Encontramos de novo a fórmula que Paulo emprega para dar ênfase, idêntica à de 1.15. Os estudiosos não conseguem decidir com certeza se o apóstolo está enfatizando o versículo 8, que a precede, ou o versículo 10, que a segue. Phillips escolheu a primeira alternativa (CH), enquanto os tradutores da New English Bible escolheram a última (NEB). Mas qualquer que seja a escolha, o resultado é importante e bem merece a ênfase intencionada.

Porque para isto trabalhamos e lutamos, pois esperamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis (10). Paulo continua com a metáfora do versículo 8 com a tônica na vida disciplinada. Mas o pensamento muda para o preço que ele foi obrigado a pagar por ser fiel a Deus: **trabalhamos e lutamos**. Mas entre todas as adversidades dos trabalhos apostólicos ele é sustentado continuamente pela esperança **no Deus vivo**.

O trecho final do versículo 10 apresenta certas dificuldades. **O Salvador de todos os homens** dá a entender, superficialmente, certo tipo de universalismo. Mas de que tipo? Barrett sugere que “porque Deus é vivo e é a fonte da vida, ele é o *Salvador de todos os homens*, os quais ele preserva com vida, fazendo o sol brilhar e a chuva cair sobre maus e bons igualmente”.⁴ Compreendido nesta maneira, as palavras finais do versículo ficam inteligíveis: **principalmente dos fiéis**. Todas as pessoas recebem a misericórdia geral de Deus, e a maioria não tem senso de gratidão pelo que quer que seja. Mas o homem só recebe a *misericórdia salvadora* de Deus quando, convencido, se entrega totalmente a Cristo e com fé nele.

C. O MINISTRO COMO EXEMPLO, 4.11-16

1. *Paulo Admoesta Timóteo* (4.11-13)

No parágrafo final do capítulo 4, o apóstolo fica mais diretamente pessoal em seu tratamento com Timóteo: **Manda estas coisas e ensina-as** (11). A palavra grega traduzida por **manda** tem “conotação militar” e o jovem pastor deve tê-la ouvido com força resoluta. Todas as evidências levam à conclusão de que Timóteo estava recuando e sentia-se acanhado, pois era homem cuja autoconfiança precisava de constantes incentivos. A maior parte deste parágrafo sugere tal estimativa. Ele precisava ouvir esta comunicação autorizada do apóstolo para lhe renovar as convicções. Está nitidamente subentendido que é tarefa dos ministros cristãos pregar e ensinar com autoridade devidamente reconhecida. Não é sua tarefa exercer “como tendo domínio sobre a herança de Deus”, para usar a apropriada expressão de Pedro (1 Pe 5.3). Trata-se de autoridade espiritual que se origina de um andar diário em comunhão íntima com Cristo e um ministério de pregação e ensino que traga as marcas evidentes da unção do Espírito Santo. A recuperação desta qualidade espiritual peculiar chamada unção está entre as necessidades urgentes do ministério da igreja hodierna.

Concernente a **ninguém despreze a tua mocidade** (12), Simpson comenta que “não existe máxima grega mais bem conhecida que a subordinação da mocidade aos idosos”.⁵ A probabilidade é que entre os líderes ou anciãos da igreja efésia havia muitos que tinham mais idade que Timóteo. Seria fácil se sentir em crítica desvantagem no

exercício de suas funções de pastor em tal situação. **Mocidade**, claro, é um termo relativo. N. J. D. White observa que “a idade de 40 anos era considerada ultrapassada para um capitão do exército, pouca para um bispo e muito pouca para um primeiro-ministro”.⁶ Timóteo provavelmente tinha menos de 40 anos e, pelos padrões do mundo helenista do século I, era jovem. “Não deixes ninguém te menosprezar por conta disso”, previne Paulo, “mas porta-te de modo a inspirar o amor, o respeito e a confiança de tua congregação.”

No mundo da igreja hodierna, a **mocidade** é considerada como recurso e não como desvantagem. Claro que se a **mocidade** for a única qualidade excelente do ministro, a probabilidade é ter uma carreira muito curta. Mas é a velhice e não a **mocidade** que corre o risco de ser desprezada em nossos dias. Toda igreja que desqualifica automaticamente seu pastor só por ter 50 anos ou mais, está perigosamente perto de menosprezar a maturidade. Atualmente, esta é situação mais deplorável que a atitude que prevalecia antigamente para com a **mocidade** — atitude que Paulo aqui reprova.

O antídoto, prescreve o apóstolo, é: **Sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA), **no espírito, na fé, na pureza** (12). É pelo comportamento reverente e semelhante a Cristo que o pastor, que talvez não seja talentoso, pode servir tão eficazmente, de modo a vencer as numerosas dificuldades que teriam um efeito debilitante em seu ministério.

As seis áreas estipuladas por Paulo para que Timóteo sirva de **exemplo** são reduzidas a cinco, porque a palavra **espírito** não ocorre nos manuscritos mais velhos e mais confiáveis: “Na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza” (RA; cf. BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI). As duas primeiras áreas se relacionam com a vida e ministério público de Timóteo. Mas as três restantes são qualidades interiores. “Amor” é tradução do termo grego *agape* que denota o tipo de amor de Deus. **Fé** tem o sentido de fidelidade ou lealdade. **Pureza** não significa apenas castidade, mas também indica “sinceridade” (CH) e inculpabilidade.

Persiste em ler, exortar e ensinar, até que eu vá (13). A expressão **até que eu vá** lembra Timóteo o propósito declarado de Paulo lhe fazer uma visita em futuro próximo (3.14). **Até** então, o jovem é aconselhado a dedicar-se “à leitura pública da Escritura, à exortação e ao ensino” (NVI; cf. NTLH). Isto nos lembra que a Bíblia da igreja primitiva era o Antigo Testamento na tradução grega (LXX). Os cultos da igreja primitiva foram moldados de acordo com o culto da sinagoga pelo menos no quesito de que a leitura do Antigo Testamento fazia parte da adoração a Deus. Kelly comenta que “esta é, na realidade, a referência mais antiga do uso da Bíblia na liturgia da igreja”.⁷ Esta prática foi pouco a pouco suplementada pela leitura de documentos cristãos, como as cartas de Paulo e de outros apóstolos. É provável que as igrejas já estivessem formando bibliotecas desses documentos e reputando-os como escritos inspirados pelo Espírito Santo. **Exortar** é comentar e proclamar a Palavra de Deus, ou seja, pregar (cf. CH, NTLH). **Ensinar** tem o sentido de instruir doutrinariamente na verdade cristã. Isto era particularmente importante para os novatos na fé, embora fosse essencial para todos os crentes de qualquer fase de maturidade.

2. *Cultive os Dons de Deus* (4.14-16)

Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério (14). Nesta passagem, o apóstolo reconhece que o

poder, que chamaríamos preparação carismática para o ministério, é decididamente o mais importante. Ele firma que Timóteo recebeu este dom **por profecia**, observação repetitiva de Paulo (1.18). O chamado de Deus para servir na obra do ministério é consideração anterior e principal. É o Espírito Santo que tem de instigar a escolha do homem para esta vocação santa. E com o seu chamado temos razão para crer que haverá as qualificações acompanhantes da “graça, dons e utilidade”. Pode haver casos excepcionais em que uma ou outra destas qualidades não esteja em evidência, mas Deus as vê em estado latente; contudo, a regra é conforme está declarada acima. Isto significa mais que “ter facilidade em falar”, ou “ser muito extrovertido”, ou “dar-se bem com as pessoas”, ou “ser líder nato”. Algumas destas qualidades podem complementar o equipamento espiritual essencial, mas nenhuma o substitui.

Além disso, seria erro presumir que a ordenação da igreja fornece esta qualidade mística quando em falta. A significação da ordenação da igreja e sua relação com a ação anterior do Espírito estão claramente expostas em Atos 13.2,3. Falando da igreja em Antioquia na Síria, Lucas relata: “Disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram”. O mero “contato manual”, como disse alguém, a **imposição das mãos do presbitério** não tem significado sem essa obra antecedente do Espírito Santo. A linguagem de Paulo dá a entender perfeitamente que, referindo-se à ordenação de Timóteo, a ação do **presbitério** (os pastores) era reconhecimento e confirmação da ação anterior do Espírito.

Medita estas coisas, ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento (ou “progresso”, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) **seja manifesto a todos** (15). Hoje em dia, a palavra **medita** tem conotação de passividade, algo que está longe do que o apóstolo quis dizer. Significa a prática destas coisas com diligência comparável à mostrada pelo atleta que está em treinamento para disputar corridas. “Torna estes assuntos de tua conta e de teu profundo interesse” (NEB; cf. CH, NTLH). A prática dos procedimentos pastorais recomendada neste capítulo pelo apóstolo deve ser a principal atividade do verdadeiro ministro de Cristo. Não há lugar para indiferença ou devoção qualificada.

Os assuntos eternos dependem da maneira em que o ministro cumpre estas responsabilidades; estão ligadas à salvação de sua alma e à salvação daqueles a quem ele ministra. Por isso, Paulo adverte: **Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina; persevera nestas coisas; porque, fazendo isto, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem** (16). Para o ministro do evangelho este é um dos versículos mais sérios e sensatos do Novo Testamento. É possível que o indivíduo tenha interesses irregulares quanto ao sucesso ministerial. Se ele o usa como padrão para medir o grau de primazia que desfruta, ou de promoção para responsabilidades cada vez maiores com o concomitante aumento salarial, ele pode acabar perdendo a salvação. Paulo confessa possuir este medo, quando diz: “Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado” (1 Co 9.27). Não nos esqueçamos de que, em nossos esforços em promover a obra da igreja de Cristo, a salvação de nossa alma está pendente, e que temos de dar atenção a nós como também ao nosso ensino e ministério.

SEÇÃO VII

A ADMINISTRAÇÃO DA IGREJA

1 Timóteo 5.1-25

A. A MOCIDADE DEVE RESPEITAR A VELHICE, 5.1,2

Com o início do capítulo 5, Paulo lança instruções de natureza mais específica dirigidas a Timóteo como pastor e líder da igreja em Éfeso. O apóstolo interessa-se, sobretudo, que Timóteo prossiga alegremente e de modo acima de repreensão com todos os grupos idosos sob sua responsabilidade. **Não repreendas asperamente os anciãos, mas admoesta-os como a pais** (1). A igreja de então como a de hoje era composta de homens e mulheres de todas as faixas etárias. O sucesso ministerial de Timóteo e a felicidade da igreja dependiam, em grande parte, de sua habilidade manifesta em lidar com cada um destes grupos. Este fato era particularmente importante para um jovem pastor como Timóteo, quando surgissem problemas envolvendo os membros mais velhos da congregação. A advertência **não repreendas asperamente** não se relaciona com os ministros ordenados na igreja, “não com os ‘anciãos’ no sentido eclesiástico, mas com os homens mais velhos na comunidade cristã”.¹

Nenhum ministro ordenado tem o direito de invocar esta palavra de Paulo para escapar de ser repreendido por alguma loucura cometida. A diretiva do apóstolo visa somente orientar um jovem em seus procedimentos com pessoas mais velhas. O verbo grego traduzido por **repreendas asperamente** é bem forte (“nunca sejas severo com um ancião”, NEB; “não repreendas duramente o ancião”, BJ). Isto não quer dizer que a correção e disciplina não tenham lugar nas atividades do pastor. Antes, enfatiza a importância de tato ao lidar com casos que exijam correção e melhoria. Ninguém exibiu esta qualidade essencial mais magnificamente que o próprio Paulo. Por exemplo, ao escrever

a Epístola a Filemom (obra excelentemente perfeita), rogando misericórdia e perdão por Onésimo, ele diz: “Ainda que eu sinta plena liberdade em Cristo para te ordenar o que convém, prefiro, todavia, solicitar em nome do amor” (Fm 8,9, RA). O conselho de Paulo a Timóteo está de acordo com sua prática. Em vez de repreender o mais velho, solicite-lhe; “apela a ele como se ele fosse teu pai” (NEB; cf. CH).

O mesmo verbo grego, traduzido por **admoesta** (ou “apele”, CH), rege as três frases restantes nos versículos 1 e 2: **Aos jovens, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães, às moças, como a irmãs, em toda a pureza.** É inequívoco que a analogia da família está na mente do apóstolo quando ele define estas relações sociais delicadas. A igreja é a família ou casa de Deus, e o amor que une cada um ao outro nessa comunidade é como o amor de pais e filhos, de **irmãos e irmãs**. Se não nos esquecêssemos disso e fosse exemplificado por todos os interessados na igreja de Cristo, veríamos o fim de erros e discussões que tão freqüentemente dividem a igreja.

Falando da relação de Timóteo com as mulheres mais jovens, o apóstolo adiciona a frase significativa **em toda a pureza** (2). Scott é exato ao observar que “a mais delicada de todas as relações nas quais [...] [Timóteo] foi colocado, como conselheiro espiritual, seja mencionada primorosamente em palavras simples que dizem tudo”.² Quantos homens ao longo dos séculos acabaram com seu ministério de modo vergonhoso e cheios de remorso por não atenderem esta palavra!

B. A RESPONSABILIDADE PELAS VIÚVAS DEPENDENTES, 5.3-16

Estes versículos falam de um problema sério que a igreja em seus primeiros tempos foi compelida a enfrentar, qual seja, a situação difícil das viúvas no mundo antigo. Este problema surgira cedo na história da igreja em Jerusalém. A narrativa de Atos 6.1 diz: “Naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano”. O tremendo apuro das viúvas era particularmente doloroso, porque existia pouca oportunidade econômica para elas no mundo romano. Como escreve Holmes Rolston: “A mulher que enviuvava tinha pouquíssimas oportunidades de entrar no mercado de trabalho para ganhar a vida”.³ É evidente que a igreja efésia fora atormentada por este problema, e Paulo oferece a Timóteo algumas orientações para resolver a situação. Parry destaca que esta porção que fala das viúvas “divide-se naturalmente em duas subdivisões: 1) versículos 3 a 8, e 2) versículos 9 a 16. Na primeira subdivisão, o assunto é o socorro das viúvas em necessidade; o objeto é insistir no dever particular dos parentes e no caráter pessoal das viúvas, dois aspectos a serem analisados antes de a igreja prestar assistência. Na segunda subdivisão, as viúvas são consideradas como empregadas da igreja para certos fins. A igreja tem de fazer uma lista dessas viúvas conforme regras estabelecidas. Estas viúvas têm de ser sustentadas pela igreja, a menos que possuam um parente que possa sustentá-las e, assim, isentar a igreja da responsabilidade”.⁴

1. Deveres da Igreja para com as Viúvas (5.3-8)

Honra as viúvas que verdadeiramente são viúvas (3). Por **viúvas que verdadeiramente** o apóstolo quer dizer “viúvas que estão realmente sozinhas no mundo”

(CH). Estas seriam mulheres não só desoladas pela perda do marido, mas que não tivessem filhos, netos ou outros parentes que pudessem contribuir para o seu sustento. As **viúvas** desta categoria deviam ser tratadas “com grande consideração” (CH). É provável que Wesley esteja correto quando interpreta imparcialmente que o verbo **honra** significa “mantém fora do fundo público”.⁵ Paulo estava muito preocupado que as **viúvas** que estivessem verdadeiramente necessitadas, com direito à assistência da igreja, recebessem o devido sustento. É interessante fazer uma análise rápida da situação em que a igreja faz suas obras de caridade. No princípio, tais distribuições eram amplamente delegadas ao estado ou às agências de assistência social, como hoje.

O apóstolo também está preocupado com parentes gananciosos que, em vez de assumirem o sustento da viúva necessitada, deixavam alegremente que a igreja a sustentasse. Para evitar tal eventualidade, diz Paulo: **Mas, se alguma viúva tiver filhos ou netos, aprendam primeiro a exercer piedade para com a sua própria família e a recompensar seus pais; porque isto é bom e agradável diante de Deus** (4). Eis um padrão de responsabilidade familiar que em nossos dias é honrado mais na contravenção do que na observância. Como é freqüente vermos o triste espetáculo de pais e avós idosos compelidos a viver parcamente à custa do estado, enquanto os filhos e netos gastam egoisticamente os bens e capitais desses mesmos pais e avós idosos! Os pais que dão de tudo para os filhos deviam sentir a discrepância de suas ações, quando dão pouca importância às privações suportadas por seus pais velhinhos. A primeira responsabilidade por tal cuidado deve ser arcada, como insiste Paulo, pela família da qual a **viúva** faz parte. Só quando este recurso for exaurido é que o sustento dessas viúvas se torna a responsabilidade da igreja.

O apóstolo reconhece que há diferenças qualitativas entre as pessoas na categoria das viúvas, diferenças que afetam a obrigação da igreja. **Ora, a que é verdadeiramente viúva e desamparada** (*i.e.*, aquela completamente só no mundo; cf. NTLH), **espera em Deus e persevera de noite e de dia em rogos e orações** (5). O texto está descrevendo alguém que, não só por causa de sua viuvez desamparada, mas por causa de sua devoção consistente e genuína a Cristo e sua igreja, tem direito a toda consideração que a igreja puder lhe dar. Mas o apóstolo admite que nem todas as viúvas têm esse direito. Ele reconhece que, entre as viúvas da igreja, pode haver algumas que, longe de colocar a esperança em Cristo, são comodistas e pessoas de atitudes e conduta sensuais. Sobre tais pessoas o apóstolo observa: **Mas a que vive em deleites** (“prazeres libertinos”, NASB; cf. CH), **vivendo, está morta** (6). A implicação disso é que a igreja não tem obrigação de assumir o sustento da viúva que é apegada às coisas do mundo.

Estas são as diretrizes que Timóteo tem de seguir na determinação do programa de ação da igreja pertinente às obras assistenciais. **Manda** (“prescreve”, BJ, RA), **pois, estas coisas, para que elas sejam irrepreensíveis** (7). O pronome **elas** diz respeito obviamente às viúvas que são sustentadas pela igreja. É importante que o sustento da igreja seja reservado para as viúvas que verdadeiramente têm direito a isso.

Antes de encerrar o assunto da responsabilidade familiar, Paulo é forçado a adicionar uma observação calculada a estigmatizar todo aquele que negligenciar este dever fundamental. **Mas, se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel** (8). Não devemos deduzir que o apóstolo esteja equiparando essa conduta com a infidelidade, embora seja igualmente

repreensível. Ele está falando presumivelmente, “porque até os não-crentes, que não conhecem os mandamentos ou a lei de Cristo, reconhecem e dão grande importância às obrigações dos filhos para com os pais”.⁶

2. Deveres das Viúvas para com a Igreja (5.9-16)

Agora o apóstolo trata de outro aspecto da relação das viúvas com a igreja. Sobre esse assunto temos informação extremamente escassa: **Nunca seja inscrita viúva com menos de sessenta anos, e só a que tenha sido mulher de um só marido; tendo testemunho de boas obras, se criou os filhos, se exercitou hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se socorreu os aflitos, se praticou toda boa obra** (9,10). A expressão **seja inscrita** pode ser traduzida por “coloque na lista” (NTLH). É algo mais que um cadastro de viúvas, embora os estudiosos não estejam de acordo quanto a isso. Rolston está provavelmente certo quando diz: “Pelo visto, na ocasião em que Paulo escreveu, havia na igreja uma ordem mais ou menos organizada de viúvas mais velhas que serviam as pessoas em nome de Cristo e sua igreja, e que eram sustentadas, pelo menos em parte, pela igreja”.⁷

Examinando superficialmente, temos a impressão de que a ordem das viúvas que Paulo descreve era formada por diaconisas, ou no mínimo eram mulheres que faziam o trabalho de diaconisa. Segundo identificação de Wesley, estas viúvas eram “diaconisas que ajudavam as mulheres doentes ou os pregadores itinerantes”.⁸ Mas os intérpretes, em sua maioria, hesitam em ir tão longe assim. O ponto claro é que estas viúvas faziam parte de um grupo altamente seleto. A idade mínima de **sessenta anos** garantiria a maturidade. A fim de ser qualificada para esta lista, a **viúva** deveria ter **sido mulher de um só marido**. Pode significar, como Wesley interpreta, “depois de ter vivido em casamento legal com uma ou mais pessoas sucessivamente”.⁹ No mínimo, significa que tal **viúva** tem de possuir um bom caráter moral. Em vista das exigências impostas nos bispos e diáconos, temos justificativa em identificar aqui um reflexo do preconceito do século I contra casar-se de novo, ainda que legitimamente, segundo nosso ponto de vista. Scott ressalta que “o sentimento antigo dava um crédito especial à viúva que não se casasse de novo”.¹⁰

Outra qualificação para a inclusão na lista das viúvas que serviam a igreja era a reputação de **boas obras** (10) de qualquer tipo. Entre estas **boas obras** incluíam-se a habilidade de cuidar e criar **filhos**; a disposição à hospitalidade, que era questão vital na vida da igreja primitiva, quando evangelistas, apóstolos, mensageiros e cristãos comuns estavam constantemente indo e vindo; a boa vontade de fazer qualquer tarefa, ainda que servil, como, por exemplo, lavar **os pés aos santos**; e o zelo de socorrer os **aflitos** de qualquer necessidade. Não há dúvida de que estas eram **obras** que faziam parte do cargo de diaconisa, e as viúvas que faziam parte da lista tinham de praticá-las diligentemente.

A seguir, o apóstolo justifica sua exigência de as viúvas da lista terem pelo menos 60 anos de idade: **Mas não admitas as viúvas mais novas, porque, quando se tornam levianas contra Cristo, querem casar-se; tendo já a sua condenação** (“tornando-se condenáveis”, BAB, RA) **por haverem aniquilado a primeira fé** (11,12). Para serem incluídas na ordem das **viúvas**, a candidata tinha de se comprometer a não se casar outra vez, e o apóstolo percebia que **as viúvas mais novas** teriam muita dificuldade em

manterem-se fiéis a tal compromisso. O descumprimento deste quesito as colocaria sob **condenação**. Nesta tradução os versículos ficam bastante claros: “As viúvas mais jovens não podem ser aceitas na lista. Pois quando suas paixões as afastam de Cristo, elas desejam ardentemente casar-se e tornam-se condenáveis por quebrar a promessa de fidelidade feita a ele” (NEB).

Paulo dá mais uma razão para que somente as viúvas mais velhas sirvam a igreja neste ministério: **E, além disto, aprendem também a andar ociosas de casa em casa; e não só ociosas, mas também paroleiras e curiosas, falando o que não convém** (13). Este é o padrão usual de conduta. A maioria dos pastores experientes já teve de lidar, em um momento ou outro do ministério, com os resultados trágicos da fofoca e calúnia. Sejamos francos e admitamos que, às vezes, as viúvas mais velhas são tão culpadas deste tipo de conduta quanto as mais novas, e que tanto os homens como as mulheres podem se ocupar deste passatempo maldoso. Pelo visto, o apóstolo contava que as viúvas mais velhas tivessem aprendido por experiência e maturidade a loucura desse comportamento.

É nítido que Paulo está convencido de que o campo de serviço apropriado para as viúvas mais jovens não está nesta área sensível dos contatos sociais. Ele é muito franco ao dizer: **Quero, pois, que as que são moças se casem, gerem filhos, governem a casa e não dêem ocasião ao adversário de maldizer. Porque já algumas se desviaram, indo após Satanás** (14,15). Seja qual for o ideal que Paulo manteve com relação às viúvas se casarem de novo, o seu melhor parecer reconhece que o novo casamento, a manutenção de uma casa e a criação de filhos têm maior probabilidade de lhes satisfazer os desejos instintivos. A advertência concernente a **já algumas se desviaram, indo após Satanás** pode ter sido baseada em exemplos de viúvas menos etariamente maduras que assumiram compromissos que depois lastimaram e violaram. Talvez tenham sido experiências como estas que o propeliram a fixar a idade mínima de 60 anos para as viúvas empregadas pela igreja.

Esta passagem se encerra com o versículo 16: **Se algum crente ou alguma crente tem viúvas** (entre seus parentes), **socorra-as, e não se sobrecarregue a igreja, para que se possam sustentar as que deveras são viúvas**. Esta é recapitulação do argumento de Paulo exposto nos versículos 4 a 8, e enfatiza o fato adicional de que os recursos que a igreja tinha para as assistências sociais devem ser gastos somente em casos mais dignos e merecidos.

C. A HONRA DEVIDA AO PASTOR, 5.17-25

1. *Recompensa Adequada pelo Serviço Fiel* (5.17,18)

As palavras “anciãos” (1) e **presbíteros** (17; aqui quer dizer “pastores”, cf. BV) são tradução da mesma palavra grega; os significados, embora distintos, estão correlacionados. No versículo 1, significa os membros mais idosos da congregação; mas aqui diz respeito aos indivíduos separados para a obra do ministério: **Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina** (17). Há comentaristas que entendem que este versículo antecipa a distinção entre “pastores” **que governam** e “pastores que ensi-

nam”, que é a prática em certas igrejas reformadas. Mas isso é improvável, quando lembramos que Paulo já havia declarado especificamente que todo bispo (ou pastor) tem de ser “apto para ensinar” (3.2).

O apóstolo está estipulando a Timóteo que o pastor que combina a capacidade de líder da igreja com o serviço fiel e talentoso como pregador e professor deve receber **duplicada honra**. É difícil acreditar que signifique “pagamento em dobro” (NTLH; cf. BAB, BJ, RA). Lógico que incluiu o aspecto monetário, como as observações adicionais de Paulo deixam claro; mas junto do honorário deve ser incluída a **honra**. Ainda não havia chegado o dia em que os ministros da igreja seriam totalmente sustentados. O costume que então vigorava era que os líderes da igreja se sustentassem, da mesma maneira que o apóstolo o fazia. Na opinião de Paulo, o bom serviço merece reconhecimento e recompensa. Aquele cujo tempo era tomado quase todo pelo trabalho da igreja deveria receber maior compensação.

Paulo sustenta seu conselho com um argumento que lembra 1 Coríntios 9.9: **Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que debulha. E: Digno é o obreiro do seu salário** (18). A primeira destas passagens é um preceito do Antigo Testamento encontrado em Deuteronômio 15.4, e em sua situação original é uma ordenação humanitária. Mas em outro texto Paulo argumenta que tem um significado mais profundo: “Porventura, tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós?” (1 Co 9.9,10). O apóstolo também cita outra passagem para a qual dá importância igual: **Digno é o obreiro do seu salário**. Esta é declaração de nosso Senhor registrada em Lucas 10.7. O fato surpreendente é que os estudiosos do Novo Testamento não conseguem achar evidências para provar que o Evangelho de Lucas tinha acesso geral quando estas palavras foram escritas. Alguns expositores, claro, concluem imediatamente que as Epístolas Pastorais devem ter sido escritas muito depois que a data que lhes designamos. Mas o mais provável é que o Evangelho de Lucas fosse conhecido por Paulo e também por Timóteo. E. K. Simpson assume a posição, junto com B. B. Warfield, de que “temos aqui uma citação verbalmente exata do Evangelho de Lucas, tratada como porção integrante das Santas Escrituras”.¹¹ Nesta passagem, o apóstolo deixa clara sua opinião de que o serviço fiel e eficaz merece reconhecimento e remuneração adequada. É óbvio que a igreja começava a mudar rumando para um ministério assalariado.

2. *Disciplina Justa e Imparcial* (5.19-21)

Da remuneração adequada daqueles que servem bem a igreja, Paulo agora se dedica à questão de censurar os remissos. O versículo 19 é muito significativo: **Não aceites acusação contra presbítero** (aqui quer dizer “pastor”, cf. BV), **senão com duas ou três testemunhas**. Aqui é citado um dos princípios mais básicos da jurisprudência judaica: “Uma só testemunha contra ninguém se levantará por qualquer iniquidade ou por qualquer pecado, seja qual for o pecado que pecasse; pela boca de duas ou três testemunhas, se estabelecerá o negócio” (Dt 19.15). Nosso Senhor apela para este princípio legal em Mateus 18.16, e Paulo em 2 Coríntios 13.1. Se a igreja seguisse este princípio rigorosamente, nenhum membro ou ministro jamais se tornariam vítima de um indivíduo vingativo. Trata-se de um princípio que toda denominação responsável incorpora em seus procedimentos disciplinares.

O apóstolo vai mais a fundo no versículo 20: **Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor**. Se e quando a falta

for comprovada pela boca de duas ou três testemunhas independentes, o culpado tem de sofrer as consequências do seu pecado, por mais dolorosas e humilhantes que sejam. O pecado não pode ser abafado, mas deve ser exposto e reprovado “em público” (NVI; cf. CH, NTLH). Na ótica de Paulo, tal procedimento ressaltaria o fato de que ninguém, nem mesmo o ministro da igreja, pode pecar impunemente.

Há uma nota extraordinariamente solene no versículo 21: **Conjuro-te, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, e dos anjos eleitos** (“escolhidos”, NASB; “santos”, BV, CH, NTLH), **que, sem prevenção, guardes estas coisas, nada fazendo por parcialidade**. O tom desta passagem dá a entender que no passado houvera escândalos por causa de tratamento preferencial aos infratores, e com esta determinação o apóstolo eliminaria definitivamente tamanha injustiça. Moffatt traduz assim o trecho final do versículo: “Não sejas preconceituoso na execução destas ordens; sê absolutamente imparcial” (cf. BJ, CH, NTLH, NVI). E. F. Scott comenta: “A exortação é dupla: ‘Não pré-julgar um caso, aceitando acusações duvidosas, porque você não gosta do indivíduo; e não ser brando em qualquer base pessoal, quando o caso for comprovado’”.¹²

3. Não Tenha Pressa nas Ordenações (5.22-25)

A ninguém imponhas precipitadamente as mãos, nem participes dos pecados alheios (22). É quase certo que esta deliberação do apóstolo se refere à imposição de **mãos** no ritual da ordenação ao ministério cristão. Há excelentes razões para o candidato ser provado ao longo de um período de anos até que sua aptidão ao cargo de pastor se torne devidamente perceptível. Mesmo quando a igreja toma as mais rigorosas precauções, há na maioria das vezes erros administrativos neste ponto. A demora nesses assuntos pode ser cansativa e frustrante para o candidato, mas é importante. O ministro que trai a confiança e cai em pecado traz repreensão sobre si e sobre a igreja, cuja confiança ele traiu. Paulo chega a ponto de dizer que, de certo modo, os que impuseram as **mãos** no homem que se comprovou indigno do cargo, tornam-se participantes **dos pecados** de outras pessoas. Lógico que isto não acarreta culpabilidade, mas pode causar-lhes sofrimento e aflição. Paulo deixa a determinação muito clara com a ordem concisa: **Conserva-te a ti mesmo puro** (22). A respeito disso, Rolston observa que “o ministro tem de ter muito cuidado para não transigir com a justiça ao aprovar homens que não são dignos de confiança”.¹³

O apóstolo interrompe a linha de pensamento injetando conselhos puramente pessoais: **Não bebas mais água só, mas usa de um pouco de vinho, por causa do teu estômago** (“da tua digestão”, NEB) **e das tuas freqüentes enfermidades** (23). Este é reconhecidamente um versículo difícil de interpretar por causa de nossa atual ênfase cristã na abstinência total. Não há leitor atencioso da Bíblia que não deixe de notar que a atitude para com o uso do **vinho** no Novo e no Antigo Testamento difere distintamente da crença cristã hodierna. D. Miall Edwards mostra que “a questão da bebida é mais complexa e crítica atualmente do que nos tempos bíblicos, e que as condições do mundo moderno deram origem a problemas que não estavam no horizonte dos escritores do Novo Testamento”.¹⁴ Ainda que a prática da abstinência não seja estipulada formalmente no Novo Testamento, há vastos princípios de responsabilidade cristã que, em virtude das condições modernas, exigem a abstenção de todas as bebidas alcoólicas (cf. Rm 14.13-21; 1 Co 8.13). Como comenta Barclay, o conselho de Paulo a Timóteo meramente “aprova o uso de vinho em situações em que o vinho pode ser medicinalmente útil”.¹⁵

Tendo aconselhado Timóteo, Paulo retorna ao assunto geral sob análise: **Os pecados de alguns homens são manifestos... e em alguns manifestam-se depois** (24). O significado é que **os pecados de alguns homens** são tão públicos e óbvios que ninguém sonharia em promovê-los a cargo de pastor na igreja; ao passo que, com outros homens, os pecados são tão secretos e sutis, que só quando os conhecemos de perto e pessoalmente é que descobrimos as desqualificações ocultas ao cargo. Em todo caso, Timóteo é aconselhado a agir com muita cautela quando se tratar de aprovar **homens** para lugares de liderança na igreja.

No versículo 25, o apóstolo trata do oposto do versículo 24: **Assim mesmo também as boas obras são manifestas, e as que são doutra maneira não podem ocultar-se**. Phillips esclarece o texto confuso deste versículo assim: “De maneira semelhante, algumas virtudes são fáceis de ver, ao passo que outras, embora de modo algum visíveis, no fim se tornarão conhecidas” (CH). Os pecados e as virtudes ocultas acabarão aparecendo visivelmente. Estes fatos dão impressividade ao conselho do apóstolo de Timóteo ser extremamente cauteloso e prudente no importante assunto de selecionar líderes.

SEÇÃO VIII

INSTRUÇÕES DIVERSAS

1 Timóteo 6.1-19

A. ESCRAVOS CRISTÃOS E SENHORES CRISTÃOS, 6.1,2

1. *Padrão de Conduta* (6.1)

A instituição escravagista era uma das maldições do mundo antigo. Alguém disse que os escravos carregavam o império romano nas costas. Quando a igreja cristã invadiu o mundo do século I era inevitável que o fato da escravidão suscitasse uma multidão de problemas. Entre os que acolheram com alegria a mensagem do evangelho, e impetuosamente adotaram a nova crença estavam muitos que se achavam nos grilhões da servidão involuntária. Com o passar do tempo, muitos senhores de escravos aceitaram a fé, apresentando a situação em que senhor e escravo, embora distantes em âmbitos econômicos e sociais, agora eram irmãos em Cristo na comunhão da igreja. As epístolas de Paulo tratam deste problema e esboçam padrões de conduta para orientar senhores e escravos. O primeiro versículo deste capítulo é um resumo perfeito do padrão de conduta detalhado em outros textos paulinos: **Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados** (1). C. K. Barrett sugere que Paulo tinha em mente os membros da igreja que eram escravos e também os pastores que eram escravos.¹ Sendo assim, a linguagem do apóstolo dá a entender que esta passagem é mais uma especificação sobre o assunto geral do pastorado.

Era impossível a igreja cristã atacar abertamente e de modo eficaz a instituição escravagista. Mas indiretamente, a igreja anunciou sinistramente o fim desta institui-

ção quando enfatizou a dignidade do homem e o valor supremo da individualidade. Enquanto isso, o conselho de Paulo é que os **senhores**, mesmo os pagãos, devem ser considerados “dignos de todo respeito” (BAB, BJ; cf. NVI).

2. Os Membros da Igreja (6.2)

Este versículo trata expressamente da situação em que **senhores** e escravos eram membros da mesma igreja cristã: **E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados** (2). A expressão **porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados** significa “pois com isso estão beneficiando aqueles que possuem a mesma fé e amor que eles próprios têm” (CH). Seria cruel tentação os escravos cristãos tirarem vantagem dos senhores cristãos, por serem irmãos em Cristo e estarem em base de igualdade diante de Deus. Deve ter havido a necessidade de grau surpreendente de paciência de ambas as partes para que esta relação desse certo. A menção freqüente de Paulo ao assunto sugere que era um problema melindroso e presente em todos os lugares durante o primeiro século da igreja. A exortação final: **Isto ensina e exorta** mostra a sensibilidade do assunto.

B. CONSEQÜÊNCIAS DO ENSINO FALHO, 6.3-5

Nestes versículos, o apóstolo retorna à sua polêmica contra os culpados de corromper a fé na igreja efésia: **Se alguém ensina alguma outra doutrina e se não conforma com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina que é segundo a piedade, é soberbo e nada sabe, mas delira acerca de questões e contendas de palavras, das quais nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas** (3,4). Esta é acusação tirânica e quase amarga contra os indivíduos descritos no capítulo 1, os quais estavam se desviando da posição cristã. Novidades doutrinárias são afastamentos do ensino sadio que a igreja herdou do seu Senhor — ensino que por si leva à graça transformadora de Deus. A caracterização que Paulo faz de tais apóstatas da fé é, para dizer o mínimo, pitoresca. As opções tradutórias de **soberbo e nada sabe** (4) são várias: “prepotente e nada entende” (BAB); “cego, nada entende” (BJ); “tanto é orgulhoso como tolo” (BV); “tolo convencido” (CH); “ignorante presunçoso” (NEB); “orgulhoso e nada entende” (NVI); “ênfatuado, nada entende” (RA); “pessoa inchada de orgulho” (J. N. D. Kelly; cf. NTLH). Isto está tão perto de ser uma crítica violenta como jamais o apóstolo se aproximou.

Paulo passa a mostrar que de tais ensinos e atitudes **nascem invejas, porfias, blasfêmias, ruins suspeitas, contendas de homens corruptos de entendimento e privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho. Aparta-te dos tais** (4,5). Atitudes como estas denunciadas aqui pelo apóstolo podem gerar uma progênie má, como “ciúmes, brigas, difamações, suspeitas malignas e discussões sem fim” (NEB; cf. NVI, NTLH). Estas coisas destroem a unidade e comunhão da igreja, entristecendo o Espírito Santo e aniquilando a eficácia do evangelho. “Esta é acusação triste, copiosamente exemplificada (meu Deus!) nos anais da igreja visível, recordando o ditado mordaz de que ‘a sucessão apostólica de Judas nunca falha’”.²

As palavras **cuidando que a piedade seja causa de ganho** (5) dão a entender que estes traidores da fé contavam em obter lucro monetário com os falsos ensinamentos. Parry desdobra essa ofensa em três itens: “Subentende-se: 1) que estes mestres confessavam ensinar o evangelho, 2) que, baseado nessa premissa, eles exigiam pagamento pelo trabalho, e 3) que o pensamento de ganhar dinheiro tinha primazia em seus motivos”.³

Este era o único procedimento que Timóteo tinha de implementar contra essa invasão de erro na igreja: **Aparta-te dos tais** (5). Não devemos tolerar semelhante infidelidade a Cristo. Este é um espírito com o qual não devemos argumentar ou tentar persuadir. Paulo aconselha ação categórica contra todos os que têm este temperamento profano.

C. OS PERIGOS DAS RIQUEZAS, 6.6-10

1. O Verdadeiro Ganho da Piedade (6.6-8)

Ao expor os falsos mestres, que não só corromperam a fé cristã, mas estipularam um preço para suas deturpações, o apóstolo é inspirado a dar uma palavra de sabedoria infinita: **Mas é grande ganho a piedade com contentamento** (6). A fé cristã é altamente rentável para quem a aceita com humildade e por inteiro e descobre para si a satisfação infinita que é viver para Cristo. Servir a Deus e aceitar alegremente tudo que ele enviar é a vida mais feliz que podemos imaginar. O **contentamento** não vem quando todos os nossos desejos e caprichos são satisfeitos, mas quando restringimos nossos desejos às coisas essenciais. Não há verdade que fale mais diretamente com a condição de nossa geração empanturrada do que esta. Quando perguntaram a Epicuro o segredo do contentamento, ele respondeu: “Não acrescente nada às posses de um homem, mas leve-o para longe do que ele deseja”. O próprio Paulo confirmou este segredo quando disse: “Já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Fp 4.11). A palavra grega traduzida por **contentamento** denota esta independência das circunstâncias, que é exatamente o que o apóstolo atesta com sua vida.

O versículo 7 é uma declaração bem conhecida, que ocorre em outras passagens bíblicas (Jó 1.21; Ec 5.15) e na literatura antiga: **Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele**. Barrett comenta com propriedade que “a nudez final da morte mostra e sublinha a nudez inicial do nascimento”.⁴ Entre estes dois pontos da história, podemos juntar muito ou pouco, mas na hora final teremos de deixar tudo. Podemos levar para a eternidade somente os valores inerentes ao nosso espírito, e só estes constarão na coluna *crédito* do livro-razão no dia de nossa prestação de contas final.

O apóstolo agora indica a que ponto tem de ir nosso “despojamento” para prestarmos serviço total a Cristo: **Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes** (8). João Wesley, no sermão “O Perigo das Riquezas”, faz a pergunta: “O que é ser rico?” e responde: “Tendo [...] sustento e com que nos cobrirmos” (lit., *coberturas*; a palavra grega diz respeito a alojamento e roupa) ‘estejamos com isso contentes’. ‘Mas os que querem ser ricos’ [...] [significa aqueles] que terão mais que isso; mais alimentos e *coberturas*. A conclusão óbvia é que tudo que for mais que estes, que, no sentido do apóstolo, são *riquezas*; tudo que estiver acima das coisas necessárias mínimas, ou no máximo das conveniências, para a subsistência da vida. Quem tem suficiente

comida para comer e roupa para vestir, com um lugar onde pôr a cabeça e com algo para pôr acima [teto] é rico”.⁵ Este é um padrão rigoroso, e por ele muitos de nós seríamos considerados ricos. Claro que a vida é infinitamente mais complexa hoje do que no século XVIII, e a prudência sensata requer que tenhamos uma visão um pouco mais ampla. Mesmo assim, temos de vigiar para não tornar o ganho financeiro a preocupação suprema da vida. Nunca devemos perder de perspectiva o aviso de nosso Senhor contra a “sedução das riquezas” (Mt 13.22).

2. O Perigo da Ganância (6.9,10)

Nestes versículos, o apóstolo aprofunda sua exortação: **Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências** (“desejos”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI) **loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína** (9). É verdade que nada ataca o homem com maior impetuosidade que o desejo de ganho financeiro, assim que der lugar em sua alma para este demônio da ganância. Os homens são ludibriados para pontos cada vez mais distantes dos princípios da honestidade e honra pelo prospecto de lucros fáceis. Quantos na vida pública se acham impotentes em resistir à tentação de obter vantagens ilícitas em fragorosa violação de escrúpulos outrora honrados! Paulo não exagerou os perigos que aguardam os que trilham esse caminho, quando disse que os tais afundarão num pântano de iniquidade, acabando em ruína total.

O versículo 10 é igualmente mordaz na apresentação desta verdade: **Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores**. O apóstolo quer dizer que o amor do dinheiro é a raiz de males de todos os tipos. É lógico que nem **toda espécie de males** tem sua origem no **amor do dinheiro**. Não obstante, temos razão em afirmar que o **amor do dinheiro** é uma das fontes mais prolíficas do mal. Paulo não foi o primeiro a sentenciar o **amor do dinheiro**; este conceito ressoava em grande parte da literatura ética judaica e gentia do século I. Mas a exortação do apóstolo elucida a ameaça especial à fé cristã. Sua análise relembra a advertência de Jesus: “Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lc 16.13).

D. METAS E RECOMPENSAS DA VIDA PIEDOSA, 6.11-16

1. Fuja e Siga (6.11)

Depois de pintar em cores tão sombrias os males do desejo de lucro, o apóstolo volta a lidar com o bem-estar espiritual de Timóteo: **Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BJ, CH, NTLH, RA), **a paciência, a mansidão**. Paulo não poderia ter feito apelo mais eloquente que este no qual ele distingue Timóteo como **homem de Deus**. Esta era a descrição habitual dos servos de Deus no Antigo Testamento. Ao usar esse título, o apóstolo fala da dignidade, da responsabilidade sublime e solene do cargo que Timóteo mantinha e que é mantido igualmente por todo líder cristão. A determinação de Paulo é: **Foge destas coisas**. O significado não é fugir somente da sedução das riquezas, mas de todas as atitudes más que foram expressas desde o capítulo 4. Há uma antítese interessante na ordem de fugir **destas coisas** e, de outro lado, seguir as virtudes particularmente desig-

nadas. É uma lista notável de virtudes que Paulo quer infundir. A lista começa com **justiça**, a mais inclusiva das virtudes; significa dar a Deus e aos homens o que lhes é devido. As três virtudes seguintes formam um grupo dirigido a Deus. **Piedade** é a consciência reverente que tudo na vida é vivido na presença e sob os olhos de Deus. **Fé** é a fidelidade que nos mantém firmes, mostrando lealdade a Deus em todas as situações. Amor (*agape*) é a expressão de gratidão e louvor de nossa alma pela maravilha da graça redentora. Por fim, Paulo infunde **paciência** e **mansidão**, que podem ser traduzidas por “firmeza” (CH; “constância”, BAB, RA; “perseverança”, NVI); e “bondade” (RSV). Estas são as características da vida cristã conforme é vivida em contato e companheirismo com as pessoas. O contraste entre estas virtudes e os males que Paulo denuncia não podia ser mais impressionante.

2. *Milite a Boa Milícia* (6.12)

Este versículo nos traz a imagem mental de um treinador instilando coragem e espírito de luta em seu time pouco antes do início de um jogo decisivo: **Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas** (12). A figura de linguagem que o apóstolo usa é derivada mais das competições esportivas do século I do que da vida militar. Devemos entender que o verbo **milita** é a luta agonizante requerida caso a pessoa quisesse vencer uma partida de luta romana. Paulo se servia de analogias visuais, tanto da vida do soldado quanto da do atleta. Todo cristão é chamado a batalhar a luta pessoal contra o mal em todas as suas formas. E, como destaca Kelly, “é de propósito que o imperativo está no presente, indicando que a luta é um processo contínuo. Por outro lado”, continua Kelly, “o imperativo aoristo ‘toma posse’ sugere que Timóteo pode tomar posse da vida eterna (aqui concebida como o prêmio para o evento esportivo) imediatamente e em um único ato”.⁶ Assim, o atleta cristão desfruta do prêmio ao mesmo tempo em que ainda se engaja na competição.

Paulo diz que Timóteo foi **chamado** para esta campanha vitalícia. Na verdade, ele possuía um **chamado** duplo: o **chamado** para seguir a Cristo, que foi selado na confissão pública de fé no batismo; e o **chamado** para pregar o evangelho, a cuja tarefa ele fora ordenado pelo próprio apóstolo e colegas que o ajudavam. Muitos intérpretes acham difícil determinar a qual destes chamados se refere a frase final do versículo. Esta tradução interpreta que o **chamado** ocorreu “quando você deu o seu belo testemunho de fé na presença de muitas testemunhas” (12, NTLH). Contudo, seria mais adequado considerar que essa frase final é outra alusão que o apóstolo faz à ordenação que ele freqüentemente menciona (e.g., 4.14).

3. *Incumbência Sagrada* (6.13-16)

Estes versículos estão investidos de alto grau de solenidade: **Mando-te diante de Deus, que todas as coisas vivifica, e de Cristo Jesus, que diante de Pôncio Pilatos deu o testemunho de boa confissão, que guardes este mandamento** (“seu chamado”, CH; “sua missão”, NTLH) **sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo** (13,14). Paulo deseja estampar na mente e consciência de Timóteo a importância de ser fiel à responsabilidade impressionante que está sobre ele na função de homem de Deus e líder de sua santa igreja. Temos de considerar esta obrigação

inviolável, na expectativa momentânea da volta de Cristo para julgar e recompensar. O apóstolo sempre se prendia ferrenhamente à esperança de que ele estaria vivo naquele glorioso Dia do Senhor. Mas aqui, diante de Timóteo, sua esperança é que o mais jovem possa estar vivo na ocasião para testemunhar essa consumação maravilhosa. Paulo nunca vacilou em sua certeza do retorno de Cristo; só a esperança de estar vivo no momento daquele evento é que lhe parece improvável agora. Mas bem que Timóteo poderia testemunhar a vinda daquele Dia. A ele, o apóstolo diz: “Eu o encarrego de viver e trabalhar sempre mantendo nitidamente em vista aquele Dia”.

Há solenidade na ordem do apóstolo, quando ele ressalta que todos os trabalhos e serviços de Timóteo são feitos sob os olhos de **Deus**, “que dá vida a todas as coisas” (13, CH; cf. BJ), e de **Cristo**, que não titubeou em sua confissão quando estava na presença de **Pilatos**. A consciência de que os olhos de Deus estão nele e a inspiração do exemplo corajoso do Senhor na hora da suprema prova dariam força ao coração e mãos do jovem. Há certo tom litúrgico nestes versículos. O apelo de Paulo à **boa confissão** que **Cristo** testemunhou **diante de Pôncio Pilatos** parece muito semelhante a uma frase no Credo Apostólico: “Sofreu diante de Pôncio Pilatos”. Esta linguagem estabelece o tom apropriado para a doxologia que se segue imediatamente.

A doxologia abrange os versículos 15 e 16: **A qual, a seu tempo, mostrará o bem-aventurado e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores; aquele que tem, ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver; ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.** A primeira frase do versículo 15, **a qual, a seu tempo**, refere-se obviamente à **aparição de nosso Senhor Jesus Cristo** do versículo 14. “Essa aparição Deus mostrará no devido tempo, que só Deus, na bem-aventurança eterna, domina” (NEB). Nosso Senhor declarou que estes grandiosos acontecimentos que se darão na consumação final são intercalados pelo próprio poder do Pai (At 1.7). E é onde têm de ficar.

Scott disse que esta doxologia é “mais semelhante aos hinos de louvor do Apocalipse do que às doxologias de Paulo. A sugestão pouco improvável é que se trata de um hino cristão moldado na liturgia da sinagoga”.⁷ Mas seja qual for a origem, é indiscutivelmente magnífica. **Rei dos reis e Senhor dos senhores** (15) pode ser um ataque sutil ao ato de cultuar o imperador, prática que fazia parte do paganismo crescente que a igreja foi forçada a resistir. **Aquele que tem, ele só, a imortalidade** (16) “não a nega a outrem, mas apresenta a singularidade da imortalidade divina no ponto em que só Deus a possui inerentemente, sendo ele mesmo a fonte de toda vida”.⁸ Esta é afirmação clara de sua transcendência e invisibilidade eterna — “aquele que vive em luz inatingível” (CH). Quando nos colocamos na presença de Deus, que palavras proferir? Paulo conclui este peão de louvor com a atribuição de **honra e poder**, em lugar do mais habitual “honra e glória” (cf. 1.17).

E. A ADMINISTRAÇÃO ADEQUADA DAS RIQUEZAS, 6.17-19

1. O Perigo das Riquezas (6.17)

À primeira vista, estes versículos parecem uma queda súbita da sublimidade à trivialidade. Logo após a magnífica doxologia de Paulo, ele imediatamente se volta a problemas práticos e mundanos: **Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos,**

nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos (17). Esta descida abrupta do tom apostólico, esta intrusão aparente de coisas terrenas, não é absolutamente intrusão. Na verdade, a intrusão são os versículos 11 a 16. No versículo 10, Paulo estava falando das riquezas mundanas e seus perigos potenciais. Mas nos versículos 11 a 16 ele divaga de modo totalmente paulino — e que esplêndida divagação! Agora, no versículo 17, ele retoma o tema que os parênteses inspirados tinham posto de lado.

Quando tratou este assunto pouco antes neste capítulo, o apóstolo tinha em mente as pessoas que almejavam riquezas. Aqui ele se dirige aos que já são **ricos**. Esta é revelação interessante sobre a situação econômica de pelo menos alguns membros da igreja em Éfeso. Nem todos os cristãos primitivos eram escravos e artesãos humildes. Havia homens de posse e boa situação financeira entre eles — e há perigo no aumento das **riquezas**. A sobriedade, empenho e prudência que o evangelho introduz na vida do crente têm de conduzir inevitavelmente ao aumento da prosperidade; e a prosperidade pode arruinar a fé cristã que é a base dessas novas disciplinas. Assim, as **riquezas** tornam-se inimiga da alma. E, como Paulo vê claramente, o principal perigo são os homens ficarem **altivos** (“arrogantes”, NVI; “orgulhosos”, BAB, BJ, NTLH, RA). Há algo relacionado às **riquezas** que promove um falso senso de segurança; é difícil ter muitas **riquezas** sem deixar de confiar nelas em certa medida. Paulo mostra discernimento ao se referir às **riquezas**, chamando-as **incerteza das riquezas** (ou “instabilidade da riqueza”, BAB, BJ, RA).

Outra razão para evitarmos o orgulho relacionado às **riquezas** é que **Deus... nos dá todas as coisas para delas gozarmos** (17). Tudo é de Deus, tanto as **riquezas** quanto a capacidade de adquiri-las. Na realidade, tudo que o homem desfruta das satisfações da vida, sejam quais forem as formas em que se apresentem, vem da generosidade de Deus.

2. A Verdadeira Mordomia das Riquezas (6.18,19)

Que façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente e sejam comunicáveis (“generosos em dar e prontos a repartir”, AEC, RA; cf. BAB); **que entesourem para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna** (18,19). Esta é a orientação cristã sobre o uso adequado das riquezas. Lembramos o conselho triplo de João Wesley dado aos metodistas que estavam prosperando: “Ganhem tudo que puderem, economizem tudo que puderem e dêem tudo que puderem”.⁹ O dinheiro nunca compra a salvação; mas o uso adequado e cristão do dinheiro contribui para a formação do caráter cristão e nos capacita a agarrar a vida eterna com mais firmeza. Phillips traduz o versículo 19 claramente: “A segurança deles deve ser investida na vida vindoura, a fim de se certificarem de que terão parte na vida que é real e permanente” (CH).

SEÇÃO IX

APELO FINAL DE PAULO

1 Timóteo 6.20,21

Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência; a qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém! (20,21). Nestas palavras, o apóstolo resume a grande preocupação que o levou a escrever esta carta, e dá ao jovem sua exortação final. Kelly afirma que “o tom fortemente pessoal é sinal de que, como de hábito, Paulo acrescentou estas linhas finais de próprio punho”.¹

O apóstolo fala sobre o **depósito** que fora **confiado** a Timóteo, usando “um termo legal que conota algo que é entregue à guarda de outra pessoa”.² É lógico que Paulo está se referindo à fé cristã, o “modelo das sãs palavras” (2 Tm 1.13), que Timóteo recebera do seu pai em Deus, o apóstolo. Timóteo é exortado a “fingir-se de surdo às conversas vazias e mundanas e às idéias contraditórias do assim chamado ‘conhecimento’” (NEB; cf. NTLH, NVI). Em nossos dias, o termo **ciência** assumiu significado altamente especializado que torna seu uso no contexto exortativo de Paulo altamente enganoso. O apóstolo se refere aos falsos ensinamentos que ele denuncia ao longo da carta. Concernente a estas “contradições do que é falsamente chamado ‘Conhecimento’” (Moffatt), Scott diz que “aqui, temos, talvez, a indicação mais clara nas epístolas de que o falso ensino era um tipo de gnosticismo. Seus representantes reivindicavam possuir uma ‘gnose’ ou conhecimento superior, embora, na opinião do escritor, eles estavam fazendo mal-uso de uma importante palavra”.³ As pessoas que sustentavam estes pontos de vista “tinham errado o alvo no que tange à fé” (21, tradução de Kelly).

A carta termina com uma palavra de bênção: **A graça seja contigo. Amém!** (21). O pronome grego traduzido por **contigo** está no plural; portanto, a tradução correta é: “A graça seja convosco” (AEC, BAB, RA; cf. BJ, CH, NVI). Ainda que a carta do apóstolo fosse endereçada a Timóteo, é claro que ele tinha em mente toda a igreja efésia quando escreveu a bênção de despedida.

Notas

A PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

INTRODUÇÃO

- ¹Donald Guthrie, *New Testament Introduction: The Pauline Epistles* (Chicago: InterVarsity Press, 1961), p. 198.
- ²Alfred Plummer, "The Pastoral Epistles", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1898), p. 5.
- ³Guthrie, *op. cit.*, p. 202.
- ⁴*Ib.*, p. 203.
- ⁵W. J. Lowstuter, "The Pastoral Epistles: First and Second Timothy and Titus", *The Abingdon Bible Commentary*, editado por F. C. Eiselen *et al.* (Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929), p. 1.275.
- ⁶Edwin Hatch, *The Organization of the Early Christian Churches* (Londres: Longmans, Green & Company, 1901), p. 63.
- ⁷Plummer, *op. cit.*, p. 33.
- ⁸Citado por Plummer, *op. cit.*, p. 34.
- ⁹N. J. D. White, "Introduction to the Pastoral Epistles", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 59.
- ¹⁰J. N. D. Kelly, "A Commentary on the Pastoral Epistles", *Harper's New Testament Commentaries*, editado por Henry Chadwick (Nova York: Harper & Row, 1963), pp. 25ss.

SEÇÃO I

- ¹John Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament* (Londres: The Epworth Press, 1950), p. 771.
- ²Fred D. Gealy, "The First Epistle to Timothy" (Exegesis), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1955), p. 376.
- ³White, *op. cit.*, vol. IV, p. 90.
- ⁴Plummer, *op. cit.*, pp. 21, 22.
- ⁵Wesley, *op. cit.*, p. 771.

SEÇÃO II

- ¹Plummer, *op. cit.*, p. 54.
- ²John Whitehead, *Lives of John and Charles Wesley* (Nova York: R. Worthington, 1881), p. 222.
- ³Wesley, *op. cit.*, p. 774.
- ⁴J. H. Jowett, *The Preacher: His Life and Work* (Nova York: Harper & Brothers, 1912), grifos meus.

SEÇÃO III

- ¹E. K. Simpson, *The Pastoral Epistles* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954), p. 40.

²G. Campbell Morgan, *The Answers of Jesus to Job* (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1935), cap. II.

³D. M. Baillie, *God Was in Christ* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948), p. 188.

⁴C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Developments* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), p. 7.

⁵Kelly, *op. cit.*, p. 65.

⁶Plummer, *op. cit.*, pp. 98, 99.

⁷Donald Guthrie, "The Pastoral Epistles", *The Tyndale New Testament Commentaries*, editado por R. V. G. Tasker (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957). p. 75.

⁸Kelly, *op. cit.*, p. 69.

SEÇÃO IV

¹Kelly, *op. cit.*, p. 75.

²E. F. Scott, "The Pastoral Epistles", *The Moffatt New Testament Commentary* (Londres: Hodder & Stoughton, 1936), p. 31.

³Kelly, *op. cit.*, p. 77.

⁴Simpson, *op. cit.*, p. 52.

⁵Barret, *op. cit.*, p. 60.

⁶B. S. Easton, *The Pastoral Epistles* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1947), p. 132.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 81.

⁸Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 84.

⁹Simpson, *op. cit.*, p. 57.

SEÇÃO V

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 89.

²Barrett, *op. cit.*, p. 66.

SEÇÃO VI

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", pp. 91, 92.

²Kelly, *op. cit.*, p. 95.

³Kelly, *op. cit.*, p. 68.

⁴Barrett, *op. cit.*, p. 70.

⁵Simpson, *op. cit.*, p. 70.

⁶N. J. D. White, "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus", *The Expositor's Greek Testament*, editado por W. Robertson Nicoll, vol. IV (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.), p. 126.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 105.

SEÇÃO VII

¹Scott, *op. cit.*, p. 55.

²*Ib.*, p. 56.

- ³Holmes Rolston, "1—2 Thessalonians, 1—2 Timothy, Titus, Philemon", *The Layman's Bible Commentary*, editado por B. H. Kelly *et al.*, vol. 23 (Richmond: John Knox Press, 1963), p. 86.
- ⁴R. St. John Parry, *The Pastoral Epistles* (Londres: Cambridge University Press, 1920), p. 29.
- ⁵Wesley, *op. cit.*, p. 780.
- ⁶Kelly, *op. cit.*, p. 115.
- ⁷Rolston, *op. cit.*, p. 87.
- ⁸Wesley, *op. cit.*, p. 781.
- ⁹*Ib.*
- ¹⁰Scott, *op. cit.*, p. 60.
- ¹¹Simpson, *op. cit.*, p. 78.
- ¹²Scott, *op. cit.*, p. 66.
- ¹³Rolston, *op. cit.*, p. 89.
- ¹⁴D. Miall Edwards, "Drunkenness", *International Standard Bible Encyclopaedia*, editado por James Orr *et al.*, vol. II (Chicago: The Howard-Severance Company, 1925), p. 881.
- ¹⁵William Barclay, "The Letters to Timothy, Titus, Philemon", *The Daily Study Bible* (Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1956), p. 139.

SEÇÃO VIII

- ¹Barrett, *op. cit.*, p. 82.
- ²Simpson, *op. cit.*, p. 84.
- ³Parry, *op. cit.*, p. 39.
- ⁴Barrett, *op. cit.*, p. 84.
- ⁵Wesley, *Works*, vol. VII, p. 3.
- ⁶Kelly, *op. cit.*, p. 141.
- ⁷Scott, *op. cit.*, p. 79.
- ⁸Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 117.
- ⁹Wesley, Sermão sobre "The Use of Money" (O Uso do Dinheiro), *Works*, vol. VI, pp. 124ss.

SEÇÃO IX

- ¹Kelly, *op. cit.*, p. 150.
- ²*Ib.*
- ³Scott, *op. cit.*, p. 83.

Esboço

A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

I. SAUDAÇÃO, 1.1,2

- A. O Escritor, 1.1
- B. O Destinatário, 1.2

II. TRIBUTO À ANTIGA FÉ DE TIMÓTEO, 1.3-5

- A. A Preocupação pelo Bem-Estar de Timóteo, 1.3,4
- B. A Herança de Timóteo, 1.5

III. PAULO ANIMA TIMÓTEO, 1.6-14

- A. Desperte o Dom de Deus que Existe em Você, 1.6,7
- B. Seja Destemido em Seu Trabalho, 1.8-10
- C. A Própria Designação de Paulo, 1.11,12
- D. A Importância do Ensino Sadio, 1.13,14

IV. LEALDADE E INFIDELIDADE, 1.15-18

- A. Falsos Amigos, 1.15
- B. Um Verdadeiro Amigo, 1.16-18

V. PAULO ACONSELHA TIMÓTEO, 2.1-26

- A. Seja Inflexível no Zelo pela Verdade, 2.1,2
- B. Seja Bom Soldado de Jesus Cristo, 2.3,4
- C. Recompensas Geradas pela Fidelidade, 2.5-7
- D. Pela Morte para a Vida, 2.8-13
- E. Como Lidar com os Falsos Mestres, 2.14-19
- F. Ensine a Verdade em Amor e Paciência, 2.20-26

VI. VIRÃO TEMPOS PERIGOSOS, 3.1-9

- A. Marcas de Degradação Moral Iminente, 3.1-5
- B. Até Hoje estas Condições se Mantêm, 3.6-9

VII. LEMBRE-SE DO MEU EXEMPLO, 3.10-15

- A. Os Sofrimentos de Paulo pela Causa de Cristo, 3.10,11
- B. A Firmeza é Essencial, 3.12-15

VIII. A INSPIRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS, 3.16,17

IX. AS DETERMINAÇÕES FINAIS DE PAULO, 4.1-18

- A. Pregue a Palavra, 4.1-5
- B. O Discurso de Despedida do Apóstolo, 4.6-8
- C. Pedidos Pessoais, 4.9-13
- D. Conselho Particular, 4.14,15
- E. Paulo se Alegra com a Fidelidade de Deus, 4.16-18

X. SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO, 4.19-22

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

2 Timóteo 1.1,2

Notamos diferença marcante quando passamos de 1 Timóteo para 2 Timóteo. A situação de Paulo mudou claramente para pior. Ele não é mais um homem livre fazendo planos para o futuro, com a mente repleta de altas expectativas. Agora ele é prisioneiro sem esperança humana. Não há prospecto de absolvição final, senão a resignação à pena de morte inevitável. Contudo, não há diferença no poder de recuperação espiritual do apóstolo, pois seu espírito indomável se eleva acima do que teria sido humor desesperadamente tenebroso. A fé de Paulo está sob a maior prova e mostra-se totalmente adequada. Há implicações emocionais que podem ser claramente detectadas, implicações que sua situação trágica não podia deixar de produzir. A carta é uma mensagem de adeus de alguém que sabe que a morte está muito próxima.

A. O ESCRITOR, 1.1

Paulo ainda é um homem engajado numa missão divinamente designada. Seu corpo está em cadeias, e a liberdade de movimento não lhe pertence mais, porém ele ainda é apóstolo de Cristo: **Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, segundo a promessa da vida que está em Cristo Jesus** (1). A expressão **pela vontade de Deus** tem autêntico tom paulino, pois é assim que ele descreve o seu chamado em 2 Coríntios, Efésios e Colossenses. A frase **segundo a promessa da vida que está em**

Cristo Jesus é digna de nota por duas razões. Paulo sente-se portador de uma mensagem vivificadora, cuja significação de modo algum é depreciada pelo fato de seu portador designado estar sob sentença de morte. Temos aqui um paradoxo que só os remidos entendem. A mensagem é significativa, porque traz a inconfundível assinatura paulina na expressão **que está em Cristo Jesus**. O princípio básico do misticismo de Paulo encontra-se no conceito “em Cristo”, e esta é uma ressonância óbvia desse conceito nas Epístolas Pastorais. Esforços valorosos têm sido feitos para provar que há um significado totalmente diferente aqui do que a expressão transmite nas outras cartas paulinas, mas foram todos inúteis. De acordo com Kelly, tais teorias não recebem “apoio de uma passagem como esta, em que o senso místico ‘em união com Cristo’ seja completamente adequado e as alternativas propostas são forçadas e antinaturais”.¹

B. O DESTINATÁRIO, 1.2

A Timóteo, meu amado filho: graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai, e da de Cristo Jesus, Senhor nosso (2). A nota de afeto que soa na referência de Paulo **meu amado filho** é mais forte e mais emocionante que a descrição em 1 Timóteo 1.2. Isso revela a consideração afetuosa e carinhosa que o apóstolo sentia por seu filho favorito no evangelho. A tríade na bênção paulina **graça, misericórdia e paz** é repetição exata da primeira carta (1 Tm 1.2). Como destaca M. P. Noyes: “Hoje, as palavras deste versículo são freqüentemente usadas como bênção no encerramento de um culto na igreja ou de uma reunião religiosa”.²

SEÇÃO II

TRIBUTO À ANTIGA FÉ DE TIMÓTEO

2 Timóteo 1.3-5

A. A PREOCUPAÇÃO PELO BEM-ESTAR DE TIMÓTEO, 1.3,4

Era habitual nas cartas dos tempos antigos colocar, imediatamente depois da saudação, expressões de preocupação pelo bem-estar do destinatário. Em geral, Paulo segue esta convenção, embora por alguma razão, dentre as três Epístolas Pastorais só aqui ele o fez: **Dou graças a Deus, a quem, desde os meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, porque sem cessar faço memória de ti nas minhas orações, noite e dia** (3). O apóstolo está falando de seu histórico até certo ponto totalmente diferente do que escreveu na primeira carta. Lá (1 Tm 1.13), ele diz que outrora era “blasfemo, e perseguidor, e opressor”, ao passo que aqui ele fala em servir ao **Deus** dos seus **antepassados** com uma **consciência** boa. Estas duas atitudes não são mutuamente excludentes. Na primeira carta, ele estava pensando em sua oposição a Cristo, a quem, até que os seus olhos se abriram, ele considerava impostor. Nesta carta, ele admite que houve em sua vida certa continuidade entre judaísmo e cristianismo. Ainda que reconhecesse as fraquezas inerentes ao judaísmo sem o seu cumprimento em Cristo, ele nunca deixou de apreciar os valores permanentes de sua herança. Esta verdade se mostra claramente em Romanos 9.3-5 e novamente em Filipenses 3.4-6.

O apóstolo nos dá quase que casualmente um vislumbre da intensidade e continuidade de sua vida de oração. Timóteo é levado ao trono da graça **noite e dia** (3). Paulo declara o mesmo fato concernente às suas igrejas e companheiros no evangelho. Como é ampla a solidariedade e como é grande a preocupação de alguém que tinha responsabili-

dade tão constante! Chegamos a pensar que entre as pressões da vida prisional ele tenha querido dar uma pausa nessa tremenda responsabilidade. Contudo, sua responsabilidade pela obra de Deus é ainda maior que antes, agora que a voz pregadora fora silenciada.

Vemos claramente o profundo sentimento do apóstolo por Timóteo e a grande solidão de sua situação: **Desejando muito ver-te... para me encher de gozo** (4). Paulo era uma pessoa que tinha saudades de seus amigos e que se sentia confortado e fortalecido com a solidariedade e entendimento de seus companheiros em Cristo. Encontramos essa atitude repetidamente nesta carta; por exemplo, em 4.9: “Procura vir ter comigo depressa”; e em 4.21: “Procura vir antes do inverno”. Suas cartas às igrejas também contêm expressões de afeto a indivíduos a quem ele nomeia. Não há palavras que expressem a preciosidade de companheirismo dessa qualidade, o qual só ocorre no contexto da fé cristã.

O apóstolo recorda a aflição de Timóteo na despedida da última vez que se viram: **Lembrando-me das tuas lágrimas** (4). O texto não diz quando isso ocorreu, mas poderia ter sido a ocasião em que Paulo foi encarcerado pela segunda vez e levado para Roma para o aprisionamento final. Ver de novo o jovem Timóteo, como diz esta versão, “torna minha felicidade completa” (NEB; cf. BAB, NVI).

B. A HERANÇA DE TIMÓTEO, 1.5

Neste momento, Paulo lembra a herança de fé de Timóteo: **Trazendo à memória a fé não fingida que em ti há, a qual habitou primeiro em tua avó Lóide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também habita em ti** (5). Ao falar da **fé não fingida** de Timóteo, o apóstolo não está pensando na fé que “é dom de Deus” (Ef 2.8), mas na reação ao amor de Deus em Cristo que fluía espontaneamente do coração de Timóteo. Esta mesma reação caracterizou a atitude da **mãe** e da **avó** do jovem. Talvez isso queira dizer que a **avó Lóide** foi o primeiro membro da família a aceitar Cristo como Salvador e Senhor, e que ela foi instrumento para levar os demais membros a aceitar a fé cristã. Ou, como é mais provável, Paulo está se referindo à atitude de fidelidade e devoção religiosa que vinham caracterizando a família de Timóteo por, no mínimo, três gerações, começando no judaísmo e atingindo sua plenitude e desenvolvimento no reconhecimento de Cristo Jesus como Messias e Senhor. No versículo 3, Paulo falou com apreço de um histórico semelhante a este sobre sua própria vida. Paulo e Timóteo tinham crescido entre os judeus da Dispersão que estavam “esperando a consolação de Israel” (Lc 2.25) e a acharam em Jesus.

SEÇÃO III

PAULO ANIMA TIMÓTEO

2 Timóteo 1.6-14

A. DESPERTE O DOM DE DEUS QUE EXISTE EM VOCÊ, 1.6,7

Por este motivo, te lembro que despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos (6). Phillips traduz as palavras **por este motivo** assim: “por causa dessa fé” (CH). Isso dá a entender que é a confiança resoluta de Paulo na realidade da devoção de Timóteo a Cristo que ocasiona a exortação: **Despertes o dom de Deus, que existe em ti pela imposição das minhas mãos**. Em 1 Timóteo 4.14, o apóstolo expressa de forma negativa este mesmo conselho: “Não desprezes o dom que há em ti”. Esta é uma necessidade perene no coração de todos os cristãos, sobretudo daqueles que são promovidos à posição de líderes na igreja. Corremos o perigo constante de nosso ardor diminuir e de nossos passos afrouxarem. Precisamos renovar periodicamente nosso compromisso e reafirmar nossa lealdade; “ponhas em chamás o dom de Deus” (NEB; cf. NVI). Este é o significado básico de despertamento, o qual tem de ocorrer periodicamente em todos nós.

A alusão à **imposição das minhas mãos** (6) mostra que Paulo tem em mente as qualificações divinamente dadas a Timóteo para a obra do ministério. Se estas qualificações não foram dadas no culto de ordenação, foram certamente afinadas e postas em evidência nessa experiência.

No versículo 7, Paulo destaca pelo menos uma parte deste dom espiritual: **Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação** (7). Esta tradução é boa: “Pois o espírito que Deus nos deu não é espírito covarde,

mas de inspirar força, amor e autodisciplina” (NEB). Não temos justificativa em presumir, como fazem alguns, que Timóteo estivera desempenhando o papel de covarde em seu trabalho em Éfeso, pelo que está sendo categoricamente repreendido. Na verdade, Paulo é gentil em sua repreensão, não usando o pronome “te”, mas **nos**, como se se incluísse com Timóteo. A tarefa que Timóteo foi chamado a fazer pode ter exigido qualidades que não eram inatas a alguém de índole calma, mas que devem ser desenvolvidas para que a obra de Deus prospere. Um espírito de ousadia santa é a ordem do dia; uma força vigorosa, um amor que é de qualidade e origem divinas e um autodomínio que torna o espírito submisso a Deus, o dominador do corpo.

B. SEJA DESTEMIDO EM SEU TRABALHO, 1.8-10

Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro seu (8). Este sentimento incipiente de vergonha concernente ao testemunho de Cristo pode não fazer parte da experiência de alguém tipicamente extrovertido. Mas para pessoas naturalmente tímidas, como Timóteo evidentemente era, pode ser penosa prova de lealdade. Paulo exorta a Timóteo a livrar-se disso resolutamente. A propensão a ter vergonha de Paulo, o **prisioneiro** de Deus, pode advir do fato de que o apóstolo fora inserido no rol dos criminosos e agora sentia o peso cruel da justiça pagã. Além disso, o cristianismo estava vivendo sob condições novas e perigosas. Já não era tolerado como antes, mas era considerado (equivocadamente, claro) como inimigo do estado. Dar testemunho franco e aberto da fé que alguém tivesse em Cristo poderia pôr a vida em risco de quem o desse. Testemunhar destemidamente exigia coragem de determinado tipo. Paulo manda Timóteo não recuar: **Antes, participa das aflições do evangelho, segundo o poder de Deus** (8). Esta ordem significa, literalmente, “tomar parte nos maus-tratos de outrem”.¹ E Paulo lhe garante que ele suportará “com a força que vem de Deus” (NTLH; cf. CH).

Os versículos 9 e 10 fazem um resumo paulino tipicamente do milagre da graça divina que Deus revelou na obra de redenção em Cristo: “Deus” (NTLH) **nos salvou e chamou com uma santa vocação; não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos** (9). Já é um fato realizado que Deus **nos salvou**. Esta é a posição segura do verdadeiro cristão. A salvação, neste sentido, não é transferida para o futuro distante, mas é a experiência atual do crente. Não obstante, há um propósito crescente na misericórdia de Deus e um crescimento na graça que levam a um enriquecimento contínuo dessa experiência. Deus **nos chamou com uma santa vocação**. Isto significa mais que uma santidade existente só de nome ou que é meramente imputada ao crente pela santidade suprema de Deus; significa que o crente é liberto dos seus pecados e da culpa e poder que neles há. A **vocação** de Deus é a uma experiência e vida que acarreta numa consagração completa, da parte do crente, e numa limpeza interior completa, da parte de Deus. Mas Paulo avisa imediatamente que isto **não é segundo as nossas obras**, pois estas são totalmente indignas. Mas é **segundo o próprio propósito e graça** de Deus. A iniciativa é de Deus neste assunto. É ele que nos desperta de nossa morte no pecado e nos chama à santidade; e é através de suas intercessões pelo seu Espírito

que o aceitamos — aceitação que é possibilitada unicamente por sua **graça** capacitadora. O milagre da transformação humana é totalmente proveniente de Deus, embora nosso consentimento em total liberdade seja essencial para a sua realização. E tudo isto pertence aos conselhos e propósitos eternos de Deus, uma misericórdia **que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos dos séculos** (9; ou “antes do início dos tempos”, CH; cf. BV, NTLH).

O versículo 10 revela que a resolução de Deus redimir e salvar os homens do pecado **é manifesta, agora, pela aparição de nosso Salvador Jesus Cristo**. O plano de salvação de Deus não é uma reflexão tardia ou plano emergencial encontrado pelo Criador depois que outros planos fracassaram. A entrada de Deus na história por meio de Cristo é um cumprimento no tempo certo do grande desígnio de Deus Todo-poderoso concebido na eternidade.

A vinda de Cristo representa uma invasão no tempo pela eternidade, uma escatologia realizada, como C. H. Dodd² a concebeu; um desfrute nesta vida atual das “virtudes do século futuro” (Hb 6.5). Paulo afirma, por conseguinte, que Jesus **aboliu a morte e trouxe à luz a vida e a incorrupção, pelo evangelho** (8). Esta é afirmação surpreendente, e de certo modo estranha na boca de alguém que está a ponto de morrer! (cf. 4.6-9). Em que sentido ousamos crer que Cristo **aboliu a morte**? Simpson diz que o verbo grego traduzido por **aboliu**, conforme Paulo o empregou, “significa fazer nugatório, frustrar, anular, desmantelar”.³ Repare nesta tradução: “Jesus Cristo [...] quebrou o poder da morte” (BV; cf. NTLH, NVI). A própria vitória de nosso Senhor sobre a morte privou-a de qualquer terror que ela tivesse, de cujo fato o testemunho triunfante de Paulo nesta carta é prova clara. Porque Cristo trilhou este caminho antes de nós, não precisamos temer em segui-lo. Não só a **morte** foi abolida, mas a **vida** e a **incorruptão** foram trazidas à plena **luz** e colocadas ao alcance da fé. Temos aqui uma mistura estranha, mas sublime, de dois mundos. A **vida** diz respeito ao tempo, enquanto que a **incorruptão** pertence à eternidade; mas, por Cristo, ambas são postas ao nosso alcance aqui e agora.

C. A PRÓPRIA DESIGNAÇÃO DE PAULO, 1.11,12

Temos de admitir que o versículo 11 pertence gramaticalmente ao versículo 10. Contudo, no versículo 11 a direção do pensamento de Paulo muda de uma avaliação sublime da obra da graça de Deus para a sua responsabilidade a essa obra: **Para o que fui constituído pregador, e apóstolo, e doutor** (“mestre”, AEC, BAB, CH, NTLH, NVI, RA) **dos gentios** (11). Os termos **pregador, apóstolo e doutor** talvez tivessem diferenças claras na igreja primitiva, mas Paulo não está pensando em tais distinções quando cita estes termos no esforço de mostrar a magnitude de sua tarefa como arauto do evangelho de Cristo. Sua confiança na designação divina para esta tarefa nunca vacilou. Em certa passagem ele chega a afirmar que mesmo antes de nascer ele foi escolhido de Deus para este ministério (Gl 1.15). Se o seu sentimento de missão fosse vacilar, seguramente seria nas circunstâncias atuais: prisioneiro e, quase certo, condenado à morte. Contudo, sua consciência vocacional é tão radiantemente clara nestas circunstâncias quanto em tempos mais propícios.

O apóstolo admite francamente que foi sua lealdade inflexível ao chamado de Deus que lhe ocasionou essas atuais dificuldades: **Por cuja causa padeço também isto** (12). O verdadeiro segredo de sua fortaleza acha-se na confissão magnífica da certeza que se segue imediatamente: **Porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia** (12). É digno de nota que neste testemunho Paulo use **em quem** e não “no que”. O que ele está confessando não é mera assinatura a uma proposta, mas amor e lealdade a uma Pessoa. Esta é uma característica essencial da fé cristã. Não é suficiente termos um *credo* pessoal relativo a Cristo, por mais importante que isso seja no seu devido lugar. Tem de haver uma comunhão de amor com uma Pessoa — ninguém mais que Jesus — para que nossa fé seja verdadeiramente cristã.

Concernente à certeza de Paulo de que Cristo pode **guardar** aquilo que lhe foi depositado, encontramos certa ambigüidade no original grego. As palavras **o meu depósito** são tradução literal do termo grego; e esta é uma palavra que ocorre frequentemente nas Epístolas Pastorais. Exceto aqui, sempre se refere à mensagem cristã que foi depositada ou entregue a Paulo e Timóteo. Este **depósito** pode significar “o que lhe confiei” (NVI) ou “aquilo que ele me confiou” (NTLH). Pelo original grego cabem ambos os significados. Considerando que qualquer interpretação é correta, o leitor faz a sua escolha.

Esta incerteza de interpretação, porém, tem solução. É provável que o coração devoto dos cristãos de todas as eras recebe maior consolo e autoconfiança na tradução mais conhecida: **Eu sei em quem tenho crido e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele Dia**. Nas crises de nossa experiência da graça de Deus, quando colocamos o futuro desconhecido à disposição da vontade de Deus, nossa alma se consola e se fortalece na certeza do poder mantenedor de Deus. E nos momentos em que a obediência é difícil e o caminho à frente está encoberto em escuridão e incerteza, encontramos nessa certeza a força para prosseguir sem transigir ou hesitar. O grande testemunho de Paulo torna-se um brado de ânimo ao espírito extremamente provado e um dos textos mais queridos e amados do Novo Testamento.

D. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO SADIO, 1.13,14

Agora Paulo dedica-se à exortação relativa à integridade da mensagem cristã que Timóteo recebeu: **Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, CH, NTLH) **que há em Cristo Jesus** (13). Esta é uma passagem que os proponentes de uma data recente destas cartas e da autoria não-paulina se agarram com avidez. Superficialmente, a exortação *parece* vagamente de época posterior, quando fórmulas de *credo* se tornaram questão de maior importância. Mas o apóstolo não está exigindo adesão servil à fórmula de palavras fixas e aceitas, na qual as palavras por si só expressem a fé ortodoxa. Como ressalta Kelly: “Paulo não está dizendo que Timóteo deva reproduzir seu ensino palavra por palavra. [...] O termo grego traduzido por ‘modelo’ denota o croqui ou projeto básico usado por um artista ou, na literatura, o rascunho rudimentar que forma a base para uma exposição mais ampla”.⁴ Não era a responsabilidade de Timóteo “papaguear” a mensagem do seu mentor apostólico, mas falar a palavra de Deus com plena liberdade, ao mesmo tempo em que cuida para que a autenticidade da mensagem cristã não sofra mudanças.

A mesma observação é feita mais inteiramente no versículo 14: **Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós**. Moffatt traduz este versículo assim: “Mantém intactas as grandes certezas de tua fé, pela ajuda do Espírito Santo que mora em nós”. Ao falar assim, o apóstolo reconhece uma das grandes verdades da experiência cristã: que o **Espírito Santo que habita em** nosso coração é o grande Conservador da ortodoxia. Os períodos na vida da igreja em que o **Espírito Santo** esteve evidentemente presente em poder sumamente vivificador também foram os períodos em que a verdade foi pregada com pureza e poder. Estas duas realidades são inseparáveis e sempre têm de permanecer assim.

SEÇÃO IV

LEALDADE E INFIDELIDADE

2 Timóteo 1.15-18

A. FALSOS AMIGOS, 1.15

A firme confiança em Deus, da qual o apóstolo tem falado, e a devoção a Cristo e sua igreja, que ele e Timóteo têm em comum, suscita em Paulo recordações dolorosas e infelizes de sofrimentos causados por falsos amigos: **Bem sabes isto: que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim; entre os quais foram Fígelo e Hermógenes.** A Ásia mencionada aqui é a província romana da Ásia, cuja capital era Éfeso (ver Mapa 1). É evidente que no tempo de extrema necessidade do apóstolo, provavelmente quando ele foi encarcerado pelas autoridades romanas, muitos de quem ele tinha razões para esperar amizade e assistência contentaram-se covardemente em abandoná-lo ao seu destino. Esse abandono não significa que essas igrejas repudiaram totalmente a autoridade apostólica de Paulo; nem o uso que o apóstolo faz da palavra **todos** quer dizer que ele não teve nenhum amigo corajoso. Dois homens de quem ele esperava certa medida de ajuda foram **Fígelo e Hermógenes**, os quais se afastaram dele. Paulo não está reprovando-os, mas informa o que já era fato notório. Kelly traduz as palavras iniciais do versículo 15 assim: “Tu deves estar ciente” (cf. RA). Se Timóteo estava bem informado sobre esta falta de coragem dos dois homens nomeados, então provavelmente era assunto de conhecimento geral.

B. UM VERDADEIRO AMIGO, 1.16-18

Nesse contexto, a lealdade e cuidado de **Onesíforo** se destacam em cores fortes e vívidas, e Paulo lhe expressa gratidão eterna por isso: **O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou** (“reanimou”, BAB, CH, NVI; cf. NTLH, RA) **e não se envergonhou das minhas cadeias** (16). O fato de o apóstolo falar da **casa** (ou “família”, BJ, NTLH) **de Onesíforo** dá a entender que, quando Paulo estava escrevendo esta carta, **Onesíforo** já havia morrido. Certos intérpretes chegam a ponto de acreditar que ele morreu por agir como amigo de Paulo. Seja como for, a amizade fiel e a fraternidade cristã deste homem reanimaram o apóstolo **muitas vezes** (Moffatt traduz assim: “ele me deu forças”).

O versículo 17 elucida até que ponto **Onesíforo** estava disposto a ir para ajudar Paulo: **Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou**.

Podemos apenas imaginar o que deve ter significado para o apóstolo, que definhava na prisão, ver um rosto conhecido e amigável. Há algo extremamente comovedor quando Paulo declara que Onesíforo **com muito cuidado me procurou e me achou** (17). P. N. Harrison escreve que “há uma história dramática por trás do registro suscito, mas sugestivo, que Paulo faz dessa procura em **Roma**. Temos um vislumbre de alguém de rosto determinado em meio de multidão aglomerada, e seguimos com interesse cada vez maior este estrangeiro proveniente do distante litoral do mar Egeu, enquanto ele se enfia pelo labirinto de ruas desconhecidas, batendo em muitas portas, checando toda pista, avisado dos riscos que corre, mas não demovido de sua busca; até que numa prisão obscura uma voz conhecida o cumprimenta, e ele encontra Paulo preso a um soldado romano”.¹ Não admira que Paulo sentisse gratidão tão profunda por esse exemplo de fraternidade cristã!

No versículo 18, o apóstolo expande sua bênção: **O Senhor lhe conceda que, naquele Dia, ache misericórdia diante do Senhor. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu**. A expressão **naquele Dia** refere-se evidentemente ao Dia do Julgamento.

Este versículo apresenta um problema para muitos intérpretes, porque, na suposição de que Onesíforo tenha morrido antes da escrita da carta, o linguajar do apóstolo parece uma oração pelos mortos. Na verdade, este assunto não merece a quantidade de atenção que recebeu. Como destaca Kelly: “A oração em questão [...] é sumamente geral, equivalendo apenas à recomendação do falecido à misericórdia divina”.² Este problema desaparece completamente se aceitarmos a interpretação de E. K. Simpson de que Onesíforo não estava morto, mas longe da família e provavelmente ainda em Roma, tendo adiado sua volta para casa por ter-se preocupado com o amado apóstolo.³

SEÇÃO V

PAULO ACONSELHA TIMÓTEO

2 Timóteo 2.1-26

A. SEJA INFLEXÍVEL NO ZELO PELA VERDADE, 2.1,2

No capítulo 1, Paulo mencionou o fracasso de alguns homens na devoção ao evangelho e, colocando em contraste, falou da lealdade infalível de Onesíforo. Tendo formado este contexto, ele direciona sua exortação a Timóteo: **Tu, pois, meu filho, fortifica-te na graça que há em Cristo Jesus** (1). O tom do tratamento inicial do capítulo é enfático, mal aparecendo na tradução. Kelly oferece esta opção tradutória: “Cabe a ti, então, meu filho, ser forte”. Paulo lembrou Timóteo da ordenação, dos votos assumidos e do exemplo de maior dedicação que o próprio apóstolo está lhe mostrando. Agora chegou a vez de o jovem mostrar o valor que nele há e, por seu turno, dar exemplo semelhante de consagração abnegada à tarefa cristã. O dia do apóstolo está quase no fim; mas a presente época pertence a Timóteo, e a mensagem cristã está, para o bem ou para o mal, em suas mãos. Não em si mesmo, porém, nem na própria força ele conseguirá desempenhar a tarefa. Só pela graça de Deus ele será leal à sua missão.

Além disso, Paulo está olhando muito à frente do período em que Timóteo for o guardião da mensagem de salvação. O jovem também tem de cuidar da integridade futura deste grandioso depósito da verdade: **E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros** (2). Em sentido literal, Timóteo recebeu a mensagem do apóstolo. Fora ele que declarara a verdade relativa a Jesus para a família de Timóteo, resultando em três gerações de seguidores de Cristo. Mas Timóteo também testemunhara a pregação missionária de Paulo em numerosas situações — experiência que muito deve ter aumentado seu

conhecimento do evangelho. Além disso, o apóstolo, auxiliado por outros pastores da igreja, ordenara Timóteo para a obra do ministério. Não há que duvidar que nesta ocasião fora colocada uma missão séria no coração do jovem. Nada disso fora feito às escondidas, mas **entre muitas testemunhas**. Há suficiente razão para concluirmos que o apóstolo tinha todas estas informações em mente quando falou do **que de mim... ouviste**. E agora Paulo o admoesta a transmitir o que recebeu **a homens fiéis**, os quais, por sua vez, os transmitirão a outros com toda a pureza e poder originais.

É verdade séria e tremenda que a mensagem salvadora que trouxe tais riquezas espirituais à nossa vida tenha vindo de inumeráveis gerações de crentes que nos precederam. É nossa responsabilidade garantir sua autenticidade, mantê-la intacta e passá-la adiante aos que vierem depois de nós, sem lhe diminuir a riqueza, pureza e poder. Nem é preciso dizer que este ideal não foi atingido em todas as ocasiões. O resultado é que a mensagem cristã às vezes fica diluída ou é poluída, requerendo que em toda geração haja a restauração da glória e poder primitivo do evangelho. Este poder surpreendente de auto-renovação na mensagem cristã é uma das maravilhas e glórias do evangelho.

B. SEJA BOM SOLDADO DE JESUS CRISTO, 2.3,4

De que forma o líder cristão pode se condicionar para esta tarefa? A resposta de Paulo está nestes versículos. **Sofre, pois, comigo** ("suporte comigo", NVI), **as aflições, como bom soldado de Jesus Cristo** (3). Aqui e nos versículos seguintes, o apóstolo se serve de três analogias: o **soldado**, o atleta e o agricultor. A analogia militar é a favorita de Paulo, não porque ele fosse de mente militar, mas porque no império romano era comum as pessoas verem soldados, e, mais ainda, porque a vida de **soldado** era uma analogia esplêndida para a vida cristã. Infelizmente, nós também estamos familiarizados com as exigências impostas no **soldado**. Servir nesta atividade rigorosa requer um extensivo condicionamento físico. Todos que passam pelo campo de treinamento de recrutas sabem como é difícil fortalecer o corpo ao ponto em que a força seja igual às exigências requeridas. Mas é necessário algo comparável a isso para o cristão, sobretudo para o ministro. **Sofre... as aflições**, diz Paulo. Aceite as dificuldades, privações e perigos com um espírito submisso como parte da tarefa de **soldado** no exército de Cristo.

O apóstolo amplia esta analogia no versículo 4: **Ninguém que milita se embarça com negócio desta vida, a fim de agradar àquele que o alistou para a guerra**. Seria difícil achar analogia mais adequada que esta para a consagração exigida do cristão. Quando o indivíduo se tornar soldado, ele é separado da sociedade, com a qual esteve familiarizado por toda a vida, e apresentado a uma comunidade nova e altamente especializada. Ele é despido de roupas próprias e vestido com um equipamento fornecido pelo governo. Suas idas e vindas são feitas unicamente sob ordens ou com permissão expressa. Dorme onde lhe dizem para dormir e come o que lhe for dado. Na verdade, sua vida está à disposição do governo; caso surja ocasião, ele pode ser considerado sacrificável por motivos estratégicos. Essa é a consagração de alguém alistado **para a guerra**; em cada detalhe, temos um paralelo total à vida do crente inteiramente entregue a Cristo. O soldado não pode dar baixa a qualquer momento, por mais desejável que seja. Ele não é de si mesmo, mas pertence a outrem.

C. RECOMPENSAS GERADAS PELA FIDELIDADE, 2.5-7

No versículo 5, Paulo passa para a analogia do atleta: **E, se alguém também milita, não é coroado se não militar legitimamente**. Esta declaração revela vividamente outro dos interesses de Paulo: a bravura física. O apóstolo tinha em mente os Jogos Olímpicos da Grécia antiga. Isto era algo obsessivo no mundo antigo, onde cada cidade tinha um estádio e as competições atléticas eram a ordem do dia. Esta tradução do versículo torna o significado mais claro: “Semelhantemente, nenhum atleta é coroado como vencedor, se não competir de acordo com as regras” (NVI; cf. AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, RA). Isto significa as regras estipuladas para determinado jogo ou competição atlética. Mas é provável que haja um significado mais amplo. Como destaca Scott: “É a preparação para a competição que está em discussão e não a competição em si. O atleta não tem chance de vitória a menos que obedeça a certas condições prévias; ele tem de passar pelo treinamento necessário e limitar-se a determinada dieta. Como o soldado, ele precisa deixar tudo com o único objetivo de ganhar a disputa”.¹

A terceira das analogias de Paulo é o agricultor: **O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a gozar dos frutos** (6). Para fazer a colheita, o agricultor tem de se consumir no trabalho, preparando a terra, semeando a semente, vigiando contra secas e pragas, até finalmente **gozar dos frutos** do seu trabalho.

Com essas analogias, Paulo quer dizer uma coisa só. Pois, quer seja a expectativa do soldado em obter a vitória final, a visão do atleta em receber a coroa ou a esperança do agricultor em fazer a colheita, “cada um se submete à disciplina e labuta por causa da glória que haverá”.²

O apóstolo deseja que Timóteo entenda em que ele está insistindo: **Considera o que digo, porque o Senhor te dará entendimento em tudo** (7). Por advertência, aviso, exortação e, agora, por analogia, Paulo detalhou o tipo de dedicação que ele espera do seu jovem assistente. “Reflete no que eu digo”, diz o apóstolo, “e confia em Deus que te dará sabedoria e orientação” (cf. BAB, BV, CH, NTLH, NVI, RA).

D. PELA MORTE PARA A VIDA, 2.8-13

1. *O Exemplo de Nosso Senhor* (2.8-10)

No empenho do apóstolo em encorajar e inspirar Timóteo a se dar sem reservas à tarefa de liderança cristã, Paulo culmina seu apelo destacando o Senhor Jesus: **Lembra-te de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dos mortos, segundo o meu evangelho** (8). O Mestre santo é o exemplo supremo de devoção, ao qual Timóteo é exortado a imitar. A **descendência de Davi** é expressão que mostra a verdadeira identidade de Cristo Jesus com nossa raça humana. A tônica aqui está no “homem Cristo Jesus”. Mas junto com o reconhecimento da humanidade de nosso Senhor está o fato glorioso da sua ressurreição. Como ressalta Barclay: “O tempo do verbo grego que Paulo usa não implica num ato definido no tempo, mas num estado contínuo que dura para sempre. Paulo não está dizendo a Timóteo apenas: ‘Lembra-te da ressurreição de Jesus em si’; mas: ‘Lembra-te de Jesus para sempre ressuscitado e para sempre presente; lembra-te do teu Senhor ressurreto e sempre presente’”.³

Estas palavras do apóstolo relembram a passagem de Romanos 1.3,4: “Acerca de seu Filho, que nasceu da descendência de Davi segundo a carne, declarado Filho de Deus em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos — Jesus Cristo, nosso Senhor”. C. H. Dodd acredita que nesta passagem em Romanos “Paulo está citando quase que exatamente uma confissão comum de fé”.⁴ Aqui em 2 Timóteo, o versículo que estamos analisando também poderia ser um trecho de um credo antigo e bem conhecido. A frase — **segundo o meu evangelho** — dá o autêntico tom paulino à oração gramatical.

Fora a lealdade inabalável do apóstolo a este evangelho que o levava à sua atual situação difícil: **Pelo que sofro trabalhos e até prisões, como um malfeitor; mas a palavra de Deus não está presa** (9). A palavra grega traduzida por **malfeitor** quer dizer, literalmente, “criminoso comum” (cf. BV, NTLH). É a palavra usada em Lucas 23.32,33,39 para descrever os malfeitores que foram crucificados juntos com Jesus. A tradução de Phillips deixa o texto claro: “Por pregar isso, tenho de suportar a condição de algemado nesta prisão, como se fosse alguma espécie de criminoso” (CH). Mas embora o apóstolo estivesse preso, **a palavra de Deus não está**. Paulo descobrira esta verdade gloriosa no seu primeiro aprisionamento, quando relata que “as coisas que me aconteceram contribuíram para maior proveito do evangelho” (Fp 1.12). Não há dúvida de que o seu segundo encarceramento fora mais severo que o primeiro, contudo o evangelho ainda estava livre. Como diz Moffatt: “Não há prisão para a palavra de Deus”.

O apóstolo alcançou o ponto em que ele está disposto a suportar tudo sem se queixar de qualquer sofrimento que lhe ocorra pela causa de Cristo: **Portanto, tudo sofro por amor dos escolhidos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus com glória eterna** (10). É o “amor ao povo escolhido de Deus” (NTLH) que capacita Paulo a continuar com coragem e firmeza. Os versículos 11 e 12 deixam claro que **os escolhidos** podem manter sua posição diante de Deus somente nas condições estipuladas. No primeiro aprisionamento, escrevendo aos crentes filipenses, Paulo disse: “Já aprendi a contentar-me com o que tenho” (Fp 4.11). Agora ele está em posição de pôr em prova mais severa sua submissão total à vontade de Deus. No sofrimento triunfante dos seguidores de Cristo, ele vê também certa extensão do sofrimento redentor de nosso Senhor. O seu exemplo de devoção máxima pode contribuir para a salvação dos outros.

2. Cristo é Completamente Confiável (2.11-13)

Palavra fiel é esta (11). Estes dizeres ocorrem repetidamente nas Epístolas Pastorais (cf. 1 Tm 1.15; 3.1; 4.9; Tt 3.8). Em geral, essa expressão introduz o fragmento de um credo, ou o trecho de uma oração litúrgica, ou o pedacinho de um hino. Os versículos 11b a 13 foram tirados de um hino que, sem dúvida, era bem conhecido por Timóteo e a igreja efésia. **Se morrermos com ele, também com ele viveremos**. É lógico que o apóstolo não está pensando na morte pelo martírio. Em outras passagens, particularmente em Romanos 6.1-11, Paulo desenvolve a doutrina mística de morrer com Cristo na morte ao ego e pecado, que leva à nova vida em Cristo. O texto: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos” (Rm 6.8), está refletido quase exatamente em 2 Timóteo 2.11. Essa morte é simbolizada no rito do batismo cristão (Rm 6.3); mas leva a tal identificação mística e espiritual com nosso Senhor que, de certo modo, tomamos parte nos seus sofrimentos. Esta consequência Paulo reverbera no versículo 12: **Se sofrer-mos, também com ele reinaremos**. Por sofrimento, Paulo queria dizer suportar os

sofrimentos por causa de Cristo, como era o que lhe acontecia. Mas o prospecto de reinar com Cristo mais que compensa a dor que se tenha de suportar. Certos intérpretes vêem o prospecto de reinar com Cristo como reflexão da “esperança cristã primitiva de que, quando Cristo voltar em glória para reinar (1 Co 15.24,25), os santos que tiverem sofrido com paciência se assentarão em tronos ao lado dele (Ap 5.10)”.⁵ Mas também significa quase tão apropriadamente que teremos a alegria rara de tomar parte no Reino de Cristo.

Há neste hino uma nota trágica que não devemos negligenciar: **Se o negarmos, também ele nos negará; se formos infiéis, ele permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo** (12,13). Se sob a pressão das adversidades a pessoa renegar Cristo, sua falta de fidelidade só pode resultar em ser ela mesma renegada. Nosso Senhor disse outro tanto em Mateus 10.33: “Qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai, que está nos céus”. Mas uma nota de esperança é injetada nesta passagem que lida com avisos e julgamentos. **Se formos infiéis** (13); mesmo para tal indivíduo ainda resta esperança, pois Cristo **permanece fiel; não pode negar-se a si mesmo** (13). Não há limite à compaixão divina e não há pecado terrível demais que o sangue não purifique. Tal é a magnitude da misericórdia de Deus.

E. COMO LIDAR COM OS FALSOS MESTRES, 2.14-19

1. *O que Promover* (2.14,15)

Traze estas coisas à memória (14). As pessoas precisam ser lembradas constantemente das coisas que já sabem, mas correm o risco de esquecer ou negligenciar. É óbvio que Paulo está pensando na verdade que foi sua missão de vida proclamar; a responsabilidade que agora está em grande parte nas mãos de Timóteo. O pastor fiel terá de ser, por necessidade, um tanto quanto repetitivo nos destaques do seu ministério. Há muitas verdades importantes que só podem ser ensinadas pelo método “mandamento sobre mandamento, mandamento e mais mandamento, regra sobre regra, regra e mais regra”. Paulo já havia exortado o jovem nesse sentido, e o que ele está dizendo agora é: “Continue a lembrar essas coisas a todos” (NVI; cf. BV, CH); mantenha o bom trabalho.

Paulo fica mais explícito, revertendo a um tema que já tratara em 1 Timóteo 1: **Ordenando-lhes diante do Senhor que não tenham contendas de palavras, que para nada aproveitam e são para perversão dos ouvintes** (14). O apóstolo está expressando novamente sua preocupação sobre a conduta dos autodenominados mestres na igreja efésia, cujas táticas promoviam controvérsia, amargura e divisão. Tal conduta teria o efeito de semear discórdia entre irmãos (cf. Pv 6.19). Isto “somente desmoraliza os ouvintes”, como traduz Kelly as palavras: **são para perversão dos ouvintes**.

Paulo então trata Timóteo diretamente acerca do ministério deste: **Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade** (15). Sobre a frase **procura apresentar-te a Deus aprovado**, esta tradução mostra o verdadeiro significado: “Esforça-te arduamente em te mostrar digno da aprovação de Deus” (NEB). Isto tem a ver com as horas gastas no tipo de trabalho intelectual que é indispensável ao verdadeiro sucesso ministerial; mas também diz respeito à postura de ardor incansável que deve caracterizar a atitude do ministro para com sua missão. Scott vê nas palavras **a Deus aprovado** referência velada ao julgamento

final, quando Timóteo enfim terá de prestar contas. A palavra grega traduzida por **obreiro** quer dizer, basicamente, trabalhador agrícola; por isso, as palavras **que maneja bem** são traduzidas pela expressão “que ara um sulco reto” (NEB). Mas seja qual for a imagem exata que a passagem queira mostrar, está claro que o apóstolo se preocupa que a Palavra de Deus seja submetida a exegese sadia e seu significado correto seja apropriadamente averiguado. Nada é mais essencial que isto para o manejo reverente da verdade bíblica.

2. O que Evitar (2.16-18)

Mas evita os falatórios (“as conversas vazias”, BAB) **profanos** (“mundanos”, NASB), **porque produzirão maior impiedade** (16). Esta é linguagem idêntica a 1 Timóteo 6.20 (ver comentários ali). Paulo está denunciando novamente os falsos mestres que vinham promovendo dissensão na igreja de Éfeso. Eles estavam fazendo a obra de Satanás, e a familiaridade fingida que mostravam ter com a verdade oculta tinha o efeito de profaná-la. O curso de ação de Timóteo deveria ser evitar tais ensinamentos. Nenhum acordo pode ser feito com o erro.

Esses **falatórios** “levam cada vez para mais longe do viver cristão” (CH), quer dizer, promovem a vida ímpia. O versículo 17 enfatiza a virulência de tais ensinamentos: **E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto. A palavra seria o “ensino” (NVI) desses falsos líderes.** O termo **gangrena** também é traduzido por “câncer” (AEC, NVI, RA); ao passo que Phillips emprega a frase: “Pois os ensinamentos deles são tão perigosos quanto a gangrena para o corpo e espalham-se como pus de uma ferida” (CH). Eis um perigo mortal cuja ameaça não deve ser mal avaliada. Paulo nomeia dois indivíduos em particular que se ocupavam em propagar esta infecção moral e espiritual: **Himeneu**, com quem já nos encontramos em 1 Timóteo 1.20 (além destas duas referências nada mais sabemos sobre ele); e **Fileto**, que encontramos aqui pela primeira e única vez.

O versículo 18 nos mostra a única indicação sobre a natureza do erro pertinente a essas pessoas: **Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns.** Scott sugere dois possíveis significados para esta referência. “A idéia”, diz ele, “pode ter sido que esta mesma vida, na qual a alma renascia de alguma vida e morte anteriores, era a verdadeira ressurreição. Ou, mais provavelmente, eles interpretavam a doutrina cristã num sentido puramente espiritual; considerando que pela fé em Cristo os homens entram na vida imortal, a ressurreição não virá depois da morte, mas já aconteceu.”⁶ A doutrina da **ressurreição** era o ponto mais sensível no ensino cristão. Denotava o triunfo de Cristo sobre a morte e, por analogia, representava a nova vida em Cristo que os crentes batizados desfrutavam. Era também símbolo da esperança que o cristão tinha da vida eterna. Não deve haver adulteração com verdade tão vital como esta; daí a denúncia extrema à qual o apóstolo submete o ensino errôneo.

3. A Fundação Segura da Verdade (2.19)

O apóstolo não se prende a melindres quando se trata da estabilidade e segurança da igreja de Cristo, como demonstra nitidamente o versículo 19: **Todavia, o fundamento de Deus fica firme, tendo este selo: O Senhor conhece os que são seus, e qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade.** A analogia de um edifício ou templo fora, por muito tempo, a favorita de Paulo para apresentar a doutrina da igreja. O **fundamento** pode ser interpretado de maneiras diversas: refere-se à igreja como um todo

ou aos membros experimentados e verdadeiros da congregação efésia. Em comparação com este **fundamento** robusto e resistente, os falsos mestres eram uma minoria instável.

De acordo com a analogia de um edifício e sua fundação e base devidamente **chumbados**, o apóstolo vê que o **fundamento de Deus** tem dois selos. Um **selo**, inspirado em Números 16.5, diz: **O Senhor conhece os que são seus**. Diante da rebelião de Corá, Moisés proclamou com estas palavras que Deus **conhece** e identifica **os que são seus** e, desse modo, defendeu a liderança de Moisés. Talvez Paulo tivesse em mente que Deus semelhantemente defenderia a liderança do apóstolo nesta situação em Éfeso. O segundo **selo** — **qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade** — não é citação exata de passagem do Antigo Testamento. É, porém, tão semelhante a Números 16.26, que temos justificativa em pensar que Paulo tinha em mente esta situação antiga quando tratou do problema efésio. Rolston resumiu muito bem a significação dos selos quando escreveu: “A primeira marca do obreiro aprovado é a pureza doutrinária, o manejo reto da palavra da verdade; a segunda marca é a pureza de vida”.⁷ Estes dois testes de autenticidade nunca devem ser separados.

F. ENSINE A VERDADE EM AMOR E PACIÊNCIA, 2.20-26

1. *Vasos para Honra* (2.20,21)

O apóstolo ainda está pensando na situação confusa que prevalece em Éfeso. Havia o núcleo sólido e excelente de pessoas dedicadas, cuja devoção é pincelada em cores mais vívidas pela deserção dos poucos dissidentes: **Ora, numa grande casa não somente há vasos** (“utensílios”, BAB, RA) **de ouro e de prata, mas também de pau e de barro; uns para honra, outros, porém, para desonra** (20). Esta analogia não é de um edifício, mas de uma casa aparelhada com **vasos** honrosos e desonrosos, ou “caros” e “baratos” (BV). A analogia é longe de ser perfeita, pois **numa grande casa** há lugar para utensílios baratos e caros; mas na igreja, conforme Paulo via a questão, não havia lugar para esses faladores de conversas vazias e mundanas (16). Não obstante, a intenção do apóstolo é clara, e o versículo 21 a torna inconfundível: **De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra**. Existe um elemento de incerteza em torno do significado das palavras **destas coisas**. Pelo visto, essas **coisas** são os utensílios baratos e desonrosos que há nas grandes casas, embora Paulo, indubitavelmente, ainda tenha em mente os falsos mestres, a quem Timóteo é avisado a evitar.

Ser purificado **dessas coisas** é ser **vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra** (21). Temos aqui uma série de frases com uma história nobre e lugar seguro na tesouraria devocional da igreja. Ser **santificado** é ser dedicado para **uso** santo e limpo de contaminação. Ser **idôneo para uso do Senhor** é frase que enfatiza o privilégio extraordinário de os fiéis de Deus serem usados em tarefas santas. À primeira vista, **preparado para toda boa obra** é expressão quase extravagante. O apóstolo, falando sob inspiração do Espírito, nos coloca nas alturas para termos uma visão panorâmica da possibilidade gloriosa, a fim de que, pelo milagre da graça, os filhos de Deus estejam preparados para toda tarefa que ele os designar. O prospecto anunciado é quase de tirar o fôlego de tão maravilhoso!

2. A Conduta de um Mestre (2.22-26)

O versículo 22 menciona de novo que Timóteo ainda é jovem, com as tremendas potencialidades da mocidade, mas também com os perigos da mocidade a enfrentar, contra os quais ele deve ser fortalecido: **Foge, também, dos desejos da mocidade; e segue a justiça, a fé, a caridade** (“o amor”, ACF, AEC, BAB, NVI, RA) **e a paz com os que, com um coração puro, invocam o Senhor** (22). A primeira frase do versículo oferece estas opções tradutórias: “Vire as costas para os desejos turbulentos da mocidade” (CH); “desvia-te dos impulsos inconstantes da juventude” (NEB); “foge das paixões juvenis” (Barclay; cf. ACF, BAB, BJ, NTLH, RA). Timóteo, ao que parece, estava chegando aos 40 anos de idade, não tendo necessidade de tal advertência. Contudo, Satanás não faz acepção de pessoas, não mais que Deus. Por ocuparem posição de destaque na igreja, os líderes de Deus tornam-se alvos de Satanás; por conseguinte, precisam redobrar a vigilância contra os ardis satânicos. O apóstolo sabia que a melhor defesa contra os ataques demoníacos é estar devidamente preparado para o melhor de Deus. **Segue a justiça, a fé, a caridade e a paz** (22), ou, como traduz Moffatt, “almeja a integridade, a fidelidade, o amor e a paz”. E nesta busca zelosa e cristã temos de nos considerar um com os filhos fiéis de Deus, seja onde for que eles estejam — **um com os que, com um coração puro, invocam o Senhor** (22).

Nestes versículos (22-26), Paulo retorna às suas advertências construtivas acerca da conduta pessoal de Timóteo. No versículo 23, ele enfatiza o tato e comedimento que devem caracterizar a liderança do jovem: **E rejeita as questões loucas e sem instrução, sabendo que produzem contendas**. Ao mesmo tempo em que se recusa a fazer um acordo com o erro, ele tem de evitar um grau de rigor injustificado ao denunciar o erro. Na liderança cristã, não devemos permitir que o zelo pela verdade nos iluda e acabemos nos tornando propensos a discussões. Não há substituto de um espírito de bondade e amor para lidar com os que se nos opõem. Esta observação está bastante clara no versículo 24: **E ao servo do Senhor não convém contender** (ou “brigar”, BJ, NVI; cf. CH, NTLH), **mas, sim, ser manso** (ou “brando”, AEC, RA; “amável”, BAB, NVI) **para com todos, apto para ensinar, sofredor** (ou “paciente”, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA). Que agrupamento fascinante de virtudes cristãs! E a lista prossegue no versículo 25: **Instruindo com mansidão os que resistem**. O verdadeiro propósito da ação disciplinar não é apenas defender a verdade, mas recuperar para a comunhão de Cristo as pessoas que se desviaram por causa dos falsos ensinamentos: **A ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em cuja vontade estão presos** (25,26). O infortúnio que sobrevém a esses falsos mestres não é somente ignorância e uma determinação voluntária em propagar a falsidade; pois é igualmente verdade que eles foram enganados e são enganados por Satanás. Foram vítimas dos **laços do diabo** e são seus cativos. Deus deseja ardentemente recuperá-los e salvá-los; ele aspira conceder-lhes o **arrependimento para conhecerem a verdade**. O ministro de Jesus tem de manter aberta a porta do **arrependimento** e esperança a fim de que essas pessoas voltem para a casa do Pai.

SEÇÃO VI

VIRÃO TEMPOS PERIGOSOS

2 Timóteo 3.1-9

A. MARCAS DE DEGRADAÇÃO MORAL IMINENTE, 3.1-5

Até este ponto da carta, Paulo lidou com as demandas impostas em Timóteo por sua tarefa como pastor. Mas agora, em espírito profético, ele se dirige à sociedade em que estava a igreja infante e descobre nela fatores que exerceriam influência trágica no povo de Deus: **Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos** (1). A expressão **nos últimos dias** refere-se ao período do fim da atual dispensação, imediatamente precedente à volta de Cristo; não há razão para crermos que o apóstolo tivesse algo diferente em mente. Paulo acreditava na proximidade da volta de Cristo, embora não vivesse para vê-la. O período que Paulo está descrevendo poderia estar logo à frente de Timóteo. E ele o chama **tempos trabalhosos**.

Servindo-se de uma lista, ele detalha as atitudes pecadoras dos homens as quais caracterizarão este período: **Homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus** (2-4). A lista inteira é somente uma frase. É descrição sórdida e deprimente dos pecados humanos. A literatura ética do século I continha semelhantes listas, e o próprio Paulo já havia recorrido a este dispositivo (Rm 1.30,31). Pecados de diversos graus de gravidade são reunidos mais ou menos indiscriminadamente, talvez com a idéia de mostrar que na ótica de Deus todos os

pecados são do mesmo jeito sérios, quer pecados da carne ou do espírito, quer cometidos contra Deus ou contra nosso semelhante. Estes pecados, comuns no século I, também vicejam em medida alarmante hoje em dia. Esta é indicação clara de que estamos nos últimos dias.

No versículo 5 está o pensamento perturbador deste parágrafo: **Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia** (“o poder”, AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI, RA) **dela. Destes afasta-te**. Kelly afirma que o versículo 5 é uma “frase lancinante”, a qual o apóstolo “força, por via do clímax, [...] os praticantes dos erros efésios [...] a fazer uma grande parada do cristianismo”.¹ É deveras surpreendente que os culpados de tais pecados flagrantes ainda encontrem na religião formal um lenitivo para a consciência. Isto não quer dizer que na verdadeira religião não haja formalidade. A formalidade e o poder não são inimigos naturais ou mutuamente exclusivos. Na verdade, tem de haver um casamento entre formalidade e poder para que o culto a Deus tenha a graça e beleza que ele deseja. Há muitos modos de negar a **eficácia** da religião. O modo mais sutil e mortal é a disposição de viver dia a dia sem a presença do poder de Deus em nossa vida religiosa. Este é o risco que afronta muitas pessoas que corariam de vergonha só com a leitura da lista sórdida de pecados que Paulo enumera.

B. ATÉ HOJE ESTAS CONDIÇÕES SE MANTÊM, 3.6-9

Quando chegamos a esta subdivisão é visível que Paulo acreditava que esses males não só eram futuros, mas tais condições já eram reais: **Porque deste número são os que se introduzem pelas casas e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências, que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade** (6,7). O apóstolo mudou o tempo verbal do futuro para o presente e trata da situação que Timóteo enfrenta em Éfeso. Os métodos sutis empregados por tais indivíduos depravados são indicados pelo verbo **se introduzem**, que no grego pode ser traduzido por “se insinuam ardilosamente em” (cf. BAB, BV, CH, RA). **Mulheres néscias** pode ser traduzido por “mulheres fracas” (NTLH). Tais pessoas são facilmente seduzidas e levadas a uma multiplicidade de pecados. Paulo “tem tão pouca simpatia por mulheres dissolutas, que cultivam a religião junto com outros interesses que as instigam, quanto tem pelos mestres desonestos que as saqueiam”.²

No versículo 8, Paulo faz uma analogia muito interessante: **E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé**. Os dois homens aqui nomeados faziam parte do grupo de mágicos de faraó que tentaram duplicar as obras maravilhosas de Deus e, assim, **resistiram a Moisés** (Êx 7.11; 9.11). Seus nomes não ocorrem na narrativa de Êxodo, mas aparecem na tradição judaica. Desta fonte, os nomes foram levados para a literatura cristã primitiva. É evidente que estes nomes eram bem conhecidos a Timóteo, pois a referência do apóstolo a eles não necessita explicação. Nesse período, as narrativas do Antigo Testamento eram interpretadas tipologicamente. A experiência de Israel na época da grande libertação do Egito era considerada antecipação das experiências que sobrevieram à igreja primitiva e

seus líderes. Paulo pode ter visto um paralelo entre a experiência de Moisés no Egito e a oposição que ele teve de suportar de homens como Himeneu e Fileto.

O apóstolo está tremendamente confiante de que estes destruidores da fé não conseguirão infligir dano permanente na igreja: **Não irão, porém, avante; porque a todos será manifesto o seu desvario, como também o foi o daqueles (9).** Deus confunde com sua verdade todos os esforços empreendidos contra o progresso da igreja.

SEÇÃO VII

LEMBRE-SE DO MEU EXEMPLO

2 Timóteo 3.10-15

A. OS SOFRIMENTOS DE PAULO PELA CAUSA DE CRISTO, 3.10,11

Agora o apóstolo fala sobre o exemplo de resistência que ele mesmo fixou: **Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BV, CH, NVI), **paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou** (10,11). No original grego, o verbo traduzido por **tens seguido** é muito mais forte que a leitura casual sugere. Significa que Timóteo acompanhara Paulo e, assim, teve conhecimento de primeira mão dessas experiências. Como destaca Kelly: “Também é um termo técnico que define a relação do discípulo para com seu mestre, podendo ser parafraseado por ‘estuda de perto’, ‘segue em espírito’, ‘observa cuidadosamente com a intenção de reproduzir’ [cf. BV] e, daí, ‘toma como exemplo’”.¹ Phillips traduz a passagem assim: “Mas você [...] tem seguido de perto meus ensinamentos e minha maneira de viver” (CH; cf. NTLH; cf. tb. “tens seguido de perto”, AEC, BAB, BJ, NVI, RA).

Estes exemplos de **perseguições e aflições** que Paulo suportou foram tirados da primeira viagem missionária do apóstolo à região da Ásia Menor (ver Mapa 1), onde Timóteo morara. O jovem pode ter sido testemunha ocular de algumas dessas **perseguições e aflições**, ocorridas, talvez, antes de se converter. É possível que esta série de acontecimentos na vida de Paulo tenha sido o fator decisivo para ganhar a família de Timóteo para Cristo. Barclay observa que “é prova de coragem e consagração o fato de

Timóteo ter visto às claras o que poderia e realmente aconteceu a um apóstolo, e, ainda assim, não ter hesitado em participar da mesma sorte com Paulo".²

O ponto que o apóstolo realça é a fidelidade de Deus em livrar seu servo. Ele não buscou ser perseguido ou a glória ligada a isso para o seu próprio bem; ele recorda esses fatos apenas para louvar a Deus pela força e graça que o salvou.

B. A FIRMEZA É ESSENCIAL, 3.12-15

Paulo está convencido de que não há caminho fácil para os filhos de Deus: **E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições** (12). Jesus declarou que a cruz seria inevitável para quem o seguisse, e assim sempre tem sido. Podemos ser cristãos nominais sem sofrer muitos inconvenientes. Mas os que **querem** ser cristãos genuínos têm de pagar o preço inevitável do sofrimento, embora tenham a garantia do poder libertador de Deus.

Viver em rebeldia à vontade de Deus e entregar-se à propagação de erros resultarão na intensificação da desgraça: **Mas os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados** (13). Aqueles que se deixam ser seduzidos pelos erros dos desviadores efésios estão fadados a situação cada vez pior; eles enganam outras pessoas e sua condição passará **de mal para pior** até que fiquem em total cegueira espiritual. A experiência humana confirma seguramente que este é o destino final daqueles que rejeitam Cristo.

Com Timóteo o caso é diferente. O apóstolo o exorta: **Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido** (14). Indubitavelmente, o jovem tivera o benefício de muitos mestres cristãos, o principal dos quais foi o próprio Paulo. Que privilégio extraordinário e deveras invejável! Continue nessa herança da verdade, exorta o apóstolo. Mas Paulo sabe muito bem que, na vida de Timóteo, o edifício da verdade está sobre fundamento que outros fundaram: **E que, desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus** (15). Este é um tributo à instrução fiel que Timóteo recebera de sua mãe e avó piedosas. A instrução nas Escrituras era considerada responsabilidade sagrada em toda casa judaica ortodoxa e deve ser reputada com seriedade igual em toda casa verdadeiramente cristã. Não há nada maior que isso que enriqueça a vida de nossos filhos.

SEÇÃO VIII

A INSPIRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

2 Timóteo 3.16,17

Esta é uma passagem que se tornou principal texto de prova para a doutrina cristã da inspiração da Bíblia: **Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça** (16). Pelo visto, Paulo tinha em mente o Antigo Testamento, pois na ocasião em que escrevia esta carta, os documentos veterotestamentários eram as Escrituras da igreja primitiva. Aqui, como ressalta Scott, “a palavra crucial [**inspirada**] significa, literalmente, ‘respirada por Deus de fora para dentro’, ou seja, existe uma qualidade divina na Bíblia, que a distingue de toda expressão vocal humana”.¹ Com o desenvolvimento do cânon do Novo Testamento ao lado do cânon do Antigo Testamento, foi natural e altamente adequado que este conceito de inspiração fosse atribuído a estes escritos mais novos que se desenvolveram no contexto da igreja cristã. Concernente à **Escritura**, João Wesley chama nossa atenção para o fato de que “o Espírito de Deus não só inspirou as pessoas que a escreveram, mas continuamente inspira e sobrenaturalmente ajuda as pessoas que a lêem com oração fervorosa. É por isso que é tão ‘proveitosa para ensinar’, para instruir os ignorantes, ‘para redargüir’ ou repreender ou condenar aqueles que estão no erro ou no pecado, ‘para corrigir’ ou restabelecer ou retificar o que estiver errado e ‘para instruir’ ou educar ou treinar os filhos de Deus em toda a ‘justiça’”.²

O verdadeiro propósito de entendermos a Bíblia está claro no versículo 17: **Para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra**. Paulo está dizendo que ninguém está preparado para servir a **Deus** adequadamente na **obra** do ministério sem o conhecimento completo da Palavra de Deus. Sejam quais forem as qualificações que o ministro **de Deus** possua, ele tem de ter esta em preeminência — ser estudante minucioso e consciencioso da Palavra inspirada de Deus. Só assim o **homem de Deus é perfeito**, no sentido de completo em sua preparação para a tarefa santa, ou seja, **perfeitamente instruído para toda boa obra**.

SEÇÃO IX

AS DETERMINAÇÕES FINAIS DE PAULO

2 Timóteo 4.1-18

A. PREGUE A PALAVRA, 4.1-5

Há extraordinário grau de solenidade ligada a estas palavras finais do apóstolo. Ele escreve na plena consciência do fato de que o tempo está se esgotado e, com toda a probabilidade, este é o adeus ao seu “amado filho” Timóteo.

Conjuro-te, pois, diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu Reino (1). A palavra **conjuro-te** é enfática e “tem peso de afirmação legal, podendo ser traduzida por *adjuro-te*”.¹ O apóstolo elaborara detalhadamente a responsabilidade que está sobre o ministro cristão. Agora ele incumbe Timóteo de assumir este encargo em plena conscientização de que, no desempenho de suas obrigações, ele é responsável **diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo**. Pois **os vivos e os mortos** se apresentarão **diante** do Juiz de toda a terra. Tudo que no fim das contas importa são os assuntos que importarão **na sua vinda e no seu Reino**. Depois que os tronos e domínios de terra saírem de cena, e todas as soberanias das nações não existirem mais, **Deus** ainda reinará. Na presença de **Jesus Cristo**, designado por **Deus** como o Juiz de toda a terra, todos os homens prestarão contas. Ninguém entre as miríades de seres humanos da terra achará esse dia mais solene do que os que o servem como ministros de **Cristo**.

É no contexto dessas considerações sérias que Paulo profere suas exortações: **Que pregues a palavra, instes** (“insiste”, BAB, BJ; cf. NTLH) **a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina** (2). Por **a palavra** o apóstolo quer dizer a mensagem relativa a Cristo como Redentor, Salvador e Senhor. É o que o Novo Testamento quer dizer por querigma ou proclamação.² Este deve ser o teor da pregação cristã. Nenhum sermão é realmente sermão, a menos que deixe explícita a verdade bíblica. **Instes a tempo e fora de tempo** pode ser tra-

duzido por “insista em todas as ocasiões, convenientes ou inconvenientes” (NEB; cf. BJ, BV, CH, NTLH). Esta determinação nos mostra o senso de urgência que deve caracterizar nossa pregação. Isso acarreta necessariamente a responsabilidade de corrigir e repreender (**redarguas e repreendas**; cf. BAB, BV, RA), e o dever mais positivo de animar (**exortes**; cf. CH, NTLH). Temos de provocar em todos que nos ouvem a disposição de reagir em total obediência à Palavra de Deus. Acima de tudo, o servo de Deus deve cultivar a graça da paciência (**longanimidade**; cf. BJ, CH, NTLH, NVI) em seus esforços de levar as pessoas a Cristo e ministrar-lhes o ensino segundo a verdade cristã (**doutrina**; cf. AEC, CH, NTLH).

O versículos 3 a 4 revelam o que Paulo vê que é uma tendência crescente por parte daqueles que rejeitam os rigores do caminho cristão: **Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão** (“coceira”, AEC, NVI, RA; cf. BAB) **nos ouvidos, amontoarão para si doutores** (“mestres”, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, NVI, RA) **conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas**. Estas palavras descrevem a situação que já existia nos dias de Timóteo. Mas os ímpios sempre mostram preferência pelo profeta que profetiza “o que é agradável aos ouvidos sensíveis do cliente”. Lembramos a história da aliança profana entre o rei Josafá e o rei Acabe. Quando o rei de Judá sentiu-se inquieto acerca das predições otimistas dos profetas de Acabe e pediu a opinião de, pelo menos, mais um profeta, Acabe admitiu de má vontade que “ainda há um homem por quem podemos consultar o SENHOR; porém eu o aborreço, porque nunca profetiza de mim bem, senão sempre mal” (2 Cr 18.6,7). Assim, as pessoas hoje em dia têm **ouvidos** que “coçam” por palavras agradáveis e promissoras. A disposição de encontrar alguém que fale somente o que desejam ouvir é tamanha que recompensam generosamente quem abrir mão da **sã doutrina**. Os ouvintes deste tipo rejeitam a **verdade** e preferem ouvir a mentira.

Diante de tal situação, o dever de Timóteo é claro: **Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério** (5). “Mantém a calma e o equilíbrio mental em todas as situações”, diz certa tradução (NEB) da primeira frase. O jovem é alertado a ser constantemente alerta, servindo a Cristo com a cabeça e com o coração. **A obra de um evangelista** indica uma ordem ministerial especial que havia na igreja primitiva, uma ordem à qual Timóteo pertencia, segundo pensava o apóstolo. Esta incumbência dá a entender que na guerra do evangelho é bom aplicar o princípio militar de que a melhor defesa é o ataque. Proclame a mensagem de salvação em toda sua pureza, poder e rigor, e assim confunda e derrote os inimigos do Senhor, “cumprindo por completo”, como traduz Phillips, “a missão que Deus lhe deu” (CH).

B. O DISCURSO DE DESPEDIDA DO APÓSTOLO, 4.6-8

O tipo de lealdade corajosa que o apóstolo recomenda veementemente torna-se a mais necessária por causa do seu destino iminente: **Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo** (6). Paulo sabia muito bem que ele estava diante do sacrifício supremo. Uma tradução literal de suas palavras seria: “Eu já estou sendo derramado como libação, ou oferta de bebida,

no altar” (cf. AEC, NVI). Percebemos um tom patético em suas palavras, e certo sentimento de tristeza humana pelo fato da separação iminente daqueles a quem ele amava. As palavras **o tempo da minha partida** trazem em si a imagem do navio zarpando ou do soldado levantando acampamento.

Mas Paulo não se deixa vencer nem fica confuso pelo prospecto que está à frente. Em vista disso, ele revisa calmamente o caminho que seguiu e o aprova: **Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé** (7). A figura de linguagem não é da guerra, mas da competição atlética. De acordo com esta idéia, Kelly traduz assim a primeira frase: “Lutei na nobre competição”.³ Esta outra tradução vai mais longe, fazendo a primeira frase concordar mais plenamente com a segunda: “Corri a grande corrida, completei o circuito” (NEB). Não há pesar nesse testemunho. As labutas, tristezas e sofrimentos são esquecidos na certeza de um trabalho bem feito. E o testemunho mais sublime de todos é a frase **guardei a fé**.

Isto se relaciona inteiramente com o passado. Caso o testemunho do apóstolo tivesse de terminar aqui seria valoroso e esperançoso: **Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele Dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda** (8). As palavras **desde agora**, que significam, literalmente, “quanto ao mais”, são tradução de um termo grego que chama “atenção para o que resta ser realizado em comparação às coisas já realizadas”.⁴ A **coroa da justiça** continua a imagem de correr uma corrida, na qual o prêmio seria uma guirlanda de folhas de oliveira. Aqui é a **coroa da justiça** que, como destaca White, é “a coroa que pertence à justiça ou é a coroa que é a devida recompensa da justiça”.⁵ A expressão paulina **naquele Dia** refere-se obviamente ao **Dia** do julgamento e recompensa final, o **Dia** do qual ele lembrou Timóteo no primeiro versículo deste capítulo.

O conforto que estes versículos dão aos corações cristãos não se acha só na manifestação do espírito triunfante do apóstolo, mas também na certeza de que todos os seguidores de Cristo podem ter entrada igualmente abundante na presença gloriosa de nosso Senhor. **Todos os que amarem a sua vinda** podem desfrutar deste prospecto reconfortante.

C. PEDIDOS PESSOAIS, 4.9-13

A porção principal da carta de Paulo está encerrada, e assuntos pessoais ocupam sua conclusão: **Procura** (“faça o máximo para”, CH) **vir ter comigo depressa** (9). Estas palavras expressam o desejo ardente e afetuoso do coração do apóstolo por mais uma visita do seu protegido amado. Seria um pedido difícil de atender. O fator tempo era crítico, pois a comunicação e as viagens eram lentas naquela época. A dúvida tremenda era se havia tempo suficiente para Timóteo receber o pedido de Paulo e atendê-lo. Também colocava Timóteo em perigo pessoal, embora fosse improvável que ele se intimidasse a esse respeito. Mas o anelo do coração de Paulo é compreensível. Em 1.4, ele declarou: “Desejando muito ver-te”, e agora volta ao tema.

Não há dúvida de que o anseio de Paulo ver Timóteo tornou-se mais dolorosamente intenso com a partida de vários amigos que eram bons companheiros: **Porque Demas me desamparou** (“me abandonou”, AEC, BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA), **amando o presente século** (ou “este mundo”, BAB, CH, NTLH, NVI; cf. BJ), **e foi para**

Tessalônica; Crescente, para a Galácia, Tito, para a Dalmácia (10). Quanto a **Demas** pouco sabemos além da informação contida nesta passagem. Em Colossenses 4.14 e em Filemom 24 ele é citado entre os companheiros de confiança do apóstolo. Será que **Demas** se desviou e se tornou apóstata da fé? As tradições antigas e a maioria das traduções apóiam esta interpretação, mas não temos justificativa para julgamentos inaptos. Paulo não diz que **Demas** abandonara Jesus, mas que abandonara o apóstolo. É fato que as pessoas se desassociam de nós sem renunciarem a Jesus. O amor de **Demas** por este mundo é evidência circunstancial e não prova conclusiva. Na tradução da passagem, Phillips introduz um elemento apropriado de reserva: “Receio que Demas, por amar este mundo, deixou-me e foi para Tessalônica” (CH). Ainda que sejamos tolerantes em nosso julgamento, dois pontos de interrogação importantes levantam dúvidas sérias sobre a fidelidade cristã de um homem. **Demas** deu mostras de ter amado o mundo, e desamparado um dos grandes líderes de Deus da igreja. É lógico que ele não correspondeu às altas expectativas que Paulo lhe nutria e escolheu um caminho mais fácil. Não podemos fugir do sentimento de que **Demas**, de alguma maneira, não tinha a capacidade de ajudar Paulo nesse momento difícil.

Crescente é mencionado somente aqui no Novo Testamento, e nada mais sabemos sobre ele, a não ser escassas referências nas tradições antigas. Seu destino — **Galácia** — podia ter sido a **Galácia** da Ásia Menor, para cuja região Paulo enviou uma de suas cartas, ou um distrito na Europa ocidental conhecido no século I pelo nome de Gália (BJ e NEB sugerem “Gália” como leitura alternativa). Mas por falta de evidências claras, estamos mais seguros em optar por **Galácia** da Ásia (ver Mapa 1). **Dalmácia**, para onde **Tito** fora enviado, é, como ressalta Kelly, “o ponto mais sulista da província imperial do Ilírico, no litoral oriental do mar Adriático (a atual Croácia). De Romanos 15.19 ficamos sabendo que a atividade missionária de Paulo se estendera até lá”.⁶ Diferente de **Demas**, provavelmente estes dois homens foram enviados por Paulo em missões às igrejas nas áreas designadas.

A solidão de Paulo só foi aliviada pela presença de um dos seus mais fiéis amigos: **Só Lucas está comigo** (11). O “médico amado” foi o único membro do círculo íntimo de Paulo a estar a seu lado. Por isso o apelo insistente a Timóteo: **Toma Marcos e traze-o contigo, porque me é muito útil para o ministério** (11). **Marcos** fora personagem controversa no ministério inicial do apóstolo, imediatamente antes da segunda viagem missionária. Paulo e Barnabé tiveram opiniões tão discrepantes sobre a adequação de levar **Marcos** que ambos tiveram de se separar. Pelo visto, **Marcos** se redimira do insucesso principiante e agora seria recebido alegremente na companhia do apóstolo.

Outro dos amigos de Paulo fora incumbido de nova missão: **Também envie Tiíquico a Éfeso** (12; ver Mapa 1). Este era um amigo de confiança que acompanhara Paulo em sua última visita a Jerusalém (At 20.4). As cartas de Paulo aos Colossenses e aos Efésios foram entregues pela mão de **Tiíquico** (Cl 4.7,8; Ef 6.21,22). Agora ele estava distante em outra missão para o apóstolo, talvez levar esta carta a Timóteo, talvez substituir Timóteo em Éfeso para tornar possível a almejada visita deste a Paulo na prisão.

Se há marca inconfundível de autenticidade nesta carta, ela está no versículo 13: **Quando vieres, traze a capa que deixei em Trôade** (ver Mapa 1) **em casa de Carpo, e os livros, principalmente os pergaminhos**. A **capa** era uma peça de roupa muito simples, feita de uma manta com um buraco no meio por onde se enfia a cabeça. Em

muitas regiões do mundo ainda se usam capas de tipo similar. Os **livros** eram rolos de papiro que compunham uma pequena biblioteca ambulante que o apóstolo normalmente levava consigo. Os **pergaminhos** eram peles ou velinos preparados para se escrever sobre eles. Por outro lado, Moffatt traduz **pergaminhos** pela expressão “meus documentos”, acreditando que a referência seja a documentos oficiais de que Paulo precisava, possivelmente para provar o fato de sua cidadania romana. Mas trata-se de conjectura.

D. CONSELHO PARTICULAR, 4.14,15

Há uma situação sobre a qual Paulo é suficientemente gabaritado para proferir uma palavra de advertência: **Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras** (14). A última frase do versículo é mais bem traduzida por “O Senhor lhe retribuirá segundo suas obras” (BJ; cf. CH, NTLH, NVI). Aqui não há espírito vingativo, mas é a entrega de julgamento às mãos de Deus, a quem pertence de direito. Não temos certeza da identidade deste indivíduo, pois **Alexandre** era nome muito comum na época e **latoeiro** era profissão das mais comuns. Entre as possibilidades, a maior é que este homem seja o Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1.20, pois seria raro o apóstolo ter tido dificuldade séria com duas pessoas do mesmo nome em espaço de tempo relativamente limitado. Mas também sobre este ponto só podemos conjecturar. De qualquer modo, Paulo avisa Timóteo solenemente: **Tu, guarda-te também dele** (“tome cuidado com ele”, BV, NTLH; cf. BAB, NVI), **porque resistiu muito às nossas palavras** (15). Tratava-se de homem perigoso, e Timóteo deveria estar de sobreaviso contra ele.

E. PAULO SE ALEGRA COM A FIDELIDADE DE DEUS, 4.16-18

Na ocasião em que foi abandonado por todos, Paulo recorda como Deus foi fiel: **Ninguém me assistiu na minha primeira defesa; antes, todos me desampararam** (“me abandonaram”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA). **Que isto lhes não seja imputado** (16). A referência é à primeira audiência do seu caso (cf. “a primeira vez que eu fui levado perante o juiz”, BV). Será que significa, como defendem certos expositores, sua citação depois do primeiro aprisionamento? O versículo 17, ao que parece, apóia esta opinião. Mas a referência mais provável é ao segundo aprisionamento, porque ele fala como se fosse acontecimento relativamente recente. De qualquer forma, ele foi totalmente abandonado pelos amigos na hora de extrema necessidade. Contudo, ele se recusou a ficar amargurado por esta experiência. Sua oração pelos que o abandonaram é quase idêntica à oração de Estêvão por seus assassinos: “Senhor, não lhes imputes este pecado” (At 7.60).

Mas Deus permaneceu fiel: **Mas o Senhor assistiu-me e fortaleceu-me, para que, por mim, fosse cumprida a pregação e todos os gentios a ouvissem; e fiquei livre da boca do leão** (17). O apóstolo está se referindo à preponderância que teve ao enfrentar ousadamente seus inimigos na audiência e ao testemunho fiel do evangelho de Cristo, de quem recebeu capacitação para testificar na mesma ocasião. Ficar **livre da boca do leão** foi um triunfo interior e espiritual em toda essa dificuldade que os lacaios de Satanás puderam lhe causar.

Paulo conclui este recital vitorioso com uma confissão de fé pelo futuro e um brado de louvor: **E o Senhor me livrará de toda má obra e guardar-me-á para o seu Reino celestial; a quem seja glória para todo o sempre. Amém!** (18). Claro que o apóstolo não está se referindo ao livramento físico da morte e do poder dos seus inimigos. Pelo contrário, seu discurso de despedida comovente nos versículos 6 a 8 dá a entender que ele espera e está preparado para o pior. Durante anos, ele nutria o desejo de estar vivo para ver o cumprimento da bem-aventurada esperança da volta de Cristo. Mas agora ele está pronto a admitir que isso lhe será negado. Não obstante, ele está longe de sentir-se desesperado. Se agora ele estivesse escrevendo 1 Tessalonicenses 4.15, ele poderia mudar os pronomes e as formas verbais, mas a certeza continuaria a mesma, a saber: “*Vós, os que ficardes vivos para a vinda do Senhor, não precedereis a nós, os que dormem*” (grifos meus). Ele ainda está radiantemente confiante da vinda gloriosa e do **Reino celestial** que o prenunciará.

SEÇÃO X

SAUDAÇÕES FINAIS E BÊNÇÃO

2 Timóteo 4.19-22

Pouco importando quão trágicas fossem as circunstâncias do apóstolo, ele permaneceu agradecidamente atencioso para com seus amigos: **Saúda a Prisca, e a Áquila, e à casa de Onesíforo** (19). **Prisca**, conhecida por Priscila (At 18.2), e seu marido, **Áquila**, estavam entre os mais velhos amigos de Paulo no evangelho. Eles eram romanos e tinham ido a Corinto (ver Mapa 1), onde o apóstolo os conheceu. Depois se mudaram para Éfeso e tiveram influência na fundação da igreja. O cumprimento do apóstolo sugere que eles estavam em Éfeso. A menção saudadora **à casa de Onesíforo** dá a entender que este excelente cristão, que já foi citado em termos elogiosos nesta carta (1.16), estava na verdade morto; caso contrário, ele teria sido incluído na saudação.

O versículo 20 contém informação relativa a mais dois dos primeiros companheiros do apóstolo: **Erasto ficou em Corinto, e deixei Trófimo doente em Mileto** (ver Mapa 1). Dois homens chamados **Erasto** constam em outros textos do Novo Testamento. Um ocorre em Romanos 16.23, onde Paulo diz que **Erasto** é “procurador da cidade” de Corinto. O outro é mencionado em Atos 19.22, que informa que ele é companheiro de Timóteo numa missão à Macedônia. Provavelmente é sobre este último **Erasto** que Paulo noticia o paradeiro ao seu velho amigo Timóteo. A nota concernente a **Trófimo** é ambígua. Este homem fora um companheiro do apóstolo em diversas viagens importantes. Mas nada sabemos sobre o motivo de ter ficado **doente em Mileto**.

Agora Paulo volta a insistir na visita de Timóteo antes que seja tarde demais: **Procura vir antes do inverno** (21). Aqui aparece novamente o senso de urgência que

permeia esta carta. Logo as tempestades de inverno tornarão a navegação perigosa e ele exorta Timóteo a fazer a viagem sem tardança.

Há certos cristãos em Roma cujos nomes foram imortalizados por terem sido incluídos na carta de Paulo: **Êubulo, e Pudente, e Lino, e Cláudia, e todos os irmãos te saúdam** (21). Além dos nomes, nada mais sabemos sobre esses crentes. Não devemos entender que a menção desses amigos romanos seja infração da declaração no versículo 16, quando o apóstolo disse que todos o abandonaram, pois ali ele está falando da audiência perante o juiz. Havia alguns cristãos em Roma que, embora tímidos, ainda amavam o apóstolo.

A bênção final é comovente. São as últimas palavras de Paulo para a posteridade. São dirigidas a Timóteo, mas nos incluem a todos: **O Senhor Jesus Cristo seja com o teu espírito. A graça seja convosco. Amém!** (22).

Notas

A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

SEÇÃO I

¹Kelly, *op. cit.*, p. 154.

²M. P. Noyes, "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exposition), *The Interpreter's Bible*, editado por George A. Buttrick *et al.*, vol. XI (Nova York: Abingdon Press, 1951), p. 460.

SEÇÃO III

¹Guthrie, "The Pastoral Epistles", p. 128.

²C. H. Dodd, *The Parables of the Kingdom* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1936), pp. 197-206.

³Simpson, *op. cit.*, p. 125.

⁴Kelly, *op. cit.*, p. 166.

SEÇÃO IV

¹P. N. Harrison, *The Problem of the Pastoral Epistles* (Londres: Oxford University Press, 1921), p. 127.

²Kelly, *op. cit.*, p. 171.

³Simpson, *op. cit.*, p. 129.

SEÇÃO V

¹Scott, *op. cit.*, p. 102.

²Barclay, *op. cit.*, p. 188.

³*Ib.*, p. 189.

⁴C. H. Dodd, "The Epistle of Paul to the Romans", *The Moffatt New Testament Commentary* (Londres: Hodder & Stoughton, 1949), p. 5.

⁵Kelly, *op. cit.*, p. 180.

⁶Scott, *op. cit.*, p. 111.

⁷Rolston, *op. cit.*, p. 105.

SEÇÃO VI

¹Kelly, *op. cit.*, p. 195.

²Scott, *op. cit.*, p. 121.

SEÇÃO VII

¹Kelly, *op. cit.*, p. 198.

²Barclay, *op. cit.*, p. 227.

SEÇÃO VIII

¹Scott, *op. cit.*, p. 127.

²Wesley, *Explanatory Notes upon the New Testament*, p. 794.

SEÇÃO IX

¹Simpson, *op. cit.*, p. 152.

²Cf. C. H. Dodd, *The Apostolic Preaching and Its Developments* (Nova York: Harper & Brothers, s.d.), pp. 7-35.

³Kelly, *op. cit.*, p. 208.

⁴Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 170.

⁵White, *op. cit.*, p. 178.

⁶Kelly, *op. cit.*, p. 213.

Esboço

A EPÍSTOLA A TITO

I. SAUDAÇÃO, 1.1-4

II. QUALIFICAÇÕES DE PRESBÍTEROS E BISPOS, 1.5-9

III. OS FALSOS MESTRES DEVEM SER REFUTADOS, 1.10-16

IV. PADRÕES DE CONDUTA CRISTÃ, 2.1-10

A. Padrões para os Idosos, 2.1-3

B. Padrões para os Jovens, 2.4-8

C. Padrões para os Escravos, 2.9,10

V. PRONTIDÃO PARA A VINDA DE CRISTO, 2.11-15

VI. CRISTÃOS EM UM MUNDO PAGÃO, 3.1-7

A. Ser Bons Cidadãos, 3.1,2

B. Os Cristãos são Transformados pela Graça, 3.3-7

VII. EXORTAÇÕES FINAIS, 3.8-11

A. Mantenha-se Ocupado por Cristo, 3.8

B. Evite Controvérsias Fúteis, 3.9-11

VIII. CONCLUSÃO, 3.12-15

SEÇÃO I

SAUDAÇÃO

Tito 1.1-4

A Epístola a Tito é de tipo semelhante às cartas a Timóteo, cujo tema principal é o aconselhamento de um pastor-supervisor a um jovem pastor-presidente. Mas nesta carta, como naquelas a Timóteo, assuntos pessoais impulsionam assuntos pastorais. Embora sua posição no Novo Testamento seja depois de 2 Timóteo, sua posição cronológica é, provavelmente, entre as duas cartas a Timóteo. Temos certeza de que Tito precede 2 Timóteo, porque o apóstolo ainda era homem livre quando escreveu esta carta sob estudo. Mas se Tito precede ou sucede 1 Timóteo é difícil dizer.

Em certas traduções, os quatro primeiros versículos da carta são um só período gramatical (ACF, AEC, BJ, RA, RC), ao passo que outras o dividem em duas (BAB, NVI), três (CH), quatro (NTLH) ou seis orações gramaticais (BV). A saudação é diferente por ser extensa e consideravelmente maior que as saudações das outras Epístolas Pastorais. **Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo, segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segundo a piedade** (1). O apóstolo se caracteriza por *doulos de Deus*, termo grego que significa, literalmente, “escravo” (BV). Talvez a tradução suavizadora **servo** seja mesmo mais adequada ao significado desejado por Paulo. Em outras cartas, ele se descreve por **servo** de Jesus Cristo (e.g., Rm 1.1), mas somente nesta ele diz que é **servo de Deus**.

Unida com esta autodescrição servil está a caracterização adicional de **apóstolo de Jesus Cristo**, termo que em grego significa “enviado” ou “mensageiro”. As frases que vêm depois desta designação são difíceis e intrincadas, tanto no original grego como nas traduções. **Segundo a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade, que é segun-**

do a piedade (1) são as frases-problema. Elas modificam o termo **apóstolo**? Ou dão as diretrizes e tema do ministério de **apóstolo**? Certa tradução adota a primeira interpretação: “Marcado como está pela fé, conhecimento e esperança” (NEB); ao passo que outras favorecem a última: “Para promover a fé que é dos eleitos de Deus e o pleno conhecimento da verdade segundo a piedade” (RA; cf. BAB, BJ, NVI). Nós apoiamos a última interpretação. O apostolado de Paulo não se mostra ou se verifica pela **fé dos eleitos de Deus**; pelo contrário, essa **fé** é motivada, nutrida e sustentada pelo ministério de **apóstolo**.

Esta **fé** e a **verdade** que a reconhece nunca são um fim em si mesmas. Eles olham para um cumprimento glorioso: **Em esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos** (2). A expressão **esperança da vida eterna**, conforme é empregada aqui, não quer dizer que em seus labores o apóstolo seja sustentado por esta **esperança**; significa que a **esperança da vida eterna** é parte essencial da mensagem que o apóstolo está propagando. Esta é uma promessa que Deus fez **antes dos tempos dos séculos** (ou “antes do princípio do mundo”, BV; cf. NTLH). Da mesma maneira que Cristo é o “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo” (Ap 13.8), assim esta promessa é feita a todas as pessoas que recebem a nova vida por Cristo Jesus. Trata-se de verdade inabalável, falada pelo **Deus** da verdade, o **Deus, que não pode mentir**.

Agora são revelados este propósito e vontade eterna de Deus: **Mas, a seu tempo, manifestou a sua palavra pela pregação que me foi confiada segundo o mandamento de Deus, nosso Salvador** (3). Aqui, como em toda referência neotestamentária à sua comissão divina, o apóstolo mostra como ficou tremendamente maravilhado por lhe ter sido confiada tamanha responsabilidade. Nós, que lhe sucedemos na posição de responsabilidade, não somos apóstolos como Paulo era, mas a nossa tarefa é de tal magnitude e importância que as outras atividades da vida tornam-se secundárias. Que jamais o ministro de Cristo permita pensamentos depreciadores ou afrontosos da comissão que o Senhor lhe deu.

A Tito, meu verdadeiro filho, segundo a fé comum: graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador (4). Em Atos dos Apóstolos, **Tito** não é mencionado entre os assistentes de Paulo, embora seja mencionado várias vezes em 1 Coríntios, Gálatas e 2 Timóteo. Ele era grego e provavelmente foi ganho para Cristo pelo ministério do apóstolo. Quando surgiu a controvérsia dos judaizantes, Lucas nos informa que os irmãos determinaram que “Paulo, Barnabé e alguns dentre eles subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos sobre aquela questão” (At 15.2). Paulo nos fala (Gl 2.3) que entre estes “alguns dentre eles” estava **Tito** (presumindo que se trate da mesma visita a Jerusalém). Mais tarde, este jovem aparece na segunda carta de Paulo aos Coríntios, onde há oito referências a ele, que o mostram como ajudante de confiança do apóstolo. Em 2 Timóteo 4.10, lemos que **Tito** estava em missão na Dalmácia. Na época da carta de Paulo a Tito, o jovem é o representante do apóstolo em Creta (ver Mapa 1), onde era evidentemente pastor da igreja cristã.

Paulo se dirige a **Tito** por **meu verdadeiro filho, segundo a fé comum**, expressão que é mais bem traduzida por “meu filho verdadeiramente nascido na fé que compartilhamos” (NEB). A bênção que se segue é de caráter tipicamente paulino, conferindo nota adicional de autenticidade a esta epístola: **Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai e da do Senhor Jesus Cristo, nosso Salvador**.

SEÇÃO II

QUALIFICAÇÕES DE PRESBÍTEROS E BISPOS

Tito 1.5-9

O apóstolo passa a tratar imediatamente da razão que o levou a escrever a carta. Notamos a falta de uma declaração de estima ou gratidão a Tito como ocorre em 2 Timóteo 1.3-5 (embora também não ocorra em 1 Timóteo). **Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesses em boa ordem as coisas que ainda restam e, de cidade em cidade, estabelecesses presbíteros, como já te mandei** (5). Os dizeres dão a entender que fazia pouco tempo que Paulo estivera em **Creta** acompanhado com Tito que lhe servia de assistente. Não há registro histórico em Atos que fale desta campanha cretense. O Livro de Atos termina abruptamente com os acontecimentos finais da primeira prisão de Paulo em Roma. Nossa tese, que torna possível a autoria paulina das Epístolas Pastorais, é que o apóstolo foi liberto do primeiro aprisionamento e continuou o seu trabalho. Embora não haja relato dos anos finais da vida do apóstolo, teria havido tempo suficiente para a ampla evangelização da ilha de **Creta**. O fato de Tito ter sido encarregado de ordenar **presbíteros... de cidade em cidade** mostra a extensão dessa atividade. O ministério de Paulo em **Creta** havia terminado recentemente; mas o apóstolo deixou ali Tito, seu assistente, para completar a tarefa de organizar as igrejas. A linguagem de Paulo dá a entender que nem tudo estava bem nas igrejas cretenses e que parte da tarefa de Tito era corrigir o que estava errado.

Tito foi instruído a designar e ordenar **presbitérios** (ou “pastores”, BV) para as igrejas. Esta prática estava de acordo com o costume do apóstolo. Já na primeira viagem missionária, Lucas nos informa que, “havendo-lhes por comum consentimento eleito

anciãos em cada igreja, orando com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido” (At 14.23). Há diferenças nas instruções de Paulo entre 1 Timóteo e Tito. Na primeira, já havia bispos no exercício do cargo, ao passo que na última, provavelmente por ser algo novo na igreja cretense, era a primeira ordenação de **presbíteros**.

Em seguida, Paulo descreve o tipo de homens a ser selecionado para este cargo importante: **Aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes** (6). Estas qualificações que os presbíteros têm de possuir são semelhantes à lista de qualificações para bispo em 1 Timóteo 3. **Irrepreensível** significa ter “caráter inatacável” (NEB), “integridade inquestionável” (CH). Esta é qualidade importantíssima. O ministro cristão deve ser pessoa que evita não só o mal, mas a própria aparência do mal. Sob todos os aspectos de conduta, ele tem de estar acima de repreensão. Suas relações matrimoniais não devem ter a mínima nódoa de escândalo. Muitos na igreja primitiva consideravam que **marido de uma mulher** era proibição de casar-se de novo por qualquer razão. A referência óbvia aqui é a casamentos duplos. As tradições cristãs de nossos dias não desaprovam o crente casar-se de novo após o falecimento da primeira esposa. Devemos tratar esta área com toda a discrição. O escândalo do divórcio tem envenenado tão completamente o fluxo da ordem social de nossos tempos, que devemos ser extremamente sensatos e cuidadosos nesta questão de segundo casamento, “para que o nosso ministério não caia em descrédito” (2 Co 6.3, NVI).

Que tenha filhos fiéis (6) é expressão que requer algumas considerações. Seu verdadeiro significado foi capturado pela tradução: “que tenha filhos crentes” (BAB, RA; cf. NVI). A estipulação registrada em 1 Timóteo 3.4 diz apenas: “Tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia”. Mas aqui Paulo vai mais longe, insistindo que em Creta os homens separados para o cargo de presbítero têm de ser bem-sucedidos em entregar a fé cristã aos seus filhos. É verdade que nenhum pai pode controlar ou determinar as decisões morais e espirituais dos filhos. Às vezes, apesar de nossos melhores e mais sinceros esforços, os filhos no livre exercício da vontade fazem escolhas que causam profundo sofrimento para os pais. Mas não há nada que recomende a sinceridade e devoção de um ministro piedoso que o fato de que seus filhos estão seguindo-o como ele segue Cristo.

Que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes (6) é, de certo modo, alternativa a **fiéis**. Esta tradução esclarece a frase: “Não sujeitos à acusação de serem libertinos ou insubordinados” (RSV; cf. CH, NVI).

Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância (7). O assunto desta lista adicional de qualificações é o **bispo** (no singular) e não os “presbíteros” (no plural). Barrett observa que “a mudança do plural (presbíteros) para o singular (bispo) é mais bem explicado não pela suposição de que em cada cidade havia um grupo de presbíteros e só um bispo, mas pela interpretação [...] de que, enquanto que *presbítero* descreve o cargo, *bispo* descreve sua função: Os presbíteros que você designar devem ter certas qualificações, pois o homem que exerce a supervisão tem de ser”¹ **não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância**.

A qualidade da irrepreensibilidade — “caráter inatacável” (6) — ocorre novamente, pois a responsabilidade do **bispo** é servir **como despenseiro da casa de Deus** (7). O

termo **despenseiro** quer dizer, literalmente, “o administrador de uma casa ou família” (Kelly). O **bispo** era o gerente financeiro da igreja local e por isso, se por nenhuma outra razão, deve ser homem de extrema integridade.

O apóstolo alista cinco defeitos que devem estar visivelmente ausentes no **bispo** (7). São falhas de caráter que, caso sejam toleradas em um líder eclesiástico, lhe causarão ruína certa. O **soberbo** é alguém propenso a ser “arrogante” (BAB), opinioso e teimoso. Característica como esta constituiria alta traição do espírito do Mestre. O **iracundo** seria indivíduo esquentado, vingativo e totalmente falto de paciência (“impacientes”, BV), que é tão essencial ao servo de Cristo. **Nem dado ao vinho** (“beberrão”, BJ) é expressão que sempre nos deixa surpresos num contexto como este. Contudo, era um problema muito sério na igreja do século I. A viticultura era abundante em todos os lugares ao longo da bacia mediterrânea, e a tentação de beber **vinho** e, daí, ficar bêbado vinha de todos os lados. **Nem espancador** (“violento”, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) indica a tendência à ação violenta ou arbitrária, que com certeza ocorria ocasionalmente entre os líderes locais na igreja primitiva. **Nem cobiçoso de torpe ganância** (“nem ávido por lucro desonesto”, NVI, cf. BJ, CH) é outra característica grosseira contra a qual Paulo adverte. Como guardião dos fundos monetários da igreja esta poderia se tornar fonte de tentação para o **bispo**.

Para compensar esta lista de cinco defeitos a serem evitados, Paulo faz uma lista de seis virtudes a serem cultivadas pelos líderes da igreja: **Mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante** (8). Na lista de Paulo das qualificações de bispo registrada em 1 Timóteo 3.2 consta o dever da **hospitalidade**, quesito repetido aqui. Na função de líder da igreja, tornou-se responsabilidade do bispo receber em casa os apóstolos e evangelistas visitantes que em suas viagens passassem por ali. Só nos tempos atuais o “quarto excedente” na casa foi substituído por hotéis para o alojamento de convidados. A hospitalidade cretense do século I era recurso importante para o líder da igreja.

Amigo do bem (8) tem o significado literal de “amante do bem” ou “reto” (“amante da bondade”, RSV; “bondoso”, BJ). Esta qualidade nos lembra a advertência de Paulo em Filipenses 4.8: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai”. Seguir esta instrução é ser amante da bondade, característica que o ministro da igreja de Cristo deve se sobressair em excelência.

O termo grego traduzido pela palavra **moderado** é de significação muito próxima de **temperante** (8) que consta nesta mesma lista de virtudes. Ambos os termos sugerem autodomínio ou autocontrole (“controlado”, CH; “domínio próprio”, NVI; “domínio de si”, RA), a habilidade de lidar objetivamente com situações difíceis sem se deixar influenciar por preconceito. Barclay, em sua tradução, prefere a palavra “prudente” (NTLH), e cita a definição que Trench dá ao termo: “Controle total sobre as paixões e desejos, de forma que elas não recebam outras concessões além do que a lei e a reta razão admitirem e aprovarem”.² As qualidades denotadas pelas palavras **justo** e **santo** mostram idéias estritamente religiosas. Mas é provável que devamos entender **justo** não como referência à posição do homem diante de Deus, por ter sido justificado pela fé pela graça, mas à sua habilidade de tratar com correção seus semelhantes, de administrar seu ofício com

justiça escrupulosa e integridade inatacável. O termo **santo** é traduzido por “devoto” (NEB), conotando a qualidade de piedade (cf. “piedoso”, AEC, BJ, RA), a qualidade da relação pessoal afetuosa e terna com Cristo. Mas Barclay afirma que o termo conota muito mais, “pois descreve o homem que reverencia as decências fundamentais da vida, as coisas que voltam além de qualquer lei ou regulamento feito pelo homem”.³

O apóstolo introduz no versículo 9 uma exigência adicional: **Retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar** (“exortar”, BAB, RA) **com a sã doutrina como para convencer os contradizentes**. Este é um tema que aparece em 1 Timóteo, embora não com todo este grau de ênfase. Em 1 Timóteo 5.17, Paulo destaca os presbíteros que “trabalham na palavra e na doutrina” como “dignos de duplicada honra”. Mas aqui, na Epístola a Tito, a competência nesta área é de todos os presbíteros. É a um ministério como este que Deus chama os homens quando os convoca a ir e pregar. É responsabilidade do pregador “oferecer Cristo aos homens”, como Carlos Wesley gostava de dizer. Neste verso, ele descreve liricamente esta tarefa central de pregar:

*Ofereço-lhe meu Salvador;
Amigo de publicanos e Advogado:
Seus méritos e morte, ele advoga por você;
E intercede com Deus pelos pecadores na terra.**

Mas pregar Cristo e oferecê-lo às pessoas é conhecer seguramente a Palavra de Deus relativa a Cristo, mantê-la em consideração reverente e declarar sua verdade às pessoas. Nestas Epístolas Pastorais, Paulo está vitalmente interessado na **sã doutrina**. Por essa época, a mensagem da igreja tomara forma em credos e fórmulas batismais. Vemos fragmentos dessas declarações de credo afloradas nas cartas a Timóteo. Cada nova geração de líderes cristãos tem a necessidade de declarar novamente as doutrinas básicas da fé cristã e justificá-las na mente e consciência dos que as ouvem. Mas a **sã doutrina** também tem preceitos éticos, que mostram como todos os cristãos, homens e mulheres, moços e velhos, escravos e livres, devem viver em um mundo que rejeita Cristo. Tudo isto faz parte da tarefa de **admoestar e convencer os contradizentes** — os que negam e contradizem a verdade.

* O let me commend my Saviour to you; / The publican's Friend, and Advocate too: / For you he is pleading his merits and death; / With God interceding for sinners beneath. (N. do T.)

SEÇÃO III

OS FALSOS MESTRES DEVEM SER REFUTADOS

Tito 1.10-16

Esta porção do capítulo mostra a razão para o senso de urgência que impregna a exortação do apóstolo a Tito a fim de que este empreenda o estabelecimento de uma liderança qualificada nas igrejas cretenses. Havia muito trabalho para os líderes fazerem. **Porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão** (10). Este versículo foi traduzido de forma a dar um significado um pouco mais exato: “Existem muitos, sobretudo entre os convertidos judeus, que estão fora de controle” (NEB; cf. NTLH). Não devemos entender que a frase **os da circuncisão** seja alusão à antiga controvérsia judaizante, da qual trata a carta de Paulo aos Gálatas. É referência aos judeus que se converteram à fé cristã. É lógico que muitos desses convertidos judeus recusavam aceitar os padrões de conduta prescritos para os cristãos. Ao descrevê-los, o apóstolo diz que são “de cabeça oca”, de conversa fútil (cf. “palradores frívolos”, RA). Tais práticas estão longe de serem inofensivas, pois os que se entregam a elas estão “enganando e sendo enganados”.

A advertência do apóstolo prossegue no versículo 11: **Aos quais convém tapar a boca** (“é preciso fazer com que eles parem de falar”, NTLH; cf. RA); **homens que transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém, por torpe ganância**. Até este ponto da carta, nada é dito às claras sobre a natureza precisa deste falso ensino. Mais adiante, neste mesmo capítulo, começam a despontar algumas indicações. Mas a extensão perigosa da deserção da fé mostra-se claramente na observação de que **casas inteiras** estavam sendo desviadas. Como diz certa tradução, estes pro-

ponentes da falsidade “ensinam o que não têm direito de ensinar” (BJ; cf. CH). **T**odo ensino que deixa a pessoa pior do que antes é falsa. É lógico que a verdade deve atacar a mente das pessoas para fazê-las repensar algumas de suas idéias básicas. Como destaca Barclay: “O cristianismo não foge das dúvidas e questionamentos, mas enfrenta-os de modo racional e justo. É certo que a verdade toma o homem mentalmente pelo cangote e o chacoalha; mas também é certo que o ensino que acaba em nada mais que dúvidas e questionamentos é ensino ruim”.¹ É óbvio que era contra ensino deste tipo que Paulo adverte. E para corroborar a condenação do apóstolo há o motivo que apóia estas atividades repreensíveis: eram feitas **por torpe ganância**. Esses enganadores eram movidos apenas pelo lucro. Não admira que o apóstolo declare que “é preciso fazer com que eles parem de falar”! (NTLH). Kelly mostra que esta tradução “preserva a metáfora vigorosa do grego, [...] que significa pôr uma focinheira, não simplesmente uma rédea, na boca de um animal”.²

O tom do versículo 12 é surpreendentemente franco, embora o apóstolo esteja falando sob forte provocação: **Um deles, seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos** (“preguiçosos e gananciosos”, CH). Há incerteza quanto à identidade deste **seu próprio profeta**. Clemente de Alexandria diz que ele era Epimênides de Cnossos, Creta, que viveu no século VI a.C. Se o verso é dele ou não, o julgamento relativo aos cretenses era, com ou sem razão, a opinião comumente aceita no século I. Kelly ressalta, concernente à “indecorosa reputação de falsidade que os cretenses tinham no mundo antigo”, que “isso era tão geral que o verbo ‘cretatizar’ (gr. *kretizein*) era gíria de mentir ou enganar”.³ O sentimento do apóstolo acerca da ameaça à existência e integridade das igrejas cretenses era tão forte que ele chegou a fazer esta citação. À primeira vista, este versículo insulta mais que pacifica. Talvez as pessoas que realmente eram essenciais para o futuro da igreja em Creta estariam dispostas a concordar que o julgamento do poeta era correto.

Seja como for, Paulo concordava com o poeta, pois afirma de supetão: **Este testemunho é verdadeiro. Portanto, repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé, não dando ouvidos às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se desviam da verdade** (13,14). Barclay mostra a conseqüência perturbadora da ênfase em **fábulas judaicas e mandamentos de homens**: “A grande característica da fé judaica era suas numerosas regras e regulamentos. Esta, essa e aquela coisa eram estigmatizadas e listadas como impuras; este, esse e aquele alimento eram considerados tabus; quando o judaísmo e o gnosticismo se uniram até o corpo se tornou imundo, e o casamento e os instintos naturais do corpo foram reputados maus. O resultado inevitável disso foi o fazimento constante de longas listas de pecado. Era pecado tocar isto ou aquilo; era pecado casar-se e ter filhos. Coisas em si mesmas boas ou bastante naturais ficaram imundas e foram maculadas”.⁴ Seria a esse legalismo ascético que os falsos mestres nas igrejas cretenses estariam degradando o cristianismo. Foi uma heresia notadamente semelhante a essa que Paulo denunciou na Epístola aos Colossenses.

As próximas palavras do apóstolo confirmam a verdade desta diagnose do problema cretense: **Todas as coisas são puras para os puros, mas nada é puro para os contaminados e infiéis; antes, o seu entendimento e consciência estão contaminados** (15). Nesta passagem, Paulo está afirmando um princípio vitalmente importante, mas sua generalização acarreta em possível abuso. “Já não ouvimos estas pala-

vas mal empregadas?”, pergunta G. H. Morrison, que responde: “O abuso mais comum dessas palavras ocorre assim. Alguém fala algo repulsivo, vulgar ou alusivamente indecente, e um amigo com coração zeloso protesta contra a declaração vil. Imediatamente, às vezes com um sorriso, muitas vezes em tom de desdém, ele é calado com ‘todas as coisas são puras para os puros’. O diabo cita a Bíblia para seus próprios fins, e tal citação é a obra do diabo. [...] Há coisas que estão em todos os lugares e sempre são certas, e há coisas que estão em todos os lugares e são erradas, e pouca esperança resta para quem aprendeu a falsificar as coisas estabelecidas”.⁵ Talvez as palavras de Paulo sejam, como defendem certos intérpretes, um provérbio popular. Mas devemos entendê-las no contexto das “fábulas judaicas” e “mandamentos de homens” que o apóstolo denuncia. Essas palavras têm o mesmo significado aqui como na declaração de Jesus registrada em Marcos 7.15: “Nada há, fora do homem, que, entrando nele, o possa contaminar; mas o que sai dele, isso é que contamina o homem”.

O apóstolo é igualmente enfático ao declarar o aspecto negativo deste princípio, e com aplicação particular aos falsos mestres em Creta. Para os **contaminados e infiéis** (15; a ordem em que estes termos ocorrem é importante) tudo é impuro. Tais pessoas “tomam as coisas mais belas e encantadoras e as cobrem com uma camada de impureza encarvoada. Vêem um gracejo impuro, onde não há impureza. Mas quem tem a mente pura acha todas as coisas puras. É terrível ter esse filme de impureza e sujeira na mente”.⁶ Quem tem o **entendimento** depravado e a **consciência** cauterizada dificilmente consegue chegar à verdade.

O apóstolo leva a denúncia a outro estágio: **Confessam que conhecem a Deus, mas negam-no com as obras, sendo abomináveis, e desobedientes, e reprovados para toda boa obra** (16). Esta é linguagem forte jamais empregada por Paulo. O fato de ele falar com tanto vigor revela a profundidade do seu sentimento referente a estes dissimuladores que estavam subvertendo a obra de Cristo em Creta. Ainda que a influência má desses indivíduos fosse profunda e de longo alcance, eles afirmavam que eles (e provavelmente só eles) conheciam a **Deus**. Certos intérpretes vêem nisto prova de afirmação arrogante de típica autopositividade gnóstica. E é verdade que o princípio central do gnosticismo era a afirmação de um conhecimento especial de Deus, privilégio que era negado aos menos afortunados. Mas as evidências no versículo 14 mostram que os falsos ensinamentos em Creta eram de origem judaica e não gnóstica, embora houvesse certa mistura de influência gnóstica. É provável que Kelly tenha razão quando observa que “era motivo de orgulho especial dos judeus que, diferente do mundo pagão, eles conheciam a Deus conforme ele se revelara aos homens” (cf. Gl 4.8; 1 Ts 4.5; 2 Ts 1.8). “Na medida em que os hereges cretenses eram judaizantes, é então possível que o apóstolo esteja criticando a suposição complacente de que eles eram uma elite que possuía conhecimento privilegiado de Deus”.⁷ Mais verossímil é que essa falsa segurança, em que eles se apoiavam, se originava de uma mescla destes dois fatores.

Mas, como percebia o apóstolo, essa confiança era totalmente infundada. O fato tangível de **negam-no com as obras** (16) é prova conclusiva da falsidade desses hipócritas. O texto de 1 João 2.6 estabelece uma norma que tem de orientar todos os que professam conhecer a Cristo: “Aquele que diz que está nele também deve andar como ele andou”. Nos dizeres lancinantes da tradução de Phillips, a norma fica bem mais incisiva: “A vida de alguém que professa viver nele deve ser como a vida que Cristo teve” (CH). Estes

mestres seguros de si não tinham absolutamente esse sinal, essa marca de identificação e propriedade. Na verdade, segundo Paulo os descreve, eles eram repugnantes. O primeiro adjetivo grego — traduzido por **abomináveis** — é derivado de “um substantivo grego que denota aquilo que causa horror e repugnância em Deus”⁸ (cf. “detestáveis”, BAB, NVI). O termo **desobedientes** conota a atitude de insubordinação à liderança do apóstolo e, por conseguinte, ao modo em que ele lhes ensina a verdade de Deus. E a expressão **reprovados para toda boa obra** deve ser comparada com a frase de Paulo em 2 Timóteo 3.17, onde ele descreve que o perfeito homem de Deus é “perfeitamente instruído para toda boa obra”. A vasta distância ética entre estes dois extremos torna desnecessária mais comentários.

SEÇÃO IV

PADRÕES DE CONDUTA CRISTÃ

Tito 2.1-10

A. PADRÕES PARA OS IDOSOS, 2.1-3

Depois de discorrer sobre o estabelecimento de padrões de vida, aos quais os líderes cristãos devem corresponder, e sobre o castigo dos obstrucionistas maus, que estavam pondo em perigo a integridade das igrejas, agora Paulo interessa-se pastoralmente pelos crentes cretenses. Dirigindo-se incisivamente a Tito, ele diz: **Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina** (1). A palavra grega traduzida por **tu** é enfática. Diante da falsidade posicional dos oponentes, torna-se dever de Tito apresentar ousadamente a verdade. Aqui ocorre mais uma vez a preocupação de Paulo pelo depósito da **sã doutrina**, que é a herança preciosa da igreja. Mas ele não tem em mente a **doutrina** no sentido de dogma, a formulação verbal da verdade cristã. Tratam-se das conseqüências éticas apropriadas que sempre emanam da verdade cristã. Esta dedução fica nitidamente clara nos versículos a seguir.

Os velhos que sejam sóbrios, graves, prudentes, são na fé, na caridade e na paciência (2). O evangelho de Cristo tem de mudar a maneira de pensar das pessoas e dar frutos numa vida transformada. Era esta transformação poderosa que tornava a igreja primitiva invencível. Como foi que a igreja cristã derrotou o paganismo fortificado do império romano? A resposta de T. R. Glover é que “os cristãos sobrepujaram os pagãos na vida, na morte e nos conceitos”.¹ Em todos os pontos, os cristãos excederam de longe os mais altos padrões que o mundo pagão conhecia. Este fato está ilustrado aqui claramente. Os primeiros três traços de caráter determinados para os **velhos** são: **sóbrios**,

graves, prudentes (2). Devemos entender o termo **sóbrios** no sentido de “temperantes” (AEC, RA) ou “moderados” (BAB, NTLH); com toda a certeza, a temperança e moderação relacionadas ao uso de vinho, mas também é a atitude de temperança e moderação em todos os prazeres da vida. O termo grego traduzido por **graves** também ocorre em 1 Timóteo 3.8,11, onde é aplicado aos diáconos e suas esposas (“honestos” e “honestas”). Sugere seriedade de propósito (cf. “respeitáveis”, AEC, BAB, BJ, RA; “dignos de respeito”, NVI; “sérios”, CH, NTLH) que, como ressalta Guthrie, “se ajusta particularmente à dignidade de pessoas mais velhas; contudo”, ele adverte, “nunca devemos confundir seriedade com carranca”.² O terceiro termo grego traduzido por **prudentes** significa corretamente “autodisciplinados”; Moffatt traduz por “mestres de si”.

Os mestres éticos estoicos do século I poderiam ir até aqui. Mas Paulo ainda não terminou a lista de traços de caráter. Há mais três, cada uma das quais marcadamente cristã: **Sãos na fé, na caridade** (“no amor”, ACF, AEC, BAB, NTLH, NVI, RA) e **na paciência** (2). E. F. Scott ressalta que, “para Paulo, as virtudes cristãs cardeais são a fé, a esperança e o amor”, como constam em 1 Coríntios 13.13. Mas com relação à substituição da esperança por **paciência**, Scott observa que Paulo, talvez, “pensa na esperança de forma inclusa na fé que se apodera da vida por vir. Ou pode ser que ele coloque a paciência no lugar da esperança, porque pensa especialmente nos idosos cuja atitude para a vida é, agora, de resignação”.³

Não devemos entender que ser **sãos na fé** é ser **sãos na doutrina**, por mais importante que isso seja. Paulo está acentuando a **fé** vigorosa e saudável que une o homem redentoramente a Cristo. Ligado com a **fé** está o amor divino (*agape*), que é profusa e graciosamente derramado no coração daqueles que se rendem ao domínio de Cristo. A **paciência**, a terceira virtude desta segunda triade, é a força e propósito de coração para viver a vida cristã até o fim. O termo grego é traduzido por “constância” (AEC, RA), “perseverança” (BAB, BJ, BV, NTLH, NVI), “firmeza” (RSV) e “resistência” (NEB). Estas são qualidades espirituais que enriquecem os anos maduros da vida.

As mulheres idosas, semelhantemente, que sejam sérias no seu viver, como convém a santas, não caluniadoras, não dadas a muito vinho, mestras no bem (3). O apóstolo admoesta as **mulheres idosas** da igreja a cultivarem as virtudes semelhantes às que os homens idosos devem ter. O termo **semelhantemente** sugere este paralelo. Mas Paulo é muito específico em suas exigências sobre elas. A frase **que sejam sérias no seu viver, como convém a santas** é traduzida por “a serem reverentes na sua maneira de viver” (NVI; cf. CH). O termo grego traduzido por “reverentes” (NVI) significa, literalmente, “humilhar a si mesma como sacerdotisa no desempenho de seus deveres”. As **mulheres** maduras devem ser dedicadas às coisas espirituais. A figura da “mãe em Israel” (Jz 5.7) tem quase desaparecido da igreja atual. Em nossos dias, há a carência desesperadora de **mulheres** santas de outrora. **Mulheres** que conheçam a Jesus e o amem, **mulheres** para quem o privilégio de ministrar ao Senhor seja a mais alta alegria da vida, **mulheres** como honraram a casa de Maria e Marta, em Betânia; tais **mulheres** são necessárias na igreja de hoje e de amanhã.

Nem precisamos dizer que para tais **mulheres** piedosas seria desnecessária a próxima estipulação do apóstolo: **Não caluniadoras, não dadas a muito vinho** (3). Traduzida em termos mais simples e atuais, a determinação fica assim: “Não boateiras ou escravas de bebida forte” (NEB; cf. BV).

A outra especificação — **mestras no bem** (3) — não deve ser entendida no sentido de violar a norma do apóstolo estipulada em 1 Timóteo 2.12. Presumimos que a insistência paulina de as mulheres não ensinar publicamente nas igrejas seja válida tanto para as igrejas cretenses quanto para a igreja efésia. O ensino que o apóstolo tem em mente é, provavelmente, o que procede de um exemplo piedoso, suplementado por aconselhamentos e palavras de incentivo dados reservadamente. Este dever imposto nas mulheres mais velhas forma a transição para a exortação do apóstolo para as mulheres mais jovens.

B. PADRÕES PARA OS JOVENS, 2.4-8

As mulheres idosas têm o dever de ensinar **as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos** (4). Este é um dos ingredientes essenciais no lar feliz e cristão. O amor do marido e dos filhos era virtude aclamada entre pagãos e cristãos. Kelly cita o fragmento de inscrição lapidar encontrada em Pérgamo, Mísia (ver Mapa 1): “Júlio Basso [...] para sua docíssima esposa, dedicada ao marido e dedicada aos filhos”.⁴ Por mais ideais que tais virtudes sejam, o triste fato é que são honradas depois de não serem observadas.

Mas o padrão do apóstolo imposto nas **mulheres novas** continua: **A serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada** (5). Para entendermos esta passagem, devemos considerá-la no contexto dos costumes gregos. Barclay ressalta que, “no antigo mundo grego, a mulher respeitável tinha uma vida completamente retirada. Na casa, ela possuía aposentos próprios, raramente deixando-os, nem mesmo para sentar-se à mesa para as refeições com os membros masculinos da família; e nenhum homem entrava nos aposentos dela, exceto o marido. Ela nunca comparecia a assembleias ou reuniões públicas; raramente era vista nas ruas, e se o fosse [...] nunca estava desacompanhada”.⁵ Para mulheres acostumadas em tal clausura, o cristianismo veio com maravilhoso poder libertador. Seria fácil tal emancipação ir a extremos escandalosos quando vista no contexto desta exclusão tradicional. Se o padrão que Paulo estipula parece limitador e restritivo, devemos entendê-lo no contexto dos padrões do século I.

Moffatt traduz o termo **moderadas** (5) por “donas do seu nariz”. O termo grego traduzido por **castas** reflete esta mesma virtude que, no uso do Novo Testamento, sempre denota pureza (cf. “puras”, BAB, NTLH, NVI). **Boas donas de casa** é a qualidade prática da boa administração doméstica. A palavra de Moffatt para esta virtude é “doméstica”. O termo grego traduzido por **boas** tem o significado de “afáveis”, “dispostas” e “compreensivas”. **Sujeitas a seu marido** é atitude que o apóstolo propõe repetidamente (Ef 5.22; Cl 3.18). Trata-se de virtude antiquada e que decididamente não conta com o apoio das jovens atualmente. Mas sugere atitude de deferência ao marido que ela ama. Em troca, o marido deve mostrar bondade, sensibilidade e sensatez, tornando esta virtude recomendável para os nossos dias.

Paulo faz estas determinações por uma razão cristã muito básica: **A fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada** (5). Seria fatal para a igreja, se ela se expusesse à acusação de que as liberdades concedidas aos seus membros são subversivas

dos ideais da vida familiar. A maneira em que Moffatt pôs esta questão é totalmente justificada: “Caso contrário, será um escândalo para o evangelho” (cf. BV, CH, NTLH).

Agora o apóstolo passa a tratar dos jovens: **Exorta semelhantemente os jovens a que sejam moderados** (6). A responsabilidade de ser **moderados** não pesa apenas nos **jovens**, mas também em Tito, cuja tarefa é exortá-los insistentemente nesse ponto. No grego, este verbo é consideravelmente mais forte que o verbo traduzido por “fala” no versículo 1 deste capítulo. Uma opção tradutória seria “recomenda com insistência” ou “obriga”. A virtude que Tito deve insistir em suas exortações, que foi traduzida por **moderados**, é a virtude estoica de autocontrole (cf. “controlados”, BAB). Phillips traduz assim: “Você também deve insistir para que os moços levem a vida a sério” (CH). O versículo 7 continua na mesma linha de pensamento: **Em tudo, te dá por exemplo de boas obras**. É difícil decidir se a frase **em tudo** combina com a advertência a Tito ou se pertence à moderação do versículo 6. Qualquer uma das alternativas é possível, pois é puramente questão de pontuação. Seja qual for a interpretação correta, a frase enfatiza o amplo escopo desta virtude. Tito é aconselhado a apreçoá-la e exibi-la em sua conduta. Ser **exemplo** tem mais força que dar conselho; as pessoas nos seguirão do modo em que seguimos Cristo, quer o sigamos de perto ou de longe.

As exortações do apóstolo para Tito prosseguem: **Na doutrina, mostra incorrupção, gravidade, sinceridade, linguagem sã e irrepreensível, para que o adversário se envergonhe, não tendo nenhum mal que dizer de nós** (7,8). É evidente que Paulo está muito preocupado com o ensino de Tito e com sua conduta. O versículo 7b é traduzido assim: “Em teu ensino, tens de mostrar integridade e altos princípios” (NEB). Tito é exortado a usar **linguagem sã e irrepreensível** (8). Phillips interpreta esta passagem assim: “Esteja seu discurso acima de qualquer crítica, para que seus opositores sintam-se envergonhados ao descobrir que não há nada que nos desmereça” (CH). Tito tinha de ser um apologista da fé cristã em Creta (usando “apologia” no sentido teológico correto de proclamação e apoio).

C. PADRÕES PARA OS ESCRAVOS, 2.9,10

Como se deu em 1 Timóteo 6.1, encontramos o fato da escravidão humana. Esta maldição do mundo antigo existia em Creta como em todos os cantos do império romano. É claro que nas igrejas cretenses havia escravos e senhores que obedeciam à fé. Por isso o apóstolo, em suas exortações, acrescenta algo relacionado com a conduta cristã dos escravos: **Exorta os servos** (“escravos”, BV, CH, NTLH, NVI) **a que se sujeitem a seu senhor e em tudo agradem** (9). Paulo tem em mente os escravos cristãos que seriam a propriedade de senhores cristãos, os quais não dariam ordens incompatíveis com a religião cristã. É provável que entre esses escravos cristãos houvesse quem tivesse senhores pagãos e, por isso, estariam enfrentando muitas decisões difíceis. Não é verossímil que Paulo exigisse obediência inquestionável em tal situação. Mas em casas cristãs, os escravos deveriam manter atitude de submissão, como diz esta tradução: “Dize aos escravos que em tudo respeitem a autoridade dos seus senhores” (NEB). Caso percebessem a total igualdade deles com seus senhores aos olhos de Deus, seria tremenda tentação os escravos abusarem desta relação cristã nos negócios e assuntos domésticos.

O apóstolo explica em detalhes o tipo de conduta que deve caracterizar os escravos sob tais condições: **Não contradizendo, não defraudando; antes, mostrando toda a boa lealdade, para que, em tudo, sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador** (9,10). **Não contradizendo** (9) significa obedecer aos senhores sem “retrucar” (CH; cf. “não sejam respondões”, NTLH, RA; cf. BV, NVI). Aceitar ordens e instruções em espírito de submissão e cooperação seria marca convincente de comportamento cristão. **Não defraudando** (10) significa cometer pequenos furtos (cf. BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA), prática facilmente feita pelo escravo que tinha acesso às posses do seu senhor. Honestidade e probidade devem ser marcas distintivas do caráter cristão em todas as situações concebíveis de nossa vida. O padrão de vida para o escravo cristão deve ser, nas palavras de Paulo, **ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador** (tradução semelhante à de Moffatt: “ornamento para a doutrina”). Esta é alternativa tradutória desta passagem: “Eles [os escravos] acrescentarão brilho à doutrina” (NEB). A expressão de Paulo se tornou caracterização bem conhecida e freqüentemente usada para referir-se à conduta cristã excelente. Nós a empregamos para descrever o comportamento que é visivelmente cristão. Mas, muitas vezes, não refletimos em sua colocação original, pois foi endereçada a escravos cristãos.

SEÇÃO V

PRONTIDÃO PARA A VINDA DE CRISTO

Tito 2.11-15

A menção de “Deus, nosso Salvador” (10) sugeriu ao apóstolo o pensamento dos próximos versículos. Esta passagem é verdadeiramente sublime: **Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens** (11). Aqui começa a declaração do apóstolo em bases teológicas a tudo que ele disse até aqui na epístola. Por **graça de Deus**, Paulo quer dizer o favor livre e imerecido que **Deus** disponibiliza a **todos os homens** pelo ofício redentor de Jesus Cristo e pelo ministério fiel do Espírito Santo. Claro que, em certo sentido, esta **graça** ainda não se manifestou a **todos os homens**. Nem **todos os homens** já ouviram, mesmo depois de dois milênios, que Deus deu seu Filho unigênito para nos resgatar e salvar. E na mesma medida que isso é verdadeiro, é vergonhoso para a igreja, cujo Senhor há séculos a incumbiu com a comissão: “Portanto, ide, ensinai todas as nações” (Mt 28.19). Mas, em outro sentido, mesmo que haja quem nunca tenha ouvido falar de Jesus, a graça proveniente de Deus ainda está fluindo para **todos os homens** de todos os lugares. Esta **graça** é incondicional e não dependente da fé do indivíduo, pois é ministrada livremente a toda a raça humana como benefício universal da expiação. Falando sobre o fato da responsabilidade humana universal diante de Deus, João Wesley escreve:

Admitir que todas as almas humanas estão por *natureza* mortas em pecado, não desculpa ninguém, visto que não há homem que esteja em estado de mera natureza; não há homem, a menos que ele extinga o Espírito, que esteja completamente

sem a graça de Deus. Não há homem vivo que esteja completamente privado do que vulgarmente chamamos *consciência natural*. Mas não é natural: É mais corretamente designada *graça preventiva* [graça preveniente]. Todo homem tem maior ou menor medida de graça, a qual não precisa do chamado do homem. Todos têm, cedo ou tarde, desejos bons, embora os homens, em sua maioria, os abafem antes que crie raízes profundas ou produza muitos frutos. Todos têm certa medida dessa luz, alguns débéis raios luzentes que, cedo ou tarde, mais ou menos, iluminam todo homem que vem ao mundo. E todo homem, a menos que seja um dos poucos cuja consciência esteja cauterizada como por ferro quente, sente-se um tanto quanto incomodado quando age contrário à luz da própria consciência. De forma que não há homem que peque porque não tem graça, mas peca porque não usa a graça que tem.¹

Justamente por isso, é verdade que, como diz esta tradução: “A graça de Deus clareia o mundo com cura para toda a humanidade” (10, NEB). Esta é a provisão universal para nossa necessidade universal. Embora haja quem rejeite esta **graça** e recuse ter parte com Cristo, a provisão foi feita para a salvação e as pessoas podem requerê-la, caso queiram.

Paulo prossegue: **Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente** (12). Este versículo serve de resumo das exigências éticas impostas nos homens pela mensagem cristã que Paulo pregava. Tem aspecto negativo e aspecto positivo. A primeira exigência é que renunciemos **à impiedade e às concupiscências mundanas**. Isto não significa que temos de livrar-nos dos vínculos deste mundo, algo que ninguém pode fazer. É nossa tarefa, conforme formos ajudados pelo Espírito, renunciar “os caminhos ímpios e os desejos mundanos”, e, pela disciplina cristã, viver acima dessas coisas sórdidas e egoístas; mas nossa libertação foi feita pela graça e poder de Deus.

A exigência positiva da graça de Deus é o inverso da exigência negativa: **Vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente** (12). A tradução de Moffatt fala em termos contemporâneos: “Vivamos uma vida de autodomínio [BJ], integridade e santidade”.

Scott mostra que estas três palavras descrevem a vida do homem em sua relação tripla: 1) Consigo mesmo; 2) Com seus semelhantes; e 3) Com Deus. O homem tem de aprender a controlar as próprias paixões, a tratar com justiça o próximo e a adorar a Deus e obedecer-lhe.²

Esta é a prescrição cristã para vivermos “neste mundo” (BJ, NTLH; **neste presente século**). O apóstolo não dá a mínima sugestão da idéia de pecado na vida dos cristãos na igreja do século I.

Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo (13). A segunda aparição de Nosso Senhor era a **bem-aventurada esperança** de Paulo, embora ele estivesse muito perto do martírio. Concernente a este parágrafo, Plummer destaca que nele Paulo “insiste, mais uma vez, na ligação inseparável entre credo e caráter, doutrina e vida, e notifica as estreitas relações entre o passado, o presente e o futuro no plano cristão de salvação. Há certos fatos no passado que devem ser cridos; há um tipo de vida no presente que deve ser vivido; há coisas reservadas para nós no futuro pelas quais devemos esperar. Assim as três grandes virtudes são insistentemente incutidas: a fé, o amor e a esperança”.³

A expressão paulina, **a bem-aventurada esperança**, tornou-se uma das mais bem conhecidas para nos referirmos à espera da igreja pela volta de **Cristo**. Esta esperança tem irradiado em todos os tempos da vida da igreja. Certos intérpretes, forçados a admitir que nos primeiros escritos paulinos a certeza de que **Jesus Cristo** voltaria era uma idéia central, nos querem fazer crer que o apóstolo reconheceu que esta opinião era um equívoco. Lógico que é verdade que a esperança sincera de Paulo de que este acontecimento se daria durante sua vida teve de ser renunciada quando a morte certa se aproximava. Mas esta carta a Tito data deste mesmo período. O testemunho do versículo 13 confirma eloqüentemente que o apóstolo tinha plena certeza de que Deus realizaria este evento glorioso. Kelly, que diz que este versículo “é, talvez, excerto de um hino ou fórmula litúrgica cristã”, observa também que “contém expressão vibrante da expectativa escatológica da igreja primitiva que impacientemente esperava a segunda vinda do Senhor à mão direita de Deus”.⁴

Os estudiosos da Bíblia têm dificuldade de certa magnitude para interpretar corretamente a linguagem de Paulo aqui. Há duas possíveis traduções do versículo 13; uma delas é: **O aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo**. A outra é: “O aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus” (AEC). A primeira opção tradutória faz distinção entre **Deus** e **Jesus Cristo** quando fala do **aparecimento da glória** (cf. ACF, CH). A segunda identifica **Jesus Cristo** com **Deus** (cf. BAB, BJ, BV, NTLH, NVI, RA) e proclama sua deidade ou identidade essencial com Deus ao anunciar sua iminente “manifestação”. Os pais gregos preferem quase uniformemente a segunda tradução. Guthrie ressalta que “o uso da palavra *aparecimento*, a qual nunca é usada com relação a Deus, dá mais apoio em atribuir a Cristo os dizeres da declaração”.⁵ O volume de evidências favorece a segunda destas interpretações.

Paulo une esta reafirmação de sua fé na segunda vinda de Jesus com uma análise da significação redentora da obra de Cristo: **O qual se deu a si mesmo por nós, para nos remir de toda iniquidade e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras** (14). Em típica expressão paulina, o apóstolo declara o caráter substitutivo do sacrifício de nosso Senhor na cruz. Esta entrega de **si mesmo** é “em nosso favor” ou “em nosso lugar”; a idéia de “procuração” está categoricamente presente na preposição grega *hyper* (**por**). E o propósito desse dar-se de Cristo é a nossa redenção. Este é um eco da designação de nosso Senhor quando disse que ele mesmo é o “resgate” (Mc 10.45). Seria irrelevante investigar este conceito de resgate com todos os exageros que o caracterizaram na igreja primitiva. Não obstante, o conceito de resgate sempre nos é muito precioso para deixarmos de lado, pois diz algo sobre a cruz de Cristo que não pode ser expresso em outros termos.

A redenção que o apóstolo defende que é nossa pelo sofrimento de Cristo é a redenção **de toda iniquidade**. Barrett ressalta que “o significado desta libertação está na frase positiva que se segue; é uma libertação não tanto da culpa quanto do pecado real, uma purificação e um impulso para as boas obras”.⁶ Aqui notamos novamente que Paulo não era apologeta do pecado, mas cria numa real libertação do pecado.

É claro que Cristo está preocupado em ter **para si um povo**; um **povo** limpo, purificado e pertencente a ele em sentido exclusivo. O adjetivo **especial** não se refere às esquisitices que poderiam caracterizar tal **povo**. O significado é claramente mostrado

nesta tradução: “Um povo puro marcado para pertencer somente a ele” (NEB). Paulo enfatiza a implicação ética de tal vida nas palavras **zeloso de boas obras** ou “ansioso para fazer o bem” (NEB; cf. NTLH).

O capítulo termina com a mesma nota com que começou: **Fala disto, e exorta, e repreende com toda a autoridade** (15). O ministério de Tito tem de ser marcado por lealdade firme, corajosa e inflexível a esta mensagem. E, complementa Paulo: **Ninguém te despreze**. Algo de natureza similar foi dito a Timóteo por causa de sua juventude (1 Tm 4.12). Talvez Tito tenha sido exortado por razão semelhante.

SEÇÃO VI

CRISTÃOS EM UM MUNDO PAGÃO

Tito 3.1-7

A. SER BONS CIDADÃOS, 3.1,2

Agora o apóstolo passa a tratar de uma nova área da vida cristã, sobre a qual os crentes cretenses devem estar permanentemente atentos. Nos capítulos anteriores, ele lidou com os relacionamentos dos crentes uns com os outros e com o problema da ordem cristã entre as igrejas. Agora, ele trata das relações dos crentes cretenses com os poderes constituídos: **Admoesta-os a que se sujeitem aos principados e potestades, que lhes obedecam e estejam preparados para toda boa obra** (1).

Em Romanos 13.1-7, Paulo declara sua filosofia de governo com bastante clareza, começando com as palavras: “Toda alma esteja sujeita às autoridades superiores; porque não há autoridade que não venha de Deus; e as autoridades que há foram ordenadas por Deus”. Nesta ótica, o estado deriva sua autoridade de Deus. Isto não quer dizer que esses poderes nunca são exercidos pelo consentimento dos governados. Declara simplesmente que, entre iguais, devemos respeitar e obedecer às autoridades civis. Na verdade, pouca importa se os ocupantes de posição de autoridade não sejam cristãos, ou que até sejam pagãos, como no século I. Nem esta atitude exclui o direito de o cristão resistir à perseguição ou tentativa oficial de acabar com a liberdade religiosa. Chegaria o tempo em que a pesada mão da perseguição governamental se abateria sobre a igreja e o único curso cristão seria a desobediência civil. Mas esse tempo ainda não chegara. Em Creta, o dever dos cristãos era: **Que se sujeitem aos principados e potestades**.

Não devemos entender a advertência adicional de Paulo, **estejam preparados para toda boa obra** (1), como exortação geral ao serviço cristão, mas como pertencente ao contexto da boa cidadania. Os cristãos devem ser **preparados para** servir a comunidade de todas as maneiras construtivas que puderem. Isso significa concorrer e servir em cargos políticos, ou ter parte ativa em projetos valiosos para a promoção de instituições beneficentes e a assistência social de crianças. Ninguém deve isentar-se do desempenho das suas responsabilidades cívicas com o pretexto de que, embora *esteja no mundo*, ele *não pertence ao mundo*. Seja o que for que Jesus quis dizer na oração sumo sacerdotal registrada em João 17.16, não foi isso o que ele quis dizer. Nas questões cívicas, os cristãos devem “estar preparados para realizar qualquer boa obra que esteja a seu alcance” (CH).

No versículo 2, o apóstolo continua seu esboço do comportamento cívico do cristão: **Que a ninguém infamem, nem sejam contenciosos, mas modestos, mostrando toda mansidão para com todos os homens**. Devemos ouvir e atender a primeira destas diretivas (**que a ninguém infamem**) no contexto da igreja bem como no âmbito da comunidade cívica. Há três testes aos quais devemos submeter todo comentário depreciativo a que formos tentados a fazer sobre os outros: 1) É verdadeiro?; 2) É bom?; e 3) É necessário? Quantas vezes a aplicação destes três parâmetros calaria nossa boca eficazmente!

Nem sejam contenciosos, mas modestos (2) significa evitar brigas e ter espírito de altercação do qual surgem brigas (cf. BJ, CH, RA). Pelo contrário, insiste Paulo, sejam **modestos**. Algumas conotações de **modestos** são calmos, “bondosos” (CH), afáveis, “amáveis” (BAB, NVI), sofisticados, “cavalheiros” (BJ), que são qualidades distintamente cristãs. **Mostrando toda mansidão para com todos os homens** é frase que leva a mal-entendidos. Este é o significado preciso: “dando provas de toda cortesia, para com todos os homens” (RA; cf. BV).

B. OS CRISTÃOS SÃO TRANSFORMADOS PELA GRAÇA, 3.3-7

Como razão para tratarem de modo amável e atencioso os que estão perdidos por não terem Deus, Paulo lembra os cristãos cretenses do lodaçal do qual eles foram tirados: **Porque também nós éramos, noutra tempo, insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros** (3). Este é quadro negro e proibitivo, contudo quem questionaria sua veracidade? E com modéstia característica, o apóstolo se inclui entre os que outrora foram enganados desse jeito. O desatino absoluto da vida de pecado, a oposição aos caminhos e à vontade de Deus para a vida, a perdição terrível de quem está alienado de Deus no meio do universo de Deus, a escravidão à natureza bestial que envolve necessariamente o pecado, a vida ímpia em chamas pela inveja e pelo ódio são imagens que fazem parte do retrato paulino do lodaçal do qual estes crentes em Creta foram recentemente resgatados.

Por esse resgate glorioso, Paulo passa a louvar a Deus imediatamente: **Mas, quando apareceu a benignidade e caridade de Deus, nosso Salvador, para com os homens** (4). O apóstolo está pensando no milagre da justificação pela fé, o perdão graci-

oso dos pecados do passado — perdão que foi introduzido no reino da experiência humana pela vinda do Filho de Deus ao mundo. Paulo vê na encarnação do Filho de Deus o amanhecer de um novo dia nos assuntos humanos. Este amanhecer ou “aparecimento” (**apareceu**) é na verdade uma “epifania” ou revelação divina; e as coisas reveladas são a **benignidade e caridade** (“amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA) **de Deus, nosso Salvador**. O termo **benignidade** é tradução literal da palavra grega *chrestotes*. “Usada para referir-se a Deus”, observa Kelly, “conota sua bondade e preocupação compassiva”.¹ Essa palavra está frequentemente ligada, como aqui, com a palavra grega *philanthropia*, que significa “afeto pelo homem como homem”. Obviamente que “filantropia” é termo derivado desta raiz. Estas são as qualidades do caráter de Deus que são particularmente reveladas neste aparecimento de **Deus, nosso Salvador**. Paulo diz que **Deus é nosso Salvador**, porque foi em cumprimento do seu propósito salvador que Cristo veio para nosso mundo.

A intervenção salvadora de Deus a nosso favor é absoluta questão da graça divina, sendo de modo algum o resultado de mérito humano. Este fato está claro no versículo 5: **Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas, segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo**. A impossibilidade absoluta do desempenho humano de **obras de justiça** é tema freqüente do apóstolo, apresentado com particular força convincente nos capítulos iniciais da Epístola aos Romanos. Paulo está falando sobre a futilidade de qualquer esperança humana que merecesse a graça de Deus. Não há nada que possamos fazer que coloque o Deus Todo-poderoso a nos dever favores. A salvação não é “das obras” (Ef 2.9), mas inteiramente da graça. Nossa única esperança está na resposta que nosso espírito dá ao ser despertado pelo ministério convincente do Espírito Santo, resposta que nos leva ao arrependimento sincero e à súplica pela misericórdia de Deus. Mas a iniciativa sempre é de Deus, e nossa resposta é capacitada e possibilitada pelo Espírito Santo. Assim, **segundo a sua misericórdia ele nos salvou**. Não há outra explicação possível. E mesmo esta não explica, pois ninguém pode compreender a **misericórdia** de Deus.

O modo em que Paulo entende o método divino de realizar nossa salvação é duplo. Em primeiro lugar, ele fala da **lavagem da regeneração** (5) empregando o linguajar do rito batismal. Não devemos entender que o batismo nas águas seja o meio efetivo pelo qual os homens são salvos, mas consideremo-lo, pelo menos aqui, como símbolo da experiência da morte ao pecado e da ressurreição espiritual em novidade de vida. Em outra carta, o apóstolo investe o símbolo batismal com este significado quando diz: “De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida” (Rm 6.4). Ser salvo é ser vivificado, é ser ressuscitado da morte de transgressões e pecados.

O segundo aspecto da experiência de salvação é a **renovação do Espírito Santo** (5). O **Espírito Santo**, na expressão dos antigos credos da igreja, é “o Senhor e Doador da vida”. Isto envolve a totalidade da de vida em todas as suas manifestações. Mas em certo sentido, é o pecador perdoado e renovado que foi vivificado pelo Espírito Santo. Esta vida é obra exclusiva do Espírito — em seu começo, crescimento e aumento, e plenitude.

O versículo 6 proclama a realidade presente do derramamento do Espírito: **Que abundantemente ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador**. A função vivificadora do Espírito Santo está estreitamente relacionada com a obra

redentora e intercessora do Senhor **Jesus**. Ele proclamou que o dom do Espírito seria dado pelo Pai e por ele (Jo 14.26; 16.7). É este ensino que é apresentado na doutrina da “processão dupla” do Espírito Santo; ele procede tanto do Pai quanto do Filho. A sua vinda está relacionada com a volta de nosso Senhor à mão direita do Pai (Jo 7:39). A vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes foi considerada como dom pelo **Salvador** glorificado (At 2.33). E toda alma regenerada é vivificada por este mesmo Espírito vivificador.

O apóstolo leva seu exame do milagre transformador espiritual à sua conclusão lógica e inevitável: **Para que, sendo justificados pela sua graça, sejamos feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna** (7). A justificação é um dos temas autênticos do pensamento paulino. Ele ensinou que, entregando-se e crendo em Cristo, o perdão de pecados é garantido e o próprio pecador, seja qual tenha sido seu passado, é recebido na graça e favor de Deus. Mas aqui há mais que a promessa da vida que agora existe: pois a **esperança da vida eterna** é dada igualmente a todo pecador que se volta a Deus por Cristo. O que o apóstolo está nos dando nos versículos 4 a 7 é o esquema completo da misericórdia divina e o plano de salvação. Poucos resumos da graça salvadora de Deus são mais brilhantes que este.

SEÇÃO VII

EXORTAÇÕES FINAIS

Tito 3.8-11

A. MANTENHA-SE OCUPADO POR CRISTO, 3.8

Ao se aproximar da conclusão da carta, Paulo volta a fazer exortações: **Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêm em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens.** A primeira frase deste versículo ocorre outras vezes nas Epístolas Pastoris (1 Tm 1.15; 1 Tm 2.11). Kelly mostra que “ele olha para trás [aos versículos 3 a 7] em vez de olhar para frente”. Ele defende a opinião de que “tudo ou parte dos versículos 3 a 7 é citação, provavelmente de algum hino ou trecho litúrgico ligado ao batismo”.¹ Se for citação, é lógico que o apóstolo dá sua total aprovação e a recomenda insistentemente à atenção de Tito como mensagem que ele deve pregar. A sugestão óbvia é que sustentar esta fé e ser totalmente comprometido com ela resulta na manutenção cuidadosa de **boas obras**. É importante fazermos distinção clara entre as “obras de justiça” que, segundo o versículo 5, são inúteis como meio de nos recomendar ao favor de Deus, e estas **boas obras** que são a fluidez inevitável da vida transformada pela graça. Estas são as obras que Tiago considerou marca certa de uma vida verdadeiramente cristã (Tg 2.18). E, como Paulo percebe, só **os que crêm** muito são os que servem fielmente.

O julgamento do apóstolo sobre esta questão é colocado sucintamente na declaração final: **Estas coisas são boas e proveitosas aos homens.**

B. EVITE CONTROVÉRSIAS FÚTEIS, 3.9-11

O apóstolo volta a falar das heresias que tinham infestado as igrejas cretenses e redeclara a exortação feita em 1.10-16: **Mas não entres em questões loucas, genealogias e contendas e nos debates acerca da lei; porque são coisas inúteis e vãs** (9). Este aviso repetido revela a profundidade dos sentimentos de Paulo sobre o efeito destruidor de tais ensinamentos, e mostra seu cuidado de que Tito estivesse bem informado e devidamente preparado para combatê-los. Em relação à análise feita anteriormente, a descrição inclusa nesta referência final deixa mais claro o caráter judaico destas heresias.

Scott insiste que as heresias cretenses eram de caráter predominantemente gnóstico. Mas ele procede na suposição de que as Epístolas Pastorais sejam de autoria pós-paulina, datadas de época em que a batalha da igreja contra o gnosticismo estava no auge. Como afirmamos em nossa análise das Epístolas Pastorais, as heresias que ameaçavam a integridade e existência das igrejas em Éfeso e em Creta representavam a fase mais inicial do gnosticismo, quando era de caráter predominantemente judaico. As evidências a favor desta interpretação contribuem consideravelmente para a datação mais antiga destas cartas e sua autoria paulina autêntica.

A seguir, o apóstolo sugere a ação disciplinar apropriada que deve ser tomada contra os que rejeitarem sua exortação: **Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido** (“se perverteu”, BJ; “é moralmente pervertido”, CH) **e peca, estando já em si mesmo condenado** (10,11). A palavra grega traduzida por **herege** é derivada da palavra grega *hairesis*. Foi somente no século II que este termo veio a significar alguém que sustenta falsa doutrina. Aqui, no versículo 10, o **homem herege** significa a pessoa turbulenta e opiniática que não desiste até fazer com que todos aceitem seu ponto de vista (“homem faccioso”, AEC, BJ, RA; “homem que provoca divisões”, BAB; cf. BV, NTLH, NVI). Phillips traduz a passagem assim: “Ao homem obstinado em sua opinião, adverta-o. Mas depois da segunda advertência, deve rejeitá-lo” (CH). Barclay, neste ponto, é útil. “O herege”, diz ele, “é o indivíduo que decidiu que tem razão e que todas as outras pessoas estão erradas. As palavras de Paulo são uma exortação contra o indivíduo que torna as próprias idéias o teste e o padrão de toda verdade. Sempre devemos ter muito cuidado com toda opinião que nos separe da comunhão dos crentes. A verdadeira fé não divide as pessoas; une-as.”² O apóstolo é categórico em seu julgamento. **O homem** que recusa ouvir e atender as advertências dos ministros de Deus contra atitudes divisoras e insiste em tornar suas idéias a norma da verdade cristã caiu em pecado — o pecado do orgulho opiniático — e está autocondenado.

SEÇÃO VIII

CONCLUSÃO

Tito 3.12-15

De modo habitualmente paulino, a carta conclui com alguns itens puramente pessoais: **Quando te enviar Ártemas ou Tíquico, procura vir ter comigo a Nicópolis; porque deliberei invernar ali** (12). O apóstolo tencionava enviar a Creta um desses dois irmãos aqui nomeados para substituir Tito, de forma que este pudesse viajar para **Nicópolis**. Qual dos dois ainda seria determinado. **Ártemas** não é mencionado em outra parte das cartas de Paulo, mas **Tíquico** é personagem bastante famoso. Ele era companheiro de viagem do apóstolo (At 20.4), e serviu de mensageiro para levar a carta efésia de Paulo a Éfeso (Ef 6.21). Prestou serviço semelhante a respeito da carta colossense. Mais tarde, quando Paulo estava em seu aprisionamento final, **Tíquico** foi enviado em missão a Timóteo que estava em Éfeso (2 Tm 4.12).

Várias cidades no mundo antigo tinham o nome de **Nicópolis**. A cidade que Paulo tem em mente é, ao que parece, a **Nicópolis** do continente grego (ver Mapa 1). A nota em 2 Timóteo 4.10, escrita dois ou três anos depois, que informa que Tito fora para a Dalmácia, situaria Tito na vizinhança geral de **Nicópolis**.

Acompanha, com muito cuidado, Zenas, doutor da lei, e Apolo, para que nada lhes falte (13). O nome **Zenas** é outro dos amigos de Paulo que não ocorre em outra parte dos escritos do apóstolo. A designação **doutor da lei** ("advogado", BV, CH, NTLH; "jurista", BJ, NVI; "intérprete da lei", RA) serve para distingui-lo de outras pessoas que tenham o mesmo nome. **Apolo** nos é bem conhecido, aparecendo em Atos (At 18.24) e em 1 Coríntios. Estes dois líderes cristãos estavam a caminho de Creta e,

talvez, tenham sido os portadores da carta de Paulo a Tito. O apóstolo quer se assegurar de que recebam a melhor hospitalidade possível.

À primeira vista, o versículo 14 é um pouco ambíguo: **E os nossos aprendam também a aplicar-se às boas obras, nas coisas necessárias, para que não sejam infrutuosos.** Parece que é exortação ao empenho no trabalho, conforme vemos nesta leitura de Phillips: “Nosso povo deve aprender a conseguir o que precisa por meio de trabalho honesto” (CH). Mas a referência no versículo 13 à hospitalidade a ser outorgada a Zenas e Apolo pode ter sugerido à mente do apóstolo a necessidade de insistir na virtude da hospitalidade entre os cristãos cretenses em geral.

A epístola termina com uma saudação geral: **Saúdam-te todos os que estão comigo. Saúda tu os que nos amam na fé. A graça seja com vós todos. Amém!** (15). O apóstolo não cita os nomes de todos que estão em sua companhia, mas inclui todos em sua saudação a Tito. Paulo tinha amigos pessoais e queridos em Creta, talvez seus filhos no evangelho; e aos **que nos amam na fé** ele envia afetuosas saudações. A bênção final é de caráter inteiramente paulino, compreendendo toda a igreja de Cristo que está em Creta: **A graça seja com vós todos. Amém!**

Notas

A EPÍSTOLA A TITO

SEÇÃO II

¹Kelly, *op. cit.*, p. 129.

²Barclay, *op. cit.*, p. 273.

³*Ib.*

SEÇÃO III

¹Barclay, *op. cit.*, p. 276.

²Kelly, *op. cit.*, p. 234.

³*Ib.*, p. 235.

⁴Barclay, *op. cit.*, p. 279.

⁵G. H. Morrison, *The Afterglow of God* (Londres: Hodder & Stoughton, 1912), p. 27.

⁶Barclay, *op. cit.*, p. 280.

⁷Kelly, *op. cit.*, p. 237.

⁸*Ib.*, p. 238.

SEÇÃO IV

¹T. R. Glover, *The Jesus of History* (Nova York: George H. Doran Company, 1917), pp. 200, 201.

²Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 191.

³Scott, *op. cit.*, p. 163.

⁴Kelly, *op. cit.*, pp. 240ss.

⁵Barclay, *op. cit.*, p. 286.

SEÇÃO V

¹John Wesley, "On Working Out Our Own Salvation", *Works*, editado por Thomas Jackson, vol. VI (Kansas City: Nazarene Publishing House, s.d.), p. 512.

²Scott, *op. cit.*, p. 168.

³Plummer, *op. cit.*, p. 260.

⁴Kelly, *op. cit.*, p. 246.

⁵Guthrie, *The Pastoral Epistles*, p. 200.

⁶Barrett, *op. cit.*, p. 138.

SEÇÃO VI

¹Kelly, *op. cit.*, p. 251.

SEÇÃO VII

¹Kelly, *op. cit.*, p. 254.

²Barclay, *op. cit.*, p. 304.

Bibliografia

A PRIMEIRA E A SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO E A EPÍSTOLA A TITO

I. COMENTÁRIOS

- BARCLAY, William. "The Letters to Timothy, Titus, Philemon." *The Daily Study Bible*. Edimburgo: The Saint Andrew Press, 1956.
- BARRETT, C. K. "The Pastoral Epistles." *The New Clarendon Bible*. Editado por H. F. D. Sparks. Londres: Oxford University Press, 1963.
- DODD, C. H. "The Epistle of Paul to the Romans." *The Moffatt New Testament Commentary*. Londres: Hodder & Stoughton, 1949.
- EASTON, B. S. *The Pastoral Epistles*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1947.
- GEALY, Fred D. "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exegesis). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1955.
- GUTHRIE, Donald. "The Pastoral Epistles." *The Tyndale New Testament Commentaries*. Editado por R. V. G. Tasker. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1957.
- KELLY, J. N. D. "A Commentary on the Pastoral Epistles." *Harper's New Testament Commentaries*. Editado por Henry Chadwick. Nova York: Harper & Row, 1963.
- LOWSTUTER, W. J. "The Pastoral Epistles: First and Second Timothy and Titus." *The Abingdon Bible Commentary*. Editado por F. C. Eiselen *et al.* Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, 1929.
- NOYES, M. P. "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus" (Exposition). *The Interpreter's Bible*. Editado por George A. Buttrick *et al.*, Vol. XI. Nova York: Abingdon Press, 1951.
- PARRY, R. St. John. *The Pastoral Epistles*. Londres: Cambridge University Press, 1920.
- PLUMMER, Alfred. "The Pastoral Epistles." *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1898.
- ROLSTON, Holmes. "1—2 Thessalonians, 1—2 Timothy, Titus, Philemon." *The Layman's Bible Commentary*. Editado por B. H. Kelly *et al.*, Vol. 23. Richmond: John Knox Press, 1963.
- SCOTT, E. F. "The Pastoral Epistles." *The Moffatt New Testament Commentary*. Londres: Hodder & Stoughton, 1936.
- SIMPSON, E. K. *The Pastoral Epistles*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1954.
- WESLEY, John. *Explanatory Notes upon the New Testament*. Londres: The Epworth Press, 1950.
- WHITE, N. J. D. "The First and Second Epistles to Timothy and the Epistle to Titus." *The Expositor's Greek Testament*. Editado por W. Robertson Nicoll, Vol. IV. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, s.d.

II. OUTROS LIVROS

- BAILLIE, D. M. *God Was in Christ*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1948.
- DODD, C. H. *The Apostolic Preaching and Its Developments*. Nova York: Harper & Brothers, s.d.
- _____. *The Parables of the Kingdom*. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1936.

- GLOVER, T. R. *The Jesus of History*. Nova York: George H. Doran Company, 1917.
- GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction: The Pauline Epistles*. Chicago: InterVarsity Press, 1961.
- HARRISON, P. N. *The Problem of the Pastoral Epistles*. Londres: Oxford University Press, 1921.
- HATCH, Edwin. *The Organization of the Early Christian Churches*. Londres: Longmans, Green & Company, 1901.
- JOWETT, J. H. *The Preacher: His Life and Work*. Nova York: Harper & Brothers, 1912.
- MORGAN, G. Campbell. *The Answers of Jesus to Job*. Nova York: Fleming H. Revell Company, 1935.
- MORRISON, G. H. *The Afterglow of God*. Londres: Hodder & Stoughton, 1912.
- WESLEY, John. *Works*. Editado por Thomas Jackson, Vols. VI e VII. Kansas City: Nazarene Publishing House, s.d.
- WHITEHEAD, John. *Lives of John and Charles Wesley*. Nova York: R. Worthington, 1881.

III. ARTIGOS

- EDWARDS, D. Miall. "Drunkenness." *International Standard Bible Encyclopaedia*. Editado por James Or et al., Vol. II. Chicago: The Howard-Severance Company, 1925.

A Epístola a
FILEMOM

John B. Nielson

Introdução

A. Tempo

A Epístola a Filemom é correlata à Epístola aos Colossenses. É enviada à mesma cidade (Cl 4.8,9), e foi escrita pelo mesmo apóstolo Paulo.¹ Também é provável que tenha sido escrita na mesma época que Colossenses, cerca de 62 d.C. (Cl 4.7-9).²

Até recentemente, a totalidade dos expositores afirmava que foi escrita de uma prisão em Roma.³ Mas hoje há expositores que entendem que o pedido “prepara-me também pousada” (22) indica a prisão em Cesaréia, da qual Paulo esperava ser liberto para pregar (At 23.33—26.32; Fp 2.24). O argumento é que Paulo não pediria pousada de lugar tão distante quanto Roma.⁴ Contudo, o crente do vale do Lico, Filemom, era muito querido ao apóstolo (19,21,22). Seria natural Paulo contar com pousada agradável em casa de amigo tão querido, se lhe fosse permitido visitar a região outra vez.

B. Destino

John Knox propõe com Goodspeed que esta carta é a Epístola aos Laodicenses (Cl 4.16,17). Propõe também que o ministério ou tarefa dada a Arquipo (Cl 4.17) seja o pedido constante na carta a Filemom, qual seja, receber e restabelecer Onésimo (10).⁵ Esta interpretação tem pouco apoio. Os comentaristas, em sua maioria, aceitam a interpretação tradicional de que esta era uma carta pessoal de Paulo escrita a Filemom de Colossos (Cl 4.8,9).⁶

Embora seu nome não ocorra no texto, Tíquico, na companhia de Onésimo, é o portador desta carta (Cl 4.7-9).

C. Propósito

A carta é endereçada primariamente a um indivíduo, Filemom, mas também à igreja que se reúne em sua casa (2).

O problema diz respeito à instituição escravista, o tráfico de vidas humanas, e qual deve ser a resposta do cristão. O problema não é apenas pessoal e particular, como neste caso; trata-se de problema público que toda a comunidade cristã e o mundo em geral têm de enfrentar e resolver (Cl 3.22—4.1).⁷

O que dirá e fará Paulo em face de tal dilema? Ele opõe sua fé contra uma cultura e sistema de governo que tolera e protege o comércio de vidas humanas.

Paulo não ataca a escravidão diretamente. Ele não aconselha rebelião ou desafio à lei e ordem prevalecente. Pelo contrário, ele aconselha obediência ao governo (Rm 13.1ss.). O que o apóstolo faz é elevar o assunto a um nível espiritual sublime. Ele soluciona a questão escravagista não por compulsão, mas por redenção. Paulo mostra que o escravo crente é tão verdadeiramente irmão cristão e está tão realmente “em Cristo” quanto o senhor crente (Rm 12.4,5). Todos os crentes estão igualmente em Cristo e, portanto, são

membros do corpo de Cristo. Ainda que cada membro tenha uma função própria e haja distinções entre os membros, cada um é membro indispensável do *corpo* (Ef 4.11-16). Não há divisão nesse *corpo* (1 Co 12.25ss.). Nenhum membro ou função do corpo de crentes (o corpo de Cristo) tem autoridade inerente sobre qualquer outro membro ou função. O fato comprovado é que todos são igualmente responsáveis à cabeça, que é Cristo (1 Co 12.12-14; Ef 1.22,23). Todos os membros têm de “sujeitar-se uns aos outros por respeito a Cristo” (Ef 5.21, RSV; cf. NTLH).

O que Paulo faz é injetar a solução cristã na cultura prevalecente. A levedura desse conceito continua se infiltrando e se espalhando na sociedade até atingir sua melhoria e correção final (Mt 13.33). O valor total do ensino paulino tem aplicação imediata no contexto cristão: todos os *crentes* são irmãos, pois são um corpo em Cristo (Jo 17.19ss.) e, portanto, devem ser tratados sob a norma do amor cristão.

Esboço

A. PRELÚDIO, 1-3

1. O Escritor, 1
2. Os Destinatários, 1,2
3. As Saudações, 3

B. ORAÇÃO, 4-7

1. O Motivo da Oração, 4,5
2. O Propósito da Oração, 6,7

C. PROBLEMA, 8-14

1. O Pedido Feito, 8-12
2. A Resposta Esperada, 13,14

D. PROPOSTAS, 15-22

1. Restituição, 15
2. Elevação, 16,17
3. Substituição, 18,19
4. Confiança, 20-22

E. POSLÚDIO, 23-25

SEÇÃO ÚNICA

A ESCRAVIDÃO E A RESPOSTA CRISTÃ

Filemom 1-25

A. PRELÚDIO, 1-3

1. O Escritor (1)

Em Colossenses, **Paulo** se chama “apóstolo” (Cl 1.1); aqui ele declara que é **prisioneiro de Jesus Cristo**. Ele está preso a Cristo por fé e compromisso, e também preso numa prisão romana por crer em **Jesus Cristo** e lhe ser leal (At 28.30). **Prisioneiro** indica as condições adversas sob as quais ele trabalha. Levando em conta o propósito da carta — inspirar graça e perdão no **amado Filemom** por Onésimo —, as circunstâncias deploráveis de **Paulo** tornam as dificuldades de **Filemom** como nada.

Timóteo, como em Colossenses, faz parte dos remetentes destes sentimentos e pedidos. Ele é **irmão de Paulo**, espiritualmente falando.

2. Os Destinatários (1,2)

A carta é endereçada primariamente **ao amado Filemom** (1). Esta palavra graciosa (**amado**) é reservada para os companheiros mais queridos de Paulo (cf. 2 Tm 1.2). Este homem também é um dos cooperadores de Paulo na pregação e promoção da obra de Cristo. Embora a carta seja pessoal e endereçada a **Filemom**, também é endereçada à **igreja** (2), porque o problema é tanto público quanto privado. Entre os destinatários está **Áfia**, que é **irmã**, mas não “amada”¹ (cf. ACF). Os comentaristas sugerem que ela é esposa de **Filemom**, mas não há como ter certeza; pelo menos, é **irmã** em Cristo. Roberts² ressalta que a palavra **nosso** não ocorre no texto grego (cf. AEC, BAB, NVI,

RA). **Arquipo** é chamado **companheiro** ou “companheiro de lutas” (AEC, BAB, NTLH, NVI, RA) no serviço a Cristo. Knox propõe que ele, e não Filemom, era o pastor da igreja colossense (Cl 4.16,17).³

E à igreja que está em tua casa (2) revela que a **casa** de Filemom era lugar de reunião para o culto a Deus usada pelos crentes colossenses (Cl 4.8,9). **A igreja** em Laodiceia se reunia na casa de Níno (Cl 4.15). Muito pouco é dito sobre Hierápolis, a terceira cidade em importância no vale do Lico. É provável que a cidade não tivesse igreja organizada, embora sua menção dê a entender que alguns crentes morassem ali.

3. As Saudações (3)

A carta contém a bem conhecida saudação paulina **graça... e paz**.⁴ O apóstolo declara que elas virtudes vêm divinamente do **Pai** e do Filho, o **Senhor Jesus Cristo**. O Espírito Santo não é mencionado nesta breve epístola.

B. ORAÇÃO, 4-7

1. O Motivo da Oração (4,5)

Paulo é mestre em psicologia. É sua característica preparar adequadamente o terreno antes de plantar a semente (At 26.2ss.). Ele observa e recomenda as coisas boas antes de aplicar as palavras de correção ou repreensão.

O louvor está caracteristicamente na boca do apóstolo com as palavras: **Graças dou ao meu Deus** (4). De acordo com a gramática grega, Paulo *agradece* a **Deus** sempre e não *ora* sempre.⁵ Eis a tradução correta: “Sempre dou graças a meu Deus” (BAB, NVI; cf. BJ, BV, CH). A razão para o louvor de Paulo são a **caridade** (o “amor”, ACF, AEC, BAB, BJ, BV, CH, NTLH, RA) e a **fé** de Filemom (5).⁶ O amor e a **fé** são graças cristãs manifestas primeiro **para com o Senhor Jesus Cristo** (vertical) e depois **para com todos os santos** (horizontal). A seqüência é especialmente significativa para esta epístola, porque não há relação humana apropriada a menos que primeiro haja uma relação certa com Deus (a ordem na NVI é inadequada).

2. O Propósito da Oração (6,7)

O propósito das orações de Paulo é a **comunicação** (compartilhamento, cf. BV, CH; “comunhão”, BAB, NVI, RA) da **fé** de Filemom (6). A palavra grega *koinonia* (**comunicação**), significa a comunhão entre os crentes (1 Co 1.9; Gl 2.9; Fp 1.5). Em 1 Coríntios 10.16, essa palavra é usada com relação à Ceia do Senhor, a refeição comunal. O objetivo de Paulo em orar por Filemom é que sua fé **seja eficaz**, quer dizer, que tenha o poder de realizar o fim que Paulo tem em mira (Cl 3.17). Este fim é a aceitação de que todo o **bem** esteja em **Cristo Jesus**. A palavra **Jesus** não consta em certos manuscritos⁷ (cf. AEC, BAB, BJ, NTLH, NVI, RA). O fraseado deste versículo recorda a origem e o fim de toda conduta ética, conforme está revelada em Colossenses 3.17,23.⁸

O resultado dessa experiência em Filemom é que, onde quer que ele vá, sua presença e espírito causem um efeito salutar (7). A leitura **tive** é correta.⁹ Certos intérpretes substituem **gozo** por “graça” (*charan*); a diferença está em apenas uma letra grega.¹⁰ **Consolação** é tradução de *parakeleo* (Jo 14.16), e significa força, fortalecimento,

encorajamento, “coragem”¹¹ (NTLH). **Coração** (*splangkna*) significa as emoções, o ser interior do homem.¹² **Foi reanimado** (lit., “chegou a uma pausa”) dá a entender que todas as preocupações e tensões diminuíram por sua presença e espírito (cf. 20). Paulo o chama **irmão**, porque ambos estão relacionados com o mesmo “irmão mais velho”, Cristo (Rm 8.16,17). O espírito de Filemom que maravilhosamente se espelha em Cristo é a causa do louvor e oração de Paulo.

C. PROBLEMA, 8-14

Um escravo se converteu pelo ministério de Paulo em Roma. O apóstolo não tem o direito de ficar com ele ou de enviá-lo a outro lugar senão ao seu legítimo dono. O escravo tem de voltar. O que fará Paulo? O seu problema é, pelo menos, triplo: 1) Paulo tem em mãos propriedade pertencente a outra pessoa e ele tem de dispô-lo conforme os princípios cristãos. Neste caso, a propriedade é um ser humano, um escravo (16). 2) Paulo é guiado pela cultura dos seus dias. Ele é responsável pelo direito civil que reconhece e protege a instituição da escravidão. 3) Por outro lado, ele vive e ensina um modo cristão mais sublime, que rejeita e elimina todos os preconceitos na *koinonia* cristã (Ef 6.8; Cl 3.11).

1. O Pedido Feito (8-12)

Paulo pede a Filemom que ele receba Onésimo como membro da comunhão cristã, porque ele, pela fé em Cristo (10; Cl 4.9), se tornou irmão cristão.

Pelo que (8) indica que Paulo acredita que Filemom lhe atenderá ao pedido satisfatoriamente. Ele o elogia por seu espírito maravilhoso, e agora conta com a continuação dessa mesma atitude. Paulo poderia ser audaz e **mandar** (“ordenar”, BAB, BJ, RA) por causa do seu apostolado, mas ele não apela para essa autoridade (cf. 1). Ele prefere pedir (9; “solicitar”, AEC, RA). O apóstolo usa sua posição com critério. Paulo trabalha **por caridade**, ou seja, “baseado no amor” (BAB; cf. NVI; ou “em nome do amor”, AEC, RA) e não por coerção. Ele gosta de persuadir em vez de mandar (quantas vezes as pessoas se servem da força e coerção para alcançar os fins propostos, quando são muito inaptas para persuadir!). **O que... convém** significa aquilo que é adequado ou apropriado (“o que você deve fazer”, BV, NTLH; “fazer o que considero ser certo”, CH).

a) *Velhice* (9b). **Paulo é velho** (*presbutes*, “homem velho”).¹³ Certa versão bíblica tem a tradução “embaixador” (RSV). Porém, **velho** se encaixa mais adequadamente ao tom da carta, levando em conta o versículo anterior, no qual ele nega o uso de sua autoridade apostólica (Ef 6.20). Nessa época, Paulo tinha provavelmente 60 anos de idade.¹⁴

b) *Prisão* (9c,10). Paulo é **prisioneiro** por causa da sua fé em **Jesus Cristo** (9). Enquanto estava encarcerado, ele gerou um **filho** (10), metáfora que indica que ele ganhara um convertido (cf. Gl 4.19). Pedro escreveu que Deus também gera (1 Pe 1.3). Apelando a Filemom, Paulo pede solidariedade por seu **filho**, visto que o apóstolo não

pode libertá-lo para o serviço do Senhor. Em certos manuscritos, não ocorre a palavra grega traduzida por **minhas** (cf. BAB, BJ, CH, NTLH, NVI, RA).¹⁵

c) *Transformação* (11). “Onésimo” (10) significa **útil**, “proveitoso”, “benéfico” (cf. 14,20).¹⁶ **Agora** pela primeira vez ele é **útil**. O significado do nome é, agora, o seu caráter. A passagem de Colossenses 3.22,23 mostra por que ele será **útil** para Paulo e Filemom.

d) *Intimidade* (12). **Eu to tornei a enviar** (11, *anapempsa*) está no aoristo epistolar e deve ser traduzido no tempo presente: “Mando-o de volta a ti” (12, AEC, BAB, BJ, RA; cf. BV, CH, NTLH, NVI). Significa reenviar para julgamento, assim como o prisioneiro é devolvido a outro tribunal (Lc 23.7,11; At 25.21). Paulo mantém-se fiel ao seu dever. **Torna a recebê-lo como ao meu coração** é o mesmo que dizer “receba-o como a mim, como minha descendência”. A relação é afetuosa e íntima. E eles não oraram, sofreram, choraram e cantaram juntos? Temos esta opção tradutória: “Mando-o de volta a ti, a ele que é o meu coração” (AEC).

2. A Resposta Esperada (13,14)

Paulo conta que surja em Filemom a mais sublime bondade por livre e espontânea vontade. **Eu bem o quisera conservar comigo** (13) é imperfeito, pois indica propósito parcial,¹⁷ autodeliberação. Com as palavras **por ti** (“em teu lugar”, BAB, RA; cf. NTLH, NVI), Paulo dá a entender uma dívida que Filemom lhe devia (cf. 19b). **Nas prisões do evangelho** é igual a “nas prisões de Cristo” (cf. 1).¹⁸

Parecer (14) é o mesmo que “consentimento” (AEC, BJ, BV, RA). Os benefícios são recíprocos, tanto para Paulo quanto para Filemom, bem como para Onésimo. Mas Paulo esperava que a decisão de Filemom fazer o que é certo brotasse de seu interior espontaneamente e não por necessidade.

D. PROPOSTAS, 15-22

A solução que Paulo oferece ao seu problema é quádruplo.

1. Restituição (15)

Se tenha separado está realmente na voz passiva e deve ser traduzido por “tenha sido afastado” (NTLH, NVI; cf. BJ). Declarado deste jeito, a palavra dá a entender a providência divina na fuga de Onésimo (cf. CH; cf. tb. Rm 8.28).¹⁹ **Tempo** é, literalmente, “hora”, significando curto período (cf. BAB, BJ, BV, RA). O termo grego *aionion* (**para sempre**) significa “definitivamente”, “permanentemente”. Paulo pede, então, que Filemom restitua Onésimo à comunhão pessoal e definitiva.

2. Elevação (16,17)

Paulo não nega o fato da escravidão, nem busca destruí-la às claras, mas a eleva a uma nova dimensão de relação livre e responsável.²⁰ Ele sugere que Onésimo seja considerado **irmão amado** (16), quer dizer, cristão (Rm 8:29; 1 Co 5.11). Embora a maldição da escravidão um dia acabe, a lei do serviço e trabalho nunca deve ser ab-rogada

(Ef 5.21; 1 Ts 3.8-10). Muitos querem que a lei do trabalho seja revogada para procurarem assistência social e doações em roupas e alimentos, mas as Escrituras ensinam a lei do serviço responsável. O cristianismo soluciona o problema da escravidão, quando soluciona o problema da tirania.²¹ Os benefícios serão de ambas as partes — **de mim e... de ti** — e do escravo também (cf. 11). Não devemos entender **na carne** em sentido literal. Significa bênçãos materiais da mesma forma que **no Senhor** significa bênçãos espirituais.

Como é importante a expressão **no Senhor**! Escravidão, degradação de mulheres, infanticídio, guerra, imoralidade são situações que acabam quando as pessoas se unem a Cristo.

Companheiro (17) é derivado da mesma palavra grega traduzida por comunhão cristã (*koinonia*). Paulo declara que o seu papel e o de Onésimo seriam trocados, por estarem tão estreitamente unidos no serviço de Cristo. O apóstolo também vê o potencial em Onésimo. Inácio o chama *bispo*, fato que pode ser “seqüela espetacular surgida muitos anos depois da carta de Paulo”.²² Levando em conta o texto de Colossenses 4.1, entendemos que Paulo está insinuando a libertação do escravo.

3. Substituição (18,19)

A restituição por erros cometidos é exigência necessária para relações certas com Deus e com o homem. O elemento extraordinário aqui é a atitude totalmente cristã do apóstolo (Êx 32.32). Paulo é o bom samaritano (Lc 10.33ss.). Ele se oferece para pagar as contas em aberto. **Põe** (18, *elloga*) é igual a “impute” (cf. “lança”, RA; cf. AEC, CH). O apóstolo presume o mesmo espírito que Cristo tem para com os pecadores (Cl 2.14). **Eu, Paulo, de minha própria mão o escrevi** (19) torna a promessa um contrato.²³ Paulo sugere gentilmente que, se a dívida for lançada em sua conta, então já está cancelada pelo que Filemom lhe deve por ele ser seu pai espiritual.

4. Confiança (20-22)

Eu me regozijarei de ti no Senhor (20) foi traduzido por “que eu receba de ti, no Senhor, este benefício [*onaimen*]” (BAB, RA; cf. AEC), desta forma havendo alusão ao nome de Onésimo.²⁴ **Reanima** (20) significa “encoraja” (cf. “dá este conforto”, BJ) e é paralelo ao versículo 7. **No Senhor** significa que a alegria que Paulo deseja é a satisfação espiritual.

Escrevi-te confiado na tua obediência (21; “certo da tua obediência BJ; cf. NTLH, NVI, RA). Sua proposta é a continuação da confiança que ele tem em Filemom ao longo dos anos. O apóstolo está convencido da **obediência** (cf. BAB; cf. tb. Rm 5.19) de Filemom, ou seja, da sua lealdade para com o Senhor. O significado literal é que ele “lhe atende-ra”.²⁵ **Ainda farás mais do que digo** dá a entender a possível libertação do escravo.

Paulo está tão confiante na continuação da amizade, que ele pede **pousada** (22; “quarto de hóspedes”, BV, CH), provavelmente na casa de Filemom, embora ele não fale especificamente.²⁶ Paulo também declara a confiança nas **orações** de Filemom, porque ele espera que, por elas, **vos hei de ser concedido**, ou seja, liberto da prisão (cf. “e me permita logo ir até aí”, BV). Estar em circunstâncias adversas pela vontade permissiva de Deus não requer resignação servil. O crente em tais circunstâncias intercede a Deus por tempos melhores e mais oportunidades.

E. POSLÚDIO, 23-25

Nos versículos 23 e 24 estão a saudação de alguns dos companheiros de Paulo. Estes associados são os mesmos mencionados em Colossenses, com a exceção de Justo (ver comentários em Cl 4.7-14). Aqui, **Epafras** é chamado **companheiro de prisão** (23). A referência pode ser à prisão física ou significa aprisionado por Cristo. Em Colossenses, ele é chamado “conservo” (Cl 1.7) e “servo de Cristo” (Cl 4.12).

Paulo concede a habitual bênção da **graça** (25) a Filemom e seus amigos. **Vosso espírito** deveria estar no plural.²⁷ Aqui, a **graça é de nosso Senhor Jesus Cristo** (cf. 3).

Paulo é mestre em argumentar e convencer. Ele entende a psicologia das relações humanas. Repare como ele aborda a liderança e o exercício da autoridade. O apóstolo aprendeu do seu Senhor (9) que a moralidade que conta não é por compulsão, mas por espontaneidade. A verdadeira comunhão existe onde homens livres servem uns aos outros para a glória de Cristo (Rm 12.1-8; Ef 5.21). Se, por vezes, Paulo parece autoritário e dogmático, esta atitude surge, não do sentimento de superioridade (1 Co 15:9; Ef 3.8), mas porque ele está plenamente convicto da probidade do significado e significação do evangelho que ele proclama (Gl 1.8,9).

Também devemos manter em mente que os princípios de Paulo se aplicam primariamente à comunidade cristã, a *koinonia*. Os descrentes e não convertidos nunca conseguirão viver neste patamar das relações humanas, exceto após serem transformados pela graça divina (2 Co 5.17). O trabalho da comunidade cristã — caso esta deseje que o Reino de Deus venha à terra — é convencer o mundo a entrar na nova vida em Cristo. Nossa tarefa é “demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério” (Ef 3.9) deste novo caminho. É a este propósito que Paulo e a igreja cristã estão comprometidos.

Notas

INTRODUÇÃO

¹Herbert M. Carson, "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon", *Tyndale New Testament Commentaries* (Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960), pp. 12,13.

²Ver Introdução de A Epístola aos Colossenses, neste volume do CBB.

³C. F. D. Moule, "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Greek Testament Commentary* (Cambridge: University Press, 1957), p. 22.

⁴Sobre a questão de Paulo não ter pedido pousada de lugar tão distante quanto Roma, ver Carson, *op. cit.*, pp. 13-15.

⁵Moule, *op. cit.*, pp. 15,16.

⁶*Ib.*, p. 16. Ver Moule sobre a reconstrução da interpretação de Filemom, segundo proposta de Goodspeed e Knox. Ver tb. Carson, *op. cit.*, pp. 18-20.

⁷Ver comentários sobre a instituição escravista em Cl 3.22—4.1, neste volume do CBB.

SEÇÃO ÚNICA

¹Alexander Roberts, *Companion to the Revised Version* (Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881), p. 56.

²*Ib.*

³Citado em Carson, *op. cit.*, pp. 19, 20.

⁴Ver comentários sobre a saudação paulina **graça... e paz** (3) em Cl 1.2, neste volume do CBB.

⁵E. Eberhard Nestle, *Novum Testamentum Graece* (Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1936), *in loco*.

⁶Ver comentários sobre amor e **fé** (5) em Cl 1.4, neste volume do CBB.

⁷Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

⁸*Ib.* Ver comentários sobre "o problema dos pronomes" em Cl 1.8, neste volume do CBB.

⁹Roberts, *op. cit.*, p. 56.

¹⁰H. C. G. Moule, "The Epistles to the Colossians and to Philemon", *The Cambridge Bible for Schools and Colleges* (Cambridge: University Press, 1893), p. 170.

¹¹Liddell e Scott, *Greek-English Lexicon* (Nova York: American Book Company, 1882), *in loco*.

¹²*Ib.*

¹³Ver notas de rodapé, RSV; Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*. Ver tb. H. C. G. Moule, *op. cit.*, p. 172.

¹⁴Alexander Maclaren, "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon", *The Expositor's Bible*, editado por W. Robertson Nicoll (Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903), p. 451.

¹⁵Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

¹⁶Carson, *op. cit.*, p. 109.

¹⁷Moule, *op. cit.*, p. 174.

¹⁸Ver comentários sobre "prisioneiro de Jesus Cristo" no v. 1.

¹⁹Maclaren, *op. cit.*, p. 470.

²⁰Carson, *op. cit.*, pp. 23, 24.

²¹Ver Introdução, “Propósito”.

²²Moule, *op. cit.*, p. 21.

²³Maclaren, *op. cit.*, p. 479.

²⁴Ver nota 16.

²⁵Liddell e Scott, *op. cit.*, *in loco*.

²⁶Moule, *op. cit.*, p. 177.

²⁷Nestle, *op. cit.*, *in loco*.

Bibliografia

I. COMENTÁRIOS

- BARRY, Alfred. "The Epistle to the Ephesians, Philippians, and Colossians." *The Bible Commentary*. Editado por Charles John Ellicott. Londres: Cassell & Company, Limited, s.d.
- CALVIN, John. *Commentary on the Epistles of Paul the Apostle to the Philippians, Colossians, and Thessalonians*. Traduzido para o inglês por John Pringle. Edimburgo: 1851.
- CARSON, Herbert M. "The Epistles of Paul to the Colossians and Philemon." *Tyndale New Testament Commentaries*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1960.
- CLARKE, Adam. *The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ*, Vol. II. Nova York: Abingdon Cokesbury Press, s.d.
- HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*, Vol. VI. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- JAMIESON, ROBERT, FAUSSET, S. R., BROWN e DAVID. *A Bible Commentary*, Vol. II. Nova York: Fleming H. Revell Company, s.d.
- LIGHTFOOT, J. B. *St. Paul's Epistles to the Colossians and to Philemon*, Edição Revista. Londres: The Macmillan Company, 1900.
- MACLAREN, Alexander. "The Epistles of St. Paul to the Colossians and Philemon." *The Expositor's Bible*. Editado por W. Robertson Nicoll. Nova York: A. C. Armstrong & Son, 1903.
- MOULE, C. F. D. "The Epistles of Paul the Apostle to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Greek Testament Commentary*. Cambridge: University Press, 1957.
- MOULE, H. C. G. "The Epistles to the Colossians and to Philemon." *The Cambridge Bible for Schools and Colleges*. Cambridge: University Press, 1893.

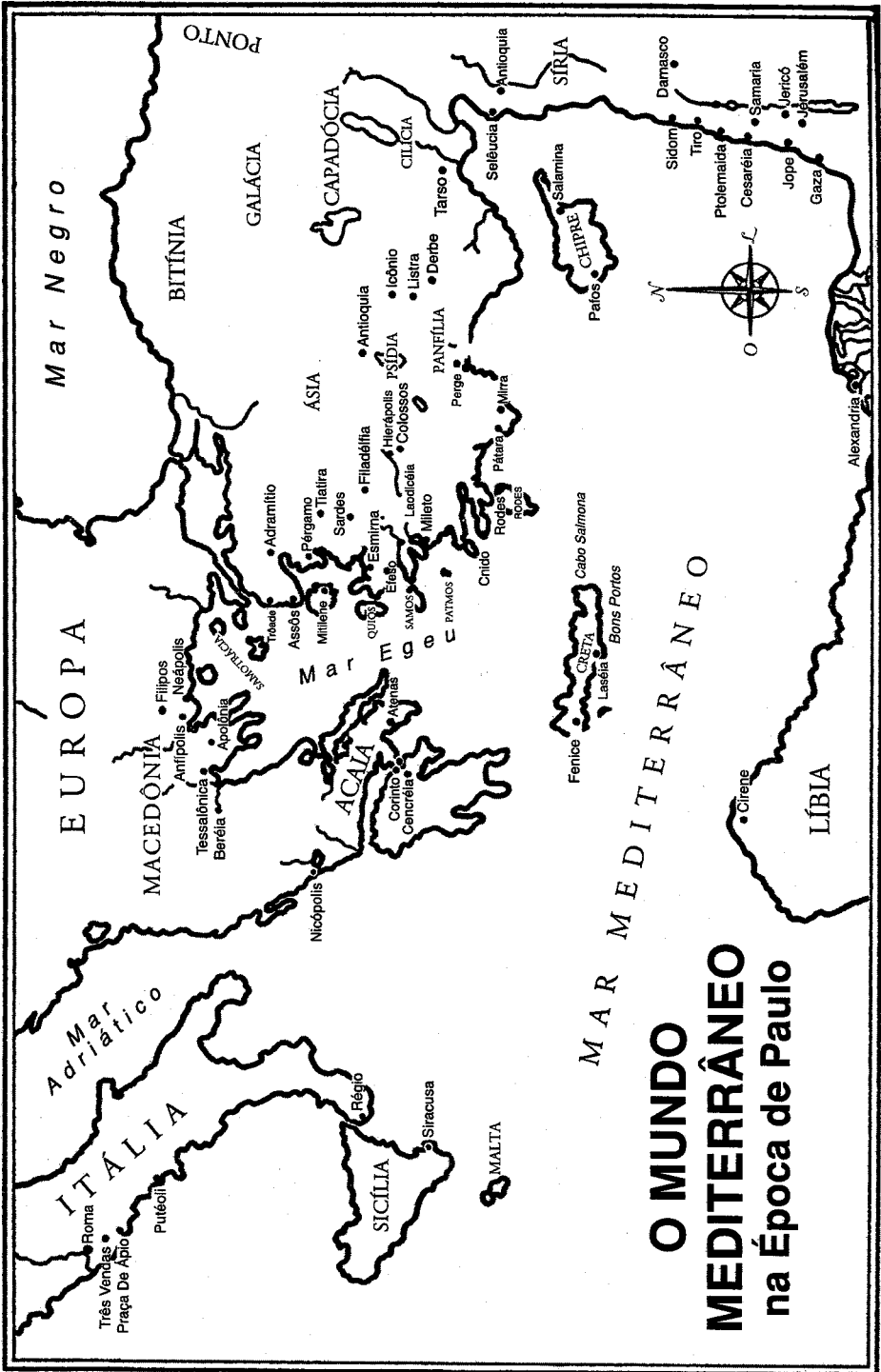
II. OUTROS LIVROS

- GOODSPEED, Edgar J. *New Solutions of New Testament Problems*. Chicago: University of Chicago, 1927.
- _____. *The Story of the New Testament*. Chicago: University of Chicago Press, 1916.
- HICKIE, W. J. *Greek-English Lexicon*. Nova York: The Macmillan Company, 1934.
- LIDDELL e SCOTT. *Greek-English Lexicon*. Nova York: American Book Company, 1882.
- NESTLE, E. Eberhard. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Privilegierte Württembergische Bibelanstalt, 1936.
- ROBERTS, Alexander. *Companion to the Revised Version*. Nova York: Cassell, Petter, Galpin & Company, 1881.

III. ARTIGOS

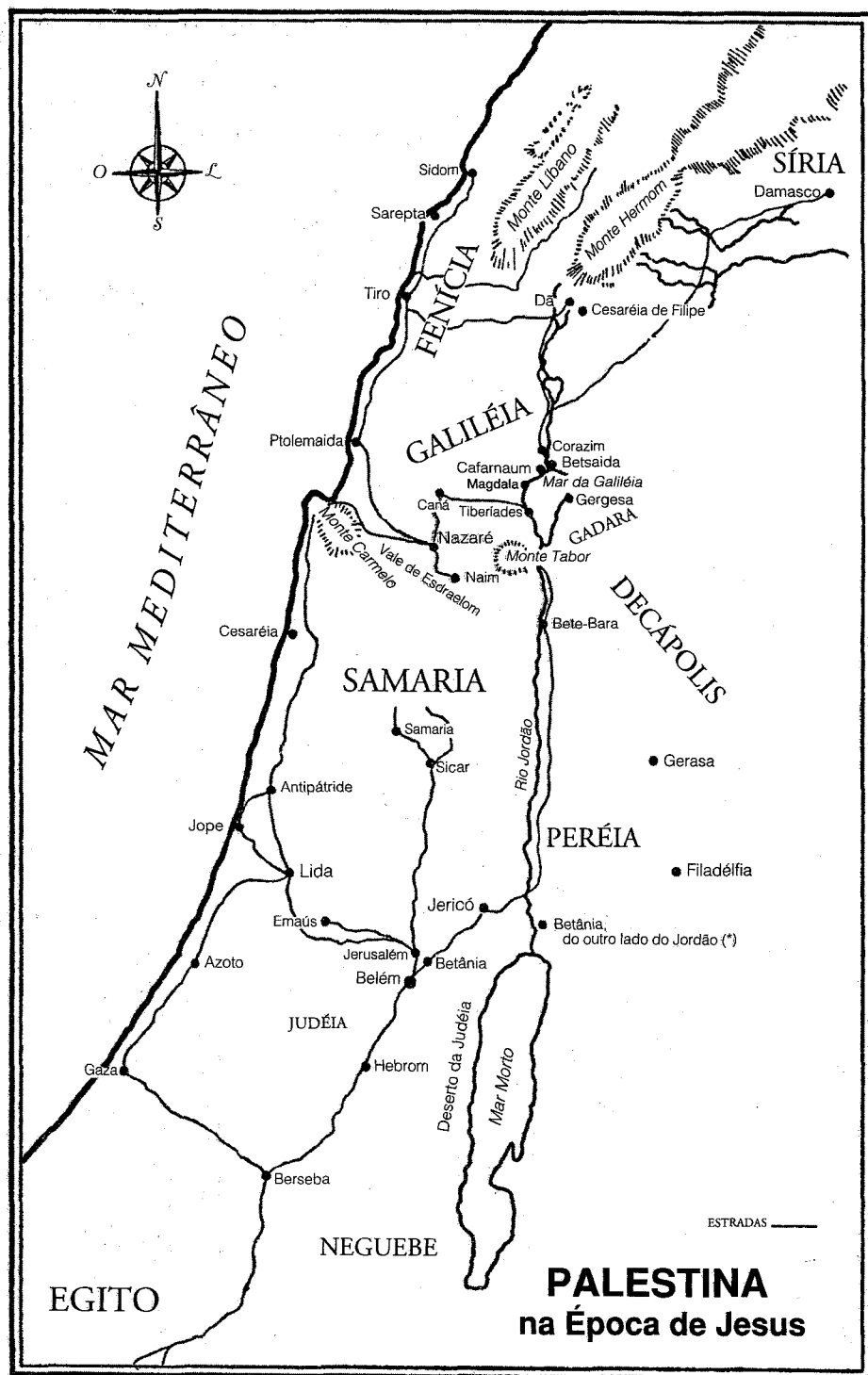
- GOODENOUGH, E. R. "Paul and Onesimus." *Harvard Theological Review*, Vol. XXII. Cambridge: Harvard University Press, 1929.

Mapa 1



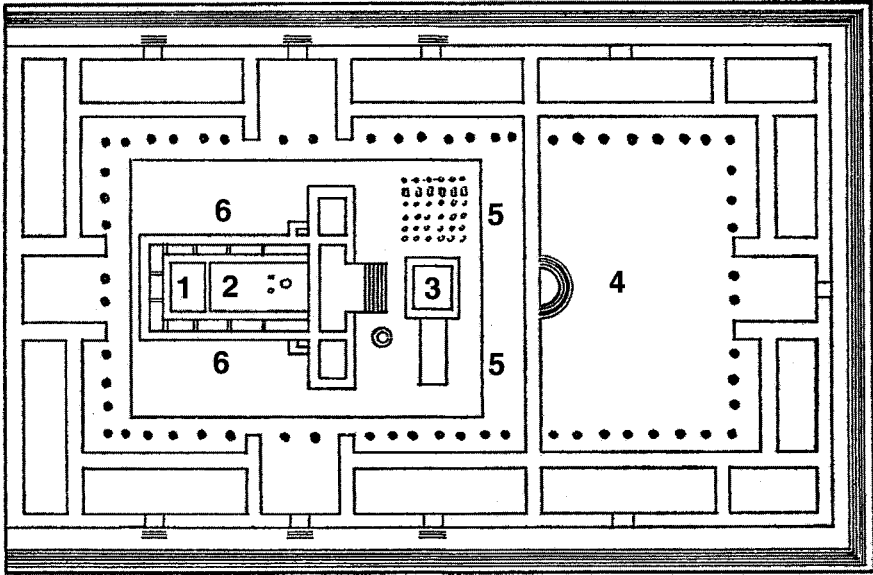
O MUNDO MEDITERRÂNEO na Época de Paulo

Mapa 2

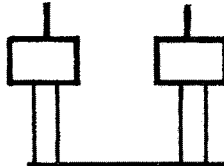


Quadro A

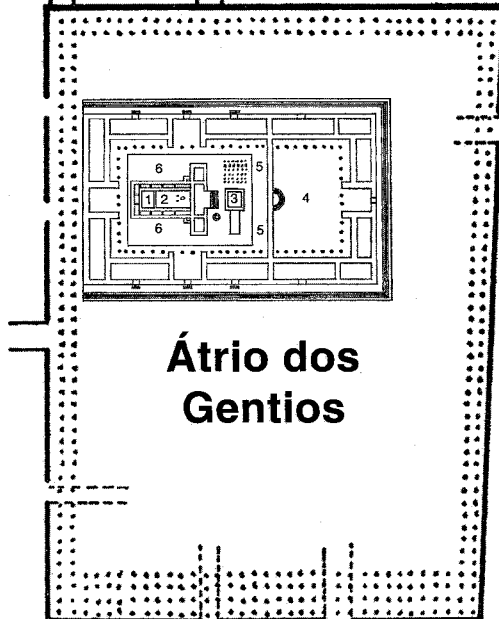
Templo de Herodes



Torre de
Antônia



1. Santo dos Santos
2. Lugar Santo
3. Altar da Oferta Queimada
4. Átrio das Mulheres
5. Átrio de Israelitas
6. Átrio dos Sacerdotes



Autores deste volume

R. E. HOWARD

Professor de Religião no Bethany Nazarene College, Oklahoma. A.B., T.B., Eastern Nazarene College; A.M., Boston University; B.D., Andover Newton Theological Seminary; Th.M., Harvard Divinity School; doutorado na Harvard Divinity School.

WILLARD H. TAYLOR

Professor de Teologia Bíblica no Nazarene Theological Seminary, Kansas City, Missouri; A.B., Olivet Nazarene College; B.D., Nazarene Theological Seminary; M.A., Ph.D., Garrett Theological Seminary – Northwestern University.

JOHN B. NIELSON

Reitor do European Nazarene Bible College, Schaffhausen, Suíça; A.B., Th.B., Eastern Nazarene College; B.D., Nazarene Theological Seminary; M.A., Brown University, graduação na Boston University e na University of Vermont.

JOHN A. KNIGHT

Chefe da Divisão de Religião, Filosofia e Educação Cristã, e professor de Teologia e Literatura Bíblica no Trevecca Nazarene College, Nashville, Tennessee; A.B., Bethany Nazarene College; M.A., Oklahoma University; B.D., Ph.D., Vanderbilt University.

ARNOLD E. AIRHART

Reitor do Canadian Nazarene College, Winnipeg, Manitoba; Th.B., Canadian Nazarene College; B.D., Nazarene Theological Seminary; D.D., Northwest Nazarene College.

J. GLENN GOULD

Chefe do Departamento de Religião e professor de Religião no Eastern Nazarene College, Quincy, Massachusetts; A.B., Boston University; M.A., University of Maryland; D.D., Eastern Nazarene College; graduação na Boston University School of Theology.

COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

Em Dez Volumes

Volume I. Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio

Volume II. Josué; Juízes; Rute; 1 e 2 Samuel; 1 e 2 Reis; 1 e 2 Crônicas; Esdras; Neemias; Ester

Volume III. Jó; Salmos; Provérbios; Eclesiastes; Cantares de Salomão

Volume IV. Isaías; Jeremias; Lamentações de Jeremias; Ezequiel; Daniel

Volume V. Oséias; Joel; Amós; Obadias; Jonas; Miquéias; Naum; Habacuque; Sofonias; Ageu; Zacarias; Malaquias

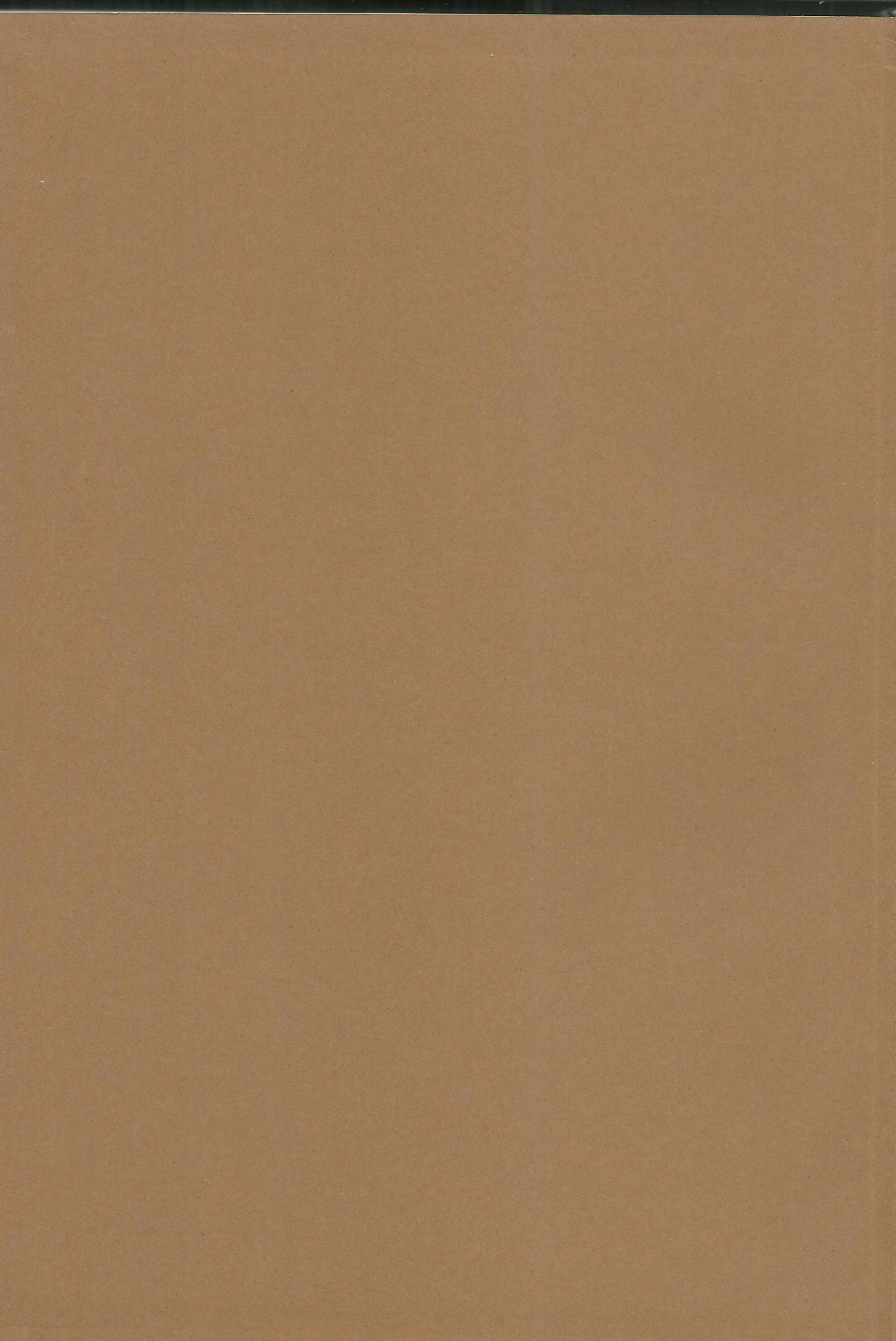
Volume VI. Mateus; Marcos; Lucas

Volume VII. João; Atos

Volume VIII. Romanos; 1 e 2 Coríntios

Volume IX. Gálatas; Efésios; Filipenses; Colossenses; 1 e 2 Tessalonicenses; 1 e 2 Timóteo; Tito; Filemom

Volume X. Hebreus; Tiago; 1 e 2 Pedro; 1, 2 e 3 João; Judas; Apocalipse



COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON

9

Gálatas a
Filemom

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

Beacon tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que “subsiste eternamente”.

R. E. Howard
Willard H. Taylor
John A. Knight
John B. Nielson
Arnold E. Airhart
J. Glenn Gould

ISBN 85-263-0693-6



9 788526 130693 6

REFERÊNCIA / COMENTÁRIO